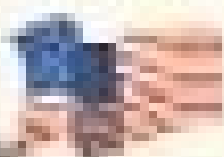


1º lugar na lista dos mais vendidos do New York Times



Tom Clancy



"Um dos super-romancistas do século 21" *Rolling Stone*
Autor do *Dezesseis dias* e *Dezesseis horas*



Rainbow 6



Operação Rainbow

Tradução de

TERESA ARIJÓN

EDITORIAL SUL-AMERICANA

Buenos Aires

PARA a Alexandra Maria

Lux ma mundi

Não há pactuo entre leões e homens;
entre lobos e cordeiros não há concórdia.

HOMERO

PRÓLOGO

MONTAGEM

John Clark tinha passado mais tempo em aviões que a maioria dos pilotos profissionais e conhecia as estatísticas tão bem como qualquer deles, mas a idéia de cruzar o oceano em um avião comercial de dois motores seguia sem lhe gostar de. Os aviões deviam ter quatro motores, pensava, porque nesse caso a perda de um equivalia a perder só 25 por cento do poder potencial do avião, enquanto que neste United 777 equivalia a perder a metade. Talvez a presença de sua esposa, uma de suas filhas e seu genro o pusesse um pouco mais quisqui-

lloso que de costume. Não, não era isso. Não era absolutamente suscetível, muito menos quando se tratava de voar. Era só uma sensação... de o que? perguntou-se. A seu lado, no assento da janela, Sandy estava imersa na novela de mistério que tinha começado no dia anterior enquanto ele tentava concentrar-se no último número do *The Economist* e se perguntava a que se devia essa sensação de calafrio na nuca. Começou a olhar a cabine em busca de alguma sinal de perigo, mas se reprimiu abruptamente. Era impossível que visse algo ominoso e, por outra parte, não queria que a tripulação o considerasse um passageiro nervoso. Bebeu um sorvo de vinho branco, endireitou os ombros e voltou para artigo que estava lendo. Curiosamente, referia ao pastefico que era o novo mundo.

Claro. Sorriu com um pouco de cinismo. Bom, sim, devia admitir que as coisas andavam muitíssimo melhor que durante quase toda sua vida. Nada de sair nadando de um submarino para uma missão secreta em uma praia russa, nada de voar ao Teherán para fazer algo que aos iranianos não gostariam de muito, nada de remontar as fétidas águas de um rio no Vietnam do Norte para resgatar a um avião derrubado. Algum dia, talvez, Bob Holtzman escreveria um livro sobre sua carreira. Mas havia um problema: quem lhe acreditaria? E acaso a CIA lhe permitiria contar suas façanhas, exceto em seu leito de morte? Não tinha nenhum apuro por

chegar ali, muito menos com um neto em caminho. Maldição. Sorriu com tristeza, relutante a contemplar essa perspectiva. Patsy devia haver-se descuidado a noite de bodas e Ding parecia mais contente que ela.

Olhou em direção a business class ainda não tinham deslocado as cortinas ; ali estavam, tirados da mão enquanto a aeromoça dava as instruções de segurança. Se o avião aterrisar sobre a água, ônibus-
que o salva-vidas debaixo de seu assento e infle-o atirando de... sabia de

11

memória. Os salva-vidas amarelo brilhante ajudariam a detectar o lugar do acidente, nada mais.

Voltou a olhar a seu redor. Ainda sentia o calafrio na nuca.

por que? Enquanto o avião chegava ao extremo da pista, a aeromoça passou a seu lado, retirou a taça de vinho e se deteve por última vez junto a Alistair, sobre o lado esquerdo da cabine de primeira classe. O britânico o olhou com suspicacia e endireitou o respaldo de seu assento. Ele também? Tanta agitação não queria dizer algo? Nenhum dos dois tinha sido jamais vítima dos nervos.

Alistair Stanley tinha sido major no Serviço Aéreo Especial (SEJA) antes de consagrar-se de cheio ao Serviço Secreto de Inteligência. Sua posição era semelhante a do John: o tipo ao que todos chamavam para que se fizesse cargo da coisa quando os cavalheiros da divisão

de campo ficavam um tanto caprichosos. Tinham trabalhado juntos em Rumania oito anos atrás e o agradava voltar a trabalhar com ele sobre uma base mais regular, embora os dois já fossem muito velhos para a parte divertida. As tarefas administrativas não eram precisamente a idéia que John tinha deste trabalho, mas devia admitir que já não tinha vinte anos... nem trinta... nem sequer quarenta. Estava muito velho para correr pelos becos e saltar paredes... Ding o havia dito uma semana antes em seu escritório do Langley. Tinha-o tratado mais cabeça de gado- petuosamente que de costume; era óbvio que desejava anotar um ponto com o presunçoso avô de seu primeiro filho. Que diabos, pensou Clark, era uma sorte seguir com vida para lamentar-se por ser velho... não, velho não, maior. Por não mencionar seu respeitável cargo de diretor da nova agência. Diretor. Uma maneira cortês de definir a um REMF. Mas não lhe dizia que não ao presidente, especialmente se era amigo de um.

Aumentou o som dos motores. O avião começou a mover-se.

Experimentou a sensação habitual um pouco parecido a apertar-se contra o assento de um automóvel esportivo para passar um semáforo em vermelho , mas

com maior autoridade. Sandy, que tinha viajado muito pouco em sua vida, logo que levantou a vista do livro. Devia ser muito bom, mas John não se

tomava a moléstia de ler novelas de mistério. Nunca podia descobrir as chaves e isso o fazia sentir estúpido, apesar de que em sua vida profissional havia resolvido mais de um mistério detectivesco. Uma vocecita disse rodar dentro de sua cabeça e o estou acostumado a desapareceu sob seus pés. O

corpo do avião seguiu ao nariz ao céu, as rodas ingressaram em seus compartimentos, e o vôo se iniciou plácidamente. Imediatamente, todos os que o rodeavam reclinaram seus assentos para dormir um pouco até chegar ao aeroporto londrino do Heathrow. John também réclinó o seu, mas nem tanto. Primeiro queria comer algo.

Lá vamos, querido disse Sandy, distraindo um segundo de sua leitura.

Espero que você goste.

Tenho três livros de cozinha para quando terminar este.

John sorriu.

12

Quem o fez?

Ainda não estou segura, mas acredito que foi a esposa.

Sim, os advogados divorcistas são muito caros.

Sandy sorriu e voltou para sua novela. As aeromoças se levantaram de seus assentos para servir as bebidas. Clark terminou The Economist e

começou Sports Illustrated. Maldição, perderia-se o final da temporada de futebol americano. Sempre seguia as partidas, inclusive quando estava em uma missão. Os Bears estavam voltando para o topo e ele se tinha criado com Papai Bear George Puxa e os Monstros do Midway. Muitas vezes se perguntou se ele mesmo não haveria podido ser um bom jogador profissional. Na escola secundária havia jogado bastante bem e a Universidade de Indiana se interessou por suas habilidades com o taco de beisebol (também o tinham considerado como nada-dor). Mas logo decidiu abandonar a universidade e unir-se à Armada seguindo os passos de seu pai, embora Clark tinha alcançado a Categoria do SEAL e jamais tinha sido um marinheiro com um bote de lata como...

Senhor Clark? A aeromoça lhe entregou o menu . Senhora Clark?

Isso era o bom de viajar em primeira. A tripulação fingia que a gente tinha nome. John tinha acessado automaticamente a esse privilégio: tinha milhagem de sobra e desde fazia um tempo voava pelo British Airways, empresa que tinha um acordo muito propício com o governo britânico.

Comprovou que o menu era muito bom, como estava acostumado a tê-lo em todos

os vôos internacionais, quão mesmo a lista de vinhos... mas decidiu

pedir água mineral, obrigado. Humm. Grunhiu para seus adentros e se tornou para trás arregaçando-a camisa. Esses malditos vôos sempre o pareciam excessivamente calefaccionados.

Logo apareceu o capitão, interrompendo tudo os filmes per-lhes soe das minipantallas. Tinham posto rumo ao sul para aproveitar a esteira dos aviões. Isso lhes permitiria chegar ao Heathrow cuarente minutos antes, explicou o capitão Will Garnet. Mas não disse que teriam que suportar uns quantos poços de ar. As aerolinhas tratam de economizar combustível e esses quarenta minutos menos significariam uma estrela de ouro em seu dossiê... bom, talvez só uma estrela de prata...

o de sempre. O avião se inclinou, mais à direita que a izquierda, para cruzar o oceano em um vôo de três mil milhas desde Seja Isle City em New Jersey até o próximo montão de terra, em algum lugar sobre a costa da Irlanda, ao que chegariam em aproximadamente cinco horas e meia, pensou John. Tentaria dormir um pouco. Pelo menos o capitão não os incomodava com discursos próprios de um guia turístico: *encontramos a cuerenta mil pés de altura, quer dizer... Começaram a servir o jantar. Logo fariam o mesmo na classe turista, bloqueando os corredores com os carros de comida e bebida.*

A coisa começou no lado esquerdo do avião. O homem estava

bem vestido, tinha a jaqueta posta... Isso lhe chamou a atenção. A

maioria da gente se tirava a jaqueta antes de sentar-se, mas...

...era uma Browning automática cuja terminação chata e negra

foi como um pôster luminoso de fabricação militar a olhos do Clark e,

menos de um segundo depois, a olhos do Alistair Stanley. Ato seguido,

dois homens apareceram pelo flanco direito e avançaram para o

assento do Clark.

OH, mierda disse em voz tão baixa que só Sandy pôde ouvi-lo.

Ela se deu volta para olhar, mas antes de que pudesse fazer ou dizer

algo, seu marido lhe aferrou a mão. Isso bastou para fazê-la calar, mas não

pôde evitar que a mulher sentada ao outro lado do corredor pegasse um

uivo... bom, quase um uivo. A mulher que viajava com lhe tampou a

boca com a mão. A aeromoça olhou aos dois homens que se aproximavam

com incredulidade total. Fazia anos que não passava algo assim. Como era

possível que estivesse passando agora?

Clark se estava fazendo a mesma pergunta, seguida por outra:

por que demônios tinha guardado sua arma no compartimento de

bagagem? Que sentido tinha subir uma arma ao avião se um, o muito

idiota, não podia usá-la? Estúpido engano! Só teve que olhar a seu iz-

quierda para ver a mesma expressão na cara do Alistair. Dois dos

mais experimentados profissionais no tema, com suas armas a menos de um metro de distância, embora o mesmo houvesse dado que estivessem na adega...

John...

te relaxe, Sandy tentou tranquilizá-la. Mas sabia muito bem que era mais fácil dizê-lo que fazê-lo.

recostou-se no assento sem mover a cabeça, mas girou levemente o corpo para a cabine. Seus olhos registraram a cena. Eram três. Um deles, provavelmente o líder, empurrou a uma aeromoça para a cabine de mando e a obrigou a abrir a porta. John os observou entrar e fechar a porta atrás deles. O.K., agora o capitão William Garnet saberia o que estava passando. Provavelmente seria um profissional e estaria treinado para lhe dizer sim, senhor, não senhor, três compartimentos cheios, senhor a qualquer que o apontasse com uma arma. No melhor dos casos se teria treinado na Força Aérea ou a Armada e não cometeria a estupidez de fazer o maldito herói. Sua missão seria aterrissar a salvo em algum lugar, em qualquer lugar, porque era muito mais difícil matar a trezentas pessoas em um avião detido na pista com as rodas travadas.

Eram três, e a gente estava na cabine de controle. ficaria ali para vigiar aos pilotos e utilizaria a rádio para comunicar seus exi-

gencias a quem fora. Os outros duas em primeira classe, de pé, para poder ver os dois corredores do avião.

Damas e cavalheiros, fala-lhes o capitão. Ajustem seus cinturões de segurança. Atravessaremos um poço de ar. Por favor permaneçam em seus assentos. Voltarei a falar com vocês dentro de uns minutos.

Obrigado.

14

Bem, pensou John, cruzando um rápido olhar com o Alistair. O capitão parecia tranquilo e os moços maus não se faziam os ocos... ainda. Os passageiros das outras classes provavelmente não se bían que algo andava mau... ainda. Melhor. Poderiam entrar em pânico... bom, não, não necessariamente, mas era melhor que ninguém soubesse que tinha sobradas razões para assustar-se.

Três. Somente três? Acaso haveria um reforço fazendo-se passar como passageiro? Nesse caso, esse seria o que controlava a bomba, se for que havia uma bomba, e uma bomba era quão pior podia passar. Uma bala de pistola abriria um buraco na parede do avião, obrigando a um rápido descida. Isso encheria várias bolsas de vômito e jogaria a perder várias cueca, mas ninguém tinha morrido jamais por vomitar ou cagar-se em cima. Uma bomba mataria a todos os que foram a bordo, provavelmente... Melhor não apostar dinheiro em contra, pensou Clark, e ade-

mais não tinha chegado a velho arriscando-se quando não havia necessidade de fazê-lo. Talvez o melhor fora permitir que esses três levassem o avião aonde lhes desejasse muito e iniciar as negociações. Para esse momento, todos os passageiros se teriam informado de que havia três personagens muito especiais entre eles. Já se teria deslocado a voz. Os meninos maus teriam ingressado na frequência radial da aerolinha e anunciado a pior notícia do dia, e o diretor de Segurança do United Pete Fleming, ex-subdirector do FBI, conhecido do Clark haveria chamado a seu ex agência para informá-los e solicitar ulteriores notificações à a CIA, o Departamento de Estado, o Comando de Resgate de Reféns do FBI no Quantico, e a Força Delta do Little Willie Byron no Fort Bragg. Pete também transmitiria a lista de passageiros, três de eles assinalados com um círculo vermelho, e isso poria um tanto nervoso a Willie, além de que os efetivos do Langley e Foggey Bottom suspecharían uma filtração no sistema de segurança... mas não. Em realidade se tratava de um evento infeliz que poria os cabelos de ponta a os tipos de Operações no velho edifício do Langley. Provavelmente. Era hora de mover-se um pouco. Clark girou a cabeça lentamente em direção a Domingo Chávez, sentado a poucos metros de distância. Quando seus olhos se cruzaram Clark se tocou a ponta do nariz, como se o picasse. Chávez fez outro tanto... Não se tinha tirado a jaqueta. Esta-

BA mais acostumado ao calor, pensou John, e provavelmente sentia frio no avião. Bom, muito melhor. Ainda tinha em cima seu Beretta 45, provavelmente... Embora Ding preferia usar cava, e isso era demasiado incômodo para um tipo apanhado em uma poltrona de avião. Não obstante, Chávez sabia o que estava passando e tinha tido o bom tino de não fazer nada a respeito... ainda. Como reagiria Ding tendo a seu lado a sua esposa grávida? Era um homem inteligente e frio em situações limite, mas seguia sendo latino, vítima de seus paixões... e inclusive John Clark, com toda sua experiência, via como defeitos em outras coisas que lhe pareciam perfeitamente naturais nele. Sua esposa estava a seu lado, assustada, e se supunha que não devia asus-

15

tarse por questões de segurança... Seu marido se havia autoencomendado a tarefa de velar pela seguri...

Um dos maus revisava a lista de passageiros. Bom, por fim saberiam se se tinha filtrado informação através do sistema de segurança. Se assim fora, não poderia fazer nada. Não ainda. Não até saber o que demônios estava passando. Às vezes terei que resignar-se e esperar satisfeito até que...

O tipo que vigiava o corredor esquerdo começou a mover-se. Poucos segundos depois, dirigiu-se à mulher sentada no assento da vême-

tana junto ao Alistair.

Quem é você? perguntou em espanhol.

A mulher disse um sobrenome que John não alcançou a compreender...

Era um sobrenome espanhol, mas não tinha podido identificá-lo, principalmente porque a resposta da mulher tinha sido serena, cortês... cul-

lha, pensou John. A esposa de um diplomático, talvez? Alistair se havia recostado no assento. Observava com seus grandes olhos azuis ao tipo da arma e tentava, um tanto ampulosamente, não parecer assustado.

ouviu-se um grito no fundo do avião.

Uma arma, tem uma arma! gritou uma voz masculina...

Mierda, pensou John. Agora todos saberão. O moço mau do corredor da direita golpeou a porta da cabine de mando e apareceu a cabeça para anunciar a boa nova.

Damas e cavalheiros... fala-lhes o capitão Garnet... eu, né, me ordenaram lhes dizer que devemos desviar nosso vôo.... Né, temos umas pessoas a bordo que me ordenaram viajar ao Lajes, nas ilhas Açores. Dizem que não querem machucar a ninguém, mas estão armados, e o primeiro oficial Renford e eu faremos exatamente o que nos digam. Por favor mantenham a calma, permaneçam em seus assentos e não percam o controle. Voltarei a lhes falar mais tarde.

Boas notícias. Devia ter treinamento militar, sua voz era

tão fria como a fumaça do gelo seco. Bravo.

Lajes nas ilhas Açores, pensou Clark. Uma ex-base naval estadunidense... ainda ativa? Talvez mantida exclusivamente para vôos de larga distância sobre a água... possível escala e sítio de reabastecimiento para voar logo a outro lugar? Bem, o tipo da izquierda falava espanhol. Então, não eram moços maus do Oriente Médio. Falantes de espanhol... bascos? Os bascos seguiam pendendo como uma espada do Damocles sobre a Espanha. E a mulher, quem era? Clark voltou a olhá-la. Todo mundo a estava olhando, de modo que não corria nenhum risco. Cinquenta e poucos anos, bem conservada. O embaixador espanhol em Washington era varão. Poderia ser sua esposa? O homem da esquerda trocou de interlocutor.

Quem é você? perguntou.

Alistair Stanley foi a resposta. Não tinha sentido mentir. Não viajavam de missão clandestina. Ninguém conhecia sua agência. A dizer verdêem, ainda não tinha começado a funcionar. Carajo, pensou Clark.

16

Sou britânico adicionou com voz tremente . Meu passaporte está na valise, no...

estirou-se para alcançá-la, mas o moço mau lhe golpeou a mão com sua arma.

Boa estratégia... embora não tenha funcionado, pensou John.

Alistair poderia ter baixado a valise, tirado o passaporte e recuperado sua arma. Má sorte, o tipo lhe tinha acreditado sem necessidade de documentos. Esse era o problema com os acentos. Mas Alistair estava alerta. Os três lobos não sabiam que havia três cães no rebanho de ovelhas. Grande-dê.

Willie já teria falado por telefone. Delta tinha uma equipe de avançada permanentemente de guarda, que já estaria preparando-se para um possível desdobramento. O coronel Byron estaria com eles. Little Willie era essa classe de soldado. Manteria um XO e uma equipe seguindo o curso das coisas enquanto comandava o fronte. O mecanismo se teria posto em marcha. Tudo o que John e seus amigos deviam fazer era esperar sentados... sempre que os meninos maus não perdessem a calma.

Mais espanhol do lado esquerdo.

Onde está seu marido? perguntou o tipo. Estava muito nervoso. Era lógico, pensou John. Os embaixadores são boas presas. Mas suas algemas também. A mulher parecia muito distinguida para ser esposa de um simples diplomático e Washington era um destino exclusivo. Um homem de alta fila, provavelmente um aristocrata. Espanha tinha essas coisas. Presa de perfil alto, excelente para pressionar ao go-

bierno espanhol.

Missão faltada, pensou. Queriam-no a ele, não a ela, e estavam descontentos. Engano de inteligência, meninos, pensou Clark olhando seus rostos furiosos. Inclusive me ocorre de vez em quando. Sim, pensou, quase a metade do tempo em um bom ano. Os dois que alcançava a ver falaban... em voz baixa, mas seus corpos o diziam tudo. Estavam furiosos. portanto, tinha três (ou mais?) terroristas furiosos armados em um avião bimotor sobre o Atlântico Norte em plena noite. Poderia haver sido pior, disse-se. Em certo sentido. Sim, poderiam ter tido jaquetas Semtex com bandas do Primacord.

Não chegavam aos trinta anos, pensou Clark. O bastante velhos para ser tecnicamente competentes, mas o suficientemente jovens para necessitar supervisão adulta. Pouca experiência em operações e falta de critério. Pensavam sabê-lo tudo, acreditavam-se muito inteligentes. Esse era o problema com a morte. Os militares profissionais conheciam a realidade da morte muito melhor que os terroristas. Estes três queriam triunfar e não se deteriam considerar essa temível alternativa. Talvez fora uma missão espúria. Os separatistas bascos jamais se haviam metido com cidadãos estrangeiros, não? Não com americanos em todo caso, mas estavam em uma aerolinha americana, e teriam que transgredir um importante limite para fazê-lo. Missão espúria?

Muito provável. Más notícias.

17

Em situações como essa um necessitava certo grau de previsibilidade. Era quase uma liturgia, terei que dar determinados passos para que acontecesse algo realmente mau, e isso dava aos meninos bons a invalorable oportunidade de falar com os meninos maus. Conseguir um intermediário que se entendesse com eles, negociar detalhes menores do começo vamos, deixem ir às mães com seus filhos, OK? Não *servem para nada e os farão ficar mal por televisão, não acreditam?* Ograr que comesçassem a afrouxar o punho. Depois os velhos... quem quieré maltratar ao abuelito ou a abuelita? Logo a comida, lhe mesclar um pouco do Valium enquanto a equipe de inteligência ativava microfones e lentes em miniatura conectados a câmaras de televisão por cabos de fibra óptica.

Idiotas, pensou Clark. A estratégia escolhida não servia para nada.

Era quase tão malote como raptar a um menino por dinheiro. A polícia se especializaba em apanhar imbecis dessa índole e, indubitavelmente, nesse preciso instante Little Willie estaria abordando um veículo USAF em a Base Pope da Força Aérea. Se efetivamente aterrissavam no Lajes o procedimento começaria muito em breve e sua única variável seria a quantidade de meninos bons que morreriam para eliminar aos maus. Clark

tinha trabalhado com as garotas e os moços do coronel Byron. Se entravam em avião, pelo menos três pessoas perderiam a vida. O problema era: quantas as acompanhariam logo? Atacar um avião era como protagonizar um tiroteio em uma escola primária, só que com mais gente.

Seguiam falando junto à cabine, sem emprestar atenção ao resto do avião. Em certo sentido era lógico. A cabine de mando era o setor mais importante, mas sempre convinha lhe jogar uma olhada ao resto. A gente nunca sabia quem podia estar a bordo. Os delegados da bordo pertenciam ao passado, mas os policiais viajavam de avião e alguns levavam armas... bom, possivelmente não nos vôos internacionais, mas nenhum idiota chegava a aposentar-se como terrorista. Até sendo inteligente-te difícil sobreviver. Amateurs. Missão espúria. Má inteligência. Irritação e frustração. A coisa ia de mal em pior. Um deles fechou o punho esquerdo e ameaçou ao mundo absolutamente adverso que há-bían encontrado a bordo.

Grandioso, pensou John. deu-se volta, cruzou um rápido olhar com o Ding e moveu apenas a cabeça de um lado a outro. Ding respondeu arqueando uma sobrancelha: evidentemente falava um correto inglês quando tinha que fazê-lo.

Parecia que o ar tinha trocado, e não para melhor. Número 2

entrou novamente à cabine e permaneceu ali vários minutos mijem-depois do John e Alistair vigiavam ao da esquerda, que a sua vez observava o corredor. Depois de dois minutos de atenção frustrada se sacudiu espasmodicamente e olhou para a cauda do avião, adiantando a cabeça para cortar a distância enquanto escrutinava o corredor com expressão entre poderosa e impotente. Logo, com igual rapidez, voltou para seu lugar, jogando um olhar furioso à porta da cabine.

18

Só são três, decidiu John. Justo nesse momento Número 2 saiu da cabine. Número 3 estava muito excitado. Provavelmente só três?, titubeou Clark. Pensa-o bem, disse-se. Se assim fora, seriam realmemore amateurs. The Gongo Show poderia ser uma possibilidade divertida em outro contexto, mas não a 500 nós, 37.000 pés sobre o Atlântico Norte. Se mantinham a calma e permitiam ao piloto aterrisar a besta bimotor, talvez triunfaria o sentido comum. Mas não pareciam propen-é a manter a calma, verdade?

Em vez de voltar para seu posto e cobrir o corredor da direita, Número 2 se aproximou de Número 3. Clark conseguiu interpretar o contexto, embora não o conteúdo, de seus murmúrios crispados. Mas quando Número 2 assinalou a porta da cabine, as coisas realmente pioraram.

Ninguém está a cargo, decidiu John. Isso sim que era bom: três agen-

lhes independentes armados em um maldito avião. Era hora de começar a sentir medo. Clark não era alheio a essa sensação. Tinha estado em muitos lugares difíceis para sê-lo, mas em todos outros casos tinha tido certo controle sobre a situação... ou ao menos sobre suas próprias ações, por exemplo, escapar correndo, possibilidade que agora parecia-lhe mais reconfortante que nunca. Fechou os olhos e respirou fundo.

Número 2 foi para a cauda e olhou à mulher sentada junto a Alistair. ficou parado uns segundos, olhando-a. Logo olhou a Alistair, quem a sua vez olhou para trás com cansaço.

Sim? disse finalmente com seu acento mais cultivado.

Quem é você? perguntou Número 2.

Já o disse a seu amigo, Alistair Stanley. Tenho o passaporte em minha bagagem de mão... em caso de que queira vê-lo Sua voz adquiriu um leve tremor para simular a de um homem apavorado que tentava com-se ter.

Sim, quero vê-lo!

Em seguida, senhor Com movimentos lentos e elegantes, o ex major do SEJA desabotoou seu cinto de segurança, ficou de pé, abriu o bagageiro e extraiu sua mala negra Posso? perguntó. Número 2 assentiu.

Alistair abriu o compartimento lateral, tirou seu passaporte, o em-

tregó e voltou a sentar-se, aferrando sua valise com mãos trementes. Número 2 olhou o passaporte e o jogou sobre os joelhos do britânico sob o atento olhar do John. Logo lhe disse algo em espanhol à mulher do 4A. Aparentemente voltou a lhe perguntar por seu marido. A mulher respondeu com o mesmo tom culto de antes e Número 2 correu a lhe dizer algo a Número 3. Alistair lançou um suspiro de alívio e jogou um dissimulada olhada a seu redor até topar-se com os olhos do John. Não moveu a cara nem as mãos, mas John sabia o que estava pensando. Ao tampouco estava contente com a situação, e com mais raciocine ainda, já que tinha cuidadoso aos olhos a Número 2 e Número 3. John ingressou esse dado em seus processos mentais. Alistair Stanley também estava preocupado. O britânico estirou uma mão para alisar o cabelo e golpeou duas vezes com o dedo detrás de sua orelha. Podia ser pior do que temia.

19

Clark adiantou a mão, o suficiente para evitar que o vissem os terroristas, e levantou três dedos. Ao assentiu ligeiramente e se deu volta uns segundos para que John pudesse processar a mensagem. Coincidia em que eram só três. John assentiu apreciativamente.

Tivesse sido melhor que fossem terroristas inteligentes e experimemorados, mas os inteligentes já não se ocupavam destas coisas. Os riscos eram excessivos, tal como o tinham demonstrado os israelenses em

Uganda e os alemães na Somália. Alguém se achava a salvo enquanto o avião estava no ar, mas isso não durava para sempre, e quando por fim aterrissavam o mundo civilizado arremetia contra eles com a velocidade do raio e a potência de um voltado de Kansas... e o problema era que não havia tanta gente sinceramente disposta a morrer antes de cumprir os trinta. E os que sim o estavam usavam bombas. Então, os inteligentes se dedicavam a outras coisas. Por esse motivo eram mais perigosos como adversários, embora também mais predecíveis. Não matavam para divertir-se e não se frustravam em seguida porque planejavam seus movimentos iniciais à perfeição.

Estes três eram estúpidos. Atuavam sobre uma má base de inteligência, não contavam com uma equipe Intel para a verificação final da missão, não lhes haviam dito que seu objetivo primitivo não havia abordado o avião, e aí estavam, comprometidos em uma missão estúpida fallida do começo, contemplando a morte ou a cadeia perpétua... e tudo em troca de nada. O único bom, se é que havia algo, era que seriam encarcerados nos EUA

Certamente não queriam viver em uma jaula de aço nem tampouco morrer nos próximos dias... mas logo começariam a dar-se conta de que não havia uma terceira alternativa. Compreenderiam que as armas que tinham na mão eram seu único poder, e talvez decidiriam as usar

a sua maneira...

...e para o John Clark, a opção era esperar que isso acontecesse O...

Não. Não podia ficar sentado esperando que comessem ao MATAR gente.

O.K. Os observou durante um par de minutos se olhavam entre eles enquanto tentavam cobrir os corredores enquanto ideava um plano de ação. Com os parvos como com os ardilosos, os planos simples eram os melhores.

Passaram cinco minutos até que Número 2 decidiu falar um pouco mais com Número 3. Quando o fez, John se deu volta para olhar a Ding e deslizou um dedo sobre seu lábio superior, como acariciando um bigode que jamais tinha tido. Chávez inclinou a cabeça como perguntando *está seguro?*, mas acatou o sinal. Desabotoou seu cinturão de segurança, levou-se a mão à costas e extraiu sua pistola sob a alarmado olhar de sua esposa. Domingo lhe tocou a mão direita para tranquilizá-la, apoiou a Beretta em seu regaço, cobriu-a com uma servilleta, adotou uma expressão neutra e esperou que seu chefe iniciasse o jogo. Você! gritou Número 2 de diante.

Sim? replicou Clark com olhar inquisitivo.

20

Fique quieto! Seu inglês não era mau. Claro, as escolas

européias tinham bons cursos de idiomas.

Né, veja, eu... bebi umas quantas taças Y... bom, você sabe o que acontece. Por favor suplicou mansamente.

Não, fique onde está!

Né, o que pensa fazer, lhe disparar a um pobre tipo que necessita mijar? Não sei qual é seu problema, OK, mas tenho que ir ao banho. Por favor?

Número 2 e Número 3 intercambiaram um rápido olhar de desconcerto que confirmou seu status amateur por última vez. As duas azafanhas, erguidas em seus assentos, pareciam muito preocupadas mas não disseram nada. John desabotoou seu cinto de segurança e começou a parar-se.

Número 2 correu para ele apontando-o com o revólver e se deteve pouco antes de cravar-lhe no peito. Sandy tinha os olhos muito abertos. Jamais tinha visto fazer nada perigoso a seu marido, mas sabia que esse não era o homem com o que tinha dormido vinte e cinco anos... e se não era esse homem, então devia ser o outro Clark, aquele cuja existência Conocía mas a quem jamais tinha visto.

Olhe, vou ao banho, urino e volto em seguida, de acordo? Diablos, quer me olhar urinar? sua voz apelava agora ao meio copo de uísque que tinha bebido no terminal . Está bem, mas não me faça

mijar em cima, OK?

O que disparou a armadilha foi o tamanho do Clark. Media quase dois metros e seus antebraços, visíveis com a camisa arregaçada, eram poderosos. Número 3 era muito mais pequeno, mas tinha uma arma, e os petizos revistam entusiasmar-se obrigando aos grandotes a cumprir ordens. Número 2 aferrou ao John pelo braço esquerdo e o empurrou à lavatório da direita. John se submeteu e avançou com as mãos sobre a cabeça.

Né, obrigado, amigo disse ao abrir a porta. Estúpido como sempre, Número 2 lhe permitiu fechá-la. Por sua parte, John fez o que havia pedida permissão para fazer, lavou-se as mãos e se olhou brevemente ao espelho.

Né, Snake, ainda os tem? perguntou-se em voz muito baixa.

Bom, vamos comprovar o.

John tirou o ferrolho e abriu a porta plegadiza com expressão agradecida e vacina.

Né, obrigado, já sabe.

Volte para seu assento.

Espere, me permita lhe oferecer uma taça de café, claro, eu... disse

John, avançando para a cauda do avião. Número 2 foi o suficientemente estúpido para segui-lo, tomá-lo do ombro e obrigá-lo a dar-se

volta.

boa noite disse Ding em voz muito baixa, apontando seu pistola à têmpora de Número 2. Os olhos do terrorista captaram o brilho azul

21

do aço. Essa pequena distração bastou. John levantou a mão direita e golpeou com o punho a têmpora de Número 2. O murro o deprimiu.

Como a carregou?

Baixa velocidade sussurrou Ding . Estamos em um avião, mão recordou a seu diretor.

te afrouxe um pouco ordenou John. Ding assentiu.

Miguel! gritou Número 3.

Clark se moveu à esquerda, detendo-se no caminho para servir uma xícara de café com prato e colher incluídos. Logo reapareceu pelo corredor esquerdo e avançou.

Disse que lhe trouxesse isto. Obrigado por me permitir usar o banho disse John com voz trêmula e agradecida . Aqui está seu café, caballero.

Miguel! voltou a gritar Número 3.

foi por lá. Tome seu café. Acredito que devo me sentar, não?

avançou uns passos e se deteve, esperando que o amateur seguisse atuando como tal.

Fez-o. Foi para ele. John retrocedeu um pouco, fazendo que a taça e o prato se sacudissem um pouco. Quando Número 3 chegou junto a ele e escrutinou o corredor direito procurando a seu colega, Clark deixou cair xícara e prato ao piso e se agachou para recolhê-los, aproximadamente ao meio passado do assento do Alistair. Número 3 se agachou automaticamente. Foi o último engano que cometeu essa noite.

John se apoderou da pistola e cravou o cano no ventre de seu proprietário. Poderia havê-lo reduzido, mas Alistair estrelou seu Browning contra a nuca do tipo, que se desmoronou como uma boneca de trapo.

Moço impaciente murmurou Stanley . Mas esteve grandioso logo se deu volta, assinalou à aeromoça mais próxima e chasqueó os dedos. A mulher se levantou de um salto e correu para eles .

Sogas, cordas, algo que sirva para atá-los, rápido!

John recuperou a pistola e imediatamente retirou o carregador, luego girou o tambor para assegurar-se de que não ficassem balas. Em dois segundos descarregou a arma e arrojou as balas aos pés da companheira de assento do Alistair, quem abriu seus assombrados olhos pardos.

Delegados da bordo, senhora explicou Clark . Tranqüilize-se, por favor.

Poucos segundos depois, Ding fez sua aparição levando a rasta a Número 2. A aeromoça retornou com um carretel de linha de linho grosso.

Ding, à cabine! ordenou John.

Entendido, Mr. C. Chávez avançou, empunhando a Beretta com ambas as mãos, e se deteve frente à porta. Clark atou aos terroristas no piso. Suas mãos recordavam os nós marinheiros aprendidos trinta anos atrás. Assombroso, pensou, atando-o-lo mais forte que podia. Talvez lhes enegressem as mãos. Bom, má sorte.

Fica um, John sussurrou Stanley.

Quer vigiar a nossos dois amigos?

22

Será um prazer. Tome cuidado, há muitos aparelhos eletrônicos aí dentro.

Não me diga.

John avançou, desarmado. Seu ajudante seguia em seu posto, a pistola apontada com ambas as mãos, os olhos cravados na porta da cabine.

Como vão as coisas, Domingo?

Ah, estava pensando na salada e a carne de cervo... e em que a lista de vinhos não está nada mal. Não é um bom lugar para iniciar um tiroteio, John. Convidemo-lo mais tarde.

Boa tática. Número 1 estaria olhando a porta e, se chegava a disparar, a bala não danificaria o avião... embora os passageiros da pri-

mera fila não estariam muito contentes. John recolheu a xícara e o prato.

Você! chamou à outra aeromoça . Chame à cabine de mando

e lhe diga ao piloto que diga a nosso amigo que Miguel o necessita.

Logo fique aí parada. Quando se abrir a porta, se lhe pergunta

algo, me assinale. Entendido?

Era bonita, quarentã e serena. Fez exatamente o que lhe há-

bía pedido: levantou o telefone e transmitiu a mensagem.

Poucos segundos depois se abriu a porta e Número 1 olhou a seu

ao redor. O primeiro que viu foi a aeromoça. Ela assinalou ao John.

Café?

Confundido, Número 1 avançou para o hombrón da xícara com a

pistola apontada ao piso.

Olá o saudou Ding desde sua esquerda, lhe plantando a pistola

na cabeça.

Outro momento de confusão. Não estava preparado para isso. Vaci-

lô, sem atinar a mover-se.

Arroje a arma! disse Chávez.

Será melhor que faça o que lhe ordena que adicionou John em perfeito

espanhol . De outro modo, meu amigo o matará.

Os olhos de Número 1 percorreram automaticamente a cabine em

busca de seus colegas, mas não chegou a vê-los. Sua confusão aumentou. John

deu um passo para ele, tomou a pistola e a tirou sem encontrar resistem-
CIA. Logo a colocou em seu cinturão e empurrou ao tipo ao chão para regis-
trar-lo enquanto Ding seguia apontando-o com sua arma. Atrás, Stanley
começou a fazer o mesmo com os outros dois.

Dois carregadores... nada mais John fez gestos à primeira aza-
fata, que se aproximou com o fio grosso.

Tolos grunhiu Ding em espanhol. Logo olhou a seu chefe . John,
crie que nos precipitamos um pouco?

Não se parou e entrou na cabine . Capitão?

Quem diabos é você? Os tripulantes não tinham visto nem
escutado nada do ocorrido.

Qual é o aeroporto militar mais próximo?

Gander, da RCAF respondeu imediatamente o co-piloto.

23

Bem, vamos ali. O avião volta a ser dele, capitão. Obtém-
mos reduzir aos três terroristas.

Quem é você? voltou a perguntar Will Garnet. Ainda não
afrouxou-se.

Um tipo que quis ajudar replicou John com olhar vácuo. O
mensagem foi recebido. Garnet era ex-piloto da Força Aérea . Pue-
dou usar seu rádio, senhor?

O capitão assinalou o assento dobradiça e lhe ensinou a usar o rádio.

Aqui Vôo United Noventa-E dois-Zero disse Clark . Com quem estou falando? Mudança.

Agente Especial Carney do FBI. Quem é você?

Carney, chame o diretor e lhe diga que Rainbow Six está em linha. A situação está sob controle. Zero vítimas. Dirigimos a Gander e necessitamos à Montada. Mudança.

Rainbow?

Tal como sonha, agente Carney. Repito, a situação está baixo controle. Os três seqüestradores estão custodiados. Esperarei para falar com seu diretor.

Sim, senhor replicou uma voz muito surpreendida.

Clark baixou a vista e viu que suas mãos tremiam um pouco agora que tudo tinha terminado. Bom, já lhe tinha passado uma ou duas vezes.

O avião se inclinou à esquerda enquanto o piloto falava por rádio, supostamente ao Gander.

Noventa-E dois-Zero, Noventa-E dois-Zero. Aqui agente Carney.

Carney, aqui Rainbow Clark fez uma pausa . Capitão, a rádio é segura?

Está encriptada, sim.

John quase se amaldiçoou por violar a disciplina radial.

Bom, Carney, o que acontece?

O diretor quer falar com você Se ouviu um clique e um breve rangido.

John? perguntou outra voz.

Sim, Dão.

O que tem aí?

Três deles, falantes de espanhol, sem experiência. Levamo-los abaixo.

Vivos?

Afirmativo confirmou Clark . Lhe disse ao piloto que se dirigisse ao Gander. Chegaremos em...

Noventa-e zero minutos disse o co-piloto.

Uma hora e meia prosseguiu John . Faz que a Montada vêem-GA a procurar os meninos maus e chama o Andréws. Necessitamos transleve a Londres.

Não tinha que explicar por que. O que devia ter sido um simples vôo oficial de três agentes e duas algemas tinha deixado ao descoberto suas identidades e não tinha sentido que seguissem a bordo para que os passageiros lhes vissem as caras... A maioria certamente quereriam invi-

24

tarlos a beber, mas não era boa idéia. Todo o esforço realizado para

que Rainbow fora eficaz e secreto se estragou por culpa de três imbecis espanhóis... ou o que fossem. A Real Polícia Montada do Canadá o averiguaria antes de entregá-los ao FBI americano.

Bom, John, eu me encarrego. Chamarei o René para que organize as coisas. Necessita algo mais?

Sim, me envie umas horas de sonho, quer?

O que você queira, velho replicou o diretor do FBI e cortou a comunicação. Clark se tirou os auriculares e os pendurou em seu sítio.

Quem demônios é você? voltou a perguntar o capitão. A explicação inicial não tinha resultado satisfatória.

Senhor, meus amigos e eu somos delegados da bordo que por casualidade estávamos no avião. Fica claro, senhor?

Suponho que sim disse Garnet . Me alegro de que hajam o hei-cho. que estava aqui era um pouco frouxo, se entender a que me refiro. Preocupamo-nos muito.

Clark assentiu com um sorriso de reconhecimento.

Sim, eu também.

Vinham-no fazendo desde fazia um tempo. As caminhonetes azuis eram quatro percorriam as ruas de Nova Iorque recolhendo gente sem lar, que logo enviavam aos centros de desintoxicação pagos pela corporação. Esta operação discreta e amável tinha sido televi-

sada um ano atrás, graças ao qual a corporação tinha recebido dezenas de cartas amistosas. Mas logo todo se evaporou no horizonte, como estava acostumado a acontecer. Era quase meia-noite. Ajudadas pelas baixas temperaturas outonais, as caminhonetes tinham saído a recolher gente sem cubro por Manhattan. Não utilizavam os métodos empregados anteriormente pela polícia. Não obrigavam às pessoas a subir. Os voluntários da corporação lhes perguntavam cortesmente se queriam acontecer a noite em uma cama limpa, grátis, e sem as complicações religiosas típicas da maioria das tradicionalmente denominadas missões . Os que declinavam o oferecimento recebiam mantas usadas, doadas por empregados da corporação que nesse momento estavam em suas casas dormindo ou olhando televisão a participação no programa também era voluntária para o pessoal , mas ainda abrigadas e a prova de água. Alguns sem teto preferiam viver à intempérie, já que viam nisso uma sorte de liberdade. A maioria não. Até os bêbados empedernidos queriam camas e duchas. Nesse momento havia dez na caminhonete, cheia ao máximo de sua capacidade. Haviam-nos ajudado a subir, a se sentar em seus lugares e a grampeá-los cinturones de segurança. Nenhum deles sabia que essa era a quinta caminhonete das

quatro que operavam no sob Manhattan, embora suspeitaram que havia algo ligeiramente diferente assim que começou a mover-se. O assistente se deu volta no assento e lhes passou algumas garrafas de borgoña

25

Galo, um tinjo barato de Califórnia embora muito superior aos vinhos que estavam acostumados a beber ao que lhe tinham agregado alguma substância.

Quando chegaram ao destino, todos estavam dormidos ou, no pior dos casos, abotagados. Os que podiam mover-se foram ajudados a passar de uma caminhonete à outra. Ali, atados em suas pequenas camas, afundaram-se em um sonho reparador. Outros foram transladados e acomodados por dois pares de homens. Uma vez feito isso, a primeira caminhonete foi a limpeza: usavam vapor para esterilizar e eliminar qualquer resíduo que tivesse ficado ali. A segunda se dirigiu a automóvel-pista West Sede, tomou a rampa que conduzia à ponte George Washington e cruzou o rio Hudson. De ali se dirigiu ao norte pelo extremo nordeste de New Jersey e logo retornou ao estado de Nova York.

O coronel William Little Byron já estava no ar a bordo de um KC-10 da USAF. Seguia uma rota quase idêntica a do United 777, com apenas uma hora de diferença. Também alterou a rota para o nor-

lhe, rumo ao Gander. A ex-base P-3 teria que despertar a seu pessoal para atender a ambos os jumbos, mas esse era um detalhe de menor importância.

Os três seqüestradores frustrados, com os olhos enfaixados e fortemente atados, estavam deitados no chão frente à primeira fila de assentos de primeira classe, dos que John, Ding e Alistair se haviam apropriado. As aeromoças serviram café e mantiveram ao resto dos passageiros afastados desse setor do avião.

Admiro a atitude dos etíopes frente a situações como esta observou Stanley. A diferença de outros, bebia chá.

Como é isso? perguntou Chávez com voz lenta.

Faz uns anos tentaram seqüestrar um avião de bandeira etíop. Por acaso havia gente de segurança a bordo e obtiveram controle a situação. Ataram aos seqüestradores em assentos de primeira classe, envolveram-lhes o pescoço com toalhas para não danificar o estofo, e ali mesmo lhes cortaram a garganta. E sabe...

Caramba interrompeu Ding. Após, ninguém havia vuelto a meter-se com essa aerolinha . Simples, mas eficaz.

Absolutamente baixou a taça . Espero que estas coisas não sucedam muito freqüentemente.

Os três oficiais olharam pelas janelas e viram as luzes da

segundos pista antes de que o 777 aterrissasse no Gander. Houve aplausos e felicitações dos passageiros. O avião diminuiu a marcha e logo parou para as instalações militares, onde se deteve. A porta da direita se abriu e um caminhão elevador avançou em direção a ela.

John, Ding e Alistair afrouxaram seus cintos de segurança e foram para a porta sem perder de vista aos seqüestradores. O primeiro

26

em abordar o avião foi um oficial da RCAF com cartucheira e banda branca, seguido por três homens de civil que deviam ser policiais.

Você é o senhor Clark? perguntou o oficial.

Sim replicou John . Aqui estão seus três... suspeitos, acredito que é o término adequado.

Sorriu com aborrecimento ante suas próprias palavras e os policiais entraram a levar-se aos malfeitores.

O transporte alternativo chegará aproximadamente dentro de uma hora disse o oficial canadense.

Obrigado.

Os três voltaram a procurar sua bagagem de mão e, em dois dos casos, a suas algemas. Patsy estava dormida e terá que despertá-la. Sandy tinha retomado sua leitura. Dois minutos depois, os cinco estavam em

terra, a bordo de um veículo da RCAF. Logo que arrancou, o 777 em-
pezó a carretear para o terminal civil, onde os passageiros estirariam
um pouco as pernas enquanto o reabasteciam e revisavam.

Como chegaremos a Inglaterra? perguntou Ding, logo depois de aco-
modar a sua esposa na sala de espera.

A USAF enviou um VC-20. Haverá gente no Heathrow para
recolher suas bagagens. O coronel Byron deverá buscar aos três pri-
sioneros explicou um dos policiais.

Aqui estão suas armas Stanley lhe entregou as três bolsas de
papel que continham as pistolas descarregadas . Brownings M-1935 de
fabricação militar. Nenhuma classe de explosivos. São verdadeiros
*amateurs. Bascos, acredito. Aparentemente procuravam o embaixador espa-
ñol em Washington. Sua esposa viajava a meu lado. Constanza de
Monterosa: família de bodegueros. Têm os claretes e Madeiras mais
fabulosos do mundo. Acredito que se trata de uma operação não autorizada.*
E você quem é, exatamente? perguntou o policial. Clark
tomou cartas no assunto.

Não podemos lhe responder. Devolverão aos seqüestradores?

Ottawa nos deu instruções de fazê-lo segundo o Tratado de
Seqüestros. Olhe, tenho que lhe dizer algo à imprensa.

Lhe diga que três agentes americanos se encontravam a bor-

dou por acaso e ajudaram a reduzir a esses idiotas disse John.

Sim, isso se ajusta bastante à verdade coincidiu Chávez com um sorriso . É o primeiro arresto que fiz em minha vida, John. Amaldiçoación, esqueci lhes mencionar seus direitos adicionou. Estava o bastante extenuado para acreditar que era gracioso.

Superavam qualquer expectativa de sujeira, tal como o comprobó a equipe receptora. Não era para surpreender-se. Nem tampouco que apertaran ao ponto de espantar a um zorrino. Mas isso teria que esperar.

Os beliches foram trasladados da caminhonete ao edifício, localizado dez milhas ao oeste do Binghamton, Nova Iorque, na zona montanhosa do estado. Uma vez na pulcra sala, os dez foram asperjados com um

27

vasilha parecida ao dos produtos limpiavidrios. Depois, na metade deles lhes injetou algo no braço. Foram divididos em grupos de cinco, cada um com um bracelete de aço numerado do 1 aos 10. Os números ímpares foram injetados, os pares não. Uma vez feito isto, os dez homeless foram trasladados aos barracos a dormir sob os efeitos do vinho e as drogas. A caminhonete que os tinha levado já tinha partido rumo a suas obrigações regulares em Illinois. O chofer não tinha a menor ideia do que tinha feito. Só sabia que havia conduzido seu veículo.

CAPÍTULO 1

ESTÚPIDO

O voo VC-20B carecia em certo modo de comodidades a CO-meça consistia em emparedados e um vinho inidentificable mas os asseiem-tosse confortáveis e a viagem sem desigualdades permitiram que todos durmieran até que as rodas se posaram sobre o Northholt, um aeroporto de a RAF localizado ao oeste de Londres. Enquanto o G-IV da USAF carreteaba para a rampa, John destacou a antigüidade dos edifícios. Esta apóie data da Batalha de Bretanha explicou Stanley deperezándose em seu assento . Também podem utilizá-la jatos comercializa-privado-lhes.

Nesse caso, vamos passar muitas vezes por aqui replicou Ding, esfregando-os olhos e desejando um café . Que horas são? Pouco mais das oito, hora local... Hora zulú também, não? Absolutamente confirmou Stanley com um grunhido dormitado.

Nesse momento começou a chover e a chuva foi uma adequada bem-vinda ao chão britânico. Caminharam cem jardas até a recepción, onde um oficial selou seus passaportes e lhes deu oficialmente a bem-vinda ao país antes de voltar a concentrar-se em seu café da manhã e seu dia-Rio.

Fora os esperavam três carros limusines Daimler negras que abandonaram a base em direção oeste e logo sul, para o Hereford. Isso demonstrava que era um burocrata civil, pensou Clark no primeiro carro. Em outro caso tivessem utilizado helicópteros. Mas Grã-Bretanha não carecia das delícias da civilização. Na rota, pararam em um McDonald s para comer Egg McMuffins e beber café. Sandy protestou pelo excesso de colesterol. Fazia meses que perseguia o John por esse tema. Logo recordou o episódio da noite anterior.

John?

Sim, querida?

Quais eram?

Quais, os tipos do avião? Sandy assentiu . Não estou seguro, provavelmente separatistas bascos. Aparentemente procuravam ao embaixador espanhol, mas cometeram um engano garrafal. Não era ele quem estava a bordo, a não ser sua esposa.

Tentaram seqüestrar o avião?

Sim, claro.

Não é horrível?

29

John assentiu reflexivamente.

Sim, é-o. Bem, tivesse sido mais horrível de ter sido eles

competentes, mas por sorte não o eram Sorriu para seus adentros.

V iejo, subiram ao vôo equivocado! Mas não podia reir abertamente,
menos com sua esposa sentada junto a ele, no lado equivocado do cami-
não... feito que o irritava o bastante, para falar a verdade. Parecia-lhe mal ir
sobre o lado esquerdo do caminho, a uma velocidade de... oitenta milhas
por hora? Maldição. Acaso não tinham limite de velocidade nesse país?
O que acontecerá eles? insistiu Sally.

Há um tratado internacional. Os canadenses os devolverão a
EUA, onde serão julgados pela Corte Federal. Serão julgados,
condenados e encerrados por pirataria aérea. Passarão muitos anos entre
grades E não se atreveu a adicionar que tinham tido sorte. As leis
espanholas provavelmente não teriam sido tão benévolas.

Fazia tempo que não passava algo assim.

Sim coincidiu John Clark. Terei que ser um verdadeiro imbecil
para seqüestrar um avião, mas evidentemente os imbecis não eram
uma espécie em perigo de extinção. Por esse motivo ele era o Six de uma
organização chamada Rainbow.

Temos boas e más notícias, assim começava o estúpido que havia
escrito. Como de costume, não se tinha preocupado por questões bu-
rocráticas: esse era uma linguagem que Clark jamais tinha conseguido aprender
apesar de seus trinta anos na CIA.

Com a queda da União Soviética e outros estados com posições políticas adversas aos interesses ocidentais e americanos, a probabilidade de uma confrontação internacional importante é geralmente baixa. Obviamente, esta é a melhor das boas notícias.

Mas também devemos encarar o fato de que ainda ficam muitos terroristas internacionais experimentados e treinados no mundo, e que alguns deles têm contato ocasional com agências nacionais de inteligência. Cabe adicionar que alguns países, embora não querem uma confrontação direta com os EUA ou outras nações ocidentais, poderiam utilizar a estes agentes livres do terrorismo para coloque políticas menos ambiciosas.

Em todo caso é provável que este problema vá em aumento, já que na situação mundial previamente mencionada as nações mais influentes impuseram limites firmes à atividade terrorista, vigentes pelo acesso controlado a armas, recursos, treinamento e salvocondutosse.

É provável que a atual situação global modifique o entendimento prévio entre as nações mais poderosas. O preço do apoio, as armas, o treinamento e os salvo-condutos poderia converter-se em atividade terrorista propriamente dita, sem a pureza ideológica anteriormente exigida pela nações patrocinadores.

A solução mais óbvia a este provavelmente crescente proble-

30

MA seria a organização de uma nova equipe antiterrorista multinacional. Proponho o nome chave Rainbow. Proponho além que a organización tenha sua base no Reino Unido. As razões são simples:

O RU possui e opera o Serviço Aéreo Especial (SEJA), a maior quer dizer, a mais experimentada agência de operações espaciais do mundo.

Londres é a cidade mais acessível do mundo em términos de vôos comerciais; cabe adicionar que o SEJA tem uma relação muito cordial com a British Airways.

O entorno legal é particularmente vantajoso devido às cabeças de gado-tricciones à imprensa permitidas pelas leis britânicas, não assim pelas americanos.

Prolongada-a relação especial entre agências dos gobiernos americano e britânico.

Por todas estas razões, a equipe para operações especiais proposto, integrado por pessoal dos EUA, RU e agentes seletos da OTAN, com pleno apoio dos serviços nacionais de inteligência, coordenado in situ....

E o tinha vendido, disse-se Clark com um sorriso lavado. A cabeça de gado-

paldo brindado pelo Ed e Pat Foley, o general Mickey Moore e outros em o Escritório Oval tinha sido fundamental para obtê-lo. A nova agência CIA Rainbow era mais negra que o mais negro: seu financiamento em EUA era dirigido pelo Capitólio através do Departamento do Interior, e logo através do Escritório de Projetos Especiais do Pentágono, sem nenhuma classe de conexão com a comunidade de inteligência. Aproximadamente cem pessoas conheciam em Washington a existência do Rainbow. Oxalá tivessem sido menos, mas não se podia esperar demasiada a respeito.

A cadeia de mando era um tanto barroca. Não houve maneira de evitá-lo. Seria difícil tirar-se de cima a influência britânica: a maioria do pessoal de campo era britânico, assim como os peritos de inteligência... mas Clark era o chefe. Sabia que essa era uma concessão maior por parte de seus anfitriões. Alistair Stanley seria seu funcionário executivo e isso não lhe representava nenhum problema. Stanley era rude e, melhor até, um dos agentes especiais mais inteligentes que tinha conhecido. Sabia quando reter o jogo, quando mesclar e quando dar as cartas. A única má notícia era que ele, Clark, tinha passado a ser um REMF... pior, um trajeado. Teria um escritório e duas secretárias em lugar de sair a correr com os cães grandes. Bem, devia admiti-lo, tinha que passar cedo ou tarde, não?

Mierda. Já que não podia correr com os cães, jogaria com eles.

Teria que fazê-lo para lhes demonstrar a seus subordinados que merecia

seu posto. Seria coronel, no geral, disse-se Clark. Estaria com a tropa

o maior tempo possível; correria, praticaria tiro, falaria com eles.

Sou capitão, pensava Ding no carro de atrás enquanto contem-

plaba a campina inglesa. Só tinha estado em Grã-Bretanha para o CAM-

31

biar de vôo no Heathrow ou Gatwick e até agora jamais tinha visto o

paisagem, tão verde como uma postal irlandesa. Lideraria um dos CO-

mandos sob as ordens do John (Mr. C) e isso lhe outorgava fila de

capitão, a mais alta fila que alguém podia obter no exército: o bs-

tante alto para que os NCO obedecessem suas ordens e o bastante baixo

para poder mesclar-se com as tropas. Viu o Patsy cabeceando junto a ele.

Seu embaraço começava a manifestar-se das maneiras mais insólitas.

Às vezes bulia de atividade; outras, vegetava. Bom, levava no vien-

tre um pequeno Chávez e isso fazia que tudo fora bom... mais que

bom. Um milagre. Quase tão grande como o milagre de que ele voltasse

a ser aquilo para o que se preparou: um soldado. Melhor ainda,

uma sorte de agente independente. O mau era que devia responder a

mais de um governo funcionários que falavam vários idiomas mas

isso era inevitável e ele se ofereceu como voluntário para seguir com

Mr. C. Alguém tinha que cuidar de chefe.

O episódio do avião o tinha surpreso o bastante. Mr. C não lhe-
nía sua arma à mão... Que diabos, pensou Ding, um se molesta em conseguir uma permissão para levar armas em aerolinhas civis e logo deixa a arma onde não pode alcançá-la em caso de necessidade? *Santa María bendita! Até o John Clark estava envelhecendo. Deveu ser seu primeiro* engano operativo em muito tempo... e logo tentou repará-lo jogando cowboy. Mas... tinha-o feito bem. Sereno e frio. Embora excessivamente rápido, pensou Ding, excessivamente rápido. Tomou a mão de Patsy. Ultimamente estava dormindo muito. O bebê minava suas forças. inclinou-se para beijá-la na bochecha, muito brandamente... para não despertá-la. Captou o olhar do chofer no espelho retrovisor e o olhou com cara de poquer. Seria só um chofer ou formaria parte da equipe? Logo saberia.

A segurança era mais densa do que Ding tinha esperado. Pelo momento, os quartéis gerais do Rainbow estavam no Hereford, base do Regimento 22 do Serviço Aéreo Especial do exército britânico. De feito, a segurança era inclusive mais densa do que parecia, porque um homem com uma arma é sempre um homem com uma arma... e desde certa distancia é impossível distinguir entre um policial alugado e um experiente treinado. Olhando os de perto, Ding decidiu que pertenciam a

a segunda classe de homens armados. Tinham outro olhar. que ré-gistró seu automóvel ganhou um gesto de reconhecimento, devidamente retribuido quando lhes fez gestos de passar. A base era igual a qualquer outra: os pôsteres eram diferentes, e também algumas siglas, mas os edifícios tinham jardins prolijamente cortados e as coisas pareciam mais pulcras que nas áreas civis. O automóvel se deteve frente a uma casa modesta mas prolixa, com garage para um veículo que Patsy e Ding ainda não possuíam. Viu que o carro do John seguiu um par de quadras e freou junto a uma casa maior... bom, os coronéis viviam melhor que os capitães, e além não terei que pagar o alqui-

32

ler. Abriu a porta, saiu do automóvel e foi para o baú para retirar seu bagagem. Logo teve a primeira grande surpresa do dia.

Maior Chávez? perguntou uma voz.

Né, sim? disse Ding. Maior? perguntou-se.

Sou o cabo Weldon, seu assistente o cabo era muito mais alto e corpulento que Ding. Esquivou ao americano e retirou habilmente as valises do baú. Ao Chávez não ficou outra coisa que dizer:

Obrigado, cabo.

me siga, senhor Ding e Patsy obedeceram.

A três quadras de distância, John e Sandy estavam tendo uma

experiência similar, embora seus assistentes eram um sargento e uma cabo, esta última loira e bonita ao pálido estilo inglês. A primeira impressão da Sandy em relação à cozinha foi que as geladeiras inglesas eram davaninhas e que para cozinhar ali terei que ser contorcionista. Pelo momento não se deu conta devido à viagem em avião, seguramente de que para tocar um solo implemento dessa cozinha teria que acontecer o cadáver da cabo Anne Fairway. A casa não era tão grande como a que tinham na Virginia, mas estava bem.

Onde está o hospital regional?

A uns seis quilômetros daqui, senhora Fairway ainda não sabia que Sandy Clark era uma enfermeira ER capacitada que ocuparia um posto no hospital.

John jogou uma olhada a seu estudo. O móvel mais impressionante era o gabinete de licores... bem abastecido, comprovou, do Scotch e gim. Teria que encontrar alguns borgoñas decentes. O computador é-taba em seu lugar, orientada de maneira tal que ninguém pudesse parar-se a uns metros e ler o que ele estava escrevendo. Disso estava seguro.

Claro que aproximar-se tanto seria uma proeza. Os guardas do perímetro tinham-lhe parecido muito competentes. Enquanto os assistentes desempacavam seus pertences, John se meteu na ducha. Esperava-o um comprido dia de trabalho. Vinte minutos depois, embainhado em um traje

azul a raias acompanhado por camisa branca e gravata a raias, saiu por a porta principal. Um automóvel oficial o estava esperando para detrá-ladarlo aos quartéis centrais.

Que te divirta, querido disse Sandy, lhe dando um beijo.

Não o duvide.

Bom dia, senhor disse o chofer. Clark lhe estreitou a mão e averiguou que se chamava Ivor Rogers e era sargento. O vulto em seu quadril esquerda provavelmente indicava que se tratava de um MP.

Maldição, pensou John. Os britânicos tomavam muito a sério as questões de segurança. Mas bom, estavam em território do SEJA, provavelmente uma das unidades antiterroristas menos populares dentro e fora do RU. E os verdadeiros profissionais, os verdadeiramente perigosos, eram gente cuidadosa, consciente. Igual a eu, pensou Clark.

33

Devemos ser cuidadosos. Extremamente cuidadosos com cada passo que demos.

Não foi precisamente uma surpresa para outros, verdade? O

bom era que compreendiam a necessidade de cautela e discrição. A maioria eram científicos e muitos deles dirigiam rotineiramente substâncias perigosas, Nível 3 e superiores, de modo que a cautela era parte de sua maneira de ver o mundo. E isso era bom, decidiu. Como

também era bom que entendessem, que realmente compreendessem a importância do que tinham entre mãos. Todos pensavam sabiam que a sua era uma missão sagrada. depois de tudo tratavam com vida humana, embora fora para tirá-la. Sabia que muitos jamais compreenderiam o caráter de sua missão. Bem, era de esperar, já que precisamente lhes tirariam a vida. Isso não era bom, mas sim inevitável.

A reunião concluiu mais tarde que o habitual e os concorrentes foram caminhando à praia de estacionamento, onde alguns tocosse, pensou montaram suas bicicletas para ir a suas casas, dormir umas horas, e logo voltar para trabalho em bicicleta. Ao menos eram Verdadeiros Crentes, embora não muito práticos... e, demônios, as viagens lareiragos os faziam em avião, não? Bem, no movimento havia lugar para distinta classe de gente. O importante era criar um movimento abarcativo. Caminhou até seu veículo, um prático Hummer, a versão civil do HMMWV amado pelos militares. Acendeu a rádio, escutou

Pinheiros de Roma, do Respighi, e compreendeu que sentiria saudades o NPR e seu

devoção pela música clássica. Bem, algumas costure eram inevitáveis.

Tomado banho, barbeado e embainhado em um traje Brooks Brothers com gravata Armani ao tom (comprados dois dias atrás), Clark saiu de seu

residência oficial rumo a seu automóvel oficial. O chofer o estava esperando com a porta aberta. Os britânicos tinham muito em conta os símbolos de status e John se perguntou quanto demoraria para voltar-se adicto a eles.

Seu escritório resultou estar a menos de duas milhas da casa, em um edifício de tijolo de dois pisos rodeado de operários. Na porta de entrada havia um soldado com a pistola em uma cartucheira de couro branco. Fez a vênica quando Clark se aproximou.

Bom dia, senhor!

John devolveu a efusiva saudação como se estivesse revistando tropas na coberta de um navio.

Bom dia, soldado replicou quase mansamente, pensando que teria de aprender o nome do menino. Abriu a porta pelas suas e encontrou ao Stanley lendo um documento, muito sorridente.

Demorarão uma semana em terminar o edifício, John. Esteve vários anos desocupado, temo que é bastante velho, e iniciaram as obras faz apenas seis semanas. Vêem, levarei-te a seu escritório.

E novamente Clark seguiu a alguém, um tanto ovejuntamente,

34

primeiro à direita e logo por um corredor até o escritório do fundo... que resultou, ela sim, terminada.

O edifício data de 1947 disse Alistair ao abrir a porta. John viu duas secretárias, ambas quase cuarentonas, provavelmente mais informadas que ele. Seus nomes eram Alice Foorgate e Helen Montgomery. ficaram de pé ao vê-lo entrar e se apresentaram com sorrisos cálidas e encantadoras. O escritório do Stanley era adjacente a do Clark, amoblada com um enorme escritório, uma poltrona cômoda e a mesma classe de computador que seu escritório da CIA: aqui também protegida para que ninguém pudesse monitorá-la eletronicamente. Inclusive havia um gabinete de bebidas em um rincão, indubitavelmente um costume britânica.

John respirou fundo antes de provar a poltrona giratória e decidiu tirar o saco antes que nada. Não desfrutava estar sentado com o saco posto. Isso faziam os funcionários trajeados , e ser um funcionário trajeadado não era precisamente sua idéia da diversão. Indicou ao Stanley que se sentasse.

No que estamos?

Temos duas equipes completas. Chávez se fará cargo de um.

O outro será comandado pelo Peter Covington... recentemente ascendeu a maior. O pai foi coronel do 22 faz uns anos e se retirou como brigadeiro. É um menino maravilhoso. Dez homens por comando, tal como acordamos. O pessoal técnico se entende muito bem. Temos um is-

raelí a cargo, David Peled... surpreende-me que nos tenham dado isso. É um gênio da eletrônica e os sistemas de vigilância...

E todos os dias se reportará ao AVI Ben Jakob.

Sorriso.

Naturalmente. Ninguém se fazia iluda em relação a absoluta-lealdade das tropas atribuídas ao Rainbow. Mas se não eram absolutamente leais, do que serviriam? David trabalhou intermitentemente com o SEJA durante uma década. É um tipo assombroso, tem contatos com todas as corporações eletrônicas desde São José até Taiwan.

E os atiradores?

Soberbos, John. Quão melhores conheci. Isso sim que era dizer algo.

Inteligência?

Excelentes, todos. O chefe do setor é Bill Tawney, Six durante trinta anos, assistido pelo Dr. Paul Bellow... era professor na Têmpera University da Filadelfia até que os do FBI o recrutaram. Um tipo muito inteligente. Capaz de ler a mente, viajou por todo mundo. Ustede o emprestaram aos italianos para o caso Mouro, mas ao ano seguinte negou-lhe isso a aceitar uma missão na Argentina. Também tem princípios, parece. Chegará amanhã.

A senhora Foorgate entrou no escritório com uma bandeja com chá

para o Stanley e café para o Clark.

A reunião com a equipe começará em dez minutos, senhor o recordou ao John.

35

Obrigado, Alice Senhor, pensou. Não estava acostumado a esse trato. Outro indício de que era um funcionário trajeado . Maldição. É-peró que a pesada porta a prova de som se fechasse para fazer a seguinte pergunta . Ao, qual é minha hierarquia?

General... pelo menos brigadeiro, talvez duas estrelas. Eu aparentemente sou coronel... chefe de equipe, já vê disse Stanley, bebien-dou seu chá . John, sabe que o protocolo é necessário prosseguiu razo-navelmente.

Ao, sabe o que sou eu realmente... quero dizer, o que fui?

Conforme acredito, foi marinho e obteve a Cruz da Armada e a Estrela de Prata, duas vezes. Estrela de bronze com Combate V e três mais, e três Corações Púrpura. Todo isso antes de que a Agência lhe recrutasse e te outorgasse não menos de quatro Estrelas de Inteligência Stanley sabia tudo de cor . Brigadeiro é o menos que podemos te dar, velho. Resgatar a Koga e eliminar ao Daryaei foram trabalhos brilhantes, se por acaso não sabe. Sabemos um pouco de ti e de seu jovem Chávez... o menino tem um enorme potencial, se for tão bom como dizem. Vai a

necessitá-lo, é obvio. Seu comando está integrado por verdadeiras estrelas.

Sou eu, Ding! chamou uma voz familiar. Chávez olhou a izquierda, genuinamente surpreso.

Urso! Filho de puta! Que diabos faz aqui?

abraçaram-se.

Os Rangers começavam a me aborrecer, assim fui ao Bragg para uma temporada com o Delta, e depois apareceu isto na olhe e me decidi. É o chefe do Comando 2? perguntou o primeiro sargento (E-8) Julho Vega.

Digamos que sim replicou Ding, estreitando a mão de seu velho amigo e camarada . Não perdeu um grama de peso, velho. Santo Deus, Urso, come bulones?

Devo me manter em forma, senhor replicou o homem para quem cem abdominais matutinos não produziam uma gota de suor. A camisa de sua uniforme ostentava a placa de Infantaria de Combate e o cartucho prateado que identificava aos paracaidistas peritos .

Vê-te bem, irmão. Segue correndo, não?

Sim, bom, quero conservar a capacidade de sair correndo. Não sei se for claro.

Entendido riu Vega . Vamos, apresentarei-te à equipe. Tem-

mos bons soldados, Ding.

O Comando 2, Rainbow, tinha seu próprio edifício: de tijolo, um só piso, grande, com um escritório para cada homem e uma secretária para todos chamada Katherine Moony, o suficientemente jovem e bela para atrair a qualquer solteiro da equipe, pensou Ding. O Comando 2 estava integrado exclusivamente pelo NCO, principalmente superiores, quatro americanos, quatro britânicos, um alemão e um francês. De

36

uma só olhada comprovou que todos estavam treinados em forma... o suficiente para que começasse a preocupar-se com sua própria condição. Tinha que comandá-los, e para isso devia ser tão bom ou melhor que todos eles em algo que o comando tivesse que fazer.

O sargento Louis Loisel era o que estava mais perto. Baixo e de cabelo escuro, era um ex-membro dos pára-quedistas franceses e uns anos antes tinha sido destinado ao DGSE. Loisel era bom para tudo e especialista em nada. Como todos eles perito em armas e, segundo seu arquivo, brilhante atirador com pistola e rifle. Tinha um sorriso fácil e relaxada que denotava confiança em si mesmo.

O seguinte era Feldwebel Dieter Weber, também pára-quedista e graduado no Burger Führer ou Escola de Mando Montanhês do ejérci-to alemão, uma das escolas mais exigentes fisicamente de todos os

exércitos do mundo. Olhou-o. Loiro de pele clara, poderia haver-se brilhante em um pôster de recrutamento da SS sessenta anos atrás. Ding comprovou no ato que o inglês do Weber era muito melhor que o seu. Poderia passar por americano... ou inglês. Tinha chegado ao Rainbow do GSG-9 alemão (parte dos Ex-guardas de Fronteira, o grupo antiterrorista da República Federal).

Maior, escutamos falar muito de você disse Weber desde seu metro noventa. um pouco alto, pensou Ding. Muito grandote, bom branco. Dava a mão como alemão que era. Apertão rápido, não isento de calidez. Seus olhos azuis eram interessantes, frios como o gelo, inquisitivos de um princípio. Eram os olhos que alguém estava acostumado a encontrar

detrás de um rifle. Weber era um dos dois rifleros da equipe.

O outro era o SFC Homer Johnston. Montanhês de Idaho, havia caçado seu primeiro cervo aos nove anos. Competia amigavelmente com Weber. Comum em todos os aspectos, Johnston era claramente um CO-rredor antes que um atirador. De pouca estatura e leve. Havia começado sua carreira no Fort Campbell, Kentucky, e rapidamente se havia aberto passo no mundo do exército.

Maior, encantado de conhecê-lo, senhor era um Ex-boina Verde e membro Delta, como o velho amigo do Chávez, o Urso Vega.

Os atiradores os tipos que entravam nos lugares a fazer negócios, segundo a óptica do Ding eram americanos e britânicos. Steve Lincoln, Paddy Connolly, Scotty McTyler e Eddie Price eram do SEJA. Todos tinham feito o sua na Irlanda do Norte e outros lugares. Mike Pierce, Hank Patterson e George Tomlinson não, porque a Força Delta americano não tinha a experiência do SEJA. Também era certo, recordou Ding, que Delta, SEJA, GSG-9 e outros supercomandos internacionais se treinavam e conheciam ponto de que todos poderiam haver-casado-se com as irmãs de seus companheiros. Todos eram mais altos que o maior Chávez. Todos eram robustos. Todos eram inteligentes. Ding teve a lhe esmaguem sensação de que, apesar de toda sua experiência em ação, teria que ganhar o respeito de seus homens, e rápido.

Quem é o de mais fila?

Eu, senhor disse Eddie Price. Era o mais velho da equipe, cua-

37

renda e um anos, ex-sargento do Regimento 22 do Serviço Aéreo Especial subido a sargento maior. Como o resto dos homens, não vestia uniforme... embora todos levavam exatamente a mesma roupa, sem marcas de fila.

De acordo Price, fizemos nosso PT hoje?

Não, maior, esperávamo-lo a você replicou o sargento maior

com um sorriso dez por cento educada e noventa por cento desafiante.

Chávez aceitou a provocação, também sorridente.

Sim, bem, estou um pouco intumescido pelo vôo, mas talvez me ajude a me afrouxar. Onde posso me trocar? perguntou Ding, esperando que seu treinamento das últimas duas semanas bastasse para enfrentar o desafio... Além disso, o vôo o tinha deixado ligeiramente exausto.

me siga, senhor.

Meu nome é Clark e suponho que sou o chefe aqui disse John da cabeceira da mesa de conferências . Todos vocês conhecem a missão e todos foram convocados para formar parte do Rainbow.

Alguma pergunta?

Ficaram estupefatos. Bom. Alguns não deixaram de olhá-lo. A maioria baixou a vista e começou a revisar seus anotadores.

Bom, para responder as perguntas óbvias lhes direi que nossa doutrina operativa não diferirá em muito da das organizações que vocês integraram. Estabeleceremo-la durante o treinamento, que começará amanhã. supõe-se que devemos estar preparados para atuar a partir de agora os advirito Isso John significa que o telefone pode soar em qualquer momento e nós devemos responder. É-

felpas em condições de fazê-lo?

Não respondeu Alistair em nome de outros . Sua postura não é realista, John. Segundo minhas estimativas, necessitaremos três semanas para está-lo.

Entendo essas razões... mas o mundo real não está acostumado a adaptar-se a nossos desejos. O que terei que fazer... terá que fazê-lo, e rápido.

Na próxima segunda-feira começarei com os simulacros. Moços, não sou um tipo difícil para trabalhar. Estive no campo e sei o que passa lá afue-
ra. Não espero perfeição, mas sim espero que sempre a busquemos. Se fracassamos em uma missão, isso significa a morte de gente que merece viver. vai passar mais de uma vez. Vocês sabem. Eu também sei.

Mas evitaremos a maior quantidade possível de enganos e aprenderemos de cada engano que cometamos. O mundo do antiterrorismo é um mundo darwiniano. Os parvos já estão mortos, mas os que ficam hão aprendido muitas lições. Nós também e, táticamente falamos, provavelmente os vantajamos no jogo, mas teremos que correr muito para seguir onde estamos. Correremos.

38

De todos os modos prosseguiu , o que temos e que não temos em matéria de inteligência?

Bill Tawney tinha a mesma idade que John, talvez um ou dois anos

mais, cabelo pardo e quebradiço e pipa permanentemente apagada em a boca. Era um Six: isso significava que era um ex-membro do Serviço Secreto de Inteligência britânico, um agente encoberto que havia entrado aos escritórios logo depois de passar dez anos patrulhando ruas detrás da Cortina de Ferro.

Nossos sistemas de comunicações estão instalados e funcionando. Temos relações pessoais com todos os serviços amistosos, aqui e nas demais capitais.

Boas?

Boas concedeu Tawney. John se perguntou quanto sobreentendido britânico haveria atrás de sua resposta. Uma de suas tarefas mais imandaduras, e mais sutis, seria decodificar o que cada integrante de seu equipe queria dizer quando falava, tarefa obviamente dificultada por as diferenças lingüísticas e culturais. Tawney parecia um verdadeiro profissional de olhar sereno e atitude decidida. Seu arquivo dizia que tinha trabalhado em relação direta com o SEJA os últimos cinco anos.

Dado o recorde do SEJA em ação, era evidente que não os havia prejudicado com má inteligência muito freqüentemente, por não dizer jamais. Bom.

David? perguntou John. David Peled, chefe israelense do ramo técnica, parecia muito católico, quase um personagem de uma pintura do Grego, um frade dominicano talvez, do século XV, alto, enxuto, de maçãs do

rosto

afundados e cabelo escuro (curto), com certa intensidade no olhar.

Bem, tinha trabalhado muito tempo para o AVI Ben Jakob, a quem Clark conhecia, se assim que, ao menos o suficiente. Peled estava ali por dois razões: primeiro, para servir no Rainbow e ganhar aliados e prestígio para seu serviço de inteligência de origem (o Mossad israelense), e segundo, para aprender tudo o que pudesse e transmiti-lo a seu chefe.

Estou Armando uma boa equipe disse David, deixando sua taça de chá sobre a mesa . Necessitarei entre três e cinco semanas para ensamblar tudo o que necessito.

Terá que ser mais rápido respondeu Clark no ato.

David negou com a cabeça.

Impossível. Muitos item eletrônicos podem comprar em uma loja, por assim dizê-lo, mas outros devem ser fabricados especialmente.

Já fiz todos os pedidos assegurou a seu chefe com stickers de prioridade urgente... e aos fornecedores habituais. TRW, IDI, Marconi, já sabe quem som. Mas não podem fazer milagres, nem sequer por nosotros. Desde três a cinco semanas para peças cruciais.

O SEJA está disposto a nos proporcionar o que seja necessário assegurou Stanley da outra ponta da mesa.

Para propósitos de treinamento? perguntou Clark, molesto

por não ter adivinhado a resposta a sua pergunta.

Talvez.

39

Ding interrompeu a carreira ao chegar às três milhas, coisa que faziam em vinte minutos. Bom tempo, pensou, um tanto extenuado. deu-se volta e viu seus dez homens quase tão afrescos como ao começo. Um ou dois sorriam solapadamente a seus companheiros burlam-dou-se da fragilidade do novo chefe.

Maldição.

A carreira tinha terminado frente ao polígono de tiro. As armas e os brancos já estavam preparados. Chávez tinha trocado a seleção de seu equipe. Afeiçoado sempre à a Beretta, tinha decidido que seus homens usassem a nova Beretta .45 como arma de reforço pessoal além da metralhadora Hechler & Koch MP-10 (nova versão de a venerável MP-5 que utilizava o cartucho 10mm Smith & Wesson desenvolvido na década do 80 pelo FBI americano). Sem dizer palavra, Ding tomou sua arma, colocou-se os protetores auditivos e enfiou para as silhuetas-blanco, colocadas a cinco metros de distância. Agora *sim, pensou, abri-lhe oito buracos na cabeça. Mas Dieter Weber, a seu lado, tinha metido suas oito balas em um mesmo buraco desprolijo, e Paddy Connolly tinha aberto um buraco não tão desprolijo de menos de*

uma polegada entre os olhos do branco, sem tocar os olhos. Como a maioria dos atiradores americanos, Chávez acreditava que os europeus não sabiam nada de pistolas. Evidentemente, o treinamento havia corrigido esse defeito.

Ato seguido, seus homens escolheram seus H&K, armas que podiam ser disparadas quase por qualquer graças a seus soberbos visores. Ding percorreu a linha de fogo, observando-os perfurar pranchas de aço com forma e tamanho de cabeça humana. Sustentadas por ar comprimido, caíam instantaneamente com um metálico clang. deteve-se atrás do primeiro sargento Vega, quem terminou seu carregador e se deu volta. Disse-te que eram bons, Ding.

Faz quanto que estão aqui?

OH, quase uma semana. Estamos acostumados a correr cinco milhas, senhor adicionou com um sorriso . Recorda o acampamento do verão ao que íamos avermelhado?

O mais importante de tudo, pensou Ding, era a firmeza de ânimo a pesar da carreira (cujo objetivo era estimular às pessoas e provocar o estresse de uma genuína situação de combate). Mas esses bastardos eram tão firmes como estátuas de bronze. ex-líder de esquadrão na Séptima Divisão de Infantaria Liviana, ele mesmo tinha sido um dos mais rudes, melhor treinados e mais eficazes soldados que vestiram o uni-

forme de seu país, e por essa razão John Clark o tinha eleito para tra-
descer na Agência... e graças a sua capacidade tinha executado algumas
missões tensas e extremamente arrudas no campo. Certamente fazia
muito tempo que Domingo Chávez não se sentia apto para alguma coisa.
Mas agora, certas vozes ocultas lhe sussurravam ao ouvido.

Quem é o mais rude? perguntou a Vega.

Weber. Escutei muitas histórias da escola alemã de mon-

40

tangesse. Bem, são certas, manito. Dieter não é totalmente humano.

Bom no corpo a corpo, boa pistola, condenadamente bom
com o rifle, e acredito que poderia correr e dobrar a um cervo se quisesse, e
logo estripá-lo com suas próprias mãos.

Chávez se obrigou a recordar que ser considerado bom em habi-
lidades de combate por um graduado da escola Ranger e as escolas
de operações especiais do Fort Bragg não era o mesmo que ser consi-
derado bom por um tipo qualquer do bar da esquina. Julho era
um tipo robusto e exigente, como todos eles.

E o mais inteligente?

Connolly. Esses tipos do SEJA são o mais. Os americanos
vamos um pouco em retaguarda. Mas aprenderemos lhe assegurou Vega . Não
se preocupe, Ding. Porá a tom conosco em uma semana ou

pouco mais. Igual a em Avermelhado.

Chávez não queria que lhe recordassem esse trabalho. Muitos amigos perdidos nas montanhas da Colômbia fazendo um trabalho que seu país jamais tinha reconhecido. Ver seus homens concluir o treinamento lhe disse muito a respeito deles. Se algum tinha errado um disparo, ele não se deu conta. Cada um disparou exatamente cem balas (era o regime diário padrão para homens que disparavam quinientas por semana de trabalho nos treinamentos de rotina). Amanhã começariam os exercícios mais específicos.

Está bem concluiu John , todas as manhãs às oito e quinze teremos uma reunião de equipe para tratar assuntos de rotina, e todas as sextas-feiras pela tarde uma mais formal. Minha porta está sempre aberta... e isso inclui a de minha casa. Moços, se me necessitarem, tenho telefone até na ducha. Agora quero sair e ver os atiradores.

Algo mais? Bom. Seguimos em contato.

Todos ficaram de pé e saíram em fila a Índia. Stanley ficou.

Esteve bem observou, servindo-se outra taça de chá . Especialmente tratando-se de alguém não acostumado à vida burocrática.

Dava um bom espetáculo? perguntou Clark com uma careta triste.

A gente é capaz de aprender algo, John.

Isso espero. A que hora começa o PT de amanhã?

OH, às seis e quarenta e cinco. Pensa correr e suar a gota gorda com os meninos?

Penso tentá-lo respondeu Clark.

Está muito velho, John. Alguns deles correm maratonas para divertir-se e você está mais perto dos sessenta que dos cinqüenta.

Ao, não posso estar ao mando dessa gente se não o tentar, e você o sabe.

Claro admitiu Stanley.

41

Despertaram tarde, de um em um, durante um período de aproximadamente uma hora. A maioria ficaram deitados nas camas e alguns foram ao banho. Ali encontraram Tylenol e aspirinas (para acalmar a enxaqueca que todos, sem exceção, padeciam) e também duchas. A metade deles decidiu tomar banho, a outra metade preferiu acontecê-lo por alto. Na habitação do lado havia um café da manhã que os surpreendeu: bandejas cheias de ovos fritos, panqueques, salsichas e pancelha. O pessoal de monitoro comprovou que alguns inclusive recordavam como usar o guardanapo.

Conheceram seu captor depois de tomar o café da manhã. Ofereceu-lhes

roupa poda, sempre e quando se higienizaram.

O que é este lugar? perguntou um deles, identificado pelo
equipe como Número 4. Obviamente não era uma dessas missões Bowery
com as que estava tão familiarizado.

Minha companhia está realizando um estudo disse o anfitrião detrás
sua ajustada máscara . E vocês, cavalheiros, serão parte desse é-
tudio. Permanecerão conosco durante um tempo. Terão camas
podas, roupas podas, boa comida, boa atenção médica, e dê-
lizó um painel na parede tudo o que queiram beber.

Em um oco da parede (que, notavelmente, os hóspedes ainda
não tinham descoberto) havia três prateleiras repletas de toda classe de
vinhos, cervejas e bebidas espirituosas comprados na licorería local.

Além disso havia copos, águas, misturadores e gelo.

Quer dizer que não podemos ir ?perguntou Número 7.

Preferiríamos que ficassem disse o anfitrião um tanto
evasivamente. Assinalou a profusão de álcool; seus olhos sorriam sobre a
máscara . Algum de vocês necessita um gole para abrir os olhos?

Resultou que não era muito cedo para nenhum deles: os
custosos bourbons e uísques desapareceram em um abrir e fechar de
olhos. A droga adicionada ao álcool era absolutamente insípida e todos
os hóspedes se dirigiram a suas camas. Cada cama tinha um televisor

perto. Outros dois decidiram utilizar as duchas. Três deles se barbearam e saíram do banho com aspecto de seres humanos. No momento. Na sala de monitoro, localizada ao meio edifício de distância, a Dra. Archer manipulava as múltiplos câmaras televisivas para obter primeiros planos de cada hóspede.

Todos entram no perfil observou . As análise de sangue devem ser desastrosos.

OH, sim, Barb coincidiu o Dr. Killgore . Número 3 se encontra em muito más condições. Crie que poderemos limpá-lo antes de que...?

Acredito que podemos tentá-lo disse Barbara Archer, DOUTOR EM MEDICINA . Não

podemos jogar muito com o critério do test, não?

42

Sim, e a moral cairá ao piso se deixamos morrer a um deles demasiado logo prosseguiu Killgore.

O homem é uma obra de arte citou Archer com um bocejo.

Não todos o somos, Barb sorrisita . Me surpreende que não tenham encontrado uma ou duas mulheres para o grupo.

A mim não replicou a feminista Dra. Archer para distração do cínico Killgore. Mas não valia a pena discutir. Apartou os olhos da bateria de

telas televisivas e recolheu o estúpido dos quartéis gerais da corporação. Os hóspedes deviam ser tratados como tais: terei que higienizarlos, alimentá-los e lhes oferecer toda a bebida que pudessem tolerar sem alterar a continuidade de suas funções corporais. Ao epidemiólogo o preocupava um pouco que todos suas hóspedes-conejillos de Índias fossem alcoólicos guias de ruas seriamente perturbados. Vêem-natalha residia, claro está, em que ninguém ia jogar os de menos, nem sequer seus supostos amigos. Muito poucos tinham familiares que soubessem onde buscá-los. Quase nenhum tinha a alguém que fora a surpreender-se se não o encontravam. E nenhum, julgou Killgore, tinha a ninguém que fora a notificar seu desaparecimento às autoridades pertinentes... e até-que milagrosamente isso acontecesse à polícia de Nova Iorque o im-levaria? Bastante improvável.

Não, todos suas hóspedes tinham sido apagados por sua sociedade, menos agressivamente mas tão definitivamente como os judeus eliminados pelo Hitler, embora com maior sentido de justiça, pensavam Archer e Killgore. O homem era uma obra de arte? Estes exemplares da espécie que se autodefinia feita a imagem e semelhança de Deus eram mais inúteis que os animais de laboratório aos que haviam reemplazado. E também menos atrativos para o Archer, que tinha simpatia por os coelhos e até pelos ratos. Ao Killgore parecia divertido. Não o

importavam ratos nem coelhos, ao menos como exemplares individuais. O que verdadeiramente importava era a espécie em sua totalidade, não? E no que concernia aos hóspedes ... bem, nem sequer eram bons espécimes de humanos, inferiores ao padrão dos que a espécie podia perfeitamente prescindir. Killgore sim o era. Archer também, a pesar de seus ramplonas opiniões político-sexuais. Uma vez esclarecido a respeito, retomou suas notas e logo revisou seus papéis. MANHÃ realizariam os exames físicos. Seria divertido, disso sim estava seguro.

43

CAPÍTULO 2

NOVAS RESPONSABILIDADES

As primeiras duas semanas foram bastante agradáveis. Chávez corria cinco milhas diárias sem cansar-se, realizava a quantidade exigida de flexões e abdominais com seus homens, e disparava melhor, tão bem como a metade deles, mas nunca como Connolly e o estadunidense Hank Patterson. Esses dois deviam ter nascido com pistolas nas berços, decidiu Ding logo depois de disparar trezentas balas por dia com a intenção de igualá-los. Talvez um armeiro pudesse melhorar sua arma. Corriam rumores de que os SEJA tinham um armeiro que tinha treinado com o muito mesmo Sam Colt. Talvez conviria aliviar e abrandar um

pouco o gatilho. Puro orgulho ferido. As pistolas eram armas secundárias. Com seus H&K MP-10, esses homens podiam plantar o conteúdo de três carregadores em uma cabeça se localizada a cinquenta metros de distância à mesma velocidade que a mente do Ding concebia a idéia de fazê-lo.

Eram assombrosos, os melhores soldados que tinha conhecido em sua vida... ou inclusive por hortelãs, admitiu para seus adentros, sentado em seu escritório e ocupando da odiado papelada. Grunhiu. Acaso havia alguém no mundo que não odiasse a papelada?

Os membros da equipe passaram uma surpreendente quantidade de tempo sentados frente a seus escritórios e lendo, principalmente Material de inteligência: onde se pensava que estava cada terrorista, según algum serviço de inteligência, departamento de polícia ou informam-pago-te. De fato, a informação que estavam estudando era praticamente inútil, mas era o melhor que tinham para quebrar a rotina diária. Também havia fotos dos terroristas internacionais sobrevivientes. Carlos o Chacal, já em seus cinquenta anos e encerrado em uma prisão francesa de máxima segurança, era o preferido de todos. Suas fotos, modificadas por computador para simular seu aspecto atual, foram comparadas com fotos recentes enviadas pelos franceses. Os membros da equipe dedicaram bastante tempo a memorizar todas as fotos dos terroristas porque, talvez, em uma noite escura e em um lugar

desconhecido, um raio de luz poderia revelar uma dessas caras... e só teriam uns segundos para decidir se lhe voar ou não a tampa dos miolos. Além disso, se a gente tinha a oportunidade de liquidar a outro Carlos Ilich Ramírez Sánchez, queria aproveitá-la, porque nesse caso, refletiu Ding, a gente seria logo tão famoso que já não poderia beber uma cerveja tranquilo em nenhum bar de policiais ou agentes especiais, em nenhum lugar do

44

mundo. O mau era que essa pilha de lixo acumulado sobre seu escritório não era realmente lixo depois de tudo. Se conseguiam apanhar ao próximo Carlos, seria porque algum policial local de São Pablo, Brasil, ou Bumfuck, Bosnia, ou onde fora teria obtido dados de um informante, ido ao lugar adequado e jogado uma olhada, e seu cérebro teria feito *clique recordando os inumeráveis folhetos e volantes que enchiam as* estações de polícia do mundo inteiro, e logo sua sabedoria guia de ruas o teria levado a decidir se apanhava ao terrorista in situ... ou, se a situação parecia muito densa, reportaria-se a sua tenente, e nesse caso, uma equipe especial como a do Ding se desdobraria discretamente e apanharia ao maldito, vivo ou morto, frente a sua esposa e seus filhos, se tinha-os, todos eles ignorantes da perigosa carreira de papai... e logo entraria em ação a CNN com suas câmaras procazes... Esse era o problema do trabalho de escritório. A gente começava a

sonhar acordado. Chávez olhou seu relógio, levantou-se, entrou no escritório de ao lado e entregou sua pilha de lixo ao Miss Moony. Esteve a ponto de perguntar se todos estavam preparados, mas deviam está-lo, porque a única pessoa que ficava já estava na porta. No caminho recolheu sua pistola e sua cartucheira. O próximo passo era o que os britânicos chamavam sala de batas , exceto não havia batas a não ser roupa de faina Negro carvão e coletes antibalas.

O Comando 2 já estava ali, a maioria vestidos desde uns minutos antes para a prática do dia. Os via frouxos, relaxados, são-renda. Alguns faziam brincadeiras livianas. Uma vez equipados foram a retirar seus SMG à sala de armas. Passaram sobre suas cabeças o cabe-trilho dobro, verificaram que o carregador estivesse cheio, voltaram para o CO-locarlo na culatra, puseram o seguro, e revisaram a arma para garantir sua adaptação às peculiaridades de cada atirador.

As práticas foram intermináveis, ou ao menos as fizeram render o mais possível durante essas duas semanas. Havia seis simulacros básicos que podiam desenvolver-se em diversos entornos. que mais odiavam sucedia no interior de um avião comercial. O único bom era o confinamento forçoso dos meninos maus... obviamente não podiam ir a nenhuma parte. O resto era péssimo. Numerosos civis na linha de fogo, bons esconderijos para os maus... e se um deles realmente levava

uma bomba atada ao corpo... quase sempre diziam levá-la... bom, em esse caso teria que ter Pelotas para detoná-la atirando da corda ou tocando o interruptor, e então, se o miserável era medianamente competente, todos os que foram a bordo estariam perdidos. Afortunadamente, eram poucos os que escolhiam morrer dessa maneira. Mas Ding e seu gente não podiam pensar assim. Os terroristas pareciam temer mais a captura que a morte... de modo que o disparo devia ser rápido e perfeito, e a equipe devia ingressar no avião como um voltado de meia-noite em Kansas, com os refletores acesos para reduzir aos bastardos a impossibilidade de combate, de modo tal que as metralhadoras apontaran a cabeças imóveis, e rogar a Deus que quão civis tentava

45

resgatar não se parassem e bloqueassem o polígono de tiro em que se havia transformado repentinamente o Boeing ou Airbus.

Comando 2, estamos preparados? perguntou Chávez.

Sim, senhor! responderam a coro.

Ding os guiou fora e os fez correr meia milha até o edifício de tiro. Foi uma carreira dura, distinta ao jogging veloz da prática diária. Johnston e Weber já estavam no teatro de operações, em rincões opostos da estrutura retangular.

Comando a Rifle Dois-E dois disse Ding pelo microfone incorpo-

rado a seu casco . Alguma irregularidade?

Negativo, Dois-E seis. Absolutamente nada informou Weber.

Rifle Dos-uno?

Seis replicou Johnston , vi mover uma cortina, mas nada mais. Os instrumentos indicam entre quatro e seis vozes dentro, falantes de inglês. Nada mais.

Entendido respondeu Ding. O resto da equipe se havia escondido detrás de um caminhão. Jogou uma última olhada ao plano do interior do edifício. O comando já estava ao tanto. Os atiradores conheciam o interior da estrutura o suficientemente bem para andar com os olhos fechados. Com isso em mente, fez-lhes gestos de avançar.

Paddy Connolly tomou a dianteira e correu para a porta. Apechegou-nas, soltou seu H&K e tirou o Primacord de seu colete. Aderiu o explosivo ao marco da porta e empurrou o capuz contra o extremo superior direito. Um segundo depois deu cinco passos à direita levando o detonador na mão esquerda. Com a direita aferrou seu SMG e a apontou ao céu.

OK, pensou Ding. É hora de mover-se.

Adiante! gritou.

Quando os primeiros homens deram a volta ao caminhão, Connolly pulsou o detonador. O marco se desintegrou e a porta voou para aden-

tro. O primeiro atirador, Mike Pierce, seguiu-a um segundo depois, desaparecendo no buraco fumegante seguido pelo Chávez.

Dentro estava escuro, a única luz provinha do vão da porta destroçada. Pierce escrutinou a habitação, comprovou que estava vazia, e passou a seguinte. Ding lhe adiantou, à frente de sua equipe...

... aí estavam, quatro brancos e quatro reféns...

Chávez empunhou seu MP-10 e disparou duas cargas silenciadas à cabeça do branco mais afastado. Deu-lhe exatamente entre os olhos pintados de azul. Logo cruzou à direita e viu que Steve Lincoln havia eliminado a seu homem tal como esta previsto. menos de um segundo depois se acenderam as luzes gerais. Tudo tinha terminado, si-lhe segundos depois da explosão do Primacord. Haviam programado o simulacro em oito segundos. Ding lhe pôs o seguro a sua arma. Carajo, John! disse-lhe à comandante do Rainbow.

Clark ficou de pé sonriéndole ao branco da esquerda, a menos do meio metro de distância. Os dois buracos do sobreceño significavam morte segura e foto instantânea. Não levava colete antibalas nem

46

amparo de nenhuma classe. Stanley, sentado no outro extremo da fila, tampouco. Mrs. Foorgate e Mrs. Montgomery sim. Elas ocupavam os assentos centrais. A presença das mulheres surpreendeu ao Chávez,

até que recordou que elas também integravam a equipe e provavelmente queriam demonstrar sua valentia. Teve que admirar o espírito de as fêmeas, embora não seu sentido comum.

Sete segundos. Bastante bem, suponho. Cinco seria melhor observou John, embora as dimensões do edifício haviam determinou a velocidade da equipe para cobrir distâncias. Revisou todos os blancos. o do McTyler tinha um só orifício, embora sua forma irregular provava que tinha disparado os dois carregadores segundo os parâmetros da prática. Qualquer deles se teria ganho um lugar seguro em o terceiro SOG e todos eram tão bons como ele mesmo o tinha sido, pensou para seus adentros. Bom, os métodos de treinamento haviam melhorado notavelmente desde sua temporada no Vietnam, não? Ajudou a Helen Montgomery a levantar-se. Parecia um pouco perturbada. Não era para assombrar-se. Um não pagava a sua secretária por colocar-se na olhe de um rifle.

encontra-se bem? perguntou John.

OH, muito bem, obrigado. Foi mas bem excitante. Foi meu primeira vez, sabe?

E meu terceira disse Alice Foorgate, levantando-se . Sempre é excitante adicionou com um sorriso.

Para mim também, pensou Clark. Por muita confiança que os tuvie-

ra ao Ding e seus homens, contemplar o cano de uma metralhadora Li-Viana e piscar sob os refletores lhe congelava um pouco o sangue. E a falta de amparo antibalas não era tão graciosa, embora ele a justificasse dizendo-se que devia ver melhor para detectar possíveis enganos. Não obstante, não tinha detectado nenhum. Esses tipos eram condenadamente bons.

Excelente disse Stanley desde seu posto Você, né... prosseguiu assinalando a um deles.

Patterson, senhor disse o sargento . Já sei, atrasei-me um pouco ao entrar . Se deu volta e viu que um fragmento do marco travava a entrada. Tinha estado a ponto de tropeçar com ele.

recuperou-se muito bem, sargento Patterson. Seu ânimo não se viu para nada afetado.

Não, senhor admitiu Patterson, sem sorrir de tudo.

O comandante da equipe se aproximou do Clark.

Conste que estamos em condições de enfrentar qualquer missão, Mr. C. disse Chávez com um sorriso confiado . E lhe diga aos moços maus que fiquem em guarda. Como andou o Comandante 1?

Dois décimos de segundo mais rápido replicou John, contente de ver desinflar-se um pouco ao diminuto líder do 2 . E obrigado.

por que?

47

Por não matar a seu sogro John aplaudiu o ombro e saiu de a habitação.

OK, moços começou Ding , veremos a filmagem e hare-mos críticas.

Não menos de seis câmaras de TV tinham gravado a missão. Stanley analisaria-a quadro por quadro. A análise seria festejada com uns goles no clube do Regimento 22. Ding já se deu conta de que os britânicos tomavam muito a sério o tema da cerveja... e Scotty McTyler podia arrojear dardos enquanto Homer Johnston disparava seu rifle. Era uma sorte de brecha no protocolo que Ding, suposto MA-yor, compartilhasse uma cerveja com seus homens, todos eles sargentos. Explicou-o dizendo que tinha sido um humilde sargento líder de escua-drón até desaparecer nas fauces da CIA e os entreteve com histórias de sua vida com os ninjas... histórias que seus subordinados escu-charon com uma mescla de respeito e diversão. Por muito boa que fora a 7ª Divisão de Infantaria, nunca seria tão boa como o C-2. Até Domingo teve que admiti-lo atrás de vários copos do John Courage. OK, Ao, o que opina? perguntou John. A licoreira de seu escritório estava aberta: um Scotch para o Stanley, um Wild Turkey para o Clark.

Dos moços? encolheu-se de ombros . Muito competente tecnicamente. Pontaria quase perfeita, preparação física adequada. Boa resposta aos obstáculos e o inesperado... e, bem, cabe destacar que não nos mataram na escuridão, verdade?

Mas? perguntou Clark com olhar inquisitivo.

Mas a gente não sabe nada até que passa algo de verdade. OH, sim, são tão bons como os É, mas os melhores são ex SEJA...

Pessimismo velho mundo, pensou John Clark. Esse era o problema

com os europeus. Careciam de otimismo e estavam acostumados a fixar-se no que podia

andar mal em lugar de bem.

Chávez?

Um tipo soberbo admitiu Stanley . Quase tão bom como Peter Covington.

Concedido admitiu Clark, sem lhe importar que fora seu genro.

Mas Covington tinha passado sete anos no Hereford. Em um par de meses

Ding alcançaria esse nível. Já estava bastante perto. tratava-se de com-

parar a quantidade de horas que tinham dormido e logo se trataria de

o que tinha tomado o café da manhã cada um. Em soma, pensou John, tinha a gente

adequada, treinada ao nível adequado. Quão único devia fazer era

mantê-los em forma. Treinar. Treinar. Treinar.

Nenhum deles sabia que a coisa já tinha começado.

Então, Dimitri disse o homem.

Sim? replicou Dimitri Arkadeyevich Popov, fazendo girar o
vodca no copo.

48

Onde e como começamos?

Ambos acreditavam haver-se conhecido por uma afortunada casualidade, embora por muito diferentes raciocine. Tinha ocorrido em Paris, em um café da rua, as mesas estavam muito perto umas de outras, um deles tinha advertido que o outro era russo e desejou fazer umas poucas perguntas a respeito da Rússia. Popov, ex-oficial da KGB em busca de oportunidades para ingressar no mundo capitalista, tinha decidido rapidamente que esse americano estava cheio de dinheiro e que portanto valia a pena conversar um pouco com ele. Respondeu suas perguntas aberta e claramente, levando-o a deduzir rapidamente sua anterior ocupação: suas habilidades lingüísticas (Popov falava correntemente inglês, francês e tcheco) ajudaram muito, ao igual a seu conhecimento do Washington DC. Popov não era diplomático e o fato de expressar suas opiniões de maneira aberta e franco tinha limitado sua promoção dentro da ex KGB soviética à fila de coronel... e ele ainda se considerava digno da hierarquia de um general. Como de costume, uma coisa levou a

outra, primeiro o intercâmbio de cartões, logo uma viagem aos EUA em primeira classe (Air France) como consultor de segurança e uma série de reuniões que avançaram sutilmente em uma direção que surpreendeu mais ao russo que ao americano. Popov o impressionou com seus conhecimentos sobre temas de segurança nas ruas de cidades estrangeiras e logo a conversação se orientou a outras áreas de experiência e destreza.

Como sabe tudo isto? perguntou o americano em seu oficina de Nova Iorque.

A resposta a sua pergunta foi um largo sorriso, estimulada por três vodcas dobre.

Conheço esta gente, é obvio. Vamos, você deve estar ao tanto do que fiz antes de abandonar meu país.

Trabalhou com terroristas? perguntou surpreso o estadunidense.

Popov teve que explicar suas atividades dentro do contexto ideológico apropriado:

Certamente recordará que para nós não eram terroristas.

Eram camaradas crentes na paz mundial e o marxismo-leninismo, camaradas soldados na luta pela liberdade humana... e, em honra a verdade, idiotas úteis, muito dispostos a sacrificar suas vidas a

mudança de quase nada.

Sério? perguntou o americano, novamente sorpren-

dido . Tivesse acreditado que os motivava algo importante...

Ah, claro que sim assegurou Popov , mas os idealistas são ideio-
lhas, não lhe parece?

Alguns o são admitiu seu anfitrião, lhe indicando que conti-
nuara.

acreditam-se toda a retórica, todas as promessas. Não se dá conta?

Eu também fui membro da Partida. Disse o que devia dizer, completei
as respostas, assisti aos mítines, paguei minhas obrigações com o Parti-

49

dou. Fiz tudo o que tive que fazer, mas em realidade pertencia à
KGB. Viajei ao estrangeiro. Vi como se vivia no Ocidente. Eu gostava
muito mais viajar ao estrangeiro por questões de, ah, negócios que
trabalhar no número duas da avenida Dzerzhinsky. Melhor comida,
melhores roupas, melhor tudo. A diferença desses jovencitos imbecis, eu
sabia qual era a verdade concluiu, levantando seu copo ao meio esvaziar.
Então, a que se dedicam agora?

escondem-se respondeu Popov . Quase todo o tempo. é-se-
conden. Alguns trabalham... provavelmente em tarefas menores, suponha-
go, apesar de sua educação universitária.

Pergunto-me... O olhar sonolento indicava que o estado-unidense estava um pouco ébrio, embora tão obviamente que Popov duvidou de sua autenticidade.

O que se pergunta?

Se seria possível contatá-los...

Quase seguro, se houvesse motivos para fazê-lo. Meus contatos se tocou a têmpora , bom, essas coisas não se evaporam. aonde queria *lle-gar?*

Bem, Dimitri, você sabe, até os cães de ataque têm seus costumes... e sua utilidade, e inclusive bastante freqüentemente, bem sorriso embaraçosa , você me entende...

Nesse momento, Popov se perguntou se os filmes diziam a verdêem. Os executivos americanos realmente planejavam assassinar a suas rivais e coisas pelo estilo? Parecia uma loucura... mas talvez as filmes não carecessem de base....

me diga prosseguiu o americano você trabalhou com essa gente... quero dizer, planejou algumas das missões que executaram?

Planejar? Não replicou o russo, negando com a cabeça . Os brindei ajuda, sim, sob diretivas de meu governo. Quase sempre atuei como correio.

Não tinha sido sua missão favorita. Essencialmente havia se dedica-

dou a entregar mensagens especiais a esses meninos perversos, mas o papel de carteiro se adaptava perfeitamente a suas impecáveis habilidades de campo e a sua capacidade de raciocinar quase com qualquer sobre qualquer coisa, já que os contatos eram muito difíceis de dirigir uma vez que decidiam fazer algo. Popov tinha sido agente encoberto, para utilizar a expressão vernácula ocidental, um oficial de inteligência realmente soberbo que jamais, até onde ele sabia, tinha sido identificado por nenhum serviço ocidental de contrainteligência. De outro modo, seu ingresso ao Aeroporto Internacional JFK não tivesse sido tão fácil.

Então, sabe como entrar em contato com essa gente?

Sim, sei como assegurou Popov.

Notável O americano ficou de pé . Bom, o que o parece se formos jantar?

Ao terminar o jantar, Popov ganhava 100.000 dólares anuais como consultor especial. O russo não podia deixar de perguntar-se em que terminaria seu novo trabalho, mas tampouco lhe importava muito. Cem mil

50

dólares não era uma cifra desprezível para um homem cujos gostos sofisticados necessitavam atenção.

Já tinham acontecido dez meses daquilo e o vodca seguia sendo bom.

Onde e como? sussurrou Popov. Divertia-o ver aonde havia chegado, e o que estava fazendo. A vida era tão estranha, e os caminhos que um tomava, e sobre tudo onde o levavam esses caminhos. Depois de tudo, só tinha estado essa tarde em Paris, matando o tempo e esperando encontrar-se com um ex-colega do DGSE . Já sabe quando?

Sim, tem a data, Dimitri.

Sei a quem ver e a quem chamar para pautar a reunião.

Deve fazê-lo pessoalmente? perguntou o americano.

Popov a considerou uma pergunta estúpida.

Sim, meu querido amigo risita amável , cara a cara. Essas coisas não se arrumam por fax.

É um risco.

Muito pequeno. Encontraremos-nos em um lugar seguro. Ninguém tomará fotografias. Além disso, só me reconhecerão por contra-senha e nomeie chave. Ah, e pelo dinheiro, é obvio.

Quanto?

Popov se encolheu de ombros.

OH, digamos quinhentos mil dólares? Em efetivo, é obvio.

Dólares americanos, Marcos alemães, francos suíços, isso dependerá da preferncia de... nossos amigos adicionou para esclarecer o panorama.

O americano riscou algo sobre um papel.

Com isto poderá conseguir o dinheiro disse lhe entregando a folha.

E assim começaram as coisas. A moral sempre tinha sido uma estrutura variável, já que dependia da cultura, as experiências e os princípios de cada indivíduo. No caso do Dimitri, sua cultura de origem tinha poucas regras rígidas ou inamovíveis, suas experiências haviam aproveitado essa carência, e seu princípio fundamental era ganhá-la vida...

Você sabe que isto suporta certo grau de perigo para mim e também sabe que meu salário...

Seu salário acaba de duplicar-se, Dimitri.

Sorriso franco.

Excelente.

Bom começo. Nem sequer a máfia russa era tão rápida em seus avanços.

Três vezes por semana praticavam pára-quedismo de uma plataforma a sessenta pés do chão. Uma vez por semana o faziam de verdade, lançando-se de um helicóptero do exército britânico. Ao Chávez não gostava de muito. A escola aérea era uma das poucas coisas que tinha evitado durante sua estadia no exército... o qual era bastante estranho, pensou. Fazia a escola Ranger como E-4 mas, por

uma ou outra razão, Fort Benning não tinha entrado em sua formação. Logo viria o melhor ou o pior. Seus pés descansavam sobre os patins. O helicóptero se aproximava do lugar de lançamento. Suas mãos enluvadas aferravam a soga (de cem metros de comprimento, em caso de que o piloto se confundisse). Ninguém confiava muito nos pilotos, até-que a vida de todos estava acostumado a depender deles. Este parecia muito bom.

Um poquito cowboy, talvez: na última parte do simulacro atravessaram uma brecha entre as árvores e as folhas de suas taças roçaram o uniforme do Ding, brandamente claro, mas em sua posição qualquer contato era decididamente mal recebido. O nariz subiu devido a uma poderosa manobra de freio dinâmico. Chávez endureceu as pernas e, quando o nariz baixou novamente, saltou. O truque era deter o descenso a pique a pouca distância do chão... e chegar ali o suficientemente rápido para não oferecer-se como branco pendente. Feito, seus pés tocaram a terra. Soltou a soga, aferrou seu H&K com ambas as mãos e avançou para o objetivo. Tinha sobrevivido a seu salto número 14 em pára-quedas, o terceiro de um helicóptero.

Seu novo trabalho tinha um aspecto deliciosamente contente, pensou enquanto corria. Era novamente um soldado de corpo inteiro, algo que tinha aprendido a amar e que suas obrigações na CIA lhe haviam

negado. Ao Chávez gostava de transpirar, desfrutava dos exercícios físicos do treinamento e, mais que nada, amava estar com outros homens que compartilhassem seus gostos. Era duro. Era perigoso: esse mês, todos os membros da equipe tinham sofrido feridas menores exceto Weber, que parecia ser feito de ferro e cedo ou tarde, depende as estatísticas, algum deles sofreria uma ferida maior, provavelmente uma perna rota durante as sessões de pára-quedismo. Delta estranha vez contava com uma equipe completa devido aos acidentes e feridas menores durante o treinamento. Mas o treinamento duro facilitava o combate. Tal era o lema de todos os exércitos competentes do mundo. Era um exagero, mas nem tanto. Olhou para trás desde seu posto coberto e viu todos os integrantes do Comando-2 em terra e em movimento... Vega incluído. Notável. Chávez sempre temia pelos tornozelos do Urso devido à enorme massa de seu corpo. Weber e Johnston corriam como flechas para seus postos levando seus rifles de olhe Telescópica especialmente fabricados. Os rádios incorporados aos cascos funcionavam por um sistema encriptado digitalizado que só os membros do Comando 2 podiam decifrar... Ding se deu volta e comprovou que todos estavam em seus postos, preparados para a próxima ordem e/ou movimento...

A Sala de Comunicações estava no segundo piso do edifício

que acabavam de remodelar. Possuía a quantidade acostumada de teletetrás para os distintos serviços mundiais de notícias, além de televisão para o CNN, Sky News e algumas outras emissoras. Todos os aparelhos eram fiscalizados por indivíduos a quem os britânicos chamavam

52

mentes , a sua vez fiscalizados por um oficial de inteligência de carreira. que estava de volta nesse momento era um americano da

Agência de Segurança Nacional, um major da Força Aérea que estava acostumado a

vestir roupas civis que não conseguiam dissimular sua nacionalidade nem seu profissão.

O maior Sam Bennett se aclimou a seu novo meio

ambiente. Sua esposa e filho não apreciavam excessivamente a televisão

local mas aprovavam o clima, e havia várias quadras de esportes de golfe decentes

bastante perto. Todas as manhãs corria três milhas para que os chismosos locais soubessem que não era um inútil total, e planejava sair a

caçar pássaros dentro de umas semanas. Pelo resto, emprestar serviço ali era muito fácil. O general isso Clark pensavam todos dele parecia bastante decente como chefe. Propugnava um estilo limpo e rápido, e

essa era a especialidade do Bennett. Tampouco era um grialhão. Bennett

tinha trabalhado para vários em seus doze anos de serviço uniformizado. E

Bill Tawney, chefe da equipe de inteligência, era o melhor que havia visto em sua vida: sereno, reflexivo e inteligente. Tinha compartilhado várias cervejas com ele nas últimas semanas, falando de nada no Clube de Oficiais do Hereford.

Mas esta classe de serviço era aborrecida a maior parte do tempo. Tinha trabalhado no subsolo do Centro de Vigilância do NSA, uma sala enorme de cubro sob cheia de minitelevisores e impressoras que produziam um zumbido constante, capaz de enlouquecer a qualquer em as largas noites de vigilância sobre o maldito mundo. Pelo menos os britânicos não tinham essa política de fechamento contra as abelhas operárias. Resultava-lhe fácil levantar-se e caminhar um pouco. O pessoal era jovem. Só Tawney superava os cinqüenta, e ao Bennett também gostava disso.

Maior! chamou uma voz de uma das novas impressoras .

Temos um caso de reféns na Suíça.

Serviço? perguntou Bennett, aproximando-se.

Agencia France-Press. É um banco, um maldito banco informo o cabo. Bennett se inclinou para ler o impresso... mas não pôde: não sabia francês. O cabo sim sabia e traduziu ao vôo. Bennett levantou o telefone e tocou um botão.

Senhor Tawney, temos um incidente na Berna. Um grupo de

criminais tomou a casa central do Banco Comercial. Há alguns civis apanhado-lhes dentro.

Que mais, maior?

No momento nada mais. A polícia já está ali, evidentemente-lhe.

Muito bem. Obrigado, maior Bennett Tawney cortou a comunicação e abriu uma gaveta de seu escritório, de que retirou um livro muito especial. Ah, sim, conhecia esse tipo. Chamou à embaixada britânica em Genebra . Com o Sr. Gordon, por favor lhe pediu à operadora.

Fala Gordon disse uma voz poucos segundos depois.

Dennis, sou Bill Tawney.

53

Bill, fazia tempo que não tinha notícias tuas. No que te posso ajudar? perguntou Gordon com tom agradado.

Banco Comercial da Berna, casa central. Aparentemente há uma situação de reféns. Quero que a avalie e me informe.

Quais são nossos interesses, Bill?

Temos um... um acordo tácito com o governo suíço. Se a polícia local não pode dirigir um caso, nós provemos assistência técnica parcial. Quem tem conexões com a polícia local na embaixada?

Tony Armitage, Ex-Scotland Yard. Bom elemento para crimes financeiros e coisas pelo estilo.

Leva-o contigo ordenou Tawney . me Informe assim que tenha-
gás algo lhe deu seu número.

Muito bem de todos os modos, era uma tarde bastante aborrecida em
Genebra . Me levará umas horas.

E provavelmente não dará nenhum resultado, ambos sabiam.

Estarei neste número. Obrigado, Dennis.

Tawney cortou, saiu de seu escritório e foi acima, a olhar TV.

Atrás do edifício onde funcionavam os Quartéis Gerais do
Rainbow havia quatro antenas via satélites que recebiam informação de
satélites de comunicação localizados sobre o Equador. Um simples che-
queo lhes permitiu averiguar qual deles captava as transmissões
via satélites da TV a Suíça. Como na maioria dos países, também em
Suíça era mais fácil entrar e sair de um satélite que utilizar cabos lhe-
restres coaxiais. Poucos segundos depois recebiam notícias diretas de
a estação local. Nesse momento só contavam com uma câmara. A
tela mostrava o exterior de um edifício institucional: os suíços tenha-
dían a desenhar seus bancos como se fossem castelos urbanos, embora com
um toque caracteristicamente germânico que lhes outorgava um aspecto
poderoso e lhe rechacem. O repórter estava falando com sua estação, não

ao público. O intérprete se encarregava de traduzir.

Não, não tenho idéia. A polícia ainda não falou conosco

prosseguiu o intérprete com seu aborrecido tom monocórdio. Nesse momento apareceu outra voz na linha . Camarógrafo disse o intérprete parece-te um camarógrafo... há algo...

A câmara se aproximou e enfocou uma forma, uma figura humana que levava algo sobre a cabeça, uma máscara...

Que classe de arma é essa? perguntou Bennett.

Tcheca 58 respondeu Tawney no ato . Isso parece. O camarógrafo é muito bom.

O que disse? Esse foi o estudo ao repórter prosseguiu o intérprete, quase sem olhar a tela . Não sei, o ruído me impediu escutar. Gritou algo, não escutei o que. OH, bom: Quanta gente? Não é-toy seguro, o Watchmeister disse que havia mais de vinte pessoas dentro entre empregados e clientes do banco. Fora só estamos meu camarógrafo e eu, e aproximadamente quinze policiais. Virão mais em caminho, suponho , resposta da estação. A transmissão de áudio

54

emudeceu. A câmara se apagou e o zumbido no áudio lhes indicou que o camarógrafo estava trocando de lugar, feito que foi confirmado pela imagem tomada desde outro ângulo que apareceu em tela poucos

segundos depois.

O que acontece, Bill? Tawney e Bennett se deram volta e viram John Clark a suas costas . Devi falar contigo, mas sua secretária disse que tínhamos uma situação em florações.

É possível replicou Tawney . A estação Six de Genebra acaba de enviar dois homens para avaliá-la. Temos esse acordo com o governo suíço, em caso de que decidam invocá-lo. Isto está saindo por televisão comercial, Bennett?

O aludido negou com a cabeça.

Não, senhor. por agora o mantêm em segredo.

Muito bom opinou Tawney . Os quais estão à frente do equicorreio, John?

Comando 2, Chávez e Price. Neste momento estão terminando uma prática liviana. Quanto demoraremos para declarar o estado de alerta?

Poderíamos fazê-lo já mesmo respondeu Bill, embora provavelmente se tratasse só de um assalto fracassado a um banco. Na Suíça também havia ladrões, não?

Clark tirou uma mini-radio do bolso e a ativou.

Chávez, aqui Clark. Price e você devem reportar-se a comunicações agora mesmo.

Vamos em caminho, Six respondeu Ding.

Não sei o que está acontecendo lhe comentou Ding a seu sargento maior.

Nas últimas três semanas tinha aprendido que Eddie Price era o melhor soldado que tivesse podido encontrar: sereno, inteligente, repousado e com muita experiência de campo.

Logo saberemos, senhor respondeu Price. Sabia que os oficiais recue precisavam falar de certas coisas. E acabava de comprová-lo. Quanto tempo estive no exército, Eddie?

Quase trinta anos, senhor. Arrolei-me muito jovem... aos quinze anos. No Regimento de Pára-quedismo disse, prosseguindo para evitar a seguinte pergunta . Me integrei a SEJA aos vinte e quatro, e desde então estou aqui.

Bem, sargento maior, alegra-me o ter comigo disse Chávez entrando no automóvel para ir aos Quartéis Gerais.

Obrigado, senhor replicou Price. Este Chávez é um tipo decente, pensou, e talvez um bom comandante... embora isso está por ver-se. Ele também tinha perguntas para fazer, mas não, isso não se acostumava verdade? Bom como era, Price ainda não sabia quase nada a respeito de os militares americanos.

Teria que ser oficial, Eddie, pensou Ding, mas não o disse. Em
EUA o tivessem arrancado de sua unidade sem lhes importar que chi-
55

llara ou esperneasse para enviá-lo ao OCS, provavelmente com uma graduación universitária adquirida pelo exército no caminho. Outra cultura, outras regras, pensou Chávez. Bem, graças a isso contava com um sargento endiabladamente bom a suas costas. Dez minutos depois estacionou na praia do fundo e entrou em edifício, onde seguiu as indicaciones para chegar a Comunicações.

Né, Mr. C. o que passa?

É provável que tenhamos trabalho para sua equipe, Domingo.

Berna, Suíça. Assalto frustrado a um banco, situação de reféns. É tudo o que sabemos por agora Clark assinalou as telas. Chávez e Price se fizeram de um par de cadeiras giratórias antes de aproximar-se. Embora mais não fora, serviria como prática de alerta. Balance-os-nismos projetados começavam a funcionar. No primeiro piso já há-bían conseguida passagens em não menos de quatro vôos desde o Gatwick a Suíça, e dois helicópteros foram rumo ao Hereford para transladar homens e equipes ao aeroporto. British Airways já sabia que devia aceitar carga selada: inspecioná-la para o voo internacional só serviria para alterar às pessoas. Se o alerta prosseguia, os membros do Comando 2 vestiriam de civil: traje e gravata. Ao Clark parecia um tão excessivo. Não era tão fácil obter que os soldados parecessem banqueiros, verdade?

Neste momento não passa nada disse Tawney . Sam, poderia passar as filmagens prévias?

Sim, senhor O maior Bennett selecionou uma e a ativou por isotrol remoto.

Tcheca 58 disse Price imediatamente . Nenhuma cara?

Não, isso é quão único temos dos sujeitos replicou Bennett.

Arma estranha para ladrões comentou Price. Chávez girou a cabeça. Essa era uma das coisas que lhe faltavam aprender sobre Europa. Bom, ali os delinquentes não usavam rifles de assalto.

Isso pensava eu disse Tawney.

Arma terrorista? perguntou-lhe Chávez a seu XO.

Sim, senhor. Os tchecos entregaram muitas. Muito compacta, como pode ver. Só vinte e cinco polegadas de longitude, fabricada pelo Uhersky. Carregador soviético Sete-ponto-seis-dos/treinta-nove. Totalmente automática, com seletor. É estranho ver essa arma estranha em mãos de um bandido suíço assinalou Price uma vez mais.

por que? perguntou Clark.

Na Suíça fabricam armas muito melhores que essa, senhor... para que os civis soldados as guardem no roupeiro, já vê. Não seria difícil roubar umas quantas.

O edifício se sacudiu pelo som dos helicópteros que acababan de aterrissar. Clark olhou seu relógio e assentiu agradado.

O que sabemos da vizinhança? perguntou Chávez.

Estamos trabalhando nisso, moço respondeu Tawney .

Até o momento, só o que transmite a TV.

A tela mostrava uma rua comum, nesse momento sem tran-

sito vehicular devido a que a polícia local tinha desviado carros e automóvel-ônibus. Pelo resto, edifícios ordinários de alvenaria bordeando uma comum e silvestre rua de cidade. Chávez olhou ao Price, que não apartava os olhos das imagens que estavam vendo... Já eram dois, porque outra emissora a Suíça tinha enviado suas câmaras e ambos os sinais estavam sendo pirateadas pelo satélite. O tradutor seguiu traduciendo os comentários de camarógrafos e repórteres a suas respectivas estaciones. Diziam muito pouco, e a metade eram tolices semelhantes às que dizem-se de um escritório a outro em um escritório. de vez em quando, alguma das câmaras captava o movimento de uma cortina, mas isso era tudo. Provavelmente a polícia está tentando comunicar-se por teléfono com nossos amigos. Querirão falar com eles, fazê-los entrar em razão, o de sempre disse Price, compreendendo que era o que mais experiência prática tinha entre os presentes. Outros conheciam a teoria, mas a teoria não sempre alcançava . Em meia hora saberemos se for ou não uma missão para nós.

Os policiais suíços são buenos? perguntou Chávez.

Muito bons, senhor, mas não têm muita experiência com situaciones sérias de reféns...

Por isso temos um acordo com eles demarcou Tawney.

Sim, senhor Price se respaldou na cadeira, colocou a mão no bolso e tirou sua pipa . Os molesta se fumar?

Clark negou com a cabeça.

Aqui não praticamos o nazismo sanitário, sargento maior disse . O que é, a seu entender, uma situação de reféns séria ?

Criminais comprometidos, terroristas Price se encolheu de ombros . Tipos o suficientemente estúpidos para pôr seus vidá sobre a mesa de jogo. A classe de tipos capazes de matar aos reféns para demonstrar quão resolvidos são A classe de tipos aos *que nós perseguimos e matamos. Price não teve necessidade de agregar isto último.*

Era um desperdício tanto cérebro reunido para não fazer nada, pensou John Clark. Especialmente no caso do Bill Tawney. Mas carecendo de informação era difícil emitir pronunciamentos pontifícios. Todos os olhos estavam fixos nas telas de televisão, que mostravam muito pouco, e Clark tirou o chapéu sentindo saudades o bate-papo inane que um espera

dos jornalistas televisivos, sempre dispostos a encher o silêncio com palavras vazias. O único interessante foi quando disseram que estavam tentando falar com a polícia local, mas que os policiais não diziam nada, salvo que estavam tratando de entrar em contato com os maus de

o filme, até o momento sem êxito. Devia ser mentira, mas supuestamente a polícia devia lhes mentir aos meios e ao público em casos como este... porque qualquer terrorista medianamente competente teria um televisor consigo. Alguém se inteirava de muitas coisas olhando a televisão; de outro modo, Clark e seus subordinados hierárquicos não estariam paralisados frente às telas, não?

O protocolo era simples e complexo de uma vez. Rainbow tinha um acuer-

57

dou com o governo suíço. Se a polícia local não podia controlar uma situação iria ao governo do cantão, que a sua vez decidiria se acudir ou não ao governo nacional central, cujos funcionários ministeriais chamariam ao Rainbow chegado o caso. O mecanismo completo tinha sido estabelecido meses atrás como parte do mandato da agência que agora dirigia Clark. O chamado de ajuda se realizaria através do Ministério do Exterior britânico no Whitehall, junto às bordas do Támesis em Londres. Ao John parecia um inferno burocrático, mas não havia maneira de evitá-lo. Uma vez feito o chamado as coisas se simplificaban um pouco, pelo menos no aspecto administrativo. Mas os suíços não lhes diriam nada até que se efetuasse o bendito chamado.

Logo depois de uma hora de vigília televisiva, Chávez se retirou a pôr em Alerta ao Comando 2. Os soldados tomaram com calma e prepa-

raron a equipe necessária, que não era muito. Cada um deles começou a receber as imagens televisionadas em seu escritório e Chávez voltou para Comunicações enquanto os helicópteros repousavam ociosos sobre o heliporto próximo à área do Comando 2. O Comando 1 Também entrou em alerta, se por acaso os helicópteros que trasladavam ao C-2 a Gatwick se estrelavam. Os procedimentos tinham sido exaustivamente planejado-lhe... salvo pelos terroristas, pensou John.

Na tela, os policiais foram de um lado a outro, espectadores.

Bons polícias ou não, não estavam preparados para uma situação como essa, e embora tinham considerado a possibilidade todo mundo civilizado o tinha feito, tinham-na tomado tão a sério como os policiais de digamos Boulder, Avermelhado. Jamais tinha passado algo semelhante na Berna, e até que não passasse não formaria parte da cultura corporativa da polícia local. Eram pontos muito importantes para que Clark e seus homens não os tivessem em conta. A polícia alemã competente como poucas no mundo tinha impedido o resgate de os reféns no Fürstentfeldbrück, não porque fossem maus policiais a não ser porque era sua primeira vez, e devido a isso alguns atletas israelenses não haviam tornado das Olimpíadas do Munich em 1972. O mundo havia aprendido a lição, mas até que ponto? Clark e seus homens não deixavam de perguntar-lhe todo o tempo.

As telas mostraram pouco mais que uma rua de cidade vazia durante a seguinte meia hora, mas logo apareceu um policial de alto fila com um telefone celular. Ao princípio sua linguagem corporal era plácido, mas logo começou a trocar. Apertava o telefone contra sua orelha, como querendo meter-se dentro. Fazia gestos imperiosos com a mão livre, como se falasse cara a cara com seu interlocutor.

Algo anda mal observou o Dr. Paul Bellow. Não foi uma surpresa para ninguém, menos para o Eddie Price, quem se ergueu em sua cadeira e chupou sua pipa sem dizer uma palavra. Negociar com tipos como os que contro-

labam o banco era uma pequena forma de arte, uma arte que o superintendente de polícia da tela qualquer fora sua fila toda-via devia aprender. Más notícias, pensou Price, para um ou mais clientes do banco.

58

Isso foi um disparo? disse o tradutor, repetindo as palavras de um repórter.

OH, carajo comentou Chávez entre dentes. A situação havia piorado.

menos de um minuto depois, abriu-se uma das portas de vidro do banco e um homem vestido de civil arrastou um cadáver até a

vereda. Aparentemente era um homem, mas sua cabeça enfocada de perto por ambas as câmaras se transformou em uma relatório massa avermelhada. O civil arrastou o corpo até a rua e ficou um momento imóvel.

Mais à direita, a sua direita, pensou Chávez para induzi-lo. De algum modo o obteve, porque o desconhecido de sobretudo cinza ficou quieto vários segundos olhando para baixo e logo furtivamente dirigiu-se à direita.

escutam-se gritos no interior do banco prosseguiu o intérprete.

Mas, quem quer que tivesse gritado, cometeu um engano. O civil girou a sua direita, afastando-se da porta dobro do banco, e se agachou junto aos enormes ventanales de vidro polarizado. Era impossível ver o do interior do edifício.

Bom movimento, velho comentou Tawney serenamente . Agora, vejamos se a polícia pode te fazer sair.

Uma das câmaras enfocou à polícia de maior fila, parado em meio da rua com seu telefone celular e fazendo gestos frenéticos a os civis para que se agachassem. Valente ou estúpido, impossível saber-o. Mas o policial retornou lentamente à fileira de patrulheiros... sem que ninguém lhe disparasse do banco. As câmaras voltaram para civil

escapado. Outros policiais tinham chegado ao flanco do edifício e o indicaron que seguisse agachado e se arrastasse até eles. Uniformiza-os-
dois tinham metralhadoras. Sua linguagem corporal era tensa e frustrada. Um deles contemplou o cadáver atirado na vereda e os do Hereford puderam traduzir facilmente seus pensamentos.

Senhor Tawney, tem um chamado por linha 4 anunciou o intercom. Tawney caminhou até o telefone e apertou o botão adequado.

Fala Tawney... ah, sim.... Dennis....

Sejam quem seja, acabam de assassinar a um tipo.

Vimo-lo por televisão pirata O qual significava que a viagem do Gordon a Berna era uma perda de tempo... mas não, não o era, verdade? Tem contigo ao Armitage?

Sim, Bill, agora mesmo falará com sua polícia.

Excelente. Esperarei.

Como se lhe tivessem dado o pé, a câmara mostrou a um homem de civil aproximando-se da polícia de maior fila. Mostrou-lhe sua identificação, falou brevemente com ele e desapareceu pela esquina.

Aqui Tony Armitage. Quem fala?

Bill Tawney.

59

Bom, se conhecer o Dennis, suponho que é um Six. O que posso

fazer por você, senhor?

O que lhe disse a polícia? Tawney ativou o speaker.

foram consultar ao cantão.

Mr. C.? disse Chávez sem mover-se de sua cadeira.

Avisa aos helicópteros que acendam os motores, Ding. Irã a

Gatwick. Ali esperarão instruções.

Entendido, Mr. C. Comando 2, em marcha.

Chávez baixou as escadas seguido pelo Price. Saltaram ao automóvel e chegaram ao edifício do C-2 em menos de três minutos.

Moços, se olharam a televisão já sabem o que acontece. Selem, vamos em helicóptero ao Gatwick.

Não tinham chegado à porta quando um valente polícia suíço resgatou ao civil são e salvo e o levou até um carro que saiu disparado. Novamente, o importante foi a linguagem corporal. Os policiais, até o momento quase informais, modificaram sua atitude. A maioria agachou-se detrás dos patrulheiros, arma em mão, tensos mas ainda inseguros respeito a seus próximos passos.

A partir de agora sairão pela rede de televisão anunciou

Bennett . Sky News o transmitirá em uns segundos.

Suponho disse Clark . Onde está Stanley?

No Gatwick disse Tawney. Clark assentiu. Stanley viajaria com

o Comando 2 em caráter de comandante de campo. O Dr. Paul Bellow também iria com eles. Viajaria no mesmo helicóptero que Chávez e Stanley e os assessoria sobre o aspecto psicológico da situação táctica. Quão único ficava por fazer era pedir café e alimento sólido, coisa que fez. Logo aproximou uma cadeira e se sentou frente aos televisores.

60

CAPÍTULO 3

GNOMOS E ARMAS

A viagem em helicóptero durou exatamente vinte e cinco minutos, e depositou ao Comando 2 e seu equipamento no setor geral de aviação do aeroporto internacional. Duas caminhonetes os estavam esperando. Chávez observou a seus homens carregar as equipes em uma delas para transladá-los ao terminal da British Airways. Ali os esperavam alguns policiais, quem fiscalizou o ingresso da caminhonete em um container de carga... que seria o primeiro em sair do avião apenas acima-ran a Berna.

Mas primeiro deviam esperar a ordem de começar a missão.

Chávez tirou seu celular, abriu-o e apertou o número 1 de discado rápido.

Clark disse uma voz, uma vez atravessado o encriptado software.

Fala Ding, John. Já chegou o chamado do Whitehall?

Ainda estamos esperando, Domingo. Não acredito que demorem mu-

cho. O cantão chutou o problema para cima. Agora o estão analisando no Ministério de Justiça.

Bem, lhes diga a esses importantes cavalheiros que este vôo fecha suas portas em dois-e zero minutos e que o próximo sairá logo dentro de noventa minutos, a menos que queira que viajemos pelo Swissair. Nesse caso, há um em quarenta minutos e outro dentro de uma hora quinze.

Entendo-te, Ding. Temos que esperar.

Chávez amaldiçoou em espanhol. Já sabia. Mas não tinha porquê gostarle.

Entendido, Six, o C-2 esperará no Gatwick.

Entendido, C-2, Rainbow Six, fora.

Chávez fechou o telefone e o deixou cair no bolso de sua camisa.

Bom, gente disse sobre o rugir dos motores , esperar-mos aqui a ordem de avançar.

Os soldados assentiram. Estavam tão ansiosos como seu chefe por começar, mas igualmente impotentes frente à situação. Os membros britânicos da equipe já tinham acontecido antes por isso e tomaram muito melhor que os americanos e outros.

Bill, avisa ao Whitehall que temos vinte minutos para tirá-
os daqui, ou se não uma hora de demora.

Tawney assentiu e foi chamar a seu contato no Ministério do
Exterior do telefone do rincão. De ali chamaram o embaixador
britânico em Genebra, quem foi informado que o SEJA tinha devotado
uma missão especial de assistência técnica. Era estranho que o Ministério
do Exterior suíço soubesse mais que o homem que tinha feito o ofereci-
mento. Mas, notavelmente, a resposta chegou em quinze minutos: Já.
aprovaram a missão, John informou Tawney, bastante irma-
aceso.

Perfeito Clark abriu seu celular e tocou o botão 2 de discado
rápido.

Chávez.

Podemos iniciar a missão disse Clark . Reconhecimento.

Comando 2 cópia início de missão. Comando 2 em marcha.

Afirmativo. Boa sorte, Domingo.

Obrigado, Mr. C.

Chávez olhou a seus homens e levantou e baixou o braço rapidamente,
gesto conhecido por todos os exércitos do mundo. Todos entraram na
caminhonete atribuída para percorrer a rampa do Gatwick. O veículo se
deteve frente à porta de carga do voo. Chávez pediu a um poli-

recua que se aproximasse e permitiu que Eddie Paz desse a ordem de trasladar a carga especial ao Boeing 757. Feito isto, a caminhonete avançou uns metros até a escada e o Comando 2 subiu ao avião. Um oficial de polícia sustentava aberta a porta da cabine de mando, desde donde abordaram normalmente o avião. Entregaram-lhe suas passagens à aeromoça e ela os acompanhou a seus assentos em primeira classe. O último em entrar foi Tim Noonan, o mago técnico da equipe. Para nada um envelhecido nerd, Noonan tinha desempenhado um rol defensivo no Stanford antes de unir-se ao FBI e se treinava com armas para encaixar na equipe. Alto e pesado, era mais corpulento que a maioria dos atiradores do Ding embora muito menos rude que qualquer deles. Noonan teria sido o primeiro em admiti-lo. Não impedem-lhe, era um bom atirador com pistola e MP-10 e estava aprendendo o linguagem. O Dr. Bellow ocupou seu assento junto à janela logo depois de tirar um livro de sua bagagem de mão. tratava-se de um volume de sociopatía escrito por um professor do Harvard com quem havia estudou uns anos atrás. O resto dos C-2 se recostaram em seus assentos, folheando ao descuido as revistas da bordo. Chávez olhou a seu alrededor e comprovou que sua equipe não parecia para nada tenso. Ao mesmo tempo, surpreendia-o e envergonhava estar tão nervoso. O capitão de a aerolinha fez seus anúncios e o Boeing se afastou da porta e carreteó

para a pista. Cinco minutos depois separou. O Comando 2 já ia rumo a sua primeira missão.

62

No ar reportou Tawney . A aerolinha espera um vôo tranquilo e atracar a destino dentro de... uma hora quinze minutos.

Grandioso observou Clark. A cobertura televisiva havia alcançado seu ponto culminante. As duas emissoras suíças transmitiam constantemente imagens matizadas por comentários de jornalistas in situ.

Isto tinha aproximadamente a mesma utilidade que um show da NFL antes da partida, embora os porta-vozes da polícia tinham começado a falar com a imprensa. Não, não sabiam quem estavam dentro. Sim, haviam falado com eles. Sim, as negociações estavam em marcha. Não, não poderiam dizer nada mais a respeito. Sim, manteriam à imprensa ao tanto.

Ao diabo, pensou John. Sky News transmitiu a mesma cobertura, e ao pouco momento as redes CNN e Fox emitiram breves resenhas a respeito, incluindo é obvio a primeira vítima e a fuga de que havia miserável o cadáver à rua.

Negócio desagradável, John disse Tawney, bebendo uma taça de chá.

Clark assentiu.

Suponho que sempre o são, Bill.

Claro.

Nesse momento entrou Peter Covington, arrastou uma cadeira giratória e se sentou junto a eles. Seu rosto permanecia neutro, embora devia estar molesto porque seu comando não tinha ido, pensou Clark. Mas a disponibilidade rotativa dos comandos estava gravada em pedra ali como em todas partes, tal como devia ser.

Idéias, Peter? perguntou Clark.

Não particularmente brilhantes. Mataram a esse pobre tipo à tarde cedo, verdade?

Adiante disse John, lhes recordando que era novo no negócio.

Quando um arbusto a um refém transpassa um limite grande e dêem-sou, senhor. Uma vez que o transpassa, não pode retroceder facilmente, não?

Então, você trataria de evitá-lo?

Trataria. Isso faz que para a outra parte seja muito difícil fazer concessões, e a gente necessita muitíssimo essas concessões se quer sair-se com a sua... a menos que você saiba algo que seus oponentes desconocen. Bastante improvável em uma situação como esta.

Pedirão um veículo para escapar... um helicóptero?

Provavelmente assentiu Covington . o Irã a um aeroporto, um avião comercial os estará esperando, tripulação internacional... mas

a que destino? Líbia talvez. Mas Líbia os deixará entrar? aonde mais poderiam ir? A Rússia? Não acredito. O vale da Bekka em Líbano é um lugar possível, mas os aviões comerciais não aterrissam ali. O único sensato que têm feito até o momento é não revelar suas identidades à polícia. incomodaria-se em averiguar se o refém que escapou obteve lhas ver as c aras? Covington sacudiu a cabeça.

63

Não são amateurs objetou Clark . Suas armas indicam certo grau de treinamento e profissionalismo.

Covington assentiu satisfeito.

É certo, senhor, mas para nada brilhante. Não me surpreenderia me inteirar de que roubaram dinheiro como ladrões vulgares. Terroris-treinado-lhas, pode ser... mas não bons terroristas.

*E que demônios é um bom terrorista? perguntou-se John. Indu-*davelmente, um término de arte que deveria aprender.

O vôo da British Airways aterrissou dois minutos antes do previsto e carreteó até a porta de desembarque. Ding tinha falado toda a viagem com o Dr. Bellow. A psicologia do assunto era o buraco negro de sua preparação e teria que aprender a tampá-lo... logo. Isto não era como ser soldado: a psicologia desse trabalho imaginar o que pensava fazer o inimigo com seus batalhões era dirigida pelos

gerais a maior parte do tempo. Isto era combate a nível escuadrón mas com toda classe de elementos novos e interessantes, pensou Ding afrouxando seu cinto de segurança antes de que o avião deixasse de mover-se. Mas ambas as coisas convergiam no último comum denominador: aço contra o branco.

Se desperezó e foi para a saída com expressão neutra. Saiu entre dois civis comuns que provavelmente o considerariam um homem de negócios pelo traje e a gravata que levava postos. Talvez deveria comprar um mais elegante em Londres, pensou ociosamente, para encarar melhor na identidade que seus homens e ele deviam adotar quando viajavam. uma espécie de chofer os estava esperando com um pôster em alto. Chávez se aproximou dele.

Está-nos esperando?

Sim, senhor. Desejam me acompanhar?

O Comando 2 o seguiu pelo anônimo corredor e ingressou no que parecia uma sala de conferências com duas portas. junto a uma delas havia um policial uniformizado... de alta fila, a julgar por seus jinetas.

Você é... começou a dizer.

Chávez Ding lhe tendeu a mão . Domingo Chávez.

Espanhol? perguntou o policial, bastante surpreso.

Americano. E você, senhor?

Marius Roebling replicou o outro quando os membros do CO-mando terminaram de entrar e fecharam a porta . me Acompanhem, por favor.

Roebling abriu a porta do fundo, que dava a uma escada. Um minuto depois estavam em um minibus rumo à auto-estrada. Ding se deu volta e viu um caminhão que provavelmente trasladava suas equipes.

Bom, o que pode me dizer?

São quatro, falam alemão, aparentemente é sua língua materna pela pronúncia e outros detalhes lingüísticos. Utilizam armas tchecas e não parecem resistentes às disparar.

64

Sim, senhor. Quanto demoraremos para chegar? Meus homens poderão trocar-se de roupa?

Roebling assentiu.

Tudo está arrumado, maior Chávez.

Obrigado, senhor.

Posso falar com o homem que escapou? perguntou Bellow.

Tenho ordens de cooperar com vocês em tudo... dentro de limites razoáveis, é obvio.

Chávez se perguntou o que significaria isso, mas decidiu averiguá-lo ao seu devido tempo. Não podia culpá-lo por lamentar que um comando de

estrangeiros tivesse que fazer respeitar as leis em seu país. Mas eram os proverbiais prós do Dover, e assim era a coisa... seu próprio governo o havia dito. Ding pensou que a credibilidade do Rainbow estava agora sobre suas costas. deu-se volta para olhar a sua gente. Seria espantoso envergonhar a seu sogro, a seu comando e a seu país. Eddie Price levantou os polegares. Acaso lhe teria lido o pensamento? Bom, pensou Chávez, ao menos um de nós pensa que estamos em condições de *fazê-lo. Anos atrás tinha aprendido nas montanhas da Colômbia que* era diferente no campo. Quanto um mais se aproximava da linha de fogo, mais diferente era. Lá fora não havia sistemas laser que informaran quem tinha morrido. O sangue derramado se encarregava de anunciar-ló. Mas seus homens eram treinados e experimentados, especialmente o sargento maior Edward Price.

Quão único devia fazer era guiá-los na batalha.

A uma quadra do banco havia uma escola secundária. O minibus e o caminhão estacionaram frente ao edifício e o C-2 ingressou na área do ginásio, protegida por dez policiais uniformizados. Os homens se CAMBIARON de roupa no vestuário e voltaram para ginásio, onde Roebbing esperava-os com um objeto adicional: pulôveres, negros como seu vestimental de assalto. Tinham a palavra POLIZEI impressa em letras douradas

(não amarelas, como era costume) no peitilho e as costas. Sofisticación a Suíça? pensou Chávez, sem o sorriso que supostamente devia acompanhar semelhante observação.

Obrigado lhe disse Chávez. Era um subterfúgio útil. Feito isto, os homens recém providos voltaram a abordar o minibus para o resto da viagem. detiveram-se a volta da esquina do banco, invisíveis para os terroristas e os noticiários. Os rifleros Johnston e Weber foram deixados em posições preestabelecidas: a gente dominava a parte traseira do edifício, o outro se achava em diagonal à frente. Ambos depregaram os tripodes de suas armas e começaram a vigiar o branco.

Seus rifles eram tão singulares como eles mesmos. Weber tinha um Walther WA2000 adaptado para carregador Winchester Magnum .300.

o do Johnston tinha sido fabricado especialmente, adaptado à carga-dor ligeiramente mais pequeno mas também mais rápido Remington

65

Magnum de 7mm. Em ambos os casos, os atiradores determinaram antes que nada a distância do branco e a marcavam em suas miras telescópicos. Logo estenderam seus colchonetes. Sua missão imediata seria observar, reunir informação, e reportar-se.

O Dr. Bellow se sentia muito estranho dentro de seu uniforme negro, completo com colete antibalas e pulôver POLIZEI, mas serviria para

evitar que fora detectado por algum colega médico que visse o procedimento por televisão. Noonan, similarmente vestido, acendeu seu computador uma laptop Apple PowerBook e começou a estudar os planos do edifício para inclui-los em seu sistema. Os policiais locais foram eficazes até a loucura. Em trinta minutos obteve um mapa eletrônico completo do edifício-branco. Tudo... exceto a combinação da abóbada, pensou com um sorriso. Depois desdobrou uma antena e transmitiu as imagens aos outros três computadores da equipe.

Chávez, Price e Bellow se aproximaram da polícia suíça de maior rango. Saudações cordiais, apertões de mãos. Price instalou seu computador e ingressou um CD-ROM com fotos de todos os terroristas conhecidos e fotografados do mundo.

O homem que tinha miserável o cadáver à vereda era Hans Richter, um alemão de Bonn que tinha negócios na Suíça.

Pôde lhes ver as caras? perguntou Price.

Sim tremor de mãos. Até o momento, Herr Richter havia tido um muito mau dia. Price seleccionou conhecidos terroristas alemães e começou a lhe mostrar as fotos.

Ja, ja, esse. Ele é o líder.

Está completamente seguro?

Sim, estou-o.

Ernst Model, anteriormente pertencia ao Baader-Meinhof, desapareceu em 1989, paradeiro desconhecido seguiu sendo . Suspeito de quatro operações até a data. Três fracassadas. Esteve a ponto de ser capturado no Hamburgo em 1987, e matou dois policiais ao escapar. De formação comunista, suspeita-se que seu último destino foi Líbano. Aparentemente muito magro. Sua especialidade era o seqüestro.

OK Passou outras fotos.

Esse outro... provavelmente.

Erwin Guttenach, também Baader-Meinhof, visto por última vez em Colônia em 1992. Roubou um banco, antecedentes de seqüestro e assassinato... ah, sim, este é o tipo que raptou e assassinou um executivo da BMW em 1986. ficou com o resgate... quatro milhões de Marcos alemães. Um delinqüente ambicioso adicionou com ironia.

Bellow olhou por cima de seu ombro, tratando de pensar o mais rápido possível.

O que lhes disse por telefone?

Temos a gravação respondeu o policial.

Excelente! Mas necessitarei um intérprete.

Doc, eu necessito um perfil do Ernst Model o antes possível interveio Chávez . Noonan, poderemos ter cobertura do banco?

Não há problema replicou o tecnocrata.

Roebeling?

Sim, maior?

os da TV cooperarão? Devemos assumir que esses sujeitos têm pelo menos um televisor.

Cooperarão replicou crédulo o policial suíço.

Bom, gente, em marcha ordenou Chávez. Noonan abriu seu mala de mago. Bellow deu a volta à esquina com o Herr Richter e um polícia suíço que se encarregaria da tradução. Chávez e Price ficaram sozinhos.

Me esquecimento de algo, Eddie?

Não, maior.

OK. Número um, meu nome é Ding. Número dois, você tem mais experiência que eu nisto. Se tiver algo que dizer, quero escutar agora mesmo, está claro? Isto não é uma creche. Preciso seu cérebro, Eddie.

Muito bem, senhor... Ding Price esboçou um sorriso. Seu comam-lhe dêem se estava dirigindo muito bem . Até o momento todo vai bem.

Temos contidos aos sujeitos, o perímetro é bom. Precisamos planos do edifício e informação sobre o que está ocorrendo dentro... isso é tarefa do Noonan, e parece um tipo muito capaz. E precisamos

ter idéia do que pensa o inimigo... isso é tarefa do Dr. Bellow, e ele é excelente no seu. Qual é o plano se o inimigo começar a disparar repentinamente?

Louis arrojara dois rojões de luzes à porta principal, quatro mais dentro, e irromperemos como um tornado.

Nossas equipes protetoras...

Não servem para rechaçar um sete-e-seis-dois russo. Já sei admitiu Chávez. Ninguém disse jamais que fora uma missão segura, Eddie.

Quando soubermos um pouco mais poderemos desenhar um plano de assalto eficaz Chávez lhe aplaudiu o ombro. Mova-se, Eddie.

Sim, senhor Price correu a reunir-se com o resto do comando.

Popov não sabia que a polícia da Suíça tinha um esquadrão antiterrorista tão bem treinado. O comandante permaneceu agachado perto do frentevocê do edifício enquanto outro homem, provavelmente seu segundo a cargo, guiava ao resto do comando para a esquina. Ali ficaram a falar com o refém escapado... alguém o levou fora da vista. Sim, os policiais suíços estavam bem treinados e bem providos. Arma H&K aparentemente. O habitual nesse tipo de casos. Por sua parte, Dimitri Arkadeyevich Popov se mesclou com a multidão de olheiros. Sua primeira impressão do Model e seu equipamento de três tinha sido acertada. O coeficiente intelectual do alemão deixava muito que desejar... inclusive havia

querido discutir sobre marxismo-leninismo com seu visitante! O muito idiota. E nem sequer era jovem. Model tinha mais de quarenta anos e não podia pôr à exuberância juvenil como desculpa de sua fixação ideoló-

67

gica. Mas não lhe faltava prática. Pediu ver o dinheiro: 600.000 dólares em Marcos alemães. Popov sorriu ao recordar onde o tinham guardado.

Era bastante improvável que Model voltasse a vê-lo. a de matar ao refém tão logo tinha sido uma manobra estúpida mas não inesperada. Era a classe de tipo que alardeava de sua resolução e sua pureza ideológica como se isso importasse a alguém no mundo atual! Popov grunhiu para seus adentros, acendeu um charuto, e se apoiou contra o edifício de outro banco para relaxar-se e observar as manobras. baixou-se um pouco o chapéu e se levantou o pescoço do sobretudo, ostensivelmente para proteger do frio do entardecer, mas também para obscurecer seu rosto. As precauções jamais eram excessivas... Isso era algo que se os tinha passado por cima ao Ernst Model e seus três Komraden.

O Dr. Bellow terminou de revisar as gravações das conversaciones telefônicas e os fatos conhecidos a respeito do Ernst Johannes Model. tratava-se de um sociópata com uma característica tendência a violência. Suspeito de sete assassinatos cometidos pessoalmente e alguns mais em companhia de outros terroristas. Guttenach era um indivíduo me-

nos brilhante da mesma cepa, e dos outros dois não se sabia nada. O refém escapado havia dito que Model matou à primeira vítima lhe disparando na nuca de perto e logo lhe ordenou arrastá-la até a rua. Então, tanto o assassinato como a demonstração de seu realidêem à polícia tinham sido erroneamente avaliados... e tudo encaixava perfeitamente no mesmo, preocupam-se perfil. Bellow ativou seu rádio. Bellow ao Chávez.

Sim, doc, aqui Ding.

Tenho o perfil preliminar dos sujeitos.

Dispare... Moços, estão escutando? ouviu-se uma imediata cacofonia de respostas superpuestas: Sim, Ding. Copiando, líder. Ja e coisas pelo estilo . Adiante, doc, diga o que sabe ordenou Chávez.

Primeiro, não é uma operação bem planejada. Isso encaixa no perfil do suposto líder, Ernst Model, alemão, quarenta e um anos, ex membro da organização Baader-Meinhof. Tende a ser impetuoso, muito disposto a usar a violência se se sente encurralado ou frustrado. Se ameaça matar a alguém, devemos ter em conta que não está bromijando. Sua condição mental corrente é muito, repito, muito perigosa. Sabe que a operação fracassou. Sabe que tem muito poucas possibilidades de êxito. Os reféns são sua única vantagem e os considerará vantagens

pasibles de ser gastas. Não esperem um síndrome de Estocolmo neste caso, moços. Model é muito sociópata para isso. Tampouco confiaria muito nas negociações. O mais provável, em minha opinião, será uma resolução de assalto esta mesma noite ou amanhã.

Algo mais? perguntou Chávez.

por agora não replicou Bellow . Estarei monitorando os passos seguintes com a polícia local.

68

Noonan se tinha tomado seu tempo para selecionar as ferramentas adequadas e agora se arrastava junto à parede exterior do edifício, sob o nível das janelas. Ao chegar a cada janela elevava lentamente a cabeça para comprovar se havia uma brecha nas cortinas que permitisse ver o interior. Na segunda havia uma pequena brecha e Noonan encostou ao vidro um diminuto sistema de visão. Se tratava de uma lente em forma de cabeça de cobra, de apenas uns milímetros de largura, que se comunicava por cabo de fibra óptica com uma câmera de TV colocada dentro de sua mala negra à volta da esquina. Noonan colocou outro sistema no extremo inferior da porta vidriada do banco e retrocedeu arrastando-se trabalhosamente até um lugar onde pudesse parar-se. Uma vez de pé, deu a volta a manzana para repetir o procedimento do outro lado do edifício. Ali pôde

colocar três sistemas: um na porta e os outros duas em janelas que as cortinas eram ligeiramente mais curtas do que deviam. Também instalou microfones para captar todos os sons possíveis. As enormes janelas de vidro deviam ter muito boa ressonância, pensou, embora isso valia tanto para os sons externos como para aqueles originados no interior do edifício.

Enquanto isso, a gente dos canais de TV falava com o polígrafo de maior fila in situ, quem passou bastante tempo dizendo que os terroristas eram sérios... o Dr. Bellow lhe tinha sugerido que se referisse a eles com respeito. Provavelmente estariam olhando a televisão e alimantar sua auto-estima seria útil aos propósitos do Comando-2. Em qualquer caso, impediria aos terroristas averiguar o que tinha feito Tim Noonan fora.

OK disse o técnico de uma rua lateral. Todos os sistemas de vídeo estavam funcionando. Mostravam muito pouco. A medida das lentes não produzia boa imagem a pesar do programa de ampliação que tinha instalado em seu computador. Ali há um atirador... e lá outro encontravam-se a dez metros do frente do edifício. O resto das pessoas visíveis se achavam sentadas sobre o piso de mármore branco, no centro do salão para facilitar a vigilância. O tipo disse quatro, não?

Sim respondeu Chávez . Mas não disse quantos reféns, nem se-
queira aproximadamente.

De acordo, que está detrás dos guichês é um dos
maus, acredito eu... hmm... parece que está revisando as gavetas das
caixas... e tem uma bolsa, ou uma valise. Acredita que visitaram a abóbada?
Eddie? perguntou Chávez.

Cobiça coincidiu Price . Bem, por que não? depois de tudo,
é um banco.

OK Noonan pediu alguns documentos em seu computador .

Tenho os planos do edifício e este é o esquema.

Caixas, abóbada, banhos Price apoiou o dedo sobre a tela .

69

A porta de atrás. Parece bastante simples. Acesso a pisos superiores?

Aqui disse Noonan . Em realidade estão fora do edifício pró-
piamente dito, mas se pode acessar do subsolo, que a sua vez
tem saída individual ao beco de atrás.

Do que parece o teto? perguntou Chávez.

Laje de concreto, quatro centímetros de espessura. Sólido como a
pedra. Quão mesmo as paredes e o piso. Este edifício foi construído
para durar. portanto, não haveria ingresso forçado por explosivos a
través das paredes, o piso ou o teto.

Então podemos entrar pela porta principal ou pela porta de atrás, e isso é tudo. O menino mau número quatro deve estar, por lógica, na porta de atrás Chávez ativou seu rádio . Chávez a Rifle Dois-E dois.

Ja. Aqui Weber.

Dieter, há janelas no fundo, algo na porta, um buraco para espiar ou algo semelhante?

Negativo. Aparentemente é uma pesada porta de aço e não há nada visível nela disse o alemão, rastreando novamente o branco com sua olhe telescópica, novamente sem encontrar nada exceto aço pintado.

OK, Eddie, voaremos a porta de atrás com o Primacord. Quero três homens ali. Um segundo depois voaremos as portas vidradas do frente, arrojaremos rojões de luzes e entraremos quando estiverem olhando para outro lado. Desde dois em dois, pelo frente. Você e eu pela esquerda.

Louis e George pela direita.

Levam colete antibalas? perguntou Price.

Herr Richter não viu nada respondeu Noonan e tampouco se vê nada daqui... mas de todos os modos não têm amparo na cabeça, não? Só se necessitaria um disparo de dez metros, distância fácil para as H&K.

Bem Price assentiu . Quem comandará aos que entrem por o fundo?

Scotty, acredito. Paddy se ocupará dos explosivos Connolly era o melhor do comando para isso, e ambos sabiam. Chávez tomou nota mentalmente da necessidade de estabelecer com maior clareza os sub-comandos. Até o momento tinha metido a todos seus homens na mesma gaveta. Isso teria que trocar assim que retornassem ao Hereford. Vega?

O Urso nos cobre, mas não acredito que o utilizemos muito nesta missão Julho Vega era o atirador de artilharia pesada: tinha uma ametralladora M-60 7.62 mm. com visão laser para trabalhos realmente sérios que não seria muito útil nesta oportunidade... a menos que todo se fora absolutamente ao diabo.

Noonan, envie esta imagem ao Scotty.

Entendido moveu o mouse e começou a transmitir toda a informação aos diversos computadores do comando.

70

Agora só devemos resolver quando Ding olhou seu relógio . Volvamos com o Bellow.

Sim, senhor.

Bellow tinha passado todo esse tempo com o Herr Richter. As três

injeções sedativos o tinham acalmado o bastante. Inclusive seu inglês há-bia melhorado notavelmente. Quando Chávez e Price apareceram, Bellow estava-o interrogando pela sexta vez.

Seus olhos são azuis, como de gelo. Como de gelo repetia Richter . Não é um homem como tantos outros. Deveria estar enjaulado com os animais do Tiergarten o empresário sofreu um tremor involuntário.

Tem acento? perguntou Price.

Misturado. um pouco do Hamburgo, mas também um pouco da Bavaria.

Os outros... todos têm acento bávaro.

Estes dados serão muito úteis para a Bundes Kriminal Amt, Ding comentou Price. A BKA era o equivalente alemão do FBI estadunidense . por que não fazemos que a polícia revise a área em busca de um veículo com patente alemã... da Bavaria? Talvez tenham um chofer.

Bom tiro Chávez correu para os policiais suíços; o chefe deu a ordem imediatamente por rádio. Provavelmente outro buraco negro, pensou Chávez. Mas era impossível sabê-lo até não havê-lo explorado. Necessariamente tinham que ter chegado de algum jeito. Outra nota mental. Checar esse detalhe em todas as missões.

Roebeling se aproximou brandindo seu telefone celular.

Já é hora disse de voltar a falar com eles.

Eu, Tim disse Chávez por rádio . Vêem o ponto de reunião.

Noonan esteve ali em menos de um minuto. Chávez assinalou o celular do Roebling. Noonan tomou, desentupiu-o e lhe encostou um pequeno cir-

cuito verde de que pendia um cabo magro. Logo tirou outro celular do bolso e o entregou ao Chávez.

Aí tem. Escutará tudo o que digam.

O que está acontecendo dentro?

Caminham de um lado a outro, talvez estão um pouco agitados. Dois deles estiveram falando faz uns minutos. Seus gestos indicavam bastante insatisfação.

OK. Todo mundo preparado para entrar?

E o áudio?

O tecno negou com a cabeça.

Muito ruído de fundo. O edifício tem um sistema de impregne-facção muito ruidoso que vai contra os microfones das janelas.

Não estamos tirando nada em limpo, Ding.

OK, manténnos informados.

Claro Noonan voltou para seu posto.

Eddie?

Se tivesse que apostar, diria que devemos irromper no edifício

71

antes do alvorecer. Nosso amigo logo começará a perder o controle.

Doc? perguntou Ding.

É provável assentiu Bellow. Apreciava a experiência prática do Price.

Chávez franziu o cenho. Por muito treinado que estivesse, não estava precisamente ansioso por entrar. Tinha visto as imagens do interior. Devia haver vinte, possivelmente trinta pessoas dentro, rodeadas por três indivíduos providos com armas automáticas. Se um deles dedidia que todo se vá a mierda e começava o rock n roll com seu metralhadora tcheca, muitas dessas pessoas jamais retornariam a seus lares. Isso se chamava responsabilidade de comando, e embora não era a primeira vez que Chávez a experimentava, a carga jamais se aliviava... porque o preço do fracasso jamais se reduzia.

Chávez! era o Dr. Bellow.

Sim, doc disse Ding, indo para ele seguido pelo Price.

Model se está pondo agressivo. Diz que se não lhe conseguirmos um automóvel que o translate a um heliporto a poucas quadras daqui, e desde ali ao aeroporto, matará a outro refém dentro de meia hora. Logo, matará um refém cada quinze minutos. Diz que tem suficientes re-

nes para durar várias horas. Agora está lendo a lista dos mais importantes. Um professor de cirurgia da faculdade de medicina local, um polícia retirado, um reconhecido advogado... bem, não está brincando, Ding. Trinta minutos desde... OK, matará ao primeiro às oito e trinta.

O que lhe respondem os policiais?

O que eu os pinjente que dissessem, que leva tempo conseguir todo o que pede, que nos entregue um ou dois reféns em prova de sua boa fé... mas isso disparou a ameaça das oito e trinta. Ernst se está descontrolando.

Fala a sério? perguntou Chávez para assegurar-se de haver entendido.

Sim, muito a sério. Está perdendo o controle e se sente insatisfeito com o curso que tomaram as coisas. Não se encontra em estado racional. Não brinca quando diz que matará a alguém. É como um menino mimada que não encontra nenhum presente no arbolito a manhã de Natal, Ding. Não há influência estabilizadora que possa ajudá-lo. sente-se muito sozinho.

Súper Ding ativou seu rádio. Embora não inesperadamente, a decisão tinha sido tomada por outro . Comando, aqui Chávez. Preparados. Repito, preparados.

Sabia o que esperar. Uma possibilidade era entregar o automóvel que p-

dían: seria muito pequeno para todos os reféns e poderiam eliminar aos moços maus com fogo cruzado de rifles. Mas só conta-BA com dois, cujas balas, depois de atravessar a cabeça de um terroris-
lha, teriam energia suficiente para matar a duas ou três pessoas mais.

O mesmo podia dizer-se das metralhadoras e as pistolas. Quatro meninos maus eram muito para esse jogo. Não, devia entrar com seu comando enquanto os reféns seguissem sentados no piso, detrás de

72

a linha de fogo. Esses bastardos nem sequer conservavam o raciocínio necessário para pedir comida que ele poderia condimentar com droga... ou talvez conheci-
am a pizza com sabor ao Valium.

Tomou vários minutos. Chávez e Price engatinharam até a porta da esquerda. Louis Loiselle e George Tomlinson fizeram o mesmo do outro lado. Na parte de atrás, Paddy Connolly encostou uma carga dobro do Primacord ao marco da porta, inseriu o detonador e se afastou, secundado pelo Scotty McTyler e Hank Patterson.

Comando de retaguarda em seu posto, Líder anunciou Scotty por rádio.

Entendido. Comando de avançada em seu posto replicou Chávez em voz baixa.

OK, Ding A voz do Noonan ressonou no circuito de comam-

dou , TV Um enfoca a um tipo que blande um rifle e se passeia entre os reféns sentados no piso. Se tivesse que apostar, diria que é nosso amigo Ernst. Há outro a suas costas, e um terceiro à direita, perto do segundo escritório de madeira. Espera, agora fala por telefone... OK, está falando com os policiais, diz-lhes que está preparado para escolher a próxima vítima. Primeiro nos dirá seu nome. Muito amável de sua parte concluiu Noonan.

OK, moços, tudo será como nas práticas lhes anunciou Ding a suas tropas . Tirem os seguros às armas. Alerta levantou a vista e viu o Loiselle e Tomlinson intercambiar um olhar e um gesto. Louis entraria primeiro, seguido pelo George. Por sua parte, Price toma-estúrio a dianteira seguido pelo Chávez.

Ding, acaba de agarrar a um tipo, obriga-o a parar-se... outra vez fala por telefone, diz que vão matar primeiro ao médico, é o professor Mario Donatello. OK, tenho-o tudo em Câmara Dois. A vítima está de pé. Acredito que é hora de começar o show concluiu Noonan.

Estamos preparados? Comando de retaguarda, verificar.

Preparados replicou Connolly por rádio. Chávez podia ver o Loiselle e Tomlinson. Ambos assentiram brevemente e apertaram com sua força MP-10.

Chávez a comando, estamos preparados para começar. Alerta. Alerta.

Paddy, detone! ordenou Ding com um grito. Quão último faria seria baixar a voz em vésperas de uma explosão.

O segundo seguinte pareceu durar uma eternidade. Logo, a mole do edifício se sacudiu. Mesmo assim o escutaram, um sonoro clash metálico que fez tremer o mundo inteiro. Price e Loiselle tinham colocado seus rojões de luzes explosivos sob o bordo de bronze da porta e as ativaram logo que ouviram a primeira detonação. As portas vidradas-se desintegraron instantaneamente em milhares de fragmentos que voaram para o lobby de mármore e granito do banco em meio de uma luz cegadora e um ruído infernal. Price, já na soleira da porta, entrou como uma flecha seguido pelo Chávez. Ambos se derrubaram a sua esquerda. Ernst Model estava ali mesmo, apertando o cano de sua arma contra a cabeça do Dr. Donatello. deu-se volta para olhar para o fundo

73

do salão, onde tinha ocorrido a primeira explosão, e, tal como estava planejado, a segunda o desorientou com seu terrível ruído e seu cegadora luz de magnésio. O médico cativo também reagiu e se afastou do terrorista com as mãos sobre a cabeça, olhando aos intrusos com enorme gratidão. Price apontou seu MP-10 e destroçou a cara do Ernst Model.

A suas costas, Chávez detectou a outro terrorista. O tipo sacudia

a cabeça como querendo limpar-se. Estava olhando para outro lado, mas conservava a arma, e as regras eram as regras. Chávez também voou-lhe a cabeça. Voltou a apontar sua arma e viu o terceiro terrorista cansado sobre um atoleiro de sangue.

Espaçoso! gritou Chávez.

Espaçoso! Espaçoso! Espaçoso! gritaram outros.

Loiselle correu à parte de atrás do edifício seguido pelo Tomlinson. antes de que chegassem, as negras figuras do McTyler e Patterson emergiram com suas armas apontadas ao teto: Espaçoso!

Chávez foi para as caixas e saltou sobre o mostrador em busca de reforços terroristas. Ninguém.

Espaçoso aqui! Vigiem a área!

Um dos reféns começou a levantar-se e George Tomlinson o derrubou de um empurrão. Um por um, foram retirados do lugar por alguns integrantes do comando enquanto outros os cobriam com armas carregadas: nesse momento não podiam estar seguros dos quais eram ovelhas e os quais lobos. Alguns policiais suíços entraram em banco. Os rehenes foram empurrados em direção a eles: um montão de cidadãos chocados e perplexos, ainda desorientados em relação ao ocorrido. A muitos lhes sangravam os ouvidos ou as cabeças pelos rojões de luzes explosivas e os fragmentos de vidro.

Loiselle e Tomlinson recolheram as armas dos terroristas, as esvaziaram e as penduraram do ombro. Logo então, e gradualmente, começaram a relaxar-se.

O que passou atrás? perguntou- Ding ao Paddy Connolly.

Deva ver sugeriu o ex-soldado SEJA. Acompanhou a seu comam-lhe dêem ao salão de atrás. Era um desastre. Provavelmente o sujeito tinha a cabeça apoiada contra o marco da porta. Parecia uma explicación lógica para a falta de cabeça e a presença de um único ombro em o cadáver, arrojado para o interior com o rifle tcheco M-58 ainda obstinado na mão que ficava. A carga dobro do Primacord havia sido muito contundente, talvez... mas Ding não podia queixar-se. A porta de aço e a espessura do marco o tinham exigido assim.

OK, Paddy. Bom tiro.

Obrigado, senhor Sorriso de profissional que tem feito bem seu trabalho.

Houve aplausos na rua quando saíram os reféns. Então, pensou Popov, os terroristas que tinha recrutado eram agora uns imbé-

74

zele mortos. Não era para surpreender-se. O comando antiterrorista suíço tinha dirigido bem a situação, tal como era de esperar tratando-se da polícia a Suíça. Um deles acendeu sua pipa logo que saiu... muito

suíço, realmente! pensou Popov. Era provável que escalasse montanhas só para entreter-se. Talvez fora o comandante. Um refém se acercó a ele.

Danke schön, danke schön! disse o diretor do banco ao Eddie Price.

Bite sehr, Herr Direktor respondeu o britânico, esgotando no ato seus conhecimentos de alemão. Indicou-lhe o lugar onde a polícia de Berna tinha reunido a outros reféns. Provavelmente necessitassem um gole, pensou.

Como estivemos, Eddie? perguntou Chávez, recém saído do inferno.

Bastante bem, diria eu chupada de pipa . Foi um trabalho fácil para falar a verdade. Foram uns autênticos obcecados ao escolher este banco e atuar como o fizeram sacudiu a cabeça e deu outra chupada a sua pipa. O IRA era muito melhor que isto. Estúpidos alemães.

Ding não lhe perguntou por que os considerava obcecados, e muito menos autênticos. Em troca, tirou seu telefone celular e tocou o discado rápido.

Clark.

Chávez. Viu-o por TV, Mr. C.?

Agora vão repetir o, Ding.

Liquidamos aos quatro. Não há reféns feridos, exceto o que mataram hoje cedo. Sem desce no comando. Então, chefe, o que fazemos agora?

Voar a casa para reportar-se, moço. Six, fora.

Genial disse o maior Peter Covington. A TV transmitiu os preparativos do comando durante os trinta minutos seguintes, há-você que finalmente desapareceram pela esquina . Seu Chávez parece conhecer o negócio... e é importante que a primeira prova tenha sido fácil. Coisas como esta alimentam a confiança.

Observaram a imagem computadorizada que lhes tinha enviado Noonan por seu sistema de telefone celular. Covington havia predito como seria o resgate... e não se equivocou.

Há alguma tradição que eu precise conhecer? perguntou John relaxando-se um pouco e aliviado ao saber que não tinha havido vítimas desnecessárias.

Convidaremos-los a beber umas cervejas no clube, é obvio Covington não pôde ocultar sua surpresa ante a supina ignorância de Clark.

75

Popov, em seu automóvel, tentava atravessar as ruas da Berna antes de que os patrulheiros as bloqueassem ao retornar a suas estações. À

esquerda... dois semáforos, à direita, logo cruzar a praça Y... ali!

Excelente, inclusive tinha lugar para estacionar. Deixou seu Audi alugado frente à moradia provisória do Model. Violar a fechadura foi um jogo de meninos. escada acima, ao fundo, fechadura igualmente fácil de violentar.

Wer sind Sie? perguntou uma voz.

Dimitri replicou Popov honestamente, colocando a mão no bolso de sua jaqueta . Esteve vendo televisão?

Sim, o que foi o que falhou? perguntou a voz, sempre em alemão, seriamente contrariada.

Isso não tem importância. É hora de partir, meu jovem amigo.

Mas meus amigos...

Estão mortos e não pode ajudá-los Viu o moço na escuridão: apenas vinte anos e amigo devoto do imbecil defunto, Ernst Model. Uma relação homossexual possivelmente? Se assim fora, tudo seria mais fácil para o Popov, que não tinha a menor simpatia pelos homens dessa orientação sexual . Vamos, recolhe suas coisas. Devemos ir, e logo.

Ali, ali estava a mala de couro negro cheia do Marcos alemães. O moço... como diabos se chamava? Fabián algo? deu-lhe a costas e foi procurar sua parca, que os alemães chamam Joppe. Não voltou a dar-se volta. Popov apontou sua pistola com silenciador e disparou

uma vez. Depois outra, absolutamente desnecessária, desde três metros de distância. Uma vez seguro de que o moço tinha morrido, abriu a mala para verificar seu conteúdo. Logo saiu à porta, cruzou a rua e conduziu até seu hotel no centro da Berna. Tinha uma passagem de retorno a Nova Iorque para o meio-dia seguinte. Mas antes devia abrir uma conta bancária em uma das cidades mais aptas para fazê-lo.

O grupo esteve muito tranqüilo durante a viagem de volta. Há-bían pescado o último vôo do dia a Inglaterra... neste caso a Heathrow, não ao Gatwick. Chávez se conseguiu um copo de vinho branco e foi sentar se junto ao Dr. Bellow, que fez outro tanto.

E? Como estivemos, doc?

por que não me diz isso você, senhor Chávez? respondeu Bellow.

Quanto a mim, o estresse está baixando. Sem temblequeos esta vez replicou Ding, surpreso pela firmeza de seu pulso.

Os temblequeos são perfeitamente normais: liberam a energia estressante. O corpo tem dificuldades para soltá-la e voltar para a normalidade. Mas o treinamento atenua essas dificuldades. Igual a a bebida observou o médico, bebendo sua própria dose de boa cepa francesa.

Poderíamos ter feito algo de outro modo?

Não acredito. Talvez, se tivéssemos chegado antes, poderíamos haver

evitado ou ao menos posposto o assassinato do primeiro refém, mas essas

76

coisas nunca podem controlar-se Bellow se encolheu de ombros . Não, neste caso, o que sente saudades é a motivação dos terroristas.

por que?

Atuaram de maneira ideológica, mas suas exigências não foram precisamente ideológicas. Entendo que, de passagem, roubaram o banco. Correto Loisselle e Ding tinham registrado uma bolsa de tecido atirado no piso do banco. Estava repleto de bilhetes, como oito quilogramas. Era uma maneira estranha de contar dinheiro, mas não teria podido fazê-lo de outro modo. A polícia a Suíça se encarregaria de contá-lo. depois da ação vinha o trabalho de inteligência, fiscalizado pelo Bill Tawney .

Então... eram uns vulgares ladrões?

Não estou seguro Bellow terminou sua taça e a levantou para que a aeromoça voltasse a enchê-la . No momento não tem muito senti-
dou, mas não sai do comum em casos como este. Model não era um grande terrorista. Muito ruído... e poucas nozes. Mal planejado, mal executado.

Um miserável bastardo comentou Chávez.

Personalidade sociopática... mais criminoso que terrorista. Os outros refiro aos bons revistam ser mais judiciosos.

Que diabos é um bom terrorista?

Um homem de negócios cujo negócio é matar gente para tirar proveito político... quase como um publicitário. Servem a um propósito MA-
yor, ao menos isso pensam eles. Acreditam em algo, mas não como meninos em classe de catecismo mas sim como adultos que estudam razonadamente a Bíblia. É um exemplo torpe, suponho, mas não me ocorre outro. foi um comprido dia, senhor Chávez concluiu Bellow enquanto a aeromoça o enchia o copo.

Ding olhou seu relógio.

Nem que o diga, doc e agora lhes tocava dormir. Chávez reclinou seu assento e perdeu a consciência em questão de segundos.

77

CAPÍTULO 4

AAR

Chávez e a maioria do Comando 2 despertaram quando o avião aterrisou no Heathrow. O percurso até a porta de saída pareceu durar uma eternidade. Uma vez abaixo foram recebidos pela polícia, que escoltou-os até o heliporto para o vôo de volta ao Hereford. CA-
mino ao terminal, Chávez espiou o titular de um tablóide vespertino. Dizia que a polícia a Suíça havia resolvido um incidente de roubo e terroris-
mo no Banco Comercial da Berna. Era um pouco decepcionante que outros se levassem os louros de sua bem-sucedida missão, mas se obrigou a ré-

cordar que precisamente essa era a essência do Rainbow. Provavelmente receberiam uma bonita carta de agradecimento do governo suíço... que terminaria guardada no arquivo confidencial. Os dois helicópteros militares aterrissaram no Hereford e as tropas foram transladadas a seu edifício em caminhonetes. Eram mais das onze da noite e todos estavam exaustos logo depois de um dia que tinha começado com o tradicional PT e concluído com o estresse de uma missão real.

Mas ainda não era momento de descansar. Ao entrar em edifício encontraram todas as cadeiras giratórias dispostas em círculo, com uma grande tela de TV a um flanco. Clark, Stanley e Covington estavam ali. Tinha chegado o momento da revisão post-ação ou AAR.

OK, moços disse Clark assim que se sentaram . Bom trabalho. Todos os moços maus estão mortos e não houve baixas entre os bons durante a operação. OK, no que nos equivocamos?

Paddy Connolly ficou de pé.

Usei muito explosivo na porta de atrás. De ter havido um refém perto, o teria matado disse honestamente . Supus que o marco da porta seria mais resistente do que era em realidade explicou. Logo se encolheu de ombros . Se houver uma maneira de corrigir isso, eu não a conheço.

John ficou pensando. Connolly estava padecendo um ataque

de honestidade ultra escrupulosa, sinal seguro de que era um bom homem. Assentiu e o deixou passar.

Eu tampouco. Que mais?

Tomlinson foi o próximo em falar, sem parar-se.

Senhor, temos que trabalhar melhor para nos acostumar às rojões de luzes explosivos. Estava bastante atordoado quando cruzei a soleira.

78

Foi uma sorte que Louis entrasse primeiro. Não sei se eu poderia havê-lo feito.

E uma vez dentro?

Funcionaram muito bem sobre os sujeitos. que vi eu disse

Tomlinson ficou fora de combate.

Poderíamos havê-lo apanhado com vida? teve que perguntar

Clark.

Não, mon geral disse o sargento Louis Louiselle enfaticamente tinha-te o rifle na mão e apontava em direção aos reféns.

Não se discutiria a possibilidade de lhe voar a arma a um terrorista.

supunha-se que esses sujeitos tinham mais de uma arma, e o reforço era geralmente uma granada de fragmentação. A cabeça do terrorista atravessada pelos disparos do Loiselle encaixava perfeitamente com a política do Rainbow.

De acordo. Louis, como se dirigiu você com os rojões de luzes explosivas? Estava mais perto que George.

Tenho esposa replicou o francês com um sorriso . Me grita todo o tempo. Em realidade prosseguiu quando amainaram as brincadeiras tinha uma mão sobre a orelha, a outra contra o ombro e os olhos fechados. Também controlei a detonação adicionou. A diferença do Tomlinson e outros, Loïselle tinha podido prever o ruído e o resplendor. Vêem-talha menor, mas decisiva.

Algum outro problema ao entrar? perguntou John.
o de sempre disse Price . Montões de vidros no piso, ruído de pegadas... talvez deveríamos usar reveste mais suaves? Disso modo nossos passos seriam mais silenciosos.

Clark assentiu enquanto Stanley tomava nota.

Problemas ao disparar?

Não respondeu Chávez . O interior estava iluminado e não vimos que usar nossos NGV. Os terroristas estavam de pé e ofereciam um bom branco. Disparar foi fácil Price e Loïselle assentiram.

Os rifleros? perguntou Clark.

Não via nada desde meu ficado queixou Johnston.

Eu tampouco disse Weber. Seu inglês era assombrosamente perfeito.

Ding, você mandou ao Price à frente. por que? perguntou Stanley.

Eddie é melhor atirador e tem mais experiência. Confio um pouco mais nele que em mim... por agora adicionou Chávez . A missão parecia simples. Todos tínhamos o plano do interior e era singelo. Dividi o objetivo em três áreas de responsabilidade. Só podia ver dois. Na terceira havia um solo sujeito... foi uma hipótese de minha parte, mas toda nossa informação a referendava. Tivemos que entrar rápido porque o sujeito principal, Model, estava a ponto de matar a outro refém. Não havia motivo para lhe permitir fazê-lo concluiu.

Alguém tem algo que dizer em relação a isto último? perguntó John ao grupo.

79

Haverá ocasiões em que deverão permitir que um terrorista mate a um refém disse sobriamente o Dr. Bellow . Não será agradável, mas ocasionalmente será necessário.

OK, doc. Sugestões?

John, precisamos seguir a investigação policial destes sujeitos. Eram terroristas ou ladrões? Não sabemos. Acredito que necessitamos averiguá-lo. Não pudemos negociar com eles. Neste caso provavelmente você não importou, mas no futuro sim importará. Necessitaremos mais intér-

pretes. Minhas habilidades lingüísticas não alcançam o nível requerido e necessito tradutores que falem meu idioma e conheçam minha especialidade

Clark viu que Stanley tomava nota disso. Logo olhou seu relógio.

Bom. Amanhã pela manhã analisaremos os vídeos. Por agora, felicito-os por seu trabalho de hoje. Até mais tarde.

O Comando 2 saiu a uma noite que começava a tornar-se nebulosa.

Alguns olharam para o Clube NCO, mas nenhum se dirigiu ali. Chávez foi caminhando a sua casa. Ao abrir a porta encontrou a sua esposa sentada frente ao televisor.

Olá, querida saudou.

Está bem?

Chávez esboçou um sorriso, levantando as mãos e dando-se vultuoso para que o visse.

Não há buracos nem arranhões por nenhuma parte.

que saiu pela televisão foi você... na Suíça, não é certo?

Sabe que não posso falar desses temas.

Ding, aos doze anos soube o que fazia meu pai demarcou a Dra.

Patricia Chávez, DOUTOR EM MEDICINA . Já sabe, agente secreto, igual a você.

Não tinha sentido seguir ocultando-o, verdade?

Bom, Patsy, sim, fomos meus homens e eu.

Quais eram os outros... os maus?

Talvez terroristas, talvez ladrões de bancos. Não estou seguro respondeu Chávez, tirando-a camisa e indo ao dormitório.

Patsy o seguiu.

A TV disse que os tinham matado a todos.

Sim Se tirou as calças e os pendurou no placard . Não houve opção. Estavam a ponto de matar a um refém quando entramos. Assim que... tivemos que evitá-lo.

Não estou segura de que eu goste disso.

Ding olhou a sua esposa.

Eu sim estou seguro. Eu não gosto. Recorda a esse menino ao que o amputaram a perna quando foi à faculdade de medicina? Você não gostou assistir na cirurgia, não?

Não, para nada tinha sido um acidente automobilístico. A pier-na estava muito danificada e foi impossível salvá-la.

Assim é a vida, Patsy. Nunca você gosta de todas as coisas que deve fazer dito isso, Chávez se sentou na cama e arrojou suas meias no canasto de roupa suja. Agente secreto, pensou. Supostamente deveria *me servir um Martini com vodca e estar comovido mas não exausto.*

80

Mas, o herói dos filmes alguma vez tem necessidade de dormir, não? E

quem quer deitar-se logo depois de ter matado a alguém? Isso merecia
um suspiro irônico. deixou-se cair sobre a colcha. Bond. James Bond.
Seguro. Logo que fechou os olhos viu a imagem do banco e reviveu o mo-
memoro. Voltou a levantar seu MP-10 e a apontar a olhe para quem
diabos fora... chamava-se Guttenach, não? Não o tinha averiguado. Ver
a cabeça do sujeito na olhe e simplesmente disparar... tal como um
levanta-se o fechamento da calça logo depois de ter mijado. Puf puf puf.
Rapidamente, em silêncio, e zap, quem quer que fosse o sujeito... esta-
BA tão morto como o pescado de ontem. Model e seus três amigos não
tinham tido muita opção. De fato, não tinham tido nenhuma op-
ción.

Mas o tipo ao que tinham assassinado tampouco tinha tido ningun-
na opção, recordou Chávez. Um pobre desafortunado que tinha ido ao
banco a fazer um depósito, ou a pedir um empréstimo, ou possivelmente a
conseguir
troco para cortar o cabelo. Economiza sua simpatia para esse, pensou. E o
médico que Model ia assassinar provavelmente estaria agora em seu
casa, com sua esposa e seus filhos, talvez meio bêbado, ou sedado, proba-
blemente tremendo como uma folha, provavelmente pensando em há-
blar com um amigo psicólogo para superar o estresse. Provavelmente sem-
tenda-se espantosamente mal. Mas era necessário estar vivo para sentir

algo, e se tivesse morrido, sua esposa e filhos estariam sentados nesse mesmo living de sua casa, nos subúrbios da Berna, secando-as lágrimas e perguntando por que papai não voltaria jamais para estar com eles. Sim. Tinha eliminado uma vida e farelo de cereais outra. Com isso em mente, recordou a primeira ronda de disparos que atravessou a cabeça do miserable. Nesse mesmo momento soube que estava morto, até antes de disparar a segunda e terceira ronda em um círculo de menos de dois pulgadas de largura, lhe voando os miolos a vários metros de distância, seu corpo desabando-se como uma bolsa de porotos. A maneira em que o arma do tipo golpeou o piso, em ângulo. Graças a Deus não se havia disparado e ferido a alguém, e por sorte os disparos na cabeça não o tinham provocado espasmos nos dedos fazendo-o apertar o gatilho da tumba... isso sim que era um perigo, tinha-o aprendido no treinamento. Mas igual se sentia insatisfeito. Tivesse sido melhor apanhá-los com vida e lhes arrancar tudo o que sabiam. E lhes perguntar por que atuavam como o faziam. Dessa maneira teriam obtido informação útil para a próxima vez, ou poderiam ter encontrado às bs-demoro que dava as ordens e lhe haver cheio o culo de balas de dez milímetros.

Chávez teve que admitir para seus adentros que a missão não havia sido perfeita. Mas tinha recebido a ordem de salvar uma vida, e a há-

bía salvo. E isso teria que lhe bastar por agora. Um momento depois sentiu que a cama se movia: sua esposa acabava de deitar-se a seu lado. estirou-se para lhe dar a mão, e Patsy a apoiou sobre seu ventre. O pequeno Chávez voltava a pegar patadas. Isso bem valia um beijo, pensou Ding, e girou para dar-lhe

81

Popov também estava metido na cama. baixou-se quatro vodcas olhando os noticiários da TV a Suíça, seguidos por um panegírico à eficiência da polícia local. Até o momento se desconhecia a identidade dos ladrões... Popov se desiludiu um pouco ao escutar definir assim aos criminosos, embora não sabia por que. Tinha demonstrado seu bona fides a seu empregador... e embolsado uma considerável soma de dinheiro graças a esse negócio. uns quantos mais como esse e poderia viver a corpo de rei na Rússia... ou como um príncipe em outros países. Desfrutaria em carne própria o conforto que tantas vezes tinha visto e invejado enquanto trabalhava como oficial de inteligência da desaparecida KGB.

Nnaquele tempo naquele tempo se perguntava como diabos faria seu país pára de-

rrotar a essas nações que gastavam trilhões em diversão, aos que terei que somar trilhões mais em hardware militar muito superior ao que produzia seu país... por que, se não, lhe teriam encomendado tantas vezes

descobrir os segredos técnicos do inimigo? A isso se dedicou durante os últimos anos da Guerra Fria, e já então sabia quem ganharia e quem perderia.

Mas a deserção nunca tinha sido uma opção para ele. Que senti-
dou tinha vender a seu país por um estipêndio mínimo e um trabalho ordena-
Rio no Ocidente? Liberdade? Apenas uma palavra que Ocidente ainda fingia respeitar. O que tinha de bom ir de um lado a outro em liberdade se a gente não tinha o automóvel apropriado para hecerlo? Ou um bom hotel onde dormir quando a gente chegava ao destino? Ou dinheiro para comprar a comida e a bebida que alguém necessitava para desfrutar da vida? Não, seu primeira viagem ao Ocidente como oficial de campo ilegal sem cobertura diplomática tinha sido a Londres, onde tinha passado muito tempo contando os automóveis caros e os eficientes táxis negros que tomava quão-
dou não tinha vontades de caminhar... Os traslados importantes os fazia em metrô porque era conveniente, anônimo e barato. Mas barato era uma vantagem pela que sentia escassa avaliação. Não, o capitalismo tinha a peculiar virtude de recompensar às pessoas que elegia os pais apro-
piados ou tinha sorte nos negócios. Recompensava-os com luxos, com-
veniencias e comodidades que os próprios czares não tinham sonhado ja-
mais. E era isso o que Popov tinha cobiçado instantaneamente. E inlcuso então se tinha perguntado como conseguiu-lo. Um lindo auto c aro

sempre lhe tinham gostado dos Mercedes e um piso amplo e luminoso perto de bons restaurantes, e dinheiro para viajar a lugares de areia quente e céu azul diáfano. Isso atraía às mulheres. Estava seguro de que esse tinha sido o segredo do sedutor Henry Ford. Que sentido tinha ostentar essa classe de poder se a gente não estava disposto a usá-lo? Bem, disse-se Popov, estava mais perto que nunca de fazer realidade seus sonhos. Tudo o que devia fazer eram uns trabalhos similares ao de Berna. Se seu empregador estava disposto a pagar tanto dinheiro por uns tolos... Bem, o parvo e seu dinheiro se separam logo : esse aforismo ocidental sempre lhe tinha gostado. E ele não era nenhum parvo. Satisfe-

82

cho com a só idéia, levantou o controle remoto e apagou o televisor. Amanhã despertaria, tomaria o café da manhã, faria um depósito no banco e tomaria um táxi até o aeroporto para tomar o voo do Swissair com o destino a Nova Iorque. Primeira classe. É óbvio.

E bem, Ao? perguntou Clark bebendo um copo de cerveja Negra britânica. Estavam sentados no reservado do fundo.

Seu Chávez é tal como dizem os informes. Foi muito inteligente de sua parte permitir que Price tomasse a dianteira. Não deixa que o orgulho se interponha em seu caminho. Eu gosto disso nos oficiais jovens. O *timing* foi correto. A divisão da planta também, e os disparos

foram inmejorables. Funcionará. O grupo também. Foi uma sorte que a primeira missão fora tão fácil. Esse tipo Model não era um científi-
CO atômico, como dizem vocês.

Miserável bastardo.

Stanley assentiu.

Absolutamente. Os terroristas alemães estavam acostumados a sê-lo. Deveria-
mos receber uma linda carte do BKA a respeito de este.

Lições aprendidas?

A do Dr. Bellow foi a melhor. Necessitamos mais e melhores in-
térpretes se queremos fazer negociações. Amanhã me ocuparei disso.

No Century House deve haver gente útil para nós. Ah, sim, esse mu-
chacho Noonan...

Agregado de último momento. Era tecnocrata do FBI. Usa-o-
ban no Comando de Resgate de Reféns para apoio técnico. É agen-
lhe, sabe disparar e tem experiência em investigação explicou Clark .

É uma espécie de curinga e acredito que é bom o ter conosco.

Fez um bom trabalho colocando o vídeo de vigilância. Já vi as
filmagens. Não são más. Em síntese, John, devo felicitar ao C-2

Stanley elevou sua jarra do John Courage.

É agradável ver que as coisas funcionam, Ao.

Até a próxima.

Comprido suspiro.

Sim.

Clark sabia que a maior parte do êxito pertencia aos britânicos. Ele tinha utilizado seus sistemas de apoio e dois terços dos homens que lideraram a operação eram britânicos. Louis Loïselle era tão bom como tinham jurado os franceses. A pequena bastarda disparava como Davy Crockett, mas com atitude, e era tão impassível como uma pedra. Bom, os franceses tinham experiência com terroristas, e em certa oportunidade Clark tinha colaborado com eles. Então, a de hoje seria registrada como uma missão bem-sucedida. Rainbow tinha passado a prova de fogo. E ele também.

A Sociedade do Cincinnatus era proprietária de uma enorme casa

83

no Massachussets Avenue freqüentemente utilizada para jantares semi-oficiais vitais para a cena social de Washington, já que permitiam aos capitalistas cruzar armas e convalidar seu status entre goles e charas superficiais. O novo presidente dificultava um pouco as coisas, por suposto, com seu... estilo excêntrico de governo, mas ninguém podia CAM-biar de raiz à cidade e a nova colheita do Congresso devia aprender como funcionava Washington em realidade. Não era muito diferente de outros lugares dos EUA, claro, e para muitos essas reuniões na

antiga residência de alguém rico e importante eram simplesmente uma nova versão dos jantares do country onde tinham aprendido as regras da sociedade cortês e poderosa.

Carol Brightling era uma das novas pessoas importantes. Dava-vorciada fazia mais de dez anos, jamais havia se tornado a casar, tinha não menos de três doutorados Harvard, CalTech e Universidade de Illinois, cobrindo desse modo ambas as costas e três estados importantes, o qual era um lucro relevante em Washington. Todas estas virtudes o GA-rantizaram a atenção imediata, a não ser o afeto automático, de seis senadores e vários congressales, todos eles donos de votos e comitês.

Que tal as notícias lhe perguntou um jovem senador por Illinois levantando sua taça de vinho branco.

Quais notícias?

Suíça. Atentado terrorista ou assalto ao banco. Bom trabalho dos policiais suíços.

Os moços e suas armas comentou despectivamente Brightling.

Foi um bom programa de TV.

O futebol também o é sussurrou Brightling com um sorriso amável e acaso maliciosa.

É certo, por que o presidente não a apóia na questão do

Aquecimento Global? perguntou o senador, decidido a superar sua desvantagem inicial.

Bem, não é que não me apóie. O presidente opina que necessitamos maior respaldo científico a respeito.

E você não?

Sinceramente, não, acredito que temos o respaldo científico necessário. A informação está muito clara. Mas o presidente não está convencido e não se sente a gosto tomando medidas que afetem a economia sem estar pessoalmente seguro. Terei que lhe trabalhar um pouco *mais a cabeça*, pensou mas não adicionou Brightling.

E você está satisfeita com isso?

Compreendo sua visão replicou a Assessora de Ciência, surpreendendo ao senador da terra do Lincoln. Então, pensou o jovem, todos os que trabalham na Casa Branca estavam em sintonia com o presidente. Por muito respeitada que fora dentro da comunidade científica por suas preocupações ecológicas, a nomeação da Carol Brightling tinha sido uma verdadeira surpresa... já que sua política difere completamente da do presidente. Tinha sido uma hábil manobra

84

política provavelmente orquestrada pelo diretor do Staff Arnold von Damm, indubitavelmente o melhor operador político nessa cidade de

curingas que tinha assegurado ao presidente o apoio do movimento ecologista, que ultimamente se transformou em uma força política de magnitude nada desdenhável em Washington.

Incomoda-lhe que o presidente esteja no Dakota do Sul massacrando gansos? perguntou o senador com um sorriso enquanto o garçom o servia outra taça.

O Homo Sapiens é predador por natureza replicou

Brightling, procurando outras pessoas com quem conversar.

Só os homens?

Sorriso.

Sim, as mulheres são muito mais pacíficas.

OH, esse que está lá é seu ex-marido, verdade? perguntou o senador, surpreso pela mudança repentina no rosto da assessora.

Sim respondeu ela com voz neutra e desapaixorada, olhando para outro lado. Já o tinha visto, não necessitava nada mais. Ambos os conectavam as regras. Não aproximar-se muito, não olhar-se muito, e certamente não dirigir-lhe a palavra.

Faz dois anos tive ocasião de pôr dinheiro na Horizon Corporation. Após me amaldiçoei mais de uma vez.

Sim, John fez muitíssimo dinheiro.

E isso foi depois do divórcio, assim que ela não tirou nem um centavo.

Provavelmente não era um bom tema de conversação, pensou o senador.

Era novo no ambiente e não se destacava por sua conversação política.

Sim, foi muito bem desvirtuando a ciência como o tem feito.

Não aprova seus experimentos?

Reestruturar o DNA em novelo e animais... não. A natureza evoluiu sem nossa ajuda durante pelo menos dois mil milhões de anos. Duvido que nos necessite para sair adiante.

Há certas coisas que o homem não está destinado a conhecer?

perguntou o senador com uma careta. Era empreiteiro profissional: se dedicava a abrir buracos no chão e erigir coisas que a natureza não queria ali, mas sua sensibilidade sobre temas ecológicos se havia transformado em amor a Washington e desejo de conservar um posto de correio-der, pensou a Dra. Brightling. Outro caso de Febre Potomac, adoeçadêm de fácil contágio e difícil cura.

O problema, senador Hawking, é que a natureza é aos meusmo tempo complexa e sutil. Quando modificamos as coisas não podem prever facilmente as ramificações das mudanças que produzimos.

Isso se chama Lei de Conseqüências Não Queridas, algo com o que o Congresso está muito familiarizado, não crie?

Você está dizendo...

Estou dizendo que temos uma lei federal sobre impacto meio-ambiental porque é muito mais fácil danificar as coisas que arreglarlas. No caso de reestruturação do DNA, é mais fácil modificar

85

o código genético que avaliar os efeitos dessas mudanças a longo prazo, dentro de um século. Essa classe de poder deveria utilizar-se com o maior de os cuidados possíveis. Não todo mundo parece compreender um fato tão simples.

Esse era um ponto impossível de discutir e o senador teve que depor as armas. dentro de uma semana Brightling expor o caso ante seu comitê. Isso teria acabado com o matrimônio do John e Carol Brightling? Muito triste. O senador se desculpou e foi reunir se com sua esposa.

Não há nada novo nesse ponto de vista John Brightling se tinha doutorado em biologia molecular na Universidade da Virginia . originou-se faz uns séculos com um tipo chamado Ned Ludd. Ele temia que a Revolução Industrial acabasse com a economia granja-indústria em Inglaterra. E tinha razão. Esse modelo econômico não servia mais. Mas foi substituído por algo melhor para o consumidor e por isso o chamamos progresso! Não era para surpreender-se que Brightling, bilionario em caminho ao trillón, estivesse rodeado por uma pequena corte de admira-

doure.

Mas a complexidade... começou a objetar alguém do público.

Acontece cada dia... cada segundo, para falar a verdade. O mesmo que as coisas que tentamos dominar. O câncer, por exemplo. Não, senhora, acaso está disposta a pôr fim a nosso trabalho se isso significar que não haverá cura para o câncer de mama? Essa enfermidade afeta aos cinco por cento da população humana mundial. O câncer é uma adoeçã-dêem genética. A chave de seu cura está no genoma humano. E meu companhia vai encontrar essa chave! Com o envelhecimento passa o meus-mo. A equipe do Salk em La Jolla descobriu o gen me mate faz mais de quinze anos. Se encontrarmos a maneira de desativá-lo, a inmortalidad humana será um fato. Senhora, a idéia de viver eternamente em um corpo de vinte e cinco anos lhe resulta atrativa?

E a superpopulação? A segunda objeção da congressista foi menos ruidosa que a primeira. Era uma idéia muito vasta, demasiado bem exposta, para incitar à objeção imediata.

Uma coisa por vez. A invenção do DDT matou enormes cantidade de insetos transmissores de enfermidades e isso provocou um aumento da população mundial, verdade? OK, agora estamos superpoblados, mas quem quer de volta ao mosquito anófeles? A malária os preze um bom método de controle de população? Ninguém quer que haja

guerras, não? Também as utilizamos para controlar a população. Mas já superamos essa etapa, não lhes parece? Diabos, controlar a população não é tão difícil. chama-se controle da natalidade e os países desenvolvidos já aprenderam a fazê-lo. E os países atrasados também podem aprender, se tiverem uma boa razão para fazê-lo. Poderia lhes levar uma ou duas gerações brincou John Brightling , mas acaso há alguém aqui que não desejaria voltar a ter vinte e cinco anos... com todo o

86

que aprendeu no caminho, é obvio? eu adoraria!

prosseguiu com uma cálida sorriso. Com salários pelas nuvens e promessa de compartilhar os avanços, sua companhia tinha convocado um incrível grupo de talentos para procurar esse gen particular. As lucros que sucederiam de seu controle eram impossíveis de estimar e a patente estadounidense tinha dezessete anos de validez! A imortalidade humana, o novo Santo Grial da comunidade médica... Pela primeira vez se o estava investigando seriamente e já não era um tema de ficção científica. Acredita que poderemos obtê-lo? perguntou outra congresal, esta vez de São Francisco. Mulheres de todo tipo se sentiam atraídas por esse homem. Dinheiro, poder, bom aspecto e bons maneiras: inevitável mel para os lábios das damas.

John Brightling sorriu abertamente.

me pergunte o mesmo dentro de cinco anos. Conhecemos o gen.

Devemos aprender a desativá-lo. Temos que descobrir muitas questões básicas e no interín esperamos aprender muitas coisas úteis.

É como zarpar com o Magallanes. Não sabemos o que vamos encontrar, mas sim sabemos que será interessante ninguém recordou que Magallanes não havia tornado de sua viagem.

E lucrativo? perguntou um novo senador por Wyoming.

Assim funciona nossa sociedade, não? Pagamo-lhe às pessoas por fazer trabalhos úteis. Isto lhe parece o suficientemente útil?

Se conseguir o que se propõe, suponho que sim o senador era um médico de família que conhecia os rudimentos da profissão mas ignorava as complexidades científicas. O conceito, o objetivo da Horizon Corporation ia muito além disso, mas não queria discutirlo com eles. Tinha-lhes ido muito bem com as drogas contra o câncer e os antibióticos sintéticos, e eram a companhia privada líder no Projecto Genoma Humano, um esforço global destinado a decodificar os fundamentos da vida humana. Sendo um gênio, ao John Brightling o resultava fácil atrair a outros indivíduos de sua mesma condição. Era mais carismático que cem políticos juntos e a diferença destes últimos, teve que admitir o senador em seu foro íntimo realmente tinha com o que respaldar seu show pessoal. Com seu porte de estrela cinemato-

gráfica, seu sorriso fácil, sua soberba capacidade de escutar e seu asombrosa memore analítica, o Dr. John Brightling tinha isso que vulgarmente denominava-lhe isso knack. Obtinha que qualquer que se aproximasse dele se sentisse interessante... e o filho de puta podia ensinar, podia transmitir suas lições a quem o rodeava. Simples para os leigos e altamente sofisticadas para os especialistas em seu campo, do que ele era único soberano. OH, tinha alguns pares. Pat Reily no Harvard-Mass General. Aaron Bernstein no Johns Hopkins. Jacques Elisé no Pasteur. Talvez Paul Ging na U.C. Berkeley. Mas isso era tudo. O senador pensou que Brightling tivesse sido um clínico excepcional, mas não, era muito bom para desperdiçá-lo com gente afetada pela última versão de gripe.

Só tinha falhado em seu matrimônio. Bem, Carol Brightling Tam-

87

bién era muito inteligente, mas mais política que científica, e talvez seu ego se tinha visto afetado pelos dons intelectuais superiores de seu marido. Aqui só há lugar para um dos dois, pensou o médico de Wyoming sorrindo para seus adentros. Passava muito freqüentemente na vida real, não só nos filmes velhos. E Brightling, John parecia dirigir-se melhor a respeito que Brightling, Carol. O primeiro tinha uma bela ruiva pendurada do braço que bebia cada uma de sua pá-

bras como se fora um néctar. A segunda, em troca, tinha chegado sozinha e retornaria sozinha a seu departamento do Georgetown. Bom, pensou o senador, assim é a vida.

Imortalidade. Maldição, conseguiria muitos antílopes, pensou o médico do Cody indo reunir-se com sua esposa. O jantar estava por começar. Tinha concluído o processo de vulcanização do frango.

O Valium ajudou. Killgore sabia que não era exatamente Valium.

Essa droga se converteu em uma sorte de nome genérico para os sedativos suaves, e o que tinham aplicado era fabricado pelo Smith Kline com outro nome comercial e o benefício adicional de combinar bem com o álcool. Por tratar-se de personagens guias de ruas geralmente tão briguentos e territoriais como matilhas desatadas, esse grupo de dez estava notavelmente tranqüilo. A boa bebida havia ajudado. O gole mais popular era evidentemente o bourbon, servido em vaimos baratos e com gelo, ou com mesclas diversas para aqueles que preferiam não bebê-lo sozinho. A maioria não o preferia assim, para grande surpresa do Killgore.

A questão física ia sobre trilhos. Todos eram indivíduos saudavelmente doentes: exteriormente vigorosos mas interiormente com toda classe de problemas físicos que foram da diabetes aos enguiços hepáticos. Um deles padecia câncer de próstata, mas isso não teria impor-

tancia para esta prova em particular, não? Outro era HIV positivo, asintomático no momento, coisa que tampouco tinha importância. Provavelmente se tinha contagiado por uso de drogas, embora estranhamente só necessitava álcool para manter-se em forma. Interessante. Killgore não devia estar ali o fato de observá-los tanto lhe trazia problemas de consciência, mas eram seus ratos de laboratório e se seupunha que devia vigiar. Isso estava fazendo, precisamente, detrás do espelho, enquanto terminava a papelada e escutava ao Bach em seu CD player portátil. Três deles eram diziam ser veteranos do Vietnam. De modo que teriam matado sua quota de asiáticos na entrevista os denominavam gooks antes de quebrar-se e terminar como vagabundos bêbados. Bom, a sociedade tinha cunhado para eles o término gente sem teto ou os sem teto. Era um pouco mais digno que *vagos, término que, recordou vagamente Killgore, estava acostumado a utilizar seu MA-*

dre. Não eram precisamente grandes exemplares humanos. Mas o Projecto tinha conseguido trocá-los um pouco. Agora todos se banhavam regularmente, vestiam roupa limpa e olhavam televisão. Alguns inclusive

88

liam livros de vez em quando... Killgore tinha pensado que uma biblioteca, por troca que fora, seria uma flagrantemente estúpida perda de

tempo e dinheiro. Mas sempre bebiam, e a bebida reduzia sua capacidade de consciência absoluta a seis horas por dia. E o Valium os sedava, limitando as possíveis brigas que teriam causado problemas ao pessoal de segurança. Havia dois guardas permanentes na habitação do lado, cuja só tarefa era vigiar ao grupo. Os microfones ocultos no forro do teto lhes permitiam escutar suas conversações. Um dos dez era uma espécie de autoridade em beisebol e falava todo o tempo do Mantle e Maris a quem queria escutá-lo. A maioria hablaba de sexo, tanto que Killgore se perguntou se não devia recrutar algumas sem teto de sexo feminino para o experimento... Teria que consultá-lo com o Barb Archer. depois de tudo, precisavam saber se o gênero tinha ou não efeito sobre o experimento. Ela teria que aceitar-o, não? E não haveria ninguém de solidariedade feminina com elas. Não podia havê-lo, nem sequer uma das feminazis que colaboravam com ele nesse experimento. A ideologia do Archer era muito pura para tolerar isso. Killgore se deu volta ao escutar que golpeban a porta.

Olá, doc Era Benny, um dos moços de segurança.

Olá. Como vai isso?

estão dormindo replicou Benjamin Farmer . Os meninos estão-se levando muito bem.

Sim, claro que sim era tão fácil. À maioria terei que persua-

dirlos a sair da habitação ao pátio para caminhar uma hora todas as tardes. Mas deviam manter-se em forma... quer dizer, reproduzir a quantidade de exercício que realizavam em um dia normal em Manhattan indo de uma esquina a outra.

Maldita seja, doc, nunca conheci ninguém que pudesse tragar tanto álcool como estes tipos! Hoje traga uma caixa inteira de Dêem e só ficam duas garrafas.

Esse é seu favorito? perguntou Killgore. Não tinha emprestado muita atenção a isso.

Aparentemente sim. Eu sou homem do Jack Daniel S... mas em meu caso, posso beber duas por noite, no máximo, enquanto Miro a partida os segunda-feira, e só se jogarem bem. Nem sequer sou capaz de beber água na proporção em que estes moços bebem bebidas brancas Sorriso do ex marinhe que comandava o turno noite de segurança. Era um bom tipo esse Farmer. Cuidava animais feridos no refúgio rural da companhia. A ele lhe tinha ocorrido chamar meninos aos sujeitos do experimento. O mote tinha passado ao resto do pessoal de segurança e logo a todos outros. Killgore fez uma careta. De algum jeito terei que chamá-los, e a expressão ratos de laboratório não soava muito respeitosa. depois de tudo, eram seres humanos, e muito valiosos pelo lugar que ocupavam no experimento. deu-se volta

para olhar a um deles: Número 6 se serve outro gole, voltou para a cama e se deitou a olhar TV antes de dormir como um tronco. Se perguntou o que sonharia o pobre tipo. Alguns sonhavam e falavam em voz

89

alta durante o sonho. Talvez poderia lhe interessar a um psiquiatra ou a alguém especializado em estudos oníricos. Todos roncavam, ao ponto tal que quando dormiam produziam um som semelhante ao de uma velha locomotiva a vapor.

Chuf, chuf, pensou Killgore relendo a última folha da papelada.

Dez minutos mais e poderia voltar para sua casa. Muito tarde para acostar a seus filhos. Muito mal. Bem, ao seu devido tempo despertariam a um novo dia e um novo mundo. Esse era o melhor presente que podia lhes oferecer, por muito desagradável e pesado que fora o preço que devia pagar por isso. Humm, pensou, eu também poderia me beber um uísque.

O futuro nunca foi tão brilhante como agora anunciou John Brightling a seu público. Seu carisma tinha aumentado logo depois de dois CO-ops de selete Chardonnay californiano . As ciências biológicas estão derrubando fronteiras que nem sequer sabíamos que existiam faz quinze anos. Cem anos de investigações fundamentais estão florescendo agora mesmo, enquanto falamos. Estamos construindo sobre a obra

do Pasteur, Ehrlich, Salk, Sabin e muitos outros. Se hoje alcançarmos a ver tão longe é porque estamos parados sobre os ombros daqueles gigantes.

Bem prosseguiu Brightling , foi um comprido ascensão, mas a topo da montanha está à vista, e chegaremos a ela dentro de poucos anos.

É hábil lhe comentou Liz Murray a seu marido.

Muito murmurou Dão Murray, diretor do FBI . Também inteligente. Jimmy Hicks diz que é o melhor do mundo.

O que é o que busca?

Por isso disse antes, evidentemente quer ser Deus.

Terá que deixar-se crescer a barba.

Murray esteve a ponto de soltar a gargalhada, mas o salvou a vibração de seu telefone celular. Discretamente abandonou seu assento e se dirigiu ao foyer de mármore do edifício. Abriu o aparelho e o sistema de encriptado demorou quinze segundos em sincronizar com a estação após a qual onde se originava a chamada: os quartéis gerais do FBI.

Murray.

Diretor, sou Gordon Sinclair do Centro de Vigilância. Os seus terminaram sua parte na identificação dos outros dois. Foge-as-llas vão caminho ao BKA para que lhes joguem uma olhada Mas se não

havam meio doido algo antes teriam um novo buraco negro e lhes levaria muito tempo identificar aos dois companheiros do Model.

Não houve vítimas adicionais?

Não, senhor, só morreram os quatro maus. Todos os reféns estão a salvo e foram evacuados. Neste momento devem estar em seus respectivos lares. Ah, Tim Noonan participou da operação, é o gênio eletrônico da equipe.

90

Então... Rainbow funciona, verdade?

Nesta oportunidade funcionou, diretor opinou Sinclair.

Assegure-se de que nos enviem o relatório da operação por escrito.

Sim, senhor. Já o pedi por correio eletrônico menos de trinta funcionários do FBI conheciam a existência do Rainbow, embora muitos a suspeitavam. Especialmente os membros HRT que haviam advertido o desaparecimento do Tim Noonan, agente de terceira geração, da face da Terra . Como vai o jantar?

Prefiro Wendy S. o de sempre. Algo mais, senhor?

O caso OC em New Orleans está a ponto de fechar-se, depende Billy Betz. Ficam três ou quatro dias. Além disso, não ocorreu nada importante.

Obrigado, Gordy Murray apertou o botão END e guardou seu celular. Logo retornou ao salão, saudando no caminho a duas de suas queridas. Trinta segundos depois, quando voltou a sentar-se, seu Smith & Wesson automática fez um ruído surdo contra a madeira.

Algo importante? perguntou Liz.

Gesto negativo.

Rotina.

O caso concluiu quarenta minutos mais tarde, quando Brightling terminou seu discurso e recebeu sua plaqueta. Não obstante seguiu rodeado de seu corte, agora formada por um pequeno grupo de fãs que o acompanharam até a porta. Ali o esperava seu luxuoso automóvel. Demorou só cinco minutos em chegar ao Hotel Há-Adams, sobre o Lafayette Park. Tinha a suíte da esquina no último piso e o pessoal do hotel tinha deixado uma garrafa de branco da casa em um balde com gelo junto à cama para ele e seu acompanhante. É muito triste, pensou o doctor Brightling enquanto desenvolhia a garrafa. ia sentir saudades essa classe de coisas, de verdade ia sentir saudades as. Mas fazia muito tempo que tinha tomado sua decisão... e naquele tempo naquele tempo não sabia como marchariam as coisas. Agora sabia que funcionavam, e as coisas que sentiria saudades eram em definitiva muito menos importantes que as que obteria. E

no momento, pensou, olhando a pele clara e a te impactem figura de Jessica, obteria algo verdadeiramente formoso.

As coisas eram muito diferentes para a Carol Brightling. Apesar de seu trabalho na Casa Branca, conduziu seu automóvel sem a presença de um só custódio até seu departamento de Wisconsin Avenue, Georgetown. Sua única companhia ali era um gato chamado Jiggs, que ao menos saiu a receber a à porta, esfregando seu peludo corpo contra suas pernas e ronronando para demonstrar seu prazer de vê-la. Jiggs a seguiu ao banho e a observou trocar-se de roupa, interessado e distante ao mesmo tempo como bom gato que era, e sabendo o que viria dê-pués. Vestida com uma bata curta, Carol Brightling entrou na cozinha, abriu a despensa, tirou uma bolsa de alimento balanceado e lhe deu do CO-

91

mer ao Jiggs na mão. Logo se serve um copo de água geada com dois aspirinas. Tinha sido idéia dela. Sabia perfeitamente bem. Mas, dê-pués de tantos anos, seguia sendo tão duro como ao princípio. Havia deixado tantas coisas. Também tinha conseguido o trabalho que desejava... para sua surpresa, mas tinha seu escritório no lugar correto e participava nas decisões políticas concernentes aos temas que tanto o importavam. Mas valia a pena?

Sim! Tinha que acreditar que sim, e sinceramente acreditava assim, mas o

preço que tinha devido pagar era muitas vezes difícil de suportar. Se agachou para elevar ao Jiggs, embalou-o como ao bebê que jamais havia tido e voltou para dormitório. Novamente, o gato seria sua única companhia. Bom, os gatos eram muito mais fiéis que os homens. Havia aprendido essa lição com os anos. Uns segundos depois a bata estava sobre a cadeira, junto à cama, e Carol descansava sob as telhas com Jiggs entre as pernas. Esperava poder dormir mais rápido que outras noites. Mas sabia que não seria assim, porque sua mente não deixaria de pensar no que estava ocorrendo em outra cama, a menos de três milhas de distância.

92

CAPÍTULO 5

RAMIFICAÇÕES

O PT diário começava às 06:30 e concluía com uma carreira de cinco milhas que durava exatamente quarenta minutos. Essa manhã durou apenas trinta e oito e Chávez se perguntou se o C-2 estaria festejando o êxito da missão. Se assim fora, era bom ou mau? Supostamente, a gente não devia sentir-se bem depois de matar seres humanos, não? Era um pensamento muito profundo para uma nebulosa MA-ñana inglesa.

Ao final da carreira, as duchas quentes eliminaram o suor de

os homens. Por estranho que parecesse, a higiene era um pouco mais complicada para esse comando que para os soldados uniformizados. Quase todos levavam o cabelo mais comprido do permitido por suas respectivas força com o fim de parecer homens de negócios embora um tanto rústicos quando, vestidos com traje e gravata, abordavam, sempre em primeira classe, os aviões comerciais que os levariam ao destino. Ding era quem tinha o cabelo mais curto, porque desde que estava na CIA esmerou-se em não diferenciar-se de sua época de sargento Ninja.

Teria que deixá-lo crescer pelo menos um mês. Grunhiu de solo pensá-lo e entrou na ducha. Como comandante do C-2 tinha seu próprio compartimento privado, e graças a isso teve o tempo e a intimidade necessários para admirar seu corpo, sempre objeto de orgulho para Domingo Chávez.

Sim, os exercícios duros da primeira semana tinham dado fruto. Estava quase tão bem como no Fort Bening... e naquele tempo, naquele tempo, quantos anos

tinha? Vinte e um. Era um E-4 e um dos homens mais pequenos de seu classe. Incomodava-lhe um pouco que Patsy, alta e esbelta como sua mãe, o levasse dez centímetros. Mas ela só usava tacos baixos para não acentuar a diferença e, por outra parte, ninguém se metia com ele. Como seu chefe, Ding tinha o aspecto de um homem com quem não se jogava. Especialmente essa manhã, pensou enquanto se secava. A noite anterior havia

liquidado a um tipo com um movimento quase tão rápido e automático como o de fechá-la braguilha. Mierda pura, Herr Guttenach.

Quando voltou para casa, Patsy já se pôs seu uniforme verde.

Estava em um turno rotativo OB/GYN, programada para realizar buenão, para assistir uma cesárea essa manhã no hospital local onde estava terminando o que nos EUA tivesse sido seu ano de residência.

Logo lhe tocaria o turno rotativo pediátrico, muito apropriado a julgamento de ambos. Já lhe tinha servido seu toucinho e seus ovos... que na Inglaterra

93

pareciam ter gemas mais amarelas. Ding se perguntou se os ingleses alimentariam a seus frangos de outra maneira.

Eu gostaria que comesse mais são observou Patsy como enésima vez.

Domingo lançou uma gargalhada e abriu o jornal da manhã, o *Morning Telegraph*.

Querida, meu colesterol é uno-tres-cero, meu batimento do coração cardíaco em repouso é cinqüenta-e seis. Sou uma máquina de combate flexível e salu-
possível, doutora!

Mas o que passará dentro de dez anos? Perguntou Patricia

Chávez, DOUTOR EM MEDICINA

Terão-me feito dez revisiones médicas integrais e haverei

adequado meu estilo de vida aos resultados respondeu Domingo Chávez, Master de Ciência (Relações Internacionais), lubrificando com manteiga sua torrada. O pão inglês era fabuloso. por que se falava tão mal de a comida britânica? Diabos, Patsy, olhe a seu pai. Esse velho miserable segue em grande forma mas essa manhã não tinha deslocado... e em seus melhores momentos logo que podia sustentar o ritmo imposto pelo C-2. Bom, tinha mais de cinquenta anos. Não obstante, sua capacidade de tiro não tinha minguado no mais mínimo. John se tinha ocupado de deixá-lo muito em claro aos membros do comando. Era um dos mejo-cabeça de gado pistoleiros que Chávez tinha visto em sua vida, e melhor até com o rifle. Era mortal, como Johnston e Weber, aos 400 metros. A pesar do traje que usava para trabalhar, Rainbow Six encabeçava a lista de homens com os que não terei que meter-se.

Na primeira página havia um relatório sobre os acontecimentos do dia anterior na Berna. Ding o leu por cima e lhe pareceu o bastante correto. Notável. O correspondente do Telegraph devia ter bons contatos com os policiais... e lhes dava o crédito da informação. Bueno, tudo bem. supunha-se que Rainbow devia permanecer em negro. Ningún comentário do Ministério de Defesa sobre se o SEJA havia apoiado ou não à polícia a Suíça. Isso lhe resultava um tanto débil. Um não liso e

plano tivesse sido melhor... mas de utilizar o monossílabo, a próxima vez que dissessem sem comentários os jornalistas tomariam como um sim. Então, sim, provavelmente tinha sentido. Ainda não havia adquirido o dom da política, ao menos a nível instintivo. Tratar com os médios o assustava mais que enfrentar armas carregadas... estava treinado para isto último, mas não para aquilo outro. Sorriu ao dar-se conta de que enquanto a CIA tinha um escritório de relações públicas, Rainbow certamente carecia de algo semelhante. Bem, provavelmente não os pagavam para publicitarse. Enquanto Ding refletia sobre estas coisas, Patsy se tinha posto o casaco e enfiava para a porta. Correu detrás ela para lhe dar um beijo de despedida e a olhou caminhar até o carro familiar, esperando que se adaptasse melhor que ele a conduzir do lado esquerdo do caminho. Isso o punha um pouco louco e exigia concentração constante. O mais enloquecedor era a alavanca de mudanças no meio, mas por sorte os pedais estavam no mesmo lugar que nos automóveis

94

americanos. Chávez se sentia um pouco esquizofrênico dirigindo com a mão esquerda e o pé direito. O pior de tudo eram os giros. Ding se passava o tempo desejando dobrar à direita e não a izquierda. Seria uma maneira estúpida de morrer. Dez minutos depois, enfundado em sua uniforme de dia, caminhou até o edifício do C-2 para a

segunda AAR.

Popov guardou seu talão de cheques no bolso do saco. O banqueiro suíço nem sequer tinha piscado ao ver a mala cheia de dinheiro. Uma máquina notavelmente eficaz tinha contado os bilhetes e verificado simultaneamente suas denominações. A operação tinha demorado quarenta e cinco minutos em total. O número da conta era seu velho número de serviço na KGB. dentro do talão de cheques estava o cartão comercial do banqueiro e sua direção em Internet para transferências... o código tinha sido previamente acordado e escrito em seu arquivo bancário. O tema do fracasso do Model não tinha surto. Popov supôs que leria a notícia no International Herald Tribune que conseguiria em o aeroporto.

Tinha passaporte americano. A companhia lhe havia conseguido um status de residente estrangeiro e ia caminho a obter a cidadania, coisa que lhe resultava bastante divertida já que ainda conservava seu passaporte da Federação Russa, mais outros dois de seu anterior carreira com outros nomes mas com a mesma foto que ainda podia usar em caso de necessidade. Esses três estavam guardados em sua mala de viagem, em um pequeno compartimento que só poderia descobrir um empregado de alfândegas muito acostumado, e só se lhe advertia que havia algo estranho em o passageiro recém-chegado.

Duas horas antes da partida de seu avião, Popov devolveu o automóvel que tinha alugado, tomou o ônibus até o terminal, atravessou o habitual sacudo de passaportes e bagagens, e enfiou para a sala de espera de primeira classe para beber um café e comer uma medialuna. Bill Henriksen era um viciado nas notícias de primeira ordem. Ao despertar, cedo como de costume, imediatamente sintonizou a CNN, e logo trocou ao Fox News com o controle remoto enquanto fazia seus exercícios matinais de rotina. Também tinha um jornal sobre o tabuleiro da cinta. A primeira página do New York Times cobria o evento da Berna, igual a Fox News... extrañamente, a CNN falava do caso mas não mostrava muito. Fox sim, retransmitia as imagens da TV a Suíça. Assim pôde ver o que terei que ver do resgate. Pura baunilha, pensou Henriksen. Rojões de luzes explosivos nas portas principais que fizeram saltar e desfocar-se um pouco ao camarógrafo, como sempre quando alguém estava muito perto e posterior ingresso de atiradores. Não se escutaram disparos... por obra dos silenciadores. Em cinco segundos tudo tinha terminado. Então, os suíços tinham

95

um comando SWAT bem treinado. Não era para assombrar-se, embora ninguém conhecia sua existência. Poucos minutos depois, um tipo saiu do banco e acendeu sua pipa. Quenqueira que fosse, provavelmente o CO-

lhe mandem da equipe, tinha certo estilo, pensou Henriksen checando a milhagem da cinta. A equipe vestia o uniforme habitual: fainas cinza carvão com protetor corporal Kevlar. Os policiais uniformizados entraram a resgatar aos reféns logo depois de uns minutos. Sim, tinham-no feito muito bem... ou, dito de outro modo, os criminales/terroristas o noticiário não esclarecia se eram ladrões ou delinqüentes políticos não eram inteligentes. Bom, acaso estava escrito que deviam sê-lo? A próxima vez teriam que escolher gente mais capacitada se queriam que a coisa funcionara. O telefone soaria dentro de uns minutos, estava seguro, para convidá-lo a falar brevemente por televisão. Uma moléstia necessária. Soou quando estava na ducha. Fazia tempo tinha feito insistência para um aparelho junto à porta.

Sim.

Senhor Henriksen?

Sim. Quem fala? a voz não era familiar.

Bob Smith do Fox News New York. Viu a cobertura do atentado na Suíça?

Sim, para falar a verdade estive vendo seu noticiário.

Existe a possibilidade de que deva fazer um comentário?

A que hora? perguntou Henriksen, embora conhecia de antemão a resposta.

Minutos depois das oito, se fosse possível.

Até checkou seu relógio com um gesto automático e desperdiçado que ninguém veria.

Sim, está bem. Quanto tempo me darão esta vez?

Provavelmente quatro minutos.

OK, estarei ali em uma hora.

Obrigado, senhor. Avisarei ao guarda de sua chegada.

OK, vemo-nos em uma hora.

O menino deve ser novo, penso Henriksen. Por isso não sabia que ele era um comentarista regular do noticiário por que, se não, seu nome estaria incluído no rolodex do Fox? e que todos os guardas de segurança o conheciam de vista. Uma rápida taça de café e um bagel o impulsionaram até a porta, e de ali a seu Porsche 911 rumo ao ponte George Washington.

A Dra. Carol Brightling despertou, aplaudiu ao Jiggs na cabeça e saltou à ducha. Dez minutos depois, com uma toalha enroscada na cabeça, abriu a porta e recolheu os jornais da manhã. A cafeteira já tinha feito suas duas taças do Mountain-Grown Folger s e o recipiente plástico cheio de rodela de melão a esperava na geladeira. Encendi o rádio para escutar a edição matutina do All Things Considered, iniciando assim sua agenda de notícias... que continuaria durante toda a

jornada. Seu trabalho na Casa Branca consistia principalmente em ler... e hoje devia reunir-se com esse energúmeno do Departamento de Energia que ainda considerava importante construir bombas de hidrogênio. Estava decidida a aconselhar ao presidente o contrário, é obvio, conselho que provavelmente declinaria sem lhe dar explicações. Para que demônios a teria contratado essa administração? se perguntou Carol. A resposta era simples e óbvia: política. O presidente tinha tentado corajosamente evitar os enredos políticos no ano e médio que levava no mandato. Além disso, ela era mulher e quase todos os próximos ao presidente eram varões, coisa que tinha originado comentários negativos na imprensa e outros organismos, fazendo que o presidente se ofusasse em sua inocência política. Mas a imprensa se havia burlado um pouco mais e tirado proveito da situação. E por isso o tinham devotado a nomeação e a tinham tomado, lhe dando uma oficina no Old Executive Office Building e não na Casa Branca, com secretária, assistente e estacionamento no West Executive Drive para sua Funda de seis anos... o único automóvel de fabricação japonesa de essa quadra, sobre o que ninguém havia dito uma palavra, por suposto, porque ela era mulher e tinha esquecido mais costume a respeito da política de Washington das que o presidente conseguiria aprender jamais. Isso

não deixava de assombrá-la, embora se obrigou a recordar que o presidente aprendia notavelmente rápido. Mas não sabia escutar, ao menos no que a ela concernia.

Os meios o deixaram sair-se com a sua... porque os meios não eram amigos de ninguém. Ao carecer de convicções próprias publicavam o que dizia a gente, e por isso ela devia falar oficialmente, extra-oficialmente ou casualmente com diversos jornalistas. Alguns deles, os que cobriam regularmente Meio ambiente, pelo menos entendiam o lenguaje e portanto se podia confiar em que escrevessem adequadamente seus artigos. Mas sempre incluíam o flanco lixo da ciência: sim, *talvez sua posição tenha mérito, mas a ciência ainda não é o suficientemente firme e os modelos de computador não são o suficientemente específicos para justificar esta classe de ação, dizia o outro flanco.* A resulta disto, a opinião pública tão mesurada nas pesquisa estancou-se, ou inclusive transbordado um pouco. O presidente não tinha precisamente um perfil ecológico, mas o muito filho de puta se estava saindo com a sua... utilizando ao mesmo tempo a Carol Brightling como camuflagem política ou inclusive como coberta política! Isso a deixava perplexa... ou a tivesse deixado perplexa em outras circunstâncias. Mas ali estava, grampeando-a saia antes de ficá-la jaqueta, convertida em assessora hierárquica do presidente dos Estados Unidos. Isso signi-

ficaba que o via um par de vezes por semana. Significava que ele lia seus informe e recomendações políticas. Significava que ela tinha *acesso às pessoas da primeira gaveta dos meios e era livre para continuar com sua própria agenda...* dentro do razoável.

Mas era ela a que pagava o preço. Sempre era ela, pensou Carol, agachando-se para lhe atirar das orelhas ao Jiggs antes de sair. O gato

97

passaria o dia fazendo o que fora que fazia, principalmente dormindo no parapeito da janela, provavelmente esperando que sua ama retornasse e lhe oferecesse sua ração do Frisky. Pensou, não por primeira vez, em comprar um camundongo vivo para que jogasse e depois se o comesse. Era um processo fascinante de observar, predador e presa, cada um em seu papel... tal como supostamente era o mundo. Tal como há-bia sido por incontáveis séculos até os últimos dois. Até que o Homem tinha começado a trocá-lo tudo, pensou enquanto acendia o motor. Olhou os paralelepípedos da rua os desse bairro tradicional de Georgetown eram paralelepípedos autênticos, percorridos por vias de bonde e os edifícios de tijolo que haviam talher o que provavelmente há-bia sido um bosque de carvalhos menos de dois séculos atrás. Do outro lado do rio era pior ainda, só Theodore Roosevelt Island se conservava em estado antigo... embora interferida pelo rugido dos motores a ré-

tropropulsión. Um minuto depois chegou a M Street e girou para Pennsylvania Avenue. Como de costume, adiantou-se à hora pico. Atravessou tranqüilamente a ampla avenida, dobrou a direita e procurou seu estacionamento não estavam reservados mas cada um tinha o seu, e o dela estava a uns metros da Entrada Oeste.

Como era empregada regular, não deveu submeter-se ao olfato dos cães. O Serviço Secreto usava malinois belgas parecidos com os pastores alemães, mas marrons; de olfato agudo e cérebro rápido pára detectar explosivos nos automóveis. Seu passe da Casa Branca o permitió ingressar no complexo, subir as escadas que levavam ao OEOP e chegar finalmente a seu escritório. Mais que escritório era um cubículo, até-que muito maior que o de sua secretária e seu assistente. Sobre seu escritório repousavam o Early Bird seleção de artigos de diversos periódicos nacionais considerados importantes pelas pessoas que trabalhavam no edifício , um exemplar do Science Weekly, outro de *Scientific American* e várias publicações médicas. As publicações medioambientalistas chegariam dois dias depois. Ainda não havia alcançado a sentar-se quando sua secretária Margot Evans fez seu aparição com a pasta codificada sobre política de armas nucleares, documento que teria que revisar antes de oferecer ao presidente um conselho que rechaçaria. O mais molesto era, é obvio, que teria que pen-

sar para produzir o relatório que o presidente não vacilaria em rechaçar. Mas não podia lhe dar motivos para aceitar, com grande relutância pública, sua renúncia... estranha vez alguém desse nível renunciava pelas suas, embora os meios faziam ouvidos surdos ao assunto. por que não dar um passo além do habitual e recomendar o fechamento do reator de Hanford, Washington? O único reator americano com o mesmo desenho que Chernobyl, criado para produzir plutônio (Apodreci 239) para armas nucleares, o pior artefato inventado pela mente dos homens guerreiros. Havia novos problemas no Hanford, tinham descoberto novas filtrações nos tanques de armazenamento antes de que contaminaran a água, mas a filtração seguia sendo uma ameaça contra o meio ambiente e era muito custoso repará-la. A mescla química pre-

98

sente nesses tanques era horivelmente corrosiva e letalmente tóxica e radiativa... e o presidente tampouco lhe emprestaria atenção nisto.

O aspecto científico de suas objeções ao Hanford era real, e até Rede Lowell se preocupava por isso... mas igualmente queria construir um novo Hanford! Nem sequer este presidente poderia tolerá-lo!

Convencida disto, a Dra. Brightling se serve uma taça de café e começou a ler o Early Bird enquanto refletia a respeito de sua próxima e despejada recomendação ao presidente.

Então, Sr. Henriksen, quais eram? perguntou o comentarista da manhã.

Só conhecemos o nome do suposto líder, Ernst Model. Model formou parte da banda Baader-Meinhof, notório grupo terrorista alemão das décadas de 1970 e 1980. Saiu da cena pública faz aproximadamente dez anos. Seria interessante averiguar onde esteve escondido.

Você tinha um arquivo sobre o Model quando trabalhava com o Comando de Resgate de Reféns do FBI?

Leve sorriso para acompanhar a definida resposta.

OH, sim. Conheço sua cara, mas o senhor Model passará a engrossar os arquivos de inativos.

Foi um atentado terrorista ou só um roubo a um banco?

É impossível dizê-lo a partir dos informe de imprensa, mas não desdenharia a motivação do roubo. Uma das coisas que a gente está acostumada esquecer a respeito dos terroristas é que eles também precisam comer... e para isso terá que ter dinheiro. Há incontáveis precedentes de criminais supostamente políticos que violaram a lei para manter-se. Aqui, nos Estados Unidos, os AEB a Aliança, a Espada e o Braço do Senhor, como gostavam de autodenominarse roubavam bancos para manter-se. Na Alemanha, os Baader-Meinhof raptavam pessoas para ex-

torsionar às famílias e sócios das vítimas.

Então, em sua opinião são vulgares criminosos?

Assentimento. Expressão séria e reconcentrada.

O terrorismo é um crime. Esse é o dogma do FBI, de onde eu provenho. E os quatro que morreram ontem na Suíça eram criminais.

Infelizmente para eles, a polícia a Suíça reuniu e treinou uma excelente equipe profissional para operações especiais.

Como qualificaria à operação?

Muito boa. A cobertura televisiva não mostrou nenhum engano.

Todos os reféns foram resgatados, e todos os criminosos foram eliminados. Isso não é excepcional em atentados desta classe. Em abstrato, a gente preferiria apanhar aos criminosos com vida de ser possível, mas não sempre é possível... e a vida dos reféns tem absoluta prioridade em casos como este.

Mas os terroristas também têm direitos...

Por questões de princípios, sim, têm-nos, têm os mesmos

99

direitos que outros criminais. Também ensinamos isso no FBI, e o melhor que alguém pode fazer como agente da lei em um caso como este é prendê-los, pô-los frente a um juiz e um jurado e condená-los, *mas recorde que os reféns são vítimas inocentes cujas vistas CO-*

ren perigo devido às ações dos criminosos. Por conseguinte, a gente tenta lhes dar a oportunidade de render-se... realmente, a gente tenta desarmá-los se puder. Mas quase nunca pode dar o luxo de fazê-lo prosseguiu Henriksen . me Apoiando no que vi por televisão, o CO-mando suíço atuou tal como nos ensinaram a fazê-lo no Quantico. Um utiliza a força mortífera só quando é necessário... mas, quando é necessário, utiliza-a.

E quem decide quando é necessário?

O comandante toma essa decisão apoiando-se em seu treinamento, sua experiência e sua destreza. E logo, pensou Henriksen para seus adentros, os tipos suspicazes como você fazem especulações malintencionadas durante um par de semanas.

Sua companhia treina à polícia local em táticas SWAT, verdadeem?

Sim, assim é. Temos numerosos veteranos do CRR do FBI, a Força Delta e outras organizações especiais , e poderíamos utilizar esta operação a Suíça como exemplo a seguir disse Henriksen... porque a sua era uma corporação internacional que também treinava fuerzas policiais estrangeiras, e o fato de ser amável com os suíços não afetaria em nada seu bom nome.

Bem, senhor Henriksen, obrigado por compartilhar suas opiniões com

nós. William Henriksen, perito em terrorismo internacional, CEO de Global Security Inc., assina consultora internacional. São as oito vinte e quatro minutos.

No estudo, Henriksen manteve uma expressão serena e profissional até cinco segundos depois de que se apagasse a câmara mais próxima. Nos quartéis gerais de sua empresa teriam gravado a entrevista para adicionar a à vasta vídeo-biblioteca sobre o tema. A GSI era conhecida no mundo inteiro e o vídeo de apresentação incluía fragmentos de entrevistas. O diretor do piso o acompanhou à sala de maquiagem. Uma vez liberado do pó facial, caminhou tranqüilamente até seu automóvel.

Tinha resultado bem, pensou, revisando sua lista mental. Teria que averiguar quem tinha treinado aos suíços. Um de seus contatos deveria ocupar-se disso. Se se tratava de uma companhia privada, seria competência séria, mas era provável que fora o mesmo exército suíço talvez integrantes de uma formação militar disfarçados de policiais com assistência técnica do GSG-9 alemão. Um par de chamadas telefônicas o ajudariam a ficar ao tanto.

O Airbus A-340 do Popov aterrissou pontualmente no aeroporto internacional JFK. A gente sempre podia confiar na pontualidade a Suíça.

O comando policial certamente tinha um plano preestabelecido para as ações da noite anterior, pensou astutamente. Seu assento de sobressaia-ra classe estava perto da porta e foi o terceiro passageiro em abandonar

o avião, retirar sua bagagem e passar pela alfândega. Sabia por experiência que os EUA era o país mais difícil para ingressar como estrangeiro... embora com uma mínima bagagem e nada que declarar o processo foi - vemente mais fácil essa vez. Os empregados de alfândega foram amáveis e indicaram-lhe o caminho à parada de táxis onde, pela acostumada tarifa exorbitante, contratou a um chofer paquistanês para que o levasse a cidade. Como de costume, não pôde evitar perguntar-se se os táxis-teriam-lhas um acerto com o pessoal da alfândega. Mas o custo do táxi passaria a sua lista de gastos o qual significava que necessitaria um recibo e, além disso, chegaria o dia em que não teria que preocupar-se por essas nimiedades, verdade? Sorriu ao contemplar a selva urbana, cada vez mais densa à medida que se aproximavam de Manhattan.

O táxi o deixou frente a seu edifício. O piso era pago por seu empregador. Para ele era um gasto deducível de seus impostos (Popov começava a compreender as leis impositivas americanas). Passou uns minutos arrojando roupa suja no canasto e pendurando trajes. Logo baixou as escadas e lhe pediu ao porteiro que lhe conseguisse um táxi. Demorou outros quinze minutos em chegar ao escritório.

Então, como andou a coisa? perguntou o chefe. Havia um zumbido estranho no escritório, destinado a interferir possíveis espia-

jes auditivos de empresas rivais. A espionagem entre corporações era um fator importante na vida da companhia de seu patrão, e suas defesas eram tão eficazes como as da desaparecida KGB. E Popov tinha acreditado alguma vez que os governos tinham as melhores equipes. Certamente, esse conceito era falso nos EUA

Foi quase como esperava. Eram tolos... em realidade um pouco *amateurs, apesar de todo o treinamento que lhes demos na década* do 80. Disse-lhes que roubassem o banco para encobrir sua verdadeira missão...

Que era qual?

Fazer que os matassem replicou no ato Dimitri Arkadeyevich . Ao menos, acreditei que essas eram suas intenções, senhor suas pábras provocaram uma classe de sorriso a que Popov não estava acostumado. Decidiu checar as ações do banco. Acaso o propósito de a missão tinha sido afetar o posicionamento do banco? Não parecia provável, mas embora não precisava saber por que fazia o que fazia, sua curiosidade natural acabava de despertar. Esse homem o estava tratando como a um mercenário, e embora Popov sabia que se havia transformado nisso ao deixar de servir a seu país, o conceito de negociário ofendia de maneira vaga e distante seu sentido de profissionalismo . Necessitará meus serviços?

O que aconteceu o dinheiro? quis saber o chefe.

Resposta tímida:

Estou seguro de que os suíços lhe encontrarão utilidade não o

101

cabiam dúvidas a respeito das habilidades de seu banqueiro . Seguramen-
você não esperava que o recuperasse?

Gesto negativo do chefe.

Não, em realidade não. De todos os modos, era uma soma ínfima.

Popov assentiu compreensivamente. Soma ínfima? Nenhum agente
soviético tinha ganho tanto de uma só vez a KGB sempre havia
sido miserável em seus pagamentos, sem ter em conta a importância da infor-
mación obtida nem a KGB tinha tratado com tanta sua negligência
efetivo. Terei que dar conta de cada rublo, de outro modo os contado-
cabeça de gado de porotos do Dzerzhinsky 2 arrojariam o raio do demônio
contra

o oficial de campo que se mostrou tão lasso em seus operacio-
nes! Popov se perguntou como lavaria o dinheiro seu empregador. Se um
depositava ou retirava dez mil dólares em efetivo nos EUA, o banco
estava obrigado a consigná-lo por escrito. Supostamente isto ia em
contra dos narcotraficantes, mas eles as engenhavam para seguir
com o seu. Outros países teriam regulações similares? Popov não o

sabia. Suíça não, estava seguro, mas essa quantidade de bilhetes não se materializava na abóbada do banco, não? Seu chefe o tinha dirigido de algum modo, e muito bem. Ernst Model talvez fora um amateur, mas esse homem não. Deveria o ter em conta, pensou o ex-espião em grandes letras vermelhas mentais.

Houve uns segundos de silêncio. E logo:

Sim, necessitarei outra operação.

Exatamente o que? perguntou Popov, e obteve uma resposta imediata . Ah.

Assentiu. Inclusive tinha usado a palavra correta: operação. Muito estranho. Dimitri se perguntou se deveria informar-se melhor a respeito de seu empregador. depois de tudo, sua própria vida estava em suas mãos... e a do empregador nas suas, é obvio, mas a vida do outro não o preocupava no mais mínimo. Seria muito difícil? Para alguém que tinha computador e modem já não era difícil... sempre e quando tivesse tempo. por agora, passaria só uma noite em seu piso antes de voltar a cruzar o oceano. Bem, era uma boa maneira de curar o mal-estar provocado pelas viagens em avião.

Pareciam robôs, pensou Chávez, observando a imagem gerada por computador. Os reféns também, mas nesse caso os reféns eram criaturas geradas por computador, meninas com vestidos ou jumpers

a raias vermelhas e brancas... Ding jamais reconheceria a diferença entre um vestido e um jumper. tratava-se claramente de um efeito psicológico programado no sistema pela pessoa que tinha estabelecido os parâmetros do programa chamado SWAT 6.3.2. Uma empresa do California o tinha produzido pela primeira vez para a Força Delta por contrato DOD fiscalizado pela Corporação RAND.

Era custoso de usar, principalmente pelo traje eletrônico que tinha posto. Pesava o mesmo que o habitual traje negro das me-

102

siones e estava cheio até as luvas de cabos e sensores de cobre que informavam ao computador uma velha Cray YMP tudo o que fazia seu corpo, e a sua vez projetavam imagens geradas por computadora em suas lentes especiais. O Dr. Bellow lia os textos, desempenhando o rol de líder dos maus e assessor dos bons no jogo.

Ding girou a cabeça e viu o Eddie Price a suas costas. Hank Patterson e Steve Lincoln estavam na outra esquina virtual... as figuras robóticas com números lhe permitiam saber quem era quem.

Chávez levantou e baixou três vezes o braço direito para pedir Ben-ornamentos explosivos e observou uma vez mais a esquina...

... Desde sua cadeira, Clark viu aparecer uma linha negra no rincão branco e apertou a tecla 7 no teclado de seu computador...

... O mau nº 4 apontou sua arma para o grupo de meninas...

Steve! Agora! ordenou Chávez.

Lincoln detonou o rojão de luzes explosivo. Era um simulador de grãodá com a suficiente carga explosiva para produzir ruído e a suficiente quantidade de pó de magnésio para provocar um resplendor cegador destinado a cegar e desorientar pelo ruído da explosão, o suficiente para afetar o mecanismo de equilíbrio do ouvido interno. O som se escutou através dos auriculares, embora não tão forte, e o fulgor esbranquiçado penetrou os lentes VR. O efeito conjunto fez-os saltar.

O eco não tinha desaparecido ainda quando Chávez entrou na habitação com a arma apontada contra o terrorista nº 1, suposto líder inimigo, e disparou. Chávez pensou que havia um enguiço no sistema computadorizado. Os membros europeus de sua equipe não disparavam como os americanos. De fato, estendiam seus H&K para frente antes de apertar o gatilho. Chávez e o resto dos americanos tinham à aproximação do ombro. Ding disparou a primeira ronda antes de cair ao chão, mas o sistema não registrou essa vantagem... coisa que o molestó muchísimo. Não tinha errado jamais, tal como comprovou um tipo chamado Guttenach ao encontrar-se frente a São Pedro sem muitos prólegómenos. Ao tocar o chão, Chávez rodou, repetiu os disparos e apontou

seu MP-10 contra outro branco. Seus auriculares reproduziram o ruído de os disparos (por alguma razão, o programa SWAT 6.3.2 não aceitava arma com silenciador). A sua direita, Steve Lincoln e Hank Patterson disparavam contra os seis terroristas. As rajadas curtas e controladas retumbaram em seus ouvidos. As cabeças inimizadas voaram gloriosamente em pedaços em suas lentes VR...

... mas o moço mau nº 5 apertou o gatilho, não contra a equipe de resgate a não ser contra os reféns, que começaram a cair até que três Rainbow o abateram conjuntamente...

Espaçoso! gritou Chávez, parando-se de um salto e avançando para as imagens dos meninos maus. Segundo o computador, um de eles estava vivo ainda, embora sangrando-se pela cabeça. Ding apontou contra ele, mas nesse instante a silhueta do nº 4 deixou de mover-se.

103

Espaçoso! Espaçoso! anunciou Chávez a sua equipe.

Exercício concluído anunciou a voz do Clark. Ding e seus homens se tiraram os lentes de Realidade Virtual e comprovaram que a habitação duplicava o tamanho de uma quadra de esportes de basketball e estava totalmente vazia, como um ginásio a meia-noite. Custou-lhes um pouco acostumar-se. O simulacro tinha recriado um atentado terrorista com-

tra uma escola... de meninas evidentemente, para obter um maior impacto psicológico.

Quantas perdemos? perguntou-lhe Chávez ao teto.

Seis mortas e três feridas, segundo o computador disse Clark, entrando na enorme habitação.

O que fizemos mau? perguntou Ding, suspeitando a resposta.

Vi-te espiando pela esquina, nenê respondeu Rainbow Six .

Isso alertou aos maus do filme.

Carajo respondeu Isso Chávez é culpa do programa. Na vida real tivesse usado um espelho ou me tivesse tirado este chapéu do Kevlar, mas o programa não o permite. E os rojões de luzes explosivos tivessem funcionado melhor.

Talvez admitiu John . Mas seu puntaje neste caso é B-minus.

Bravo, obrigado, Mr. C. se burlou o comandante do C-2 . A próxima vez dirá que falhamos ao disparar?

Segundo a máquina, você falhou.

Maldita seja, John! Ao programa lhe importam um nada os atira-doure, e não estou disposto a treinar a minha gente para que dispare como gosta a uma máquina em vez de lhe acertar ao branco! te tranqüilize, Domingo. Sei que seus homens sabem disparar.

OK, me siga. Vejamos o replay.

por que entrou dessa maneira, Chávez? perguntou Stanley quando todos se sentaram.

Esta porta é mais larga e proporciona melhor linha de fogo...

Para ambos os bandos observou Stanley.

Assim são os campos de batalha contra-atacou Ding . Mas se um conta com a surpresa e a velocidade, isso é uma vantagem. Pus a equipe de reforço na porta traseira, mas a configuração do edifício não os permitiu participar da operação. Noonan encheu o edifício de câmaras e sensores. Tivemos boa cobertura dos terroristas e organizei o assalto para apanhá-los a tudo no ginásio...

Com as seis armas apontadas aos reféns.

Era melhor isso que ter que buscá-los por toda parte. Talvez um deles poderia arrojear uma granada da esquina e matar a um montão de muñequitas Barbie. Não, senhor, pensei entrar pelo fundo, ou fazer um assalto a dois eixos, mas os fatores distancia e tempo não me pareceram propícios. Está dizendo que me equivoquei, senhor?

Neste caso, sim.

Mentira, pensou Chávez.

OK, me mostre o que pensa.

Era tanto uma questão de estilo pessoal como de acerto e engano, e Ding sabia que Alistair Stanley tinha estado ali e o tinha feito milhões de vezes. De modo que observou e escutou. E viu que Clark fazia o mesmo.

Eu não gosto de disse Noonan quando Stanley concluiu seu presentación do caso . É muito fácil colocar uma petardo de estrondo no trinco. Essas porcarias custam menos de dez dólares. Se pudessem comprar em qualquer loja de presentes do aeroporto... a gente está acostumado às colocar nas portas dos hotéis para dissuadir às visitas inoportunas. Tivemos um caso no FBI: um sujeito utilizou uma e quase nos obrigou a abortar a missão, mas por sorte o rojão de luzes explosivo da janela externa tampou o ruído.

E se seus sensores não tivessem irradiado a posição de todos os sujeitos?

Mas a transmitireron, senhor contra-atacou Noonan . Tivemos tempo de rastreá-los de fato, o exercício de treinamento havia comprimido o tempo por um fator de dez, mas isso era normal nos simulacros computadorizados . Estes simulacros são grandiosos para planejar as missões, mas em outras coisas ficam curtos. Acredito que o fizemos muito bem A última frase indicava que Noonan queria ser um membro mais do Comando 2, não só seu mago da técnica, pensou Ding.

Tim estava passando muitas horas no polígono de tiro e igualava em habilidades a qualquer membro do comando. Bom, tinha trabalhado no CRR do FBI sob as ordens do Gus Werner. Tinha créditos para unir-se ao conjunto. Werner tinha sido considerado para o posto do Six no Rainbow. Mas Stanley também.

OK disse Clark , vejamos a filmagem.

Foi uma surpresa verdadeiramente desagradável. Segundo a computadora, o dedo do terrorista nº 2 tinha seguido apertando o gatilho de seu AK-74 quando lhe voaram a cabeça, e uma de suas rajadas havia atravessado prolijamente a cabeça do Chávez. O computador Cray dizia que Ding estava morto: a bala teórica tinha passado por debaixo da viseira de seu casco Kevlar e transitado até seu cérebro. Chávez ficou absolutamente perplexo. Embora se tratava de um fato infeliz gerado por computador também era real, porque a vida real incluía feitos infelizes. Tinham falado de utilizar visores Lexan nos cascos que podiam ou não deter as balas mas desistiram de fazê-lo pela distorção visual que produziam.... Talvez devamos reconsiderar o tema, pensou Ding. A opinião do computador era simples: se era possível, *podia acontecer, e se podia acontecer, cedo ou tarde aconteceria, e alguém* da equipe teria que ir à casa de um companheiro e lhe dizer a seu esposo que acabava de converter-se em viúva. Por obra do azar: má sorte.

Como lhe dizer isso a alguém que acabava de perder a seu marido? Causa de morte: má sorte. Chávez sentiu um calafrio ao pensá-lo. Como tomaria Patsy? Apartou o pensamento de sua cabeça. O nível de probabilidade era muito baixo, matematicamente idêntico ao de ser fulminado por um raio em um campo de golfe ou falecer em um acidente aéreo, e a

105

vida era risco puro, e a única maneira de evitar os riscos era estando morto. Ou um pouco parecido. Girou a cabeça e olhou ao Eddie Price. Enganos imperdoáveis, chefe observou o sargento maior com um amargo sorriso . Mas eu liquidei ao tipo que o matou, Ding. Obrigado, Eddie. Faz-me sentir muitíssimo melhor. A próxima vez disparará mais rápido?

Indubitavelmente, senhor prometeu Price.

Alegre se, Ding comentou Price, notando o tom da conversación . Pôde ter sido pior. Ainda não vi a ninguém ferido de gravidade por um elétron.

E se supõe que alguém deve aprender nos exercícios de treinamento, murmurou Ding para seus adentros. Mas o que se podia aprender disto? Que a mierda existe? Teria que refletir a respeito, supôs, e em qualquer caso, o Comando-2 ficava agora em compasso de espera, já que o C-1 do Peter Covington se faria cargo da próxima

missão. Amanhã continuariam as práticas de tiro e tentariam disparar um pouco mais rápido, talvez. O problema era que não havia muitas possibilidades de melhorar e se se esforçavam muito podiam prejudicar os lucros obtidos. sentia-se como o treinador de uma equipe de futebol particularmente bom. Todos os jogadores eram excelentes e trabalhadores... embora não perfeitos. Mas acaso a falta de perfeição podia corrigir-se com treinamento? E até que ponto meramente refletia o fato de que a equipe contrária também jogava? Sobressaia-a-ra missão tinha sido muito fácil. Model e seu grupo pediam a gritos que os matassem. Não sempre seria assim.

106

CAPÍTULO 6

VERDADEIROS CRENTES

O problema era a tolerância ao meio ambiente. Sabiam que o organismo apóie era tudo quão eficaz necessitavam que fora. Mas era muito delicado. Morria facilmente ao ser exposto ao ar. Não sabiam exatamente por que. Podia dever-se à temperatura ou a umidade, ou ao excesso de oxigênio esse elemento tão essencial para a vida era um grande assassino de vida a nível molecular . A incerteza tinha sido uma grande moléstia até que um membro da equipe propôs uma solução. Utilizaram tecnologia de engenharia genética para enxertar gens cance-

nos reja no organismo. Mais especificamente, usaram material genético de câncer de cólon, uma das cepas mais robustas, obtendo resultados surpreendentes. O novo organismo era apenas um terço de micron maior e muito mais forte que o primeiro. A prova estava na tela miscoscópica. As diminutas cepas tinham sido expostas durante dez horas ao ar e a luz em um ambiente fechado antes de ser reingresadas ao recipiente de cultivo, e a técnica já estava vendo que eram extremamente ativas. Utilizavam seu ARN para multiplicar-se depois de comer, criando milhões de réplicas diminutas com um só objetivo: devorar tecidos. Neste caso tecido renal, embora o fígado era igualmente vulnerável. A técnica graduada em medicina na Universidad do Yale anotou a informação necessária e logo, já que era seu projeto, procedeu a dar nome ao novo organismo. alegrou-se de ter tomado um curso sobre religiões comparadas vinte anos atrás. Não o podia chamar de qualquer maneira, verdade?

Shiva, pensou. Sim, o mais complexo e interessante dos deuses hindúes, alternativamente Destruidor e Restaurador, deidade que controla o veneno que podia destruir à humanidade, uma de cujas esposas era Kali, a deusa da morte. Shiva. Perfeito. Concluiu suas anotações, incluindo o nome que recomendava para o organismo. Há-bria uma prova mais, um último obstáculo tecnológico que saltar antes

de que tudo estivesse preparado para a execução. Execução, pensou, era uma palavra verdadeiramente apropriada para o projeto. E a grande escala.

Para o próximo passo tomou uma amostra da Shiva e a guardou em um recipiente selado de aço inoxidável. Logo saiu de seu laboratório, caminhou uns metros pelo corredor e entrou em outro laboratório similar.

Olá, Maggie a saudou o chefe desse laboratório . Tem algo para mim?

107

Olá, Steve o saudou, lhe entregando o recipiente . Aqui está.

Como vamos chamar o? Steve tomou o recipiente e o apoiou sobre uma mesada.

Shiva, acredito.

Sonha detestável comentou Steve com um sorriso.

OH, é-o prometeu Maggie. Steve, outro DOUTOR EM MEDICINA e Ph.D. da Duke

University, era o melhor especialista em vacinas da companhia. Para este projeto o tinham separado de uma investigação sobre SIDA que começava a progredir ostensivelmente.

E bem, os gens de câncer de cólon funcionam como previu?

Mostra boa tolerância aos UV logo depois de dez horas de exposição. Não obstante, não sei o que acontecerá luz solar direta.

Duas horas é tudo o que necessitamos lhe recordou Steve. E a dizer verdade bastava com uma hora, e ambos sabiam . O que aconteceu o sistema de atomização?

Ainda temos que prová-lo admitiu Maggie , mas não será um problema.

Ambos sabiam que era certo. O organismo toleraria facilmente o passagem através dos asperjadores para o sistema de exposição... o qual seria verificado em uma das grandes câmaras meio-ambientais. Fazê-lo ao ar livre seria muito melhor, é obvio, mas se Shiva era tão robusto como acreditava Maggie... seria prudente não correr o risco. OK, então. Obrigado, Maggie.

Steve voltou para sua mesa e inseriu o recipiente em uma das caixas-luva, a fim de abri-lo e começar a trabalhar sobre a vacina. A MA-
yor parte do trabalho já parecia. O agente básico era o bastante conhecido e no ano anterior o governo tinha outorgado recursos a seu com-
pañia para investigar a vacina. Por outra parte, Steve era mundial-
mente famoso por gerar, capturar e replicar anticorpos capazes de estimular o sistema imunológico humano. Lamentava vagamente a suspensão de suas investigações sobre o SIDA. Pensava que poderia ter descoberto um método para gerar anticorpos de amplo é-
pectro capazes de combater ao ágil vírus... talvez 20 por cento de

modificação, avaliou, mais o benefício agregado de abrir um novo sã-
dero científico, essas eram as coisas que faziam famoso a um homem... e
talvez lhe tivessem feito ganhar uma passagem a Estocolmo dentro de dez
anos. Mas, dentro de dez anos já não teria importância, não? Claro
que não, pensou o cientista. deu-se volta para olhar a triplo janela de
seu laboratório. Um belo pôr-do-sol. Logo sairiam as criaturas de
a noite. Os morcegos caçariam insetos. As corujas apanhariam
camundongos e ratos. Os gatos abandonariam suas casas para rondar e
saciar sua fome. Estava acostumado a utilizar suas lentes de visão noturna para
ob-
servar às criaturas da natureza trabalhando em excesso-se em tarefas não muito
distintas da sua. Mas voltou para sua mesa de trabalho, tirou o teclado de
seu computador e fez algumas notas sobre o novo projeto.
Muitos utilizavam anotadores manuais, mas o projeto só permitia
armazenar os registros previamente encriptados por computado-
108

ra. Se esse sistema era bom para o Bill Gates, também era bom para ele.
O mais simples não sempre era o melhor. Isso explicava por que estava ele
ali, formando parte do recentemente batizado Projeto Shiva, não?
Necessitavam tipos com armas, mas eram difíceis de encontrar ao
menos era difícil encontrar os tipos adequados, com a atitude adequa-

dá , e a tarefa se via dificultada ainda mais pelas atividades gubernamentais com objetivos similares embora divergentes. Não impede-lhe, isso os ajudava a evitar aos loucos mais óbvios.

Carajo, é lindo lá fora comentou Mark.

Seu anfitrião bocejou ruidosamente.

Há uma casa nova ao outro lado da colina. Se o dia não for ventoso, posso ver a fumaça da chaminé.

Mark teve que reir-se.

Bonita vizinhança. Você e Daniel Boone, né?

Foster adotou uma expressão ovejuna.

Sim, bom, são mais de cinco milhas.

Mas, sabe uma coisa? Tem razão. Imagine o que era isto antes da chegada do homem branco. Nada de caminhos, salvo a borda dos rios e os caminhos dos veados. As caçadas deviam ser espectaculares.

Suponho que o melhor de tudo era não ter que trabalhar para comer Foster assinalou o parapeito da estufa a lenha de sua cabana de troncos. Estava repleto de troféus de caça. Não todos eram legais, mas nas Montanhas Bitterroot de Montana não havia muitos policiais, e Foster era um tipo reservado.

É nosso direito de nascimento.

Supostamente concedeu Foster . Em todo caso, é algo por o que vale a pena brigar.

até que ponto? perguntou Mark, admirando os troféus. A tapete de urso cinza era particularmente impressionante... e provavelmente ilegal como o inferno.

Foster serve um copo de bourbon para sua hóspede.

Não sei como será no Este, mas aqui, se brigas... brigas. Até o final, moço. Aponta a seu adversário e o põe a dormir eternamente com um disparo certo.

Mas logo tem que fazer desaparecer o cadáver demarcou Mark, bebendo seu bourbon. Foster só comprava uísque barato. Bom, provavelmente não podia dar o luxo de pagar o bom.

Gargalhada.

Alguma vez ouviu falar de máquinas escavadoras? O que lhe parece um bom fogo?

Nesse setor do estado muitos acreditavam que Foster tinha matado a um policial. A resulta disso, evitava à polícia local... e os patrulheiros da auto-estrada não permitiam que se aproximasse de uma milha do limite. Mas embora tinham encontrado o automóvel incendiado, a quarenta meu-

llas de distância o cadáver do policial desaparecido jamais foi acha-

dou... e isso era tudo. Não havia muitas possíveis testemunhas nessa parte do estado, nem sequer com uma casa nova a cinco milhas. Mark bebeu outro gole de bourbon e se respaldou na cadeira de couro.

É lindo ser parte da natureza, não?

Sim, senhor. claro que sim. Às vezes penso que entendo aos índios, sabe?

Comoces a algum?

OH, claro. Charlie Grayson é um Nez Percé, guia de caçadores.

Ele me conseguiu meu cavalo. Eu também o faço às vezes para conseguir um pouco de dinheiro. Trago cavalos das altas planícies e os vendo. E também há muitas renas.

E os ursos?

Há suficientes replicou Foster . Principalmente negros, e alguns grizzlies.

O que usa? Arco?

Gesto negativo bonachão com a cabeça.

Não. Admiro aos índios, mas não sou índio. Depende do que esteja caçando e em que país o esteja fazendo. Principalmente Winchester Mag .300 de ação rápida, mas em reservas fechadas me basta com um rifle semiautomático.

Carga manual?

É obvio. É muito mais pessoal desse modo. Terá que mostrar respeito pelo jogo, sabe, para ter contentes aos deuses da montanha.

Foster sorriu ao dizer isso. Mark avaliou seu sorriso apropriado, sonhada. Em todo homem civilizado havia um pagão em potência que realmente acreditava nos deuses da montanha e no apaziguamento de os espíritos do jogo mortal. E ele também acreditava em todo isso, apesar de sua educação técnica.

E você o que faz, Mark?

Graduei-me em bioquímica molecular.

E isso o que significa?

OH, descobrir como acontece a vida. Por exemplo, como faz o ousado para ter tão bom olfato prosseguiu, mentindo . Pode resultar interessante, mas minha verdadeira vida começa quando venho a luga-cabeça de gado como este, e saio de caçada, e conheço homens que entendem o jogo melhor que eu. Tipos como você concluiu Mark, elevando seu copo em comemoração . E você?

Ah, bom, estou retirado. Eu também fiz o meu. Acreditaria-me se te dissesse que fui geólogo de uma empresa petroleira?

Onde trabalhava?

Em todo mundo. Tinha bom olfato e as petroleiras me paga-

ban muito bem por descobrir jazidas, sabe? Mas tive que deixar.

Cheguei ao limite em que... bom, você voa seguido, não?

Bastante confirmou Mark.

A fuligem pardusco disse Foster.

110

Né?

Vamos, vê-se em todo mundo. Superando os trinta mil pés de altura vê a fuligem pardusco. Hidrocarbonos complexos, principalmente produzidos pelos aviões de passageiros. Um dia, voltando de Paris... fazia conexão do Brunei, vinha em sentido contrário porque queria descer na Europa para me encontrar com um amigo. Bom, como fora, aí estava eu, em um maldito 747, no meio do maldito oceano Atlântico, a umas quatro horas da primeira franja de terra, sabe? Assento de primeira classe, bebendo um gole, olhando pela janela... e aí estava, a fuligem... essa maldita mierda marrom. Compreendi que estava colaborando na produção dessa porcaria, ensuando a jodida atmosfera. Como fora prosseguiu Foster, esse foi o momento de mi... conversão. Suponho que podemos chamá-la assim. Emvié minha renúncia a semana seguinte, troquei minhas ações na metade de seu valor e comprei este lugar. E agora me dedico à caça e a pesca, trabalho como guia no outono, leão muitíssimo, escrevi um livrinho aproxima

dos efeitos dos produtos petroleiros sobre o meio ambiente, mas como é tudo.

O livro chamou a atenção ao Mark, é obvio. A história do fuligem pardusco figurava no insuficientemente escrito prefácio. Foster era um crente, mas não um estúpido. Sua casa tinha eletricidade e telefone.

Mark tinha visto um computador Gateway sobre o piso, junto ao escritório. Inclusive tinha TV via satélite, além da usual caminhonete Chevy com armeiro na janela traseira... e escavadora diesel. Então, talvez fora um crente, mas não estava muito louco. Isso era bom, pensou Mark. Só terei que ser um pouco louco. Foster o era. O fato de que tivesse matado à polícia era a prova.

Foster devolveu seu olhar amistoso. Tinha conhecido tipos como ele no Exxon. Acadêmico, sim, mas inteligente, desses aos que não os im- leva sujá-las mãos. Bioquímica molecular. Não tinham essa Carrera na Avermelhado School of Mine, mas Foster estava suscripto à *Science News* e sabia do que se tratava. Era um dos que interferiam com a vida... mas, extrañamente, entendia de cervos e renas. Bom, o mundo era um lugar complicado. Nesse mesmo momento, sua hóspede viu o bloco do Lucite sobre a mesa ratona.

O que é isto? perguntou Mark, levantando-o.

Foster sorriu com suspicacia.

O que parece?

Bom, poderia ser marcasita O...

Não é ferro. Conheço minhas rochas, senhor.

Ouro? De onde?

Encontrei-o em meu arroio, a umas trezentas jardas daqui

assinalou Foster.

É uma semente de bom tamanho.

Cinco onças e meia. Aproximadamente dois mil dólares. Sabe, a gente (de raça branca) esteve vivendo neste mesmo lugar mais de cem anos, mas ninguém viu o que havia no arroio. Algum dia terei que

111

rastreá-lo e ver se houver uma boa nervura. Deveria havê-la, porque na base da grande há quartzo. As minas de quartzo e ouro tendem a ser muito ricas, pela maneira em que emerge o mineral do centro da terra. Esta região é predominantemente vulcânica, está cheia de gêiseres e coisas pelo estilo recordou a sua hóspede . De vez em quando sofremos tremores de terra.

Então, poderia ser dono de uma mina de ouro?

Gargalhada.

Sim. Que ironia, não? Paguei a tarifa normal por terra de pastoreio... nem sequer o normal, pelas montanhas. O último tipo que teve

rancho aqui se queixava de que seus animais perdiam peso subindo em busca de pastos mais tenros.

É grande?

Gesto displicente.

Não posso sabê-lo, mas se a mostrasse a alguns tipos que foram à escola comigo, bem, suponho que muitos investiriam dez ou vinte milhões para averiguá-lo. Como pinjente, é uma jazida de cuarzo. A gente aposta forte nesses casos. O preço do ouro está baixo, mas se sair da terra em estado puro... bom, é muito mais valioso que o carvão, sabe?

Então, por que não...?

Porque não o necessito e é um processo horrível de contemplar.

Inclusive pior que as escavações petroleiras. Essas se podem controlar um pouco. Mas uma mina... impossível. Nunca desaparece. Os refugos não desaparecem. O arsênico se filtra na água terrestre e fica ali para sempre. De todos os modos, tenho um par de pedras na bolsa, e se alguma vez necessito dinheiro, bom, já sei o que fazer.

Com que frequência revisa o arroio?

Quandoresco... trutas, vê? Assinalou uma muito grande que pendurava da parede de troncos. Cada terceira ou quarta vez que vou a pescar, encontro outra semente. Em realidade, suponho que o depósito deve

ter ficado ao descoberto recentemente. De outro modo, os lugareños o tivessem detectado faz tempo. Diabos, talvez deveria rastrearlo e ver onde começa, mas temo cair na tentação. Para que? concluiu Foster . Poderia ter um momento de debilidade e ir contra meus princípios. De todos os modos, não acredito que vá mover se, verdade? Mark grunhiu.

Suponho que não. Tem mais destas?

Claro Foster se levantou, abriu a gaveta de seu escritório e o arrojou uma alforja de couro. Mark a atalhou no ar, surpreso pelo peso, quase dez libras. Atirou da corda e extraiu uma semente. Tinha o lhamão do meio dólar, metade ouro, metade quartzo, muito mais bela por essa imperfeição.

Está casado? perguntou Foster.

Sim. Tenho esposa e dois filhos.

Fica com isso, então. Manda fazer uns pendentos e régálaselos para seu aniversário ou o que seja.

112

Não posso fazer isso. Isto vale mais de dois mil dólares.

Foster fez um gesto desdenhoso.

Carajo, só servem para ocupar lugar em meu escritório. por que não fazer feliz a alguém com elas? Além disso, você entende, Mark. Acredito

que de verdade entende.

Sim, pensou Mark. Foster o estava recrutando.

E se te dissesse que existe uma maneira de fazer desaparecer esse fuligem pardusco...?

Olhar inquisitivo.

Está falando de algum organismo que o devore ou algo pelo estilo?

Mark levantou a vista.

Não, não exatamente...

Quanto mais poderia lhe dizer? Devia ser muito cauteloso. Acabavam de conhecer-se.

Conseguir o avião é tua coisa. Quanto ao destino do vôo, nisso sim poderemos lhe ajudar lhe assegurou Popov a seu anfitrião. Qual seria o destino? perguntou o anfitrião.

A chave está em sair do radar de controle de tráfico aéreo e afastá-lo suficiente para que não lhe rastreiem os aviões de combate, como bem sabe. Logo, se pode aterrissar em um lugar amigo e encargar da tripulação antes de chegar ao destino, voltar a pintar o avião não será difícil. Logo poderíamos destruí-lo, inclusive desmantelá-lo para vender as partes principais, motores e coisas pelo estilo. Poderiam evaporar-se facilmente no mercado negro internacional trocando

algumas agrade identificatorias explicou Popov . Já passou mais de uma vez, como bem sabe. Os serviços de inteligência e agências políticas ocidentais não publicitan essa classe de feitos, é obvio.

O mundo está infestado de sistemas de radar objetou o anfitrión.

É certo concedeu Popov , mas os radares de tráfico aéreo não vêem os aviões propriamente ditos. Vêem os sinais de retorno de os radares dos aviões. Somente os radares militares vêem os aviones, e que país africano possui uma rede adequada de defesa aérea?

Além disso, adicionando um simples transmissor de interferências aos foimmas de rádio do avião, poderia reduzir notavelmente as possibilidades de te rastrear. Sua fuga não será um problema, sempre e quando obtiver chegar a um aeroporto internacional, meu amigo. Isso lhe recordou é o mais difícil. Uma vez que desapareça sobre a África... bom, então tudo ficará a seu critério. Poderá escolher seu país do destino por razões de pureza ideológica ou mudança monetária. Você decide. Recomendo a primeira opção, mas a última também é possível concluiu Popov.

África não se converteu ainda em caldo de cultivo da lei e a integridad internacionais, mas tinha centenas de aeroportos em condições de receber aviões comerciais.

Lamento o do Ernst disse em voz baixa seu anfitrião.

Ernst era um imbecil! contra-atacou seu amiguinha com gesto furibundo . Teria que ter roubado um banco mais menino. Mas se meteu no meio da Berna. Quis fazer uma declaração de princípios resmungou Petra Dortmund. Até esse momento, Popov só a conhecia por reputação. Provavelmente tinha sido bonita, inclusive bela, mas seu cabelo outrora loiro estava tingido de marrom e seu rosto magro era severo, com os maçãs do rosto afundados e frouxos e os olhos emoldurados por enormes olheiras escuras. Era virtualmente irreconhecível, dali que a polícia européia ainda não a tivesse apanhado junto a seu amante de sempre, Hans Fürchtner.

Fürchtner tinha percorrido o caminho inverso. Tinha pelo menos trinta quilogramas de sobrepeso, e seu denso cabelo escuro e sua barba haviam desaparecido. Parecia um banqueiro, gordo e feliz. Já não era o comunis-você sério, impulsivo e comprometido das décadas do 70 e o 80... ou por o menos não estava à vista. Hans e Petra viviam em uma casa decente nas montanhas, ao sul do Munich. Seus vizinhos acreditavam que eram artistas... ambos tinham o hobby de pintar, desconhecido pela polícia de seu país. Inclusive vendiam suas obras a pequenas galerias de vez em quando. Ganhavam o suficiente para alimentar-se, mas não para manter o trem de vida ao que estavam acostumados.

Deviam sentir saudades as casas seguras na antiga Checoslovaquia, pensou Dimitri. Descer do avião e ser transladados em automóvel a lugares cómodos, a não ser luxuosos, comprar nas lojas especiais mantidas pela elite local da Partida, receber visitas freqüentes de oficiais de inteligência que lhes proporcionavam a informação necessária para planejar a próxima operação. Fürchtner e Dortmund tinham realizado várias operações decentes. A melhor de todas foi o seqüestro e interrogatorio do sargento americano que trabalhava com projéteis de artilharia nuclear... missão que foi atribuída pelo GRU soviético. Todos tinham aprendido muita graças a essa missão, e a maioria de os conhecimentos ainda eram úteis, pois o sargento era perito em os sistemas de segurança americanas PAL (elo permissível de ação). Seu cadáver foi achado muito depois nas montanhas nevada do sul da Bavaria; disse-se que tinha morrido em um horrível acessam-você de trânsito. Ou isso pensou o GRU apoiando-se nos informe de seus agentes no alto mando da OTAN.

Então, o que é o que quer averiguar? perguntou

Dortmund.

Os códigos de acesso eletrônico ao sistema de comércio internacional.

Você também te converteste em um vulgar ladrão? perguntou

Hans, adiantando-se à recriminação da Petra.

Meu sponsor é um ladrão bastante excepcional. Se quisermos recuperar uma alternativa socialista e progressista ao capitalismo, necessitaremos recursos e além disso teremos que instigar certa falta de confiança no sistema nervoso capitalista, não lhes parece? Popov fez

114

uma pausa breve . Vocês sabem quem sou. Sabem onde trabalhei.

Acreditam que esqueci minha terra natal? Acaso acreditam que hei traído minhas crenças? Meu pai brigou no Stalingrado e Kursk. Soube o que é ver-se obrigado a retroceder, sofrer a derrota... Mas não se rendeu jamais! prosseguiu acaloradamente . por que acreditam que arrisco meu vida estando aqui? Os contrarrevolucionarios de Moscou não veriam com bons olhos minha missão... mas não são a única força política na Mãe a Rússia!

Ahhh observou Petra Dortmund, ficando repentinamente seria . Então, crie que não tudo está perdido?

Alguma vez pensou que a marcha incontenible da humanidade não sofreria reversos? É certo que perdemos o rumo. Vi-o com meus próprios olhos na KGB, vi a corrupção nos postos mais altos. Isso foi o que nos venceu... não Ocidente! Vi-o com meus próprios olhos quando era capitão, a filha do Brezhnev... usou o Palácio de Inverno para seu

festa de casamento. Como se fora a Grande Duquesa Anastasia em
 pessoa! Minha função na KGB era aprender do Ocidente, conhecer seus
 planos e seus segredos... mas nossa nomenklatura só incorporou a
 corrupção ocidental. Bem, aprendemos essa lição. E de muitas
 maneiras, meus amigos. A gente é comunista ou não o é. Crie ou não crie.
 Atua de acordo com suas crenças ou não.

Pede-nos muito assinalou Hans.

Serão adequadamente recompensados. Meu sponsor...

Quem é? perguntou Petra.

Não podem sabê-lo replicou tranquilamente Popov . Acaso
 acreditam ser quão únicos correm riscos nisto? E eu? Quanto a meu
 sponsor, não, não podem conhecer sua identidade. A segurança da opera-
 ción é primitivo. Supunha que sabiam estas coisas lhes recordou. Não o
 levaram a mal, tal como esperava Popov. Esses dois imbecis eram ver-
 daderos crentes, como Ernst Model, só que um pouco mais brilhantes e
 muito mais viciosos. Esse desafortunado sargento americano segura-
 mente o teria comprovado olhando incrédulo os ainda adoráveis
 olhos azuis da Petra Dortmund enquanto ela aplicava o martelo sobre
 as distintas partes de seu corpo.

Então, Iosef Andréyevich disse Hans (conheciam o Popov por
 um de seus tantos nomes secretos, neste caso I. A. Serov) , quando

quer que atuemos?

O mais rápido possível. Chamarei-os dentro de uma semana para ver se seguirem dispostos a realizar esta missão Y...

Estamos dispostos lhe assegurou Petra . Temos que planeá-la.

Nesse caso, chamarei-os dentro de uma semana para conhecer o organograma. Necessitarei quatro dias para ativar minha parte da operação. Um dado adicional: a missão depende da convocação do porta-vozes americano no Mediterrâneo. Se se encontrar no Mediterrâneo ocidental não poderão iniciar a missão, porque nesse caso os aviões de combate poderiam rastrear o vôo de vocês. Desejamos

115

que esta missão seja um êxito, meus amigos logo negociaram o preço.

Não resultou difícil. Hans e Petra conheciam o Popov dos velhos tempos e preferiram que fora ele mesmo quem lhes pagasse.

Dez minutos depois, Popov lhes estreitou a mão e partiu, esta vez em um BMW alugado rumo à fronteira austríaca. A rota estava limpa, a paisagem era bela e Dimitri Arkadeyevich voltou a pensar em seus anfitriões com curiosidade. A única verdade que lhes havia dito era que seu pai tinha brigado nas campanhas do Stalingrado e Kursk e lhe tinha contado muitas coisas sobre sua vida como comandante de

tanque na Grande Guerra Patriótica. Os alemães tinham algo estranho, o tinha aprendido por experiência própria trabalhando para o Comitê de Segurança Estatal. Se lhes davam um homem montado a cavalo, eram capazes de segui-lo até a morte. Parecia que desejavam ter algo ou alguém a quem seguir. Que estranho. Mas essa raridade servia a seus propósitos, e aos de seu empregador, e se estes alemães queriam seguir a um cavalo vermelho um cavalo vermelho morto, recordou Popov com um sorriso e um grunhido , bem, má sorte para eles. Os únicos inocentes implicados eram os banqueiros a quem tentaria raptar. Mas ao menos não os torturariam como a aquele pobre sargento negro americano. Não acreditava que Hans e Petra chegassem tão longe esta vez, embora as capacidades da polícia e os militares austríacos eram um mistério para ele. Mistério que certamente descobriria, de uma ou outra maneira. Era estranho como funcionava. O Comando 1 era agora o Comandou de Avançada, preparado para sair do Hereford em qualquer momento enquanto o Comando 2 do Chávez esperava sua próxima oportunidade. Mas era este último o que fazia os exercícios mais complexos; o sobressaiairo só fazia seu PT matutino e treinamento de rotina no polígono de tiro. Tecnicamente os preocupava que um membro do comando resultara ferido e inclusive mutilado por um acidente na prática, provocando o desmembramiento do grupo em um momento delicado.

O professor chefe de maquinarias Miguel Chin pertencia à equipe do Peter Covington. Anteriormente SEAL da Armada dos EUA, foi separado do Comando Six com apóie no Norfolk para unir-se a Rainbow. Filho de mãe latina e pai chinês, criou-se em Los Angeles, igual a Chávez. Ding o viu fumando um charuto frente ao edifício do C-1 e se aproximou de conversar com ele.

Olá, chefe saudou.

Professor chefe o corrigiu Chin . Equivale ao CSM do exército, senhor.

Meu nome é Ding, mão.

Mike Chin lhe tendeu a mão. Sua cara lhe permitia passar por algo. Era corpulento como o Urso Vega e tinha o ar de quem estava de volta de todas as coisas. Perito em toda classe de armas, seu apertão de mãos delatou outra capacidade: a de lhe arrancar a cabeça a qualquer que se metesse com ele.

116

Os charutos são maus para a saúde demarcou Ding.

Assim é a vida, Ding. De que parte da Los Angeles?

Ding lhe disse onde se criou.

Está brincando? Diabos, eu criei a meia milha dali. Você foi um dos Banditos.

Não me diga...

Chin assentiu.

Piscadores, até que me fartei. Um juiz sugeriu que me alistasse ou acabaria no cárcere, assim fui com os marinha... mas não me quisieram. As muitas joaninhas comentou Chin, cuspiendo um pouco de tabaco de seu charuto . Assim cruzei os Grandes Lagos e me fiz maquinilha... mas logo escutei falar dos SEAL e, bem, não é uma má vida, sabe? Ouvi dizer que foi da CIA.

Comecei como Onze-Bravo. Fiz um viajecito a Sudamérica que foi um fracasso total, mas conheci nosso Six no trabalho e ele me recrutou. Jamais me arrependi.

A CIA te mandou à universidade?

Ao George Manson, acabo de obter o master. Relaçõe internacionais replicou Chávez com uma piscada . E você?

Sim, encaixa bem, suponho que sim. Psicologia, só me graduei, Old Dominion University. O Doc da equipe, Bellow. É inteligente o muito filho de puta. Sabe ler a mente. Tenho três seus livros na mesa de luz.

Como é Covington para trabalhar?

Bom. Tem experiência. Sabe escutar. É um tipo reflexivo e considerado. Temos uma boa equipe, mas como de costume não há

muito que fazer. Como sua missão no banco, Chávez. Poda e rápida
Chin lançou uma baforada de fumaça ao céu.

Bom, obrigado, professor chefe.

Chávez! gritou Peter Covington. Acabava de sair do edifi-
recuo . Tenta me roubar a meu número um?

Acabamos de descobrir que criamos a poucas quadras de dis-
tancia, Peter.

Sério? Notável disse o comandante do C-1.

O tornozelo do Harry se agravou um pouco esta manhã. Não tem
importância, já se tragou várias aspirinas lhe informou Chin a seu chefe .
disparou-se sem querer durante o treinamento explicou ao Ding.

Malditos acidentes de prática, pensaram os três. Esse era o pró-
blema com esta classe de trabalho. Os integrantes do Rainbow haviam
sido escolhidos por muitas razões, e sua natureza brutalmente compe-
titiva não era a menos importante. Todos competiam com todos e cada
alguém se levava a limite em cada coisa que empreendia. Isso provocava
indevidamente feridas e acidentes de treinamento... era um mil-
gro que não tivessem um comando inteiro no hospital da base. Logo
teriam-no. Os Rainbow não podiam modificar esse aspecto de seus perso-
nalidades assim como não podiam deixar de respirar. Eram mais exigentes
que os atletas das Olimpíadas. A seu julgamento, a gente era o melhor... ou não

era nada. E por isso todos eram capazes de correr uma milha a trinta ou quarenta segundos do recorde mundial, usando botas em lugar de sapatillas. Tinha sentido em abstrato. segundo meio podia ser a diferença CIA entre a vida e a morte em situação de combate... e inclusive pior, não a própria morte ou a de uma da equipe, a não ser a de um inocente, um refém, a pessoa que tinham jurado proteger e resgatar. Mas o irônico era que o Comando de Avançada tinha proibido realizar treinamento pesado por temor aos acidentes, e desse modo suas capacidades se degradavam ligeiramente com o tempo... neste caso, já tinham passado duas semanas. Ao comando do Covington ficavam três dias mais, e logo novamente tocaria o turno ao Chávez.

Escutei dizer que você não gosta do programa SWAT disse Chin.

Não muito. Serve para planejar movimentos e táticas, mas não é bom para os resgates.

Faz anos que o utilizamos disse Covington . Melhorou muito com o tempo.

Preferiria brancos vivos e equipe MILHARES insistiu Chávez, aludindo ao sistema de treinamento utilizado pelo exército dos EUA, no que cada soldado levava receptores laser no corpo.

Não é tão bom a curta distância informou Peter.

OH, nunca o usei a curta distância confessou Ding . Mas na prática, quando nos aproximamos, já está tudo cozinhado. Nossa gente não falha quase nunca.

É certo admitiu Covington. ouviu-se o crack de um rifle. Os rifleros do Rainbow estavam praticando no polígono de mil jardas, competindo para ver quem conseguia derrubar ao grupo mais pequeno. O melhor era Homer Johnston, Rifle Dos-uno do Ding, seguido de perto pelo Sam Houston, riflero do Covington, um tipo capaz de plantar dez disparos consecutivos em um círculo de duas polegadas a quinhentas yardas de distância. Os rifleros eram atiradores excepcionais, mas o problema era que sua missão não era disparar a não ser aproximá-lo mais possível... mais ainda, deviam tomar a decisão de entrar e apanhar aos sujeitos, para o qual dependiam do doutor Bellow. O tiro, que praticavam diariamente, era a parte mais tensa, indubitavelmente, mas também a mais fácil técnica e operativamente. Esse era um aspecto um tanto perverso de a coisa, mas a deles era uma atividade perversa.

Algo a nível ameaça? perguntou Covington.

ia ver, mas o duvido, Peter Se os meninos maus que seguiam pensando em comportar-se mal na Europa tinham visto a cobertura televisiva do atentado na Berna... indubitavelmente se teriam acalmado um pouco.

Muito bem, Ding. Tenho que revisar uns papéis disse

Covington, voltando para seu edifício. Ao escutar isso, Chin arrojou seu cigarro no recipiente para fumantes e seguiu a seu chefe.

Chávez foi caminhando até os quartéis gerais e lhe devolveu a saudação ao guarda ao entrar. Os britânicos eram graciosos para saludar, pensou. Uma vez dentro, encontrou ao maior Bennett em seu escritório.

118

Olá, Sam.

Bom dia, Ding. Café?

Não, obrigado. Passou algo em algum lugar?

Gesto negativo com a cabeça.

Foi um dia tranquilo. Nem sequer houve muitos crimes.

As fontes de informação sobre atividade criminal normal eram os teleprinters de vários serviços de notícias europeus. A experiência indicava que os serviços notificavam aos interessados em atividades ilegais mais rapidamente que os canais oficiais, que geralmente enviavam a informação por fax (via segura) desta embaixada-dounidenses e britânicas na Europa. A falta de notícias inquietantes, Bennett estava trabalhando em sua lista computadorizada de terroristas conhecidos, revisando as fotos e resúmenes escritos do que se sabia (geralmente muito pouco) e o que se suspeitava (não muito mais) dessa

gente.

O que é isto? Quem é essa? perguntou Ding, assinalando a computadoradora.

Um juguetito novo. Trouxemo-lo do FBI. Envelhece as fotos de os sujeitos. Esta é Petra Dortmund. Só temos duas fotos dela, ambas de faz quase quinze anos. Assim que a estou envelhecendo quinze anos. Também lhe troco um pouco a cor do cabelo. O bom das mulheres... é que não têm barba comentou Bennett com uma careta zombadora . E geralmente são muito vaidosas para engordar como porcos, como fez nosso amigo Carlos. Esta é, olhe esses olhos. Não é a classe de garota que tentaria me levantar no bar observou Ding.

Provavelmente tampouco seria boa na cama, Domingo disse Clark a suas costas . Impressionante, Sam.

Sim, senhor. Instalamo-lo esta manhã. Noonan o pediu para mim na Divisão de Serviços Técnicos do FBI. Inventaram-no para identificar vítimas de seqüestros anos depois de seu desaparecimento. Resultou muito útil para isso. Logo alguém pensou que se servia para meninos secuestrados em crescimento, valia a pena prová-lo em delinqüentes adultos. Ajudou-os a encontrar a um grande ladrão de bancos a princípios deste ano. De todos os modos, este seria o aspecto atual do Fräulein Dortmund.

Como se chama sua meia laranja?

Hans Fürchtner Bennett moveu o mouse de seu computador e ampliou a foto do tipo . meu Deus, esta deve ser sua foto de fim de ano na secundária Leu o epígrafe . OK, gosta de beber cerveja... de modo que, lhe aumentemos uns quantos kilitos Em segundos, a foto trocou . Bigode... barba... De uma foto já tinham saído quatro. Estes dois devem levar-se muito bem comentou Chávez, recorrendo seu arquivo sobre o casal . Caso que sigam juntos pensando nisso, chegou ao escritório do Bellow.

Olá, doc.

Bellow levantou a vista de seu computador.

Bom dia, Ding. No que posso ajudá-lo?

119

Logo estivemos olhando fotos de dois moços maus: Petra Dortmund e Hans Fürchtner. Tenho uma pergunta para você.

Adiante.

É possível que estas duas pessoas sigam juntas?

Bellow piscou um pouco e se respaldou contra sua cadeira.

Muito boa pergunta. Esses dois... fiz a avaliação para os arcabritos de ativos... Provavelmente seguem juntos. A ideologia política pode ser um fator de união, uma parte importante de seu compromisso

mútuo. Em primeiro lugar, foi seu sistema de crenças o que os levou a unir-se, e do ponto de vista psicológico contraíram matrimônio quando o puseram em prática... com os atentados terroristas. Depende lembrança, suspeita-se que raptaram e assassinaram a um militar entre outras coisas. E não esqueça que uma atividade como essa cria um forte vínculo interpersonal.

Mas a maioria deles são sociópatas, segundo você objetou

Ding . E os sociópatas não...

Esteve lendo meus livros? perguntou Bellow com uma sorriso . Alguma vez escutou dizer que quando duas pessoas se casem-se transformam em uma?

Sim. E?

Em casos como o que nos ocupa, esse dito se faz realidade. São sociópatas, mas a ideologia lhe outorga um ethos a sua enfermidade... mas como é o importante. Por isso, ao compartilhar a ideologia se transformam em uma só pessoa e suas tendências sociopáticas se fundem. Quanto a esses dois, suspeito que têm um matrimônio estável. De fato, não me surpreenderia me inteirar de que se casaram legalmente, embora provavelmente não o tenham feito por igreja adicionou com um sorriso.

Um matrimônio estável... com filhos?

Bellow assentiu.

É possível. O aborto é ilegal na Alemanha...no setor Ocidental, acredito. Escolheriam ter filhos?... Boa pergunta. Necessito pensar.

E eu preciso saber mais a respeito dessa gente. Como pensam, como vêem o mundo, essa classe de coisas.

Bellow voltou para sorrir, levantou-se de sua cadeira e foi à biblioteca.

Tirou um de seus livros e o jogou no Chávez.

Prove com esse para começar. É um texto da academia do FBI e foi a base de uma conferência que dava faz uns anos no SEJA.

Suponho que graças a isso estou aqui.

Obrigado, doc Chávez sopesou o livro e enfiou para a porta.

A visão do ódio: dentro da mente do terrorista. Esse era o título. Não faria-lhe mal entendê-los um pouco mais, embora supunha que o melhor que podia haver dentro da mente de um terrorista era uma bala de 10 mm e ponta oca entrando a toda velocidade.

Popov não tinha podido lhes dar um número telefônico para se localizá-lo.

120

Tivesse sido muito pouco profissional. Inclusive um telefone celular de proprietário desconhecido teria proporcionado à polícia uma temível pivô eletrônica que rastrear. Por conseguinte, chamou-os poucos dias depois a sua casa. Eles não sabiam como dirigia o tema dos chamados,

embora havia maneiras de interferir ou forjar uma chamada de larga distancia através de instrumentos múltiplos.

Tenho o dinheiro. Estão preparados?

Hans está ali neste momento, verificando os últimos detalhes replicou Petra . Espero que estaremos preparados dentro de quarenta e oito horas. E o teu?

Tudo está em ordem. Chamarei-os dentro de dois dias disse, cortando a comunicação. Saiu da cabine Telefónica no Aeroporto Internacional Charles Do Gaulle e se dirigiu à parada de táxis. Seu *attaché* estava repleto do Marcos alemães. Impacientava-o trocar dinheiro na Europa. A quantidade equivalente de euros seria muito mais fácil de conseguir que as diversas moedas européias.

121

CAPÍTULO 7

FINANÇAS

Era pouco comum que um europeu trabalhasse em sua casa, mas Ostermann o fazia. Era um enorme schloss (a tradução literal seria castelo , embora neste caso a palavra palácio resultava mais adequada) anteriormente propriedade de um barão, a trinta quilômetros de Viena. Ao Erwin Ostermann gostava de seu schloss; estava totalmente a tom com sua hierarquia na comunidade financeira. Era uma moradia de

seis mil metros quadrados divididos em três pisos, sobre uma superfície de mil hectares... em sua maioria ladeiras de montanhas que lhe permitiam praticar sua paixão pelo esqui. No verão deixava que os granjeiros vizinhos levassem a pastorear ali a suas ovelhas e suas vacas... como estavam acostumados a

fazê-lo no passado os camponeses feudais para manter o pasto a uma altura razoável. Bem, agora era mais democrático, verdade? Incluso o ajudava a aliviar os complexos gravâmenes impostos pelo governo esquerdista de seu país. E além disso, ficava bem.

Seus veículos pessoais eram um Mercedes dois, em realidade e um Porsche. Este último se correspondia com seu espírito aventureiro, quando decidia baixar à aldeia vizinha a beber e comer algo no lhe impactem Gasthaus. Ostermann era um homem alto (um metro ochen-você e seis centímetros), de régio cabelo cinza e figura esbelta, que luzia muito bem sobre a garupa de um de seus cavalos árabes... impossível viver em uma casa como essa sem cavalos, é obvio. Ou quando assistia a uma reunião de negócios embainhado em um traje feito na Itália ou na Savile Row de Londres. Seu escritório do segundo piso tinha sido a espaçosa biblioteca do proprietário original e seus oito descendentes, mas agora estava abarrotada de resplandcentes telas de computadores CO-nectadas com os mercados financeiros mundiais.

Logo depois de um café da manhã leve subiu a seu escritório, onde três empregados (duas mulheres e um varão) abasteceram-no com café, masitas e informação. A habitação era o suficientemente ampla para vinte pessoas. As paredes revestidas de cedro estavam cobertas de estãolotado-lhes de livros adquiridos com o schloss, cujos títulos Ostermann jamais se tinha tomado o trabalho de examinar. Preferia ler periódicos financeiros em vez de literatura, e em seu tempo livre via filmes em seu cinema privado do subsolo... ex-adega de vinhos convenientemente transformada. Em conjunto, era um homem que vivia uma vida cômoda e privada no mais cômodo e privado dos ambientes. Sobre seu escri-

122

tório repousava a lista das pessoas que o visitariam esse dia. Três banqueiros e dois homens de negócios como ele, os primeiros para discutir as condições de uns empréstimos que tinha pedido para iniciar um novo emprendimiento, e os segundos para lhe pedir conselho sobre as tendências do mercado. o de por si volumoso ego do Ostermann se alimentava desses pequenos detalhes, e sempre dava a bem-vinda a toda classe de hóspedes.

Popov desceu do avião só e avançou para a saída como um empresário qualquer, levando suas pastas com combinação de segurança e sem nada de metal dentro para evitar que o operador do

magnetômetro lhe ordenasse abri-lo e descobrisse que estava repleto de bilhetes... Verdadeiramente, os terroristas lhe tinham arruinado os viajes aéreos a todo mundo, ruminou para seus adentros o ex-funcionário da KGB. Se a alguém lhe ocorria melhorar o sistema de escaneio de bagagens por exemplo, fazendo que as máquinas contassem a cantidade de dinheiro que havia na bagagem de mão, os negócios de muita gente se veriam prejudicados, incluídos os do Popov. E viajar em trem era tão aborrecido.

O intercâmbio foi bom. Hans estava onde tinham convencionado, sentado, lendo seu Der Spiegel. Vestia o previsto blusão de couro marrom. Imediatamente detectou ao Dimitri Arkadeyevich com o pastas negra na mão esquerda cruzando o salão com os demais empresários. Terminou seu café e seguiu ao Popov a uns vinte metros de distância, girando para a esquerda para sair por outra porta e entrar na praia de estacionamento por distinto lugar. Popov girou a cabeça a direita e esquerda para observar furtivamente os movimentos do Hans. Devia estar tenso. Os tipos como Fürchtner estavam acostumados a cair por uma traição, e embora evidentemente conhecia e confiava no Dimitri, a gente só podia ser traído por alguém de sua confiança, feito reconhecido por todos os agentes secretos do mundo. E embora Petra e Hans

conheciam de vista e por reputação ao Popov, não podiam ler sua mente... o qual, é obvio, beneficiava ao russo neste caso. permitiu-se sorrir brandamente ao entrar em estacionamento. Dobrou à esquerda, se deteve fingindo estar desorientado, e logo olhou abertamente a seu alrededor para ver se o seguiam. O carro do Fürchtner, um Volkswagen Golfe azul, estava em uma esquina do primeiro nível.

Grüss Gott disse, sentando-se no assento dianteiro.

Bom dia, Herr Serov respondeu Fürchtner em inglês. Seu inglês era estilo americano e sem acento. Deve ter cuidadoso muita televisão-visão, pensou o russo.

Marcou a combinação da pasta, abriu a tampa e o colocou sobre os joelhos de seu secuz.

Tudo está em ordem assegurou.

Volumoso comentou o outro.

É uma soma considerável admitiu Popov.

123

Recém nesse momento os olhos do Fürchtner se entrecerraron suspicazes. O russo se surpreendeu um pouco... até que o pensou melhor. A KGB nunca tinha sido pródiga nos pagamentos a seus agentes, e nesse pastas havia dinheiro suficiente para que duas pessoas vivessem comodamente durante vários anos em vários países africanos. Comprovou

que Hans começava a dar-se conta disso, e que enquanto uma parte de seu ser se sentia feliz de ganhar tanto dinheiro, a outra, mais inteligente, se perguntava de onde tinham saído os bilhetes. Era melhor não esperar a inevitável pergunta, julgou Dimitri.

Ah, sim disse tranqüilamente . Como bem saberá, muitos de meus colegas se tornaram capitalistas para poder sobreviver no novo entorno político de meu país. Mas seguimos sendo o Escudo e a Espada da Partida, meu jovem amigo. Isso não trocou. É uma ironia que agora possamos compensar mais generosamente a nossos amigos por os serviços emprestados. Resultou ser menos custoso que manter as casa seguras que conheceu e desfrutou em um passado não tão longínquo. Pessoalmente, parece-me divertido. Como é, aqui está seu pagamento, em efetivo e adiantado, tal como pediu.

Danke comentou Fürchtner, contemplando sobressaltado os dez centímetros de profundidade do attaché. Logo o levantou . É pesado.

É certo coincidiu Popov . Mas poderia ser pior. Poderia te haver pago em ouro brincou para aliviar um pouco o momento.

Logo decidiu abrir o jogo . Te parece muito pesado para levarlo em missão?

É uma complicação, Iosef Andréyevich.

Bem, lhe posso guardar isso e lhe entregar isso quando concluir a meu-

sión. Fica a seu critério, mas não lhe recomendo isso.

por que?

Sinceramente, põe-me nervoso viajar com tanto dinheiro enci-

MA. Ocidente, bem, o que acontece me roubam? Este dinheiro é responsabi-
minha lidad replicou teatralmente.

Fürchtner soltou uma gargalhada.

Teme que lhe assaltem aqui, em Österreich? meu amigo, estas
ovelhas capitalistas são vigiadas de perto.

Além disso, nem sequer sei aonde pensam ir depois, e franco-
mente não quero sabê-lo.

A República Centrafricana será nosso último destino. Lhe-
nemos um amigo ali, que se graduou na Universidade Patrice Lumumba
nos anos sessenta. Vende armas a células progressistas. Alojará-nos
por um tempo, até que Petra e eu encontremos uma casa adequada.
Deviam ser muito valentes ou muito imbecis para haver-se decidido
por esse país, pensou Popov. Não faz muito o chamavam Império
Centrafricano e era governado pelo imperador Bokassa I, ex-coro-
nel do exército colonialista francês que no passado tinha exausto a
essa pobre e pequena nação. Bokassa tinha matado para chegar ao correio-
der, como tantos chefes de estado africanos, e logo tinha morrido de
morte natural. Isso diziam os jornais, mas a gente nunca podia estar-se-

guro, não? Tinha deixado ao país um pequeno produtor de diamantes em melhores condições econômicas que o resto do continente negro, embora não era para tanto. Mas, caramba, quem ia dizer que Hans e Petra terminariam ali um dia?

Bom, meu amigo, se for o que desejas... disse Popov, aplaudiu a pasta ainda aberto sobre os joelhos do alemão.

Hans refletiu uns minutos em silêncio.

Vi o dinheiro concluiu, para manifesto deleite do russo.

Tomou um maço de bilhetes de mil e deslizou o polegar pelo bordo como se tratasse-se de um maço de naipes antes de pôr o de volta em seu lugar.

Logo riscou uma nota e a atirou dentro da pasta. Esse é o nome do tipo. Estaremos com ele a partir de... amanhã, suponho. O teu está tudo em ordem?

O porta-voz americano se encontra no Mediterrâneo oriental. Líbia permitirá que seu avião passe sem interferências, mas não permitirá o passo a nenhum avião da OTAN que pretenda te seguir. Ao contrário, a força aérea líbia te seguirá e te perderá por condições meteorológicas adversas. Aconselho-te não usar mais violência da necessária. A imprensa e as pressões diplomáticas têm na atualidade muita mais força que no passado.

Já o tínhamos pensado lhe assegurou Hans.

Popov refletiu brevemente a respeito. Assombraria-o que lles-
garan a abordar o avião, muito mais que o levassem a África. O pró-
blema das missões como essa era que, embora cada uma das par-
considerasse-lhes isso muito cuidadosamente, a cadeia não era mais forte
que o mais fraco de seus elos, e a fortaleza desse elo estava acostumado a ser
determinada por outros ou, pior ainda, pela casualidade. Hans e Petra
acreditavam em sua filosofia política e, como todos aqueles que acreditam em
sua fé

religiosa ao ponto de cometer absurdas loucuras, fingiam planejar a meu-
sión através de seus limitados recursos pensando-o bem, seu único
recurso era sua vontade de aplicar violência sobre o mundo; recurso
com o que além disso contava muchísima gente , substituindo as expec-
tativas pela esperança e o conhecimento pela fé. Aceitavam as CA-
sualidades do azar um de seus inimigos mais mortíferos como l-
mentos neutros, quando um verdadeiro profissional tentaria elimi-
narlas de raiz.

E por isso sua estrutura de crenças era em realidade uma atadura
sobre os olhos, ou acaso um estalo de foguetes que lles negava
a possibilidade de observar objetivamente um mundo que havia lles passa-
dou ao lado e ao que não estavam dispostos a adaptar-se. Mas para o Popov

o mais significativo era que lhe permitissem ficar com o dinheiro. Ele, em troca, adaptou-se fazia tempo às novas circunstâncias globais.

Está seguro, meu jovem amigo?

Ja, estou seguro Fürchtner fechou a pastas, modificou a combinação e o deixou sobre os joelhos do Popov. O russo aceitou a cabeça de gado-ponsabilidad com a gravidade do caso.

125

Conservarei-o com supremo cuidado Até chegar a meu banco em *Berna. Tendeu-lhe a mão . Boa sorte, e por favor, cuidem-se muito.*

Danke. Conseguiremos a informação que necessitam.

Meu sponsor a necessita muitíssimo, Hans. Dependemos de usted Popov desceu do carro e enfiou para o terminal, onde tomaria um táxi até seu hotel. perguntou-se quando dariam o golpe os alemães.

Talvez hoje? Tão precipitados eram? Não, pensou, eles diriam que eram *muito profissionais. Tolos.*

O primeiro sargento Homer Johnston extraiu o canhão de seu rifle para examinar o diâmetro. Os dez disparos o tinham sujado um pouco, mas não muito, e não havia danos erosivos na garganta da

câmara. Supostamente não devia havê-los até ter disparado mais de mil rajadas, e até o momento somavam apenas quinhentas currendas. Não obstante, dentro de uma semana começaria a usar um instrumento de fibra óptica para checá-lo, porque os cartuchos Remington Magnum 7mm levantavam alta temperatura ao ser disparados e o calor excessivo queimava o canhão mais rápido do que tivesse preferido. dentro de uns meses teria que substituir o canhão, exercício tedioso e notavelmente difícil inclusive para um artilheiro experiente como ele. A dificuldade radicava em encaixar perfeitamente o canhão com o receptor. Além disso, depois era imprescindível disparar cinquenta ráfagas a distância fixa para assegurar-se de que os disparos fossem tão certos como se esperava. Mas isso seria no futuro. Johnston asperjorou uma quantidade moderada do Break-Free no pano limpador e o passou brandamente pelo interior do canhão, de atrás para frente. O pano saiu sujo. Johnston o trocou por outro e repetiu a operação seis vezes, até que o último pano saiu totalmente limpo. Com um último pano secou o diâmetro do canhão Hart , embora o solvente limpador Break-Free tinha deixado uma camada (de uma espessura menor ao de uma molécula) capa de silicone sobre o aço que o protegeria contra a corrosão sem alterar a tolerância microscópica do canhão. Uma vez terminada satisfatoriamente a tarefa, substituiu o carregador e o fechou sobre a

câmara vazia pulsando o gatilho.

Johnston amava a seu rifle, embora surpreendentemente não o había batizado. Construído pelos mesmos técnicos que fabricavam rifles periscópicos para o Serviço Secreto dos Estados Unidos, era um Remington Magnum calibre 7 mm, com receptor Remington de qualidade superior, canhão seletivo Hart e visor telescópico Leupold Gold Ring, tudo unido a uma espantosa equipe Kevlar... De madeira teria sido mais bonito, mas a madeira se danificava com o tempo, em tanto que o Kevlar era quimicamente inerte e imune à umidade e ao passado do tempo. Johnston tinha provado, uma vez mais, que seu rifle podia disparar a um quarto de minuto de pontaria angular, o qual significava que podia disparar três rajadas consecutivas dentro do diâmetro de um ní-

126

quel a cem jardas de distância. Algum dia, alguém desenharia uma arma laser, pensou Johnston, e talvez superaria a pontaria de seu rifle feito à mão. Mas pelo resto era imbatível. A um alcance de trezentas jardas podia colocar três rajadas consecutivas em um círculo de quatro polegadas... e isso requeria algo mais que um rifle. Requeria medir a velocidade e a direção do vento para compensar a deflexión do disparo. Também implicava controlar a respiração e a maneira de tocar o Gatilho dobro de duas libras e meio de peso. Uma vez terminada a limpe-

za, Johnston levantou o rifle e o levou a seu lugar no armeiro meteorologicamente controlado. O branco contra o que havia disparado estava sobre seu escritório.

Homer Johnston o levantou. Tinha disparado três rajadas a 400 metros, três a 500, duas a 700 e as últimas dois a 900. As dez haviam acertado no interior da cabeça do branco, o qual significava que tivessem sido instantaneamente fatais para um branco humano.

Johnston só disparava cartuchos que ele mesmo tivesse carregado: a melhor combinação para seu rifle eram projéteis não humosos IMR 4350 grão 63,5 precedidos por balas Serra amadureço 175 de ponta oca. A mortífera combinação demorava 1,7 segundos em lhe dar ao branco a uma distância de 1.000 jardas. Era muitíssimo tempo, especialmente se o branco se movia, pensou o sargento Johnston, mas não havia maneira de evitá-lo. Alguém a apoiou a mão no ombro.

Homer disse uma voz familiar.

Sim, Dieter disse Johnston, sem levantar a vista do branco. Esta-BA todo o tempo em zona . Que pena que não fora temporada de caça.

Hoje esteve melhor que eu. O vento te ajudou era a desculpa favorita do Weber. Por ser europeu, conhecia muito bem os rifles, mas os rifles eram coisa de americanos... e isso era tudo, pensou Homer.

Sigo pensando que o sistema semiautomático não serve as duas

rajadas do Weber a 900 metros eram marginais. Tivessem estropeado ao branco sem matá-lo, embora as considerava válidas. Johnston era o melhor rifle do Rainbow, inclusive melhor que Houston... embora só por a metade de um cabelo de concha em um dia bom, teve que admitir Homer para seus adentros.

Eu gosto de disparar a segunda rajada mais rápido que você gestoló Weber. Ponto final da discussão. Os soldados eram tão leais a suas armas como a suas religiões. O alemão era muito melhor com seu rifle periscópico Walther, mas essa arma não tinha a definição inerente a as de ação rápida e além disso utilizava cartuchos menos velozes. Os dois rifleros tinham debatido a respeito entre cerveja e cerveja, mas nenhum tinha modificado um ápice sua opinião.

Weber aplaudiu sua cartucheira.

um pouco de pistola, Homer?

Sim Johnston ficou de pé . por que não?

As armas de mão não eram aptas para trabalhos sérios, mas eram divertidas e não terei que pagar as balas. Weber o avantajava em armas de emano em aproximadamente um por cento. Caminho ao polí-

127

gono se cruzaram com o Chávez, Price e outros, que acabavam de sair com seu MP-10 e brincavam entre eles. Evidentemente, todos haviam

tido um bom dia.

Ach bocejou Weber , qualquer pode disparar a cinco metros!

Bom dia, Dave Homer saudou o encarregado do polígono .

Pode nos preparar uns quantos Q?

Claro, sargento Johnston replicou Dave Woods, escolhendo dois brancos estilo americano, chamados brancos Q porque levavam uma letra Q no meio, no lugar do coração. Logo escolheu um terceiro para ele. Woods, um sargento de colorido bigode pertencente ao regimento de polícia militar do Exército Britânico, era virtualmente imbatível com a Browning 9 mm. Os brancos foram trasladados a linha de dez metros e sacados enquanto os três sargentos se colocavam os protetores auditivos. Tecnicamente Woods era instrutor de fritada-a, mas a qualidade dos homens do Hereford não requeria de seus serviços... assim, para entreter-se um pouco e aperfeiçoar suas capacidades, disparava aproximadamente mil carregadores por semana. Estava acostumado a prac-

ticar com os membros do Rainbow e desafiá-los a competências Amistosa. Woods era tradicionalista e sustentava a pistola com uma só mão, igual a Weber. Johnston, em troca, preferia fazê-lo com as duas mãos. Os brancos se deram volta sem prévio aviso e as três pistolas

dispararam contra eles.

Hans Fürchtner pensou por enésima vez que a casa do Erwin Ostermann era magnífica, perfeita para um arrogante inimigo de classe. A investigação não tinha revelada linhagem aristocrática no caso do atual proprietário desse schloss, mas indubitavelmente ele se sentia não-embora não o fora. por agora, pensou Hans, entrando em caminho de cascalho de dois quilômetros e passando junto aos jardins e arbustos recortados e dispostos com precisão geométrica por trabalhadores nesse momento invisíveis. Deteve sua Mercedes alugado perto do palácio e girou à direita, como se procurasse onde estacionar. Ao chegar à parte traseira da mansão viu o helicóptero Sikorsky S-76B que utilizariam mais tarde, apoiado sobre a habitual pista de asfalto com um círculo amarelo pintado no centro. Bem. Deu a volta completa ao schloss e estacionou a cinquenta metros da porta principal.

Está preparada, Petra?

Ja Resposta tensa e definida. Tinham passado vários anos da última operação e a realidade imediata era diferente dos planos que tinham forjado durante uma semana, estudando planos e diagramas. Havia coisas que não sabiam com certeza, como a quantidade exata de serventes da mansão. Foram caminhando para a porta principal quando chegou um caminhão de partilha. As portas do caminhão se

abriram intempestivamente e de seu interior saíram dois homens carregados com enormes caixas. Um deles lhes indicou que subissem os esca-

128

lones, coisa que fizeram. Hans tocou o timbre. Um segundo depois, a porta se abriu.

Gutten Tag disse Hans . Temos uma entrevista com o Herr Ostermann.

Seu nome?

Bauer. Hans Bauer.

Da floricultura disse um dos dois homens.

Passem, por favor. Avisarei ao Herr Ostermann disse o mordomo... ou o que fora.

Danke replicou Fürchtner, lhe indicando a Petra que o precediera. Os tipos da partilha entraram em último lugar. O mordomo fechou a porta, foi para o telefone e levantou o tubo. Estava a ponto de apertar um botão, mas se deteve em seco.

por que não nos leva acima? perguntou Petra. Estava-lhe apontando à cara com uma pistola.

O que é isto?

Isto replicou Petra Dortmund com um afável sorriso é meu entrevista era uma pistola automática Walther P-38.

O mordomo trouxe com dificuldade ao ver que os tipos da partilha abriam suas caixas, extraíam várias metralhadoras livianas e as carregavam frente a ele. Um deles abriu a porta principal e fez gestos. Em segundos, entraram outros dois jovens armados.

Fürchtner ignorou aos recém chegados e deu uns passos pelo vestibulo. As altas paredes quatro metros estavam cobertas de obras de arte. Renascimento tardio, pensou, artistas importantes mas não verdadeiros professores. Pinturas imensas de cenas domésticas com marcos dourados à folha, mais imponentes que as pinturas mesmas. O piso era de mármore branco com diamantes negros nas juntas, os móveis dourados, de estilo francês. Mais especificamente, não havia outros servos à vista, embora se escutava o zumbido distante de uma aspiradora.

Fürchtner indicou aos recém chegados que subissem ao primeiro piso, ao oeste. Ali estava a cozinha, onde certamente haveria empregados que controlar.

Onde está Herr Ostermann? perguntou Petra.

Não está aqui, ele...

A resposta do mordomo a obrigou a lhe colocar o canhão da pistola na boca.

Seu helicóptero e seus automóveis estão aqui. Agora, nos diga onde está.

Vamos, na biblioteca.

Gut. nos leve ali ordenou. O mordomo a olhou aos olhos por primeira vez e descobriu que eram mais intimidantes que a arma que levava na mão. Assentiu e enfiou para a escada principal.

A escada também era dourada, coberta por uma suntuosa alfom-
bra vermelha bordeada de varinhas de bronze. Ostermann era um homem muito rico, um capitalista capitalista que tinha feito sua fortuna comprando e vendendo ações de diversas corporações industriais, sem adquirir

129

jamais nenhuma destas. Um titiritero, pensou Petra Dortmund, uma *Spinne, uma aranha... e este era o centro de seu tecido, e eles o haviam* invadido por decisão própria, e a aranha teria que aprender umas quão-
lhas coisas sobre tecidos e armadilhas.

Havia mais pinturas na escada, maiores que as outras, retratos de homens, provavelmente dos homens que haviam cons-
truido e vivido nesse prodigioso edifício, esse monumento à cobiça e a exploração humana... Já odiava a seu proprietário por viver tão bem, com tanta opulência, proclamando publicamente que era melhor que na-
die enquanto edificava sua riqueza e explorava aos pobres trabalhadores. Na ponta da escada havia um enorme retrato ao óleo do empera-
dor Francisco José, o último de sua desprezível linhagem, quem havia

morto poucos anos antes que os ainda mais odiados Romanov. O major-domo, esse escravo do mal, dobrou à direita e os levou a um grande salão sem janelas. Ali havia três pessoas um homem e duas mulheres, melhor vestidos que o mordomo f rente a caminhos computadores.

Este é Herr Bauer disse o mordomo com voz tremente .

Deseja ver o Herr Ostermann.

Tem uma entrevista? perguntou a secretária mais velha.

Você nos fará entrar agora mesmo anunciou Petra, blandiendou sua pistola. Os três empregados ficaram imóveis e olharam aos intrusos, pálidos e boquiabertos.

A casa do Ostermann tinha vários séculos de antigüidade, mas não era precisamente uma quinquilharia. O secretário nos EUA houvesse sido assistente executivo se chamava Gerhardt Dengler. Sob a tampa de seu escritório havia um botão de alarme. Apertou-o com força sem deixar de olhar aos intrusos. O sinal chegou ao painel central do schloss e de ali à empresa de segurança. A vinte quilômetros dali, os empregados da estação central responderam ao sinal chamando imediatamente a Staatspolizei. Logo, a secretária chamou o schloss para confirmar o pedido de ajuda.

Posso responder? perguntou- Gerhardt a Petra, já que ela parecia estar ao mando. Petra assentiu e o secretário levantou o tubo.

Escritório do Herr Ostermann.

Hier ist Traudl disse a secretária da empresa de segurança.

Gutten Tag, Traudl disse Gerhardt . Chama pelo cavalo?

Era a frase chave para problemas graves, denominada código compulsivo.

Sim, quando nascerá o potro? perguntou a mulher, seguindo o trem da conversação para proteger ao secretário em caso de que a linha estivesse interferida.

Faltam umas semanas ainda. Avisaremos-lhe quando chegar o momento disse bruscamente, olhando a Petra e sua pistola.

Danke, Gerhardt. Wiederseh n Traudl pendurou e chamou o supervisor de vigilância.

130

É pelos cavalos explicou a Petra . Temos uma égua prenhe Y...

Silêncio murmurou Petra, lhe indicando ao Hans que se aproximasse às portas dobre do escritório do Ostermann. Muito bem, pensou. Incluso poderiam divertir-se um pouco. Ostermann estava detrás da porta dobro, trabalhando como se não passasse nada. Engano. Bem, tinha chegado o momento de que se inteirasse. Assinalou ao secretário . Seu nome é...?

Dengler respondeu o homem . Gerhardt Dengler.

nos faça passar, Herr Dengler sugeriu Petra com voz estranhamente infantil.

Gerhardt se levantou de seu escritório e caminhou lentamente para a porta dobro com a cabeça encurvada e movimentos duros, como se tivesse joelhos artificiais. Dortmund e Fürchtner sabiam que esse era o efeito das armas sobre a gente. O secretário girou o trinco e empurrou a porta, revelando o escritório do Ostermann.

O escritório imenso, dourado como o resto do edifício, repousava sobre um suntuoso tapete de lã vermelha. Erwin Ostermann estava de costas a eles, examinando a tela de seu computador.

Herr Ostermann? disse Dengler.

Se, Gerhardt? Resposta automática do magnata. Ao não obter resposta, fez girar sua poltrona de respaldo alto Y...

... O que é isto? perguntou, abrindo muito grandes seus olhos azules ao ver os intrusos, e ainda maiores ao ver as armas . Quem...?

Somos comandos da Facção Operária Vermelha lhe informou Fürchtner . E você é nosso prisioneiro.

Mas... o que significa isto?

Você sairá de viaje conosco. Se se comportar bem não o hare-

mos dano. Do contrário, você e outros serão homens mortos.

Está claro? perguntou Petra. Para assegurar-se, cravou o canhão de seu pistola na têmpora do Dengler.

O que aconteceu depois poderia ter sido o guia de um filme.

Ostermann girou a cabeça a direita e esquerda, como procurando algo, provavelmente ajuda. Logo voltou a olhar ao Hans e Petra e seu rosto contraiu-se em uma careta de incredulidade e surpresa. Isso não podia é-tar lhe passando a ele. Não ali, não em seu próprio escritório. Depois negou furiosamente os fatos que tinha ante os olhos... e logo, finalmente, chegou o medo. O processo durou cinco ou seis segundos. Sempre era igual. Petra já o tinha visto antes... mas tinha esquecido o prazer que produ-cia Ostermann apertou os punhos sobre a tampa de couro de seu escritório e logo se relaxou. Seu corpo acabava de compreender que estava indefen-sou. Logo começaria a tremer, segundo quanto coragem tivesse. Provável-mente pouco. Parecia alto, inclusive sentado, magro... inclusive nobre com sua camisa de seda branca e sua gravata a raias. O traje era obviamente caro, provavelmente de seda italiana, feito a medida. Sob o escrito-

131

Rio haveria um par de sapatos também feitos a medida, lustrados por um servente. A suas costas, as linhas de informação acionária ás-cendían na tela do computador. Ali estava Ostermann, no

centro de sua rede, e apenas um minuto antes se sentia confortável, invencível, amo de seu destino, movendo dinheiro em todo mundo, aumentando sua fortuna. Bom, deixaria de desfrutar desses prazeres por um tempo... provavelmente para sempre, embora Petra não tinha a intenção de dizer-lhe até o segundo último... para poder contemplar até se recuar o shock e o espanto de seu nobre rosto antes de que seus olhos ficassem vazios.

Tinha esquecido a alegria selvagem do poder que tinha entre mãos.

Como tinha feito para passar tanto tempo sem desfrutá-la?

O primeiro patrulheiro em chegar à cena estava a só cinco quilômetros quando recebeu a chamada. Trocar de direção e voar ao schloss tinha-lhe demandado apenas três minutos. Agora estava estacionado detrás de uma árvore, quase totalmente invisível da casa.

Vejo um automóvel e um caminhão de partilha informou a seu capitão em a estação de polícia . Não há movimento. No momento nada mais.

Muito bem replicou o capitão . Não faça nada e me informe em seguida ante qualquer novidade. Estarei ali em uns minutos.

Entendido. Ende.

O capitão recolocó o microfone. dirigia-se ao teatro de operações em seu Audi, completamente sozinho. Tinha visto o Ostermann uma vez, em uma função oficial em Viena. Só tinham intercambiado um apertão

de mãos e umas palavras casuais, mas recordava seu aspecto e conhecia sua reputação de indivíduo rico e com consciência cívica, fiel devoto e patrono monetário da ópera... e do hospital de meninos... não? Sim, por isso haviam organizado uma recepção na prefeitura. Ostermann era viúvo, sua primeira esposa tinha morrido de câncer ovárico cinco anos atrás. Corriam rumores de que seu novo interesse na vida se chamava Ursel von Prinze, uma adorável moréia de família linajuda. Isso era o estranho do Ostermann. Vivia como um membro da nobreza mas tinha raízes humildes. Seu pai tinha sido... engenheiro, nesta ferroviat, não? Sim, assim era. E por isso algumas famílias nobres o olhavam com desdém e, para evitá-lo, comprava respeitabilidade social com suas obras de caridade e assistindo a funções de ópera. Apesar do esplendor de seu lar, vivia modestamente. Não tinha diversões luxuosas. Era um homem sereno e modesto... e muito inteligente, conforme diziam. Mas agora, segundo a empresa de segurança, havia intrusos em sua casa. Isso pensava o capitão Willi Altmark ao girar por última vez e contemplar o *schloss do Ostermann em toda sua grandeza. Repassou os detalhes essenciais. Estrutura grande... talvez quatrocentos metros de pasto raso entre a casa e as árvores mais próximas. Mau, mau. Seria muito difícil aproximar-se do edifício sem ser visto. Estacionou seu Audi junto ao patrulheiro e baixou com um par de binoculares.*

Capitão disse o primeiro oficial a modo de saudação.

Pôde ver algo?

Não há movimento. Nem sequer uma cortina.

Altmark escaneou o edifício com seus binoculares e avisou por radio a todas as unidades em caminho que se aproximassem lenta e silenciosamente para não alertar aos criminosos. Logo recebeu um radiollamado de seu superior, quem lhe pediu uma avaliação da situação.

Provavelmente seja um trabalho para os militares respondeu

Altmark . No momento não sabemos nada. Posso ver um automóvel e um caminhão. Nada mais. Nem sequer um jardineiro. Nada. Mas só alcanzo a ver duas paredes, e nada detrás da casa principal. Assim que cheguem as unidades de reforço conheceremos as condições do perímetro.

Ja. Assegure-se de que não nos vejam lhe ordenou o comissionado ao capitão, sem necessidade.

Sim, é obvio.

Dentro, Ostermann seguia parecido a sua cadeira. tomou um momento para fechar os olhos, agradecendo a Deus que Ursel estivesse em Londres nesse momento. Tinha pirado em seu jato privado para fazer compras e visitar amigos. Esperava reunir-se com ela ao dia seguinte...

e agora se perguntava se voltaria a ver sua noiva. Duas vezes o haviam abordado consultores de segurança: um austríaco e um britânico. Ambos tinham-no arrojado sobre os perigos implícitos de ser publicamente rico e lhe haviam dito que por uma modesta soma, menos de 500.000 libras anuais, poderiam melhorar notavelmente sua segurança pessoal. O britânico lhe tinha explicado que todos seus homens eram veteranos do SEJA; o austríaco só empregava alemães, ex-integrantes do GSG-9. Mas não tinha acreditado necessário contratar comandos armados que o acompanhassem a todas partes como se fora um chefe de estado, ocupando o espaço e apoltronándose nas poltronas como... como guardaespaldá, pensou Ostermann. Como financista que era tinha perdido muitas oportunidades interessantes, mas esta...

O que querem de mim?

Queremos seus códigos pessoais de acesso à rede financeira internacional disse Fürchtner, um tanto surpreso pela expressão confusa do Ostermann.

A que se refere?

Aos códigos de acesso a computadores que lhe informam o que está passando.

Mas esses códigos são públicos. Qualquer pode acessar a eles objetou Ostermann.

Sim, claro que o são. Por isso todos têm casas como esta vaiou burlonamente Petra.

Herr Ostermann disse Hans pacientemente . Sabemos que existe uma rede especial para gente como você. Essa rede lhe permite tirar

133

vantagem de certas condições do mercado e redonda em benefícios para você. Acredita que somos idiotas?

O medo que transformou o rosto do financista fez rir aos delinqüentes. Sim, sabiam o que supostamente não deviam saber, e sejam brian que podiam obrigá-lo a entregar a informação. O rosto de Ostermann expressava fielmente seus pensamentos. Miserável.

OH, Meu deus, acreditam que tenho acesso a algo que não existe, e jamais poderei convencê-los do contrário.

Sabemos como opera a gente como você lhe assegurou Petra, confirmando no ato seus temores . Vocês, os capitalistas, compartilhem informação e manipulam seus livres mercados para satisfazer seu insaciável cobiça. Bom, terá que compartilhar o segredo com nosotros... ou morrerá, junto com seus esbirros Blandió a pistola em direção ao escritório do lado.

Já vejo A cara do Ostermann estava tão pálida como seu blan-

CA camisa Turnbull & Asser. Olhou a recepção. Gerhardt esta Dengler-

BA ali, com as mãos em cima do escritório. Acaso não tinha um sistema de alarme? Não podia recordá-lo, sua mente corria a toda velocidade a través da avalanche de dados que tinha interrompido tão brutalmente seu dia.

A primeira ordem policial foi verificar os números de patente de os veículos estacionados perto da casa. O automóvel era alugado.

As chapas do caminhão tinham sido roubadas dois dias antes. Uma equipe de detetives iria imediatamente à agência de automóveis para fazer averiguações. Ato seguido, chamaram um dos sócios comerciais recue do Herr Ostermann. A polícia precisava saber quantos empregados domésticos e administrativos havia no edifício. O capitão Altmann supôs que demorariam uma hora em conseguir todos os dados. Agora tinha três patrulheiros adicionais sob suas ordens. Um deles deu a volta à propriedade para que os dois oficiais a bordo pudessem estacionar e entrar a pé pela parte de atrás. Vinte minutos depois de chegar à cena, tinha o perímetro. O primeiro que soube foi que Ostermann era dono de um helicóptero estacionado atrás da casa. tratava-se de um Sikorsky S-76B de fabricação americana, com capacidade para dois tripulantes e um máximo de treze passageiros... essa informação lhe permitiu conhecer a quantidade de possíveis reféns e criá-los mine a transladar. O heliporto estava a duzentos metros da casa.

Altmark o teve muito em conta. Era quase seguro que os criminosos querían utilizar o helicóptero para fugir. Infelizmente o heliporto estava a trezentos metros da fileira de árvores. Isso significava que necessitariam rifleros excepcionais, mas sua equipe contava com eles. Pouco depois de receber a informação sobre o helicóptero, um de seus homens contactou aos tripulantes. Um deles estava em sua casa, e o outro no Aeroporto Internacional Schwechat revisando papéis com o representante da fábrica para fazer modificações na nave.

134

Muito bom, pensou Willi Altmark, no momento o helicóptero não iria a nenhuma parte. Mas para então a notícia do ataque contra a mansão do Erwin Ostermann tinha chegado aos níveis superiores do governo, e Altmark recebeu um surpreendente radiollamado do chefe da Staatspolizei.

O vôo não se atrasou por culpa deles. Quando o 737 começou a mover-se, Chávez ajustou seu cinto de segurança e se dedicou a estudar os relatórios preliminares com o Eddie Price. Logo que alcançaram a altura necessária, Price conectou seu computador portátil com o sistema telefónico do avião. Imediatamente apareceu um diagrama na tela, titulado Schloss Ostermann.

E? Quem é este tipo? perguntou Chávez.

Em seguida saberemos, senhor replicou Price . Um prestamislha, aparentemente, bastante rico, amigo do primeiro-ministro de seu país. Suponho que isso explica nossa participação no caso.

Sim coincidiu Chávez. Mas pensou Dois ao fio para o Comando

2. Demorariam pouco mais de uma hora em chegar a Viena, pensou logo, meurando seu relógio. Um atentado terrorista já era bastante excepcional, mas dois seguidos... era muito. Não era que houvesse regras a respeito, claro, e se as houvesse, esses miseráveis já as teriam violado. Mas... mas não era momento de pensar nessas coisas. Chávez estudou a informação que ia aparecendo na tela do Price e começou a perguntarse como mover-se na nova situação. Seus homens haviam ocupado um bloco de assentos econômicos e se dedicavam a ler livros de bolso. Logo que falavam do trabalho que os esperava... porque, a dizer verdade, só conheciam o destino do vôo.

É um perímetro muito grande para nós observou Price logo depois de uns minutos.

Sabemos algo sobre a oposição? perguntou Ding, maravilhamdou-se pela rapidez com que tinha adotado o léxico britânico. *Oposición? Teria que haver dito moços maus.*

Nada replicou Eddie . Zero identificação. Tampouco sabemos quantos são.

Grandioso comentou Chávez, sem apartar os olhos da pantalla.

Tinham intervindo os telefones. Altmark o tinha comprovado cedo. Chamada-las de fora recebiam sinal de ocupado e as chamadas para fora seriam gravadas na central Telefónica... mas não tinham feito nenhuma, o qual indicava que todos os criminosos é-taban dentro, dado que não procuravam ajuda externa. Também podiam estar usando telefones celulares, é obvio, e não tinha a equipe adequado para interceptá-los, embora sim tinha intervindo as três contas celulares do Ostermann.

135

A Staatspolizei tinha agora trinta oficiais no teatro de operaciones e um perímetro coberto e pontuado por um couraçado de quatro rodas escondo entre as árvores. Tinham impedido o ingresso de um Camión do correio, mas nenhum outro veículo tinha tentado ingressar em a propriedade. Por tratar-se de um homem tão rico, Ostermann levava uma vida tranqüila e pouco ostentosa, pensou o capitão. Ele esperava um desfile constante de veículos.

Hans?

Sim, Petra?

Os telefones não estão soando. Faz tempo que estamos aqui

e os telefones não soaram.

Faço a maior parte de meu trabalho por computador disse

Ostermann. Ele também o tinha notado. Gerhardt teria pulsado a

alarme? Se o tinha feito, era conveniente? Não tinha maneira de seja-

berlo. Ostermann tinha brincado muitas vezes sobre o arriscado de seu

profissão, sobre o perigo de cada passo que dava, porque outros tenta-

riam lhe roubar até os ossos se tinham a ocasião... mas jamais haviam

ameaçado sua vida nem pontudo uma arma contra ele ou um membro de seu

equipe. Utilizou o que ficava de objetividade para compreender que

esse era um novo e perigoso aspecto do mundo que jamais havia consi-

derado, de que sabia muito pouco, e contra o que não podia defender-se.

No momento, seu único talento útil era sua habilidade para ler os

rostos e as mentes. E embora jamais tinha conhecido a ninguém vagamen-

parecido-te ao homem ou à mulher que tinha frente a ele, viu o suficiente

para sentir mais medo que nunca em toda sua vida. O homem, e a

mulher mais ainda, estavam dispostos a matá-lo sem o menor remordi-

minto de consciência e com a mesma emoção que o próprio Ostermann

demonstrava quando se elevava com um milhão de dólares estadouniden-

é. Acaso não sabiam que sua vida tinha valor? Acaso não sabiam que...

...Não, compreendeu Erwin Ostermann, não sabiam. Não sabiam e

não lhes importava. Pior ainda, o que acreditavam saber não era certo, e ele não

teria maneira de convencê-los do contrário.

Logo, finalmente, soou o telefone, A mulher lhe indicou que atendesse.

Hier ist Ostermann disse levantando o receptor. Fürchtner fez o mesmo em outro aparelho.

Herr Ostermann, sou o capitão Wilhelm Altmark da Staatspolizei. *Entendo que tem convidados.*

Sim, capitão respondeu o magnata.

Poderia falar com eles, por favor? Ostermann se limitou a olhar ao Fürchtner.

Tomou seu tempo, Altmark disse Hans . me Diga, como nos descobriu?

Eu não te perguntarei sobre seus segredos e você não me perguntará

136

sobre meus replicou friamente o capitão . Eu gostaria de saber quem é e que buscas.

Sou o comandante Wolfgang da Facção Operária Vermelha.

E o que quer?

Queremos a soltura de nossos amigos presos em distintas cárceres e transporte até o Schwechat. Exigimos um avião com a Capacidade superior aos cinco mil quilômetros e uma tripulação interna-

cional para chegar a um destino que daremos a conhecer quando abordarmos o avião. Se não termos o que pedimos antes de meia-noite, empizaremos a matar a alguns de nossos... nossas hóspedes, aqui no Schloss Ostermann.

Já vejo. Tem a lista dos prisioneiros cuja liberação exigem?

Hans tampou a buzina com uma mão e estendeu a outra.

Petra, a lista A mulher a entregou. Nenhum esperava CO-operação séria neste tema, mas era parte do jogo e terei que cabeça de gado-petar as regras. No caminho tinham decidido matar um refém, possivelmente dois, antes de sair rumo ao aeroporto. O primeiro em morrer seria Gerhardt Dengler, pensou Hans. Logo, uma das secretárias. Nem ele nem Petra queriam matar membros do pessoal doméstico já que eram trabalhadores autênticos e não lacaios do capitalismo como os empregados administrativos . Sim, aqui tenho a lista, capitão Altmarm...

OK disse Price , temos uma lista de gente que supostamente devemos liberar girou o computador para que Chávez pudiera vê-la.

Os suspeitos de sempre. Isso nos diz algo, Eddie?

Price negou com a cabeça.

Provavelmente não. Esses nomes se podem tirar do jornal.

Então por que o fazem?

O Dr. Bellow lhe explicará que têm que fazê-lo para mostrar solidariedade para seus compatriotas, quando em realidade são sociópatas que não vêm além de seu próprio umbigo Price se encolheu de ombros . O cricket tem suas regras. O terrorismo também Y... O capitão da aerolinha interrompeu a revelação para anunciar o aterizaje. O show está por começar, Eddie.

Assim parece, Ding.

Então, isto é uma pura mentira solidária? perguntou Ding, aplaudindo a tela.

Provavelmente sim.

Price desconectou o computador da linha Telefónica, salvou seus arquivos e fechou a laptop. Doze filas de assentos atrás, Tim Noonan fez o próprio. Todos os membros do Comando 2 puseram seu melhor cara de póker enquanto o 737 da British Airways iniciava o descida em Viena. Alguém tinha chamado a alguém para lhe avisar. O avião carreteó rapidamente até a porta atribuída e Chávez viu pela vên-

137

tana um veículo bagageiro rodeado de policiais esperando-os na terminal.

Não foi um acontecimento invisível. O controle da torre advertiu

a chegada: poucos minutos antes um Sabena que devia aterrissar antes que o avião do British recebeu a ordem de esperar, e um funcionário hierárquico se fez presente na torre para interessar-se pelo vôo britânico. Além disso, havia um segundo e absolutamente desnecessário veículo porta-malas com dois patrulheiros perto da porta A-4. A que deveria-se tanto alvoroço? perguntou-se o controle. Averiguá-lo não o exigiria muito esforço. Inclusive tinha um par de binoculares Zeiss.

A aeromoça não tinha recebida ordem de facilitar o rápido descida dos membros do Comando 2, mas suspeitava que havia algo extraordinário em torno deles. Não figuravam em sua lista computadorizada e eram mais corteses que o viajante de negócios médio. Seu aspecto não tinha nada de particular, exceto tudo estavam em excelente estado físico e tinham chegado em grupo e ocupado seus assentos de maneira singularmente ordenada. Ao abrir a porta do avião viu um policial uniformizado esperando, que não sorriu nem falou enquanto saíam os passageiros. Três passageiros de primeira classe se detiveram o sair do avião, falaram com o policial e se dirigiram à escada de serviço. Sendo fanática de as novelas de suspense e mistério, a aeromoça pensou que valia a pena seguir olhando para averiguar se alguém mais os seguia. Eram treze em total, todos os passageiros que tinham chegado a último momento. Os

olhou à cara, e a maioria lhe sorriram ao passar junto a ela. Quase todos eram atrativos... mais que isso, viris. Suas expressões irradiavam confiança, e algo mais, algo conservador e secreto.

Au revoir, senhora disse o último em sair, olhando a de acima abaixo e lhe dedicando um encantador sorriso ornamento.

Por Deus, Louis se queixou uma voz americana da puer-você . Não pode parar nem um segundo, não?

Acaso é um crime olhar mulheres formosas, George? perguntó Loïselle piscando os olhos o olho.

Suponho que não. Talvez voltemos a vê-la concedeu o sargento Tomlinson. Era bela, mas Tomlinson estava casado e tinha quatro filhos. Louis Loïselle era incansável com as mulheres. Talvez porque era francês, pensou o americano. O resto do comando os estava esperando. Noonan e Steve Lincoln fiscalizavam o traslado da bagagem. Três minutos depois, o Comando 2 estava a bordo de um par de caminhonetes com escolta policial. O controle da torre, cujo irmão era jornalista de policiais em um jornal local, advertiu este novo movimento. O policial que tinha subido à torre saiu logo depois de murmurar um direto danke aos controles.

138

Vinte minutos depois, as caminhonetes se detiveram frente à

entrada principal do Schloss Ostermann. Chávez se aproximou do oficial de maior fila.

Olá, sou o maior Chávez. Eles são o Dr. Bellow e o sargento maior Price disse, surpreso ao receber a saudação do...

Capitão Wilhelm Altmark.

O que sabemos?

Sabemos que há dois criminais dentro, provavelmente mais, mas desconhecemos a quantidade. Conhece suas exigências?

Traslado em avião com o destino desconhecido. Último prazo medianoche?

Correto, sem mudanças há uma hora.

Uma coisa mais. Como os trasladaremos ao aeroporto?

Herr Ostermann tem um helicóptero privado com heliporto a duzentos metros da casa.

Tripulação?

Lá estão assinalou Altmark . Nossos amigos ainda não pideram o vôo, mas nos parece o melhor método de traslado.

Quem falou com eles? perguntou Bellow.

Eu respondeu Altmark.

OK. Temos que falar, capitão.

Chávez foi à caminhonete para trocar-se junto ao resto do CO-

mando. Para esta missão noturna o Sol se estava pondo não usariam uniformes negros a não ser verdes salpicados sobre a equipe protetor. As armas estavam listas e carregadas, com os seletores em posição SAFE. Dez minutos depois, todos os membros do C-2 se achavam junto à fileira de árvores, escaneando o edifício com seus binoculares. Suponho que devem estar pela direita observou Homer Johnston . Há muitas janelas, Dieter. Ja murmurou o riflero alemão. Onde nos quer, chefe? perguntou- Homer ao Chávez. Longe, a ambos os lados, fogo cruzado sobre o heliporto. Vão já mesmo, moços, e quando estiverem em seus postos me avisem por rádio. Conhecem o pano. Logo que vejamos algo lhe avisaremos, Herr maior confirmou Weber. Os dois rifleros recolheram suas armas e avançaram para os patrulleros. Temos um plano da casa? perguntou- Chávez ao Altmark. Plano? perguntou o policial austríaco. Diagrama, mapa, o que seja explicou Ding. Ach, sim, por aqui Altmark o levou a seu automóvel. O capot estava talher de planos . Aqui está. Quarenta e seis habitações, sem contar os subsolos.

Carajo reagiu Chávez . Há mais de um subsolo?

Três. Duas sob a asa oeste: adega e freezer. O da asa este não se

139

usa. As portas poderiam estar enclausuradas. Sob o setor central não há subsolo. O schloss foi construído a fins do século XVIII. Pare-as-dê exteriores e algumas paredes interiores são de pedra.

Carajo, é um castelo de verdade observou Chávez.

Esse é o significado da palavra schloss, Herr major o informou Altmark.

Doc?

Bellow se aproximou em seguida.

Por isso me diz o capitão Altmark, até o momento se hão comportado como verdadeiros homens de negócios. Nada de ameaças históricas. Deram um ultimato antes de meia-noite para seu detrás-lado ao aeroporto. Do contrário, começarão a matar reféns. Há-blau alemão, com acento alemão, não, capitão?

Altmark assentiu.

Ja. São alemães, não austríacos. Só temos um nome: Herr

Wolfgang... geralmente é um nome cristão e não um sobrenome em nosso idioma, e não conhecemos nenhum terrorista com esse nome ou pseudônimo. Também disse pertencer à Facção Operária Vermelha, mas não

conhecemos nenhuma organização terrorista chamada assim.

Rainbow tampouco a conhecia.

Então, sabemos pouco e nada? perguntou- Chávez ao Bellow.

Muito pouco, Ding. OK prosseguiu o psiquiatra . Vejamos o que significa isso. Significa que planejam sobreviver ao atentado. Significa que são negociantes sérios. Se ameaçam fazer algo, tentarão cumprir seu palavra por todos os meios. Ainda não mataram a ninguém, isso significa que são muito inteligentes. Até o momento não expuseram novas exigências, mas logo o farão...

Como sabe? perguntou Altmark. A falta de exigências o surpreendia particularmente.

Quando oscurezca voltarão a falar conosco. Vê que não acenderam nenhuma luz no interior do edifício?

Sim, e isso por que?

Porque pensam que a escuridão é seu melhor amiga. Isso significa-
CA que tentarão valer-se dela. Além disso, está o ultimato de meia-noite. Quando oscurezca, estaremos mais perto do limite.

Esta noite há lua enche observou Price . E quase não se vêem nuvens.

Sim comentou Ding, olhando o céu com o cenho franzido . CA-
apitam, pode nos emprestar refletores?

O departamento de incêndios deve ter disse Altmark.

Poderia lhes ordenar que os tragam imediatamente?

Ja... Herr Doktor?

Sim?

Disseram que se não lhes dávamos o que pediam começariam ao MATAR reféns a partir da meia-noite. Você acredita que...?

Sim, capitão, devemos tomar a sério essa ameaça. Como pinjente,

140

estes indivíduos atuam seriamente. Estão bem treinados e têm disciplina. Podemos tirar vantagem disso.

Como? perguntou Altmark. Ding respondeu.

Daremo-lhes o que pedem, deixaremos-los acreditar que têm o controle da situação... até que chegue o momento de tomar nós o controle. Alimentaremos o orgulho e o ego desses bastardos enquanto tenhamos que fazê-lo, e logo, mais tarde, deixaremos de fazê-lo quando convenha-nos.

O pessoal doméstico da mansão Ostermann estava alimentando os corpos e os egos dos terroristas. Os sanduíches preparados sob a supervisão da equipe do Fürchtner foram servidos por um grupo de serventes morto de medos. Como era de prever, os empregados do Ostermann tinham perdido o apetite. Não assim seus convidados.

Hans e Petra pensavam que as coisas partiam bem até o momento. Tinham ao refém principal e seus lacaios sob controle no mesmo quarto, com fácil acesso ao banho privado do Ostermann. Os rehenes precisavam esvaziar seus intestinos e bexigas de vez em quando, e não tinha sentido lhes negar tão merecido alívio. De outro modo, perderiam a dignidade e começariam a se desesperar-se. Não era prudente chegar a esse extremo. A gente se desesperada fazia tolices, e o que Hans e Petra precisavam era controlar cada ação de seus reféns.

Gerhardt Dengler estava sentado em uma cadeira frente ao escritório de seu empregador. Sabia que tinha chamado à polícia e, igual a seu chefe, começava a perguntar-se se seria ou não contraproducente. dentro de um par de anos estaria em condições de iniciar seu próprio negócio, provavelmente com a bênção do Ostermann. Tinha aprendido muito de seu chefe, tal como está acostumado a aprender a mão direita de um general do exército. Embora ele poderia estabelecer-se por sua conta muito mais rápido e com maior segurança que um jovem militar... O que devia a esse homem? O que se requeria dele? Dengler estava tão pouco preparado para essa situação como Herr Ostermann, mas era mais jovem, tinha melhor estado físico...

Uma das secretárias chorava em silêncio: lágrimas de medo e fúria banhavam suas bochechas. Resultava-lhe intolerável ver sua cômoda vida

perturbada tão cruelmente. O que acontecia com esses dois, que acreditavam correio-

der invadir a existência de pessoas comuns e ameaçar as de muer-

lhe? E o que podia fazer ela para defender-se? A resposta era... nada.

Estava preparada para atender emergências, processar volumosos ar-

cabritos de informação, rastrear o dinheiro do Herr Ostermann com tal

habilidade que provavelmente era a secretária melhor paga do país. Por-

que Herr Ostermann era um patrão generoso e sempre tinha uma pá-

bra amável para seus empregados. Tinha-os ajudado a ela e a seu MA-

jogo a rede, professor maior de obras com seus investimentos, a tal ponto que

logo seriam milionários por direito próprio. Estava com ele desde mu-

cho antes que sua primeira esposa morrera de câncer, tinha-o visto seu-

141

frir por causa disso sem poder fazer nada para aliviar a espantosa dor,

e logo se alegrou com a aparição do Ursel von Prinze, a mulher

que havia devolvido o sorriso ao Herr Ostermann...

Quais eram esses dois que os olhavam como se fossem objetos,

armados até os dentes como nos filmes... exceto ela,

Gerhardt e outros tinham papéis secundários. Não podiam ir à

cozinha a procurar cerveja e pretzels. Só podiam viver o drama até o

final. Por isso chorava em silêncio, indefesa, sob o olhar depreciativo

da Petra Dortmund.

Homer Johnston vestia seu traje de guia, um complexo traje tipo macacão feito de farrapos costurados sobre uma matriz de malha, cujo propósito era fazê-lo parecer um arbusto ou uma pilha de folhas ou um montão de terra.. algo menos um homem com um rifle. O rifle estava instalado em seu tripode, com as asas dos lentes anterior e posterior de a olhe telescópica levantadas. Tinha eleito um bom lugar ao leste do heliporto, que lhe permitiria cobrir a distância completa entre o helicóptero e a casa. Seu medidor de alcance laser indicava que se encontrava a 216 metros de uma porta situada na parte de atrás da casa e a 147 metros da portinhola esquerda dianteira do helicóptero. Estava deitado de barriga para baixo em um setor seco do belo jardim, sob as sombras prolongadas das árvores próximas. O ar estava impregnado de aroma de cavalos e lhe recordava sua infância no noroeste americano. OK. Ativou o microfone de seu rádio.

Guia, Rifle Dos-uno.

Rifle Dos-uno, Guia.

Posicionado e preparado. Não vejo movimento na casa por agora.

Rifle Dois-E dois, posicionado e preparado, tampouco vejo movimento reportou o sargento Weber desde seu posto, a duzentos e cinquenta e

seis metros do Johnston. Homer girou para ver a posição do Dieter. Seu equivalente alemão tinha eleito um bom lugar.

Achtung chamou uma voz a suas costas. Johnston se deu volta e viu que se aproximava um policial austríaco, quase engatinhando sobre a hierba. Hier disse, lhe entregando umas fotos e retirando-se rapidamente.

Johnston lhes jogou uma olhada. Muito bom, fotos dos reféns... mas nenhuma dos moços maus. Bem, ao menos sabia a quem não disse parar. Deixou o rifle a um flanco, elevou seus binoculares pintados de verde e começou a escanear a casa lenta e regularmente, de esquerda a direita e viceversa.

Dieter? disse por rádio direto.

Sim, Homer?

Levaram-lhe as fotos?

Sim, aqui as tenho.

Não há luz dentro...

Ja, nossos amigos se conduzem com inteligência.

142

Suponho que dentro de meia hora teremos que usar os NGV.

Estou de acordo contigo, Homer.

Johnston grunhiu e revisou a bolsa que tinha levado junto com a caixa do rifle e o rifle de 10.000 dólares. Logo voltou a escanear o

edifício, pacientemente, como um rastreador de cervos de montanha em busca de um exemplar sem chifres... uma idéia feliz tratando-se de um CA-zador de toda a vida... o sabor da carne, especialmente cozida em uma enorme fogueira a céu aberto... um pouco de café em um jarro azul esmaltado... e o bate-papo posterior a toda caçada bem-sucedida... Bom, neste *caso não poderá te comer suas presas, Homer, disse para seus adentros, e* retomou sua paciente rotina. Colocou a mão no bolso: queria mastigar um pouco de charque.

Eddie Price acendeu sua pipa no rincão mais afastado da fim-CA. Não era tão grande como o palácio do Kensington, mas sim mais bela. A só idéia o perturbou. Tinham falado muito disso durante seu épo-CA em SEJA. O que aconteceria os terroristas geralmente pensavam em o PIRA ou o INLA irlandeses atacavam uma das residências réu- eles... ou o muito mesmo palácio do Westminster. O SEJA tinha percorrido de acima abaixo e mais de uma vez os edifícios em questão para ter uma idéia mais concreta da disposição, os sistemas de segurança e os possíveis problemas... especialmente logo depois de que um lunático havia entrado ao palácio do Buckingham na década do 80 e chegado ao dormitório da rainha. Ainda lhe dava calafrios pensá-lo!

A breve ensoñación se evaporou. Agora devia ocupar do Schloss *Ostermann, recordou Price. Voltou a estudar os planos.*

O interior é de pesadelo, Ding disse finalmente.

É verdade. Todos os pisos são de madeira, provavelmente cruji-
rán como lenhos, e está cheio de esconderijos para os moços maus.

vamos necessitar um helicóptero se queremos sair bem parados
mas não tinham um helicóptero. Teria que falar com o Clark à cabeça de gado-
pecto. O Rainbow não estava de tudo bem pensado. Muitas coisas se
havam resolvido muito rápido. Necessitavam um helicóptero e tripu-
lantes treinados em mais de um tipo de aeronave, porque não tinham
maneira de saber que máquinas utilizariam em cada nação implicada .

Doc? perguntou, dando-se volta.

Bellow se aproximou deles.

Sim, Ding?

Estou começando a pensar em deixá-los sair, fazê-los caminhar
até o helicóptero detrás da casa, e apanhá-los ali em lugar de irrum-
pir.

É um pouco logo para isso, não lhe parece?

Chávez assentiu.

Sim, é-o, mas não queremos perder reféns, e segundo você, a
partir da meia-noite devemos tomar a sério a ameaça desses
miseráveis.

Talvez possamos demorá-lo um pouco. Eu poderia tentá-lo, por telefone.

Entendo, mas se nos movemos, quero que seja na escuridão.

Isso quer dizer esta mesma noite. Não posso planejar sobre a base de que você os convença de render-se, a menos que você pense outra coisa...

É possível, mas improvável teve que admitir Bellow. Nem se-queira estava seguro de poder adiar o ultimato de meia-noite.

Agora queria saber se podemos cravar o edifício.

Aqui estou disse Noonan . A suas ordens, velho.

Pode fazê-lo?

Provavelmente possa me aproximar sem ser visto, mas há mais de cem janelas. E como diabos faço para chegar às do segundo e o terceiro piso? A menos que me pendure de um helicóptero e desça no teto...

Isso equivaleria a que a TV local que certamente faria seu aparição próximo, tal como os abutres rondam sobre a vaca agonizante apagasse suas câmaras, correndo o risco de alertar aos terroristas quando os jornalistas deixassem de transmitir da mansión. E acaso não advertiriam que um helicóptero sobrevoava o teto do edifício? E acaso não poderia haver um terrorista ali mesmo, montando guarda?

Isto se está complicando observou Chávez em voz baixa.

Já está o suficientemente escuro e frio para que comecem a trabalhar os visores térmicos anunciou Noonan para animá-lo.

Sim Chávez levantou o microfone de seu rádio . Comando, Líder, visores térmicos. Repito, utilizem visores térmicos Se deu vuel-você . E os telefones celulares?

Noonan só pôde encolher-se de ombros. Já se tinham juntado aproximadamente trezentos civis, longe do imóvel Ostermann e controlados pela polícia local, mas a maioria podiam ver a casa e seus arredores, e se um deles tinha um celular e alguém da casa También, qualquer desconhecido podia chamar a seus companheiros e informá-los o que estava passando fora. Os milagres da comunicação moderna tinham duas caras. Havia mais de quinhentas frequências celulares e o Rainbow não contava com uma equipe capaz das cobrir todas. Até o momento, nenhuma operação terrorista ou criminal tinha usado essa técnica, mas todos não podiam ser mudos e ficar mudos, verdade?

Chávez olhou o schloss e voltou a pensar que teriam que fazer sair a os delinquentes se queriam fazer bem seu trabalho. O problema era que não sabia quantos eram os maus, e não tinha maneira de averiguá-lo sem cravar o edifício para obter informação adicional... emprendimiento este bastante duvidoso por todas as razões que acabava de conside-

rar.

Tim, quando voltarmos devemos reconsiderar o tema dos celulares e as rádios fora do objetivo. Capitão Altmark!

Sim, maior Chávez?

Chegaram os refletores?

144

Acabam de chegar, já, temos três equipes assinalou Altmark.

Price e Chávez foram olhar. Viram três caminhões com aparelhos semelhantes às luzes das quadras de esportes de futebol universitário. Desenhados para participar de grandes incêndios, controlavam-se do caminhão que os transportava. Chávez disse ao Altmark onde os queria e viu o ponto de reunião.

Os visores térmicos dependiam de uma diferença de temperatura para formar a imagem. A noite se estava pondo fria rapidamente, e com ela as paredes de pedra da casa. As janelas resplandeciam mais que as paredes porque a casa estava calefaccionada, e os antigos cristais das numerosas portas do edifício estavam pobremente isolado-lhe apesar das enormes cortinas que pendiam deles. Dieter Weber foi o primeiro em detectar algo.

Líder, Rifle Dois-E dois, tenho um branco térmico no primeiro piso, quarta janela do oeste, olhando detrás das cortinas para

fora.

OK! Está na cozinha Era a voz do Hank Patterson, inclinad-
dou sobre os planos . É o número um! Algo mais, Dieter?

Negativo, só uma silhueta replicou o alemão . Não, espere...
é alto, provavelmente masculino.

Aqui Pierce, tenho um, primeiro piso, esta asa, segunda janela
deste parede.

Capitão Altmark?

Ja?

Poderia chamar o escritório do Ostermann, por favor? Queremos
saber se estiver ali porque se estava, haveria um ou dois terroristas com ele.

Escritório Ostermann respondeu uma voz de mulher.

Fala o capitão Altmark. Com quem estou falando?

Comandante Gertrude da Facção Operária Vermelha.

Perdão, esperava falar com o comandante Wolfgang.

Espere.

Hier ist Wolfgang.

Hier ist Altmark. Faz momento que não sabemos nada de vocês.

Que novidades tem para nós?

Não tenho novidades, mas tenho um pedido, Herr comandante.

Sim, qual?

Em sinal de boa fé disse Altman enquanto o Dr. Bellow escuchaba por uma extensão lhes pedimos que liberem dois reféns, talvez do pessoal doméstico.

Wafür? Para que os ajudem a nos identificar?

Líder, aqui Lincoln, tenho um branco, janela da esquina não-te roas, alto, provavelmente masculino.

São três mais dois comentou Chávez. Patterson colocou um adesivo amarelo sobre esse setor dos planos.

A mulher que tinha atendido a chamada seguia em linha.

Têm três horas até que lhes enviemos o primeiro refém, todt enfatizou . Algum outro pedido? Exigimos um piloto para o helicóptero do Herr Ostermann antes de meia-noite, e um avião comercial no aeroporto. Do contrário mataremos a um refém para demonstrar a seriedade de nossas intenções. Logo seguiremos matando reféns a intervalos regulares. Entende o que lhe digo?

Por favor, respeitamos a seriedade de suas intenções o asseguró Altmark . Estamos procurando os tripulantes e já falamos com o Austrian Airlines pela aerolinha. Estas coisas levam tempo, como bem sabem.

Vocês sempre dizem o mesmo, refiro aos tipos como você. Já lhe dissemos o que queremos. Se não satisfazer nossas exigências, o sangue dos reféns manchará suas mãos. Ende disse a voz.

A linha ficou morta.

O capitão Altmark ficou surpreso e descontente pela frialdade manifestada por seus interlocutores e pela abrupta conclusão do chamado. Olhou ao Paul Bellow e pendurou o tubo.

Herr Doktor?

A mulher é a mais perigosa. Os dois são inteligentes. Hão-o pensado muito bem e matarão a um refém para afirmar-se, não lhe caiba dúvida.

Dupla homem-mulher dizia Price por telefone . Alemães, idades... ao bordo dos quarenta, quarenta e poucos anos. Talvez mais.

Sérios adicionou para o Bill Tawney.

Obrigado, Eddie, fica em linha foi a resposta. Price escuchava o tamborilar dos dedos sobre o teclado.

OK, moço, tenho três duplas possíveis para ti. Já mesmo lhe as envio.

Obrigado, senhor Price voltou a abrir seu laptop . Ding?

Sim?

Vem inteligência.

Temos pelo menos cinco terroristas, chefe disse Patterson, deslizando o dedo sobre os planos . É muito rápido para que se movam. Aqui, aqui, aqui, e dois aqui acima. A localização tem sentido.

É provável que tenham rádios portáteis. A casa é muito grande para comunicar-se aos gritos.

Noonan escutou isso e ativou sua equipe para interceptar rádios. Se seus amigos utilizavam rádios manuais conheceria imediatamente a frequência de fato determinada por tratado internacional , e provavelmente não teriam as mesmas equipes que os militares, provavelmente tampouco estariam encriptados. Em segundos ativou seu escaner computadorizado com múltiplos antenas que lhe permitiriam triangular as fontes no interior do edifício. Estas seriam acopladas a seu computador laptop, que já tinha um diagrama do schloss carregado. Com três portalanças alcançaria, pensou Noonan. Dois era muito pouco. Três era a quantidade quase perfeita, embora o caminhão se localizado frente ao edifício podia carregar mais sem dificuldade. Dois mais três, dois mais quatro, dois mais cinco? Mas todos queriam escapar... e o helicóptero não era tão grande. Isso equivalia a uma quantidade de cinco a sete terroristas. Era uma hipótese, e não podiam guiar-se por hipóteses bem, preferiam não fazê-lo , mas também era um ponto de partida. Muitas incógnitas. E se não usavam rádios portáteis? E se usavam telefones celulares? E se um montão de coisas mais? pensou Noonan. Terei que começar

por algum lado, reunir toda a informação possível, e logo atuar em consequência. O problema com essa classe de gente era que sempre decidían sobre a marcha. Apesar de sua estupidez e suas intenções criminales debilidades aos olhos do Noonan , eles controlavam a marcha dos acontecimentos, decidiam quando passavam as coisas. O comando podia alterá-la um pouco mediante adulações e essa lisonjas era a tarefa do Dr. Bellow mas quando chegava o momento, bom, os muchachos maus eram os únicos dispostos a assassinar, e esse era um naipe que fazia muito ruído ao cair sobre a mesa de jogo. Havia dez rehenes no edifício: Ostermann, seus três empregados administrativos e seis pessoas do serviço doméstico. Todos eles tinham vida, família e expectativas de conservar ambos os bens. A tarefa do Comando 2 era garantir que os conservassem. Mas os meninos maus controlavam demasiadas costure ainda, e a este agente do FBI não gostava para nada que fora assim. Desejou, e não pela primeira vez em sua vida, ser um de os atiradores e poder, em seu devido momento, ingressar e executar a cabeça de gado-

Cate. Mas, por muito bom que fora com as armas e as atividades físicas, estava melhor preparado para os aspectos técnicos da missão. Essa era sua área de destreza profissional e serviria melhor à missão dirigindo corretamente seus instrumentos. Entretanto, não tinha por

o que lhe gostar de.

Então, como está o marcador, Ding?

Não muito bem, Mr. C. Chávez se deu volta para vigiar o edifício . É muito difícil aproximar-se pela enorme quantidade de espaço aberto, e portanto é difícil cravá-lo para conseguir inteligência tática.

Temos dois sujeitos primários e provavelmente três secundários que

147

parecem profissionais e sérios. Estou pensando em deixá-los chegar ao helicóptero e apanhá-los ali. Rifleros em seus postos. Mas tendo em conta a quantidade de sujeitos, a coisa não será tão fácil, John.

Clark observou o desdobramento em seu centro de comando. Tinha comunicação contínua com o C-2, incluídos os desdobramentos por computador. como sempre, Peter Covington estava a seu lado para avaliar a situação.

Poderia ter sido um castelo com fosso havia dito o oficial britânico. Ele também tinha advertido a necessidade de incluir pilotos de helicóptero como membros permanentes do comando.

Outra coisa disse Chávez . Noonan diz que necessitamos equidetrás especiais para os loucos dos telefones celulares. Temos três-centenas civis nos arredores e qualquer deles poderia lhe avisar a nossos amigos o que estamos fazendo aqui fora. Não temos MA-

nera de impedi-lo sem essa equipe especial. Tenha-o em conta, Mr. C. Entendido, Domingo replicou Clark olhando ao David Peled, seu chefe técnico.

Poderei solucioná-lo em poucos dias disse Peled. A Mossad tinha a equipe adequada. Muitas agências americanas também... provavelmente. Logo o averiguaria. Noonan era muito bom para ser um ex-polícia, pensou Peled.

OK, Ding, tem liberdade para executar a seu critério. Boa suerte, meu moço.

Caramba, obrigado, papai foi a irônica resposta . Comando 2, fora Chávez apagou o rádio e arrojou o microfone na caixa . Price! chamou.

Sim, senhor o sargento maior se materializou a seu lado.

Temos liberdade para atuar a discrição anunciou o líder a seu XO.

Maravilhoso, maior Chávez. O que propõe, senhor?

A situação devia ser desfavorável se Price pedia propostas em vez das dar, pensou Ding.

Bem, vejamos com que vantagens contamos, Eddie.

Klaus Rosenthal era o jardineiro principal do Ostermann e, a seus setenta e um anos, o membro mais velho do pessoal doméstico. Seu

esposa estava em casa, seguro, deitada na cama, acompanhada por uma enfermeira que se ocupava de medicá-la, e preocupada com ele, seguramente, preocupação que podia ser perigosa para ela. Hilda Rosenthal padecia uma afecção cardíaca progressiva que a tinha deixado impedida três anos atrás. O sistema médico estatal havia provido a atenção necessária, e Herr Ostermann também os tinha ajudado enviando a uma amiga dela, a professora Allgemeine Krankenhaus de Viena, a supervisionar o caso. Por outra parte, a nova terapia com drogas havia-me-
148

jorado um pouco a condição da Hilda, mas o medo que estaria sintiendou agora por ele certamente não a beneficiaria. A só idéia o estava voltando louco. O ancião jardineiro estava na cozinha com o resto do pessoal doméstico. Tinha entrado em procurar um copo de água quando chegaram... de ter estado fora teria podido escapar e ativar a alarme e ajudar a seu empregador, sempre tão considerado com todos eles e com a pobre Hilda! Mas a sorte lhe deu volta a cara quando esses porcos irromperam na cozinha brandiando suas armas. Eram jovens, menores de trinta anos. que estava mais perto, cujo nome Rosenthal desconhecia, devia ser berlinense ou da Prússia oriental a julgar pelo acento, e ultimamente tinha sido cabeça rapada , ou ao menos isso parecia com seu crânio barbeado como na tropa. Produto da RDA,

desaparecida-a a Alemanha Oriental. Um dos novos nazistas criados em a difunta nação comunista. Rosenthal tinha conhecido aos antigos nazistas no campo de concentração do Belzec, quando era menino, e até-que tinha conseguido sobreviver a aquela experiência, a volta do terror de sentir a própria vida a mercê de um louco de cruel olhar porcina... fechou os olhos. Ainda tinha pesadelos que acompanhavam fielmente ao número de cinco dígitos tatuado em seu antebraço. Uma vez por mês despertava entre lençóis úmidos de suor logo depois de reviver a espantosa marcha da gente rumo a um edifício do que ninguém saía vivo... e sempre, no pesadelo, um jovem SS de rosto cruel o obrigava a seguirlos, porque também ele necessitava uma ducha. OH, não, protestava em sonhos, Hauptsturmführer Brandt me necessita na ferraria. Hoje não, *judeu, dizia o jovem SS com seu sorriso fantasmal, Komm jetzt zu dem Braüserbad. E cada vez que avançava para o mortífero edifício, porque o que outra coisa podia fazer, e chegava à porta... despertava, empapado em transpiração e seguro de que, de não ter despertado não despertaria jamais, como todos os que tinha visto partir para as câmaras...*

Há muitas classes de medo, e Klaus Rosenthal padecia a pior de todas. Tinha a certeza de que morreria à mãos de um deles, os maus alemães, os que simplesmente não reconheciam nem davam impor-

tância à humanidade alheia. Essa certeza o sumia no desconsolo.

E não tinham desaparecido, ainda não tinham morrido de tudo. Um deles estava agora frente a ele, olhando-o, com uma metralhadora em a mão, observando-os como se fossem objetos. Objekte. Os outros membros do pessoal, cristãos todos, jamais tinham experiente isso, mas Klaus Rosenthal sim, e por isso sabia o que esperar... e sabia que era uma certeza. Seu pesadelo era real, havia tornado do passado para cumprir seu destino, e também para matar a Hilda, porque seu débil coração não sobreviveria... e o que podia fazer ele para impedi-lo? Antes, sobressaia-a-va vez, tinha sido um órfão aprendiz de joalheiro e sua habilidade com os metais preciosos lhe tinha salvado a vida... habilidade que jamais havia praticado logo, tão horríveis eram as lembranças associadas a ela. Em mudança, tinha encontrado certa paz trabalhando a terra, ajudando a as coisas vivas a crescer belas e saudáveis. Tinha esse dom: Ostermann

149

tinha-o reconhecido e lhe havia dito que teria trabalho de por vida em seu schloss. Mas seu dom lhe importava um nada a esse nazista de cabeça calva armado até os dentes.

Ding fiscalizou a colocação dos refletores. O capitão Altmark acompanhou-o a cada caminhão e ambos indicaram aos condutores exatamente onde se localizar-se. Quando os caminhões refletores estuvie-

rum em seus postos e içaram seus mastros lumínicos, Chávez retornou com seus homens e desenhou o plano. Eram mais das onze da noite. O tempo corria mais rápido quando um mais o necessitava.

Os tripulantes do helicóptero já tinham chegado. A maioria é-taban sentados, bebendo café como bons aviadores, perguntando-se como diabos terminaria tudo. O co-piloto era ligeiramente parecido a Eddie Price, e Ding decidiu utilizar essa vantagem extra como último recurso de seu plano.

Às 23:20 ordenou acender os refletores. O fronte e os latera- eles do schloss foram banhados por uma luz branco amarelada, mas a parte de atrás não, para que projetasse uma sombra triangular até o helicóptero e a fileira de árvores.

Urso disse Chávez , vê com o Dieter e fique perto.

Entendido, emano Vega se calçou seu M-60 ao ombro e enfiou para a arvoredo.

Ao Louis Loiselle e George Tomlinson lhes tocou a parte mais difícil.

Vestiam uniformes verdes noturnos. Os macacões que cobriam seus trajes ninja negros eram a quadros verde claro e verde escuro azarosamente lhes distribuíam. A idéia datava dos bombardeios noturnos da Luftwaffe na Segunda guerra mundial: os desenhistas pensavam que a noite era o suficientemente escura e que os aviões de combate pintados de

negro eram mais fáceis de detectar porque eram mais escuros que a não-che mesma. Estes macacões tinham funcionado em teoria e nos treinamentos. Agora comprovariam se também funcionavam no mundo real. As luzes cegadoras ajudariam o bastante: apontadas para o schloss, criariam uma fonte artificial de escuridão em que os trajes verdes se voltariam invisíveis. Tinham-no provado muitas vezes no Hereford, mas nunca com risco de perder a vida. Não obstante, Tomlinson e Loïselle avançaram desde distintas direções, sempre dentro da sombra triangular. Demoraram vinte minutos em chegar engatinhando a seus postos. Então, Altmark disse Hans Fürchtner às 23:45 , já é-tán feitos os acertos... ou devemos matar a um de nossos reféns em poucos minutos?

Por favor não o faça, Herr Wolfgang. A tripulação do helicóptero está em caminho e estamos trabalhando para que a aerolinha nos entregue um avião preparado para voar. Isto é muito mais difícil do que você crie.

150

dentro de quinze minutos veremos quão difícil é, Herr Altmark
Linha morta.

Bellow não necessitou tradução. Bastava com o tom da voz.

Fará-o disse o psiquiatra . O ultimato é real.

Tragam para a tripulação ordenou Ding no ato. Três minutos depois, um patrulheiro coberto se aproximou do helicóptero. Dois homens saíram e subiram ao Sikorsky enquanto o patrulheiro se afastava. Dois minutos depois, o rotor começou a girar. Chávez ativou seu microfone de mando.

Comando, aqui Líder. Atentos. Repito, atentos.

Excelente disse Fürchtner. Logo que podia ver o rotor em movimento, mas as luzes de vôo bastavam . Comecemos. Herr Ostermann, vamos!

Petra Dortmund precedeu aos reféns importantes na escadaria. Franziu o cenho, perguntando-se se deveria sentir-se decepcionada por não ter liquidado a esse Dengler para mostrar sua resolução. Talvez o matassem mais adiante, quando comesçassem o interrogatório sério a bordo do avião... e talvez Dengler soubesse tanto como Ostermann. Se assim fora, matá-lo seria um engano tático. Ativou o rádio e chamou o resto de sua gente. Estavam reunidos no vestíbulo quando ela baixou a escadaria principal junto com os seis reféns da cozinha. Não, decidiu ao chegar à porta, seria melhor matar a um refém de sexo feminino. Isso causaria maior impacto sobre as forças policiais apostadas fora, muito mais se a matava outra mulher...

Estão preparados? perguntou Petra. Seus quatro secuaces asintie-

rum . Todo se fará tal como planejamos lhes disse. Esses tipos eram uma verdadeira desilusão ideológica, apesar de ter crescido e sido educados em um país socialista... três deles inclusive tinham treinamento militar, que é obvio incluía doutrinação política. Mas sabiam fazer seu trabalho e tinham chegado até esse ponto. Não podia pedir mais. O pessoal doméstico começou a abandonar a zona da cozinha. Uma das cozinheiras tinha problemas para caminhar, e Rosenthal viu que o porco de cabeça calva ficava molesto. O estavam levando, sabia que o levavam a morrer e em seu pesadelo era incapaz de fazer nada! *Ao compreender seu indefensión sentiu uma dor terrível na cabeça.* Girou o corpo para a esquerda, e viu a mesa... e sobre a mesa um pequeno te trinche. Adiantou a cabeça e viu que os terroristas olhavam as hesitações da María, a cozinheira. Foi um instante de decisão: aferrou o te trinche e o escondeu sob sua manga direita. Talvez o destino o desse uma oportunidade. Se assim fora, esta vez a aproveitaria, se prometió Klaus Rosenthal.

151

Equipe 2, aqui Líder disse Chávez por radio . dentro de pouco começarão a sair. Todos devem reportar-se Primeiro escutou os dois dobre cliques do Loiselle e Tomlinson, e logo os nomes.

Rifle Dos-uno disse Homer Johnston. Tinha conectado o foi-

MA de visão noturna a olhe telescópica de seu rifle e pontudo à porta traseira principal do edifício. Nesse momento começava a adaptar sua respiração a um ritmo regular.

Rifle Dois-E dois disse Weber um segundo depois.

Urso reportou Vega, passando-a língua pelos lábios à calzar-se a arma sobre o ombro. Tinha a cara camuflada com pintura.

Connolly.

Lincoln.

McTyler.

Patterson.

Pierce todos se reportaram desde seus postos na grama.

Price o sargento maior se reportou do assento esquerdo do helicóptero.

OK, comando, temos liberdade para empregar as armas. Seguiremos as regras normais de combate. Estejam alertas, moços adicionou Chávez innecesariamente. Era difícil deixar de falar em casos como esse. Sua posição estava a oitenta jardas do helicóptero, com alcance marginal para seu MP-10 e os NVG enfocados no edifício. abre-se a porta reportou Weber uma fração de segundo antes que Johnston.

Tenho movimento confirmou Rifle Dos-uno.

Capitão Altmark, aqui Chávez. Corte a transmissão televisiva
ordenou Ding pelo rádio secundário.

Ja, entendido replicou o austríaco. deu-se volta e gritou a ordê-
m ao diretor de TV. As câmaras permaneceriam onde estavam mas
sem transmitir e as gravações a partir desse momento se considera-
riam informação qualificada.

Porta aberta disse Johnston desde seu posto . Vejo um ré-
hén, parece um cozinheiro, e um sujeito, feminino, cabelo escuro, com uma
pistola na mão O sargento Johnston se automóvel ordenou relaxar-se e
afrouxar o dedo que pressionava o duplo gatilho de seu rifle. Não podia dis-
parar sem ordem direta do Ding, e dada a situação, a ordem não chega-
Segundo estuário refém à vista, é Hombrecito informou, aludindo a
Dengler. Ostermann era Grande Homem e suas secretárias Moréia e Ru-
Bia (assim chamadas pela cor de seus cabelos). Não tinham fotos do perso-
nal doméstico, dali que não os tivessem batizado. Os moços
maus eram simplesmente sujeitos.

Johnston os viu vacilar na porta. Devia ser um momento ate-
rrador para eles, embora não sabiam até que ponto. Mierda, pensou,
centrando a retícula no rosto do Dortmund a mais de duzentas
jardas de distância.

Vamos, preciosa murmurou . Temos algo verdadeiramente

especial para ti e seus amiguinhos. Dieter? perguntou por rádio.

152

Sobre o branco, Homer replicou Rifle Dois-E dois . Conheço essa cara, acredito... Não posso recordar seu nome. Líder, Rifle Dois-E dois... Rifle Dois, Líder.

O sujeito feminino, ultimamente vimos sua cara. Agora é mais velha, mas conheço essa cara. Baader-Meinhof, Facção Exército Vermelho, acredito, sim, trabalha com um homem. Marxista, terrorista experimentada, assassina... matou a um militar americano, acredito Não eram notícias excepcionais, claro, mas uma cara conhecida era uma cara conhecida.

Petra Dortmund, talvez? interveio Price, recordando o programa de metamorfose computadorizada que tinham visto essa manhã.

Ja! É ela! E seu sócio é Hans Fürchtner replicou Weber .

Komm raus, Petra prosseguiu em sua língua materna . Komm Mir, Liebschen.

Algo a incomodava. Resultava-lhe difícil sair do schloss ao espaço aberto, embora podia ver o helicóptero com suas luzes parpadeantes e seu rotor em movimento. Deu um passo, ou mas bem começou a dá-lo. Seu pé não queria avançar sobre os degraus de granito. Entrecerró seus olhos azuis: as árvores ao este e o oeste do schloss estavam iluminados por as luzes da casa e a sombra que projetavam se prolongava para o

helicóptero como um dedo negro. Talvez fora essa imagem ominosa, como de morte, o que a perturbava. Sacudiu a cabeça, eliminando o pensamento como se de uma indigna superstição se tratasse. Empurrou a seus dois reféns e baixou os seis degraus que a separavam da grama. Logo enfiou para o helicóptero.

Está seguro da identidade, Dieter? perguntou Chávez.

Sim, estou seguro, senhor. Petra Dortmund.

O Dr. Bellow ingressou o nome em seu laptop.

Idade quarenta e quatro, Ex-Baader-Meinhof, muito ideológica, cruel e desumana. A informação é de faz dez anos. Aparentemente você não trocou muito. Seu casal era um tal Hans Fürchtner. Correio-drían estar casados, apaixonados, o que seja, têm personalidades muito compatíveis. São assassinos, Ding.

por agora respondeu Chávez, observando as três silhuetas que cruzavam a grama.

A mulher tem uma granada na mão, parece de fragmentación anunciou Homer Johnston . Emano esquerda, repito, emano izquierda.

Confirmado interveio Weber . Vejo a granada de mão. O passador está posto. Repito, passador posto.

Grandioso! bramou Eddie Price por rádio. Fürstenfeldbrück ao

carajo outra vez pensou, sentado no helicóptero que transportaria a

153

granada e a quão idiota podia lhe arrancar o passador . Aqui Price.

Uma só granada?

Vejo somente uma replicou Johnston . Não tem vultos nos

bolsos nem em nenhuma outra parte, Eddie. Pistola em emano direita, granada em esquerda.

Coincido disse Weber.

É mão direita lhes informou Bellow logo depois de checar os dados de Petra Dortmund . Sujeito Dortmund é destro.

O qual explica por que leva a pistola na direita e a granada

na esquerda, pensou Price. Também significava que se queria arroj

a granada adequadamente teria que trocar a de mão. Boas

notícias, pensou. Talvez fizesse tempo que não jogava com um desses

malditos brinquedos. Talvez tivesse medo das coisas que faziam Bang,

pensou esperançado. Alguma gente tinha amadurecidas só para efeito visual. Já podia vê-la. Avançava com passo constante para o helicóptero.

Sujeito masculino à vista... Fürchtner disse Johnston por ra-

deu . Tem a Grande Homem... e também a Moréia, acredito.

Confirmado disse Weber, olhando através de seu capitalista vi-

irmã . Sujeito Fürchtner, Grande Homem e Moréia à vista. Fürchtner

aparentemente só tem uma pistola. Começam a baixar a escada.

Há outro sujeito na porta, com metralhadora e dois reféns.

São inteligentes observou Chávez . Saem por grupos. Nuestro amigo começa a baixar quando sua garota está a metade de caminho... veremos se outros fazem o mesmo.... OK, pensou Ding. Quatro, quinze cinco grupos cruzando o espaço aberto. Bastardos inteligentes, mas não o bastante... talvez.

Quando Petra e seus reféns estavam perto do helicóptero, Price baixou e abriu ambas as portas. Tinha escondido sua pistola no compartimento de mapas da porta do co-piloto. Olhou ao piloto.

Atue normalmente. A situação está sob controle.

Se você o disser, inglesito respondeu o piloto com tom áspero e tenso.

O helicóptero não separará sob nenhuma circunstância. Entendido? tinham-no convencionado antes, mas repetir as instruções era uma maneira de sobreviver em situações como essa.

Sim. Se me obrigarem, jogarei-me no chão e direi que não funciona.

Muito decente de sua parte, pensou Price. Vestia uma camisa azul com

asas sobre o bolso do peito e uma placa que o identificava como Tony. Um aparelho de surdez sem fio o mantinha comunicado com o resto do comando, junto com um chip microfone aderido ao pescoço de seu cami-

seja.

Sessenta metros de distância. Não é precisamente atrativa, vêem? perguntou a seus companheiros de equipe.

Alise o cabelo se me está escutando ordenou Chávez desde seu posto. Um momento depois, Price se apartou nervosamente o Cabelo dos olhos . OK, Eddie. Tranquilo, homem.

Sujeito armado na porta com três reféns anunciou We-

154

ber . Não, não, dois sujeitos armados com três reféns. Têm a refém

Loira. Ancião e mulher amadurecida, vestidos como serventes.

Pelo menos um delinqüente mais suspirou Ding, e pelo menos três reféns mais . O helicóptero não tem capacidade para todos...

O que planejavam fazer com os extras? perguntou-se. assassiná-los?

Vejo outros dois sujeitos armados e três reféns detrás da puer-você traseira informou Johnston.

Já temos a todos os reféns disse Noonan . Seis sujeitos em total. Que armas têm, Rifle Um?

Metralhadoras, Uzi ou a imitação tcheca. apóiam-se contra a porta.

OK, tenho-os disse Chávez, levantando seus binoculares .

Rifleros, apontem a sujeito Dortmund.

Branco disse Weber. Johnston apontou uma fração de segundo depois e ficou congelado.

De noite, o olho humano é particularmente sensível ao movimento. Quando Johnston se moveu no sentido das agulhas do relógio para ajustar a pontaria de seu rifle, Petra Dortmund acreditou ter visto algo. deteve-se em seco, sem saber por que. Olhou diretamente ao Johnston, mas o traje de guia parecia um montão de algo: pasto, folhas ou terra, não sabia muito bem o que na semioscuridad banhada apenas pela luz verde que refletiam os pinheiros. Não tinha forma humana, e o contorno do rifle apagava-se no montão a mais de cem metros dela. Mesmo assim, seguiu olhando, sem mover a mão da arma. Seu rosto manifestava curiosidade, não alarma. A través da olhe de seu rifle, o olho esquerdo de Johnston via os reflexos avermelhados das luzes intermitentes do helicóptero a seu redor. Seu olho direito controlava a retícula centrada sobre e entre os olhos da Petra Dortmund. Tinha o dedo logo que apoiado sobre o sensível mecanismo do gatilho, o necessário para senti-lo sem disparar. O momento se prolongou vários segundos e Johnston concentrou sua visão periférica sobre a mão da arma. Se se movia muito, então...

Mas não se moveu. Para alívio do Johnston, Dortmund seguiu avançando para o helicóptero, sem saber que tinha dois rifles periscópicos

apontados à cabeça. A próxima etapa começaria quando chegasse ao helicóptero. Se decidia subir pela direita, Johnston a perderia e o rifle do Weber ficaria a cargo de vigiá-la. Se se dirigia à esquerda, Dieter a perderia de vista. Aparentemente preferia... sim, Dortmund enfiou para o lado esquerdo do helicóptero.

Rifle Dois-E dois branco perdido informou Weber imediatamente .

Não tenho possibilidade de lhe disparar.

No branco, Rifle Dos-uno no branco assegurou Johnston.

Hmm, deixa que Hombrecito suba primeiro, neném, pensou para seus adentros.

Petra Dortmund fez exatamente o que Homer desejava: empurrou ao Dengler para a porta do lado esquerdo, provavelmente pensando sentar-se no meio para ser menos vulnerável aos disparos do

155

exterior. Bom postulado teórico, pensou Johnston, mas errado neste caso. Má sorte, puta.

Gerhard Dengler não desfrutava de do ambiente familiar do helicóptero. colocou-se o cinto de segurança enquanto Petra o apontava com sua arma, instigando-se intimamente a relaxar-se e ser valente... como supostamente eram os homens em casos como esse. Olhou à frente e sentiu o primeiro raio de esperança. O piloto era o homem de sempre, mas o co-piloto não. Movia os instrumentos como o co-piloto, mas não era

ele, embora a forma da cabeça e a cor do cabelo eram o bastante parecidos e ambos usavam as camisas brancas com galões azuis que os pilotos privados tendiam a adotar como uniforme. Cruzaram um rápido olhar e Dengler baixou os olhos, temendo que sua expressão delatasse-o.

Bom tipo, pensou Eddie Price. Sua pistola estava no compartimento de mapas da porta esquerda, oculta sob uma pilha de mapas de vôo mas fácil de alcançar com a mão esquerda. Tomaria, se voltaria rapidamente, apontaria e dispararia se era necessário. O rádio-receptor oculto em sua orelha esquerda que parecia um aparelho de surdez a simple vista o mantinha informado, embora era bastante difícil escutar algo sobre o ruído dos motores e o rotor do Sikorsky. Petra apontava alternativamente sua pistola contra ele e contra o piloto. Rifleros, têm seus brancos? perguntou Chávez.

Rifle Dos-uno, afirmativo, branco à vista.

Rifle Dois-E dois, negativo, tenho um obstáculo no caminho. Recomendando apontar a sujeito Fürchtner.

De acordo. Rifle Dois-E dois, aponte ao Fürchtner. Rifle Dos-uno, Dortmund é toda dela.

Entendido, Líder confirmou Johnston . Rifle Dos-uno tem a sujeito Dortmund sob a olhe Modificou o alcance com seu laser. Cento

quarenta e quatro metros. A essa distância, a bala cairia a menos de uma polegada da boca; além disso, a vista-de-batalla de duzentos cinquenta metros era um pouco elevada. Alterou a retícula e a colocou justo debaixo do olho esquerdo do branco. A física faria o resto. Seu rifle tinha gatilho dobro tipo-branco. Ao pulsar o gatilho posterior se reduzia o impacto do anterior. O helicóptero não separaria. Antes que nada, debíam impedir que os sujeitos fechassem a porta esquerda. Sua bala 7 mm provavelmente penetraria a janela de policarbonato da puerlh, mas a passagem modificaria impredecivelmente seu curso, lhe errando ao branco ou talvez causando a morte de um refém. Não podia permitir que passasse isso.

Chávez estava fora da ação; comandava em vez de liderar, algo que tinha praticado mas que para falar a verdade não gostava. Era mais fácil estar ali fora com uma arma na mão que ficar atrás e dar ordens a seus homens por controle remoto. Mas não tinha opção. OK, pensou, temos a Número Um no helicóptero com um fuzil apontado à cabeça. Número Dois está a céu aberto, a dois terços do helicóptero, também pontudo por uma arma. Outros dois sujeitos se aproxi-

156

man na metade do caminho com o Mike Pierce e Steve Lincoln a quarenta metros, e os dois restantes seguem na casa, com o Louis Loiselle e George

Tomlinson entre os arbustos a direita e esquerda deles. A menos que tenham deixado vigilância na casa, um ou dois sujeitos adicionais que saiam quando todos outros tenham chegado ao helicóptero... mas é muito improvável, decidiu Chávez, e em qualquer caso todos os rehenes já estavam fora ou logo o estariam... A missão era resgatá-los, sem necessariamente matar aos meninos maus. Não era um jogo nem um esporte, e seu plano, anteriormente irradiado aos integrantes do C-2, estava funcionando. A chave estava no último grupo de sujeitos.

Rosenthal viu os rifleros. Era de esperar, embora não lhe havia ocorrido a ninguém. Ele era o chefe de jardineiros. A terra era dela e esses estranhos montões a direita e esquerda do helicóptero não formavam parte dela. Impossível não dar-se conta. Tinha visto filmes e programas de TV. Esse era um atentado terrorista e a polícia devia responder de algum jeito. Ali fora havia homens armados e duas coisas que não estavam pela manhã em seu jardim. Fixou a vista na posição do Weber. Ali estava sua salvação ou sua morte. Não havia maneira de sabê-lo. Seu estômago se contraiu em uma bola rígida e carregada de ácido.

Aqui vêm anunciou George Tomlinson ao ver duas pernas sejalindo da casa... pernas de mulher, seguidas por pernas de homem, logo dois pares mais de mulher... e por último outro homem . Um sujeito e dois reféns fora. Dois reféns mais...

Fürchtner estava a ponto de chegar. Para consolo do Dieter Weber, enfiou para o lado direito do helicóptero. Mas logo se deteve. Olhou pela porta aberta, viu onde estava sentado Dengler, e decidiu entrar pelo outro flanco.

OK, Comando, alerta ordenou Chávez. Escaneou o campo de ação com seus binoculares, tratando de manter simultaneamente baixo controle aos quatro grupos. Assim que o último saísse a espaço aberto...

Você, entre, de cara ao fundo Fürchtner empurrou a Moréia para o helicóptero.

Fora de branco, Rifle Dois-E dois fora de branco anunciou Weber em voz muito alta.

Modifique branco sobre próximo grupo ordenou Chávez.

157

Feito disse Weber . Estou sobre sujeito líder, grupo três.

Rifle Dos-uno, repórtese!

Rifle Dos-uno sobre sujeito Dortmund replicou Homer Johnston no ato.

Aqui preparados! reportou Loiselle dos arbustos do fundo de a casa . Temos ao grupo quatro.

Chávez respirou fundo. Todos os maus estavam em espaço aberto e tinha chegado o momento de atuar:

OK, Líder a comando, executem, executem, executem!

Loiselle e Tomlinson se pararam imediatamente, a sete metros de seus brancos, que olhavam para outro lado e jamais souberam o que acontecia suas costas. Ambos os soldados apontaram seus visores iluminados a tritio sobre os brancos. Ambos os brancos empurravam reféns femininos e eram mais altos que os reféns. Isso facilitava as coisas. Ambas metralhadoras MP-10 foram programadas para triplo rajada, e ambos os sargentos dispararam ao mesmo tempo. Não houve som imediato. O desenho de ambas as armas integrava canhão e silenciador e os brancos estavam demasiado perto para falhar. Duas cabeças foram voadas por múltiplos impactos de balas grandes de ponta oca, e dois corpos caíram sobre a exuberante grama verde quase tão rápida como os leva-cartuchos jogados pelas armas que os tinha matado.

Aqui George. Dois sujeitos mortos! anunciou Tomlinson por rádio, correndo para os reféns que seguiam caminhando para o helicóptero.

Homer Johnston começava a retroceder quando uma silhueta ingressou em seu campo de visão. Aparentemente se tratava de um corpo feminino pela blusa de seda clara. Com a retícula apontada debaixo

do olho izquierdo da Petra Dortmund, Johnston pulsou brandamente o GAtillo com o índice direito. O rifle rugiu, deixando uma esteira luminosa de um metro no sereno ar noturno...

... Petra alcançou a ver duas luzes pálidas perto da casa, mas não teve tempo de reagir. A bala lhe atravessou a órbita do olho izquierdo, no setor mais duro do crânio. Percorreu vários centímetros mais e logo se fragmentou em mais de um centenar de minúsculos pedaços, reduzindo sua malha cerebral a uma massa branda e espessa, que posteriormente explorou e saiu por sua nuca em uma nuvem expansiva cor vermelha que salpicou a cara do Gerhardt Dengler...

...Johnston apontou seu rifle a outro branco. Sabia que sua bala havia despachado ao primeiro.

Eddie Price viu o resplendor. Suas mãos tinham começado a mover-se da ordem de executar recebida segundo meio antes. Tirou seu

158

pistola do compartimento de mapas e apontou para a cabeça do Hans Fürchtner. Disparou uma só bala sob o olho esquerdo do sujeito, que se expandiu e saiu pelo cocuruto. Logo disparou pela segunda vez. Havia pontudo mau, mas Fürchtner já estava morto. Caiu ao chão, afe-rrando ainda o braço do Erwin Ostermann e arrastando-o um pouco para ele até que seus dedos se afrouxaram.

Ficavam dois. Ajoelhado, Steve Lincoln apontou cuidadosamente... mas se deteve porque seu branco passou detrás da cabeça de um ancião.

Mierda resmungou o militar.

Weber se encarregou do outro, cuja cabeça explorou como um melão por o impacto da bala.

Rosenthal viu abri-la cabeça em dois como em um filme de horror... mas a outra cabeça, grande e calva, seguia junto a ele, seus olhos repentinamente muito abertos, com uma metralhadora na mão...

Ninguém disparava contra este. Então, os olhos de Cabeça Rapada-se cruzaram com os seus, e se produziu uma seqüência de medo/ódio/impacto, e o estômago do Rosenthal se congelou, e o tempo se deteve para ele. Tirou o te trinche da manga e, blandiéndolo grosseiramente, cravou-o no dorso da mão ziquierda de Cabeça Rapada. O terrorista abriu ainda mais os olhos. O ancião saltou a um flanco e o sujeito aproximou a mão sã à culatra de sua arma.

Steve Lincoln disparou uma segunda rajada de três, que deu no branco simultaneamente com uma segunda bala de rifle disparada pelo semiautomático do Weber. A cabeça do Rapado pareceu evaporar-se em o ar.

Espaçoso! anunciou Price . Helicóptero espaçoso!

Casa limpa! avisou Tomlinson.

Trajeto espaçoso! disse, por último, Lincoln.

Na casa, Loïselle e Tomlinson correram para o grupo de rehenes e os arrastaram neste direção, longe da casa, por temor aos disparos de um possível terrorista sobrevivente.

Mike Pierce fez outro tanto, coberto e assistido pelo Steve Lincoln.

Foi mais fácil para o Eddie Price. Antes que nada, chutou a arma de a mão morta do Fürchtner e revisou rapidamente a cabeça destroçada de seu branco. Logo saltou ao helicóptero para comprovar a eficácia do primeiro disparo do Johnston. Com apenas ver a enorme mancha vermelha em

a cabeça destroçada soube que Petra Dortmund estava no paraíso de os terroristas, se é que existia algo semelhante. Retirou cuidadosamente a granada de sua rígida mão direita, revisou-a e a guardou no

159

bolso. Por último, retirou a pistola da mão direita, pô-lhe o seguro e a jogou em um lado.

Mein Herr Gott! ofegou o piloto, olhando atrás.

Gerhardt Dengler parecia morto. O flanco esquerdo de seu rosto estava talher por uma máscara vermelha e lhe jorrem e tinha os olhos como ovos fritos. Price se assustou ao princípio, até que o viu parpa-

dear. Mas tinha a boca totalmente aberto e não respirava. Afrouxou-lhe o cinto de segurança e permitiu que Johnston o tirasse da nave.

Hombrecito deu um passo e caiu de joelhos. Johnston verteu o conteúdo de seu cantil sobre a cara do Dengler para limpar o sangue. Logo deixou seu rifle no chão.

Bom trabalho, Eddie disse ao Price.

E foi um grande disparo, Homer.

Johnston se encolheu de ombros.

Temia que a garota se interpor. Um par de segundos mais e não teria podido fazer nada. De todos os modos, Eddie, foi um bom trabalho sair do helicóptero e me carregar ao tipo antes de eliminar ao número dois.

Disparou-lhe? perguntou Price, assegurando e guardando seu pistola.

Foi uma perda de tempo. Você já lhe tinha tirado a tampa dos miolos.

Tinham começado a ingressar os policiais, mais uma frota de ambulância com luzes azuis e luzes de alerta. O capitão Altmark chegou ao helicóptero acompanhado pelo Chávez. Embora era um policial experientado, o desastre do Sikorsky o fez retroceder em silêncio.

Nunca é lindo comentou Homer Johnston. Também havia joga-

dou uma olhada. O rifle e a bala tinham funcionado tal como estava planejado. além de tudo, era a quarta pessoa que matava com o periscópio, e se esses tipos queriam violar a lei e machucar inocentes era problema deles, não dele. Outro troféu que não poderia pendurar da parede junto às cabeças de renas e alces que tinha colecionado com o correr do tempo.

Price foi para o grupo do meio. Procurou no bolso sua pipa curva e a acendeu com um fósforo de cozinha. Jamais modificava seu Ritual logo depois de concluída a missão.

Mike Pierce atendia aos reféns. No momento seguiam todos sentados. Steve Lincoln estava de pé junto a eles, com seu MP-10 lista para outro possível branco. Mas nesse momento, um grupo de policiais austríacos irrompeu pela porta traseira e lhe anunciou que não ficavam terroristas no interior do edifício. Lincoln pôs o seguro a sua arma e a pendurou do ombro. Logo se aproximou do ancião Rosenthal.

Bem feito, senhor disse.

O que?

lhe cravar a faca na mão. Bem feito.

160

Ah, sim disse Pierce, observando o cadáver sobre o pasto. Tinha um corte profundo no dorso da mão esquerda . Você fez isso,

senhor?

Ja foi tudo o que Rosenthal pôde dizer. Estava muito agitado.

Bom, senhor, bravo por você Pierce se agachou para estre-converse a mão. Em realidade não tinha muita importância, mas a resistencia era algo bastante estranho de ver nos reféns, e evidentemente o ancião tinha devido tomar coragem para fazê-lo.

Amerikaner?

Shhh O sargento Pierce se levou um dedo aos lábios . Por favor não o diga a ninguém, senhor.

Nesse instante chegou Price, chupando sua pipa. Entre o rifle de Weber e a rajada de uma MP-10, a cabeça do sujeito havia praticamente desaparecido.

Sangrento e eficaz comentou o sargento maior.

Foi o pássaro do Steve informou Price . Esta vez não tive branco espaçoso. Muito bom, Steve adicionou.

Obrigado, Mike replicou o sargento Lincoln, fiscalizando o área . Seis em total?

Correto respondeu Eddie, indo para a casa . Fiquem aqui.

Branco fácil, os dois disse Tomlinson, rodeado de policiais austríacos.

Muito altos para esconder-se confirmou Loïselle. Tinha ganha de fumar, embora tinha abandonado o vício dois anos atrás. Seus reféns se estavam retirando, deixando aos dois terroristas sobre o é-tupendo grama verde, que seu sangue fertilizaria certamente. A sãogre era um bom fertilizante, não? Linda casa. Que lástima que não hubieran tido ocasião de percorrê-la.

Vinte minutos depois, o Comando 2 se encontrava no ponto de reunião, tirando-se suas roupas táticas e guardando suas armas e equipamentos para a viagem de volta ao aeroporto. Tinham reacendido as câmaras e refletores de televisão, mas estavam bastante longe. Os moços começavam a relaxar-se, o estresse se desvanecia lentamente logo depois de ter completado com êxito a missão. Price deu uma última chupada a sua pipa, esvaziou-a contra o taco de sua bota e subiu a camionítida.

161

CAPÍTULO 8

COBERTURA

A cobertura televisiva foi emitida antes de que o Comando 2 chegasse ao Heathrow. Felizmente, a filmagem do acontecimento viu-se dificultada pelas enormes dimensões do schloss e o fato de que a Staatspolizei manteve as câmaras separadas dos fatos e em

o lado oposto do edifício. A única toma decente foi a de um integrante do comando fumando seu cachimbo, seguida por um resumo do ocorrido subministrado à imprensa pelo capitão Wilhelm Altmann. Según Altmann, um comando segredo especial e heterodoxo da polícia federal de seu país havia resolvido satisfatoriamente o atentado contra o Schloss Ostermann, resgatando a todos os reféns... não, desafortunadamente não tinham podido prender a nenhum criminoso. Tudo foi filmado para ser posteriormente utilizado pelo Bill Tawney pela Lhelevisión Estatal Austríaca, Sky News, e o resto dos noticiosos europeos. Embora o British Sky News as tinha arrumado para enviar uma câmara a Viena, a única diferença entre sua cobertura e a das emissoras locais era o ângulo de visão. Inclusive os comentários eruditosse eram similares: unidade policial especialmente treinada e equipada; provavelmente com membros do exército austriaco; ação decisiva para resolver o incidente sem prejuízo para as vítimas inocentes; um ponto mais para os moços bons (embora ninguém o disse). A identidade dos terroristas não foi revelada nas primeiras transmissões. A polícia se encarregaria de confirmá-la e enviaria os resultados ao sector de inteligência do Tawney, junto com as declarações das vítimas.

Tinha sido um comprido dia para os membros do C-2. Todos se foi-

rum a suas casas a dormir logo que chegaram ao Hereford, logo depois de que Chávez

notificasse-lhes que à manhã seguinte não haveria PT. Nem siuqiera você-
viram tempo para umas cervejas celebratorias no clube NCO local...

que por outra parte já tinha fechado quando chegaram.

No vôo de volta, Chávez lhe comunicou ao Dr. Bellow que a
pesar da preparação de seus homens o fator fadiga era extremamente
alto... muito mais que em suas ocasionais práticas noturnas. Bellow
replicou que o estresse era o maior gerador de fadiga, e que os miem-
bros de sua equipe não eram imunes a ele por muito bem preparados e
treinados que estivessem. Isso evidentemente o incluía, já que dê-

162

pués de havê-lo dito se deu volta e caiu em um profundo sonho. Chávez
ficou sozinho com seu copo de vinho tinjo espanhol.

Foi a notícia do dia na Austria, é obvio. Popov viu a pri-
mera parte em vivo em um Gasthaus; logo seguiu os acontecimentos em
sua habitação de hotel. dedicou-se a beber refresco de laranja enquanto
aplicava seu hábil olho profissional à tela. Esses comandos
antiterroristas eram muito parecidos entre si, mas era de esperar, já que
todos se treinavam para o mesmo e utilizavam o mesmo manual inter-
nacional... promulgado em primeiro lugar pelos ingleses com seu Serviço

Aéreo Especial (comandos SEJA), seguido logo pelo GSG-9 alemão, logo pelo resto da Europa, e finalmente pelos americanos. Se até vestiam o mesmo traje negro, muito teatral para o Popov, mas bom, algo tinham que ficar em cima, e o negro parecia mais adequado que o branco, não? A mais interessante era a pasta de couro repleto do Marcos alemães que ao dia seguinte levaria a Berna e depositaria em sua conta antes de voar a Nova Iorque. Era notável, pensou apagando o televisor e retirando as telhas da cama. Com apenas dois trabajitos singelos já era dono de mais de um milhão de dólares americanos, a salvo em uma conta numerada e anônima. Os pedidos de seu empregador eram obviamente bem recompensados, e o gasto não parecia preocupá-lo no mais mínimo. Tão melhor se o dinheiro ia a parar a uma boa causa, pensou o russo.

Graças a Deus disse George Winston . Diabos, conheço esse tipo. Erwin é boa gente disse o Secretário do Tesouro saindo da Casa Branca logo depois de uma prolongada reunião de gabinete.

Quem se encarregou do resgate?

Bem... Pergunta-a tomou por surpresa. Supostamente não devia dizê-lo, e supostamente tampouco devia sabê-lo . O que dizem os noticiários?

Policiais locais, um comando SWAT vienense, suponho.

Bem, suponho que aprenderam a fazê-lo opinou Winston, enfiando para seu carro custodiado pelo Serviço Secreto.

Os austríacos? E de quem aprenderam?

De alguém que sabe, acredito eu replicou Winston entrando em automóvel.

Então, a que se deve tanto alvoroço? perguntou-lhe Carol

Brightling à Secretária do Interior. Para ela era simplesmente outro caso dos moços e seus brinquedos.

A nada, em realidade replicou a secretária, acompanhada por seus custódios até a porta de seu automóvel oficial . É o que mostraram por televisão, foi um bom trabalho resgatar a todos esses reféns. Estuvê na Austria um par de vezes e os policiais não me pareceram grande coisa. Talvez me equivoque. Mas George atua como se soubesse mais do que diz.

Ah, tem razão, Jean, ele pertence ao gabinete interno ob-

163

servó a Dra. Brightling. Isso era algo que não gostava aos do gabinete externo. É obvio que Carol Brightling não formava técnica-memore parte do gabinete. Tinha um assento contra a parede (não alrededor da mesa) e só participava se os temas a tratar requeriam uma opinião científica... coisa que não tinha passado esse dia. Boas notícias e más notícias. Devia escutar e tomar nota de tudo o que acontecia em

o salão ornado e sobrecarregado que dominava o Rosedal enquanto o presidente controlava a agenda e o ritmo... imperfeitamente no dia hoje, pensou. A política impositiva tinha levado mais de uma hora e não há-bían chegado à utilização de bosques nacionais, tema dirigido por o Ministério do Interior, infelizmente posposto para a próxima reunião dentro de uma semana.

Tampouco tinha custódia pessoal, e nem sequer um escritório na Casa Branca. Os anteriores Assessores Científicos da presidência há-bían trabalhado na Asa Oeste, mas a tinham trasladado ao OEOP.

Era um escritório maior e mais cômoda com janela, coisa da que tivesse carecido seu hipotético escritório no subsolo da Casa Branca, mas embora o OEOP era considerado parte da Casa Branca para propósitos administrativos e de segurança, não tinha o mesmo prestígio, e o prestígio era o único importante se a gente era parte do staff da Casa Branca. Inclusive baixo este presidente, que se esforçava em tratar a todos igual e não comia a mentira do status.... Mas era inevitável a esse nível de governo. E assim pensando, Carol Brightling dobrou à direita para ir almoçar com os peixes gordos da administração, lamentam-dou ter que recorrer ao fefe de staff e a secretária executiva para ocupar uns minutos do valioso tempo do presidente. Como se alguma vez o tivesse feito perder ...

Um agente do Serviço Secreto lhe abriu a porta esboçando uma sorriso respeitoso e Carol ingressou no horrível edifício do OEOB. Girou a a direita para ir a seu escritório, que pelo menos olhava à Casa Blanca. Entregou suas notas a seu secretário (varão, é obvio) para que as transcrevesse e se sentou frente a seu escritório, onde encontrou uma nuavai pilha de papéis para ler e estudar. Abriu a gaveta do escritório e procurou uma pastilha de hortelã para superar o mau momento. Logo, por ato reflexo, levantou o controle remoto do televisor e sintonizou a CNN para ver o que estava passando no mundo. A notícia do dia era, por suposto, o incidente em Viena.

Deus santo, que casita, foi o primeiro que pensou. Como o palácio de um rei, um desperdecio de recursos para uso exclusivo de um homem, ou inclusive de uma família grande, como residência privada. O que havia dito Winston do proprietário? Boa gente? Claro. Todas as boas pessoas viviam como folgazões libertinos, desperdiçando os preços é recursos do planeta. Outro maldito plutocrata, acionista, especulador monetário, como quero que ganhasse o dinheiro necessário para comprar um lugar como esse... e logo os terroristas tinham invadido seu privacidade. Bom, não é para assombrar-se que o tenham eleito. Não tinha sentido atacar a um pastor de rebanhos ou a um caminhoneiro. Os terro-

subtrai procuravam gente rica, ou supostamente importante, porque capturar tipos ordinários não tinha sentido político e, depois de tudo, esses eram atos políticos. Mas não tinham tido um desempenho muito brilhante. que os tinha eleito... os teria eleito para que fracassaran? Acaso era possível? Supôs que sim. depois de tudo era um ato *político e essas coisas podiam ter toda aula de propósitos reais. Sorriu* para seus adentros. O jornalista estava descrevendo o ataque do Comando SWAT da polícia local infelizmente não podiam mostrarlo porque a polícia tinha proibido a presença das câmaras e logo a liberação dos reféns filmada de perto para que o público pudesse compartilhar a experiência. Tinham estado tão perto da morte só para ser liberados, salvos pela polícia local, que em realidade só os havia devolvido à hora programada de sua morte, porque tudo morria, cedo ou tarde. Esse era o plano da natureza e um não podia combatê-la... embora sim podia ajudá-la, verdade? O jornalista dizia que era o segundo atentado terrorista na Europa nos últimos dois meses, e que ambos tinham fracassado graças à ação policial. Carol recordou o intento de roubo na Berna, outro fracasso estrepitoso... ou o plano de uma mente criativa? Talvez teria que averiguá-lo, embora neste caso um fracasso era tão útil como... não, mais útil que o êxito para a gente que estava planejando as coisas. Outro sorriso. Sim. Era mais útil

que o êxito, verdade? Olhou um fax de Amigos da Terra, organização que tinha seu telefone direto e lhe enviava freqüentemente informação que considerava importante.

recostou-se em sua cômoda poltrona de respaldo alto para lê-lo por segunda vez. Boa gente com idéias justas, embora quase ninguém os escutava.

Dra. Brightling? seu secretário apareceu a cabeça pela porta.

Sim, Roy?

Ainda quer que lhe traga esses fax... como o que está lendo, quero dizer? perguntou Roy Gibbons.

OH, sim.

Mas esses tipos só servem para fazer problemas.

Em realidade não. Eu gosto de algumas costureiras que fazem replicar Carol, arrojando o fax ao cesto de papéis. Utilizaria a idéia para informação futura.

Com isso basta, doc a cabeça do Gibbons desapareceu no vão da porta.

O seguinte papel da pilha era extremamente importante, um informe sobre procedimentos para enclausurar reatores nucleares e a submissão da segurança dos sistemas de clausura: quanto demorariam os fatores meio-ambientais em atacar e corroer os elementos internos,

e qual seria o dano estimado sobre o meio ambiente. Sim, era muito importante, e felizmente o índice anexado continha informação sobre reatores nucleares em todo o país. meteu-se outra pastilha na boca e, inclinando-se para frente, acomodou os papéis sobre o escritório para poder lê-los melhor.

165

Isto funciona, aparentemente disse Steve em voz baixa.

Quantas cepas cabem dentro? perguntou Maggie.

Entre três e dez.

E qual é o tamanho completo?

Seis micrones. Pode acreditá-lo? A cobertura ou pacote é blan-

CO, de modo que reflete muito bem a luz, particularmente os raios UV,

e em um ambiente aquoso é virtualmente invisível As cápsulas

individuais eram impossíveis de ver simples vista, e apenas visíveis

com ajuda de um microscópio óptico. Melhor ainda, seu peso lhes permitiria

flutuar no ar como partículas de pó perfeitamente respiráveis.

Uma vez dentro do corpo a cobertura se dissolveria e liberaria os c-

ps da Shiva nos pulmões ou o intestino magro, onde começariam

a trabalhar imediatamente.

É solúvel em água? perguntou Maggie.

Lentamente, mas o processo poderia acelerar-se se houvesse algum

elemento biologicamente ativo na água, como o rastro de ácido hidroclorehídrico na saliva. Caramba, poderíamos lhes tirar muitíssimo dinheiro aos iraquianos com este... ou a qualquer que tenha vontades de jogar à guerra biológica no mundo real.

A companhia tinha inventado a tecnologia sobre a base de uma beca NIH destinada a desenvolver uma maneira mais fácil que a agulha para aplicar vacinas. Agulhas e seringas requeriam uma utilização parcialmente perita. A nova técnica utilizava electroforesis para aplicar quantidades ínfimas de gel protetor em torno de quantidades ainda mais ínfimas de agentes aéreos bioactivos. Isto permitiria às pessoas ingerir as vacinas de um gole, substituindo o método de inoculação. Se chegavam a descobrir uma vacina eficaz contra o SIDA esse seria o método eleito para administrá-la na África, cujos países careciam da infra-estrutura necessária para outra coisa. Steve acabava de provar que a mesma tecnologia podia utilizar-se para inocular vírus ativos com o mesmo grau de segurança e confiabilidade. Ou quase.

Como vamos provar a? perguntou Maggie.

Em bonitos. Quantos macacos temos no laboratório?

Qualquer quantidade assegurou ela. Estavam a ponto de dar um passo muito importante. A dariam a uns poucos macacos e veriam como se propagava na população do laboratório. Usariam bonitos rhesus. Seu

sangue era similar a dos humanos.

O Sujeito Quatro foi o primeiro, tal como esperavam. Tinha cinquenta e três anos e seu funcionamento hepático era tão débil que tivesse encabeçado a lista de transplantes na Universidade de Pittsburgh. Sua pele apresentava uma tonalidade amarelada no melhor dos casos, mas isso não lhe impedia de arremeter contra a garrafa com maior afinco que qualquer de outros. Seu nome era Chester algo,

166

recordou o Dr. Killgore. O funcionamento cerebral do Chester era Também o mais desço do grupo. Olhava muita televisão, quase não falava com ninguém, nem sequer lia revistas de historietas, muito populares entre outros, igual aos desenhos animados... um dos passatempos preferidos do grupo era ver o Cartoon Chanel.

Todos estavam no paraíso dos porcos, advertiu John Killgore.

Tinham toda a comida rápida, bebida e calor que desejavam, e a maioria estava começando a usar a ducha regularmente. de vez em quando algum perguntava para que estavam ali, mas o interrogatório jamais superava a resposta formal que lhes davam os médicos e o pessoal de segurança.

Mas, no caso do Chester, teriam que atuar imediatamente.

Killgore entrou na habitação e o chamou por seu nome. O Sujeito Cua-

tro se levantou de sua cama e caminhou para ele. Evidentemente se sentia muito mal.

Não se sente bem, Chester? perguntou Killgore atrás do barbijó.

O estômago, não posso reter o que como, sinto-me frouxo replicou Quatro.

Bem, venha comigo e veremos o que podemos fazer por você, parece-lhe bem?

Como você diga, doc replicou Chester, indicando seu passadão com um sonoro arroto.

Ao transpor a soleira o sentaram em uma cadeira de rodas. Deviam percorrer uns metros até o setor clínico da instalação. Dois assistente deitaram ao Número Quatro em uma cama e o sujeitaram com amarras do Velcro. Logo tomaram uma amostra de sangue. Dez minutos depois Killgore praticou a análise de anticorpos Shiva e a sangue se voltou azul, tal como esperava. Ao Chester, Sujeito Número Quatro, ficava menos de uma semana de vida... um pouco menos dos seis a doze meses que lhe tivesse permitido seu alcoolismo, embora a redução não era tão importante, verdade? Killgore voltou para a habitação, injetou-lhe soro intravenoso e, para tranquilizá-lo, uma dose de morfina que logo o sumiu na inconsciência e desenhou em seus lábios

um sorriso beatífica. Bem. Número Quatro morreria logo, embora com certa paz. Acima de tudo, o Dr. Killgore queria manter a ordem do processo.

Olhou o relógio ao voltar para seu oficina/sala de observação. As horas lhe faziam largas. Era quase como voltar a ser médico. Não praticava a medicina clínica desde seus anos de residência, mas lia todas as publicações e conhecia as técnicas, e por outra parte sua colheita habitual de pacientes/víctimas jamais reconheceria a diferença. Má sorte, Chester, mas o mundo é cruel, pensou voltando sobre suas notas. A primeira resposta do Chester ao vírus tinha sido um pouco perturbadora apenas a metade do tempo programado , evidentemente provocada por sua débil função hepática. Impossível evitá-lo. Algumas pessoas infectariam-se mais rápido que outras devido a seus peculiares vulnerabili-

167

dades físicas. portanto, a epidemia estalaria sorpresivamente. Isso não teria importância a nível de efeitos eventuais, mas alertaria à gente antes do esperado. Haveria uma grande demanda das vacinas desenvolvidas pelo Steve Berg e seu grupo. A seria amplamente distribuída uma vez manufaturada. A B se manteria em reserva, caso que conseguissem prepará-la. A seria para todos, a B só para aquelas pessoas destinadas a sobreviver, os que entendiam

do que se tratava, ou os que fossem capazes de aceitar sua sobrevivência e seguir avançando com o resto da tripulação.

Killgore negou com a cabeça. Ainda ficava muito por fazer e, como de costume, faltava tempo.

Clark e Stanley analisaram a operação nem bem chegaram aos cuarteles gerais. Acompanhava-os Peter Covington, ainda suarento por seu treinamento matutino com o Comando 1. Chávez e seus homens logo estariam despertando logo do comprido dia no moderado europeu.

Foi uma situação tática espantosa. E Chávez tem razão prosseguiu o maior Covington . Necessitamos nossa própria tripulação de helicóptero. A missão de ontem a pedia a gritos, mas não tínhamos o que necessitávamos. Por isso teve que executar um plano medíocre e depender da sorte para levá-lo a bom término.

Poderia ter pedido ajuda ao exército assinalou Stanley.

Senhor, ambos sabemos que um não confia um movimento tático importante a uma tripulação desconhecida com a que jamais há trabalhou comentou Covington . Temos que considerar imediatamente este tema.

É verdade coincidiu Stanley. Olhou ao Clark.

Não é parte do TO e E, mas o terei em conta aceitou

Rainbow Six. Como demônios lhes tinha passado por cima essa necessidade? . OK, primeiro consideremos todas as classes de helicópteros que interessam-nos e logo vejamos se podemos conseguir pilotos experientes em esses modelos.

O ideal seria um Night Stalker... mas teríamos que levá-lo a todas partes, e para isso necessitaríamos... o que? Um transportador C-5 ou C-17 atribuído permanentemente a nós? observou Stanley.

Clark assentiu. A versão Night Stalker do McDonnell-Douglas AH-6 Loach tinha sido inventada para a Força de Tarefas 160, agora denominada Regimento Especial 160 de Operações Aéreas SOAR , com apóie no Fort Campbell, Kentucky. Provavelmente eram os aviado-cabeça de gado mais selvagens e mais loucos do mundo inteiro, e trabalhavam com her-

mãos aviadores de outros países seletos: os representantes de Grande Bretanha e Israel estavam acostumados a ser admitidos nos barracos do 160 em Campbell. Em realidade, conseguir helicópteros e tripulantes atribuídos ao Rainbow seria o mais fácil. O difícil seria conseguir o transporte necessário para transladar o helicóptero. Seria quase tão difícil como é-
168

conder um elefante no pátio de uma escola. O Night Stalker os proporcionaria toda classe de equipes de vigilância, um rotor silencioso é-

pecial... e Papai Noel em seu jodido trenó com suas oito renas fracas, pensou Clark. Jamais o teriam, por muita influência que tivesse ele na Washington e Londres.

OK, chamarei Washington para que me autorizem a incorporar aviadores ao comando. Há problema em trazer alguns aviões para que joguem um pouco?

Não deveria havê-lo replicou Stanley.

John olhou o relógio. Teria que esperar até 9:00 hora de Washington 14:00 hora da Inglaterra para fazer o pedido via o diretor da CIA, agência encarregada dos recursos americanos destinados ao Rainbow. perguntou-se como reagiria Ed Foley... a dizer verdade, necessitava que Ed lhes brindasse seu apoio entusiasta. Bue- não, não seria difícil obtê-lo. Ed conhecia por experiência as operações de campo e era leal às pessoas que arriscava sua vida. Melhor ainda, Clark faria o pedido logo depois de ter obtido um ressonante êxito na missão. Geralmente era muito melhor que fazê-lo logo depois de um avassalante fracasso.

OK, seguiremos com o relatório do comando Clark se levantou e foi a seu escritório. Helen Montgomery tinha colocado a acostumada pilha de papéis sobre seu escritório, um pouco mais alta que outras vezes já que incluía os esperados telegramas de agradecimento dos austría-

cos. O do ministro da Justiça era particularmente elogioso.

Obrigado, senhor suspirou John, deixando-o à parte.

O mais surpreendente desse trabalho era a questão administrativa. Como comandante do Rainbow, Clark devia saber quando e como ingressava e se gastava o dinheiro, e justificar coisas tais como a cântida de balas que disparavam seus homens por semana. Fazia todo o possível para delegar estas tarefas sobre os ombros do Alistair Stanley e a senhora Montgomery, mas sempre ficava uma boa quantidade sobre seu escritório. Clark tinha uma larga experiência como empregado de governo. E durante sua época na CIA tinha devido informar interminables detalhe e minúcias sobre as operações de campo para lher contentes aos funcionários de escritório. Mas isto superava tudo aquilo e justificava o tempo que passava no polígono de tiro. Disparar era para ele uma boa maneira de aliviar o estresse, especialmente se imaginava a seus torturantes burocratas no centro dos brancos Q que perfurava com suas balas calibre .45. Justificar um pressuposto era algo novo e estranho para ele. Se a coisa não era importante, para que lhe outorgar recursos? E se era importante, por que discutir por uns milhares de dólares gastos em balas? Tudo era culpa da mentalidade burocrática, é obvio, dessa gente que se sentava frente a um escritório e sentia que o mundo estava a ponto de derrubar-se se não tinham todos

seus papéis assinados, inicialados, timbrados e adequadamente completos. E se isso lhe causava moléstias a outros... má sorte. E por isso ele, John Terrence Clark, agente secreto da CIA durante mais de trinta

169

anos, lenda viva de sua agência, estava parecido a esse escritório caro, depois de uma porta fechada, trabalhando sobre uns papéis que qualquer contador que se apreciasse tivesse rechaçado. Sem esquecer que, além disso, devia fiscalizar e dar sua opinião sobre feitos reais, coisa de uma vez mais interessante e adequada a seu temperamento.

E, para cúmulo, esse pressuposto não era para preocupar a ninguém. menos de cinqüenta pessoas em total, apenas três milhões de dólares em gastos já que cada um recebia seu salário militar. Por outra parte, Rainbow pagava a moradia de seus integrantes de seus recursos multigubernamentais. Não era eqüitativo que os soldados americanos é-tivessem melhor pagos que os europeus. Isso lhe incomodava um pouco, mas não podia fazer nada a respeito e, dado que não deviam pagar gástos de moradia o alojamento no Hereford não era luxuoso, embora sim muito cômodo , ninguém tinha problemas de sobrevivência. A moral de as tropas era excelente. Tal como esperava. Eram soldados de elite e isso garantia, invariavelmente, uma boa atitude... especialmente porque se treinavam todos os dias e aos soldados gostava tanto

treinar todos os dias como as coisas para as que se treinavam.

Haveria uma ligeira discórdia. O Comando 2 do Chávez havia levado a cabo as duas missões e os moços se gabariam um pouco provocando o ciúmes do C-1 do Peter Covington, que os avantajava um pouco na competência comando/comando de PT e tiro. A diferença era mais pequena que um bigode de gato, mas os homens como eles, mais competitivos que qualquer atleta, trabalhavam arduamente por esse ínfimo percentagem, e a diferença se constrangia nesses casos ao que havia tomado o café da manhã cada um ou o que tinha sonhado a noite anterior. Bem, esse

grau de competência era saudável para a equipe em conjunto. E decididamente pouco saudável para aqueles que se enfrentavam a sua gente.

Bill Tawney também estava em seu escritório, analisando a informação subministrada sobre os terroristas da noite anterior. Os austríacos tinham iniciado as averiguações com a polícia federal alemã a Bundes Kriminal Amt antes do resgate. As identidades de Hans Fürchtner e Petra Dortmund foram confirmadas por rastros digitais e os investigadores da BKA arremeteriam sobre o caso a partir dessa manhã. Para começar, rastrear a identidade dos que tinham alugado o automóvel que os tinha levado ao imóvel Ostermann, e procurariam a casa onde viviam na Alemanha provavelmente no Ale-

mania, recordou Tawney. Os outros quatro seriam mais difíceis de rastrear. Já lhes tinham tomado as impressões digitais e as estavam comparando nos sistemas computadorizados. Tawney coincidia com a suposição inicial dos austríacos, quem pensava que os quatro portalanças eram oriundos da Ex-Alemanha Oriental, que aparentemente produzia toda classe de aberrações políticas: comunistas conversos que começavam a descobrir as alegrias do nazismo, verdade-

170

ros crentes no anterior modelo político-econômico, e vulgares delinquentes que provocavam verdadeiras moléstias à polícia alemã. Mas isto devia ter índole política. Fürchtner e Dortmund eram tinham sido, corrigiu-se Bill verdadeiros crentes comunistas durante toda sua vida. criaram-se na Ex-Alemanha Ocidental, em famílias de classe média (como toda uma geração de terroristas), e tinham dedicado toda sua vida ativa à perfeição socialista ou algo por o estilo. E por isso tinham atacado o lar de um capitalista capitalista... procurando o que?

Tawney recolheu uma série de faxes recém chegados de Viena. Durante um interrogatório de três horas, Erwin Ostermann lhe havia dito à polícia que os terroristas procuravam seus códigos especiais internos para ingressar no mercado acionário internacional. Existiam essas

coisas? Provavelmente não, pensou Tawney... mas, por que não verificá-lo? Levantou o telefone e marcou o número de um velho amigo, Martin Cooper, um Ex-Six que agora trabalhava no espantoso edifício do Lloyd's no distrito financeiro de Londres.

Cooper disse uma voz.

Martin, fala Bill Tawney. Como se sente nesta manhã chuvosa?

Muito bem, Bill, e você... o que está fazendo?

Ainda sigo trabalhando para a rainha, velho. Novo emprego, muito secreto, infelizmente.

No que posso te ajudar, velho?

Em realidade, tenho uma pergunta bastante estúpida. Há códigos internos no mercado acionário internacional? Códigos especiares e essas coisas?

Oxalá os houvesse, Bill. Facilitariam-nos muitíssimo o trabalho replicou o ex-chefe de estação de cidade do México e outros postos menores do Serviço Secreto de Inteligência britânico . A que te refere exatamente?

Não estou seguro, mas surgiu o tema.

Bom, a certo nível a gente tem relações pessoais e com freqüência intercambia informação importante, mas entendo que lhe

refere a algo mais estruturado. uma espécie de rede interna de mercado ou algo pelo estilo?

Sim, essa é a idéia.

Se existisse, mantiveram-na em segredo para todos nós, velho. Conspiração internacional? brincou Cooper . E, já sabe, este é um mundinho fofoqueiro. Todo mundo se mete nos negócios alheios. Então não existe nada semelhante?

Não que eu saiba, Bill. Desinformado-os acreditam que sim, por seu-posto, mas em realidade não existe, a menos que tenham sido eles quienes assassinaram ao John Kennedy adicionou Cooper a contra gosto. Isso mesmo pensava eu, Martin, mas precisava verificá-lo. Gra-recua, amigo.

171

Bill, tem alguma idéia dos quais atacaram ao Ostermann em Viena?

No momento não. Conhece-o?

Meu chefe o conhece. Eu o vi uma vez. Parece um tipo decente... e muito inteligente além disso.

Quão único sei é o que vi esta manhã pela televisão não era do todo mentira e, em qualquer caso, Martin compreenderia.

Bem, tiro-me o chapéu ante os que levaram a cabo o resca-

lhe. Cheiram-me a SEJA.

Sério? Bem, não seria para assombrar-se, não?

Suponho que não. Alegra-me que tenha chamado, Bill. O que lhe parece se formos jantar juntos uma destas noites?

eu adoraria. Chamarei-te a próxima vez que vá a Londres.

Excelente. Felicitações.

Tawney pendurou. Aparentemente, Martin se tinha colocado bem luego de ser despedido de seu posto Six devido à redução de pessoal provocada pelo fim da Guerra Fria. Bom, era de esperar. os *desinformados acreditam que sim*, pensou Tawney. *Sim, tinha sentido. Fürchtner e Dortmund eram comunistas e não podiam confiar nem acreditar no livre mercado. Em seu universo, a gente só podia enriquecer-se enganando, explorando e conspirando com outros de sua classe. E o que significava isso...?* por que tinham atacado a casa do Erwin Ostermann? Era impossível lhe roubar. Não guardava seu dinheiro em efetivo ou em lingotes de ouro. O

sua era dinheiro eletrônico, teórico, que existia na memória das computadores e viajava pelas linhas telefônicas. E isso era impossível de roubar, verdade?

Não, o que tinha um homem como Ostermann era informação, a fonte última do poder, por etérea que fosse. Dortmund e Fürchtner

estavam dispostos a matar para consegui-la? Aparentemente sim, mas eram acaso a classe de gente que podia utilizar essa informação? Não, impossível, pois de havê-lo sido tivessem sabido que aquilo que buscaban não existia.

Alguém os contratou, pensou Tawney. Alguém os enviou a cumprir essa missão. Mas quem?

E com que propósito? Essa pergunta era mais acertada, e talvez o proporcionasse a resposta à primeira.

Um momento, disse-se. Se alguém os tinha contratado para o trabalho, quem era? Obviamente alguém vinculado com a velha rede terrorista, alguém que sabia onde estavam e a quem eles conheciam e em quem até certo ponto confiavam, ao menos o suficiente para arriergar suas vidas. Mas Fürthner e Dortmund tinham sido comunistas ideologicamente puros. Suas relações deviam pertencer ao mesmo pau, e certamente não teriam crédito nem recebido ordens de alguém de diferente matiz político. E como, se não, tivesse podido esta hipotética pessoa saber onde estavam e contatá-los, ganhar sua confiança e encomendarles uma missão fatal em busca de algo que em realidade não existia...?

172

Ou n funcionário superior?, perguntou-se Tawney, espremendo seu

memore para obter maior informação da que tinha. Alguém com as mesmas inclinações ou crenças políticas, capaz de lhes dar ordens, ou ao menos de motivá-los a fazer algo perigoso.

Necessitava mais informação, e utilizaria seus contatos SEJA e poli-lhes recue para conhecer todos os avanços da investigação austríaco/alemana. Para começar, chamou o Whitehall para conseguir a tradução completa das entrevistas de todos os reféns. Tawney tinha sido oficial de inteligência durante muito tempo e começava a lhe picar a nariz.

Eu não gostei de seu plano de resgate, Ding disse Clark no grande salão de conferências.

A mim tampouco, Mr. C., mas sem helicóptero não tive muita opção, não lhe parece? replicou Chávez com certo ar de legitimidade .

Mas isso não é o que mais me preocupa.

E o que é, então? perguntou John.

Noonan me fez notar isso. Cada vez que vamos a um lugar, há muchíssima gente nos arredores... público, jornalistas, camarógrafos, curiosos, etc. O que passaria se um deles tivesse um telefone celular e chamasse os meninos maus para lhes dizer o que está acontecendo fora? Muito simples e muito possível, não crie? Estaríamos perdidos... e alguns reféns também.

Teríamos que poder resolvê-lo de algum modo disse Tim Noonan . É a maneira de funcionar do celular. Emite um sinal para lhe informar à central que está ali e aceso, de modo tal que os sistemas de computação possam lhe enviar as chamadas. OK, podemos conseguir instrumentos para ler esse sinal e talvez para bloqueá-la... talvez inclusive clonar o celular dos meninos maus, rastrear a chamada e apanhar aos bastardos de fora, não? Mas necessito esse software, e o necessito já.

David? Clark olhou fixamente ao David Peled, o gênio tecnológico israelense.

Pode fazer-se. Espero que esse tipo de tecnologia já exista na NSA ou em outra parte.

E no Israel? perguntou Noonan, não sem suspicacia.

Bom... sim, temos essa aula de coisas.

as consiga odenó Clark . Quer que chame pessoalmente ao AVI?

Isso ajudaria o bastante.

De acordo, necessito o nome e as especificações do equipamento. É muito difícil treinar aos operadores?

Não muito admitiu Peled . Tim poderia fazê-lo facilmente.

Obrigado pelo voto de confiança, pensou Noonan. A observação

do israelense evidentemente não lhe causava graça.

173

Voltemos para operação ordenou Clark . No que estava pensando, Ding?

Chávez se ergueu na cadeira. Não só se estava defendendo: También estava defendendo a sua gente.

Principalmente em que não queria perder nenhum refém, John.

Bellow nos disse que devíamos tomar a esses dois muito a sério e se aproximava o prazo do ultimato. OK, a missão é, a meu modesto entender, não perder reféns. Então, quando nos fizeram saber que queriam escapar em helicóptero, tudo foi questão de lhes dar o que pediam, com um pequeno extra. Dieter e Homer fizeram seu trabalho à perfeição. O mesmo que Eddie e o resto dos atiradores. O mais difícil foi o aproximando do Louis e George à casa para eliminar ao último grupo. Hicieron um bom trabalho ninja e chegaram sem que ninguém os visse prosseguiu Chávez, assinalando ao Loiselle e Essa Tomlinson foi a parte mais perigosa da missão. Pusemo-los em um setor iluminado e a camuflagem funcionou. Se os meninos maus tivessem usado NGV, bom, nesse caso teríamos tido problemas, mas a iluminação adicional dos árvores (refiro aos refletores da polícia local) tivesse funcionado como interferência. Os NGV falham bastante se alguém lhes puser luz no

caminho. Foi uma aposta admitiu Ding , mas me pareceu muito melhor isso que ver como lhe voavam a cabeça a um refém enquanto nosotros conversávamos a respeito de uma possível estratégia no ponto de reunião. Essa é a missão, Mr. C., e eu fui o comandante in situ. Fiz o que acreditei mais conveniente Não acrescentou que o mais conveniente havia funcionado.

Já vejo. Bem, todos dispararam muito bem, e Loïselle e Tomlinson fizeram muito bem sua parte sem ser detectados disse Alistair Stanley desde sua cadeira, localizada-se frente à do Clark . Não obstante...

Não obstante, necessitamos helicópteros para casos como este.

Como diabos nos passou por cima essa necessidade? protestou Chávez.

É minha culpa, Domingo admitiu Clark . Hoje mesmo vou a me ocupar disso.

Não obstante, conseguimos sair adiante Ding se desperezó em seu cadeira . Minhas tropas tiraram adiante a missão, John. Com muito má base, mas conseguimos fazê-lo. A próxima vez, seria melhor que as coisas fossem menos violentas admitiu . Mas se o doc me disser que os muchachos maus estão realmente decididos a matar a alguém, a só correiosibilidad pede a gritos uma ação decisiva, não lhes parece?

Depende da situação, sim respondeu Stanley.

O que significa isso, Ao? perguntou Chávez de mau modo . NE-

precisamos melhores esboços de missão. Preciso que me diga isso com todas as letras. Quando devo permitir que matem a um refém? A idade ou o sexo do refém entram na equação? E se alguém ataca um jardim de infantes ou a maternidade de um hospital? Não pretendam que ignoremos fatores humanos como estes. OK, entendo que não podem fazer planos para cada possibilidade e que, como comandantes de campo, Peter e eu devemos julgar o mais conveniente em cada caso. Mas meu

174

inalienável posição é impedir a morte de um refém se posso fazê-lo.

Se isso implica correr riscos... bom, é uma probabilidade contra uma certeza, verdade? Em casos como estes um corre o risco, não?

Dr. Bellow perguntou Clark, até que ponto confia em sua avaliação do estado mental dos terroristas?

Muito. Eram experimentados. Tinham pensado muito bem a missão e, em minha opinião, estavam decididos a matar reféns para mostrar sua resolução replicou o psiquiatra.

Então ou agora?

Agora e então disse Bellow com segurança. Eram dois sociópatas políticos. A vida humana não significa muito para essa classe de personalidades. São só fichas de poquer para apostar sobre a mesa.

OK, mas o que tivesse passado se detectavam ao Tomlinson e

Loiselle aproximando-se?

Provavelmente teriam matado um refém, congelando a situação durante uns minutos.

E, nesse caso, meu plano era atacar a casa desta asa e eliminá-los o mais breve possível interveio Chávez . A melhor estratégia é descender em fileira dos helicópteros e arrasar o lugar como um voador de Kansas. Isso também é perigoso admitiu . Mas não estamos tratando com os tipos mais razoáveis do mundo, não os parece?

Aos membros hierárquicos do Rainbow não gostava dessa classe de discussão porque lhes recordava que, por muito bons que fossem seus soldados, não eram deuses nem super-homens. Até o momento haviam enfrentado dois atentados, ambos os resolvidos sem vítimas civis. Isso hábia produzido certa complacência mental no comando, posteriormente exacerbada pelo fato de que o Comando 2 tinha realizado um operativo perfeito em circunstâncias táticas adversas. Treinavam a seus homens para ser super-homens, espécimes de perfeição olímpica, soberbiamente peritos no uso de armas e explosivos e, mais que nada, mentalmente preparados para a destruição rápida de vida humana.

Os integrantes do C-2 sentados em torno da mesa olhavam a

Clark com expressão neutra e tomavam seus comentários com notável ecuanimidad porque a noite anterior, até sabendo que o plano era ousado e perigoso o tinham executado, e estavam compreensivelmente orgulhosos de si mesmos por ter feito algo tão difícil e salvo aos reféns.

Mas Clark estava questionando a capacidade do líder do comando e isso tampouco gostavam. Para os ex-membros do SEJA, a resposta era tão simples como o antigo lema de seu regimento: que se atreve, vontade. Eles se tinham atrevido e tinham ganho. E o marcador indicava BA Cristãos dez, Leões zero. O único insatisfeito era o sargento primeiro Julho Vega. O Urso levava a metralhadora, arma que não tinha entrado em jogo. Os rifleros estavam muito contentes consigo mesmos, igual aos meninos das armas livianas. Ele tinha estado a poucos metros do Weber, preparado para cobri-lo se um dos maus tinha

175

sorte e conseguia escapar. Nesse caso, tivesse-o partido em dois com seu M-60... já que Vega era um dos melhores atiradores da base. Os demais tinham matado e ele não tinha podido jogar. Sua consciência religiosa lhe remoía um pouco por pensar dessa maneira, obrigando-o a grunhir e suspirar quando estava sozinho.

Então, no que ficamos? perguntou Chávez . Quais são nossos esboços estratégicos em caso de que os terroristas estejam

a ponto de matar a um refém?

A missão segue sendo salvar aos reféns, assim que seja possível replicou Clark logo depois de pensá-lo uns segundos.

E o líder do comando decide o que é possível e que não?

Correto confirmou Rainbow Six.

Então estamos de volta onde começamos, John assinalou

Ding . E isso significa que Peter e eu temos toda a responsabilidade... e recebemos todas as críticas se a alguém não gosta do que fazemos fez uma pausa . Entendo a responsabilidade que implica ser o comandante em ação, mas seria bom contar com um respaldo mais firme, sabe? cedo ou tarde cometeremos enganos lá fora. O sabemos. Nós não gostamos, mas sabemos. De todos os modos, quero lhe dizer aqui e agora, John, que a meu entender a missão é preservar vistas inocentes, e estou decidido a cumpri-la até as últimas consequências.

Estou de acordo com o Chávez disse Peter Covington . Essa débito ser nossa posição definitoria.

Jamais disse que não o fora disse Chávez, repentinamente furioso. O problema era que podiam apresentar-se situações nas que não fora possível salvar uma vida... mas treinar-se para essas situações era difícil, a não ser diretamente impossível, porque todos os atentados lhe-

roristas que deveriam resolver seriam tão diferentes como os terroristas mesmos e os lugares escolhidos por eles. portanto, tinha que *confiar no Chávez e Covington. além disso, podia preparar simulacros* que os obrigassem a pensar e atuar, com a esperança de que os servissem na prática. Era muito mais fácil trabalhar para a CIA, pensó Clark. Ali era ele quem tomava a iniciativa e quase sempre escolhia o tempo e o lugar adequados para atuar. Entretanto, o Rainbow era um comando reativo que respondia à iniciativa alheia. Esse simples feito o forçava a treinar duramente a seus homens, de modo tal que a destreza adquirida compensasse a desigualdade tática. E o método já tinha funcionado duas vezes. Mas seguiria funcionando?

Para começar decidiu que, dali em mais, um membro hierárquico do Rainbow acompanhasse aos comandos para respaldar ou contradecir in situ as decisões dos comandantes. É obvio que não os gostaria de ter um vigilante a suas costas, mas não havia maneira de evitá-lo. Deu por terminada a reunião e chamou a Ao Stanley a seu escritório para lhe expor sua idéia.

Parece-me bem, John. Mas os quais vão acompanhar os?

No momento, você e eu.

176

Muito bem. Tem lógica... depois de tudo temos muito entre-

namiento físico e prática de tiro. Entretanto, Domingo e Peter correio-
drían sentir-se um pouco invadidos.

Os dois sabem cumprir ordens... e irão a nos pedir conselho
só quando for necessário. Todo mundo o faz. Eu também o fiz
quando tive a oportunidade o qual não tinha acontecido muito freqüentemente,
embora John recordava ter desejado fervientemente que acontecesse.

Estou de acordo com sua proposta, John disse Stanley . Quão-
dou escreveremos o pedido?

Hoje mesmo assentiu Clark.

177

CAPÍTULO 9

CAÇADORES OCULTOS

Posso fazê-lo, John disse o diretor da CIA . Não obstante,
terei que falar com o Pentágono.

Hoje mesmo se fosse possível, Ed. Realmente o necessitamos. Me
equivoquei ao não considerá-lo antes. Foi uma omissão grave adicionou
Clark humildemente.

Às vezes passa observou Foley . De acordo, me deixe fazer umas
chamadas e voltemos a falar mais tarde cortou a comunicação e pen-
só uns segundos. Logo escaneou seu rolodex e encontrou o número de
ZINCO-SNAKE, como o chamavam em brincadeira. O comandante em chefe do

Comando de Operações Especiais da Base MacDill da Força Aérea nos subúrbios da Tampa, Florida, era o chefe de todos os comevíboras : comando para operações especiais do que Rainbow havia extraído seus membros americanos. O general Sam Wilson dirigia tudo desde seu escritório, lugar no que não se achava particularmente a gosto. iniciou-se como recruta e tinha optado pelo treinamento aéreo; logo tinha passado às Forças Especiais (abandonando-as para graduar-se em História na Universidade da Carolina do Norte), e finalmente tinha retornado ao exército como segundo tenente, ascendendo rapidamente de fila. Muito juvenil para seus cinquenta e três anos, ostentava quatro estrelas reluzentes sobre os ombros e estava a cargo de um comando unificado multiservicial que incluía membros de todos os serviços armados... todos eles peritos em cozinhar víboras a fogo lento.

Olá, Ed disse o general, atendendo a chamada por linha segura . O que anda passando no Langley? A comunidade de operações especiais estava muito próxima à a CIA e com frequência lhe provia inteligência e/ou força bruta para as operações mais difíceis.

tenho um pedido do Rainbow disse Foley.

Outro mais? Já arrasaram minhas unidades, sabia?

Tudo seja para bem. Ontem estiveram na Austria.

viu-se muito bem por TV admitiu Wilson . Terei informação adicional? referia-se a informação sobre a identidade dos terroristas.

Enviarei-te todo o pacote assim que esteja disponível, Sam prometeu Foley.

OK. E o que anda necessitando nosso muchachito?

178

Aviadores, tripulação de helicóptero.

Sabe quanto tempo leva treinar a essa gente, Ed? Deus são-to, também é muito caro mantê-los.

Já sei, Sam assegurou Foley . Os britânicos também tenham-drán que ficar. Conhece o Clark. Não os pediria se não os necessitasse.

Wilson teve que admitir que, sim, conhecia o John Clark. Em certa oportunidade muito tempo e vários presidentes atrás havia evitou o fracasso de uma missão e farelo de cereais a um grupo de soldados no processo. Ex-SEAL da Armada, segundo a Agência, com uma sólida coleção de medalhas e importantes lucros a seu favor. E o Rainbow já tinha dois agarra na manga.

OK, Ed. Quantos?

por agora um, mas que seja bom de verdade.

O por agora preocupou um pouco ao Wilson, mas...

OK, chamarei-te mais tarde.

Obrigado, Sam.

Uma das melhores costure do Wilson, pensou Foley, era que não jogava com o tempo. Quando dizia agora mesmo cumpria sua palavra até que lhe viesse o teto em cima.

Chester duraria menos do que tinha pensado Killgore. Os análises de funcionamento hepático caíam em picada a toda velocidade, mais rápido do que tinha visto nunca... ou lido nos livros de medicina.

Sua pele estava amarela (como um limão claro) e frouxa sobre a musculatura flácida. A respiração também era bastante preocupante, em parte devido à importante dose de morfina que lhe estava administrando para mantê-lo inconsciente ou ao menos atordoado. Killgore e Barbara Archer queriam tratá-lo o mais agressivamente possível para ver se existia alguma modalidade de tratamento contra Shiva, mas o estado de Chester era tão grave que nenhum tratamento poderia superar seus problemas físicos preexistentes e o Shiva.

Dois dias disse Killgore . Talvez menos.

Infelizmente tem razão coincidiu a Dra. Archer. Lhe-
nia toda classe de idéias para dirigir a situação, dos convencionais (e quase com segurança inúteis) antibióticos até o Interleukin-2, que alguns pensavam que podia ter aplicação clínica em casos como

esse. É obvio que a medicina moderna ainda devia vencer numerosas enfermidades lhes vire, mas muitos pensavam que apoiar o foi-MA imunológico do corpo de uma direção podia ter o efeito de ajudá-lo em outra, e atualmente o mercado estava loja de comestíveis de nu- você e capitalistas antibióticos sintéticos. cedo ou tarde, alguém dê- cobriria a bala mágica contra as enfermidades lhes vire. Mas ainda não . Potássio? perguntou logo depois de considerar as perspectivas do paciente e o escasso sentido de lhe brindar qualquer classe de tratamien- to. Killgore se encolheu de ombros.

179

Suponho. Prova se quer respondeu, assinalando o gabinete de remédios do rincão.

A Dra. Archer se aproximou, tirou uma seringa descartable de 40 dC de sua vasilha plástica, inseriu a agulha em um recipiente de vidro que com- tinha uma solução de potássio e água, e encheu a seringa. Logo voltou para a cama e inseriu a agulha na destilação, empurrando com força o êmbolo para que o paciente recebesse imediatamente o químico letal. Levou-lhe uns segundos, mais do que tivesse demorado injetando directamen- você uma veia importante, mas Archer não queria tocar ao paciente mais de o necessário, nem sequer com luvas. Não tinha importância. Respira- a- ción do Chester dentro da máscara transparente de oxigênio pareceu

vacilar. Logo recomeçou, deteve-se apenas, adotou um ritmo irregular durante uns segundos, e finalmente se deteve. O peito do doente baixou e não voltou a subir. Tinha os olhos semiabertos, como os de um homem adormecido ou shockeado, dirigidos para ela mas sem olhá-la. Fechou-os por última vez. A Dra. Archer tomou seu estetoscópio e o apoió sobre o peito do alcoólico. Zero som. Archer se levantou, tirou-se o estetoscópio e o guardou no bolso.

Até nunca, Chester, pensou Killgore.

OK disse ela, como se nada tivesse passado . Outros apresentam sintomas?

Ainda não. Entretanto, as análise de anticorpos deram correio-sitivo replicou Killgore . dentro de uma semana a mais demorar veremos sintomas claros, espero.

Necessitamos um grupo de sujeitos sãs disse Barbara Archer .

Esta gente está muito... muito doente para ser ponto de referência da Shiva.

Isso suportaria certos riscos.

Sei assegurou Archer . E você sabe que necessitamos melhores sujeitos experimentais.

Sim, mas os riscos são graves observou Killgore.

Já sei replicou Archer.

OK, Barb, adiante. Não vou opor me. Quer te ocupar de Chester? Tenho que ver o Steve.

Bom Foi até a parede, levantou o telefone e marcou três dígitos para chamar os regulamentos.

Por sua parte, Killgore foi ao vestuário. Primeiro se deteve na câmara de descontaminação, pulsou o enorme botão quadrado vermelho e esperou que a maquinaria o asperjara desde todas direções com a solução anti-séptica imediata e absolutamente letal para o vírus Shiva.

Logo entrou em vestuário propriamente dito, tirou-se o traje plástico azul, jogou-o no cesto para sua posterior e mais exaustiva descontaminação em realidade inncesaria, mas a gente do laboratório se sentia mais cômoda se o fazia , e vestiu um uniforme verde de cirurgião.

antes de sair, ficou um guarda-pó branco de laboratório. O próximo passo seria o escritório do Steve Berg. Nem Barb nem ele o haviam dito em

180

voz alta ainda, mas todos se sentiriam muito melhor se descobrissem uma vacina eficaz contra Shiva.

Olá, John disse Berg ao ver entrar em seu colega.

Bom dia, Steve respondeu Killgore . Como andam as vacunas?

Bom, já temos a e a B em marcha Berg assinalou as

jaulas dos macacos ao outro lado do vidro . O turno A tem etiqueta amarela. a da B é azul, e a do grupo de controle vermelha.

Killgore jogou uma olhada. Havia vinte de cada uma, sessenta monos rhesus em total. Preciosos fantasias de diabo.

Parece-me lamentável utilizar animais comentou.

Tampouco eu gosto, mas assim são as coisas, meu amigo nenhum dos dois era o feliz dono de um casaco de pele.

Quando esperas ter resultados?

OH, entre cinco e sete dias para o grupo A . De nove a catorc para o grupo de controle. E quanto ao grupo B ... bom, temos esperanças, é obvio. Como vai o teu?

Hoje perdemos um.

Tão rápido? perguntou Berg, um tanto perturbado pela noticia.

Tinha o fígado à miséria. Isso é algo que não havemos considerado de tudo. Lá fora haverá muchísima gente extremamente vulnera-ble a nosso amiguito.

Poderiam ser canários, velho se lamentou Berg, pensando em os pássaros cantores que acautelavam aos mineiros contra a raridade do ar . E aprendemos a tratar com isso faz dois anos, recorda?

Já sei em realidade, dali tinha saído a idéia. Mas eles o

fariam muito melhor que os estrangeiros . Qual é a diferença em tempo entre os humanos e nossos amiguitos peludos?

Bom, não esqueça que não utilizei aerossol com nenhum destes.

Estamos provando uma vacina, não uma infecção.

De acordo, acredito que conviria fazer uma prova de aerossol.

Entendo que melhoraste o método de engarrafamento.

Maggie quer que o faça. OK. Temos macacos de sobra. Podemos resolvê-lo em dois dias: um test completo do sistema imunitario.

Com e sem vacinas?

Posso fazê-lo assentiu Berg. Já teria que havê-lo feito,

idiota, pensou Killgore. Berg era inteligente mas não via além de

os limites de seus microscópios. Bom, ninguém era perfeito, nem sequer

ali . Eu não gosto de andar por aí matando animais, John lhe esclareceu

Berg a seu colega médico.

Compreendo, Steve, mas por cada um que matemos com o expe-

rimento Shiva salvaremos milhares em estado selvagem, recorda? E os

cuida muito bem enquanto estão aqui adicionou. Os animais de prova

levavam uma vida idílica em jaulas cômodas ou inclusive em grandes áreas

comunais onde a comida era abundante e a água transparente. Os

bonitos tinham muito lugar, com símiles de árvores para subir-se, tem-

peratura ambiente semelhante a de sua nativa a África e sem predadores ameaçadores. Igual a nos cárceres humanos, os condenados recebiam comidas saudáveis de acordo com seus direitos constitucionais.

Mas aos tipos como Steve Berg seguia sem lhes gostar de, por muito importante e indispensável que fora para o objetivo final. Killgore se perguntou se seu amigo choraria de noite pelas belas criaturas de olhos parciais. Certamente, Chester não lhe interessava no mais mínimo... exceto porque podia representar um canário, é óbvio. Para falar a verdade, essa possibilidade poderia arruinar algo... e precisamente por isso estavam desenvolvendo a vacina A.

Sim admitiu Berg. Não obstante, sigo-me sentindo uma merda.

Teria que visitar meu setor comentou Killgore.

Talvez respondeu Berg sem muita convicção.

O voo noturno tinha saído do aeroporto internacional

Raleigh-Durham na Carolina do Norte, a uma hora do Fort Bragg. O

Boeing 757 aterrissou sob a garoa para iniciar um carroto quase tão comprido como o voo mesmo... ou ao menos assim pareceu aos passageiros que finalmente chegaram à porta do US Airways no Terminal 3 de Heathrow.

Chávez e Clark tinham ido esperar o. Estavam vestidos de civil e

Domingo levava um pôster com a palavra MALLOY. A quarta passagem-

ro em descender (vestia uniforme cor oliva com asas douradas) cravou seus olhos azul cinzento no pôster e avançou para eles arrastando sua valise de tecido.

Encantado os saudou o tenente coronel Daniel Malloy .

Quais são vocês?

John Clark.

Domingo Chávez Apertões de mãos . Tem mais valises?
perguntou Ding.

Só tive tempo para empacotar isto. Adiante, moços
replicou Malloy.

Necessita uma mão? perguntou-lhe Chávez a um homem trein-
lha centímetros mais alto e vinte quilogramas mais pesado que ele.

Não há problema lhe assegurou o marinhe . aonde vamos?

O helicóptero nos está esperando. O carro está por aqui Clark
saiu por uma porta lateral e baixou a escada até o veículo. O cho-
fer guardou a valise do Malloy no baú e iniciou a viagem de meia milha
até o helicóptero Puma do exército britânico.

Malloy olhou a seu redor. Era um dia feio para voar: as nuvens
estavam baixas e a garoa tinha aumentado um pouco. Mas ninguém diria
dele que era um aviador temeroso. Entraram na parte de atrás do
helicóptero. Observou os movimentos da tripulação, o aceso de

os motores, a leitura do itinerário. Quando o rotor começou a girar, pediram sinal de decolagem. Demorou vários minutos em chegar. Tinha demasiada atividade no Heathrow, montões de vôos internacionais

182

chegavam carregados de empresários e homens de negócios em plano de trabalho. Finalmente o Puma separou, ganhou altura e voou em direção indeterminável. Nesse momento, Malloy decidiu falar pelo intercom.

Alguém me faria o favor de me dizer que diabos está passando aqui?

O que lhe disseram eles?

Empacotamento suficientes cueca para uma semana replicou

Malloy com uma piscada cúmplice.

Há uma loja bastante boa perto da base.

Hereford?

Boa pontaria respondeu Chávez . Já estive ali?

Muitíssimas vezes. Reconheci essas encruzilhadas de lá abaixo por outros vôos. OK, do que se trata?

Provavelmente trabalhará conosco disse Clark.

Quais são nós , senhor?

Chamamo-nos Rainbow, e não existimos.

Viena? perguntou Malloy pelo intercom. A maneira de par-

padear de ambos bastou para lhe responder . Claro, aquilo parecia demasiado jogado para a polícia. Quais formam o comando?

Gente da OTAN, americanos e britânicos principalmente, mas também de outras nacionalidades, mais um israelense lhe informou John.

E começaram a trabalhar sem helicópteros?

OK, maldita seja, o passei por cima, está claro? observou Clark .

Sou novo nisto.

O que é isso que tem no antebraço, Clark? OH, qual é sua
fila?

John se arregaçou o saco e lhe ensinou a tatuagem vermelha.

Sou um duas estrelas fictício. E Ding é um maior fictício.

O marinheiro examinou brevemente a tatuagem.

Escutei falar destes, mas jamais tinha visto um. Terceiro Grupo-correio de Operações Especiais, não? Conheci um tipo que trabalhou com eles.

Quem?

Dutch Voort, retirado faz cinco ou seis anos com todos os honrificações de gado.

Dutch Voort! Carajo, fazia tempo que não escutava esse nome replicou Clark no ato . Uma vez nos derrubaram.

A você e a muitos outros. Era um grande aviador, mas tinha má sorte.

E a você como o trata a sorte, coronel? perguntou Chávez.

Muito bem, filhinho, muito bem lhe assegurou Malloy . E pode chamar-me Urso.

O apodo ficava a medida. Tinha a mesma estatura que Clark e era robusto, como se arrebentasse barris a murros para divertir-se e logo bebesse enormes quantidades de cerveja. Chávez pensou em seu amigo Julho Vega, outro amante do peso pesado. Clark estudou seus meça-

183

llas. A DFC tinha dois cachos, igual à Estrela de Prata. A condecoración de ferro também proclamava que Malloy era um perito tirador. Aos marinhe gostavam de disparar para divertir-se e demonstrar que eram hábeis com os rifles. No caso do Malloy, a condecoração indicaba que tinha chegado ao nível mais alto. Mas não tinha medalhas de Vietnam, observou Clark. Bom, talvez fora muito jovem... (outra maneira de comprovar que ele estava envelhecendo). Viu que Malloy tinha idade suficiente para ter maior fila. Um dos problemas de as operações especiais era que os soldados não obtinham as promoções que mereciam... o que não era um inconveniente para os militares mas sim para os oficiais comissionados.

Comecei em busca e resgate, logo uni aos marinhe de reconhecimento, já sabem: dentro, fora, dentro, fora. Terá que ter mão para isso. Suponho que eu tenho.

E o que voa atualmente?

H-60, Hueys, é obvio, e H-53. Arrumado a que não têm nada disso, equivococo-me?

Infelizmente não respondeu Chávez, imediata e obviamente desiludido.

O Esquadrão 24 de Operações Especiais da Força Aérea no Mildenhall tem o MH-60K e o MH-53. Se os conseguirem, em seguida porei a tom com eles. Formam parte da Primeira Asa de Operaciones Especiais e, a última vez que chequei, tinham base aqui e em Alemanha.

Está brincando? perguntou Clark.

Não estou brincando, general fictício, senhor. Conheço comam-lhe dêem da asa, Stanislas Dubrovnik, Stan o Man. Grande piloto de helicóptero. É o melhor dos amigos quando a gente está em apuros.

Deixarei-o presente. O que outra coisa sabe voar?

O Night Stalker, é obvio, mas não há muitos por aqui.

Nenhum que eu saiba O Puma girou em círculo e iniciou o descida sobre o heliporto do Hereford. Malloy observou o trabalho do piloto e

decidiu que era competente, ao menos para situações simples . Não estou tecnicamente ao tanto do MH-47 Chinook só podemos especializarnos oficialmente em três classes de pássaros e, se for por isso, Tampouco estou tecnicamente ao tanto do Huey... mas eu nasci em um Huey, general, não sei se me entende. E posso dirigir o MH-47 se tiver que fazê-lo.

Meu nome é John, Mr. Urso disse Clark com um sorriso. Siempre tinha sido capaz de reconhecer a um profissional com apenas vê-lo. Eu sou Ding. Alguma vez fui 11-Bravo, mas a CIA me raptou. Por culpa dele disse Chávez . Faz tempo que trabalhamos juntos. Suponho que poderão me pôr a par de tudo, então. Me surpreende que não nos tenhamos conhecido antes, moços. De vez em quando tive que transladar agentes encobertos, não sei se me entendem. Trouxe seu pacote? perguntou Clark, aludindo a seu arquivo pessoal.

184

Malloy aplaudiu a valise.

Sim, senhor, e está escrito de maneira muito criativa, se me permitir dizê-lo.

O helicóptero tocou terra. O chefe da tripulação saltou e abriu as portas deslizantes. Malloy agarrou sua valise, desceu de um salto e enfiou

para o Rover estacionado ao bordo do heliporto. O chofer (um cabo) recebeu a valise do Malloy e a jogou na parte de atrás. Malloy comprovou que a hospitalidade britânica não tinha trocado muito. Devoltou a saudação e entrou no Rover. A chuva ia em aumento. O clima britânico tampouco tinha trocado, pensou. Era um péssimo lugar para voar em helicóptero, embora não tão mau se a gente queria aproximar-se sem ser visto, e depois de todo isso não era tão espantoso, verdade? O jipe os levou a um edifício que parecia mais um quartel geral que uma casa de hóspedes. Fora o que fosse, evidentemente estavam em um apuro.

Lindo escritório, John disse Malloy . Suponho que realmente é um duas estrelas fictício.

Sou o chefe admitiu Clark e com isso basta. Sinta-se. Café?

Sempre confirmou Malloy, bebendo a primeira taça . Gra-recua.

Quantas horas? perguntou Clark.

Em total? Sessenta-e sete-quarenta-e duas a última vez que somei.

O trinta e um por cento som operações especiais. E, ah, aproximadamente quinhentas horas de combate.

Tantas?

Grenada, Líbano, Somalía, um par de lugares mais... e a Guerra do Golfo. Pesquei quatro grupos e os resgatei com vida durante essa p-

queña rixa de galos. Um deles foi bastante excitante concedeu Malloy mas tive um pouco de ajuda de acima. Já sabem, o trabalho se volta aborrecido se alguém o faz bem.

Terei que lhe pagar uma cerveja, Mr. Urso disse Clark . Siem- pre eu gostei de ser amável com os meninos SAR.

E eu jamais rechacei uma cerveja grátis. Os britânicos do CO- mando, são ex SEJA?

Em sua maioria. Já trabalhou com eles?

Só em práticas, aqui e no Bragg. São muito bons, estão à altura da Força de Reconhecimento e de meus companheiros no Bragg Clark sabia que era um comentário generoso, embora os britânicos levariam a mal qualquer tipo de comparação . Como é, suponho que necessitam um menino que faça a partilha, não?

Algo assim. Ding, eu gostaria de informar ao Mr. Ouso sobre as últi- mas operações.

Entendido, Mr. C. Chávez desdobrou uma enorme foto do *Schloss Ostermann sobre a mesa de conferências do Clark e iniciou seu relatório.* Uns minutos depois, Stanley e Covington se uniram ao gru- correio.

Sim disse Malloy quando concluiu a explicação . Realmente necessitavam um tipo como eu para isso, moços Fez uma pausa .

O melhor tivesse sido um desdobramento com soga e deixar três ou quatro no teto... exatamente... aqui assinalou um ponto na foto . O teto plano teria facilitado as coisas.

Isso mesmo pensava eu. Não tão fácil como um descida em fileira, mas provavelmente mais seguro coincidiu Chávez.

Sim, é fácil se a gente souber o que faz. Seus moços terão que aprender a aterrissar brandamente, claro, mas será bom ter quatro ou cinco pessoas dentro do castelo quando as necessitar. Pelo bem que resultou a operação, imagino que seus homens dispararam como deuses.

São excelentes admitiu Covington com voz neutra.

Enquanto Chávez apresentava sua bem-sucedida missão, Clark jogou um vistazo ao arquivo pessoal do Malloy. Casado com o Frances Hutchins, dois filhas de dez e oito anos. A esposa era enfermeira civil e trabalhava para a Armada. Bem, isso seria fácil de resolver. Sandy poderia conseguir um posto em seu hospital. O tenente coronel Dão Malloy, USMC, ficaria com eles. Definitivamente.

Por sua parte, Malloy estava bastante intrigado. Fossem quem fossem esses tipos, indubitavelmente tinham muitos cavalos de força.

A ordem de voar a Inglaterra tinha chegado diretamente do escritório do muito mesmo ZINCO-SNAKE, Big Sam Wilson, e a gente que acaba-

BA de conhecer parecia muito, mas muito séria. O mais enxuto, Chávez, era muito competente, e, a julgar pela fotografia tomada do ar, seus homens também deviam ser muito bons, especialmente os dois que se tinham miserável até a casa para apanhar à última ninhada de moços maus. A invisibilidade era uma estratégia excelente se saía bem, mas um desastre absoluto se falhava. O bom, refletiu, era que os delinqüentes nunca eram tão eficazes. Não estavam treinados como marinhe-os. Essa deficiência só bastava para eliminá-los... embora não de tudo. Como a maioria dos uniformizados, Malloy desprezava aos terroristas por considerá-los animais covardes e infrahumanos que só mereciam uma morte violenta e imediata.

Ato seguido, Chávez o levou a edifício de seu comando. Ali Malloy conheceu seus homens, estreitou mãos e avaliou o que se apresentava ante seus olhos. Sim, eram tipos sérios, como os do C-1 do Covington que ocupavam o edifício do lado. Alguns tinham esse uso de relaxada intensidade que impele a avaliar a tudo o que se cruza no caminho e decidir imediatamente se o avaliado é (ou não) uma ameaça. Não porque gostassem de matar e mutilar, mas assim era seu trabalho... e seu trabalho impregnava a visão que tinham do mundo. Malloy foi avaliado como amigo potencial, digno de confiança e respeito... coisa que lhe agradou profundamente. Ele os transladaria rapidamente e a salvo aonde necessita-

ran... e logo os traria de retorno com a mesma celeridade. O posterior percorrido pela base de treinamento foi puro bate-papo para um verdadeiro conhecedor do tema. Os edifícios de sempre, interiores de avião simulados, três vagões de passageiros autênticos e outras coisas que simulaban atacar; o polígono de tiro com seus brancos (Malloy sabia que tentaria que passar por ali para demonstrar convincentemente que era digno

186

de integrar o comando, dado que todo oficial de operações especiais era e devia ser bom atirador, assim como tudo marinhe era destro no manejo do rifle). Ao meio dia estavam de retorno no edifício do Clark.

E bem, Mr. Urso, o que opina? perguntou Rainbow Six.

Malloy sorriu e se deixou cair sobre a cadeira.

Opino que o vôo me deixou exausto. E opino que tem um muito boa equipe aqui. Então, quer-me com vocês?

Clark assentiu.

Sim, acredito que o queremos aqui. Começamos amanhã pela MANANA? perguntou.

Com que pássaro?

Chamei a esses tipos da Força Aérea que você recomendou.

vão emprestar nos um MH-60 para que jogue um pouco.

Muito amável de sua Isso parte significava que teria que de-

mostrar que era bom piloto. A perspectiva não o preocupava demasiadamente . E minha família? Isto seria Tad ou o que?

Não, será seu destino permanente. Virão com o acostumado pacote governamental.

Parece-me bem. trabalha-se muito aqui?

Até o momento tivemos duas operações: Berna e Viena. Não sabemos quantas mais nos esperam, mas acredito que o regime de treinamento o manterá bastante ocupado.

Isso eu gosto, John.

Quer trabalhar conosco?

Pergunta-a surpreendeu ao Malloy.

É uma decisão voluntária?

Para todos nós assentiu Clark.

Bom, o que lhes parece isso. OK disse Malloy . Pode contratar-me.

Posso lhe fazer uma pergunta? inquiriu Popov em Nova Iorque.

É obvio respondeu o chefe, vendo-a vir.

Qual é o propósito de tudo isto?

No momento não precisa conhecê-lo foi a esperable cabeça de gado-posta à pergunta óbvia.

Popov assentiu em sinal de sumisión/acuerdo.

Como você diga, senhor prosseguiu , mas está atirando enormes quantidades de dinheiro ao lixo tirou deliberadamente o tema do dinheiro para observar a reação de seu empregador.

A reação foi aborrecimento genuíno:

O dinheiro não tem importância.

E embora a resposta não foi inesperada, não obstante lhe resultou surpreendente. Durante toda sua vida profissional na KGB soviética tinha pago mesquinhas somas de dinheiro a pessoas que arriscavam sua vida e sua liberdade para ganhar. Frequentemente, essas pessoas esperavam mais do que obtinham, porque quase sempre o material e a

187

informação conseguidos valiam muito mais do que lhes pagava.

Mas esse homem já tinha pago muitíssimo mais do que Popov hábia distribuído em mais de quinze anos de operações... E tudo por nada, por dois fracassos estrepitosos. Não obstante, não parecia decepcionado.

Que diabos estava passando?

O que foi o que falhou nesta ocasião? perguntou o chefe.

Popov se encolheu de ombros.

Sabiam o que faziam, mas cometeram o engano de subestimar a capacidade de resposta policial. Certamente, a polícia esteve fantásti-

CA assegurou a seu empregador . mais do que eu esperava, embora

não é para assombrar a ninguém. Muitas agências policiais têm grupos antiterroristas soberbamente treinados.

Foi a polícia austríaca...?

Isso disseram os noticiários. Eu não segui investigando. teria que havê-lo feito?

Gesto negativo com a cabeça.

Não, pura curiosidade de minha parte.

Então, lhe importa um nada se estas operações forem um

éxito ou um fracasso, pensou Popov. Então, por que diabos os pagamento?

Não tinha lógica. Absolutamente. A falta de lógica teria que haver preocupado ao Popov, mas não. estava-se fazendo rico com os fracassos. Sejava quem pagava as operações e tinha toda a evidência o efecti-

Vo que necessitava para prová-lo. Esse homem não poderia trai-lo jamais, nem lhe dar as costas. No melhor dos casos devia lhe ter medo a seu empregado, não? Popov tinha contatos na comunidade terrorista e podia açulá-los contra o homem que proporcionava o dinheiro, verdadeem? Seria natural que lhe tivesse medo, refletiu o russo com certa satisfação.

Ou acaso temia outra coisa? Estava subvencionando assassinatos... bem, intentos de assassinato no último caso. Era um homem imensamente rico e poderoso, e essa classe de homens temiam perder sua riqueza e seu

poder mais que a morte mesma. Todas as incógnitas convergiam no mesmo ponto, pensou o ex-oficial da KGB: que diabos era todo isso? por que planejava a morte de pessoas e pedia ao Popov que... acaso estaria fazendo todo isso para eliminar aos poucos terroristas que-davam no mundo? Isso tinha sentido? Utilizava ao Popov como agent *provocateur para fazê-los sair à luz e logo eliminá-los com ajuda* dos comandos antiterroristas de diversos países? Decidiu investigar um pouco a seu empregador. Não seria muito difícil, e a Biblioteca Pública de Nova Iorque estava a poucas quadras da Quinta Avenida.

Que classe de pessoas eram?

Quais? perguntou Popov.

Dortmund e Fürchtner esclareceu o chefe.

Tolos. Seguiam acreditando no marxismo-leninismo. Ardilosos a sua maneira, inteligentes em sentido técnico, mas nulos no aspecto político. Não foram capazes de trocar quando o mundo trocou. Isso perigoso. Não souberam evoluir, e por isso estão mortos como

188

epitáfio era bastante pobre, pensou Popov. Os dois alemães haviam cre-
cedo estudando as obras do Karl Marx, Friedrich Engels e toda a cabeça de
gado-

to... a mesma gente cujas palavras tinha mamado Popov em seu juven-

tud. Mas já desde menino Popov conhecia melhor o pano, e suas viagens internacionais como agente da KGB tinham fortalecido sua desconfiança para os discursos desses acadêmicos decimonônicos. As conversações mantidas com outros passageiros durante seu primeiro voo em um avião de fabricação americana lhe tinham ensinado muito. Mas Hans e Petra... bom, eles se tinham criado no sistema capitalista e conheciam todas suas vantagens e benefícios... e não obstante tinham decidido que esse sistema carecia de algo que eles necessitavam. Talvez, em certo modo, haveriam sentido quanto mesmo ele, pensou Popov: insatisfação, ganha de ser parte de algo melhor... Mas não, ele sempre tinha querido algo melhor para si mesmo, e eles sempre tinham querido levar aos demais ao Paraíso, liderar e governar como bons comunistas. E para alcançar essa visão utópica tinham atravessado voluntariamente um mar de sangue inocente. Tolos. Loucos. Popov viu que seu empregador havia aceito a versão abreviada de suas vidas e estava ansioso por despedir-lo.

Fique uns dias na cidade. Chamarei-o quando o necessitar.

Como você diga, senhor Popov ficou de pé, saiu da oficina e tomou o elevador até a planta baixa. Uma vez na rua, decidiu ir caminhando até a biblioteca com leões na entrada. O exercício o refrescaria a cabeça, e ainda tinha bastante que pensar. Quando o

precise podia ser o preâmbulo de outra missão, e muito em breve.

Erwin? Fala George. Como está, meu amigo?

foi uma semana muito movidita admitiu Ostermann. Seu médico pessoal o mantinha a base de tranqüilizadores que, a seu julgamento, não lhe faziam bem. Sua mente ainda recordava o medo. Felizmente Ursel tinha retornado a casa antes da missão de resgate, e essa mesma noite... ele se tinha deitado às quatro da manhã, e ela o havia abraçado, e em seus braços tinha tremido e chorado por todo o terror que tinha conseguido controlar até que esse homem Fürchtner havia morto a menos de um metro dele. Tinha sangue e partículas de malha na roupa. Terei que mandá-la a limpar. Dengler era o que pior a tinha passado e não se reintegraria a seus trabalhos até dentro de uma semana, pelo menos, por ordem dos médicos. Por sua parte, chamaria ao britânico que lhe tinha devotado um sistema integral de segurança, especialmente logo depois de ter sido aconselhado por seus salvadores. Bom, não preciso te dizer que me alegra que tenha saído bem parado daquilo, Erwin.

Obrigado, George lhe respondeu Ostermann ao Secretário do Tesouro dos Estados Unidos . Hoje valora mais a seus custódios que a semana passada?

Não o duvide. Espero que aumentem as oportunidades trabalhistas no ramo.

Uma boa oportunidade para investir? mofou-se Ostermann.

Não referia a isso replicou Winston, ao bordo da gargalhada.

Era bom rir dessas coisas, verdade?

George?

Sim?

Não eram austríacos, não foi como disseram a televisão e os diários... e me pediram que não o revelasse, mas acredito que você pode sabê-lo.

Eram americanos e britânicos.

Sei, Erwin, sei quem som, mas é tudo o que posso dizer ao respeito.

Devo-lhes a vida. Como poderia lhes pagar essa dívida?

Pagam-lhes para fazê-lo, meu amigo. É seu trabalho.

Vielleicht, mas foi minha vida a que salvaram, e a de meus empregados. Tenho uma dívida pessoal com eles. Há alguma maneira em que possa ajudá-los?

Não sei admitiu Winston.

Poderia averiguá-lo? Já que os conhece , faria-me o favor de averiguá-lo? Têm filhos, não? Poderia lhes pagar a educação, destinar recursos, não te parece?

Provavelmente não, Erwin, mas o averiguarei disse o Secretário do Tesouro, e anotou algo em seus papéis. Seria um verdadeiro aporrinho para alguns homens de segurança, mas talvez encontrarão a emanação, provavelmente através de algum estudo jurídico em Washington. Agradava-lhe que Erwin queria recompensar aos moços. *Nobreza obriga não tinha morrido de tudo ainda . Então, está seguro* de que te encontra bem, velho?

Sim; graças a eles, George.

Grandioso. Obrigado. Alegra-me escutar sua voz, amigo. Passarei a verte a próxima vez que viaje a Europa.

Espero-te, George. Que tenha um bom dia.

Você também. Adeus Winston apertou um botão do telefone. Talvez pudesse resolvê-lo agora mesmo . Mary, me comunique por favor com o Ed Foley da CIA.

190

CAPÍTULO 10

TOUPEIRAS

Fazia anos que Popov não investigava, mas ainda recordava como fazê-lo. Havia mais costure escritas a respeito de seu empregador que de muitos políticos o qual era justo, em opinião do russo, já que esse homem fazia costure mais importantes e interessantes para seu país e o mundo ,

mas os artigos em questão falavam de negócios e só lhe serviram para verificar a riqueza e influência do susodicho. Havia muito pouco sobre sua vida pessoal, exceto que estava divorciado. Uma verdadeira lástima. Seu ex-algema parecia atrativa e inteligente a julgar pelas fotos e a informação adicional a respeito dela. Talvez fora difícil estar juntos para dois indivíduos tão inteligentes. Se assim tinha sido, pior para a mulher, pensou Popov. Talvez aos americanos não gostasse ter competência intelectual sob seu mesmo teto. O desafio intelectual lhes resultava muito lhe intimidem aos fracos... e só um homem débil podia preocupar-se com essas coisas, pensou Popov.

Mas não havia nada que o vinculasse com terroristas ou terrorismo. Segundo o New York Times jamais tinham atentado contra ele, nem sequer um simples assalto a uma loja de rua. Embora essas coisas não sempre eram notícia, claro. Talvez um atentado que jamais tinha visto a luz do dia. Mas se tinha sido tão importante para alterar o curso de sua vida... teria havido que haver-se sabido, não?

Provavelmente. Quase com segurança, pensou. Mas a palavra quase era um obstáculo problemático para todo agente de inteligência. Este era um homem de negócios. Um gênio em seu campo científico e no manejo de uma corporação importante. Aparentemente, essas eram suas duas paixões. Havia muitas fotos com mulheres, quase nunca com a meus-

MA, em reuniões de caridade ou eventos sociais... todas belas, claro, como troféus de caça destinados a encher um espaço vazio na parede, um após o outro. Então, para que classe de homem estava trabalhando?

Popov teve que admitir que em realidade não sabia, admissão por demais perturbadora. Sua vida estava em mãos de um homem cujas motivações não compreendia. Em seu desconhecimento, não podia avaliar os perigos operativos que poderiam afetá-lo. Se alguém descobrisse os propósitos de seu empregador e o prendesse, ele, Popov, correria o risco de ser detido também por ofensas graves. Bom, pensou o ex-funcionário da KGB devolvendo os últimos periódicos ao bibliotecário, há-bia maneira de solucioná-lo. Sempre tinha uma valise preparada e dois

191

identidades falsas à mão. À primeiro sinal de problemas, se trasladaria a um aeroporto internacional e retornaria a Europa o antes correiossible. Uma vez ali, desapareceria e faria uso do dinheiro que tinha no banco. Já tinha suficiente para assegurar uma vida digna durante vários anos, talvez mais se encontrava um bom assessor financeiro. Desaparecer da face da Terra não era tão difícil para um tipo treinado como ele, pensava Popov, caminhando tranqüilamente pela Quinta Avenida. O único que se precisava eram quinze ou vinte minutos de venda-ja... Mas, acaso estava seguro de poder contar com eles...?

A polícia federal alemã seguia sendo tão eficiente como sempre, comprovou Bill Tawney. Os seis terroristas foram identificados em

menos de quarenta e oito horas, e embora ainda estavam realizando entrevistas exaustivas a seus vizinhos, amigos e familiares, a polícia já tinha enviado tudo o que sabia aos austríacos. De ali, informa-a-ción tinha passado à embaixada britânica em Viena, e de ali a Hereford. O pacote incluía a foto e os planos da casa do Fürchtner e Dortmund. Um deles tinha sido um pintor de talento considerável, observou Tawney. O relatório dizia que vendiam suas pinturas em uma galeria local, assinadas com pseudônimo, é obvio. Talvez aumentara seu valor a partir de agora, pensou burlescamente o Six, dando volta a página. Também tinham um computador, mas os documentos não eram de utilidade. Um deles (provavelmente Fürchtner, pensavam os investigadores alemães), tinha escrito largas diatribes políticas, incluídas mas não traduzidas ainda (o Dr. Bellow provavelmente querria as ler, pensou Tawney). Pelo resto, nada notável. Livros, a maioria de índole política, a maioria publicados e adquiridos na ex RDA. Boa equipe de televisão e estúdio e muitos discos e CDs de música clássica. Um automóvel decente de classe média, adequadamente mantido e assegurado por uma companhia local sob seus nomes falsos: Siegfried e Hanna Kolb. Não tinham amigos na vizinhança, eram bastante reclusos, e todos os aspectos públicos de suas vidas estavam in *Ordnung*, por isso não tinham provocado nenhuma classe de comenta-

rios. E não obstante, pensou Tawney, estavam ali escondidos como bandidos de presa... esperando o que?

O que os tinha disparado? A polícia alemã não encontrava explicações para isso. Um vizinho informou que umas semanas atrás havia visto um automóvel frente à casa... mas ninguém sabia quem os havia visitado nem com que propósito. Ninguém tinha reparado na patente do veículo, nem tampouco na marca, mas a entrevista transcrita dizia que se tratava de um automóvel de fabricação alemã, provavelmente branco ou ao menos de cor clara. Tawney não podia avaliar a importância de esse dado. Poderia tratar-se de um potencial comprador de arte, um agente de seguros... ou a pessoa que os tinha tirado de seu esconderijo para devolvê-los a sua antiga vida de terroristas radicais de extrema esquerda.

192

Para o Tawney não era incomum chegar à conclusão de que não podia tirar conclusões a partir da informação com a que contava. Opediu a sua secretária que enviasse os escritos do Fürchtner a um tradutor para posteriormente analisá-los com o Dr. Bellow... e foi praticamente o único que pôde fazer. Algo tinha despertado aos dois terroristas alemães de seu sonho profissional, mas não sabia o que. A polícia federal alemã poderia, talvez, tropeçar com a resposta a essa pergun-

lha... mas Tawney o duvidava. Fürchtner e Dortmund as haviam ingeniado para viver sem complicações em uma nação cuja polícia se especializava em encontrar gente. Alguém em quem confiavam, e a quem conheciam, tinha-os contatado e convencido de levar a cabo uma missão. Essa pessoa sabia como contatá-los, o qual significava que todavia existia uma espécie de rede terrorista internacional. Os alemães o tinham tido em conta e em seu relatório preliminar recomendavam maiores investigações através de informantes pagamentos... estratégia que podia, ou não, funcionar. Tawney tinha dedicado uns quantos anos de sua vida a filtrar-se nos grupos terroristas irlandeses, obtendo só êxitos menores, magnificados naquela época por sua raridade. Mas desde entónces o mundo terrorista tinha padecido um processo darwiniano de seleção natural. Os estúpidos tinham morrido e só os inteligentes tinham conseguido sobreviver. Por isso, depois de quase trinta anos de persecuciones por agências policiais cada vez melhor preparadas, os poucos terroristas que ficavam eram sem lugar a dúvidas muito inteligentes... e os melhores de todos tinham sido treinados em Moscou por oficiais de a KGB. Valeria a pena investigar por aí? perguntou-se Tawney. Os novos russos tinham cooperado um pouco... embora nem tanto na área terrorismo, talvez porque sentiam vergonha de seu antigo vínculo com essa classe de gente... ou talvez porque tinham destruído os registros, coisa

que os russos sustentavam incansavelmente e Tawney não terminava de acreditar. Essa gente não destruía nada. Os soviéticos tinham criado a burocracia mais avançada do mundo, e os burocratas simplesmente não *correio-dían destruir registros. Em qualquer caso, solicitar a cooperação de* os russos não competia a seu nível de autoridade, embora podia redigir um pedido que salteasse um ou dois níveis da cadeia até chegar a mãos de um funcionário hierárquico civil do Escritório do Exterior. Decedeu tentá-lo. Assim teria algo que fazer e a gente do Century House, a poucas quadras do Támesis do palácio do Westminster, se enteriaria de que seguia com vida e trabalhando.

Guardou todos os papéis no sobre de manila (suas notas incluída) e começou a redigir o pedido. Sua única conclusão era que todavia existia uma rede terrorista e que alguém conhecido por seus integrantes tinha as chaves desse espantoso reino efêmero. Bom, talvez os alemães averiguassem mais coisas, e talvez a informação chegasse a seu escritório. Se suas suspeitas se confirmavam, John Clark e Alistair Stanley estariam em condições de enviar um comando contra eles? Não, provavelmente a tarefa ficaria em mãos da polícia do país ou a cidade envoltos... e provavelmente alcançaria com isso. Não se nece-

sitava ser muito inteligente para acabar com eles. depois de tudo, os

franceses lhe tinham jogado a luva ao Carlos.

Illich Ramírez Sánchez não era um homem feliz, mas sua cela na prisão de La Sante não estava pensada para fazê-lo feliz. O (outrora) terrorista mais temido do mundo tinha matado muitos homens por mão própria... com a mesma facilidade e ligeireza com que subia o fechamento de sua braguilha. No passado o tinham açoitado todas as policiais e serviços de inteligência do mundo, e ele se burlou de todos dê-da segurança de sua moradia na Ex-Europa Oriental. Refugiado e a salvo, lia as especulações da imprensa a respeito de sua verdadeira identidade e a organização para a que trabalhava, junto com documentos de a KGB sobre as ações dos serviços estrangeiros para apanhá-lo... até que a Europa Oriental paralisou, e com ela o apoio estatal a seus atos revolucionários. E assim tinha terminado em Suam, onde começou a tomar a sério sua situação. Decidiu submeter-se a uma cirurgia estética, foi a um cirurgião de confiança, recebeu anestesia geral... ...e despertou a bordo de um avião comercial francês, pacote à a CA-milha, onde um francês lhe disse Bonjour, Monsieur Chacal com a radiação-você sorriso do caçador que acaba de capturar ao mais perigoso dos tigres com uma armadilha de laço. Finalmente julgado pelo assassinato de um informante covarde e dois oficiais de contrainteligência franceses em 1975, defendeu-se com brio... embora mais não fora para reconfortar

seu próprio e muito capaz ego. Se autoproclamó revolucionário profissional frente a um país que tinha padecido sua própria revolução doscientos anos atrás e não via a necessidade de padecer outra.

Mas o pior de tudo foi ter sido julgado como um vulgar... criminal, como se seu trabalho não tivesse tido conseqüências políticas. Ele tentou passá-lo por alto, mas o fiscal não soltou a presa e fez sua última apresentação com voz carregada de desprezo... Sánchez conservou a dignidade intacta durante todo o processo, mas internamente sentia a dor de um animal apanhado e teve que recorrer a toda sua coragem para não perder os estribos. E o resultado final não tinha surpreso a ninguém.

A prisão já tinha cem anos de antigüidade o dia de seu nascimento, e tinha sido construída sobre os alicerces de uma masmorra medieval. Sua minúscula cela tinha uma só janela, muito alta para sua escassa estatura. Não obstante, os guardas tinham uma câmara e o vigiavam as vinte e quatro horas do dia... como a um animal muito especial em uma jaula muito especial. Estava sozinho, absolutamente sozinho, tinha proibido o contato com outros prisioneiros e só saía de sua jaula uma vez por dia para fazer uma hora de exercícios em um pátio vazio. Carlos sabia que não poderia esperar nada melhor durante o resto de sua vida, e sua coragem fraquejava ante a certeza. O pior de tudo era o aborrecimento. Tinha livros para ler, mas estava constrangido aos dois metros quadra-

duas de sua cela... e o mais terrível era que o mundo inteiro sabia que o Chacal estava encerrado para sempre e começaria a esquecê-lo.

194

Esquecê-lo? O mundo inteiro tinha tremido ao escutar seu nome. Isso era o mais doloroso.

Teria que falar com seu advogado. Essas conversações seguiam sendo privilegiadas e privadas, e seu advogado sabia a quem chamar.

Lá vamos disse Malloy. Os dois motores turvo cobraram vida e o rotor de quatro folhas começou a girar.

Mau dia comentou o tenente Harrison pelo intercom.

Faz muito que está aqui? perguntou Malloy.

Umas semanas, senhor.

Bom, filhinho, agora saberá por que os britânicos ganharam a Batalha de Bretanha. São os únicos capazes de voar nesta mierda

Olhou a seu redor. Tudo estava baixo: as nuvens e a chuva incessante.

Verificou o tabuleiro de dificuldades pela segunda vez. Todos os sistemas da nave estavam em verde.

Entendido, coronel. Quantas horas no Night Hawk, senhor?

OH, setecentas aproximadamente. Agradam-me mais as possibilidades do Pave Low, mas a este gosta de voar. Chegou o momento de comprová-lo, jovencito Malloy acionou a alavanca e o Night Hawk

separou, um tanto instável devido aos ventos de trinta nós .

Tudo bem lá atrás?

Tenho minha bolsa para vômito replicou Clark, e Ding soltou uma gargalhada . Conhece um tipo chamado Paul Johns?

O coronel da Força Aérea destacado no Eglin? retirou-se faz aproximadamente cinco anos.

Esse é o tipo. O que opina dele? perguntou Clark com a intenção de medir ao Malloy.

Ninguém o supera acima de um helicóptero, especialmente se houvermos de um Pave Low. limita-se a lhe falar com a nave... e o cabeça de gado-ponde com doçura. Você o conhece, Harrison?

Só por reputação, senhor replicou o co-piloto do assento esquerdo.

É um tipo miúdo, bom golfista também. Agora é consultor e trabalha para o Sikorsky. Estamos acostumados a vê-lo periodicamente no Bragg. OK,

neném, vejamos o que tem aí Malloy fez girar o helicóptero em curva fechada para a esquerda . Ja, não há nada melhor que um -60. Maldita seja, adoro estas coisas. OK, Clark, qual é a missão?

O edifício de lá, simulacro de desdobramento em fileira.

Encoberto ou assalto?

Assalto.

É fácil. Algum lugar em particular?

Esquina sudeste, se puder.

OK, lá vamos Malloy girou o controle à esquerda e adelan-

lhe, fazendo descender ao helicóptero como um elevador em picada, apun-
tando para o edifício como um falcão para sua presa... e como um hal-
cón descendeu rapidamente sobre o lugar indicado, com uma transição

195

tão suave que o co-piloto olhou para trás, atônito ante a manobra .

Que tal esteve isso, Clark?

Bastante bem admitiu Rainbow Six.

Ato seguido, Malloy acelerou para sair a toda velocidade do Dodge
City... quase, mas não de tudo, como se jamais tivesse aterrissado sobre o
edifício.

Poderei melhorar minha atuação quando conhecer a sua gente e saiba a
que velocidade se lançam, mas o desdobramento em linha é muito melhor,
não lhe parece?

Sempre que você não tenha uma percepção equivocada da
profundidade e não nos estampe contra a maldita parede observou Chávez.

O comentário provocou um olhar cúmplice e uma expressão de pânico.

Muchachito, sempre tratamos de evitar essas coisas. Ninguém me

supera na manobra cadeira de balanço, senhores.

É difícil de endireitar comentou Clark.

Sim, é-o admitiu Malloy , mas também sei tocar o piano.

Esse homem esbanjava confiança. Até o co-piloto pensou que se excedia um pouco, mas tomou a bem, especialmente quando Malloy réulizó uma nova manobra arriscada para aterrissar. Vinte minutos depois estavam novamente em terra.

E assim faço eu as coisas, moços proclamou Malloy quando o rotor deixou de girar . Agora bem, quando começa o treinamento sério?

Parece-lhe bem amanhã? perguntou Clark.

Perfeito, general, senhor. Outra pergunta, praticamos com o Night Hawk ou tenho que me acostumar a outro pássaro?

Ainda não o decidimos admitiu John.

Bom, é importante que o decidam logo. Cada helicóptero dá uma sensação diferente e isso pesa muitíssimo sobre minhas manobras assinalou Malloy . Me dirijo melhor em um destes. Sou quase imbatível com um Huey, mas são muito ruidosos ao aproximar-se e não servem para missões secretas. Quanto ao resto, bom, terei que acostumar-me. Levará-me umas quantas horas me sentir de tudo cômodo Por não mencionar o fato de aprender onde estavam os controles, já que não

havia dois helicópteros no mundo que tivessem todos os diales, perillas e controles no mesmo lugar, coisa que ocasionava dificuldades a os aviadores da época dos Irmãos Wright . Se nos desplegamos estarei arriscando vistas, a minha e as de outros, cada vez que decolagem. Preferiria reduzir os riscos ao mínimo. Sou um tipo prudente, sabe?

Hoje mesmo me ocuparei disso prometeu Clark.

Melhor assim Malloy assentiu e foi trocar se.

Popov jantou em um restaurante italiano a meia quadra de seu edifício, onde pôde desfrutar do clima fresco da cidade e dar várias pitadas a um charuto Montecristo antes de voltar para seu departamento. O

196

ficavam muitas coisas por fazer. Tinha conseguido os vídeos da cobertura jornalística dos dois atentados terroristas e queria estudá-los. Em ambos os casos os jornalistas falavam alemão (primeiro suíço, depois austríaco), idioma que Popov dominava à perfeição (como um nativo da Alemanha). Apoltronado em uma poltrona, controle remoto em mão, de vez em quando retrocedia para voltar a ver um pouco de interesse passageiro, estudando as filmagens muito bem e memorizando cada detalhe. O mais interessante, é óbvio, eram os dois comandos de assalto que haviam resolvido os atentados mediante uma ação decisiva. As

imagens eram de baixa qualidade. A televisão simplesmente não servia para obter boas imagens, especialmente com pouca luz e do ciente de metros de distância. No caso do primeiro vídeo (o da Berna), havia apenas noventa segundos de preparativos do comando de assalto... e essa parte não tinha sido emitida durante o ataque a não ser depois. Os homens se moviam profissionalmente, de uma maneira que lhe recordava em algo os balés russos, tão extrañamente delicados e estilizados eram os movimentos desses homens vestidos de negro que se aproximavam de direita e esquerda... e logo, intempestivamente, a ação rápida e cegadora pontuada pelos saltos da câmara (devidos à ação de os explosivos). Não se escutaram disparos. Então tinham armas silenciadas. Isso se fazia para que as vítimas não identificassem a proveniência dos disparos... mas neste caso não tinha tido a menor importância, já que os terroristas/criminales tinham morrido até antes de poder aproveitar a informação. Mas assim se faziam as coisas. Este negócio se programava da mesma maneira que qualquer esporte profissional e tinha suas próprias, letais regras de jogo. A missão concluída em segundos, o comando de assalto abandonou o lugar e a polícia da Berna ingressou em limpar o desastre. Os tipos de negro atuavam discretamente, como soldados disciplinados em um campo de batalha. Nada de apertões de mãos ou outras demonstrações. Não, estavam de-

masiado bem treinados para permitir-se essa classe de efusões. Nem sequer tinham aceso um cigarro... ah, um deles havia encendi-
dou sua pipa... Logo chegou o inevitável comentário descerebrado dos
jornalistas locais: falavam regozijados de sua unidade policial de elite e
de como tinha salvado as vistas de todos os que estavam no banco,
undo sou weiter, pensou Popov, levantando-se para trocar o vídeo.
A cobertura televisiva da missão de Viena era ainda mais correio-
bre devido às condições físicas da casa do magnata. Linda quase-
lha, para falar a verdade. Só os Romanov poderiam ter tido uma casa de
campo igual a essa. A polícia austríaca tinha controlado deliberada-
mente a transmissão televisiva, o qual era perfeitamente sensato em
opinião do Popov, embora não lhe servisse de muito. A filmagem mostra-
BA o fronte da casa com soporífera regularidade, imagem pontuada por
o discurso monótono do jornalista que repetia até o cansaço as
mesmas coisas e informava aos televidentes que não podia falar muito
devido à proximidade da polícia. Havia movimento de veículos e
em um momento se viu a chegada do que devia ser o comando de

197

assalto austríaco. Interessante. Chegaram vestidos de civil e se trocaram
rapidamente... o uniforme parecia verde... não, tinham macacões verdes
sobre o uniforme negro. A que se deveria? Os austríacos tinham dois

homens armados com rifles de olhe telescópica que desapareceram rapidamente no interior de um automóvel... que provavelmente os transladaria à parte de atrás do schloss. O líder do comando de assalto, um hombreiro bastante miúdo, parecido ao que liderava o comando de Berna, estudava uma quantidade de papéis... os mapas/diagramas/planos da casa e seus arredores, sem dúvida. Logo, pouco antes de meia-noite, desapareceram todos... e Popov ficou olhando a imagem de a mansão iluminada por refletores, imagem acompanhada pelas é-túpidas especulações de um repórter mau informado... e logo, pouco depois de meia-noite, escutou-se o longínquo pop de um rifle, seguido por outros dois pops, silêncio, e frenética atividade da polícia uniformizada obstruindo o campo de visão da câmara. Vinte policiais correram para a porta com metralhadoras livianas. O jornalista falou de um súbito estalo de atividade, coisa que o mais torpe dos espectadores de gado podia ver com seus próprios olhos. Seus soube palavras foram seguidas

por comentários ininteligíveis, até que finalmente anunciou que todos os reféns estavam vivos e todos os criminosos mortos. Outra passagem de tempo, e nova aparição do comando de assalto verdinegro. Como no caso da Berna, não houve demonstrações francas de autocomplacência. Um deles parecia estar chupando uma pipa enquanto outro

conversava brevemente com um policial vestido de civil, provavelmente o capitão Altmark, comandante de campo do atentado. Os dois tipos deviam conhecer-se, já que falaram muito pouco antes de que o comando policial paramilitar abandonasse a cena, tal como tinha passado em Berna. Sim, ambas as unidades antiterroristas seguiam ao pé da letra as instruções do mesmo livro, pensou Popov.

A imprensa falou logo depois da capacidade da unidade policial especializada. O mesmo tinha passado na Berna, mas não era para surpreender-se... já que os jornalistas dirigiam o mesmo código estúpido e insensato, fora qual fosse seu idioma ou sua nacionalidade. As palavras de ambas as declarações policiais eram quase idênticas. Bom, alguém hábria treinado aos dois comandos, provavelmente a mesma agência.

Talvez o grupo GSG-9 alemão (que, com ajuda britânica, havia resuelto o atentado do Mogadishu vinte anos atrás) dedicava-se a treinar forças de países que falavam seu mesmo idioma. Certamente, a eficácia do treinamento e a frieza de ação de ambos os comandos o pareceram muito germanas ao Popov. Tinham atuado como máquinas antes e depois dos assaltos, chegando e partindo como fantasmas, sem deixar outra esteira que os cadáveres dos terroristas. Um povo eficiente, o alemão, e também os policiais germânicos que treinavam. Popov, russo por nascimento e por cultura, sentia pouca avaliação pela

nação que outrora tinha matado a tantos compatriotas deles, embora respeitava aos alemães e sua capacidade de trabalho. Além disso, os terroristas que tinham liquidado não significavam uma grande perda para o

198

mundo. Inclusive quando colaborou para treiná-los como oficial ativo de a KGB soviética não se preocupou muito por eles, ao igual ao resto de a agência. Consideravam-nos (embora não precisamente os idiotas úteis dos que tinha falado Lenin) cães de ataque para ser desatados quando fora necessário, indignos da confiança daqueles que apertavam-nos isso. E tampouco eram tão eficientes para falar a verdade. O único que tinham conseguido era a instalação obrigatória de detectores de metais nos aeroportos, para desgosto e moléstia dos viajantes internacionais. Certamente lhes tinham complicado a vida aos israelenses, mas que importância tinha esse minúsculo país na cena mundial? E mesmo assim, o que tinha passado? Se a gente obrigava a um país a adaptar-se a circunstâncias adversas, adaptava-se rapidamente. Por isso O Ao, a aerolinha israelense, era a mais segura do mundo, e os policiais de todo mundo sabiam a quem vigiar e registrar exaustivamente... e se todo o resto falhava, a polícia contava com unidades especiais antiterroristas como as da Berna e Viena. Treinadas por alemães para matar como alemães. A partir de agora, todos os terroristas que

enviasse a fazer maldades teriam que enfrentar-se a essas malditas unidades. Má sorte, pensou Popov, sintonizando um canal de cabo enquanto rebobinava a cinta. Não tinha tirado nada em limpo dos vídeos, mas era oficial de inteligência e portanto tenaz. serve-se um vodca Absolut puro sentia saudades o Starka russo, muito superior e deixou vagar sua mente em liberdade enquanto olhava um filme por televisão.

Sim, general, já sei disse Clark por telefone às 13:05 da tarde seguinte, amaldiçoando em silêncio as diferenças horarias.

Isso também sairia de meu pressuposto assinalou o general Wilson. Primeiro lhe tinham pedido um homem, depois equipes, e agora pediam-lhe recursos...

Posso tentar resolvê-lo com o Ed Foley, senhor, mas necessitamos as máquinas para nos treinar. Você nos mandou um excelente aviador adicionou Clark, com a secreta esperança de moderar o célebre temperamento do Wilson.

Não serve de muito.

Sim, sei que é bom. Por essa razão estava trabalhando para mim em primerísimo lugar.

A velhice o está voltando ecumênico, pensou John. Agora se dedica a elogiar marinhe... um pouco bastante incomum para um comevíboras do Ejér-

cito e ex-comandante do Corpo XVIII.

General.... senhor, você sabe que já cumprimos um par de misio-
nes e que, com toda modéstia, meus homens se dirigiram muito bem.

Tenho que brigar por minha gente, não lhe parece?

Isso tranqüilizou ao Wilson. Ambos eram comandantes, ambos tinham
um trabalho que fazer e gente que comandar... e defender.

199

Compreendo sua posição, Clark. De verdade. Mas não posso entre-
nar a meus homens em máquinas que você se levou.

E se praticássemos tempo compartilhado? Clark ofereceu seu últi-
MA ramo de olivo.

De todos os modos necessitaria um bom Night Hawk.

Mas lhe seria muito útil. Quando terminar isto, teria uma excelen-
você tripulação de helicóptero para trabalhar com sua gente no Fort Bragg...
e os custos se reduziriam a zero, senhor Boa jogada, pensou Clark.

Na Base MacDill da Força Aérea, Wilson pensou para seus
adentros que era uma proposição perdedora. Rainbow era uma opera-
ción a prova de balas, e todo mundo sabia. Esse tipo Clark se a
tinha vendido primeiro à a CIA e logo ao muito mesmo presidente... E sim,
realizaram dois desdobramentos, e os dois resultaram bem, embora o segun-
dou foi bastante infeliz. Mas Clark, por muito inteligente que fora e

por muito bom comandante que parecesse ser, não tinha aprendido ainda a dirigir uma unidade no mundo militar moderno, onde era imprescindível passar a metade do tempo conseguindo dinheiro como um contador pusilânime em lugar de estar à frente e treinar com as tropas. Isso tirava de gonzo ao Sam Wilson, muito jovem para seus quatro estrelas, soldado profissional que queria ser soldado, desejo que o alto comando lhe impedia de cumprir muitas vezes apesar de sua preparação e vontade. O mais molesto de tudo era que essa unidade Rainbow ia roubar lhe parte do negócio. O Comando de Operações Especiais tinha compromissos em todo mundo, mas a natureza internacional do Rainbow implicava sua presença constante na mesma linha de trabalho, de uma vez que sua natureza politicamente neutra o fazia mais digerível aos países que pudessem requerer seus serviços especiais. Clark podia barrá-lo do mapa, e não em sentido figurado, e ao Wilson não gostava para nada essa possibilidade.

Mas, para falar a verdade, não tinha opção.

OK, Clark, pode utilizar o helicóptero sempre e quando a unidade mãe possa partir com ele, e sempre e quando seu uso não interfera com o treinamento e a disponibilidade dessa unidade mãe.

Está claro?

Sim, senhor, está claro respondeu Clark.

Eu gostaria de lhe jogar uma olhada a seu pequeno circo disse Wilson.

Encantado, general.

Já veremos grunhiu Wilson, e cortou a comunicação.

O filho de puta é mais duro que uma pedra suspirou John.

Absolutamente coincidiu Stanley . depois de tudo, estamos pisando em seu terreno.

Agora é nosso terreno, Ao.

Sim, é-o, mas não espere que lhe goste.

E é mais jovem e mais duro que eu?

Uns anos mais jovem, e no pessoal eu não gostaria de cruzar arma com o cavaleiro Stanley sorriu . Aparentemente a guerra terminou, John, e aparentemente saiu vitorioso.

200

Clark esboçou um sorriso satisfeito.

Sim, Ao, mas é mais fácil entrar em ação e matar gente.

Absolutamente.

O que está fazendo o comando do Peter?

Prática de descida em linha.

vamos jogar uma olhada disse John, contente de ter uma desculpa para levantar do escritório.

Quero sair deste lugar disse a seu advogado.

Entendo, meu amigo replicou o legista, olhando de soslaio a seu redor. Na França (como nos EUA), as conversações entre os advogados e seus clientes tinham um status privilegiado e não podiam ser gravadas nem utilizadas de maneira nenhuma pelo estado, mas nenhum dos dois confiava em que os franceses respeitassem a lei, especialmente você desde que o DGSE o serviço de inteligência francês havia feito o impossível por levar ao Illich ante a justiça. O DGSE tinha fama de não reger-se pelas regras de conduta civilizada internacional, tal como o tinham comprovado para sua desgraça indivíduos tão diferentes entre si como os terroristas internacionais e os ativistas de Greenpeace.

Bom, havia mais gente falando no mesmo lugar e não se viam microfones. Além disso, ambos tinham rechaçado as cadeiras oferecidas por os guardiacárceles e optado por uma mesa perto da janela porque, conforme haviam dito, preferiam a luz natural. É óbvio que podia haver microfones ocultos em todos os gabinetes.

Devo lhe dizer que as circunstâncias de sua condenação não se emprestam facilmente a nenhuma classe de apelação lhe recordou o advogado. Isso não era nenhuma novidade para seu cliente.

Sei perfeitamente. Necessito que faça um chamado telefônico.

A quem?

O Chacal lhe deu um nome e um número.

lhe diga que desejo ser liberado.

Não posso participar de uma ação criminal.

Tive-o em conta observou Sánchez com frieza de lagarto .

lhe diga também que a recompensa será grande.

suspeitava-se, embora não se sabia com certeza, que Illich Ramírez Sánchez tinha armazenado uma importante quantidade de dinheiro resultante de suas operações quando estava em liberdade. O dinheiro provinha principalmente do atentado contra os ministros da OPEC no Austria quase vinte anos atrás, o qual explicava que Carlos e seu grupo não tivessem matado a ninguém verdadeiramente importante a pesar do escândalo que tivessem provocado se o faziam (cabe recordar que os comvinha obter simultaneamente imprensa e aplausos). Mas negócios eram negócios, inclusive para essa classe de gente. E alguém tinha pago seus próprios honorários, pensou o advogado.

Que mais quer que lhe diga?

201

Isso é tudo. Se responder no ato, me transmita sua decisão disse o Chacal. Seus olhos ainda conservavam certa intensidade, algo frio e distante... inclusive ali, olhando profundamente a seu interlocutor e dava-ciéndole como deviam ser as coisas.

Por sua parte, o advogado voltou a perguntar-se por que havia aceptado trabalhar para esse cliente. Tinha uma larga história como defensor de causas radicais, que lhe tinha outorgado notoriedade e uma ampla e lucrativa carreira como criminalista. Devia ter em conta o atrativo do perigo, é obvio. Ultimamente tinha defendido três casos gordos de narcotráfico e os tinha perdido. A seus clientes não havia gustado a idéia de passar vinte anos ou mais na prisão e o tinham feito saber. Acaso o mandariam matar? Tinha passado algumas vezes em EUA e também em outros países. Nesse caso a possibilidade era mais longínqua, já que não lhes tinha prometido nada a esses clientes... exceto fazer o melhor por eles. O mesmo valia para o Carlos o Chacal. Depois de sua condenação, o advogado tinha tomado o caso, apelado... e perdido (predeciblemente). Os altos tribunais franceses não tiveram clemência por um homem que tinha cometido assassinatos em chão francês e, se por acaso isso fora pouco, gabava-se disso. Agora esse mesmo homem havia trocado de idéia e decidido (petulantemente) que não lhe sentava a vida na prisão. O advogado sabia que transmitiria a mensagem, que tinha que fazê-lo... mas isso o faria partícipe acaso de um ato delitivo?

Decidiu que não. lhe dizer a um conhecido de um cliente que este último desejava ser liberado... bom, quem não desejaria ser liberado nessas circunstâncias? E além disso a mensagem era equívoco, podia ter múlti-

ples interpretações. Podia ser um pedido de ajuda para uma nova apelação, a revelação de nova evidência exculpatória. algo.

E além disso, tudo o que Sánchez lhe pedia que fizesse era informação privilegiada, não?

Transmitirei sua mensagem prometeu a seu cliente.

Merci.

Era algo formoso de ver, inclusive na escuridão. O helicóptero MH-60K Night Hawk ingressou em aproximadamente trinta milhas por hora, a quase duzentos pés do chão, e se aproximou do edifício de simulacros do sul, na mesma direção que o vento. Voava suavemente, como se não se tratasse de uma manobra tática de desdobramento.

Mas do helicóptero pendia uma soga de nylon escuro de aproximadamente cento e cinqüenta pés de comprimento e apenas visível com o melhor equi-

correio do NGV, e no extremo da soga se encontravam Peter Covington, Mike Chin e outro integrante do Comando 1 pendurando do Sikorsky Negro em seus trajes ninja negros. O helicóptero continuou sua marcha suave e constante até que o nariz esteve perto da parede do edifício. Em esse instante levantou o nariz e diminuiu rapidamente a velocidade.

Os homens que pendiam da soga empurraram para frente, como meninos em uma rede, e logo, ao chegar ao limite do arco, novamente

empurraram para trás. O impulso para trás os congelou no ar, fazendo que sua velocidade coincidisse com a do movimento remanente do helicóptero, e imediatamente aterrissaram no teto, quase como se tivessem descido de um objeto imóvel. Covington e seus homens se desengancharam no ato da soga. A ínfima diferença de velocidade entre seus pés e o teto imóvel não produziu nenhum ruído. Apenas hubieron descendido, o helicóptero apontou o nariz para baixo e retomou seu ritmo normal de vôo. Qualquer observador em terra haveria pensado que só se limitou a sobrevoar o edifício a baixa velocidade. E de noite era virtualmente invisível, inclusive com lentes de visão noturna.

Genial suspirou Stanley . Nem um som.

É tão bom como proclama comentou Clark.

Como se tivesse escutado os comentários, Malloy aproximou o helicóptero e levantou os polegares em direção a eles antes de orbitar o área para prosseguir o simulacro. Em uma situação real, esse procedimento seria útil em caso de evacuações de emergência... e também para que a gente se acostumassem à presença de helicóptero e empeza a considerá-lo parte da paisagem, como as árvores. Desse modo desapareceria na noite e seu ruído se confundiria com o canto dos

rouxinóis, a pesar do perigo inerente indicado por sua presença. A todos os surpreendia um pouco esse peculiar mimetismo , mas era o resultado da simples aplicação da natureza humana ao mundo de as operações especiais. Se se estacionava um tanque na garagem, dois ou três dias depois se converteria em um automóvel mais. O trio de atiradores do Covington circulou pelo teto durante uns minutos, desapareceu pelas escalerillas que levavam a interior do edifício, e emergiu poucos segundos depois pela porta principal.

OK, Mr. Urso, aqui Six. Prática concluída. Retorne a pajare-ra, coronel, mudança.

Entendido, Six. Mudança foi a breve resposta. O Night Hawk saiu de órbita e se dirigiu ao heliporto.

O que opina? perguntou-lhe Stanley ao maior Covington.

É excelente. Como descer de um trem detido. Malloy sabe o que faz. Mike?

Ponha-o na lista, senhor confirmou Chin . Com esse tipo sim que pode-se trabalhar.

O helicóptero está muito bem mantido disse Malloy vinte minutos mais tarde, já no clube. Vestia seu traje do Nomex verde e levava um cachecol amarelo no pescoço como tudo bom aviador. Não obstante, ao Clark pareceu bastante estranho o traje.

E esse cachecol?

Ah isto? É o cachecol do A-10. Me deu de presente isso um dos mu-chachos que resgatei no Kuwait. Acredito que traz boa sorte e sempre eu gostei dos Warthog. Assim que a uso em todas minhas missões.

203

É muito difícil fazer a manobra de transição? perguntou Covington.

O timing tem que ser muito bom e terá que adivinhar o vento.

Sabe o que me ajuda a estar em forma?

me diga disse Clark.

Tocar o piano Malloy bebeu um gole de cerveja e sorriu .

Não me pergunte por que, mas sempre vão melhor depois de tocar um pouco o piano. Talvez me ajude a relaxar os dedos. Como é, esse helicóptero que nos emprestaram está muito bem. Os cabos de controle têm a tensão correta e as válvulas funcionam. Quanto à tripulação de terra da Força Aérea... bom, terei que convidá-los a uma cerveja.

Realmente sabem como preparar um helicóptero. Grande equipe de mecânicos.

São-o interveio o primeiro tenente Harrison. Pertencia ao

Primeira asa de Operações Especiais e, por conseguinte, era tecnicamente responsável pelo helicóptero, embora lhe agradava poder contar

com um professor tão bom como Malloy.

Essa é a metade do segredo dos helicópteros: os ter a ponto
prosseguiu Malloy . Vêem esse que está aí? Só lhe falta falar.

Como um bom rifle demarcou Chin.

Como um bom rifle disse Malloy, levantando seu copo de cerve-
za . E bem moços, o que podem me dizer de suas duas primeiras meu-
siones?

Cristãos 10, Leões 1 replicou Stanley.

A quem perderam?

Foi na Berna. Mataram a um refém antes de que entráramos em
cena.

Toupeiras hiperkinéticos?

Algo assim assentiu Clark . Não demonstraram muita inteligência
ao transpassar os limites dessa maneira. Inclusive pensei que eram vulgares
e silvestres ladrões de banco, mas as investigações posteriores dê-
cobriram uma conexão terrorista. Talvez só necessitassem dinheiro, por
suposto. O Dr. Bellow não conseguiu discernir o que procuravam.
olhe-se como se olho, são delinquentes, assassinos, como quero
chamá-los disse Malloy . Treinei pilotos de helicóptero para o FBI e
passei umas semanas no Quantico com o Comando de Resgate do Rehe-
nes. Doutrinaram-me sobre o flanco psicológico da questão. Me

pareceu bastante interessante. Esse Dr. Bellow é Paul Bellow, o tipo que escreveu três livros?

O mesmo.

É muito inteligente.

Essa é a idéia, coronel Malloy disse Stanley, ordenando outra ronda de cerveja.

Mas, sabem o que? Nós precisamos saber só uma coisa acerca deles disse Malloy, retomando sua identidade de coronel do Corpo de Marinhe dos EUA

Como eliminá-los Mike Chin completou a frase.

204

O Turtle Bar Inn & Lounge era uma sorte do destino obrigado sobre o Columbus Avenue, entre a 68 e a 69, conhecido e preferido por locais e turistas. A música era ruidosa (mas não muito) e a área iluminada (embora não muito bem). A bebida era um pouco mais cara que em outros sítios, mas o custo extra se devia à atmosfera (que o proprietário teria definido como inapreciável).

Então disse o homem, bebendo um sorvo de rum e Coca-Cauda . Vive por aqui?

Estou-me mudando respondeu ela, bebendo um pouco . Procuro trabalho.

O que sabe fazer?

Secretária de estudo jurídico.

Gargalhada.

Encontrará trabalho a montões. Aqui temos mais advogados que taxistas. De onde disse que foi?

Dê Moines, Iowa. Esteve ali alguma vez?

Não, sou local replicou o homem. Mentia. Tinha nascido em Los Angeles fazia trinta anos . Trabalho como contador para o Peat Marwick isso também era mentira.

Mas os bares para solteiros eram lugares aptos para mentir, e tudo o mundo sabia. A garota: vinte e três anos aproximadamente, recentemente saída do secretariado, cabelo e olhos pardos, precisava perder um par de quilogramas, mas estava bastante bem se a um gostava de petizas. Já tinha consumido três goles para demonstrar que era digna da sofisticação e o encanto da Grande Maçã.

Já tinha estado aqui antes? perguntou ele.

Não, é a primeira vez que venho. E você?

Faz uns meses que venho, é um lindo lugar para conhecer gente. Já lhe contou outra mentira, mas as mentiras fluíam espontaneamente em lugar de cabeça de gado como esse.

A música está um pouco forte disse ela.

Bom, em outros sítios é muito pior. Vive perto?

A três quadras. Subloco um pequeno estudo em um edifício.

Minhas coisas chegarão dentro de uma semana.

Então, ainda não te mudou de tudo?

Não.

Bom. Bem-vinda a Nova Iorque...

Anne Pretloe.

Kirk Maclean Se deram a mão e ele a reteve mais tempo do necessário para lhe fazer sentir sua pele, condição prévia e necessária para o afeto casual que precisava provocar nela. Poucos minutos depois estavam dançando (quer dizer, tropeçando e sacudindo-se com outra gente na escuridão da pista). Ele tinha começado a desdobrar sua plumagem e ela sorria embevecida. Em outras circunstâncias teriam podido chegar a algo, pensou Kirk. Mas essa noite não.

205

O bar fechou às duas da manhã e ele a acompanhou até a porta. Os sete goles consecutivos logo que diluídos por amendoins e pretzels a tinham sumido na mais completa bebedeira. Ele havia bebido só três, cuidadosamente digeridos com toneladas de amendoins.

Bom disse quando chegaram à rua , me permita acompanharte a sua casa.

Só são três quadras.

Annie, é tarde, e estamos em Nova Iorque, OK? Tem que aprender onde pode ir e onde não. Vamos concluir, tomando a de a mão e arrastando-a brandamente até a esquina. Havia estacionado sua BMW a meia quadra da Broadway. Galantemente abriu a porta para ela, logo a fechou, e deu a volta para entrar em automóvel. Deve-te ir muito bem comentou Anne Pretloe, olhando apreciativamente o BMW.

Sim, bom, a muita gente gosta de evadir impostos, sabe? arrancou e tomou por uma rua lateral, em direção contrária à casa da garota, mas ela estava muito ébria para dar-se conta. Girou a a esquerda sobre a Broadway e detectou a caminhonete azul, estacionada em um lugar tranqüilo. A meia quadra de distância fez gestos com as luzes, deteve o automóvel e apertou o botão para abrir os guichês do condutor e o acompanhante.

Né disse , conheço esse tipo.

Né? respondeu Pretloe, sem saber onde estavam nem aonde estavam indo. De todos os modos, já era muito tarde para ela.

Olá, Kirk disse o homem do macacão, apoiando-se sobre a vêmetanilla do acompanhante.

Olá, velho replicou Maclean levantando os polegares.

O outro se agachou e tirou um pequeno aerossol da manga. Apertou o botão de plástico vermelho e orvalhou com éter a cara da Anne Pretloe. Ela abriu muito os olhos durante um segundo, surpreendida e assustada. deu-se volta para olhar ao Kirk durante o que pareceu uma eternidade e logo se desvaneció.

Cuidado com as drogas, velho, esta garota tem litros de álcool no corpo.

Não se preocupe Golpeou o flanco da caminhonete e imediatamente apareceu outro homem. O recém-chegado escrutinou a rua, abriu a porta do automóvel, elevou a Anne Pretloe e levou sua silhueta deprimida à porta traseira da caminhonete, onde a deixou em companhia de outra jovem enrolada por outro empregado da companhia essa mesma noite. Maclean se afastou pela direita, contente de que o ar que entrava pelo guichê aberto eliminasse o aroma do éter. Subiu a autopista do West Side e se dirigiu ao norte, para a ponte George Washington. OK, ele já tinha conseguido dois, e os outros haveriam conseguido seis mais. Faltavam apenas outras três para concluir a parte mais perigosa da operação.

206

CAPÍTULO 11

INFRA-ESTRUTURA

O advogado fez a chamada. Como era de esperar, teve que reunir-se a almoçar com um homem de quarenta e tantos anos que lhe fez um par de perguntas e se retirou antes de que lhes servissem a sobremesa. Assim deu por concluída sua participação nos fatos. Pagou a conta em efetivo e voltou caminhando a seu estudo acossado por uma irresoluble pergunta: o que tinha feito, a que teria dado início? Impossível conhecer a cabeça de gado-posta. Era o equivalente intelectual de uma ducha logo depois de vários dias de trabalho suarento, e embora não tão satisfatória, ele era advogado e estava acostumado às vicissitudes da vida.

Seu interlocutor saiu do restaurante e tomou o metro. Trocou três vezes de trem antes de subir ao que passava perto de sua casa, próxima a um parque célebre por sua oferta de prostitutas. Se havia algo que denunciar do sistema capitalista, pensou, era esse lugar, embora a tradição ia além dos embates do atual sistema econômico. Essas mulheres eram um apetitoso bocado para as assassinas séries, oferecendo-se com a menor quantidade de roupa possível para acelerar o trâmite. Dobrou a esquina e entrou em seu edifício onde, com um pouco de sorte, outros o estariam esperando. Comprovou que a sorte o acompanhava. Um de seus convidados tinha preparado café.

Isto tem que terminar aqui disse Carol Brightling, a sabida de que não seria assim.

Claro, doc disse seu visitante, bebendo um sorvo de café OEOB .

Mas como diabos pensa convencê-lo a ele?

O mapa estava desdobrado sobre a mesa ratona de seu escritório:

Baía Prudhoe, no leste da Alaska, era uma zona de tundra de mais de mil milhas quadradas e os geólogos do British Petroleum e Atlantic Richfield as duas companhias que tinham explorado a Ladeira Norte de Alaska, construído o oleoduto e, por conseguinte, contribuído ao desastrosa do Exxon Valdez se pronunciaram publicamente. Esse jazida petrolífera, chamado AARM, duplicava em tamanho a Ladeira Norte. O relatório, ainda parcialmente classificado como relativo a a indústria, tinha chegado à Casa Branca uma semana atrás com a confirmação anexa de Investigação Geológica dos Estados Unidos (agência federal dedicada à mesma classe de trabalho) e a opinião de

207

os geólogos que consideravam que a jazida se estendia até mais neste direção, atravessando a fronteira com o Canadá. Por outra parte, só podiam trabalhar sobre hipóteses, já que os canadenses ainda não tinham iniciado sua investigação. A conclusão do resumo ejecutivo expor a possibilidade de que a jazida (em sua totalidade) rivalizara com o da Arábia Saudita, embora era muito mais difícil transportar o petróleo de ali... exceto pelo fato , prosseguia o relatório, de

que já se construiu o oleoduto Trans-Alaska e os novos yacimientos requereriam somente uma extensão de poucas milhas do faço ondas-ducto lhe preexistam, o qual, concluía arrogantemente o relatório, não há-bia produzido impacto ecológico negativo.

Salvo pelo maldito episódio do navio tanque observou a Dra.

Brightling bebendo o primeiro café dessa manhã. Que tinha matado milhares de inocentes aves selvagens e centenaes de lontras marinhas.

Sem esquecer que tinha quebrado quilômetros de costa antiga.

Será uma catástrofe se o Congresso permitir que isto siga adelan-lhe. meu deus, Carol, o rena, os pássaros, todos os predadores. Há ursos polares, e pardos, e inclusive ursos grizzly... e o meio ambiente é tão delicado como um bebê recém-nascido. Não podemos permitir que as petroleiras entrem ali!

Já sei, Kevin respondeu a assessora científica da presidem-CIA com gesto enfático...

O dano não se repararia jamais. A capa de gelo permanente... não existe nada mais delicado na face da Terra disse o presidente do Serra Clube com maior ênfase até . Nos devemos isso, o devemos a nossos filhos... o devemos ao planeta! Este documento débito ser eliminado! Não me importa o que custe tem que desaparecer!

Deve convencer ao presidente de retirar qualquer indício de apoio a

esse maldito projeto. Não podemos permitir que aconteça esta violação ecológica.

Kevin, teremos que atuar com inteligência. O presidente o vê como uma questão de equilíbrio de gastos. Se tivéssemos petróleo próprio não teríamos que gastar dinheiro comprando petróleo a outros países. Pior ainda, crie às empresas petroleiras quando dizem que extraem e transportam o petróleo sem maiores prejuízos para o meio ambiente e que podem reparar os danos que produzem accidentalmente.

Isso é pura bosta de cavalo, Carol, e você sabe muito bem Kevin Mayflower cuspiu todo o ódio que sentia pelas petroleiras. O maldito oleoduto era uma ferida lhe sangrem no rosto da Alaska, uma espantosa cicatriz de aço que cruzava o território mais belo do planeta, uma afronta à natureza mesma... e tudo para que? Para que a gente pudesse andar em automóveis que poluíam o planeta... só porque os preguiçosos não queriam caminhar, nem andar em bicicleta, nem montar a cavalo. (Evidentemente, Mayflower não estava em condições de pensar que tinha pirado a Washington para fazer seu justo reclamo em vez de cruzar o país em um de seus cavalos Appaloosa, nem

tampouco que seu automóvel alugado estava estacionado nesse momen-

to sobre o West Executive Drive.) As empresas petroleiras arruinavam tudo o que tocavam, pensou. Sujavam-no. Danificavam a Terra arrancando de suas vísceras tudo o que consideravam valioso, fora petróleo ou carvão, e às vezes derramavam seu tesouro líquido porque não conheciam e não lhes importava a sacralidad desse bendito planeta que pertencia a a humanidade em pleno e necessitava seus próprios campeões da fé. Os campeões da fé precisavam ser guiados, é obvio, e essa era a magna tarefa do Serra Clube e outros grupos similares: lhe dizer às pessoas quão importante era a Terra, e lhes indicar como deviam respeitá-la e tratá-la. O bom era que a assessora científica presidencial compreendia, e trabalhava na Casa Branca, e tinha acesso ao presidente.

Carol, quero que cruces essa rua, entre no Escritório Oval e o diga o que terá que fazer.

Não é tão fácil, Kevin.

por que diabos não o é? O tipo não é tão imbecil, não?

Ocasionalmente nossos pontos de vista diferem. Além disso, as companhias petroleiras se estão dirigindo com muita inteligência. Relê a proposta disse, assinalando o relatório . Prometem indenizar toda a operação, estabelecer um seguro de um bilhão de dólares em caso de que algo saia mau... pelo amor de Deus, Kevin, se até ofereceram que o Serra Clube integrasse o conselho para fiscalizar seus programas

de amparo do meio ambiente!

Para que nos superem em número e nos fechem a boca! Que nem sonhem nos corrompendo desse modo! chiou Mayflower . Não permitirei que ninguém de minha organização participe desta violação. Ponto final.

E se o diz em voz muito alta as petroleiras lhe acusarão de extrema e marginalizarão a todo o movimento ecologista... e não pode dar-lhe o luxo de fazer isso, Kevin!

Não posso as Pelotas. Terá que brigar pelo que se crie, Carol. E é aqui onde devemos brigar. Permitimos que esses miseráveis encontrassem petróleo em Baía Prudhoe, mas isso é tudo!

O que dirá o resto de sua comissão diretiva a respeito?

Dirão exatamente o que eu lhes diga que digam!

Não, Kevin, não o farão Carol se recostou na cadeira, esfregando-os olhos. A noite anterior tinha lido o relatório completo e a triste verdade era que as empresas petroleiras estavam atuando com inteligência frente aos temas ecológicos. Puro negócio. O Exxon Valdez havia-lhes flanco uma tonelada de dinheiro, além das péssimas relações públicas. Por isso tinham dedicado três páginas do relatório às modificações nos procedimentos de segurança dos navios tão-que. Agora, os navios que zarpavam do imenso terminal petroleiro

do Valdez, Alaska, eram escoltados por rebocadores até chegar ao oceano. Havia uma frota permanente de vinte embarcações para controle de poluição, e até mais em reserva. Os sistemas de navegação dos navios tanque superavam em precisão aos dos submarinos nuclea-

209

cabeça de gado; os oficiais a bordo deviam demonstrar suas capacidades em simula-

ções semestrais. Tudo era muito custoso, embora muito menos que outro derrame grave. Uma série de publicidades proclamava todos estes feitos por televisão... O pior de tudo era que canais via satélites de corte intelectual como History, Learning, Discovery e A&E (que ultimamente emitiam-lhe programas sobre vida selvagem patrocinados pelas novas petroleiras no Ártico) não tocavam às companhias mas mostravam imagens de renas e outros animais passando tranquilamente abaixo dos setores elevados do oleoduto. Certamente eram muito hábeis para transmitir sua mensagem, inclusive aos membros do comitê diretor do Serra Clube, pensou Carol Brightling.

O que não dizia, e o que ela e Mayflower sabiam, era que uma vez que o petróleo fora extraído sem riscos da Terra, transportado sem riscos através do monstruoso oleoduto, e transladado sem riscos por o mar nos novos navios tanque de casco dobro reforçado, inevitável-

*mente se transformaria em mais contaminação aérea ao sair dos CA-
ños de escapamento de automóveis e caminhões e das chaminés das
fábricas. De modo que, realmente, tudo era uma má piada... incluído o
ardência do Kevin pelo machuco à capa de gelo permanente. Quantos
quilômetros resultariam prejudicados no pior dos casos? Poucos, pró-
babilmente, e as petroleiras filmariam mais comerciais para mostrar
como tinham limpo isso, como se a poluição final ocasionada pelo
uso do petróleo estivesse fora de questão!*

Porque para o ignorante Juan das Baquetas, apoltronado frente
ao televisor devorando biscoitinhos e jogos de futebol, realmente estava
*fora de questão, verdade? Nos Estados Unidos havia mais de cem millo-
nes de automotores, e muitos mais em todo mundo, e todos contami-
naban o ar, e esse era o tema que ninguém queria tratar. Como se fazia
para deter o envenamiento progressivo do planeta?*

Bom, havia maneiras de fazê-lo, não?, refletiu.

Farei todo o possível, Kevin prometeu . Lhe aconselharei ao pre-
lhe sedem não apoiar esta lei.

A lei era a S-1768, remetida e patrocinada pelos dois senadores
pela Alaska (comprados pelas petroleiras fazia tempo), e autorizaria
ao Ministério do Interior a licitar os direitos de exploração petrolífe-
ra na área AAMP. Haveria muito dinheiro em jogo, tanto para o go-

bierno federal como para o estado da Alaska. Até as tribos nativas fariam a vista gorda. Utilizariam o dinheiro do petróleo para comprar veículos para neve destinados à perseguição e caça do rena, e expulse a motor para pescar e matar baleias (ambas as coisas podiam disculparse por ser parte de sua herança racial e cultural). Os veículos para neve não eram necessários na moderna era do bife selecionado de Iowa envasilhado ao vazio, mas os nativos americanos se aferravam ao resultado final de suas tradições, embora não aos métodos tradicionais. Era deprimente comprovar que inclusive eles tinham esquecido seu história e seus deuses em comemoração à nova era de veneração mecânica do petróleo e seus derivados. Os dois senadores pela Alaska levariam

210

anciões nativos para atestar a favor da S-1768, testemunho que seria escutado porque quem melhor que um nativo americano para saber o que era viver em harmonia com a natureza? Só que atualmente utilizavam veículos para neve Ski-dou, motores fora de amurada Johnson e rifles de caça Winchester... Suspirou. Tudo era uma loucura. Escutará-te? perguntou Mayflower, voltando para tema que ocupava-os. Até os ecologistas tinham que viver na realidade política.

Sinceramente? Acredito que não admitiu Carol Brightling.

Sabe? comentou Kevin em voz baixa . Às vezes compreendo a John Wilkes Booth.

Kevin, não escutei o que disse e, além disso, não o disse. Não aqui. Não neste edifício.

Maldita seja, Carol, sabe o que penso. E sabe que tenho razão. Como demônios vamos proteger o planeta se aos idiotas que governam o mundo lhes importa um carajo o mundo em que vivemos? O que vais dizer me? Que o homo sapiens é uma espécie Parasita que prejudica a Terra e o ecossistema? Que este não é nosso lugar?

Para muitos não o é, e isso é um fato.

Talvez o seja, mas o que faz você a respeito?

Não sei teve que admitir Mayflower.

Alguns sabemos, pensou Carol Brightling olhando os olhos tristes de seu interlocutor. Mas está preparado para isso, Kevin? Considere que sim, mas a etapa do recrutamento era sempre a mais conflictiva, inclusive no caso de verdadeiros crentes como Kevin Mayflower....

A construção estava quase terminada. Havia vinte seções completas no prédio, veintium milhas quadradas de terreno principalmente plano e uma estrada de quatro sulcos que conduzia a Interestadual 70, ainda carregada de caminhões que entravam e saíam. As últimas dois

milhas da auto-estrada não tinham divisória... como se a tivessem pensado para aterrissar aviões, tinha pensado mais de uma vez o superintendente da obra, inclusive aviões grandes. A estrada levava também a uma enorme e contundente praia de estacionamento. Mas não lhe había dado importância a este recurso e nem sequer o tinha mencionado ao passar no country de Salina.

Os edifícios eram absolutamente pedestres, exceto pelos fomos de controle do meio ambiente, tão avançados na matéria que a Armada poderia havê-los utilizado em seus submarinos nucleares. Tudo formava parte da posição pioneira da companhia em relação aos sistemas, havia-lhe dito o diretor durante sua última visita. Tinham a tradição de adiantar-se no tempo e, além disso, a natureza de seu trabalho exigia atenção minuciosa aos detalhes supostamente irrelevantes. Não se fabricavam vacinas ao ar livre. Mas até as moradias dos empregados e os escritórios tinham os mesmos sistemas, pensou o

211

superintendente, e isso sim que era estranho, por dizer o mais leve. Todos os edifícios tinham subsolo... A construção dos subsolos era prue-BA de sensatez no corredor dos tornados , mas poucos o tinham em conta, em parte por preguiça e em parte porque o chão não era tão fácil de escavar ali. A famosa capa rochosa de Kansas que os agricultores

raspavam para cultivar trigo. Isso também era curioso. Seguiam cultivando a maior parte da região. O trigo já tinha maturado e o centro de operações agrícolas estava a duas milhas de distância, pertrechado com as melhores equipes de última geração que tinha visto em sua vida, inclusive tratando-se de uma área onde cultivar trigo era essencialmente uma forma de arte.

Tinham investido três milhões de dólares em total nesse projeto.

Os edifícios eram grandes... poderiam transformar-se em moradias para cinco ou seis mil pessoas, pensou o superintendente. O edifício de escritório contava-nas com salas-de-aula para prosseguir o processo educativo. O prédio tinha central de energia própria e depósito de tanques de combustível.

Os tanques estavam semienterrados em deferência às condições meteorológicas locais, e conectados por seu próprio oleoduto a uma boca de abastecimento localizada ao bordo da Interestadual 70 no Kanopolis.

A pesar do lago local, tinham cavado mais de dez poços artesianos em e além do aqueduto cherokee que os agricultores locais utilizavam para regar seus campos. Diabos, havia água suficiente para abastecer a uma cidade pequena. Mas a companhia pagava as contas e ele ganharia a percentagem usual do custo total do trabalho por terminá-lo a tempo, com uma recompensa substancial em caso de terminá-lo antes, soma extra que estava disposto a ganhar. Até o momento há-

bíam passado vinte e cinco meses, e ainda faltavam outros dois. Obtém-no-estuário, conseguiria a recompensa, levaria a família a Disneylandia e desfrutariam de duas semanas de Camundongo Mickey e maravilhosas quadras de esportes de golfe, coisa que necessitava para recuperar seu jogo logo depois de dois anos de semanas trabalhistas de sete dias.

Mas a recompensa lhe permitiria deixar de trabalhar durante dois anos. O superintendente se especializava em trabalhos largos. Havia-lhe-vantado dois arranha-céu em Nova Iorque, uma refinaria de petróleo em Delaware, um parque de diversões em Ohio, e dois enormes condomínios em outros lugares, ganhando-a reputação de terminar as obras a tempo e por debaixo do pressuposto... Bom, não eram malotes referem-recua para o negócio. Estacionou seu jipe Cherokee e revisou as anotações do que devia fazer essa tarde. Sim, terei que provar o isolamento das janelas no Edifício 1. Fez um chamado por celular e entrou na pista de aterrissagem (assim gostava de chamá-la), onde se juntavam as ruvocê de acesso. Recordou suas épocas de engenheiro na Força Aérea. Dois milhas de comprimento e quase uma jarda de largura, sim, nesse caminho podia ate-rrizar um 747 se queria. Bom, a companhia tinha sua própria frota de jatos Gulfstream, e por que não aterrissá-los ali em vez de utilizar o insignificante aeroporto do Ellsworth? E se alguma vez lhes ocorria comprar

um Jumbo, brincou, também haveria lugar para essa mole. Três minutos

212

depois estacionou frente ao Edifício 1. Tinham-no terminado três semanas antes, e só faltavam as verificações de ordem ecológica. Bom. Entrou pela porta vaivém (inusualmente pesada e grossa), que foi imediatamente fechada.

OK, estamos preparados, Gil?

Sim, senhor Hollister.

Adiante, então ordenou Charlie Hollister.

Gil Trains era o supervisor de todos os sistemas ecológicos do projeto. Ex-marinheiro (e louco pelos sistemas), ele mesmo acionou os controladores embutidos na parede. A pressurização não produziu ruído os sistemas estavam muito longe mas o efeito foi quase imediato.

Hollister o sentiu nos ouvidos ao aproximar-se do Gil: era como conduzir por um caminho de montanha, os ouvidos cliqueaban e a gente tinha que mover a mandíbula para equalizar a pressão, anunciada por outro clique.

Como vai isso?

No momento bem respondeu Trains . Sobrepressurização zero-ponto-sete-e cinco, ritmo constante Tinha os olhos cravados como dardos na estação de controle . Sabe a que se parece isto, Charlie?

Não admitiu o superintendente.

Às provas de impermeabilidade dos submarinos. É o mesmo método: sobrepresurizar um compartimento.

Sério? me recorda coisas que fiz na Europa, em bases de aviões caça.

Mas como?

Sobrepresurizar os quartéis dos pilotos para que não entrasse o gás.

Ah sim? Bom, suponho que funciona em ambos os sentidos. A pressão se mantém constante.

Como para não manter-se, pensou Hollister, com tudo o que hicimos para nos assegurar de que cada maldita janela ficasse selada com cheio de vinil. Não era que houvesse tantas janelas. Isso também parecia-lhe estranho. A vista era esplêndida. por que não aproveitá-la?

O edifício podia tolerar 1,3 libras de sobrepresurización. Há-lhe-bían dito que isso o protegeria dos tornados, e tinha lógica, junto com a crescente eficácia dos sistemas HVAC. Mas também poderia contribuir à síndrome de edifício doente . Os edifícios com isolamento meio-ambiental excessivamente bom eram um excelente caldo de cultivo para os gérmes da gripe e ajudavam a propagar os resfriados como incêndios florestais. Bom, isso também formaria parte da idéia general, não? A companhia trabalhava com drogas e vacinas, e isso signi-

ficaba que esse lugar era uma sorte de fábrica de gérmes de guerra, não? Então, tinha lógica manter algumas costure dentro... e outras fora. Dez minutos depois estavam seguros. Os instrumentos insistidos em todo o edifício confirmaram que os sistemas de sobrepresurização funcionavam perfeitamente.... na primeira prova. Os muitos que tinham feito as portas e as janelas receberiam um dinheiro extra em recompensa.

213

Parece muito bom. Tenho que ir ao centro de comunicações, Gil o complexo também contava com uma luxuosa coleção de sistemas de comunicação via satélite.

Utilize o compressor de ar lhe aconselhou Trains.

Vemo-nos logo disse Hollister.

Não o duvide, Charlie.

Não era agradável. Agora tinham onze pessoas, sões, oito muje-cabeça de gado e três homens segregados por gênero, é obvio , uma mais pelo que tinham planejado... mas era difícil devolver a alguém logo depois de havê-lo raptado. Tinha-lhes tirado a roupa em alguns casos mijem-depois de ainda estavam inconscientes e a tinham substituído por chamevocê e calças semelhantes a uniformes de presidiários, embora haja-muitos com melhores materiais. Não se permitia o uso de roupa interior:

mais de uma vez as presidiárias tinham utilizado seus sustentos para ahorcarse, e eles não podiam dar o luxo de perder a uma de suas garotas.

Usavam pantufas por todo calçado e sua comida estava fortemente comimentada com o Valium, droga que ajudava a acalmá-los um pouco, mas não de tudo. Não tinha sentido drogá-los excessivamente porque a depressión de todos seus sistemas corporais poderia prejudicar a prova... e tampouco podiam permitir-se esse luxo.

O que é tudo isto? perguntou-lhe uma delas à a Dra. Archer.

Uma investigação médica respondeu Barbara, completando um formulário . Você se ofereceu voluntariamente, recorda? Estamo-lhe pagando por fazê-lo e quando terminar poderá voltar para sua casa.

Quando me ofereci?

A semana passada replicou a Dra. Archer.

Não me lembro.

Bom, mas se ofereceu. Temos sua assinatura no formulário de consentimento. E a estamos cuidando muito bem, não crie?

Sinto-me drogada todo o tempo.

É normal assegurou Archer . Não tem por que preocupar-se.

Ela Sujeito F4 era secretária de estudo jurídico. Três dos sujeitos femininos tinham essa mesma profissão, o qual preocupava ligeiramente à a Dra. Archer. E se os advogados para quem trabalhava

chamavam à polícia? Tinham enviado telegramas de renúncia, claro, com assinaturas falsificadas por peritos e incluído no telegrama explicações plausíveis da renúncia. Talvez funcionasse. Em todo caso, os seqüestros tinham sido perfeitos e, entre eles, ninguém falaria com ninguém do tema, verdade?

A Sujeito F4 estava nua, sentada sobre uma cômoda cadeira quiberta por um tecido. Bastante atrativa, observou Archer, embora débito-estúrio rebaixar cinco quilogramas pelo menos. O exame físico não tinha revelado

nada incomum. A pressão sangüínea era normal. As análise indicavam que tinha o colesterol um pouco alto, mas não era preocupe-se. Parecia ser uma fêmea normal e sã de vinte e seis anos. A entrevista para a

214

historia clínica tampouco foi notável. Não era virgem, é obvio, e há-bia tido doze amantes em seus nove anos de sexualidade ativa. Um aborto aos vinte anos realizado por seu ginecologista, e sexo seguro a partir desse momento. Tinha um amante fixo, mas estaria fora da cidade durante umas semanas por questões de negócios, e de todos modos suspeitava que havia outra mulher em sua vida.

OK, isso é tudo, Mary Archer se levantou e lhe sorriu . Obrigado por sua cooperação.

Posso me vestir?

Primeiro queremos que faça algo. Passe através da porta verde, por favor. Dentro há um sistema de desinfecção. Resultará-lhe agradável e refrescante. Suas roupas estão do outro lado. Poderá vestir-se ali.

Está bem A Sujeito F4 se levantou e fez o que lhe ordenavam.

Dentro do quarto selado havia... nada, absolutamente nada. ficou ali parada, confusa, durante uns segundos. Fazia muito calor, mais de quarenta graus, mas os asperjadores invisíveis embutidos nas paredes emitiram uma chuva... uma névoa que a refrescou agradável-mente durante dez segundos. A névoa se interrompeu e se abriu a porta do fundo. Encontrou um vestidor, tal como lhe tinha prometido a doutora. embainhou-se o uniforme verde e saiu ao corredor, onde um guarda de segurança lhe indicou uma porta (sem aproximar-se jamais a ela) que a levou de retorno ao dormitório. Um succulento almoço a estava esperando. A comida era muito boa e, depois de comer, sempre dormia uma breve sesta.

Sente-se mau, Pete? perguntou o Dr. Killgore em outro setor do edifício.

Deve ser gripe ou algo pelo estilo. Sinto-me como se me hubie-

ran dado uma surra e não posso reter nada no estômago nem sequer a bebida, feito especialmente desconcertante para um alcoólico como ele. A bebida era quão único sempre tinha podido reter. OK, vamos jogar uma olhada Killgore se levantou e se colocou um barbijo e luvas de látex para examiná-lo . vou extrair te uma amostra de sangue, sim?

Claro, doc.

Killgore o fez com supremo cuidado: cravou a agulha na cara interna do cotovelo, como de costume, e encheu quatro tubos de ensaio de cinco centímetros cúbicos. Logo lhe revisou os olhos, a boca e o resto do corpo. O sujeito reagiu quando chegou à zona do fígado.

Ai! Dói, doc.

Né? Não noto nada distinto ao tato, Pete. Como é a dor? perguntou apalpando o fígado que, como na maioria dos alcoólicos, tinha a consistência de um tijolo.

Como se me estivesse cravando uma faca, doc. Dói muito.

215

Sinto muito, Pete. E aqui? perguntou o médico, apalpando mais abaixo com as duas mãos.

Não é uma dor tão aguda, mas igual dói um pouco. Será algo que comi?

Poderia ser. Eu não me preocuparia muito ao respeito replicó Killgore. OK, o sujeito apresentava sintomas uns dias antes do esperado, mas não terei que descartar irregularidades menores. Pete era um dos sujeitos mais saudáveis, mas os alcoólicos não podiam considerar-se sob nenhum conceito um prodígio de saúde. Evidentemente seria-te o Número 2. Má sorte, Pete, pensou Killgore . Te darei algo para aliviar a dor.

Killgore deu meia volta e abriu uma das gavetas do gabinete da parede. Cinco miligramas, pensou, enchendo a seringa descartable. Voltou para a maca e cravou a agulha em uma veia do dorso da mão. Oooh! exclamou Pete uns segundos depois . Aahh... o que bom. muito melhor, doc. Obrigado Abriu os olhos como pratos e logo relaxou-se.

A heroína era um magnífico analgésico. Sua maior vantagem era a exaltação que provocava no receptor durante os primeiros segundos e o torpor em que o sumia durante as horas seguintes. Bom, Pete se sentiria bem por um momento. Killgore o ajudou a levantar-se e o enviou de retorno à habitação. Ato seguido, analisou as amostras de sangue. Trinta minutos depois estava seguro. As análise de anticorpos seguiam dando positivo e o exame microscópico demonstrava que os anticorpos lutavam contra... e perdiam.

Apenas dois anos antes, alguém tinha tentado infectar a correio-
blación dos Estados Unidos com a versão natural desse vírus (alguns
chamavam-no cajado de pastor). Tinham-no modificado ligeiramente em
o laboratório de engenharia genética lhe adicionando DNA cancerígeno para
robustecer a cepa negativa do ARN do vírus, mas tinha sido como
lhe pôr um impermeável. O mais notável de tudo era que a engenharia
genética tinha triplicado o período de latencia. Antes se acreditava que era
de quatro a dez dias, agora durava quase um mês. Maggie sabia o que
fazia, e inclusive lhe tinha posto um nome apropriado. Shiva era um
asqueroso filho de puta. Tinha matado ao Chester bom, sim, o potássio
tinha-o matado em realidade, mas o pobre tipo já estava condenado e
estava começando a matar ao Pete. Com este último não teriam piedade.
Viveria até que a enfermidade o matasse. Seu estado físico era quase
normal e lhes permitiria comprovar métodos de alívio contra os efeitos
letais de Ébola-Shiva. Provavelmente não obteriam nada, mas deviam
comprová-lo. Ficavam nove sujeitos de prova, e onze mais em outro
setor do edifício... Esses onze seriam a prova de fogo. Todos eram
sãos, ou ao menos isso acreditava a companhia. Provariam neles o método
original de contágio e a viabilidade da Shiva como agente de praga, ade-
mais da utilidade das vacinas isoladas pelo Steve Berg a semana
anterior.

Com essas reflexões concluiu o trabalho diário do Killgore. Saiu

216

do edifício. O ar da noite era frio, limpo e puro... bom, todo o puro que podia ser nessa região do mundo. Havia cem milhões de automóveis no país e todos cuspiam seus complexos hidrocarbonetos em a atmosfera. perguntou-se se poderia apreciar a diferença dentro de dois ou três anos, quando tudo tivesse acabado. Viu bater as asas aos morcegos sob o resplendor da luz. Bom, pensou, quase nunca se viam murciélagos por ali. Deviam estar caçando insetos. Desejou que seus ouvidos apodrecissem escutar os sons ultra-sônicos que projetavam os animais para localizar os insetos e interceptá-los.

Também devia haver aves lá encima. Corujas especialmente, magníficos predadores noturnos. Admirava seu vôo silencioso, seus plumas suaves, sua maneira de meter-se nos estábulos, apanhar ratos, comê-los, digeri-los e logo regurgitar os ossos de suas presas em pequenas cápsulas compactas. Sentia mais simpatia pelos predadores selvagens que pelas presas. Mas era de esperar, verdade? Tinha afinidade com os predadores, essas bestas selvagens e magníficas que matavam sem consciência, porque a Mãe Natureza não tinha consciência. Em absoluto. Com uma mão dava a vida e com a outra a tirava. O eterno processo da vida tinha convertido à Terra no que era. Os hom-

bres tinham tentado modificá-lo de um princípio, mas agora outros homens reverteriam novamente o processo de maneira rápida e com-lhe surrem. E ele estaria ali para vê-lo. Não chegaria a ver o desaparecimento de todas as cicatrizes, e isso já era bastante mau, mas viveria o suficiente para ser testemunha das mudanças mais importantes. A poluição desapareceria por completo. Os animais não voltariam a ser comercializados nem envenenados. O céu se esclareceria e a Terra voltaria para q-brirse de vida, obedecendo ao plano da natureza. Seus colegas e ele contemplariam a magnificiencia da transformação. E se o preço era elevado... valia a pena pagá-lo. A Terra pertencia a aqueles que a apreciavam e compreendiam. Inclusive estava utilizando um dos méto-duas da natureza para tomar posse dela... embora com um correio-Quito de colaboração humana. Bom, se os humanos eram capazes de usar suas artes e suas ciências para danificar ao mundo, bem podiam outros humanos utilizá-los para reparar o dano. Chester e Pete certamente não o tivessem compreendido mas, para falar a verdade, nunca haviam com-aceso nada, não?

Haverá milhares de franceses ali disse Juan . E a metade serão meninos. Se queremos liberar a nossos colegas devemos produzir um forte impacto. Isto seria o suficientemente forte, acredito eu. aonde iríamos depois? perguntou René.

O Vale do Bekaa segue disponível, e de ali aonde se nos deseje muito. Ainda tenho bons contatos em Síria e sempre há outras opções.

É um voo de quatro horas e há um portaviones estadouni-
dêem-se apostado permanentemente no Mediterrâneo.

217

Não atacam um avião cheio de meninos assinalou Esteban . Inclu-
sou poderiam nos escoltar adicionou com um sorriso zombador.

Está a apenas doze quilômetros do aeroporto recordou An-
dré e há uma linda auto-estrada de múltiplos sulcos.

Bom, então devemos planejar a missão até o último de-
talhe. Esteban, você te conseguirá um trabalho ali. E você também, André.

Devemos escolher os lugares e logo selecionar o dia e a hora.

Necessitaremos mais homens. Pelos menos dez mais.

Isso é um problema. Onde podemos conseguir homens de com-
fiança? perguntou Juan.

Podemos contratar sicários. Só teríamos que lhes oferecer uma
boa quantidade de dinheiro disse Esteban.

Têm que ser homens fiéis insistiu René.

Serão fiéis lhes assegurou o basco . Sei onde ir buscá-los.

Todos tinham barba. Era o disfarce mais fácil de adotar, e embora

a polícia nacional de seus respectivos países tinha fotos de todos eles, estas os mostravam como homens jovens prolijamente barbeados. Qualquer transeunte os teria tomado por artistas devido a seu aspecto e sua maneira de apoiar-se sobre a mesa para falar em sussurros intensos. Todos estavam moderadamente bem vestidos, embora não com roupa cara. Talvez estivessem discutindo temas políticos, pensou a moço desde seu posto a dez metros de distância, ou negócios confidenciais. Não sabia que tinha razão em ambos os casos. Poucos minutos depois os viu estrechar-se as mãos e partir em distintas direções. Tinham deixado uns bilhetes sobre a mesa... e uma gorjeta miserável. Artistas, decidiu o moço. Com um crocodilo no bolso, como sempre.

Mas isto é um desastre ecológico em potência! insistiu Carol Brightling.

Carol replicou o chefe de staff . Se trata de nosso equilíbrio de gastos. Economizaria aos Estados Unidos aproximadamente cinqüenta um bilhão de dólares, e necessitamos isso. Quanto ao aspecto ecológico, conheço suas preocupações, mas o presidente da Atlantic Richfield me prometeu pessoalmente que será uma operação limpia. aprenderam muito nos últimos vinte anos tanto em cuestiones de engenharia como de relações públicas, não te parece? Alguma vez esteve ali? perguntou a assessora presidencial.

Não. Sobrevoei Alaska, mas nada mais.

Pensaria de outro modo se tivesse visto o lugar, me acredite.

Há minas de carvão em Ohio. Vi-as. E os vi tampar-

a e plantar pasto, arbustos e árvores. Diabos, uma dessas minas...

dentro de dois anos organizarão o campeonato de golfe da PGA na

quadra de esportes que inauguraram ali! O lugar está limpo, Carol. Agora sabem

fazê-lo, e sabem que tem sentido fazê-lo, tanto no político como em

o econômico. De modo que... não, Carol, o presidente não retirará seu

apóio ao projeto das petroleiras. Tem lógica econômica para o país

218

E a quem carajo lhe importa uma franja de terra que só viram

um centenar de pessoas?, omitiu adicionar.

Tenho que falar pessoalmente com ele sobre isto insistiu

Brightling.

Não o chefe de staff negou enfaticamente com a cabeça . Isso não

vai acontecer. Não em relação a este tema. Quão único conseguiria é

debilitar sua posição, e isso não seria muito prudente, Carol.

Mas prometi fazê-lo!

A quem?

À Serra Clube.

Carol, o Serra Clube não é parte da administração. E já reci-

bimos suas cartas. Tenho-as lido. estão-se transformando em uma organização extremista respeito a estes temas. Qualquer pode dizer não façam nada e isso é quão único dizem desde que esse Mayflower assumiu a presidência.

Kevin é um bom homem, e muito inteligente.

Não acredito que me possa demonstrar isso Carol bocejou o chefe de *staff* . *É um fanático.*

Maldita seja, Arnie, não tudo o que dissente contigo é um extremista, sabe?

Mayflower sim o é. O Serra Clube vai caminho à autodestruição se esse tipo seguir ao mando do leme. Como é Arnie revisou seu agenda . Tenho trabalho que fazer. Sua posição neste tema, Dra. Brightling, é apoiar à administração. Isso significa que deverá respaldar *personalmente a lei para a exploração petrolífera do AAMP. Só existe* uma posição neste edifício: a que ordena o presidente. Esse é o preceito que paga por ser assessora presidencial, Carol. Pode influir sobre a política, mas uma vez que a política é promulgada deve respaldá-la, cria nela ou não. Dirá publicamente que considera que explorar o petróleo da Alaska é bom para os Estados Unidos e para o meio ambiente. Entendido?

Não, Arnie, não o farei! insistiu Brightling.

Sim, Carol, fará-o. E de maneira convincente, para que os grupos de ecologistas mais moderados vejam a lógica da situação. Isso sempre que você goste de trabalhar aqui, claro.

Está-me ameaçando?

Não, Carol, não te estou ameaçando. Estou-te explicando como funcionam as regras. Porque deve respeitar as regras, igual a eu, e igual a todos outros. Se trabalhar aqui deve ser leal ao presidente. Se não ser leal, não pode trabalhar aqui. Conhecia as regras quando subiu a bordo e sabia que teria que atentar-se a elas. OK, agora deve prová-lo. Acatará as regras ou não, Carol?

A cara da Dra. Brightling avermelhou sob a maquiagem. Arnie viu que não tinha aprendido a ocultar sua irritação. Mau, mau. A gente não podia permitir-se perder os estribos por estupidezes menores, não a esse nível de governo. E essa era uma estupidez menor. Quando a gente encontrava um pouco tão valioso como vários milhares de milhões de barris de petróleo em

219

um lugar que lhe pertencia, a gente perfurava a terra para extrair-lo. Tão simples como isso... e era mais simples ainda se as companhias petrolíferas prometiam não prejudicar o meio ambiente. E seguiria sendo simples enquanto os votantes seguissem dirigindo automóveis.

E bem, Carol? perguntou.

Sim, Arnie, conheço as regras e me atendré a elas confirmou por fim.

Bom. Quero que prepare uma declaração esta mesma tarde para ser emitida a semana próxima. Quero vê-la hoje sobre meu escritório. o de sempre, o aspecto científico, a segurança dos sistemas de engenharia, essa classe de coisas. Obrigado por vir, Carol disse Arnie, dando por terminada a reunião.

A Dra. Brightling se levantou e foi para a porta. Vacilou um momento, sentia vontades de dar-se volta e lhe dizer ao Arnie onde podia-meterse sua declaração... mas seguiu caminhando pelo corredor da Asa Oeste, dobrou ao norte e baixou à rua. Dois agentes do Serviço Secreto observaram a expressão de seu rosto e se perguntaram o que lhe haveria chovido em cima essa manhã... talvez uma tormenta de granizo. Cruzou a cale com passo rígido e subiu as escadas do OEOb. Uma vez em seu escritório, acendeu o computador Gateway e abriu o processador de palavras... mas em realidade desejava romper a tela a murros em vez de golpear pacientemente o teclado para redigir uma declaração que não a representava.

Receber ordens desse homem! Que não sabia nada de ciência... e a quem lhe importava um nada o meio ambiente. O único que o im-levava ao Arnie era a política, e a política era o mais artificial do

mundo!

Finalmente se acalmou, respirou fundo e começou a redigir seu defesa de algo que, depois de tudo, jamais aconteceria, verdade?

Não, disse-se com firmeza. Jamais aconteceria.

220

CAPÍTULO 12

CARTAS BRAVAS

O parque temático tinha aprendido a lição de seu modelo mais famoso. Seus donos tiveram o cuidado de contratar uma dúzia de executivos hierárquicos (cujos suntuosos salários eram pagos pelos *sponsors financeiros do Golfo Pérsico, quem já tinha excedido seus expectativas fiscais e esperavam recuperar o total do investimento em menos de seis anos em vez dos programados oito e médio*).

Os investimentos foram consideráveis, dado que não só desejavam emular à corporação americana a não ser superá-la em todos os aspectos. O castelo de seu parque era de pedra verdadeira, não de fibra de vidro. A rua principal tinha três vias principais, cada uma dedicada a três diferentes tema nacionais. A ferrovia circular era de palha de cereal-não padrão e utilizava duas locomotivas a vapor autênticas. Além disso, se falava de estender a linha ferroviária até o aeroporto internacional que as autoridades espanholas tinham tido a amabilidade de mo-

vernizar para apoiar o projeto do parque temático (e tinham sobradas raciocine para fazê-lo: o parque proporcionava vinte e oito mil postos de trabalho de tempo completo e outros dez mil do meio tempo ou temporada). As atrações eram espetaculares, a maioria desenhadas especialmente e construídas na Suíça, e algumas o suficientemente arriegas para fazer empalidecer a um piloto de guerra. Se por acaso isso fora pouco, tinha um setor de Ciência Universal, com uma caminhada lunar que tinha impressionado à própria Nasa, um percurso subacuático através de um mega-aquário, e pavilhões de todas as grandes indústrias europeias... o da Airbus Industrie era particularmente lhe impactem, já que permitia aos meninos (e também aos adultos) pilotear simulacros de voo.

Havia personagens diversos: gnomos, trasgos e toda sorte de criaturas míticas da história europeia, além de legionários romanos dispostos a lutar contra os bárbaros... e, é obvio, as infaltables áreas comerciais onde os visitantes podiam adquirir réplicas de tudo o que o parque tinha para oferecer.

Uma das jogadas mais ardilosas dos investidores foi construir o parque temático na Espanha, não na França. O clima espanhol, embora mais caloroso, era ensolarado e seco a maior parte do ano, o que os permitia trabalhar a pleno o ano inteiro. Os visitantes chegavam de toda

Europa (por avião, trem ou ônibus) e se alojavam nos grandes e como-

221

dois hotéis desenhados para três níveis diferentes de pressuposto e grande-

diga, do que poderia ter sido decorado pelo César Ritz a vários

outros com comodidades mais básicas. Todos os visitantes compartilhavam o

mesmo entorno físico, quente e seco, e podiam banhar-se nas numerosas

piscinas rodeadas por praias de fina areia branca, ou jogar golfe

em uma das duas quadras de esportes habilitadas (estavam construindo outras três,

e uma delas logo formaria parte do Campeonato Profissional Euro-

peo). Também havia um concorrido cassino, atração que nenhum outro

parque temático tinha devotado até o momento. Em conjunto, o

Worldpark ou Parque Mundial tinha sido um êxito imediato e sensacio-

nal: estranha vez tinha menos de dez mil visitantes, e quase sempre mais de

cinquenta mil.

A instalação definitivamente moderna era controlada por

um centro de comando central e seis centros regionais. Todas as atrac-

ções, jogos e despachos de mantimentos e bebidas eram monitorados

por computadores e câmaras de televisão.

Mike Dennis era o diretor de operações. Tinham-no contratado

em Orlando, e embora sentia saudades a atmosfera amistosa imperante em

aquela escola diretor, a construção e posterior direção do Parque Mundial era o desafio que tinha esperado toda sua vida. Tinha três filhos, mas o parque era seu bebê, estava acostumado a dizer-se Dennis contemplando as almenas da torre. Seu escritório e centro de comando estavam no alcázar do castelo, a torre mais alta da última fortaleza do século XX. Talvez o duque da Aquitania tivesse desfrutado de um lugar como esse, mas ele só sabia dirigir lanças e espadas, não computadores e helicópteros, e por muito capitalista que fora sua alteza no século XII, jamais tinha dirigido semelhantes somas de dinheiro: o Parque Mundial obtinha dez milhões de dólares diários em efetivo somente, sem contar os cartões. Um caminhão de caudais com forte custódia policial saía todos os dias do parque rumo ao banco mais próximo.

Como seu modelo da Florida, o Parque Mundial possuía uma estrutura de vários pisos. debaixo das instalações principais havia uma cidade subterrânea: ali operavam os serviços de apoio, integram-nos-vocês do elenco se trocavam e almoçavam, e Dennis podia transladar pessoas e objetos de um lugar a outro rapidamente e sem ser vistos por os visitantes. Dirigir o setor subterrâneo equivalia a ser prefeito de uma cidade não tão pequena... em realidade, era mais difícil porque devia assegurar-se de que tudo funcionasse todo o tempo e o custo das ope-

rações fora sempre inferior ao pressuposto atribuído. O fato de fazer bem seu trabalho (em honra à verdade, 2,1 por cento melhor que suas próprias projeções lhes-inaugurales inaugure) significava-lhe um salário com-

siderable e uma bonificação extraordinária de 1.000.000 de dólares recebida cinco semanas atrás. Bom, se seus filhos se adaptassem de uma boa vez às escolas locais...

Inclusive como objeto de ódio, cortava a respiração. Era uma cidade cujas construções havia flanco milhares de milhões. André havia

222

sido doutrinado na Universidade do Parque Mundial local, captado o absurdo ethos do lugar, aprendido a lhe sorrir a tudo e a todos. Casualmente o tinham destinado ao departamento de segurança, a polícia imaginária do Parque Mundial, o qual significava que devia vestir uma camisa azul liviana e calças azul escuro com uma franja vertical também azul, levar um apito e um rádio portátil, e passar a maior parte do tempo lhe dizendo às pessoas onde estavam os banhos... porque se o Parque Mundial necessitava policiais, os navios necessitavam ruído. André conseguiu o posto porque falava correntemente três idiomas (francês, espanhol e inglês) e podia portanto ser útil à maioria dos visitantes eufemísticos hóspedes da nova cidade espa-

ñola, que obviamente tinham necessidade de urinar de vez em quando e, em a maioria dos casos, careciam da astúcia suficiente para advertir os centenaes de pôsteres (gráficos antes que escritos) que lhes indicaban aonde dirigir-se quando a necessidade física se tornava imperiosa. Viu o Esteban no lugar de sempre, vendendo globos de gás.

Pão e circo, pensavam ambos. A quantidade de dinheiro gasto para construir esse lugar... e tudo para que? Para lhes dar aos filhos dos pobres e as classes trabalhadoras umas breves horas de alegria antes de retornar a seus tristes e monótonos lares? Para induzir a seus pais a gastar seu dinheiro em meras diversões? Em realidade, o objetivo do parque era enriquecer ainda mais aos investidores árabes que tinham gasto boa parte de seus petrodólares na construção dessa cidade de fantasia.

Assombrosa, sim, e não obstante objeto de desprezo. Ícono do irreal, ópio das massas trabalhadoras que não tinham a sensatez de vê-la tal como era em realidade. Bom, essa era a tarefa da elite revolucionária.

André começou a caminhar de um lado a outro, aparentemente sem propósito determinado, mas em realidade de acordo com os planos (os deles e os do parque). Pagavam-lhe para vigiar e fazer certos mijem-depois de sorria e indicava aos pais onde podiam aliviar suas suas bexigas adoráveis brotos.

Isto servirá disse Noonan, integrando-se à reunião matuti-

na.

O que é isto ? perguntou Clark.

Noonan lhes mostrou um disquete de computador.

São apenas cem linhas de código, sem contar a instalação. Todos os telefones celulares utilizam o mesmo programa de computador para funcionar. Quando chegarmos a cada lugar, inserirei este disquete nos sistemas e carregarei o software. A menos que a gente disque o prefixo correto para fazer um chamado 7-7-7, para ser preciso , o celular responderá que o número está ocupado. Deste modo poderemos bloquear as chamadas por celular a nossos sujeitos, e também as deles para fora.

Quantas cópias tem? perguntou Stanley.

Trinta respondeu Noonan . Podemos lhe pedir à polícia o-

223

cal que as instale. Tenho as instruções impressas em seis idiomas

Não está mau, né? tivesse querido adicionar Noonan. Havia-o conse-

Guido através de um de seus contatos na Agência Nacional do Segu-

joguem a rede no Fort Meade, Maryland. Bastante bom resultado logo depois de uma

semana de esforços . Se chama Cellcop e funciona em qualquer lugar do mundo.

Bom tiro, Tim Clark anotou algo . OK, como estão os CO-mandos?

Sam Houston está em cama com o joelho danificado disse Peter Covington . Se machucou descendo do helicóptero. Pode desdobrar, mas não poderá correr até dentro de uns dias.

O Comando 2 se encontra ao máximo de suas capacidades anunciou Chávez . George Tomlinson está um pouco mais lento pelo tendão do Aquiles, mas não tem importância.

Clark grunhiu e assentiu enquanto anotava algo. O treinamento a que se submetiam seus homens era tão duro que as feridas ocasionais eram inevitáveis... e John recordava bem o aforismo que reza que os treinamentos devem ser combates sem sangue, e os combates, treinamentos sangrentos. Fundamentalmente era positivo que suas tropas trabalhassem tão arduamente nas práticas como na vida real... isso falava muito bem de seu moral e de seu profissionalismo, e indicava que tomavam seriamente todos e cada um dos aspectos da vida no Rainbow. Dado que Sam Houston era riflero, realmente estava no setenta por cento de sua capacidade, e George Tomlinson, com o tendão machucado e tudo, estava realizando sua carreira matinal como bom soldado de elite que era.

Inteligência? John Miro ao Bill Tawney.

Nada especial que reportar replicou Tawney . Sabemos que ainda há terroristas vivos e as distintas forças policiais estão investigando para encontrá-los, mas não é tarefa fácil e no momento não há nada prometededor em vista, embora... certas coisas eram impossíveis de predizer. Todos na mesa sabiam. Essa mesma noite, correio-
drían deter alguém como Carlos por passar um semáforo em vermelho, e algum policial despachado poderia reconhecê-lo e prendê-lo, mas eles não podiam contar com o azar. Ainda ficavam mais de cem terroristas vivos, escondidos provavelmente em algum lugar da Europa como Ernst Model e Hans Fürchtner, mas tinham aprendido a singela lição de manter um perfil baixo e não meter-se em problemas. Teriam que CO-
colocar algum engano (grande ou pequeno) para ser detectados... e os que cometiam enganos estavam mortos ou no cárcere desde fazia tempo. Como marcha a cooperação com as policiais locais? perguntou Stanley.

Seguimos em contato com eles e as missões da Berna e Viena foram muito boa imprensa para nós. É provável que nos convoquen no ato quando ocorrer algo desse tenor.

Mobilidade? perguntou John.

Esse sou eu, suponho respondeu o tenente coronel Malloy .

Funciono particularmente bem com a Primeira Asa de Operações Especiais. No momento me permitirão conservar o Night Hawk e tenho muitas de horas de voo no Puma britânico, assim estou acostumado a ele. Se tivermos que sair, estou preparado. Poderia requerer um fornecedor MC-130 se fosse necessário no caso de um desdobramento prolongado, mas na prática posso chegar a qualquer ponto da Europa em meu Sikorsky em um máximo de oito horas, com ou sem reabastecimento de combustível. Quanto ao lado operativo, sinto-me cômodo. Os soldados são quão melhores vi em minha vida e trabalhamos bem juntos. O único que me preocupa é a falta de uma equipe médica.

Pensamo-lo. O Dr. Bellow é nosso médico, particularmente eficaz para tratar feridas, verdade, doc? Perguntou Clark.

Arrumo-me bastante bem, mas não sou cirurgião. Além disso, as forças policiais e de bombeiros presentes nos desdobramentos poderiam facilitar-nos pessoal paramédico.

Era melhor no Fort Bragg observou Malloy . Sei que todos os homens estão treinados em primeiros auxílios, mas seria agradável contar com um ou dois médicos diplomados. O Dr. Bellow só tem dois mãos advertiu o piloto . E só pode estar em um lugar por vez.

Quando iniciamos uma missão explicou Stanley fazemos um chamado de rotina ao hospital de emergências mais próximo. Até o

momento cooperaram conosco.

OK, moços, mas sou eu o que tem que transportar aos feridos. Faz tempo que o venho fazendo e acredito que poderíamos melhorar o sistema. Recomendo um treinamento especial. Deveríamos praticar regularmente.

Não era má idéia, pensou Clark.

Teremo-lo em conta, Malloy. Ao, começaremos próximamente.

De acordo assentiu Stanley.

O mais difícil é simular feridas lhes disse o Dr. Bellow . Não há substituto para a coisa real e não podemos colocar a nossa gente em a sala de emergências de qualquer hospital. Perderíamos muito tempo e não veriam a classe de feridas que precisam ver.

Faz anos que temos o mesmo problema interveio

Covington . Um pode ensinar os procedimentos, mas a experiência prática é difícil de obter...

Sim, a menos que traslademos a Detroit brincou Chávez .

Olhem, moços, todos nós somos peritos em primeiros auxílios e o Doutor Bellow é médico. Não nos sobra o tempo e o treinamento para a missão é primitiva, não lhes parece? Se chegarmos ao ponto de conflito e fazemos bem nosso trabalho minimizaremos a quantidade de

feridas, verdade? exceto as dos maus, omitiu adicionar. Mas esses não importavam a ninguém . Gosta da idéia de nos treinar para a Evacuar feridos. Genial, podemos fazê-lo, e também praticar primeiros auxílios... mas, sejamos realistas, não podemos fazer muito mais. Ou ao menos eu não vejo como.

225

Sugestões? perguntou Clark. Ele tampouco via como.

Chávez tem razão... mas a gente nunca está absolutamente preparado nem absolutamente treinado assinalou Malloy . Não importa quanto trabalhemos, os meninos maus sempre encontram uma nova maneira de nos prejudicar. De todos os modos, em Delta nos desdobramos com um equipe médica completa, são homens treinados... peritos, acostumados às feridas. Talvez não possamos fazê-lo aqui, mas isso é o que fazíamos no Fort Bragg.

Dependeríamos do orçamento local para isso disse Clark, cerrando o tema . Este lugar não pode crescer tanto. Não tenho presu-
posto.

E essa é a palavra mágica neste negócio, omitiu adicionar Malloy.

A reunião concluiu uns minutos mais tarde, e com ela o dia trabalhista.

Dão Malloy se acostumou à tradição local de terminar o

dia no clube, onde a cerveja era boa e a companhia cordial. Dez

minutos depois, compartilhava uma jarra com o Chávez. Esse gordurento enjuto sim que sabia sair-se com a sua, pensou Malloy.

O que fez em Viena foi muito bom, Ding.

Obrigado, Dão Chávez bebeu um sorvo de cerveja geada . De todos modos, não tinha muita opção. Às vezes terá que fazer o que há que fazer e nada mais.

Sim, é um fato admitiu o marinhe.

Pensa que a questão médica é nosso lado fraco... e eu También, mas até o momento não foi um problema.

Até o momento tiveram sorte, moço.

Sim, sei. Ainda não nos topamos com nenhum louco verdadeiro.

Mas estão lá fora. Sociópatas de pura cepa, a quem não importa-lhes nada de nada. Bom, para falar a verdade só os vi por televisão. Sempre volto para episódio do MA alot no Israel, faz viente anos. Esses miseráveis assassinaram meninos para demonstrar sua bravura... e não esqueça o que passou recentemente com a filhinha do presidente. Teve a imensa sorte de que um tipo do FBI estivesse ali. Não me incomodaria lhe pagar uma cerveja a esse homem.

Excelente atirador coincidiu Chávez . O melhor de tudo foi o *timing*. Li como dirigiu o assunto... falou-lhes e todo isso, teve paciência, CIA, esperou o momento justo... e ganhou a partida.

Deu uma conferência no Bragg, mas justo tubo que voar esse dia.

Vi o vídeo. Os moços me disseram que disparava tão bem como

qualquer da equipe... mas melhor ainda, porque era ardiloso.

A astúcia conta admitiu Chávez, terminando sua cerveja .

Tenho que ir preparar o jantar.

Repete-o, por favor?

Minha esposa é médica, chegará a casa dentro de uma hora e hoje me

touca preparar o jantar.

Enarcamiento de sobrellellas:

É lindo verte tão bem treinado, Chávez.

226

Estou seguro de minha masculinidade lhe assegurou Domingo ao avia-

dor, encaminhando-se para a porta.

André trabalhou até tarde essa noite. O Parque Mundial perma-

necia aberto até 23:00 horas e as lojas ainda mais, porque nem

sequer um lugar tão grande como esse podia permitir-se desperdiçar a

oportunidade de lhe tirar umas moedas extra às massas em troca de

quinquilharias trocas que logo seriam jogadas nas mãos ambiciosas

dos garotinhos, freqüentemente quase dormidos em braços de sua exaustos p-

dres. André observava o processo, impassível. A gente esperou até a

última volta dos jogos mecânicos, e só então, com as cadeias

postas em seu sítio e a saudação de despedida dos operadores, dirigiu-se com passo lento às portas, aproveitando cada oportunidade de se ter e entrar nas lojas, onde os vendedores esboçaram seu sempiterno sorriso cansado e lhes ofereceram seus serviços, tal como haviam aprendido a fazê-lo na Universidade do Parque Mundial. E finalmente, quando todos se partiram, fecharam as lojas, vai-recuaram as caixas registradoras e, sob o vigilante olhar do André e seu pessoal, o dinheiro foi transladado à sala de recontagem. Estritamente falando, isso não era parte de suas funções, mas de todos os modos seguiu aos três empregados da loja Matador até a rua principal, logo através de um passadiço, várias portas lisas de madeira e uma escada que levava a subsolo. Os corredores de concreto, lotados de carrinhos elétricos e empregados durante o dia, estavam agora vazios exceto por os empregados que corriam a trocar-se de roupa para sair à rua. A sala de recontagem estava no centro do complexo, quase debaixo do castiello. O dinheiro foi entregue, cada bolsa com uma etiqueta que indicava seu ponto de origem. As moedas foram jogadas dentro de um recipiente piem, onde foram separadas por nacionalidade e denominação e detrásteriormente contadas, envoltas e etiquetadas para ser transladadas ao banco. Os bilhetes, já classificados por valor e denominação foram... pesados. André se surpreendeu a primeira vez que viu o processo, mas o

pesavam em balanças extremamente delicadas... Ali, por exemplo, havia um ponto zero-e seis-um-e cinco quilogramas de bilhetes de cem Marcos alemães. Dois ponto seis-e três-sete-e zero quilogramas de bilhetes de cinco libras britâ-

nicas. A soma correspondente era emitida pela tela eletrônica e os bilhetes passavam a ser envoltos. Os oficiais de segurança levavam arma, pistolas Astra, porque a recaudación total do dia era 11.567.309,35 libras... todo dinheiro usado, do melhor, e de todas as denominaciones. Os pacotes foram colocados em seis enormes bolsas de tecido e carregados em um carro elétrico de quatro rodas para ser transportados até a parte de atrás do subsolo, e uma vez ali ao caminhão blindado com escolta policial que os trasladaria à casa central do banco local, ainda aberta a essa hora do dia... dada a magnitude do depósito. Onze milhões de libras britânicas em efetivo... esse lugar seja-

227

caiba milhares de milhões por ano em efetivo, pensou André com renovado cansaço.

Perdão disse a seu supervisor de segurança . violei alguma regra ao vir aqui?

Sorriso cúmplice:

Não, cedo ou tarde todo mundo baixa a ver. Para isso estão

as janelas.

Não é perigoso?

Acredito que não. As janelas são grossas, como vê, e a segurança dentro do salão de recontagem é muito estrita.

Mon Dieu, todo esse dinheiro... o que aconteceria alguém tentasse roubá-lo?

O caminhão está blindado e tem escolta policial: dois patrulheiros com quatro homens cada um, todos armados até os dentes esses seriam os únicos vigilantes óbvios, pensou André. Haveria outros, não tão perto, e não tão óbvios, mas igualmente armados até os dentes . Ao princípios nos preocupava que os terroristas bascos tentassem roubar o dinheiro semelhante quantidade de efetivo lhes permitiria financiar seus operações durante anos , mas a ameaça não se expôs e, além disso, sabe qual é o destino deste dinheiro?

por que não o levam a banco em helicóptero? perguntou André.

O supervisor de segurança bocejou.

Muito caro.

Então, qual é o destino do dinheiro?

A maior parte volta para nós, é obvio.

Ah André ficou pensando . Sim, assim deve ser, não?

O Parque Mundial era essencialmente um negócio em efetivo, porque muita gente seguia preferindo pagar dessa maneira a pesar do advento dos cartões de crédito (que o parque recebia encantado) e apesar da possibilidade de carregar todos os gastos na conta do hotel (as instruções para fazê-lo estavam impressas em todas as tarfocinhos de porco magnéticos no idioma de cada visitante).

Arrumado a que usamos quinze vezes seguidas o mesmo bilhete de cinco libras até que se gasta e devemos enviá-lo a Londres para ser destruído e substituído.

Já vejo disse André com uma leve inclinação de cabeça . Entonce, depositamos o dinheiro e logo o retiramos de nossa conta para oferecer mudança a nossos visitantes. De quanto efetivo dispomos, então?

Para questões de mudança? Encolhimento de ombros . OH, dois ou três milhões como mínimo... em libras britânicas. Temos essas computadores para r astrearlo assinalou.

É um lugar assombroso observou André sinceramente. Assentiu e foi procurar seu cartão horaria e mudança. Tinha sido um bom dia. Os vagabundagens tinham confirmado suas observações prévias do parque. Agora sabia como planejar a missão, e como cumpri-la. O próximo passo

seria reunir-se com seus colegas e lhes mostrar o plano, e logo teriam que executá-lo. Quarenta minutos depois estava em seu departamento, bebendo borgoña e refletindo. Fazia mais de uma década que era director dos planos e operações do Action Directe: tinha planejado e executado onze assassinatos em total. Entretanto, esta missão seria a mais grandiosa de todas, talvez a culminação de sua carreira, e devia pensarla até o último detalhe. Tinha pego um mapa do Parque Mundial sobre a parede de seu departamento. Percorreu-o com a vista de um extremo a outro, várias vezes. Entradas, saídas. Possíveis rotas de acesso policial. Maneiras de rebatê-los. Onde colocar seu próprio pessoal de segurança. Onde levar aos reféns. Onde colocá-los. Como fazer sair a todo mundo. André o pensou uma e outra vez, tratando de localizar debilidades, de encontrar enganos. O Guarda Civil espanhol responderia a esta missão. Terei que respeitá-los apesar de seus cómicos tricórnios. Tinham brigado contra os bascos durante uma geração, e tinham aprendido. Indubitavelmente tinham um acordo com o Parque Mundial, porque era um branco muito óbvio para os terr... para os elementos progressistas, se autocorrigiu André. Não convinha tomar à ligeira à polícia. Tinham estado a ponto de matá-lo ou arrestá-lo duas vezes na França, mas em ambas as ocasiões tinha cometido enganos flagrantes, dos que felizmente tinha aprendido. Não,

esta vez não. Esta vez os manteria a raia com a eleição dos rehenes e sua vontade manifesta de utilizá-los para seus fins políticos. E por muito rudes que fossem os guardas civis, retrocederiam ante sua resolução manifesta, porque embora eram na verdade muito rudes, Também eram vulneráveis ao sentimentalismo brugués, igual a todos eles. A pureza de seu propósito marcava a diferença, e se atendria a ela, e alcançaria seu objetivo... ou haveria muitos mortos, e nem o governo de Espanha nem o da França poderiam tolerá-lo. O plano estava quase preparado. Levantou o telefone e fez uma chamada internacional.

Pete voltou para a manhã cedo. Estava pálido, e inclusive mais perdido, embora também mais incômodo a julgar por seus lastimosos movimentos.

Como se sente? perguntou-lhe alegremente o Dr. Killgore.

Tenho o estômago muito mal, doc, justo aqui disse Pete, gestando o lugar com o dedo.

Segue-te incomodando, né? Bom, te deite na maca para que possa te revisar disse o médico, ficando o barbijo e os guantes. O exame físico foi rotineiro... e absolutamente desnecessário. Ao igual a Chester, Pete se estava morrendo, embora ainda não sabia. A heroína lhe tinha aliviado a dor, substituindo-o por uma sorte de

nirvana químico. Killgore tomou cuidadosamente outra amostra de sangue para examiná-la logo sob o microscópio.

229

Bom, sócio, agora temos que esperar. Mas vou te dar outra injeção para acalmar a dor, OK?

Claro, doc. A última me aliviou muitíssimo.

Killgore encheu outra seringa descartable e injetou heroína na meus-
MA veia que antes. Observou os olhos do Pete: muito abertos ao princípio, logo relaxados pelo alívio da dor, e finalmente sumidos em um letargo tão profundo que poderia lhe haver praticado uma cirurgia maior ali mesmo sem que o pobre bastardo se desse conta.

Como andam outros moços, Pete?

Bem, mas Charlie se está queixando do estômago. Será algo que comeu, suponho.

Ah, sim? Talvez tenha que revisá-lo então disse Killgore. O

número três provavelmente ingressaria amanhã. E o timing era quase perfeito. Com exceção da rápida sintomatologia do Chester, o resto do grupo se atenia à linha de tempo prevista. Bravo.

fizeram-se mais chamados telefônicos e, à manhã cedo, vários indivíduos alugaram automóveis com documentos falsos, viajaram em casais ou solos da França a Espanha e cruzaram tranqüilamente

os postos alfandegários de fronteira, geralmente acompanhados por uma sorriso amistososo. Vários agentes de viagens fizeram as reservas necessárias nos hotéis de volta, todos de nível médio e comunicados com o parque por monorriel ou trem (as estações estavam nos lobbies atados de lojas dos hotéis para que os visitantes não tivessem oportunidade de perder-se).

As auto-estradas que conduziam ao parque eram largas e cômodas para dirigir, e seus sinais fáceis de seguir inclusive para aqueles que não falavam espanhol. O único perigo eram os enormes ônibus carregados de turistas que avançavam a mais de 150 quilômetros por hora como transatlânticos terrestres com os guichês cheias de gente, a maioria meninos que se divertiam saudando os condutores dos automóveis que passavam. Os condutores devolviam a saudação, sorridentes, e deixavam passar aos ônibus que excediam o limite de velocidade como se tivessem direito de fazê-lo, risco que os condutores privados não desejavam correr. Tinham tempo de sobra. Tinham planejado muito bem a reunião.

Tomlinson se tomou a perna esquerda fazendo uma careta. Chávez abandonou a carreira matinal para ver como se encontrava.

Dói ainda?

Como um filho de puta confirmou o sargento.

Então não o force, retardado. O tendão do Aquiles é um lugar difícil.

Acabo de descobri-lo, Ding Tomlinson reduziu a velocidade de a marcha, sem deixar de exigir a sua perna esquerda logo depois de haver CO-
230

rrido duas milhas. Respirava com maior dificuldade que de costume, mas a dor era inimiga das provas de resistência.

Viu o Dr. Bellow?

Sim, mas diz que não pode fazer nada, que devo esperar que se cure sozinho.

Então espera. É uma ordem, George. Não volte a correr até que tenha deixado de te doer. Entendido?

Sim, senhor disse o sargento Tomlinson . Mas posso desdobrar-me se me necessita.

Sei, George. Vemo-nos no polígono de tiro.

De acordo.

Chávez aumentou a velocidade para reunir-se com o resto do CO-
mando 2. Tomlinson tinha o orgulho ferido por não estar à altura de outros. Jamais tinha permitido que uma ferida prejudicasse seu rendimento: na Força Delta tinha seguido treinando com duas costelas
roda sem lhe dizer nada aos médicos por temor a que seus companheiros o

acreditassem débil e pusilânime. Mas um par de costelas avariadas eram mais fáceis de ocultar que um tendão quebrado. Neste último caso o dor era tão forte que impedia o normal funcionamento da perna, e inclusive dificultava a posição erguida. Maldição, pensou o soldado, não posso permiti-lo. Jamais tinha ocupado o segundo posto em toda sua vida, nem sequer na Pequena Liga de beisebol. Mas agora, em lugar de correr com outros tinha que caminhar, tratando de manter a marcha militar de cento e vinte passos por minuto, e inclusive isso doía, embora não o suficiente para obrigá-lo a deter-se. Os membros do Comando 1 passaram correndo e o deixaram atrás, inclusive Sam Houston com seu joelho avariado. Evidentemente, o orgulho era fundamental em a unidade. Tomlinson era soldado de operações especiais desde fazia seis anos. Ex-boina Verde captado por Delta, estava a ponto de graduar-se em psicologia (campo que os moços de operações especiarizavam tendiam-lhes a adotar por razões diversas) e desejava achar a maneira de terminar seus estudos na Inglaterra (ali as universidades funcionavam de outro modo e era bastante incomum que os militares concorressem a classe). Mas em Delta estavam acostumados a sentar-se a conversar a respeito dos terro-

subtrai que supostamente teriam que enfrentar, e isso os fortalecia muito, porque o fato de entendê-los suportava a capacidade de pre-

dizer seus atos e suas debilidades... facilitando sua posterior eliminação. depois de tudo, esse era o fim último verdade? Curiosamente, Tomlinson não tinha participado de nenhuma missão até chegar ao Hereford e, mais curiosamente ainda, a experiência não se diferenciava muito das práticas. A gente executa o que praticou, recordou o sargento, tal como lhe habían ensinado no Fort Knox onze anos atrás. Maldição, o talão seguia ardendo, mas menos que quando corria. Bom, o médico havia lhe dado pelo menos uma semana, provavelmente dois, para estar em condiciones... e tudo por ter pisado em mal o meio-fio, sem olhar, como um maldito imbecil. Pelo menos Houston tinha uma desculpa para seu rodilla. O descida do helicóptero podia ser arriscada e todo mundo cabeça de gado-

231

balia alguma vez (em seu caso ao descender sobre uma rocha, e isso devia doer como o demônio...). Mas Sam tampouco era nenhum frouxo, disse-se Tomlinson, enfiando para o polígono de tiro.

Bom, faremos uma prática de tiro em vivo lhes anunciou

Chávez . Cenário: cinco moços maus, oito reféns. Os maus estão armados com pistolas de mão e SMG. Dois dos reféns são meninas, sete e nove anos de idade. Todos os outros reféns são mulheres, mães. Os maus atacaram um jardim de infantes e chegou o momento de iniciar o resgate. Noonan predisse a localização dos delinqüentes

do seguinte modo Chávez assinalou o pizarrón . Tim, os dados são bons?

Em setenta por cento, não mais. estão-se movendo. Mas todos os reféns estão neste rincão Golpeou o pizarrón com o ponteiro.

OK. Paddy, você leva os explosivos. Em casais, como de costumbre. Louis e George entram primeiro e cobrem o lado esquerdo. Eddie e eu entramos imediatamente depois pelo centro. Scotty e Urso entram últimos e cobrem o setor direito. Perguntas?

Ninguém perguntou nada. Todos estudaram o diagrama do pizarrón.

Adiante, então disse Chávez. O comando saiu em fila india, visitando seus trajes ninja.

Como anda essa perna, George? perguntou-lhe Loïselle a Tomlinson.

Terá que ver, suponho. Mas minhas mãos estão dez pontos disse o sargento, levantando seu MP-10.

Bravo o animou Loïselle. Trabalhavam juntos quase permanentemente e conformavam um bom mini-equipo, ao ponto tal de poder ler-se o pensamento. Além disso, ambos tinham o dom de mover-se sem ser vistos. Era uma arte difícil de ensinar: os caçadores instintivos o conheciam naturalmente, e os bons o punham em prática sem cessar.

Dois minutos depois estavam no polígono de tiro. Connolly penetrou-

có o Primacord na porta. (Chávez recordou que esse aspecto do treinamento mantinha extremamente atarefados aos carpinteiros da base.) Trinta segundos depois Connolly retrocedeu e levantou os polegares para indicar que tinha conectado os cabos ao detonador.

Comando 2, aqui Líder a voz do Ding ressonou em todos os auriculares . Preparados e alertas. Paddy, três... dois... um... Já!

Como de costume, Clark saltou com a explosão. Ex-perito em demolições, sabia que Connolly o superava amplamente (tinha um toque quase mágico para o Primacord), mas também sabia que nenhum perito do mundo regulava a quantidade de explosivos. A porta atravessou a habitação como uma bala e se estrelou contra a parede do fundo, o suficientemente rápido para machucar a qualquer que se cruzara em seu caminho, embora provavelmente sem conseqüências fatais.

John se tampou os ouvidos e fechou os olhos. O próximo passo seriam as bengalas explosivas, poderosas e cegadoras como um sol furioso. Evidentemente conhecia o timing à perfeição, já que abriu os olhos justo a tempo para ver entrar nos atiradores.

232

Tomlinson ignorou os protestos de sua perna e seguiu ao Loiselle com a arma em alto. Primeira surpresa para os atiradores: a prática seria arteira. Não havia reféns nem moços maus à esquerda. Ambos

correram à parede do fundo e giraram à direita para cobrir esse setor.

Chávez e Price já tinham entrado e escaneado sua área de responsabilidad. Tampouco tinham visto nada. Vega e McTyler tiveram uma experiência similar no lado direito da habitação. A missão não seria como pensavam. Às vezes passava.

Chávez comprovou que não havia moços maus nem reféns à vista. Só uma porta, aberta, que conduzia a outra habitação.

Paddy, rojões de luzes explosivos, já! ordenou por rádio. Clark observava do rincão, vestido com camisa branca de observador e chaleco antibalas. Connolly se localizou detrás da Vega e McTyler com uma rojão de luzes explosivo em cada mão. Jogou-as pelo vão da porta, primeiro uma, logo a outra, e o edifício voltou para sacudrise. Esta vez, Chávez e Price tomaram a dianteira. Alistair Stanley estava na outra habitação (também vestido com o típico traje branco não me disparen). Desde seu posto original, Clark escutou as rajadas silenciadas das armas, seguidas por gritos de Espaçoso! Espaçoso! Dê-pejado!

Entrou na segunda habitação e viu as cabeças perfuradas de todos os brancos. Ding e Eddie estavam com os reféns, cobrindo-os com seus corpos couraçados e apontando aos brancos de cartão que, em

a vida real, estariam no estou acostumado a sangrando copiosamente por seus leta-

ferida-lhes.

Excelente proclamou Stanley . Boa improvisação. Você,

Tomlinson, esteve um pouco lento, mas seu disparo foi perfeito. O seu também, Vega.

OK, moços, vamos ao escritório a ver o vídeo disse John,

sacudindo a cabeça para eliminar a reverberação dos rojões de luzes

explosivas. Teria que conseguir-se protetores auditivos e lentes se

pensava seguir fazendo isto, do contrário perderia progresivamen-

você a audição. Não obstante, sentia que era seu dever experimentar a

coisa real para poder apreciar o funcionamento geral do comando.

Interceptou ao Stanley no caminho.

Suficientemente rápido, Ao?

Sim assentiu Stanley . Os rojões de luzes explosivos nos dão, né, de

três a cinco segundos de incapacitação, e outros quinze de atuação

subnormal. Chávez se adaptou bem. Todos os reféns haveriam sobrevi-

visto, provavelmente. Nossos moços estão na crista da onda,

John. Não podem melhorar. Apesar de ter a perna danificada,

Tomlinson teve uma desvantagem inferior ao meio passo... e isso que nues-

tro francesito é mais veloz que uma mangosta. Inclusive Vega, corpulento

como é, não tem um cabelo de idiota. Estes meninos são o melhor comando que vi em minha vida, John.

Estou de acordo, mas...

233

Mas ainda há muitas coisas em mãos de nossas adversários. Sim, sei, mas que Deus tenha piedade deles se chegarem a cruzar-se com nós.

234

CAPÍTULO 13

DIVERSÃO

Popov seguia tentando averiguar mais a respeito de seu empregador, sem encontrar no momento nada que o esclarecesse. A combinação de Biblioteca Pública de Nova Iorque e Internet tinha produzido rios de informação, sem lhe proporcionar a mais ligeira chave de por que havia empregado a um ex-funcionário da KGB para contratar terroristas e jogá-los contra o mundo. Como se um menino conspirasse para assassinar a seu amante pai. Mas não era o aspecto moral o que o preocupava. A moral tinha pouco lugar nas operações de inteligência. Jamais se há-bia tratado o tema quando se treinava na academia da KGB em os subúrbios de Moscou, exceto para deixar em claro que o Estado Jamais Equivocava-se. Ocasionalmente lhes ordenarão fazer coisas que podem

lhes resultar perturbadoras pessoalmente lhes havia dito o coronel Romanov . Não obstante terão que as fazer porque as razões, já conheçam-nas ou não, serão sempre corretas. Têm direito a questionar aspectos táticos... mas, como oficiais de campo, será questão de uste-dê como executar a missão. Não obstante, rechaçar uma missão é inacceptable. Ponto final. Nem Popov nem seus companheiros tinham tomado não-você sobre o tema. Ordene que eram ordens. E assim, uma vez aceito o emprego, Popov tinha levado a cabo as tarefas que lhe foram atribuídas... ... mas como servidor da União Soviética sempre havia conheci-dou a missão fundamental: conseguir informação vital para seu país, porque seu país necessitava a informação para si mesmo ou para ajudar a outros cujas ações beneficiariam a seu país. Inclusive tratar com o Illich Ramírez Sánchez tinha servido a uma causa especial, pensou Popov em seu momento. Mas já não era tão ingênuo, é obvio. Os terroristas eram como cães selvagens ou lobos raivosos que alguém jogava no jardim traseiro de alguém para criar comoção. E sim, talvez fora uma manio-bra estrategicamente útil... ou ao menos isso tinham acreditado seus professores, ao serviço de um Estado hoje morto e desaparecido. Mas não, as misio-nes não tinham sido tão úteis, verdade? E por muito boa que houvesse sido a KGB no passado ainda pensava que era a melhor agencia de espionagem do mundo ultimamente tinha sido um terminante fracasso.

A Partida do que o Comitê de Segurança Estatal tinha sido Escudo e Espada já não existia. A Espada não tinha matado aos inimigos do Partido, e o Escudo não o tinha protegido contra as diversas armas de

235

Ocidente. Então, seus superiores sabiam verdadeiramente o que faziam ou deviam fazer?

Provavelmente não, admitiu Popov a contra gosto. Por isso talvez todas as missões que lhe tinham atribuído tinham sido, em menor ou MA-
ior escala, fabulaciones de um louco. Amarga tira de consciência, sim, de não ser porque seu treinamento e experiência lhe permitiam ganhar um suculento salário, por não mencionar as duas valises cheias do Marcos que tinha roubado... mas por fazer o que? Por fazer que as forças policia-
les européias matassem terroristas? Tivesse sido mais fácil, a não ser mais lu-
crativo, entregá-los à polícia e fazer que os prendessem, julgassem e encarcerassem como o lixo criminal que eram. E muito mais satisfac-
tório além disso. Um tigre enjaulado, indo de um extremo a outro das grades e esperando seus cinco quilogramas diários de carne de cavalo congelada era muito mais divertido de ver que sua múmia embalsamada no mu-
seo... e igualmente inofensivo. Popov se sentia uma espécie do Judas carneiro, mas a que açougueiro servia?

O dinheiro era bom. Várias missões como as duas primeiras e correio-

dría tomar seu dinheiro e seus documentos falsos e evaporar-se da face de a Terra. Tomaria sol na praia, saboreando bebidas gostosas e meu-rando garotas bonitas em minúsculos trajes de banho O... o que? Não sabia exatamente que classe de retiro poderia tolerar, mas estava seguro de que encontraria algo. Talvez utilizaria seus talentos para comprar e vender ações e bônus como um verdadeiro capitalista, empregando seu tempo em enriquecer-se ainda mais. Talvez sim, imaginou, bebendo o primeiro café da manhã e olhando pela janela as torres do Wall Street. Mas ainda não estava preparado para essa classe de vida, e até que o estivesse, o fato de desconhecer a natureza de suas missões o perturbava. Ao não saber, não podia avaliar o perigo que ele mesmo corria. Mas apesar de toda sua experiência, habilidade e treinamento profissional não tinha a menor ideia de por que seu empregador queia abrir as jaulas dos tigres e empurrá-los à selva onde os esperavam os caçadores. Era uma verdadeira lástima não poder perguntar-lhe pensou Popov. A resposta poderia inclusive ser divertida.

Registrar-se no hotel foi um fato de precisão mecânica. O mostrador de recepção era grande e estava repleto de computadores que identificavam eletronicamente aos hóspedes o mais rápido possível (para que fossem gastar seu dinheiro no parque quanto antes, por

suposto). Juan recebeu seu cartão magnético e agradeceu à bonita recepcionista com uma leve inclinação de cabeça. Logo levantou seus valises e se dirigiu a seu quarto, agradecido pela ausência de detectores de metais. O trajeto era curto e os elevadores inusualmente grande-dê (para transladar gente em cadeira de rodas, supôs). Cinco minutos depois estava desempacotando em sua habitação. Quase tinha terminado quando golpearam a porta.

Bonjour era René. O francês entrou e se sentou na cama, dê-perezándose . Está preparado, amigo? perguntou.

Sim replicou o basco. Não parecia espanhol. Tinha cabelo loiro avermelhado, rasgos agradáveis e barba bem atalho. A polícia de seu país jamais o tinha detido. Era brilhante, precavido e absolutamente eficaz: tinha dois atentados com autobombas e um assassinato sobre as costas.

René sabia que esta seria a missão mais temerária do Juan, mas parecia estar preparado, tenso, um pouco crispado talvez, mas enroscado como um mola a ponto de saltar. René também tinha feito essa classe de coisas com antecedência, quase sempre assassinatos em ruas lotadas. Ia directamente para o branco, disparava com silenciador e seguia caminhando normalmente; era a melhor maneira de fazê-lo, já que quase nunca o identificavam (a gente jamais via a pistola e estranha vez emprestava atenção a alguém que caminhava pelo Champs-Élysées). Logo se trocava de roupa e acendia o televisor para ver a notícia do atentado. Action Directe tinha sido parcialmente desmantelada pela polícia francesa, mas não de tudo. Os membros capturados foram leais com sua camaradeas em liberdade e não os entregaram nem traíram apesar das pressões e promessas de seus compatriotas uniformizados... e talvez correio-

drían liberar a alguns deles durante a missão, embora o objetivo principal era a liberação do camarada Carlos. Não seria fácil tirá-lo de La Sante, pensou René, levantando-se para olhar pela janela a estação ferroviária que os visitantes utilizavam para ir ao parque. Mas a estação estava cheia de meninos esperando que saísse o trem há-bia costume que nenhum governo, por muito brutal que fora, podia ignorar.

Dois edifícios mais à frente, Jean-Paul observava a mesma cena e refletia sobre o mesmo pensamento. Jamais se tinha casado e estranha vez tinha desfrutado de uma boa relação amorosa. Logo agora sabia, aos quarenta e três anos, que essa falta tinha aberto um buraco negro em sua vida e seu caráter, anormalidade que tentava encher com ideologia política, com crenças e princípios e a visão de um radiante futuro socialista para seu país, para a Europa e eventualmente para o mundo inteiro. Mas a parte mais meticulosa de seu caráter lhe dizia que seus sonhos eram meras ilusões e que a realidade estava frente a ele, três pisos mais abaixo e cem metros ao oeste, nos rostos longínquos dos meninos que esperavam abordar o trem a vapor rumo ao parque Y... mas não, esses pensamentos eram aberrantes. Jean-Paul e seus amigos sabiam que sua causa e suas crenças eram justas. Tinham-nas discutido longamente com o correr dos anos, chegando à conclusão de que tinham eleito o

caminho correto. Tinham compartilhado a frustração de que muito poucos compreendessem... mas algum dia compreenderiam, algum dia veriam o atalho de justiça que o socialismo oferecia ao mundo, compreenderiam que o caminho ao radiante futuro devia ser aplainado pela elite revolucionária que entendia o significado e a força da história... e eles não cometeriam os enganos que tinham cometido os russos, esses camponeses retrógrados imersos em um país superdimensionado e abstruso.

237

Assim pensando, olhou às pessoas que se encimava na plataforma ao escutar o assobio da locomotiva e viu... coisas. Nem sequer os meninos eram pessoas, a não ser objetivos políticos em mãos de homens como ele... homens preclaros que compreendiam como funcionava o mundo, ou como debia funcionar. Funcionará, prometeu-se. Algum dia.

Mike Dennis sempre almoçava fora, hábito que havia adquirido a rede na Florida. O que gostava de do Parque Mundial era que se podia beber, em seu caso um bom tinjo espanhol enquanto olhava circular à gente, alerta a possíveis enganos de qualquer classe. Não havia. Os senderos tinham sido planejados cuidadosamente por simulacro computadorizado. Os jogos eram o que mais atraía às pessoas e os atalhos haviam sido pensados para conduzi-la diretamente aos mais espetaculares. Os mais caros eram inegavelmente fabulosos. A seus próprios filhos os

encantavam, especialmente o Bombardeiro uma montanha russa capaz de fazer vomitar ao aviador mais acostumado e a Máquina do Tempo um jogo de realidade virtual de que participavam noventa e seis pessoa por cada ciclo de sete minutos (as provas tinham demonstrado que mais tempo podia ser desastroso). Ao sair era momento de tomar um sorvete ou beber algo, e havia suficientes concessionários para satisfazer distintos desejos. A vários metros estava Pepe s, uma excelente cabeça de gado-

taurante especializado em cozinha catalã. Os restaurantes não deviam estar muito perto dos jogos, já que não eram atrações complementarias (não podia dizer-se que contemplar os devenirs do Bombardeiro abrisse o apetite, muito menos dar uma volta no caso dos adultos). Instalar e operar parques temáticos como esse era uma ciência e uma arte, e Mike Dennis era um dos poucos no mundo que sabiam como fazê-lo (o qual explicava seu enorme salário e o sorriso complacida que acompanhava cada sorvo de vinho enquanto observava a seus convidados desfrutar de do lugar. Se isso era trabalhar, então trabalhar era o melhor do mundo. Nem sequer os astronautas da lançadeira espacial sentiriam tanta satisfação. Ele podia jogar todos os dias com seu joguinho. Eles tinham sorte se voavam duas vezes por ano.

O lugar de reunião tinha sido estabelecido com antecedência. O

Bombardeiro tinha como símbolo a Ju-87 alemã e a insígnia da Cruz de Ferro nas asas e a fuselagem, embora a suástica da cauda tinha sido escrupulosamente apagada. A presença desse jogo devia ofender gravemente a sensibilidade dos espanhóis, pensou André. Acaso ninguém recordava Guernica, a primeira manifestação do Schrecklichkeit nazista, onde foram massacrados milhares de cidadãos espanhóis? Acaso falhava a apreciação histórica? Evidentemente sim. Os meninos e adultos da fila freqüentemente se aproximavam de tocar a réplica do avião nazista que tinha anunciado o extermínio de soldados e civis com sua sereia Trompetista do Jericó. A sereia formava parte do jogo, embora os

238

gritos dos passageiros estavam acostumados a afogá-la na primeira colina de cento

cinquenta metros, seguida pela explosão de ar comprimido e a fonte de água que os veículos atravessavam antes de subir à segunda colina, logo depois de ter arrojado uma bomba sobre um navio simulado. Acaso era o único na Europa que encontrava horrível e bestial essa simbologia?

Evidentemente sim. A gente saía do jogo e voltava a fazer fila para entrar, salvo aqueles que demoravam para recuperar o equilíbrio, suando e (já o tinha visto duas vezes) vomitando. Um regulamento arma-

dou com balde e lampazo se encarregava de limpar o vômito... (não era o melhor trabalho que alguém podia conseguir no Parque Mundial). A guarda médica estava a poucos metros de distância para aqueles que a Necessitaban. André sacudiu a cabeça. Esses miseráveis mereciam sentir-se mau por ter querido subir a esse odiado símbolo do fascismo.

Jean-Paul, René e Juan chegaram quase simultaneamente a entrada da Máquina do Tempo, tudo com um refrigerante na mão. Eles e os outros cinco se reconheceriam pelos chapéus que haviam comprado no kiosko da entrada. André lhes fez um gesto afirmativo, tocando-a nariz como estava planejado. René se aproximou dele.

Onde está o banho de homens? perguntou.

Siga os pôsteres respondeu André . Saio às dezoito. C-naremos onde dissemos?

Sim.

Todos estão preparados?

Completamente preparados, meu amigo.

Verei-os no jantar, então André assentiu e retomou sua p-trullaje (pagavam-lhe por fazê-lo). Seus camaradas se foram caminhando tranqüilamente. Alguns se dariam o luxo de desfrutar dos jogos, pensou André. Na reunião matutina lhes tinham informado que o parque estaria mais lotado até no dia de amanhã. mais de nove mil

peessoas chegariam aos hotéis essa mesma noite ou amanhã pela MANHÃ devido ao feriado bancário nessa região da Europa. O parque estava preparado para receber multidões e seus companheiros de segurança lhe tinham contado toda classe de histórias divertidas a respeito. Quatro meses atrás uma mulher tinha parido gêmeos no guarda mé-diga vinte minutos depois de subir ao Bombardeiro, para surpresa de seu marido e deleite do Dr. Weiler. Os bebês foram nomeados no ato sócios vitalícios do Parque Mundial, feito que comoveu à televisão-visão local (graças ao gênio de seus organizadores para as relações públicas). Talvez lhe pusessem Trasgo ao menino, burlou-se André, detectando um à frente. Os trasgos eram personagens de pernas curtas e cabeça enorme interpretados por garotas miúdas (notava-se pela magreza de as pernas metidas nos gigantescos zapatones). O disfarce tinha incluso uma reserva de água que umedecia os monstruosos lábios... Mais longe, um legionário romano se batia comicamente a duelo com um bárbaro germano. Um dos dois escapava correndo do outro, e viceversa, colhendo aplausos entre os espectadores. Começou a caminhar em dava-

239

rección ao Strabe alemão e foi recebido pela fanfarra de uma banda de música... por que diabos não tocavam o Horst Wessel Leiam? perguntou-se André. Tivesse ficado bem com o maldito Stuka verde. E por que não

vestiam à banda com as camisas negras da SS e obrigavam a tomar banho a alguns visitantes? Acaso isso não era parte da história européia?

Maldito seja este lugar! pensou André. A simbologia tinha sido desenhada para despertar a ira de qualquer indivíduo com um mínimo de consciência política. Mas não, as massas não tinham memória, e tampouco entendiam nada de política e história econômica. Alegrava-o haver elegido esse lugar para fazer sua declaração política. Talvez isso faria pensar aos idiotas (um pouco ao menos) na forma do mundo. Na deformidade mas bem, corrigiu-se André, permitindo-se contrariar as regras do Parque Mundial olhando carrancudo às multidões sorridentes e o dia ensolarado.

Ali, disse-se. Esse era o lugar. Aos meninos adoravam. Agora mesmo havia uma multidão arrastando a seus pais da mão, vestidos com shorts e sapatilhas, muitos com chapéus e globos de gás atadas a suas frágeis bonecas. Inclusive detectou a alguém muito especial, uma garotinha em cadeira de rodas com o distintivo Cumpre seu Desejo. O distintivo indicava a quão operadores deviam permitir acontecer com todas partes sem fazer fila. Uma menina doente, holandesa a julgar pela vestimenta de seus pais, pensou André, provavelmente morrendo de câncer e enviada ali por alguma organização de caridade copiada da American Make-Ao Wish Foundation, que pagava para que os pais levassem a

seu despejado broto a ver os trasgos e outros personagens de desenhos animados por primeira e última vez (o Parque Mundial tinha os direitos de venda e toda outra classe de exploração). Viu que seus ojitos enfermos resplandeciam em rápido caminho para a tumba, e viu que o staff era muito solícito com ela, como se isso importasse a alguém, com esse repugnante sentimentalismo burguês que vibrava em meus alicerces-mos do parque. Eles se ocupariam disso, verdade? Se havia um lugar para fazer um manifesto político que obrigasse a Europa e ao mundo a emprestar atenção ao que realmente importava, era esse.

Ding terminou seu primeiro copo de cerveja. Só beberia um mais.

Era uma regra que ninguém tinha escrito nem tampouco imposto, mas de comum acordo nenhum membro do comando bebia mais de dois copos quando estavam em funções, e quase sempre o estavam... e além disso, dois copos de cerveja britânica eram muito, para falar a verdade. Como fora, todos os membros do C-2 estavam em suas casas jantando com seus familiares. Nesse sentido, Rainbow era uma unidade peculiar. Todos os soldados estavam casados e tinham pelo menos um filho. Os matrimônios pareciam estáveis. John não sabia se era uma característica dos soldados de operações especiais, mas os tigres de duas pernas que trabalhavam para ele eram gatinhos mimosos em seus lares, dicotomia que o resultava assombrosa e divertida de uma vez.

Sandy serve o prato principal, uma excelente carne assada. John levantou-se para cumprir seu dever: cortar a carne. Patsy olhou o enorme bloco de carne morta e pensou brevemente no mal da vaca louca, mas decidiu que sua mãe a teria cozinhado bem. Além disso, gostava a boa carne, com colesterol e tudo, e sua mãe era a melhor cozinheira do mundo.

Como vão as coisas no hospital? perguntou-lhe Sandy.

Obstetrícia é pura rotina. Faz duas semanas que não temos nenhum caso difícil. Esperava me encontrar com uma placenta prévia, inclusive uma placenta abrupta, para praticar uma cesárea, mas...

Nem o mencione, Patsy. Vi muitos casos na sala de emergências. Pânico total... e Obstetrícia deve ser muito eficiente para evitar que todo se transforme em um inferno. Mãe morta e filho morto.

Alguma vez te passou, mami?

Não, mas estivemos perto duas vezes no Williamsburg. Recuerda ao Dr. Ou Connor?

Um moço alto e magro?

Sim assentiu Sandy . Graças a Deus estava de guarda no segundo caso. O residente não sabia o que fazer, mas Jimmy se fez cargo. Eu estava segura de que os perderíamos.

Bom, se a gente souber o que faz...

Se a gente souber o que faz... tampouco é tão fácil. A rotina me sinto melhor. Trabalhei muitos anos na sala de emergências prosi-guiu Sandy Clark . Adoro as noites tranqüilas, quando posso ler meu novela favorita.

Fala a voz da experiência comentou Clark, servindo a carne.

Para mim tem lógica demarcou Domingo Chávez, acariciando o braço de sua esposa . Como anda o pequeno?

Neste momento, chuta como louco replicou Patsy, levando-se a mão de seu marido ao ventre. Jamais falhava. Os olhos do Ding CAM-biaban quando o sentia. Quente e apaixonado, estava a ponto de derre-tirse quando sentia os movimentos do bebê na pança de sua esposa.

Bebê murmurou.

Sim sorriu Patsy.

Bom, quando chegar o momento não quero surpresas desagrá-possíveis, OK? disse Chávez . Quero que tudo seja absolutamente ruti-nario. Isto solo já é bastante excitante. Não quero me deprimir nem nada pelo estilo.

Claro! riu Patsy . Você? te deprimir? Meu comando?

Nunca se sabe, querida observou seu pai voltando a sentar-

Vi-se quebrar-se aos mais robustos.

Não a mim, Mr. C. advertiu Domingo levantando uma sobrancelha.

São como bombeiros disse Sandy . Andam rondando até
que acontece algo.

É certo admitiu Ding . E se o incêndio não se desatar, melhor
para nós.

241

Diz-o a sério? perguntou Patsy.

Sim, amor respondeu seu marido . As missões não são diverti-
dá. até agora tivemos sorte. Não perdemos nem um refém.

Mas não sempre será assim lhe advertiu Rainbow Six a seu subordi-
nado.

Sempre será assim no que a mim respeita, John.

Ding disse Patsy, levantando a vista do prato . Alguma vez
há... quero dizer... né... alguma vez há...?

O olhar respondeu a pergunta, mas as palavras foram:

Prefiro não falar disso.

Não esculpimos entalhes nas armas, Pats lhe disse John a seu hi-
ja . Não estamos em forma, já vê.

Hoje veio Noonan Chávez trocou habilmente de tema . Diz
que tem um novo brinquedo para nos mostrar.

Quanto custa? perguntou Clark em primeríssimo lugar.

Não muito, diz, muito pouco em realidade. A Delta está começando a usá-lo.

E para que serve?

Para encontrar gente.

Né? Está classificado?

É um produto comercial e, não, não está classificado. Mas serve para encontrar gente.

Como?

Rastreia os batimentos do coração do coração humano a quinhentos metros de distância.

O que? perguntou Patsy . E como o faz?

Não estou seguro, mas Noonan diz que os moços do Fort

Bragg se estão voltando loucos... quero dizer, estão realmente entusiasmados com o brinquedo. chama-se Salva-vidas ou algo assim. De todos modos, pediu-lhes que nos enviassem uma equipe de amostra.

Já veremos disse John, lubrificando manteiga no pão . Fabuloso pão, Sandy.

É da padaria pequena do Millstone Road. Não lhes parece que o pão inglês é delicioso?

E pensar que em todo mundo falam pestes da comida bri-

tânica coincidiu John . Os muito idiotas. Eu me criei com esta dieta.

Pura carne vermelha se preocupou Patsy em voz alta.

Meu colesterol está por debaixo de uno-setenta, amor lhe recordou

Ding . Mais baixo que o teu. Suponho que se deve ao exercício físico.

Espera a que envelheça se mofou John. Pela primeira vez em seu

vida tinha aumentado grandemente de peso, com exercício e tudo.

Não tenho apuro retrucou Ding . Sandy, segue sendo uma de

as melhores cozinheiras que conheço.

Obrigado, Ding.

Sempre que não me apodreça o cérebro por comer vacas inglesas

Careta zombadora de pura cepa hispana . Bom, isto é mais seguro

242

que pendurar do Night Hawk. Ao George e Sam ainda lhes dói. Talvez

deveríamos trocar de luvas.

São os mesmos que usa o SEJA. Verifiquei-o.

Sim, sei. antes de ontem o falei com o Eddie. Diz que haverá mais

acidentes nas práticas e Homer diz que a Delta perde um soldado

por ano, morto, em acidentes de prática.

O que? Alarme do Patsy.

E Noonan diz que o FBI perdeu um homem durante um descen-

sou de um Huey. Lhe escorregaram as mãos. Uh Ding se encolheu de

ombros.

A única segurança para isso é aumentar o treinamento

disse John.

Bom, meus moços chegaram ao batente. Agora terei que encontrar a maneira de que sigam ali.

Isso é o mais difícil, Domingo.

Suponho Chávez terminou seu prato.

O que significa que chegaram ao batente? perguntou Patsy.

Querida, significa que o Comando 2 está em forma. Sempre o estivemos, mas não vejo como poderíamos nos superar a partir de agora.

O mesmo passa com os moços do Peter. Exceto pelos dois heridois, não vejo como poderíamos melhorar... especialmente com o Malloy no grupo. Maldita seja, esse tipo sim que sabe dirigir helicópteros.

Estão preparados para matar gente? perguntou Patsy dubitativamente. Era difícil para ela ser médica e dedicar-se a salvar vistas estando casada com um homem cujo objetivo parecia ser as tirar... e Ding tinha matado a alguém, do contrário não tivesse evadido a pergunta. Como era possível que fizesse essa classe de coisas e não impedesse-lhe isso ao sentir ao bebê que ela levava no ventre? O resultado muito difícil entendê-lo, por muito que amasse a seu diminuto consorte de pele olivácea e sorriso radiante.

Não, querida, estamos preparados para resgatar gente a corrigió Ding . Esse é nosso trabalho.

Mas até que ponto podemos estar seguros de que os deixarán sair? perguntou Esteban.

Acaso têm outra opção? replicou Jean-Paul. Esvaziou a garrafa de vinho nos copos.

Estou de acordo disse André . O que outra opção teriam?

Podemos desonrá-los ante o mundo inteiro. E são covardes, não os parece?, burgueses sentimentaloides. Não têm força, nós sim.

Outros cometeram o engano de acreditar isso disse Esteban. Não pretendia jogar advogado do diabo a não ser dar voz às preocupações que, até certo ponto, todos compartilhavam. E Esteban sempre havia sido um homem preocupado.

Nunca houve uma situação como esta. O Guarda Civil é eficaz, mas não está preparada para esta classe de incidentes. São vulgares

243

policiais se mofou Isso André é tudo. Não acredito que possam prender-nos, não? A observação provocou uma série de brincadeiras. Era certo. Eram vulgares e silvestres policiais acostumados a tratar com ardilosos trombadinhas, não com militantes políticos, homens com o treinamento e a dedicação apropriados . Trocaram de opinião?

Esteban se encrespou.

É obvio que não, camarada. Simplesmente aconselho objetivem para avaliar a missão. Um soldado da revolução não deve deixar-se levar pelo entusiasmo boa maneira de disfarçar seus temores, pensaram os outros. Todos os tinham, e a melhor prova disso era que os negavam.

Liberaremos o Illich anunciou René . A menos que Paris esteja disposta a sepultar a um centenar de meninos. Não o farão. E alguns meninos voarão ida e volta a Líbano. Nisso estamos de acordo, não? olhou a seus interlocutores, que assentiram . Bem. Os únicos que se cagarão em cima como resultado disto são os meninos, meus amigos. Nós não o comentário provocou sorrisos e duas gargalhadas discretas. René pediu mais vinho. A seleção era boa, melhor do que podia esperar-se em qualquer país islâmico nos próximos anos (ali esperava escapulir-se dos oficiais de inteligência do DGSE... com mais êxito que Carlos). Bom, jamais conheceriam suas identidades. Carlos lhe tinha dado uma importante lição ao mundo terrorista: a publicidade não servia para nada. arranhou-se a barba. Picava, mas a coceira seria sua salvaguarda pessoal para o futuro . E bem André, quem virá amanhã? Thompson CSF enviará seiscentos empregados com suas famílias, uma espécie de saída familiar multitudinaria para um de seus converse-

mentos. Não poderia ser melhor lhes informou André. Thompson era uma importante fábrica de armas francesa. Alguns de seus empregados, e os filhos destes, seriam conhecidos e portanto importantes para o governo francês. Franceses, e politicamente importantes... não, não podia ser melhor. Se moverão em grupo. Tenho o itinerário. Virão ao castelo ao meio dia para almoçar e ver um espetáculo. Esse será nosso momento, amigos meus mais um pequeno extra que tinha decidido essa manhã cedo. Siempre andavam rondando por alguma parte, especialmente nos shows.

D'accord? perguntou-lhes René. Novamente, todos assentiram.

Seus olhos mostravam maior fortaleza agora. Esqueceriam as dúvidas. A missão os esperava. A decisão tinha sido tomada muito tempo atrás.

A moço lhes levou outras duas garrafas de vinho, que serviram generosamente. Os dez homens saborearam a espirituosa bebida, sabendo que tal vez seria a última por muito tempo, e no álcool encontraram resolução e coragem.

Não lhe parece fabuloso? perguntou Chávez. Isto só passa em Hollywood. Agarram as armas como se fossem facas e logo o vue-

LAN a orelha esquerda a um esquilo a vinte jardas de distância. Amaldiçoe-

seja-ta, oxalá pudesse fazer isso.

Prática, Domingo sugeriu John com um sorriso. Na pantalla do televisor, o moço mau voou quatro jardas para trás, como se lhe tivessem disparado com um foguete antitanque e não com uma simples pistola 9 mm. Pergunto-me onde as compram.

Não nos alcança o presuposto, OH grande perito contador!

John esteve a ponto de derrubar a pouca cerveja que ficava. A filme terminou uns minutos mais tarde. O herói ficou com a chi-CA. Todos os maus morreram. O herói deixou sua agência, aborrecido por a corrupção e a estupidez imperantes, e saiu caminhando rumo ao ocaso, feliz e desempregado. Sim, pensou Clark, só em Hollywood passavam essas coisas. E assim pensando, a noite compartilhada chegou a seu fim. Patsy e Ding foram se dormir a sua casa, e John e Sandy subiram a seu dormitório.

Como se fora um enorme estudo de cinema, pensou André ao entrar em parque (uma hora antes de que abrisse suas portas aos visitantes que já tinham começado a amontoar-se na porta principal). Tudo muito americano, apesar dos esforços realizados para lhe dar um toque europeu. A idéia que o sustentava era americano, é obvio, esse idiota do Walt Disney com seu camundongo falador e seus contos infantis que tanto dinheiro lhe tinham roubado às massas. A religião já não

era o ópio dos povos. Não, agora era o escapismo, fugir da aburrida realidade cotidiana que todos viviam e detestavam... embora não correio-díam vê-la tal qual era, os muito estúpidos burgueses. Quem os mandava ir a esse parque? Seus filhos gimoteantes, que exigiam ver os trasgos e outros personagens de desenhos animados japoneses ou subir ao desprezível Stuka nazista. Até os russos (os que tinham exausto dinheiro suficiente a sua devastada economia para gastá-lo aqui), até os russos subiam à Stuka! André sacudiu a cabeça, aniquilado. Talvez os meninos não tinham a educação ou a memória necessárias para apreciar a obscenidade, mas seus pais sim! Não obstante, acudiam massivamente a esse parque imundo.

André?

deu-se volta e viu o Mike Dennis, diretor executivo do Parque Mundial.

Sim, Monsieur Dennis?

Meu nome é Mike, recorda? o executivo aplaudiu sua chapa de identificação. E sim, uma das regras do parque era chamar a todo o mundo por seu nome de pilha... outra estupidez indubitavelmente aprendida dos americanos.

Sim, Mike, me perdoe.

sente-se bem, André? Parecia preocupado por algo.

Sim? Não... Mike, não, estou bem. Foi uma noite larga.

245

OK Dennis lhe aplaudiu o ombro . Teremos um dia agitado. Faz quanto trabalha conosco?

Duas semanas.

Gosta?

É um lugar único para trabalhar.

Essa é a idéia, André. Que tenha um bom dia.

Sim, Mike observou afastar-se a seu chefe americano. Avançava com passo rápido para o castelo e seu escritório. Malditos americanos, esperavam que todo mundo estivesse feliz todo o tempo, do contrário algo andava mau, e se algo andava mal terei que compô-lo.

Bom, disse-se André, algo andava mau e seria composto essa mesma tarde. Mas ao Mike não agradaria muito, verdade?

A um quilômetro de distância, Jean-Paul trasladou suas armas da valise à mochila. Tinha pedido que lhe levassem a habitação um suculento café da manhã americano: provavelmente teria que man-o ter em pé todo o dia, e inclusive parte do dia seguinte. Outros estavam fazendo o mesmo, nesse hotel e em outros do mesmo complexo. Sua metralhadora Uzi tinha um total de dez cartuchos carregados, ao que terei que adicionar outros seis para sua pistola de 9 mm, três amadurecidas

de fragmentação e um rádio. A mochila pesava, mas não teria que carregá-la todo o dia. Checou seu relógio e jogou uma última olhada à habitação. Todos os artefatos eram novos. Tinha-os limpo com um pano úmido para apagar as impressões digitais, quão mesmo à mesa, o escritório, a porcelana e os utensílios de prata utilizados durante o café da manhã. Não sabia se a polícia francesa tinha ou não seus rastros digitais, mas em caso de que as tivesse não queria lhe dar de presente outro quigo... e se não as tinha, por que lhes facilitar a confecção de um novo arquivo? Vestia calças largas cor cáqui e camisa de manga curta, mais o estúpido chapéu branco que tinha comprado no dia anterior. Isso o distinguiria como um visitante mais, totalmente inofensivo, de esse lugar absurdo. Jean-Paul recolheu sua mochila e saiu, não sem antes limpar o trinco de ambos os lados. Uma vez no elevador, apertou o botão de descida com o nódulo, e poucos segundos depois saiu pela porta do hotel e caminhou casualmente para a estação ferroviária, onde seu cartão magnético obrou como passaporte ao Sistema do Transporte do Parque Mundial. tirou-se a mochila para poder sentar-se e se viu obrigado a compartilhar a viagem com um alemão (que também levava uma mochila ao ombro), sua esposa e seus dois filhos. A mochila golpeou contra o piso quando o homem se sentou junto a ele.

É a Minicam lhe explicou em inglês o alemão. Curioso.

Eu também tenho uma. São bastante pesadas para as andar levando por aí, não lhe parece?

Ah, sim, mas graças a ela poderemos recordar o dia que passamos no parque.

Sim, recordarão-o disse Jean-Paul por toda resposta. Soou o apito e o trem iniciou a marcha. O francês procurou sua entrada no

246

bolso. De fato, tinha três dias mais de ingresso pagamento ao parque temático. Não porque fora a necessitá-los. De fato, ninguém os necessitaria.

Que demônios é isto? balbuciou John, lendo o primeiro fax da pilha . Becas de estudo? E quem tinha violado a segurança?

George Winston, secretário do Tesouro? Que diabos? Alice? Ila-mó.

Sim, senhor Clark disse a senhora Foorgate entrando em seu oficina . Sabia que esse fax lhe causaria certa ardência. Aparentemente, o senhor Ostermann crie necessário recompensar ao comando por havê-lo resgatado.

O que diz a lei a respeito? perguntou John.

Não tenho idéia, senhor.

Como podemos averiguá-lo?

Através de um advogado, suponho.

Temos algum advogado à mão?

Não que eu saiba. E provavelmente necessitará dois, um britânico e outro americano.

Grandioso comentou Rainbow Six . Poderia lhe pedir ao Stanley que venha para ver-me?

Sim, senhor.

247

CAPÍTULO 14

A ESPADA DA LEGIÃO

O passeio compartilhado do Thompson CSF tinha sido planejado com vários meses de antecipação. Os seiscientos meninos tinham estudado horas extra para adiantar suas tarefas escolar, e o acontecimento também tinha implicações comerciais. Thompson estava instalando sistemas computadorizados de controle no parque (era parte da transición da empresa: de fábrica de produtos militares a assinatura de ingeniería eletrônica), apoiando-se em sua experiência militar. Os novos sistemas de controle com os que a gerência do Parque Mundial poderia monitorar as atividades de todo o estabelecimento eram uma variedade linear dos sistemas de transferência de informação criados para as forças terrestres da OTAN. Eram aparelhos plurilingües e fáceis de usar que transmitiam a informação através de éter espacial (em

lugar de fazê-lo por linha terrestre de cobre), o que permitia economizar vários milhões de francos. Por outra parte, Thompson tinha adquirido os sistemas a tempo e em preço (destreza que todos os empreiteiros de defesa do planeta estavam começando a aprender).

Em reconhecimento ao bem-sucedido cumprimento do contrato com um cliente comercial de perfil extremamente alto, os diretores do Thompson tinham cooperado com o Parque Mundial na preparação do picnic organizado para a empresa. Todos os integrantes do grupo, meninos incluídos, vestiam remadoras vermelhas com o logotipo da empresa e pelo momento permaneciam juntos. Avançavam em grupo rumo ao centro do parque, escoltados por seis trasgos que dançavam caminho ao castelo com seus pés descalços e absurdamente gigantescos e suas cabeças enormes e peludas. Também os escoltavam legionários, encabeçados pelos dois porta-estandartes vestidos com pele de lobo e o portador da águia dourada sagrado emblema da VI Legio Victrix, cuja antecessora datava do imperador Tiberio (ano 20 d. C.), agora aquartelada no Parque Mundial, Espanha embelezado com uma pele de leão. Os empregados do parque que formavam parte da legião tinham adquirido seu espírito e partiam voluntariosos, brandindo suas espadas de fabricação espanhola e levando garbosamente seus escudos na mão esquerda. Se moviam em grupo, tal como seus ideais ancestrais vitoriosos o haviam

feito vinte séculos atrás: seus predecessores tinham sido primeira e única linha de defesa da colônia romana que fora nesse passado região da Espanha.

248

Quão único o grupo do Thompson CFS não tinha era uma balança-dá de gente que os guiasse levando enormes bandeiras. De todos modos, era uma das tantas afetações japonesas. Logo do primeiro dia de cerimônias, a gente do Thompson poderia mover-se por sua conta e desfrutar de seus quatro dias no parque como turistas normais.

Mike Dennis observava a procissão pelos monitores de TV de seu escritório enquanto reunia suas notas. Os soldados romanos eram uma de as atrações mais populares do parque temático, o suficiente para ter aumentado sua quantidade de cinquenta a mais de cem e haver estabelecido um trio de centuriões para que os comandasse. Os centuriões distinguiam-se pelas plumas laterais de seus elmos, em tanto os o-gionarios vulgares usavam elmos com uma pluma adiante e outra atrás. Os atores que os interpretavam praticavam esgrima regularmente e inclusive se rumoreaba que algumas espadas tinham fio, coisa que Dennis não se tinha tomado a moléstia de verificar e que teria que proibir em caso de fazê-lo. Mas tudo o que era bom para a moral dos empregados era bom para o parque, e ele tinha por norma permitir que

cada departamento se autogovernara, com interferência mínima de seu centro de comando no castelo. Ampliou a imagem da multidão com o mouse de seu computador. Faltavam vinte minutos para abrir as portas e esse era... OH, sim, era Francisco da Cruz à frente do desfile. Francisco era um sargento retirado das forças paramilitares espanholas que se dedicava a encabeçar desfiles, não? Era um tipo de aspecto robusto, mais de cinquenta anos, braços musculosos e barba tão grossa o Parque Mundial permitia usar bigodes a seus empregados, mas não barbas que devia barbear-se duas vezes por dia. Ao princípio lhes resultava um tanto lhe intimidem aos meninos, mas seu estilo de papai ousado os conquistava imediatamente... mais que nada, gostavam de jogar com a pluma vermelha de seu elmo. Dennis pensou que devia convidá-lo a almoçar um desses dias. Dirigia bem seu pequeno departamento e merecia certas deferências da cúpula.

Abriu um sobre de papel manila. Teria que lhes dar um discurso de bem-vinda aos empregados do Thompson, seguido por um desfile de tropas acompanhados por banda de música itinerante e um jantar no restaurante do castelo. Olhou o relógio, levantou-se e foi para o corredor que conduzia ao pátio do castelo através de uma passagem dissimulada por uma porta secreta. Os arquitetos que construíram o parque receberam um cheque em branco e utilizaram muito bem os petrodólares do

Golfo, embora o castelo não era de tudo autêntico. Tinha saídas de incêndio, asperjadores e estrutura de aço, não era uma massa de ladrilhos empilhados.

Mike? chamou uma voz.

Sim, Pete?

Telefone, chama o diretor.

O executivo voltou correndo a seu escritório, ainda aferrando seu discurso de bem-vinda.

Francisco Tranquilo para seus amigos da Cruz não era um hom-

249

bre alto, mas sim largo de ombros, e suas pernas como pilares faziam tremer a terra quando partia, rígido e resolvido, tal como lhe havia dito um historiador que acostumavam fazê-lo-os legionários. O casco de ferro era pesado e podia sentir os vaivéns da pluma que o coroava. Com o braço esquerdo sustentava o enorme e pesado scutum (o escudo de quão legionários chegava do pescoço aos tornozelos) feito de madeira laminada com um pesado bloco de ferro no centro com a imagem de Medusa e borde de metal. Os romanos deviam haver sido soldados robustos para partir à batalha com semelhante uniforme... quase trinta quilogramas de peso, incluindo acessórios e vianda. O parque tinha feito réplicas de tudo, embora a qualidade do metal segura-

mente superava a dos ferreiros do império romano. Seis meninos se tinham formado atrás dele, emulando sua marcha forte e decidida. Isso o gostava. Seus próprios filhos estavam agora no exército espanhol, seguindo os passos de seu pai... tal como esses garotinhos franceses. Pára da Cruz, o mundo era perfeito.

A poucos metros de distância, o mundo começava a ser perfeito para o Jean-Paul, René e Esteban (este último com uma nuvem de globos obstinados à boneca; de vez em quando vendia um). Outros, vistendo seus chapéus brancos, mesclaram-se com a multidão. Ninguém dos terroristas usava as remadoras vermelhas do Thompson, embora não tivesse sido difícil as conseguir. Em troca, vestiam camisas negras do Parque Mundial que combinavam com os chapéus e todos, exceto Esteban e André, levavam mochilas... como a maioria dos visitantes do Parque Mundial.

Os trasgos acomodaram às pessoas em seus lugares uns minutos antes. Os adultos brincavam entre eles e os meninos assinalavam coisas e riam (a alegria que iluminava seus rostos logo se transformaria em outra coisa), alguns corriam entre os adultos e jogavam às escondidas em meio da multidão... e havia duas em cadeira de rodas... Não, não eram parte do grupo Thompson. Esteban viu que levavam os distintivos de acesso privilegiado mas não as remadoras vermelhas.

André também os viu. Alguém era a garotinha moribunda holandesa do dia anterior e o outro... inglês, a julgar pelo aspecto de seu pai, que empurrava a cadeira de rodas através da multidão rumo ao castelo.

Sim, queria-os a ambos. muito melhor que não fossem franceses, verdade?

Dennis se tinha sentado em seu escritório. A chamada requeria certa informação detalhada que devia procurar em seu computador. Sim, as GAnancias quinzenais do parque superavam as projeções em um 4,1 por cento... Sim, a temporada baixa tinha resultado um pouco menos baixa pelo que esperavam. O clima inusualmente favorável era a explicación, explicou Dennis, e não se podia contar com isso, mas as coisas marchaban muito bem, salvo por problemas nos computadores de duas quingos. Sim, nesse momento havia dois engenheiros de software tratando de solucioná-los... Sim, os gastos seriam talheres pela garantia do fabricante.

250

canto, e seus representantes se mostraram dispostos a cooperar...

bom, como para não está-lo. Sim, estavam licitando dois desenhos de megajuegos que deixariam boquiaberto ao mundo inteiro. O diretor todavia não tinha visto a proposta, mas a consideraria em seu próximo viaje a Espanha dentro de três semanas. Fariam programas televisivos sobre o conceito e o desenho dos dois megajuegos, prometeu Dennis ao diretor, especialmente para o mercado americano de televisão

por cabo. Não seria estranho que atraíram clientes americanos... roubando-lhe ao império Disney que tinha inventado o parque temático. O diretor saudita, que em um princípio tinha investido no Parque Mundial porque a seus filhos adoravam subir a jogos que ele nem sequer podia olhar, manifestou entusiasmo pelas novas atrações sem perguntar muito, disposto a deixar-se surpreender pelo Dennis quando chegasse o momento.

Que diabos...? disse Dennis, tampando a buzina do telefone e levantando a vista.

Todos saltaram pelo ruído quando o quebradiço staccato da metralhadora do Jean-Paul disparou uma larga rajada ao ar. No pátio do castelo a gente retrocedeu instintivamente ao ver o homem barbado apontar sua arma para cima e disparar uma breve chuva de carcazas de bronze no ar. Como bons civis que eram, durante os primeiros segundos se limitaram a olhar, impactados, sem sentir medo ainda...

...e logo viram o atirador entre eles... e retrocederam para apartar-se dele em lugar de apanhá-lo ou detê-lo... e outros tiraram suas armas das mochilas, mas não dispararam... como se estivessem esperando um sinal ou algo...

Francisco da Cruz estava parado detrás de um deles e viu

emergir a arma antes de que o primeiro disparasse. Seu cérebro reconheceu a agressiva mas familiar forma de uma metralhadora Uzi israelense de 9 mm. Com os olhos cravados nela, verificou direção e distância e compreendeu que não pertencia ao parque. O impacto do momento passou como um relâmpago, seus veintitantos anos de serviço uniformizado aflueron a sua consciência, e da Cruz começou a mover-se a dois metros de distância do criminoso barbado.

Os olhos do Claude captaram o movimento e se deu volta para olhar... o que era isso? Um homem com armadura romana e o casco mais estranho que tinha visto em sua vida avançava para ele. Girou para enfrentar a ameaça Y...

... o centurião da Cruz atuou em apóie a um instinto militar que transformou-se no tempo e o espaço. Blandiendo a espada com a emano direita, levantou o escudo para interceptar a boca da Uzi com o medalhão de ferro. Um primo longínquo do Toledo lhe tinha feito a épada para o disfarce. Era de aço laminado, como a do Cid, e tinha o fio de uma navalha de barbear... e da Cruz era novamente um soldado e, pela primeira vez em toda sua carreira, tinha a um inimigo armado fren-

251

você a ele e uma arma na mão, e agora a distância era inferior a dois metros, e metralhadora ou não, ele ia A...

... Claude disparou uma rajada rápida (tal como lhe tinham ensinado a fazê-lo) no centro maciço do branco ameaçador, que casualmente estava formado por três centímetros de ferro. As balas ricochetearam, fragmentando-se...

... da Cruz sentiu o impacto dos fragmentos no braço izquierdo, mas doía menos que uma picada de inseto. Seguiu avançando, brandindo a espada a direita e esquerda. O bordo afiado fez o resto: abriu em dois o antebraço do bode, justo debaixo da manga. Pela primeira vez em sua vida, o centurião Francisco da Cruz derramou sangue inimizado...

... Claude sentiu a dor. Moveu o braço direito e apertou o gatilho. A rajada prolongada atravessou o escudo, abaixo e à direita do meçallón de ferro. Três balas se incrustaram na perna esquerda do centurião, uma delas lhe rompeu a morna e o fez gritar de dor mijem-depois de dava seu segundo golpe letal... e lhe errava à garganta do miserável por um bigode de gato. Seu cérebro ordenou atuar a suas pernas, mas só lhe funcionava uma, e a outra cambaleou vergonhosamente fazendo-o cair à esquerda e à frente...

Mike Dennis correu à janela em lugar de usar os monitores de TV. Outros os estavam olhando e as tira das distintas câmaras seriam registradas automaticamente no banco do VCR do parque. Seu

cérebro não podia dar crédito a seus olhos, mas estava passando, e por impossível que fora, tinha que ser real. Vários homens armados rodeiaban a área das remadoras vermelhas e as açulavam como cães pastores rumo ao pátio do castelo. deu-se volta.

Fechamento de segurança, fechamento de segurança já! ordenou-lhe ao operador do tabuleiro de controle professor. As portas do castelo se fecharam com um simples clique do mouse.

Chame à polícia! ordenou Dennis. Isso também estava programado. O sistema de alarme emitiu um sinal ao barraco policial mais próxima. Era o alarme alarme anti-roubo, mas no momento bastaria. Levantou o telefone e marcou o número da polícia. A única contingência de emergência que tinham planejado era o roubo à caixa, e dado que seria necessariamente um crime maior cometido por um número de delinquentes armados, a resposta interna do parque ao sinal de beiralMA também estava programada. Todos os jogos e atrações se deteriam no ato e a gente receberia instruções de retornar imediatamente a seus hotéis ou à praia de estacionamento, devido a uma emergência inesperada no parque... Dennis pensou que o ruído das metralhadoras teria chegado longe e que os visitantes do parque compreenderiam a urgência do momento.

Isso era o divertido, pensou André. Pediu-lhe um chapéu restante

a um de seus camaradas e tomou a arma que Jean-Paul tinha levado

252

para ele. A poucos metros de distância, Esteban deixou escapar os globos, que se perderam no ar enquanto ele também tirava sua arma.

Os meninos não estavam tão manifestamente assustados como seus pais, talvez porque pensavam que se tratava de outra atração mágica do parque, embora o ruído lhes tinha machucado os ouvidos e os havia feito saltar. Mas o medo é contagioso, e os meninos logo compreenderam a emoção que expressavam os olhos de seus pais, e um por um aferraram-se às mãos e pernas de seus maiores, olhando aos adultos que corriam em torno da multidão de remadoras vermelhas, levando coisas que pareciam... armas. Os meninos as reconheceram: pareciam-se com seus brinquedos, embora obviamente não o eram.

René estava ao mando. Avançou para a entrada do castelo mijem-depois de outros vigiavam os movimentos da multidão. Olhou a seu alrededor, observando aos que estavam fora do perímetro de seu grupo.

Muitos se tinham ajoelhado para ocultar-se. Outros tomavam fotos, ou filmavam. Alguns captariam sua cara de perto, mas não podia fazer nada para impedi-lo.

Dois! gritou . Seleção de reféns!

Dois respondeu Jean-Paul. aproximou-se violentamente a um gru-

correio de pessoas e aferrou pelo braço a uma menina francesa de quatro anos.

Não! gritou a mãe. Jean-Paul a apontou com a arma. A mu-

jer se crispou mas se manteve firme, aferrando os ombros de sua filha.

Muito bem disse Dois , baixando o canhão da arma . Então

matarei-a a ela Em menos de um segundo, a boca de seu Uzi se restre-

gaba contra o cabelo acobreado da pequena. A mãe gritou com mais

força, mas apartou as mãos de sua filha.

Vê para lá lhe ordenou Jean-Paul à menina, assinalando ao Juan.

A garota fez o que lhe ordenava, olhando boquiaberta a sua mãe de-

revestida enquanto o homem armado elegia mais meninos.

André estava fazendo o mesmo em outro setor da multidão.

Antes que nada, foi procurar à pequena holandesa. Anna, lia-se em

seu cartão de acesso privilegiado. Sem dizer uma palavra, apartou ao pai de

a menina da cadeira de rodas e a empurrou para o castelo.

Minha filha está doente protestou o pai em inglês.

Sim, dou-me conta replicou André no mesmo idioma e foi a

selecionar outro menino doente. Seriam reféns de exceção.

Maldito m

isable! lhe espetou a mãe de sua nova vítima.

A Uzi do André lhe partiu o nariz e um rio de sangue lhe banhou a cara. Assim

aprenderia a não falar de mais.

Mamãe! gritou o menino, enquanto André empurrava sua cadeira para o castelo com uma só mão. O menino se deu volta e viu cair a seu Mãe. Um empregado do parque, um varredor, correu a socorrê-la, mas ela seguiu gritando o nome de seu filho: Tommy!

A seus gritos se somaram os de quarenta casais de pais, todos eles embainhados nas remadoras vermelhas da empresa Thompson. A pequena multidão entrou em castelo e outros permaneceram imóveis

253

vários segundos. Logo, lentamente, começaram a avançar para a cale a Espanha.

Carajo, vêm para aqui viu Mike Dennis. Ainda estava falando por telefone com o capitão dos barracos locais da Guarda Civil.

Faça-se fumaça lhe disse o capitão imediatamente . Se tiver alguma maneira de abandonar a área, use-a agora mesmo! Precisamos sua ajuda e a de sua gente. Saia já mesmo dali!

Mas, maldita seja, essa gente é minha responsabilidade.

Sim, é-o, e pode fazer-se cargo de sua responsabilidade desde afuera. Já! ordenou-lhe o capitão . Saia!

Dennis pendurou o telefone e olhou às quinze pessoas que integraban o centro de comando.

me sigam, senhores. Vamos ao centro de comando de emergência.

Já mesmo enfatizou.

Por muito real que parecesse, o castelo não era real. Tinha sido construído com certas comodidades modernas, como elevadores e escadas de incêndios. Dennis pensou que os elevadores estariam provavelmente vigiados, mas recordou que uma das escadas de incêndio conduzia diretamente ao subsolo. Caminhou até a porta indicada, abriu-a e fez gestos a seus empregados para que saíssem. Todos obedeceram, em sua maioria contentes de escapar desse lugar repentinamente perigoso.

O último lhe arrojou um molho de chaves e Dennis fechou a porta atrás dele e baixou correndo os quatro pisos de escada de caracol. Um minuto depois estava no subsolo, lotado de empregados e visitantes resgatados do setor de perigo por trasgos, legionários e outros empregados uniformados do parque. Também havia um grupo de pessoal de segurança, mas nenhum levava uma arma mais ofensiva que seu rádio. Havia armas de fogo no salão de recontagem, mas guardadas sob chave. Ademais, só uns poucos empregados do parque estavam preparados e automovelizados para utilizar e Dennis não queria disparos. O posto de comando de emergência do Parque Mundial estava fora do perímetro do parque, justo ao final do subsolo. Dennis correu atrás de seus empregados para a saída que conduzia à praia de estacionamento para o per-

sonal. Demoraram aproximadamente cinco minutos. Quando chegaram, viu seu escritório vazio e o telefone conectado diretamente com o Guarda Civil.

Está a salvo? perguntou o capitão.

por agora, sim respondeu Dennis, olhando seu escritório do castelo pelo monitor.

por aqui lhes disse André. Mas, a porta estava fechada. Retrocedeu e disparou contra o trinco... que se sacudiu pelo impacto mas permaneceu fechado, ao contrário do que acontece os filmes. René provou com a Uzi, que destroçou essa parte da porta e lhe permitiu abri-la. Guiou a seus reféns escada acima e chutou a porta do centro de

254

comando... vazio. Debulhou uma fileira de insultos e maldições ao descobri-lo.

Estou-os vendo! disse Dennis por telefone . Um homem...

dois... seis homens armados... meu deus, têm meninos! Um deles avançou para uma câmara de vigilância, apontou sua pistola e fez desaparecer a imagem.

Quantos homens armados? perguntou o capitão.

Pelo menos seis, talvez dez, talvez mais. Tomaram meninos como reféns. dá-se conta? Têm meninos.

Compreendo, senhor Dennis. Agora devo deixá-lo e coordenar nossa resposta. Por favor, espere.

Sim Dennis ativou os outros controles para ver o que acontecia no parque. Carajo resmungou. A fúria estava substituindo ao primeiro impacto. Logo chamou o diretor para informá-lo, perguntando-se o que diabos diria quando o príncipe saudita perguntasse o que estava passando... um atentado terrorista contra um parque de diversões?

Em seu escritório, o capitão Darío Gassman chamou Madrid para relatar o incidente. Tinha um plano de crise para seus barracos, que em esse momento estava sendo implementado por seus homens. Dez patrulleros e dieciseis policiais atravessavam a toda velocidade a auto-estrada desde distintas direções e zonas de patrullaje. Quão único sabiam era que deviam implementar o Plano W. A primeira missão era estabelecer um perímetro, com ordens de impedir toda entrada e/ou saída... isto último logo demonstraria ser evidentemente impossível. Outras coisas aconteciam em Madrid enquanto o capitão Gassman corria a seu automóvel para dirigir-se ao Parque Mundial. Demoraria trinta minutos em chegar (inclusive com luzes e sireia). Esse tempo lhe daria a ocasião de pensar em relativa paz, apesar do ruído da rua. Tinha dezesseis homens ali ou em caminho, mas se havia dez criminais armados no Parque Mundial não seriam suficientes, nem sequer para estabelecer um perímetro externo e

interno. Quantos homens mais necessitaria? Teria que chamar ao comando de emergência nacional criado fazia poucos anos pela Guardia Civil? Provavelmente sim. Que classe de criminosos atacavam o Parque Mundial a essa hora do dia? O melhor momento para roubar era a hora de fechamento, e para isso se treinaram ele e seus homens... porque só então o dinheiro estava preparado, classificado e colocado em bolsas de tecido para ser trasladado ao banco, e protegido por pessoal do parque e às vezes por policiais... esse era o momento de maior vulnerabilidade. Mas não, estes delinquentes tinham eleito o dia e tomado reféns... meninos, recordou Gassman. Então eram ladrões ou outra coisa? Que classe de criminosos eram? E se eram terroristas...: tinham tomado reféns... meninos.... terroristas bascos? Maldição, o que eram então?

255

Mas as coisas já se estavam escapando das mãos do Gassman.

O executivo mais importante do Thompson estava falando por celular com os quartéis gerais de sua companhia. A chamada foi rapidamente transmitida a seu diretor, apanhado em meio de um agradável almoço... obviamente abortado no ato. O diretor chamou o ministro de Defesa e as coisas ficaram rapidamente em marcha. O relatório do gerente do Thompson presente na cena tinha sido conciso e

inequívoco. O ministro da Defesa o chamou pessoalmente e fez que seu secretário anotasse todo o necessário. As notas foram tipeadas e enviadas por fax ao primeiro-ministro e ao ministro do Exterior, e este último chamou a seu colega espanhol para lhe pedir confirmação urgente. Já era uma prática política, e se fez outra chamada no ministério de-
fensa.

Sim, fala John Clark disse Rainbow Six por telefone . Sim, se-
ñor. Onde é exatamente...? Já vejo... quantos? OK. Por favor, em-
vínos toda a informação adicional que receba... Não, senhor, não pode-
mos nos mover até que o governo nacional faça o pedido. Obrigado,
senhor ministro Clark apertou outro botão . Vêem imediatamente, Ao.
Temos trabalho em porta Logo fez o mesmo pedido ao Bill Tawney,
Bellow, Chávez e Covington.

O executivo do Thompson, ainda no Parque Mundial, reuniu a
os seus em um posto de comida e os contou. ex-oficial do exército
francês, trabalhou dura e rapidamente para pôr ordem no caos. Apar-
tó aos empregados que tinham conservado a seus filhos. Contou aos de-
mais e determinou que faltavam trinta e três meninos, mais um ou dois em
cadeira de rodas. Os pais estavam predeciblemente frenéticos mas ele
conseguiu controlá-los ao tempo que tentava dominar suas próprias emocio-
nes e agradecia a Deus que seus filhos fossem muito grandes para

fazer a viagem. Uma vez feito isso afastou a sua gente do castelo, localizou-se a um empregado do parque, e lhe perguntou onde podia encontrar telefones e máquinas de fax. O grupo foi escoltado através de uma porta vaivém de madeira a um dissimulado edifício de serviços e logo ao subsolo. De ali foram ao posto de comando de emergência, onde encontraram ao Mike Dennis, ainda obstinado à pasta que continha o discurso de bem-vinda para o grupo Thompson enquanto tentava lhe encontrar alguma lógica ao que estava passando.

Gassman chegou nesse momento, a tempo para ver a transmissão por fax da lista de reféns conhecidos Paris. O ministro da Defesa francês chamou menos de um minuto depois. Resultou conhecer ejecutivo do Thompson, o coronel Robert Gamelin, quem tinha dirigido o

256

equipe de produção do sistema de controle de incêndios de segunda geração para navios tanque poucos anos atrás.

Quantos?

Trinta e três de nosso grupo, talvez mais, mas os terroristas parecem ter eleito especialmente a nossos meninos, senhor ministro. Este é um trabalho para a Legião disse o coronel Gamelin, aludindo ao comando de operações especiais da Legião Estrangeira.

Veremos, coronel fim da comunicação.

Sou o capitão Gassman disse ao Gamelin o tipo do chapéu extravagante.

Maldição, o ano passado levei a minha família ali disse Peter Covington . Se necessitaria um batalhão completo para recuperar o lugar. É um pesadelo: montões de edifícios, montões de espaço, muitos pisos. Acredito que inclusive tem uma área de serviços subterrânea.

Mapas, diagramas? perguntou-lhe Clark à senhora Foorgate.

vou ver replicou ela, abandonando a sala de conferências.

O que sabemos? perguntou Chávez.

Não muito, mas os franceses estão preocupados e exigem que os espanhóis nos deixem entrar Y...

Acaba de chegar isto disse Alice Foorgate, lhe entregando um fax e voltando a sair.

Lista de reféns... Deus santo, são todos meninos, de quatro a onze anos de idade... trinta e três em total... carajo soprou Clark. Voltou para olhar a lista e a passou ao Stanley.

Ambos os comandos, em caso de que nos desdobremos disse o escocês no ato.

Sim Clark assentiu . Assim parece.

Soou o telefone.

Chamada para o senhor Tawney anunciou uma voz feminina por o speaker.

Fala Tawney disse o chefe de inteligência levantando o receptor . Sim, Roger... sim, sabemos, recebemos um chamado de... ah, já vejo. Muito bem. me permita arrumar umas coisas antes, Roger. Obrigado couvegó . O governo espanhol requereu através da embaixada britânica em Madrid que acudamos imediatamente.

OK, gente disse John ficando de pé . Selem os caibalos. Carajo, esta vez nos chamaram rápido.

Chávez e Covington saíram correndo para os edifícios de seus respectivos comandos. O telefone do Clark voltou a soar.

Olá? Escutou durante vários minutos . OK, para mim está bem. Obrigado, senhor.

Quem era, John?

O MOD acaba de pedir um MC-130 à Primeira Asa de Operaciones Especiais. Nos estão enviando isso, junto com o helicóptero de Malloy. Evidentemente há uma pista aérea militar a vinte quilômetros

257

de onde vamos e Whitehall tenta nos limpar o caminho o melhor de tudo, omitiu adicionar, era que o Hércules os tiraria diretamente de Hereford . Quando podemos começar a nos mover?

Em menos de uma hora replicou Stanley logo depois de pensá-lo um segundo.

Bom, porque esse pássaro Hércules chegará em aproximadamente quarenta minutos ou menos. A tripulação já o está abordando.

Escutem, moços estava dizendo Chávez ao meio quilômetro de distância . Temos uma missão. Botas e monturas, meus valentes. À carga.

Começavam a mover-se para o guarda-roupas quando o sargento Patterson fez a óbvia objeção:

Toca-lhe o turno ao Comando 1, Ding. O que nos importa?

Parece que necessitam a ambos, Hank. Hoje saímos todos.

Carajo resmungou Patterson indo para o guarda-roupas.

As equipes já estavam empacotadas, sempre preparados por questões de rotina. Os contêineres de plástico chegaram à porta antes que o caminhão que devia transportá-los.

O coronel Gamelin se inteirou antes que o capitão Gassman. O ministro da Defesa francês o chamou pessoalmente para lhe anunciar que um comando de operações especiais ia caminho ali por rápido pedido do governo espanhol e chegaria em menos de três horas. Gamelin transmitiu a informação a sua gente, provocando certo inevitável Mal-estar no oficial de polícia espanhol, quem a sua vez chamou a seu ministro

em Madrid para lhe informar o que estava ocorrendo. Por sua parte, o ministro acabava de inteirar-se pelo Ministério do Exterior espanhol. Tinham enviado mais força policiais com a ordem de não atuar mais lá dos limites do perímetro estabelecido. Gassman se desconcertou ante a mudança de mandos, mas tinha suas ordens. Contando com treinhados policiais em cena ou em caminho, ordenou que um terço deles ingressassem ao perímetro, lenta e cuidadosamente, e se dirigissem ao castelo... enquanto os outros dois terços ingressavam pelo subsolo, com as armas embainhadas ou com o seguro posto, e com ordens de não disparar baixo nenhuma circunstância, instrução esta última mais fácil de dar que de receber.

As coisas partiam bem até o momento, pensou René, e o centro de comando do parque era muito melhor do que esperava. Estava aprendendo a usar o sistema de computadores para seleccionar as câmaras de TV que aparentemente cobriam todo o prédio, desde as praças de estacionamento até os setores de espera para os diversos jogos e atrações. As imagens eram em branco e negro, e uma vez seleccionada uma se podia ampliar ou panear a câmara para

258

procurar algo. Havia vinte monitores embutidos nas paredes da

escritório, cada um conectado por terminal de computador a pelo menos cinco câmaras. Ninguém podia aproximar-se do castelo sem ser visto pelo sistema. Excelente.

No escritório dos secretários, porta de por meio, André havia feito sentar aos meninos no chão, muito juntos, salvo os dois inválidos colocados contra a parede. Todos os meninos tinham os olhos muito abertos e assustados (obviamente) e no momento estavam tranqüilos (o qual resultava-lhe particularmente agradável). Pendurou-se a ametrilhadora do ombro. No momento não era necessária, verdade?

Fiquem quietos lhes disse em francês, e entrou em centro do Comando . Um chamou.

Sim, Nove respondeu René.

Tudo sob controle aqui. Chegou o momento de chamar?

Sim disse Um. sentou-se, levantou o telefone, examinou os botões e apertou o que parecia mais apropriado.

Olá?

Quem fala?

Sou Mike Dennis. Diretor geral do parque.

Bem, sou Um, e agora estou ao mando de seu Parque Mundial.

Está bem, senhor Um. Que deseja?

A polícia está com você?

Sim, estão aqui comigo.

Bom. Quero falar com o comandante.

Capitão? Dennis lhe fez gestos. Gassman deu três passos para seu escritório.

Sou o capitão Darío Gassman do Guarda Civil.

Eu sou Um. Estou ao mando. Você sabe que temos mais de trinta reféns não?

Sim, sou conciente disso replicou o capitão, mantendo a calma dentro do possível. Tinha lido muitos livros e recebido treinamento para falar com terroristas que tinham tomado reféns, mas agora desejava ter emprestado maior atenção . Tem algo que p-dirme?

Eu não peço. Eu dou ordens que deverão ser cumpridas no ato. E você terá que as transmitir a outros. Entendido?

Sim, compreendo.

Todos nossos reféns são franceses. Você estabelecerá uma linha de comunicação com a embaixada da França em Madrid. Meus ordens estão dirigidas a eles. Por favor, tenha presente que nenhum de nossos reféns é cidadão de seu país. Isto é entre nós e os franceses. Compreende?

Senhor Um, a segurança desses meninos é minha responsabilidade.

Estão em chão espanhol.

Como gosto de replicou Um . De todos os modos, porá-me em contato com a embaixada francesa imediatamente. me avise quando o faça.

259

Primeiro devo transmitir seu pedido a meus superiores. Voltarei para falar com você quando conhecer suas ordens.

Que seja rápido disse René antes de cortar.

Havia ruído no fundo. Os quatro motores Allison rugiram quando o MC-130 acelerou rumo à pista e rodou abruptamente, ascendendo ao céu para seu primeiro vôo a Espanha. Clark e Stanley estavam no compartimento de comunicações, escutando o melhor que podiam (com seus auriculares fortemente isolados) a informação que ia chegando, desconexa e fragmentada como de costume. A voz lhes prometeu mapas e planos quando chegassem ao destino, mas não proporcionou informação adicional sobre a quantidade ou a identidade dos terroristas... estavam trabalhando nisso, precisamente. Justo nesse momento chegou um fax de Paris através dos quartéis gerais da Primeira Asa do Operacionais Especiais dos Estados Unidos, que tinha equipes de comunicação por linha segura constantemente conectados com o Hereford. Era outra lista de reféns. Esta vez, Clark se tomou tempo para ler os nomes e

uma parte de sua mente tentou conjurar os rostos que os acompanhavam, sabendo que se equivocaria irremediavelmente, mas não obstante tentando-o. Trinta e três meninos sentados no castelo de um parque de diversões, rodeados por homens armados, pelo menos seis, talvez dez, talvez mais. Ainda não o tinham sabor de ciência certa. Carajo, pensó Clark. Sabia que era impossível apurar certas coisas, mas nada ia o suficientemente rápido nesse negócio... nem sequer quando a gente emanejava todos os fios.

Os homens afrouxaram seus cintos de segurança e começaram a ficar seus trajes negros do Nomex sem dizer uma palavra e os duas líderes dos comandos foram procurar informação. Voltaram dez minutos depois e começaram a vestir-se; a expressão de seus rostos e a posición de suas cabeças indicava que tinham recebido más notícias. Chávez e Covington informaram a seus homens o pouco que sabiam, e os atirado-cabeça de gado adotaram a mesma expressão que suas líderes instantaneamente. Reféns meninos. Provavelmente mais de trinta, talvez mais, retidos por uma quantidade desconhecida de terroristas, cuja nacionalidade e motivaciones eram uma incógnita até o momento. Não sabiam para que os usariam. Só sabiam que teriam que fazer algo do que se inteirariam quando chegassem ali. Os homens retornaram a seus assentos e ajustaron seus cintos de segurança sem dizer uma palavra. A maioria fechou

os olhos e fingiu dormir. Mas nenhum deles conciliou o sonho. Simplesmente permaneceram com os olhos fechados, procurando e às vezes encontrando uma hora de paz entre o rugir dos motores a turbopropulsión.

Exijo seu número de fax lhe espetou Um ao embaixador francês, falando em seu idioma nativo.

260

Muito bem foi a resposta, seguida imediatamente pelo número.

Enviaremos-lhe uma lista de prisioneiros políticos cuja liberação exigimos. Serão liberados imediatamente e gastos aqui por um avião do Air France. Minha gente, nossos convidados e eu abordaremos o avião rumo a um destino que o piloto conhecerá em seu devido momento. O aconselho satisfazer rapidamente nossas demandas. Temos pouca paciência, e se não satisfazerem nossas exigências nos veremos obrigados a matar alguns reféns.

Transmitirei seu pedido a Paris disse o embaixador.

Bom, e não esqueça lhes recordar que temos muito pouca paciência. CIA.

Oui, não o esquecerei prometeu o diplomático. A linha ficou morta. Olhou aos membros de seu staff: o subjefe de missão, seu agregado militar e o chefe da DGSE. O embaixador era um empresário ao

que lhe tinham atribuído essa embaixada como favor político, já que a proximidade entre Paris e Madrid não requeria um diplomático experiente para o posto . E bem?

Estudaremos a lista respondeu o homem da DGSE. Poucos segundos depois, a lista emergiu pela máquina de fax. O oficial de inteligência a recebeu, leu-a por cima e a passou a outros . Nada bom anunciou com voz sombria.

O Chacal? disse o embaixador . Mas jamais...

Jamais é muito tempo, amigo meu lhe espetou o agente secreto . Espero que estes comandos saibam o que fazem.

O que sabe deles?

Nada, nenhuma só coisa.

Quanto? perguntou Esteban.

Levará tempo replicou René . Em parte real, e em parte inventado. Não esqueça que sua estratégia é estirar o processo o mais possível, nos cansar, nos esgotar, debilitar nossa resolução. Contra isto lhes damos o recurso de acelerar as coisas matando a um refém. Mas esse passo não deve dar-se à ligeira. escolhemos a nossos reféns por seu impacto psicológico e devemos considerar escrupulosamente a maneira de usá-los. Mas sobre tudo devemos controlar a marcha dos acontecimentos. por agora, permitiremo-lhes que se tomem seu tempo mijem-

depois de consolidamos nossa posição René foi ver como estava Claude. Esse estúpido soldado romano lhe tinha aberto uma feia ferida no braço... e isso era quão único tinha saído mau. Claude estava sentado no chão, apertando uma vendagem contra a ferida que não deixava de sangrar. Teriam que lhe dar uns pontos. Má sorte, mas não era grave, excepto para o Claude que devia suportar a dor.

Héctor Weiler era o médico do parque, um cirurgião geral reci-

261

bido na Universidade de Barcelona que passava a maior parte do tempo pondo Band-Aids em joelhos e cotovelos esfolados, embora da parede de seu consultório pendurava a foto dos dois gêmeos que tinha ajudado a nascer quando uma mulher grávida cometeu a loucura de subir ao Bombardeiro... A partir de então, tinham colocado um simpático pôster de precaução na entrada. Pelo resto, era um médico jovem e perito que tinha trabalhado duramente na sala de emergência de sua faculdade, e portanto este não era seu primeiro ferido por arma de fogo. Francisco era um homem de sorte. Haviam-lhe disparado pelo menos seis rajadas de metralhadora, e embora as primeiras três só lhe tinham deixado pequenas marcas no braço esquerdo, uma das segundas rajadas o tinha ferido de gravidade na perna. A morna rota demoraria tempo em soldar-se por sua idade, mas ao menos se

tinha quebrado na parte superior. De havê-lo feito mais abaixo haveria demorado pelo menos seis meses em soldar-se... se é que alguma vez se soldava.

Poderia havê-lo matado resmungou o centurião sob os efeitos da anestesia . Pude lhe haver talhado a cabeça, mas falhei!

Não com o primeiro observou Weiler vendo a crosta vermelha que coroava seu escudo, apoiado no rincão do consultório.

me fale dele ordenou o capitão Gassman.

Quarentão, quarenta e poucos anos disse da Cruz . Alto como eu, mais dez ou doze centímetros, de complexão liviana. Cabelo Marrón, barba marrom com nervuras cinzas. Olhos escuros. Metralhadora Uzi.

Chapéu branco reportou o ex-sargento, mordendo cada palavra. A anestesia não alcançava a lhe acalmar a dor mas era sua obrigação dizer tudo o que sabia e aceitou o desconforto de fazê-lo enquanto o médico seguia trabalhando sobre sua perna ferida . Havia outros. Vi outros quatro, provavelmente mais.

Pensamos que podem ser dez, aproximadamente disse

Gassman . Disse algo?

Da Cruz negou com a cabeça.

Não escutei nada.

Quais são? perguntou o cirurgião sem levantar a vista de seu

tarefa.

Pensamos que são franceses, mas não estamos seguras cabeça de gado-
pondió o capitão do Guarda Civil.

Lo más difícil le tocó al coronel Malloy. Cruzar el Canal de la Mancha e
dirigirse al sur-

sudeste a una velocidad crucero de 150 nudos.

Pararía en una base aérea militar francesa en las afueras de Bordeaux para
recargar

combustible, ya que carecía de los tanques externos que permitían al Night
Hawk atravesar

grandes distancias sin escalas. Como casi todos los helicópteros, el Night Hawk
no tenía

piloto automático, lo que obligaba a Malloy y el teniente Harrison a conducir la
nave

manualmente durante todo el trayecto. Era bastante arduo y cansador,

262

dado que el helicóptero no era la mejor nave del mundo para estar sentado, pero
ambos

estaban acostumbrados... y acostumbraban gruñir cuando alternaban los
controles cada veinte

minutos. Tardarían tres horas en llegar a destino. Atrás viajaba el jefe de
tripulación, sargento

Jack Nance, que en ese momento miraba por las ventanas plásticas la costa
francesa. Estaban

sobrevolando a dos mil pies un puerto pesquero atestado de barcos.

Evidentemente, esto se decidió a las apuradas comentó

Harrison por el intercom.

Sí, bueno, supongo que Rainbow vive contra reloj.

¿Tiene idea de lo que está pasando?

En lo más mínimo, hijo Malloy sacudió la cabeza de derecha a izquierda . Sabes, no regresé a

España desde Tarawa , allá por... 1985, creo. Recuerdo un gran restaurante en Cádiz,

aunque... me pregunto si todavía existirá... Luego de esa tenaz observación la tripulación que

deu em silêncio. O nariz do helicóptero apontou para baixo e pôs rumbo ao sul sob o rotor de

quatro folhas enquanto Malloy checava o monitor de navegação digital cada cinco segundos.

Nada novo sob o sol observou Clark, revisando o último fax.

Não incluía nada novo, só a mesma informação de antes redesenhada por algum oficial de

inteligência particularmente serviçal. Entregou-lhe o fax ao Stanley e foi atrás.

Ali estavam, os integrantes do comando Rainbow; quase todos precían dormidos, mas

provavelmente fingiam dormir, como ele mesmo fazia com o Terceiro SOG mais de uma

geração atrás. Mantenían os olhos fechados e tentavam tranqüilizar seus corpos e seus

menlhes, porque não tinha sentido preocupar-se com algo que desconheciam e a tensão

vampirizaba a força embora os músculos não estivessem funcionando. Nesses casos, a única

defesa era desligar-se. Seus homens eram suficientemente ardilosos e profissionais para

saber que o estresse chegaria a seu devido, inevitável, tempo e que não tinha sentido apressá-

lo. John Clark, outrora SEAL da Armada dos EUA, sentiu um profundo orgulho por ter a

honra de comandar a homens dessa talha. Comoveu-o vê-los ali, sem fazer nada... porque isso

era o que faziam os melhores homens em momentos como esse, porque compreendían o

sentido da missão, porque sabiam como levá-la a cabo, passo por passo. foram enfrentar uma

tarefa da que nada sabiam, salvo que devia tratar-se de um pouco muito grave... porque os

Comandos 1 e 2 jamais tinham saído juntos. E não obstante se comportavam como se de uma

vulgar missão de rotina se tratasse. Não existiam homens melhores que esses, e suas duas

líderes, Chávez e Covington, tinham-nos treinado até o bordo da perfeição.

E, em algum lugar, os terroristas tinham tomado reféns infantieles. Bem, a missão não seria

fácil, e era muito logo para especulareira sobre possíveis estratégias, mas John sabia que era

muito melhor

estar voando nesse ruidoso Pássaro Herky que nesse maldito parque temático que

ominosamente os esperava. Olhou a seus homens e viu a

Morte. John Clark soube que, aqui e agora, a Morte estava a seus ordens.

Tim Noonan estava sentado no extremo dianteiro do setor de carga jogando com seu

computador. David Peled viajava a seu lado. Clark aproximou-se de lhes perguntar o que

estavam fazendo.

A notícia não se difundiu ainda lhe disse Noonan . Me pergunto por que.

Logo se propagará como uma peste predisse Clark.

Em dez minutos, ou menos disse o israelense . Os quais vão a nos receber?

O exército e a polícia espanhóis, conforme me hão dito. Estamos autorizados a aterrisar

dentro de... vinte e cinco minutos lhes informou logo depois de olhar o relógio.

Aí está... France Press acaba de transmitir uma síntese disse

Noonan, lendo-a para verificar a informação . Trinta meninos franafastamentos tomados

como reféns por terroristas não identificados... nada excepto o lugar do fato. Não vai ser

divertido, John observou o ex agente do FBI . mais de trinta reféns em um entorno lotado de

gente. Quando estava com o Comando de Resgate fugíamos a esta classe de cenário. Dez

meninos maus? perguntou.

Isso supõem, mas ainda não está confirmado.

Maldita seja, chefe Noonan sacudiu a cabeça com preocupação.

Estava vestido como os atiradores (Nómex negro e protetor antibalas)

e levava seu Beretta sobre o quadril direita porque preferia considerarse um atirador antes que

um mago da tecnologia. Além disso, disparaBA como o melhor (não em vão praticava

diariamente com o resto do comando no Hereford)... e havia meninos em perigo, pensou

Clark, e o heicho de que houvesse meninos em perigo era talvez a mais capitalista motivación

humana, pelo resto fortalecida pela etapa do Noonan no

FBI, onde os crimes cometidos contra meninos eram considerados o mais desço do baixo.

David Peled se mantinha mais distante. Vestido de civil, observava a tela do computador

como um contador que analisasse o exercício anual de um cliente.

John! chamou Stanley, aproximando-se com um fax na mão .

Tenho o que pedem.

Algum conhecido nosso?

Illich Ramírez Sánchez encabeça a lista.

Carlos? Peled levantou a vista . Alguém quer liberar a esse porco miserável?

Todo mundo tem amigos O Dr. Bellow se sentou a ler o fax e logo o passou ao

Clark.

OK, doc, o que sabemos?

Novamente estamos tratando com terroristas ideológicos, como os de Viena, mas estes têm

um objetivo definido, e estes detentos correio264

líticos ... conheço dois do Action Directe, mas outros são só nombres para mim...

Tenho-o disse Noonan. Estava cotejando sua churrasqueira de terrosubtrai conhecidos com os

nomes do fax . OK, seis Action Directe, oito bascos, um PFLP na França. Não é muito larga a

lista.

Mas sim definida observou Bellow . Sabem o que querem, e o feito de que tenham tomado

meninos como reféns indica que vão em seRio. A eleição dos reféns está orientada a aumentar

a pressão política sobre o governo francês a sua não era precisamente uma opinião

surpreendente, e sabia . A pergunta do milhão é o gobierno francês estará disposto a negociar?

No passado negociavam discretamente, detrás de câmara os disse Peled . Nossos amigos

podem sabê-lo.

Meninos soprou Clark.

Um teatro de operações de pesadelo disse Noonan, asintiendo . Mas quem tem ovos para

matar a um menino?

Teremos que falar com eles para sabê-lo respondeu Bellow.

Olhou o relógio e grunhiu . A próxima vez quero um avião mais veloz.

Tranqüilo, doc lhe disse Clark, sabendo que Paul Bellow tenhadría o trabalho mais difícil do

momento em que aterrissassem e chegaran ao objetivo. Teria que ler as mentes dos terroristas,

avaliar sua decisão e, o pior de tudo, predizer suas ações... e Bellow, como o resto do

comando Rainbow, não tinha até o momento nenhum dado relevante. Como outros, era um

corredor a ponto de arrancar, em posição de saída... que devia esperar o disparo do revólver.

Mas, a diferença de outros, não era um atirador. Não podia esperar o alívio emocional que

estes experimentavam em ação. devido a isso, invejava em silencio aos soldados. Meninos,

pensou Paul Bellow. Teria que encontrar uma maneira de raciocinar com gente que não

conhecia para proteger vista-las desses meninos. Quanta sogalhe dariam os governos

espanhol e francês? Sabia que necessitaria muita sogapara chegar a algo, embora a

quantidade exata dependia do estado mental dos terroristas. Hábían eleito deliberadamente

meninos, meninos franceses, para maximizar a pressão sobre o governo em

Paris... e essa

decisão cuidadosamente planejada... obrigava-o a pensar que estariam dispostos a matar

meninos apesar de todos os tabus associados a esse ato na mente humana normal. Paul Bellow

tinha escrito e dado conferências em todo o mundo a respeito dessa classe de gente, mas em

algum rincão de sua mente se perguntava se na verdade compreendia a mentalidade do

terrorista, tão divorciada de sua própria visão extremamente racional da realidade.

Podia simular o pensamento terrorista, mas poderia compreendê-lo?

Não era uma pergunta para fazer-se nesse momento, com os ouvidos tampadois para proteger

sua audição e seu equilíbrio do perturbador ruído de os motores do MC-130. Assim, voltou a

sentar-se, fechou os olhos e neutralizou sua mente, dando pausa ao estresse que certamente o

abateria em menos de uma hora.

Clark viu o que fez Bellow, e compreendeu suas razões, mas os

265

Rainbows Six não tinham essa opção, porque eles encabeçavam a cadeia de mando... e o

único que tinha nesse momento frente aos olhos eram os rostos que tinha imaginado para os

nomes do fax que tinha em a mão. Quais viveriam? Quais não? A

responsabilidade caía

sobre seus ombros, que não eram nem a metade de fortes do que pareciam.

Meninos.

Ainda não me responderam disse o capitão Gassman por telefone. Ele tinha iniciado a

chamada.

Ainda não lhe demos o ultimato replicou Um . Eu gostaria acreditar que Paris valora nossa

boa vontade. Se não fora o caso, logo aprenderão a respeitar nossa resolução. Faça que fique

claro concluiu René, cortando a comunicação.

E obrigado por ter chamado para iniciar as conversações, se disse Gassman. Essa era uma das

coisas que supostamente devia hácer, conforme dizia nos livros de texto. Estabelecer uma

sorte de diálogo e relação com os criminosos, inclusive certo grau de confiança que luego

poderia explorar em benefício próprio, obtendo a liberação de alguns reféns em troca de

comida ou outras considerações, e erodindo a determinação dos terroristas com o objetivo

final de resolver o crime sem perdas de vidas inocentes... nem criminosos mortos. O

verdadeiro triunfo seria, em sua opinião, levá-los a tribunal de justiça, onde um juiz de toga os

declararia culpados e os condenaria a apodrecer-se em prisão como o lixo que

eram... Mas o

primeiro passo era conseguir que dialogassem com ele, passo que esse tipo Um não parecia

sentir necessidade de dar. O miserável se sentia confortável ao mando da situação... e tinha com o

que, pensou o capitão de polícia. Um grupo de meninos sentados frente a suas armas. Nesse

momento soou outro telefone.

Aterrissaram e estão descarregando.

Quanto demorarão?

Trinta minutos.

Meia hora lhe disse o coronel Tomam Nuncio ao John Clark apearrancou-nas o automóvel.

Nuncio tinha chegado em helicóptero de Madrid.

A suas costas, três caminhões do exército espanhol carregavam as equipes e logo seguiriam o

mesmo caminho com o Rainbow a bordo.

O que sabemos?

Trinta e cinco reféns. Trinta e três são meninos franceses Y...

Já vi a lista. Quais são os outros dois?

Nuncio apartou a vista com desgosto.

Aparentemente o parque tem um programa especial para nemãos doentes, importado dos

Estados Unidos... como o chamam vocês?

Make-Ao Wish? perguntou John.

Sim, esse é. Uma menina holandesa e um menino inglês, ambos em cadeiras de rodas, ambos

gravemente doentes. O fato de que não sejam fran266

afastamentos como outros me resulta bastante estranho. O resto dos meninos são filhos de

empregados do Thompson, a fábrica de equipes de defesa. O líder desse grupo chamou por

sua conta aos quartéis gerais da empresa e de ali a notícia chegou à cúpula do governo

francês, o qual explica a rapidez da resposta. Tenho ordens de lhe oferecer toda a ajuda que

possa emprestar minha gente.

Obrigado, coronel Núncio. Quanta gente tem agora no teatro de operações?

Trinta e oito, e há mais em caminho. Estabelecemos um perímetro interno e controle de

trânsito.

O que acontece os jornalistas?

Detemo-los na porta principal do parque. Não lhes darei a menor oportunidade de informar ao

público a esses porcos prometeu o coronel Núncio. Era o que John esperava do Guarda Civil.

O sombrero era de outra época, mas os olhos azuis do policial, duros e frios, cravados na

auto-estrada, estavam preparados para atacar. Passaram junto a um pôster indicava que o

Parque Mundial estava a quinze quilômetros de distância. O espanhol apertou a fundo o

acelerador.

Julho Vega arrojou a última caixa do Comando 2 no caminhão de cinco toneladas e saltou a

bordo. Todos seus companheiros estavam no fundo e Ding Chávez ocupava o assento do

acompanhante junto ao conductor, tal como era costume entre os comandantes. Todos os

olhos estavam muito abertos e as cabeças erguidas; os homens escrutinavam o terreno embora

sabiam que não era relevante para a missão. Até os comandos se comportavam como turistas.

Coronel, contra que classe de sistemas de vigilância brigamos?

A que se refere? Perguntou Núncio por toda resposta.

O parque tem câmaras de televisão dispersas? Se as tiver disse Clark quero que possamos as

evitar.

Chamarei para averiguá-lo.

Bem? perguntou-lhe Mike Dennis a seu chefe técnico.

Pela entrada de atrás não há câmaras até chegar à praia de estacionamento para empregados.

daqui posso apagá-la.

Faça-o Dennis transmitiu suas diretivas por radio aos veículos que se aproximavam.

Enquanto o fazia, olhou seu relógio. Sobressaia-osros disparos tinham ocorrido fazia três

horas e meia. Parecia uma eternidad. Foi à cafeteira, encontrou-a vazia... e não pôde reprimir

um insulto.

O coronel Nuncio tomou a saída anterior a do parque e ingre267

só, diminuindo a velocidade, em um caminho de dobro emano. Ali encontraram um

patrulheiro cujo ocupante lhes fez gestos para que passaran. Dois minutos depois estacionavam frente ao que parecia ser um túnel com uma porta de aço aberta pela metade.

Nuncio abriu seu puerlha, Clark fez outro tanto, e ambos avançaram rapidamente para a

emtrada.

Seu espanhol é muito bom, senhor Clark. Mas não consigo identificar seu acento.

Indianápolis replicou John. Provavelmente seria o último momemoro leve do dia . Como lhe

falam os moços maus?

Em que idioma, quer dizer? Até o momento, em inglês.

Essa foi a primeira notícia alentadora do dia. Apesar de toda seu sabedoria, as habilidades

lingüísticas do Dr. Bellow eram bastante correiobres, e teria que ocupar seu posto logo que

chegasse seu automóvel, aproximadamente dentro de cinco minutos.

O centro de comando de emergência do parque estava a vinte metros, no interior do túnel.

Outro Guarda Civil lhes abriu a porta e fez a vênia ao coronel Núncio.

Coronel Outro policial, comprovou John.

Senhor Clark, este é o capitão Gassman sabidos apertones de mãos.

Encantado. Sou John Clark. Meus homens estão por chegar. Por favor, poderia me pôr a par

do que está ocorrendo?

Gassman o convidou a sentar-se à mesa de conferências. Todas as paredes do salão estavam

cobertas por monitores de televisão e outros equipes eletrônicas de natureza desconhecida.

Gassman desdobrou um enorme mapa/diagrama do parque.

Os criminosos estão todos aqui informou, assinalando o castelo localizado-se no centro do

parque . Acreditam que são dez, e trinta e cinco reféns, todos meninos. Falei com eles várias

vezes. Meu contato é um homem, provavelmente francês, que se faz chamar Um. As

conversaciones não chegaram a nada, mas temos uma cópia de seus exigemrecua... uma

dúzia de terroristas sentenciados, principalmente sob custodeu francesa, embora haja vários

em cárceres espanhóis.

Clark assentiu. Já sabia, mas o diagrama do parque era toda uma novidade. Em primeiro lugar

examinou as linhas de visão: o que se via e que não.

Tem planos do lugar onde estão? pediu.

Aqui disse um engenheiro do parque, desdobrando sobre a mesa os planos do castelo . Há

janelas aqui, aqui, aqui e aqui. As escaleras e elevadores estão indicados Clark os cotejou com

o mapa .

Têm acesso ao teto por escada, e o teto está a quarenta metros sobre o nível da rua. A linha de

visão é boa em todas direcciones, para todas as ruas.

Se eu queria vigiar a totalidade da coisa, qual seria o melhor lugar para fazê-lo?

268

É muito fácil. O Bombardeiro, no topo da primeira colina.

Tem quase cento e cinqüenta metros de alto.

Quase quinhentos pés disse Clark, demonstrando certa incredulidêem.

É a montanha russa maior do mundo, senhor confirmou o engenheiro . Vem gente de todo o

mundo a visitá-la. O jogo está situado sobre uma pequena depressão, de aproximadamente

dez metros, mas o resto é muito alto. Se quer colocar um vigia, esse é o melhor lugar.

Bom. É possível chegar ali sem ser visto?

Unicamente pelo subsolo, mas há câmaras de televisão...

Marcou um percurso com a mão . Aqui, aqui, aqui e outra mais aqui.

É melhor que caminhar pela superfície, mas não será fácil evitar todas as câmaras.

Não pode as apagar?

Podemos desconectar o centro primário de comando daqui, sim... diabos, se fosse necessário,

posso enviar gente a arrancar os CAbles.

Mas se fizermos isso, nossos amigos do castelo ficarão nervosos advertiu John . OK, temos

que pensá-lo um pouco antes de decidir uma estratégia. No momento, quero que ignorem

quem estão aqui e o que estamos fazendo. Não lhes daremos nada grátis, entendido?

Núncio e Gassman assentiram e John viu em seus olhos uma sorte de respeito desesperado.

Orgulhosos e profissionais como eram, deviam sair-se aliviados pela presença do Rainbow...

já que o comando se faria cargo da situação e de toda a responsabilidade que recebesse.

Por sua parte, eles obteriam um castigo crédito por apoiar uma bem-sucedida operação de

resgate, e também poderiam dar um passo ao flanco e declarar que os enganos cometidos não

eram culpa dela. A mente burocrática era parte e parcela de todo empregado de governo do

mundo.

Né, John.

Clark se deu volta. Era Chávez, com o Covington a suas costas.

Os duas comandantes entraram em grandes pernadas, vestidos com seus trajes de assalto cor

negra, e olhando a outros como anjos exterminadores. aproximaram-se da mesa de

conferências e começaram a estudar o diagrama.

Domingo, apresento-te ao coronel Núncio e ao capitão Gassman.

Bom dia disse Ding em seu espanhol de Los Angeles, estreitamdói a mão. Covington fez o

mesmo, mas em seu próprio idioma.

Um riflero aqui? perguntou Ding, assinalando o Bombardeiro .

Vi-o da praia de estacionamento. É uma espécie de montanha russa. Homer poderia chegar ali

sem ser visto?

Estamos trabalhando nisso.

Noonan entrou na sala com uma mochila repleta de equipes electrónicos.

269

OK, isto parece muito bom para nossos propósitos observou, checando todas as câmaras de

TV.

Nossos amigos têm uma instalação similar aqui.

OH disse Noonan . OK, primeiro quero fechar todos os tumores de telefones celulares.

O que? perguntou Núncio . por que?

Em caso de que nossos amigos tenham um companheiro fora que possa lhes informar por

celular o que estamos fazendo, senhor respondeu Clark.

Ah. Posso ajudá-los?

Noonan respondeu.

Ordene a seus homens encontrar cada tumor e faça que os técnicos insiram estes disquetes em

seus computadores. Todos têm instrucciones impressas.

Felipe! Núncio deu meia volta e estalou os dedos. Um momento depois, seu homem recebeu

os disquetes e as ordens e saiu raudamente da sala.

A que profundidade estamos? perguntou Noonan.

A menos de cinco metros.

Pranchas de concreto?

Pranchas de concreto respondeu o engenheiro do parque.

Bom, John, nossos rádios portáteis funcionarão a perfección.

Os Comandos 1 e 2 entraram em centro de comando do parque e se amontoaram em torno da

mesa de conferências.

Os moços maus e os reféns estão aqui lhes informou

Clark.

Quantos? perguntou Eddie Price.

Trinta e cinco reféns, todos meninos, duas em cadeiras de rodas.

Esses dois são quão únicos não são franceses.

Quem falou com eles? perguntou Bellow.

Eu respondeu o capitão Gassman. Bellow o tirou do braço e levou-o a um rincão para poder

falar tranquilos.

Antes que nada, vigilância extrema disse Chávez . Necessitamos que Homer chegue à ponta

desse jogo... sem ser visto... Como o faremos?

Vejo circular gente pelas telas de TV disse Johnston .

Quais são?

Empregados do parque disse Mike Dennis . Os temos circulando para nos assegurar de que

saíam todos os visitantes Era o procedimento rotineiro de fechamento, embora a fora de

tempo.

Necessito camuflagem... mas ainda tenho que preparar meu rifle.

Tem mecânicos aqui?

Aproximadamente mil replicou o diretor do parque.

OK, vestirei-me de mecânico, com caixa de ferramentas e tudo.

Os jogos estão funcionando?

Não, todos estão fechados.

270

Quantas mais costure se movam, mais costure terão que vigiar disse-lhe o

sargento Johnston a

seu chefe.

Eu gosto de coincidiu Chávez, olhando ao Clark.

A mim também. Por favor, senhor Dennis, ponha em funcionamento todos os jogos do

parque.

ativam-se individualmente. Podemos apagá-los daqui cortando a energia, mas não acendê-los.

Então envie a alguém que o faça. O sargento Johnston acompanhará seu homem até a

montanha russa. Homer, você se instalará ali. Sua missão é reunir informação e nos transmitir

isso Tome seu rifle e desapareça.

A que altura estarei?

A cento e quarenta metros sobre o nível do chão.

O riflero procurou uma calculadora em seu bolso e a acendeu para assegurar-se de que

funcionava.

Bastante bem. Onde posso me trocar?

por aqui o engenheiro o acompanhou ao vestuário dos empregados.

Há um bom ponto de vigilância do outro lado? perguntou

Covington.

Aqui estaria bem respondeu Dennis . No edifício de realidade virtual. Não é tão alto como o

outro, mas tem vista direta às cisternas.

Porei a Houston ali disse Covington . A perna lhe segue incomodando.

De acordo, dois rifleros periscópicos e as câmaras de TV nos proporcionarão uma boa

cobertura visual do castelo disse Clark.

Preciso fazer um reconhecimento rápido para decidir o resto disse Chávez .
Necessito um

diagrama com as posições das câmaras marcadas. E outro para o Peter.

Quando chega Malloy? perguntou Covington.

dentro de uma hora aproximadamente. Terá que carregar combustíveis ao
aterrissar. A partir

desse momento, a disponibilidade do helicóptero será de quatro horas, trinta
minutos.

Até que distância podem ver as câmaras, senhor Dennis?

Cobrem a praia de estacionamento desde este lado, mas não do outro. A gente do
castelo tem

melhor campo visual.

Como estão equipados?

Sabemos que têm metralhadoras. Temo-os filmados.

Quero vê-los intervir Nooann . Agora mesmo, se fosse correíssimo.

A coisa ficou em movimento. Chávez e Covington receberam seus mapas do
parque, então

mesmos vendiam aos visitantes, com as posições das câmaras marcadas com
pontos adesivos

negros. Um carro elétrico mais especificamente, um carro de golfe lhes saiu ao encontro no

corredor e os trasladou fora. Logo retornaram ao par271

que por um caminho de superfície. Covington dava instruções seguindo o mapa, evitando as

câmaras durante o percurso.

Noonan viu os três vídeos que mostravam o operativo terrorista.

Dez em total, todos varões, a maioria Barbados, todos com sombreros brancos no momento

da execução. Dois deles parecem empregados do parque. Temos alguma informação a

respeito?

Estamos trabalhando nisso replicou Dennis.

Tomam impressões digitais? perguntou Noonan, e obteve um gesto negativo por toda

resposta . E fotos?

Sim, todos temos passes com foto Dennis lhe mostrou o seu.

Bom, algo é algo. Os enviaremos ao PDQ da polícia francesa.

Mark! Dennis lhe fez gestos a seu assistente pessoal.

Teríamos que ter uniformize disse Covington.

Sim, a pressa não é boa companheira, não te parece, Peter?

Chávez observou uma esquina e aspirou o aroma do posto de comida.

Sentiu uma pontada de fome . Será divertida entrar aí, velho.

Absolutamente disse Covington.

O castelo parecia real: ocupava uma superfície de mais de cincuenta metros de lado e tinha

aproximadamente a mesma altura. A maior parte era espaço vazio segundo os planos, mas

havia escada e elevador para chegar ao teto, plano, e cedo ou tarde os meninos maus

ponhadrían a alguém ali se ficava um resto de cérebro. Bom, os rifleros ocupariam-se disso.

Homer Johnston e Sam Houston teriam acesso direto: quatrocentos metros de um lado e

apenas cento e sessenta do outro.

As janelas lhe parecem grandes?

O suficiente, Ding.

Sim, eu penso o mesmo Já se estava formando um plano nas duas cabeças . Espero que

Malloy tenha descansado bem.

O sargento Homer Johnston (vestindo agora o uniforme do parque sobre seu traje ninja)

apareceu a cinquenta metros do Bombardeiro.

Visto de tão perto, o jogo parecia até mais lhe intimidem. Caminhou em direção a ele,

escortado por um empregado do parque que era, além disso, o operador dessa atração.

Posso levar o carro ao topo e detê-lo ali.

Grandioso Era muito alto para subir-se, embora havia uma escalerilla todo ao longo da

estrutura. Passaram sob a entrada abovedada e Johnston ocupou o primeiro assento da direita,

deixando a caixa da arma no assento do lado . Adiante lhe disse ao operador.

A ascensão da primeira colina foi lento (manobra deliberada para assustar aos espectadores) e

Johnston teve ocasião de refletir uma vez mais sobre a mentalidade terrorista. O carro de dez

assentos triplos deteve-se no topo. Johnston saiu, levando consigo a caixa do rifle.

Apoiou-a sobre um bordo, abriu-a e extraiu um colchonete de borracha e uma manta

camuflada para cobrir-se. Por último, tirou o rifle e os binoculares. tomou o tempo necessário

para acomodar o colchonete (a

272

superfície era de aço perfurado e logo se tornaria incômoda). Dêpregou a manta sobre a

estrutura. tratava-se de uma rede de pesca LiViana coberta de folhas de plástico verde com

propósitos de camuflagem.

Logo colocou o rifle no bípode e enfocou seus binoculares revestidos de plástico verde. Seu

microfone pessoal de rádio pendia frente a seus aBIOS.

Rifle Dos-uno a comando.

Aqui Six respondeu Clark.

Rifle Dos-uno em posição, Six. Tenho um bom lugar. Posso ver todo o teto do castelo e as

portas do elevador e a escada. Também tenho boa linha de visão ao fundo. Não é um mau

lugar, senhor.

Bem, nos mantenha informados.

Entendido, chefe. Fora O sargento Johnston se apoiou sobre os cotovelos e observou a área

com seus binoculares 7x50. Fazia calor ao sol.

Teria que acostumar-se. Pensou-o um momento, e logo procurou seu cantil. Nesse preciso

instante, o carro que o tinha subido rodou para frente e desapareceu da vista. Escutou o som

das ruedá de aço e se perguntou como seria o descida. Provavelmente parecido a esquiar, algo

que ele sabia fazer bem embora não lhe agradava demasiado. Era mais agradável ter os

malditos pés sobre a maldita terra, e não se podia disparar um rifle caindo pelo ar a uma

velocidêem de cento e trinta nós, não? Apontou os binoculares para uma vêemtana... Tinham

a base plaina mas terminavam em ponta, como as dos castelos verdadeiros, e eram feitas de

segmentos de vidro transparenda unidos por juntas de metal. Talvez seriam difíceis de

atravessar com um disparo, pensou, embora não seria tão fácil lhes disparar desde esse

ângulo... Não, em caso de disparar, teria que ser contra alguém que saísse do castelo. Isso sim

seria fácil. colocou-se detrás da olhe do rifle e apertou o botão do buscador laser,

selecionando o centro do pátio como centro do objetivo. Logo marcou vários números na

calculadora para conhecer a queda vertical e ajustou o ponto de olhe. A linha direta de visão

era de trezentos e oitenta e nove metros. Quase perfecto.

Sim, ministro disse o Dr. Bellow. Estava sentado em um cómodo poltrona (o do Mike

Dennis) e olhava a parede com obstinação. Ali havia agora um par de fotos... ainda sem

identificar porque Tim Noonan não tinha-os em seu computador e nem a polícia espanhola

nem a francesa conerecuam seus nomes ou suas histórias. Ambos tinham departamentos a

pouca distância dali (que nesse momento estavam sendo escrupulosamenrevisado-lhe, quão

mesmo suas contas telefônicas).

Querem tirar do cárcere a esse Chacal, não é certo? preguntó o ministro da Justiça francês.

junto com vários outros, mas o Chacal parece ser o objetivo primordial, sim.

273

Meu governo não negociará com esses delinqüentes! insistiu o ministro.

Sim, senhor, entendo perfeitamente sua posição. Liberar presos não é pelo general uma opção

aceitável, mas cada situação é diferente, e preciso saber quais são suas diretivas em caso de

iniciar uma negociação, se é que as há. Poderíamos tirar o Sánchez do cárcere e trazê-lo aqui

como... bem, como anzol para quão criminais temos rodeados.

Você recomenda isso? perguntou o ministro.

Ainda não estou seguro. Não falei com eles, e até não fazê-lo não saberei exatamente a que

atenderme. No momento, devo supor que estamos tratando com indivíduos sérios e dedicados

dispostos a matar reféns.

Meninos?

Sim, ministro, devemos considerar seriamente essa possibilidade disse Bellow. Sua afirmação

produziu um silêncio que durou dez segundos, segundo o relógio de parede que o psiquiatra

não deixava de olhar.

Devo considerar a situação. Chamarei-o mais tarde.

Obrigado, senhor Bellow pendurou o telefone e olhou ao Clark.

E?

Y... não sabem o que fazer. Eu tampouco ainda. Olhe, John, nos enfrentamos a numerosas

incógnitas. Não sabemos quase nada dos lherroristas. Zero motivação religiosa,

não são

fundamentalistas islâmicos.

portanto não posso usar a religião, a ética ou ao próprio Deus contra eles. Se forem ideólogos

marxistas, serão bastardos desumanos. Até o momento não foram muito comunicativos. Se

não poder falar com eles, será difícil dar com a chave.

OK, então qual é nosso jogo?

deixá-los às escuras, para começar.

Clark se deu volta:

Sr. Dennis?

Sim?

Podemos cortar a eletricidade do castelo?

Sim respondeu o engenheiro do parque em nome de seu chefe.

Fazemo-lo, doc? perguntou John, Bellow assentiu . OK, arranque a tomada então.

De acordo o engenheiro se sentou frente a um terminal de computadora e selecionou o

programa de energia. Em poucos segundos isolou o castelo e cortou o fornecimento de

eletricidade.

Vejamos quanto demoram disse Bellow serenamente.

Demoraram cinco segundos. Soou o telefone do Dennis.

Sim? respondeu pelo speaker.

por que fez isso?

A que se refere?

Sabe muito bem a que me refiro. As luzes se apagaram.

O Dr. Bellow se inclinou sobre o speaker.

Sou o Dr. Bellow. Com quem estou falando?

274

Eu sou Um. Controlo o Parque Mundial. Você quem é?

Meu nome é Paul Bellow e me pediram que falasse com você.

Ah, você é o intermediário, então. Excelente. Acenda as luzes imediatamente.

antes de fazê-lo disse Bellow sem perder a calma eu gostoestuério saber quem é você. Você

conhece meu nome. Eu desconheço o dele.

Já lhe disse. Sou Um. Você me chamará Sr. Um replicou a voz com tom despreocupado, sem

rastros de excitação ou irritação.

De acordo, senhor Um, se insistir... Pode me chamar Paul.

Faça funcionar as luzes, Paul.

E o que fará você em troca, senhor Um?

Em troca me absterei de matar a um menino... no momento adicionou a voz fríamente.

Você não parece ser um bárbaro, senhor Um, e lhe tirar a vida a um menino é um ato de

barbárie... ato que também dificultaria seu posição em vez de facilitá-la.

Paul, já lhe disse o que quero. E o quero já Linha morta.

Mierda soprou Bellow . Conhece as regras do jogo.

E isso é mau?

Bellow assentiu.

Muito mau. Sabe o que tentaremos fazer. Quer dizer, o que tentará fazer eu.

André gritou René do escritório . Escolhe um menino.

Já o tinha feito. Assinalou à garotinha holandesa, Anna, sentada em sua cadeira de rodas com

o distintivo de acesso privilegiado. René assentiu.

Então, os do outro bando tinham mandado a um médico a falar com ele. O nome Paul Bellow

não lhe dizia nada, mas seria um psiquiatra espanhol, provavelmente experiente ou ao menos

treinado para intermediar. A tarefa do Bellow seria debilitar sua resolução, obrigá-los a

render-se e a autocondenar-se a uma vida na prisão. Bom, jamais o obteria. Olhou seu relógio

e decidiu esperar dez minutos.

Malloy afrouxou os controles e se preparou para descender perto do caminhão fornecedor de

combustível. Havia cinco soldados, um deles agitava varas de plástico alaranjado. Em poucos

segundos o Night Hawk tocou terra. Malloy apagou os motores e observou deter o rotor

mijem depois do sargento Nance abria a porta lateral e descia de um salto.

Há tempo para descansar? perguntou o sargento Harrison pelo intercom.

Sim disse Malloy, abrindo sua porta para baixar. Caminhou até o que parecia ser um oficial e

lhe estreitou a mão. Tinha que lhe fazer um pedido muito importante.

275

O truque será nos aproximar o mais possível disse Covington.

Sim Chávez assentiu. Nesse momento circulavam pelo outro lado do castelo. Escutaram o

ruído do Bombardeiro a suas costas. O cstilllo estava rodeado por quarenta metros de espaço

aberto, indubitavelmente pensados pelo arquiteto para lhe dar à estrutura um lugar de

privilégio dentro do parque. E assim era, embora não lhes servia de muito a

Pete e Ding. Ambos se tomaram seu tempo para examinar tudo, desde os regatos artificiais até

as pontes que os cruzavam. Viram as janelas do centro de comando onde se encontravam os

terrorislhas. A linha de visão era excepcional, e isso sem considerar o ingresso a toda

velocidade pelas escadas internas... que certamente estariam cobertas por homens armados.

Não nos estão fazendo isso fácil, verdade? comentou Covington.

Bom, não lhes pagam para isso, acredito eu.

Como marcha o reconhecimento? perguntou Clark por circuito radial encriptado.

Muito bem, Mr. C. replicou Chávez . Malloy já chegou?

Acaba de aterrissar.

Genial, porque vamos necessitar o para entrar.

Dois grupos, acima e abaixo adicionou Chávez . Mas necessitamos informação sobre o centro

de comando.

O oficial espanhol, um major do exército, assentiu no ato e fez gestos a algumas pessoas do

hangar. Convocado-los se aproximaram trotando, receberam suas ordens e se afastaram da

mesma maneira. Uma vez feito isso, Malloy se dirigiu ao hangar. Precisava ir ao banho. Viu

que o sargento Nance voltava para helicóptero com dois recipientes térmicos. Que bom tipo,

pensou Malloy, sabe o importante que é um bom café em momentos como este.

A câmara está morta. Dispararam-lhe disse Dennis . Temmos o vídeo.

Quero vê-lo ordenou Noonan.

A disposição do lugar era similar ao do comando de emergênciaCIA. Tim Noonan pôde

comprová-lo nos cinquenta segundos de filmación. Os meninos estavam amontoados no

rincão oposto à câmara.

Talvez ainda estivessem ali. Não era muito, mas era algo.

Algo mais? perguntou . Há sistemas de áudio, microfones ou algo pelo estilo?

Não replicou Dennis . Usamos o telefone.

Sim O agente do FBI assentiu resignado . Terei que encontrar uma maneira de interceptá-los,

então soou o telefone.

Sim, fala Paul disse Bellow.

Olá, Paul, fala Um. As luzes seguem apagadas. Disse-lhe que

276

conectasse o sistema. Não o fez. Por última vez, faça-o. Imediatamente.

Estamos trabalhando nisso, mas a polícia não sabe como fazero.

E não há ninguém do parque que possa ajudá-los? Não sou tolo,

Paul. Direi-o por última vez, conecte a eletricidade imediatamente.

Sr. Um, estamos trabalhando nisso. Por favor tenha um pouco de paciência, de acordo?

Bellow estava transpirando. Havia começado de repente, e embora sabia por que, esperava

equivocar-se.

André disse René, antes de cortar a comunicação.

O ex-guarda de segurança do parque caminhou para o rincão.

Olá, Anna, acredito que é hora de que volte com sua mamãe.

Ah? perguntou a menina. Tinha olhos azuis e cabelo marrom claro, quase loiro em realidade,

mas sua pele tinha o aspecto pálido e delicado dos convalescentes. Era muito triste. André

empurrou a cadeira para a porta.

Saíamos, mon petit chou murmurou.

O elevador tinha gerador próprio e podia funcionar sem electricidêem. André empurrou a

cadeira, anulou o botão vermelho de emergência e apertou o botão 1. Comportas se

fecharam lentamente e o elevador iniciou o descida. Um minuto depois, voltaram a abrir-se. O

castelo possuía um largo corredor para transitar de um extremo a outro do Parque Mundial,

cujas paredes curvas estavam revestidas de mosaicos. A brisa era agradável e refrescante e o

francês empurrou a cadeira da Anna com decisão.

O que é isto? perguntou Noonan, olhando um dos bonitocabeça de gado . John, alguém acaba

de sair.

Comando, aqui Rifle Dos-uno, vejo um tipo empurrando uma sella de rodas com uma menina

em cima, saindo do lado oeste do castelo

Johnston baixou os binoculares e apontou o rifle, centrando a olhe em a têmpora do sujeito e

apoiando o dedo sobre o gatilho . Rifle Dos-uno sobre o objetivo, repito, sobre o objetivo.

Armas quietas replicou Clark . Repito, armas quietas. Reconocimiento.

Entendido, Six, armas quietas o sargento Johnston retirou o dedo do gatilho. Que demônios

estava passando?

Maldito sussurrou Covington. Estavam a só quarenta metros de distância. Chávez e ele

tinham linha de visão direta. A garotinha pararecua doente além de assustada. inclinou-se para

a esquerda em sua cadeira de rodas para poder ver o homem que a empurrava. Tenhadría uns

quarenta anos, bigode mas não barba, altura, peso e compleição normais, olhos escuros e

inexpressivos. O parque estava tão silencioso

277

agora, tão vazio, que podiam escutar o sussurro das rodas de borracha sobre o pátio de pedra.

Onde está mamãe? Perguntou Anna, valendo do escasso inglês que tinha aprendido na escola.

Em seguida a verá prometeu Nove. Empurrou a cadeira até a entrada do castelo. Deu a volta a

uma estátua, girou para cima no sentido das agulhas do relógio e baixou ao pátio. Deteve a

cadeira na metade do caminho, de aproximadamente cinco metros de largura e pavimentadou.

André olhou a seu redor. Tinha que haver policiais lá fora, mas não via nenhum movimento,

salvo pelos carros do Bombardeiro, que não tinha necessidade de olhar para ver. Bastava com

o ruído, tão familiar. Repentinamente, tudo lhe pareceu detestável. Baixou a mão

ao cinturón,

tirou sua pistola Y...

...pistola, tirou uma pistola! informou no ato Homer Johnstom . OH, carajo, vai A...

... A pistola disparou contra as costas da Anna, direto ao pequeno coração. O peito chato da

garotinha se manchou de sangue e sua cabeça caiu para frente. O homem empurrou a cadeira

de rodas, que rodou por o atalho, carcomendo a parede de pedra até chegar ao pátio, onde

finalmente se deteve.

Covington tirou seu Beretta e apontou. Não seria fácil, mas tinha nuevê balas na pistola e isso

bastaria, mas...

Armas quietas! trovejou o rádio . Arma quietas! Não disparen ordenou Clark.

Mierda! balbuciou Chávez a poucos passos do Covington.

Sim coincidiu o inglês . Absolutamente Embainhou sua pistola e observou ao terrorista, que

se deu volta e voltou caminhando a seu refugio no castelo de pedra.

Estou sobre o branco, Rifle Dos-uno sobre o branco! anunciou

Johnston.

Não disparem. Aqui Six, armas quietas, maldita seja, carajo!

Mierda! balbuciou Clark no centro de comando. Estrelou o punho contra a mesa . Mierda,

mierda!

Soou o telefone.

Sim? disse Bellow, sentado junto à comandante do Rainbow.

O adverti. Acenda as luzes ou mataremos a outro disse Um.

278

CAPÍTULO 15

CHAPÉUS BRANCOS

Não podíamos fazer nada, John. Absolutamente nada disse

Bellow, pronunciando as palavras que os outros não tinham a coragem de dizer.

E agora o que? perguntou Clark.

Agora suponho que devemos acender a luz.

Pelos monitores de TV viram três homens correndo para a menina. Dois usavam o tricornio

do Guarda Civil. O terceiro era o Dr.

Héctor Weiler.

Chávez e Covington viram a mesma cena, mas de uma perspectiva mais próxima. Weiler

vestia guarda-pó branco, o uniforme universal dos médicos, e sua carreira se desesperada

terminou abruptamente quando tocou o corpo ainda quente mas rígido da infortunada menina.

O abatimento de seus ombros foi muito expressivo, inclusive a cinquenta metros de distância.

A bala lhe tinha atravessado o coração. O médico lhes disse algo aos policiais, e um deles

retirou a cadeira de rodas do pátio.

Um momento, doc gritou Chávez, e se aproximou de olhar. Nesse instante recordou que sua

própria esposa levava uma nova vida no ventre, e que provavelmente estaria movendo-se e

chutando enquanto

Patsy estava sentada no living da casa, olhando a televisão ou lendo um livro. A cara da

menina tinha uma expressão apazível, como se estivesse dormida, e Chávez não pôde

reprimir o impulso de acariciar seu muito suave cabelo . O que passou, doc?

Estava muito doente, provavelmente despejada. Devo ter seu arquivo em meu consultório.

Quando estes meninos nos visitam cheio um formulário se por acaso se apresenta uma

emergência o médico se mordeu os lábios e olhou ao céu . Provavelmente estava moribunda,

mas ainda não tinha morrido, ainda não tinha perdido toda esperança Weiler era filho de mãe

espanhola e pai alemão emigrado a Espanha logo depois da

Segunda guerra mundial. Tinha estudado duro para ser médico e cirujano e esse ato, esse

assassinato infame, era a negação de todos seus esforços. Alguém tinha decidido que toda sua

preparação e seus estudos não valiam nada. Até esse momento não tinha conhecido a ira, por

muito silenciosa e triste que fora . Os matarão?

279

Chávez levantou a vista. Não havia lágrimas em seus olhos. Talvez apareceriam mais tarde,

pensou, acariciando ainda a cabecita da menina.

Tinha o cabelo bastante curto, e ele não sabia que havia lhe tornado a crescer logo depois de

sua última sessão de quimioterapia. Só sabia que devia estar viva e que, ao contemplar sua

morte, tinha fracassado naquela missão a que tinha consagrado nada menos que sua própria

vida.

Sim respondeu . Os mataremos. Peter?

Fez-lhe gestos a seu colega, e juntos acompanharam a outros ao consultório do médico.

Caminhavam lentamente. Já não havia motivo para apurar-se.

Perfeito pensou Malloy, revisando a pintura ainda úmida sobre o flanco do Night Hawk.

POLICIA, rezava o pôster . Preparado,

Harrison?

Sim, senhor. Sargento Nance, é hora de mover-se.

Sim, senhor o chefe de tripulação entrou de um salto, ajustou seu cinto de segurança e

observou os movimentos do piloto . Tudo dêpejado atrás disse por intercom .
Rotor de cauda

espaçoso, coronel.

Então, suponho que chegou o momento de voar Malloy apertou o acelerador e o
Night Hawk

subiu ao céu. Logo ativou seu rádio tático . Rainbow, aqui Mr. Urso, mudança.

Mr. Urso, aqui Rainbow Six, leio-o cinco a cinco, mudança.

Mr. Urso está no ar, senhor, chegará em sete minutos.

Entendido, por favor orbite a área até receber novas órdenes.

Entendido, senhor. Notificarei quando começar a orbitar. Fora não havia pressa.
Malloy

afundou o nariz e avançou para a crescente escuridão. O sol quase se pôs e, ao
longe, viu

acendê-las luzes do parque.

Quem é você? perguntou Chávez.

Francisco da Cruz respondeu o homem. Tinha a perna enfaixada e parecia sofrer
o bastante.

Ah, sim, vimo-lo no vídeo disse Covington. Viu a espada e o escudo no rincão e
olhou com

respeito ao centurião aggiornato. Llevamtó a espada e a blandió no ar. A curta
distância devia

ser formidable, sob nenhum conceito comparável com seu MP-10, mas
provavelmente uma

arma muito satisfatória.

Um menino? Mataram a um menino? perguntou da Cruz.

O Dr. Weiler consultou seu arquivo de dados.

Anna Groot, dez anos e meio disse, lendo os documentos da menina .

Osteosarcoma

metastásico, etapa terminal... Ficavam seis semanas de vida, segundo seu médico. O

osteosarcoma é terrível contra a parede, os dois policiais retiraram o corpo da cadeira e o

apoiaram brandamente sobre a maca. Logo o cobriram com uma Sáb280

bana. A gente parecia a ponto de chorar, mas a ira fria que o fazia temblar as mãos impedia a

saída do pranto.

John deve sentir-se como a mesma mierda disse Chávez.

Teve que fazê-lo, Ding. Não era momento adequado para atuar...

Já sei, Peter! Mas como carajo o fazemos entender a ela? Pausa . Tem um pouco de café, doc?

Lá assinalou Weiler.

Chávez foi até a cafeteira e serve um pouco de café em uma xícara plástico.

Acima e abaixo, fazemo-los sandwich?

Covington assentiu.

Sim, acredito que sim.

Chávez esvaziou a xícara e o jogou no cesto.

OK, em marcha então.

Abandonaram o consultório sem dizer uma palavra e caminharam entre as sombras até o

subsolo, e de ali até o centro de comando de emergência.

Rifle Dos-uno, algum movimento? estava perguntando Clark quando chegaram.

Negativo, Six, nada exceto sombras nas janelas. Ainda não puseram a ninguém no teto. É um

pouco estranho.

Confiam muito na cobertura televisiva opinou Noonan. Lhenía frente a ele os planos do

castelo . OK, supomos que nossos amigos estão ali, todos... mas há mais de uma dúzia de

salões nos outros três níveis.

Aqui Mr. Urso anunciou uma voz pelo speaker . Acabo de entrar em órbita. O que preciso

saber, mudança?

Mr. Urso, aqui Six respondeu Clark . Todos os sujeitos estão no castelo. Há um centro de

comando e controle no segundo piso.

Supomos que todos estão ali. Além disso, tenha em conta que os sujeitos se mataram um

refém... uma menina adicionou John.

Malloy não se moveu ao escutar a terrível notícia.

Entendido, OK, Six, orbitaremos e observaremos. Tenha em cuenvocê que temos toda a

equipe de desdobramento a bordo, mudança.

Entendido, fora Clark retirou a mão do botão de transmisión.

Os homens estavam tranqüilos, mas seus olhares denotavam intensidad. Eram muito

profissionais para manifestar abertamente suas emoções nenhum estava jogando com sua

arma ao melhor estilo

Hollywood nem nada disso , mas seus rostos pareciam de pedra, e só os olhos se moviam

escrutinando os diagramas e os monitores de TV.

Deveu ter sido muito duro para o Homer Johnston, pensou Ding. Ele estaBA perto quando

mataram à menina. Homer tinha filhos e pôde haver mandado ao sujeito à próxima dimensão

em um abrir e fechar de olhos...

Mas não, isso não tivesse sido inteligente de sua parte, e lhes pagavam por ser inteligentes. Os

homens não estavam preparados ainda para um ataque improvisado, e a improvisação só

tivesse servido para que

281

morreram mais meninos. E tampouco era essa a missão. Soou o telefone.

Bellow atendeu e ativou o speaker.

Sim? disse com voz cansada.

Lamentamos o incidente com a menina, mas de todos os modos ia a morrer logo. Agora bem,

quando serão liberados nossos amigos?

Paris ainda não se comunicou conosco replicou Bellow.

Nesse caso, lamento lhe dizer que haverá outro incidente breve.

Olhe, senhor Um, não posso obrigar a Paris a fazer nada. Estamos falando, negociando com

funcionários de governo, e eles se toman seu tempo para as decisões. Os governos nunca

atuam rápido, não lhe parece?

Nesse caso, vou ajudar os. lhe diga aos de Paris que se o avião que traz para nossos amigos

liberados não vem a nos buscar dentro de uma hora, mataremos a um refém, e logo

seguriemos matando um cada hora até que satisfaçam nossas exigências disse a voz, sem o

menor ênfase emocional.

Isso não tem sentido. me escute: embora os tirassem agora meusmo do cárcere, demorariam

pelo menos duas horas em chegar aqui. Seus desejos não podem fazer que os aviões voem

mais rápido, verdade?

Pausa reflexiva.

Sim, é certo. Muito bem, começaremos a matar reféns dentro de três horas, a partir de agora...

Não, iniciarei a conta regressiva justo quando der a hora, o qual lhes outorga doze minutos

adicionais. Serei generoso. Compreende?

Sim, você diz que matará a outro menino às vinte e dois horas, e logo seguirá matando um

cada hora.

Correto. Assegure-se de que Paris compreenda também Linha morta.

E bem? perguntou Clark.

John, você não me necessita aqui para isto. Está claro que o farão. Mataram ao primeiro refém

para demonstrar quem manda. Planejam triunfar, sem importar o que custar. A concessão que

acaba de fazernos bem pode ter sido a última.

O que é isso? perguntou Esteban. aproximou-se da janela para ver . Um helicóptero!

Como? René se aproximou também. As janelas eram tão pqueñas que teve que empurrar ao

basco . Sim, é da polícia. Bastante grande adicionou encolhendo-se de ombros . Não me

surpreende mas... . José, sobe ao teto com um rádio e manten informados.

Um dos bascos assentiu e correu à escada de incêndios. O elevador funcionava mas não

queria ver-se obstruído por outro corte de energia elétrica.

282

Comando, Rifle Dos-uno chamou Johnston um minuto depois.

Rifle Dos-uno, aqui Six.

Tenho um sujeito no teto do castelo, um homem, armado com uma Uzi aparentemente.

Também tem um tijolo. É um sozinho, não há ninguém mais no momento.

Entendido, Rifle Dos-uno.

Não é o mesmo que assassinou a neném adicionou o sargento.

OK, bom, obrigado.

Rifle Três também o tem... acaba de dirigir-se a meu setor. Está circulando... sim, olhe para

baixo.

John? perguntou o maior Covington.

Sim, Peter?

Não lhes estamos mostrando suficiente.

A que se refere?

A lhes dar coisas para que se entrettenham olhando. Policiais, um perímetro interno. Se não

verem algo, dentro de pouco vão perguntar se o que estão-se perdendo.

Boa idéia disse Noonan.

Ao Clark também gostou.

Coronel?

Sim replicou Nuncio, inclinando-se sobre a mesa . Proponho dois homens aqui, outros dois

aqui... aqui... aqui.

Sim, senhor, e que seja logo.

René gritou André de um monitor. Assinalou algo . Olhe.

Dois Guardas Civis avançavam lentamente para a rua España, a um lugar situado a cinquenta

metros do castelo. René assentiu e levantou seu rádio.

Três! gritou.

Sim, Um.

A polícia se aproxima do castelo. Vigia-os.

Entendido, A gente prometeu Esteban.

OK, estão usando rádios disse Noonan, checando o exploratório .

Walkie-talkies comuns e silvestres, de venda livre, sintonizados no canal dieciseis. Pura

parada.

Não usam nomes, só números? perguntou Chávez.

Até o momento... Nosso contato se faz chamar Um, e o do teto é Três. OK, isso nos diz algo?

Jogos de rádio disse Bellow . Tirados dos livros. Tratam de nos ocultar suas identidades, mas

isso também está nos livros as duas fotos enviadas a França para sua identificação não tinham

dado ningún resultado.

OK. Os franceses negociarão?

Gesto negativo.

Não acredito. Quando lhe disse ao ministro o da menina holandesa, se limitou a grunhir e

disse que Carlos ficaria onde estava sem importar as conseqüências... e que esperava que

resolvêssemos a situação exitosamente, e que se não podíamos, seu país tinha um comando

em condiciones de atuar.

Nesse caso, devemos idear um plano e estar preparados para levá-lo a cabo... antes das vinte e

dois.

A menos que queiram vê-los matar a outro refém, sim disse Bellow . Me estão negando toda

possibilidade de guiar sua conduta. Conecen as regras do jogo.

Profissionais?

Bellow se encolheu de ombros.

Poderia ser. Sabem o que vou tentar, e ao sabê-lo antecipadamente podem desenhar suas

próprias estratégias.

Não há maneira de mitigar seus atos? perguntou Clark. Ao pão pão, e ao vinho veio, pensou.

Posso tentá-lo, mas provavelmente não. Os ideólogos, os que sabem o que querem... bom, é

muito difícil fazê-los entrar em razão.

Não têm base ética, nem moral no sentido vulgar do término, nada que possa usar contra eles.

Não têm consciência.

Sim, já nos demos conta, suponho. OK John se ergueu e olhou a os duas líderes do comando .

Têm duas horas para planejá-lo, e uma mais para pô-lo a ponto. Atacaremos às vinte e dois.

Precisamos saber um pouco mais sobre o que está acontecendo lá dentro disse Covington.

O que pode fazer a respeito, Noonan? perguntou Clark.

O agente do FBI olhou os planos e logo cravou a vista nos monitores de TV.

Preciso me trocar disse. Foi à caixa onde guardava seus equipes e tirou o conjunto

verde/verde. A melhor noticia até o momemoro era que as janelas do castelo tinham dois

pontos cegos. Melhor ainda, podiam controlar as luzes que exsudam energia em ambas.

aproximou-se ao engenheiro do parque . Poderia apagar esta fileira de luzes?

Seguro. Quando?

Quando o tipo que está no teto olhe para outro lado. E necesito que alguém me cubra

adicionou Noonan.

Eu me encarrego disse Vega, dando um passo adiante.

Os meninos estavam gemendo. Tinham começado duas horas atrás e a coisa ia de mal em

pior. Queriam comer... algo que aos adultos próbavelmente não lhes tivesse passado pela

cabeça, porque haveriam étado muito assustados para ter fome, mas os meninos eram

diferenda. Também precisavam usar freqüentemente os banhos (por fortuna havia dois

adjacentes à sala de controle) e os homens do René não lhes impediam de fazê-lo (os banhos

não tinham janelas, telefones nem nada que possibilitasse a fuga ou algum tipo de

comunicação com o exterior, e

284

não valia a pena agravar a situação obrigando aos pequenos reféns a molhar suas calças). Os

meninos não falavam diretamente com ninguno dos terroristas, mas a choramingação e as

queixa eram muito reais e foram em aumento. Por sorte eram bem educados, do contrário

hubiera sido intolerável, pensou René com um sorriso irônico. Olhou o relógio de a parede.

Três, aqui Um.

Sim, Um.

O que vê?

Oito policiais, quatro casais. Estão-nos vigiando, mas nada mais.

Bom Apagou o rádio.

Atenção disse Noonan. Olhou o relógio da parede. Haviam passado aproximadamente

quinze minutos da última comunicação radial. Tinha posto seu uniforme noturno de duas

tonalidades de verde, o mesmo que tinham usado em Viena. Tinha pendurada seu Beretta .45

automática de um ombro, e uma mochila do outro . Está preparado para dar um passeio,

Vega?

Claro replicou Urso, feliz de poder por fim fazer algo. Por muito que gostasse de ser

responsável pela artilharia pesada do comando, todavia não se acostumou... e provavelmente

jamais se acostumaría. Era o mais corpulento dos Rainbow, tinha o hobby de machacar

ferro, e seu peito alcançava as dimensões do meio barril de cerveja. Seguiu ao Noonan à

porta, e logo fora.

Escada? perguntou Vega.

Há uma loja de ferragens e punturería a cinqüenta jardas de onde vamos. Já averigüei. Têm

tudo o que necessitamos.

Esplêndido replicou o Urso.

Foi uma caminhada rápida. Cruzaram algumas zonas abertas visíveis às câmaras fixas. A loja

a que se dirigiam não tinha pôster.

Noonan empurrou a porta e entrou. Curiosamente, nenhuma esta portaBA fechada. Vega

tomou uma escada extensível de trinta pés.

Isto nos servirá.

Sim saíram. A partir de agora deveriam cuidar mais seus movimentos . Noonan a comando.

Aqui Six.

Comecem com as câmaras, John.

No centro de comando, Clark lhe fez um gesto ao engenheiro do parque. Corriam perigo, mas

não muito... ao menos isso esperavam. O centro de comando do castelo só tinha oito

monitores de TV conectadas a mais de quarenta câmaras. podiam-se dirigir conjuntamente

por seqüência automática de paneo, ou escolher algumas para uso especial.

Bastava um clique do mouse para as desativar. Se os terroristas estavam usando a seqüência

automática (tal parecia ser o caso), provavelmente não advertiriam a falta dessa câmara

durante o paneo. Teriam que

285

atender-se à cobertura visual das outras dois, e o engenheiro estava disposto às apagar e as

acender quantas vezes fora necessário.

Quando apareceu uma mão no campo visual da câmara vinte e três, o engenheiro a anulou.

OK, vinte e três anulada, Noonan.

Estamo-nos movendo disse Noonan. A primeira caminhada foi de vinte metros. detiveram-se

detrás de um posto concessionário .

OK, estamos na loja de pipocas de milho.

O engenheiro ativou a vinte e três e apagou a vinte e um.

Vinte e um anulada informou Clark . Rifle Dos-uno, onde está o sujeito do teto?

Setor oeste, acaba de acender um cigarro, já não olhe para abaixo. No momento, imóvel

reportou Homer Johnston.

Pode avançar, Noonan.

Avançando Vega e Noonan duplicaram o tempo, suas botas com reveste de borracha se

deslizavam silenciosamente sobre a superfície de pedra. Ao flanco do castelo havia uma

franja de terra de aproximadamente dois metros de largura e umas caixas grandes de madeira.

Com supremo cuidado, Noonan e Vega levantaram a escada de mão e a apoiaram atrás de

um arbusto. Vega atirou da soga para estender o extremo superior, detendo-se o chegar ao

bordo da janela. Logo se colocou entre a escada e o edifício e atirou das cordas. A escada

ficou virtualmente pega aos ásperos tijolos de pedra.

Tome cuidado, Tim murmurou o Urso.

Sempre Noonan subiu velozmente os primeiros dez escaladanes, e logo iniciou uma sorte de

engatinho vertical. Paciência, disse-se. Tenho tempo de sobra. Os homens revistam dizer-se

essa classe de mentiras piadosas.

OK ouviu Clark . Está subindo a escada. O sujeito do teto segue no setor oposto. Gordo, surdo

e feliz.

Mr. Urso, aqui Six, mudança disse John. Lhe tinha ocorrido outra idéia.

Mr. Ouso cópia, Six.

Dê umas voltas sobre o setor oeste para chamar a atenção, mudança.

Entendido.

Malloy interrompeu seu interminável vôo em círculo, saiu de órbita e se dirigiu ao castelo. O

Night Hawk era bastante silencioso por tratar-se de um helicóptero, mas o coronel viu

(ajudado por seus anteolhos de visão noturna) que o sujeito do teto se dava volta para olhar.

Malloy se deteve duzentos metros do teto. Queria chamareles a atenção, não vigiá-los. O

cigarro do sentinela se refletia em

286

os lentes. O levou a boca, retirou-o, e finalmente o sustentou entre os lábios.

me diga olá, bombom disse Malloy pelo intercom . Deus santo, se tivesse um Night Stalker,

mandaria seu culo sonolento à próxima dimensão.

Voou o Stalker? Como é?

Se essa nave soubesse cozinhar, casaria-me com ela. É o helicóptero mais amoroso do mundo

disse Malloy . Six, Mr. Urso, o miserável começa a interessar-se em mim.

Noonan, Six, congelamos à vigia do teto. Está no setor oposto.

Bravo, pensou Noonan. tirou-se o casco Kevlar e aproximou a cara à janela. Era feita de

segmentos irregulares unidos por juntas de metal, como nos castelos de antigamente. O vidro

era bastante transparente. OK. Tirou de sua mochila um cabo de fibra óptica com a mesma

cabeça de cobra que tinha utilizado na Berna.

Noonan a Comando, têm-me?

Afirmativo respondeu a voz do David Peled. A imagem se via distorcida, mas era fácil

acostumar-se. Mostrava quatro adultos e uma multidão de meninos sentados no chão, no

rincão, perto de dois leva com sendos pôsteres... Os banhos, compreendeu Peled. Muito bem.

Muito, muito bem . Se vê bem, Timothy. vê-se muito bem.

OK Noonan pegou o minúsculo elemento em seu lugar e comenzó a baixar a escada. Seu

coração pulsava a maior velocidade que quando corria suas três milhas matinais. Quando

chegou abaixo, Vega e ele abraçaram a parede.

O cigarro caiu para baixo e o sentinela se cansou de olhar o helicóptero.

Nossa amiga balança neste direção sobre o teto do castillo reportou Johnston . Atenção,

Noonan, aproxima-se de vocês.

Malloy pensou em manobrar para voltar a captar a atenção do sentinela, mas era uma jogada

muito arriscada. Continuou voando em círculo, aproximando-se cada vez mais ao castelo,

com os olhos cravados em o teto. Não podia fazer nada mais... exceto tirar a pistola e

disparar, mas a essa distância seria difícil dar no branco. E seu trabalho não era matar...

infelizmente, refletiu Malloy. Às vezes, a idéia de matar lhe resultava extremamente atrativa.

O helicóptero me incomoda disse Um por telefone.

Que lástima replicou Bellow, perguntando-se que resposta obteria sua ousadia .
Mas a polícia

faz o que sabe.

Notícias de Paris?

Infelizmente não ainda, mas esperamos as ter logo.

Ainda fica tempo Bellow adotou certa intensidade tranqüila que, esperava, o
terrorista

confundiria com desespero.

O tempo e a maré não esperam a ninguém disse Um, e cortou.

O que quis dizer? perguntou John.

Está jogando segundo as regras. Tampouco se queixou dos policiais que vê pelo
monitor.

Sabe que deve tolerar certas coisas Bellow bebeu um sorvo de café . Se tem
muita confiança.

Supõe que está em um lugar seguro, e retém seus naipes. E se tiver que matar a
outro menino,

bom, está bem, porque assim conseguirá o que quer.

Matando meninos Clark sacudiu a cabeça . Nunca pensei que...

diabos, supõe-se que devo ter em conta estas coisas, não?

É um tabu muito forte, talvez o mais forte de todos disse

Bellow . A maneira em que mataram à menina... sem vacilar, como se fora um
branco de

papel. É ideológico prosseguiu o psiquiatra .

Subordinam tudo a seu sistema de crenças. Só dentro desse sistema são

racionais. Nosso

amigo Um escolheu seu objetivo, e não claudicará.

O engenheiro do parque comprovou que o sistema de TV era fabuloso. O objetivo pontudo à

janela do castelo media menos de dois milímetros na parte mais larga, e embora alguém o

notasse, passaria facilmente por uma gota de pintura ou um enguiço no vidro. A qualidade da

imagem não era muito boa, mas lhes permitia ver onde estava a gente, e quanto mais a olhava,

melhor se decifravam seus contornos.

Contou seis adultos. Com o sétimo no teto do castelo, faltavam três...

E estariam vendo todos os meninos? Era mais difícil com eles. Todos vestiam remadoras da

mesma cor, e o vermelho se traduzia em um cinza muito neutro na imagem branco e negro.

Havia um em cadeira de rodas, mas outros eram difíceis de identificar ou contar. E isso

preocupava aos comandos.

Volta para setor oeste reportou Johnston . OK, já está no setor oeste.

Vamos disse Noonan a Vega.

A escada? Tinham-na escondido detrás dos arbustos laterais.

Deixa-a Noonan saiu correndo em cucullas e chegou a concessionária em poucos segundos .

Noonan a Comando, voltem para interceptar as câmaras.

Está apagada disse o engenheiro ao Clark.

Câmara vinte e um apagada. Em marcha, Tim.

Noonan tocou o ombro da Vega e correu outros trinta metros.

288

OK, anulem a vinte e três disse.

Feito disse o engenheiro.

Movam-se ordenou Clark.

Quinze segundos mais tarde estavam a salvo. Noonan se apoiou comtra a parede de um

edifício e respirou fundo.

Obrigado, Julho.

Conta comigo, velho replicou Vega . Enquanto o truque da câmara funcione...

Funcionará prometeu o agente do FBI.

Depois de ter selado o pacto, voltaram juntos ao posto de comando subterrâneo.

Voar as janelas? Podemos fazê-lo, Paddy? estava perguntando Chávez quando chegaram.

Connolly morria por fumar um cigarro. Tinha deixado o vício anos atrás de outro modo, não

tivesse podido correr as três milhas diarias mas em momentos como esse, as volutas da

fumaça o ajudavam a concentrar-se.

Seis janelas... três ou quatro minutos cada uma... não, não acredito, senhor. Poderíamos voar

dois... se tivermos tempo.

As janelas são muito resistentes, Dennis? perguntou Clark.

Os Marcos metálicos estão embutidos na pedra respondeu o interpelado,
encolhendo-se de ombros.

Espere o engenheiro revisou os planos do castelo e leu o que tinha escrito sobre o lado

direito . Aqui estão as especificações...

Só utilizaram argamassa. Acredito que poderia arrancar as de uma patada.

Acredito não foi todo o lhe reafirmem que Ding tivesse querido, mas até que ponto podia uma

janela resistir o peso de um homem de cem quilogramas precedido por suas botas?

E os rojões de luzes explosivos, Paddy?

Podemos fazê-lo respondeu Connolly . Os Marcos ficarão feitos pó, senhor.

OK Chávez se inclinou sobre os planos . Terá tempo para voar duas janelas... esta e esta As

assinalou . Nas outras quatro usaremos rojões de luzes explosivos, um segundo depois. Eddie

aqui, eu aqui,

Louis aqui, George... como anda essa perna?

Mais ou menos respondeu o sargento Tomlinson com dolosa honestidad. Teria que chutar

uma janela, entrar pelo oco, cair sobre o piso de concreto, e levantar-se disparando... e as

vistas de muchos meninos corriam perigo. Não, não podia correr o risco . Será melhor que

escolha a outro, Ding.

Urso, está em condições de fazê-lo? perguntou Chávez.

OH, sim replicou Vega, tratando de reprimir um sorriso . Não o duvide, Ding.

OK, Scotty aqui, e Mike nestas dois. Qual é a distância exacvocê do teto?

Figurava nos planos.

289

Dezesseis metros exatamente do nível do teto. Terá que adicionar outros setenta centímetros

de molduras.

Com as sogas alcançará decidiu Eddie Price. O plano tomava forma. Ding e Price teriam a

missão primitiva de interpor-se entre os meninos e os moços maus, sempre disparando. Vega,

Loiselle,

McTyler e Pierce teriam a missão de matar a todos os sujeitos presente na sala de comando do

castelo, embora isso se decidiria sobre a marcha. O Comando 1 do Covington subiria pela

escada do subsolo para interceptar a saída dos sujeitos e apoiar ao Comando

2 se algo falhava.

Price e Chávez voltaram a olhar os planos. Mediram as distamrecua que deviam cobrir e o

tempo com que contavam para fazê-lo. Parerecua possível, inclusive provável, que ganhassem

a partida. Ding olhou a seus companheiros.

Sugestões?

Noonan analisou a imagem transmitida pela equipe de fibra óptica que tinha instalado.

Aparentemente estão nos painéis de controle. Dois sujeitos vigilan aos meninos, mas parecem

tranqüilos... e com razão, já que são meninos, não adultos capazes de opor resistência... mas...

se a um desses miseráveis lhe dá a vontade, poderia acabar com eles em um segundo, velho.

Sim Ding assentiu. Não tinha sentido negar ou evitar o fato .

Bom, teremos que disparar rápido, moços. Há alguma posibilidad de fazê-los sair?

Bellow o pensou uns segundos.

Se lhes disser que o avião vem em caminho... corremos um risco. Se acreditam que lhes

mentimos, bom, podem começar a matar reféns, mas se acreditarem que chegou a hora de ir

ao aeroporto, provavelmente o Sr. Um mandará um par de homens ao subsolo... esse seria o

melhor caminho para abandonar a área, acredito eu. Nesse caso, se podemos jogar um pouco

mais com as câmaras de vigilância e nos aproximar mais...

Sim, voamo-lhes a tampa dos miolos disse Clark . Peter?

A vinte metros de distância poderíamos fazê-los pó. Além disso, apagaríamos todas as luzes

antes de atacar para desorientar a esses bastardos adicionou Covington.

Há luzes de emergência nas escadas disse Mike Dennis .

acende-se quando se curta a energia... carajo, também há dois no centro de comando.

Onde? perguntou Chávez.

À esquerda... quer dizer, nos rincões nordeste e sudoeste. Dois luzes comuns, como faróis de

automóvel, funcionam a bateria.

OK, não usaremos NGV para entrar, suponho, mas igualmente cortaremos a luz para distrai-

los. Algo mais? Peter? perguntou Ding.

Covington assentiu.

Deveria funcionar.

Clark observava e escutava. Estava obrigado a permitir que seus

290

subordinados principais desenhassem o plano e o discutissem, lhe deixando a possibilidade de

assinalar enganos... que até o momento não haviam cometido. Mais que nada, desejava

levantar uma MP-10 e acompanhar a os atiradores, mas não podia fazê-lo. Amaldiçoou para

seus adentros. Comandar não era tão satisfatório como liderar.

Necessitaremos médicos perto, em caso de que os maus tenham boa sorte lhe disse ao coronel

Núncio.

Agora mesmo temos paramédicos fora do parque...

O Dr. Weiler é muito bom disse Mike Dennis . Tem treinamento de emergência. Insistimos

nisso por precaução.

OK, chamaremos-lo quando chegar o momento. Dr. Bellow, diga ao senhor Um que os

franceses cederam e que seus amigos chegarão a as... O que lhe parece?

Às dez e vinte. Se aceitarem, estariam fazendo outra concessión. Mas acredito que isso os

tranqüilizaria... ou deveria tranqüilizá-los, melhor dizendo.

Faça a chamada, doc ordenou John Clark.

Sim? disse René.

Sánchez será solto de La Sante dentro de vinte minutos. Seis dos outros também, mas há

um problema com os três últimos. Não sei o que acontece. Levarão-os a Aeroporto

Internacional Do Gaulle e chegarão aqui em um Airbus 340 do Air France. Acreditam que

chegarão às vinte e dois quarenta aproximadamente. Parece-lhe aceitável? Como transladaremos-los ao avião? perguntou Bellow.

Em ônibus, suponho. Mandarão um ônibus ao castelo. Nos levaremos dez meninos e

deixaremos aqui ao resto como amostra de boa fé. Ihe diga à polícia que sabemos como

mover aos meninos sem que hágan nenhuma tolice... e que qualquer movimento traiçoeiro

terá funestas conseqüências.

Não queremos mais meninos machucados Ihe assegurou Bellow.

Se fizerem o que lhes dizemos não será necessário, mas me entenda bem prosseguiu René

com firmeza , se cometerem uma estupidez, o pátio do castelo se converterá em um reguero

de sangue. Entendido?

Sim, Um, entendo.

René pendurou o telefone e se levantou.

meus amigos, Illich vem para aqui. Os franceses hão satisfeito nossas demandas.

Tem aspecto de camponês feliz disse Noonan, com os olhos clavaus na imagem branco e

negro. O senhor Um se parou e avançava para outro dos sujeitos. Aparentemente se estavam

dando a mão.

Não vão deitar se a dormir a sesta advertiu Bellow . Em todo caso, estarão muito mais alerta.

291

Sim, já sei afirmou Chávez. Mas se nós fizermos bem nuestro trabalho, pouco importará

como eles estejam.

Malloy voltou para a base aérea para recarregar combustível, processo que demorou meia

hora. Enquanto esperava, escutou o que ia ocorrer dentro de uma hora. Na parte de atrás do

Night Hawk, o sargento

Nance ordenou as sogas (de cinquenta pés de comprimento) e as enganchou no piso do

helicóptero. Como os pilotos, Nance tinha uma pistola pendurada do ombro esquerdo. Não

esperava usá-la (era um atirador medíocre), mas o solo feito de levá-la-o fazia sentir-se parte

da equipe, mas como era muito importante para ele. Fiscalizou o reabastecimiento, fechou o

tanque e informou ao coronel Malloy que o pássaro estava preparado para voar.

Malloy acendeu os motores e o Night Hawk subiu ao céu, rumo ao Parque Mundial. dali em

adiante modificaram a rotina de vôo. Ao chegar ao parque, o Night Hawk não voou em

círculo. Em troca, começou a sobrevoar o castelo cada cinco minutos, afastando-se a intervalos

os regulares e iluminando o resto do parque com seus refletores antichoque, aparentemente de

maneira infeliz, como se se houvesse aburrido da órbita anterior.

OK, moços, em marcha disse Chávez. Os que estavam diretamente envolvidos

na operação

de resgate se dirigiram à pselo do subsolo e ao sair encontraram um caminhão do exército

espanhol.

Abordaram-no imediatamente, e o veículo se afastou a toda velocidade rumo à praia de

estacionamento.

Dieter Weber selecionou um posto vigia oposto ao do sargento

Johnston, sobre o teto plano de um cinema onde passavam desenhos animados, a só cento e

vinete metros do flanco leste do castelo. Uma vez ali desenrolló o colchonete camuflado,

colocou o rifle no bípode e começou a apontar a olhe para as janelas do castelo.

Rifle Dois-Dois em seu ficado reportou ao Clark.

Muito bem. Alguma informação, Ao? perguntou Clark llevamtando a vista.

Stanley tinha um aspecto sombrio.

Um montão de armas, e um montão de meninos.

Sim, já sei. Te ocorre outra opção?

Stanley negou com a cabeça.

O plano é bom. Se provássemos fora, daríamos-lhes demasiadou espaço para manobrar. Além

disso, sentirão-se mais seguros no cstillo. Não, Peter e Ding têm um bom plano... mas a

perfeição não é coisa deste mundo.

Sim disse John . Queria estar ali, com eles. O fato do COmandar te faz perder a ação, o mais

importante.

Absolutamente grunhiu Alistair Stanley.

292

As luzes do estacionamento se apagaram de repente. O caminhão, também com as luzes

apagadas, deteve-se junto a um poste de luz. Chávez e seus homens desceram de um salto.

Dez segundos depois chegou o Night

Hawk, e tocou terra com o rotor em movimento. abriram-se as portas laterais e os atiradores

subiram a bordo e se sentaram no chão. O sargento Nance fechou as duas portas.

Todos a bordo, coronel.

Sem dizer uma palavra, Malloy voltou para céu, conciente dos postes de luz que poderiam

desbaratar a missão. Demorou só quatro segundos em esquivá-los. Ato seguido, inclinou o

helicóptero para retornar ao parque.

A/C luz apagadas lhe disse à tenente Harrison.

Luzes apagadas confirmou o co-piloto.

Estamos preparados? perguntou- Ding a seus homens.

Estamos preparados, senhor respondeu Mike Pierce. Malditos asesinos, omitiu

adicionar. Mas

todos o estavam pensando. Apertavam as armas contra o peito e levavam postos suas luvas

antiderrapantes.

Três deles aferravam suas metralhadoras, feito que denotava certa tensão de sua parte. Todos

tinham uma expressão dura e sombria.

Onde está o avião? perguntou Um.

A uma hora dez minutos daqui replicou Bellow . Quando quer o ônibus?

Exatamente quarenta minutos antes de que aterrisse o avião.

Recarregará combustível quando o abordarmos.

aonde pensam ir? perguntou Bellow.

O diremos ao piloto quando estivermos a bordo.

OK, já temos o ônibus. Chegará dentro de quinze minutos.

Onde quer que os espere?

Que vá direto ao castelo, passando o Bombardeiro.

OK, os direi prometeu Bellow.

Merci Linha morta.

Muito ardiloso observou Noonan . Colocarão duas câmaras de vigilancia sobre o ônibus, de

modo que não poderemos utilizá-lo como tela para um comando de resgate. E provavelmente

planejam usar a técnica do montañista para fazer subir aos reféns Pura mierda,

omitiu

adicionar.

Mr. Urso, aqui Six chamou Clark por rádio.

Ouso cópia, Six, mudança.

Executamos dentro de cinco minutos.

Entendido, festa em cinco.

293

Malloy se endireitou em seu assento. Chávez, que tinha escutado a chamada, assentiu e

levantou uma mão com os dedos abertos.

Rainbow, aqui Six. Alerta, repito, alerta. Começamos a operação em cinco minutos.

No subsolo, Peter Covington guiou a três de seus homens em esta direção, para as escadas do

castelo, enquanto o engenheiro do parque apagava sequencialmente as câmaras de vigilância.

O perito em explosivos colocou uma pequena carga na porta de incêndios e assentiu.

Comando-1 está preparado.

Rifle Dos-uno preparado e sobre o branco disse Johnston.

Rifle Dois-Dois preparado, sem branco disse Weber.

Três, aqui A gente anunciou o exploratório na sala de comando.

Sim, A gente replicou o sujeito do teto.

Passa algo?

Não, Um, a polícia segue no mesmo lugar. E o helicóptero está dando voltas, mas sem fazer

nada.

O ônibus deve chegar em quinze minutos. Mantem alerta.

Claro prometeu Três.

OK disse Noonan . Já captamos um ritmo temporário. Um IlaMA a Três cada quinze minutos

aproximadamente. Nunca passa dos dezoito nem dos doze. Então...

Sim Clark assentiu . Nos movemos?

por que não? disse Stanley.

Rainbow, aqui Six. Entrem e executem. Repito, executem já!

A bordo do Night Hawk, o sargento Nance se moveu a esquerda e direita para abrir as duas

portas laterais. Levantou os polegares em direção aos atiradores, que retribuíram o gesto

enquanto enganchaban a soga de descida nos anéis de seus cinturões. Logo se deram volta

para dentro apoiando-se nas novelos dos pés, de modo tal que suas costas se sobressaíssem do

helicóptero.

Sargento Nance, mandarei um sinal luminoso quando sobrevolemos o lugar.

Entendido, senhor replicou o chefe de tripulação, acucillándose na metade da agora vazia

área de passageiros e estendendo os braços para seus homens.

André, vé abaixo e vigia o pátio ordenou René. Seu homem obedeceu em seguida, aferrando a

Uzi com ambas as mãos.

Alguém acaba de sair disse Noonan.

294

Rainbow, aqui Six, um sujeito abandonou o centro de comando.

Oito, pensou Chávez. Oito sujeitos que abater. Dos outros dois se encarregariam os rifleros.

Os últimos duzentos metros eram os mais difíceis, pensou Malloy.

Apoiou ambas as mãos sobre a alavanca de controle cíclico. Embora o hábia feito muitas

vezes, nesse momento não estavam ensaiando. OK.

Baixou o nariz e se dirigiu ao castelo. Sem luzes antichoque o helicóptero seria apenas uma

sombra, ligeiramente mais escura que a noite... melhor ainda, o rotor de quatro folhas

produzia um som adireccional. Embora escutassem-no, seria-lhes difícil determinar a fonte...

e Malloy só NEcesitava uns segundos de desconcerto inimigo.

Rifle Dos-uno, alerta.

Rifle Dos-uno sobre o branco, Six se reportou Johnston. Regularizó sua respiração e moveu

apenas os cotovelos, de modo tal que só os ossos (e não os músculos) estivessem em contato

com o colchonete. O mero percurso do sangue pelas artérias poderia desviar sua pontaria.

concentrou-se na orelha do sentinela . Sobre branco repetiu.

Dispare a ordem ressonou em seu invisível auricular.

boa noite, idiota, murmurou uma vocecita em sua mente. Apertó brandamente o gatilho, que

estalou limpamente deixando escapar uma labareda esbranquiçada pela boca do rifle. O

resplendor empanou por um instante o visor, que se limpou bem a tempo para que Homer

visse o impacto da bala. uma espécie de vapor cinzento brotou da cabeça do sujeito e seu

corpo caiu ao chão pesadamente, como uma marionete a que lhe tivessem talhado os fios.

Nenhum dos que estavam dentro escutaram o disparo. (As janelas de vidro grosso, as paredes

de pedra e os trezentos metros de distância foram um plus a favor do Rainbow.)

Rifle Dos-uno. Branco eliminado. Branco eliminado. Disparo em o centro da cabeça se

reportou Johnston.

Isso é matar soprou o tenente Harrison pelo intercom.

Da perspectiva do helicóptero, a destruição da cabeça do sentinela se havia visto espetacular.

Era a primeira morte que via em sua vida, e lhe parecia um pouco de filme, não real. O branco

não era um homem para ele e jamais o seria.

Sim coincidiu Malloy, sobrevoando a área . Sargento Nance...

agora!

Nance saltou do helicóptero, enquanto Malloy realizava a manobra cadeira de balanço para

facilitar o descida.

295

Chávez pegou um salto e se deslizou pela soga. Deixou passar menos de duas segundos de

queda não tão livre antes de aplicar tensão sobre a soga para lentificar o descida, até que suas

botas negras com sola de borracha aterrissaram brandamente sobre o teto plano.

Imediatamente afrouxou a soga e se deu volta. Seus homens estavam fazendo o mesmo.

Eddie Price correu para o cadáver do sentinela, chutou-lhe a cabeça e voltou, levantando os

polegares em direção a seu chefe.

Six, aqui Líder de Comando 2. Estamos no teto. O sentinela está morto disse por microfone .

vamos proceder Chávez olhou a seus homens e assinalou a periferia do teto. O Night Hawk

havia desaparecido na escuridão, como se jamais se deteve para deixar sua corrosiva carga.

O teto do castelo estava flanqueado pelas almenas associadas com essa classe de construções:

retângulos de pedra verticais detrás dos quais se refugiavam os arqueiros para arrojarem flechas

aos atacantes. Cada homem tinha uma atribuída. Essa noite, as envolveram com seus sogas e

saltaram pelas brechas. Quando chegavam a destino, levantavam as mãos. Chávez fez o

próprio e logo deslizou a soga um metro à direita de uma janela, afirmando-se com os pés

contra a parede. Paddy Connolly fez o mesmo do outro lado, e imediatamente estirou-lhe isso

para aplicar Primacord nos bordos e inserir um rádiodetonador em um deles. Logo se moveu

para sua esquerda, balanceando a soga como se fora uma liana, e repetiu o procedimento em

outra janela. Outros membros do comando levavam amadurecidas de alto impacto.

Líder-Dois ao Six, luzes!

No centro de comando, o engenheiro voltou a isolar a energia elétrica do castelo e a anulou.

De fora, o Comando 2 viu obscurecer as janelas. Um ou dois segundos depois se acenderam

as luzes de emergência, como faróis em miniatura... mas não alcançavam a iluminar

adequadamente a sala. Os monitores de TV também se apagaram.

Merde disse René, levantando o telefone. Se queriam jogar outro momento, demonstraria-

lhes... Acreditou ver movimento do lado de fora da janela e se aproximou de olhar...

Comando 2, aqui Líder. Cinco segundos... cinco... quatro... três...

À conta de três , os homens dos rojões de luzes explosivos atiraram do seguro e as colocaram

perto das janelasdois... um... fogo!

O sargento Connolly apertou um botão e duas janelas foram arrancadas da parede pela força

dos explosivos. Uma fração de segundo depois, outras três janelas se desintegraram em meio

de um étrueno luminoso. Atravessaram a sala de comando como uma inundação de

fragmentos de vidro e metal... Ihe errando aos meninos amontoados no rincão por três metros.

O sargento Price arrojou outro rojão de luzes explosivo, que estalou apertocou-nas o piso.

Chávez saiu da parede e se lançou da janela com seu MP-10 apontada para cima e lista para

disparar. Pisou em mau e

296

caiu para frente sem poder controlar o equilíbrio... e nesse instante sentiu aterrissar os pés do

Price sobre seu braço esquerdo. Chávez rodou sobre seu eixo e se levantou de um salto, e

avançou em direção aos meninos...

que gritavam como condenados, tentando protegê-la cara e os ouvidos do estrondo da

explosão. Mas no momento não podia ocupar-se deles.

Price aterrissou melhor e se moveu à direita, dando-se volta para escanear a sala. Ali. Um

sujeito barbudo com uma Uzi. Price apontou seu

MP-10 e lhe disparou três rajadas seguidas a três metros de distância. A força de impacto das

balas desmentiu ao silenciador.

O Urso Vega tinha arrebatado a janela com as pernas e aterrizado em cima de um sujeito...

para surpresa de ambos. Mas Vega estava preparado para as surpresas e o terrorista não. A

mão esquerda do

Urso se estrelou contra a cara do sujeito, seguida por três rajadas de projéteis de 10 mm.

René estava sentado no escritório, telefone em mão, com a pistola frente a ele. Pierce lhe

furou o flanco direito da cabeça a um metro de distância... justo quando estava a ponto de

agarrá-la.

No outro extremo da sala, Chávez e Price se interpuseram como escudos vivos entre os

terroristas e seus reféns. Ding se arrodilló e apontou a arma. Seus olhos escrutinaram o espaço

em busca de blancos enquanto escutava o silenciado rumor das armas de seus homens. A

semioscuridad estava infestada de sombras em movimento.

Loiselle se encontrou debaixo de um sujeito, o suficientemente perto como para

acariciá-lo

com o canhão de sua metralhadora. Isso fez. Foi um disparo muito fácil... mas orvalhou o

lugar com sangue e miolos de lherrorista.

O autodenominado Sr. Um levantou seu Uzi e apertou o gatilho em direção aos meninos.

Chávez e Price o metralharam, logo lhes uniu

McTyler... e o terrorista caiu ao estou acostumado a convertido em uma massa relatório.

Outro sujeito abriu uma porta e fugiu, açoitado pelas rajadas de um atirador mau se localizado

para fazer pontaria. O terrorista saiu corriendou escada abaixo, deu volta a um patamar, logo a

outro... e tentou detenerse ao ver uma silhueta negra recortada na escada.

Era Peter Covington, à frente de seus homens. Covington havia escutado os passos e disparou

contra o rosto assombrado do terrorista.

Logo seguiu subindo, seguido por quatro homens.

Ficavam três sujeitos na sala. Dois escondidos detrás dos escritórios, e o restante disparando

seu Uzi às cegas. Mike Pierce saltou sobre o escritório, girando no ar ao fazê-lo, e lhe

disparou três vezes.

Logo aterrissou Price, deu-se volta e lhe esvaziou um carregador na cabeça.

Um dos que se esconderam foi abatido por um certo disparo do Paddy

Connolly. O outro

emergiu brandindo sua arma e foi ametrilhado por não menos de quatro comandos Rainbow.

Nesse momento se abriu a porta e entrou Covington. Vega circulava entre os cadáveres,

chutando longe as armas.

Espaçoso! gritou cinco segundos depois.

297

Espaçoso! bramou Price.

André estava fora, a céu aberto e sozinho. deu-se volta e olhou para o castelo.

Dieter! chamou Homer Johnston.

Sim!

Pode lhe arrancar a arma?

O alemão lhe tinha lido a mente ao americano. Sua resposta foi um delicioso disparo que

partiu em duas a metralhadora do André, justo debaixo do seguro do gatilho. A bala

Winchester Magnum calibre .300 atravessou o poderoso metal com a força de um raio. Desde

seu posto a quatrocentos metros de distância, Johnston apontou cuidadosamente e disparou

uma segunda rajada. Péssimo disparo. segundo meio depois, a bala de 7mm. atravessou ao

sujeito à altura do esterno.

André a sentiu como um murro assassino. A bala se fragmentou, lhe rasgando o fígado e o

pâncreas antes de terminar seu percurso e sair pelo rim esquerdo. Logo, depois do shock do

impacto inicial, chegou a primeira onda de dor. Um instante depois, seu grito de agonia

cruzou os cem acres do Parque Mundial.

Olhem isto disse Chávez no centro de comando. Seu protetor antibalas tinha dois buracos no

torso. Embora não tivessem sido fataes, teriam doído muita . Graças a Deus que existe

DuPont, né?

Hora do Miller! disse Vega com um largo sorriso.

Comando, aqui Chávez. Missão cumprida. Os meninos... OH, ah, um deles está machucado,

parece um arranhão no braço, outros estão bem. Todos os sujeitos mortos, Mr. C. Pode

acender as luzes.

O Urso Vega se agachou e elevou a uma garotinha.

Olá, querida lhe disse . vamos procurar a seu mamita, sim?

Rainbow! festejou Mike Pierce . lhes Digam que já tem comisario o povo!

Tem razão, Mike! Eddie Price colocou a mão no bolso e extraiu sua pipa e uma bolsa de bom

tabaco Cavendish.

Ainda ficavam coisas por fazer. Vega, Pierce e Loïselle recogieron as armas e as

colocaram

sobre um dos escritórios. McTyler e

Connolly revisaram os banhos e outras portas adjacentes, sem encontrar terroristas

adicionais . Scotty foi para a porta.

OK, façamos sair aos meninos ordenou Ding . Peter, lhes guiem à saída!

Covington e seus homens abriram a porta de incêndio e se apostaron nos patamares da escada.

Vega tomou a dianteira, levando a a garotinha de cinco anos com a mão esquerda enquanto

com a direita sustentava seu MP-10. Um minuto depois estavam fora.

Chávez ficou atrás, olhando a parede com o Eddie Price. Havia

298

sete buracos no rincão onde tinham estado os meninos, mas todos superavam os painéis.

Sorte comentou Chávez.

um pouco disse Price . Esse é o que liquidamos juntos, Ding.

Disparava sem apontar... talvez a nós, não a eles, acredito eu.

Bom trabalho, Eddie.

Por certo celebrou Price. Saíram juntos, deixando atrás um réguero de cadáveres que a polícia

deveria recolher.

Comando, aqui Mr. Urso, o que está passando, mudança.

Missão cumprida, não feriu. Bem feito, Mr. Urso disse

Clark.

Entendido e obrigado, senhor. Mr. Urso se despede. Fora. Tenho que mijar lhe disse Malloy a

seu co-piloto, dirigindo o Night Hawk para a base aérea.

Homer Johnston baixou correndo a escalerilla do Bombardeiro, muitas vezes deslizando-se

vários metros com o rifle pendurado do ombro.

Uma vez em terra correu vários metros até chegar ao castelo. Ali se encontrou com um

médico vestido de branco que olhava perplexo ao homem que Johnston tinha abatido.

Como vai? perguntou o sargento. Não fazia falta. O sujeito se apertava o ventre com ambas as

mãos, cobertas de um sangue estranho e mais negro sob as luzes do pátio.

Não sobreviverá disse o doutor Weiler. Talvez, se estivesse na sala de operações de um

hospital teria uma mínima chance, mas se estava sangrando pelo pâncreas rasgado e

provavelmente tinha o fígado destruído... E não, não, sem um transplante de fígado não teria a

menor possibilidade, e o único que podia fazer Weiler era lhe injetar morfina para aliviar a

dor. Procurou uma seringa em sua maleta.

Esse é o que matou à menina disse Johnston . Suponho que aponte um pouco baixo

prosseguiu, contemplando os olhos abertos e a cara macilenta que deixava escapar gemidos

de tanto em tanto. De haver sido um cervo ou um alce, Johnston o tivesse acabado com um

disparo em a cabeça ou no pescoço. Mas esse não era método para brancos humanos.

Morre pouco a pouco, lentamente, maldito miserável, balbuciou para seus adentros.

Desiludiu-o que o médico lhe aplicasse uma injeção contra a dor... mas os médicos deviam

cumprir seu juramento, tal como ele mesmo devia cumprir o seu.

Muito baixo disse Chávez, aproximando-se do último terrorista com vida.

Suponho que apertei o gatilho com muita força respondi o riflero.

Chávez o olhou direto aos olhos.

299

Sim, claro. vá procurar sua equipe.

Em seguida Os olhos do sujeito se abrandaram quando a droga ingressou em sua corrente

sangüínea, mas seguiu aferrando-a ferida com as mãos, deitado sobre um atoleiro cada vez

mais grande de sangue negra e espessa. Finalmente, olhou por última vez ao Johnston.

boa noite, miserável disse o riflero em voz muito baixa. Dez segundos depois deu meia volta

e retornou ao Bombardeiro para recuperar o resto de sua equipe.

Havia um montão de cueca e calcinhas molhados no consultório, e um montão de meninos

com os olhos muito abertos. Acabavam de viver um pesadelo que recordariam dolorosamente

no futuro. Os

Rainbow tentavam lhes dar ânimo. Um deles enfaixou ao único ferido, um menino.

O centurião da Cruz ainda estava ali, já que se tinha negado a que o evacuassem. Quando os

soldados se tiraram os protetores corporais e os apoiaram contra a parede, o espanhol viu suas

insígnias militares. Americanos, britânicos, alemães... todos satisfeitos por o trabalho

cumprido.

Quais são vocês? perguntou em espanhol.

Sinto muito, não posso dizê-lo replicou Chávez . Mas vi o que fez no vídeo. Felicito-o,

sargento.

E eu a você, né...

Chávez. Domingo Chávez.

Americano?

Sim.

Há meninos feridos?

Só o que está lá.

E os... criminais?

Já não violarão mais leis, amigo. Nunca mais disse entre dienvocês o Líder do Comando 2.

Bom da Cruz se aproximou de lhe estreitar a mão . Foi duro?

Sempre é duro, mas nos treinamos para coisas duras, e meus homens são...

Têm todo o aspecto demarcou da Cruz.

Você também retrucou Chávez . Né, moços, este é o homem que os enfrentou com a espada.

Ah, sim? Mike Pierce se aproximou . Eu terminei o que você começou, senhor. Muito

cojonudo de sua parte, velho Pierce lhe estreitou a mão. O resto dos soldados fizeram o

mesmo.

Devo... devo... da Cruz se levantou e saiu pela porta. Régresó cinco minutos depois,

acompanhado pelo John Clark e carregando...

Que diabos é isso? perguntou Chávez.

A águia da legião, vi-a Legio Victrix lhes disse o centurião, levantando-a com uma só mão .

A legião vitoriosa. Permite-me, senhor Dennis?

Sim, Francisco replicou o diretor do parque com expressão circunspecta.

300

Com o respeito de minha legião, senhor Chávez. Coloque-a em um setial de

honra.

Ding a recebeu. A maldita coisa devia pesar trinta quilogramas, banhada em ouro como

estava. Seria um troféu fabuloso para o clube no Hereford.

Assim o faremos, amigo meu lhe prometeu ao ex-sargento, olhamdo fixamente ao John

Clark.

O estresse começava a manifestar-se, acompanhado pela habitual sensação de júbilo e fadiga.

Os soldados olharam aos meninos que hábían salvo quem, embora ainda intimidados e

assustados pela noite, logo se reuniriam com seus pais. Escutaram o motor de um ônibus.

Steve Lincoln abriu a porta e olhou baixar a um grupo de adultosse. O consultório médico se

encheu de gritos alvoroçados.

É hora de partir disse John. antes de fazê-lo, aproximou-se de étrechar a mão do centurião

apócrifo.

Uma vez fora, Eddie Price cumpriu seu ritual. Encheu sua pipa de tabaco, tirou um fósforo de

cozinha do bolso e o esfregou contra a parede de pedra do consultório. Acendeu sua pipa

curva e deu uma larga e victoriosa chupada enquanto os pais entravam e saíam com seus

filhos, muitos deles chorando ao recuperá-los.

O coronel Gamelin se aproximou.

Estão na Legião? perguntou.

Loiselle se encarregou de lhe responder.

Em certo sentido, monsieur disse em francês. Levantou a vista e observou uma câmara de

vigilância apontada diretamente à porta, provavelmente para registrar o acontecimento... os

pais saindo com seus filhos, alguns detendo-se felicitar aos membros do

Rainbow. Logo Clark os acompanhou de retorno ao castelo, e de ali ao subsolo. No caminho,

os Guardas Civis e os comandos especiais se saudaram com mútuo respeito.

301

CAPÍTULO 16

DESCOBRIMENTO

A bem-sucedida conclusão da operação Parque Mundial resultou problemática para alguns,

entre eles o coronel Tomam Núncio, comandante do Guarda Civil presente na cena.

Considerado oficial a cargo da operação pela imprensa local, foi acossado imediatamente por

enxames de jornalistas decididos a lhe surrupiar detalhes da missão. Por outra parte, Núncio

tinha protegido tão eficazmente o parque temático da perseguição jornalística que seus

superiores em Madrid não tinham a menor ideia do que tinha passado, fator que

também

pesou em sua decisão. O coronel decidiu dar a conhecer a cobertura filmada pelo

Parque Mundial, dado que lhe parecia o meio mais inócuo. A parte mais dramática era o

descida do comando de assalto do helicóptero ao teto do castelo, e de ali às janelas do centro

de controle... mas, em opinião de Nuncio, era pura baunilha e durava apenas quatro minutos, o

tempo necessário para que Paddy Connolly colocasse suas cargas explosivas nos Marcos das

janelas e ficasse a salvo para as detonar. Não tinham filmado o tiroteio porque os próprios

terrosubtrai tinham destruído as câmaras de vigilância. A eliminação do sentinela do teto sim

tinha sido registrada, mas não seria transmitida devido à horripilante ferida de sua cabeça. O

mesmo acontecia com o último terrorista eliminado, um tal André, que tinha matado a menina

holandesa... cena também registrada, e retirada por razões óbvias.

O resto se podia ver. A distância entre as câmaras e o teatro de operações impedia o

reconhecimento, e inclusive a visão das caras de os comandos de resgate. Só se viam

silhuetas, algumas delas levandou aos meninos resgatados... e isso não podia prejudicar nem

ofender a ninguém, muito menos ao comando de operações especiais da

Inglaterra que agora

tinha um tricornio de sua força para acompanhar a águia da

Legião Vitoriosa como lembrança da bem-sucedida missão.

E assim, o vídeo branco e negro foi entregue ao CNN, Sky News e outras agências de notícias

interessadas para ser irradiado a todo o mundo e sustentar os comentários dos jornalistas

apostados frente à porta principal do Parque Mundial, sempre dispostos a expresar opiniões

errôneas e grandilocuentes sobre a destreza do comamdou especial do Guarda Civil que

Madrid tinha enviado para resolver esse detestável episódio em um dos parques temáticos

maiores do mundo.

302

Eram as oito em ponto da noite quando Dimitri Arkadeyevich

Popov viu a transmissão em seu departamento de Nova Iorque, fumando um cigarro e

bebendo vodca puro. A fase de assalto foi perita e esperable sob todo aspecto. Os rojões de

luzes explosivos eram espectacularacabeça de gado e singularmente inúteis como fatores

reveladores, e o desfile de os comandos de resgate tão predecible como o alvorada... o passo

decidido, as armas penduradas do ombro, os braços cheios de meninos. Bom, naturalmente se

sentiriam exultantes pela bem-sucedida conclusão de sua missão, enquanto partiam rumo a

um edifício onde devia haver um médico que se faria cargo do único menino ferido (não de

gravidade) durante o operativo... tal como diziam os jornalistas. Depois, os comandos

sejaleram do edifício e um deles estendeu o braço para a parede de pedra e acendeu um

fósforo, que utilizou para...

... acender uma pipa...

Para acender uma pipa, pensou Popov. Sua própria reação o surpreendeu. Piscou com força e

se adiantou em sua cadeira. A câmara não se aproximou, mas o soldado/policia em questão

estava fumando um cachimbo curva, e exalava a fumaça cada três segundos enquanto falava

com seus camaradas... Não faziam nada extraordinário, só falavam tranquilamente... como

estavam acostumados a fazê-lo esses homens logo depois de uma missão bem-sucedida.

Indubitavelmente discutiriam quem tinha feito que coisa, o que tinha funcionado segundo o

plano e que não. A mesma cena poderia haver tido lugar em um clube ou em um bar, porque

os profissionais sempre falavam da mesma maneira nessas circunstâncias, já fossem

soldadois, médicos ou jogadores de futebol, quando o estresse terminava e começava a fase

de lições aprendidas. Essa era a marca dos profissionais, e

Popov sabia. Nesse momento trocou a imagem. A câmara enfocou a um jornalista americano

que especulou estupidamente até o selhe guiem comercial... seguido por notícias políticas de

Washington. Popov rebobinou a cinta, a eyectó e procurou outra... que inseriu na VCR e

retrocedeu até o incidente da Berna, do assalto até a conclusão onde... sim, um homem tinha

aceso uma pipa. Recordava havê-lo visto da vereda de em frente, verdade?

Logo procurou o vídeo do incidente de Viena Y... sim, ao final, um homem tinha aceso uma

pipa. Em todos os casos se tratava de um indivíduo de aproximadamente um metro oitenta de

estatura, que hárecua o mesmo gesto com o fósforo, sustentava a pipa da mesma maneira, e

gesticulava com ela da mesma maneira, como todos os fumantes de pipa...

... ah, nichevo disse para seus adentros o oficial de inteligência.

Passou outra meia hora estudando os vídeos. A roupa era a mesma em todos os casos. O

homem tinha o mesmo tamanho, os mesmos gestos, o mesma linguagem corporal, as mesmas

armas penduradas da mesma MAnera, o mesmo tudo, comprovou o ex-oficial da KGB. E isso

significava que o mesmo homem tinha estado... em três países diferentes.

Mas esse homem não era suíço, nem austríaco, nem espanhol. Popov abandonou o raciocínio

dedutivo para concentrar-se em dados discerníveis

303

a partir da informação visual com que contava. Viam-se mais pessoas em todos os vídeos. O

fumante de pipa estava acostumada a estar acompanhado por outro homem, mais baixo que ele,

a quem parecia dirigir-se com certo grau de deferência amistosa. Também havia outro,

grandote e musculoso, que em dois dos vídeos levava uma metralhadora pesada, mas no

terceiro não. Então... tinha dois (talvez três) homens nos vídeos do Berna, Viena e Espanha.

Em todos os casos, os jornalistas haviam responsabilizado o resgate à polícia local, mas

não, não era certo, verdade? Então... quais eram esses homens que chegavam com a

velocidade e a decisão do raio... a três países diferentes... duas vezes para concluir operações

que eles mesmos tinham iniciado, e outra para finalizar uma iniciada por outros? E os quais

eram esses outros? Não sabia e lhe importava pouco. Os jornalistas diziam que tinham

exigido a liberação de seu velho amigo, o Chacal. Que imbecis. esta

francesesban tão

dispostos a arrojarem o cadáver do Napoleón de Lhes Invalide como a liberar a esse assassino.

Illich Ramírez Sánchez, batizado com o sobrenome do Lenin por seu pai comunista. Popov

deixou de pensar em isso. Acabava de descobrir algo de suma importância. Em algum lugar

de

Europa havia um comando de operações especiais que transpassava fronteiras com a mesma

facilidade de um empresário que voasse em um avião comercial, que tinha liberdade para

operar em distintos países, que deslocava à polícia local e fazia seu trabalho... e o fazia bem,

como um verdadeiro perito... e esta operação não o prejudicaria, verdade? Seu prestígio e

aceitação internacional só poderiam aumentar a consequência do resgate dos meninos no

Parque Mundial...

Nichevo murmurou para seus adentros. Essa noite havia descubierto um pouco muito

importante e, para celebrá-lo, serve-se outro vodka. Agora teria que seguir o rastro. Como?

Pensaria-o logo, enquanto dorminha. Confiava em que seu cérebro profissional desse com a

chave.

Já quase estavam em casa. O MC-130 tinha recolhido ao agora relaxadou comando Rainbow

para levar o de retorno ao Hereford. Alguns homens se tinham retraído. Outros lhes

explicavam o que tinham feito aos membros da equipe que não tinham podido participar

diretamente.

Clark observou que Mike Pierce conversava animadamente com seu vecinão. No momento se

tinha convertido no líder matador do Rainbow.

Por sua parte, Homer Johnston estava conversando com o Weber... haviam chegado a uma

espécie de trato, um acerto entre eles. Weber havia disparado belamente (embora fora de

regulamento) para anular a Uzi do terrorista, permitindo assim Johnston... é obvio, pensou

John,

Homer não só quis matar ao bastardo que assassinou à desafortunada menina. Quis machucar

ao sujo, mandá-lo ao inferno com um especialíssimo mensagem pessoal. Teria que falar com o

sargento

Johnston a respeito. Seu acionar não condecia com a política do Rainbow.

Não era profissional. Bastava matando a esses miseráveis. Um sempre podia confiar em Deus

para a vingança. Mas... bom, John podia com304

prendê-lo, não? Recordou a um miserável chamado Billy a quem havia interrogado muito

especialmente em uma câmara de recompressão, e até que recordava o fato com uma mescla

de dor e vergonha, ao mesmo tempo se sentia justificado... e além disso, tinha obtido a tempo

a informação que necessitava, não? Não obstante, teria que falar com

Homer e lhe aconselhar que não voltasse a fazer algo semelhante. E Homer escutaria-o. Tinha

exorcizado os demônios uma vez, e com uma vez bastava. Deveu ter sido duro para ele ficar

sentado olhando o assassinato de uma menina, tendo o poder de vingá-la em suas mãos, e sem

poder fazer nada. Você o teria tolerado, John? perguntou-se Clark.

Naturalmente, desconhecia a resposta. Sentiu o rebote das rodas contra a pista do Hereford.

Bom, pensou, sua idéia, seu conceito do Rainbow funcionava bastante bem, não? Três

desdobramentos, três missões podas. Dois reféns mortos, um antes de que o comando

chegasse a Berna, a outra pouco depois de que seus homens ingressassem no parque, nenhum

dos dois resultado de negligência ou engano por parte de seus homens. Atuações do

comando tinham sido quase perfeitas. Nem sequer seus companheiros do Terceiro SOG no

Vietnam eram tão bons... e isso era algo que jamais tinha esperado ter que dizer, e nem sequer

pensar. O pensamento chegou de repente, quase tão inesperadamente como a necessidade de

chorar: era uma honra comandar guerreiros como esses, enviá-los à batalha e recuperá-los tal

como os via agora... sorridentes, carregando seus equipamentos sobre os ombros e caminhando para

a porta traseira do Pájaro Herky, onde os esperavam os caminhões. Seus homens.

O bar está aberto! gritou-lhes.

É um pouco tarde, John protestou Alistair.

Se a porta estiver fechada, faremos que Paddy a voe insistiu

Clark, esboçando um sorriso malicioso.

Stanley refletiu um instante e assentiu.

De acordo, os moços se ganharam um par de cervejas cada um.

Entraram em clube vestindo ainda seus uniformes de ninja e encontraram ao barman esperando.

Havia outros homens no lugar, principalmente SEJA bebendo o último gole da noite. Alguns

os aplaudiram ao entrar e o ambiente se esquentou. John foi à barra e ordenou cerveja para

todos.

eu adoro isto disse Mike Pierce um minuto depois, levando seu Guinness e bebendo

através da magra capa de espuma.

Dois, Mike? perguntou Clark.

Sim assentiu Pierce . O do escritório, estava falando por lheléfono. Ratatata disse, levando-se

dois dedos ao flanco da cabeça .

O outro disparava às cegas desde atrás de um escritório. Saltei em cima e disparei-lhe três ao

vôo. Aterrissei, rodei, e lhe coloquei três mais na nuca.

Até nunca, Charlie. E houve outro, liquidamo-lo com o Ding e Eddie. Se supõe que essa parte

do trabalho não deve me gostar de. Sei... mas, Deus santo, senti-me bem fazendo pó a esses

miseráveis. Matar meninos,

305

velho. Não está bem. Bom, já não voltarão a fazê-lo, senhor. Não mijemdepois de tenha

delegado o povo.

Bom, a sua saúde, delegado... e felicitações replicou John, levantando sua taça. Este não teria

pesadelos, pensou, bebendo seu cerveza negra. Johnston e Weber estavam falando em um

rincão. Homer tinha-lhe apoiado uma mão no ombro a seu companheiro, certamente para lhe

agradecer o disparo benfeitor com que tinha anulado a Uzi do terrorista. Clark se parou junto

aos dois sargentos.

Já sei, chefe disse Homer sem necessidade de que lhe dissesse nada .

Nunca mais, mas maldita seja, senti-me na glória.

Como bem disse você mesmo, nunca mais, Homer.

Sim, senhor. Apertei o gatilho com muita força disse Johnston, para proteger-se no aspecto

oficial.

Ao diabo com isso lhe espetou Rainbow Six . O aceito... só por esta vez. E quanto a você,

Dieter, excelente disparo, mas...

Nie wieder. Herr Geral. Já sei, senhor o alemão assentiu sumisamente . Homer, junte, a cara

do miserável quando o disparaste. Ach, foi digna de ver-se, meu amigo. Felicito-te também

pelo tipo do teto.

Foi fácil disse Johnston com desdém . Estava imóvel. Zap.

Mais fácil que jogar aos dardos, companheiro.

Clark os aplaudiu no ombro e foi reunir se com o Chávez e Price.

Era imprescindível que aterrissasse sobre meu ombro? se quejaba Chávez, médio em

brincadeira médio a sério.

A próxima vez, entra direito pela janela, e não em ângulo burlou-se Eddie.

De acordo Chávez bebeu um comprido gole do Guinness.

Como andou isso? perguntou-lhes John.

Além de que me deram duas vezes, bastante bem replicou

Chávez . Mas... terei que renovar meu uniforme uma vez quebrados, os uniformes eram

desprezados. o do Ding voltaria para fabricante para a Analizar seu performance . Quem te

parece que foi, Eddie?

O último, acredito, que se parou e disparou contra os meninos.

Bom, esse era o plano, nos interpor entre eles e os reféns.

Não obstante, você, Mike, o Urso e eu o fizemos picadinho o policial encarregado de recolher

seus restos teria tido muito trabalho.

Sim, senhor, isso fizemos festejou Price, vendo aproximar-se da Vega.

Né, essa sim que foi boa, moços! disse o Urso, feliz de ter participado por fim em uma

operação de resgate.

Desde quando boxeamos aos sujeitos? perguntou Chávez.

Vega pareceu envergonhar-se um pouco.

Foi instintivo, estava tão perto... Sabe, provavelmente poderia havê-lo apanhado vivo, mas...

bom, ninguém me pediu que o fizesse, não?

Tudo bem, Urso. Isso não era parte da missão, muito menos com uma habitação lotada de

meninos.

Vega assentiu.

Me imaginei, e o disparo também foi automático, como quãodou praticamos, irmão. De todos

os modos eu adorei liquidá-lo, chefe.

Algun problema com a janela? quis saber Price.

Vega negou com a cabeça.

Não, peguei-lhe um patadón e voou pelo ar. Golpeei-me o ombro contra o marco ao entrar,

mas não importa. Estava muito contente. Mas acredito que eu teria que haver talher aos

meninos. Sou mais corpulento, tivesse interceptado mais balas.

Chávez não mencionou que tinha desconfiado da agilidade da Vega...

equivocadamente, como era óbvio. Tinha aprendido uma importante lección. Volumoso como

era, o Urso se movia como uma gazela sobre seus patas, muito mais do que Ding esperava.

Evidentemente era um bom bailarino, embora com seus cento e vinte quilogramas era um

pouco grande para o tutú.

Excelente operação disse Bill Tawney, unindo-se ao grupo.

Alguma novidade?

Temos uma possível identidade de um deles, que matou à neném. Os franceses fizeram

circular a foto entre informantes da polícia, e eles pensam que pode tratar-se do André Herr,

parisino de nascimento, militante do Action Directe durante um tempo, mas nada definido.

Acreditam que logo conseguirão mais informação. O conjunto de fotos e impressões digitais

da Espanha vai caminho a Paris para seguimento e investigação. Não todas as fotos serão

úteis, conforme me hão dito.

Sim, bom, várias rajadas de metralhadora lhe estragam a cara a qualquer, homem observou

Chávez com um sorriso pícaro .

O que há não nos serve de muito.

Então, quem iniciou a operação? perguntou Clark.

Tawney se encolheu de ombros.

No momento o ignoramos. A polícia francesa terá que investigar.

Seria bom sabê-lo. tivemos três atentados desde que llegamos aqui. Não lhes parece um

excesso? perguntou Chávez, repentinamente muito sério.

É-o admitiu o oficial de inteligência . Não o tivesse sido dez ou quinze anos atrás, mas

ultimamente o ambiente se tranqüilizou bastante Novo encolhimento de ombros . Poderia ser

mera coincidência, ou talvez imitações, mas...

Imitações? Crime contagioso? Não acredito, senhor demarcou Eddie

Price . Não poderia dizer-se que tenhamos estimulado a nenhum terrorista em florações, e a

operação de hoje teria que funcionar como dissuasivo.

Para mim tem lógica interveio Ding . Como bem disse Mike

Pierce, já tem delegado o povo, e na rua correrá o rumor de que não convém jogar com ele,

embora a gente cria que os comandos de resgate pertenciam às policiais locais. Dê um passo à

frente, Mr. C.

Fazê-lo público? Clark sacudiu a cabeça . Isso jamais foi parte do plano, Domingo.

307

Bom, se a missão é eliminar aos bastardos em ação, tem sentido. Mas se a missão é fazer que

esses bastardos pensem duas vezes antes de fazer um atentado... ou diretamente evitar novos

atentados terroristas... isso já é outra coisa. A idéia do novo delegado teria que desanimá-los e

empurrá-los novamente a lavar automóveis... ou o que seja que façam quando não se

comportam mau. Entre as nações, isso se denomina disuasión. Mas funcionará com a

mentalidade terrorista? Teremos que consultar ao Dr. Bellow, John concluiu Chávez.

Novamente, Chávez o tinha surpreendido. Três triunfos sucessivos (ampliamente talheres pelos

noticiários mundiais) bem poderiam impactar aos terroristas com ambições flutuantes, na

Europa ou domde fora, não? Sim, teria que falar disso com o Bellow. Mas era demasiado logo

para ser tão otimistas... provavelmente, disse-se John, bebendo um bom gole de cerveja negra.

A reunião começava a dissolver-se. Tinha sido um comprido dia para os homens do Rainbow.

Um por a gente deixaram seus copos sobre o mostrador (que devia ter fechado horas antes) e

enfiaram para a porta para voltar caminhando a sua CAseja. Outro dia e outra missão tinham

terminado. Mas também havia COMenzado um novo dia, e em poucas horas despertariam

para correr e iniciar as práticas de rotina.

Planejava nos abandonar? perguntou-lhe o carcereiro ao recluso

Sánchez com voz carregada de ironia.

Como? respondeu Carlos.

Seus colegas andaram fazendo confusão respondeu o guarda, arrojándole um exemplar do

Figaro entre as grades . Mas não voltarão para tentá-lo.

A foto de primeira página (tirada do vídeo do Parque Mundial)

era de péssima qualidade. Não obstante, o Chacal identificou a um soldado vestido de negro

levando uma menina em braços. O primeiro parágrafo oferecia um resumo ajustado dos fatos.

Carlos se sentou no cama de armar para ler detalladamente o artigo, que lhe produziu uma

sensação de se desesperación escura e profunda que jamais tinha conhecido.
Alguém havia

escuchado seu pedido... e tudo para nada. A vida seguiria nessa jaula de pedra.
Olhou o único

raio de sol que se filtrava pelo ventanuco da cela. A vida. Seria larga,
provavelmente

saudável, e certamente vazia. Espremeu o jornal. Amaldiçoou à polícia
espanhola.

Amaldiçoou ao mundo.

Sim, vi-o ontem à noite no noticiário disse por telefone enquanto se barbeava.

Preciso vê-lo. Tenho que lhe ensinar algo, senhor disse Popov.

Eram as sete da manhã.

O homem o pensou. Popov era um bastardo muito inteligente que fazia seu
trabalho sem

permitir-se muitas perguntas... Por outra parte, havia poucas evidências
documentadas de suas

negociações, cier308

tamente nada que seus advogados não pudessem dirigir chegado o caso...

coisa que jamais aconteceria. Havia outras maneiras de entender-se com o Popov
se fosse

necessário.

Está bem, venha às oito e quinze.

Sim, senhor disse o russo, e pendurou.

Killgore já não tinha dúvidas: Pete estava agonizando. Era hora de trasladá-lo.

Imediatamente deu a ordem. Dois paramédicos vestidos com trajes protetores colocaram ao

doente sobre uma maca para detrásladarlo ao setor clínico. Killgore os acompanhou. No

essencial, o setor clínico era uma réplica da sala onde os vagabundos descansavam e bebiam

copiosamente, esperando (sem sabê-lo) a aparição dos sintomas. Pete os tinha todos, ao ponto

tal de que a bebida e as dose modeenseadas de morfina já não lhe acalmavam a dor. Os

paramédicos o deitarum em uma cama, muito perto de um dispensário médico operado

electrónicamente (Arbolito de Natal no jargão interno). Killgore ativou o controle para injetar

soro intravenoso na veia do Pete. Logo marcou uma chave na caixa eletrônica, e uns segundos

depois o pciente começou a relaxar-se devido ao bombardeio de medicação. Seus olhos

tornaram-se sonolentos e seu corpo se afrouxou enquanto Shiva continuaba comendo-lhe vivo

de dentro para fora. Teria que injectarle outra sonda de soro intravenoso com nutrientes (era

capamental mantê-lo com vida) e drogas diversas (para comprovar inesperados efeitos

benéficos sobre o vírus letal). Tinham uma sala repleta dessa classe de drogas, desde

antibióticos (supostamente inúteis contra esta infecção viral) até o Interleukin-2

e o

recentemente desarrollado Interleukin-3a (que podia servir de algo, conforme diziam alguns),

mais anticorpos Shiva tirados de animais de experimentação. Não esperavam que nenhum

desses antídotos funcionasse, mas deviam testarlos para comprová-lo... e evitar surpresas

desagradáveis quando propagasse-se a epidemia. Sim esperavam que a vacina B funcionasse.

A estavam testando no novo grupo de controle formado por individuos raptados dos bares de

Manhattan , junto com a ideal vacina A (cujo propósito diferia do da B). As nanocápsulas

desenvolvidas em o outro setor do edifício seriam muito úteis, certamente.

Tal como o estava demonstrando o corpo agonizante do Pete mijemdepois do Killgore

pensava. Por outra parte, a Sujeito F4, Mary Bannister, se sentia chateada do estômago, com

um pouco de moleza, mas não lhe deu importância. Essas coisas estavam acostumadas passar,

e à parte não se sentia tão mal, provavelmente lhe faria bem tomar um antiácido. Procurou um

no botiquín abundantemente equipado com medicamentos de toda classe. Pelo demais, sentia-

se esplêndida. Sorriu ao olhar-se ao espelho. Gostava do que via: uma moça e atrativa com

pijama de seda rosa. Saiu de sua habitação muito bojudá, conciente do brilho de seu cabelo e

a agilidade

309

de seu passo. Chip estava na sala, lendo uma revista no sofá. Mary foi sentar se com ele.

Olá, Chip lhe sorriu.

Olá, Mary o homem lhe devolveu o sorriso, lhe acariciando a mão.

Aumentei-lhe a dose do Valium no café da manhã disse Barbara

Archer na sala de controle . E o outro também o outro era um desinibidor.

Está muito linda lhe disse Chip. Suas palavras foram imperfeitamente capturadas pelo

microfone oculto.

Obrigado outro sorriso.

Parece bastante excitada.

Teria que está-lo comentou Barbara com frieza . Tem suficiente droga dentro para avivar à

monja mais devota.

E ele?

Ah, sim... não lhe dava esteroides A Dra. Archer fez uma careta.

Como se queria demonstrá-lo, Chip beijou a Mary nos lábios. Étaban sós na sala.

O que dizem as análise de sangue, Barb?

Está carregada de anticorpos e começa a apresentar plaquetas pequenas. dentro

de uns dias

teriam que começar os sintomas.

Comam, bebam e sede felizes, moços, porque morrerão a semana próxima lhe sussurrou o

outro médico à tela de TV.

Triste, triste comentou a Dra. Archer, com a mesma classe de emoção que manifestaria ao ver

um cão morto na banquina.

Bonita figura disse o homem quando caiu a parte superior do pijama . Faz tempo que não vejo

um filme porno, Barb O estaban gravando, é obvio. O protocolo dos experimentos era

inalienable. Tudo devia ser registrado para que a equipe pudesse monitorar o programa

completo. Lindas tetas, pensou ao mesmo tempo que Chip, quem começou às acariciar e as

beijar frente a câmara.

Era muito inibida quando chegou. Os tranqüilizadores funcionam bem como depresores de

inibições outra observação clínica. A partir desse momento, as coisas progrediram

rapidamente. Ambos os médicos contemplavam a tela bebendo lentos sorvos de café.

Tranquilizantes ou não, os instintos humanos mais básicos arremeteram, e cinco minutos

depois Chip e Mary saltavam locamente e emitiam os sons pertinentes... embora,

felizmente,

a imagem não era excessivamente clara. Poucos minutos depois jaziam deitados, muito

juntos, beijando-se, cansados e contentes. Lhe apertava os peitos. Tinha os olhos fechados e

respirava profunda e regularmente.

Bom, Barb, pelo menos temos um bom escapamento romântico para os casais comentou o

médico com uma sorrisita maliciosa .

Quanto crie que demorará ele?

Apresentará anticorpos dentro de três ou quatro dias provávelmemore Chip não tinha sido

exposto à ducha como Mary.

E as provas de vacinas?

310

Cinco com o A. Deixamos três sem poluir para provar a B.

Ah, sim? Aos quais lhes perdoamos a vida?

M2, M3 e F9 replicou a Dra. Archer . Aparentemente têm atitudes apropriadas. A gente é

membro do Serra Clube, pode acreditar? Aos outros gosta da vida ao ar livre e estariam de

acordo com o que fazemos.

Critério político para experimentos científicos... aonde iremos a parar? perguntou o médico.

Bom, se forem viver, convém que nos levemos bem com eles comentou Archer.

É verdade Gesto afirmativo . Confia na B?

Muito. Espero que seja um noventa e sete por cento eficaz, tal vez um pouco mais adicionou

com precaução.

Mas não cem por cento?

Não, Shiva é muito arteiro admitiu Archer . As pruebs em animais são um pouco cruéis,

admito-o, mas os resultados seguem o modelo do computador quase ao pé da letra, sempre

dentro do critério prova-engano. Steve é muito bom no seu.

Berg é um tipo inteligente coincidiu o outro médico . Sabe,

Barb? O que fazemos aqui não é exatamente...

Já sei assegurou Archer . Mas todos sabíamos antes de entrar.

Certo Assentiu submisso, molesto consigo mesmo por seus pruritosse de consciência. Bom,

sua família sobreviveria, e todos eles compartían o amor pelo mundo e a diversidade de

espécies que o habitavam.

Não obstante, os dois que tinha visto fornicar em tela também eram humanos, iguais a ele... e

ele os tinha espiado como um perverso qualquer. Ah, sim, tinham intimado porque

estavam carregados de drogas (seministradas na comida ou em forma de pílulas), mas ambos

estavam condenados a morte Y...

te relaxe, sim? disse Archer. Parecia ter lido seus pensamentos . Pelo menos estão

desfrutando de do amor, não crie? Isso é muito mais do que terá o resto do mundo...

Mas eu não terei que observá-lo-la idéia de ser voyeur não o parecia divertida, e mais de uma

vez se havia dito que não teria por o que olhar o que tinha contribuído a iniciar.

Não, mas igual nos inteiraremos. Sairá em todos os noticiários, não? Mas para então será

muito tarde, e se nos descobrem, seu último ato conciente será vir a nos buscar. Essa é a parte

que me preocupa.

O enclave do Projeto em Kansas é um lugar seguro, Barb o assegurou seu colega . E o do

Brasil ainda mais Ali pensava ir ele com sua família. A selva tropical sempre o tinha

fascinado.

Poderia ser melhor opinou Barbara Archer.

O mundo não é um laboratório, doutora, ou acaso o esqueceu?

Acaso o projeto Shiva não se tratava precisamente disso, pelo amor de Deus? Deus?

perguntou-se. Bom, outra idéia que terei que

311

eliminar. Não era o bastante cínico para invocar o nome de Deus para o que

estavam fazendo.

Natureza, talvez, o qual não era exactamente o mesmo.

Bom dia, Dimitri disse, entrando cedo a seu escritório.

Bom dia, senhor disse Popov, ficando de pé para saudar seu empregador. Era um costume

européu (apresentar respeitos à realeza) que misteriosamente se filtrou no estado marxista que

tinha nutrido e profissionalizado ao russo residente em Nova Iorque.

O que tem para mim? perguntou o chefe, fechando com chave a escritório.

Um pouco muito interessante disse Popov . Não estou seguro de sua importância. Você

poderá julgar melhor que eu.

Bom, vejamos do que se trata Se sentou e fez girar sua poltrona para poder servir um café.

Popov foi para a parede e retirou o painel que cobria as equipes eletrônicas embutidos na

boiserie. Acendeu a TV e a VCR com o controle remoto. Logo inseriu um videocassete.

Estas são as notícias da Berna disse. Deixou correr a cinta trilha segundos, deteve-a, e

o fita cassete, e inseriu outro . Viena disse, apertando o PLAY. Outro segmento de menos de

um minuto de duração. Também o ejetou . Ontem à noite, no parque temático espanhol este

segmento durou apenas meio minuto.

E bem? disse seu empregador quando tudo teve terminado.

O que viu, senhor?

Uns tipos fumando... o mesmo tipo, isso me quer dizer?

Correto. O mesmo homem esteve presente nos três atentadois.

Prossiga.

O mesmo comando de operações especiais respondeu e solucionó os três incidentes. É muito

interessante.

por que?

Popov respirou fundo. Seu empregador podia ser um gênio em algumas áreas, mas em outras

era um bebê.

Senhor, o mesmo comando respondeu a distintos atentados em três países diferentes, com três

forças policiais nacionais diferentes, e nos três casos, esse comando especial ocupou o lugar

das agências policiais dessas três nações e resolveu a situação. Em outras pábras, existe um

comando de operações especiais acreditado para operar a nível internacional que atualmente

se desempenha na Europa.

Suponho que são militares, não policiais. A existência do grupo não foi revelada à imprensa.

Do qual colijo que é um grupo ultrasecreto que opera em negro . Poderia tratar-se de um

grupo da OTAN, mas são puras especulações. Agora prosseguiu Popov , tenho algumas

preguntas que lhe fazer.

OK o chefe assentiu.

312

Conhecia este comando? Sabia que existia?

Gesto negativo da cabeça.

Não Girou para servir uma taça de café.

Seria possível que averiguasse algumas costure a respeito deles?

Encolhimento de ombros.

Poderia ser. por que é importante?

Isso depende de outra pergunta... por que me paga para incitar a os terroristas a cometer

atentados?

Você não tem necessidade se soubesse, Dimitri.

Sim, senhor, tenho necessidade. Não se podem planejar operações contra forças opositoras

sofisticadas sem ter idéia do objetivo supremo. Simplesmente não pode fazer-se, senhor. Mais

ainda, você investiu seumas consideráveis nessas operações. Tem que haver uma razão. E eu

preciso conhecê-la-o que não disse foi que queria saber, e que a seu devido tempo saberia, o

dissessem ou não.

A seu empregador lhe ocorreu pensar que sua própria existênciaBA, em certo modo, em

mãos desse ex-agente segredo russo. Podia negar tudo o que dissesse em um foro público, e

inclusive tinha o poder de fazê-lo desaparecer (opção menos atrativa na realidade que no

cinema, já que Popov podia ter falado com outros de sua índole, ou inclusive haver deixado

um registro escrito de suas negociações).

As contas bancárias das que Popov tinha extraído os recursos para financiar as operações

estavam perfeitamente lavadas , por suposto, mas um investigador ardiloso e minucioso

poderia rastrear seus duvidosos orígenes e lhe ocasionar preocupações menores. O problema

dos bancos eletrônica era que sempre deixava um rastro de electrones... e os registros

bancários eram específicos quanto a datas e cifras, o suficiente para revelar incômodas

conexões. Isso poderia rédundar em problemas maiores ou menores. Pior ainda, prejudicaria

notavelmente a missão suprema que estava levando a cabo em lugares tão diversos como

Nova Iorque, Kansas e Brasil. E Austrália, é obvio, que era o centro da medula.

Permite-me pensá-lo, Dimitri?

Sim, senhor. É obvio. Simplesmente digo que, se quiser que faça eficazmente

meu trabalho,

preciso saber mais. Certamente tem pessoas de sua confiança. lhes mostre essas gravações e

lhes pergunte sua opinião Popov ficou de pé . me Chame quando me necessitar, senhor.

Obrigado pela informação Esperou que se fechasse a porta e marcou um número de cor. O

telefone soou quatro vezes antes de ser atendido:

Olá disse a secretária eletrônica . Se comunicou com a casa do Bill Henriksen. Infelizmente

não posso atendê-lo. Intente em meu escritório.

Maldição disse o executivo. Teve uma idéia. Levantou o controle remoto e acendeu a TV.

CBS, não, NBC, não...

313

Mas assassinar a uma menina doente dizia o convidado no Good

Morning, America pela rede ABC.

Charlie, faz muito tempo um russo chamado Lenin disse que o propósito do terrorismo era

aterrorizar. Isso são, e isso fazem. O mundo segue sendo perigoso, inclusive mais que

quando as nações respaldavam aos terroristas. Naqueles tempos, impunham-lhes restrições de

conduta. Essas restrições desapareceram no mundo atual disse Henriksen . Este grupo queria a

soltura de seu amigo

Carlos o Chacal. Bom, não pôde ser, mas vale a pena considerar que importava-lhes o

suficiente para organizar um atentado terrorista clássico. Felizmente a missão fracassou,

graças à polícia espanhola.

Como avaliaria o desempenho da polícia?

Muito bom. Todos se treinam de acordo às mesmas regras, é óbvio, e os melhores passam

temporadas no Fort Bragg, ou em

Hereford, Inglaterra, e também em outros lugares, como a Alemanha e Israel.

Mas um refém foi assassinado.

É impossível controlá-lo tudo, Charlie disse o perito com tristeza. Um pode estar a dez

metros com a arma carregada e não poder atuar, porque de fazê-lo ocasionaria a morte de

mais de um refém.

Esse assassinato me repugna tanto como a ti, meu amigo, mas quem o cometeram já estão

mortos.

Bem, obrigado por vir. Bill Henriksen, presidente do Seguridêem Global e consultor da ABC

sobre terrorismo. São as oito e você e seis.

Corte comercial.

Tinha o número do beeper do Bill em seu escritório. Chamou por linha privada. Quatro

minutos depois soou o telefone.

Sim, John, o que acontece? escutava-se ruído de rua. Henriksen já devia ter saído da ABC.

Estaria caminhando pela vereda de

Central Park West, provavelmente para seu automóvel.

Bill, preciso verte em meu escritório O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL. Pode vir agora mesmo?

Seguro. me dê vinte minutos.

Henriksen tinha uma chave para entrar em garagem do edifício e acesso a um dos espaços

privados. Entrou no escritório dezoito minutos depois de ter sido chamado.

O que acontece?

Vi-te esta manhã por televisão.

Sempre me chamam por estas coisas disse Henriksen . O COmando de resgate fez um grande

trabalho, ao menos isso pareceu por TV.

Logo terei acesso à filmagem completa.

Ah, sim?

Sim, tenho contatos. O vídeo que transmitiram foi editado. Meu gente conseguirá todos os

vídeos (sem classificar) para analisá-los.

Olhe isto disse John, passando a filmagem do Parque Mun314

dial. Logo se levantou e inseriu o vídeo de Viena. Logo depois de trinta segundos, o da

Berna . O que te parece?

O mesmo comando nos três? refletiu Henriksen em voz alta .

Isso parece... mas quem demônios são esses tipos?

Sabe quem é Popov, verdade?

Bill assentiu.

Sim, o tipo da KGB que conheceu. Ele descobriu tudo isto?

Sim Assentimento . Me trouxe os vídeos faz menos de uma hora.

Está preocupado. E você?

O ex-agente do FBI esboçou um sorriso.

Não sei. Primeiro quereria saber mais sobre eles.

Pode averiguar?

Esta vez se encolheu de ombros.

Posso falar com alguns contatos, agitar uns quantos avisperos. A coisa é que, se realmente

houver uma equipe de operações espelhes recue em negro , eu teria que me haver informado

antes. Quero dizer, tenho contatos no negócio. Acima e abaixo. E você?

Poderia provar um par de coisas, com calma. Provavelmente fingindo que pergunto por pura

curiosidade.

OK, verei o que passa. Que mais te disse Popov?

Quer saber por que o faço fazer essas coisas.

Esse é o problema com os agentes secretos. Gostam de saber.

Quero dizer, certamente está pensando o que acontece começo uma missão e apanham vivo a

um dos sujeitos? Quase sempre cantam como jodidos canários logo que pisam no calabouço,

John. Se algum o delatasse, ficaria fundo na mierda. Bastante improvável, admito-o, mas

possível. E os agentes secretos são profissionais da cautela.

E se o tiramos do meio?

Outro sorriso.

Terei que ter muito cuidado, se por acaso lhe deixou um paquetito a um amigo em algum

lugar. É impossível sabê-lo, mas devemos supor que sim. Como pinjente, são profissionais da

cautela. Esta operação não está isenta de perigos, John. Sabíamos antes de começar. Estamos

perto de obter...

Muito perto. O programa de lhes teste balança bem. dentro de um mês saberemos tudo o que

precisamos saber.

Bom, quão único devo fazer então é conseguir o contrato do Sydney. Amanhã vou para lá.

Estes incidentes não afetarão as negociações.

Com quem trabalhará?

Os australianos têm seu próprio SEJA. Supostamente pequeno... muito profissional, mas lhe

faltam armas e tecnologia de última geração. Esse será meu anzol. Tenho o que necessitam,

ao custo declamou

Henriksen . Volta a pôr o vídeo, o da Espanha disse.

John se levantou de seu escritório, inseriu o vídeo e o rebobinou hávocê o princípio da

cobertura televisiva. Viram o descida da equipe de assalto do helicóptero.

315

Carajo, perdi-me isso! admitiu o perito.

Que coisa?

Temos que ampliar a imagem, mas isso não é um helicóptero policial. É um Sikorsky H-60.

E?

E o H-60 jamais teve uso civil. Vê esse pôster de POLÍCIA pintado no flanco? Essa é uma

aplicação civil. Não é um helicóptero policial, John. É militar... e se tiver equipe de

reabastecimiento de combustible, então é um pássaro para operações especiais. Isso equivale

a dizer Força Aérea dos Estados Unidos, velho. Também nos indica onde têm sua base...

Onde?

Inglaterra. A USAF tem uma asa de operações especiais com apóie na Europa,

parte na

Alemanha, parte na Inglaterra... O MH-60K, acredito que essa é a designação do helicóptero,

fabrica-se especialmente para operações de busca e resgate em combate e traslado do

COMandos especiais. Né, nosso amigo Popov tem razão. Há um equicorreio especial de gente

que se encarrega destas coisas, e têm apoio de

EUA, talvez de outros países. A incógnita é: quais são?

É importante?

Potencialmente, sim. E se os australianos os chamam para que ajudem-nos no que estou

planejando, John? Isso estragaria tudo.

Agita seu vespeiro. Eu agitarei o meu.

De acordo.

316

CAPÍTULO 17

VESPEIROS

Pete tinha agora seis amigos no centro de tratamento. Só dois dos sujeitos se sentiam o

suficientemente bem para permanecer no dormitório comum com o uísque e os cartões de

cigarros, mas Killgore supunha que se reuniriam com outros por volta do fim da semana

(lhenían o sangue infestado de anticorpos Shiva). Era estranho que a enfermedad atacasse a

diferentes pessoas de diferentes maneiras, mas dêpués de tudo, os sistemas imunológicos

diferiam segundo os indivíduos.

Por isso algumas pessoas adoeciam de câncer e outras não, apesar de consumir tabaco e

praticar consuetudinariamente outros modos de automóvelabusos.

Além disso, tudo era mais fácil do que tinha esperado. Supôs que se devia às altas doses de

morfina que lhes administrava. A medijanta tinha descoberto fazia relativamente pouco tempo

que não havia um dosaje máximo para os inibidores da dor. Se o paciente seguia sofrendo, o

médico podia lhe injetar calmantes até que a dor psara. Os doentes terminais resistiam

perfeitamente doses capazes de provocar acidentes respiratórios em pessoas sãs, e isso o

facilitava o trabalho. Cada dispensário de droga tinha um botão que os sujeitos se apertavam

em caso de necessidade. Desse modo, se automedicaban automaticamente para entregar-se ao

aprazível esquecimento. Este procedimento beneficiava também ao pessoal, já que não

deviam aplicar tantas inyecciones (com os mais que visíveis riscos que isso suportava). De

sua cabeça de gadopéctivos arbolitos de Natal pendiam recipientes plásticos com nutrientes e

soro intravenoso, que os enfermeiros checavam sem tocar aos sujeitos. Mais tarde lhes

injetariam a vacina B, supostamente para imunizá-los contra Shiva (em um 98 a 99%,

segundo Steve Berg).

Mas todos sabiam que isso não equivalia aos cem por cento, e portanto deviam continuar com

as medidas preventivas.

Obviamente, quase todos sentiam escassa simpatia pelos sujeitos.

Recolher vagabundos guias de ruas tinha sido uma idéia genial. O próximo grupo de sujeitos

despertaria maior simpatia, mas todos os integrantes vocês da equipe tinham sido prévia e

convenientemente lecionados.

Fariam muitas coisas desagradáveis, mas necessárias.

Sabe? Às vezes penso que a gente do Earth First tem razão dizia Kevin Mayflower no

restaurante Palm.

317

Ah, sim? E por que? perguntou-lhe Carol Brightling.

O presidente do Serra Clube olhou sua taça de vinho.

Destruímos tudo o que tocamos. As costas, as selvas, o mar...

olhe o que lhes tem feito a civilização. Ah, sim, preservamos algumas áreas... e o que?

Quanto somam? Três por cento, talvez? Bravo.

Grandioso. Estamos envenenando-o tudo, inclusive a nós mesmos.

O problema do ozônio vai de mal em pior segundo o novo estudo da Nasa.

Sim, mas escutou falar do emplastro? perguntou a assessora presidencial.

Emplastro? Como?

Carol sorriu afectadamente.

Bom, juntas um montão de jumbos, os cheias de ozônio, os envia a Austrália e libera o ozônio

a determinada altitude para emparchar a capa avariada. Tenho essa proposta em cima do

escritório.

E?

E é como praticar abortos em uma quadra de esportes de futebol, com transmissão em vivo e

comentários coloridos. É impossível que funcione. Debemos permitir que o planeta se cure

sozinho... mas não o faremos, por suposto.

Alguma outra notícia alentadora?

Ah, sim. O tema do CO₂. Um tipo do Harvard diz que se arrojamos limagem de ferro ao

oceano Índico estimularemos o crescimento do fitoplâncton, e que desse modo

resolveremos

o problema do CO2

em um abrir e fechar de olhos. Os cálculos matemáticos luzem muito bem.

Todos esses gênios que dizem poder arrumar o planeta, como se necessitara que eles o

arrumem... quando o único que necessita a Terra é que deixem-na em paz.

E o que diz o presidente? perguntou Mayflower.

Pede-me que lhe diga se pode funcionar ou não, e em caso de que funcione que o prove para

estar seguros, e que logo o ponha em prática. Não sabe nada e não quer aprender não

adicionou que ela devia cumprir suas ordens, gostasse ou não.

Bom, talvez nossos amigos do Earth First tenham razão,

Carol. Talvez sejamos uma espécie parasita na face da Terra, e tal vez destruamos o planeta

íntegro antes de desaparecer.

Rachel Carson volta para a vida, né?

Olhe, conhece a ciência tanto como eu... acaso melhor. Estamos fazendo coisas como... como

a que fez desaparecer aos dinossauros, só que voluntariamente. Quanto demorou o planeta em

recuperar-se?

O planeta não se recuperou, Kevin assinalou Carol Brightling .

Produziu mamíferos... nós, recorda? A ordem ecológica preexistente não voltou

jamais.

Apareceu algo novo, que demorou dois milhões de anos em estabilizar-se Valeria a pena

havê-lo visto, pensou. Observar um processo como esse teria sido uma bênção científica e

pessoal...

318

mas provavelmente naquele tempo naquele tempo não havia ninguém para apreciá-lo.

A diferença de hoje.

Bom, dentro de poucos anos veremos a primeira parte do derrumbe, não? Quantas espécies

mais aniquilaremos este ano? E se a situação do ozônio segue piorando... meu deus, Carol,

como é possível que a gente não se dê conta? Acaso não vêem o que está passando?

Não lhes importa?

Não, Kevin, não o vêem, e não lhes importa. Olhe a seu redor O restaurante estava cheio de

indivíduos importantes, que luziam roupas importantes, e indubitavelmente discutiam temas

importantes, enquanto devoravam seus manjares importantes... sem mencionar, nem por

casualidêem, a crise planetária que literalmente pendia sobre suas cabeças. Se a capa de

ozônio efetivamente se evaporava, tal como podia acontecer, bom, começariam a

usar filtro

solar para sair à rua, e talvez sobreviveriam... mas o que passaria com as espécies naturais, os

pájaros, os lagartos, todas as criaturas do planeta que não tinham essa opção? Os estudos

indicavam que a radiação ultravioleta lhes escamaria os olhos e logo os mataria, provocando a

rápida destruição do ecossistema global . Crie que algum deles sabe o que acontece... ou que,

se souber, importa-lhe?

Suponho que não Kevin bebeu um gole de vinho branco . Buenão, nós o advertimos

constantemente, não é assim?

É gracioso prosseguiu Carol . Não faz muito fazíamos a guerra, e graças a isso a população do

planeta não aumentava e isso diminuía nossas possibilidades de prejudicá-lo... mas agora a

paz o está jogando tudo a perder, isso sem contar os adiantamentos industriais.

Quer dizer que a paz nos destrói com maior eficácia que a guerra. O que ironia.

E a medicina moderna. O mosquito anófeles sim que sabia impedir o crescimento da

população... Sabia que Washington era um páotano produtor de malária e que os diplomáticos

a consideravam um destino perigoso? Mas... inventamos o DDT. Muito bom para

controlareira mosquitos, mas letal para o falcão peregrino. Nunca fazemos as

coisas bem.

Jamais concluiu Mayflower.

E se...? perguntou Carol tentativamente.

E se o que, Carol?

E se a natureza produzira algo que eliminasse à maioria de a raça humana?

A hipótese Gaia? não pôde dissimular um sorriso. A idéia era que a Terra era um organismo

pensante e automóvel-corretivo capaz de regular as numerosas espécies viventes que a

povoavam . Embora fora válida (e realmente espero que o seja), temo-me que os humanos

movemo-nos muito rápido para que Gaia possa nos controlar. Não,

Carol, criamos um pacto suicida e vamos arrastar o tudo em nossa queda. E dentro de

milhares de anos, quando a população mundial reduziu-se a um milhão de pessoas, saberão

qual foi o engano e lerão os livros e olharão as filmagens do paraíso que tivemos ao319

guna vez, e nos amaldiçoarão em voz alta... E talvez, se tiverem sorte, aprenderão de nossos

equivocos e começarão de novo. Talvez.

Duvido-o. Embora tratassem de aprender, preocupariam-se mais por construir reatores

nucleares para poder usar suas escovas de dentes eléctricos. Rachel tinha razão. Algum dia

haverá uma Primavera Silenciosa, mas então será muito tarde picou um pouco de salada,

preguntándose que substâncias químicas conteriam a alface e o tomadalhe. Várias, estava

seguro. Nessa época do ano a alface vinha de

México (onde, era sabido, os horticultores faziam algo para ganhar dinheiro), e talvez o

peçoal de cozinha a tinha lavado, mas tal vez não... E ali estava ele, comendo em um

restaurante caro e envenenamdou-se ao ritmo do planeta. O sereno desespero de seu olhar o

derecua tudo.

Estava a ponto para ser recrutado, pensou Carol Brightling. Era hora. E arrastaria a vários

com ele. Perfeito, tinham lugar para todos em

Kansas e Brasil. Meia hora depois abandonou o restaurante e se dirigió à Casa Branca para

assistir à reunião semanal de gabinete.

Né, Bill disse Gus desde seu escritório no Hoover Building .

O que está passando?

Viu o noticiário esta manhã? perguntou Henriksen.

Refere ao que aconteceu a Espanha? perguntou Werner.

Sim.

Claro. Também te vi no micro.

É meu ato magistral riu . Bom, é útil para os negócios, sabe?

Sim, suponho que sim. De todos os modos, o que se preocupa?

Não foi a polícia espanhola, Gus. Sei como os treinam. Não é seu estilo, velho. Então quem

foi? Delta, SEJA, CRR?

Gus Werner entrecerró os olhos. O atual subdirector do FBI hábia sido outrora agente especial

a cargo do Comando de Resgate de Réhenes, corpo de elite do FBI. Uma vez promovido,

havia-se desempenhado como agente especial a cargo da divisão de campo de Atlanta, e agora

estava a cargo da nova Divisão Terrorismo. Bill Henriksen tinha trabalhado para ele antes de

abandonar o FBI para iniciar seu própria empresa consultora. Mas o bichito do FBI não

deixava em paz a nadie e evidentemente Bill andava à pesca de informação.

Realmente não posso te dizer muito a respeito, companheiro.

OH?

OH? Sim. Não posso falar disse Werner sem alterar-se.

Temas classificados?

Algo assim concedeu Werner.

Risita.

Bom, algo é algo, né?

Não, Bill. Algo é nada. Né, velho, não posso violar as regras, e você sabe muito

bem.

320

Sempre foi um homem decente admitiu Henriksen . Buenão, quaisquer pessoas que sejam,

alegra-me que estejam de nosso lado. O operativo se viu fabuloso por TV.

Sim Werner tinha a coleção completa de vídeos, transmitida via satélite encriptado da

embaixada dos EUA em Madrid à

Agência Nacional de Segurança, e de ali aos quartéis centrais do FBI. Havia-a visto completa

e esperava receber mais informação essa mesma tarde.

Não obstante, eu gostaria que lhes diga algo se tiver ocasião.

Que coisa, Bill?

Se querem parecer policiais locais não devem usar helicópteros da USAF. Não sou estúpido,

Gus. Os jornalistas não se dão conta, mas é mais que óbvio para qualquer que tenha um grama

de cérebro, não te parece?

Caramba, pensou Werner. A ele lhe tinha passado, mas Bill era algo menos tolo. perguntou-se

como era possível que os medeus não tivessem reparado em tão flagrante detalhe.

E?

Não me enfaixa gato por lebre, Gus. Era um Sikorsky Modelo 60.

Jogávamos com eles quando íamos ao Fort Bragg, recorda? Nos gustaban mais que os Hueys,

mas não são de uso civil e por isso não pudemos comprar um recordou a seu ex-chefe.

Transmitirei a mensagem prometeu Werner . Alguém mais se deu conta?

Não que eu saiba, e tampouco disse nada esta manhã no noticiário, verdade?

Não, não o fez. Obrigado.

Então, vais dizer-me algo sobre estes tipos?

Lamento-o, velho, mas não. É um assunto codificado e o certo é que não sei muito ao respeito

mentiu Werner. Mentira, quase ouviu dizer a seu ex-subordinado. E muito débil. Se havia um

comando especial antiterrorista, e se os Estados Unidos estava envolto, indudablemente você o

perito do FBI nesse campo saberia do que se tratava. Henriksen deu-se conta sem que o

dissesse. Mas, maldita seja, regras eram regras, e não havia maneira de que um consultor

privado entrasse no compartimento classificado chamado Rainbow. Pelo resto, Bill também

conhecia as regras.

Sim, Gus, claro foi a resposta zombadora . De todos os modos, são muito bons. Mas o

espanhol não é seu idioma materno e têm acesso a aeronaves americanas. lhes diga que

tenham mais cuidado.

Farei-o prometeu Werner, e anotou algo.

Projeto em negro se disse Henriksen depois de pendurar.-me pergunto de onde tiram os

recursos...

Fossem quem fosse, tinham conexões com o FBI, além de com o SOD. O que outra coisa

podia averiguar? Onde tinham a base?...

Para sabê-lo... sim, era possível, por que não? Precisaria estabelecer a hora de início dos três

incidentes, logo determinar quando apare321

recuam os cowboys, e finalmente rastrear o ponto de origem. As aerolinhas viajavam a

aproximadamente quinhentos nós, e isso implicava uma distância de viagem...

...Inglaterra, tinha que ser na Inglaterra, decidiu Henriksen. Era a única localização lógica. Os

britânicos tinham toda a infra-estrutura in situ e a segurança era excelente no Hereford...

Henriksen se havia treinado com o SEJA quando era parte do CRR do FBI. OK, o

confirMaría com os registros escritos sobre os atentados de Viena e Berna.

Sua equipe cobria normalmente todas as operações antiterroristas...

e podia chamar a seus contatos na Suíça e Austria para averiguar mais detalhes. Não seria

difícil. Olhou o relógio. Convinha-lhe chamar imediatamente, dada a diferença horaria.

Procurou em seu rolodex e fez um chamadinho por linha privada.

Assim projeto em negro, né? pensou. Veremos.

A reunião de gabinete terminou cedo. A agenda do presidente estava em ordem, o qual

facilitava as coisas para todos. Havia obtido só dois votos... Em realidade, puras fantasias

dos membros do gabinete, já que o presidente tinha o único voto, tal como o havia feito notar

várias vezes, recordou Carol. A reunião se dissolveu e os funcionários começaram a sair do

edifício.

Olá, George a Dra. Brightling saudou o secretário do Lhesoro.

Olá, Carol, segue abraçando árvores? perguntou com uma saorizada.

Sempre ri Carol por toda resposta a esse plutocrata ignorante. Viu o noticiário da manhã?

Que parte?

o da Espanha...

Ah, sim, o Parque Mundial. O que acontece isso?

Quais eram esses homens mascarados?

Carol, se tiver que perguntá-lo é que não deve sabê-lo.

Não quero seu número telefônico, George replicou Brightling, permitindo que o homem lhe

abrisse a porta. E estou a par de quase tudo o que acontece, recorda?

O secretário do Tesouro teve que admitir que era certo. A asesora científica de

Presidência

estava a par de todos os programas clasificados incluindo armas, nucleares e das outras e

fiscalizava as comunicações secretas de segurança como parte de seus deveres de rotina.

Realmente tinha direito a inteirar-se se perguntava. Oxalá não o fizesse. Já eram muitos os

que conheciam a existência do

Rainbow. Suspirou.

Organizamo-lo faz uns meses. É em negro, entendido? Um grupo de operações especiais,

multinacional, com apóie na Inglaterra, principalmente britânicos e americanos, mas também

outras nacionalidades. A idéia ocorreu a um tipo da CIA que conta com a

322

simpatia do presidente... E até o momento não se equivocou, não parece-lhe?

Bom, o resgate desses meninos foi algo especial. Espero que recebam um tapinha na cabeça

por havê-lo feito.

Sorriso.

Depende. O presidente lhes enviou uma mensagem esta manhã.

Como se chama?

Está segura de querer sabê-lo? perguntou George.

O que tem de peculiar o nome?

Nada assentiu George . Se chama Rainbow. Por seu caráter multinacional.

Bom, quaisquer pessoas que sejam, ontem à noite ganharam vários pontosse.
Sabe?

Realmente teriam que me informar sobre estes temas.

Posso ajudar assinalou.

Bom, diga-lhe ao Chefe.

Estou em sua lista de excluídos, recorda?

Sim, então concentre-se em suas questões meio-ambientais, sim? Diabos, todos
somos como a

verde erva e o canário Tweety.

Mas não podemos permitir que o canário Tweety nos diga como governar o país,
não lhe

parece?

George, eu me ocupo de temas científicos verdadeiramente imandaduras
assinalou Carol

Brightling.

Isso diz você, doc. Mas se trocasse a retórica se interessaria mais gente. Uma
pequena

mudança de estilo sugeriu o secretário do Lhesoro, abrindo a porta de seu
automóvel para

percorrer comodamente as duas quadras que o separavam de seu departamento.

Obrigado, George, pensarei-o prometeu. George a saudou justo quando o chofer
pôs marcha

atrás.

Rainbow murmurou Carol, cruzando o West Executive Drive.

Valia a pena dar outro passo? Entretanto-o de trabalhar com temas clasificados era que se

alguém estava dentro, estava dentro... Ao chegar a seu escritório inseriu a chave plástica em

seu STU-4 e chamou o diretor da

CIA por linha privada.

Olá respondeu uma voz masculina.

Ed, fala Carol Brightling.

Olá. Como andou a reunião de gabinete?

Liviana, como sempre. Quero lhe fazer uma pergunta.

Qual, Carol?

Sobre o Rainbow. Sobre a operação de ontem à noite na Espanha.

Você está ao tanto? perguntou Ed.

Se não, como saberia o nome do comando, Ed? Sei que o organizó um de seus homens. Não

recordo seu nome, é um tipo que o agrada muito ao presidente.

Sim, John Clark. Faz tempo foi meu oficial de treinamento. É um cidadão sólido. Esteve

metido até os dentes e fez muito mais pelo que fizemos Mary Pat e eu. Como é, por que lhe

interessa?

Pelos novos sistemas encriptados de rádio tático que está provando a ASN. Já os têm?

Não sei admitiu Foley . Já estão em condições de ser usados?

dentro de um mês o estarão. E-Systems será o fabricante e pensei que Rainbow devia os ter.

Quero dizer, os touca o mais difícil. Deveriam ser os primeiros em recebê-los.

No outro extremo da linha, o diretor da CIA se obrigou a recordar que devia emprestar maior

atenção ao trabalho da Agência

Nacional de Segurança. Além disso, permitiu-se esquecer que

Brightling tinha o cartão negro que a fazia parte integrante do santuário do Fort Meade.

Não é má idéia. Com quem tenho que falar?

Com o almirante McConnell, suponho. É sua jurisdição. Em todo caso, só quis lhe fazer uma

sugestão amistosa. Se o comando

Rainbow é tão bravo, deveria ter os melhores brinquedos.

OK, ocuparei-me disso. Obrigado, Carol.

De nada, Ed. E algum dia eu gostaria de conhecer o programa completo, né?

Claro, eu posso fazer o conhecer. Posso enviar a um moço com toda a informação que

necessite.

De acordo, quando o cria conveniente. Vemo-nos.

Adeus, Carol.

Brightling lhe sorriu ao telefone. Ed jamais lhe perguntaria nada, verdade?
Conhecia o nome

do comando, tinha falado bem dos moços, e tinha devotado ajuda... como uma burocrata leal.

E havia averiguado o nome do líder. John Clark. Alguma vez treinador do muito mesmo Ed

Foley. Era tão fácil conseguir informação se uma falaBA o idioma adequado.
Bom, por isso

tinha querido esse posto, com frustrações e tudo.

Um de seus empregados fez os cálculos e estimou os tempos de viagem... e o resultado foi a

Inglaterra, tal como suspeitava. O triângulo de tempo aplicável a Berna e Viena tinha seu

vértice em Londres, ou muito perto dali. Tinha lógica, pensou Henriksen. British Airways

voava a todas partes e sempre tinha mantido relações cordiais com o gobierno britânico.

Então, o grupo devia ter base em... Hereford, quase seguro. Provavelmente era multinacional... característica que o faria mais aceitável para outros países. Sim, estaria

integrado por britânicos e americanos, e talvez soldados de outras nacionalidades... e tinha

acesso a facilidades americanas como esse helicóptero Sikorsky.

Gus Werner estava a par de tudo... haveria gente do FBI no equicorreio?
Provavelmente. O

CRR era essencialmente uma organização policial, mas como sua missão era o

antiterrorismo,

praticava e compartilhava com outras organizações semelhantes no mundo, inclusive com

aquelas essencialmente militares. A missão era a mesma e, portanto, os

324

comandos eram facilmente intercambiáveis... e os membros do CRR do FBI eram os

melhores do planeta. Provavelmente haveria alguém do

CRR, talvez algum conhecido dele. Seria útil saber quem, mas pelo momento esse

conhecimento estava fora de seu alcance.

O mais importante de tudo era que esse grupo antiterrorista era um perigo potencial. E se se

desdobravam no Melbourne? Prejudicariam seus interesses? Certamente não os

beneficiariam, especialmente se houverbía um agente do FBI na equipe. Henriksen tinha

passado quinze anos no FBI e não se fazia iluda. Os agentes tinham olhos para ver e cérebros

para pensar e se metiam em tudo. E desse modo, sua estratégia para conscientizar ao mundo

sobre a ameaça terrorista (jogando de passagem água para seu moinho no assunto Melbourne)

poderia estar-se o escapando das mãos. Maldição. Mas a Lei de Conseqüências Não

Intencionais podia afetar a qualquer, não? Por isso estava no topo, porque seu trabalho era

dirigir coisas não intencionais. E aí estava, com ânimo de oficial de inteligência. Precisava

saber mais. O pior de tudo era que devia viajar a Austrália em poucas horas, o qual lhe

impediria prosseguir suas averiguações. Bem. Essa noite jantaria com seu chefe e o

transmitiria tudo o que sabia até o momento. Talvez esse tipo da

KGB o arrojasse um pouco. Até o momento se dirigiu muito bem. Um fumante de pipa.

Nunca deixaria de surpreendê-lo que coisas tão pequenas pudessem ser tão reveladoras. Só

terei que manter a cabeça e os olhos abertos.

O Interleukin não sorte efeito disse John Killgore, apartando a vista do monitor. A tela do

microscópio eletrônico era clara.

As cepas da Shiva se reproduziam alegremente, devorando no procesou toda a malha sã.

E? perguntou a Dra. Archer.

E essa era a única opção de tratamento que me preocupava. O

Interleukin-3a é um descobrimento excitante, mas Shiva ri dele e segue adiante. Este vírus é

um aterrorador filho de puta, Barb.

E os sujeitos?

Logo estive ali. Pete vai, igual ao resto. O Shiva os está devorando. Todos têm hemorragias

internas e não há nada que detenha a destruição das malhas. Provei tudo o que propõem os

livros. Esses pobres tipos não poderiam receber melhor tratamento em

Hopkins, Harvard ou a Clínica Mayo. Mas vão morrer. Todos. Agora admitiu , haverá casos

cujos sistemas imunológicos possam resistir ao vírus, embora muito estranhos.

até que ponto estranhos? Perguntou-lhe ao epidemiólogo.

menos de um em um milhar, provavelmente, talvez um cada dez mil afetados. Nem sequer a

variedade neumónica da praga mata a todo mundo recordou. Era a enfermidade mais letal do

planeta e permitia sobreviver a um indivíduo de cada dez mil. Archer sabia que alguns

sistemas imunológicos matavam tudo o que lhes era alheio. Esses

325

eram os que viviam cem anos ou mais. Não tinha nada que ver fumando, não fumar, beber

álcool pela manhã ou qualquer desses lixos que publicavam nas revistas para revelar o

(suposto) secreto da vida eterna. Estava nos gens. Alguns eram melhores que outros. Assim

de simples.

Bom, não é para preocupar-se não?

A população mundial está entre os cinco e os seis mil e milhões de pessoas. Se fizermos o

cálculo, seriam uns poucos milhares que não teriam-nos muita estima.

Dispersos pelo mundo inteiro disse Barbara . Desorganizados, sem líderes nem conhecimento

científico que os ajudem a sobreviver.

Como fariam para comunicar-se? Embora mais não seja os oitocentos sobreviventes de Nova

Iorque? E as enfermidades que trará a morte de tantas pessoas? O melhor sistema

imunológico do mundo não conseguiria proteger-se contra isso.

Muito certo admitiu Killgore. Logo sorriu . Estamos melhorando a raça, não?

A Dra. Archer captou o rasgo de humor negro implícito na afirmação de seu colega.

Sim, John, estamos melhorando a raça. Então, a vacina B está preparada?

Killgore assentiu.

Sim, recebi minha injeção faz uma hora. Está lista para a tua?

E a?

No freezer, lista para sua fabricação maciça assim que a gente começar a necessitá-la.

Poderemos produzir milhares de litros por semana quando chegar o momento. Suficiente para

cobrir o planeta lhe disse .

Steve Berg e eu o decidimos ontem.

Alguém mais poderia...

Impossível. Nem sequer Merck pode mover-se tão rápido... e se o fizessem,

teriam que

utilizar nossa fórmula, não?

Esse era o estímulo definitivo, o último recurso. Se o plano de propagar o Shiva por todo o

círculo não funcionava tão bem como esperavam, o mundo inteiro receberia a vacina A, em

que casualmente haviam estado trabalhando os cientistas de Laboratórios Antigen (uma

divisão do The Horizon Corp.) como parte do esforço conjunto de ajuda ao

Terceiro Mundo, berço e lar de todas as febres hemorrágicas. Uma casualidade afortunada,

embora já vista na literatura médica. John

Killgore e Steve Berg tinham publicado informe e estudos sobre essas enfermidades, muito

bem considerados pela comunidade científica internacional. devido a isso, o mundo médico

sabia que Horizon/Antigen estava trabalhando na área e não se surpreenderia ao conhecer a

existência da vacina. Inclusive provariam a vacina nos laboratórios e descobririam que

possuía uma ampla variedade de anticorpos. Mas não seriam os anticorpos corretos e a vacina

com o vírus vivo seria uma sentença de morte para tudo o que lhe permitisse ingressar em seu

torrente sangüíneo. O período entre a aplicação da vacina e a aparição

de sintomas francos seria de quatro a seis semanas, e, novamente, os

únicos

sobreviventes seriam as almas afortunadas que moravam no mais profundo do oceano

genético. Sobreviveriam cem pessoas de cada milhão. Talvez menos. Ébola-Shiva era um

vírus maléfico que hábían demorado só três anos em desenhar. Bom, pensou Killgore, esse é

o sentido da ciência. A manipulação genética era um campo novo e certas coisas resultavam

imprevisíveis. O triste era que os mesmos indivíduos, no mesmo laboratório, estavam

empreendendo um caminho novo e inesperado a longevidade humana e obtendo verdaderos

progressos. Bom, tão melhor. Uma vida larga para apreciar um novo mundo, produto direto

da Shiva.

E os adiantamentos não cessariam. Muitos dos escolhidos para receber a vacina B eram

científicos. A alguns não agradaria a notícia, mas teriam pouca opção e, sendo científicos,

logo retomariam sua travajo.

Não todos os do projeto aprovavam a decisão. Os mais radicais diziam que preservar vistas de

médicos ia contra a natureza mesma da missão... porque a medicina impedia à natureza seguir

seu curso. Seguro, pensou Killgore. Bem, deixariam que esses ideólogos da

estupidez

parissem no meio do campo logo depois de uma jornada de caça e coleta de frutos, e muito

em breve desapareceriam. Ele planejava disfrutar e estudar a natureza, mas com o calçado e o

casaco adequados.

Planejava seguir sendo um homem educado e não tinha a menor intenção de transformar-se

em um macaco nu. Deixou vagar o pensamento... Teriam que implementar a divisão do

trabalho, é obvio.

Os agricultores cultivariam as verduras e carneariam os animais que eles comeriam... e os

caçadores matariam búfalos (bestas de carne mais sã, mais desce em colesterol). O búfalo se

reproduziria rapidamente, pensou. O trigo seguiria abundando nas Grandes Planícies e os

búfaos selvagens se criariam gordos e saudáveis, especialmente graças à eliminação brutal de

seus predadores. O gado doméstico também prosperaria, mas finalmente seria deslocado pelo

búfalo, animal mais resistente e propenso à vida em liberdade. Killgore queria ser testemunha,

queria contemplar as enormes manadas que outrora habitavam o oeste norte-americano.

Também queria ver a África.

Isso implicaria a existência de aviões e pilotos no projeto.

Horizon já tinha sua própria coleção de aviões comerciais G-V, de modo que necessitariam

pequenos grupos de gente para manejo e manutenção de alguns aeroportos. Zambia, por

exemplo. Queria ver a África livre e selvagem. O continente negro demoraria

aproximadamente dez anos em recuperar-se, estimou. O SIDA estava eliminando a seus

habitantes a passo gigantesco e Shiva aceleraria o processo. O homem desapareceestúrio da

África e ele poderia contemplar a natureza em toda sua glória... e talvez matar um leão para

ter um bonito tapete em sua casa de

Kansas? Alguns membros do projeto poriam o grito no céu se inteirassem-se, mas que

importância tinha um leão mais ou menos? O projeto salvaria centenaes de milhares, talvez

milhões, que vagariam e

327

caçariam em orgulhosa liberdade. Que belo seria o Novo Mundo uma vez eliminada a espécie

parásita empenhada em destruí-lo.

Soou um beeper. Killgore olhou o painel de controle.

É Ernie, M5... parece um ataque cardíaco disse.

O que vais fazer? perguntou Barbara Archer.

Killgore se levantou.

me assegurar de que esteja morto Se inclinou para selecionar uma câmara para o monitor de

seu escritório . Assim poderá ver.

Dois minutos depois apareceu em tela. Já tinha chegado um paramédico, que se limitava a

observar. Killgore checkou o pulso e os olhos do doente. Apesar de haver-se inoculado a

vacina B, Killgore usava luvas e barbijó. Bom, tinha suas razões. Retrocedeu e apagou a

equipe de monitoro. O paramédico desconectou os soros e cobriu o cadáver com um lençol.

Killgore assinalou a porta e o paramédico se afastou, empurrando a maca rumo ao incinerador.

Killgore revisou aos demais sujeitos e inclusive falou brevemente com um antes de sair de

tela.

Tinha-o previsto disse ao retornar ao salão de controle, já sem seu equipe isolante . O coração

do Ernie não estava em boas condições e Shiva o atacou com sanha. Wendell será o próximo.

Talvez amanhã por a manhã. O fígado deixou de funcionar e tem fortes hemorragias em o

intestino grosso.

E o grupo de controle?

Mary, F4, apresentará sintomas francos dentro de dois dias.

Então, o sistema de contágio funciona?

Como um relógio assentiu Killgore, servindo uma taça de café antes de sentar-se . Tudo

funciona de primeira, Barb, e as projecciones do computador superam nossos parâmetros de

necessidades.

Seis meses depois de iniciada a epidemia, o mundo será um lugar muito diferente lhe

prometeu.

Mas esses seis meses me seguem preocupando, John. Se alguém descobre o que aconteceu...

seu último ato consciente será nos matar a todos.

Para isso temos armas, Barb.

chama-se Rainbow lhes disse. Tinha obtido a melhor informação do dia . Tem base na

Inglaterra. Foi desenhado por um tipo da

CIA chamado John Clark, que evidentemente comanda a equipe.

Tem lógica disse Henriksen . Multinacional, verdade?

Isso acredito confirmou John Brightling.

Sim disse Dimitri Popov, picando um pouco de salada César .

Tudo encaixa, poderia ser uma unidade da OTAN com apóie no Hereford?

Correto disse Henriksen . A propósito, felicito-o por averiguarlo.

Popov se encolheu de ombros.

Foi muito simples em realidade. Teria que havê-lo adivinhado antes. Agora quero saber o que

querem que faça a respeito.

328

Acredito que necessitaremos mais tempo para averiguar dados disse Henriksen, olhando de

soslaio a seu chefe . Muito mais.

Como pensam fazê-lo? perguntou Brightling.

Não é difícil assegurou Popov . Quando a gente sabe onde ônibuscara... já ganhou a metade da

batalha. Uma vez que sabe isso, vai e busca. E já tenho um nome, não?

Quer fazer-se carregador? perguntou-lhe John.

Certamente se me paga por fazê-lo . Há perigos evidentes, mas...

Que classe de perigos?

Uma vez trabalhei na Inglaterra. Existe a possibilidade de que tenham minha foto, sob outro

nome. Mas não acredito.

Pode imitar o acento? perguntou Henriksen.

Seguro, velho replicou Popov com uma careta zombadora . Você pertenceu ao FBI?

Gesto afirmativo.

Sim.

Então sabe como se faz. Uma semana, acredito.

De acordo disse Brightling . Viaje amanhã mesmo.

Passaporte? perguntou Henriksen.

Tenho vários, todos vigentes, todos perfeitos lhe assegurou Popov.

Era bom ter um profissional no grupo, pensou Henriksen.

Bom, tenho que voar amanhã cedo e ainda não fiz as valises. Vemo-nos a semana próxima,

quando estiver de volta.

Cuidado com o estresse dos aviões, Bill aconselhou John.

O ex-agente do FBI lançou uma gargalhada.

Tem uma droga que o evite?

329

CAPÍTULO 18

ASPECTOS

Popov abordou o primeiro vôo do Concorde. Nunca tinha pirado nesse avião e o interior lhe

pareceu estreito. Se apoltronó no assento

4-C. Enquanto isso, em outro terminal, Bill Henriksen ocupava um assento de primeira classe

em um American DC-10 com destino Aos Anjos.

William Henriksen, pensou Dimitri Arkadeyevich Popov. ex-miembro do Comando de

Resgate de Reféns do FBI, perito em antiterrorismo, presidente de uma empresa consultora de

segurança internacional, agora rumo à Austrália para conseguir um contrato para as próximas

Olimpíadas... Como jogava esse fator na Horizon

Corporation do John Brightling? Que fazia exatamente Henriksen?

Ou, mais precisamente a que idéia servia? Qual era seu trabalho?

Indudavelmente lhe

pagavam bem... nem sequer tinha tirado o tema do dinheiro durante o jantar proque

certamente lhe pagavam o que pedia. Popov pensava pedir 250.000 dólares só por esse

trabalho, embora suportava vários perigos (além de conduzir um automóvel pelas rotas e ruas

britânicas). 250.000? Talvez mais, disse-se o russo. depois de tudo, a missão parecia ser muito

importante para eles.

Como era possível que um perito em terrorismo e um perito em antiterrorismo participassem

do mesmo plano? por que tinham dado por válido seu descobrimento de uma nova

organização antiterrorista internacional? Era importante para eles, mas, por que? Que diabos

pretendiam? Sacudiu a cabeça. considerava-se muito ardiloso e não tinha o menor indício. E

queria saber, agora mais que nunca.

Novamente, não saber era o que mais o preocupava. Estava preocupado? Sim, estava

preocupado. A KGB jamais tinha estimulado a curiosidade em seus coroinhas, mas inclusive

eles sabiam que era necessário informar às pessoas inteligentes, e por isso, as ordens estavam

acostumadas ir acompanhadas de alguma classe de explicação... e pelo menos, em aquellos

tempos, sabia que estava servindo aos interesses de seu país. Toda informação que conseguia,

todo estrangeiro que recrutava, era com o propósito de voltar mais segura, mais eficiente e

mais capitalista a seu nación. Que tudo tivesse fracassado não era culpa dela. A KGB nunca o

tinha falhado ao Estado. Mas o Estado lhe tinha falhado a KGB. Ele tinha formado parte do

melhor serviço de inteligência do mundo e se sentia orgulhoso. De sua agência e de si mesmo.

Mas agora não sabia o que estava fazendo. Supostamente devia

330

conseguir informação, coisa muito fácil para ele, mas não sabia por que.

As coisas que tinha escutado no jantar a noite anterior haviam abierto a porta a um novo

mistério. Parecia um filme de conspiradores (sempre Hollywood) ou uma novela de detetives

cujo final não podia disabater. Cobraria o dinheiro e faria o trabalho, mas pela primeira vez se

sentia incômodo. Enquanto Popov seguia imerso em sensações desagradables,

seu avião

abandonou a pista e pôs rumo ao sol nascente, para o aeroporto londrino do Heathrow.

Algum progresso, Bill?

Tawney se respaldou em sua cadeira.

Não muito. Os espanhóis identificaram a dois dos terroristas:

separatistas bascos. E os franceses acreditam que outro cidadão francês trabalhava no parque,

mas isso é tudo. Suponho que poderíamos pedir informação ao Carlos, mas duvido que

esteja disposto a cooperar... e quem diz que os conhecia, em primeiro lugar?

Certo Clark tomou assento . Sabe uma coisa? Ding tem razão. Um atentado era esperable,

mas três consecutivos é muito.

É possível que uma mesma pessoa os esteja organizando, Bill?

Suponho que é possível, mas quem o faria... e por que?

Um momento. Primeiro vamos ao quem . Quem pode fazero?

Alguém que tenha tido acesso aos terroristas nas décadas de 1970 e 1980... quer dizer alguém

que tenha estado metido no movimento, ou que os controlasse e influísse de fora. Quer dizer,

um sujeito da KGB. Idealmente o sujeito os conheceria, teria maneira de contatá-los e, por

consequente, capacidade de ativá-los.

Os três grupos manifestaram uma ideologia forte...

Por isso o contato teria que ser um ex ou talvez ativo?

membro da KGB. Teria que ser alguém em quem confiassem... mais que isso, uma pessoa

cujas autoridades reconhecessem e respeitassem

Tawney bebeu um sorvo de chá . Quer dizer um oficial de inteligência, tal vez hierárquico,

com o que tivessem trabalhado nos velhos tempos.

Treinados e pagos pelo velho Bloco Oriental.

Alemão, tcheco, russo?

Russo disse Tawney . Não esqueça que a KGB permitia que os outros países do Bloco os

apoiassem pura e exclusivamente sob sua direção... e a natureza desses convênios sempre foi

quebradiça como o cristal, John. Era mais conveniente para eles que para os demais.

Elementos progressistas e tudo esse lixo. Geralmente os treinavam fora de Moscou e logo os

aquartelavam em moradias seguras localizadas na Europa Oriental, principalmente na

Alemanha do Este.

Conseguimos muito material da velha Stasi alemã quando a RDA paralisou. Neste mesmo

momento vários colegas o estão revisando em

Century House. Tomará tempo. Infelizmente, a informação

não aconteceu com computador nem tem referências. Problemas de presuposto explicou

Tawney.

por que não vamos direto a KGB? Demônios, conheço

Golovko.

Tawney não sabia.

É uma brincadeira.

Como crie que Ding e eu entramos tão rápido ao Irã com identidade russa? Crie que a CIA

pode fazer tão rápido uma operação de essa índole? Oxalá, Bill. Não, Golovko a organizou e

Ding e eu passamos por seu escritório antes de voar.

Está bem, então. por que não o tenta?

Teria que conseguir a autorização do Langley?

Crie que Sergey cooperará?

Não estou seguro admitiu John . Talvez por dinheiro. Mas anvocês de tentá-lo, preciso saber o

que quero exatamente. Não é uma expedição de pesca. Devo ser preciso e contundente.

Talvez poderíamos conseguir o nome de algum oficial de inteligencia que tenha trabalhado

com terroristas... O problema é que não seria seu verdadeiro nome, não?

Clark assentiu.

Provavelmente não. Sabe? Teremos que nos esmerar para encontrar vivo a um desses tipos.

Seria mais que difícil interrogar a um cadáver.

A ocasião ainda não se apresentou assinalou Tawney.

Pode ser opinou Clark. E embora encontrassem a um vivo, o que garantia tinham de que

saberia o que eles necessitavam? Mas terei que começar por algo.

o da Berna foi um roubo a um banco. o de Viena foi um intento de seqüestro e, segundo Herr

Ostermann, os sujeitos procuravam algo que não existe: códigos de acesso privados à bolsa

internacional. O último atentado parece saído dos anos setenta.

OK, dois de três foram por dinheiro coincidiu Clark . Mas em ambos os casos os terroristas

estavam sustentados pela ideologia, verdêem?

Correto.

por que teriam interesse no dinheiro? No primeiro caso, OK, talvez tenha sido um simples

roubo. Mas o segundo foi mais sofisticado...

bom, sofisticado e torpe de uma vez porque procuravam algo que não existe, mas como

operadores ideológicos não tinham por que sabê-lo. Bill, aoguiem lhes disse que conseguissem esse dado inexistente. Não ocorreu a eles, não te parece?

Estou de acordo, sua hipótese é provável disse Tawney . Muito provável, diria eu.

Nesse caso teríamos dois operadores ideológicos, tecnicamente competentes, que procuram

algo que em realidade não existe. Combinação de inteligência operativa e estupidez

objetiva nos faz gestos aos gritos, não crie?

332

Mas o Parque Mundial?

Clark se encolheu de ombros.

Talvez Carlos sabe algo que necessitam. Talvez tem um arsenal escondido em alguma parte,

ou informação, ou contatos, ou inclusive dinheiro... impossível sabê-lo, não?

E me parece improvável convencer o de cooperar conosco.

Clark grunhiu.

Impossível balbuciou logo.

O que posso fazer é falar com os moços do Five. Quizás esta sombra russa trabalhou com o

PIRA. me deixe farejar um pouco,

John.

OK, Bill. Eu falarei com o Langley.

Clark se levantou e saiu do escritório. Seu objetivo primitivo era encontrar a idéia que

necessitava para poder fazer algo útil.

Estava começando com o pé esquerdo. Popov riu ao pensá-lo.

Ao chegar a seu carro alugado abriu a porta equivocada, mas emseguida se repôs e desdobrou

o mapa que tinha comprado no terminal.

Saiu do Terminal Quatro do Heathrow rumo à auto-estrada que o levaria ao Hereford.

Então, como funciona esta coisa, Tim?

Noonan afastou a mão, mas a agulha seguia assinalando ao Chávez.

Maldita seja, é escorregadia. Supostamente rastreia o campo eletromagnético gerado pelo

coração humano. É um sinal único de baixa frequência... que nem sequer se confunde com a

dos gorilas e os animais...

O aparelho de antena estreita e punho de pistola parecia uma pistola de raios saída de um

filme de ficção científica dos anos 30. Noonan se afastou do Chávez e Covington e apontou à

parede.

Havia uma secretária sentada exatamente... ali. O aparelho a registrou. Noonan começou a

caminhar e a agulha seguiu apontando para ela, a través da parede.

É como uma bifurcação para procurar água comentou Peter, MAravillado.

parece-se o bastante, não? Maldição, não me assombra que o ejército queira tê-la. Esqueçam-

se das emboscadas. Esta coisa encontra gente sob a terra, atrás das árvores, na chuva...

estejam onde étén, este aparelho os encontrará.

Chávez o pensou um pouco. Mais especificamente, recordou uma operação na Colômbia

muitos anos atrás, caminhando entre as malezas, tentando localizar possíveis inimigos. Agora,

esse aparelho substituiBA tudo o que tinha aprendido no Sétimo Leve. Como ferraminta

defensiva podia apagar do mapa aos ninjas. Como herramienvocê ofensiva podia advertir

onde estavam os meninos maus antes de que

333

a gente pudesse vê-los ou ouvi-los, lhe dando a possibilidade de aproximá-lo suficiente para...

Para que sir... o que diz o fabricante?

Busca e resgate de bombeiros em um edifício em chamas, vítimas de avalanches, um montão

de coisas, Ding. Como ferramenta antiintrusos, esta cachorrita será difícil de igualar. Estão

jogando com ela há duas semanas no Fort Bragg. Os moços da Delta se apaixonaram

apaixonadamente. Ainda é um pouco difícil de usar, e não tem grande alcance, mas acredito

que bastará modificando a antena, COnectar dois dos detectores com o GPS, e triangular...

Ainda não sabemos qual será seu maior alcance. Dizem que poderá encontrar pessoas a

quinhentos metros de distância.

Demônios observou Covington. Mas o instrumento lhe seguia parecendo um brinquedo caro

para meninos.

E para que nos servirá ?Não pode distinguir a um refém de um terrorista assinalou Chávez.

A gente nunca sabe, Ding. Com segurança poderá te dizer onde não estão os moços maus

advertiu Noonan. Tinha estado jogando todo o dia com o aparatito para aprender a usá-lo com

eficácia. Fazia tempo que não se sentia um menino com um brinquedo novo, mas esse

aparelho era tão novo e inesperado que bem poderia ter chegado com a árvore de Natal.

Brown Stallion. Assim se chamava o pub do motel. Estava ao meio quilômetro da entrada

principal do Hereford e parecia um bom lugar para começar... e melhor ainda para beber

cerveja. Popov ordenou uma pinvocê do Guinness, que bebeu lentamente enquanto

escrutinava o salão. O televisor estava aceso. Transmitia um jogo de futebol não sabia se em

direto ou não entre o Manchester United e os Rangers, que atraía a atenção dos clientes e do

barman. Popov também ficou meurando, enquanto bebia cerveja e escutava as conversações

dos paroquianos. Estava treinado para ser paciente e sabia por experiência própria que a

paciência estava acostumada ser recompensada em questões de inteligência, muito mais nessa

cultura anglo-saxã em que a gente ia todas as noites ao mesmo pub a conversar com seus

amigos... e Popov tinha um ouvido extraordinário.

A partida terminou 1 a 1 e Popov pediu outra cerveja.

Empate, mierdoso empate comentou um paroquiano sentado junto ao Popov na barra.

Assim entendem vocês o esporte, Tommy. Pelo menos os chicos da outra quadra nunca

empatam... nem muito menos perdem, carajo.

Como andam esses ianques, Frank?

São muito bons, muito corteses. Hoje tive que arrumar o lavabo de uma casa. A esposa é

muito agradável, quis me dar gorjeta. São uma gente assombrosa estes ianques. Acreditam

que devem te pagar por tudo

O bombeiro terminou sua pinta de lager e ordenou outra.

Trabalha na base? perguntou-lhe Popov.

334

Sim, há doze anos. Faço cobertura de chumbo, essa classe de coisas.

Seja-os são uns tipos fabulosos. Eu gosto de como fazem sair de suas tocas às baratas do IRA

disse o russo com seu melhor acento blue-collar britânico.

Vá se o fazem demarcou o bombeiro.

Assim há vários ianques na base, né?

Sim, aproximadamente dez, com suas famílias riu . Uma de as mulheres quase me atropelou

com o automóvel a semana passada. Vinha por a mão contrária. Terá que tomar cuidado com

eles, especialmente se a gente anda em automóvel.

Talvez conheça um, um tipo chamado Clark, acredito mediu

Popov.

Sério? É o chefe. A esposa é enfermeira no hospital local.

Não o conheço, mas dizem que é um tipo muito sério... e deve sê-lo para estar à frente dessa

horda. Esses tipos colocam medo, eu não gostaria encontrar-me isso em um beco escuro... São

muito amáveis, por supuesto, mas basta um olhar para dar-se conta. São perigosos. passam-se

o dia correndo, treinando-se, disparando armas. São perigosos como leões selvagens.

Estiveram envolvidos no que aconteceu a Espanha a semana passada?

Bom, eles nunca falam dessas coisas, mas sorriu vi dêpegar um Hercules da pista esse mesmo

dia, e Andy me disse que acontecerum muito tarde pelo clube essa mesma noite, e que

pareciam muito satisfechos consigo mesmos. São bons moços, liquidaram a

esses misérables.

OH, sim. Que classe de porco é capaz de matar a um menino? Bstardos resmungou Popov.

Sim, claro. Oxalá os tivesse visto. George Wilton, o carpinteiro que trabalha comigo, vê-os

praticar tiro de vez em quando. George diz que parecem saídos de um filme, que são mágicos.

Foi soldado?

Faz muito tempo, no Regimento da Rainha, cheguei a cabo.

Por isso consegui este trabalho Bebeu um gole de cerveja. Na pantalla tinha começado um

partido de cricket, jogo que Popov não compreendia absolutamente . E você?

Popov negou com a cabeça.

Não, jamais. Pensei-o, mas decidi não me alistar.

Não é uma má vida, mas só por uns anos disse o bombeiro, devorando um punhado de

amendoins.

Popov esvaziou seu copo e pagou a conta. Tinha sido uma noite excelente para ele e não

queria abusar da sorte. Assim que a esposa do John

Clark era enfermeira no hospital local, né? Teria que verificar o dado.

Sim, Patsy, fiz-o lhe disse Ding a sua esposa umas horas mais tar335

de, enquanto liam o jornal da manhã. A notícia do Parque Mundial seguia em primeira

página, embora já não ocupava o centro da página. Felizmente, comprovou, os jornalistas

ainda não sabiam nada do Rainbow. tragaram-se a mentira do grupo de operaciones especiais

do Guarda Civil espanhol.

Ding, eu... bom, já sabe, eu...

Sim, neném, já sei. É médica e seu trabalho é salvar vistas. O meu também, recorda? Tinham

trinta e cinco meninos aí dentro, e asesinaron a uma... Não lhe havia isso dito. Eu estava a

menos de cem metros quando a mataram. Vi morrer a essa nenita, Pats. É o pior que vi em

meu vida... e não pude fazer nada para o impedir de disse sombriamente. Sejabía que os

pesadelos o torturariam várias semanas.

Não? perguntou Patsy . por que?

Porque não fizemos nada... porque não podíamos, porque havia um montão de meninos

dentro e acabávamos de chegar e não estávamos preparados para atacar a esses miseráveis e

eles queriam nos demonstrar o sérios e dedicados que eram... e porque assim gostam de

mostrar seu resolución a esses porcos, suponho. Mataram a uma refém para que víssemos o

robustos que eram Ding baixou o jornal e ficou pensando. havia-se criado respeitando um

particular código de honra, muito antes de que o exército dos Estados Unidos lhe ensinasse o

Código das Armas: um nunca, jamais machucava a um inocente. Fazê-lo equivalia a

desaparecer da sociedade humana e militar e suportar a irredimível maldição do assassino,

indigno de levar um uniforme ou receber uma saudação. Mas esses malditos terroristas

pareciam alimentar-se de sangue inocente. Que diablos andava mal neles? Tinha lido todos os

livros do Paul Bellow, mas evidentemente a mensagem lhe escorria. Brilhante como era, seu

mente não podia dar esse salto intelectual. Bom, talvez o único que necessitava saber desses

tipos era como encher os de chumbo. Essa estratégia sempre funcionava, não?

O que lhes passa?

Demônios, neném, não sei. O Dr. Bellow diz que acreditam tanto em suas idéias que podem

esquecer sua humanidade, mas eu... não entendo. Não posso lombriga a mim mesmo fazendo

isso. OK, seguro, cravei-lhe a tocha a muitos... mas não por joder, e jamais por idéias

abstratas. Tem que haver uma boa razão para fazê-lo, algo que minha sociedade considere

importante, ou alguém que violou as leis que todos devemos respeitar.

Não é agradável, não é divertido, mas é importante e por isso o fazmos. Seu pai

é igual.

Realmente você gosta de papai comentou Patsy.

É um bom homem. Fez muito por mim e passamos momentos interessantes em ação. É

inteligente, muito mais do que acreditam os tipos da CIA... bom, talvez Mary Pat se dá conta.

Ela capta as coisas como são, embora seja uma espécie de vaqueira.

Quem? Mary o que?

Mary Patricia Foley. DOU, chefe dos agentes secretos da CIA.

É uma grande garota que andará pelos quarenta e cinco anos e realmente

336

sabe o que faz. É uma boa abelha rainha que se preocupa com nosotros, as abelhas operárias.

Ainda está na CIA, Ding? perguntou sua esposa.

Tecnicamente, sim assentiu Chávez . Não sei como funciona a cadeia administrativa, mas

enquanto sigam chegando os cheques sãoriu não penso me preocupar. E? Como vão as coisas

no hospital?

Bem, a mamãe vai muito bem. Agora é enfermeira chefe da sala de guarda e vou trabalhar

com ela a semana próxima.

Trouxe muitos meninos ao mundo?

Este ano você trará um, Ding replicou Patsy, acariciando o ventre . As classes

começarão

logo, caso que esteja.

Estarei, querida lhe assegurou . Não vais ter ao menino sem meu ajuda.

Papai jamais esteve presente. Não acredito que estivesse permitido.

Naqueles tempos não estava de moda preparar os partos.

Quem quer ler revistas em um momento como esse? Chávez sacudiu a cabeça .
Bom, suponho

que os tempos trocam, não? Neném, estarei presente... a menos que um pajero
terrorista nos

obrigue a sair da cidade, e nesse caso será melhor que se encomende à Virgem,
porque vou

enfurecer me como nunca se isso acontecer.

Sei que posso confiar em ti Se sentou junto a ele, que como de costume tomou a
mão e a

beijou . Varão ou mulher?

Não fizemos a ecografia, recorda? Se for varão... será agente secreto, como seu
pai e seu avô

afirmou Ding com uma piscada . Aprenderá idiomas desde muito pequeno.

E se quer ser outra coisa?

Não quererá assegurou Domingo Chávez . Verá o inteligentes que são seus
ancestros e

quererá emulá-los. Seguir os honoráveis passos do próprio pai é algo tipicamente
latino,

neném a beijou, sorridente.

Não se atreveu a adicionar que ele não o tinha feito. Seu pai tinha morrido muito logo para

marcar nele sua estampagem. Melhor. O pai de

Domingo, Esteban Chávez, era caminhoneiro. Muito aborrecido, em opinião do filho.

E os irlandeses? Pensei que o respeito pela linhagem era tipicamente irlandês também.

Claro sorriu Chávez . Por isso há tantos no FBI.

Lembra-te do Bill Henriksen? perguntou-lhe Augustus Werner a Dão Murray.

que trabalhava para ti no CRR e era um pouco loquito?

O mesmo. Bem. Estava metido no tema do medioambiente e dedicava-se a abraçar árvores e

toda essa mierda, mas conhecia o trabalho do Quantico. Passou-me um bom dado para o

Rainbow.

Né? O diretor do FBI levantou a vista ante a só menção do nome codificado.

Na Espanha usaram um helicóptero da Força Aérea. Os me337

deus não se deram conta, mas há vídeos. Bill disse que não tinha sido muito brilhante.

Acredito que deu no prego.

Talvez admitiu Murray . Mas do ponto de vista práctico...

Já sei, Dão, existem considerações de ordem prática, mas é um problema real.

Sim. Bom, Clark está pensando em lhe dar um carácter mais públiCO ao Rainbow. Por

sugestão de um de seus homens. Segundo ele, se queremos dissuadir aos terroristas conviria

lhes fazer saber que já tem delegado o povo. De todos os modos, ainda não tomou a decisão

de recomendá-lo oficialmente à a CIA, mas evidentemente o está Evaluando.

Interessante disse Gus Werner . Tem lógica, especialmente depois de três operações bem-

sucedidas. Diabos, se eu fosse um desses idiotas o pensaria duas vezes antes de atrair a Ira de

Deus. Mas eles não pensam como indivíduos normais, não?

Não exatamente, mas disuasión é disuasión, e John me tem quejado pensando. Poderíamos

filtrar a informação a vários níveis, correr a voz de que há um novo comando antiterrorista,

multinacional e ultrasecreto Fez uma pausa . Não passá-los do negro ao branco, a não ser do

negro à cinza.

O que dirá a CIA? perguntou Werner.

Provavelmente não, entre signos de admiração admitiu

Murray . Mas como pinjente, John me deixou pensando.

Entendo o que busca, Dão. Se o mundo se inteira, provávelmente os terroristas o pensarão

duas vezes. Mas a gente começará a fazer perguntas, e os jornalistas aparecerão como ratos

por todos os rincões... e muito em breve as caras desses moços aparecerão na primeira página

de Usa Today junto com sisudos artigos sobre seus meusiones escritos por indivíduos que não

sabem pôr uma bala no carregador.

A imprensa inglesa poderia ser censurada lhe recordou Murray .

Ao menos não apareceriam nos periódicos locais.

Bravo, mas sim apareceriam no Washington Post, um jornal que não lê ninguém, verdade?

burlou-se Werner. Recordava muito bem os próblemas que tinha tido o CRR do FBI como

resultado do Waco e Ruby Bridge quando era comandante da unidade. Os meios tinham

transtornado os eventos em ambos os casos... como de costume, pensou. Mas bom, assim

eram os meios . Quantas pessoas estão a par de Rainbow?

Cem aproximadamente... muitas para uma organização em negro. Quero dizer, até o momento

não falhou a segurança, que eu saiba, mas...

Mas como bem disse Bill Henriksen, qualquer que conheça a diferencia entre um Huey e um

Black Hawk sabe que houve algo estranho em a operação do Parque Mundial. É difícil

guardar secretos, não?

Nem que o diga, Gus. De todos os modos, pensa-o um pouco, quiecabeça de gado?

Prometido. Algo mais?

Sim, também via Clark... Alguém pensa que três atentados-lherroristas da aparição do

Rainbow são muitos? Que talvez alguém esteja ativando células terroristas e as lançando à

arena? Se assim fora, quem e por que?

Carajo, Dão, eles nos proporcionam inteligência européia, récordas? Quem se ocupa dos

agentes secretos?

Bill Tawney é seu perito analista. É um Six, muito bom a dizer verdade... Conheço-o de

quando era agregado legal em Londres faz uns anos. Ele tampouco sabe o que pensar.

perguntam-se se algum velho agente da KGB andarรก rondando, despertando aos vampiros

dormidos para que v찾o chupar uns litros de sangue.

Werner considerou a hipótese durante segundo meio antes de falar.

Se assim fora, não obteve um êxito lhe esmaguem. Os atentados tiveram marca de

profissionalismo, mas não as suficientes como para preocupar-se. Diabos, Dão, conhece o

jogo. Se os maus permanecerem no mesmo lugar mais de uma hora, caímos sobre eles e os

esmagamos apeaparecem a cabeça. Terroristas profissionais ou não, não estão bem treinados,

não têm nada semelhante a nossos recursos, e tarde ou cedo nos deixam a

iniciativa. Quão

único necessitamos nós é saber onde estão, recorda? Uma vez sabido, o raio divino repousa

em nossas mãos.

Sim, e você detectaste a uns quantos, Gus. Por essa razão precisamos melhor inteligência,

para detectá-los antes de que fiquem em a olhe por própria vontade.

Bom, se algo que não posso lhes oferecer é inteligência. Eles étán mais perto das fontes que

nós disse Werner e não nos enviam tudo o que têm, além disso.

Não podem. É muito.

OK, sim, três atentados graves são muitos, mas não poderemos saber se for pura coincidência

ou parte de um plano a menos que tenhamos a quem lhe perguntar. Por exemplo, um terrorista

vivo. Os moços de

Clark não deixaram vivo a nenhum, verdade?

Não admitiu Murray . Isso não é parte de sua missão.

Então lhes diga que se quiserem inteligência importante terão que deixar a alguém com o

cérebro são e a boca completa quando termine o tiroteio.

Mas Werner sabia que isso não era tão fácil, nem sequer na melhor das circunstâncias. Tal

como era mais difícil apanhar tigres vivos que matá-los, era difícil capturar indivíduos que

levavam metralhadoras decididos às usar. Nem sequer os atiradores do CRR (especialmente

treinados para apanhá-los vivos e levá-los a tribunal para ser julgados, sentenciados e

encerrados no Marion, Illinois) destacaram-se nessa área. E Rainbow estava integrado por

soldados que ignoravam as sutilezas da lei. A Convenção de Haja La estabelecia regras de

guerra bastante mais lassas que a Constituição dos Estados Unidos. Um

339

não podia matar prisioneiros, mas para que fossem prisioneiros terei que capturá-los vivos,

procedimento que os exércitos não estimulavam.

Nosso amigo Clark necessita algo mais de nós? perguntó Werner.

Epa. Ele está de nosso lado, recorda?

É um bom tipo, sim. Diabos, Dão, encontrei-me com ele quando estavam organizando o

Rainbow e entreguei ao Timmy Noonan, um de meus melhores homens. Sei que está fazendo

um grande trabalho. Três ao fio. Mas não é um dos nossos, Dão. Não pensa como um policial.

Mas, se quer melhorar a inteligência, já sabe o que tem que fazer.

Diga-lhe sim?

Prometido, Gus disse Murray. Logo passaram a outras coisas.

Então o que temos que fazer? perguntou Stanley .

lhes arrancar as malditas armas das mãos? Isso só passa no cinema,

John.

Weber fez exatamente isso, recorda?

Sim, contra nossa política. E sabe que não podemos estimular essa classe de atos replicou

Alistair.

Vamos, Ao, se queremos melhorar a inteligência teremos que capturar a algum com vida não

te parece?

De acordo. Só se for possível, e estranha vez o será, John. Muito estranha vez.

Sei admitiu Rainbow Six . Mas pelo menos podemos induzir aos moços a pensá-lo?

É provável, mas tomar essa classe de decisão ao vôo é somamente difícil.

Necessitamos a inteligência, Ao insistiu Clark.

Certo, mas não ao preço da morte de um dos nossos.

Todas as coisas na vida implicam riscos e compromissos observou Clark . Você gostaria de

conseguir inteligência de exceção sobre esses miseráveis?

É obvio, mas...

Mas as Pelotas. Se a necessitarmos, vejamos a melhor maneira de lhe consegui-la espetou

Clark.

Não somos oficiais de polícia, John. Isso não é parte de nossa missão.

Então vamos trocar a missão. Se for possível apanhar a um sujeito com vida, tentaremos-lo. Se

a coisa ficar difícil, sempre podemos lhe colocar um balaço na cabeça. O tipo que Homer

liquidou da pouco. Poderíamos havê-lo apanhado vivo, Ao. Não supunha uma ameaça direta

para ninguém. OK, o merecia, e estava parado a céu aberto com uma arma, e nosso

treinamento diz matar, e não te caiba dúvida que Johnston lhe disparou como quis, porque

quis... Mas houvesse podidou lhe voar a rótula, em cujo caso agora teríamos a quem

interrogar,

340

e talvez teria cantado como a maioria desses porcos, e então saberíamos algo que certamente

nós gostaríamos de saber agora, ou não?

Absolutamente, John admitiu Stanley. Discutir com o Clark não era fácil. Tinha chegado ao

Rainbow com reputação de violento, mas o britânico sabia que não o era.

Não sabemos o suficiente e não me agrada não saber o suficiente sobre meu entorno. Acredito

que Ding tem razão. Alguém pôs em movimento a esses bastardos. Se averiguarmos um

pouco, provavelmente conseguiremos localizar ao responsável e fazer que a polícia local lhe

ponha uma mão em cima, esteja onde esteja. E então, talvez teremos uma chara amistosa com

o sujeito cujo resultado final será uma manifesta disminución na quantidade de atentados

depois de tudo, o objetivo final do Rainbow era valente: treinar para missões que raramente

levavam-se a cabo, ser bombeiros em uma cidade sem incêndios.

Muito bem, John. Antes que nada teríamos que falar com o Peter e Domingo, acredito eu.

Amanhã pela manhã, então Clark ficou de pé . O que parece-te uma cerveja no clube?

Dimitri Arkadeyevich, faz tempo que não te via disse o homem.

Quatro anos confirmou Popov. Estavam em Londres, em um pub a três quadras da embaixada

rusa. Tinha ido ali pela remota possibilidade de ver aparecer a um de seus antigos colegas... e

um deles tinha completo, ignorando-o, seu desejo: Ivan Petrovich Kirilenko. Ivan

Petrovich tinha sido uma estrela em ascensão, uns anos mais jovem que

Popov, renomado coronel aos trinta e oito anos. Agora, provavelmente era...

É o atual rezident da Estação Londres?

Não tenho permitido falar dessas coisas, Dimitri sorriu

Kirilenko, assentindo. Tinha chegado muito longe (e muito rápido) em uma agência reduzida

do governo russo, e indubitavelmente seguia reunindo inteligência política e da outra, ou

mas bem contava com um bom equipe de gente que o fazia por ele. Rússia estava preocupada

com a expansão da OTAN: a aliança outrora tão ameaçadora para a União

Soviética avançava agora neste direção, para a fronteira de seu país, e a alguns em Moscou

lhes preocupava que estivessem preparando um ataque contra a Mãe Pátria. Kirilenko (igual a

Popov) sabia que esses temores eram puro lixo, mas não obstante lhe pagavam para

verificarlos, e o novo rezident fazia exatamente o que se esperava de ele . Então a que te

dedica agora?

Não tenho permitido dizê-lo resposta óbvia. Podia significar algo, mas no contexto da Ex-

KGB significava que Popov seguia no jogo. De que maneira? Kirilenko o ignorava, embora

haja ouvido dizer que Dimitri tinha sido expulso da organização. Isso

341

foi uma surpresa para ele. Popov ainda tinha uma excelente reputação de serviço como agente

secreto . Agora vivo entre dois mundos, Vania.

Trabalho para uma empresa comercial, mas também faço outras coisas admitiu. A verdade

estava acostumada ser uma ferramenta muito útil ao serviço de a mentira.

Não veio por acaso assinalou Kirilenko.

É certo. Esperava encontrar a algum colega o pub estava muito perto da embaixada (Palace

Green, Kensington) para coisas serias, mas era um lugar cômodo para encontros casuais.

Além disso,

Kirilenko acreditava que seu status de rezident era secreto. Mostrar-se em lugares como esse

ajudava a manter o segredo . Necessito uma ayudita.

Que classe de ayudita? perguntou Kirilenko, bebendo um gole de bitter.

Informação sobre um oficial da CIA que provavelmente conhecemos.

Seu nome?

John Clark.

por que?

Acredito que é o líder de uma operação em negro com apoio no Inglaterra. Eu gostaria de te

oferecer toda a informação que tenho ao respeito em troca de toda a que você possa ter.

Talvez possa lhe adicionar um par de coisas a seu dossiê. Acredito que minha informação te

interessará concluiu Popov serenamente. Dado o contexto, era uma promessa imandadura.

John Clark repetiu Kirilenko . Verei o que posso fazer por ti.

Tem meu número?

Sem que o vissem, Popov deslizou um pedaço de papel sobre a barra.

Aqui está o meu disse . Não. Tem cartão?

Claro Kirilenko guardou o pedaço de papel, tirou sua carteira e entregou-lhe seu cartão. I. P.

Kirilenko, dizia, Terceiro Secretário, Embaixada da Rússia, Londres. 0181-567-9008 (fax

número 9009). Popov guardou o cartão no bolso . Bom, devo retornar. Encantado de verte,

Dimitri.

O rezident deixou seu copo sobre a barra e saiu à rua.

Dá-te conta? disse-lhe um Five a outro caminho à porta, aproximadamente quarenta segundos

detrás de seu branco de vigilância.

Bom, não é o suficientemente bom para a National Portrait

Gallery, mas...

O problema das câmaras ocultas era que tinham lentes demasiado pequenas para tomar boas

fotos. Entretanto, geralmente serviam para propósitos de identificação... e ele tinha

conseguido onze tomadas que uma vez ampliadas por computador seriam completamente

adequadas. Sabiam que Kirilenko se acreditava a salvo. Não sabia (e não podia saber) que o

Five (outroa chamado MEU-5 e atualmente chamado Serviço de Segurança) tinha recursos

próprios dentro da embaixada russa. O

Grande Partida se seguia jogando em Londres e em todas partes, novo

342

ordem mundial ou não. Ainda não tinham pescado ao Kirilenko em uma ação

comprometedora... mas depois de tudo era o rezident, e os rezident não tendiam a sujá-las

mãos. Não obstante terei que seguirles o rastro, porque a gente sabia quem eram, e cedo ou

tarde conseguia algo sobre eles... ou deles. Como o tipo com o que havia compartilhado uma

cerveja. Não era habituei do pub (eles conheciam perfectamente aos habituem). Não tinham

seu nome. Só algumas fotos que seriam comparadas com as do arquivo no novo edifício do

Five,

Thames House, perto do Lambeth Bridge.

Popov saiu do pub, dobrou à esquerda e passou frente a Kensington

Palace para tomar um táxi até a estação ferroviária. Bem, se Kirilenko pudesse lhe conseguir

algo útil... Teria que poder. Tinha-lhe devotado um pouco muito succulento em troca.

343

CAPÍTULO 19

BUSCA

Esse mesmo dia morreram três vagabundos, todos como resultado de hemorragias internas no

intestino grosso. Killgore baixou a revisá-los. Dois tinham morrido dentro da mesma hora, e o

terceiro cinco horas mais tarde. A morfina os tinha ajudado a expirar em um estado de

inconsciência ou de sereno e piedoso estupor. Ficavam cinco dos dez primeiros e nenhum

chegaria ao final da semana. Shiva era tão mortífero como esperavam e, evidentemente, tão

contagioso como Maggie tinha prometido. Finalmente, o sistema funcionava. Tal como o

próxima Mary Bannister, Sujeito F4, que acabava de ser transladada ao centro de tratamento

com a aparição dos primeiros sintomas. O Próyecto Shiva era, até o momento, um êxito

terminante. Tudo se correspondia com os parâmetros de prova e as previsões experimentaes.

Dói muito? perguntou a seu paciente deshauciada.

Muitíssimo replicou . Como se fora gripe, mas pior.

Bom, tem um pouco de febre. Tem idéia de como se contagiou?

Quero dizer, há uma nova variedade de gripe de Hong Kong e você tem todos os sintomas.

Talvez no trabalho... antes de vir aqui. Não me lembro. Vou a melhorar, verdade?

A

preocupação tinha atravessado a comida impregnada no Valium que recebia cada dia.

Acredito que sim Killgore sorriu sob o barbijó cirúrgico . Pode ser perigosa, mas só para os

bebês e os anciões... e não acredito que você entre em nenhuma dessas categorias, verdade?

Suponho que não A jovem sorriu. A palavra de um médico sempre era reconfortante.

OK, o que vamos fazer é lhe pôr soro intravenoso para mantê-la hidratada. E alivharemos a

dor com uma destilação de morfina, de acordo?

Você é o médico replicou a Sujeito F4.

Bom, deixe o braço quieto. Tenho que injetá-la e doerá um poquinho... aí está

disse . Doeu

muito?

Não muito.

OK Killgore ativou o arbolito de Natal . A destilação de morfina começou imediatamente.

Dez segundos depois, a droga ingresaiba na corrente sangüínea da paciente.

344

Ohhhh, OH sim disse a moça, fechando os olhos ante o impacto inicial da droga. Killgore

jamais a tinha provado, mas imaginaba que devia produzir uma sensação quase sexual. A

tensão musculareira desapareceu em seguida. Observou o processo de relaxação do corpo.

A boca foi o que mais trocou: passou da tensão extrema à lassidão do sonho. Era uma

desgraça, realmente. F4 não era exatamente hermosa, mas sim bonita a sua maneira, e a julgar

pelo que tinha visto no monitor da sala de controle, uma bomba sexual para seus casais

(atéque seu desinhibición se devesse nesse caso aos tranqüilizadores). Mas, boa na cama ou

não, morreria dentro de cinco a sete dias, apesar de os esforços de seus médicos. Do arbolito

pendia uma pequena garrafa do Interleukin-3a, recentemente desenvolvido pela excelente

equipe de cientistas do SmithKline para o tratamento do câncer (também

esperavam que

pudesse rebater alguns vírus, o qual o convertia em um caso único no mundo da medicina).

Estimulava o sistema imunológico do corpo através de um mecanismo ainda não identificado.

Seria o tratamento mais provável para as vítimas da Shiva quando a enfermidade se

propagasse, e Killgore devia confirmar seu ineficácia. Já a tinha comprovado com os

vagabundos, mas necessitava testá-la em pacientes sãs, masculinos e femininos, para estar

seguro. Má sorte para ela, pensou, já que tinha uma cara e um nome além disso do número.

Má sorte para milhões de pessoas ...milhares de milhões para falar a verdade. Mas com eles

seria mais fácil. Veria-os por televisão, e a televisão não era real, não? Apenas pontos em uma

pantalla de fósforo.

A idéia era simples. Um rato era um porco era um cão era um menino... uma mulher neste

caso. Todos tinham o mesmo direito à vida.

Tinham experimentado a Shiva em bonitos (resultou absolutamente letal para eles) e ele tinha

observado todos os experimentos compartilhando a dor dos animais... tão real como o que

sentia F4, embora no caso dos macacos a morfina não tinha tomado parte. E ele

tinha odiado

isso... odiado infligir dor a criaturas inocentes com as que não podia falar e às que não podia

lhes explicar nada. E embora podia justificá-lo se pensava no objetivo final salvariam milhões,

milhares de milhões de animais da depredação humana, ver sofrer a um animal era

insuportável para o Killgore e seus colegas, porque todos sentiam empatia por todas as

criaturas, grandes e pequenas. E mais pelas pequenas, as inofensivas e quão inocentes pelo

insensível bípode implume de

Platón. Provavelmente a F4 os animais importavam um nada, até que não o tinham

perguntado. E para que confundir as coisas depois de tudo? Voltou a olhá-la. Tinha cansado

em estupor graças à morfina. Ao menos não sentia dor, a diferença desses pobres bonitos.

Muito piedoso de sua parte, verdade?

De que operação em negro me fala? perguntou o oficial por linha Telefónica segura.

345

Não tenho ideia, mas é um homem sério, recorda? Coronel de a Innostrannoye Upravleniye,

Divisão Quatro, Directorado S.

Ah, sim. Conheço-o. Passou muito tempo no Fensterwalde e Karlovy

Vary. O que está fazendo agora?

Não sei, mas nos oferece informação sobre esse Clark em troca da informação que possamos

lhe proporcionar. Recomendo fazer o trato, Vasily Borissovich.

Clark é um nome familiar para nós. encontrou-se pessoalmente com o Sergey Nikolayevich

disse o oficial . É um oficial de campo hierárquico, principalmente de tipo paramilitar, mas

também instrutor da Academia da CIA na Virginia. sabe-se que está muito próximo a Mary

Patricia Foleyeva e seu marido. Também se diz que o presidente americano o escuta. Sim,

acredito que suas atividades actuais poderiam nos interessar.

O telefone que estavam utilizando era a versão russa do STU-3

americano (cuja tecnologia tinha sido roubada três anos atrás por um comando que trabalhava

para o Directorado T do Primeiro Directorado).

Os microchips internos captavam os sinais através de um sistema encriptado de 128 bits cuja

chave trocava cada hora, e que além disso trocava no caso dos indivíduos cujos códigos

pessoais integraban as chaves plásticas insertables que utilizavam para chamar. O foiMA STU

tinha vencido todos os esforços dos russos por interceptá-lo (contando inclusive com o

conhecimento preciso do funcionamento interno do hardware), e portanto

supunham que os

americanos teriam o mesmo problema... depois de tudo, Rússia tinha produzido os

melhores matemáticos do mundo durante séculos, e os melhores entre os melhores não tinham

conseguido dar com o modelo teórico capaz de filtrar-se no STU.

Mas, graças à revolucionária aplicação da teoria quântica à segurança das comunicações, os

americanos tinham um código de descifrado tão complexo que só um grupo escolhido do

Directorado Z da Agência de Segurança Nacional compreendia. Mas não tinham necessidade

de fazê-lo, já que contavam com as supercomputadoras mais capitalistas do mundo. Estavam

localizadas no subsolo do edifício principal da ASN, uma área uso masmorra cujo teto estava

sustenido por colunas de aço sem revestir já que havia sido escavada com esse propósito. A

máquina estrela Super-Connector tinha sido fabricada por uma empresa que logo quebrou: a

Thinking

Machines, Inc. de Cambridge, Massachusetts. A máquina, especialmente fabricada para a

ASN, tinha passado seis anos ociosa porque ninguém descobria a maneira de programá-la.

Mas o advento da teoria quântica também solucionou essa dificuldade, e o

computador

monstruo começou a funcionar alegremente enquanto seus operadores se perguntaban a quem

poderiam lhe encarregar a fabricação de sua próxima, muito complexo geração.

Ao Fort Meade chegavam toda classe de sinais de distintos lugares do mundo. Uma de suas

fontes era o GHCQ (Centro General do Comu346

nicaciones Britânico localizado no Cheltenham), irmão gêmeo da

ASN na Inglaterra. Os britânicos sabiam a quem pertencia cada teléfono na embaixada russa

não tinham trocado os números, nem siquiera logo do desmembramiento da URSS e o que

estava soando achava-se sobre o escritório do rezident. A qualidade do som não era o

suficientemente boa para identificar a voz (dado que a versão russa do sistema STU

digitalizava os sinais com menos precisão que a versão americana), mas uma vez superado o

encriptado as palavras eram facilmente reconhecíveis. O sinal desencriptada foi transmitida a

outro computador, que traduziu ao inglês a conversação em russo com um considerável grau

de confiabilidade. Como o sinal havia partido do rezident em Londres com destino a Moscou,

foi colocada ao batente da pilha eletrônica, decifrada, traduzida e impressa menos de uma

hora depois de ter sido emitida. Uma vez feito isto, foi transmitida imediatamente ao

Cheltenham e de ali ao Fort Meade, a um oficial de sinais cuja tarefa era enviar mensagens

interceptadas aos interessados em seus conteúdos. Neste caso, a conversação foi enviada

diretamente ao diretor da CIA e, já que concernia à identidade de um agente segredo

americano, a subdirectora (do Operaciones), de quem dependiam todos os agentes encobertos.

O primeiro soucorreia estar mais ocupado que a segunda, mas não tinha importância... já que

a segunda estava casada com o primeiro.

Ed? disse a voz de sua esposa.

Sim, querida? replicou Foley.

Alguém está tratando de identificar ao John Clark no Reino

Unido.

Ed Foley abriu os olhos como pratos ao escutar a notícia.

Sério? Quem?

O rezident de Londres falou com seu oficial em Moscou e nós interceptamos a conversação.

A mensagem deveria estar em sua pilha IN,

Eddie.

OK Foley folheou a pilha de papéis . Aqui está. Hmmm murmurou . O tipo que pede a

informação, Dimitri Arkadeyevich

Popov, ex-coronel em... um moço vinculado ao terrorismo, não? Pensei que os tinham

exonerado a todos... Bom, assim foi, ao menos no caso do Popov.

Sim, Eddie, um moço vinculado ao terrorismo interessado em

Rainbow Six. Não te parece estranho?

Diria que sim. Avisamos ao John?

Obviamente.

Sabe algo mais sobre o Popov?

Ingressei seu nome no computador respondeu sua esposa .

Abrirei um arquivo novo para ele. Talvez os britânicos saibam algo.

Quer que chame o Basil? perguntou Foley.

Primeiro vejamos o que consigo. Enviarei- o fax ao John agora mesmo.

347

Esta noite, hóquei os Washington Capitais contra os Flyers em uma partida definitório.

Jamais esquecimento essas coisas. Até mais tarde, amorcito.

Bill disse John quarenta minutos mais tarde . Pode vir a meu escritório?

Em seguida, John dois minutos depois cruzava a soleira .

O que há de novo?

Lhe jogue uma olhada a isto, companheiro Lhe entregou as quatro páginas transcritas.

Carajo exclamou o oficial de inteligência ao chegar à página dois . Popov, Dimitri

Arkadeyevich. Não me diz nada... ah, já vejo, Tampouco o conhecem no Langley. Bom, é

impossível conhecê-los todos.

Chamo o Century House para averiguar?

Acredito que nossos arquivos são complementares, mas verifiCarlo não lhe fará mal a

ninguém. Aparentemente, Ding tinha razão. Quãoto aposta a que encontramos a nosso

muchachito? Quem é seu melhor amigo no Serviço de Segurança?

Cyril Holt respondeu Tawney no ato . Subdirector. O COnocí no Rugby. Ingressou no ano

seguinte que eu. É um tipo notável não tinha que lhe explicar ao Clark que os antigos vínculos

escolar seguiam sendo parte essencial da cultura britânica.

Quer colocá-lo nisto?

claro que sim, John.

OK, chama-o então. Se decidimos tomar estado público quero que a decisão parta de nós e

não desses malditos russos.

Então sabem seu nome?

Mais que isso. Conheci o Golovko. Ele nos fez entrar no Teherán o ano passado. Participei de

um par de operações cooperativas com eles,

Bill. Sabem tudo de mim, até o tamanho de meu pênis.

Tawney não reagiu. Estava aprendendo como falavam os étadounidenses e lhe resultava

entretido.

Sabe, John? Não deveríamos nos alterar muito por esta informação.

Bill, estive em ação tanto como eu, talvez um pouco mais. Se isto não te faz picar o nariz

teria que te fazer limpar os conductosse, não crie? Fez uma pausa . Temos a alguém que me

conhece de nome e alardeia podendo lhes dizer aos russos o que estou haciendou agora. Deve

sabê-lo, velho. Escolheu ao rezident de Londres, não ao de

Caracas. É um tipo vinculado ao terrorismo, que provavelmente conhece nomes e números

telefônicos. Desde que chegamos tivemos três atentados, e ambos coincidimos em que são

muitos para tão pouco tempo... e agora aparece este tipo na olhe perguntando por mim. Bill,

acredito que chegou o momento de nos alterar um pouco, não crie?

Absolutamente, John. Chamarei o Cyril Tawney saiu da ofijanta.

348

Carajo soprou John apenas se fechou a porta. Esse era o próblema das operações em negro.

cedo ou tarde algum imbecil ligava a luz, e geralmente se tratava de alguém que um não podia

ver nem em figuritas. Como diabos se filtrou a informação? Seu rosto se escureceu

repentinamente, adquirindo uma expressão que quem o conhecia consideravam extremamente

perigosa.

Mierda disse o diretor Murray desde seu escritório nos quartais centrais do FBI.

Sim, Dão, mierda admitiu Ed Foley desde seu escritório do sétimo piso no Langley . Como

carajo se filtrou isto?

O que sei eu, velho. Sabe algo sobre este Popov que eu não saiba?

Posso checar com as divisões de Inteligência e Terrorismo, mas nossos arquivos são

complementares. E os britânicos?

Se conhecer um pouco ao John, já teria falado com o Five e Six. Seu assessor de inteligência

é Bill Tawney, e Bill sempre está a par de tudo. Conhece-o?

O nome me soa, mas não recordo sua cara. O que opina Basil dele?

Diz que é um de seus melhores analistas e foi agente encubierto até faz uns anos. Tem olfato

disse Foley.

A ameaça é grande?

Ainda não sei. Os russos conhecem perfeitamente bem ao John desde Tóquio e Teherão.

Golovko o conhece pessoalmente... chamou-me para elogiar o trabalho do Clark

e Chávez no

Teherán. Suponho que o têm respeito, mas negócios são negócios, não?

Já vejo, Dom Corleone. Está bem, o que quer que faça?

Bom, há uma brecha em alguma parte. Não tenho a menor ideia de onde. Aos únicos que

escutei falar do Rainbow foi aos que estão ao tanto. supõe-se que sabem manter a boca

fechada.

Claro bocejou Murray. Quão únicos podiam filtrar informação eram aqueles em quem um

confiava, tipos que tinham acontecido os rigorosos exames e investigações dos agentes

especiais do FBI.

Só uma pessoa investigada e de absoluta confiança podia trair a seu país... e infelizmente o

FBI ainda não sabia escrutinar o cérebro e o coração humanos. E se a informação se filtrou

inadvertidamente? A gente podia falar com a pessoa que havia o heicho... mas nem sequer ela

saberia o que tinha passado. Segurança e contraespionaje eram duas das tarefas mais difíceis

do mundo conhecido.

Agradeceu a Deus pelos obsessivos da ASN, sempre o mais confiável e produtivo serviço de

inteligência de seu país.

Bill, temos um par de homens seguindo ao Kirilenko quase continuamente.
Fotografaram-no

ontem à noite, tomando uma cerveja com um tipo no pub de sempre lhe
informou Cyril Holt a

seu colega Six.

349

Talvez seja nosso homem disse Tawney.

É possível. Preciso ver a transcrição. me pode enviar isso

Sim, quando quiser.

Bom. me dê duas horas, velho. Ainda ficam umas coisas que atender.

Excelente.

O bom era que sabiam que esse telefone era seguro de dois emaranhados diferentes.
O sistema de

encriptado STU-4 podia ser superado, mas só por tecnologia exclusivamente em
mãos

americanas... ou ao menos isso acreditavam. Melhor ainda, as linhas telefônicas
que

utilizavam eram geradas por computador. Uma das vantagens de que o sistema

televisãofônico britânico fora propriedade do governo era que os computadores
que

controlavam os sistemas podiam confundir a rota das chamadas e impedir que
um intruso

cravasse as linhas (a menos que o fizesse no ponto de origem ou de recepção).
Para a

segurança do serviço confiavam em um grupo de técnicos que revisavam as

linhas

mensalmente... Atéque sempre cabia a possibilidade de que um deles trabalhasse para o

inimigo, pensou Tawney. Era impossível prevê-lo tudo e, embora o silenrecuo telefônico

negava o acesso à informação aos potenciais inimigos, também tinha a contraditória

qualidade de impedir a transmissão de informação dentro do governo mesmo... fazendo que a

honorável instituição interrompesse no ato seus honoráveis funcione.

Vamos, dava o de uma vez espetou Clark ao Chávez.

Foi fácil, Mr. C. O grandioso tivesse sido predizer o resultado da próxima World Serie. Mas

isto era mais que óbvio.

Talvez, Domingo, mas você foi o primeiro em adverti-lo.

Chávez assentiu.

O problema é: que carajo fazemos agora? John, se conhecer seu nome é porque já conhece ou

pode averiguar facilmente nossa ubicación geográfica... quer dizer que já nos tem. Diabos,

tudo o que necessita é um cúmplice na Telefónica para nos localizar. Provavelmente tieNE

uma foto ou uma descrição dela. O próximo passo é averiguar a patente de seu automóvel e

começar a segui-lo.

Teríamos sorte. Conheço bastante de contravigilância. Me encantaria que alguém tentasse me

seguir. Nesse caso, você e um par de moços sairiam a palestra e apanhariam ao miserável... e

logo poderíamos manter um bate-papo amistoso com ele Sorriso cúmplice.

John Clark sabia como lhe tirar informação às pessoas, embora suas técnicas não seguiam o

manual médio do departamento de polícia.

Suponho que sim, John. Mas por agora não podemos fazer nada, exceto manter os olhos

abertos e esperar que alguém nos brinde mais informação.

Nunca fui o branco de ninguém. Não desta maneira ao menos. E não eu gosto.

350

Entendo, John, mas vivemos em um mundo imperfeito. O que diz Bill Tawney?

Mais tarde entrevistaremos a um Five.

Bom, são os profissionais do Dover. Deixe-os fazer-lhe aconheço Ding. Sabia que era um bom

conselho (para falar a verdade, o único conselho possível) e sabia que John sabia, mas também

sabia que John não aceitaria-o de boa vontade. A seu chefe gostava de fazer as coisas a seu

maneira, sem esperar nada de outros. Se Mr. C. tinha uma debilidade...

era essa. Podia ser paciente trabalhando, mas não esperando coisas que escapavam a seu

controle. Bom, ninguém era perfeito.

Sim, já sei foi a esperable resposta . Como andam seu soljogo de dados?

Seguem na crista da onda, senhor, justo sobre a curva e olhamdou para baixo.
Jamais vi moral

tão elogiável, John. A missão do

Parque Mundial os iluminou a todos. Acredito que podemos conquistar o mundo
se os

meninos maus nos enfrentam.

A águia se luz muito bem no clube, não te parece?

Vejo que a inveja o carcome, Mr. C. Já não tenho pesadelos...

bom, salvo pela nenita. Isso não foi agradável de ver, embora estuvisse
despejada, sabe? Mas

eliminamos a esses miseráveis e Mr. Carsegue-os guardadito em sua jaula. Não
acredito que

ninguém mais tente deixar em liberdade seu lamentável culo.

E ele sabe, conforme dizem os franceses.

Chávez ficou de pé.

Melhor. Tenho que retornar. me mantenha informado, sim?

Claro, Domingo prometeu Rainbow Six.

Então, que classe de trabalho faz? perguntou o bombeiro.

Vendo artigos de cobertura de chumbo disse Popov . Pinzas, chaves e essas
coisas, venda

atacadista a distribuidores e varejistas.

Claro. Tem algo que possa me servir?

Chaves rígidas, marca americana. São as melhores do mundo e têm garantia de por vida. Se

uma se romper, substituímo-la grátis, inclusive dentro de vinte anos. Também tenho outras

coisas, mas as llavê rígidas som meu melhor produto.

Sério? Escutei falar delas, mas nunca as provei.

O mecanismo de ajuste é um pouco mais firme que o da Stilson inglesa. Fora disso, a única

vantagem real é a política de substituição.

Faz... quanto? Sim, faz quatorze anos que as vendo. Das milhares que vendi só se rompeu

uma.

Mmm. O ano passado me rompeu uma chave recordou o plomero.

Trabalhar na base sai do comum?

Não. A cobertura de chumbo é cobertura de chumbo em todas partes. Algumas instalaciones

são bastante velhas... por exemplo, os filtros de água. Conseguir respuestos é bastante

problemático e não se decidem a comprar filtros

351

novos. Malditos burocratas. Devem gastar milhões em balas para seus malditas

metralhadoras, mas comprar filtros de água para uso diaRio? Isso jamais!

Lançou uma

gargalhada e bebeu um sorvo de lager.

Que classe de gente são?

Os do SEJA? Bons tipos, muito amáveis. Não nos trazem problemas.

E os ianques? perguntou Popov . Nunca conheci um, mas dizem que gostam de fazer as coisas

a sua maneira Y...

Não é minha experiência. Bom, recentemente que os temos na base, mas os dois ou três que

conhecia são bons tipos, iguais aos nossos... e não esqueça que querem dar gorjeta todo o

tempo! Yanquis boludos! Mas bons tipos. A maioria tem filhos, e os meninos são adoráveis.

Logo agora estão aprendendo a jogar futebol como se débito. E você, o que anda fazendo por

aqui?

Me reúno com os ferreteros locais para convencer os de que incluam minhas mercadorias em

seus catálogos, e também com os distribuidores zonales.

Lê e Dopkin? O bombeiro sacudi a cabeça . São dois velhos cascarrabias, não acredito que

vão trocar. Irá melhor com os comercios pequenos que com eles.

Bom, e o que me diz de seu negócio? Poderei te vender algumas ferramentas?

Não tenho muito pressuposto... mas, sim, eu gostaria de lhe jogar um olhada a suas chaves.

Quando posso vir?

A segurança é bastante rígida. Duvido que lhe permitam entrar em a base... mas

bom, entrará

comigo diretamente. O que te parece amanhã à tarde?

Genial. Quando?

Amanhã à tarde? Passarei para te buscar por aqui.

Sim disse Popov . Me parece bem.

Excelente. Podemos almoçar e depois ir à base.

Vemo-nos amanhã ao meio dia prometeu Popov . Com meus ferramentas.

Cyril Holt tinha mais de cinqüenta anos e o aspecto cansado de um funcionário civil britânico.

Elegantemente vestido com um traje a medidá e uma gravata cara Clark sabia que a roupa

inglesa era excelente, embora não troca , repartiu apertões de mãos e tomou assento na

escritório do John.

Bem disse Holt . Vejo que temos um problema.

Leu a transcrição?

Sim. Bom trabalho da ASN omitiu adicionar que seus muitachos também tinham feito um

excelente trabalho ao identificar a linha do rezident.

nos fale um pouco do Kirilenko disse John.

352

É um homem competente. Tem uma equipe de onze oficiais de campo, e talvez vários

colaboradores off the record. Todos legais e com cobertura diplomática. Também tem

informantes ilegais, por seuposto. Conhecemos dois, ambos os empresários, que fazem

negócios ademais de espionagem. Faz tempo que o vamos investigando. Em tudo caso, Vania

é um tipo capaz e competente. Ocupa o posto de terceiro secretário na embaixada, realiza sua

tarefa diplomática como um autêntico diplomático, e está muito bem considerado pela gente

que está em contato com ele. Brilhante, engenhoso, bom companheiro para sair do COps.

Curiosamente, gosta mais da cerveja que da vodca. Aparentemente lhe agrada Londres.

Casado, dois filhos, sem maus costumes. A esposa não trabalha, mas não vimos nada estranho

em torno dela. Até onde pudemos ver, é uma simples dona-de-casa. Muito bem considerada

dentro da comunidade diplomática Holt lhes passou fotografias de ambos . Mas prosseguiu

ontem nosso amigo tomou uma cerveja em seu pub favorito. Está a poucas quadras da

embaixada, no Kensington, cerca do palácio; a embaixada data da época dos czares, como a

que vocês têm em Washington. Esta é a foto ampliada do tipo que compartilhou uma cerveja

com ele lhes passou outra foto.

A cara era absolutamente vulgar. Tinha cabelo e olhos pardos, rasgos regulares, e era tão

extraordinário como um tacho de lixo de aço em um beco. Na foto vestia traje e gravata. A

expressão da cara não dizia nada. Poderiam estar falando de futebol, do tempo, ou de como

eliminar a alquien que não gostavam... Impossível sabê-lo.

Está acostumado a sentar-se sempre no mesmo lugar? perguntou Tawney.

Não, geralmente se senta na barra, mas às vezes escolhe um reservado. E estranha vez se senta

duas vezes seguidas no mesmo lugar.

Pensamos em instalar um microfone oculto lhes disse Holt mas tecnicamente é muito difícil.

O dono do pub teria que inteirar-se por força e, além disso, não acredito que pudéssemos tirar

nada em limpo. A propósito, seu inglês é soberbo. O barman acredita que é britânico.

Sabe que o estão seguindo? perguntou Tawney, adiantandou-se ao Clark.

Holt negou com a cabeça.

É difícil sabê-lo, mas acreditam que não. Os casais de vigilância trocam constantemente e

estão integradas por meus melhores homens.

Vão ao pub regularmente, inclusive quando ele não está... se por acaso tem ali um agente de

contravigilância. Os edifícios da área nos permitem rastreá-lo facilmente com câmaras.

Detectamos um par de situações confusas, mas vocês sabem como é isso. Todos tropeçamos

com alguém quando caminhamos por uma rua lotada, não?

Clark e Tawney assentiram. A técnica da tropeção era provavelmente tão antiga como a

existência mesma dos espiões. A gente ia caminhando pela rua e fingia tropeçar com alguém.

No ínterim, o outro lhe deslizava algo na mão ou lhe colocava algo no bolso. Com um

mínimo de prática, o processo era invisível inclusive para os que estavam olhando. Uma das

partes devia ter algo distintivo: um cravo em

353

a casa, a cor da gravata, a maneira de levar o jornal, óculos de sol ou qualquer outra coisa,

conhecida exclusivamente pelos participantes da mini-operação. Era a mais simples das

técnicas de campo, a mais fácil de usar e, por essa razão, a mais odiada pelas agências de

contra-espionagem.

Mas se Kirilenko lhe tinha entregue algo a esse tipo Popov, pelo menos tinham a foto do

miserável. Talvez, obrigou-se a recordar. Não havia nenhuma garantia de que o tipo com o

que tinha compartilhado uma cerveja no dia anterior fora o que eles estavam procurando.

Talvez

Kirilenko era o suficientemente ardiloso para beber com um qualquer no pub e assim

despistar aos Five, obrigando-os a investigar ao indivíduo equivocado. Fazê-lo exigia tempo e

peçoal, atributos que o Serviço de Segurança não possuía em quantidade infinita.

Espionaje/Contraespionaje seguia sendo a partida mais difícil... e nem sequer os jogadore

sabiam quem ia ganhando.

Então aumentarão o seguimento do Kirilenko? preguntó Bill Tawney.

Sim afirmou Holt . Mas recordem que enfrentamos a um jogador perito. Não há garantias.

Sei, senhor Holt. Estive lá fora e o Segundo Directorado não conseguiu me pôr uma mão em

cima disse Clark . Sabemos algo de

Popov?

Holt sacudiu a cabeça.

Esse nome não figura em nossos arquivos. É possível que o tenhamos sob outro nome. Talvez

estive em contato com nossos amigos do IRA... É bastante provável, tratando-se de um

especialista em terrorismo. Tinham muitos contatos. Temos informantes dentro do IRA e

penso mostrara foto a vários. Mas devemos nos mover com cuidado. Alguns de nossos

informantes jogam a duas pontas.

Nossos amigos irlandeses têm suas próprias operações de contraespionagem.

Nunca trabalhei diretamente contra eles disse John . São bons?

Muito bons lhe assegurou Holt. Bill Tawney corroborou seu opinião com um gesto afirmativo

. São muito dedicados e estão excelentemente organizados, mas agora a organização se está

fragmentado.

Obviamente, alguns não querem que se firme a paz. Nosso bom amigo

Gerry Adams é republicano de profissão, e se o Conflito termina e não resulta eleito para a

função pública, coisa que espera, o futuro o deparará menos prestígio que o que gozou até o

presente... Não obstante, a maioria parece disposta a concluir suas operações, declarar a

vitória e lhe dar uma oportunidade à paz. Isso ajudou a conseguir informantes, mas há

elementos do IRA que são hoje mais militantes que dez anos atrás. É lhes preocupe disse

Holt.

O mesmo passa no vale do Bekaa demarcou Clark. O que se fazia quando Satã acudia ao

Jesus? Alguns não queriam deixar de combater o pecado, e se isso equivalia a pecar

também eles ... bom, era

o preço que terei que pagar, não? . Alguns não querem soltar a presa.

É um problema. E não preciso lhe dizer que um dos objetivos principais desses moços é este.

Não poderíamos dizer que o IRA ame ao SEJA.

Não era nenhuma novidade. Os comandos do SEJA britânico tinham o costume de eliminar

aos membros do IRA que cometiam dois graves enganos: violar a lei e dar-se a conhecer. Ao

John parecia errado utilizar soldados para uma função essencialmente policial... mas devia

admitir que o Rainbow estava fazendo o mesmo. Não obstante, o SEJA fazia coisas que em

determinado contexto podiam considerar-se assassinato premeditado. Por muito que se

parecesse com os Estados Unidos,

Grã-Bretanha era outro país com outras leis e regras muito diferentes. Por isso a segurança era

tão estrita no Hereford, porque algum dia se correíam apresentar dez moços maus armados

até os dentes com seu AK-47 e os soldados do SEJA tinham família, como todo mundo, e os

terroristas não sempre respeitavam os direitos dos não combatientes, verdade? Nem por

acaso.

A decisão foi inusualmente rápida. O courier enviado pelo

Número 2 de Plaza Dzerzhinsky estava em caminho. Kirilenko se irmprendeu ao receber a

mensagem codificada. O courier voava no Aeroflot rumo ao Heathrow com valise

diplomática, inviolável enquanto o courier tivesse-a em seu poder. sabia-se que muitos países

as roubavam por seus contidos, geralmente não codificados, mas os couriers estavam

AVIsados e jogavam de acordo a um estrito compêndio de regras: se tinham necessidade de ir

ao banho, a valise diplomática ia com eles. E assim, com seus passaportes diplomáticos,

passavam de comprimento pelos controles alfandegários e subiam aos automóveis que sempre

os estavam esperando, levamdou as habituais valises de tecido freqüentemente cheias de

valiosos secretos ante os olhos de indivíduos que entregariam a virgindade de suas filhas por

lhes jogar uma olhada.

O mesmo passou em Londres. O courier chegou no vôo noturno do aeroporto internacional

Sheremetyevo de Moscou, passou de comprimento pelos controles, e saltou ao automóvel que

o estava esperando, conducidou por um empregado da embaixada. Demorou quarenta minutos

em chegar ao Kensington, e dois mais até o escritório do Kirilenko. O sobre de manila estava

lacrado para evitar surpresas desagradáveis. O rezident agradisse ao courier por esse e os

outros dois pacotes que tinha recebido e pôs mãos à obra. Era tarde. Essa noite teria que

esquecer-se de seu cervecita. sentiu-se molesto. Desfrutava sinceramente a atmosfera de seu

pub favorito. Não havia nada semelhante em Moscou nem nos outros paíes onde tinha

trabalhado. Bom. Já tinha nas mãos o dossiê completo do Clark, John T., oficial hierárquico

da CIA. Vinte páginas a um espaço e três fotografias. Leu-o atentamente. Impressionante.

Segundo o relatório, em seu primeiro e único encontro com o diretor da

355

KGB Golovko, Clark admitiu ter tirado a esposa e a filha do ex diretor da KGB Gerasimov...

via submarino? Então, a história que tinha lido nos jornais americanos era certa? Parecia

salida de Hollywood. Posteriormente operou na Rumania, na época da queda do Nicolae

Ceausescu, e logo, em cooperação com a Estação

Tóquio, resgatou ao primeiro-ministro japonês. E finalmente, com ajuda de os russos

eliminou ao Mamoud Haji Daryaei? O presidente de seu país o escuta com atenção ,

prosseguia o relatório. Como para não escutá-lo!

pensou Kirilenko. O próprio Sergey Nikolayevich Golovko havia adicionado seu parecer ao

arquivo. Oficial de campo extremamente competente, pensador independente, célebre por

tomar a iniciativa em suas operações e por não haver-se equivocado jamais...
Treinador de

oficiais na Academia da CIA no Yorktown, Virginia; supostamente treinou a
Edward e Mary Patricia Foley, diretor da CIA e subdirectora de

Operações respectivamente. Que tipo formidável, pensou Kirilenko.

Tinha impressionado ao muito mesmo Golovko, coisa que muito poucos russos tinham

obtido.

Bom, agora estava na Inglaterra fazendo algo encoberto e seu agencia mãe queria averiguar

do que se tratava, porque Clark era um homem digno de lhe seguir o rastro. O rezident tirou

um pedaço de papel de sua carteira. Parecia o número de um telefone celular. Tinha vários na

gaveta de seu escritório, todos clonados, porque mantinham ocupada às pessoas de sinais, não

lhe custavam nada à embaixada e eram muito seguros. Era difícil interceptar um telefone

celular e, ausentes os códigos eletrônicos, convertia-se em um sinal mais em uma cidade

infestada delas.

Dimitri Arkadeyevich se valia do mesmo truque. Em todas as ciudades do

mundo havia gente

que clonava telefones e os vendia ilegalmente na rua. Londres não era a exceção.

Sim? respondeu uma voz longínqua.

Dimitri, sou Vania.

Sim?

Tenho o que me pediu. Exijo que me pague segundo os termos lembrados-nos.

Assim se fará prometeu Popov . Onde podemos intercambiar nossos bens?

Muito fácil. Kirilenko propôs hora, lugar e método.

De acordo A comunicação concluiu. Tinha durado apenas setenta segundos. Talvez tinham

exonerado ao Popov, mas ainda se atinha à disciplina de comunicações.

356

CAPÍTULO 20

CONTATOS

Sabia que estava doente. Não sabia até que ponto, mas Mary

Bannister sabia que não estava bem. E, apesar das drogas, uma parte de seu ser temia que fora

grave. Nunca tinha estado em um hospital, exceto uma vez na sala de guarda (seu pai a tinha

levado temendo que se fraturou o tornozelo), e agora estava em uma cama de hospital, com

soro intravenoso. A só visão da cânula plástica a horrorizava apesar das drogas que tentavam

anulá-la. perguntou-se o que lhe estariam inoculando. O Dr. Killgore havia dito que líquidos

para mantê-la hidratada e calmantes, não? Sacudiu a cabeça. Buenão, por que não averiguá-

lo? Girou as pernas à direita e se levantou, tremente e febril. Logo se inclinou para averiguar

o que eram todos esses recipientes que pendiam do arbolito de Natal . Não podia enfocar bem

e se inclinou mais, mas as indicações das etiquetas estavam incompreensivelmente codificadas.

A Sujeito F4 se ergueu e tentou franzir o sobreceño, frustrada, mas não pôde. Olhou a seu

redor. Havia outra cama no extremo oposto, desocupada. Havia um televisor, apagado.

O piso era de mosaicos e lhe esfriava os pés. A porta era de madeira e não tinha trinco... Uma

típica porta de hospital, mas Mary não o sabia. Não havia telefone. Não punham telefones nas

habitações de os hospitais? Acaso estava em um hospital? Parecia um hospital, mas sabia que

seu cérebro andava mais lento que de costume, embora não sabia como sabia. Era como se

tivesse bebido muito. além de sentir-se mau, sentia-se vulnerável e com pouco controle de sua

pessoa. Era hora de fazer algo , embora não sabia o que. ficou pensando um momemoro, logo

levantou a árvore com a mão direita e enfiou para a porta. Felizmente, a unidade

de controle

eletrônico do arbol funcionava a pilha e não precisava conectar-se. Rodava facilmente sobre

suas rodas de borracha.

A porta não estava fechada com chave. Mary a abriu, apareceu a cabeça e olhou o corredor.

Vazio. Saiu, arrastando a árvore do soro detrás ela. Não viu nenhuma enfermaria, mas isso

não lhe chamou particularmente a atenção. dirigiu-se à direita, empurrando a árvore do soro,

em busca de... algo, não sabia o que. Franziu o cenho e empurrou outras portas que, ao abrir-

se, só revelaram habitações às escuras, a maioria com aroma de desinfetante. Finalmente

chegou ao fundo do corredor. A porta T9 ocultava algo diferente. Não havia camas, a não ser

um escritório com uma

357

computador com o monitor aceso. Isso significava que a computadora estava funcionando.

Entrou e se apoiou sobre o escritório. Era compatível com a IBM. Sabia como dirigi-la.

Inclusive tinha modem. Buenão, então, o que podia fazer?

Demorou um par de minutos em decidir-se. Sim. Enviaria-lhe uma mensagem a seu pai.

A cinquenta pés e um piso de distância, Ben Farmer se servia uma taça de café e

voltava para

sua cadeira giratória logo depois de uma muito breve excursión ao banho. Levantou o

exemplar do Bio-Watch que estava lendo.

Eram as três da manhã e reinava a tranqüilidade nesse setor do edifício.

BATATA, NÃO SE ONDE ESTOU. DIZEM QUE FIRME UM FORMULARIO
AUTORIZANDO-OS A REALIZAR EXPERIMENTOS

MÉDICOS COMIGO, ALGO SOBRE UMA NOVA DROGA, MAS

SINTO-ME MUITO MAL E NÃO Set POR QUE. MEPUSIERON

MEDICAIÓN NO ELBRAZO MAS ME SIENTOMUY MAL E EU NÃO...

Farmer terminou o artigo sobre aquecimento global e checkou a tela. Todos os enfermitos

estavam em suas camas...

... exceto um. Né? pensou. Esperou que as câmaras repetissem o percorrido, já que não tinha

chegado a ver o código da cama vazia. O processo demorou um minuto. OH, carajo, tinha

desaparecido T-4. Era a garota, não? Sujeito F4, Mary algo. OH, carajo, onde mierda se

haveria metido? Ativou os controles diretos e revisou o corredor. Ninguém. Ninguém havia

meio doido nenhuma porta no resto do complexo. Todas estavam fechadas com chave e

tinham alarme. Onde carajo estavam os médicos?

A que estava de guarda, Lani algo, não lhe caía bem a ninguém da equipe.

Era uma puta arrogante e odiosa. Evidentemente ao Killgore tampouco o gostava, porque

sempre tinha o guarda noturno. Palachek, esse era seu sobrenome. Farmer se perguntou

vagamente por seus orígenes enquanto levantava o microfone do sistema P.

Dra. Palachek, Dra. Palachek, por favor comunique-se com segujoguem a rede pediu Farmer.

Seu telefone soou três minutos depois.

Fala a Dra. Palachek. O que ocorre?

A Sujeito F4 saiu a dar um passeio. As câmaras de vigilância não detectam-na.

Vou para lá. Chame ao Dr. Killgore.

Sim, doutora Farmer sabia o número de cor.

Olá? respondeu uma voz familiar.

Sou Ben Farmer, senhor. F4 desapareceu de sua habitação. A estamos procurando.

OK, me chame quando a encontrarem Pendurou. Killgore não se preocupou muito. Era

possível dar um passeio por aí, mas impossível abandonar o edifício sem ser visto.

358

Era a hora pico em Londres. Ivan Petrovich Kirilenko tinha um departamento perto da

embaixada, já que gostava de ir caminhando a trabalhar. As calçadas estavam lotadas de gente

que corria a sua travajos os britânicos eram um povo cortês, mas os londrinos sempre estavam

apurados . Chegou à esquina acordada exatamente às

8.20 hs. Levava um exemplar do Daily Telegraph (matutino conservador) na mão esquerda.

deteve-se justo na esquina e esperou que trocasse o semáforo.

O intercâmbio foi absolutamente profissional. Nenhuma só pábra, apenas dois golpecitos no

cotovelo para afrouxar o braço e trocar um

Telegraph por outro. Tudo por debaixo da cintura, para evitar possíveis câmaras ocultas nos

tetos. O rezident reprimiu um sorriso. A prática sempre lhe produzia prazer. Apesar de sua

alta fila desfrutava das minúcias da espionagem diária, talvez para demonstrar-se que podia

desempenhar-se tão bem como quão jovens comandava. Poucos segundos depois o semáforo

trocou e um homem com jaqueta de veludo cotelê se o adiantou. Caminhava a passo rápido,

com seu matutino sob o braço. Faltaban duas quadras para a embaixada. Cruzou a porta de

ferro, entrou em edifício, passou a segurança e subiu a seu escritório do segundo piso. Uma

vez ali, pendurou a jaqueta no perchero, sentou-se a seu escritório e abriu o sobre.

Bom, Dimitri tinha completo sua palavra. Duas folhas de papel blanCO sem

artigos

liberalmente cobertas de comentários manuscritos. O oficial da CIA John Clark estava

atualmente no Hereford, Inglaterra, e era o comandante de um novo grupo antiterrorista

multinacional chamado Rainbow , integrado por entre dez e vinte homens de nacionalidade

inglesa, americano e provavelmente outras. trata-se de uma operação em negro, cuja

existência era conhecida só pelos mais hierárquicos. Sua esposa era enfermeira e trabalhava

no hospital público local. O comando era bem visto pelos civis locais que trabalhavam na base

do SEJA. Rainbow tinha completo três missões: Berna, Viena e Parque Mundial. Em todos os

casos tinha anulado aos terroristas Kirilenko advertiu que Popov tinha evitado usar o término

de antigamente: elementos progressistas) com eficiência e celeridade, baixo a cobertura da

polícia local. O comando Rainbow tinha acesso ao hardware americano e o tinha utilizado na

Espanha. Popov recomendava à embaixada ver o vídeo da operação de resgate. A melhor

maneira de consegui-lo seria através do agregado de Defesa, sugeria Popov.

Um relatório útil, preciso e conciso, pensou o rezident. O trato havia sido justo.

E bem, viram algo novo esta manhã? perguntou-lhe Cyril

Holt ao chefe do grupo de seguimento.

359

Não replicou o outro Five . Levava o matutino de sempre em a mão de sempre, mas a rua

estava lotada de gente. Pôde passar algo, mas se passou, não a vimos. E estamos tratando com

um profissional, senhor lhe recordou seu subordinado.

Popov estava sentado no trem de volta ao Hereford com seu sombrero marrom de asa larga

sobre os joelhos. Fingia ler o jornal, mas em realidade folheava as fotocópias a um espaço

enviadas por Moscou.

Kirilenko era fiel a sua palavra, comprovou com deleite. Como devia sê-lo todo rezident. E ali

estava ele, solo no vagão de primeira classe do trem interurbano recém saído do Paddington,

lendo mais costure sobre esse tipo John Clark... e genuinamente impactado pelo que lia. A

KGB o tinha emprestado muchísima atenção. Havia três fotos, uma delas tão boa que parecia

ter sido tomada no escritório do diretor no Moscú. Inclusive se tinham tomado o trabalho de

indagar sobre sua família. Dois filhas, uma delas ainda na universidade nos Estados Unidos, a

outra médica e casada com um tal Doimngo Chávez... outro oficial da CIA!, de trinta e cinco

anos. Domingo Estebanovich, quem também havia conhecido ao Golovko, evidentemente

atuava conjuntamente com o Clark.

Ambos eram oficiais paramilitares... Esse Chávez bem podia estar em

Inglaterra, não? Uma médica, fácil de comprovar. Clark e seu enxuto sourecuo eram descritos

oficialmente como oficiais de inteligência de campo formidáveis e experimentados, ambos

falavam russo de maneira belicheria e cultivada... graduados na escola militar de idiomas de

Monterrey, Califórnia, sem dúvida. Chávez tinha um master em Relações

Internacionais da George Manson University nos subúrbios da Washington, indubitavelmente

pago pela CIA. Então, nem ele nem Clark eram reforços. Os dois tinham educação. E o mais

jovem estava casado com uma médica.

Suas operações de campo conhecidas e confirmadas... nichevo! pensou

Popov. Duas delas realmente impactantes, levadas a cabo com ajuda russa, mais a extradição

da esposa e a filha do Gerasimov dez anos atrás, junto com várias outras missões não

confirmadas... Formidável, essa era a palavra que melhor os definia. Como oficial de

inteligência de acampo durante mais de vinte anos, sabia por que impressionar-se. Clark devia

ser a estrela do Langley, e Chávez, seu protegido, seguia ao pé de letra os

passos largos e

profundos de seu... sogro... Interessante, verdêem?

Encontraram-na às três e quarenta, ainda tipiando sua mensagem no computador.
Ben Farmer

abriu a porta e viu... primeira a árvore do soro e logo as costas da bata de hospital.

Bom, olá disse com amabilidade . Saímos a passear um momento, né?

Queria lhe avisar a papai onde estava replicou Mary Bannister.

Ah, claro. Por correio eletrônico?

360

Claro respondeu complacente.

Bom, agora a levaremos de retorno a seu quarto. De acuerdou?

Suponho admitiu com cansaço. Farmer a ajudou a levantar-se e a guiou ao corredor,

brandamente, lhe apoiando uma mão na cintura.

O trajeto era curto. Abriu a porta de Tratamento 4, deitou-a em seu cama e acomodou as

telhas. Baixou as luzes antes de sair e encontrou à

Dra. Palachek no corredor.

Talvez tenhamos um problema, doc.

Ao Lani Palachek não gostava que a chamassem doc , mas não era momento de entrar em

controvérsias.

Que problema?

Encontrei-a em T-9, no computador. Diz que lhe mandou um email a seu pai.

O que? A doutora ficou boquiaberta.

Isso disse.

OH, carajo! pensou Palachek.

O que sabe a paciente? perguntou.

Provavelmente não muito. Nenhum deles sabe onde está E nem sequer saberiam olhando

pelas janelas, que davam a uma paisagem arborizado onde nem sequer havia uma praia de

estacionamento. Essa parte da operação tinha sido cuidadosamente planejada.

Podemos recuperar a mensagem que enviou?

Talvez, se conseguirmos sua contra-senha e o servidor que utilizou replicou Farmer. Sabia

muito de computadores. Igual a todos na companhia . Posso tentá-lo quando despertarmos...

digamos, dêentro de quatro horas?

Existe a possibilidade de anular o envio?

Farmer negou com a cabeça.

Duvido-o. Quase nenhum funciona dessa maneira. Não temos software AOL nos sistemas, só

Eudora, e se a gente executar o comando

ENVIO-IMEDIATO, a mensagem é emitida no ato, doc. Vai direto à Rede e uma vez

ali...OH, bom.

Ao Killgore dará um ataque.

Sim, senhora disse o ex marinhe . Talvez devamos codificar o acesso aos computadores não

adicionou que se afastou um momento dos monitores e que tudo era culpa dela. Bom,

ninguém o havia prevenido respeito a essa contingência, e além disso, por que demônios não

fechavam com chave se queriam impedir a entrada da gente? Ou por que não encerravam aos

sujeitos em seus quartos? Os vagabundos do primeiro grupo experimental os tinham

acostumado mau. Nenhum de eles tinha a capacidade de dirigir um computador, nem o desejo

de fazer nada em particular... e a ninguém lhe tinha ocorrido que o novo grupo de animais

experimentais talvez fora mais inquieto. Epa.

Bom, tinha visto enganos mais graves que este. Entretanto, o bom era que não podiam saber

onde estavam nem conseguir informação aproxima da companhia proprietária das instalações.

Sem esses dados, o que

361

poderia lhe haver dito F4 a seu papai? Nada importante, estava seguro.

Mas Palachek tinha razão em uma coisa, pensou. O Dr. John Killgore ia a zangar-se muito.

O almoço operário inglês era uma instituição nacional. Pão, quesou, alface, tomatitos bebê,

chutney, um pouco de carne peru neste caso e a sabida cerveja, é obvio. Popov o tinha

encontrado de seu gosto desde sua primeira viagem a Grã-Bretanha. tomou-se o trabalho de

tirá-la gravata e escolher roupas mais casuais para parecer um membro mais da classe

trabalhadora.

Bom, olá disse o bombeiro, sentando-se. Seu nome era

Edward Milhares. Era um homem alto e corpulento com o braço tatuado (uma afetação

tipicamente britânica, especialmente entre os uniformados) . Vejo que começou sem mim.

Como andou a manhã?

como sempre. Arrumei a caldeira de uma das casas. a de um francês, parte do novo comando.

Sua esposa é uma bomba de tempo informou Milhares, lambendo-se . Só vi uma foto dele.

Aparentemené-te um sargento do exército francês.

Sério? Popov lhe deu uma boa dentada a seu sandwich.

Sim, esta tarde tenho que voltar a terminar. Depois tenho que arrumar o filtro de água do

edifício central. São uma mierda essas COseja, devem ter mais de cinquenta anos. Talvez

tenha que fabricar eu mesmo a parte que necessito para arrumá-lo. É impossível

conseguir

repostos. O fabricante desapareceu faz mil anos Milhares atacou seu almoço, separando com

perícia os diversos ingredientes e empilhando-os logo sobre o pão recém assado.

As instituições do governo são todas iguais se queixou Popov.

É um fato! demarcou Milhares . E meu ajudante chamou para dizer que estava doente. Doente

as Pelotas disse o bombeiro . Que se vá a mierda.

Bom, talvez minhas ferramentas lhe sejam úteis ofereceu Popov.

Seguiram falando de esportes até terminar o almoço. Logo se levantaram e foram até a

caminhonete de Milhares, pequena e azul, com patente do governo. O russo arrojou suas

ferramentas na parte de atrás. O bombeiro arrancou, saiu à rota e enfiou para a porta principal

da base Hereford. O guarda de segurança lhes permitiu entrar sem olhar muito.

Vê, só precisa conhecer tipo adequado para entrar riu

Milhares. Acabava de burlar a segurança da base que, conforme indicavam os pôsteres, tinha

status NEGRO, o estado mais desço de Seu alertaponho que os moços do IRA se tranquilizaram um pouco. Além disso, vir aqui não seria boa idéia... enfrentar a estes tipos

equivaleria a meter-se na boca do leão... má idéia, digo eu prosseguiu.

Suponho que sim. Quão único sei do SEJA é o que vejo pela televisão.

Parecem tipos perigosos.

362

E o são confirmou Milhares . Basta olhando, como caminham mas como. Sabem que são

leões. E os novos som exatamente iguais, inclusive melhores conforme dizem alguns. Fizeram

três trabajitos, acredito. Os passaram pela televisão. O do Parque Mundial foi fabuloso, não te

parece?

O edifício de manutenção da base era tão típico de seu tipo que não se diferenciava de seus

irmãos da Ex-união Soviética. A pintura estava rachada e o pavimento da praia de

estacionaminto ostentava enormes rachaduras. Os ferrolhos das portas doubles podiam ser

violados pelo alfinete de um menino, pensou Popov. A arma mais perigosa com que

contavam devia ser um chave de fenda. Milhares Parks estacionou sua caminhonete e indicou

ao Popov que o seguisse. Dentro viu o que esperava: um escritório barato para o bombeiro,

uma cadeira giratoria a ponto de fenecer com as molas à vista, e um tabuleiro repleto de

ferramentas, a maioria velhas a julgar pelo desgaste das mangas.

Permitem-lhe comprar ferramentas novas? perguntou Popov para manter seu personagem.

Tenho que fazer um pedido justificando a compra dirigido ao chefe de departamento. Pelo

general é muito considerado e eu não tenho por norma pedir o que não necessito
Milhares

levantou um pedido do escritório . Querem que arrume hoje mesmo esse filtro.
por que não

tomam

Coca-cola e se deixam de joder? perguntou-se em voz alta . Bom, quie cabeça de
gado vir?

por que não? Popov se levantou e seguiu a seu camarada operário.

Cinco minutos depois, lamentou-o. Na entrada aos quartéis generales havia um
soldado

armado... e Popov se deu conta de que eram os quartéis do Rainbow. Dentro
estaria Clark,

Ivan Timofeyevich em pessoa.

Milhares estacionou sua caminhonete, saiu, foi à porta de atrás, a abriu, e tirou
sua caixa de

ferramentas.

vou necessitar uma chave pequena disse ao Popov. O russo abriu a bolsa de
tecido que tinha

levado e extraiu uma chave Rejam nova de doze polegadas.

Servirá-te?

Perfeito Milhares lhe indicou que o seguisse . Boa tarde, cabo saudou o soldado,
que assentiu

cortesmente sem dizer uma palavra.

Por sua parte, Popov estava mais que surpreso. Na Rússia, a seguridad tivesse sido muito

mais estrita. Mas estavam na Inglaterra e o guarda conhecia bombeiro, indubitavelmente.

Uma vez dentro, tratou de não demonstrar excessiva curiosidade e se controlou para não

manifestar nenhuma classe de nervosismo. Milhares ficou a trabalhar imediatamente:

desatornilló a tampa, apoiou-a a um flanco e espiou as vísceras do filtro. Estendeu a mão e

pediu a chave pequena, que Popov lhe entregou pressuroso.

Tem bom ajuste... mas é nova. Tem que o ter... Ajustou um cano fazendo girar a chave .

Vamos, agora... aí está Tirou um conduto e o inspecionou à luz . Ah, bom, posso-o arrumar.

Milgro adicionou. ajoelhou-se e rebuscou em sua caixa de ferramentas . O

363

conduto está um pouco obstruído. Olhe, este sedimento deve ter treinhla anos Lhe aconteceu

o conduto.

Popov olhou o interior da peça mas não viu nada. Estava enche de... sedimento, como dizia

Milhares. O bombeiro recuperou a peça, o insertó um chave de fenda pequeno, e o fez girar

em ambos os sentidos.

E? vamos ter água limpa para o café? perguntou uma voz.

Isso espero, senhor replicou Milhares.

Popov levantou a vista e sentiu que lhe detinha o coração. Era

Clark, Ivan Timofeyevich, tal como o identificava a KGB. Alto, cinquenta e cinco anos,

sonriéndole aos dois operários, vestido com traje e gravata, um pouco incômodo nesse traje.

Popov inclinou a cabeça cortésmente e cravou a vista em suas ferramentas. Em sua mente

pulsava um único pensamento: Vá-se!

Já está, acredito que não trará mais problemas disse Milhares volviendou a colocar a peça

com a chave do Popov. levantou-se e girou o bracelete de plástico. A água saía suja . Teremos

que deixá-la aberta cinco minutos, senhor, para que o conduto se limpe sozinho.

Muito bem. Obrigado disse o americano e saiu.

Foi um prazer, senhor respondeu Milhares . Era o chefe, o senhor Clark.

Sério? Muito amável.

Sim, é um tipo decente Milhares se parou e voltou a girar a tábua.

A água saiu suja ao princípio, mas depois de uns minutos se voltou antiga . Bom, missão

cumprida. A chave é muito boa disse, e se devolveu-a . Quanto custa?

É tua.

Bom, obrigado, amigo Milhares sorriu e enfiou para a porta.

Logo deram uma volta pela base. Popov perguntou onde vivia

Clark e Milhares, agradecido pela chave, dobrou à esquerda e passou frente à casa do

americano.

Nada mal, não te parece?

Parece bastante cômoda Era de tijolo marrom com teto de piçarra e jardim ao fundo.

Eu instalei a cobertura de chumbo lhe disse Milhares quando reciclaram a casa.

Ah, essa deve ser a esposa.

Uma mulher vestida de enfermeira saiu da casa, foi até o automóvel e subiu. Popov a

observou atentamente e registrou a imagem.

Têm uma filha que é médica no mesmo hospital onde travaixa a mãe lhe disse Milhares . Lhe

encheram a cozinha de fumaça. Acredito que está casada com um dos soldados americanos.

parece-se com a mãe, alta, loira e bonita... um explosão, verdadeiramente.

Onde vive?

OH, por aquele lado, acredito replicou Milhares assinalando ao oeste .

Em uma moradia para oficiais, igual a esta, mas mais garota.

364

Então, o que tem para nos oferecer? perguntou o superinlhe tendam de polícia.

Ao Bill Henriksen agradavam os australianos. Foram direto ao grão. Estava na Canberra,

capital da Austrália, com o funcionário correiolicial mais importante do país e outras pessoas

uniformizadas.

Bom, em primeiro lugar, você conhece meus antecedentes Se tinha ocupado de fazer pública

sua experiência no FBI e a reputação de sua empresa . Sabe que trabalho com o FBI e às

vezes com a Força

Delta no Fort Bragg. Por conseguinte tenho contatos, bons contactos, talvez melhores que

os seu em certo sentido disse, fazendo um pouco de alarde.

Nosso SEJA é excelente lhe recordou o superintendente.

Sei respondeu Bill, esboçando um sorriso complacente .

Trabalhamos juntos várias vezes quando estava no Comando de Cabeça de gadoCate de

Reféns. Duas vezes no Perth, uma vez no Quantico e uma vez em

Fort Bragg quando o brigadeiro Philip Stocker estava ao mando. A propósito, a que se dedica

agora?

retirou-se faz três anos.

Bem, Philip me conhece. É um bom homem, um dos melhores que conheci em minha vida

declarou Henriksen . Em todo caso, o que posso trazer para a festa? Trabalho com todos os

fornecedores de hardware. Pudeo conectá-los com o H&K para conseguir a

nova MP-10, a

preferida de nossos moços... foi desenhada a pedido do FBI porque a de 9 mm não nos

parecia o suficientemente poderosa. Entretanto, o novo cartucho Smith & Wesson de dez

milímetros é... é um novo mundo para a H&K. Mas bom, qualquer pode lhes conseguir armas.

Também faço negócios com o E-Systems, Collins, Fredericks-Anders, MicroSystems,

Hallyday Inc. e todas as demais empresas eletrônicas. Conheço as últimas novidades em

comunicações e equipes de vigilância.

Segundo meus contatos, seu SEJA é fraco nesse aspecto. Posso ajudá-los a solucioná-lo e lhes

conseguir bons preços para as equipes que necessitem. Além disso, minha gente poderia

treiná-los no uso dos novos equipamentos. Tenho uma equipe formada por Ex-deltas e CRR. Em

sua maioria são

NCO, incluindo o sargento maior do Centro de Treinamento para

Operações Especiais do Bragg, Dick Vocês. É o melhor do mundo, e agora trabalha para

mim.

Conheço-o demarcou o australiano . Se, é muito bom, por certo.

Então, o que posso fazer eu por vocês? perguntou

Henrikson . Bom, obviamente estão ao tanto do ressurgimento da atividade terrorista na

Europa... ameaça que devem considerar sériamemore para as Olimpíadas. O SEJA não

necessita meus conselhos nem os de ninguém quanto a táticas, mas minha companhia pode

lhes oferecer tecnologia de ponta em vigilância e comunicações. Conheço todos os fabricante

das equipes que usam nossos moços, e acredito que isso é precisamente o que querem vocês.

Sei... têm que querê-lo. Buenão, posso ajudá-los a conseguir exatamente o que necessitam e

365

treiná-los para o uso. Não existe outra companhia no mundo como a nossa.

O silêncio foi a única resposta. Não obstante, Henriksen podia lhes ler o pensamento. Os

atentados terroristas que tinham visto por televisão lhes tinham cheio a cabeça.

Necessariamente. Policiais e meulitares tinham o costume de detectar incessantes ameaça,

reais e imaginárias. Os Jogos Olímpicos outorgariam um enorme prestígio a seu nação... mas

também a converteriam no branco terrorista mais prestigioso do planeta (algo que a polícia

alemã tinha aprendido duramemore no Munich em 1972). O ataque palestino foi, em muitos

sentidois, o chute inicial do campeonato terrorista mundial. A consecuencia

daquilo, a equipe

israelense sempre estava um pouco melhor vigiado que qualquer outro conjunto nacional de

atletas e invariavelmente ia acompanhado por seus próprios comandos militares encobertos,

geralmente com a anuência dos funcionários de segurança da nação organizadora. Ninguém

queria outro Munich.

Os recentes atentados terroristas na Europa preocupavam ao mundo inteiro, mas a nenhum

país tanto como a Austrália, uma nação particularmente sensível ao crime. Não fazia muito,

um demente hábia matado a um grupo de pessoas inocentes, meninos incluídos, geramdou a

proibição legal das armas em todo o território nacional.

O que sabe sobre os atentados na Europa? perguntou-lhe o oficial australiano.

Henriksen pôs seu olhar mais sensível.

A maior parte do que sei é... bem, não é de estado público.

Não sei se me entende.

Todos temos acesso livre a segurança informou o policial.

OK, mas verá, o problema é que eu não tenho acesso livre a estes temas, precisamente, Y...

OH, diabos. O comando encarregado de os resgates se chama Rainbow . É uma operação em

negro integrado principalmente por americanos e britânicos, mas também há

outras

nacionalidades da OTAN. Têm sua base no Reino Unido, em

Hereford. Sua comandante é um tipo da CIA americana, de nome John Clark. É um tipo

sério, moços, e sua missão também o é.

Seus três operativos conhecidos foram tão suaves como o culo de um bebê.

Têm acesso a equipes americanas (helicópteros e essas coisas) e evidentemente têm acordos

diplomáticos que lhes permitem operar em toda a Europa quando os países em problemas os

convidam a fazê-lo.

Seu governo falou com alguém sobre eles?

Conhecíamos sua existência replicou o superintendente . O que disse é correto.

Honestamente, desconhecia o nome do comandante.

Pode nos dizer algo mais a respeito dele?

Nunca o vi pessoalmente. Só o conheço por reputação. É um oficial de campo de alta fila,

muito próximo ao DCI, e acredito que nuestro presidente o conhece. portanto, é de esperar

que conte com um boa equipe de inteligência Y... bom, seus homens demonstraram o que são

capazes de fazer, não acreditam?

366

Indubitavelmente observou o major . O resgate do Parque

Mundial foi uma das melhores operações que vi em minha vida, inclusive melhor que o da

embaixada do Irã em Londres, o que é muito dizer.

Vocês também poderiam havê-lo feito demarcou Henriksen generosamente. E de verdade o

pensava. O Serviço Aéreo Especial australiano estava apoiado no modelo britânico, e embora

não tinha muito trabalho, o tempo que se treinou com eles durante sua carreira no FBI não lhe

permitia duvidar de suas capacidades . Qual é seu escuadrón, maior?

Primeiro Sabres replicou o jovem oficial.

Recordo ao maior Bob Fremont Y...

É nosso coronel lhe informou o major.

Sério? Terei que atualizar meus registros. Esse sim que é um oficial. levava-se muito bem

com o Gus Werner fez uma pausa . Como seja, isso é o que posso contribuir à festa, moços.

Minha gente e eu falamos o mesmo idioma. Temos todos os contatos necessários em a

operação e o industrial. Temos acesso ao hardware de último gneración. E podemos vir a

ajudá-los no que seja três ou quatro dias depois de que nos chamem.

Não houve perguntas adicionais. O superintendente parecia impressionado... embora não

tanto como o major do SEJA.

Obrigado por ter vindo disse o policial, ficando de pé. Não era difícil gostar dos australianos...

e seu país se conservava em estado quase antigo. Em sua major parte um inexorável deserto

percorrido por camelos, animais que só podiam viver bem ali e na Arábia. Havia lido que

Jefferson Davis, nada menos, tentou criá-los no sudoeste americano, mas a coisa não

funcionou, provavelmente porque a correiooblación inicial era muito escassa para garantir a

sobrevivência.

Henriksen não sabia se atribuir o fracasso à boa ou a má sorte.

Os camelos não eram originários de seu país e sempre era nocivo interferir com o plano da

natureza. E embora cavalos e burros tampouco eram oriundos dos Estados Unidos, lhe

gostava da idéia das grandes planícies atravessadas por cavalos selvagens (sempre e quando

fossem apropriadamente controlados pelos predadores).

Não, corrigiu-se, Austrália não era realmente antiga, verdade? Os dingos, temíveis cães

selvagens do Outback, não eram originários disso moderado e tinham exterminado ou expulso

aos marsupiais nativos. A só idéia o entristeceu vagamente. Austrália tinha relativamentelhe

poucos habitantes, mas os poucos que havia as engenhavam não obstante para

modificar a

ecoestrutura. Talvez fora um sinal (outra mais) de que não se podia confiar no homem. Nem

sequer nessa massa continental afastada da civilização. Por conseguinte, também era

necessário implementar ali o projeto.

Era uma lástima que não tivesse mais tempo. Queria ver os Grandedê Recifes. Ávido

mergulhador, ainda desconhecia esse magnífico ejemplo de beleza natural. Bem, talvez algum

dia, dentro de poucos anos, seria mais fácil, pensou Bill. Olhou a seus anfitriões ao outro lado

da mesa.

367

Não podia considerá-los seres humanos, verdade? Eram competidores, rivais pela propriedade

do planeta. Mas, a diferença dele, eram correio-bres esbirros. Não todos, possivelmente.

Talvez alguns amassem a natureza tanto como ele, mas, infelizmente, não havia tempo para

reconocerlos e identificá-los. Terei que colocá-los na bolsa dos inimigos e obrigá-los a pagar

o preço. Uma verdadeira lástima.

Skip Bannister estava preocupado desde fazia tempo. Em primeiro lugar, nunca tinha querido

que sua filha fora a Nova Iorque. Estava muito longe do Gary, Indiana. Claro, os

jornais

diziam que o crime hábia diminuído nessa temível cidade à beira do Hudson, mas seguia

sendo muito grande e muito anônima para que nela viviera gente real... especialmente

jovencitas solteiras. Mary sempre seria uma menina para ele. Sempre a recordaria como um

bultito rosado, húmedo e ruidoso entre seus braços, parido por uma mãe que faleceu seis

anos depois. Sua filhinha, que adorava as casas de bonecas e as biciclelhas, que tinha

necessitado roupa e uma boa educação. E logo, finalmente, para seu eterno desgosto, a pipoca

tinha aberto as asas e pirado do ninho... rumo à cidade de Nova Iorque, um lugar odioso e

superpoblado cheio de gente perversa e detestável. Mas se havia avenido à decisão de sua

filha (como quando saía com meninos que não o gostavam), porque Mary era teimosa e

obcecada como todas as garotas de sua idade. foi-se a provar fortuna, a encontrar seu Príncipe

Azul, ou o que fora.

Mas tinha desaparecido, e Skip Bannister não sabia o que fazer.

Tudo começou quando passou cinco dias sem chamá-lo. Sentido saudades, marcou seu

número em Nova Iorque e deixou soar o telefone uns minutos. Tal vez tinha uma

entrevista

esse dia, ou devia trabalhar até tarde. Haveria-a chamado ao trabalho, mas a muito cabezadura

não lhe tinha dado o número.

Skip a tinha mimado toda sua vida talvez fora um engano, pensava agora, talvez não , como

tendiam a fazer os pais viúvos.

Mas sua garotinha tinha desaparecido. Seguiu chamando o único número que tinha a toda

hora do dia e da noite... mas ninguém atendeu jamais o telefone e passada uma semana

começou a preocupar-se. Passaram uns dias mais e, levado a limite pela preocupação, chamou

à polícia para informar o desaparecimento de sua filha. Foi um momento muito dêagradável.

O oficial que o atendeu lhe fez toda classe de perguntas sobre a conduta prévia de sua filha e,

depois de vinte minutos de interrogatório obsceno, explicou-lhe pacientemente que, você

sabe, as garotas jovens fazem esta classe de coisas todo o tempo, e quase sempre aparecem

sões e salvas em algum sítio, né, você sabe, provar que podem valer-se por si sós é parte do

processo de crescimento. E assim, em algum lugar do Nuevai York havia um registro de

arquivo ou uma entrada de computador a nome do Bannister, Mary Eileen, sexo

feminino,

desaparecida, a quem o NYPD não considerava importante nem sequer para enviar um oficial

a seu departamento no Upper West Sede. Skip Bannister o fez pelas

368

delas, mas o encarregado do edifício lhe perguntou se tinha ido levar se as coisas de sua filha

porque fazia semanas que não a via e logo vêemceria o aluguel...

Skip James Thomas Bannister entrou em pânico e foi à estação de polícia local para fazer

pessoalmente a reclamação e exigir acción imediata... só para inteirar-se de que, novamente,

havia acudido ao lugar equivocado, mas que igualmente, sim, ali também podiam tomar os

dados da pessoa desaparecida. E também teve que escuchar a mesma, insensata explicação

que lhe tinham dado por teléfono...

esta vez a cargo de um detetive cinqüentão.

Olhe, passaram poucas semanas. Não apareceu o cadáver de nenhuma garota que responda à

descrição de sua filha... Assim provavelmente está sã e salva em algum lugar. Tenha em conta

que o novenocê e nove por cento destes casos são garotas que desejam abrir as asas e voar

do ninho. Não sei se me entende.

Minha Mary não respondeu James T. Skip Bannister ao preguiçoso e distraído polícia.

Senhor, todos dizem o mesmo, e em noventa por cento dos casos... não, em realidade a

percentagem é mais alta... bom, como é, as garotas sempre aparecem. Lamento-o, mas não

temos homens suficientes para investigar todos estes casos. Sinto muito, mas assim se fazem

as coisas. me diga, por que não volta para sua casa e espera que soe o telefone?

Bannister seguiu seu conselho. Retornou ao Gary mordido por uma furia nascida do pânico, e

encontrou seis mensagens na secretária eletrônica automovelmático. Fez-os acontecer

rapidamente, esperando encontrar um de seu filha... mas não. Não.

Como a maioria dos americanos, James Thomas Bannister tinha um computador pessoal que

não usava muito. Não obstante, esse dia (como todos os dias) acendeu-a e entrou na Rede

para checar o correio eletrônico. E, por fim, essa manhã encontrou uma carta de seu filha.

Cliqueó o ícono da carta, que se abriu à vida no monitor de seu RGB Y...

... agora sim estava apavorado.

Não sabia onde estava? Experimentos médicos? O mais espeluznante de tudo era que a carta

estava mau escrita. Mary sempre tinha tido boas notas na escola. Sua escritura manuscrita era

clara e fácil de ler. Suas cartas eram como notícias de matutino, amoroseja, é obvio, mas

também claras, concisas e fáceis de ler. O que tinha na tela podia ter sido escrito por um

menino de três anos, pensou Skip. Nem sequer o tipeado era correto... e sua filha sabia tepear

(Tinha tirado Nessa matéria).

O que fazer? Sua pequena tinha desaparecido... e suas vísceras o diziam que estava em perigo.

O estômago lhe fez um nó debaixo do esterno. O coração lhe disparou. Sua cara estava

banhada por um suor espesso. Fechou os olhos e tratou de pensar. Logo tomou a guia

Telefónica.

369

Na primeira página figuravam os números de emergência. Escolheu um e discou.

FBI respondeu uma voz feminina . No que posso servi-lo?

370

CAPÍTULO 21

ETAPAS

O último vagabundo tinha superado todas as predições... só para prolongar o inevitável.

chamava-se Henry. Negro, de quarenta e seis anos, aparentava vinte mais. apresentava-se

como veterano de guerra a tudo o que queria escutá-lo e tinha uma sede extrema,

que,

milagrosamente, não lhe tinha destruído o fígado. E seu sistema inmunitario tinha lutado

vigorosamente contra Shiva. Provavelmente pertencía ao extremo privilegiado do espectro

genético, pensou o Dr. Killgore, embora de pouco lhe tinha servido. Tivesse sido útil ter sua

história clínica, saber quanto tinham vivido seus pais, mas quando se deram conta já era muito

tarde. Henry estava ido. E sua análise indicaban, sem lugar a dúvidas, que morreria logo. Seu

fígado tinha sucumbido finalmente às cepas da Shiva. Em certo modo, era uma lástima. O

médico que ainda pulsava no Killgore queria que seus pacientes sobrevivieran. Talvez só por

espírito esportivo, pensava, rumo à habitação do doente.

Como se sente, Henry? perguntou-lhe.

Como a mierda, doc, como a mesma mierda. Sinto como se o ventre me estivesse rasgando.

Pode senti-lo? perguntou Killgore. Era toda uma surpresa.

Estavam-lhe inoculando doze miligramas de morfina diários... Embora era uma dose letal

para um homem são, os muito doentes a toleraban.

um pouco replicou Henry, sonriendo entre dentes.

Bom, vamos solucionar o, sim? extraiu de seu bolso uma seringa de 55 dC e uma ampola do

Dilaudid. A dose normal era de dois a quatro miligramas. Decidiu aplicar quarenta para estar

seguro. Encheu a seringa, expulsou a potencial bolha de ar, e logo a injetou na sonda de

soro intravenoso.

Ah alcançou a dizer Henry antes de sumir-se no torpor. Inmediatamente, seu rosto se

abrandou e abriu muitos os olhos, as pupilas dilatadas pelo último prazer que conheceria neste

mundo. Dez segundos depois lhe tocou a carótida direita. Não passava nada, e a respiración

se tinha interrompido no ato. Para estar completamente seguro, Killgore tirou o estetoscópio

do bolso e o apoiou sobre o peito de

Henry. Seguro, o coração se deteve.

Bom combate, sócio lhe disse ao cadáver. Logo retirou a sonda

371

de soro intravenoso, apagou o sistema eletrônico de medicamentos e cobriu-lhe a cara com o

lençol. E bem, os vagabundos se haviam terminado. A maioria tinham durado pouco, exceto

Henry. O bastardo había lutado até o fim, desafiando todas as predições. Killgore se

perguntou se deveriam lhe haver inoculado alguma das vacinas. A B o teria salvado,

certamente, mas nesse caso se ficaram com um vagabundo saudável, e o projeto

não apontava

a salvar a essa classe de gente. A quem lhe servia um tipo como Henry? Talvez ao dono do

bar. Saiu da habitação e lhe fez gestos a um paramédico. Em quinc minutos, as cinzas do

Henry flutuariam no ar e, ao cair, seus químicos serviriam para fertilizar árvores e pasto... a

melhor contribuição ao planeta a que um indivíduo como ele podia aspirar.

Era hora de visitar a Mary, F4, em sua habitação.

Como se sente? perguntou-lhe.

Bem respondeu sonolenta. Todos seus mal-estares eram controlados pela destilação de

morfina.

Ontem à noite saiu a dar um passeio? insistiu Killgore, tomando o pulso. 92, ainda forte e

regular. Bom, ainda não manifestava sintomas graves, embora era impossível que resistisse

tanto como Henry.

Queria lhe dizer a papai que estava bem explicou a garota.

Teme que esteja preocupado?

Não falo com ele desde que estou aqui, e pensei se adormeceu.

Sim, claro, pensou lhe espetou Killgore à massa inconsciente , mas nos asseguraremos de que

não volte a ocorrer Trocou a programación do monitor de soro, aumentando a destilação de

morfina em um 50

por cento. Isso lhe impediria de levantar-se da cama.

Dez minutos depois saía do edifício e caminhava em direção norte para... aí estava. Viu a

caminhonete do Ben Farmer estacionada no lugar de sempre. O interior do edifício cheirava a

pássaros, embora mais parecia um estábulo. As grades das portas estavam muito juntas:

impossível deslizar o braço entre elas, impossível que escapasse um pássaro. Cruzou a fileira

de portas e encontrou ao Farmer com um de seus favoritos.

Fazendo horas extra? perguntou-lhe.

um pouco admitiu o guarda de segurança . Vamos, Festus disse logo. A coruja de campanário

agitou as asas, enfurecida, e voou até o braço enluvado do Farmer . Acredito que já está bem,

amiguito.

Não parece muito amigável observou o médico.

Não sempre é fácil trabalhar com corujas, e Festus é um pouco arteiro lhe disse o ex marinhe,

deixando à coruja em seu cabide. Logo saiu do compartimento . Tampouco são os caçadores

mais ardilosos. Muito difíceis de treinar. Com o Festus nem sequer vou tentar o.

Pensa liberá-lo?

Sim. Ao final da semana, acredito Farmer assentiu . Demorou dois meses, mas

acredito que a

asa está curada. Espero que se consiga um establo cheio de ratos.

372

É o que atropelou o automóvel?

Não, esse é Niccolo, o mocho cornudo. Não, Festus provavelmente chocou-se com um cabo

de alta tensão. Suponho que estaria olhando para outro lado. Tem ambos os olhos em perfeitas

condições. Mas os pássaros também colocam a pata, como as pessoas. Como é, arrumei-lhe a

asa...

fiz um excelente trabalho, se me permite dizê-lo-se vangloriou com uma sorriso satisfeito .

Mas o velho Festus não parece estar muito agradecido.

Ben, teria que ser médico já que é tão bom para estas coisas. Foi médico com os marinhe?

Mero aprendiz. Marinhe-os têm médicos da Armada, doc

Farmer se tirou a luva de couro grosso e flexionou um pouco os dedois antes de voltar a ficar

o Veio pelo da Mary?

O que aconteceu?

A verdade? fui urinar, voltei, sentei-me a ler minha revista e, quando levantei a vista, já não

estava. Suponho que andou solta...

digamos dez minutos até que dí o alarme. Coloquei a pata, doc, é um feito admitiu.

Acredito que não passou nada grave, de todos os modos.

Sim. Bom, o que lhe parece se guardarmos o computador em um quarto com chave? Foi ao

extremo da habitação e abriu outra puervocê . Olá, Baron disse. Um segundo depois, o falcão

Harris saltou ao braço que lhe oferecia . Sim, esse é meu amigo. Você também está preparado

para voltar para a natureza, não? Talvez quer te conseguir uns saborosos coelhinhos?

Killgore pensou que essas aves possuíam uma nobreza régia. Seus olhos eram claros e

agudos, seus movimentos poderosos e carregados de decisão, e embora essa decisão podia

resultar cruel para sua presa, era obra da natureza, verdade? Essas rapazes mantinham o

equilíbrio do planeta eliminando aos lentos, entrevado-los e os estúpidos... Mais que isso, os

pássaros de presa eram nobres porque voavam a grandes alturas e de ali contemplavam o

mundo que jazia a suas garras e decidiam quem devia viver e quem morrer. Muito parecido ao

que estavam haciendo Killgore e seus companheiros. Embora os olhos humanos não tinham

a dureza de um olho de falcão. Sorriu ao Baron, que logo seria devuelto à natureza, liberado

para empreender seu vôo solitário sobre as planícies de Kansas...

Poderei seguir fazendo isto quando o projeto esteja em pleno?

perguntou Farmer, deixando ao Baron sobre seu cabide de madeira.

A que se refere, Ben?

Bom, doc, alguns dizem que não poderei ter mais pássaros quando saíamos ao mundo...

porque interfere. Isso dizem. Diabos, cuido muito bem a meus pássaros. Você sabe, as rapazes

cativas vivem dois ou três vezes mais que as selvagens, e sim, sei que isso vai um pouco

contra as regras do projeto, mas, maldita seja...

Ben, não vale a pena preocupar-se. Entendo sua relação com os falcões. Também me

agradam.

373

São a bomba inteligente da natureza, doc. eu adoro ver trabalhá-los. E quando se machucam

sei como curá-los.

Você é muito bom nisso. Todos seus pássaros se vêm avisobles.

Deveriam está-lo. Os alimento bem. Apanho ratos vivos para eles. Gostam da comida quente

sabe? foi até sua mesa de travajo, tirou-se a luva e o pendurou de um prego . Bom, terminei

meu trabalho da manhã.

Bom, vá a sua casa então. Ocuparei-me de que fechem a sala do computador.
Não

permitiremos que nenhum outro sujeito saia a dar um paseíto pelas instalações.

Sim, senhor. Como está Henry? perguntou Farmer, procurando as chaves da
caminhonete no

bolso.

Morreu.

Supunha que ficava pouco tempo. Então, já não ficam vagabundos, verdade?
Killgore negou

com a cabeça . Bom, que se joda. Era um tipo resistente, não?

Mais duro que a pedra, Ben, mas assim são as coisas.

Já sei, doc. É uma lástima que não possamos enterrar o corpo para os vermes.
Eles também

têm que comer, mas é um pouco feio ver como o fazem Abriu a porta . Nos
vemos esta noite,

doc.

Killgore apagou as luzes e saiu. Não, não poderiam lhe negar ao Ben o direito a
conservar

seus pássaros. A falcoaria era um esporte de reis e graças a ele se podiam
aprender muitas

coisas desses pássaros, como caçavam, como viviam. Entrariam no Grande
Plano da

Natureza. O problema era que havia alguns personagens extremamente radicais
no projeto,

como os que objetavam a presença dos médicos porque consideravam que
interferiam com a

natureza: curar as enfermidades da gente equivalia a permitir que esta se reproduzira muito

rápido e voltasse a desequilibrar o ecossistema. Sim, claro. dentro de cem anos (provavelmente duzentos) teriam repovoado o estado de

Kansas... embora não todos ficariam em Kansas, verdade? Não, se dispersariam para estudar

as montanhas, os pântanos, as selvas, a savana africana... e logo retornariam a Kansas para

transmitir o que tinham aprendido e mostrar suas filmagens da natureza em ação.

Killgore desejava esse futuro. Como a maioria dos membros do projeto, devorava a

programação do Discovery Channel. Havia tanto que aprender, tanto que entender... porque,

como tantos outros, Killgore queria compreender a natureza em sua totalidade. Era uma

ambição suprema, é obvio, talvez pouco realista... Mas se ele não a obtinha, seus filhos o

fariam. Ou os filhos de seus filhos, que seriam criados e educados para apreciar a natureza

em toda sua glória. Viajariam muito, todos seriam cientistas de campo. perguntou-se o que

pensariam quando chegassem às cidades mortas... Provavelmente seria boa idéia hácerlos ir,

para que compreendessem os enganos garrafaes cometidos por o homem e aprendessem a

não repeti-los. Talvez ele mesmo seria guia de essas viagens. Nova Iorque seria a

mais

importante de todas, a grande lec374

ção de não volte a fazer isto . Passariam mil anos, talvez mais, até que os edifícios se

derrubassem pelo oxidamieto das estruturas de aço e a falta de manutenção...
As partes de

pedra jamais desapareceriam... mas os cervos retornariam relativamente logo
(dentro de uns

dez anos) à Central Park.

Os abutres o passariam bem durante um tempo. Teriam carradas de cadáveres para comer...

ou talvez não. Ao princípio os corpos seriam coveiros de maneira civilizada, mas às poucas

semanas os sistemas não dariam provisão e a gente morreria, provavelmente em sua cama, e

entonces chegariam... os ratos, é obvio. O ano próximo seria glorioso para os ratos. Mas, os

ratos dependiam da gente para comer. Viviam do lixo e os refugos da civilização (verdadeiros

parasitas épecializados) e o ano próximo o mundo seria um banquete no que comeriam até

fartar-se... e depois o que? O que aconteceria a povoación de ratos? Os gatos e os cães se

alimentariam delas, provávelmente, até alcançar gradualmente certo equilíbrio...
Mas a falta

de os milhões de pessoas produtoras de refugos (ou alimento fino para o roedor),

a quantidade

de ratos diminuiria nos próximos cinco ou dez anos. Seria uma investigação interessante para

os cientistas de campo.

A que velocidade diminuiria a população de ratos, e até que ponto?

Muitos no projeto se preocupavam com os animais grandes. Todos amavam aos lobos e

jagatiricas, animais belos e nobres horriblemente massacrados pelo homem por sua atitude

depredadora para os animais domésticos. recuperariam-se logo que desaparecessem as

armadilhas e o veneno. Mas, e os predadores menores? E os ratos?

Aparentemente não importavam a ninguém, mas elas também eram parvocê do ecossistema,

não? Não era justo aplicar a estética ao estudo da natureza, verdade? Em caso de fazê-lo,

como justificar a morte de

Mary Bannister, Sujeito F4? depois de tudo, era uma mulher atrativa, brilhante, agradável...

não como Chester, Pete ou Henry, não ofensiva à vista como tinham sido eles... Mas, como

eles, era uma pessoa que não compreendia a natureza, incapaz de apreciar sua beleza, incapaz

de ver seu próprio lugar no grande sistema da vida... e por conseguinte indigna de participar.

Lástima por ela. Lástima por todos os sujeitos do experimento, mas o planeta

estava

morrendo e terei que salvaro... E só havia uma maneira de fazê-lo, porque eram muitos os que

não compreendiam o ecossistema (como organismos menores). Só o homem podia alimentar

a esperança de compreender seu equilíbriopremo. Só o homem tinha a responsabilidade de

manter esse equilíbrio, e se isso suportava a redução de sua própria espécie, bom, tudo tinha

seu preço. A maior e mais deliciosa ironia era que requeria um enorme sacrifício, e que o

sacrifício vinha dos próprios adiantamentos centíficos do homem. Sem os instrumentos que

ameaçavam a vida do planeta, a capacidade de salvá-lo não tivesse existido. Bom, a realidêem

era feita de ironias, pensou o epidemiólogo.

O projeto salvaria à natureza mesma, e o projeto estava integrado por relativamente poucas

peessoas: menos de mil, mais os se375

leccionados para sobreviver e continuar o esforço humano, os desconocidos que jamais

conheceriam os crímenes cometidos em nome deles.

A maioria não compreenderia a causa de sua sobrevivência: ser maridos, filhos ou parentes

próximos de um membro do projeto ou ter habilidadê que o projeto necessitava (aviadores,

agricultores, mecânicos, especialistas em comunicações, etc.). Algum dia se inteirariam... Era

inevitável, é obvio. Na sociedade humana, alguns falavam e outros escutavam. Quando estes

últimos se inteirassem do ocorrido provavelmente sentiriam horror, mas seria muito tarde para

atuar. Tudo estava tingido por uma maravilhosa inevitabilidad. OH, sim, sentiria saudades

algumas coisas. O teatro, os bons restaurantes de Nova Iorque, mas certamente haveria bons

cozinheiros no projeto... e teriam a melhor matéria prima para seu trabalho. Na dependência

de Kansas se cultivaria todo o cereal necessário, e também teria ganho... até que o búfalo se

propagasse.

O projeto se sustentaria através da caça. Era desnecessário dizer que vários membros objetavam

essa possibilidade... em realidade, objetavam matar algo vivente, mas as cabeças mais frites e

mais soube tinham prevalecido nesse tema. O homem era predador e fabricante de

ferramentas, de modo que também teriam armas. Era a maneira mais piedosa de caçar, e o

homem também tinha que comer. E assim, em poucos anos os homens selariam seus cavalos e

sairiam a caçar búfalos... para logo carneá-los e levar a seus lares a saudável carne desce em

graxas. E cervos, e antílopes, e veados.

Os agricultores cultivariam grãos e verduras. Todos comeriam bem e viveriam em harmonia

com a natureza depois de tudo, as armas de fogo eram primas irmãs do arco e a flecha, não? ,

e eles poderiam estudar o mundo natural em relativa paz.

Era um formoso futuro em potência, embora os quatro a oito meé iniciais seriam espantosos.

O que apareceria nos meios mijemdepois de existissem seria terrível, mas, novamente, tudo

tinha seu preço.

A humanidade devia morrer como força dominante do planeta e ser substituída pela natureza

mesma, e só deviam ficar uns poucos escolhidos para observar e apreciar o que a natureza era

e fazia.

A Dra. Chávez, por favor lhe disse Popov a telefonista do hospital.

Um momento, por favor Passaram setenta segundos.

Fala a Dra. Chávez disse uma voz.

OH, perdão, número equivocado disse Popov, e pendurou. Excelenlhe, as esposas do Clark e

Chávez trabalhavam no hospital tal como o haviam dito. Esse dado confirmava que Domingo

Chávez também estaBA no Hereford. Bom, já conhecia chefe do comando Rainbow e a um

de seus integrantes de maior fila. Chávez seria o chefe de inteligência do grupo?
Não, pensou

Popov, era muito jovem para isso. Tinha que ser um britânico, um tipo de MEU-6, alguém

conhecido pelos serviços

376

continentais. Evidentemente Chávez era um oficial paramilitar, igual que seu mentor. Isso

significava que era um soldado, talvez líder de campo? Pura hipótese de sua parte, mas boa.

Um oficial jovem, fisicamente inigualável conforme os informe. Mas muito jovem para outra

classe de posto. Sim, tinha lógica.

Popov lhe tinha roubado a Milhares o mapa da base e tinha marcado a casa do Clark. A partir

de ali pôde deduzir facilmente o trajeto que seguia sua esposa até o hospital local... e

averiguar seus horários tampouco seria difícil. A semana tinha sido generosa com ele e era

tiemcorreio de partir. Empacotou suas roupas e foi até seu automóvel alugado, e de ali ao

lobby do motel. No Heathrow o esperava uma passagem de retorno a Nova Iorque. Como lhe

sobrava tempo, descansou no salão de primeira classe da British Airways: um lugar sempre

acolhedor, cheio de garrafas de vinho, ou inclusive de champagne. deu-se um

gosto étílico e

logo foi sentar se a uma das cômodas poltronas. Tomou um dos jornais do dia, mas em lugar

de ler ficou a repassar o que tinha averiguado, perguntando-se que uso lhe daria seu

empregador à succulenta información. Impossível sabê-lo no momento, mas seu instinto o fez

recordar certos números telefônicos da Irlanda.

Sim, fala Henriksen.

Sou Bob Auckland Bill recordou à superintendente de polícia .

Tenho boas notícias para você.

Ah, sim? Quais, senhor?

Meu nome é Bob, velho. Falamos com o ministro e está de acordo em outorgar a Global

Security o contrato das Olimpíadas.

Obrigado, senhor.

Poderia vir amanhã a resolver os detalhes comigo?

Claro, está bem. A que hora posso visitar a dependência?

Eu mesmo o levarei amanhã pela tarde.

Excelente, Bob. Obrigado por me haver escutado. E os muitachos do SEJA?

Também estarão no estádio.

Grandioso. Morro de vontades de trabalhar com eles assegurou

Henriksen.

E eles querem ver essa nova equipe de comunicações do que falou-lhes.

E-Systems começou a fabricá-los para nosso Delta. Seis onças por unidade, tempo real de

encriptado 128 bits, frequência banda

X, banda lateral, transmissão interrompida. Quase impossível de interceptar e altamente

confiável.

por que merecemos esta honra, Ed? perguntou Clark.

Têm uma fada madrinha na Casa Branca. Os primeiros trein377

correspondem-lha isso. Deveriam chegar dentro de dois dias disse Foley.

Quem?

Carol Brightling, assessora científica presidencial. Sabe muito destas coisas e depois do

Parque Mundial me chamou para me sugerir que lhes conseguisse estes rádios.

Ela desconhece nossa existência, Ed recordou Clark . Pelo menos, não recordo ter visto seu

nome na lista.

Bom, então alguém o haverá dito, John. Quando chamou conhecia a senha e tem

acesso a quase tudo, não o esqueça. Armas nucleares e companhia.

Ao presidente não gosta, isso escutei dizer...

Sim, é uma abraçadora de árvores radical. Já sei. Mas também é muito inteligente e te

conseguir estas equipes foi um bom sinal de sua parte. Falei com o Sam Wilson e me disse

que seus moços os recibieron com entusiasmo. A prova de choques, encriptado, claridade

digital e leve como uma pluma Claro que devia ser bom a sete mil dólares cabeça de gado por

equipe, mas isso incluía os custos do R&D, recordou Foley. Se perguntou se seus oficiais de

campo poderiam utilizá-lo em operações encobertas.

OK. Disse dois dias?

Sim. Encomenda do Dover ao Mildenhall, e de ali em caminhão, suponho. Ah, outra coisa.

O que?

Lhe diga ao Noonan que sua carta sobre esse aparelho procura gente deu resultado. A empresa

acaba de lhe enviar uma nova unidade para que jogue... quatro, para falar a verdade.

Melhoraram a antena e o localizador

GPS. Que carajo é isso?

Vi-o uma só vez. Aparentemente, rastreia aos indivíduos por os batimentos do coração do

coração.

Ah, e como faz?

Oxalá soubesse, Ed, mas posso te dizer que o vi detectar personas através de uma parede.

Noonan está enlouquecido. Mas, segundo ele necessita melhoras.

Bom, DKL a empresa lhe emprestou atenção. Os quatro equidetrás novos incluem um pedido

de avaliação.

OK, o passarei ao Tim.

sabe-se algo dos terroristas da Espanha?

Hoje recebemos um fax. Já identificaram a seis. Principalmente suspeitos bascos. Os

franceses vão em retaguarda, só têm dois probables... bom, a gente é seguro. E ainda não

sabem quem os está azuzando contra nós.

Os russos disse Foley . Um KGB exonerado, estou seguro.

Não me atreveria a negá-lo, vendo como se apareceu em Londres...

mas os moços do Five ainda não têm nada mais.

Quem se ocupa do caso?

Holt, Cyril Holt respondeu Clark.

378

Ah, bom, conheço o Cyril. Bom tipo. Pode acreditar tudo o que diga-te.

Bom, mas neste mesmo momento lhe acredito que não tem uma mierda. Estive jogando com a

idéia de chamar pessoalmente ao Sergey

Nikolayevich para lhe pedir ajuda.

Não me parece, John. Essas coisas passam por mim, recorda? También eu gosto

de Sergey,

mas não para isto. Muito óbvio.

Isso nos deixa com as mãos atadas, Ed. Eu não gosto que haja um russo rondando por aí que

conhece meu nome e o que faço.

Foley teve que assentir. A nenhum agente secreto agradava que conhecessem-no e Clark tinha

vastas razões para preocupar-se, já que compartilhava sua base de operações com toda sua

família. Jamais havia utilizado a Sandy para encobrir sua identidade, como outros agentes

secretos.

E embora nenhum tinha perdido a sua esposa dessa maneira, mais de uma levou-se um susto e

a CIA tinha proibido a prática. Mais ainda,

John tinha vivido toda sua vida profissional como um fantasma que muito poucos viam,

ninguém reconhecia, e só reconheciam os que estavam de seu lado. Tinha tantas vontades de

modificar sua invisibilidade como do CAMbiar de sexo... mas alguém se colocou em seu

anonimato e isso o perturbava. Bom, os russos o conheciam e sabiam coisas dele devido a

suas ações no Japão e Irã... Naquele momento deveu ter pensado que seus atos teriam

conseqüências.

Conhecem-lhe, John. Demônios, Golovko te conhece pessoalmente, e é óbvio que acordadas

seu interesse, não?

Já sei, Ed, mas... carajo!

John, compreendo... mas agora tem perfil alto e não há maneira de evadir esse fato. Assim

sente-se em sua cadeira, faz seu trabalho e nos deixe agitar o vespeiro para ver o que ocorre,

parece-te bem?

Suponho que sim, Ed respondeu resignado.

Se me inteirar de algo, avisarei-te por telefone no ato.

A suas ordens, senhor replicou Clark, utilizando a fórmula navalha que fora parte de sua vida

muitos anos atrás. Agora a reservava para tudo o que não gostava.

O agente especial ao mando do escritório do FBI no Gary, Índiana, era um negro sério e

muito profissional chamado Chuck Ussery. Cuarenta e quatro anos, recém-chegado ao

escritório, fazia dezessete anos que integrava o FBI. Antes tinha sido oficial de polícia em

Chicago. O chamado do Skip Bannister foi rapidamente desviado a seu escritório e, logo

depois de uma breve conversação, pediu-lhe que fora a vê-lo pessoalmente. Vinte e cinco

minutos depois, Bannister entrava em seu escritório.

Era um homem corpulento, cinqüentão e profundamente assustado. Quãodou conseguiu fazê-

lo sentar lhe ofereceu um café, que Bannister rechaçou.

Logo começaram as perguntas, ao princípio pura rotina. Depois, direto ao ponto.

Senhor Bannister, trouxe o e-mail do que me falou?

379

Sem dizer uma palavra, James Bannister tirou a folha de papel de seu bolso e a entregou.

Três parágrafos, comprovou Ussery, agramaticales e confusos. Seu primera impressão foi...

Senhor Bannister, tem razões para suspeitar que sua filha consumisse alguma classe de

droga?

Minha Mary não! foi a resposta imediata . Impossível. OK, o gosta de beber vinho e cerveja,

mas drogas não... minha filhinha não, jamais!

Ussery levantou as mãos.

Por favor, entendo como se sente. Vi raptos várias vêts Y...

Pensa que a raptaram? perguntou Skip Bannister, enfrentándose à confirmação de seu temor

maior. Isso era muito pior que a insinuação de que sua filhinha podia ser drogada.

me apoiando nesta carta, sim, acredito que é uma possibilidade e que deveríamos caratular o

caso como rapto Ussery levantou o telefone .

me mande ao Pat Ou Connor, por favor pediu a seu secretário.

O agente especial Pat Ou Connor era um dos supervisores do esquadrão do Gary. Trinta e oito

anos, ruivo, de pele clara e muito musculoso, Ou Connor entrou no escritório do Ussery.

Sim, Chuck?

Apresento-te ao senhor James Bannister. Tem uma filha desaparecida, vinte e um anos,

desapareceu em Nova Iorque faz um mês aproximadamente. Ontem recebeu isto por e-mail

Ussery lhe aconteceu o papel.

Ou Connor o leu e assentiu.

OK, Chuck.

O caso é teu, Pat. Acelerador a fundo.

Claro, Chuck. Faria-me o favor de me acompanhar, senhor

Bannister?

Pat se encarrega destes casos explicou Ussery . Ele tomará o caso e se reportará comigo todos

os dias. Senhor Bannister, o FBI considera que o rapto é um crime maiúsculo. Será um caso

prioritário até que resolvamos. Dez homens, Pat?

Sim, para começar. Mas necessito mais em Nova Iorque. Senhor olhou ao Bannister , todos

nós temos filhos. Sabemos como se sente. Se houver alguma maneira de encontrar a sua filha,

encontraremos-la.

Agora preciso lhe fazer umas quantas perguntas para iniciar a investigação. De acordo?

Sim.

Bannister seguiu a Ou Connor a seu escritório. Passou as seguintes três horas lhes contando

aos agentes tudo o que sabia de sua filha e de sua vida em Nova Iorque. Em primeiro lugar

lhes entregou uma foto recente, bastante boa. Ou Connor a observou atentamente. Guardaria-a

no arquivo do caso. Fazia vários anos que não tinham um caso de seqüestro. O FBI tinha

extinto esse crime nos Estados Unidos... Em todo caso, só havia seqüestros por dinheiro. Não

havia percentagem. O FBI sempre os resolvia, e caía sobre os miseráveis como a Ira de Deus.

Geralmente

380

seqüestravam meninos. Quase sempre eram perversos sexuais que os usavam para

gratificar-se e logo os assassinavam. Embora não necessariamente. Essa classe de crime

despertava a ira institucional do FBI. O

Caso Bannister (assim estava caratulado) teria prioridade suprema em quanto a homens e

recursos. Os casos pendentes da máfia ficariam adiados. Era parte da filosofia

institucional do

FBI.

Quatro horas depois da visita do Skip Bannister ao escritório de Gary, dois agentes da divisão Nova Iorque (Jacob Javits Building) golpearam a porta do encarregado do edifício onde vivia Mary

Bannister. O homem lhes deu a chave e os acompanhou até o conversatório. Os agentes

entraram e iniciaram a busca. Em primeiro lugar recolheram notas, fotos, correspondência.

Tudo o que pudesse servir-lhes. Fazia uma hora que estavam ali quando se apresentou um

detetive do NYPD. Havia 30.000 policiais na cidade e todos deviam colaborar nas

investigações de seqüestros.

Têm a foto? perguntou o detetive.

Aqui está O agente lhe entregou a foto enviada por fax desde Gary.

Sabem? Faz umas semanas recebi um chamado de Dê Moines, o sobrenome da garota era...

Pretloe, acredito. Sim, Anne Pretloe, vinte e cinco anos, secretária jurídica. Vivia a poucas

quadras daqui. Desapareceu de golpe. Não foi mais a trabalhar... evaporou-se, literalmente. A

mesma idade, o mesmo sexo... assinalou o detetive . Poderiam estar conectados?

Checaram possíveis Jane Does? perguntou o agente mais jovem. Pensamento óbvio dos três:

havia uma assassina série em Nova

York? Esses criminosos quase sempre atacavam mulheres entre dezoito e trinta anos de idade.

Eram tão seletivos como qualquer predador da natureza.

Sim, mas nada que encaixe com a descrição da garota Pretloe...

nem tampouco com o Bannister Lhes devolveu a foto . Este caso é um rOMpecabezas.

Encontraram algo?

Ainda não replicou o agente mais velho . Um jornal íntimo, mas não tem nada útil. Não há

fotos de homens. Só roupa, cosméticos, o habitual em uma garota desta idade.

Impressões digitais?

Gesto afirmativo.

É o próximo passo. Nosso perito vem em caminho Mas os três sabiam que não serviria de

muito, já que o departamento estava vazio desde fazia um mês. Os azeites que formavam as

impressões digitais evaporavam-se com o tempo, embora talvez ficasse uma esperança...

dado que o departamento tinha permanecido fechado.

Não será fácil comentou o detetive.

Nunca é fácil replicou um dos agentes do FBI.

E se houver mais de dois? perguntou o outro.

381

Cada dia desaparecem centenas de pessoas nesta cidade disse o detetive . Mas veremos o que

nos dizem os computadores.

A Sujeito F5 tinha uma figura esplêndida, comprovou Killgore. E também gostava de Chip

Smitton. Má sorte para ele, que não havia sido exposto a Shiva por inoculação, vacina ou

aspersão. Não, só hábia sido exposto ao vírus por contato sexual e seu sangue já começava a

mostrar anticorpos. Então, esse meio de transmissão também funcionava e, melhor ainda,

funcionava de mulher a homem e não só de homem a mulher. Shiva era tudo o que esperavam

dele... e muito mais.

Era desagradável ver um par de humanos fazer o amor. Não o excitava no mais mínimo... e

isso que gostava de olhar. Anne Pretloe,

F5, estava a dois dias da aparição dos sintomas a julgar por seus análise, seu apetite, sua sede

e seu desparpajo sexual. Bom, os tranquilizantes desinhibían aos sujeitos e não havia maneira

de saber como era

Pretloe na vida real... embora certamente conhecia muito bem as técnicas.

Curiosamente, Killgore nunca lhe tinha emprestado atenção ao coito entre animais. Supunha

que os ratos entravam em zelo e fornicavam alegremente, mas, por alguma razão, jamais as

tinha visto. As respeitava como formas de vida, mas seus escarcéus amorosos lhe interessavam

muito pouco... Mas não podia dizer o mesmo do que via na tela.

Bom, Pretloe, Sujeito F5, era a mais bonita de todas, e de havê-la conhecido em um bar a teria

convidado a beber algo, conversado um pouco com ela Y... deixado que as coisas seguissem

seu curso. Mas também estava condenada, tão condenada como os ratos brancos de

laboratório especialmente criadas com esse propósito. Essas graciosas criaturitas de olhos

vermelhos se utilizavam em todo mundo porque eram geneticamente idénticos. Provavelmente

careciam de recursos para viver em estado selvagem, era uma lástima. Mas sua cor branca

conspiraria contra elas... cães e gatos as detectariam facilmente e isso não era aconselhável,

verdade? De todos modos constituíam uma espécie artificial: não eram parte do plano da

natureza a não ser obra do homem, e portanto indignas de perpetuarse. Que lástima que

fossem tão lindas... Mas essa era uma observación subjetiva, não objetiva, e Killgore tinha

aprendido fazia tempo a diferença entre ambas. depois de tudo, Pretlow F5 também era

linda... e a pena que sentia por ela era um resíduo atávico, indigno de um membro do Projeto.

Mas ficou pensando... enquanto via como

Chip Smitton penetrava raivosamente a Anne Pretlow. Isso poderia háber feito Hitler com os

judeus: salvar a uns poucos como ratos de laboratório humanos... E bem, isso o convertia em

um nazista? Estavam utilizando a F5 e M7 como ratos brancos... sim, mas não, eles não

discriminaban por raça, religião nem gênero, verdade? A política não tinha nada que ver

nisto... bom, talvez, segundo como se definisse o término. Como definia-o ele, não. o deles

era ciência. A totalidade do projeto era ciência e amor pela natureza. Os membros do projeto

eram de

382

todas as raças e classes sociais e orientações sexuais. Não podia decir-se o mesmo da religião,

a menos que o amor à natureza fora uma religião. E em certo sentido o era. Sim, claro que o

era.

O que estavam fazendo na tela de TV era natural, ou quase o coito tinha sido instigado pelos

depresores do sistema nervoso , mas a mecânica sim o era. Quão mesmo os instintos: ele

queria arrojá-la sua semente o mais longe possível e ela queria recebê-la. Enquanto isso, seu

próprio instinto de predador o impulsionava a decidir quais membros de a espécie viveriam e

quais não, pensou Killgore.

Esses dois não viveriam, por muito atrativos que fossem... como as ratas de laboratório com

sua bonita pelagem branca e seus preciosos ojitos vermelhos e seus bigodes bicudos. Bom,

nenhum deles seguiria aqui por muito tempo, verdade? A opção, embora esteticamente

conflictiva, era válida com vistas ao futuro que todos desejavam.

383

CAPÍTULO 22

MEDIDAS

Então, não sabemos nada de nosso amigo russo? perguntou Bill Tawney.

Nada confirmou Cyril Holt . Nos vídeos Kirilenko vai caminhando a trabalhar como todos os

dias, pelo mesmo caminho e à mesma hora, quando as ruas estão lotadas, para em seu pub a

beber uma cerveja quatro de cada cinco noites, e tropeça com toda classe de gente.

Mas nessas condições não seria difícil nos confundir, a menos que realmente estreitemos a

vigilância, em cujo caso seria muito provável que

Ivan Petrovich se desse conta e aumentasse suas precauções. Não queremos correr esse risco.

Claro que não admitiu Tawney, desiludido . Não temos nada de outras fontes?

Outras fontes aludia a qualquer que trabalhasse para o Serviço de Segurança dentro da

embaixada russa. Quase sempre tinham a aoguiem, mas Holt não discutiria o tema por

telefone (encriptado ou não)

porque se havia algo que era imprescindível proteger nesse negócio era a identidade das

fontes. A falta de amparo podia lhes significar a morte.

Não, Bill, nada. Vania não falou por telefone a Moscou sobre o tema. Tampouco utilizou sua

linha segura de fax. No momento não temmos nenhuma cara, salvo a do tipo do pub, que bem

poderia ser um fiasco. Faz três meses fiz que um de meus homens cercasse uma conversação

com ele na barra. Falaram de futebol... é um fanático consuetudinário, conhece muito bem o

jogo e em nenhum momento revelou sua nacionalidade. Seu acento é perfeito. portanto, o tipo

da foto poderia ser qualquer, uma mera coincidência. Kirilenko é um profissional, Bill. Não

comete muitos enganos. Qualquer informação surta de esse encontro foi indubitavelmente

escrita e enviada por mensageiro.

Então, provavelmente temos um Ex-KGB rondando por

Londres, provavelmente com toda a informação de Moscou sobre nuestro Clark... e não

sabemos o que está fazendo nem o que se propõe.

Correto, Bill admitiu Holt . Não te direi que eu gosto, mas assim estão as coisas.

Conseguiu algo sobre contatos KGB-PIRA?

Temos algumas costure. Uma foto de outro tipo no Dublín faz oito anos e relatórios orais de

outros contatos, descrições físicas in384

cluidas. Algum que outro poderia ser o tipo da foto, mas as descripciones abrangem a um

terço da humanidade de sexo masculino e ainda não queremos fazer circular as fotos.

Tawney não necessitou que lhe dissesse por que. Cabia a possibilidade de que alguns

informantes do Holt jogassem a duas pontas, e nesse caso, lhes ensinar as fotos do pub só

serviria para alertar ao branco da investigação. O sujeito se voltaria mais cauteloso,

possivelmente trocava de aspecto, e as coisas piorariam em vez de melhorar. O seu era o mais

complexo dos jogos, recordou Tawney. E se todo o assunto não era mais que pura curiosidade

dos russos? Ganha de lhe seguir o rastro a um oficial de inteligência do outro bando? Diabos,

todo mundo o fazia.

Era parte normal do ofício.

O resultado final era que sabiam o que não sabiam... Não, pensou

Tawney. Nem sequer isso. Sabiam que não sabiam algo, mas não sabiam o que queriam

descobrir. O que significava esse sinal detectable de informação que tinha aparecido na olhe?

Para que é isto? perguntou Henriksen inocentemente.

É um sistema de refrigeração a base de névoa. Vocês nos o passaram disse Auckland.

Né? Não compreendo replicou o americano.

Um de nossos engenheiros o viu em... Arizona, acredito. Asperja uma névoa muito fina. As

minúsculas gotas absorvem a energia do calor e se evaporam na atmosfera. Tem o mesmo

efeito que um condicionador de ar, mas gasta muito pouca energia.

Aaah disse Henriksen, esforçando-se por demonstrar surpresa .

E o sistema está distribuído?

Só nos túneis e os campos de jogo. O arquiteto quis instalá-lo em todo o estádio mas a gente

se queixou. Disseram que interferiria com as câmaras e essas coisas respondeu Auckland . Se

parece muito à névoa autêntica.

OK. eu gostaria de lhe jogar uma olhada.

por que?

Bem, senhor, é uma excelente maneira de asperjar agentes químicos, não lhe parece?

Pergunta-a tomou à polícia por surpresa.

Bom... sim, suponho que sim.

Bem. Um de meus homens na empresa, ex-oficial do Regimento Químico do Exército dos

EUA, é perito nesta classe de coisas. graduou-se na MIT. Farei que revise os sistemas.

Sim, boa idéia, Bill. Obrigado disse Aukland, amaldiçoando-se por não havê-lo pensado

antes. Bom, para isso tinha contratado a um experto, não? E esse ianque parecia um

verdadeiro perito.

Faz muito calor aqui?

OH, sim, muito. Esperamos temperaturas da ordem dos noventa graus... Farenheit. supõe-se

que devemos pensar no Celsius, mas ainda não aprendi.

Sim, eu tampouco demarcou Henriksen.

385

De todos os modos, o arquiteto disse que era uma maneira troça de refrescar aos espectadores

e bastante fácil de instalar. alimenta-se do sistema de bocas de incêndio. Nem sequer utiliza

muita água. Faz um ano que o instalaram. Provamo-lo periodicamente. Uma

companhia

americano se encarrega de fazê-lo, neste momento não recordo o nome.

Cool-Spay do Phoenix, Arizona, pensou Henriksen. Tinha o desenho do sistema no arquivo

de seu escritório. Jogaria um papel crucial nos planos do projeto e tinha sido considerado um

presente de Deus do primeiro momento. Já tinham o lugar. Logo chegaria a hora.

Teve notícias dos britânicos?

Perguntamo-lhes, mas ainda não tivemos resposta respondiú Aukland . É um projeto muito

secreto, evidentemente.

Henriksen assentiu.

A política sempre se interpõe e, com um pouco de sorte, seguiria sendo assim.

Absolutamente disse Aukland, assentindo.

O detetive tenente Mario d Allesandro acendeu seu computador e acessou ao arquivo central

do NYPD. Seguro, Mary esta BannisterBA ali, e Anne Pretloe também. Logo escolheu um

menu de busca:

gênero, MULHER; idades, dezoito a trinta. O sistema gerou cuarenvocê e seis nomes, que o

detetive salvou em um arquivo especialmente criado com esse propósito. O sistema não

incluía fotos. Teria que ir a as buscar pessoalmente. No momento retirou da seleção os

nombres de dez garotas de Queens e Richmond; queria dedicar-se exclusivamente às

desaparecidas de Manhattan. O número se reduziu a veintuno. Logo retirou da seleção às

afroestadounidenses, porque, se tratava-se de uma assassina série, esses criminosos

geralmente escolhiam vítimas clonadas : o mais famoso de todos, Theodore Bundy, elegia

quase exclusivamente garotas que se penteavam com raia ao médio, por ejemplo. Bannister e

Pretloe eram brancas, solteiras, razoavelmente atractivas, idades vinte e um e vinte e quatro,

de cabelo escuro. Pensou que o leque de idades escolhido previamente seria adequado para

começar.

Por último, retirou da seleção todos os nomes que não encaixavam em o modelo.

Logo abriu o arquivo Jane Doe do departamento para ver os cadáveres recuperados de vítimas

que ainda não tinham sido identificadá. Conhecia a maioria dos casos. Duas delas encaixavam

nos prámetros, mas não eram Bannister nem Pretloe. portanto, estavam frenvocê a um buraco

negro. Isso era bom e mau de uma vez. As duas mulheres desaparecidas não estavam

comprobadamente mortas... isso era o buenão. Mas o assassino poderia haver-se desfeito

habilmente de seus cuerdetrás... os pântanos de Pulôver estavam perto (famoso esgoto de

cadáveres desde princípios de século).

Imprimiu sua lista de mulheres desaparecidas. Queria examinar to386

dois os arquivos em papel, fotos incluídas, com os dois agentes do FBI.

Pretloe e Bannister tinham ambas as cabelo acobreado, quase do mesmo comprimento.

Esse rasgo podia lhe bastar a uma assassina série... mas não, Bannister todavia seguia com

vida a julgar pelo e-mail... a menos que o assassino serial somasse a sua maldade intrínseca a

perversão de martirizar às famílias de suas vítimas. D Alessandro nunca se cruzou com um

desses, mas as assassinas séries eram uns bastardos seriamente enfermos e era impossível

predizer o que eram capazes de fazer para davavertirse um pouco. Se um desses miseráveis

estava solto em Nova Iorque, não só o FBI queria lhe jogar a garra. Que bom que o estado

de

Nova Iorque tivesse finalmente pena de morte...

Sim, vi-o lhe disse Popov a seu chefe.

Sério? perguntou John Brightling . A que distância?

Quase tão perto como estamos agora, senhor replicou o russo .

Não foi intencional, mas aconteceu. É um homem maciço e poderoso. Seu

esposa é

enfermeira no hospital comunitário local, e têm uma filha médica, casada com um integrante

do comando, que trabalha no mesmo hospital. A Dra. Patricia Chávez. Seu marido é

Domingo Chávez, também oficial de campo da CIA, atualmente destinado ao comando

Rainbow. Provavelmente seja o líder. Clark e Chávez são oficiais da

CIA. Clark esteve envolto no resgate da esposa e a filha do ex diretor da KGB faz uns anos...

Imagino que recordará a notícia.

Bom, Clark foi quem as ajudou a escapar do território soviético. También participou do

conflito com o Japão e foi responsável pela morte do Mamoud Haji Daryaei no Irã. Chávez e

Clark têm muita experiência e são dois oficiais de inteligência muito capazes. Seria perigoso

subestimá-los concluiu Popov.

OK, o que nos diz tudo isto?

Diz-nos que Rainbow é o que parece: um grupo antiterrorista multinacional ativo em toda a

Europa. Espanha é membro da OTAN, mas Austria e Suíça não o são. Poderiam então

expandir suas operações a outros países? Certamente, sim. São uma séria ameaça para

qualquer operação terrorista. Não se trata precisamente prosseguiu

Popov de uma organização a que eu gostaria de me enfrentar. Havemos visto por televisão

sua destreza em operações de combate . Além disso, contam com apoio técnico e de

inteligência de primeríssima qualidade.

Ambos os aspectos logísticos são inseparáveis.

OK. Já sabemos quem som. Há alguma possibilidade de que eles conheçam nossa existência?

perguntou o Dr. Brightling.

É possível, embora improvável opinou Popov . Se esse fosse o caso, os agentes do FBI viriam

a prendê-lo, e a mim também, por conspiração criminal. No momento, ninguém me rastreia

nem me segue.

Bom, ao menos isso acredito. Sei o que procurar e até o momento não vi nada alarmante, mas

também devo admitir que um perito poderia-se³⁸⁷

guir-me sem que o advertisse. É difícil, já que sou um profissional da contravigilância, mas

teoricamente possível.

Brightling ficou perplexo. Popov acabava de admitir que não era perfeito. Seus ex-

supervisores da KGB o teriam sabido de antemão e aceito como um risco próprio do negócio

de inteligência... mas CAbíam recordar que tampouco corriam perigo de ser presos e perder os

trilhões de dólares que cimentavam seu poder pessoal.

Que riscos corremos?

refere-se aos métodos que poderiam usar contra você...?

gesto afirmativo . Bom, poderiam cravar seus telefones, gravar as conversações Y...

Meus telefones estão encriptados. supõe-se que o sistema é a prova de intrusos. Meus

consultores dizem que...

Popov levantou a mão para interrompê-lo.

Senhor, realmente acredita que seu governo permite a fabricação de sistemas de encriptado

que ele não possa violar? perguntou, como se estivesse-lhe explicando algo a um menino . A

Agência de Segurança Nacional no Fort Meade tem alguns dos matemáticos mais brilhantes

do mundo, e os computadores mais capitalistas do mundo... e se o CABen duvida de quão

arduamente trabalham, só tem que lhe jogar um vistazo à praia de estacionamento.

Né? Como é isso?

Se às sete da tarde o estacionamento está cheio, quer dizer que estão trabalhando muito em

algo. Todos têm automóvel em seu país, e os estacionamentos são geralmente muito grandes

para psar despercebidos. É a maneira mais fácil de controlar o grau de atividade das agências

de seu governo e se a gente estava realmente interessado, averiguava uns quantos nomes e

direções para conhecer a marca dos automóveis e as patenteie. Fiel a esse método singelo, a

KGB lhe tinha seguido os passos ao chefe do grupo Z da ASN (grupo consagrado a violar e

criar sistemas e códigos de encriptado) durante mais de uma década (e indubitavelmente a

renascida RVS estaria haciendou o mesmo na atualidade). Popov sacudiu a cabeça . Não, eu

não confiaria em um sistema de codificação comercial. Tenho minhas dúvidas sobre os

sistemas que utiliza o governo russo. Os americanos som muito hábeis para interceptar

sistemas cifrados. Sempre o foram, desde antes da Segunda guerra mundial, e além disso

estão aliados com os britânicos, que também têm uma tradição de excelência nesse item.

Ninguém o disse jamais? perguntou surpreso.

Bem... não. Disseram-me que o sistema que tenho aqui não pode ser violado porque tem 128

bit...

Ah, sim, o STU-3 padrão. Seu governo o utilizou durante vinte anos aproximadamente. Agora

o trocaram pelo STU-4. Acaso crie que o trocaram porque tinham vontades de gastar

dinheiro, Dr. Brightling?

Não lhe parece que dever haver outra razão? Quando trabalhava para a

KGB tinha um sistema de encriptado que se usava uma só vez, composto por trasposiciones

infelizes. É inviolável, mas tedioso de usar.

388

Enviar uma só mensagem pode levar horas. Infelizmente é muito difícil de usar para

comunicações verbais. Seu governo tem um sistema chamado TAP-DANCE, cujo conceito é

similar ao do nosso, mas jamais conseguimos copiá-lo.

Então, está-me dizendo que alguém poderia estar escutamdo todas minhas chamadas

telefônicas?

Popov assentiu.

É obvio. por que acredita que insisti em que nos víssemos pessoalmente para todas nossas

conversações substanciais? Agora sim estava shockeado, comprovou Dimitri. O gênio era um

bebê com os fraldas molhados . Agora bem, não lhe parece que já é hora de me dizer por que

executei essas missões para você?

Sim, ministro... excelente... obrigado dizia Bob Aukland por seu telefone celular. Pulsou o

botão END, guardou o aparelho no bolso e olhou ao Bill Henriksen . Boas notícias. Esse

comando Rainbow También deverá revisar nossos sistemas de segurança.

Ah, sim? comentou Henriksen . Bom, suponho que não lhe fará mau a ninguém.

Parece-lhe intrusivo?

Não, em realidade não mentiu o americano . Probablemenconheço-te alguns deles, e eles a

mim.

E manteremos o trato com você, Bill disse o australiano.

Foram a seu carro, e logo a um pub, para beber umas cervejas antes de levar a americano ao

aeroporto.

Carajo, pensou Henriksen. A Lei de Conseqüências Não Intencionales novamente se erguia

para lhe morder o culo. Sua mente se disparó, mas logo se autopersuadió de que a presença do

Rainbow não tinha a menor importância... sempre e quando ele fizesse bem sua trabalho.

Inclusive poderia lhe ser útil, pensou, quase acreditando-o.

Não podia dizer-lhe ao Popov, estava seguro. Confiava nele diablos, o que sabia esse russo

podia levá-lo ao cárcere, inclusive à pena de morte , mas lhe dizer a verdade nua? Não, não

podia correr esse riesgo. Não conhecia a opinião do Popov sobre o medioambiente e a

naturalidade. Não podia prever sua reação ao projeto. Popov lhe resultava perigoso de muitas

maneiras, como um falcão treinado mas com vontade própria, concordava em matar um

camundongo ou um coelho, talvez, mas nunca completamente dele, sempre disposto a voar

longe e retomar a vida selvagem... E se era livre para fazer isso, também era livre para dar

informação a outros. Não pela primeira vez, Brightling pensou em deixar que Bill

Henriksen se fizesse cargo de seu potencial problema. Ele sabia como.

Seguro, o ex-investigador do FBI sabia como investigar um assassinato...

389

e portanto como desorientar os investigadores e fazer desaparecer esse pequeno problema de

aspecto russo.

Vantagens, pensou Brightling imediatamente. Que mais podia fazer para melhorar a

segurança de sua posição e seu projeto? Se o Rainbow era um problema, não conviria atacá-lo

diretamente? Destruí-lo em o melhor dos casos, ou, no pior, distraí-lo, obrigá-lo a olhar para

outra parte?

Primeiro tenho que pensá-lo, Dimitri disse por fim.

Popov assentiu discretamente, perguntando-se que pensamentos teriam cruzado a mente de

seu empregador durante os quinze segundos que se deu para considerar a pergunta. Chegou-

lhe o turno de preocupar-se. Acabava de lhe informar ao John Brightling os perigos operações

de utilizá-lo a ele, Popov, para preparar os atentados, e sobre todo a deficiência de segurança

em suas comunicações. Isto último tinha-o assustado. Talvez teria que haver o advertido

antes, mas o tema nunca tinha surto Y... Dimitri compreendeu que havia cometido um muito

grave engano. Bom, talvez não fora tão grave. A segurança operativa não era tão má. Só duas

pessoas sabiam o que acontecia...

bom, provavelmente Henriksen também. Mas era um ex-agente do

FBI e, de ter sido informante, já estariam tudo no cárcere. O FBI contaria com toda a

evidência necessária para investigá-los e julgá-los, e não permitiria que as coisas seguissem

avanzando... a menos que espeeestrinha descobrir uma conspiração criminal de maior

envergadura...

Mas o que podia ter maior envergadura que conspirar para o COcolocar assassinatos? Não, a

segurança era boa. E embora o governo americano possuía a capacidade técnica de

decodificar as linhas lhelefónicas supostamente seguras do Brightling, para

poder as gravar

necessitava uma ordem judicial, e para isso necessitava evidência, e a evidência só bastaria

para condenar a morte a várias pessoas. Eu mesmo incluído, recordou Popov.

O que está acontecendo aqui? perguntou-se o russo. O que estava fazendo seu empregador,

fora o que fosse, era maior que um assassinato maciço. Que diabos podia ser? O mais

preocupam-se de tudo era que tinha aceito as missões com a esperança realizada, sem dúvida

de tirar uma boa fatia de dinheiro. Já tinha mais de um milhão de dólares em sua conta

bancária na Berna. O suficiente para retornar a a Mãe a Rússia e viver muito bem... mas não o

suficiente para o que de verdade queria. Era estranho descobrir que um milhão (palavra

mágica que descrevia um número mágico), quando um por fim o tinha, não era tão mágico.

Era só uma quantidade a que terei que lhe subtrair todo o que um queria comprar. um milhão

de dólares americanos não o alcançavam para comprar a casa que queria, o carro que queria, a

comida que queria... nem tampouco para manter o estilo de vida que desejava para o resto de

seus dias... salvo na Rússia (provavelmente), onde (infelizmente) não desejava viver. Visitá-

la, sim; ficar, não. E assim, Dimitri também estava apanhado.

Apanhado no que? Não sabia. Ali estava, sentado frente a ao390

guiem que, como ele, tentava chegar a uma conclusão... sem obtê-lo.

Um deles sabia o que estava passando e o outro não... mas o outro sabia como fazer que

passassem as coisas, e um não. Era um impasse interessante e até certo ponto, elegante.

E assim passaram mais de um minuto, olhando o um ao outro, sem saber o que dizer... e

relutantes a correr o risco de dizer o que queriam.

Finalmente, Brightling rompeu o silêncio.

Realmente preciso pensá-lo. Concederá-me um ou dois dias para fazê-lo?

Certamente.

Popov se levantou, estreitou-lhe a mão e saiu do escritório. Jogador acostumado durante mais

da metade de sua vida do mais interessante e faslhe jantem dos jogos, acabava de compreender que estava jogando a outra coisa, segundo novos parâmetros. Tinha embolsado

uma grande soma de dinheiro... soma corriqueira para seu empregador, por outra parte. Estava

envolto em uma operação cuja importância superava a de um agarrasinato maciço. De todos

os modos, não era tanta novidade para ele, refletiu

Popov. Tinha servido a uma nação acossada pelo inimigo e finalmente vitorioso Império do

Mal... e aquela guerra fria tinha superado amplamente os alcances de um assassinato maciço.

Mas Brightling não era uma nação, e por muito grandes que fossem seus recursos, eram

minúsculo comparado-los com os de qualquer país desenvolvido. A grande pergunta permanecia-ta

sem resposta: que diabos queria obter esse homem? E por que necessitava os serviços do

Dimitri Arkadeyevich Popov para obtê-lo?

Henriksen tomou o voo do Qantas com destino a Los Angeles.

Passaria a maior parte do dia em seu assento de primeira classe. Tinha tempo de sobra para

considerar o que sabia.

O plano das Olimpíadas estava virtualmente em marcha. O sistema de refrigeração por névoa

já estava instalado, o qual era simplesmente perfeito para os propósitos do projeto. Um de seus

homens revisaria o sistema e o último dia ocuparia seu posto para o último passo (a aspersão

do vírus). Assim de simples. O contrato o habilitava para obter seus objetivos. Mas agora

esses tipos do Rainbow colocariam a nariz no assunto. até que ponto seriam intrusivos?

Maldição, impossível sabê-lo. No pior dos casos, era possível que uma pequenez desbaratasse

por completo o plano. Quase sempre ocorria assim. Sabia de sua época no FBI.

Um

patrulheiro ou um policial que passavam por casualidêem podiam abortar um roubo planejado

até o último detalhe. Ou, já na fase de investigação, a memória inesperadamente aguda de um

transeúnte ou um comentário casual feito pelo sujeito a um amigo podiam chegar para

ouvidos do investigador adequado e resolver um caso. Buum, assim de simples... tinha

ocorrido um milhão de vezes. E a avalanche sempre devia esmagar ao outro bando, não?

Por conseguinte, desde sua perspectiva, devia eliminar a inter391

vención do azar. Tinha estado muito perto de fazê-lo. O conceito operativo era brilhante... e

lhe pertencia de raiz. John Brightling só havia contribuído os recursos. Os atentados

terroristas na Europa haviam dêempertado a consciência internacional e isso lhe tinha

permitido conseguir o contrato de supervisão dos sistemas de segurança para as Olimpíadas.

Mas logo esse maldito Rainbow havia resolvido três atentados importantes... e quem era o

imbecil que tinha instigado o terceiro? e os australianos lhes tinham pedido que fossem jogar

um vistazo. Se o faziam, provavelmente estariam pressentem durante os Jogos...

e se pensavam em armas químicas, encontrariam o sistema perfeito para as

utilizar Y...

Muitas incógnitas, pensou Henriksen. Muitas. Demasiadíssima coisas deviam andar mal para

abortar o projeto. Esse pensamento consolou-o. Talvez lhe conviria reunir-se com os tipos do

Rainbow e afastá-los persuasivamente da ameaça. depois de tudo, tinha um perito em armas

químicas e eles não (provavelmente), e isso lhe dava vantagem, não? Com um pouco de

inteligência, seu perito poderia fazer seu trabalho frente aos narizes do Rainbow... sem ser

visto. Para isso estavam os planos, não?

te relaxe, disse-se. A aeromoça lhe ofereceu um gole e pediu outra taça de uísque. te relaxe. Mas

não, não podia relaxar-se. Tinha muita experiência como investigador para aceitar a mera

possibilidade de intervenção do acaso sem medir as possíveis consequências. Se detinham seu

homem, inclusive por engano, o projeto correria perigo. E isso implicaria mais que um

fracasso. No melhor dos casos, prisão de por vida... algo que não estava preparado para

aceitar. Não, estava consagrado ao projeto por mais de uma razão. Em primeiro lugar, sua

missão era salvar o mundo... e em segundo lugar, queria estar ali para gozar o que tinha

ajudado a salvar.

Por isso, os riscos de toda classe e/ou magnitude eram inaceitáveis.

Tinha que encontrar a melhor maneira de eliminá-los. A chave era o russo, Popov. perguntou-

se o que teria averiguado em sua viagem ao Inglaterra. Contando com a informação correta

poderia desenhar um plano para obstruir ao Rainbow. Interessante, verdade? Reclinou o

assento e escolheu um filme para dissimular. Sim, decidiu dez minutos depois, com a

informação correta e as vantagens corretas... o plano funcionaria.

Popov estava jantando sozinho em um restaurante de segunda ao sul de

Manhattan. A comida era boa, embora o lugar parecia contar com os serviços de limpeza

noturnos de uma turma de ratos. Mas o vodka era excelente e, como de costume, um par de

goles o ajudaram a pensar melhor.

O que sabia do John Brightling? Bom, era um gênio científico e um hábil negociante. Tinha

estado casado com uma mulher igualmente brilhante, atualmente assessora científica da

presidência, mas o Matrimônio terminou mau... e agora seu empregador saltava de cama em

cama

e era um dos solteiros mais cobiçados dos EUA (tinha a fortuna imprescindível e sua foto

aparecia com frequência nas páginas sociais, coisa que certamente incomodaria a seu ex

alguém).

Tinha boas conexões entre a gente com acesso a assuntos classificados. O grupo Rainbow

estava evidentemente em negro, mas ele tinha conseguido seu nome e o de sua comandante

em um dia. Em um só dia. Impressionante. Assombroso. Como carajo o tinha obtido?

E estava em uma operação cujas implicações eram mais graves que as de um assassinato

maciço. Uma vez mais lhe obstruiu a mente.

Era como caminhar por uma rua lotada e topor-se com uma parede densa. O que podia fazer

um empresário que fora mais grave que isso?

Mais importante que arriscar sua liberdade e sua vida? Se era mais grave que um assassinato

maciço, acaso o plano contemplaria um assassinato maior? Mas com que propósito? Iniciar

uma guerra, talvez, mas não era chefe de Estado e, por conseguinte, não podia declarar a

guerra.

Brightling era um espião que conseguia informação classificada de segurança para um

governo estrangeiro...? Mas em troca do que? E como se fazia, governo ou não governo, para

subornar a um billonario? Não, o dinheiro estava fora de questão. O que ficava então?

Havia um clássico acróstico inglês que revelava os possíveis motivos de traição contra a terra

natal: BALANÇA (RATOS). Dinheiro (Money),

Ideologia, Consciência e Ego. O dinheiro estava fora de questão.

Brightling tinha muito. A ideologia estava acostumada ser a melhor motivação dos

traidores/espías... Era mais fácil que alguém se jogasse a vida por suas crenças que por lucro,

mas que ideologia podia ter Brightling?

Popov não sabia. Consciência. Mas consciência do que? Que esta malBA tratando de corrigir?

Difícil de encontrar, não? Ficava o ego. Buenão, Brightling tinha um ego poderoso, mas o ego

justificava a venhamza contra alguma pessoa ou instituição mais capitalista que o houvesse

maltratado. Quem poderia ferir o billonario John Brightling, e tanto que seu êxito material

não fora medicina suficiente para estancar a heijoga a rede? Pediu outro vodca. Essa noite

voltaria em táxi a seu departamento.

Não, o dinheiro estava fora de questão. O ego também. Ficavam a ideologia e a consciência.

Que crenças, que males podiam motivar a um homem a cometer assassinatos em grande

escala? Brightling não era um fanático religioso nem estava abertamente insatisfeito com seu

país. O dinheiro e o ego estavam indubitavelmente fora de questão e, embora a ideologia e a

consciência eram igualmente improváveis, Popov não as eliminava porque... porque? Porque

só tinha quatro motivos posibles, a menos que Brightling estivesse completamente louco. E

não era o caso, verdade?

Não, disse-se Popov. Seu empregador não estava desequilibrado mentalmente. Pensava

exaustivamente todos seus atos, e embora sua perspectiva particularmente em questões de

dinheiro diferia em muito da sua... Bom, a diferença era compreensível. Tudo era questão de

perspectiva... um milhão de dólares era para o John Brightling o que cinquenta centavos de

dólar para o Dimitri Arkadeyevich Popov. Então³⁹³

ele poderia ser uma espécie de louco que...? Como um chefe de Estado, um novo Saddam

Hussein ou Adolf Hitler ou Josef Vissarionovich Stalin...

Mas não, não era chefe de Estado e não tinha aspiração de sê-lo, e só esses homens

cultivavam essa classe de loucura.

Popov tinha visto toda classe de curiosidades durante sua carreira na KGB.
Tinha competido

com adversários de primeira classe e jamais tinham-no apanhado, jamais tinha
fracassado em

uma missão. portanto, considerava-se um tipo inteligente. Mas isso só servia
para aumentar

sua frustração. Tinha mais de um milhão de dólares em um banco do Berna.
Tinha o

propósito de conseguir mais dinheiro ao seu devido tempo. Hábía planejado duas
missões

terroristas que cumpriram seus objetivos... ou não? Seu empregador
evidentemente pensava

que sim, a pesar do abjeto fracasso tático de ambas. Cada vez sabia menos.
quanto mais

refletia, menos sabia. E quanto menos sabia, mais descontente se sentia. mais de
uma vez lhe

tinha perguntado a seu empregador o motivo de seus actividade, mas Brightling
se negava a

revelá-lo. Tinha que ser algo muito grande... mas que carajo era?

Começaram a praticar os exercícios respiratórios. Ao Ding pararecuam
entretidos, mas

também sabia que eram necessários. Embora Patsy era alta e flexível, não era
uma atleta

como ele e precisava exercitar a respiração para facilitar a saída do bebê.
sentaram-se no piso

de seu casa com as pernas abertas e começaram a inalar e exalar como se
queriam destruir a

morada de um porco mitológico... e Ding teve que fazer um esforço para não rir.

Respira profundo, Pats disse Domingo logo depois de tomar o tiemcorreio da contração

imaginária. Tomou a mão e se inclinou para bsarla . Como vai isso, neném?

Estou preparada, Ding. Só quero que acontecer termine.

Está preocupada?

Bom respondeu ela , sei que me vai doer um pouco e me gostaria que já tivesse passado,

sabe?

Sim Ding assentiu. A antecipação de um fato desagradável gneralmente era pior que o fato

mesmo, ao menos no aspecto físico.

Ele sabia por experiência, mas ela não. Ainda. Talvez por isso o segundo parto estava

acostumado a ser mais fácil que o primeiro. A gente sabia que esperar, sabia que embora era

difícil o superaria... e que ao final de tudo teria um bebê nos braços. Essa era a chave de tudo

para Domingo.

Ser pai! Ter um filho, iniciar a maior de todas as aventuras, criar uma nova vida, fazer o

melhor possível, cometer alguns enganos mas aprender deles, e oferecer à sociedade um novo

cidadão cabeça de gadoponsable. Isso era ser homem, estava seguro. Ah, claro, levar uma

arma e fazer seu trabalho também era importante... dado que era um guardião da sociedade,

um corregedor de maus, um protetor de inocentes, uma das forças da ordem que sustentava a

civilização... Mas esta era sua oportunidade de envolver-se pessoalmente na civilização: criar

hi394

jos moralmente sãs e educá-los e guiá-los para fazer O Correto, inclusive às três da

madrugada e médio dormido. Talvez o menino fora agente secreto/militar como ele, talvez,

melhor ainda, médico como

Pats, parte importante e boa da sociedade, consagrado ao serviço de outros. Mas isso só

passaria se Pats e ele faziam bem seu trabalho, e essa era a responsabilidade maior que podia

assumir um ser humano. Domingo não via a hora, desejava ter a seu bebê em braços, beijá-lo

e mimá-lo, lhe trocar as fraldas e lhe limpar a colita. Já lhe havia construído um berço,

decorado as paredes de seu quarto com coelhinhos rosados e celestes e comprado montões de

brinquedos para distrair à besteirinha... E embora todas essas coisas pareciam incongruentes

com sua vida habitual, ele e seus companheiros do Rainbow sabiam que não era assim,

porque todos tinham filhos e compreendiam o compromisso moral e afectivo que implicava.

Eddie Price tinha um menino de quatorze anos, um pouco rebelde e decididamente teimoso

(provavelmente muito parecido a seu pai a sua mesma idade), mas também brilhante,

cuestionador e decidiu a procurar suas próprias respostas (que encontraria a seu devido

tiempo, igual a seu pai). O menino tinha a palavra soldado escrita no corpo, pensou

Ding... mas, com um pouco de sorte, primeiro iria a penetrar e se faria oficial (coisa que Price

teria que ter feito, e seguramente tivesse feito nos Estados Unidos). Mas ali o sistema era

diferente e Price se converteu em um excelente sargento maior, emano direita do Ding,

sempre preparado para oferecer opções e disposto a executar suas ordens à perfeição. Sim,

havia muito que fazer e muito que esperar, disse-se Ding, ainda com a mão do Patsy entre as

delas.

Tem medo?

Medo não, estou um pouco nervosa admitiu ela.

Querida, se fosse tão difícil, não haveria tanta gente no mundo.

Isso dizem os homens protestou Patsy . Para vocês é fácil falar. Não têm que fazê-lo.

Estarei ali para te ajudar prometeu seu marido.

Mais te vale!

395

CAPÍTULO 23

VIGILÂNCIA ESTRITA

Quando Henriksen chegou ao aeroporto internacional JFK apenas sentia o corpo, como se o

tivessem espancado, parecido e mutilado anvocês de jogá-lo no tacho de lixo... Era de esperar.

Tinha cruzado literalmente meio planeta em um dia e seu relógio interno estava confundido,

furioso e vingativo. Durante toda a semana se sentiria alerta e dormitado a horas bizarras, mas

era inevitável. Um par de pílulas e uns goles o ajudariam a descansar quando fora necessário.

O empleado que o estava esperando recolheu sua bagagem de mão sem dizer palavra e se

dirigiu ao setor de reclamação de bagagem onde, graças ao céu, sua valise foi a quinta do

carrossel. Imediatamente abandonarum o terminal e tomaram a auto-estrada rumo a Nova

Iorque.

Que tal a viagem?

Conseguimos o contrato lhe contou Henriksen. O empregado não era parte do projeto.

Que bom disse o empregado, sem saber quão bom era... e o mau que seria para ele.

Henriksen afrouxou seu cinto de segurança e se recostou para dêcansar um pouco durante o

trajeto, pondo fim à conversação.

Então, o que temos? perguntou o agente do FBI.

Até o momento, nada replicou D Alessandro . Tenho outra garota provavelmente desaparecida, vive no mesmo setor da ciudêem, aspecto e idade similares, etcétera.

Desapareceu na mesma época que Bannister. chama-se Anne Pretloe, é secretária jurídica, e

desapareció da face da Terra.

Jane Does? perguntou o federal.

Tudo concorda. Moços, devemos considerar a possibilidade de ter uma assassina série solta

na área...

Mas como se explica o e-mail?

Concorda com os outros e-mail que a senhorita Bannister o enviou a seu pai? perguntou o

detetive.

Não muito admitiu o agente do FBI . O que levou a oficina do Gary parece... bom, cheira a

drogas, sabem?

Penso o mesmo disse D Alessandro . Tem algum outro?

Aqui O agente lhe entregou seis cópias enviadas por fax à escritório de Nova Iorque. O

detetive as leu. Eram perfeitamente gra396

maticales e organizadas, não lhes faltavam letras nem tinham enganos de ortografia.

E se não o tivesse enviado ela? Se o tivesse enviado outra pessoa?

A assassina série? perguntou o agente mais jovem. Pensou-o um pouco, e sua cara refletiu

instantaneamente seus pensamentos . Teria que estar muito doente, Mario.

Sim, claro. Mas as assassinas séries não são boy scouts, recuerdão?

Atormentar às famílias? Sabem de algum que haja o heicho? perguntou o mais velho.

Não que eu saiba, Tom, mas, o homem propõe...

Mierda o interrompeu o mais velho, Tom Sullivan.

Chamo ciências do Comportamento? perguntou o mais jovem, Frank Chatham.

Sullivan assentiu.

Sim, por algo terá que começar. Chamarei o Pat Ou Connor. Próximo passo: imprimir

volantes com a foto da Mary Bannister e fazê-los correr pelo West Sede. Mario, pode nos

conseguir a cooperação de seu genlhe?

Claro. Se isto for o que parece, quero apanhá-lo antes de que bata nenhum recorde. Não em

minha cidade, moços concluiu o detectivê.

vais provar novamente com o Interleukin-3a? perguntou

Barbara Archer.

Sim Killgore assentiu . Se supõe que o Interleukin-3a amplia o sistema imunológico, mas não

sabem como. Eu tampouco, mas débitomos averiguar se tiver algum efeito.

E as complicações pulmonares? Um dos problemas do

Interleukin era que atacava a malha pulmonar, também por razões desconhecidas, e podia ser

perigoso para fumantes e pessoas com próblemas respiratórios.

Gesto afirmativo.

Sim, já sei, como o Interleukin-2, mas F4 não é fumante e quero me assegurar de que

Interleukin-3a não comprometa a Shiva. Não podemos correr o risco, Barb.

De acordo observou Archer. Como Killgore, não acreditava que essa nova versão do

Interleukin servisse para nada, mas todas as suposiciones deviam confirmar-se . E o

Interferon?

Os franceses vêm provando-o com a febre hemorrágica dêde faz cinco anos, sem resultados.

Também podemos prová-lo, mas não passará nada, Barb.

De todos os modos, provemo-lo em F4 sugeriu.

Bom Killgore anotou algo no formulário e saiu. Um minuto depois apareceu no monitor.

Olá, Mary. Como se sente esta manhã? Melhor?

Não a garota sacudiu a cabeça . O estômago me segue doliendou muito.

OH, sério? Vejamos o que podemos fazer o caso avançava rapidamente. Killgore se

perguntou se a moça teria alguma anormalidad genética no aparelho digestivo, talvez certa

propensão à úlcera péptica? De ser assim, Shiva a devoraria em segundos. Aumentou o dosaje

de morfina . OK, agora vamos aplicar lhe dois medicamentos novos. dentro de dois ou três

dias estará bem, de acordo?

São os que autorizei que me aplicassem? perguntou fracamente

F4.

Sim, assim é replicou Killgore, pendurando os recipientes do Interferon e Interleukin-3a no

suporte . Isto a fará sentir-se muitíssimo mejor prometeu com um sorriso. Era tão estranho

lhes falar com os ratos de laboratório. Bom, como dizia muitas vezes, um rato era um porco,

era um cão, era uma... garota, neste caso. Realmente não havia muita diferença, verdade?

Não, concluiu. O corpo da jovem se relaxou pela morfina e seus olhos perderam focalización.

Bom, essa era uma diferenCIA. Aos ratos não davam sedativos nem narcóticos para lhes

acalmar o dor. Não porque não quisessem, simplesmente não havia maneira de aliviá-las.

Nunca lhe tinha gostado de ver perder seu brilho a esses ojitos vermelhos...

e muito menos vê-los refletir a dor. Bom, neste caso, o torpor refletia o momentâneo alívio da

dor.

A informação era muito interessante, pensou Henriksen, e o russo sabia o que fazia. Tivesse

sido um bom agente na Divisão de

Contrainteligencia Estrangeira... mas bom, em certo modo o havia sido, só que para o outro

bando, é obvio. Recordou o que havia pensado no vôo do Qantas.

Dimitri lhe perguntou , tem contatos na Irlanda?

Popov assentiu.

Sim, uns quantos.

Henriksen olhou ao Dr. Brightling, quem assentiu sem dizer uma palavra.

Gostariam de meter-se com o SEJA?

A possibilidade se discutiu muitas vezes, mas não é viável.

É como mandar a um ladrão de bancos a um banco vigiado... não, não é isso. É como enviar

ao ladrão à agência governamental que imprime os bilhetes. Há muitas vantagens defensivas

que garantem o fracasso da missão.

Mas não teriam por que ir ao Hereford, não lhe parece? Poderíamos fazê-los sair de sua

guarda e lhes preparar uma pequena surpresa...

explicou Henriksen.

Era uma idéia muito interessante em opinião do Popov. Mas:

Segue sendo uma missão muito perigosa.

Muito bem. Qual é o estado atual do IRA?

Popov se respaldou em sua cadeira.

398

Estão muito dispersos. Há várias facções. Uns querem a paz.

Outros querem que continuem os desórdenes. Ambos têm razões de ordem ideológica e

pessoal. Principalmente de ordem ideológica, porque acreditam sinceramente no objetivo

político de derrocar ao governo britânico da Irlanda do Norte e o governo republicano do

Dublín e estabelecer um governo progressista socialista. Como objetivo é demasiado

ambicioso para um mundo prático, não obstante acreditam nele e a ele se atienem. São

marxistas comprometidos... para falar a verdade, mais maoístas que marxistas, mas isso não

tem importância neste momento.

E o aspecto pessoal? perguntou Brightling.

Quando a gente é revolucionário, não só é coisa de fé mas também também de percepção

popular. Para muita gente, um revolucionário é um personagem romântico, alguém que acredita

em determinada idéia do futuro e está disposto a dar sua vida por ela. dali seu status social.

Quem conhecem-nos, geralmente os respeitam. portanto, a perda disso status prejudica ao

revolucionário. Deve começar a trabalhar para ganhar a vida, conduzindo caminhões ou o que

seja capaz de fazer Y...

Tal como aconteceu com você quando foi exonerado da KGB, em outras palavras demarcou

Henriksen.

Popov teve que assentir sumisamente.

Em certo sentido, sim. Como oficial de campo desta Segurança tinha um status e uma

importância que muito poucos compartilhavam na

União Soviética, e perdê-los foi mais doloroso para mim que a perda de meu modesto salário.

Suponho que estes marxistas irlandeses sentirão o mesmo. E portanto têm dois motivos para

querer que continuem os desórdenes: sua ideologia política e sua necessidade de reconhecimento pessoal, de ser mais que vulgares e silvestres trabalhadores.

Conhece alguns deles? perguntou Henriksen.

Sim, provavelmente possa identificar a vários. Conheci muitos no Vale do Bekaa, em Líbano,

onde se treinavam com outros elementos progressistas. E em uma ocasião viajei a Irlanda para

entregar mensagens e dinheiro para respaldar suas atividades. As operações do

IRA envolviam grandes segmentos do exército britânico e, portanto, a URSS estava

encantada de distrair a um de seus maiores inimigos da OTAN Popov concluiu seu discursos e

olhou a seus dois interlocutores cabeça de gado . O que queriam que fizessem?

Não importa tanto o que, a não ser como lhe respondeu Bill . Sabe, quando estava no FBI

estávamos acostumados a dizer que o IRA tinha os melhores terroristas do mundo.

Dedicados, inteligentes e manifestamente perversos.

Estou de acordo com essa valoração. Estavam muito bem organizados, eram ideologicamente

fortes, e estavam dispostos a fazer qualquer costure que tivesse impacto político.

O que opinariam desta missão?

Qual missão? perguntou Popov, e Bill lhe explicou o conceito básico. O russo escutou cortês

e sesudamente antes de responder: Eles gostaria, mas o alcance e os perigos são muito

grandes.

O que pediriam para cooperar?

399

Dinheiro, armas, explosivos, tudo o que necessitam para levar a cabo uma operação. A briga

entre facções provavelmente haverá prejudicado sua organização logística. Indubitavelmente

a facção pacifista tenta controlar à facção violenta lhe restringindo o acesso às armas. Sem

armas, não podem realizar ações concretas e isso vai em deterioro de seu já maltratado

prestígio. portanto, se lhes oferecerem os médios para levar a cabo operações, escutarão seu

plano com muita atenção.

Dinheiro?

O dinheiro serve para comprar coisas. As facções com as que vamos tratar devem carecer de

recursos regulares.

Contribuídos por? perguntou Brightling.

Por isso vocês chamam gradeado de amparo , acredito.

Correto confirmou Henriksen . Assim conseguem o dinheiro e as fontes estão provavelmente

controladas pelas facções pacifistas.

Então, quanto dinheiro será necessário, Dimitri? perguntou

Brightling.

Vários milhões de dólares, diria eu. Pelo menos.

Terá que estar muito bem lavado lhe advertiu Bill a seu chefe .

Eu posso ajudar.

Digamos cinco milhões...?

Acredito que alcançará disse Popov logo depois de pensá-lo um momento , mais o atrativo

psicológico de mesarle as barbas ao leão tão perto de sua guarida. Mas não posso lhes

prometer nada. Os irlandeses tomam suas próprias decisões, por motivos que me são alheios.

Quando poderia encontrar-se com eles?

Dois ou três dias depois de chegar a Irlanda respondeu Popov.

Compre já mesmo a passagem lhe ordenou John Brightling.

Um deles falou antes de desdobrar-se disse Tawney . Se chamava René. antes de viajar a

Espanha falou com uma noiva que tinha.

lhe remoía a consciência e se apresentou sozinha. Os franceses a entrevistaram ontem.

E? perguntou Clark.

E o propósito da missão era liberar o Carlos, mas André não disse em nenhum momento que

alguém as tivesse atribuído. De fato disse muito pouco, embora na entrevista apareceu o nome

de outro integrante da missão. Isso pensam os franceses. Agora estão investigando o nome.

A mulher em questão... bom, André e ela foram amigos, amantes durante um tempo, e

evidentemente confiava nela.

Bom, apresentou-se à polícia pelo assassinato da menina holandesa.

Os jornais de Paris lhe dedicaram muitas páginas ao crime e evidentemente a garota começou

a ter problemas de consciência. Conforme disse a a polícia, tentou fazê-lo desistir da missão

não sei se lhe acreditar e ele prometeu-lhe pensá-lo. Evidentemente não fez conta, mas os

franceses perguntam-se se teria tido a possibilidade de abandonar. Estão inte400

rrogando aos suspeitos de sempre. Talvez consigam algo concluyó Tawney, esperançado.

Isso é tudo? perguntou Clark.

E é muito, realmente comentou Peter Covington . É mucho mais do que tínhamos ontem e

permite que nossos amigos franceé sigam outras pistas.

Talvez admitiu Chávez . Mas por que saíram? Quem está soltando a esta banda de baratas?

Algo mais sobre os outros dois atentados? perguntou Clark.

Nada de nada replicou Tawney . Os alemães agitaram todos os vespeiros. Viram entrar e sair

automóveis diversos do imóvel Fürchtner/

Dortmund, mas ela era pintora e podiam ser clientes. Em qualquer caso, não há descrições dos

veículos, nem muito menos números de patente. O caso está morto, a menos que alguém se

presente ante a polícia e faça uma declaração.

Sócios conhecidos? perguntou Covington.

Todos entrevistados pelo BKA, sem resultado. Hans e Petra não eram famosos por sua

eloqüência. O mesmo pode dizer-se do Model e

Guttenach Tawney agitou as mãos em sinal de frustração.

Está aí fora, John disse Chávez . Posso cheirá-lo.

Coincido disse Covington . Mas a coisa é lhe pôr a mão em cima.

Clark franziu o cenho... mas conhecia o pano por suas épocas de agente secreto. A gente

queria informação, mas com apenas querê-la não alcançava.

As coisas apareciam quando lhes desejava muito, no momento menos pensado. Assim de

simples, e de enloquecedor, especialmente quando a gente sabia que estava ali e sabia que a

necessitava. Com um poquito de informação, Rainbow poderia soltar às forças policiais de

algum país, que apanhariam aos miseráveis e os assariam a fogo lento até obter o que

necessitavam. O melhor seria contar com os alemães ou os franceses (não tinham as restrições

legais impostas por americanos e britânicos a suas forças policiais). Mas não era uma boa

maneira de pensar, e os do FBI geralmente conseguiam que mais de um vomitara tudo o que

sabia... embora tratavam a todos os criminosos com guantes de seda. Até os terroristas

cantavam como passarinhos... bom, os irlandeses não, recordou John. Alguns desses bastardos

eram incapazes de dizer búuu e até de pronunciar seu próprio nome. Bom, havia maneiras de

dirigir semelhante obstinação recalcitrante. Era questão de tirá-los do discurso político e lhes

inocular medo a Deus... e à dor.

Geralmente funcionava... sempre no caso do John Clark. Mas, primeiro, terei que ter com

quem falar. Isso era o mais difícil.

Como oficial da CIA tinha realizado missões em lugares longínquos e incômodos, e muitas

vezes as missões foram abortadas ou, o que é pior, postas por falta ou perda de

informação. Tinha visto morrer a três homens e uma mulher por esse motivo, em quatro

lugares diferentes, todos detrás da Cortina de Ferro. Quatro pessoas cujos rostos conhecia,

perdidas, judicialmente assassinadas por seus países de

401

origem. Sua luta contra a tirania tinha prosperado finalmente, mas eles não tinham vivido para

vê-lo nem para desfrutar dos frutos de sua coraje. Clark os recordava sempre, um por um, e

odiava às pessoas que tendo a informação necessária não a entregou a tempo. O mesmo

estava passando agora. Ding tinha razão. Alguém estava tirando esses animais de suas covas,

e Clark queria a esse alguém. Encontrá-lo equivaleria a obter quantidades de nomes, números

telefônicos e direcciones que a polícia européia meteria em uma grande bolsa... acabando

assim com boa parte do terrorismo que pendia como uma adaga sobre o velho moderado. E

isso seria muito melhor que enviar a seus homens ao campo com as armas carregadas.

Popov fez as valises. Já era todo um perito da bagagem, pensou.

Tinha aprendido a dobrar as camisas de modo tal que não saíssem arrugadas da valise, coisa

que jamais tinha obtido quando era oficial da

KGB. Bom, estas camisas eram mais caras e gostava das cuidar. Não obstante, as valises

refletiam sua ocupação anterior e incluíam vários bolsos e compartimentos para guardar

passaportes alternativos .

Sempre os levava com ele. Se o projeto se derrubava por seu próprio peso, queria

desaparecer sem deixar rastro e seus três jogos de pasaporvocêsem sem usar lhe resultariam

muito úteis. No último dos casos acessaria a sua conta bancária na Berna e voltaria para a

Rússia, embora tinha outros planos para o futuro...

... mas temia que a cobiça lhe estivesse obnubilando a mente.

Cinco milhões de dólares. Se conseguia ficar com eles, teria os recursos necessários para

viver comodamente até o fim de seus dias em qualquer lugar de sua eleição, especialmente se

investia com astúcia.

Mas como faria para defraudar à IRA? Bom, já lhe ocorreria como.

Fechou os olhos e pensou na cobiça. Realmente estava seu obnubilando critério operativo?

Estava correndo um risco desnecessário, miserável pelo desejo de apoderar do dinheiro? Era

difícil ser objetivo respeito a as próprias motivações. E também era difícil ser um homem

livre, não um de tantos oficiais do Comitê de Segurança Estatal condenado a justificar cada

dólar, libra ou rublo gasto ante os contadores de

Dzerzhinsky, os personagens com menos senso de humor de uma agenCIA singularmente

mal-humorada e azeda.

Cobiça, pensou Popov, preocupado. Teria que esquecer do tema.

Devia seguir adiante como o profissional que sempre tinha sido, cuidadoso e circunspeto a

cada passo, a menos que desejasse ser apanhado pelos serviços inimigos de contrainteligencia

ou inclusive pela gente que ia ver. A Asa Provisória do Exército Republicano Irlandês (PIRA)

era arruda e desumana como todas as organizações terroristas do mundo. Embora seus

membros podiam compartilhar alegremente uma cerveza com qualquer nisso se pareciam

incrivelmente aos russos , matavam a seus inimigos, dentro e fora da organização, com tantos

remorsos como o médico que mata a seus ratos de laboratório.

402

Mas, eram leais até a loucura. Nisso eram predecibles, muito melhor para o

Popov. E além

disso, sabia como tratar com eles. Tinha-o feito com frequência no passado, tanto na Irlanda

como no Vale do Bekaa.

Simplesmente, devia impedir que percebessem que queria ficar com seu dinheiro, não?

Levou as valises ao elevador e baixou à planta baixa, onde o portero do edifício chamou o

táxi que o levaria a aeroporto de La Guarda.

Ali abordaria um voo ao aeroporto internacional Logan (Boston), onde tomaria o voo do Aer

Lingus com destino ao Dublin. Desde que trabalhava para o Brightling tinha acumulado uma

interessante quantidade de milhas, embora a diversidade de aerolinhas não o favorecia. Mas

siempre voava em primeira classe (algo impossível com a KGB). Dimitri

Arkadeyevich Popov sorriu agradado e se respaldou no assento do táxi. Quão único devia

fazer era tratar honestamente com a PIRA. Se apresentava-se a ocasião de lhes roubar, faria-o.

Mas de algo estava seguro: saltariam como cães famintos sobre a operação que ia a prós

pôr. Estava contente. Embora mais não fora, a PIRA tinha élan.

O agente especial Patrick Ou Connor leu a informação enviada por Nova Iorque. O problema

das investigações de seqüestros era o tempo. Nenhuma investigação partia o

suficientemente

rápido, mas no caso dos seqüestros era pior, porque a gente sabia que em algum lugar havia

uma pessoa de carne e osso cuja vida dependia de a habilidade do investigador para conseguir

informação e atuar anvocês de que o seqüestrador decidisse pôr fim a seu jueguito

repugnante, matar a sua vítima e sair a procurar outra. Procurar outra? Sim, probablenlhe,

porque não tinha pedidos de resgate, e isso significava que quem hábía raptado a Mary

Bannister não estava disposto a devolvê-la. Não, a estaria usando como um brinquedo, quase

seguro para satisfazer-se sexualmente. E quando se cansasse dela, quase seguro a mataria. E

assim,

Ou Connor sentia que estava correndo uma carreira sobre uma pista que não podia ver e

contra um cronômetro oculto na mão de outro. Tinha a lista dos amigos e companheiros locais

da Mary Bannister e havia enviado a seus homens a falar com eles com a esperança de

conseguir um nome ou um número telefônico que os guiasse ao próximo passo da

investigação... mas provavelmente não serviria de nada, pensou. Não, o caso pertencia

exclusivamente a Nova Iorque. A jovencita tinha ido a provar fortuna na cidade luminosa,

como tantas outras. E muitas de elas encontravam o que estavam procurando, e por isso foram,

mas esta chiquilina dos subúrbios do Gary, Indiana, tinha viajado a Nova

York sem saber o que era estar em uma grande cidade, e carecia dos níveis de autoprotección

necessários em uma cidade de oito milhões...

... e provavelmente já estava morta, admitiu Ou Connor para seus adentros, assassinada pelo

monstro que a tinha raptado na rua. E ele não podia fazer nada a respeito, exceto identificar,

prender e encerrar ao miserável, feito que salvaria a outras vítimas potenciais mas

403

importaria-lhe um nada à moça cujo nome encabeçava a carpetilha que tinha sobre o

escritório. Bom, esse era um dos problemas de ser polícia. A gente não podia as salvar a

todas. Mas tentava as vingar e isso já era algo, pensou o policial, levantando-se para voltar

para sua casa.

Chávez bebeu um gole do Guinness e observou o clube. A Águia de a Legião pendia da

parede oposta à barra e a gente ia tocá-la com respeito. Três de seus moços estavam em uma

mesa, bebendo e conversando com dois soldados do Peter Covington. O televisor estava

emcendido... campeonatos de snooker? Isso era um acontecimento nacional? Sintonzou as

notícias e o serviço meteorológico.

Mais informação sobre o El Niño, pensou com um bocejo. Antes se chamava simplesmente o

tempo, mas um maldito oceanógrafo havia dêcoberto que a mescla de água cálida e fria nas

costas da Sudamérica trocava cada poucos anos, e que quando isso acontecia o clima mundial

modificava-se um pouco em algumas regiões. E os meios se haviam arrojado sobre o novo

fenômeno, deleitados, ao parecer, de ter uma nuevai etiqueta para colocar às coisas cuja

precária educação os impedia entender. Agora diziam que a última manifestação do El Niño

era um clima inusualmente caloroso na Austrália.

MR. C., você é o bastante velho para recordar. O que diziam antes deste lixo?

Falavam de clima extraordinariamente caloroso, frio ou templado, tentavam predizer se faria

calor, frio, sol ou chuva ao dia siguienlhe, e logo especulavam sobre os resultados do beisebol

com menor precisão quanto ao clima, omitiu adicionar Clark . Como está Patsy?

Faltam um par de semanas, John. Leva-o muito bem, mas está furiosa pelo tamanho de sua

pança Olhou o relógio . Teria que chegar a casa dentro de trinta minutos. Tem o mesmo turno

que Sandy.

Dorme bem? insistiu John.

Sim, se inquieta um pouco quando o hombrecito se dá volta, mas tem tudo o que necessita.

Tranqüilo, John. Estou-a cuidando bem.

Tem vontades de ser avô?

Clark bebeu sua terceira pinta da noite.

Uma pedra mais no caminho à morte, suponho logo sãoriu . Sim, Domingo, tenho muitas

vontades de malcriar ao pequeno truhán e devolvê-lo apenas fique a chorar . Está preparado

para ser pdre?

Acredito que sim, John. É difícil? Você sabe por experiência.

Clark ignorou o desafio implícito.

dentro de umas semanas enviaremos um grupo a Austrália.

Para que?

Os australianos estão um pouco preocupados com as Olimpíadas e as três missões que nos

realizamos fazem muito sexys. Então, quieren que vamos ver como estão as coisas junto com

o SEJA.

São bons?

Clark assentiu.

Isso me hão dito, mas não nos fará mal jogar uma olhada, acredito eu.

Quais irão?

Ainda não o decidi. Já têm uma companhia consultora. Global Security Ltd., dirigida por um

Ex-FBI. Noonan o conhece. Henriksen, acredito que se chama assim.

Alguma vez tiveram um atentado terrorista?

Nada importante que eu recorde, mas bom, você não lhe acuerdá do Munich 1972, verdade?

Chávez sacudiu a cabeça.

Só o que li a respeito. Os policiais alemães se comeram uma muito difícil.

Sim, suponho. Ninguém lhes havia dito que teriam que enfrentar-se a gente como essa. Bom,

agora todos estamos ao tanto, não? Assim começou o GSG-9, e são muito bons.

Como o Titanic, não? Após os navios começaram a ter suficientes botes salva-vidas.

John assentiu.

Assim são as coisas. A letra com sangue entra, filho John deixou seu copo vazio sobre a

barra.

OK, então como é possível que os meninos maus nunca aprendão? perguntou Chávez

terminando sua segunda cerveja da noite .

Demo-lhes umas quantas lições sangrentas, não? Mas acaso crie que podemos levantar as

carpas? Nem por acaso, Mr. C. Ainda estão lá fora, John, e não pensam retirar-se. Não

aprenderam uma mierda.

Bom, eu sim tivesse aprendido. Talvez sejam mais burros que nós. lhe pergunte ao Bellow

sugeri Clark.

Talvez o faça.

Popov estava a ponto de sucumbir ao sonho. O oceano sob o Aer

Lingus 747 se converteu em uma massa escura e o russo mergulhava em sua mente tentando

recordar rostos e vozes do passado, preguntándose se seu contato teria se tornado informante

do Serviço do Segujoguem a rede britânico, feito que indevidamente levaria a sua

identificação e possível arresto. Provavelmente não. Pareciam estar absolutamente

consagrados a sua causa... mas era impossível estar seguro. A gente traicionaba por diversos

motivos. Popov sabia muito bem. Tinha ajudado a muitos a trocar de lealdade e trair a seus

países, freqüentemente por ínfimas somas de dinheiro. Acaso não era mais fácil trair a um

ateu estrangeiro que lhes tinha conseguido recursos equívocos? E se seus contactosse tinham

visto por fim a futilidade de sua causa? Por muito que o desearan, Irlanda jamais seria um

estado marxista. A lista de nações marxistas era cada vez mais curta, embora os acadêmicos

de todo o mundo seguissem declamando as palavras e idéias do Marx e Engels, e

405

até as do Lenin. Tolos. Estavam inclusive os que diziam que o comunismo se tinha imposto

no país equivocado, que a Rússia sofria um atraso muito profundo para que essas maravilhosas idéias funcionaran.

Desde só pensá-lo, um sorriso irônico apareceu em seus lábios. Sacudiu a cabeça. Outrora

tinha formado parte da organização chamada Épada e Escudo da Partida. Tinha versado a

academia, assistido a todas as classes de política, aprendido todas as respostas às inevitáveis

perguntas de exame, e sido o bastante inteligente para escrever exatamente o que seus

instrutores desejavam ler. Desse modo se hábia assegurado notas altas e o respeito de seus

mentores... A dizer verdêem, eram poucos os que acreditavam as mentiras do Estado

comunista mas nenhum tinha tido a coragem de dizer o que pensava. Era surpreendente o

muito que tinham durado essas mentiras, e Popov ainda récordaba seu assombro ao ver baixar

a bandeira vermelha de seu mastro na puervocê do Kremlin. Nada durava mais que uma idéia

perversa, evidentementelhe.

406

CAPÍTULO 24

ALFÂNDEGAS

Uma das diferenças entre a Europa e Estados Unidos era que os países europeus recebiam

com beneplácito aos estrangeiros em tanto que

Estados Unidos, apesar de seu caráter hospitalar, dificultava a entrada ao país. Certamente, os

irlandeses não punham travas. Apenas o selaram o passaporte, Popov recolheu sua bagagem

(cuja inspeção foi tão rotineira que, provavelmente, o empregado de alfândega jamais soube

se o dono das valises era homem ou mulher). Saiu do edifício e tomou um táxi até seu hotel.

Ao chegar a sua suíte, que dava a uma larga avenidá, despiu-se imediatamente para dormir

umas horas antes de efectuar o primeiro chamado. Seu último desejo antes de fechar os olhos

à amanhã ensolarado foi que seu contato não tivesse trocado de número telefônico nem

estivesse em uma situação comprometida. No último de os casos, teria que lhe dar

explicações à polícia local... mas tinha uma história convincente à mão (se por

acaso era

necessário). Embora não era perfeita, sempre seria bom proteger a uma pessoa que não havia

Cometido crimes na República da Irlanda.

Aerotransporte, aerotransporte, escutam? disse Vega quando entraram na última milha

vamos saltar do culo do pajarraco!

Ao Chávez o surpreendia que a ossatura do volumoso sargento primeiro Julho Vega não

sofresse durante as carreiras diárias. Pesava vinte quilogramas mais que o resto de seus

homens. Se chegava a lhe aumentar o contorno do peito teriam que lhe mandar fazer as

camisas a medida, mas, apesar de seu corpachón, as pernas e a respiração não lhe falhavam. E

assim, essa manhã liderava a carreira... dentro de quatro minutos veriam a linha de chegada

(bem-vinda por todos, embora nenhum estava disposto a admiti-lo).

Bom tempo... march! gritou Vega ao cruzar a linha amarela.

Todos diminuíram a marcha aos habituais cento e vinte passos por minuto . Esquerda,

esquerda, esquerda, direita, esquerda! Medeu minuto mais e : Companhia... alto!

Todos se detiveram. Houve um par de tosses (ocasionadas por uma ou duas cervejas de mais a

noite anterior), mas nada mais.

Chávez avançou à posição de mando frente às duas fileiras de soldados.

407

Dispersar-se ordenou. O Comando 2 voltou para seu edifício a tomar uma ducha logo depois

de ter estirado e exercitado os músculos. Mais tarde voltariam a correr até o polígono de tiro

para iniciar a prática... que em si mesmo seria bastante aborrecida, já que tinham provado

todas as variantes possíveis de reféns e meninos maus. A pontaria do comando era quase

perfeita. Seu estado físico era perfeito, e sua moral tão alta que pareciam aborrecidos.

Confiavam cegamente em suas capacidades e as tinham demonstrado em ação, disparando

balas de verdade contra blancos reais. Nem sequer na época da 7ª Divisão de Infantaria havia

crédulo tanto em sua gente. As coisas tinham chegado a tal ponto que os soldados do SEJA

britânico donos de uma larga e enorgulhedora história, e que inicialmente tinham cuidadoso

aos homens do Rainbow com velado ou franco cepticismo os convidavam a beber e admitiam

que podiam aprender deles. E isso era todo um lucro, porque o SEJA era reconhecido

mundialmente como o professor dos grupos de operaciones especiais.

Poucos minutos depois, tomado banho e vestido, Chávez se dirigiu ao edifício do

comando.

Seus homens estudavam a informação de inteligência enviada pelo Bill Tawney e seu grupo e

checavam fotos, muitas delas retocadas pelos sistemas de computação já que tinham sido

tomadas anos atrás. Os sistemas pareciam melhorar dia a dia graças a a evolução do software.

Uma foto tomada desde determinado ângulo era transformada pelo computador em um retrato

frontal do suspeito. Seus homens as estudavam com o mesmo cuidado com que

correiodrían examinar uma foto de seus filhos, e lhes somavam toda a información que

tinham. Ao Chávez o parecia uma perda de tempo, mas um não podia passar o dia correndo e

disparando... e depois de tudo, isso de as fotos tinha certa utilidade. Graças a elas tinham

identificado a

Fürchtner e Dortmund quando se dirigiam a Viena, não?

O sargento maior Price estava estudando questões de presuposto. Quando terminasse, deixaria

a pilha de papéis sobre o escritório do Ding, quem teria que justificar os gastos e pedir mais

recursos para provar novas idéias. Tim Noonan se entretinha com seus novos joguinhos

eletrônicos e Clark passava seu tempo brigando orçamentos com a

CIA e outras agências norteadounidenses. Isso sim que era um desperdício de energia,

em opinião do Chávez. Desde o começo, Rainbow era a prova de balas o respaldo

presidencial não o fazia mal a ninguém , e, se por acaso fora pouco, suas missões não tinham

afetado em nada a credibilidade do comando. dentro de duas horas iriam ao polígono para

gastar sua cota diária de balas de pistola e munições SMG. Outro dia de rotina.

Rotina era sinônimo de aborrecimento para o Ding, mas não podia evitarse, e dentro de tudo

era muito menos aborrecido que certas missões da CIA, que consistiam em passar horas

sentado esperando uma reunião e/ou encher formulários descrevendo as operações para as

escrivaninhas do Langley, que exigiam documentação completa sobre o ocorrido em

ação porque... porque assim o exigiam as regras. Regra no melhor dos casos impostas por

indivíduos que tinham feito o mesmo

408

uma geração antes e acreditavam que ainda sabiam fazê-lo, e no pior de os casos por

indivíduos que não tinham a menor ideia e eram muito mais exigentes por essa mesma razão.

Mas o governo, que diariamente desperdiçava trilhões de dólares, mostrava-se

mesquinho

quando se trataBA de uns poucos milhares. E Chávez jamais poderia fazer nada para

modificar o arbitrário dessa situação.

Desde que lhe tinham outorgado a fila de comandante de divisão do Rainbow, o coronel

Malloy tinha escritório próprio no edifício central. Como oficial do Corpo de Marinhe dos

Estados Unidos estava acostumado às insensatezes, e pensou em pendurar um tabuleiro de

dardos em a parede para entreter-se quando não trabalhava. Para ele, trabalhar era pilotear seu

helicóptero... Resignado, recordou que não tinha nada que hácer porque o que lhe tinham

atribuído estava, nesse preciso instante, em a divisão de manutenção. Substituiriam uma peça

por outra, nuevai e melhorada, que aumentaria sua capacidade de fazer algo que ainda não lhe

tinham informado, mas que seria importante, estava seguro, épecialmente para o empreiteiro

civil que tinha concebido, desenhado e manufaturado a peça nova e melhorada.

Podia ter sido pior. A sua esposa e seus filhos gostavam de viver ali, e a ele também. O seu

era um posto de habilidade, não de perigo.

Ser piloto de helicóptero em operações especiais não era particularmente arriscado. Quão

único o preocupava era se chocar com postes de energia elétrica, dado que as operações do

Rainbow estavam acostumados a ter lugar em áreas edificadas e nos últimos vinte anos se

perderam mais helicópteros por essa classe de acidente que por todas as armas anti-aéreas do

mundo. Seu MH-60K não tinha cortadoras de cabos, e

Malloy lhe tinha enviado um lhe rachei estúpido a respeito à comandante do Esquadrão

Vigésimoquarto de Operações Especiais, quem o enviou maneira de contrita resposta seis

fotocópias de outros tantos estúpidos que ele mesmo tinha enviado à comandante da base

respeito aos mesmos temas. Posteriormente lhe tinha explicado que um perito do Pentágono

estava considerando a modificação das aeronaves em existência... o qual, pensou Malloy,

equivaleria a um contrato com uma assinatura consultora por 300.000 dólares

aproximadamente, e tudo para que um indivíduo qualquer lhes dissesse que sim, é uma boa

idéia em quatrocentas páginas de aborrecível prosa burocrática... que ninguém leria jamais

mas seriam entronizadas em um arquivo para a eternidade. Modificação em si mesmo

custaria três mil dólares em repostos e mão de obra.

A mão de obra seria proporcionada por um sargento que trabalhasse tempo

completo para a

Força Aérea (já efetivamente trabalhasse ou passasse suas horas lendo Playboy ajeitado no

escritório)... mas as regras eram as regras, infelizmente. E, quem sabe, talvez dentro de um

ano os Night Hawks teriam cortadoras de cabos.

Malloy sorriu pensando em seus dardos. Não tinha necessidade de ver a informação de

inteligência. As caras dos terroristas não lhe ser409

viam. Nunca se aproximava muito a eles. Esse era o trabalho dos atiradores e, comandante de

divisão ou não, ele era simplesmente um chofer.

Bom, poderia ter sido pior. Pelo menos podia vestir seu mameluco de aviador embora não

voasse, quase como se estivesse em uma organización de aviadores. Voava quatro dias de

cada sete, o qual não estava tão mal, e depois deste destino talvez poderia comandar um

VMH-1 e inclusive transportar ao presidente. Seria aborrecido, mas útil para sua CArrera.

Certamente não tinha prejudicado a seu velho amigo, o coronel

Hank Goodman, que acabava de aparecer na lista de estrelas (lucro muito valente para um

piloto de helicóptero, já que a aviação navalha estava sem piedade dominada pelos

bombardeiros). Bom, tinham echarpes mais lindos. Para entreter-se um pouco

antes de

almorçar, tirou seu manual do MH-60K e começou a memorizar informação adicional sobre

desempenho de motores (tarefa usualmente a cargo de um oficial engenheiro ou talvez de seu

chefe de tripulação, o sargento Jack

Nance).

O primeiro encontro teve lugar em um parque público. Popov hábia revisado a guia

Telefónica e chamado a um tal Patrick X. Murphy pouco antes do meio-dia.

Olá, fala Joseph Andréws. Estou procurando o senhor Yates disse.

Suas palavras foram seguidas por um breve silêncio. No outro extremo da linha, seu

interlocutor tentava recordar a frase codificada.

Era velha, mas a recordou em menos de dez segundos.

Ah, sim, senhor Andréws. Faz tempo que não sabemos nada de você.

Acabo de chegar ao Dublin esta manhã e eu gostaria de vê-lo. Quão dou poderíamos nos

encontrar?

O que lhe parece esta tarde à uma? Logo vieram as instrucciones.

E ali estava agora, com sua impermeável, seu chapéu de asa ancha e um exemplar do Irish

Teme na mão direita, sentado em um banco perto de um velho carvalho. Aproveitou para lhe

jogar uma olhada ao jornal e averiguar o que estava passando no mundo... Não diferia muito

pelo que tinha visto pela CNN em Nova Iorque no dia anterior... As notícias internacionais

eram tão aborrecidas do desaparecimento da

União Soviética que Popov não deixava de perguntar-se como se as arreglabam os editores dos

jornais mais importantes. Bom, em Ruanda e

Burundi os negros se seguiam massacrando uns aos outros com obsceno deleite... e os

irlandeses se perguntavam em voz alta se deviam enviar seus soldados (de ambos os bandos)

para manter a paz. Que estranho, pensou

Popov. Tinham demonstrado ser peculiarmente incapazes de manter a paz em seu próprio país

e agora queriam fazer a prova em outro lugar.

Joe! gritou uma voz jubilosa. Popov levantou a vista e viu acercarse a um quarentão de sorriso

radiante.

410

Patrick! respondeu o russo, parando-se para lhe estreitar a mão . Passou tanto tempo... Em

realidade jamais se viram anlhes, mas se saudaram como dois velhos amigos. Logo se

dirigiram à rua Ou Connell, onde os esperava um automóvel. sentaram-se atrás e o conductor

arrancou no ato. Conduzia devagar e olhava constantemente pelo espelho retrovisor. Por sua

parte, Patrick tinha a vista cravada em o céu para detectar helicópteros. Bom, pensou Dimitri,

estes soldados do PIRA não chegaram aos quarenta por falta de cautela. Se respaldeu no

assento e começou a relaxar-se. Poderia ter fechado os olhos, mas essa atitude tivesse

parecido depreciativa a seus anfitriões. Olhou à frente. Não era a primeira vez que estava no

Dublín mas, exceto por alguns marcos óbvios, recordava poucas coisas da cidade. Seus

compañeros de viagem não lhe teriam acreditado, já que se supunha que os oficiais de

inteligência tinham memória fotográfica profissional... e era certo, mas só até certo ponto.

Passearam quarenta minutos pela cidade até chegar a um edifício comercial e girar sobre um

beco. O automóvel se deteu e eles baixaram e entraram por uma porta em uma parede de

tijolo a a vista.

Iosef Andréyevich disse uma voz na escuridão. Logo apareceu uma cara.

Sejam, quanto tempo... Popov se adiantou com a mão estendida.

Onze anos e seis meses, para ser precisos disse Sejam Grady, lhe estreitando a mão com

entusiasmo.

Sua estratégia segue sendo excelente sorriu Popov . Não tenho a menor ideia de onde

estamos.

Bom, terá que ser cauteloso, Iosef Grady fez um gesto .

Venha por aqui, por favor.

Guiou-o a uma habitação pequena com uma mesa e poucas cadeiras.

Havia chá quente. Os irlandeses não tinham perdido o sentido da hospitalidade, comprovou

Popov. tirou-se o impermeável e o arrojou sobre uma poltrona. Logo procedeu a sentar-se.

O que podemos fazer por você? perguntou Grady. Aproximava os cinquenta, mas seus olhos

conservavam sua juventude e seu olhar dedicadá, estreita, exteriormente desapaixonada mas

intensa como sempre.

antes de ir ao grão eu gostaria de saber como vão suas coisas, Sejam.

Poderiam ir melhor admitiu Grady . Alguns ex-colegas do

Ulster se consagraram a render-se à coroa britânica. Desafortunadamente são muitos os que

compartilham sua moleza, mas estamos persuadindo a outros a adotar um ponto de vista

mais realista.

Obrigado lhe disse Popov ao que acabava de lhe servir uma taça de chá. Bebeu um sorvo

antes de falar . Sejam, desde que nos conhecemos em

Líbano sabe que respeito a lealdade de vocês para seus ideais. Me surpreende que sejam

tantos os que cederam.

Foi uma guerra larga, Iosef, e suponho que não todo mundo pode manter-se firme. É uma

lástima, amigo meu novamente, seu voz carecia de toda emoção. Seu rosto não era cruel a não

ser vácuo. Houvesse

411

podido ser um soberbo oficial de inteligência, pensou Popov. Não revelava nada, nem sequer

a satisfação ocasional pela missão cumprida. Próbablemente teria mostrado o mesmo

desapasionamiento ao torturar e assassinar a dois comandos SEJA que cometeram o engano

de baixar a guardia. Essas coisas não aconteciam freqüentemente, mas Sejam Grady havia

alcançado duas vezes o objetivo mais difícil... a costa, a verdade seja sorte, de uma sangrenta

vingança da unidade de elite do exército britânico contra sua própria célula do PIRA. O SEJA

tinha matado a pelo menos oito de seus companheiros mais próximos e em outra ocasião, sete

anos atrás, Grady salvou-se de segui-los à tumba porque lhe rompeu o automóvel caminho a

um mitín... mitín interrompido pelo SEJA, que nessa ocasião aniquilou a três

membros

hierárquicos do PIRA. Sejam Grady era um homem marcado e Popov estava seguro de que o

Serviço de Segurança britânico tinha gasto milhares de libras em rastreá-lo infrutuosamente.

Da mesma forma que as operações de inteligência, este era um jogo muito perigoso para

todos os jogadores, mas mais que nada para os revolucionários. E agora, os próprios líderes se

vendiam ao inimigo. Grady jamais faria a paz com os britânicos. Acreditava muito

obstinadamente em sua visão do mundo, por retorcida que fora. Iosef Vissarionovich Stalin

tinha uma cara semelhante, e a mesma vontade férrea, e a mesma incapacidade absoluta de

comprometer-se em temas estratégicos.

Há um novo comando antiterrorista na Inglaterra lhe disse

Popov.

Ah, sim? Grady não sabia, e a revelação o surpreendeu.

Sim. chama-se Rainbow. Está integrado por britânicos e estadunidenses. Eles resolveram os

atentados do Parque Mundial, Berna e

Viena. Ainda não pensaram em vocês, mas a meu entender só é questão de tempo.

O que sabe deles?

Muitas coisas Lhe aconteceu um resumo impresso.

Hereford murmurou Gary . Fomos dar uma olhada, mas não é um lugar que se possa atacar

facilmente.

Sim, já sei, Sejam, mas sempre há pontos vulneráveis adicionais e, com o planejamento

adequado, acreditam que é possível dar um golpe terminante contra esse comando Rainbow.

Verá, a esposa e a filha do comandante, um americano chamado John Clark, trabalham no

hospital comunal local. Esse seria a ceva da missão...

Ceva? perguntou Grady.

Sim, Sejam ato seguido, Popov descreveu o conceito da meusión. Como de costume, Grady

não reagiu, mas dois de seus homens sim: revolveram-se nas cadeiras e intercambiaram

rápidos olhares mijemdepois de esperavam a palavra de sua comandante.

Coronel Serov disse finalmente Grady, com um sotaque de formalidêem mentirosa , propõe-

nos correr um grave risco.

Dimitri assentiu.

Sim, é certo, e lhes corresponde decidir se a recompenseja vale a pena não tinha que lhe

recordar que os tinha ajudado no

passado (mínimamente, é obvio, mas essa gente não esquecia a seus benfeitores)
nem

tampouco que, de resultar bem-sucedida, a missão catapultaria ao Grady à frente
dos

comandantes do IRA, e talvez poderia envenenar o processo de paz entre o
governo britânico

e a facção oficialista do PIRA. Se derrotava ao SEJA e a outros comandos
especiais em seu

próprio terreno seria o revolucionário irlandês mais prestigioso da década do
vinte. Essa era a

debilidade destes tipos, e Popov sabia.

Sua consagração à ideologia os fazia escravos de seus egos, de seus idéias, e não
só de seus

objetivos políticos mas também de si mesmos.

Infelizmente, Iosef Andréievich, não temos os recuré necessários para considerar
uma missão

desta envergadura.

Compreendo. Que recursos seriam esses, Sejam?

mais do que você pode oferecer Por experiência própria, e por ter falado com
outros

terroristas da comunidade mundial, Grady sabia que a KGB era particularmente
mesquinha

com o dinheiro. Mas teve que tragar-se outra surpresa.

Cinco milhões de dólares, em uma conta numerada e controladá por código
secreto na Suíça

disse Popov ao passar. Esta vez sim que viu emoção nos olhos do irlandês.

Piscou. Abriu um

pouco a boca, como para formular uma objeção, mas imediatamente se controlou.

Seis disse Grady, provando o pano.

Ao Popov veio como anel ao dedo.

Muito bem, suponho que posso lhes oferecer até seis milhões.

Quando os necessitarão?

Quando poderíamos os ter?

dentro de uma semana, suponho. Quanto tempo necessita para planejar a operação?

Grady o pensou uns segundos.

Duas semanas Conhecia a área vizinha ao Hereford. O fato de não ter podido atacar a base

nos velhos tempos não lhe havia impedido pensar, sonhar fazendo-o nem reunir a

inteligência necessária. Também tinha tentado conseguir informação sobre as operações do

SEJA, mas, para sua desdita, os do SEJA não falavam muito, nem sequer depois das missões,

exceto dentro de sua comunidade. Hábía conseguido umas poucas fotos, inúteis. Não, o que

necessitavam e não tinham tido até o momento era a combinação de gente disposta a correr

um grande risco e recursos suficientes.

Outra coisa disse Grady.

Sim?

Tem bons contatos com narcotraficantes?

Popov ficou perplexo, embora não o demonstrou. Grady queria vêemder droga?
Como tinha

trocado o ethos do PIRA! Nos velhos tiemdetrás, assassinavam ou estropiavam
aos

narcotraficantes para mostrar-se dignos do apoio da comunidade. Isso também
teria trocado?

Tenho alguns contatos indiretos, suponho. O que necessitaria, exatamente?

Cocaína, em grandes quantidades, preferentemente pura.

413

Para vendê-la aqui?

Sim. O dinheiro é o dinheiro, Iosef assinalou Grady . E necessitamos ganhos
contínuos para

manter nossas operações.

Não lhe prometo nada, mas verei o que posso fazer.

Muito bem. me tenha ao tanto sobre o dinheiro. Quando estiver disponible, farei-
lhe saber se

for possível levar a cabo a missão e se estivermos em condicione de fazê-lo.

Armas?

Não fazem falta.

Necessito um número telefônico para chamá-lo.

Grady assentiu, tomou um anotador e riscou o número. Teléfono celular,
obviamente. O

russo guardou o papel no bolso.

Servirá durante umas semanas. Alcança a cobrir seus necessidades?

Sim Popov ficou de pé. Não havia nada mais que dizer. O levaram de retorno ao automóvel.

A reunião tinha sido um êxito, pensou Dimitri caminho ao hotel.

É uma missão suicida, Sejam! advertiu-lhe Roddy Sands no depósito.

Não se controlarmos a situação, Roddy replicou Grady . E correi o dia de fazê-lo se contarmos

com os recursos necessários. Teremos que ser cautelosos, e muito rápidos, mas podemos fazê-

lo e quando o háyamos feito, pensou ansiosamente, o movimento comprovará quem são os

verdadeiros representantes do povo da Irlanda . Necessitarmos quinze homens. Podemos

consegui-los, Roddy.

levantou-se e saiu por outra porta. Subiu a seu automóvel e se dirigiu a sua casa segura.

Esperava-o muito trabalho, a classe de trabalho que estava acostumado a fazer sozinho.

Henriksen estava Armando sua equipe. Dez homens em total, todos experimentados, e todos

ao tanto do projeto. O mais destacado seria o tenente coronel Wilson Gearing, ex-oficial do

Corpo Químico do exército dos EUA Um verdadeiro perito em armas químicas. Ele seria o

encarregado de propagar o vírus. O resto da equipe trabalharia com as forças de

segurança

locais e lhes diria o que já sabiam (cumpliendo e reafirmando a regra internacional que indica

que o Perito

Sempre É Alguém De Outro Lugar). Seja-os australianos escutariam cortesmente tudo o que

lhes dissessem, e talvez aprenderiam um par de coisas, especialmente quando lhes ensinassem

a nova equipe de rádio de

E-Systems e Dick Vocês treinasse isso para utilizá-lo. As novas rádios para tropas de

operações especiais e policiais SWAT eram uma beleza. Uma vez feito isso, rondariam pelos

arredores com uma identificação especial que lhes permitiria passar todos os controles de

seguridêem e inclusive entrar em todos os setores do enorme estádio. Poderiam

414

ver as Olimpíadas de perto, o qual seria muito interessante para alguns deles, verdadeiros

fanáticos do esporte que desfrutariam vendo os últimos Jogos Olímpicos da história.

Selecionou a seus melhores homens e lhe pediu ao agente de viagens de a corporação que se

ocupasse das passagens e hotéis... A polícia australiana já lhes tinha reservado um conjunto de

suítes perto do estádio.

Henriksen se perguntou se despertariam a atenção dos meios. Em outra ocasião tivesse

insistido nisso, só por publicidade, mas esta vez não. Já não tinha sentido publicitar sua

empresa, verdade?

Então, o projeto estava terminado. Rodeado pela grande llanura de Kansas, Hollister

contemplou os edifícios, os caminhos, as praças de estacionamento, e a pista aérea cuja

construção havia supervisionado. A parte final tinha sido a habitual miscelânea de pequenos

detalhes descuidados, mas todos os subcontratistas tinham respondido bem a suas exigências...

particularmente porque os contratos tinham cláusulas de incentivo.

Um automóvel da companhia freou junto a seu quatro por quatro e

Hollister ficou pasmado. O homem que desceu do automóvel era o grande chefe,

John Brightling em pessoa. Jamais o tinha visto antes, mas conhecia seu nome e o tinha visto

por televisão um par de vezes. Devia haver chegado essa mesma manhã em um dos jatos da

corporação.

Você é o senhor Hollister, suponho.

Sim, senhor. Lhe estreitou a mão. Já terminamos, senhor.

Adiantou-se duas semanas e meia ao prazo estabelecido observou

Brightling.

Bom, o clima nos ajudou o bastante. Não posso me gabar disso.

Brightling riu agradado.

Eu me gabaria brincou.

O mais difícil foram os sistemas meio-ambientais. Tinham a lista de especificações mais

exigente que vi em minha vida. Qual é o segredo, Dr. Brughtling?

Bem, trabalhamos com alguns materiais que exigem isolamento absoluto...
Nível Quatro,

assim os chamamos em jargão científico. Débitomos dirigi-los com supremo cuidado, como

poderá imaginar. Devemos cabeça de gadopetar as regras federais.

Mas em todo o edifício? perguntou Hollister. Tinha sido como construir um navio ou um

avião. Estranha vez se desenhavam estruturas grandedê completamente a prova de ar. Mas

esta o era, e Hollister havia tido que realizar provas de pressão de ar ao terminar cada módulo

(coisa que tinha enlouquecido aos empreiteiros das janelas).

Bom, quisemos fazê-lo a nosso modo.

O edifício é dele, doc admitiu Hollister. Essa especificação tinha somado cinco milhões ao

custo trabalhista do projeto... que haviam ido à mãos do empreiteiro de janelas, cujos

operários detestavam o trabalho detalhista mas não o pagamento extra que recebiam por

realizá-lo. A

415

velha planta do Boeing na Wichita não podia gabar-se de uma obra semelhante .
Escolheram

uma bonita convocação.

Assim é.

Tudo ao redor, a terra estava coberta por uma oscilante alfombra de trigo. viam-se algumas

máquinas destinadas a fertilizar e desmazelar a colheita. Talvez não fora belo
como um

campo de golfe, mas sim mais prático. O complexo tinha sua própria padaria
institucional

para amassar seu próprio pão, com a farinha do trigo colhido em seus próprios
campos?

perguntou-se Hollister. Como não lhe havia ocorrido antes? As granjas
compradas com o

terreno incluíam manjedouras e pastos para ganho e setores para
armazenamento. O complexo

podia autoabastecer-se se fosse necessário. Bom, talvez só queriam que
armonizara com a

região. Essa parte de Kansas era terra de cultivo, e, se bem os edifícios de aço e
vidro do

complexo não pareciam estábulos nem depósitos, a paisagem que os rodeava
moderava em

certo modo sua CARácter invasivo. E além disso, apenas os podia ver da auto-
estrada

interestadual ao norte, e só desde alguns caminhos. Estavam protegidos contra tornados e nem

sequer um granjeiro solitário com uma calibre .50

poderia danificá-los.

Bom, ganhou-se a bonificação. O dinheiro será depositado amanhã mesmo em sua conta

prometeu John Brightling.

De acordo, senhor Hollister procurou a chave professora em seu bolselo, quão única abria

todas as portas do complexo. Sempre realizaBA essa pequena cerimônia quando terminava

um projeto. Se a entregó ao chefe . Bom, senhor, o complexo é todo seu a partir de agora.

Brightling olhou a chave eletrônica e sorriu. Tinha sido o empreendimento mais ambicioso do

projeto. Alojaria a quase toda sua gente.

Dois meses atrás tinham terminado no Brasil uma estrutura similar mas muito mais pequena,

com comodidades para cem pessoas. Este complexo poderia alojar três mil um pouco

apertadas, mas cômodas durante uns meses. Com isso bastava. Logo depois dos dois

primeiros meses poderia continuar suas investigações com os melhores cientistas (a MAyoría

desconheciam os alcances do projeto, mas não obstante mereciam viver). Nos últimos dias, os

experimentos tinham tomado direções inesperadamente prometedoras. Tão prometedoras que

começava a perguntar-se quanto tempo viveria ali. Cinquenta anos? Cem? Acaso mil? Como

sabê-lo?

Chamaria-o Olimpo, decidiu Brightling. A morada dos deuses, porque isso seria. De ali

poderia observar o mundo, estudá-lo, disfrutá-lo, apreciá-lo. Adotaria o sinal de chamada

OLIMPO-1 para seu rádio portátil. De ali poderia voar a todo mundo com companheiros

escolhidos para observar e aprender o funcionamento da ecologia.

Durante vinte anos aproximadamente poderiam utilizar satélites de comunicações...

impossível saber quanto tempo durariam, e logo se comunicariam por rádio. Esse seria um

inconveniente no futuro, mas lançar seus próprios satélites de substituição era muito difícil

em termos de mão de obra e recursos, e além disso, as lançadeiras de satéli416

eram-lhes os maiores agentes poluentes que tinha inventado a humanidade.

perguntou-se quanto tempo quereria viver ali sua gente. Alguns se iriam em seguida,

provavelmente a distintas regiões do país onde estabelecerían seus próprios enclaves e, em um

princípio, reportariam-se via satélite. Outros iriam a África... provavelmente o destino mais

popular.

Outros ao Brasil e à selva tropical. Talvez algumas tribos primitivas de a região escapariam a

Shiva e seus cientistas poderiam estudar ao Homem Primitivo vivendo em um meio ambiente

antigo, em plena harmonia com a natureza. Estudariam-nos como o que eram, uma espécie

única digna de amparo... e muito atrasada para significar um perigo para o meio ambiente.

Talvez sobreviveriam algumas tribos africanas? Improvável. Os países africanos permitiam

que seus primitivos relacionassem isso com a gente das cidades, e as cidades operariam

como centros distribuidores de morte em todos os países da terra... especialmente quando se

repartisse a vacina A. Produziriam milhares de litros, repartiriam-nos por todo mundo,

ostensivelmente para proteger a vida humana, mas em realidade para destruí-la... lentamente,

é óbvio.

Tudo progredia conforme o esperado. Nos quartéis gerais de a corporação já estavam

preparando a documentação fictícia da vacina A. Supostamente a tinham provado em mil

macacos posteriormente expostos ao vírus Shiva e só dois deles tinham manifestado sintomas,

e só um dos dois tinha morrido nos dezenove meses de experimentação que só existiam nos

papéis e na memória das computadores. Ainda não se aproximaram do FDA para provar a

vacina em seres humanos porque não era necessário... mas quando Shiva começasse a

aparecer seu ominosa cabeça em todo mundo, Horizon

Corporation anunciaria que tinha estado trabalhando silenciosamente em vacinas contra a

febre hemorrágica do atentado iraniano contra

Estados Unidos. Enfrentado a uma emergência global e contando com uma modalidade de

tratamento completamente documentada, o FDA não teria mais opção que aprovar sua

inoculação em humanos, benzaciendo assim oficialmente a meta suprema do projeto: o

extermínio de a raça humana. Nem tanto o extermínio, refletiu John Brightling, a não ser o

aplacamiento da espécie mais perigosa do planeta, feito que permitiria a recuperação da Mãe

Natureza, com um exército de servidores humanos dedicados a observar, estudar e apreciar o

procesou. dentro de mil anos haveria um milhão de humanos, mas era uma câotidad pequena

dentro do grande esquema, e além disso seriam educados para compreender e respeitar à

natureza. Não para destruí-la. O objetivo do projeto não era aniquilar o mundo. Era construir

um novo mundo, de acordo com o plano da natureza. Seu nome brilharia por toda a

eternidade. John Brightling, o homem que salvou ao planeta.

Olhou a chave que tinha na mão e voltou para seu automóvel. O chofer o levou até a entrada

principal, onde utilizou pela primeira vez a chave, surpreso e molesto ao encontrar a porta

aberta. Bom, ainda

417

ficava gente entrando e saindo. Tomou o elevador até seu escritório moradia no último piso do

edifício principal. Essa porta sim estava fechada como devia. Abriu-a em uma sorte de

cerimônia pessoal e se sentou no trono do deus supremo do Olimpo. Não, não estava bem. Se

havia um deus, era a natureza. Das janelas de seu escritório contemplou a planície de

Kansas, o lhe arqueiem trigo jovem... era tão belo.

Os olhos lhe encheram de lágrimas. Natureza. Podia ser cruel com os indivíduos, mas os

indivíduos não importavam. Apesar de todas as advertências, a humanidade não tinha

aprendido nada.

Bem, agora aprenderia, tal como a natureza ensinava todas suas lições. Com

sangue.

Pat Ou Connor levou seu relatório diário a ASAC ao entardecer. Sem jaqueta, deixou-se cair

na cadeira oposta ao escritório do Ussery com uma pasta na mão. Já estava bastante gorda.

Caso Bannister disse Chuck Ussery . Algum cabito solto,

Pat?

Nada replicou Ou Connor . Entrevistamos a quatorze amigos de a garota no Gary. Nenhum

tinha a menor ideia do que fazia em Nova

York. Só seis deles sabiam que estava ali, e jamais lhes tinha falado de noivos nem de

trabalho. portanto, zero ao ás.

Nova Iorque?

Há dois agentes no caso, Tom Sullivan e Frank Chatham. Se conectaram com um detetive do

NYPD apelidado D Allessandro. Os forenses registraram seu departamento... nada. Todas as

impressões digitais pertencem-lhe, nem sequer há rastros de uma faxineira. Os vizinhos do

edifício só a conheciam de vista. os de Nova Iorque querem imprimir volantes e fazê-los

circular via o NYPD. O detetive local teme que haja uma assassina série solta. Tem outra

mulher desaparecida, da meusMA idade, aspecto semelhante e mesma área de residência,

evaporada do mundo na mesma época.

Ciências do Comportamento? perguntou Ussery no ato.

Ou Connor assentiu.

Analisaram os fatos que temos até a data. Se perguntão se o e-mail foi enviado pela vítima ou

por uma assassina série que pretende martirizar a sua família. Há diferenças de estilo no

mensage que apresentou o senhor Bannister... bom, ambos vimos que parecia escrito por outra

pessoa ou sob o efeito das drogas, mas a garota não era drogada. E não podemos rastrear o e-

mail. Há um sistema que protege ao gerador de correio eletrônico, suponho que por questões

pornográficas. Falei com o Eddie Morais em Baltimore. É o mago técnico de Imagens

Inocentes (projeto do FBI destinado a rastrear, arrestar e encarcerar aos cultores da

pornografia infantil) e diz que estão jogando com recursos fixos. Eles têm um Hacker que crie

poder violar a rede de anonimato, mas ainda não o obteve e o procurador de

Nova Iorque não está seguro de que seja legal fazê-lo.

418

Carajo opinou Ussery sobre a opinião legalista. A pornografia infantil era um dos ódios

importantes do FBI e Imagens Inocentes se tinha convertido em prioridade de investigação a

nível nacional.

Ou Connor assentiu.

Isso mesmo disse Bert, Chuck.

Então estamos com as mãos vazias?

No momento. Ficam alguns amigos da Mary por entrevistar... cinco deles amanhã mesmo.

Mas se houver algum cabo solto, arrumado a que está em Nova Iorque. Alguém que conhecia.

Alguém que a convidou a sair. Mas não aqui, Chuck. Mary Bannister se foi do Gary sem

olhar atrás.

Ussery franziu o cenho, mas os procedimentos de investigação de Ou Connor eram

inobjetables e tinham doze agentes trabalhando no caso Bannister. Esses casos corriam e se

detinham seu próprio ritmo. Quãodou James Bannister chamasse (o fazia todos os dias) teria

que lhe dizer que o FBI seguia trabalhando e lhe perguntar se não tinha esquecido incluir a

ninguém na lista de amigos da Mary.

419

CAPÍTULO 25

AMANHECER

Não ficou muito tempo, senhor comentou o inspetor de migrações ao ver o passaporte do

Popov.

Reuniões de negócios disse o russo com seu melhor esta acentodounidense .
Voltarei logo

sorriu.

Bom, apure-se, senhor Outra timbra no passaporte estragado e Popov enfiou para
o salão de

primeira classe.

Grady o faria. Estava seguro. O desafio era muito grande para que seu ego o
rechaçasse. O

mesmo podia dizer-se da recompensa.

Seis milhões de dólares era mais do que o IRA tinha visto em toda seu
existência, nem sequer

quando Muammar Qaddafi de Líbia os havia respaldado a princípios dos oitenta.
Contribuir

com recursos a organizações terroristas sempre tinha sido um problema prático.

Historicamente os russos lhes tinham dado armas, lugares para treinar e
inteligência operativa

contra os serviços de segurança britânicos, mas nunca mucho dinheiro. A URSS
jamais tinha

tido grandes quantidades de monedá estrangeira, que usava principalmente para
comprar

tecnologia de aplicação militar. Além disso, tinham descoberto que o casal de
ancianos que

utilizavam como couriers no Ocidente (entregavam efetivo a os agentes
soviéticos residentes

nos Estados Unidos e Canadá) havia sido vigiada pelo FBI todo o tempo! Popov

teve que

sacudir a cabeça. Por muito excelente que fora a KGB, o FBI não ia em retaguarda. Os

americanos tinham o bom critério de não queimar as operações que foram descobrindo, e em

troca as utilizavam para obter um quadro sistemático das ações da KGB brancos e objetivos e

assim averiguar onde não tinham penetrado os russos.

Voltou a sacudir a cabeça caminho à porta. Ainda estava a escuras, não? As perguntas

seguiram sem resposta: Exatamente o que estava fazendo? O que queria Brightling? por que

atacava ao grupo

Rainbow?

Chávez decidiu deixar a um lado sua metralhadora MP-10 e concentrarse em seu Beretta .45.

Fazia semanas que não errava um disparo com a arma Heckler & Koch (nesse contexto, errar

equivalia a fazer branco a mais de uma polegada da localização ideal da bala: entre e

ligeiramemore sobre os olhos da silhueta de prática.) A olhe dióptrica da

420

H&K estava tão perfeitamente desenhada que se a gente via o branco, o acertava. Assim de

simples.

Mas com as pistolas não era tão simples e ele precisava praticar.

Tirou a arma de sua capa do Gore-Tex e apontou no ato, unindo ambas as mãos sobre a

culatra enquanto retrocedia meio passo com o pé direito e girava o corpo, adotando a postura

Weaver que lhe haviam ensinado anos atrás na Virginia. Levantou a pistola ao nível dos olhos

e simultaneamente apertou o gatilho com o índice direito...

... não com a suficiente suavidade. O disparo lhe teria pirado a mandíbula ao branco, e talvez

destroçado alguma artéria importante, mas não tivesse sido instantaneamente fatal. O segundo

disparo, realizado segundo meio depois, sim o tivesse sido. Ding grunhiu, molesto consigo

mesmo. Guardou a pistola logo depois de lhe pôr o seguro. Outra vez.

Apartou a vista do branco. Voltou a olhar. Aí estava, um terrorista com a arma apontada à

cabeça de uma menina. Com a velocidade do raio, a

Beretta saiu de sua capa e Chávez acionou o gatilho. Melhor. Esse lhe hábria atravessado o

olho esquerdo, e o segundo, novamente disparado um segundo depois, abriu um bonito

buraco entre os olhos da silhueta número oito.

Excelente dobro disparo, senhor Chávez.

Ding se deu volta e viu o Dave Woods, o professor do polígono.

Sim, o primeiro foi aberto e baixo admitiu. lhe voar meia cara ao bastardo não lhe parecia

suficientemente bom.

Menos boneca, mais dedo lhe aconselhou Woods . E me permita voltar a ver a posição de

suas mãos Ding empunhou a arma . Ah, sim, já vejo lhe corrigiu um pouco a mão esquerda .

É melhor assim, senhor.

Mierda, pensou Chávez. Assim de simples? Ao mover dois dedos menos de um quarto de

polegada a pistola se deslizou a uma posição perfeita, como se tivessem feito a culatra a

medida para ele. Provou-a várias vezes, voltou a embainhá-la e executou sua versão de

disparo rápido. Esta vez, o primeiro disparo foi mortífero (entre os olhos do branco a sete

metros de distância) e o segundo não o desmereceu.

Excelente disse Woods.

Faz quanto que insígnia, sargento maior?

Bastante, senhor. Faz nove anos que estou no Hereford.

por que não forma parte do SEJA?

Tenho mal um joelho. Machuquei-me em 1986, saltando de um

Warrior. Não posso correr mais de duas milhas sem que fique rígida, já vê Tinha um bigode

ruivo que terminava em duas magníficas punvocês e faiscantes olhos cinzas.

Chávez se deu

conta de que o muito filho de puta poderia lhe ensinar a disparar ao muito mesmo Doc

Holliday . Adelante, senhor O professor se afastou suspirando.

Bom, carajo soprou Chávez. Executou quatro disparos rápidos. Mais dedo, menos boneca,

baixar apenas a mão esquerda... bingo...

Três minutos depois havia um buraco de duas polegadas no meio do setor incapacitamiento

instantâneo do branco. Teria que recordar essa pequena lição.

421

Tim Noonan estava na linha do lado com seu Beretta. DisparaBA mais lento que Chávez, e

mais espaçado, mas todas suas balas foram direto ao cérebro. Finalmente, ambos ficaram sem

munições.

Chávez se tirou os protetores auditivos e lhe aplaudiu o ombro.

Hoje estive um pouco lento se queixou o perito técnico.

Sim. Bom, igual eliminou ao maldito patife. Foi CRR, não?

Sim, mas não atirador. Também me encarregava da técnica. Bom, sim, disparava com eles

regularmente, mas não era nenhum gênio. Nunca cheguei a ser tão rápido como quisesse.

Talvez sou lento de reflexos

Noonan sorriu enquanto limpava sua pistola.

E que tal funciona esse buscador de gente?

É mágico, Ding. me dê outra semana e será perfeito. A antena tem um acessório parabólico,

parece saída do Star Trek suponho, mas carajo, encontra às pessoas! Separou as partes e as

orvalhou com o BreakFree para as limpar e as lubrificar . Esse Woods é um excelente

entrenador, não crie?

Sim, bom, acaba de resolver um problemita disse Ding, tomando o rociador para limpar sua

automática.

o da Academia do FBI também fez milagres comigo. Seuponho que todo se reduz a como

encaixam suas mãos na culatra. E a um dedo suave Noonan passou um pano sobre o canhão e

voltou a armar a pistola . Sabe, o melhor de estar aqui é que somos quase os únicos que

levamos armas.

Entendo que os civis não têm permitido levar armas, não?

Sim, faz uns anos trocaram a lei. Estou seguro de que ajudará a reduzir o crime comentou

Noonan . Votaram a primeira lei de controle de armas lá por 1920, para controlar à IRA.

Obrou por arte de magia, não crie? Lançou uma gargalhada . OH, bom, eles jamais rédactaron

uma Constituição como nós.

Leva-a sempre em cima?

Diabos, sim! Noonan levantou a vista . Né, Ding, sou polícia, recorda? Sinto-me nu sem um

amigo na cintura. Inclusive quãodou trabalhava na Divisão Laboratório, com estacionamento

reservado e tudo, velho, jamais caminhei por Washington DC sem minha pistola.

Alguma vez teve que usá-la?

Tim negou com a cabeça.

Não, muito poucos a usam, mas é parte da mística, sabe?

olhou a seu branco . A um gosta de ter certas habilidades, velho.

Sim, nos passa o mesmo a lei britânica havia autorizado aos integrantes do Rainbow a levar

armas em qualquer lugar que fossem apoiando-se no argumento de que, como comando

antiterrorista, sempre estavam de serviço. Era um direito que Chávez não havia ejercedo até o

momento, mas Noonan tinha razão. O gênio tecnológico colocou um carregador cheio na

pistola limpa e recém armada, colocou o seguro e a guardou em sua capa, junto com dois

carregadores de reserva.

Bom, esse ritual era parte de ser polícia, não?

Até mais tarde, Tim.

Vemo-nos, Ding.

Muitos não podiam, mas outros simplesmente recordavam as caras da gente (habilidade

particularmente útil para as moços de bar, porque a todo mundo agrada que a moço o

reconheça e recorde seu gole favorito). Esse era o caso no Turtle Inn Bar & Lounge de Nova

York, sobre o Columbus Avenue. O policial entrou logo que abriu o bar, ao meio-dia, e

saudou:

Olá, Bob.

Olá, Jeff. Café?

Sim disse o jovem polícia, observando os movimentos da moço.

Extrañamente, esse bar servia bom café (infusão preferida pelos yuppies nessa parte da

cidade). Uma de açúcar e um toque de nata.

Fazia dois anos que Jeff tinha a mesma parada, o suficiente para conhecer a maioria dos

comerciantes, quem a sua vez o conheciam e sabiam de cor seus hábitos. Era um policial

honesto... mas jamais rechaçava um prato ou uma bebida grátis, muito menos um bom donut

(alimento favorito do oficial de polícia americana).

E, o que anda passando? perguntou Bob.

Procuro uma garota desaparecida replicou Jeff . Te diz algo esta cara? Passou-lhe um volante.

Sim, Annie algo, gosta do Kendall Jackson Reserve Chardonnay.

Estava acostumado a vir sempre. Mas faz tempo que não a vejo.

E esta outra? Passou-lhe o segundo volante. Bob ficou olhando uns segundos.

Mary... Mary Bannister. A lembrança muita bem, é uma garota que se destaca, sabe? Faz

tempo que não a vejo, tampouco.

O policial logo que podia acreditar sua boa sorte.

O que sabe delas?

Espera um momento, diz que desapareceram. Raptaram-nas ou algo assim?

Algo assim, velho Jeff bebeu um sorvo de café . O FBI anda atrás desta Assinalou a foto do

Bannister . A outra é nossa.

Bom, maldita seja. Não sei quase nada delas. Estavam acostumados a vir por aqui um par de

vezes por semana, a dançar e essas coisas, já sabe, como todas as garotas solteiras,

procuravam moços.

OK, direi-te algo, virão a te perguntar por elas. Tenta recordar, quer? devia considerar a

possibilidade de que o próprio Bob as fizesse desaparecer, mas toda investigação exigia que

um toMara partido e essa possibilidade parecia muito vaga. Como tantos moços de Nova

Porque, esse tipo queria ser ator, o qual provavelmente explicava sua memória para os

detalhes.

Sim, claro, Jeff. Maldita seja, raptadas, né? Fazia tempo que não escutava algo assim. Carajo

concluiu.

Há oito milhões de histórias na Cidade Nua, velho.

Até mais tarde disse o policial, enfiando para a porta. Sentia que há 423

havia feito a maior parte de seu trabalho diário e, nem bem saiu à rua, transmitiu por rádio a

informação que acabava de conseguir.

A cara do Grady era famosa no Reino Unido, mas o terrorista esperava que a barba vermelha

e os óculos modificassem seu aspecto o suficiente para não ser detectado por nenhum

conspícuo oficial de polícia.

Em todo caso, a presença policial não era tão densa ali como no Londres. A porta da base no

Hereford era tal como a recordava, e não estava longe do hospital comunal. Estudou os

caminhos, acessos e zonas de estacionamento e os encontrou de seu agrado. Tomou seis

cilindros de fotos com seu Nikon. O plano que começava a gerar-se em sua mente era

simples, como todos os bons planos. Os caminhos pareciam estar de seu lado, igual aos

espaços abertos. Como de costume, o efeito irmãpresa seria sua arma primitiva. ia necessitar

a, pois a operação se desenvolveria muito perto da organização militar mais eficiente e

perigosa do Reino Unido. As distâncias marcariam o fator tempo.

Provavelmente quarenta minutos fora e trinta dentro. Quinze homens, os melhores. Outros

recursos se podiam conseguir com dinheiro, pensou Grady, estacionado no estacionamento do

hospital. Sim, o plano funcionaria. Só faltava definir se o fariam de dia ou de noite. Quase

sempre se escolhiam as horas noturnas, mas Grady tinha aprendido com sangue que os

comandos antiterroristas amavam a noite, porque suas equipes de visão noturna igualavam

todas as horas do dia em sentido tático... e os terroristas não estavam bem preparados para

operar na escuridão. Essa tinha sido a grande vantagem da polícia no Berna, Viena e o Parque

Mundial. Então, por que não tentá-lo a plena luz do dia? perguntou-se. Teria que discuti-lo

com seus amigos. Emcendió o motor para retornar ao Gatwick.

Sim, venho-o pensando desde que Jeff me mostrou as fotos disse a moço do bar. chamava-se

Bob Johnson. Vestia seu uniforme noturno:

camisa branca, calça negra e gravata de laço.

Conhece esta mulher?

Sim assentiu . Mary Bannister. A outra é Anne Pretloe. Eram clientas regulares. Pareciam

agradáveis. Dançavam e paqueravam com os homens. Este lugar fica muito movido de noite,

especialmente os fins de semana. Estavam acostumados a vir por volta das oito e ir-se às

onze, onze e trinta.

Sozinhas?

Quando se foram? A maioria das vezes, mas não sempre. A

Annie gostava de um tipo. chama-se Hank, não sei o sobrenome. Branco, cabelo acobreado,

olhos pardos, aproximadamente minha estatura, um poquito panzón, mas não excedido de

peso. Acredito que é advogado. Provavelmente venha esta noite. Vem sempre. Também havia

outro tipo... talvez a

424

última vez que a vi por aqui... como carajo se chamava? Johnson cravou a vista na barra .

Kurt, Kirk, algo pelo estilo. Agora que o penso, também a vi a Mary dançando com ele, uma

ou duas vezes. Um tipo branco, alto, de aparência agradável, faz tempo que não

o vejo,

gostava do Jim

Beam, deixava boas gorjetas As moços dos bares sempre récuerdan o montante das gorjetas .

Era caçador.

Como? perguntou o agente Sullivan.

Caçador de garotas, velho. Para isso vêm os tipos a lugares como este, acaso não sabiam?

Esse moço era um presente de Deus, pensaram ao unísono Sullivan e Chatham.

Mas faz tempo que não o vê?

Ao Kurt? Não, um par de semanas pelo menos, talvez mais.

Existe alguma possibilidade de que nos ajude a nos formar uma imagem mais certa?

Um identikit, como os que saem nos jornais? perguntou-lhes

Johnson.

Precisamente confirmou Chatham.

Suponho que posso tentá-lo. Algumas das garotas que sexnen regularmente também poderiam

conhecê-lo. Acredito que Marissa o COnoció. É habituei, vem quase todas as noites, aparece-

se por volta das sete, sete e trinta.

Suponho que vamos ficar nos um momento pensou Sullivan em voz alta, olhando seu relógio.

Era meia-noite no Mildenhall. Malloy abandonou a rampa em seu

Night Hawk e pôs rumo ao Hereford. Sentia os controles tão ajustados e sensíveis como

sempre, e a nova peça funcionava. Havia resultado ser um calibrador de combustível digital

que indicava com números (em substituição da tradicional agulha) a quantidade de

combustível em existência. Não era má idéia em opinião do Malloy. A noite r relativamente

clara, um pouco bastante incomum nessa parte do mundo, mas sem lua. Por isso levava postos

seus óculos de visão noturna. Estes transformavam a escuridão em um crepúsculo esverdeado

e, embora reducessem a acuidade visual de 20/20 a aproximadamente 20/40, isso era muito

melhor que andar às cegas na escuridão. Manteve o helicóptero a trezentos pés de altura para

evitar os postes de energia elétrica (terror de todos os pilotos experimentados). Não levava

passageiros, só ao sargento Nance, quem ainda levava sua pistola para fortalecer seu ânimo

guerreiro... os soldados de operações especiais estavam automaticamente armados a levar armas,

inclusive aqueles que tinham poucas probabilidades de as usar. Malloy guardava seu Beretta M9

em sua uniforme de vôo (a pistola pendurada do ombro lhe parecia melodramática,

especialmente para um marinheiro como ele).

Helicóptero na pista do hospital disse o tenente Harrison,

425

vendo-o logo que giraram para a base . Rotor aceso e luzes parpadeantes.

Tenho-o confirmou Malloy. Não se chocariam, nem que o piloto separasse nesse preciso

momento . Nada mais a nosso nível adicionou, checando possíveis luz de aviões a ponto de

decolar y/ ou aterrissar no Heathrow e Luton. A gente jamais deixava de verificar essas coisas

se tinha intenções de seguir vivo. Se chegava a comandar o VHM1 na Estação Aérea Naval

da Anacostia, o tráfico do Aeroporto

Nacional Reagan o obrigaria a voar rotineiramente através de um espaço aéreo

superpoblado... e embora respeitava aos pilotos de aerolinhas comerciais, confiava menos

neles que em sua própria capacidade. Para ganhá-la vida como piloto um devia acreditar o

melhor, até que no caso do Malloy era certo. E esse menino Harrison era toda uma promessa...

sempre que conservasse o uniforme. Finalmente, a pista de aterrissagem do Hereford

apareceu ante seus olhos. dentro de cinco minutos tocara terra, e vinte minutos depois,

aterrissaria em sua cama.

Sim, fará-o disse Popov. Estavam na mesa do rincão e a étridente música de fundo lhes

permitia falar com liberdade . Ainda não confirmou-o, mas o fará.

Quem é? perguntou Henriksen.

Sejam Grady. Soa-lhe o nome?

PIRA... trabalhou principalmente no Londonderry, não?

Sim. Capturou a três homens do SEJA Y... eliminou-os. Duas atentadois distintos. O SEJA o

teve como branco em três missões. Em uma de essas ocasiões estiveram a ponto de apanhá-lo

e mataram a dez de seus companheiros mais próximos. Como resultado disso, Grady limpou a

vários suspechosos de informantes dentro de sua unidade. É absolutamente despiadado

concluiu Popov.

É certo assegurou Henriksen ao Brightling . Recordo háber lido o que lhe fez ao tipo do

SEJA. Não foi nada lindo. Grady é um perverso rufião. Conta com a gente necessária para

encarar este operativo?

Acredito que sim replicou Popov . E nos apertou com o dinheiro. O ofereci cinco e exigiu

seis, mais droga.

Drogas? surpreendeu-se Henriksen.

Um momento, eu acreditava que o IRA não aprovava o narcotráfico objetou Brightling.

Vivemos em um mundo prático. O IRA lutou durante anos para eliminar aos

traficantes de

drogas do território irlandês... principalmemore voladuras de rótula para que a ação tomasse

estado público permanente. Foi um movimento psicológico e política de sua parte. Talvez

agora necessita uma fonte de ganhos permanente para prosseguir com suas operações lhes

explicou Dimitri. A moral do tema não parecia lhe importar a ninguém.

Sim, bom, suponho que podemos satisfazer esse pedido disse

426

Brightling com certo grau de desgosto . Voladura de rótula? O que significa isso?

Tomadas uma pistola explicou Bill , coloca o cano detrás da joelho e disparas. O disparo faz

voar a rótula em pedaços. É muito doloroso e te deixa inválido para sempre. Isso faziam aos

informamvocês e a outros indivíduos que não lhes agradavam. Os terroristas protestantes

preferiam utilizar uma furadeira Black and Decker para o mesmo propósito. Desse modo,

todo mundo se inteira de que não convém jogar contigo concluiu Henriksen.

Caramba comentou o médico que havia no Brightling.

Por isso os chama terroristas assinalou Henriksen . Agora, diretamente os matam. Grady tem

fama de desumano, não é certo?

Sim, tem-na confirmou Popov . Não tenho dúvidas de que aceitará esta missão.

Gosta do

conceito e seus possíveis resultados, Bill.

Tampouco esqueçamos seu ego, que é bem grande Bebeu um sorvo de veio .
Quer liderar

politicamente à IRA, e para isso precisa fazer algo espetacular.

Irlanda... terra de amores desventurados e guerras ditosas.

Terá êxito? perguntou Brightling.

O conceito é bom. Mas recorde que, para o Grady, ter êxito implica a eliminação dos brancos

primários as duas mulheres e de alguns soldados. Uma vez obtido isso se retirará da área e

tentará retornar a Irlanda e à segurança. O mero feito de sobreviver a uma operação desta

índole é êxito suficiente para seus propósitos correiolíticos. Brigar até o fim seria uma

loucura, e Grady não está louco disse

Dimitri, duvidando de suas próprias palavras. Acaso todos os revolucionarios não estavam

loucos? Era difícil entender a uns tipos que deixavam que suas idéias controlassem suas vidas.

Os que triunfavam Lenin, Mao e

Gandhi neste século eram os que usavam eficazmente suas idéias, por suposto. Mas mesmo

assim, qual dos três tinha triunfado em realidade?

A União Soviética tinha desaparecido, a República Popular a China sucumbiria

eventualmente à mesma realidade político-econômica que tinha destruído à URSS, e Índia

seguia sendo um desastre econômico que de algum jeito as engenhava para sobreviver em

seu estancamento. De acordo a esse modelo, Irlanda estaria mais subjugada por um eventual

triunfo do IRA que por seu matrimônio econômico com Grande

Bretanha. Cuba, pelo menos, tinha o sol do trópico para esquentar-se.

Para sobreviver sem recursos naturais, Irlanda necessitava um forte vínculo econômico com

outro país, e o Reino Unido era o que estava mais perto. Mas essa disquisición excedia o tema

que os tinha reunido ali.

Então, você espera que Grady toque e se vá insinuou

Bill.

Dimitri assentiu.

É a única tática lógica. Espera viver o suficiente para poder utilizar o dinheiro que lhe

oferecemos. Caso que vocês aprovem o aumento requerido.

427

O que importa um milhão mais ou menos? perguntou Henriksen com uma sorrisita velada.

Então, para ambos é uma soma corriqueira, comprovou Popov, enfrentándose uma vez mais

à evidência de que estavam planejando algo monstruoso... mas o que?

Como o querem? Em efetivo? perguntou Brightling.

Não, disse-lhes que o depositaríamos em uma conta numerada em

Suíça. Eu posso me ocupar.

Já tenho suficiente dinheiro lavado lhe disse Bill a seu empregador .

Poderíamos depositá-lo amanhã mesmo se lhe parecer.

Isso significa que devo voltar para a Suíça se queixou Popov.

Está cansado de voar?

viajei muito, Dr. Brightling Popov suspirou sem dissimulação.

Estava esgotado de tantos vôos e por uma vez se permitiu demonstrá-lo.

John.

John assentiu Popov, vendo pela primeira vez um rasgo de afeto em seu chefe.

Compreendo, Dimitri disse Henriksen . A viagem a Austrália foi uma patada no estômago

para mim.

Como foi crescer na Rússia? perguntou Brightling.

Mais duro que nos Estados Unidos. Havia mais violência nas escolas. Crímenes graves não

explicou Popov , mas sim terríveis pas entre os meninos. Briga pelo poder. As autoridades

estavam acostumadas fazer a vista gorda.

Onde se educou você?

Em Moscou. Meu pai também era oficial de Segurança Estatal.

Eu estudei na Universidade Estatal de Moscou.

Que carreira?

Idiomas e economia A primeira lhe tinha sido extremamente útil.

A segunda, perfeitamente inútil, já que a idéia marxista da econominha não resultou eficaz.

Alguma vez saiu da cidade? Já sabe, como os boy scouts...

Popov sorriu, perguntando-se no que terminaria o interrogatório e por que o estavam fazendo.

Mas lhes seguiu o jogo.

É uma das lembranças mais felizes de minha infância. Eu estava com os Jovens Pioneiros.

Fomos a uma granja estatal e trabalhamos ali durante um mês, ajudando com a colheita,

vivendo com a natureza, como dizem vocês os americanos e logo, aos quatorze anos, tinha

conhecido a seu primeiro amor, Yelena Ivanovna. perguntou-se onde estaria agora. Sucumbiu

a um breve ataque de nostalgia ao recordar seu pele na escuridão, sua primeira conquista...

Brightling notou o sorriso distante e tomou pelo que era.

Gostava, não?

Evidentemente não queriam escutar essa história.

OH, sim. Muitas vezes me perguntei como seria viver em um lugar como esse, com o sol nas

costas todo o tempo, lavrando a terra. Meu pai e eu saíamos a caminhar pelo

bosque,

procurávamos

428

cogumelos... esse era o passatempo de muitos cidadãos soviéticos nos sessenta: passear pelo

bosque a diferença da maioria dos russos, eles chegavam no automóvel oficial de seu pai, mas

ao menino Popov o gostava do bosque como lugar de aventura e romantismo, como a todos

os meninos, e também desfrutava da companhia de seu pai.

Jogam a algo no bosque? perguntou Henriksen.

Observamos pássaros, é obvio, tem-nos que muitas classes, e ocasionalmente renas... mas há

muito poucos. Os caçadores do estado matam-nos permanentemente. Os lobos são seu branco

principal. Os caçam dos helicópteros. Aos russos não gosta dos lobos como a vocês nos

Estados Unidos. Há muitos contos populares dobos raivosos assassinos, sabem. Em sua major

parte fictícios, espero.

Brightling assentiu.

Isso acredito eu. Os lobos são só cães selvagens, se a gente quiser pode treiná-los como

mascotes. Alguma gente o faz.

Eu gosto dos lobos adicionou Bill. mais de uma vez havia pensado em ter um

como mascote,

mas para isso se necessitava muito lherreno. Talvez quando o projeto chegasse a seu fim.

Que diabos era todo isso? perguntou-se Dimitri, seguindo o jogo sem vacilar.

Sempre quis ver um urso, mas já não ficam na área do Moscú. Só pude vê-los no zoológico.

Eu adorava aos ursos adicionou, mentindo. Sempre lhe tinham dado medo. Na Rússia se

contavam terribles historia de ursos, embora não tão antinaturais como as de lobos.

Cães grandes? Os lobos matavam gente nos estepes. Granjeiros e camponeses os detestavam e

aprovavam aos caçadores estatais com suas metralhadoras e seus helicópteros. Era a melhor

maneira de acabar com eles.

Bom, John e eu somos amantes da natureza explicou Bill, lhe pedindo outra garrafa de vinho

à moço . Sempre o fomos. Desde nossas épocas de boy-scouts... como seus Jovens Pioneiros,

imagino.

O Estado soviético não era amável com a natureza. Muito pior que os problemas que tiveram

vocês nos Estados Unidos. Os estadounidenses vieram a Rússia a comprovar o dano e sugerir

soluções ao problema da poluição e outros similares especialmente no Mar

Caspio, onde a contaminação tinha matado a maior parte dos esturjões, e com

eles os ovos de

peixe mundialmente conhecidos como caviar: um dos grandes meios de conseguir moeda

estrangeira em a União Soviética.

Sim, esse foi um ato criminal disse sobriamente Brightling .

Mas é um problema global. A gente não respeita à natureza como devesse Brightling seguiu

falando uns minutos e Popov escutou cortesmente sua pequena conferência em lata.

O movimento ecologista tem grande ingerência política nestadois Unidos, não?

Não tanta como muitos queriam observou Bill . Mas é imandadura para alguns de nós.

429

Um movimento assim seria muito útil na Rússia. É uma verdadeira lástima que se destruiu

tanto sem propósito algum respondeu

Popov. E em certo sentido acreditava assim. O Estado devia conservar seus recursos para

explorá-los apropriadamente, e não simplesmente destruiros porque os imbecis políticos de

volta não sabiam lhes dar uso. Mas a

URSS tinha sido tão horivelmente ineficaz em tudo o que fazia... buenão, exceto em questões

de espionagem, corrigiu-se Popov. Estados Unidois a tinha feito bem. Suas cidades eram

muito mais limpa que as russas, inclusive a muito mesmo Nova Iorque, e a gente podia

encontrar campos verdes e granjas prolijamente produtivas a uma hora em automóvel de

qualquier cidade americana. Mas a grande pergunta era: por que uma conversaço iniciada

com a discussão de um atentado terrorista havia derivado nisso? Ele tinha feito algo para

provocá-lo? Não, seu empregador tinha virado abruptamente o leme nessa direção. E não por

casualidêem. Isso significava que o estavam sondando... mas sobre o que? Soubre a natureza?

Bebeu um sorvo de vinho e observou a seus companheiros de mesa . Sabem, jamais tive

ocasião de conhecer os Estados Unidos. Me gostaria de muito ver os parques nacionais. Como

se chama o dos gêiseres? Goldstone ou algo assim?

Yellowstone, em Wyoming. Provavelmente o lugar mais belo de

Estados Unidos disse Henriksen.

Não, Yosemite contra-atacou Brightling . Em Califórnia. É o vale mais formoso do mundo

inteiro. Atualmente infestado de turistas, é obvio. Mas já trocarão as coisas.

O mesmo passa no Yellowstone, John, e sim, já trocarão as coisas. Algum dia concluiu Bill

Henriksen.

Pareciam estar seguros de que as coisas trocariam. Mas os parque nacionais dos

Estados

Unidos eram jurisdição do governo e étaban abertos a todos os cidadãos, verdade? Assim

devia ser, porque se sustentavam com os impostos. Nada de acesso limitado a uma elite.

Igualdêem para todos... tal como lhe tinham ensinado nas escolas soviéticas, salvo que aqui a

punham em prática. Outra razão mais, pensou Dimitri, para compreender a queda de um país

e o fortalecimento do outro.

Como que já trocarão as coisas ? perguntou Popov.

OH, a idéia é diminuir o impacto humano nessas áreas. É uma boa idéia, mas primeiro têm

que passar outras coisas replicou

Brightling.

Sim, John, tão somente um par de coisas demarcou Henriksen com uma sorriso. Logo decidiu

que o processo indagatorio se prolongou muito . E bem, Dimitri, como nos inteiraremos

quando Grady dita atuar?

Eu o chamarei. Deixou-me um número de telefone celular que posso usar a certas horas do

dia.

É uma alma confiada e crédula.

No que a mim respeita, sim. Somos amigos da década do

80, quando ele esteve no Vale do Bekaa. E além disso é um telefone celular provavelmente

comprado com um cartão de crédito falsa por

430

alguma outra pessoa. Esses aparatitos lhes são muito úteis aos agentes de inteligência. São

difíceis de rastrear, a menos que a gente tenha uma equipe muito sofisticado. Estados Unidos

os tem, e Inglaterra também, mas outros países não.

Bom, chame-o assim que lhe pareça apropriado fazê-lo. Queremos que isto corra rápido, não é

certo, John?

Sim afirmou o Dr. Brightling . Bill, prepara o dinheiro para a transferência amanhã mesmo.

Dimitri, abra a conta bancária no Suíça.

Sim, John replicou Popov quando a sobremesa se aproximava da mesa.

Grady estava entusiasmado com a missão. Eram quase as duas da manhã no Dublin. Um

amigo do movimento tinha revelado as fotos (velaram-se só seis). As maiores penduravam da

parede. As mais pequenas estavam colocadas em lugares específicos sobre um mapa

desdobrado em cima da mesa de trabalho.

Chegarão por aqui, por este caminho. Só têm um lugar onde estacionar seus veículos,

verdade?

Assim é disse Rodney Sands, verificando os ângulos.

OK, Roddy, então faremos isto... Grady delineou o plano.

Como nos comunicamos?

Por telefone celular. Cada grupo terá um e selecionaremos programa de discado veloz para

intercambiar informação rápida e eficazmente.

Armas? perguntou Danny McCorley.

Temos a montões, nenê. Eles responderão com cinco hombres, talvez com dez, mas não mais.

Jamais desdobraram mais de dez ou onze homens em uma missão, nem sequer na Espanha.

Contamo-los em os vídeos de TV, não? Quinze de nós, dez deles, e o efeito irmãpresa a nosso

favor em ambas as fases.

Os gêmeos Barry, Peter e Sam, mostraram-se céticos em um princípio, mas se se moviam

rápido... e conforme o planejado... sim, era posible.

E as mulheres? perguntou Timothy Ou Neil.

O que acontece elas? saltou Grady . São nossos brancos primarios.

Uma mulher grávida, Sejam... não ficará bem politicamente.

São americanos, e seus maridos são nossos inimigos, e elas são a ceva que os tirará de suas

guardas. Não as mataremos no ato, e se as circunstâncias o permitem

poderíamos as deixar

vivas para que chorem a seus homens mortos, nenê adicionou Grady, só para aliviar a

consciência do jovem. Timmy não era covarde, mas padecia de sentimentalismo burguês.

Ou Neil assentiu, submisso. Não convinha zangar ao Grady, e além disso era o chefe.

Eu lidero o grupo do hospital então?

431

Grady assentiu.

Sim. Roddy e eu ficaremos fora com o grupo de reforço.

Muito bem, Sejam murmurou Timmy, comprometendo-se com a missão a partir de agora e

para sempre.

432

CAPÍTULO 26

CONCLUSÕES

Um dos problemas dessa classe de investigação era que se COrría o risco de alertar ao sujeito,

coisa que não sempre podia evitar-se.

Os agentes Sullivan e Chatham circularam pelo bar até a médianoite e encontraram a duas

mulheres que conheciam a Mary Bannister e a uma que conhecia a Anne Pretloe. No primeiro

caso, deram-lhes o nome de um tipo com o que tinham visto dançar ao Bannister... um

habituei do bar que essa noite não tinha ido, mas cuja direção obteriam rapidamente a partir

de seu número telefônico (conhecido, evidentemente, por quase todas as mulheres presente).

Passada a meia-noite decidiram marchar, um pouco molestos por ter estado tanto tempo em

um bar tão movido bebendo Coca-cola, mas com novas pistas para seguir. Até o momento era

um caso típico. O agente especial Sullivan decidiu que era-o enquanto percorria o

supermercado em busca de algo para comer.

Sempre escolhia os produtos ao azar, sem saber como resultariam uma vez cozinhados.

Bom dia, neném disse Ding antes de levantar-se da cama, inirecuando (como de costume) seu

dia com um beijo.

Olá, Ding Patsy tentou dar-se volta, mas era difícil, quase tão difícil como dormir de barriga

para cima. Logo que podia mover-se com seu vientre enorme. Não via o momento de que

nascesse, apesar das dores do parto. Sentiu a mão do Ding sobre a pele estirada do que

outrora tinha sido um abdômen chato e musculoso.

Como anda meu muchachito?

Despertando, parece respondeu Patsy com um sorriso lejano, perguntando-se que aspecto teria

seu filho. Ou filha. Ding estava convencido de que seria varão. Aparentemente não estava

disposto a aceitar outra possibilidade. Talvez fora um rasgo latino. Como médica, ela

pensava outra coisa. Fora o que fosse, seria são. Não tinha deixado de mover-se desde que

sentiu o primeiro blup (assim o chamava ela) aos três meses de embarço . Aí o tem informou

quando o bebê se deu volta no mar de líquido amniótico.

Domingo Chávez o sentiu na palma da mão, sorriu, e se inclinou para beijar novamente a sua

esposa antes de ir tomar banho.

Amo-te, Pats disse, caminho ao banho. Como de costume, o

433

mundo era tal como devia ser. Jogou uma olhada ao quarto de seu filho, com as paredes

cobertas de coelhinhos e o berço lista para ser ocupada. Pronto, disse-se. Em qualquer

momento, havia dito a obstetra (demarcando, entretanto, que os primogênitos estavam

acostumados a atrasar-se um pouco). Quinze minutos depois caminhava para a porta, logo

depois de ter tomado um café puro, já que não gostava de tomar o café da manhã antes das

práticas. Como de costume, foi em automóvel até o edifício do Comando 2. Outros estavam

chegando.

Olá, Eddie saudou Chávez.

Bom dia, major respondeu Price. Cinco minutos mais tarde, o comando se achava ao ar livre.

Essa manhã, a rotina foi liderada pelo sargento Mike Pierce: quinze minutos de exercícios de

estiramento e endurecimento e logo a correr.

Os que saltam de um avião começou Price, e o resto da equipe fez coro:

Têm cérebros de cartão!

O cantito tradicional tinha uma lógica perfeita em opinião de

Chávez, quem tinha estado na Escola de Pilotos do Fort Benning, mas não na Escola de Salto.

Era muito melhor brigar a batalha desde o helicóptero que ser uma mancha no chão, um

branco perfeito para os delinqüentes, impossibilitado de disparar para defender-se. A sozinha

idéia o aterrava. Mas era o único integrante do Comando 2 que jamais tinha saltado. Era

estranho que jamais tivesse escutado a seus homens brincar a respeito, pensou ao passar o

marco da primeira milha. Pierce era um corredor dotado e estava impondo um ritmo

velocíssimo, tal vez com a esperança de que algum abandonasse. Mas ninguém o faria, isso

sabiam todos. Em casa, pensou Ding, Patsy se estaria preparando para ir trabalhar à sala de

emergências do hospital. No momento parecia querer especializar-se em emergências, para o

qual necessitaria um certificado cirúrgico lhe habilitem. Era gracioso que ainda não hubiera

eleito sua especialidade. Certamente tinha cérebro para fazer quase algo, e perfeitas mãos de

cirurgiã. Gostava de demonstrar seu destreza manual levantando complicados castelos de

naipes, e nos últimos meses se tornou uma perita em truques de magia. O ensinava o que fazia

e como o fazia, mas nem sequer estando perto conseguia ver quando o fazia, coisa que o

assombrava e zangava um pouco.

Seus nervos de controle motriz devem ser incríveis, pensou Ding orgulhosou, entrando na

terceira milha da carreira. Aí começava um a sãotirlo, porque na terceira milha as pernas já

estavam convencidas de ter completo com acréscimo seu dever e pretendiam diminuir a

marcha.

Pelo menos isso acontecia com Ding. Dois membros do comando corriam maratonas Loiselle

e Weber, o mais baixo e o mais alto da equipe respectivamente e, até onde ele sabia, jamais se

cansavam. Especialmente o alemão, graduado na escola montanhesa de guerra Bundeswehr e possuidor da placa Bergermeister, era o filho de puta mais robusto que tinha conhecido em sua vida. E Loïselle era como um maldito coelho anão, movia-se com graça e invisível poder.

434

Dez minutos mais, pensou Chávez. Suas pernas começavam a quejarse mas, decidido a não

demonstrá-lo, seu rosto adotou uma expressão calma e determinada, quase de aborrecimento.

O Comando 1 também étaba correndo no andarivel oposto do caminho. Felizmente, não lhes

dava de jogar carreiras. Registravam os tempos, por supuesto, mas a competência direta os

tivesse forçado a um regime dêtructivo e produtor de lesões... e já era bastante com as do

treinaminto de rotina, embora no momento o Comando 2 estava em perfectas condicione de

empreender qualquer missão.

Companhia... tempo, march! gritou finalmente Price. Os soljogo de dados se detiveram

cinqüenta metros mais à frente.

Bom, moços, bom dia. Espero que tenham desfrutado dêpertar a outro dia de proteger ao

mundo contra os moços maus disse-lhes Price, com o rosto sorridente talher de

suor . Maior

Chávez disse logo, retornando a seu posto habitual na fileira.

OK, cavalheiros, foi um bom treinamento. Obrigado por liderar a carreira esta manhã,

sargento Pierce. Duchas e café da manhã, soldados.

Dispersem-se Obedecendo a ordem, as quatro fileiras de cinco se desintegraron e os homens

enfiaram para o edifício para tomar banho. Algu trabalharam-nos um pouco mais as pernas e

os braços. As endorfinas tinham muito que ver nisso: produziam o chamado high do corredor,

um excesso de energia que posteriormente se traduzia em uma deliciosa sensação de bem-

estar que lhes duraria o resto da manhã. Outros já puseram-se a conversar sobre coisas

diversas, profissionais e de as outras.

O café da manhã inglês se parecia muito ao americano: toucinho, ovos, torradas, café chá

inglês para alguns , combustível para o dia que os esperava. Alguns comiam pouco e outros

muito, segundo o metabolismo de cada um. Já se tinham posto o uniforme e estavam

preparados para ir a seus escritórios. Tim Noonan lhes daria uma conferência sobre segurança

nas comunicações. As novas rádios do E-Systems não necessitavam apresentação, mas

Noonan queria que soubessem o mais correiosible sobre elas, incluindo o funcionamento dos

sistemas de encriptado. Graças a esses aparelhos os membros do comando poderiam

comunicar-se livremente e tudo o que tentasse interferi-los só escucharía o vaio da estática.

Isso não era nada novo, em realidade, mas as novas rádios portáteis (com seus auriculares e

seus minúsculos meucrófonos diretos à boca) implicavam um grande adiantamento técnico,

depende

Noonan. Logo Bill Tawney lhes informaria as novidades de inteligenCIA e investigação sobre

suas três missões cumpridas. Depois iriam ao polígono de tiro para afinar a pontaria, mas esse

dia não haveria ejercicios com brancos. Em troca praticariam desdobramentos com soga larga

do helicóptero do Malloy.

Prometia ser um dia pleno, embora rotineiro, para o comando

Rainbow. Chávez esteve a ponto de somar o qualificativo aborrecido à descrição, mas sabia

que John se esforçava por variar a rotina diaria e que, além disso, terei que praticar os básicos

porque, bom, eram

435

básicos para fazer bem o trabalho, e eram as coisas às que alguém apelaBA

quando a situação

tática se vinha abaixo e não havia tempo para pensar o que fazer. Chegado este momento,

cada membro do Comando 2

sabia como pensavam outros e, devido a isto, quando o teatro de operações diferia da

inteligência tática recebida seus homens se adaptavam perfeitamente, às vezes sem dizer uma

palavra, como se se comunicaran por telepatia. Essa era a recompensa do treinamento

intensivo e intelectualmente aborrecido. Os Comandos 1 e 2 se haviam transformado em

organismos vivos e pensantes cujas partes atuavam apropriadamente... e de maneira

automática. Se o pensava, parecia-lhe notável...

mas enquanto se treinavam era tão natural como respirar. Como Mike

Pierce saltando sobre o escritório no Parque Mundial. Isso não era parte do regime de

treinamento mas igual o fez, e a perfeição, e o único engano foi que seu primeiro disparo não

deu na cabeça do sujeito a não ser nas costas (produzindo, não obstante, feridas fatais),

seguido por um segundo disparo que sim lhe voou a cabeça. Buum. E os outros membros do

comando confiaram em que Price cobrisse seu setor e logo os ajudasse. Como os dedos de

uma mão, pensou Chávez, capazes de fechar-se em um punho mortífero, mas também capazes

de mover-se por separado, porque cada dedo tinha cérebro próprio. E eram seus homens.

E isso era o melhor de tudo.

Conseguir armas era o mais fácil. Aos estranhos parecia cómica: os irlandeses faziam com as

armas o que os esquilos com as nozes, sempre as estavam armazenando e muitas vezes

esqueciam para o que. Durante uma geração, a gente tinha enviado armas à IRA e o

IRA as tinha aceito, as enterrando para o glorioso momento em que a nação irlandesa em

pleno se decidisse a enfrentar aos ingleses invasores e os expulsasse para sempre do sagrado

chão da Irlanda... ou algo pelo estilo, pensou Grady. Ele mesmo tinha enterrado mais de três

mil armas, em sua maior parte rifles de assalto AKMS de fabricação russa, como os que tinha

na granja familiar do Tipperary. Tinha enterrado as armas quarenta metros ao oeste de um

imenso carvalho, sobre a colina próxima à casa, e a dois metros de profundidade (o poço era o

suficientemente profundo para que os tratores não as danificassem ou desenterrassem

acidentalmente, e o suficientemente superficial para que eles pudessem as resgatar em uma

hora com suas pás). Eram cem rifles, entregues em 1984 por uma alma serviçal que tinha

conhecido na Líbano, e vinte carregadores plásticos pre-carregados por rifle. Haviam-nos

Colocado em caixas, envolvendo armas e munições em papel engordurado (como faziam os

russos) para proteger as da umidade. Grady comprovou que a maioria dos pacotes estavam

intactos. Selecionou vinte armas: arrancou-lhes o papel para verificar possíveis efeitos de

óxido ou corrosão e provou os mecanismos. Em todos os casos esta graxaBA intacta, tal

como quando tinham saído da fábrica no Kazan. Os

AKMS eram a versão atualizada dos AK-47, e estes eram além disso

436

dobradiças e muito mais fáceis de ocultar. E, se por acaso fora pouco, seus homens se tinham

treinado com essa arma em Líbano. Era fácil de usar, confiável e ocultável. Estas

características a voltavam perfeita para a missão em florestas. Carregou as quinze que tinha

eleito, junto com trêscentenas cartuchos de trinta, na caixa do caminhão. Já era hora de

reencher o poço. Três horas depois, o caminhão ia caminho a outra granja, esta vez na costa do

Cork, onde vivia um granjeiro que tinha um singular pacto com Sejam Grady.

Sullivan e Chatham chegaram ao escritório antes das sete da manhã, logo

depois de ter

superado os engarrafamentos e encontrado um lugar decente para estacionar. A primeira

ordem do dia era utilizar uma mentira computadorizada para rastrear nomes e direções a partir

dos números telefônicos. Foi um processo rápido. Logo teriam que encontrar aos três homens

que supostamente conheciam a Mary

Bannister e Anne Pretloe e entrevistá-los. Era possível que um deles fora assassina série ou

seqüestradora. No primeiro caso, provavelmente seria um criminoso muito inteligente e

circunspeto. Uma assassina série era um caçador de seres humanos. Os mais ardilosos

atuavam com a disciplina de um soldado: seguiam a suas vítimas, discerniam seus hábitos e

debilidades, e logo as apanhavam para entreter um momento... até que se acabava a diversão e

chegava o momento das matar. Os aspectos homicidas das atividades de uma assassina série

não entravam, estritamente falando, na jurisdição do FBI. Mas o rapto sim, sempre que o

assassino transladasse a sua vítima de um estado a outro, e dado que havia um limite

interestadual a pouca distância de Manhattan, os agentes estavam autorizados a proceder.

Teriam que formular suas perguntas com extrema cautela e recordar que a assassina série

quase sempre tinha um disfarce elegante para ganhar a confiança de suas vítimas. Estava

acostumado a ser um homem amável, inclusive arrumado, amistoso e absolutamente

inofensivo... até que era muito tarde e a vítima estava condenada.

Ambos os agentes sabiam que se enfrentavam ao mais perigoso dos criminales.

A Sujeito F4 progredia rapidamente. Nem o Interferon nem o

Interleukin-3a tinham afetado as cepas da Shiva, que se reproduziam com gosto e atacavam

seu fígado com feroz rapacidade. O mesmo ocorria com seu pâncreas, cuja desintegração

progressiva tinha provocado uma grave hemorragia interna. Estranho, pensou o Dr. Killgore.

Shiva havia tardado em afirmar-se, mas uma vez desatado começou a devorar o corpo da

jovem com a gula de um glutão de festa. A Mary Bannister o ficavam cinco dias de vida

como muito, decidiu.

M7, Chip Smitton, estava um pouco melhor. Seu sistema imunitario defendia-se a braço

partido, mas Shiva era muito maligno para ele

437

e, embora trabalhava mais lentamente que em F4, o destino do Smitton era igualmente

inexorável.

F5, Anne Pretloe, pertencia ao extremo privilegiado do espectro genético. Killgore se tinha

tomado a moléstia de resgatar a história clínica de todos os sujeitos. Bannister tinha

antecedentes de câncer associação de Futebolmiliar: sua mãe e sua avó haviam falecido de

câncer de mama e

Shiva a estava devorando rapidamente. Talvez haveria certa corre-ación entre a vulnerabilidade ao câncer e as enfermidades infecciosas?

Isso indicaria que o câncer era fundamentalmente uma enfermidade do sistema imunológico,

como suspeitavam muitos médicos e científicos? Se tratava o tema em um artigo para o New

England Journal of

Medique provavelmente obteria maior reconhecimento dentro de seu comunidade... mas não

tinha tempo e, além disso, quando por fim o publicaran ficariam muito poucos para lê-lo.

Bom, poderiam falá-lo em

Kansas... porque ali seguiriam praticando a medicina e trabalhando em o Projeto

Imortalidade. A maioria dos melhores investigadores médicos do Horizon não formavam

parte do projeto, mas não podiam MAtarlos, verdade? E assim, como tantos outros, veriam-se

beneficiados pela generosidade do projeto. Deixariam viver a mais gente da necessária...

ah, claro, necessitavam diversidade genética, e por que não escolher personas inteligentes que

eventualmente compreenderiam os alcances do projeto? E embora não os compreendessem, o

que outra opção teriam...

salvo viver? Todos estavam destinados a receber a vacina B que Steve

Berg tinha desenvolvido ao mesmo tempo da letal variante A. Em qualquer caso, sua

especulação tinha valor científico... embora fora particularmente inútil para os sujeitos de

experimentação que enchiam todos os quartos disponíveis da área de tratamento. Killgore

recolheu suas notas e iniciou o percurso habitual.

Só a tremenda dose de morfina fazia passível a vida para

Mary Bannister (dose que bastaria para matar a uma pessoa sã e fizesse as delícias do drogado

intravenoso mais acostumado).

Como se sente esta manhã? perguntou-lhe alegremente.

Cansada... débil... dolorida replicou a paciente.

Como anda a dor, Mary?

Segue aí, mas não tão forte... principalmente no estômago

Seu rosto estava mortalmente pálido pela hemorragia interna e as petequias sobressaíam o

suficiente para lhe proibir o uso do espelho... a menos que a gente queria matá-la do susto.

Todos queriam que os sujeitos morreram comodamente. Desse modo seria menos

complicado para todos... Entretanto, não se tratava com tanta amabilidade a outros sujeitos

experimentais, pensou Killgore. Era injusto, mas prático. Anima-oseles inferiores que tinham

usado em seus experimentos não tinha a capacidade de criar problemas, e tampouco

contavam com informação suficiente para medicá-los contra a dor. Talvez se ocuparia

disso em Kansas.

Seria a maneira mais digna de usar seus conhecimentos, pensou, aumentando apenas o dosaje

de morfina de F4... o suficiente para... sim, para que perdesse a consciência. Killgore

mostrava por ela uma piedade que

438

tivesse preferido dedicar aos bonitos rhesus. Fariam experimentos com animais em Kansas?

Isso traria dificuldades práticas. Transladar os animais aos laboratórios seria muito difícil sem

serviços internacionais de carregamento aéreo. E, além disso, estava a questão estética.

Vários membros do projeto não o passariam, e teriam razão. Mas, maldita seja,

era difícil

desenvolver drogas e modalidades de tratamento sem alguns experimentos com animais.

Sim, pensou Killgore, saindo da habitação, embora fora duro para a consciência, o progresso

científico tinha seu preço... e eles estavam salvando literalmente a milhões de animais,

verdade? necessitaram-se milhares para criar a Shiva e ninguém pôs objeções. Outro tema

para discutir com a equipe, pensou tranquilamente. Entrou em quarto de M7.

Como nos sentimos hoje, Chip? perguntou.

Agradeceram coletivamente à providência pela falta da Garda nessa parte do County Cork.

depois de tudo, quase não havia crimes.

A polícia nacional irlandesa era tão eficaz como seu colega britânica, e seu departamento de

inteligência infelizmente cooperava com a gente do Five em Londres. Não obstante, nenhum

dos dois serviços tinha conseguido encontrar a Sejam Grady... muito menos depois de que

identificasse e eliminasse aos informantes metidos em sua própria célula.

Ambos se tinham evaporado da face da Terra e alimentado aos salmões... ou a qualquer peixe

que encontrasse saborosa a carne de informante. Grady recordava as expressões de suas caras

e seus protestos de inocência até o momento mesmo em que os jogaram no mar,

a quinc

milhas da costa, com pesos de ferro atadas às pernas. Protesvocês de inocência?
Então por

que o SEJA não havia tornado a meter-se com sua célula logo depois de três
intentos sérios

para eliminá-la? Ao diabo com a inocência.

Os terroristas encheram o encantador pub provinciano The Foggy

Dew (batizado assim em comemoração a uma canção rebelde) logo depois de
várias horas de

prática armada na isolada granja costeira, muito alejada da civilização para que
alguém

escutasse o distintivo som das automáticas. Seus homens tinham gasto vários
cartuchos

háficar a tom com os rifles de assalto AKMS, mas as armas de ombro eram
fáceis de dirigir,

e essa mais que nenhuma outra. Agora falaban de bois perdidos, como um grupo
de amigos

que se juntam a tomar cerveja. A maioria olhava um jogo de futebol por TV.
Grady também,

mas mantinha seu cérebro em posição neutra e de vez em quãodou lhe permitia
deslizar-se à

próxima missão, e analisava por enésima vez o teatro de operações perguntando-
se quanto

demorariam para chegar os britânicos ou o novo comando Rainbow. A direção
era óbvia. O

tinha tudo planejado, e quanto mais repensaba seu conceito operativo, mais

gostava. Talvez

perderia alguns homens, mas esse era o preço que devia pagar todo revolucionário, e além

disso sabia que eles aceitaban os riscos com tanta presteza como ele.

439

Olhou seu relógio, subtraiu quatro horas e acendeu o telefone celular que tinha no bolso. O

fazia três vezes por dia, e jamais o deixava encendido mais de dez minutos por vez como

medida de segurança. Devia mover-se com cautela. Isso e um pouco de sorte, admitiu para

seus adentros lhe tinha permitido prolongar a guerra até este ponto.

Dois minutos depois soou o telefone. Grady se levantou de sua cadeira e saiu para atender o

chamado.

Olá.

Sejam, fala Joe.

Olá, Joe disse agradado . Como vão as coisas na Suíça?

Para falar a verdade, neste momento estou em Nova Iorque. Só queria lhe dizer que o

financiamento é um fato disse Popov.

Excelente. E o outro assunto, Joe?

Levarei-o pessoalmente. Chegarei dentro de dois dias. Voarei a

Shannon em meu jato comercial. Suponho que atracarei às seis e trinta de a

manhã.

Irei buscá-lo prometeu Grady.

De acordo, amigo. Vemo-nos ali.

Adeus, Joe.

Adeus, Sejam Linha morta. Grady apagou o celular e o guardou no bolso. Se alguém os tinha

escutado (não era provável, dado que abrangia todo o caminho até o horizonte e não havia

esta veículoscionados à vista... e além disso, se alguém soubesse onde estava iriam a buscá-lo,

a ele e a seus homens, com um pelotão de soldados e/ou policiais), só teria escutado um bate-

papo de negócios, breve, críptica e direta ao grão. Voltou para pub.

Quem era, Sejam? perguntou Roddy Sands.

Joe replicou Grady . Fez o que lhe pedimos. Assim suponho que devemos nos mobilizar.

Claro Roddy elevou sua taça em um brinde silencioso.

O Serviço de Segurança, outrora chamado MEU (Inteligência Militar)

5, tinha passado mais de uma geração com duas missões de perfil alto.

Uma era rastrear agentes de penetração soviética dentro do governo britânico: missão

infelizmente laboriosa, já que a KGB e seus antecessoras tinham penetrado mais de uma vez a

segurança britânica. Em determinado momento estiveram a ponto de colocar a seu agente

encubierto Kim Philby à frente do Five. Em caso de havê-lo obtido, os soviéticos tivessem

controlado o serviço de contrainteligência britânico, engano que ainda produzia calafrios

coletivos aos Five. A segunda missão era a penetração do IRA e outros grupos terroristas

irlandeses, mais que nada para identificar e eliminar as suas líderes, porque esta guerra brigava

à antiga. Às vezes a polícia prendia os terroristas, mas outras vezes os comandos SEJA

resolviam as coisas de maneira mais direta e contundente. As diferenças de técnica eram

produto da incapacidade do governo de Sua Majestade para decidir se

440

o Problema Irlandês era um assunto criminal ou de segurança nacional... e o resultado dessa

indecisão tinha sido, em opinião do FBI, a prolongação de Los Problemas durante pelo menos

uma década.

Mas os empregados do Five não tinham possibilidade de fazer política. Disso se

encarregavam os funcionários eleitos, quem a maioria das vezes não escutavam aos peritos

profissionais que se haviam passado a vida dirigindo esses assuntos. Sem a possibilidade de

fazer política ou afetá-la, seguiam reunindo e conservando volumosos arquivos

de operações

conhecidas e suspeitos do IRA que eventualmente seriam utilizados por outras agências do

governo.

A tarefa principal era o recrutamento de informantes. Delatar a os próprios camaradas era

outra antiga tradição irlandesa que os britânicos tinham explorado profusamente. Os membros

do Five estavam acostumados a especular sobre seus orígenes. Em parte tinha que ver com a

religião. O

IRA se considerava a si mesmo protetor dos católicos irlandeses, e essa identificação tinha um

preço: as regras e normas éticas do catolicismo freqüentemente se derramavam nos corações e

as mentes de personas que matavam em nome de sua filiação religiosa. Uma das coisas que se

derramavam era a culpa. Por uma parte, a culpa era o inevitable resultado de sua atividade

revolucionária, e por outra, era o único que não podiam dar o luxo de cultivar em suas

consciências.

O Five tinha um grosso arquivo sobre Sejam Grady, entre tantos outros. Não obstante, o do

Grady era especial, já que tinham tido um informante particularmente bem se localizado em

sua unidade que, desafortunadamente, tinha desaparecido... indubitavelmente assassinado

pelo próprio Grady. Sabiam que tinha substituído muito em breve a voladura de rótula pelo

assassinato como meio de resolver os enguiços de segurança dentro de sua unidade. O Five

tinha vinte e três informantes em distintas unidades do PIRA. Quatro eram mulheres de moral

mais liviana que o habitual na Irlanda. Os outros dezenove eram homens recrutados por

distintos médios... embora três deles não sabiam que estavam compartilhando seus segredos com

agentes britânicos. O Serviço de Segurança fazia o impossível por protegê-los, e uma vez

extinta sua utilidade, os trasladava a Inglaterra e logo ao Canadá para lhes permitir começar

uma nova vida. Mas o Five preferia tratá-los como vacas a ordenhar durante o maior tempo

possível, porque em sua maioria eram pessoas que tinham matado ou ajudado a outros a

matar, e isso os convertia em criminais e traidores que despertavam escassa simpatia entre os

oficiais que trabalhavam com eles.

Segundo a informação do arquivo, Grady se tinha evaporado da face da Terra. Alguns

supunham que podia havê-lo matado um rival...

embora provavelmente não, porque nesse caso a notícia se haveria filtrado através da

liderança do PIRA. Grady era respeitado (inclusive por seus inimigos de facção dentro do

Movimento) como verdadeiro creyente na causa e eficaz operador que tinha matado uma boa

cantidêem de policiais e soldados no Londonderry. E o Serviço de Segurança ainda queria

apanhá-lo pelos três membros do SEJA que havia cap441

turado, torturado e assassinado. Os cadáveres tinham sido recuperados e a ira coletiva do

SEJA não se desvaneceu... porque o Regimento Vigésimosegundo do Serviço Aéreo Especial

jamaís perdoava nem esquecia essa classe de coisas. Assassinato, talvez; tortura, jamais.

Cyril Holt, diretor do Serviço de Segurança, estava realizando sua revisão quinzenal de

arquivos importantes. deteve-se o chegar ao de

Grady. O miserável tinha desaparecido por completo do mapa. Se hubiera morto, Holt se teria

informado. Também era possível que hubiera abandonado a luta, pois sua organização mãe

parecia finalmentevocê disposta a negociar alguma classe de paz com os ingleses. Mas Holt e

sua gente não se tragavam essa pílula. O perfil psicológico elaborado por o chefe de

psiquiatria do Guy's Hospital em Londres dizia que Grady seria um dos últimos em baixar as

armas e procurar uma ocupação pacífica.

A terceira possibilidade era que seguisse rondando por aí, tal vez no Ulster, talvez na

República... mais provavelmente nesta última porque o Five tinha a maioria de seus

informantes no norte.

Olhou as fotos do Grady e seu veintitantos soldados do PIRA (de quienes também tinha

arquivos). Nenhuma era muito boa apesar de ter sido ampliadas por computador. Teve que

assumir que ainda seguia em atividade, liderando sua facção militante do PIRA, planejando

operações que podiam ou não resultar, e mantendo um perfil sob grarecua às identidades

encobertas que devia ter gerado. O único que ele podia fazer era seguir vigiando. Anotou algo

em um papel, fechou o arquivo, colocou-o na pilha OUT e seleccionou outro. Ao dia seguinte,

as notas seriam ingressadas no computador do Five (que a passo lento mas seguro ia

substituindo aos arquivos em papel, para disgosto do Holt). Preferia poder ter os arquivos na

mão.

Tão rápido? perguntou Popov.

por que não? respondeu Brightling.

Como você diga, senhor. E a cocaína? adicionou com desgosto.

A valise está enche. Dez libras em estado puro, de nossos próprios laboratórios. Deixaremos-la

no avião.

A idéia de transportar drogas desgostava por completo ao Popov.

Não por um repentino ataque de moralidade mas sim pelos funcionários de alfândega e seus

cães de fino olfato. Brightling o viu preocupado e sãoriu.

Relaxe-se, Dimitri. Se se apresentar algum problema, você está transportando a droga a nossa

subsidiária no Dublin. Terá os documentos necessários para prová-lo. Mas assegure-se de não

ter que usá-los. Poderia ser embaraçoso.

Como você diga respondeu Popov, manifestamente aliviado.

Esta vez voaria em um jato Gulfstream V privado, porque era muito perigoso passar as drogas

em um aeroporto ou um vôo internacional.

Os países europeus tendiam a ser lassos americanos que chegavam decididos a gastar seus

dólares sem causar problemas, mas aho442

ra todos tinham cães (porque todos os países do mundo estavam preocupados pelo tráfico de

narcóticos).

Esta noite?

Brightling assentiu e olhou seu relógio.

O avião chegará ao Teterboro. Esteja ali às seis.

Popov saiu e tomou um táxi de volta a seu departamento. Empacar não era difícil, pensar sim.

Brightling estava violando as consideraciones mais rudimentares de segurança. O fato de

alugar um avião privado vinculava pela primeira vez ao Popov com sua corporação, da

mesma forma que a documentação que justificava o transporte de cocaína. Aparelho tem

não queria desvincular-se dele. Talvez se devesse a que Brightling não confiava em sua

lealdade nem em que mantivera a boca fechada se o prendiam... mas não, pensou Dimitri

Arkadeyevich. Se não confiasse nele não lhe teria encarregado a missão. Popov sempre tinha

sido o elo entre o Brightling e os terroristas.

Então, pensou o russo, ele confia em mim. Mas também estava violando a segurança Y... e

isso só podia significar que, em opinião de

Brightling, a segurança não tinha importância. por que... como podia não ter importância?

Acaso Brightling pensava eliminá-lo? Era uma possibilidade, mas não. Brightling era

desumano mas não o bastante inteligente... ao contrário, muito inteligente. Teria

considerado

a possibilidade de que Popov tivesse deixado um registro escrito em algum lugar e que sua

morte revelasse sua participação direta em assassinatos maciços. Descontado, pensou.

Então o que?

O ex-oficial de inteligência se olhou ao espelho e viu uma cara que ainda não sabia o que

precisava saber. Desde o começo se havia deixado seduzir pelo dinheiro. converteu-se em um

agente negocienário motivado pelo lucro pessoal, mas estava trabalhando para a quem que

não outorgava a menor importância ao dinheiro. Até a CIA, rica como sempre tinha sido,

controlava o dinheiro que entregava a seus agentes. O serviço de inteligência americana

pagava cem vezes melhor que seu equivalente russo, mas inclusive isso devia ser justificado

porque a CIA tinha contadores que controlavam aos agentes secretos tal como os burocratas

do czar tinham controlado às pequenas aldeias. Popov sabia (graças a suas prolixas

investigações) que Horizon

Corporation tinha muitíssimo dinheiro, mas ninguém se fazia rico por disoluto. Em uma

sociedade capitalista, um se fazia rico por sua inteligência, talvez por sua

crueldade... mas não

por sua estupidez, e atirar o dinheiro com a prodigalidade de uma agência governamental era

um ato estúpido.

Então, o que é isto? perguntou-se por enésima vez Dimitri, apartándose do espelho para

começar a empacotar.

Seja o que for o que está planejando, qualquer seja o motivo de estes atentados terroristas...

está à mão?

Não tinha lógica. A gente ocultava enquanto tinha necessidade de fazê-lo, mas quando já não

tinha essa necessidade não desperdiçava suas energias. Obviamente, tratava-se de um

amateur. E um amateur, inclusive um

443

talentoso como Brightling, não sabia, não tinha aprendido por amarga experiência

institucional que a segurança jamais se violava, nem sequer depois de concluída uma

operação bem-sucedida, porque inclusive então o inimigo poderia descobrir coisas que logo

utilizaria contra um na próxima...

A menos que não houvesse uma próxima? pensou Dimitri, escolhendo várias cuecas. Esta será

a última operação? Não, corrigiu-se, será a última operação a meu cargo?

Voltou a pensá-lo. As operações tinham crescido em magnitude, e agora estava transportando

cocaína para deixar contente a um terrorista logo depois de lhe haver transferido seis milhões

de dólares! Para facilitar o contrabando de droga levaria documentação justificando o envio

de uma filial da corporação a outra, documentação que os vincularia (a ele e à cocaína) com a

companhia do Brightling. Talvez seu passaporte falso passaria por bom se a polícia se

interessava nele... Bom, seguramente passaria por bom, a menos que a Garda tivesse linha

direta com o MEU-5, coisa bastante improvável. Tampouco era provável que o

Serviço de Segurança Britânico tivesse seu nome falso, nem sequer uma foto, boa ou má... e

além disso tinha trocado de corte de cabelo fazia anos.

Não, decidiu Popov enquanto fechava a valise, quão único tinha lógica era que esta seria a

última operação. Brightling fecharia o NEgocio. Isso significava que era sua última

oportunidade de obter dinheiro.

Esperava que Grady e seus secuaces fossem tão imbecis como os lherroristas da Berna e

Viena... e os da Espanha, embora não tinha tido nada que ver com esse golpe. Tinha o número

e o código de controle da nova conta a Suíça, em que havia dinheiro suficiente para viver

comodamente o resto de sua vida. Quão único precisava era que o comandou Rainbow os

liquidasse a todos... Então, ele desapareceria para siempre. Com essa esperança em mente,

saiu de seu edifício e tomou um táxi rumo ao Teterboro.

Pensaria-o melhor quando estivesse cruzando o Atlântico.

444

CAPÍTULO 27

AGENTES TRANSMISSORES É uma verdadeira perda de tempo disse Barbara Archer em a

sala de conferências . F4 está morta embora seu coração siga atendo. Tentamo-lo tudo. Nada

detém a Shiva. Absolutamente nada.

Exceto os anticorpos da vacina B demarcou Killgore.

Exceto isso admitiu Archer . Mas nada mais.

Todos coincidiram com sua apreciação. Tinham provado literalmente todas as modalidades de

tratamento conhecidas pela medicina, incluindo algumas meramente especuladas no CDC, o

USAMRIID e o

Instituto Pasteur de Paris. Inclusive tinham provado todo o arsenal de antibióticos, desde

penicilina ao Keflex e dois novos produtos sintéticos ainda sob experimentação

no Merck e

Horizon. Dado que não serviam para infecções lhes vire, a aplicação de antibióticos foi da

CArácter exclusivamente preventivo: em momentos de desespero a gente tomava medidas se

desesperadas e talvez poderia ocorrer algo novo e inesperado...

... mas não com a Shiva. Esta nova versão melhorada da febre hemorrágica Ébola,

geneticamente modificada para superar a versão natural que ainda assolava o vale do rio o

Congo, era quase 100 por cento fatal e 100 por cento resistente a todos os tratamentos

conocidas pela ciência médica... e a menos que houvesse um avanço sensacional no

tratamento de enfermidades infecciosas, nada ajudaria às vítimas do vírus. Muitos se

contagiarão durante a liberação inicial, e o resto mediante a vacina A desenvolvida pelo

Steve Berg. A través de ambas as modalidades, Shiva varreria o mundo como uma tormemora

ominosa e lenta. dentro de um período de seis meses, os que ficassem vivos se dividiriam em

três categorias. Primeiro, os não expostos ao vírus. Seriam poucos, dado que todos os

países do mundo comprariam quantidades de vacina-a para inocular a seus cidadãos (já que as

primeiras vítimas da Shiva horrorizariam a qualquer humano com acesso à rede televisiva).

O segundo grupo estaria integrado por aquellos (excepcionais) indivíduos protegidos por seus

sistemas inmunitarios.

O laboratório ainda não tinha encontrado nenhum, mas inevitavelmente os haveria...

(Felizmente, a maioria morreria pelo colapso dos serviços sociais em todas as cidades e povos

do mundo, principal⁴⁴⁵

mente de fome, pânico gerado pela praga ou enfermidades bacterianas originadas pelas

montanhas de mortos sem enterrar.)

O terceiro grupo seriam os poucos milhares destinados a Kansas. O

Expulse Salva-vidas do Projeto, assim o chamavam. Este grupo estaria formado por membros

ativos do projeto pouco mais de cem e seus famílias, e outros cientistas selecionados (todos

eles protegidos pela vacina B do Berg). O complexo de Kansas era grande, isolado, e estava

protegido por grandes quantidades de armas (em caso de que se aproximassem visitas

inesperadas).

Seis meses, pensaram. Vinte e sete semanas. Isso diziam as projecciones dos computadores.

Algumas áreas cairiam mais rápido que outras.

Os modelos sugeriam que a África seria a última... porque seriam os últimos em obter a

vacina A, e também devido a sua deficiente infraestrutura de distribuição de serviços vitais.

Europa seria a primeira em cair, graças a seus sistemas médicos sociais e seus obedientes

cidadãos de que iriam vacinar se assim que os chamassem... Depois Estados Unidos, e logo, ao seu devido tempo, o resto do mundo.

O mundo inteiro, assim de simples comentou Killgore, olhando pela janela a fronteira entre os

estados de New Jersey e Nova

York com seus suaves pendentes e frondosas arvoredo. Os enormes campos de cultivo do

Canadá ao Texas por fim descansariam, embora alguns dariam trigo selvagem durante muitos

séculos por vir. O bisão propagaria-lhe isso rapidamente desde seus enclaves no Yellowstone

e em reservas de caça privados, e com ele os lobos e o banido urso cinza, e os pássaros, os

coiotes e os cães da pradaria. A natureza recuperaria rapidamente seu equilíbrio,

segundo os computadores; em menos de cinco anos, toda a Terra se teria transformado.

Sim, John coincidiu Barbara Archer . Mas ainda falta para isso. O que fazemos com os

sujeitos do experimento?

Killgore sabia o que estava insinuando. Archer odiava a Medicina clínica.

Primeiro F4? perguntou.

Mantê-la respirando é desperdiçar o ar, e todos sabemos. Todos sofrem e nós não estamos

aprendendo nada, salvo que

Shiva é letal... coisa que já sabíamos. Além disso, dentro de umas sematransladaremos-nas isso

ao oeste. Para que mantê-los com vida tanto tempo? Porque não vamos levar os conosco, não?

Bom, claro que não admitiu outro médico.

OK, estou cansada de perder o tempo atendendo gente muerlha. Proponho que façamos o que

devemos fazer e terminemos com isto.

Compartilho disse outro cientista.

A favor? perguntou Killgore. Contou as mãos levantadas .

Em contra? Só duas . Resposta afirmativa. OK. Barbara e eu nos faremos cargo... hoje

mesmo, Barb?

Para que esperar, John? perguntou Archer com aborrecimento.

446

Kirk Maclean? perguntou o agente Sullivan.

Sou eu disse o homem sem abrir a porta.

FBI Sullivan aproximou sua identificação à mira . Podemos falar com você?

Sobre o que? O alarme de sempre.

É imprescindível que falemos com a porta fechada? perguntó razoavelmente Sullivan.

OH, claro, seguro, entrem Maclean abriu a porta e os fez passar ao living. O televisor estava

aceso. Um filme por cabo.

Kung Fu e armas aparentemente.

Sou Tom Sullivan, e ele é Frank Chatham. Estamos investigando o desaparecimento de

duas mulheres disse Sullivan depois de sentar Esperamos-se que possa nos ajudar.

Claro... quer dizer que foram raptadas ou algo assim?

É uma possibilidade. Seus nomes são Anne Pretloe e Mary

Bannister. Algumas pessoas nos disseram que você podia conhecer uma delas ou a ambas

disse Chatham.

Maclean fechou os olhos, e logo olhou pela janela uns segundos.

Do Turtle Inn, talvez?

Aí foi onde as conheceu?

Né, moços, conheço muitíssimas garotas, sabem? É um bom lugar para isso, com a música e

todo o resto. Têm fotos?

Sim Chatham as entregou.

OK, sim, recordo ao Annie... nunca soube seu sobrenome explicou .

Secretária jurídica, não?

Correto confirmou Sullivan . A conhecia bem?

Dançamos um pouco, falamos, tomamos uns goles, mas nunca saí com ela.

Alguma vez saiu do bar com ela nem foram caminhar?

Acredito que uma vez a acompanhei a sua casa. Seu esta departamentoBA a poucas quadras,

não?... Sim recordou depois de uns segundos . A meia quadra do Columbus Avenue.

Acompanhei-a até sua casa... mas, caramba, não entrei... quero dizer que nunca... enfim, eu

não, bom...

sabem, nunca tive sexo com ela parecia envergonhado.

Sabe se tinha outros amigos? perguntou Chatham, tomando nota.

Sim, havia um tipo que lhe interessava, Jim algo. Contador, acredito. Não sei que relação

tinham, mas quando se encontravam no bar bebiam juntos. Quanto à outra, lembrança a cara,

mas não o nome. Talvez tenhamos falado, mas não recordo. Né, sabem... é um bar de solteiros

e conhece-se um montão de gente, e às vezes a gente conecta com alguém, mas geralmente

não.

Números telefônicos?

Não. Tenho os de outras duas garotas que conheci ali. Querem-nos?

Perguntou Maclean.

Conheciam a Mary Bannister ou Anne Pretloe? perguntou

Sullivan.

Talvez. As mulheres se conectam melhor que os homens, sabem,

447

entendem-se a sua maneira, avaliam-nos... tal como fazemos os homens, mas elas estão

melhor organizadas, acredito eu.

Houve mais pergunta durante aproximadamente meia hora, algumas repetidas a intervalos...

coisa que ao Maclean não pareceu importaro. Finalmente lhe perguntaram se podiam lhe

jogar uma olhada ao conversememoro. Não tinham direito legal a fazê-lo mas, curiosamente,

até os criminais o permitiam (mais de um foi apanhado por ter evidência incriminatória à

vista). Neste caso, os agentes procurariam revistas com fotos de práticas sexuais desviadas ou

inclusive fotos pessoais do mesmo tenor. Mas quando Maclean os fez passar a seu quarto, o

único que viram foram fotos de animais, revistas de natureza e conservação (algumas

publicadas por grupos considerados extremistas pelo

FBI), e toda classe de equipes para atividades ao ar livre.

Senderista? perguntou Chatham.

eu adoro o campo confirmou Maclean . Necessito uma garota a que também goste, mas não

há muitas na cidade.

Suponho que não Sullivan lhe deu seu cartão . me Chame em seguida se lhe ocorre algo. O

número de minha casa está no dorso. Grarecua por sua colaboração.

Não sei se fui útil comentou Maclean.

Tudo serve, como dizem por aí. Até logo disse Sullivan, lhe estreitando a mão.

Maclean fechou a porta e soprou. Como carajo haviam conseguido seu nome e sua direção?

As perguntas tinham sido tal como esperava, e tinha pensado retiradamente as respostas... mas

muito tempo atrás, pensou. por que agora? Os policiais eram idiotas, lentos ou o que?

Um montão de nada disse Chatham logo que subiram ao automóvel.

Bom, talvez as mulheres possam nos dizer algo.

Duvido-o. Ontem à noite falei com uma delas no bar.

Fala outra vez. lhe pergunte o que pensa do Maclean sugeriu

Sullivan.

OK, Tom. Posso fazê-lo. O tipo te mandou alguma vibração? A mim não disse Chatham.

Sullivan negou com a cabeça.

Não, mas ainda não aprendi a ler a mente.

Claro assentiu Chatham.

Era hora, e demorá-lo não tinha sentido. Barbara Archer abriu o gabinete de medicamentos,

extraíu dez ampolas de solução salina de potássio, e as guardou no bolso. antes de entrar na

habitação de

F4 encheu uma seringa de 50 dC. Logo abriu a porta.

Olá grunhiu a paciente. Jazia imóvel na cama, olhando sem ver um televisor embutido na

parede.

Olá, Mary. Como nos sentimos hoje? Archer se perguntou por

448

o que os médicos perguntavam como nos sentíamos. Curiosa licença lingüística, pensou,

provavelmente aprendida na faculdade de medicina, talvez destinada a criar certa

solidariedade com o paciente... inexistentevocê neste caso. Um de seus primeiros trabalhos do

verão na universidêem tinha sido em uma canil. Os animais tinham um prazo de sete dias e, se

ninguém ia reclamar os, praticavam-lhes eutanásia... os aseninaban, em opinião do Archer,

quase sempre com grandes dose de fenobarbital. A injeção se aplicava na pata dianteira

esquerda e os cães demoravam cinco segundos em ficar dormidos. Sempre lloraba depois...

Faziam-no tudas as terças-feiras, justo antes de almoçar.

Mas ela não podia almoçar e, às vezes, nem sequer jantar quando a obrigaban a exterminar a

um cão particularmente bonito. Colocavam-nos em fila sobre mesadas de aço inoxidável e um

empregado os sustentava para facilitar o assassinato. Ela lhes falava brandamente, para

tranquilizarlos e lhes aliviar o medo e lhes dar uma morte mais sossegada. Archer mordeu-se

os lábios, sentindo-se como Adolf Eichmann se haveria sentido... ou mas bem como deveria

haver-se sentido.

Horrível respondeu Mary Bannister.

Bom, isto ajudará prometeu Archer, tirando a seringa do bolso e tirando o protetor plástico da

agulha. Caminhou três passos até o flanco esquerdo da cama, tomou o braço de F4, estirou-o e

cravou a agulha na veia do cotovelo. Logo olhou aos olhos a sua vítima e liberou o conteúdo

da seringa.

Mary abriu muito os olhos. A solução de potássio lhe queimava as veias à medida que as

atravessava. levou-se a mão direita ao braço esquerdo e logo, um segundo depois, ao peito. A

sensação queimamavançava-te rapidamente para seu coração. O potássio fez que deixasse de

pulsar no ato. A linha do monitor saltou para cima e logo se pôs absolutamente

reta,

disparando o alarme. Os olhos da Mary seguiam abertos (porque o cérebro tem oxigênio

suficiente para seguir ativo durante mais de um minuto logo da parada cardíaca maciça).

Precia assombrada. Não podia falar, não podia queixar-se, porque sua respiração se tinha

detido junto com o coração, mas olhou ao Archer directo aos olhos... tal como faziam os cães,

pensou a doutora, só que os olhos dos cães não pareciam acusá-la como os dessa jovem. O

sustentou o olhar sem emoção (a diferença de sua época na canil). Luego, em menos de um

minuto, F4 fechou os olhos. Estava morta. Uma menos. Ainda ficavam nove antes de poder

ir-se a sua casa. Esperava que a VCR funcionasse bem. Queria gravar o programa do

Discovery

Channel sobre os lobos do Yellowstone, mas essa maldita videocassete voltava-a louca.

Trinta minutos depois os cadáveres foram colocados em bolsas plásticas e trasladados ao

incinerador. Era um modelo especial desenhado para aplicações médicas (destruição de

material biológico descartável, como fetos ou membros amputados). Alimentado a gás

natural, alcançaBA uma temperatura extremamente alta (destruía inclusive as chumbamentos

das demola) e transformava tudo em uma cinza muito

449

final que o vento levava a estratosfera, e de ali ao mar. As salas de tratamento seriam

desinfetadas para eliminar todo vestígio da Shiva, e, pela primeira vez em meses, não haveria

cepas do vírus procurando vítimas no complexo. Os membros do projeto estariam

encantados, pensou Archer caminho a sua casa. Shiva era uma ferramenta útil para o objetivo

supremo, mas também o suficientemente perigosa para que todos desejassem seu desaparecimento.

Popov as engenhrou para dormir cinco horas durante a viagem e logo despertou quando a

aeromoça lhe tocou o ombro a vinte minutos de

Shannon. A ex-facilidade onde aterrissavam os Boeings de Pão American antes de seguir vôo

ao Southampton e onde a aerolinha inventou o café irlandês para despertar aos passageiros se

encontrava sobre a costa oeste da Irlanda, rodeada de granjas e verdes brejos que brilhavam à

luz do alvorecer. Popov se lavou a cara e voltou para seu assento para o aterrissagem. O avião

carreteó até o terminal geral, onde havia outros jatos comerciais similares ao G-

V que

Horizon Corporation havia alugado para ele. Apenas se deteve, um homem saltou de um sujo

automóvel móvel oficial e subiu as escadas. O piloto lhe indicou que acontecesse a cabine.

Bem-vindo ao Shannon, senhor disse o oficial de migrações .

Permite-me seu passaporte, por favor?

Aqui tem Popov o entregou.

O burocrata o folheou lentamente.

Ah, esteve aqui recentemente. Qual é o propósito de sua viagem, senhor?

Negócios. Farmaceúticos adicionou o russo, se por acaso ao funcionário lhe ocorria abrir suas

valises.

Estragem respondeu com desinteresse. Selou o passaporte e se o devolveu . Algo que

declarar?

Não.

Muito bem. Que tenha um bom dia, senhor O sorriso foi tão mecânica como todos seus

movimentos. Logo desceu do avião e se afastou em seu automóvel desmantelado.

Popov não suspirou de alívio... mas bem grunhiu com desgosto por háberse tensionado em

vão. depois de tudo, quem alugaria semelhamvocê avião por 100.000 dólares para traficar

drogas? Outra coisa mais que aprender do capitalismo. Se a gente tinha suficiente dinheiro

para viajar como um príncipe, a gente não podia estar fora da lei. Assombroso, pensou. Se pôs

o piloto e saiu do avião. Um Jaguar negro o estava esperando.

Suas valises já estavam dentro do baú.

Senhor Serov? perguntou o chofer, lhe abrindo a porta. Havia tanto ruído que ninguém

poderia escutá-los.

Sim, vamos ver sejam?

Sim, senhor.

Popov assentiu e subiu ao automóvel. Um minuto depois saíam do aeroporto

portu. Os caminhos eram parecidos com os da Inglaterra, mais estreitos que os dos EUA e o

volante seguia estando à direita. Que estranho, pensou. Se aos irlandeses não gostava dos

ingleses, por que emulaban suas normas de trânsito?

A viagem durou meia hora e concluiu em uma granja, bastante apartada dos caminhos

principais. Viu dois automóveis e uma caminhonete, e um homem montando guarda. Popov o

reconheceu no ato. Era Roddy

Sands, o precavido da unidade.

Desceu do Jaguar e o olhou, mas não se aproximou de lhe dar a mão. Tirou a valise cheia de

droga do baú e entrou na casa.

Bom dia, Iosef Grady lhe deu a bem-vinda . Que tal o voo?

Cômodo Popov lhe entregou a valise . Aí tem o que pediu,

Sejam.

O tom de sua voz foi muito expressivo. Grady o olhou fixo aos olhos, um pouco envergonhado.

Tampouco eu gosto, mas terá que ter dinheiro para financiar as operações e esta é uma

maneira de consegui-lo O valor de as dez libras de cocaína era variável. Haviam-lhe flanco

apenas 25.000

dólares ao Horizon Corporation (tinha-as comprado no mercado exclusivo dos laboratórios).

Uma vez diluída, na rua, custaria quinientas vezes mais. Outro aspecto do capitalismo, pensou

Popov despectivamente. Logo entregou ao Grady uma folha de papel.

Número e código de ativação da conta segura na Suíça explicou . Só podem fazer extrações as

segundas-feiras e as quartas-feiras por razões de segurança. Há seis milhões de dólares

estadunidenses depositados na conta, soma que pode ser checada em todo momento.

como sempre, é um prazer fazer negócios com você, Joe disse

Sejam, permitindo um sorriso. Jamais tinha tido tanto dinheiro em seu poder em seus

veintipico de anos de revolucionário profissional. Buenão, pensou Dimitri, tampouco eram

empresários, verdade?

Quando darão o golpe?

Muito em breve. checamos o objetivo e nosso plano é uma beleza, meu amigo. Cravaremos-

lhes o agulhão, Iosef Andréyevich prócolocou Grady . Os golpearemos onde mais lhes dói.

Preciso saber quando, exatamente. Também tenho que fazer algumas costure disse Popov.

Isso não gostou ao irlandês. Por questões de segurança operativa, obviamente. Um de fora

queria saber coisas que só os de dentro podiam conhecer. olharam-se fixo durante uns

segundos. Mas o irlandês afrouxou. Logo que comprovou que o dinheiro estava na conta,

seu confiança no russo se reafirmou. Por outra parte, as dez libras de cocaína eram prova

fehaciente de sua boa vontade... caso que a Garda não o prendesse essa mesma tarde. Mas

Popov não era essa classe de tipo, verdade?

Depois de amanhã. A operação começará à uma da tarde.

451

Tão logo?

Ao Grady agradou que o russo o tivesse subestimado.

Para que atrasar-se? Temos tudo o que necessitamos, agora que o dinheiro está em seu lugar.

Como você diga, Sejam. Necessita algo mais de mim?

Não.

Então vou retirar me, com sua permissão.

Esta vez se deram a mão.

Daniel o levará... ao Dublin?

Sim, ao aeroporto.

Diga-lhe ele o levará.

Obrigado, Sejam... e boa sorte. Talvez nos vejamos depois adicionou Dimitri.

Agradaria-me.

Popov o olhou por última vez... Estava seguro de que seria a última, apesar do que acabava

de dizer. Os olhos do Grady haviam adquirido a rede renovado brilho ao pensar na

demonstração revolucionária que coroaria sua carreira. Tinham uma crueldade que Popov não

tinha notado antes. Como Fürchtner e Dortmund, Grady era um animal predador antes que um

ser humano, e, por muita experiência que tivesse com essa classe de gente, não deixava de

perturbá-lo. Supostamente era um leitor profissional de mentes, mas nesta só via vazio,

ausência de sentimentos humanos, substituídos pela ideologia que o guiava para...

onde? Acaso Grady sabia? Provavelmente não. Acreditava estar pisando o atalho que

conduzia a um Futuro Radiante expressão favorita da Partida Comunista da União Soviética ,

mas a luz que o guiaBA estava mais longe do que acreditava e seu resplendor ocultava os

profundos e ameaçadores poços do atalho que começava a percorrer. E certamente, se

chegava a conseguir o que desejava seria um líder desastrosos, como aqueles que tentava

emular Stalin, Mao, etcétera , tão divorciado do parecer do homem comum como um

extraterrestre para quem a vida e a morte fossem meras ferramentas de sua visão,

completamente alheias à humanidade. Sua visão do futuro foi o pior que

Karl Marx legou ao mundo. Sejam Grady tinha substituído seu humanidade e suas emoções

por um modelo geometricamente preciso do que o mundo deveria ser... e estava muito

embebido nessa visão como para advertir que tinha fracassado em todos os lugares onde tinha

sido implementada. Perseguia uma quimera, uma criatura irreal e sempre inasible que o

arrastava a sua própria destruição... e também a de todos os que pudesse matar no caminho. E

em seus olhos ardia o entusiasmo feroz da caçada. Sua cegueira ideológica lhe impedia de ver

o mundou tal qual era... tal como o viam os próprios russos logo depois de setenta anos de

infrutífera perseguição da mesma quimera. Olhos radiantes ao serviço de um amo cego. Que

estranho, pensou o russo antes de marcharse.

452

OK, Peter, está de volta disse Chávez à líder do Comando

1.

Como você diga, Ding replicou Covington . Mas aparentemente você não passa nada em

nenhuma parte.

A inteligência que tinham recebido das diversas agências nacionais era bastante alentadora.

Os informantes em contato com lherroristas conhecidos ou supostos principalmente com estes

últimos, dado que os mais ativos tivessem sido presos diziam que o atentado ao Parque

Mundial tinha esfriado grandemente a atmosfera, épecialmente desde que os franceses tinham

publicado os nomes e as fotos dos terroristas mortos na Espanha, e um deles havia resultadou

ser um respeitado e venerado ex-membro do Action Directe com seis assassinatos sobre suas

costas e reputação de operador perito. Seu eliminación pública se propagou como um reguero

de pólvora a través da comunidade terrorista, junto com um respeito crescente pela polícia

espanhola... que crescia institucionalmente graças ao comando

Rainbow para grande desgosto dos bascos, quem, segundo fontes españolas, também se

tinham visto afetados pela perda de vários de seus membros mais respeitados.

Se isso era certo, o relatório do Bill Tawney sugeria que Rainbow estava tendo o

efeito

esperado. Talvez teriam que entrar em acción e matar gente com freqüência para provar seu

valor.

Mas ainda nada indicava um possível motivo para os três atentadois sucessivos, nem

tampouco quem os tinha instigado. Os analistas do

Serviço Secreto de Inteligência britânico o atribuíam ao azar, assinalamdo que a Suíça,

Alemanha e Espanha eram três países distintos e que, por o tanto, era improvável que uma

mesma pessoa tivesse contatos com grupos terroristas nos três. Em dois, talvez; nos três,

impossível.

Também sugeria cercar contato com os serviços de inteligência do

Ex-Boque Oriental para averiguar a que se dedicavam certos membros retirados. Inclusive

valia a pena comprar informação ao preço de plaza, muito mais alto agora, já que os ex-

agentes de inteligência deviam ganhá-la vida no mundo real... mas não tão alto como um

novo atentado com custo de vidas humanas. Tawney fez insistência nisto último quando

passou seu relatório ao John Clark, e este voltou a discutir o tema no Langley... só para ser

rechaçado uma vez mais, coisa que o fez bufar uma semana seguida contra os

REMF da CIA.

Tawney pensou em sugerir-lhe por sua conta aos Six de Londres, mas sem o apoio da CIA

tivesse sido um esforço vão.

Por outra parte, Rainbow funcionava. Até o próprio Clark o admitia, descontente com seu rol

de trajeado que mandava aos jovens a realizar missões excitantes enquanto ele ficava atrás do

escritório. Durante toda sua carreira como oficial de inteligência se havia queixado da

supervisão dos de cima . Agora que ele mesmo fiscalizava, talvez começasse a entender um

pouco melhor as coisas. Estar ao comando podia ser estimulante mas jamais divertido para

alguém que se havia passado a vida esquivando e repartindo balas no olho do furacão.

453

A ideia de que sabia como fazê-lo e que, por conseguinte, podia transmitir seu saber a seus

subordinados seguia lhe resultando tão difícil de aceitar como cinco anos atrás. A vida era

uma armadilha, disse-se, e a única maneira de escapar tampouco era divertida. Por isso, cada

manhã se punha o traje e lamentava as consequências dos anos sobre sua vida (como todos os

homens de sua idade ao longo e ao largo do planeta).

Onde tinha ido parar sua juventude? Como a tinha perdido?

Popov chegou ao aeroporto do Dublin antes de almoçar e comprou uma passagem direta ao

Gatwick. Sentia saudades o G-V alugado. Era uma MANeira muito conveniente de trabalhar,

livre do tumulto dos aeroportos.

O G-V era tão bom como o Jumbo... mas jamais teria tanto dinheiro para permitir-se esse

prazer. Apartou a idéia de sua mente. Teria que conformar-se viajando em primeira classe,

balbuciou o russo para seus adentros, bebendo um sorvo de vinho enquanto o 737 alcançava

seu altitud cruzeiro. Novamente, tinha muito que pensar, e descobriu que o viagem solitária

em primeira classe era um âmbito propício para exercitar a mente.

Queria que Grady tivesse êxito em sua missão? Mais precisamente, seu empregador queria

que Grady triunfasse? Não tinha sido o caso em

Berna e Viena, mas acaso agora seria diferente? Talvez Henriksen o acreditasse assim. Tinha-

lhe dado essa impressão nas conversações. Havia uma diferença? E se a havia, qual era?

Henriksen era um ex-agente do FBI. Talvez isso o explicasse tudo.

Como Popov, não tolerava o fracasso em nada. Ou realmente queria baldar a esse comando

Rainbow até tal ponto que não pudesse... que não pudesse o que? Interferir com

alguma

operação?

Novamente a parede de tijolos, novamente se dava de cabeça contra ela. Tinha iniciado duas

operações terroristas cujo único propósito discernível até o momento era despertar a

consciência internacional sobre a ameaça do terrorismo. Henriksen tinha uma empreseja

consultora nessa área e queria conscientizar ao mundo para obter mais contratos... mas

levianamente parecia uma maneira custosa e ineficaz de fazê-lo, refletiu Popov. Certamente,

as somas que GAnaría com os contratos seriam menores que as que já tinha gasto (ou

embolsado) Popov. Por enésima vez recordou que o dinheiro tinha sido contribuído pelo John

Brightling e seu Horizon Corporation talvez só pelo Brightling e não pela Global Security Inc.

do Henriksen. Entoncs, ambas as companhias estavam vinculadas quanto a seus objetivos mas

não em questões financeiras.

portanto, pensou Popov bebendo seu Chablis francês, opera-ación é coisa do Brightling e

Henriksen se limita a respaldá-lo com seu perícia e seus conselhos...

...mas, um dos objetivos era que Henriksen obtivera o contrato para as Olimpíadas do Sydney

que começariam dentro de poucas semanas. Isso tinha sido muito importante para o

Brightling e Henriksen

454

por igual. Por conseguinte, Henriksen estava fazendo algo muito importante para o Brightling,

indubitavelmente em benefício de seus objetivos.

Mas a que se dedicavam Brightling e sua companhia? A Horizon

Corporation e suas numerosas subsidiárias internacionais estavam em o negócio da

investigação médica. A companhia fabricava medicamentos e cada ano gastava enormes

somas de dinheiro em inventar nuevos produtos. Era líder mundial no campo da investigação

médica. Em seus laboratórios trabalhavam ganhadores do Prêmio Nobel e, según a Internet,

estavam investigando importantes áreas de potenciais avanços médicos. Popov voltou a

sacudir a cabeça. O que tinham que ver a engenharia genética e a fabricação farmacêutica

com o terrorismo?

A luz que se apagou sobre o mar da Irlanda lhe recordou que fazia poucos meses os Estados

Unidos tinha padecido um ataque com armas biológicas... que tinham provocado a morte de

cinco mil pessoas e a ira letal dos EUA e seu presidente. O dossiê recebido pelo

Popov

naquele momento consignava que o chefe do comando Rainbow, Clark, e seu yernão Chávez

tinham desempenhado um papel secreto mas fundamental em a resolução do conflito.

Guerra biológica, pensou Popov. Sua só menção bastava para hácer tremer ao mundo. Nos

fatos tinha resultado ineficaz como arma estatal... especialmente porque os Estados Unidos

tinha reagido com sua acostumada rapidez e furiosa eficiência nos campos de batalha da

Arábia Saudita. Graças a isso, nenhum estado se atrevia a planejar um ataque dessas

características contra os americanos. As forças armadas dos EUA percorriam o mundo como

um xerife de fronteira em um western, respeitadas e sobre tudo temidas por suas capacidades

letaeles.

Popov terminou seu vinho e acariciou o copo vazio enquanto contemplava as verdes costas da

Inglaterra. Guerra biológica. O mundo entero tinha tremido de medo e desgosto. Horizon

Corporation era pionera em investigações médicas. Então, certamente, Brightling correiodría

estar envolto em investigações de armas biológicas... mas com que fim? Além disso, era uma

simples corporação, não um Estado. Não tinha política externa. Não tinha nada que ganhar em

uma guerra. As corporações não faziam a guerra, exceto talvez a outras corporaciones.

Tentavam roubar segredos importantes, mas derramar sangue?

É obvio que não. Novamente a parede de tijolo para estelar se de cabeça.

OK lhes disse o sargento maior Dick Vocês . Em primeiro lugar, a qualidade de som destas

rádios digitais é tão boa que permite reconhecer as vozes como se a gente estivesse

conversando sobre o living de seu casa. Em segundo lugar, estão codificadas de modo tal que

se houver dois comandos diferentes em ação, um comando entra pelo ouvido esquerdo e o

outro pelo ouvido direito. Isso evita que o comandante se confunda excessivamente brincou .

Este aparelho outorga maior controle positivo

455

das operações e mantém a todo mundo informado sobre o que está acontecendo. quanto mais

saibam, mais eficazes serão em ação. O volume se gradúa com este dial...

Que alcance tem? perguntou um dos NCO australianos.

mais de quinze mil metros. um pouco mais se virem a linha do horizonte. Depois começa a

falhar. As baterias são recargables e cada aparelho vem com dois repostos. Duram

aproximadamente seis meses, mas lhes recomendamos as recarregar todas as semanas. Não é

difícil, cada aparelho traz seu carregador e a tomada é universal. Terão que jogar um pouco

com o aparatito até acostumar-se... fez a demonstración. A maioria dos presente ficaram

olhando os seus durante uns segundos . OK, moços, adiante. vamos provaros. O dispositivo

de aceso e apagado está aqui...

Quinze quilômetros, né? perguntou Malloy.

Assim é disse Noonan . Desta maneira poderá escutar o que estamos fazendo em terra, sem

ter que esperar que o digamos.

Entra perfeitamente em seu casco de vôo e não interferirá muito com o intercom. O botão de

controle desce pela manga até a mão, de modo que possa acendê-lo e apagá-lo sem

dificuldade. Também tem a modalidade escutar somente. É a terceira posição, aqui.

Desde primeira comentou o sargento Nance . Será bom saber o que está passando em terra.

claro que sim. Se os de abaixo precisam ser evacuados, estarei a metade de caminho quando

me chamarem. Eu gosto de demarcou o coronel

Malloy . Suponho que ficaremos com ele, Tim.

Ainda estamos na etapa experimental. E-Systems diz que pode ter alguns vírus,

mas ninguém

os encontrou ainda. O sistema de encriptado é de 128 bits contínuos, sincronizado com o

aparelho maestro, mas hierarquizado de modo tal que se um aparelho se danificar outro o

cobre imediatamente. Os meninos do Fort Meade provavelmente correiodrían interferi-lo,

mas só doze horas depois de havê-lo usado.

E dentro do helicóptero... poderia interferir com algum dos sistemas a bordo? perguntou o

tenente Harrison.

Não que eu saiba. Foi provado no Night Hawks e Stalkers no Fort

Bragg e não descobriram nenhum problema.

vamos provar este disse Malloy no ato. Tinha aprendido a não confiar na eletrônica... e além

disso era uma boa desculpa para o Volareira o Night Hawk . Sargento Nance, ao pássaro.

Sim, meu coronel Se levantou e foi para a porta.

Você fique aqui, Tim. Provaremos-lo dentro e fora e También checaremos o alcance.

Trinta minutos depois o Night Hawk sobrevoava Hereford.

Como vai isso, Noonan?

Forte e claro, Mr. Urso.

OK, bom, estamos bastante longe. Estas rádios digitais funcionam como os deuses, não?

Sim Noonan subiu a seu automóvel e confirmou a inocuidad do revestimento metálico.

Comprovaram que as rádios seguiam trabalhando a mais de dezoito quilômetros, o qual não

estava nada mal para um aparelho de bateria pequena e antena mais curta que Este palito de

dente aparatito melhorará os desdobramentos com soga larga, Mr. Urso.

De que maneira, Noonan?

Bom, os moços no extremo da soga poderão lhe dizer se está voando muito alto ou muito

baixo.

Noonan, para que acredita que existe a percepção de profundidêem? Foi a resposta irada.

Entendido, Mr. Urso riu o agente do FBI.

457

CAPÍTULO 28

A PLENA LUZ DO DIA

O dinheiro facilitava as coisas. Em vez de roubar caminhões, há-osbían comprado com

cheques de uma conta aberta com documentos falé... utilizando também papéis falsos para o

transação. Os camiones eram Volvos de fabricação sueca cujas cobertas de lona proclamaban

os nomes de empresas inexistentes.

Tinham cruzado em ferry o Mar da Irlanda com destino ao Liverpool carregados com caixas

de cartão para geladeiras e atravessado a alfândega britânica sem maiores dificuldades. A

partir de ali, tudo foi questão de conduzir dentro dos limites legais. Os caminhões

percorreram em fila Índia o oeste do país e chegaram às cercanias do Hereford antes do

entardecer. Uma vez ali, estacionaram em um lugar predeterminado e os choferes foram beber

a um pub.

Sejam Grady e Roddy Sands chegaram esse mesmo dia. Passaram os controles de alfândega e

imigração no Gatwick com papéis falsos (utilizados com êxito em ocasiões anteriores),

comprovando com não pouca sejtatisfacci3n que os oficiais de migração britânicos eram cegos

além disso de surdos e mudos. Ambos alugaram sendos automóveis com cartões de crédito

falsas e se dirigiram ao Hereford, também por rotas préviamente acordadas. Chegaram ao

mesmo pub pouco antes que os caminhões.

Algum problema? perguntou-lhes Grady aos gêmeos Barry.

Nenhum replicou Sam, e Peter o confirmou com um gesto. Como de costume, os membros de

sua unidade demonstravam uma alarmante sangue-frio (apesar dos nervos anteriores à missão

que todos debían padecer). Ao pouco momento chegaram quão últimos faltavam, e os dois

grupos (um de sete e outro de oito) sentaram-se a beber seus Guinness e conversar

silenciosamente, sem chamar a atenção dos habitués do pub.

Funcionam muito bem disse Malloy ao Noonan enquanto bebiam uma cerveja no clube . E-

Systems, não?

São excelentes. Usávamos muitas coisas fabricadas por eles em o ERR.

O marinheiro assentiu.

Sim, o mesmo passava no Comando de Operações Especiais.

Mas sigo preferindo os aparelhos com arames e cabos.

458

Bom, sim, coronel, senhor... mas é um pouco difícil lançar-se de um helicóptero com duas

taças de papel, não lhe parece?

Não sou tão retrógrado, Tim Igualmente esboçou um sorriso .

E jamais necessitei ajuda para um desdobramento com soga larga.

Você é perito nisso Noonan bebeu um sorvo de cerveja .

Faz quanto que joga bola helicópteros?

Vinte anos... vinte e um em outubro próximo. Sabe, é a última aeronave de verdade que fica

no mundo. Os novos aviões de alta velocidade, diabos... os computadores decidem se gostam

ou não o que a gente está fazendo... e depois o fazem elas. Eu gosto de jogar com a

computador, o e-mail e todas essas coisas, mas maldita seja minha sorte se alguma vez lhes

permito voar por mim Era um alarde vácuo, ou quase, pensó Noonan. cedo ou tarde essa

forma do progresso afetaria também aos helicópteros, e os pilotos se enfureceriam... mas logo

o aceitariam (não ficaria mais remédio), e provavelmente os vôos seriam mais eficazes e

seguros depois disso . Estou esperando a resposta de meu destacamento adicionou o coronel.

Ah, sim? Respeito a que?

Estou proposto para o CO do VMH-1.

Piloto do presidente?

Malloy assentiu.

Hank Goodman tem o posto, mas lhe deram uma estrela e vão ascender o a outra coisa. E

suponho que alguém escutou dizer que sou bastante bom com os controles.

Não parece muito excitante comentou Noonan.

Bastante aborrecido, para falar a verdade, direto e nivelado todo o tempo, zero diversão

admitiu o marinhe, dando amostras de falso desgosto. Voar o VMH-1 era uma honra para

todo capitão, e por sobre tudo indicava que o Corpo confiava em suas capacidades . Teria que

me inteirar dentro de duas semanas. Eu gostaria de voltar a ver os partidos dos Redskins em

pessoa.

O que nos espera amanhã?

antes de almoçar, prática de inserção a nível baixo. Pela tarde, papelada. Tenho que fazer uma

tonelada para a Força Aérea. Buenão, são os donos do maldito helicóptero e têm a

amabilidade de mantê-lo e me dar uma boa tripulação. Mas, arrumado a que os pilotos de

aerolinha não têm que fazer estas coisas esses afortunados bastardos só tinham que voar,

embora seus vôos eram tão excitantes como uma maratona de cultivo de grama.

Chávez ainda não se acostumou ao humor britânico e, devido a isso, os programas da

televisão local o aborreciam soberanamente. Não obstante, podia ver por cabo The History

Channel...

obviamente seu favorito, embora não o do Patsy.

Só uma, Ding lhe disse. Agora que se aproximava o parto queria

459

que seu marido estivesse sóbrio todo o tempo... e isso equivalia a uma só cerveja por noite.

Sim, querida Às mulheres resultava tão fácil dirigir aos homens, pensou Domingo, olhando o

copo quase vazio e sentindo-se sozinho.

Era grandioso beber cerveja no clube, discutir assuntos militares em um ambiente cômodo e

informal, e estreitar vínculos com os companheiros...

mas ultimamente não se apartava mais de cinquenta pés de sua esposa, exceto quando devia

fazê-lo, e para esses casos ela tinha seu número de beeper. O bebê tinha baixado, fora o que

fosse o que isso significava...

bom, sabia que o parto era iminente, mas não o que significava BAjar . Bom, para ele

significava que só podia beber uma cerveja por noite, embora bebendo três... inclusive quatro

conservava a sobriedade de uma pedra.

Estavam sentados muito juntos, cada um em sua poltrona. Ding tratava de olhar a televisão e

ler documentos de inteligência. Aparentemente lhenía a capacidade de fazê-lo, para molesta

surpresa de sua esposa, que lia uma revista médica e automaticamente escrevia notas à

margem.

O panorama não era muito diferente no dos Clark... salvo porque olhavam um filme alugado.

Alguma novidade no escritório? perguntou Sandy.

No escritório, pensou John. Jamais lhe tinha feito essa pergunta quãodou retornava de suas

missões. Não, naqueles tempos perguntava Étás bem? Sempre com um sotaque de

preocupação, porque, embora nunca bom, quase nunca lhe contava o que fazia, Sandy sabia

que diferia bastante de estar sentado frente a um escritório. Bom, acabava de confirmar (uma

vez mais, se por acaso fora necessário) que era um REMF. Grarecua, querida, pensou.

Não, em realidade não respondeu . E como vão as coisas no hospital?

Tivemos um acidente automobilístico antes do almoço. Nada grave.

Como anda Patsy?

Será uma excelente médica quando aprender a relaxar-se um pouco mais. Mas bom, faz mais

de vinte anos que estou em Sala do Emergencias, não? Ela sabe mais que eu no aspecto

teórico mas necessita conhecer melhor o lado prático. Mas, sabe, está-se adaptando muito

bem.

Alguma vez pensou que podia ter sido médica? preguntó seu marido.

Suponho que pude havê-lo sido, mas... era outra época, não?

E o bebê?

Sandy sorriu de brinca a orelha.

Patsy está como estava eu, impaciente. Quando chega a esse ponto quer que

nasça de uma vez

por todas.

Algo se preocupa?

Não, o Dr. Reynolds é muito bom e Patsy está muito bem. Só

460

que não sei se estou preparada para ser avó adicionou com uma carcajada.

Entendo-te perfeitamente, neném. Chegará em qualquer momento, não?

Baixou ontem. Isso significa que o muchachito está preparado.

O muchachito ? perguntou John com ironia.

Isso pensam todos, mas recém saberemos quando nascer.

John grunhiu. Domingo tinha insistido de um começo em que tinha que ser um verão,

arrumado como seu pai Y... bilíngüe, chefe, estava acostumado a adicionar com sua sinuosa

sonrisita latina. Bom, poderia ter tido um genro pior. Ding era inteligente, o tipo mais rápido

com quem se havia cruzado em toda sua vida, e tinha subido de jovem sargento do regimento

11 Bravo de infantaria liviana a respeitado oficial de inteligenCIA da CIA, com um master da

George Manson University... e últite mamem baralhava a possibilidade de estudar outros dois

anos para obter o Ph.D. Provavelmente em Oxford, tinha especulado essa semana, se

conseguia ter tempo livre. Isso sim que seria uma patada no estômago... um chicano de Los

Angeles vestindo a túnica de Oxford! Algum dia chegaria ao DCI, e então sim que ficaria

insuportável. Voltou para grunhir, bebeu um sorvo do Guinness e se concentrou no filme.

Popov decidiu que devia estar alerta. De volta em Londres, se alojou em um hotel de média

categoria (quer dizer, um grupo de casas colindantes comunicadas por corredores e

recicladas). Não podia distrair-se. Seria uma operação terrorista de primeira. Tinham um plano

real...

embora sugerido pelo Bill Henriksen, mas Grady se deu procuração de a idéia, que realmente

era todo um acerto tático... sempre e quando soubessem quando dá-lo por concluído e

escapar. Em qualquer caso,

Dimitri queria vê-lo, mais que nada para saber se podia chamar o banco e transferir o dinheiro

a sua própria conta, e logo... desaparecer da face da terra assim que tivesse vontades. Ao

Grady não lhe tinha passado por a cabeça que pelo menos duas pessoas tinham acesso aos

recursos transferidos. Talvez fora uma alma confiada, pensou Popov, por estranho que

parecesse. Tinha aceito rapidamente o contato com seu ex-amigo de a KGB e, embora impôs

duas condições maiores (o dinheiro e a cocaína), assim que teve o que queria pôs mãos à obra.

Era uma atitude notável, agora que Popov se permitia pensá-lo. Mas igualmente iria a vigiar o

terreno em seu Jaguar alugado. Não seria difícil nem perigoso se o fazia bem. Satisfeito,

bebeu seu último Stolichnaya da noite e apagó a luz.

Essa manhã despertaram à mesma hora. Domingo e Patricia em uma casa, John e Sandra em

outra, todos abriram os olhos às 5:30

quando soaram os despertadores iniciando a rotina diária. As mujecabeça de gado deviam

apresentar-se no hospital local às 6:45 para começar o

461

turno de 7:00 às 15:00 na sala de emergência. Por isso, em ambas casas foram as primeiras

em ocupar o banho enquanto os homens foram a preparar café na cozinha, recolhiam os

jornais da porta e encendían as rádios para escutar as notícias da manhã. Vinte minutosse

depois intercambiaram jornais e quartos de banho, e quinze minutos depois, ambos os casais

se sentaram a tomar o café da manhã... embora no caso de

Domingo só uma segunda taça de café, já que acostumava desayunar com seus

homens depois

do treinamento matutino. No dos

Clark, Sandy se esmerou com os tomates fritos, delicadeza local que hábia aprendido a

preparar mas que seu marido se negou a provar aduciendou seus princípios de cidadão

americano. Às 6:20 ambas as mujecabeça de gado e ambos os homens ficaram seus

respectivos uniformize e os quatro saíram de suas casas rumo a suas atividades diárias.

Clark não treinava com os comandos. Finalmente tinha tido que admitir (para seus adentros,

claro) que era muito velho para lhes seguir o ritmo. Não obstante, ia aos mesmos lugares e

praticaBA os mesmos exercícios diários. Não era muito diferente de suas épocas de

SEAL, embora faltava a natação... no Hereford tinham uma pileta demasiado garota para seu

gosto. Em troca, corria três milhas diárias. Os comandos corriam cinco... e a maior

velocidade, teve que admitir avergonzado. John Clark sabia que, dada sua idade, mantinha um

estado fisiCO excepcional... mas lhe mantê-lo resultava cada dia mais duro e o próximo

marco em seu caminho para a morte tinha o número sessenta gravado com sangue. Parecia-

lhe estranho não ser já o jovem temperamental que se tinha casado com a Sandy... Era como

se lhe tivessem roubado algo sem que se desse conta. Simplesmente, um dia se havia visto

diferente de o que acreditava ser. Não foi uma surpresa grata, pensou ao concluir as três

milhas. Tinha as pernas doloridas e empapadas de suor e necessitava sua segunda ducha do

dia.

Caminho aos quartéis gerais viu o Alistair Stanley preparandou-se para seus exercícios

diários. À era cinco anos menor que ele e provavelmente ainda mantinha a ilusão de

juventude. feito-se amigos. Stanley tinha instinto, especialmente para informação de

inteligencia, e era um operador de campo eficiente em seu valente e antiquado estilo

britânico. Como uma serpente, parecia inofensivo até que um olhava-o aos olhos, e mesmo

assim a gente devia saber o que procurar neles. Bem parecido, garboso, ainda loiro e de

sorriso radiante, tinha matado em ação (como John) e (como John) não tinha pesadelos por

havê-lo heicho. Para falar a verdade, tinha mais instinto de comandante que Clark (coisa que

este último só admitia para seus adentros). Ambos seguiam sendo tão competitivos como a

seus vinte anos e nenhum se prodigalizava em elogios gratuitos.

Recém tomado banho, Clark foi a seu escritório, sentou-se atrás do escritorio e estudou a

sabida papelada (amaldiçoando em silêncio o tempo que levava e a energia que devia

desperdiçar em estupidezes tais

462

como questões de pressuposto.) Seu Beretta .45 estava no primeiro gaveta de seu escritório,

prova fehaciente de que não era um funcionário civil mais. Mas hoje não teria tempo de

praticar no polígono as destrezas marciais que o tinham convertido em comandante do

Rainbow... posição que ironicamente lhe negava a possibilidade demonstrar que era um deles.

A senhora Foorgate chegou pouco depois de as oito, apareceu a cabeça e viu o cenho franzido

que acompanhava siempre a suas tarefas administrativas. Acendeu a máquina de café, recebeu

o habitual grunhido matinal a maneira de saudação, voltou para seu escritório e checkou a

máquina de fax. Nada novo sob o sol. Acabava de empezar um novo dia no Hereford.

Grady e seus homens também estavam acordados. Tinham tomado seu rotineiro café da

manhã de chá, ovos, toucinho e torradas (o café da manhã irlandés típico não

diferia em muito

do britânico). De fato, ambos os países não diferiam em nenhuma de seus costumes

fundamentais (rasgo que

Grady e sua gente não tinham considerado jamais). Ambas as sociedades eram corteses e

extremamente hospitalares com os visitantes. Os cidadãos de ambos os países sorriam,

trabalhavam duro, olhavam os mesmos programas de TV, liam as mesmas páginas esportivas,

e praticavam quase os mesmos esportes, que em ambos os países eram paixão nacional... e

bebiam similares quantidades de cervejas similares em pubs facilmente intercambiáveis de

uma nação a outra (a julgar pelos pôsteres e nomes que os identificavam).

Mas foram as distintas Igrejas e tinham distintos acentos (embora aparentemente idênticos

para os estranhos) que soavam muito diferentes para cada um deles. Ter ouvido para essas

coisas era parte importante da vida cotidiana, mas a televisão global estava trocando

lentamente o mundo. Um visitante de cinquenta anos atrás haveria notado a quantidade de

americanismos que impregnavam a fala, mas o processo tinha sido tão gradual que os

afetados não se deram conta. Era uma situação comum a todos os países com

movimentos

revolucionarios. As diferenças eram ínfimas para os observadores de fora mas quem

advogava pela mudança as magnificavam ao extremo, ao ponto tal que Grady e os seus

consideravam a semelhança com o Inglaterra como uma mera camuflagem conveniente para

suas operações, e não como um rasgo em comum que pudesse aproximar de ambas as nações.

Indivíduos com quem poderia ter compartilhado uma cerveja e conversado de futebol eram

para eles tão estranhos como marcianos... e portanto fáceis de matar. Eram coisas, não

companheiros, e por estranho que isto fora para um terceiro observador e objetivo, eles lhe

emprestavam tanta atenção como ao ar dessa manhã clara e limpa enquanto se preparavam

para a missão do dia.

Às 10:30, Chávez e seu grupo ingressaram no polígono de tiro. Dave

463

Woods tinha colocado as caixas de munições nos lugares adequados. Como no dia anterior,

Chávez decidiu praticar com a pistola e não com a MP-10 (tão fácil de usar que qualquer com

um par de olhos e um dedo sã podia dispará-la). Devolveu as munições de 10 mm e tomou

duas caixas de .45 ACP de fabricação americana, com uma ponta oca tão larga que alguém

podia preparar cocktails nela... ou ao menos essa impressão dava ao olhá-la.

O tenente coronel Malloy e seus tripulantes o tenente Harrison e o sargento Nance entraram

em polígono quando o Comando 2 empezaba a disparar. Os três foram armados com a Beretta

M9 padrão de as forças armadas americanas e disparavam balas de 9 mm, tal como o requeria

a Convenção de La Haja (EUA não tinha assinado o tratado internacional que indicava o que

se podia fazer e que não no campo de batalha, mas os EUA respeitava as regras por sobre

todas as coisas). Os homens do Rainbow usavam munições mais eficazes BAsándose no

princípio de que não estavam no campo de batalha a não ser, pelo contrário, perseguindo

criminosos que não mereciam a amabilidêem acordada a inimigos melhor organizados e

uniformizados. Cualquiera que o pensasse um pouco diria que era uma loucura, mas eles

sabiam que não havia maneira de fazer entrar em razão ao mundo e disparavam as balas que

deviam disparar. No caso dos comandos Rainbow, não menos de cem por dia. Malloy e seus

homens talvez chegavam a disparar cinqüenta por semana, mas supostamente não eram

atiradores e sua presença ali era uma simples questão de cortesia. Malloy era um excelente

atirador, entretanto, embora disparava com uma só mão (como os velhos militares

americanos). Harrison e Nance praticavam a moderna postura Weaver, com ambas as mãos

sobre a arma. Malloy Também sentia saudades a .45 de sua juventude, mas os serviços

armados estadunidenses tinham adotado munições de menor diâmetro para comagrar aos

países da OTAN... embora abriam buracos muito mais pequenos nas pessoas que um

supostamente devia eliminar.

A menina se chamava Fiona. Estava a ponto de fazer cinco anos e cansado-se da rede no

jardim de infantes. As lascas da madeira lhe tinham raspado um pouco a pele, mas temiam

que lhe houvesse quebrado o rádio do antebraço esquerdo. Quando Sandy Clark tomou o

braço, a menina pôs-se a chorar desconsoladamente. Manipulou-o lenta e cuidadosamente,

sem modificar em nada a intensidade do pranto infantil. Não estava quebrado... bom,

provavelmente teria uma fratura menor, mas quase seguro que não.

vamos tomar uma radiografia lhe disse Patsy, e lhe ofereceu um caramelo de uva. O truque

funcionou na Inglaterra tal como em Estados

Unidos. As lágrimas cessaram e a pequena Fiona usou a mão direita e os dentes para rasgar o

pacote plástico. Logo se meteu o caramelo em sua bonita boquita. Sandy lhe limpou o braço

com uma gaze úmida. Não terei que lhe dar pontos, eram só uns raspões desagra464

possíveis que pintaria com anti-séptico e cobriria com duas bandas adesivas grandes.

Essa Sala de Emergências não era tão agitada como seus equivalentes americanos. Em

primeiro lugar, estava no campo e havia menos ocasiões de sofrer feridas graves... a semana

passada haviam atendido a um granjeiro que quase se arrancou o braço com um

implemento de agricultura, mas Sandy e Patsy não estavam de volta. Havia menos acidente

automobilísticos que em áreas similares dos EUA, porque os britânicos, apesar das rotas

estreitas e a lassidão dos limites de velocidade, conduziam melhor que os americanos (feito

que não deixava de surpreender às Clark). Em conjunto, o serviço era mais civilizado na

Inglaterra. O hospital tinha muito pessoal para os parâmetros americanos, de modo que

ninguém estava quase nunca sobrecarregado de trabalho (para assombro das Clark). Dez

minutos dêpués, Patsy observou a contraluz a radiografia e comprovou que os fogueé do

antebraço da Fiona estavam em perfeitas condições. Trinta minutos depois a enviou de

retorno ao jardim de infantes. Já era hora de almoçar. Patsy se sentou em seu escritório e

retomou a leitura do último número do The Lancet. Sua mãe voltou para mostrador e ficou a

conversar com um colega. Ambas desejavam perversamente ter mais trabaixo que fazer

(embora isso significasse dor para um desconhecido). Sandy

Clark lhe fez notar a seu colega inglês que desde que estava no Inglaterra não tinha visto um

solo ferido por arma de fogo. Em seu hospital de

Williamsburg, Virginia, tinham quase um caso por dia, feito que horrorizaba a seus colegas

mas era parte da paisagem da enfermeira de emergencias americano.

Hereford não era exatamente uma comunidade sonolenta, mas o trânsito vehicular tampouco a

convertia em uma metrópoles agitada. Grady dirigia seu automóvel alugado, seguindo aos

caminhões rumo ao objetiVo. Foram mais lento que de costume porque tinha previsto maior

cãotidad de automóveis e, portanto, uma viagem mais comprido em duração. Poderia ter

apertado o acelerador e iniciado a missão mais cedo, mas era um tipo metódico e

quando

decidia um plano se atenia a ele como um escravo. Dessa maneira todos sabiam o que devia

ocorrer e quando, o qual tinha uma inegável lógica operativa. Para situações inesperadas cada

membro da equipe tinha um telefone celular com esquemas de discado rápido para

comunicar-se com os outros membros. Em opinião de Sejam, eram quase tão bons como os

rádios táticos dos militares.

Aí estava o hospital. Na base de um pendente suave. A praia de estacionamento parecia

bastante limpa. Talvez não houvesse muitos pacientes internados, ou talvez as visitas tinham

sido a adormecer para logo retornar junto a seus seres queridos.

Dimitri estacionou seu automóvel alugado ao flanco do caminho principal465

pal. Estava ao meio quilômetro do hospital e, do topo da colina, podia ver as entradas

principal e lateral da sala de emergências.

Apagou o motor logo depois de baixar os guichês automáticos e esperou. Em o assento de

atrás tinha um par de binoculares baratos comprados no aeroporto. Decidiu usá-los. No

assento do lado repousava seu telefone celular, em caso de que fosse necessário. Viu deter-se

três caminhões pesados perto do hospital. Estavam mais perto que ele, mas

igualmente

cobriam os acessos à sala de emergência.

Veio-lhe um pensamento valente à cabeça. E se chamava o Clark ao Hereford e lhe advertia o

que estava por ocorrer? Ele, Popov, não queria que esses irlandeses sobrevivessem, não? Se

morriam, teria mais de cinco milhões de dólares e poderia desaparecer da face da terra. As

ilhas do Caribe o atraíam, tinha estado olhando folhetos de agências de viagens. Tinham certas

vantagens britânicas policiais honestos, pubs, gente cordial somadas a uma vida tranqüila e

despreocupada... e estavam o suficientemente perto dos Estados Unidos para poder dirigir

seus inversões sem dificuldade...

Mas... não. Existia a possibilidade de que Grady escapasse com vida e ele não queria correr o

risco de ser açoitado por esse irlandês intenso e vicioso. Não, era melhor deixá-lo jogar sem

interferir. Assim, ficou sentado com os binoculares nos joelhos, escutando música clássica por

uma das estações da BBC.

Grady estacionou seu Jaguar. Abriu o baú, retirou seu pacote e guardou as chaves no bolso.

Timothy Ou Neil desceu de seu veículo havia eleito uma camioenta pequena e ficou imóvel,

esperando que chegassem os outros cinco. Logo que chegaram abriu o telefone celular e tocou

o discado rápido número um. A cem jardas de distância, o celular de

Grady começou a soar.

Sim?

Estamos preparados, Sejam.

Adiante, então. Também estamos preparados. Boa sorte, muchacho.

Muito bem, vamos entrar.

Ou Neil vestia o mameluco marrom típico dos repartidores. Caminhou para a entrada lateral

do hospital com uma enorme caixa de cartão seguido por quatro homens de civil com caixas

de tamanho similar, embora não da mesma cor.

Molesto, Popov olhou pelo espelho retrovisor. Um patrulheiro acabou de entrar no caminho

e, poucos segundos depois, um agente de correio veio se aproximou de seu automóvel.

Algum problema, senhor? perguntou-lhe.

Oh, não, em realidade não... quer dizer, chamei à empresa de aluguel e, segundo eles, vem

alguém em caminho. Já vê.

466

O que aconteceu?

Não estou seguro. O motor começou a andar mau e me pareceu boa idéia frear e

apagá-lo. De

todos os modos repetiu o russo chamei à empresa e já enviaram a alguém a solucioná-lo.

Ah, muito bem, então O policial se desperezó. Aparentemente tinha mais ganha de estirar as

pernas que de ajudar a um automovilisvocê em problemas. O timing poderia ter sido melhor,

pensou Popov.

No que posso lhe servir? perguntou o recepcionista.

Tenho uma entrega para a Dra. Chávez e a enfermeira olhou a etiqueta da caixa em um alarde

actoral Clark. Estão de volta?

perguntou Timmy Ou Neil.

Já mesmo irei as buscar disse o recepcionista indo à sala de emergência.

A mão do soldado do IRA se deslizou pelo bordo interno da caixa, lista para abri-la. deu-se

volta e olhou aos outros quatro, que esperaban cortesmente em fila a suas costas. Ou Neil se

arranhou o nariz e um deles chamado Jimmy Carr saiu do hospital. Havia um patrulheiro fora,

um Range Rover, branco com uma banda laranja lateral. O polícia estava comendo um

sandwich, matando o tempo tal como hárecuam seus equivalentes americanos. Viu o homem

parado na emtrada com algo que parecia uma caixa de flores. Vários outros haviam emtrado

com caixas similares, mas era um hospital e a gente estava acostumada lhes levar floresça aos

doentes... Não obstante... o homem da caixa branca estava olhando o patrulheiro, como estava

acostumado a fazer todo mundo. O policial o olhou por pura curiosidade, mas sentiu que seu

instinto policial começava a despertar.

Sou a Dra. Chávez disse Patsy. Ou Neil viu que era quase tão alta como ele e que seu ventre

enorme empurrava o guarda-pó branco .

Trouxe algo para mim?

Sim, doutora Nesse momento se aproximou outra mulher. O parecido era surpreendente.

Tinham que ser mãe e filha... tinha chegado a hora.

Arrancou a tampa da caixa e extraiu no ato seu rifle AKMS. Por olhá-lo, perdeu-se a

expressão sobressaltada das duas mulheres. Tomou um carregador com a mão direita e o

meteu na arma. Logo trocou de mão e apontou. O exercício durou menos de dois segundos.

Patsy e Sandy estavam petrificadas, como está acostumado a lhes acontecer às pessoas

confrontadas com armas. Tinham os olhos muito abertos e as caras rígidas. Alguém gritou à

esquerda. Atrás do repartidor havia outros três com idênticas armas apontando a todos os

presente. O dia rotineiro na Sala de Emergências se transformou em algo muito diferente.

467

Fora, Carr abriu sua caixa e sorriu ao lhe apontar ao patrulheiro.

O motor estava em marcha e o primeiro impulso do policial foi sair do lugar e reportar-se. Pôs

marcha atrás com a mão esquerda e apertou o acelerador.

A resposta do Carr foi automática. Levantou a arma, apontou, apertou o gatilho... e disparou

quinze balas contra o pára-brisa. O resultado foi imediato. O Rover estava retrocedendo em

linha reta, mas logo que entraram as balas girou à direita e se estrelou contra a parede de tijolo

do hospital. Carr pegou um salto e olhou dentro do patrulheiro.

Acabava de comprovar que havia um policial menos no mundo... mas como não era uma

grande perda para ele.

O que foi isso? Foi o policial serviçal e não Popov quem formuló a pergunta retórica. Era

retórica porque o disparo de uma arma automovelmática é inconfundível. Voltou a cabeça e

viu um patrulheiro idéntiCO ao seu retroceder e logo estelar se. E depois viu aproximar-se de

um homem, olhar e afastar-se . Maldição!

Dimitri Arkadeyevich ficou quieto, observando à polícia que tinha-lhe devotado uma ajuda

desnecessária. O tipo correu a seu veículo e tirou um microfone. Popov não pôde escutar o

que dizia... mas não havia que ser mago para adivinhá-lo.

Temo-las, Sejam anunciou Ou Neil. Grady recebeu a informação, tocou o botão END e

chamou o celular do Peter Barry.

Sim?

Timothy as tem. A situação parece estar sob controle.

OK.

Logo chamou a outro número.

Olá, fala Patrick Casey. tomamos o hospital comunal do Hereford. Tomamos como reféns à a

Dra. Chávez e a enfermeira

Clark, entre outros. Liberaremos os reféns se satisfizerem nossas exigências. Se não o

fizerem. iremos matando um a um até que vocês retifiquem seu engano. Exigimos a liberação

de todos os detentos políticos dos cárceres do Albany e Parkhurst na Ilha do Wight.

Quando forem liberados e vejamos sua liberação por televisão abandonaremos a área.

Compreendido?

Sim, compreendo replicou o sargento. Em realidade não compreendia nada, mas tinha a

gravação dessa chamada e a enviaria imediatamente a alguém capaz de

compreendê-la.

Carr cobriu a entrada de macas; os gêmeos Barry ingressaram ao interior do edifício pela

entrada principal. As coisas eram um pouco caóticas. Não tinham escutado o fuzilamento

inicial do Carr e seguiam com suas atividades normais. O guarda de segurança do hospital,

um

468

cinquentão vestido com um pouco parecido a um uniforme policial, ia camiNando para a

porta quando viu aproximar-se dos gêmeos armados.

O que ocorre aqui? alcançou a dizer o policial retirado (tradicionales palavras de todo policial

britânico) antes de que o canhão do fuzil convencesse-o de levantar as mãos e fechar a boca.

Sam o agarrou por pescoço e o arrastou ao lobby principal. Ali, a gente viu as armas.

Algugritaram-nos. Outros correram para as portas e conseguiram sair sem que disparassem-

lhes. Os gêmeos Barry ainda tinham muito que fazer.

O aviso radial do policial gerou uma resposta muito superior ao chamado telefônico do

Grady, especialmente pela notícia de que um oficial de polícia tinha sido baleado e

provavelmente morto em sua ptrullero. A primeira reação do superintendente foi

enviar todas

seus unidades móveis à área do hospital. Só a metade delas tinham armas de fogo,

principalmente revólveres Smith & Wesson (absolutamente ineficazes para responder a um

ataque com metralhadoras). A morte do policial ficou comprovada quando deixou de reportar-

se a psar das numerosas chamadas por rádio.

Todas as estações de polícia do mundo têm respostas preparadas para diversas emergências.

Esta tinha um arquivo titulado-terrorismo . O superintendente o releu para assegurar-se de não

haver esquecido nada, embora conhecia o conteúdo de cor. O número principal para essa

emergência era o do Home Office, e o superintendente informou o pouco que sabia ao

funcionário civil que atendeu o telefone, adicionando que estava em vias de conseguir mais

informação e voltaria a reportar-se.

O edifício central do Home Office, próximo ao Palácio de

Buckingham, alojava aos burocratas encarregados de fiscalizar quase todos os aspectos da

vida nas ilhas britânicas. Isso incluía a aplicação da lei, e nesse edifício também havia uma

pasta de procedimientos que foi retirada de sua prateleira. Nesta figuravam uma nova página e

um novo número.

Quatro-dois-dobro-três disse Alice Foorgate ao atender o telefone. Era a linha exclusiva de

tráfego vocal privilegiado.

O senhor Clark, por favor.

Sim. Um momento, por favor.

Senhor Clark, tem uma chamada em dobre-tres anunciou por intercom.

Fala John Clark disse Rainbow Six levantando o receptor.

Sou Frederick Callaway do Home Office. Temos uma situação de emergência anunciou.

OK, onde?

Muito perto de onde estão vocês, no hospital do Hereford.

469

que chamou se identificou como Patrick Casey. É o nome codificado que o PIRA utiliza para

designar suas operações.

No hospital do Hereford? perguntou John, sentindo que se congelava-lhe a mão sobre o

telefone.

Correto.

Espere um segundo. Quero que falemos com outra pessoa tampou a buzina com a mão .

Alice! Que Alistair atenda já mesmo!

Sim, John?

Senhor Callaway, apresento ao Alistair Stanley, minha mão derecha. Por favor repita o que

acaba de me dizer.

Callaway o fez, e adicionou:

O terrorista identificou a dois reféns: a enfermeira Clark e a doutora Chávez.

OH, mierda soprou John.

Enviarei ao comando do Peter, John disse Stanley.

De acordo. Algo mais, senhor Callaway?

É tudo o que sabemos por agora. O superintendente de polícia local está tentando conseguir

mais informação,

OK, obrigado. me chame a este número se me necessitar Clark pendurou o telefone . Carajo

disse em voz muito baixa.

Lhe tinha disparado a mente. Os que tinham investigado ao

Rainbow tinham uma razão, e os dois nomes mencionados não eram pura casualidade. Era um

desafio direto a ele e a seus homens... e estaban usando a sua própria filha e a sua esposa

como isca de peixe. Pensou que deveria lhe entregar o mando a Ao Stanley, e pensou que sua

esposa e seu filha corriam perigo de morte... e ele não podia fazer nada para ajudaras.

Santo Deus murmurou o maior Peter Covington . Sim, senhor.

Estamos em marcha Se parou e disse a seus soldados : Atenção, temos trabalho. Movam-se já.

Os membros do Comando 1 foram direto a seus lockers. Mike

Chin foi o primeiro em estar preparado. aproximou-se de seu chefe, que se estava pondo o

colete antibalas.

O que acontece?

PIRA, hospital local, têm como reféns às esposas do Clark e Ding.

Como é isso? perguntou Chin, piscando incrédulo.

Já me ouviu, Mike.

OH, mierda. OK Voltou com o resto dos homens . Apúrense, moços, não é parte do

treinamento.

Malloy acabava de subir a seu Night Hawk. O sargento Nance já estava ali, retirando as

bandeiras vermelhas de segurança.

Adiante, tenente disse Malloy.

Acendendo um confirmou Harrison. O sargento Nance abordou o helicóptero e ajustou seu

cinto de segurança.

470

Rotor de cauda espaçoso, coronel anunciou, olhando para trás.

Malloy ativou o rádio.

Comando, aqui Mr. Urso, estamos preparados. O que querem que façamos? Mudança.

Mr. Urso, aqui Five Malloy escutou surpreso a voz de

Stanley . Separem e orbitem o hospital local. Temos um atentado ali.

Repita, Five, mudança.

Mr. Urso, temos sujeitos no hospital local. Os reféns são as senhoras Clark e Chávez.

Identificaram-nas a ambas. Suas ordens são separar e sobrevoar o hospital.

Entendido, copio. Mr. Ouso desapega neste momento Acionou os controles com a mão

esquerda e o Sikorsky subiu ao céu.

Escutei bem, coronel? perguntou Harrison.

Suponho que sim. Carajo balbuciou o marinhe. Alguém estava agarrando ao tigre das bolas.

Olhou abaixo e viu um par de caminhões que abandonavam a base a toda velocidade na

mesma direção que ele.

Covington e o Comando 1, pensou. Subiu a quatro mil pés e chamou ao centro de controle de

tráfego aéreo para anunciar sua manobra.

Havia quatro patrulheiros bloqueando o acesso às praias de estacionamento do hospital mas

nada mais. Popov baixou os binoculares.

Os policiais se limitavam a olhar o edifício; dois deles tinham revólvecabeça de gado...

apontados ao chão.

Covington transmitiu a informação em um dos caminhões; Chin fez o próprio no outro. Os

soldados ficaram perplexos: sempre se tinham considerado a si mesmos e a suas famílias

imunes ipso facto a esta classe de coisas... porque ninguém tinha cometido até o momento a

estupidez de atacá-los. A gente podia aproximar-se da jaula do leão e incomodá-lo com um

pau, mas não se faltavam as grades. E um jamais se colocava com os cachorrinhos do leão,

não? Não se queria seguir vivo quando se pusesse o sol. Isto era uma questão de família para

todos eles. Atacar à esposa do comandante do Rainbow era uma bofetada no rosto de todos

seus subordinados, um ato de incompreensível arrogância... e a mulher do Chávez estava

grávida. Ela representava duas vistas inocentes, e ambas pertenciam a um dos homens que se

treinaBA com eles todas as manhãs e bebia com eles no bar, um compañero soldado, uma da

equipe. Revisaram seus rádios e ficaram imóveis, com as armas na mão, deixando vagar seus

pensamentos... mas não muito longe.

Ao, terá que te fazer carrego desta operação disse John.

Estava parado junto a seu escritório, preparando-se para partir. O Dr.

Bellow estava com eles, e também Bill Tawney.

Entendo, John. Sabe o bons que são Peter e seus homens.

471

Comprido suspiro.

Sim Não havia muito que dizer.

Stanley olhou a outros.

Bill?

Usaram o código correto. Patrick Casey jamais caiu em mãos da imprensa. É o nome que

utilizam para nos fazer saber que a operação é autêntica... geralmente o usam para ameaças de

bombs e coisas pelo estilo. Paul?

O fato de identificar a sua esposa e sua filha implica um desafio direto ao Rainbow. Estão-nos

dizendo que conhecem a existência de

Rainbow, que sabem quem somos e, é obvio, quem é você, John.

Estão proclamando sua perícia e sua decisão de chegar até as últimas conseqüências O

psiquiatra sacudiu a cabeça . Mas se realmente são do PIRA, isso significa que são católicos.

Talvez possa fazer algo.

Vamos lá. Quero me comunicar já mesmo com eles.

Tim Noonan já estava em seu automóvel, com a equipe tática carregada em o baú. Pelo

menos seria fácil para ele. Havia dois tumores de telefones celulares na área do Hereford e

justamente os tinha usado para provar seu novo software. dirigiu-se ao mais longínquo dos

dois. Era a instalação típica: a usual torre candelabro convocada em um espaço cercado com

um trailer. Havia um automóvel estacionado fora. Noonan freou e saltou do automóvel. Não

se incomodou em fechá-lo. Dez segundos dêpués, abria a porta do trailer.

O que é isto? perguntou o técnico.

Sou do Hereford. Precisamos intervir esta linha celular agora mesmo.

Quem o diz?

Eu o digo! Noonan se deu volta para que o tipo visse a pistola em seu quadril . Chame a seu

chefe. Sabe quem sou e a que me dedico Sem mais explicações, aproximou-se do painel de

energia e interrompió as transmissões da torre. Logo se sentou frente ao foiMA de controle do

computador e inseriu o disquete que tinha levado no bolso da camisa. Dois cliques do mouse

e quarenta segundos mais tarde o sistema tinha sido modificado. A partir desse momento só

aceitaria números precedidos pelo prefixo 777.

O técnico não tinha a menor ideia do que estava passando, mas teve o bom tino de não tentar

discuti-lo com um homem armado.

Há alguém no outro... ao outro lado da cidade? o perguntó Noonan.

Não, se houvesse algum problema eu teria que resolvê-lo... mas não, não há ninguém.

As chaves Noonan estendeu a mão.

Não posso fazer o que me pede. Quero dizer, não estou autorizado A...

472

Chame a seu chefe agora mesmo sugeriu o agente do FBI, passandói o telefone.

Covington saltou do caminhão perto de uns caminhões estacionados.

A polícia tinha marcado um perímetro para impedir o acesso aos curiosos. Trotou até o que

parecia ser o oficial de maior fila in situ.

Aqui estão disse Grady por telefone ao Timmy Ou Neil . Seguro, e responderam rápido. Têm

um aspecto formidável como de costumbre adicionou . Como andam as coisas dentro?

Muita gente, Sejam. Não podemos controlá-la adequadamente.

Tenho aos gêmeos no lobby principal, ao Jimmy aqui comigo, e a

Daniel patrulhando os pisos superiores.

E nossos reféns?

Refere às duas mulheres? Estão sentadas no chão. À jovem lhe falta pouco para dar a luz,

Sejam. Poderia parir hoje.

Trata de evitá-lo, moço aconselhou Grady com um sorriso.

As coisas partiam de acordo ao plano e o tempo estava correndo.

Os malditos soldados tinham estacionado seus caminhões ao lado dos deles. Melhor,

impossível.

O nome de Houston não era Sam sua mãe o tinha batizado

Mortimer em comemoração a um tio dileto , mas o chamavam assim desde suas épocas no

Fort Jackson, Carolina do Sul (onze anos atrás) e jamais queixou-se. Ainda tinha o rifle na

caixa e estava procurando um bom posto de olhe. Pensando-o bem, estava parado em um bom

lugar.

Estava preparado para algo. Seu rifle era gêmeo do de seu amigo Homer Johnston e sua

pontaria era igualmente perfeita... (atéque, se alguém o perguntava, responderia no ato que era

um pouco melhor). O mesmo podia dizer do Rifle Uno-dos, sargento Fred

Franklin, ex-instrutor de tiro no Fort Benning e letal a mais de uma milha de distância com

seu rifle de ação rápida MacMillan .50.

O que opina, Sam?

Ficarei aqui, Freddy. O que te parece se for a aquela colina, passando o heliporto?

Parece-me bem. Até mais tarde Franklin carregou a caixa sobre o ombro e avançou na direção

indicada.

Esses tipos me assustam admitiu Roddy Sands por telefone.

Já sei, mas um deles está o suficientemente perto para ser eliminado em seguida, Roddy.

Você te encarregará dele.

473

Claro, Sejam obedeceu Sands. Estava no setor de carga do enorme caminhão Volto.

Com as chaves do outro trailer em seu poder, Noonan voltou para seu automóvel. Demoraria

vinete minutos em chegar... não, mais. A rota estava superpoblada, e embora levava uma

pistola e inclusive identificação policial, seu veículo não tinha sereia... (adminículo que havia

lhe passou por alto, para sua repentina e justificado irritação). Como carajo se hábia

esquecido da sereia? Era polícia, não? Subiu a banquina, encendió as luzes de emergência e

cravou o punho na buzina enquanto passaBA a toda velocidade junto aos automóveis detidos.

Chávez logo que reagiu. Em vez de mostrar fúria ou medo, se répregou sobre si

mesmo. Seu

corpo pequeno pareceu reduzir-se ainda mais ante os olhos do Clark.

OK disse por fim. Tinha a boca seca . O que vamos fazer?

O Comando 1 já deve estar ali. Ao está a cargo da operação.

Nós somos espectadores.

Vamos para lá?

Clark titubeou, algo incomum nele. Uma parte de seu ser lhe aconselhaBA ficar sentado em

seu escritório e esperar... Não tinha sentido torturar-se sabendo que não podia fazer nada. Sua

decisão de delegar o mandou ao Stanley tinha sido correta. Não podia permitir que o

afetassem seus emoções pessoais. Havia outras vidas em jogo, não só as de seu esposa e filha,

e Stanley era um profissional que faria o correto sem necesedem de que lhe dissesse nada. Por

outra parte, ficar ali escutando relatórios telefônicos ou radiais era muito pior. Foi até seu

escritório, abriu uma gaveta e tirou seu Beretta .45 automática. Enganchou-a do cinturón

sobre seu quadril direita. Viu que Chávez também levava sua arma.

Vamos.

Espere Chávez levantou o telefone do escritório do Clark e chamou o edifício do Comando 2.

Sargento maior Price respondeu uma voz.

Eddie, sou Ding. John e eu nos dirigimos ao teatro de operaciones. Fica ao mando do

Comando 2.

Sim, senhor, entendido. O maior Covington e seus moços são tão bons como nós, e o

Comando 1 está em perfeitas condiciones de empreender a missão.

OK. Levo meu rádio.

Boa sorte, senhor.

Obrigado, Eddie Pendurou . Vamos, John.

Tiveram o mesmo problema que Noonan com o trânsito, e adop474

taron a mesma solução (luzes de emergências e buzina a pleno). O que deveu ter sido uma

viagem de dez minutos se duplicou em tempo.

Quem fala?

O superintendente Fergus Macleash respondeu o policial dêdo outro extremo do circuito

telefônico . E você quem é?

Patrick Casey, por agora respondeu Grady . Já falou com a gente do Home Office?

Sim, senhor Casey, falei Macleash olhou ao Stanley e Bellow. Os três estavam em seu posto

de comando, a meia milha do hospital.

Quando liberarão os detentos tal como exigimos?

Senhor Casey, a maioria dos funcionários estão almoçando neste momento. A

gente com a

que falei em Londres está tratando de encontrá-los e fazê-los voltar para seus postos. Ainda

não pude falar com nenhum funcionário hierárquico, já vê.

Sugiro que diga aos de Londres que os encontrem logo.

Não sou por natureza um homem paciente.

Necessito que me confirme que ninguém resultou ferido tentou

Macleash.

Salvo um de seus agentes, não, ninguém resultou ferido... ainda.

Mas a situação trocará radicalmente se nos atacarem, e também se você e seus amigos de

Londres nos fazem esperar muito. Entienpelo que lhe digo?

Sim, senhor, entendo perfeitamente o que acaba de dizer.

Têm duas horas. Depois, começaremos a eliminar reféns.

Temos uma boa reserva, sabe.

Como você compreenderá, se machucarem a um refém a situação trocará fundamentalmente,

senhor Casey. Minhas possibilidades de negorecuar em seu favor se reduzirão drasticamente

se transpassar esse limite.

É problema dele, não meu foi a geada resposta . Tenho mais de cem pessoas aqui, entre elas a

esposa e a filha do chefe do comando antiterrorista. Serão as primeiras em sofrer as

conseqüências de seu inoperancia. Agora ficam uma hora e cinquenta e oito minutos para

iniciar a liberação de todos os detentos políticos dos cárceres do Albany e Parkhurst. Sugiro

que comece a mover-se já mesmo. Adeus linha morta.

Fala a sério comentou Bellow . Parece uma voz amadurecida, de uns quarenta anos, e

confirmou que sabe quem são as senhoras Clark e Chávez. Estamos frente a um profissional

que conta com excelente informação de inteligência. Como a terá conseguido?

Bill Tawney cravou a vista no piso.

Não sei, doutor. Tínhamos indícios de que alguém nos estava indagando, mas isto é

excessivamente perturbador.

OK. A próxima vez que chame falarei com ele disse Bellow .

Verei se posso tranquilizá-lo um pouco.

Peter, aqui Stanley disse Rainbow Five por radio tática.

475

Aqui Covington.

No que andam?

Os dois rifleros estão em posição, para vigilância e reunião de inteligência. Outros estão

comigo. vão trazer me um diagrama do edifício. Ainda não temos uma estimativa fehaciente

da quantidade de sujeitos e/ou reféns Vacilou antes de prosseguir . Recomendo que

consideremos a possibilidade de convocar ao Comando 2. O edifício é muito grande para

cobri-lo com oito homens, em caso de que debamos entrar.

Stanley assentiu.

Muito bem, Peter. Chamarei-os.

Como andamos de combustível? perguntou Malloy. Estavam sobrevoando em círculos o

hospital.

Temos suficiente para mais de três horas e meia, coronel respondeu o tenente Harrison.

Malloy observou o setor de carga do Night Hawk. O sargento

Nance estava preparando as sogas de descida. Uma vez concluída essa tarefa ocupou o

assento de salto (entre e detrás dos assentos do piloto e o co-piloto), com a pistola claramente

visível em sua cava.

Bem, vamos ficar nos aqui um bom momento disse o marinhe.

Senhor, o que opina de...?

Opino que eu não gosto no mais mínimo, tenente. Além de isso, convém que não pensemos

muito no assunto Era uma cabeça de gadoposta mentirosa, e todos sabiam. lhes dizer que

deixassem de pensar era como lhe dizer ao mundo que deixasse de dar voltas.

Malloy

observava o área do hospital, procurando ângulos de aproximação para descidas com soga

larga ou em linha reta. Não parecia difícil de fazer, em caso de que fora necessário.

A vista panorâmica do helicóptero era extremamente útil.

Malloy podia vê-lo tudo. Havia automóveis estacionados por todas parvocês e vários

caminhões perto do hospital. Os patrulheiros policiais se distinguiram pelas luzes azuis

parpadeantes. Tinham detido o trânsito... todas as rotas estavam tapadas, pelo menos as que

condurecuam ao hospital. Como de costume, as rotas de saída estavam despejadas. Como por

arte de magia, um caminhão estacionou a meia milha do hospital, sobre a colina onde já havia

vários automóveis estacionados. Próbablemente com a só intenção de bisbilhotar, pensou o

marinhe. Siempre passava o mesmo, eram como abutres espreitando um futuro esqueleto.

Extremamente desagradável, e muito humano.

Popov se deu volta ao escutar a freada do caminhão branco da televisão, a menos de dez

metros do baú de seu Jaguar alugado.

Tinha uma fonte via satélite no teto. Três homens saltaram do veículo ainda em marcha. A

gente subiu a escada lateral e elevou a fonte

476

angular. Outro carregou ao ombro seu Minicam e um terceiro, evidentemente jornalista,

ajustou-se o nó da gravata. Falou brevemente com um dos outros dois e logo se deu volta e

olhou para o hospital. Popov os ignorou.

Por fim, resmungou Noonan ao chegar à segunda estação celular.

Estacionou o automóvel, baixou e procurou as chaves que lhe tinha dado o técnico.

Três minutos depois carregava o software no computador.

Noonan ao Stanley, mudança chamou por radio tática.

Aqui Stanley.

OK, Ao, acabo de interceptar a outra célula. A partir de agora, nenhum telefone celular

deveria funcionar na área.

Muito bem, Tim. te reúna conosco.

Entendido, vou para lá Se ajustou o casco, colocando o meucrôfono exatamente frente a seus

lábios e sustentando o auricular em seu sítio. Subiu a seu automóvel e enfiou para o hospital.

OK, bastardos, pensou, tratem de usar seus malditos celulares, a ver se puderem.

Como estava acostumado a ocorrer nas situações de emergência, pensou Popov, era

impossível saber o que estava ocorrendo. Havia pelo menos quinze veículos policiais à vista,

mais os dois caminhões do exército da apóie Hereford. Os binoculares não lhe permitiam

reconhecer a ninguém, mas só tinha visto um de perto: ao chefe da unidade. Provavelmente

estaria em um posto de comando, não a céu aberto. Caso que estivesse presente no teatro de

operações...

Dois homens com caixas largas (rifleros, provavelmente) haviam-se afastado dos caminhões

camuflados. Agora era impossível vê-los, até que... sim, aí estava um deles. Apenas uma

mancha verde no paisaje. Muito inteligente de sua parte. Estaria usando sua olhe telescópica

para olhar pelas janelas e reunir informação que transmitiria por rádio a sua comandante.

Sabia que o outro andava rondando por aí, mas não podia vê-lo.

Rifle Uno-dos a Comando chamou Fred Franklin.

Uno-dos, aqui Comando respondeu Covington.

Em posição, senhor, mas não vejo nada nas janelas de planta baixa. Movimento de cortinas no

terceiro piso, como se alguém estivesse espiando, mas nada mais.

Entendido, obrigado. Prossiga a vigilância.

Entendido. Rifle Uno-dos, fora Vários segundos depois,

Houston reportou notícias similares.

Por fim disse Covington. Acabava de chegar um patrulheiro com o

477

diagrama do hospital. A gratidão do Peter se evaporou logo que olhou as primeiras duas

páginas. Havia montões de quartos, a maioria nos pisos superiores, e em qualquer deles podia

haver um homem armado... pior ainda, todos estariam ocupados por pessoas, em sua maioria

doentes, que não tolerariam o impacto dos rojões de luzes explosivos. Agora que sabia a que

atenderse, quão único jogava a seu favor era reconhecer a dificuldade da missão.

Sejam?

Grady se deu volta.

Sim, Roddy?

Estão lá assinalou ao longe. Os soldados de uniformes negros estavam parados detrás de seus

caminhões militares, a poucos metros de os caminhões dos próprios irlandeses.

Só conto seis, moço disse Grady . Esperávamos dez ou mais.

Mau momento para te pôr ambicioso, Sejam.

Grady o pensou um segundo, logo olhou seu relógio. havia lhe destinado entre quarenta e

cinco a sessenta minutos à missão. A seu entender, lhe outorgar mais tempo seria um grave

engano tático já que permitiria uma melhor organização do inimigo. Faltavam dez minutos

para o prazo mais curto. Até o momento as coisas partiam de acordo com o planejado. Os

caminhos de ingresso ao hospital estariam bloqueados, não assim os de saída. Tinha seus três

caminhões grandes, a caminhonete e dois automóveis comuns, todos a cinquenta metros à

redonda. A parte crucial do trabalho ainda não tinha começado, mas todos seus homens

sabiam perfeitamente o que fazer. Roddy tinha razão. Era hora de abrir o jogo. O fez gestos a

seu subordinado e chamou o Timothy Ou Neil por telefone celulareira.

Mas não pôde comunicar-se. Só se escutava um tom insistente que indicava que o chamado

não tinha chegado ao destino. Molesto, apertou as teclas END e REDIAL... e obteve idêntico

resultado.

O que é isto...? disse, tentando-o pela terceira vez . Roddy, me dê seu telefone.

Sands obedeceu. Todos eram idênticos por fora e tinham sido identicamente programados.

Pulsou a mesma tecla de discado rápido... e novamente obteve o tom insistente por resposta.

Mais confundido que zangado, sentiu um vazio repentino no estômago. Tinha planejado

opções para muitas coisas, mas não para esta. Precisava coordenar a os três

grupos para que a

missão funcionasse. Todos sabiam o que debían fazer, mas não quando. E não faziam nada até

que ele não lhes desse a ordem.

Carajo... resmungou em voz muito baixa, para surpresa do Roddy

Sands. Logo tentou chamar o operador de celulares, mas sem resultado. Os malditos

telefones deixaram de funcionar.

478

Faz tempo que não temos notícias observou Bellow.

Ainda não nos deu nenhum número de telefone.

Proven estes Tawney lhes passou uma lista manuscrita de números do hospital. Bellow

marcou o da Sala de Emergências em seu celular, precedido pelo prefixo 777. Soou meio

minuto até que a alguém atendeu.

Sim? Era uma voz com acento irlandês, mas diferente da que tinham escutado antes.

Quero falar com o senhor Casey disse o psiquiatra, ativando o speaker.

Neste momento não se encontra aqui foi a parca resposta.

Poderia chamá-lo, por favor? Tenho que lhe dizer algo.

Espere respondeu a voz.

Bellow anulou o microfone do celular.

A voz é diferente. Não é o mesmo tipo. Onde está Casey?

Em algum outro lugar do hospital, suponho sugeriu Stanley.

Sua resposta resultou desacertada. Passaram vários minutos e ninguém respondeu o chamado.

Noonan teve que demonstrar sua identidade em dois postos de guarda policial, mas

finalmente viu o hospital ao longe. Avisou-lhe por rádio ao Covington que estava a cinco

minutos de distância e se inteirou de que nada tinha trocado.

Clark e Chávez desceram de seu veículo a cinquenta jardas dos caminhos verdes nos que se

transladou o Comando 1. O COmando 2 estava em caminho, também em um caminhão do

exército britânico pintado de verde (com escolta policial para acelerar o trâmite). Chávez

tinha uma coleção de fotos de terroristas do PIRA. Havia-as encontrado em um escritório de

inteligência. O mais difícil era evitar que o tremessem as mãos (não sabia se de ira ou de

medo). Apelou a todo seu treinamento profissional para concentrar-se no que devia e deixar

de preocupar-se com sua esposa, sua sogra... e seu futuro filho. Só o conseguia olhando as

fotos, não o pasto, porque as fotos eram rostos que podia detectar e matar, enquanto que a

grama verde que rodeava o hospital era uma mera paisagem vazia, o fatal território do medo.

Em momentos como esse o essencial era tragá-las emoções e fingir que a gente controlava a

situação, mas Chávez estava comprovando em carne própria que, embora era fácil mostrar

arrojo e valentia quando se tratava da gente mesmo, saber que alguém que alguém amava

corria perigo era devastador, e nesse caso a coragem importava um reverendo nada e o único

que alguém podia fazer era... nada. A gente era um simples espectador, nada mais: observava

uma competência brutal onde corriam grave peligro as vistas dos que amava... mas sem poder

participar dela. O

479

único que podia fazer era observar e confiar no profissionalismo do

Comando 1 do Peter Covington. Uma parte dele sabia que Peter e seus moços eram tão bons

como ele mesmo e seu grupo, e que se o rescaera-te possível, eles o executariam a

perfección... mas não era o meusmo que estar aí em pessoa, e fazer-se carregó, e fazer que

ocorresse o que devia ocorrer. Esse mesmo dia, mais tarde, voltaria a ter a sua amadá esposa

em seus braços... ou ela e seu filho ainda não nascido lhes seriam arrebatados

para sempre.

Suas mãos aferraram as fotos geradas por computadora com tanta força que lhes dobraram os

borde. Seu único comestou acostumado a era o peso da pistola que tinha metida no cinturão.

Era uma sensação familiar, embora no momento inútil.

E bem, como devo chamá-lo? perguntou Bellow quando a linha

Telefónica entrou novamente em atividade.

Pode me chamar Timothy.

Está bem disse Bellow com tom amistoso . Me chamo Paul.

Você é americano comentou Ou Neil.

Assim é. Igual a seus reféns, a doutora Chávez e a senhora

Clark.

E?

Y... bem, eu acreditava que seus inimigos eram os britânicos, não nosotros os americanos.

Você sabe que essas duas mulheres são mãe e filha, verdade? Tinha que sabê-lo, por isso

podia mencioná-lo sem arriegarse a filtrar informação importante.

Sim replicou o irlandês.

Sabia que ambas são católicas, como você?

Não.

Bem, são-o assegurou Bellow . Pergunte-lhe De fato, o sobrenome de solteira da

Sra. Clark é

Ou Toole. É esta cidadãdounidense de origem católica irlandesa. por que a considera seu

enemiGA, Timothy?

Ela é... seu marido é... quero dizer...

Ele também é um americano de origem católica irlandesa, e até onde eu sei jamais realizou

nenhuma ação contra vocês nem contra a gente que compõe sua organização. Por isso me

resulta difícil entender o por que desta ameaça.

Seu marido é o chefe do grupo Rainbow, e eles matam gente por ordem do governo britânico.

Não, para falar a verdade não é assim. Rainbow é uma criação da OTAN.

A última vez que saímos em missão tivemos que resgatar trinta nemños. Eu também estive

ali. Os terroristas assassinaram a um de seus pequenos reféns, uma menina holandesa

chamada Anna. Ela estava desahuciada, Timothy. Tinha câncer, mas os terroristas não

tiveram pciência. Um deles lhe disparou pelas costas e a matou. Provavelmente terá-o visto

por televisão. É algo que uma pessoa religiosa não faria jamais... muito menos um católico.

Um católico não poderia assassinar a uma

menina desse modo, nem de nenhum outro. E a Dra. Chávez está embaraçadã.
Estou seguro

de que se deu conta. Se fizerem mal a ela, o que passará com o bebê? Não seria
um simples

assassinato, Timothy. Também estariam abortando seu futuro filho. Sei o que
pensa a Igreja

Católica ao respeito. E você também sabe. E o governo da República de

Irlanda também sabe. Por favor, Timothy, fará-me o favor de pensar seriamente
no que pensa

fazer? São pessoas de carne e osso, não abstrações, e o bebê no ventre da Dra.
Chávez

também é uma pessoa de carne e osso. Como é, tenho algo que lhe dizer ao
senhor

Casey. Ainda não o encontraram? perguntou o psiquiatra.

Eu... não, não, não pode falar por telefone agora.

Bom, tenho que ir. Se voltar a chamar a este número, usTed me atenderá?

Sim.

Bem. Chamarei assim que tenha notícias para vocês Bellow cortou a
comunicação . Boas

notícias. Falei com outro indivíduo, mais jovem, não tão seguro de si mesmo.
Tenho uma

arma psicológica contra ele.

É verdadeiramente católico, ou ao menos crie sê-lo. Isso significa comciência e
regras

estritas. Posso lhe trabalhar a consciência concluiu soubriamente mas com
confiança.

Mas onde está o outro? perguntou Stanley . A menos que...

Né? perguntou Tawney.

A menos que não esteja ali.

Né? perguntou Bellow.

A menos que não esteja no hospital. Chamou-nos, mas faz momento que não sabemos nada

dele. Não teria que nos haver chamado?

Bellow assentiu.

Tivesse acreditado que sim, claro.

Mas Noonan anulou os telefones celulares assinalou Stanley.

Acendeu seu rádio tática . Aqui Comando. Procurem um sujeito que tente utilizar um telefone

celular. Poderíamos ter dois grupos de sujeitos in situ. Mudança.

Comando, aqui Covington. Entendido.

Carajo! bramou Malloy no helicóptero.

Quer que aterrissemos em algum lugar? perguntou Harrison.

O marinhe negou com a cabeça.

Não, enquanto estejamos acima não poderão nos ver. Permanecemos talheres um pouco mais.

Que diabos...? comentou Chávez, olhando a seu sogro.

Adentro/Afuera? especulou Clark.

Grady estava a ponto de perder os estribos. Tinha tentado sete

vezes seguidas fazer uma chamada com seu celular... só para encontrar o mesmo som lhe

desenquadrem. Contava com uma situação tática virtualmente perfeita, mas carecia da

possibilidade de coordenar a seus equipes. Aí estavam esses tipos do Rainbow, a menos de

cem metros de os dois caminhões Volto. Mas não duraria muito. A polícia local logo

começaria a rodear a área. Podia ver entre cento e cinquenta e duzentas pessoas em grupos

pequenos a trezentos metros do hospital. A hora era certa. Os brancos estavam ali.

Noonan subiu o pendente e se dirigiu aonde estava o comando, perguntando-se que diabos

poderia fazer. Interferir o edifício (sua tarefa habitual) implicava aproximar-se. Mas estavam

a plena luz do dia e acercarse seria difícil... mais que difícil, impossível até que caísse a noite.

Bom, pelo menos tinha completo seu dever essencial: impedir que o inimigo usasse telefones

celulares (se é que lhes ocorria fazê-lo, coisa que desconhecia por completo). Diminuiu a

velocidade ao aproximar-se e viu ao Peter Covington falando com seus atiradores de

uniformes negros.

Chávez e Clark estavam fazendo o mesmo, de pé, imóveis, a poucas jardas do automóvel

oficial do Rainbow Six.

Têm que assegurar o perímetro disse Ding. De onde hábían saído todos esses veículos?

Provavelmente estavam na área quãodou se ouviram os primeiros disparos. como sempre, a

maldita camionevocê de TV com sua fonte via satélite desdobrada e uma coisa (aparentemenvocê um jornalista) que falava sem parar frente a uma Minicam a tração

humana. Então, pensou Chávez, sua família em perigo satisfazia o espírito esportivo dos

malditos telespectadores.

Grady devia tomar uma decisão, já mesmo. Devia fazê-lo agora mesmo... se queria alcançar

seu objetivo e logo escapar. Seu pacote de armas estava no chão, perto do automóvel alugado.

O deixou ao Roddy

Sands e caminhou até o caminhão Volto mais distante.

Sejam disse uma voz do setor de carga , os jodidos teléfonos não funcionam.

Já sei. Começamos em cinco minutos. Cobre a outros e logo segue as instruções do plano.

OK, Sejam replicou a voz. Gary ouviu o tumulto das armas em o interior do caminhão.

aproximou-se do outro e transmitiu a mesma mensagem.

Logo ao terceiro. Havia três homens em cada caminhão. As lonas que cobriam os setores de

carga estavam furadas (como as almenas de um castelo), e permitiam aos terroristas espiar aos

soldados a menos de cem metros de distância. Grady voltou para seu Jaguar. Confirmou a

hora ao subir. Olhou ao Roddy Sands e assentiu.

482

O caminhão do Comando 2 baixava a pendente rumo ao hospital, precedido pelo automóvel

do Noonan.

Popov observava a área com seus binoculares. Viu aparecer um tercer caminhão militar. Viu

mais homens sentados atrás, provavelmente reforços para as tropas que já estavam no lugar.

Olhou o setor de os soldados. Esse não era... John Clark? perguntou-se. Afastado dos demais.

Bom, se sua esposa era um dos reféns tinha lógica permitir que outro devia ter uma mão

direita na organização comamdesse a operação. De modo que deveria limitar-se a olhar, tenso

e tal vez desesperado.

Perdão Popov se deu volta e viu o jornalista e seu camarógrafo.

Fechou os olhos, amaldiçoando-os em silêncio.

Sim?

Poderia nos dar sua impressão do que está ocorrendo aqui? Em primeiro lugar, queremos

saber seu nome e o motivo de sua presença neste lugar.

Bem, eu... meu nome é... meu nome é Jack Smith disse Popov com seu melhor acento

londrino . Estava aqui, no campo... observo pássaros, sabe. Queria desfrutar da natureza, é um

lindo dia, já vê,

Y...

Tem idéia do que está acontecendo lá abaixo, senhor Smith?

Não, não, em realidade não respondeu sem tirá-los binoculares.

Não queria que lhe vissem a cara. Nichevo! Lá estava Sejam Grady, parou junto ao Roddy

Sands. De ter acreditado em Deus, tivesse invocado seu nome nesse momento... ao ver o

que estavam fazendo. Sabia exatamente o que estavam pensando nesse efêmero instante.

Grady se agachou, abriu o pacote e tirou seu rifle de assalto AKMS.

Logo introduziu o carregador, desdobrou a arma e, com um movimento suave se ergueu

e a apoiou sobre seu ombro. Um segundo depois apontou e disparou contra o grupo de

soldados de uniforme negro. Um segundo depois, os homens escondidos nos

caminhões

fizeram o mesmo.

Não houve nenhuma classe de advertência. As balas se incrustaram no flanco do caminhão

que lhes servia de trincheira, mas, antes de que os homens do Comando 1 pudessem reagir,

incrustaram-se Também em seus corpos. Nos primeiros dois segundos caíram quatro soljogo

de dados. Outros conseguiram jogar-se no chão. De ali tentaram identificar a origem dos

disparos.

483

Noonan os viu cair e demorou um segundo em compreender o que étaba ocorrendo. Logo

anunciou por radio tática:

Advertência, advertência, o Comando 1 está sendo atacado desde atrás!

Enquanto falava, seus olhos tentavam localizar a origem dos disparos. Tinham que estar

perto, certamente no caminhão grande.

Pisou no acelerador e avançou nessa direção, aferrando a pistola com seu emano direita.

Mike Chin tinha recebido um balaço em cada coxa. O efeito irmãpresa só contribuiu a

aumentar a dor. Não estava preparado para essa classe de ataque e a dor o

paralisou durante

vários segundos. Finalmente conseguiu arrastar-se a lugar seguro.

Chin ferido, Chin ferido murmurou por rádio. deu-se volta com dificuldade e viu outro

membro do Comando 1 atirado no chão. Do flanco de sua cabeça emanava um fio de sangue

escuro.

O sargento Houston afastou a olhe de seu rifle e girou a cabeça para a direita, em direção à

súbita e inesperada rajada. Que carajo...?

Viu o canhão de um rifle aparecer pelo flanco de um dos caminhões e apontou para a direita,

ao possível branco.

Roddy Sands viu o movimento. Sabia onde estava o riflero, mas a camuflagem lhe impedia de

detectá-lo. O movimento resolveu o enigma: o branco estava a só cento e cinquenta metros.

Apontou para baixo e à esquerda e apertou o gatilho. Avançou disparando rajadas contínuas

contra a sombra oculta no pendente.

Houston alcançou a disparar uma rajada, mas uma bala se o incrustó no ombro direito (o

protetor corporal podia rechaçar balas de pistola, mas não de rifle de repetição). Nem a

coragem nem a força física curavam os ossos quebrados. O impacto o fez cair ao chão e, um

segundo depois, teve que admitir que seu braço direito não voltaria a mover-se.

Por puro instinto girou à esquerda e tentou desencapar sua pistola com a mão que ficava sã

enquanto anunciava por rádio que ele também estava ferido.

Para o Fred Franklin foi mais fácil. Estava muito longe e bem oculto sob a camuflagem para

ser branco fácil dos terroristas. Demorou

484

uns segundos em compreender o que estava passando, mas os gritos e grunhidos que escutou

pelo auricular bastaram para inteirar o de que alguns membros do comando estavam feridos

gravemente. Varreu a área com a olhe e viu o canhão de um rifle aparecendo de um

caminhão. Retirou o seguro, apontou e disparou sua primeira rajada calibre .50. Seus disparos

retumbaram no silêncio. O rifle MacMillan utilizava o mesmo carregador calibre .50 que uma

metralhadora pesada e disparava balas de 2

onças a 2.700 pés por segundo. Dadas suas características, cobriu a distancia em menos de um

terço de segundo e abriu um orifício de meia polegada no flanco do caminhão. Mas era

impossível saber se havia dado no branco humano. Girou o rifle à esquerda em busca de um

novo branco. Viu outro caminhão grande, com buracos na lona, mas sem

ninguém dentro.

Mais à esquerda... ali, viu um tipo disparando seu Rifle... contra Sam. O sargento Fred

Franklin apontou e disparou seu segundá rajada do dia.

Roddy Sands estava seguro de ter ferido a seu branco... e agora pretendia matá-lo. A sua

esquerda, Sejam já tinha retornado ao automóvel e se preparava para a fuga que empreenderiam em menos de dois segundos.

Grady acendeu o motor e se deu volta para olhar a seu subordinado mais confiável. Justo

nesse momento, a bala se incrustou na nuca do Sands. O enorme projétil calibre .50 lhe fez

explorar a cabeça como se fora uma lata de sopa. Em sua larga trajetória terrorista

Grady jamais tinha visto algo assim. Só ficava a mandíbula em seu lugar. O corpo caiu ao

chão, desarticulado, e o Comando 1 se anotou seu primeiro morto do dia.

Noonan freou a menos de um metro do terceiro caminhão. Baixou cautelosamente e escutou o

característico som das armas tipo

Kalashnikov. Eram inimigos... e deviam estar perto. Sustentando seu

Beretta com as duas mãos, observou a parte de atrás do caminhão e se perguntou como... sim!

Havia uma escada de mão na porta traseira.

Deslizou o pé sobre o primeiro degrau e subiu. Encontrou uma lona

enordesdobrada-me no

extremo. Guardou a pistola no cinturão e tirou seu faca de combate K-Bar. Cortou uma das

cordas que sujeitavam a lona e levantou um dos extremos com a mão esquerda. Debaixo

havia três homens disparando para a esquerda com suas armas automátics. OK. Não lhe

passou pela cabeça lhes dizer nem lhes gritar nada. Sempre sustentando a lona com a mão

esquerda, apontou com a direita. A primeira rajada era dobro ação: seu dedo apertou

lentamente o gatilho e a cabeça mais próxima voou em pedaços, separando do corpo (que caiu

sem ruído). Os outros dois estavam muito distraídos pelo ruído de suas armas e não escutaram

a pistola. Noonan voltou a apontar e disparou uma segunda rajada contra a seguinte cabeça. O

terceiro homem sentiu o peso do corpo de seu companheiro e se deu volta para meu485

rar. Abriu muito grandes seus olhos pardos. Saltou ao flanco do caminhão e levantou seu rifle,

mas não com a velocidade necessária. Noonan lhe disparou duas balas no peito, recarregou

sua pistola, e lhe plantou um último disparo no centro do nariz. A bala saiu pelo cérebro, mas

o homem já estava morto. Olhou aos três brancos e, uma vez seguro de que estavam mortos,

saltou do caminhão e se dirigiu ao próximo. deteve-se recarregar sua pistola.
(Uma parte de

sua mente reconhecia vagamente que Timothy

Noonan estava funcionando com piloto automático, quase sem pensar).

Grady arrancou a toda velocidade e começou a tocar buzina. Essa era o sinal
para que outros

limpassem o terreno, incluídos os que estavam no hospital (a quem não podia
alertar por

telefone celular).

Cristo Santo! balbuciou Ou Neil ao escutar os primeiros disparos . por que carajo
não...?

Muito tarde para preocupar-se por isso, Timmy lhe disse Sam

Barry, lhe fazendo gestos a seu irmão e enfiando para a porta. Jimmy

Carr já estava ali e o último membro da equipe interna lhes uniu dez segundos
depois.

É hora de partir, moços anunciou Ou Neil. Olhou às duas reféns principais e
pensou nas levar

com eles, mas a grávida não poderia lhes seguir o passo e terei que percorrer
trinta metros

para chegar à caminhonete. O plano tinha fracassado, embora não sabia por o
que, e era hora

de escapar dali.

O terceiro caminhão militar se deteve poucas jardas do automóvel de

Noonan. Eddie Price foi o primeiro em descer de um salto, com seu MP-10

na mão. Imediatamente se agachou e tentou identificar os ruídos.

Fora o que fosse, estava acontecendo muito rápido... e não tinha nenhum plano. treinou-se

para esta classe de situação na infantaria, mas tinham acontecido vinte anos daquilo. Agora

era soldado de operações especiais e supostamente devia conhecer cada passo antes de dá-lo.

Mike Pierce se deteve junto a ele.

Que mierda está passando, Eddie?

Nesse preciso instante viram saltar ao Noonan do caminhão Volto, quem também os viu e

lhes fez gestos de aproximar-se.

Suponho que o seguimos a ele disse Price. Louis Loïselle apareceu ao lado do Pierce e

ambos saíram correndo. Paddy Connolly se somou ao grupo, procurando em sua mochila um

rojão de luzes explosivo.

Ou Neil e seus quatro homens saíram correndo pela entrada de emergência e chegaram a sua

caminhonete sem ser detectados nem derrubados.

Tinha deixado as chaves postas e o veículo arrancou antes de que os outros tivessem tempo de

fechar as portas.

486

Advertência, advertência chamou Franklin por rádio . Os MA abandonam-nos o hospital em

uma caminhonete marrom, aparentemente são quatro Logo apontou seu rifle e disparou contra

o pneumático izquierdo dianteiro.

Pesada-a bala atravessou o pneumático como se fora uma folha de papel de jornal e se

incrustou no motor de seis cilindros. Penetrou um dos cilindros e destruiu o pistão,

provocando a imediata detenção do motor. A caminhonete esteve a ponto de derrubar devido

à súbita perda de energia, mas se estrelou contra uma parede e se endireitou com o golpe.

Ou Neil lançou uma maldição e tratou de acender novamente o motor... sem resultado. Não

sabia por que, mas seu veículo estava completamente morto... e ele corria perigo de cair em

mãos do inimigo.

Franklin contemplou o resultado de seu disparo com certa satisfacción... e se preparou para

disparar pela segunda vez. Nesta oportunidade à cabeça do condutor. Centrou a retícula da

olhe e apontou, mas a cabeça se moveu um pouco e errou o disparo. Jamais lhe tinha passado

antes.

ficou sobressaltado um momento e voltou a recarregar a arma.

Ou Neil sofreu vários cortes na cara (pelos fragmentos do parabrisas). A bala

quase o tinha

roçado e, presa do terror, saltou à área de carga da caminhonete. Ali ficou, imóvel, sem saber

o que fazer.

Homer Johnston e Dieter Weber ainda tinham os rifles nas caixas e, dado que aparentemente

não teriam grandes oportunidades de utilizá-los, aproximaram-se a suas pistolas. Da

retaguarda do grucorreio viram o Eddie Price abrir uma brecha na lona do segundo caminhão

Volto. Ato seguido, Paddy Connolly arrojou dentro um rojão de luzes explosiva. Dois

segundos depois, a explosão da carga pirotécnica fez voar pelo ar a lona. Pierce e Loiselle

subiram de um salto ao caminhão com as armas apontadas... mas os três sujeitos que o

ocupavam estavam quase inconcientes pela explosão. Pierce os desarmou no ato, arrojou longe

suas armas e se ajoelhou junto a eles.

Em cada um dos caminhões Volto, um dos homens armados cumpria também funções de

chofer. O do primeiro se chamava Paul

Murphy, e desde o começo tinha dividido seu tempo entre disparar contra o inimigo e vigiar o

Jaguar de Sejam Grady. Ao ver que o automóvel

arrancava, arrojou sua arma e acendeu o motor diesel. Levantou a vista e viu o que devia ser o

corpo do Roddy Sands... aparentemente decapitado. Que demônios tinha passado? Sejam

tirou o braço direito pela guichê, lhe indicando que o seguisse. Murphy arrancou imediatamente. Ao girar à direita viu a caminhonete do Tim Ou Neil detida na praia de

estacionamento do hospital. Seu primeiro instinto foi ir a rescatar a seus camaradas, mas seria

bastante difícil e Sejam não deixava de lhe fazer gestos. Seguiu à líder. Na parte de atrás, um

de seus atiradores levantou a lona e apareceu com o rifle AKMS nas mãos. Queria ver o que

acontecia os outros caminhões. Nenhum se movia, e estavam rodeados por homens de

uniforme negro...

...Um deles era o sargento Scotty McTyler, quem levantou seu

MP-10 e apontou. Disparou três rajadas contra o rosto longínquo e teve a satisfação de ver

uma mancha avermelhada antes de que desaparecesse de seu vista.

Comando, McTyler, um caminhão abandona a área com sujeitos a bordo! Disparou várias

vezes, sem efeito visível, e se deu volta. Tinha que fazer algo, já.

Popov jamais tinha visto antes uma batalha... e isso era, precisamente, o que estava vendo.

Parecia caótica, a gente corria de um lado a outro sem propósito evidente. os de

negro... bom,

três tinham cansado com os disparos iniciais, mas outros se seguiam movendo, aparemlhe

temam atrás do Jaguar (virtualmente idêntico ao dele) e do caminhão que abandonavam o

estacionamento. A menos de três metros de distancia, o jornalista de TV falava a toda

velocidade por seu microfone enquanto o camarógrafo enfocava o que acontecia abaixo.

Popov estava seguro de que seria muito excitante para os que estavam sentados nos livings de

suas casas. Também estava seguro de que tinha chegado o momento de partir.

Subiu a seu automóvel, acendeu o motor e arrancou, levantando uma étecido de pó que cobriu

uns segundos ao jornalista.

Tenho-os, Mr. Urso os tem informou Malloy, descendendo a dois mil pés e cravando seus

olhos de avião nos dois veículos . Aoguem está ao mando deste desastre? perguntou

imediatamente.

MR. C.? perguntou Ding.

Mr. Urso, aqui Six. Eu estou ao mando Clark e Chávez subiram de um salto ao automóvel

oficial do primeiro e o chofer iniciou a persecución. Era cabo da polícia militar do exército

britânico e não formava

parte do comando Rainbow (coisa que o resentia bastante). Mas não era momento de ventilar

velhos rancores.

Não era um grande desafio. O Volto era poderoso, mas não podia competir com o Jaguar V-8

que o precedia como um raio.

Paul Murphy olhou pelo espelho retrovisor e sofreu um ataque de confusão. Pelo caminho se

aproximava um Jaguar idêntico ao de... olhou melhor, sim, Sejam estava ali, diante dele.

Então quem era o que vinha atrás? deu-se volta para lhes gritar aos do fundo, mas comprovou

que um deles estava morto... e o outro escondido.

Aqui Price. Onde estão todos? Onde estão os sujeitos?

Price, aqui Rifle Uno-dos. Acredito que temos um ou mais sujeitos na caminhonete marrom,

perto do hospital. Destruí-lhe o motor com meu rifle. Não irão a nenhuma parte, Eddie.

OK Price olhou a seu redor. A situação local parecia estar sob controle. sentia-se como se o

tivesse despertado um tornado e estivesse contemplando os restos de sua granja, lhe buscando

uma explicação ao inexplicável. Respirou fundo e assumiu a responsabilidade do mandou .

Connolly e Lincoln vão pela direita. Tomlinson e Vega baixem o pendente pela esquerda.

Patterson virá comigo. McTyler e

Pierce vigiem aos prisioneiros. Weber e Johnston, reúnam-se com o COmando 1. Movam-se!

concluiu.

Price, aqui Chávez anunciou a rádio.

Sim, Ding.

Qual é a situação?

Temos dois ou três prisioneiros, uma caminhonete com uma cantidêem não identificada de

sujeitos dentro, e Deus sabe que mais. Agora mesmo vou averiguar o. Fora Assim concluiu a

muito breve conversación.

Cara de poquer, Domingo disse Clark do assento dianteiro do Jaguar.

Já o escutei, John! ladrrou Chávez.

Cabo... Mole, verdade?

Sim, senhor disse o chofer, sem mover os olhos nem um milímetro.

De acordo, cabo. Aproxime-se pela direita. vamos disparar lhe à borracha dianteira direita.

Trate de não tragar o caminhão quando o façamos.

Muito bem, senhor foi a serena resposta . Lá vamos.

O Jaguar saltou para frente e em vinte segundos ficou à par do Volto. Clark e Chávez

baixaram os vidros de seus guichês.

Foram a setenta milhas por hora.

489

Cem metros mais adiante, Sejam Grady era presa da ira e o impacto emocional. Que

demônios tinha falhado? A primeira rajada disparada por seus homens tinha eliminado a

vários inimigos de uniforme negro, mas depois... o que? Tinha pensado um bom plano e seu

gente o tinha executado bem ao princípio... mas esses malditos telefones! Que mierda lhes

teria passado? Tinham-no arruinado tudo. Mas, aparentemente, as coisas estavam sob

controle. Estava a dez minutos da área comercial onde estacionaria e abandonaria o

automóvel, desapareceria entre a multidão, caminharia até outro estacionamento, subiria a

outro automóvel alugado e conduziria rumo ao Liverpool para tomar o ferry de retorno a sua

casa. Sairia com vida desta, igual aos moços do caminhão... Olhou pelo espelho retrovisor.

Que carajo estava passando?

O cabo Mói manobrou à esquerda do caminhão, logo diminuiu a velocidade e se atirou à

esquerda, tomado ao condutor por surpresa.

Chávez lhe viu a cara do assento de atrás. Pele muito clara e cabelo ruivo. Um

verdadeiro

irlandês, pensou Domingo, apontando a a roda dianteira direita com sua pistola.

Agora! gritou John do assento dianteiro. Nesse insistemlhe, o chofer se atirou à esquerda.

Paul Murphy viu o Jaguar que se aproximava e instintivamente aceleró para esquivá-lo. Então

ouviu os disparos.

Clark e Chávez dispararam várias vezes cada um, a muito curta distância dos pneumáticos

negros. As balas deram no branco e os orifícios de quase meia polegada desinflaram a

borracha no ato. O Jaguar não tinha acabado de passar quando o caminhão virou à direita. O

condutor tratou de frear e deter-se, mas sua reação instintiva só serve para piorar as coisas

(para ele). O Volto se deslizou à direita e o rigor da freada fez que a roda dianteira se cravasse

no pavimento. O caminhão se deteve em seco, a parte de atrás se desprendió, aterrisou sobre

o flanco direito e seguiu deslizando-se pelo caminhão a mais de sessenta milhas por hora. Por

muito resistente que fora, não tinha sido desenhada para isso e começou a romper-se em

pedaços.

O cabo Mói olhou pelo espelho retrovisor as peças pulverizadas pelo caminho. Felizmente, os

restos do caminhão não obtiveram alcanzarlos. Diminuiu um pouco a velocidade sem deixar

de observar a destruição paulatina do enorme Volto.

Jesucito santo! soprou Ding, dando-se volta para olhar. Viu sair voando um corpo humano

que se estrelou de plano contra o pavimento.

Detenha o automóvel! ordenou Clark.

Mole freou e retrocedeu marcha atrás até ficar a poucos metros do caminhão destruído.

Chávez desceu de um salto, pistola em mão, e avançou em direção ao veículo.

490

Mr. Urso, aqui Chávez, está aí?

Mr. Ouso cópia.

Trate de alcançar o automóvel, sim? Este caminhão já é história, velho.

Entendido, Mr. Urso inicia a perseguição.

Coronel? disse o sargento Nance por intercom.

Sim?

Viu como o fizeram?

Sim... crie poder fazer o mesmo? perguntou Malloy.

Tenho minha pistola, senhor.

Bom, então será ire-a-tierra, moços Descendeu a cem pés sobre a rota e se colocou atrás do

automóvel que estava persiguiendo. A menos que o bastardo aparecesse pelo

teto, não teria

maneira de detectar a presença do helicóptero.

Pôster de saída! anunciou Harrison.

OK, Harrison, encarregará-te do caminho. Eu do automóvel. Ihe dê duro se for necessário,

filho.

Entendido, coronel.

OK, sargento Nance, lá vamos Malloy checkou o indicador de velocidade. Oito-e cinco. O tipo

do Jaguar pisava em forte o acelerador, mas o Night Hawk era muito mais poderoso. Não era

muito diferente de voar em formação com outros helicópteros, mas Malloy jamais o havia

feito com um automóvel. Encerrou-o a aproximadamente cem pés de altura . À direita,

sargento.

Sim, senhor Nance deslizou a porta e se ajoelhou no piso de alumínio, empunhando seu

Beretta 9 mm com ambas as mãos . Preparado, COronel. Adiante!

Preparados para atacar disse Malloy, olhando por última vez o CAMino. Maldição, era como

apanhar a mangueira de reabastecimento de um Pássaro Herky, mas mais devagar e quase ao

ras da terra...

Grady se mordeu o lábio ao ver que o caminhão tinha desaparecido.

Mas o caminho estava vazio a suas costas, e também à frente pelo momento.
Faltavam-lhe

apenas cinco minutos para estar a salvo. Soprou depravado, flexionou os dedos
sobre o

volante e benzeu aos operários que tinham fabricado um veículo tão veloz para
ele. Nesse

preciso instante percebeu algo negro a sua esquerda. Girou apenas a cabeça para
olhar...

que diabos...

Tenho-o! disse Nance. Acabava de ver o condutor pelo épejo retrovisor do
acompanhante e o

estava apontando com sua pistola.

Esperou que o coronel Malloy descendesse um pouco mais Y...

... apoiando o braço esquerdo sobre o joelho, Nance apertou o

491

gatilho e disparou. A arma pegou um salto em sua mão. A dominó sem retirar o
dedo do

gatilho. A pistola saltava como louca apesar de todos seus esforços, mas a quarta
bala deu no

branco.

Os vidros se faziam migalhas a seu redor. Grady não reagiu bem. Poderia ter
parecido os

freios impedindo o acionar do helicóptero, mas a situação o superou. Quis
acelerar, mas o

Jaguar hábia chegado ao limite de suas capacidades. Seu ombro esquerdo explorou em uma

labareda. dobrou-se em duas pela dor. Sua mão direita baixou automaticamente fazendo virar

o veículo nessa direção... diretamemore para a cerca de aço.

Malloy acionou a alavanca de comando, satisfeito. Em segundos, o

Night Hawk subiu a trezentos pés de altura. O marinhe girou à direita e olhou para baixo. Só

ficava um automóvel detido e fumegante no meio do caminho.

Baixamos para buscá-lo? perguntou o co-piloto.

Pode apostar seu saboroso culito a que sim, meu filho respondeu

Malloy. Colocou a mão em sua bolsa de viagem. Seu Beretta estava ali.

Harrison se encarregou da aterrissagem e deteve o Sikorsky a cinqüenta pés do Jaguar.

Malloy desabotoou seu cinto de segurança e se dirigiu à porta. Nance foi o primeiro em saltar.

Avançou em cuclillas sob o rotor em movimento até o automóvel detido. Malloy avançou

dois segundos dêpués.

Cuidado, sargento! gritou Malloy, detendo-se em seco. Vêem-natanilla tinha pirado em

pedaços e pôde ver a cara do sujeito. Ainda respirava, mas nada mais. O guichê de atrás

também havia dêaparecido. Nance colocou a mão pelo oco e abriu a porta do automóvel.

O condutor não se pôs o cinto de segurança. O corpo saiu com facilidade. Malloy viu um rifle

de fabricação russa no assento traseiro. Recolheu-o, pô-lhe o seguro e deu a volta ao

automóvel.

Mierda disse Nance bastante surpreso . Ainda está vivo!

Como as tinha engenhado para não matar ao miserável a doze pés de distância?

No hospital, Timothy Ou Neil seguia perguntando-se o que fazer.

Acreditava saber o que lhe tinha passado ao motor. Havia um orifício de três quartos de

polegada no guichê da porta esquerda. Não entendia por o que a bala não lhe tinha perfurado

a cabeça. Comprovou que um dos caminhões Volto e o Jaguar alugado de Sejam Grady

havam desaparecido da vista. Acaso Sejam os teria abandonado? Tudo havia passado tão

rápido... por que demônios Sejam não o tinha chamado para o avisar o que faria? por que

tinha falhado o plano? Mas as respostas a essas perguntas importavam muito menos que o

fato de estar em uma

492

caminhonete estacionada, rodeado de inimigos. Essa situação teria que trocar.

Lieber Gott! murmurou Weber ao ver as feridas. Um dos muchachos do Comando 1 estava

decididamente morto. Tinha recebido um disparo na cabeça. Havia outros quatro feridos, três

deles no peito. Weber conhecia as técnicas de primeiros auxílios, mas não se necessitava saber

muito de medicina para dar-se conta de que dois dos feridos necessitavam atenção urgente de

mãos peritas. Um deles era Alistair Stanley.

Aqui Weber. Necessitamos um médico já mesmo! pediu por radeu tática . Rainbow Five está

ferido!

OH, mierda murmurou Homer Johnston, aproximando-se . Não está brincando, velho.

Comando, aqui Rifle Dos-uno, necessitamos médicos no ato, carajo!

Price os escutou. Estava a trinta jardas da caminhonete, intentando avançar sem ser visto,

acompanhado pelo sargento Hank Patterson.

A sua esquerda via o imponente volume de Julho Vega, acompanhado pelo Tomlinson. À

direita alcançava a ver a cara do Steve Lincoln.

Paddy Connolly devia estar junto a ele.

Comando 2, aqui Price. Temos sujeitos na caminhonete. Não sei se ficar algum dentro do

edifício. Vega e Tomlinson, entrem em verificar... e façam-no com soma cautela!

Aqui Vega. Entendido, Eddie. Lá vamos.

Urso trocou de direção e enfiou para a entrada principal cubierto pelo

Tomlinson, enquanto os

outros quatro não lhe tiravam os olhos de em cima à maldita caminhonete. Os dois sargentos

se aproximaram lentamente à porta dianteira e espiaram pelo guichê. Só alcançaram a ver

um confuso amontoamento de gente. O primeiro sargento

Vega apoiou o índice em seu peito e logo assinalou o interior do edifício.

Tomlinson assentiu. Vega avançou rapidamente. Entrou em lobby central e varreu a área de

uma olhada. Duas pessoas gritaram ao ver aparecer outro homem armado, apesar da diferença

de aspecto. Vega levantou a esquerda.

Tranqüilos, moços, sou um dos bons. Alguém sabe onde estão os maus? a resposta a sua

pergunta foi uma série de murmúrios e gestos confusos, mas duas pessoas indicaram o fundo

do edifício, em direção à sala de emergências... Tinha lógica. Vega avançou para a porta dobro

e anunciou por radio : Lobby espaçoso. Adelante, George e logo : Comando, aqui Vega.

Vega, aqui Price.

O lobby do hospital está espaçoso, Eddie. Temos vinte civis aqui. Alguém tem que fazer-se

carrego deles, OK?

Não posso te mandar a ninguém, Urso. Estamos muito ocupados

aqui fora. Weber reportou que temos vários feridos graves.

Aqui Franklin. Copio. Posso entrar se me necessitam.

Franklin, Price, entre pelo oeste. Repito, entre pelo oeste.

Franklin entra pelo oeste replicou o riflero . Lá vou.

Sua lamentável carreira terminou disse Nance, carregando o corpo no Night Hawk.

Indubitavelmente, se for canhoto. Voltamos para hospital, suponho

Malloy subiu ao helicóptero e tomou os controles. Um minuto depois voavam rumo ao

hospital. Nance atou fortemente ao prisioneiro na parte de atrás da nave.

Era um verdadeiro desastre. Chávez viu que o condutor estava morto, tinha ficado esmagado

entre o enorme volante e o respaldo de seu assento quando o caminhão se estrelou contra a

cerca de aço. Lhenía os olhos e a boca abertos, e desta última emanava um grosso fio de

sangue. o de atrás também estava morto: dois orifícios de bala em plena cara. Só ficava um

com vida. Tinha as duas pernas rotas e horríveis queimaduras no rosto. Estava inconsciente,

por isso não aullaba de dor.

Mr. Urso, aqui Six disse Clark.

Mr. Ouso cópia.

Pode nos recolher? Temos um sujeito ferido e quero voltar e ver que demônios está passando.

Em um minuto estarei ali. Também tenho um sujeito ferido a bordou.

Entendido, Mr. Ouso Clark olhou para o oeste. Viu o Night

Hawk alterar seu rumo e avançar em direção a eles.

Chávez e Mole arrastaram o corpo ao caminho. esta pernasban horivelmente desarticuladas...

mas era um terrorista. Não tinham por que ser solícitos com ele.

De volta ao hospital? perguntou-lhe um dos terroristas a

Ou Neil.

Mas então ficaremos apanhados! protestou Sam Barry.

Aqui é onde estamos apanhados! assinalou Jimmy Carr . Lhenemos que nos mover. Agora!

Ou Neil pensou que tinha lógica.

OK, OK. Eu empurro a porta e vocês correm à entrada.

494

Preparados? Todos assentiram, aferrando suas armas . Agora! gritou, abrindo a porta de um

empurrão.

Mierda! observou Price de uma quadra de esportes de futebol vizinha .

Os sujeitos estão voltando para hospital. contei cinco.

Confirmado, são cinco demarcou outra voz pelo circuito radial.

Vega e Tomlinson estavam muito perto da sala de emergências, o suficiente para

ver às

pessoas mas não as portas de vidro dobre que davam fora. Ouviram mais gritos. Vega se tirou

seu casco Kevlar e espiou pela esquina. OH, carajo, pensou ao ver um sujeito com um

AKMS. O tipo olhava para dentro do edifício... e a suas costas se via médio corpo de alguém

que olhava para fora. Urso quase se saiu de seu própria pele ao sentir uma mão sobre o ombro.

deu-se volta no ato.

Era Franklin. Não levava seu rifle monstro, só uma pistola Beretta.

Acabo de me inteirar, há cinco meninos maus dentro?

Isso disse alguém confirmou Vega. Fez-lhe gestos ao sargento

Tomlinson ao outro lado do corredor . Vêem comigo, Fred.

Entendido, Urso. Você gostaria de ter seu M-60 agora?

O que te parece, velho Por muito bom que fora o MP-10 alemão, era como um brinquedo em

suas mãos.

Voltou a olhar. Viu a esposa do Ding, parada. Estava olhando a os maus, grávida até a loucura

e com seu guarda-pó branco poeireto. Chávez e o Urso se conheciam desde fazia dez anos. Não

podia permitir que lhe ocorresse nada a essa mulher. pegou-se à parede e lhe fez gestos.

Patsy Clark Chávez viu movimento pela extremidade do olho e girou a cabeça.

Um soldado

de uniforme negro lhe estava fazendo gestos. Asintendo apenas com a cabeça, começou a

mover-se, muito lentamente, para sua direita.

Você, quieta! gritou enfurecido Jimmy Carr. Começou a caminhar para ela. Invisível a sua

esquerda, o sargento George Tomlinson apareceu a cara e o cano de sua arma pela esquina.

Vega seguia haciendou gestos, cada vez mais frenéticas, e Patsy seguia movendo-se em

dirección a ele. Carr deu um passo mais, levantou seu rifle, e ...

... logo que apareceu em sua linha visual, Tomlinson apontou e, vendo a arma apontada contra

a esposa do Ding, apertou brandamente o gatilho.

O silêncio que seguiu foi em certo sentido pior que o ruído mais estrepitoso. Patsy se deu

volta para olhar ao sujeito da arma justa quãodou a rajada do Tomlinson lhe voou a cabeça...

sem fazer ruído, exceto pelo suave som da arma silenciada e a estridência úmida e confusa do

crânio destruído. O corpo a cara tinha pirado em pedaços e a nuca tinha vomitado nuvens de

sangue caiu redondo. O

495

som mais forte foi o que produziu o rifle contra o piso, abandonado pelas mãos mortas.

Venha aqui! gritou Vega. Patsy obedeceu. Correu para ele, Tamlhe baleiem.

O Urso a aferrou do braço e a levantou no ar como a uma convocaCA. O sargento Franklin a

recebeu em seus braços e começou a correr por o corredor. Encontrou ao guarda de segurança

do hospital no lobby principal, deixou ao Patsy com ele e voltou correndo à sala de

emergemrecua.

Franklin a Comando. A Dra. Chávez está a salvo. Temo-la no lobby principal. Mandem a

alguém, por favor. Devemos evacuar a os civis o mais rápido possível, entendido?

Price a Comando 2. Onde estão todos? Onde estão os sujeitosse?

Price, aqui Vega, temos a quatro sujeitos. George acaba de eliminar a um. Estão na sala de

emergências. Provavelmente a senhora

Clark segue ali. Escutamos ruído, há civis dentro. Fechamo-lhes a via de escapamento. Tenho

ao Tomlinson e Franklin comigo. Fred só tieNE uma pistola. Quantidade desconhecida de

reféns, mas quatro sujeitos com segurança. Mudança.

Tenho que ir disse o Dr. Bellow. Estava muito comovido. Hábían ferido a várias pessoas

perto dele. Alistair Stanley tinha uma ferida grave no peito e pelo menos um soldado

Rainbow havia morto. Além disso, havia outros três feridos, um deles de

gravidade.

por lá Price assinalou o fronte do hospital. Um membro do

Comando 1 se ofereceu a acompanhar ao Bellow. Era Geoff Bate, um tirador do SEJA

armado até os dentes, embora esse dia não havia disparado uma só bala. Ambos saíram

correndo para o hospital.

Carr tinha morrido sem que ninguém se desse conta. Ou Neil se deu volta e o viu: seu corpo

parecia o caule de uma enorme flor vermelha de sangue sobre o pegajoso piso de mosaico. A

coisa ia de mal em pior.

Tinha quatro homens armados mas não sabia o que estava passando à volta da esquina.

Certamente haveria montões de soldados do

SEJA armados até os dentes. Não poderia escapar. Ficavam oito pessoas que poderiam lhe

servir de reféns, talvez, mas o perigo do jogo era dramaticamente óbvio. Sem saída, dizia sua

mente... mas seus emoções diziam outra coisa. Tinha armas, e seus inimigos estavam cerCA,

e supostamente devia matá-los, e se tinha que morrer, morreria pela

Causa, pela idéia a que tinha consagrado sua vida (ideia pela que se tinha jurado mil vezes

estar disposto a morrer). Bom, ali estava agora, e a morte estava perto. E não era algo no que

pensar enquanto tentava conciliar o sonho deitado em sua cama ou bebia cerveja no pub

recordando aos camaradas mortos. Esta morte, a verdadeira,

496

não se deixava seduzir por bravatas. Tudo se reduzia a isto. O perigo se fazia presente, e era

hora de descobrir se sua bravura era puro palabrerío ou tinha substância, e suas emoções

queriam lhe mostrar ao maldito mundo que ele era um homem de palavra e fiel a suas

crenças...

mas uma parte de si (nada desdenhável) queria fugir de retorno ao Irlandá... não morrer esse

mesmo dia em um hospital inglês.

Sandy Clark o estava observando a poucos metros de distância.

Era um homem arrumado, e provavelmente valente... embora criminal, adicionou

imediatamente. Recordou que John sempre dizia que a valemτία era muito mais comum que a

covardia... por uma questão de vergüenza. A gente não ia sozinha ao perigo, a não ser com

seus amigos, e não queria mostrar-se fraco ante eles. E assim, do medo à covardia nasciam os

atos mais insanos (e, entre estes, os bem-sucedidos eram posteriormente zelebrados como

feitos de grande heroísmo). Sandy sempre tinha acreditado que essa opinião era

uma horrível

manifestação do pior cinismo por parte do John... mas seu marido não era um homem cínico.

Acaso lhe hábria dito uma verdade?

Neste caso era um homem de trinta e poucos anos, que sustentava uma arma nas mãos e

parecia não ter um só amigo no mundo...

... mas seu instinto maternal lhe dizia que sua filha estava a salvo...

Sua filha e também seu neto. O morto lhe tinha pontudo com sua arma, mas agora era uma

massa relatório sobre o piso do hospital... assim, provavelmente, Patsy teria conseguido

escapar. Isso era o melhor que hábia passado no dia. Fechou os olhos para rezar uma prece de

agradeciminto.

Olá, doc saudou Vega.

Onde estão?

À volta da esquina assinalou o militar . Acreditam que são quatro. George eliminou a um.

Já falaram com eles?

O Urso negou com a cabeça.

Não disse.

OK respirou fundo . Sou Paul gritou . Timothy está ali?

Sim.

encontra-se bem? Quero saber se está ferido perguntou o psiquiatra.

Ou Neil se limpou o sangue da cara (os pedaços de vidro lhe hábían provocado cortes

menores).

Nós estamos bem. Quem é você?

Sou médico. Meu nome é Paul Bellow. E você?

Timothy, por agora.

OK, bom. Timothy, né, acredito que deve pensar um pouco em seu situação, não lhe parece?

497

Sei perfeitamente qual é respondeu Ou Neil com voz cortante.

Fora, as coisas começavam a organizar-se. Tinham chegado várias ambulâncias e pessoal

paramédico do exército britânico. Estavam réatirando aos feridos, que seriam transladados ao

hospital da base em

Hereford para ser intervindos cirurgicamente. Trinta soldados do

SEJA estavam em caminho para reforçar ao comando Rainbow. Não longe de ali, o

helicóptero do coronel Malloy descendeu no heliporto da base e os dois prisioneiros foram

levados a hospital militar.

Tim, não poderá sair daqui. Acredito que já sabe observou Bellow com o tom

mais amável

que pôde obter.

Posso matar aos reféns se não me deixam sair contra-atacou

Ou Neil.

Sim, poderia fazê-lo... e nesse caso entraríamos em impedir-lhe De todos modos, você não

poderia escapar. Mas que vontade assassinando genlhe, Tim?

A liberdade de meu país!

Isso já está em marcha, não lhe parece? perguntou Bellow . Há acordos de paz, Tim. E me

diga, que classe de país se funda no assassinato de pessoas inocentes? O que pensarão seus

compatriotas se assassina aos reféns?

Lutamos pela liberdade!

OK, sim, são soldados revolucionários admitiu Bellow . Mas os soldados, os verdadeiros

soldados, não assassinam gente. Está bem, em o dia de hoje você e seus soldados se bateram

com nossos soldados.

Isso não é assassinato. Mas matar a gente desarmada é assassinato, Tim.

Acredito que você sabe. Essas pessoas que estão com você, alguma de elas tem uma arma?

Alguma delas viu uniforme?

E o que? São inimigos de meu país!

O que os faz inimigos de seu país, Tim? O lugar onde nasceram? Algum deles tentou

machucá-lo? Algum deles machucou a seu país? por que não lhes pergunta? sugeriu.

Ou Neil sacudiu a cabeça. O médico queria persuadi-lo a render-se.

Sabia. Olhou a seus camaradas. Logo que podiam olhar-se aos olhos. Étaban apanhados, e

todos sabiam. Sua resistência era mais uma coisa de a mente que das armas, e todos

albergavam dúvidas que ainda não habían expresso... mas existiam, e todos conheciam sua

existência.

Queremos um ônibus que nos leve!

Que os leve onde?

Limite-se a conseguir o maldito ônibus! bramou Ou Neil.

OK, posso fazê-lo. Mas antes teria que saber aonde piensão ir... para que a polícia limpe os

caminhos observou Bellow razoavelmente. Só era questão de tempo. Tim (teria sido útil

saber se

498

esse era seu verdadeiro nome, embora Bellow confiava em que o era) não tinha falado de

matar; de fato, não tinha ameaçado fazendo-o nem tampouco dado um ultimato nem arrojado

o primeiro cadáver. Não era um assassino. considerava-se um soldado, diferente de um

criminoso, diferente CIA muito importante para os terroristas. Não temia à morte, mas sim ao

fracasso... quase tanto como temia ser recordado como um assassino de inocentes. Matar

soldados era uma coisa. Assassinar mulheres e meninos era outra. Era a história de sempre

com os terroristas. A parte mais vulnerable das pessoas é, indefectivelmente, a imagem que

têm de si mesmas. Havia possibilidades de trabalhar com aqueles a quem os imprevia o que

outros pensavam deles, com os que se olhavam ao espelho ao barbear-se. Era questão de

tempo. Estes irlandeses não eram fanáticos. podia-se falar com eles . Tim?

Sim?

Poderia me fazer um favor?

Qual?

Poderia me assegurar de que os reféns estão bem? Tenho que tranquilizar a meu chefe. Posso

entrar em vê-los?

Ou Neil titubeou.

Vamos, Tim, sim? Você tem que fazer suas coisas e eu as minhas, não? Sou médico. Não

Porto arma. Não tem nada que temer lhes dizer que não tinham nada que temer (sugiriéndoles

veladamente que abrigaban temores desnecessários) era geralmente uma boa carta. O

terrosubtrai vacilava, confirmando que tinha medo... isso significava que era racional. Boas

notícias para o psiquiatra do Rainbow.

Não, Tim, não! interveio Barry . Não lhes dê nada.

Mas como sairemos daqui, como conseguiremos o ônibus, se não cooperarmos um pouco?

Olhou aos outros três. Sam Barry assentiu.

Dão McCorley também.

Está bem disse Ou Neil . Venha.

Obrigado respondeu Bellow. Olhou a Vega, o militar de mais alto fila in situ.

Cuide-se, doc sugeriu o Urso. A seu entender, acudir desarmado à guarida de delinqüentes

armados não era uma idéia muito brilhante.

Jamais tivesse pensado que o psiquiatra fora capaz de fazê-lo.

Sempre assegurou Paul Bellow. Respirou fundo e caminhou os poucos metros que o

separavam da esquina. Dobrou, e desapareceu da vista dos membros do Rainbow.

Sempre lhe tinha resultado estranho, quase cômico, que a diferença entre estar a salvo ou em

perigo fora uma distância de poucos metros. Não obstante, experimentava um genuíno

interesse. Jamais tinha conhecido a

um criminoso em semelhantes circunstâncias. Era melhor que eles estivessem armados e ele

não. Necessitariam certa reconfortante sensação de poder para equilibrar o fato de que,

armados ou não, estavam apanhados em uma jaula sem portas.

Está ferido disse ao ver a cara do Timothy.

Não é nada, só um par de raspões.

por que não faz que alguém o cure?

Não é nada repetiu Ou Neil.

OK, a cara é sua disse Bellow. Contou quatro terroristas, todos armados com a mesma classe

de arma. AKMS, se a memória não o falhava. Depois contou aos reféns. Reconheceu a Sandy

Clark. Havia sete mais, todos muito assustados a julgar por seu aspecto. Era de esperar . E

bem, o que querem exatamente?

Queremos um ônibus, e o queremos já replicou Ou Neil.

OK, posso consegui-lo, mas levará tempo organizar as COseja... e necessitaremos algo em

troca.

O que?

A liberação de alguns reféns respondeu o psiquiatra.

Não, só temos oito.

Olhe, Tim, quando falar com a gente com a que terei que háblar para... para conseguir o

ônibus que vocês me pedem... terei que lhe oferecer algo em troca. Do contrário, por que

teriam que me dar algo para vocês? Assim se joga este jogo, Tim. Tem suas regras. Vamos,

você as conhece. A gente está acostumado a trocar parte do que tem por parvocê do que quer.

E?

E, em sinal de boa fé, terá que me dar um par de reféns...

mulheres e meninos, como de costume. É o que fica melhor Bellow voltou a olhar aos reféns.

Quatro mulheres, quatro homens. Seria bom liberar a Sandy Clark.

E logo?

E logo direi a meus superiores que vocês querem um ómniônibus e deram mostra de boa fé.

Terei que representá-los ante eles, verdade?

Ah, e você está de nosso lado? perguntou outro dos sujeitos. Bellow viu que era gêmeo de

outro, parado muito perto. Terroristas gêmeos. Que curioso.

Não, eu não diria isso. Olhe, não quero insultar sua inteligência.

Vocês sabem no que estão colocados. Mas se querem conseguir coisas terão que negociar.

Essa é a regra, regra que eu não inventei. Eu venho a ser o mediador. Isso quer dizer que os

represento a vocês ante meus chefes, e a meus chefes ante vocês. Se necessitarem tempo para

pensá-lo, está bem. Estarei perto, mas quanto mais rápido se decidam, mais rápido poderei me

mover. Peço-lhes que o pensem, de acordo?

Consiga o ônibus disse Timothy.

Em troca do que? perguntou Bellow.

500

Duas mulheres Ou Neil se deu volta para as assinalar . Essa e aquela.

Podem vir comigo? Timothy tinha famoso a Sandy

Clark. O menino estava superado pelas circunstâncias, e isso seria benéfico provavelmente.

Sim, mas consiga esse maldito ônibus!

Farei o possível prometeu Bellow. Indicou às duas mulheres que o seguissem.

Bem-vindo a casa, doc disse Vega tranquilamente . Né, o que grande! adicionou ao ver as

duas mulheres . Encantado, senhora Clark.

Sou Julho Vega.

Mamãe! Patsy Chávez correu a abraçar a sua mãe. Um par de soldados do SEJA se levaram

às três mulheres.

Vega a Comando chamou o Urso.

Price a Vega.

lhe diga ao Six que sua esposa e sua filha estão a salvo.

No hospital, Vega passou seus auriculares ao Bellow.

John? Sou Paul.

Sim, doc, o que está acontecendo agora?

me dê um par de horas e serão teus, John. Sabem que estão apanhados. É questão de seguir

falando. São quatro em total, trintañeros, todos armados. Agora ficam seis reféns. Mas falei

com o líder e posso trabalhar com ele, John.

OK, doc, chegaremos em dez minutos. O que é o que pedem?

o de sempre respondeu Bellow . Querem um ônibus para ir a algum lugar.

John ficou pensando. Talvez conviesse fazê-los sair e deixar que seus rifleros resolvessem o

problema. Quatro disparos, um jogo de meninos.

O mandamos?

Ainda não. Faremo-los esperar um pouco.

OK, doc, como você diga. Falaremos logo. Vemo-nos. Foira.

OK Bellow lhe devolveu a rádio ao primeiro sargento Vega, quem tinha um diagrama da

planta baixa pego na parede.

Os reféns estão aqui disse o psiquiatra . Os sujeitos aqui e aqui. A propósito, dois deles são

gêmeos. Todos caucásicos na trintena, armados com a versão dobradiça do AK-47.

Vega assentiu.

OK. Se tivermos que atacá-los...

Não terão necessidade de fazê-lo, não acredito. O líder não é um agarraa não ser, bom... não

quer sê-lo.

Se você o disser, doc comentou Vega, dúvida. Mas o bom

501

era que poderiam arrojear um molho de rojões de luzes explosivos da équina, entrar

imediatamente depois e eliminar aos quatro miserables... mas a risco de perder um refém,

opção que convinha evitar dentro do possível. O Urso jamais tinha pensado que esse médico

fora tão cojonudo... Tinha entrado em falar (desarmado) com os quatro lherroristas... e tinha

liberado à senhora Clark. Assim de simples. Carajo.

Olhou aos seis SEJA recém chegados, vestidos de negro como seus homens e dispostos a

entrar em ação quando fora necessário. Paddy Connolly estava fora, com sua bolsa de

pirotecnia. A posição estava isolada e a situação, sob controle. Ou quase. Pela primeira vez

em uma hora, o sarprimeiro gento Vega se permitiu relaxar-se um pouco.

Bom. Olá, Sejam disse Bill Tawney. Acabava de reconhecê-lo no hospital da base, no

Hereford . Temos um dia difícil, não?

O ombro do Grady estava imobilizado e necessitava cirurgia. Tinha um par de balas de 9 mm

dentro e uma delas lhe tinha feito pedaços o úmero esquerdo. Era uma ferida muito dolorosa

apesar da medicação que lhe tinham administrado dez minutos antes. Girou a cabeça e viu

um inglês de traje e gravata. Naturalmente, tomou por um policia.. e guardou silêncio.

Hoje escolheram o lugar equivocado, moços prosseguiu

Tawney . Se por acaso não sabe, está internado no hospital da base militar no Hereford.

Falaremos mais tarde, Sejam no momento, o cirurgião ortopédico teria que reparar o braço

quebrado. Um enfermero militar começou a medicá-lo para a intervenção.

Tawney foi a outra habitação para falar com o que tinha sido resgatado dos restos do

caminhão.

ia ser um dia de glória para todos os envoltos, pensou o

Six. A auto-estrada estava fechada a consequência dos dois choques e os agentes de polícia

obscurciam a paisagem com seus uniformes. (Isso sem contar aos homens do Rainbow e o

SEJA.) Logo lhes somariam sendos grupos de indivíduos Five e Six em caminho de Londres

(todos reclamariam jurisdição sobre o atentado, o qual seria um verdadeiro

desastre, posto que

havia um acordo escrito entre os governos do

Reino Unido e EUA relativo ao status do Rainbow, que embora não tinha sido redigido

pensando em situações como essa, garantia que o diretor da CIA em Londres se faria cargo.)

Tawney supôs que lhe tocaria o papel de domador nesse peculiaríssimo circo... e que tal vez

necessitaria látigo, cadeira e pistola.

Seu bom humor decaiu ao inteirar-se de que dois comandos Rainbow tinham morrido e quatro

estavam sendo atendidos nesse mesmo hospital. Homens que conhecia vagamente, cujos

rostos lhe eram familiares (dois dos quais não voltaria a ver jamais). Mas tinham apanhado a

Sejam

Grady, um dos membros mais extremistas do PIRA, quem a partir de agora iniciaria uma

nova vida, perpetuamente custodiado pelo

502

governo de Sua Majestade. Seria uma rica fonte de informação que

Tawney deveria explorar atentamente.

Onde está esse maldito ônibus?

Tim, falei com meus superiores e o estão pensando.

Que carajo têm que pensar? exigiu Ou Neil.

Você conhece a resposta a essa pergunta, Tim. Estamos tratamdo com burocratas do

governo, e eles jamais atuam sem cobrir-se sobressaiaro.

Paul, tenho seis reféns aqui e posso...

Sim, pode... mas em realidade não pode, verdade? Timothy, se fizer isso os soldados se

equilibrarão sobre o edifício e porão fim a esta situação... e você será eternamente recordado

como um assassino de inocentes. Um assassino. É isso o que quer, Tim? Realmente é isso o

que quer? Fez uma pausa . E sua família? E a percepção pública de seu movimento político?

Será difícil justificar o assassinato de inocentes, não lhe parece? Vocês não são extremistas

muçulmanos, verdêem? Vocês são cristãos, recorda? Os cristãos não fazem certas coisas. De

todos os modos, sua ameaça é útil como ameaça, mas não como ferramenta. Você não pode

fazer isso, Tim. O único resultado seria sua própria morte e a condenação política de seu

movimento. Ah, a propósito, temos a Sejam Grady adicionou Bellow no momento preciso.

O que? A notícia comoveu ao Timothy.

Foi capturado quando tentava escapar. Resultou ferido, mas sobreviverá. Neste momento o

estão operando.

Foi como cravar um globo enorme. Acabava de lhe tirar o ar a seu antagonista. Assim se

faziam as coisas, pouco a pouco. O apuro estava acostumado a provocar reações violentas, mas

se alguém os desgastava lentamente ganhava a partida. Bellow tinha escrito um livro

completo sobre o tema. Sobressaiam o terei que estabelecer contato físico, o que equivalia a

contenção.

Logo terei que controlar a informação. Logo era mister transmiti-la, pouco a pouco, como se

de um tesouro se tratasse. Assim e só assim se ganhava a partida.

Têm que nos entregar a Sejam. Virá conosco no ômnibus!

Timothy, neste momento está na sala de operações... e seguirá ali várias horas. Se tentassem

movê-lo, os resultados poderiam ser fatais... poderia morrer, Tim. Então, por muito que você

o quiera, não é possível. Não pode passar. Lamento-o, mas ninguém pode modificar o destino.

Sua líder estava preso? pensou Ou Neil. Sejam, capturado? Curiosamente, parecia-lhe pior

que sua própria situação. Se ele estivesse preso

Sejam encontraria a maneira de liberá-lo, mas com Sejam na Ilha de

Wight... tudo estava perdido, não? Mas...

Como sei que me está dizendo a verdade?

Tim... em uma situação como esta é impossível mentir. Poderia

503

colocar a pata. É muito difícil mentir bem, e se você me pescasse em uma não voltaria a me

acreditar, e nesse caso deixaria de ser útil a meus chefes e também a você, não lhe parece?

Novamente, a voz da razão.

Disse que era médico?

Sim assentiu Bellow.

Onde exerce?

Principalmente aqui, mas fiz minha residência no Harvard. Ejercí em quatro lugares

diferentes e também ensinei um pouco.

Então, seu trabalho é obter que tipos como eu se rendam?

finalmente, zango ante o óbvio.

Bellow negou com a cabeça.

Não, acredito que meu trabalho é fazer que a gente siga com vida. Sou médico, Tim. Não

posso matar nem ajudar a outros a fazê-lo. Faz muito tempo jurei solenemente respeitar a vida

humana. Você tem armas. Quão soldados estão fora têm armas. Eu não quero que mora

ninguém mais. Já morreram muitos hoje, não lhe parece? o gosta de matar gente,

Tim?

Bom... não, é obvio que não, a quem poderia lhe gostar de?

Bem, a alguns gosta de respondeu Bellow, decidido a estimularle o ego . Os denominamos

personalidades sociópatas, mas você não é um deles. Você é um soldado. Briga por algo no

que crie. Quão mesmo eles Assinalou em direção aos homens do

Rainbow . Eles o respeitam, e espero que você os respeite. Solda-osdois não assassinam

gente. Os criminosos sim, mas um soldado não é um criminal além de ser certo, era uma idéia

importante para comunicaro a seu interlocutor. Quanto mais porque os terroristas eram

também uns românticos, e ser considerados vulgares criminais lhes resultava muito hiriente a

nível psicológico. Bellow tentava estimular sua vaidade para evitar que cometessem atos

irreparáveis. Eram soldados, não criminais, e portanto deviam atuar como soldados, não como

criminais.

Dr. Bellow! chamou uma voz de fora . Tem um chamado telefônico, senhor.

Posso ir atender, Tim? Sempre terei que lhes pedir permisou. lhes dar a ilusão de estar ao

mando da situação.

Sim Ou Neil fez um gesto. Bellow se reuniu com os soldados.

John Clark estava ali. Caminharam uns metros para poder falar a sós.

Obrigado por liberar a minha esposa e a minha pequena, Paul.

Bellow se encolheu de ombros.

Foi questão de sorte. O sujeito está superado pela situação e não pode pensar bem. Querem

um ônibus.

Já me disse isso lhe recordou Clark . O damos?

Não teríamos que fazê-lo. Estou jogando poquer, John, e tenho escada real. A menos que algo

saia muito, mas muito mal, temo-lo sob controle.

Noonan está fora e pôs um microfone na janela. Escutei a última parte. Excelente, doutor.

504

Obrigado Bellow se passou a mão pela cara. Estava atravessando momentos de grande tensão,

mas só ali podia demonstrá-lo. Frente ao Timothy devia mostrar-se frio como o gelo, como

um professor amável e respeitado . E os outros prisioneiros?

Tudo segue igual. Grady está na sala de operações... e não sairá até dentro de várias horas,

conforme dizem. O outro segue inconsciente e não conhecemos sua identidade.

Grady é o líder?

Isso acreditam, nos apoiando em inteligência.

Então poderá nos contar muitas coisas. Eu gostaria de estar quando saia de

cirurgia disse

Bellow.

Primeiro devemos terminar com isto.

Já sei. Devo voltar a entrar Clark lhe aplaudiu o ombro e

Bellow voltou com os terroristas.

E bem? perguntou Timothy.

E bem... ainda não decidiram o tema do ônibus. Lamento-o adicionou em voz baixa . Pensei

que os tinha convencido, mas não obtêm decidir-se.

lhes diga que se não se decidirem logo vamos A...

Não, não vão fazer nada, Tim. Você sabe perfeitamente bem.

Eu também sei. E eles sabem.

Então por que enviariam o ônibus? perguntou Ou Neil, a ponto de perder os estribos.

Porque eu os pinjente que falam a sério, e que devem tomar em sério a ameaça. Embora não o

criam possível devem ter em conta que poderiam fazê-lo... e se chegarem a fazê-lo, eles

ficarão muito mal ante seus chefes Timothy sacudiu a cabeça ante a complicada lógica.

Parecia mais confundido que furioso . Confie em mim prosseguiu

Bellow . Já o fiz antes, e sei como funciona. É mais fácil negociar com soldados como vocês

que com esses malditos burocratas. Os tipos como vocês podem tomar decisões.

Os

burocratas fogem aos saltos ante a só idéia de fazê-lo. Não lhes importa que mora gente.

O único que lhes importa é não ver-se mal nos jornais.

Nesse instante ocorreu algo positivo. Tim colocou a mão no bolso e tirou um pacote de

cigarros. Sinal seguro de estresse e intento de controlá-lo.

É perigoso para a saúde, moço comentou Clark, olhamdou a imagem por TV. O plano de

assalto estava preparado. Connolly havia colocado cargas explosivas nas janelas (destinadas a

lhes abrir passo e a distrair aos terroristas). Vega, Tomlinson e Tacos de beisebol arrojariam

Benornamentos explosivos ao mesmo tempo e entrariam na sala para eliminar a os sujeitos. O

único perigo, como sempre, era que um deles dispaestrinha a quemarropa contra os reféns em

seu último ato consciente, ou inclusive por acidente. Aparentemente, Bellow estava fazendo

bem as coisas. Se os sujeitos tinham neurônios saberiam que era hora de render-se,

505

mas recordou que até o momento não tinham contemplado a possibilidêem de terminar seus

dias no cárcere. Certamente não era um projeto divertido. Os homens do SEJA se puseram ao

seu dispor, até que seu coronel se amealhou a farejar o lobby principal do hospital.

É um dia difícil para todos, não, Tim? perguntou Bellow.

Poderia ter sido melhor admitiu Ou Neil.

E você sabe como terminará, não? mediu Bellow.

Sim, doutor, sei. Fez uma pausa. Hoje não disparei meu rifle. Não matei a ninguém. Jimmy

sim prosseguiu, assinalando o cadáver lhe jazam, mas nenhum de nós matou a ninguém.

Bingo! pensou Bellow.

Isso é muito importante, Tim. É muito importante, de fato. A guerra terminará logo, sabe.

Finalmente vão fazer a paz, e quando isso acontece, bem, há anistia para a maior parte dos

combatientes. De modo que podem ter esperanças. Todos vocês disseram a os outros três, quem

observava e escutavam... e vacilavam como Tim.

Deviam saber que tudo estava perdido. Rodeados, capturados, a situação podia

terminar de duas maneiras para eles: morte ou cárcere. A fuga não era uma possibilidade e

sabiam que o intento de transladar aos reféns a um ônibus só serviria para expô-los a uma

morte segura.

Tim?

Sim? respondeu, olhando-o através de uma cortina de fumaça.

Se deixarem as armas sobre o piso, dou-lhes minha palavra de que não resultarão machucados.

E iremos ao cárcere? desafio e irritação na resposta.

Timothy, algum dia sairão do cárcere. Mas é impossível sair da morte. Por favor, pense-o.

Pelo amor de Deus, sou médico o recordou Bellow . Eu não gosto de ver morrer às pessoas.

Timothy Ou Neil olhou a seus camaradas. Todos baixaram os olhos. Nem sequer os gêmeos

Barry adotaram uma atitude desafiante.

Moços, se no dia de hoje não feriram ninguém, então...

sim, irão ao cárcere, mas terão a possibilidade de sair quando se prómulgue a anistia. De outro

modo, morrerão por nada. Não por seu país.

Seus compatriotas não respeitam como heróis aos assassinos de civis inocentes repetiu

Bellow por enésima vez. A repetição era importante.

A insistência. A gota que fura a pedra . Matar soldados... sim, isso fazem os soldados, mas

assassinar gente inocente... jamais. Já sabem:

morrerão por nada... ou viverão e algum dia voltarão a ser livres. Vocês decidem, moços.

Vocês têm as armas. Mas o ônibus não vêemdrá. Não escaparão e, sim, podem matar a estas

seis pessoas... mas o que conseguirão com isso? Uma passagem ao inferno, talvez? Pense-o,

Timothy concluiu, perguntando-se se alguma monja católica lhe teria falado assim na escola.

506

Não era tão fácil para o Tim Ou Neil. A idéia de estar metido em uma jaula com delinqüentes

comuns e que sua família fora a visitá-lo como a um animal do zoológico produzia calafrios...

mas sempre tinha sido uma possibilidade. E embora preferia a imagem mental da morte

heróica sua metralhadora cuspidor fogo contra os inimigos de seu país , esse médico

americano havia dito a verdade. Não era heróico assassinar a seis civis ingleses. Não se

cantariam loas a seu façanha, não se beberiam cervejas em sua honra nos pubs do Ulster... O

esperava uma morte desonrosa, desventurada... E a vida, na prisão ou não, era preferível a

essa classe de morte.

Timothy Dennis Ou Neil olhou a seus camaradas do PIRA e viu a mesma expressão em seus

rostos. Todos assentiram, sem dizer uma palavra.

Ou Neil deixou seu rifle no piso. Outros fizeram o mesmo.

Bellow se aproximou de lhes dar a mão.

Six a Vega, entrem já mesmo! ordenou Clark, contemplando a imagem no

pequeno monitor

branco e negro.

O Urso Vega deu rapidamente a volta à esquina com seu MP-10

em alto. Ali estavam, parados junto ao Bellow. Tomlinson e Tacos de beisebol os empurraram

(sem excessiva rudeza) contra a parede. Bate os apalpou de armas. Segundos depois entraram

dois policiais uniformizados e, ante o assombro dos soldados, algemaram-nos e lhes leram

seus direitos. E assim, facilmente, serenamente, terminou outro dia de combate.

507

CAPÍTULO 29

RECUPERAÇÃO

O dia não tinha terminado para o doutor Bellow. Logo depois de beber um copo de água para

refrescá-la garganta saltou ao caminhão verde do exército britânico e empreendeu a volta ao

Hereford. Tampouco havia terminado para os que ficaram atrás.

Olá, neném disse Ding. Finalmente tinha encontrado a seu esposeja fora do hospital, rodeada

por um grupo de SEJA.

Patsy correu para ele e o abraçou com toda a força que lhe permitia seu enorme ventre.

Está bem?

A jovem assentiu. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

E você? murmurou.

Estou bem. Foi um pouco difícil ao começo... e perdemos alguns homens, mas agora tudo está

sob controle.

Um deles... alguém o matou Y...

Sei. Estava-te apontando com uma arma. Por isso morreu Chávez recordou que lhe devia uma

cerveja ao sargento Tomlinson pelo disparo...

de fato, devia-lhe muito mais que uma cerveja, mas assim se pagavam as dívidas na

comunidade dos guerreiros. por agora, só lhe importava ter ao Patsy em seus braços. Lhe

encheram os olhos de lágrimas. Parpadeó para as afugentar. O pranto não condecia com sua

imagem machista.

perguntou-se quanto dano lhe teria feito a sua esposa o ocorrido esse dia. Patsy se tinha

consagrado a curar, não a matar, e tinha visto pelo menos uma morte violenta. Esses

miseráveis do IRA! Tinham invadido sua vida, atacado a não combatentes e assassinado a

alguns de seus compañeros. Alguém lhes tinha informado como fazê-lo. Por algum lugar se

estava filtrando informação... Era um buraco grande, e sua primeira prioridade seria encontrá-

lo.

Como está meu muchachito? perguntou a sua esposa.

Bem, Ding. De verdade. Estou bem lhe assegurou Patsy.

OK, neném, tenho que ir fazer umas quantas coisas. Você voltará a casa fez gestos a um

soldado do SEJA . Leve a de retorno à base, por favor.

Sim, senhor replicou o sargento. Foram caminhando até a praia de estacionamento. Sandy e

John já estavam ali, abraçados. O

508

melhor seria transladar a ambas as mulheres ao do John. Um oficial do SEJA ofereceu-se às

acompanhar, e também um sargento. Como de costume, fechavam e vigiavam a porta do

estábulo quando o cavalo já havia escapado. Mas tal era a tendência humana universal e um

minuto dêpués as duas mulheres se retiravam do hospital, escoltadas (se por acaso fora pouco)

por um patrulheiro policial.

aonde vamos, Mr. C.? perguntou Chávez.

Nossos amigos foram transladados ao hospital da base. Paul já está ali. Quer entrevistar ao

Grady o líder quando sair de cirurgia. Acredito que nos conviria presenciar a entrevista.

Entendido, John. Vamos.

Popov já estava perto de Londres, escutando a rádio de seu automóvel alugado. Quem quer

que fosse o que informava aos meios, sabia e falava muito. Quando soube que o líder dos

terroristas do IRA tinha sido capturado o sangue lhe congelou nas veias. Se tinham a

Grady, tinham ao homem que sabia quem era ele, que conhecia seu nome secreto, que sabia

tudo sobre a transferência dos recursos, que sabia muito. Não era momento de entrar em

pânico mas sim de atuar com celeridade.

Olhou seu relógio. Os bancos ainda estavam abertos. Ativou seu telefone celular e chamou a

Berna. Um minuto depois dava a ordem de transferir os recursos a outra conta. O empregado

do banco não se mostrou desilusionado por perder um depósito tão importante. depois de todo

o banco tinha muitíssimos depósitos, não? A partir de agora o russo tinha uma vantagem

cinco milhões de dólares mais em sua conta e uma dêvantagem o inimigo logo conheceria seu

nome secreto e seu descrição física. Tinha que abandonar o país. Tomou a saída para o

Heathrow e chegou ao Terminal 4. Dez minutos depois comprava um ingresso de primeira

classe a Chicago. Teve que apurar-se para chegar ao avião, mas finalmente conseguiu abordá-

lo. Uma bela aeromoça o acompanhou até seu assento e o 747 fechou suas portas.

Foi um verdadeiro desastre comentou John Brightling, baixando o volume do televisor de seu

escritório. O episódio do Hereford encabezava todos os noticiários do mundo.

Tiveram má sorte replicou Henriksen . Mas esses comamdois são muito bons, e se alguém

lhes dá uma mínima vantagem a aproveitam.

Que diabos, perderam quatro ou cinco homens. Não é tão fácil eliminar a tipos como esses.

Brightling sabia que o coração do Henriksen estava dividido. Por um lado, devia sentir certa

simpatia pela gente que tinha ordenado atacar.

Foi um fracasso?

Bom, se tiverem à líder vivo tentarão espremê-lo. Mas esses

509

tipos do IRA não cantam como passarinhos. Quero dizer, nunca cantam. A única linha que

poderiam ter para nós é Dimitri, e o russo é um profissional. Neste momento deve estar

fazendo-se fumaça, provavelmente terá abordado algum avião para um lugar recôndito e

impensável. Tem um arsenal de passaportes, cartões de crédito e documentos de identidade

falsos. Assim provavelmente estará a salvo. A KGB sejabía treinar a seus homens, John,

confia em mim.

Se o apanharem, falará? insistiu Brightling.

É um risco. Sim, poderia vomitar as vísceras teve que admitir Henriksen . Se voltar conosco

lhe comunicarei todos os riscos implícitos Y...

Não seria melhor... né... eliminá-lo?

Pergunta-a envergonhava ao Brightling. Henriksen preparou uma resposta cautelosa e sincera.

Estritamente falando, sim... mas seria perigoso fazê-lo, John.

Popov é um profissional. Provavelmente tem uma casinha de correio em alguma parte Vendo

a confusão do Brightling, prosseguiu : Um se protege de ser eliminado escrevendo tudo o que

sabe e guardando-o em lugar seguro. Se a gente não acessar à informação ao menos uma vez

por mês, esta é distribuída segundo um plano preestabelecido. Geralmente há um advogado

detrás. Isso é um grave risco para nós, não? Vivo ou morto, pode nos queimar. E neste caso

seria muito pior se estivesse morto Fez uma pausa . Não, necessitamos-lo vivo... e sob

controle,

John.

OK, te encarregue você, Bill Brightling se recostou em sua cadeira e fechou os olhos.

Estavam muito perto de correr riscos desnecessários. OK, controlariam ao russo, envolveriam-no bem. Inclusive lhe salvariam a vida...

demônios, claro que lhe salvariam a vida. Esperava que o russo apreciara o gesto. Mas

Brightling também devia apreciar seus lucros. Esse COmando Rainbow tinha ficado

estropiado, ou ao menos ferido gravemente. Popov tinha completo duas missões: despertar a

consciência mundial respeito ao terrorismo (obtendo que Global Security assinasse contrato

com as

Olímpiadas do Sydney) e estropiar a esse novo comando antiterrorista (talvez ao ponto de

eliminá-lo do jogo). A operação já não sofreria contratemplos e só terei que esperar o

momento adequado para inirecuá-la.

Estamos tão perto, pensou Brightling. Provavelmente fora normal ter medo em momentos

como esse. A confiança tinha que ver com a distância. quanto mais longe estava um, mais

fácil era acreditar-se invencível... mas quando um se aproximava, a proximidade aumentava

proporcionalmente os perigos. Mas isso não trocava nada, verdade? Não, claro que não. O

plano era perfeito. Só tinham que executá-lo.

Sejam Grady saiu de cirurgia às oito da noite, logo depois de passar três hora e

meia na mesa

de operações. Bellow comprovou que o tinha operado um cirurgião de primeira linha. O

úmero foi colocado em

510

seu lugar com uma placa permanente de acero-cobalto (o suficientemenvocê grande para que,

no improvável caso de que Grady entrasse em um aeroporto internacional no muito longínquo

futuro, os detectores de metais começassem a soar embora estivesse completamente nu.)

Felizmente para ele, o plexo braquial não tinha sido prejudicado por as duas balas que

ingressaram em seu corpo (por isso não perderia o uso do braço). Ferida-las do peito eram

menores. recuperaria-se de tudo, em opinião do cirurgião do exército, e desfrutaria de boa

saúde física durante o período da prisão perpétua que certamente lhe esperava.

Tinham-no operado com anestesia general, é obvio. Bellow se sentou junto à cama do

terrorista, observando os monitores e esperando que despertasse. O processo seria lento,

provavelmente.

A sala de recuperação estava cheia de policiais, uniformizados e de civil. Clark e Chávez

também estavam ali, de pé, observando ao homem que se atreveu a seus

homens... e a suas

mulheres. Os olhos de

Chávez pareciam dardos duros, escuros e frios , mas seu esta rostoBA sereno.
Bellow

acreditava conhecer bem às pessoas do Rainbow. Eram prófesionales, e no caso do Clark e

Chávez, tinham vivido em negro e feito algumas costure muito negras, em sua maioria

felizmente ignoradas por ele. Mas sabia que ambos eram homens da ordem, como os oficiais

de polícia, protetores das leis. Talvez as violassem de vez em quãodou, mas só para as

defender. Eram românticos, igual aos terrorislhas, mas a diferença radicava na causa

escolhida. O objetivo do Clark e Chávez era proteger. o do Grady, perturbar. E na diferença

das missões jazia a diferença entre os homens. Assim de simples. Agora, por muito furiosos

que estivessem com o homem anestesiado, não o causarían dano físico. Deixariam que o

castigasse a sociedade que o próprio

Grady tinha atacado tão maliciosamente (e cujas leis eles haviam jurado proteger, embora não

sempre respeitar ao pé da letra).

Despertará em qualquer momento disse Bellow. Grady empezaba a mostrar signos vitais.

Moveu um pouco o corpo apenas o cérebro começou a recuperar a consciência.
Algumas

parte não responderiam como deviam fazê-lo, mas a dor não se manifestaria
ainda. A cabeça

do terrorista iniciou um movimento lento para a esquerda, logo para a direita, e
logo...

Entreabriu os olhos, lentamente. Bellow consultou a lista de terrosubtrai,
desejando que a

polícia britânica e os moços do Five o tivessem proporcionado boa informação.

Sejam? disse . Está acordado, Sejam?

Quem...?

Sou eu, Jimmy Carr, Sejam. Está de volta conosco, Sejam?

Onde... é... toy? murmurou com um fio de voz.

No Hospital da Universidade. No Dublin, Sejam. O doutor

McCaskey acaba de te arrumar o ombro. Está na sala de recuperação. vais repor
te, Sejam.

Mas, Por Deus, te trazer aqui foi muito difícil.

Dói-te o ombro, Sejam?

Não, agora não dói, Jimmy. Quantos...

511

Quantos de nós? Dez, dez conseguiram escapar. Agora estão nas casas seguras,
velho.

Bem Abriu os olhos e viu um indivíduo com barbijo e boina cirúrgicos, mas não
podia

focalizar bem e a imagem estava imprecisa. O quarto... sim... era um hospital... o céu raso, as

pranchas regulares étidas pela estrutura metálica... as luzes, fluorescentes. Tinha a garganta

seca e um pouco dolorida pela intubación, mas não lhe importaBA. Era parte de um sonho e

nada disso estava passando em realidade.

Flutuava em uma nuvem branca, estranha... mas ao menos Jimmy esta CarrBA ali.

Roddy, onde está Roddy?

Roddy está morto, Sejam respondeu Bellow . O lamento, não pôde escapar.

OH, maldição... soprou Grady . Roddy não, não...

Sejam, necessitamos certa informação, e rápido.

Qual... informação?

O tipo que nos conseguiu a informação, temos que contactarlo... mas não sabemos como

encontrá-lo.

Refere ao Iosef?

Bingo, pensou Paul Bellow.

Sim, Sejam prosseguiu , Iosef. Temos que entrar em contato com ele...

O dinheiro? Tenho-o na carteira, velho.

Ah, pensou Clark, dando-se volta. Bill Tawney tinha todas as correiosessões pessoais do

Grady sobre uma mesa portátil. Na carteira havia só duzentas e dez libras britânicas, cento e

setenta libras irlandesas e vários pedaços de papel. Em uma de cor amarela havia dois

números, de seis dígitos cada um, sem explicação. Pertenceriam a uma conta a Suíça

numerada? perguntou-se o agente secreto.

Como acessamos ao dinheiro, Sejam? Precisamos acessar já, amigo.

O Banco Comercial Suíço na Berna... chama... número de cuenvocê e número de controle

em... em minha carteira.

Bom, obrigado, Sejam... e Iosef, como era o sobrenome... como nos comunicamos com ele,

Sejam? Por favor, precisamos nos comunicar agora mesmo, Sejam O falso acento irlandês do

Bellow não teria enganado a um bêbado, mas Grady se encontrava em um estado mais

alienado que que produz o álcool.

Não... sei. Ele se comunica conosco, lembra-te? Iosef

Andréyevich me contata através do Robert... através da rede... nunca me deu uma maneira

de contatá-lo.

Seu sobrenome, Sejam, nunca me disse qual era.

Serov, Iosef Andréyevich Serov... russo... da KGB... Vale do

Bekaa... faz anos.

Bom, deu-nos boa informação sobre esses tipos do Rainbow, não te parece, Sejam?

Quantos... quantos...?

512

Dez, Sejam, liquidamos a dez e conseguimos escapar, mas lhe feriram em seu Jaguar,

recorda? Mas os ferimos, Sejam, ferimo-los de gravidade lhe assegurou Bellow.

Bom... que bom... feri-los... matá-los... matá-los a todos sussurrou Grady.

Não de tudo, infeliz balbuciou Chávez em voz muito baixa.

Matamos às duas mulheres?... Jimmy, matamo-las?

OH, sim, Sejam, eu mesmo as matei. Agora, Sejam, voltemos para russo.

Preciso saber mais sobre ele.

Iosef? É... um bom tipo, KGB, conseguiu-nos o dinheiro e as drogas. MUITÍSSIMO dinheiro...

seis milhões... seis... e a cocaína adicionou

Grady para o registro da Minicam colocada em um tripode junto à cama . Nos levou tudo ao

Shannon, recorda? Voou no jato privado, trouxe o dinheiro e as drogas dos Estados Unidos...

bom, acredito que de

Estados Unidos... quase seguro... viu como fala agora, tem acento americano, como a

televisão, é gracioso para um russo, Jimmy...

Iosef Andréyevich Serov?

Grady tratou de assentir.

Assim são os nomes russos, Jimmy. José, filho do Andrés.

Que aspecto tem, Sejam?

Alto como eu... cabelo acobreado, olhos... pardos, cara redonda, hábla muitos idiomas... no

Vale do Bekaa... 1986... bom tipo, nos ajudou muito...

Como vamos, Bill? perguntou- Clark ao Tawney.

Bom, não poderemos usar nada disto em uma corte, mas...

Ao carajo com as cortes, Bill! Isto serve para algo? Os dados encaixam?

O sobrenome Serov não me diz nada, mas verificarei com os archivocê.
Podemos ingressar

estes números no computador e descobrir certas pistas, mas... olhou seu relógio
teremos que

esperar até amanhã.

Clark assentiu.

Vá método de interrogatório.

Nunca vi um pouco parecido. É genial.

Grady abriu mais os olhos. Viu outros e ficou perplexo.

Quem é você? perguntou, abotagado. Acabava de descobrir um rosto estranho
em seu sonho.

Meu nome é Clark, John Clark, Sejam.

Grady abriu os olhos como pratos um breve instante.

Mas você é...

Assim é, camarada. Esse sou eu. E obrigado por cantar como um pjarito.
Apanhamo-los a

todos, Sejam. Aos quinze, mortos ou capturadois. Espero que você goste da
Inglaterra, moço.

vais passar aqui um comprido, larguíssimo período. por que não dorme outro
pouco, chiquilín?

perguntou com fingida cortesia. matei homens muito melhores que você, novato,
pensou. Sua

máscara supostamente impassível proclamaBA seus verdadeiros sentimentos.

O Dr. Bellow guardou a gravação e suas notas. Quase nunca falhava. O estado semiconsciente

post-anestesia fazia que a mente humana fosse vulnerável à sugestão. Por isso a gente que

tinha acesso a informação de segurança jamais ia sozinha ao hospital. Neste caso hábia tido

dez minutos para inundar-se na mente do terrorista e emergir com uma boa dose de

informação. A informação não poderia ser apresentada ante um tribunal, mas Rainbow não

era uma organização de policiais.

Malloy o apanhou, não? perguntou Clark caminho à porta.

Em realidade foi o sargento Nance respondeu Chávez.

Teremos que lhe fazer um bom presente comentou Rainbow

Six . O devemos. Agora temos um nome, Domingo. Um nome russo.

Mas não serve. Por força tem que ser falso.

Ah, sim?

Sim, John, acaso não se dá conta? Serov, ex-diretor da KGB na década do 60, acredito,

despedido faz tempo por colocar a pata.

Clark assentiu. Embora não fosse o nome do passaporte verdadeiro do tipo, seguia sendo um

nome... e os nomes podiam rastrear-se.

Saíram do hospital à fria noite britânica. O automóvel do John os estava esperando. O cabo

Mói parecia contente consigo mesmo. Obteria uma bonita condecoração pelo trabalho desse

dia e provavelmente uma formosa carta de seu pseudo general americano. John e seu

Dingbieron ao automóvel e se dirigiram ao cárcere da base. Ali estava o resto dos terroristas,

já que os cárceres locais não eram o suficientemente seguros. Logo que chegaram,

conduziram-nos à sala de interrogatório.

Timothy Ou Neil os estava esperando, algemado a uma cadeira.

Olá disse John . Meu nome é Clark. Ele é Domingo Chávez.

O prisioneiro se limitou a olhá-los.

Vocês vieram aqui a matar a nossas algemas prosseguiu

John. O terrorista nem sequer piscou . Mas fracassaram terminantemente. Eram quinze. Agora

só ficam seis. Outros não voltarão para fazer mal. Sabe, a gente como vocês me faz

envergonhar de ser irlandês. Deus santo, nenê, nem sequer são delinquentes eficazes. A

própósito, Clark é o nome que uso para trabalhar. Antes era John Kelly, e o sobrenome de

solteira de minha esposa é Ou Toole. Assim que vocês, imbézele do IRA, estão-se dedicando

a matar americanos de origem católico irlandês, né? Não vão ficar bem nos

jornais, infeliz.

Por não mencionar a venda de cocaína, toda essa cocaína que os trouxe o russo adicionou

Chávez.

Drogas? Nós não...

claro que sim. Sejam Grady vomitou tudo, cantou como um maldito canário. Temos o número

da conta bancária na Suíça, e esse russo...

Serov demarcou Chávez , Iosef Andréyevich Serov, o amiguinho de Sejam no Vale do Bekaa.

Não tenho nada que dizer Isso já era mais do que havia planeado dizer. Sejam Grady tinha

falado. Sejam? Impossível... mas de

514

o que outro modo poderiam ter obtido a informação? Acaso o mundo tornou-se louco?

Irmão prosseguiu Ding , quis matar a minha esposa, e ela tem a meu filho no ventre. Crie que

vais seguir com vida muito tempo? John, este tipo sairá alguma vez do cárcere?

Não acredito, Domingo.

Bom, Timmy, me deixe te dizer algo. Onde eu nasci, se te colocar com a esposa de alguém

tem que pagar um preço. E não é baixo. E onde eu nasci, jamais, nunca terá que meter-se com

os filhos de um homem. O preço que se paga por isso é ainda mais alto, pequeno

cojedor.

Cojedor? perguntou-se Chávez . Não, acredito que poderemos resolvê-lo,

John. Posso fazer que este miserável não volte para cojer jamais . Extrajo uma faca de

combate K-Bar tipo marinhe de seu cinturão. A folha era negra, exceto pelo reluzente fio de

um quarto de polegada.

Não acredito que seja boa idéia, Ding objetou fracamente Rainbow

Six.

por que não? me parece uma idéia excelente, velho Se ovantó da cadeira e caminhou até onde

estava Ou Neil. Baixou a mão do faca . Não será difícil lhe cortar isso velho, só terá que

deslizar o qchio Y... zap... te trocar o sexo. Não sou médico, como te dará conta, mas conheço

a primeira parte da intervenção, sabe? inclinou-se e apoiou seu nariz contra a do terrorista .

Velho, um nunca, JAMAIS se coloca com a mulher de um latino! Entende o que digo?

Timothy Ou Neil tinha tido um dia o suficientemente mau até o momento. Olhou os olhos

hispanos, identificou o acento e soube que não estava frente a um inglês, nem sequer um dos

americanos que tão bem acreditava conhecer.

Já o fiz antes, velho. Principalmente Mato com armas de foigo, mas uma ou duas vezes

eliminei a um par de miseráveis a ponta de faca. É divertido vê-los sangrar-se... mas a ti não

vou matar te, moço. Só vou transformar te em mulher Apertou a faca comtra a entrepierna do

homem algemado à cadeira.

Basta, Domingo! ordenou Clark.

Vá-se ao carajo, John! Este delinqüente quis machucar a meu esposa. Bom, farei que este

pequeno cojedor não volte a meter-se com nenhuma mulher, manito Olhou novamente ao

prisioneiro . Vou a meurarte aos olhos enquanto lhe a curto, Timmy. Quero ver que cara

ponhadrás quando começar a te converter em mulher.

Ou Neil piscou. Olhou profundamente os olhos escuros, hispanos. Viu ira neles, ardente e

apaixonada... mas por muito mau que isso fora para ele, tinha razões sobradas para senti-la.

Seus companheiros e ele hábían planejado raptar e talvez matar a uma mulher grávida. Era

uma vergonha, um crime, e por isso havia justiça na fúria desatada ante seus olhos.

Não foi assim! ofegou . Nós não... não...

Não tiveram ocasião de violá-la, né? Bom, não te parece uma verdadeira lástima, bode?

interrompeu-o Chávez.

Não, não, violá-la não... nunca, nenhum de nós violou jamais a ninguém, na unidade não...

É uma mierda cojedora, Timmy... mas logo só será uma mierda, porque não vejo mais cojidas

em seu futuro Moveu apenas o qchio . Será divertido, John. Como o tipo que liquidamos em

Líbia faz dois anos, recorda?

Deus santo, Ding, ainda tenho pesadelos com ele admitiu Clark.

Desviou a vista . Te digo que não o faça, Ding.

Ao carajo, John Com a mão livre afrouxou o cinturão de Ou Neil e lhe desabotoou o primeiro

botão da braguilha. Logo encontrou o que procurava . Bom, carajo, não há muito que cortar.

Este miserável quase não tem pija.

Ou Neil, se tiver algo para nos dizer será melhor que o diga já. Não posso controlar a este

moço. Já o vi assim antes Y...

Fala muito, John. Mierda, Grady já vomitou tudo o que sabia. O que pode saber este? vou

cortar lhe a pija e logo vou a arrojársela aos cães da base. Gostam da carne fresca.

Domingo, somos homens civilizados e não...

Civilizados? As Pelotas, John. Este tipo quis matar a meu éposa e meu bebê!

Ou Neil abriu muito os olhos.

Não, não, nunca quisemos...

Claro, imbecil se burlou Chávez . Lhe apontaram com fuzis porque queriam conquistar sua

mente e seu coração, não? Assassino de mujeres, assassino de bebês cuspiu.

Eu não matei a ninguém, nem sequer disparei meu rifle. Eu...

Grandioso, em cima é incompetente. Crie ter direito a uma pija só porque é incompetente?

Quem é o russo? perguntou Clark.

Um amigo de Sejam. Serov, Iosef Serov. Ele conseguiu o dinheiro e as drogas...

Drogas? Carajo, John. Em cima são drogados!

Onde está o dinheiro?

Em um banco suíço, em uma conta numerada. Iosef o depositou, seis milhões de dólares...

Y... e Sejam lhe pediu que nos trouxesse dez quilogramas de cocaína para vender.

Necessitávamos mais dinheiro para continuar com nossas operações.

Onde está a droga, Tim? perguntou Clark.

Na grande... na granja Ou Neil lhes indicou como chegar.

Este tipo Serov, que aspecto tem? O terrorista o descreveu escuetamente.

Chávez retrocedeu, mais sereno. Logo sorriu.

OK, John, vamos falar com os outros. Obrigado, Timmy. Puedê conservar seu pija diminuta,

manito.

Estava entardecendo sobre a província do Quebec, no Canadá. O

sol se refletia nos incontáveis lagos, alguns ainda talheres por uma capa de gelo. Popov não

tinha podido dormir durante o voo, obtendo a duvidosa honra de ser o único passageiro

acordado em primeira classe. Sua mente voltava, incansável, à mesma idéia. Se os britânicos

tinham capturado ao Grady, já teriam seu nome secreto (que figurava em seu passaporte).

Bom, desfaria-se dele esse mesmo dia. Também teriam sua descrição física, mas por sorte

carecia de rasgos destacáveis. Grady tinha o número da conta bancária que havia aberto na

Suíça, mas Popov já tinha transferido os recursos a outra conta (impossível de rastrear até

ele). Teoricamente era possível que a oposição investigasse os dados proporcionados pelo

Grady Popov não se hárecua ilusões a respeito e talvez conseguisse um conjunto de rastros

digitais de... não, isso era bastante improvável, e nenhum serviço de inteligência ocidental

teria com o que as comparar. Nenhum serviço de inteligência ocidental sabia nada a respeito

dele... do contrário o hábrían detido fazia anos.

Então, o que ficava? Um nome que logo se evaporaestuário, uma descrição física semelhante

a de milhões de homens, e o número de uma conta bancária difunta. Muito pouco, em soma.

Não obstante, ainda devia verificar (muito rapidamente) os procedimentos de transferência de

recursos dos bancos suíços, e sobre tudo averiguar se o processo em questão estava protegido

pelas mesmas leis de anonimato que protegiam as contas propriamente ditas. No pior dos

casos... os suíços não eram paradigmas de integridade, verdade? Não, seguramente haveria

um acordo entre os bancos e a polícia. Tinha que haver-lo, embora mais não fora para que a

polícia a Suíça pudesse mentir eficazmente às demais forças policiais do mundo. Mas a

segunda conta era em realidade uma conta fantasma. Tinha-a aberto através de um advogado

que não poderia traí-lo (já que só se conheciam por telefone). portanto, não havia nada que

vinculasse a informação proporcionada pelo Grady com sua situação atual. Isso sim que era

bom.

Teria que pensá-lo muito bem no caso de acessar aos 5.7 milhões de dólares da segunda

conta, mas encontraria a maneira de fazê-lo. Através de outro advogado, talvez, em

Liechtenstein, onde as leis de sigilo bancário eram ainda mais estritas que na Suíça? Teria

que pensá-lo. Um advogado americano poderia guiá-lo convenientemente, também sob o

anonimato mais absoluto.

Está a salvo, Dimitri Andréyevich, disse-se Popov. a salvo e rico, mas tinha chegado o

momento de deixar de correr riscos. Não iniciaria mais operações para o John Brightling.

Logo que chegasse a Ou Hare tomaria o próximo voo a Nova Iorque, iria a seu departamento,

reportaria-se com o Brightling e procuraria uma rota de escapamento elegante. Mas Brightling

deixaria-o ir sem mais?

Teria que deixá-lo, pensou Popov. Henriksen e ele eram os únicos homens em todo o planeta

que podiam vinculá-lo aos assassinatos masivocê. Poderia pensar em matar ao Popov, mas

Henriksen lhe aconselharia não fazê-lo. Henriksen também era um profissional e conhecia as

regras do

517

jogo. Popov tinha escrito um jornal (guardado em lugar seguro, na abóbada de um estudo

jurídico nova-iorquino) com instruções específicas. De modo que... não, não corria perigo de

ser assassinado, sempre e quando seus amigos conhecessem as regras... e, chegado o caso,

Popov não teria inconveniente em refrescar-lhe

Então, para que voltar para Nova Iorque? por que não desaparecer do mapa? Era uma

possibilidade tentadora... mas não. Teria que lhes dizer ao Brightling e Henriksen que não

voltassem a buscá-lo e explicá-los por que lhes convinha seguir seu conselho. Além disso,

Brightling tinha uma conexão singularmente importante no governo americano e Popov podia

utilizar a informação proporcionada por essa pessoa para proteger-se. A gente nunca estava o

suficientemente protegido.

Uma vez decididos os passos a seguir, finalmente pôde relaxar-se.

Faltavam noventa minutos para chegar a Chicago. A seus pés jazia um mundo imenso, com

infinitos lugares onde desaparecer. Agora tinha o dinheiro necessário para fazê-lo. Havia

valido a pena.

OK, o que temos? perguntou- John a seus executivos jerárquicos.

O nome Iosef Serov não figura em nossos computadores em

Londres disse Cyril Holt, do Serviço de Segurança . E a CIA?

Clark negou com a cabeça.

Temos dois tipos de sobrenome Serov nos livros. A gente está muerto. O outro tem quase

setenta anos e está retirado em Moscou. E a descrição física?

Bom, encaixa com este tipo Holt passou uma foto.

Vi-o antes.

É o tipo que se encontrou com o Ivan Kirilenko faz umas semanas em Londres.
É a peça que

faltava no quebra-cabeças, John. Criemos que esteve envolto na filtração de
informação a

respeito de sua organização. Poderia estar em contato com o Grady... bom, tudo
encaixa à

perfeição, para falar a verdade.

Temos alguma maneira de confirmá-lo?

Podemos acudir ao RVS... tanto a CIA como nós temos boas relações com o
Sergey Golovko,

e talvez possam nos ajudar.

Pressionarei até o limite para obtê-lo prometeu Holt.

Que mais?

Estes números prosseguiu Bill Tawney . Provavelmente um seja o número de
identificação de

uma conta bancária, e o outro o do código de controle e ativação. A polícia se
encarregará de

averiguá-lo.

Assim saberemos algumas coisas, sempre e quando o dinheiro não tenha sido
lavado e a

conta siga ativa.

As armas demarcou um policial presente . A julgar pelo número de série são de
origem

soviética, da fábrica se localizada no Kazan. São muito velhas, têm pelo menos dez anos, mas

nenhuma delas havia sido disparada até o dia de hoje. Quanto às drogas, remeti a

518

informação ao Dennis Maguire... o chefe da Garda. Amanhã sairá por televisão. Encontraram

e expropriaram dez quilogramas de cocaína pura... quãodou digo pura aludo a qualidade

medicinal, quase como se a houvessem comprado em uma empresa farmacêutica. O preço de

venda ao público é muito alto. Milhões lhes disse o superintendente . A encontraram em uma

granja semi abandonada na costa oeste da Irlanda.

identificamos a três dos seis prisioneiros. Um deles ainda não pôde falar conosco como

resultado de suas feridas. Ah, utilizaban telefones celulares para comunicar-se, como walkie-

talkies. Noonan fez um grande trabalho. Só Deus sabe quantas vistas salvou lhes disse Holt.

Na outra ponta da mesa, Chávez assentiu pensando no que poderia ter passado. Se esses

miseráveis tivessem podido coordenar seus ações... Deus santo. Não teria sido um bom dia

para os moços bons. Por outra parte, já tinha sido bastante mau. Haveria funerais.

A gente teria que vestir seus uniformize Classe A e formar fila e disparar suas

armas... e logo

teriam que substituir aos mortos. Não muito longe de ali, Mike Chin estava em uma cama de

hospital com a perna rota. O Comando 1 estaria fora de ação pelo menos um mês, mas se

tinha defendido bem. Noonan tinha estado grandioso (havia matado a três com sua pistola),

quão mesmo Franklin, quem logo depois de decapitar a um com seu grande MacMillan .50

tinha usado seu rifle monstro para destruir a caminhonete marrom, impedindo a fuga a cinco

terroristas. Chávez tinha os olhos cravados na mesa de conferências quando soou seu beeper.

Viu que chamavam de sua casa. levantou-se de um salto e chamou do telefone da parede.

Sim querida?

Ding, quero que venha em seguida. Já começou disse Patsy serenamente. A resposta do Ding

foi o repentino aumento do ritmo cardíaco.

Já vou, neném Pendurou . John, tenho que voltar para casa. Patsy diz que já começou.

OK, Domingo Clark esboçou um sorriso . lhe Dê um beijo por mim parte.

Entendido, Mr. C. Chávez saiu correndo.

O timing destas coisas alguma vez é propício, não? comentou

Tawney.

Bom, pelo menos passará algo bom no dia de hoje John esfregou-se os olhos.
Inclusive

aceitava a idéia de ser avô. Ainda não era de tudo consciente da gente que tinha perdido. Seus

homens. Dois deles, mortos. Vários feridos. Seus homens.

OK prosseguiu . E a filtração de informação? Fomos delatados e atacados, moços. O que

vamos fazer a respeito?

Olá, Ed. Fala Carol.

Olá, Dra. Brightling. No que posso servi-la?

519

Que demônios ocorreu hoje na Inglaterra? Foi nossa gente...

nosso comando Rainbow, quero dizer?

Sim, Carol, foram eles.

Como foi? A televisão não diz muito Y...

Dois mortos, quatro ou mais feridos respondeu Foley . Nove terroristas mortos, seis

capturados, o líder incluído.

As rádios que lhes conseguimos, funcionaram bem?

Não estou seguro. Ainda não vi os informe, mas sei o que é o mais importante que quererão

averiguar.

E o que é, Ed?

Quem filtrou informação. Os terroristas conheciam os nomes, identidades e lugares de

trabalho do John, sua esposa e sua filha. Tinham boa inteligência e John não se sente muito

feliz a respeito.

Os familiares estão bem?

Sim, não houve civis feridos, graças a Deus. Diabos, Carol, conheço a Sandy e a Patricia. vai

haver problemas sérios como resultado disto.

Posso ajudar em algo?

Não sei, mas o terei em conta.

Sim, bom, quero saber se esses aparelhos funcionaram. Pedi a os do E-Systems que os

tirassem logo, porque nossos moços são muito importantes. Caramba, espero que tenham

servido para algo.

Logo saberemos, Carol prometeu Foley.

Está bem, já sabe onde me encontrar.

OK, obrigado por chamar.

520

CAPÍTULO 30

VISTAS

Foi tudo o que tinha esperado sem saber o que esperar e muito mais. Finalmente, Domingo

Chávez levantou seu filho com ambas as mãos.

Bem disse, olhando a nova vida que deveria proteger, educar e, ao seu devido tempo, oferecer

ao mundo. depois de um segundo que pareceu durar semanas, entregou-lhe o recém-nascido a

sua esposa.

Patsy tinha a cara banhada em suor e esgotada pelas cinco horas de trabalho de parto, mas a

dor já tinha passado. Tinha chegado à meta: tinha a seu filho nos braços. Era um bebê rosado,

descascado e ruídosou, esta última característica rapidamente acalmada pela proximidade do

peito esquerdo do Patsy. John Conor Chávez começou a saborear seu primeira comida. Mas

Patsy estava exausta e, ao seu devido tempo, uma enfermeira se levou a bebê a nursery. Ding

beijou a sua esposa e caminhou junto à maca enquanto a transladavam a sua habitação. Já

estava dormida quando chegaram. Voltou a beijá-la e saiu. Voltou para a base de

Hereford e foi diretamente à residência oficial do Rainbow Six.

E? perguntou John ao abrir a porta.

Chávez lhe ofereceu um charuto.

John Conor Chávez, sete libras onze onças. Patsy está muito bem, abuelito disse com um

sorriso emocionado. depois de tudo, a seu mujercita lhe havia meio doido o mais difícil.

Há momentos em que até os homens mais fortes choram, e este foi um deles.
Ambos se

fundiram em um abraço.

Bom disse John, procurando um lenço para secá-los olhos . A quem se parece?

Ao Winston Churchill replicou Domingo com uma gargalhada . Diablos, John,
nunca pude

decidir a quem se parecem os bebês, mas John

Conor Chávez é um nome bastante valente, não lhe parece? O pequeno malandra
tem uma

grande herança sobre os ombros. Ensinarei-lhe karate e manejo de armas dos
cinco anos...

talvez dos seis especulou Ding.

Seria melhor que aprendesse golfe e beisebol, mas é seu filho, Doumingo. Passa
por favor.

E bem? perguntou Sandy, e Chávez repetiu a notícia enquanto mascava seu
charuto cubano.

Desprezava o hábito de fumar e Sandy, como boa enfermeira, não aprovava o
vício... mas

ambos cederam em comemoração à ocasião. A Sra. Clark abraçou a seu genro .
John Conor?

521

Sabia? perguntou John Terrence Clark.

Sandy assentiu.

Patsy me disse isso a semana passada.

supunha-se que era um segredo objetou o recente pai.

Sou sua mãe, Ding! explicou Sandy . Querem tomar o café da manhã?

Os homens olharam seus relógios. Eram pouco mais das quatro de a manhã. Perfeito.

Sabe, John, isto é muito profundo disse Chávez. Seu sogro notou que trocava de acento

segundo a natureza da conversação. O dia anterior, interrogando aos prisioneiros do PIRA,

tinha falado como um típico pandillero de Los Anjos, emitindo um discurso carregado de

eufemismos guias de ruas e acento espanhol. Mas em seus momentos reflexivos adotava sua

identidade de graduado universitário, carente de acento por completo . Sou papai. Tenho um

filho sorriso satisfeito, lenta e um pouco assustada . Caramba.

A grande aventura, Domingo disse John, servindo café nas taças enquanto sua esposa

cozinhou o toucinho.

Né?

Edificar uma pessoa íntegra. Essa é a grande aventura, meu filho, e se não o faz bem, que

classe de homens é?

Bom, vocês o fizeram muito bem.

Obrigado, Domingo disse Sandy da cozinha . Nos esmeramos muito.

Ela mais que eu admitiu John . Estive longe muito tempo, jogando agente secreto. Perdi-me

três Natais, maldita seja. Um jamais se perdoa essas coisas explicou . É a manhã mágica, e se

supõe que alguém deve estar aí.

Fazendo o que?

Duas vezes na Rússia, uma no Irã... em missões secretas. Dois funcionaram, mas uma se veio

abaixo. Eu perdi, e meu contato não obteve escapar. Os russos não perdoam a traição ao

Estado. Quatro meses depois o fizeram pó, pobre tipo. Não foi um bom Natal concluiu Clark.

Recordou o horrível que tinha sido ver a KGB atrapar ao tipo a menos de cinquenta metros de

onde ele estava parado, ver que o tipo o olhava, desesperado, não ter mais remedeio que

iniciar a fuga... sabendo que não podia fazer nada e, não obstante, sentindo-se um lixo. Logo,

finalmente, tinha tido que lhe explicar ao Ed Foley ocorrido-o... só para inteirar-se de que o

agente tinha sido delatado vendido rezava o eufemismo por um infiltrado da KGB no edifício

da CIA. E esse condenado miserável seguia vivo em uma prisão oficial com televisão por

cabo e calefação central.

Isso é história, John disse Chávez. Compreendia o que lhe passaBA. Eles tinham realizado

missões semelhantes, mas o dueto ClarkChávez não tinha falhado jamais,

embora algumas

vezes tinham roçado extremos inenarráveis . Sabe o que é o mais gracioso de tudo isto?

O que? perguntou John, perguntando-se se sentiria o mesmo que ele havia sentido.

522

Agora sei que vou morrer. Algum dia, quero dizer. O bebê vai a me sobreviver. Se não o

fizer, terei falhado. Não posso me permitir falhar, verdade? JC é minha responsabilidade. Ele

crescerá, eu envelhecerei, e quando tenha minha idade, diabos, eu andarei pelos sessenta.

Deus santo, envelhecer não figurava em meus planos, sabia?

Clark fez uma careta.

Sim, tampouco em meus. te relaxe, moço. Agora sou um maldito avô. Isso tampouco estava

em meus planos.

Não é tão mau, John comentou Sandy, quebrando os ovos .

Podemos consenti-lo e logo devolvê-lo a seus pais. E o faremos.

Não tinha sido assim com seus próprios filhos, ao menos por parte da família do John. Sua

mãe tinha morrido fazia muito de câncer, e seu pai de um ataque ao coração enquanto

resgatava a uns meninos de um incêndio no Indianapolis. John se perguntou se saberiam que

seu filho havia crescido, envelhecido, e que agora era avô. Impossível sabê-lo, verdêem?

Supôs que era natural pensar na mortalidade humana em momentos como esse. A grande

continuidade da vida. No que se converteria John Conor Chávez? Rico, pobre, mendigo,

ladrão, médico, advogado, chefe índio? Isso ficaria em mãos do Patsy e Ding e devia confiar

em que fizessem bem seu trabalho. Provavelmente assim seria. Conhecia seu filha e também a

Domingo. Desde a primeira vez que o viu nas montanha de Avermelhado soube que tinha algo

especial. E o jovencito havia crescido, florescendo como um cravo em um jardim

particularmente áspero. Domingo Chávez era a versão jovem de si mesmo, um homem de

honra e de coragem, e por conseguinte seria um pai digno, tal como tinha demonstrado ser um

marido digno. A grande continuidade da vida, pensou novamente, sorvendo seu café e

chupando seu charuto. E se era uma pedra mais no comprido caminho para a morte... bom.

Que assim fora. Tinha tido uma vida interessante, uma vida útil a outros, o mesmo que

Domingo, e o mesmo esperava para o John Conor. E que diablos, pensou John, sua vida ainda

não tinha terminado, verdade?

Conseguir passagem a Nova Iorque resultou mais difícil do que esperava. Todos os vôos

estavam cheios, mas finalmente pôde conseguir um assento na parte de atrás de um velho

United 727. Não gostou da localização, mas por sorte a viagem foi curta. Ao chegar ao

Guarda se desfez dos documentos que lhe tinham permitido cruzar o Atlântico.

Tinham-lhe sido muito úteis, mas devia desprender-se deles. Arrojou-os subrepticiamente em

um tacho de lixo e se dirigiu à parada de táxis. Estava esgotado. Seu dia tinha começado

depois de meia-noite e não tinha podido dormir quase nada no vôo transatlântico. Seu

cuercorreio estava exausto.

Trinta minutos depois, quando Popov já estava a poucas cuadras de seu departamento, o

peçoal de mantenimiento ingressou na terminal do United Airlines para trocar as bolsas de

lixo. A rotina trabalhista era mecânica e bastante exaustiva para os trabalhadores, em

523

sua maioria porto-riquenhos. Uma por uma, retiravam as tampas dos tachos e tiravam as

enormes bolsas cheias de lixo, que logo jogavam em contêineres que posteriormente eram

transladados em caminhões ao Staten

Island. A rotina era um bom exercício para o torso e a maioria dos homens levavam rádios

portáteis para paliar o aborrecimento.

Um dos tachos, a cinquenta metros da parada de táxis, não encaixava perfeitamente no

suporte. Quando o empregado de manuteniminto levantou a bolsa, esta se enganchou em um

bordo metálico e se rompeu, derrubando seu conteúdo no piso de concreto. O empregado

maudisse em silêncio. Agora teria que agachar-se e recolher tudo esse lixo com suas mãos

enluvadas. Já tinha recolhido quase a metade quando se topou com a tampa vermelha de um

passaporte britânico. A gente não atirava psaportes ao lixo, não? Abriu-o e encontrou dois

cartões de crédito dentro, com o mesmo nome do passaporte. Serov, um nome bastamvocê

estranho. Guardou todos os documentos no bolso de seu mameluco. Os deixaria em objetos

perdidos . Não era a primeira vez que encontrava coisas de valor no lixo. Uma vez tinha

encontrado uma pistola de 9

mm com o carregador cheio!

Popov já tinha chegado a seu departamento. Muito cansado para desarmar suas valises,

despiu-se e caiu sobre a cama sem beber sequer um vodka para conciliar o sonho. Por puro

reflexo acendeu o televisor e viu um novo relatório sobre o atentado no Hereford. A TV

estava... govno, mierda, pensou. Aí estavam o caminhão e o jornalista que tinha querido

entrevistá-lo. Não tinham utilizado esse fragmento, mas aí estava ele, claramente, de perfil,

enquanto o jornalista comentava o atentado. Razão de mais para desaparecer, pensou, a ponto

e dormir-se. Nem sequer teve forças para apagar o televisor. dormiu com o aparelho aceso,

coisa que lhe produziu pesadelos durante toda a noite.

O passaporte, os cartões de crédito e outros objetos de valor chegaram ao escritório da

empresa no Staten Island um trailer estacionado in situ ao finalizar a jornada de trabalho. O

recolector de lixo os deixou sobre um escritório e marcou cartão antes de retornar a Queens e

a seu habitual janta tardia.

Tom Sullivan tinha trabalhado até tarde e se encontrava no bar que freqüentavam os agentes

do FBI, a uma quadra do edifício

Jacob Javist no sob Manhattan. Seu companheiro Frank Chatham También estava ali,

compartilhando uma cerveja com o Sam Adams.

Alguma novidade no teu? perguntou Sullivan. Havia passado todo o dia na corte esperando

para declarar em um caso de fraude⁵²⁴

de... mas jamais tinha chegado ao banquinho devido às demoras nos procedimentos.

Hoje falei com duas garotas. Ambas dizem conhecer o Kirk Maclean, mas nenhuma saiu com

ele replicou Chatham . Parece outro poço seco.

Quero dizer, ele cooperou conosco, não?

Algum outro nome associado com as garotas desaparecidas?

Chatham negou com a cabeça.

Não. Ambas disseram que o viram falando com uma delas, e que em uma oportunidade

acompanhou à outra, tal como ele mesmo nos disse.

A cena de sempre nos bares. Não há nada que contradiga o que ele nos disse. A nenhuma das

duas lhe agrada Maclean. Dizem que aborda as garotas, faz-lhes umas quantas perguntas e

depois se vai.

Que classe de perguntas?

o de sempre: nome, direção, trabalho, família. O mesmo que perguntamos nós, Tom.

As duas garotas com as que falou hoje perguntou Sullivan .

De onde são?

Alguém nasceu aqui, a outra é de Pulôver.

Bannister e Pretloe não são de Nova Iorque ou suas proximidades assinalou Sullivan.

Sim, já sei. E?

E, se for uma assassina série, é mais fácil atacar vítimas cuja família está longe, não te

parece?

Parte do processo de seleção? Parece-me muito abarcativo,

Tom.

Talvez, mas o que outra coisa temos? quase nada. Os volantes repartidos pelo NYPD tinham

atraído a quinze pessoas que disseram reconhecer as caras mas não proveram informação útil .

Estou de acordo, Maclean cooperou, mas se interrogar às garotas e despreza às que nasceram

aqui ou têm família perto, e logo acompanha a nossa vítima a sua casa, diabos, é mais do que

temos sobre qualquer outro.

Voltamos a falar com ele?

Sullivan assentiu.

Sim era o procedimento de rotina. Kirk Maclean não lhes havia parecido uma assassina série

em potência... mas essa classe de criminais eram como camaleões, tal como tinham aprendido

na academia do

FBI no Quantico, Virginia. Também sabiam que o aborrecido e rotineiro trabalho de

investigação resolvia mais casos que os milagres apregoadas nas novelas de mistério. O

trabalho policial era um processo repetitivo e exaustivo para a mente, e os que conseguiam

superar o aburriminto ganhavam a partida. Quase sempre.

Foi uma manhã estranha no Hereford. Por uma parte, o Comando

2 estava comovido pelos sucessos do dia anterior. A perda da CAmaradas era um osso duro

de roer para qualquer unidade. Mas por

525

outra parte, seu chefe tinha sido pai e isso era o melhor que podia ocorrer a um homem.

Caminho ao PT matutino, o abotagado e ditoso líder do Comando 2 (que não tinha pego um

olho em toda a noite) recebeu o apertão de mãos de todos seus subordinados (invariavelmente

acompanhado por uma palavra de felicitação e um sorriso cúmplice, já que todos eram pais,

inclusive os mais jovens). O treinamento foi mais curto tendo em sua conta estado físico e,

quando terminaram as três milhas, Eddie Price lhe sugeriu que voltasse para sua casa a dormir

um pouco, dado que não seria muito útil nesse estado. Chávez seguiu o conselho e dormiu até

passado o meio-dia. Mas despertou de seu sonho reparador com uma terrível dor de cabeça.

Igual a Dimitri Popov. Coisa que lhe parecia injusta, já que quase não tinha bebido a noite

anterior. Supôs que seu corpo se estava vêmegando pelo abuso das viagens reiteradas e a

agitação do dia anterior em Londres. O televisor de seu quarto seguia aceso, sintonizado na

CNN. Popov se levantou e foi ao banho para suas abluções matinaes. Logo se dirigiu à

cozinha para preparar um café. Duas horas dêpués, tomado banho e vestido, desarmou suas

valises e pendurou os trajes que hábia levado a Europa. As rugas desapareceriam em um par

de dias, pensou. Era hora de tomar um táxi para certo lugar.

No Staten Island, encarregada-a de objetos perdidos era uma secretaria que detestava a tarefa

(obviamente, a tinham imposto como ocupação adicional). As coisas que lhe deixavam sobre

o escritório geralmente emprestavam, às vezes ao ponto tal de lhe produzir náuseas. as de

esse dia não eram uma exceção e a obrigaram a perguntar-se por enésima vez por que a gente

arrojava objetos tão nocivos ao lixo em lugar de... o que? Não sabia. Acaso guardá-los nos

bolsos? O passaporte vermelho tampouco era uma exceção à regra. Joseph A. Serov. A foto

pertencia a um homem de uns cinquenta anos, tão chamativo como um hambúrguer do

McDonald S. Mas era um passaporte com dois tarjevocês de crédito e pertencia a alguém.

Procurou a guia Telefónica, chamou ao consulado britânico em Manhattan, disse a

recepcionista do que se tratava, e esta a comunicou com o controle de passaportes. A

secretária não sabia que o escritório de controle de passaportes era o lugar onde trabaixavam

os agentes secretos do Serviço de Inteligência. Logo depois de uma breve conversaço, um

caminhão da empresa recolectora deixou um sobre no consulado, onde o guarda chamou o

escritório correspondente e um secretário baixou a recolhê-lo. O jovem deixou o sobre sobre o

escritório de seu chefe, Peter Williams.

Williams era em realidade um agente secreto, um homem jovem que realizava sua primeira

missão de campo fora de seu país. O seu era um trabalho seguro, cômodo, em uma cidade

importante de um país aliado.

Dirigia a vários agentes, todos eles diplomáticos nas Nações Uni526

dá. Através deles procurava e às vezes obtinha inteligência diplomática de sob nível, que

posteriormente remetia ao Whitehall... onde era examinada e considerada por

burocratas de

nível igualmente desço no ministério do Exterior.

Esse passaporte fedorento saía fora do comum. Mas bom, seu trabalho implicava ocupar-se de

coisas como essa (de fato, muitas vezes conseguia passaportes duplicados para os cidadãos

britânicos que perdiam os seus em Nova Iorque, coisa bastante freqüente embora

invariavelmente molesta para quem necessitava a cópia). Williams devia transmitir por fax a

Londres o número do passaporte extraviado para identificar ao proprietário, e logo chamá-lo a

sua casa com a esperança de que algum membro da família soubesse onde estava o dueño do

passaporte.

Mas neste caso recebeu um chamado do Whitehall trinta minutos depois de ter enviado a

informação.

Peter?

Sim, Burt?

Este passaporte, Joseph Serov... acaba de ocorrer algo estranho.

O que?

A direção que temos pertence a um empresa fúnebre, igual que o número telefônico. Jamais

escutaram falar do Joseph Serov, vivo ou morto.

OH? Um passaporte falso? Williams o levantou de seu escritorio. Se era falso, era muito

bom. Por fim teriam algo interessante entre mãos?

Não, o computador tem o nome do tipo registrados e o número do passaporte, mas Serov não

vive onde diz viver. Acredito que os documentos são falsos. Segundo nossos registros, é um

sujeito naturalizado. Quer que investiguemos um pouco?

Williams ficou pensando. Tinha visto documentos falsos com anterioridade e tinha aprendido

a consegui-los durante seu treinamento na academia SIS. Bom, por que não? Talvez

descobrissem a um espião.

Sim, Burt, poderia me fazer esse favor?

Chamo-te amanhã prometeu o funcionário do ministério do

Exterior.

Por sua parte, Peter Williams acendeu seu computador e enviou um e-mail a Londres. Um dia

mais de rotina para um jovem e inexperiente oficial de inteligência em seu primeiro destino

estrangeiro. Nova Iorque se precia muito a Londres: era cara, impessoal e transbordava

cultura, mas infelizmente carecia dos bons maneiras de sua cidade natal.

Serov, pensou. Um sobrenome russo, mas os havia por toda parte.

Havia muitos em Londres. Inclusive mais em Nova Iorque, onde a maioria

dos taxistas

desciam do navio ou do avião e saíam às ruas diretamente da Mãe a Rússia sem conhecer o

idioma inglês nem o mapa da cidade. Passaporte britânico perdido, sobrenome russo.

527

A três mil e quatrocentas milhas de distância, o sobrenome Serov hábia sido ingressado nos

computadores do SIS. Até o momento não tinham encontrado nada importante, mas o

programa executivo tinha muitos nomes e frases que consultar. Quando chegou o e-mail do

Nuevai York, o computador iniciou uma nova busca. Sabendo que Iosef era a versão russa do

Joseph, e dado que a idade do passaporte favoreceria a hipótese, o operador remeteu o e-mail

à pessoa que havia iniciado uma investigação sobre o Serov, Iosef Andréyevich.

Ao seu devido tempo, o e-mail ingressou no computador do Bill

Tawney. Que coisa útil o computador, pensou Tawney enquanto impriminha a mensagem.

Nova Iorque. Que interessante. Marcou o número do consulado e pediu falar com o Peter

Williams.

Pode me dizer algo sobre esse passaporte em nome do Serov?

perguntou, logo depois das apresentações de rigor.

Bom, sim, dentro havia dois cartões de crédito, Master Card e

Visto, ambas as platina não lhe pareceu necessário adicionar que ambas as otorgaban

generosos créditos.

Muito bem. Quero que me envie a foto e os números das tarfocinhos de porco de crédito

imediatamente por linha segura disse Tawney, proporcionándole os números e chaves

necessários.

Sim, senhor, farei-o em seguida replicou Williams, perguntando-se que demônios estava

passando. E quem diabos era William Tawney?

Fora quem fosse, estava trabalhando horas extra. Na Inglaterra era cinco horas mais tarde que

em Nova Iorque, e ele já se estava perguntamdo o que jantaria essa noite.

John?

Sim, Bill? replicou John com cansaço, perguntando-se se chegaria a ver seu neto essa noite.

Acaba de aparecer nosso amigo Serov disse o SIS. Clark entrecerró os olhos.

Ah, sim? Onde?

Em Nova Iorque. Encontraram um passaporte britânico em um lhacho de lixo no aeroporto de

La Guarda, junto com dois cartões de crédito. Bom, tudo estava em nome de um tal Joseph A.

Serov.

Devemos averiguar se...

Chamei o agregado jurídico da embaixada americana em

Londres para verificar os cartões de crédito, sim. dentro de uma hora teremos mais

informação. Poderia ser uma pista importante para nós, John adicionou Tawney com

voz esperançada.

Quem dirige a coisa nos Estados Unidos?

Gus Werner, subdirector da Divisão Terrorismo. O conhece?

Clark negou com a cabeça.

Não, só de nome.

Eu o conheço. É um grande tipo.

528

O FBI mantinha relações cordiais com toda classe de empresas.

Visto e MasterCard não eram a exceção à regra. Um agente do FBI chamou as centrais de

ambas as companhias desde seu escritório no

Hoover Building e transmitiu os números dos cartões a seus respectivos chefes de segurança.

Ambos eram ex-agentes do FBI o FBI envia a seus agentes retirados a ocupar essa classe de

postos, criando uma eficaz e amplíssima rede de ex-companheiros e ambos interrogaram a seus

computadores e obtiveram a informação necessária: nome, direcção, historia

creditícia e, o

mais importante de tudo, movimentos recentes. O voo da British Airways desde o Heathrow

a Ou Hare apareceu no fax remetido ao FBI.

Sim? disse Gus Werner quando o jovem agente entrou em sua oficina.

Tomou um voo de Londres a Chicago ontem tarde, e logo um voo de Chicago a Nova Iorque,

o último do dia. Deve ter atirado o passaporte ao chegar. Aqui tem entregou os registros de

movimentos e a informação dos voos. Werner leu rapidamente as páginas.

Não é pouca coisa comentou em voz baixa o ex-chefe do Comando de

Resgate de Reféns . Temos a um peixe gordo, Jimmy.

Sim, senhor replicou o jovem agente, recém saído da divisão de campo do Oklahoma City .

Mas nos falta saber algo... como chegou a

Europa. Todo o resto está documentado, e há um voo do Dublin a

Londres, mas nada daqui a Irlanda disse James Washington.

Talvez tenha uma American Express. lhe averigüe ordenou

Werner.

Farei-o prometeu Washington.

Com quem tenho que falar por isso?

Deve chamar a este número, senhor Washington lhe indicou um número na primeira página.

OH, bom, conheço-o. Obrigado, Jimmy Werner levantou o telefone e marcou o número

internacional . O senhor Tawney, por favor disse-lhe à operadora . Fala Gus Werner, da

central do FBI em

Washington.

Olá, Gus. Moveu-te muito rápido disse Tawney, com o impermeável ao meio pôr e muitas

vontades de ir-se a sua casa.

São as maravilhas da era computadorizada, Bill. É provável que tenhamos a esse Serov. Voou

do Heathrow a Chicago ontem. O voo separou três horas depois do episódio no Hereford.

Tenho um automóvel alugado, uma conta de hotel e um voo de Chicago a Nova Iorque.

Direção?

Não tivemos tanta sorte. Casinha de correio no sob Manhattan disse Isto Werner é muito

importante, Bill?

529

Muito importante, Gus. Sejam Grady nos deu o nome e um de os outros prisioneiros o

confirmou. Este Serov depositou uma enorme soma de dinheiro e entregou dez libras de

cocaína pouco antes do atentado.

Estamos trabalhando com os suíços para rastrear o dinheiro. E agora me diz que o tipo está

nos Estados Unidos. Muito interessante.

Nem que o diga. Faremo-lo sair de sua toca se pudermos pensou Werner em voz alta. A

jurisdição da investigação que se propunha abrir era amplíssima. As leis americanas sobre

terrorismo abrangiam o mundo inteiro e impunham penas draconianas. O mesmo que as leis

sobre drogas.

Tentará-o? perguntou Tawney.

Pode apostar seu Pelotas a que o farei, Bill replicou Werner com decisão . Eu mesmo abrirei o

arquivo do caso. A caçada do señor Serov.

Excelente. Obrigado, Gus.

Werner consultou seu computador por uma palavra chave. O caso seria importante e

classificado e a palavra chave do arquivo seria... não, essa não. Pediu-lhe que escolhesse

outra. Sim, PREFEITO, palavra que recordaBA perfeitamente como resultado de ter sido

educado em um colégio jesuíta em

Saint Louis.

Senhor Werner? chamou seu secretário . Tem ao senhor Henriksão por linha três.

Olá, Bill disse Gus, atendendo o telefone.

É precioso o hombrecito, não? perguntou Chávez.

John Conor Chávez estava em seu cunita de plástico, dormindo apacivelmente. O cartão

aderido a um dos extremos estabelecia sua identidade, ajudada em certo modo pelos dois

policiais armados na porta da nursery. Também havia policiais no piso da maternidêem e um

grupo de três SEJA percorrendo permanentemente o hospital (estes últimos bastante difíceis de

identificar devido ao comprimento de sua Cabelo.) Novamente se impunha a mentalidade fecho

o estábulo quando já escapou o cavalo , mas ao Chávez não incomodava que houvessem

dêemtinado gente ao amparo de sua esposa e seu filho.

Quase todos o são demarcou John Clark, recordando ao Patsy e

Maggie bebem... como se tivesse sido ontem. Como a maioria dos homens, John seguia

pensando que suas filhas eram pequenas e era incapaz de esquecer a primeira vez que as tinha

tido em braços. Agora, novamente experimentava essa reconfortante sensação, e sabia

exactamenvocê como se sentia Ding, orgulhoso e um pouco intimidado pelas

responsabilidades da paternidade. Bom, assim eram as coisas. Sai a sua mãe, pensou logo, o

qual significava que saía a sua família... Melhor. Mas imediatamente se perguntou, com um

sorriso irônico, se o hombrecito estaria sonhando em espanhol. E se aprendia espanhol desde

pequeno, bue530

não, o que tinha de mau ser bilíngüe? Nesse momento soou seu beeper.

Grunhiu ao tirá-lo do cinturão. O número do Bill Tawney. Tirou o telefone celular do bolso

da calça e marcou o número indicado. Os sistemas de encriptado demoraram cinco segundos

em sincronizar-se.

O que acontece, Bill?

Boas notícias, John, os do FBI estão rastreando ao Serov.

Faz meia hora falei com o Gus Werner. Sabem que ontem tomou um avião do Heathrow a

Chicago, e logo outro a Nova Iorque. Essa é a direção que figura nos cartões de crédito. Os do

FBI se estão movendo muito rápido.

O seguinte passo foi procurar um registro de condutor. Não o encontraram. Por conseguinte,

não conseguiram a foto atualizada. Os agentes do FBI no Albany ficaram um pouco

desiludidos, mas para nada surpreendidos. O próximo passo seria entrevistar aos empregados

do correio ao dia seguinte.

Então, Dimitri, veio virtualmente correndo observou

Brightling.

Pareceu-me boa idéia replicou Popov . A missão foi um engano.

Os soldados do Rainbow são muito bons. A gente de Sejam actuó corretamente. O plano que

tinham era excelente, mas o inimigo superou-os. A capacidade desse comando é notável,

como já havemos visto.

Bom, o atentado deve havê-los perturbado um pouco demarcou seu empregador.

Talvez admitiu Popov. Nesse momento entrou Henriksen.

Más notícias anunciou.

O que acontece?

Ficaram alguns cabos soltos, Dimitri.

Ah, sim? Como pôde me acontecer algo assim? perguntou o russo, não sem um sotaque de

ironia na voz.

Não sei, mas sabem que há um russo envolto no ataque ao comando Rainbow e o FBI está

trabalhando no caso. Talvez saibam que está aqui, em Nova Iorque.

Não é possível objetou Popov . Bom... sim, têm ao Grady, e tal vez falou... sim, ele sabia que

eu vinha dos Estados Unidos, ou pôde havê-lo adivinhado, e conhece meu nome secreto. Mas

essa identidade foi convenientemente destruída.

Talvez, mas acabo de falar com o Gus Werner. Perguntei-lhe por o episódio do Hereford.

Disse-me que abriram o caso procurando um nome russo, que tinham razões para acreditar

que um russo, provavelmente apoiado nos Estados Unidos, tinha entrado em contato com o

PIRA. Isso significa que conhecem o nome, Dimitri, e também significa que estão

531

checando todas as listas de passageiros. Não subestime ao FBI, companheiro advertiu

Henriksen.

Não o subestimo replicou Popov, agora ligeiramente preocupado, mas só ligeiramente. Não

lhes resultaria tão fácil checar todos os vôos transatlânticos, nem sequer na era dos

computadores. Decidió que seus próximos documentos falsos estariam em nome do Jones,

Smith, Brown ou Johnson, não ao de um desonrado diretor da KGB durante a década do 50.

A eleição do sobrenome Serov tinha sido uma brincadeira de mau gosto de sua parte. Joseph

Andrew Brown, assim se chamaria a partir de agora.

Corremos perigo? perguntou Brightling.

Sim, se chegarem a encontrá-lo aqui replicou Henriksen.

Brightling assentiu e pensou à velocidade do raio:

Alguma vez esteve em Kansas, Dimitri?

Olá, senhor Maclean disse Tom Sullivan.

Ah, olá. Querem falar comigo?

Sim, se não lhe incomoda disse Frank Chatham.

Para nada. Passem disse Maclean. Abriu a porta de par em par, retornou a seu living e decidiu

manter a calma. sentou-se no sofá e baixou o volume do televisor . E bem, o que querem

saber?

Recorda a alguém que possa ter conhecido a Mary Bannister? Maclean franziu o cenho e

negou com a cabeça.

Ninguém que eu conheça. Quero dizer, já sabem, é um bar para solteiros, de levante, e a gente

se encontra e fala e se faz amiga e etcétera. Não sei se me explico O pensou um segundo .

Talvez haja um tipo, mas não sei como se chama... um tipo alto, de minha idade, cabelo cor

areia, fornido, como se trabalhasse os músculos no ginásio... mas não conheço seu nome,

lamento-o. Mary dançou com ele e bebeu uns goles com ele, acredito, mas fora disso...

caramba, o bar é muito escuro e siempre está cheio de gente.

E você a acompanhou a sua casa uma só vez

Temo-me que sim. Falamos e brincamos um pouco, mas nunca tivemos nada que ver. Foi

uma coisa casual. Eu jamais, né, me o insinué. Não sei se me explico. Nunca chegamos tão

longe. Sim, claro, a acompanhé a sua casa, mas nem sequer entrei em edifício, não a beijei,

simplesmente demo-nos a mão para nos despedir Viu que Chatham tomava notaBA de suas

palavras. Haveria-lhes dito o mesmo a vez anterior? Acreditava que sim, mas era difícil estar

seguro com dois policiais federais metidos em seu living. O pior era que quase não recordava

à garota. Tinha-a eleito, tinha-a carregado no caminhão, mas isso foi tudo. Não tinha a menor

ideia de onde estava agora, embora supunha que estava morta. Sabia de o que se tratava essa

parte do projeto, e isso o convertia em seqüestrador e partícipe em um assassinato, duas coisas

que não pensava lhes revelar a esses tipos do FBI. Nova Iorque tinha imposto a pena de

morte, o mesmo que o governo federal. Inconscientemente, umedeceu-se os lábios e

532

limpou-se as mãos nas calças. Logo se parou e foi para a cozinha . Posso lhes oferecer algo de

beber?

Não, obrigado, mas siga com o seu disse Sullivan. Acabava de notar algo que não tinha

advertido na primeira entrevista. Tensão.

Era o de sempre quando alguém falava com um agente do FBI... ou esse tipo tentava lhes

ocultar algo? Maclean se serve um gole e voltou para sofá.

Como descreveria a Mary Bannister? perguntou Sullivan.

Linda, mas não um explosão. Agradável, pessoal... quero dizer, amável, com senso de humor,

capaz de burlar-se de si mesmo. Uma garota de províncias em sua primeira temporada na

grande cidade... quero dizer, é só uma garota, sabem?

Mas não tinha a ninguém próximo?

Não que eu saiba, mas não a conhecia tanto. O que dizem outros?

Bom, a gente do bar diz que você se mostrava muito amistosou com ela...

Bom, talvez, mas não tão amistoso. Quero dizer, não chegamos a nada. Nunca a beijei Se

estava repetindo. Não deixava de beber seu bourbon rebaixado com água . Desejava beijá-la,

mas não o fiz agregó.

Com quem está vinculado no bar? perguntou Chatham.

Epa, isso pertence a minha vida privada, não? objetou Kirk.

Bom, você sabe como são estas coisas. Estamos tratando de conhecer o lugar, de saber como

funciona...

Bom, não sou dos que beijam a uma garota e o apregoam. Não é meu estilo.

Não posso culpá-lo por isso observou Sullivan com um sorriso , mas é um pouco incomum

entre os que concorrem a um bar de solteiros.

Ah, claro, há tipos que marcam suas conquistas na culatra do revólver, mas não é meu estilo.

Então, Mary Bannister desapareceu e você não se deu cuenlha?

Talvez me dava conta, mas não o pensei. É uma comunidade transitoria, sabem? Refiro-me ao

bar. A gente vai e vem, e alguns não voltam jamais. Simplesmente desaparecem. apagam-se.

Alguma vez a chamou?

Maclean franziu o cenho.

Não, não recordo que me tenha dado seu número. Suponho que estava na guia, mas não,

nunca a chamei.

E só essa vez a acompanhou a sua casa?

Correto, só essa vez confirmou Maclean. Bebeu outro gole e desejou ardentemente que esses

dois inquisidores saíssem de sua casa. Acasou... saberiam algo? por que haviam tornado?

Bom, em seu departamento não havia nada que confirmasse que conhecia nenhuma mulher do

Turtle

Inn. Bom, talvez um par de números telefônicos, mas nem sequer uma meia órfã das mulheres

que ocasionalmente levava a sua casa .

Quero dizer, já estiveram aqui e revisaram minhas coisas adicionou.

533

Não foi nada excepcional. Sempre pedimos permissão para fazero. Pura rotina
lhe informou

Sullivan ao suspeito . Bem, temos outra cita dentro de uns minutos. Obrigado
por nos permitir

falar com você. Ainda tem meu cartão?

Sim, na cozinha, pega na geladeira.

OK. Olhe, este caso nos está pondo difícil. Por favor, tente recordar e se
descobrir algo... o

que seja, por favor me chame.

Farei-o Maclean se levantou e os acompanhou à porta. Logo bebeu um comprido
gole de

bourbon com água.

Está nervoso disse Chatham logo que pisaram na rua.

Indubitavelmente. Temos o necessário para começar a investigarlo?

Sim.

Amanhã pela manhã, então disse Sullivan.

Era sua segunda viagem ao Teterboro, New Jersey, mas esta vez em um avião
diferente, com

as palavras HORIZON CORP. pintadas na cauda.

Dimitri tinha aceito as regras do jogo, convencido de que poderia escapar de
qualquer lugar

dos Estados Unidos e seguro de que Henriksen impediria ao Brightling tomar medidas

drásticas. Estava um pouco ansiosou, mas a ansiedade não superava à curiosidade.

acomodou-se em seu assento e esperou que o avião decolasse. Inclusive havia uma aeromoça,

bastante bonita, que lhe serve um copo de vodca a Finlândia. Popov empezó a beber quando o

Gulfstream V começou a carretear. Kansas, pensou, o estado dos trigales e os tornados, a

menos de três horas de distamCIA.

Senhor Henriksen?

Sim, quem fala?

Kirk Maclean.

Passa algo mau? perguntou Henriksen, alertado pelo tom de sua voz.

534

CAPÍTULO 31

MOVIMENTO

A escuridão ocultava a paisagem. Popov desceu do avião e encontrou um automóvel grande,

tipo militar, esperando-o. Logo advertiu as franjas pintadas no pavimento e se perguntou se

teria aterrissado na pista de um aeroporto ou em meio de uma estrada. Mas não, ao longe se

via um edifício enorme, parcialmente iluminado. Mais curioso que nunca,

Popov subiu ao veículo e se dirigiu para ele. Seus olhos foram acostumándose à escuridão.

A terra que o rodeava parecia muito plaina, com algumas pendentes leves. Viu que um

caminhão tanque se havia aproximado do avião, que provavelmente, uma vez reabastecido de

combustível, retornaria New Jersey. Bom, esse avião era um luxo, e indudavelmente

Brightling e sua gente quereriam o ter a emano para poder usá-lo. Popov não sabia que

Horizon Corporation era proprietária de muitos aviões como esse (acabavam de comprar

outros três na fábrica de

Savannah, Georgia). Entrou em edifício, ainda esgotado pelo vôo. Um guarda de segurança

uniformizado o acompanhou ao elevador e logo a seu habitação no quarto piso (semelhante a

um quarto de hotel de três estrelas, com cozinha e geladeira). Havia televisor e VCR e todos

os videos empilhados na videoteca eram... a respeito da natureza. Leões, ursos, focas,

salmões. Nenhuma sozinho filme. As revistas da mesa de luz tinham a mesma temática. Que

estranho. Mas também havia um bar muito bem provido, vodca Absolut incluído (quase tão

bom como seu predileto russo). Serve-se uma taça, acendeu o televisor e sintonizou a

CNN.

Henriksen estava sendo excessivamente cauteloso, pensou Dimitri.

O que podiam saber os do FBI? Um nome? E a partir do nome poderiam investigar... o que?

Cartões de crédito, se tinham muita sorte, e a partir de ali as datas de suas viagens... dados

sem valor de evidência para qualquer tribunal. Não, a menos que Sejam Grady o identificasse

positivamente como fornecedor de informação e recursos estava totalmente a salvo. Popov

estava convencido de que Grady não cooperaria com os britânicos. Odiava-os muito para

cooperar com eles. Tudo era questão de voltar arrastando-se a sua guarida e tampar a entrada

com uma pedra. O dinheiro que tinha transferido à segunda conta podia ser descoberto, mas

havia maneiras de resolver a situação...

Com o correr dos anos tinha aprendido que os advogados eram tão

535

úteis como uma instituição. Operar através deles era melhor que comtar com todas as

vantagens da KGB juntas.

Não, se corria algum perigo era através de seu empregador, que tal vez não conhecesse as

regras do jogo... mas se ele não as conhecia, Henriksen sim. Dimitri se relaxou e bebeu um

sorvo de vodca. Amanhã exploraria o lugar e, segundo como o tratassem, saberia...

... não, havia uma maneira ainda mais fácil de averiguá-lo. Levantou o telefone, marcou o 9

para conseguir linha externa e chamou a seu departamento em Nova Iorque. O telefone soou

quatro vezes antes de que atendesse a secretária eletrônica. Bom, tinha acesso telefônico ao

exterior. Isso significava que estava a salvo. Não obstante, seguia sem compreender o que

estava passando ali. Em certo sentido estava na mesma situação que quando tinha conhecido

ao Brightling em Paris. Agora estava em Kansas, EUA, bebendo vodca e olhando televisão, e

tinha mais de seis milhões de dólares americanos em duas contas numeradas na Suíça. Tinha

chegado a uma meta. Logo definiria a próxima. De que diabos se tratava essa aventura?

Acaso o descobriria estando ali? Oxalá.

Os aviões estavam lotados de passageiros, todos com destino ao aeroporto internacional

Kingsford Smith nos subúrbios do Sydney.

Muitos deles aterrissavam na pista que entrava como um dedo em

Baía Botany, famosa como lugar de desembarque de criminais e diverseja escórias inglesas

enviadas a fundar um novo país ao meio mundo de distância, coisa que, para

assombro de

quem os enviou, fizeram bastante bem. Muitos dos passageiros eram jovens atletas, glória e

orgulho dos países que os tinham enviado, cuja vestimenta uniformada delatava suas

respectivas nacionalidades. A maioria eram turisvocês que tinham adquirido suas passagens e

estadias em custosas agências de viagem ou os tinham recebido de mãos dos políticos em seus

países de origem. Muitos levavam bandeiras em miniatura. Os poucos passageiros comuns

tinham escutado toda classe de predições entusiastas sobre os Jogos Olímpicos que

começariam dentro de uns dias.

Ao chegar a Austrália, os atletas eram tratados como membros de a realeza e transladados em

ônibus pela Auto-estrada 64 à cidade, e de ali à Vila Olímpica (construída especialmente pelo

governo australiano para alojá-los). Da Vila se via o magnífico estádio.

Os atletas o contemplavam e se perguntavam se acaso alcançariam ali a glória.

E bem, coronel, o que opina?

É uma loucura de estádio, é um fato replicou o coronel retiradou Wilson Gearing . Mas

certamente o verão é um inferno aqui.

Tudo por culpa do El Niño. As correntes oceânicas do Sudamérica voltaram a trocar, e isso

produz temperaturas inusualmente ao536

você nesta parte do planeta. Suponho que teremos uma temperatura médio de trinta e cinco

graus durante todas as Olimpíadas.

Bom, espero que o sistema de refrigeração por névoa funcione, porque do contrário terão

numerosos casos de repente de calor.

Funciona lhe assegurou o policial australiano . Já o provamos.

Posso lhe jogar uma olhada agora mesmo? Bill Henriksen me pediu que verificasse se pode

ser utilizado como veículo de agentes químicos.

Claro. Venha por aqui Chegaram em cinco minutos. O tanque de água estava em um

compartimento fechado e exclusivo. O policial tinha a chave.

Ah, é aqui onde cloran a água? perguntou Gearing, um tanto surpreso. A água provinha do

sistema de provisão do Sydney, verdade?

Sim, não queremos transmitir nenhuma classe de germes a nuestros convidados.

Claro que não disse o coronel Gearing, olhando o contêiner plástico de cloro que pendia sobre

o canal de distribuição. A água era filtrada antes de ingressar nos rociadores de névoa

instalados em todos os campos e rampas do estádio. Teriam que orvalhar o sistema com água

não clorada antes de distribuir o vírus, mas seria fácil fazê-lo (e o contêiner falso

que tinha na

habitação do hotel era idêntico ao verdadeiro). Inclusive os conteúdos eram similares em

aspecto (embora as cápsulas disolvidas no falso continham um pouco chamado Shiva).

Gearing pensou em sua missão com olhar vácuo. Tinha sido perito em armas químicas

durante toda sua vida profissional e trabalhado no Edgewood

Arsenal em Maryland e Dugway Proving Ground em Utah... mas bom, isto não era realmente

uma questão de armas químicas. Era guerra biológica, uma ciência irmã da que tinha estudado

durante mais de vinte anos de profissão uniformizada . A porta está protegida? perguntou.

Não, mas tem alarme, e o sistema não é tão fácil de penetrar.

O alarme soa no centro de comando e além disso temos uma voluminosa força represora.

Quão volumosa?

Vinte membros do SEJA e vinte oficiais de polícia de guarda permanente, mais dez SEJA

circulando em casais pelo estádio. Os do centro de comando têm armas automáticas. Os que

patrulham, fritadaas e rádios. Também temos uma força suplementar a um quilómetro daqui,

com veículos couraçados leves e armas pesadas, força pelotão. Além disso, contamos com um

batalhão de infantaria a vinte quilômetros de distância, com helicópteros e todo tipo de armas.

Parece-me bem disse o coronel Gearing . Poderia me dar o código de alarme desta

dependência?

O australiano não o duvidou um segundo. Gearing era um ex-oficial do exército e atual

consultor de segurança dos Jogos Olímpicos.

Uno-uno-tres-tres-seis-seis.

537

Gearing anotou o código e ingressou os números no tabuleiro, que armou e desarmou o

sistema. Poderia trocar o contêiner de cloro com soma rapidez. O sistema tinha um excelente

desenho. Funcionaria bem, tal como o modelo que tinham instalado em Kansas para praticar.

Hábían chegado a efetuar a mudança em menos de quatorze segundos. Se ogravam fazê-lo em

menos de vinte ninguém se daria conta de nada, porque a pressão residual manteria o

funcionamento do sistema.

Viu pela primeira vez o lugar onde levaria a cabo sua missão e sentiu um ligeiro calafrio.

Uma coisa era planejá-lo. Ver onde aconteceria era outra muito distinta. Esse seria o lugar.

Ali iniciaria uma praga global que arrasaria incontáveis vidas humanas e a que

só

sobreviveriam escolhido-los. Salvaria ao planeta... a um custo horripilante, sem dúvida, mas

se tinha consagrado a essa missão muitos anos atrás. Tinha visto o dano que era capaz de

fazer o homem. Era um jovem tenente em

Dugway Proving Grounds quando aconteceu o tão publicitado acidente com o GRÃ-

BRETANHA, um agente nervoso persistente que havia devastado a centenas de ovelhas...

e a morte por neurotoxinas não era agradável, nem sequer para uma ovelha. Os noticiários

nem sequer se incomodaram em mencionar à fauna selvagem que tinha sofrido a mesma,

horrível morte, dos insetos aos antílopes. Gearing se sentiu perturbado porque sua própria

organização, o exército dos EUA, tinha sido capaz de cometer um engano tão grave e

prejudicial para outra espécie. Depois, viu coisas muito piores. Por exemplo, os agentes

binários nos que tinha trabalhado durante anos, em um esforço destinado a manufacturar

venenos seguros para ser utilizados em combate... o mais terrível era que tudo tinha começado

com uma investigação sobre inseticidas na Alemanha nas décadas do 20 e o 30. A maioria dos

químicos utilizados para matar insetos eram agentes nervosos simples que atacavam e

destruíam o sistema nervoso rudimentar de escaravelhos e formigas, mas esses cientí­ficos

alemães tinham tropeçado com alguns dos compostos químicos mais letais conhecidos pela

humanidade.

Gearing tinha passado a maior parte de sua carreira com a comunidade de inteligência,

avaliando informação sobre possíveis fábricas de armas químicas em países pouco confiáveis.

Mas o problema das armas químicas sempre tinha sido a distribuição: como as propagar no

campo de batalha para prejudicar os soldados inimigos. O fato de que esses mesmos

químicos matassem civis inocentes era o sujo segredo que as organizações e os governos

que as regiam sempre tinham pretendido ignorar. Tampouco tinham considerado o extermínio

maciço da vida selvagem... nem, pior ainda, o dano genético produzido por esses agentes

(porque as doses marginais de gás nervoso invadiam o DNA da vítima provocando

mutações que duravam gerações). Gearing tinha passado a vida sabendo dessas coisas e

supunha que isso o faria insensível à eliminação de vidas humanas em grande quantidade.

Isto não era exatamente o mesmo. Não propagaria venenos químicos a não ser minúsculas

partículas virósicas. E a gente que passasse junto a

538

os rociadores de névoa as respiraria e sua química corporal dissolveria as cápsulas,

permitindo que as cepas da Shiva começassem a travajar... lentamente, é obvio... e voltariam

para suas casas e propagariam o Shiva, e entre quatro e seis semanas depois das Olimpíadas

de

Sydney a praga se desataria no mundo inteiro e haveria pânico global.

Então a Horizon Corporation anunciaria sua vacina A experimental, provada exitosamente em

animais e personagens e lista para seu fabricação maciça. A vacina se fabricaria e distribuiria

a nível mundial e, entre quatro e seis semanas depois de sua inoculação, vacinado-los também

manifestariam os sintomas do Shiva. Com um pouco de sorte, a população mundial diminuiria

estrepitosamente. Haveria toda classe de desórdenes que eliminariam a muitos dos

favorecidos por foimas imunológicos altamente eficazes, e logo depois de seis meses só

quedariam uns poucos humanos, bem organizados e bem equipados, a salvo em Kansas e

Brasil, herdeiros de um mundo que retornaria a seu estado natural. Não seria como Dugway,

um acidente sem propósito. Seria um ato pensado por um homem que tinha sido testemunha

de assassinatos masivocê durante toda sua vida profissional, e que só tinha ajudado a matar

animais inocentes... deu-se volta e olhou a seus anfitriões.

O que diz o prognóstico meteorológico?

Seco e caloroso, velho. Espero que os atletas estejam em forma.

Será duro para eles.

Bom, o sistema de aspersão de névoa oficiará como salvavidá observou Gearing . Sempre e

quando ninguém faça uma loucura. Com sua permissão, destinarei parte de meu pessoal a

vigiá-lo.

Bom disse o policial. O americano estava obcecado com o sistema... mas bom, tinha

trabalhado com armas químicas, tal isso vez explicasse sua obsessão.

Popov não tinha fechado as cortinas a noite anterior e o alvorecida o despertou um tanto

abruptamente. Abriu os olhos... e teve que fechá-los imediatamente enquanto o sol subia

sobre as planícies de Kansas.

Encontrou Tylenol e aspirinas no estojo de primeiro socorros do banho e café em amadureço

em a cozinha, mas nada digno de nota na geladeira. tomou banho, tomou um café e saiu a

procurar comida. Encontrou uma cafeteria imensa quase vazia. Viu algumas pessoas perto das

mesas de comida. aproximou-se de uma, serve-se um succulento café da manhã e se sentou

sozinho. Outros tinham entre trinta e quarenta e poucos anos, aspecto profissional, alguns

com guarda-pós brancos.

Sr. Popov?

Sim?

Sou David Dawson, chefe de segurança. Devo lhe entregar esta identificação lhe cravou um

escudo de plástico branco na camisa e lhe mostrar as instalações. Bem-vindo a Kansas.

Obrigado Popov se acomodou o escudo. Inclusive tinha sua foto.

539

Terá que levá-lo posto todo o tempo para que a gente saiba que é um dos nossos explicou

Dawson.

Sim, compreendo De modo que o acesso estava controlado e hábia um chefe de segurança in

situ. Muito interessante.

Que tal o vôo de ontem à noite?

Agradável e sem complicações replicou Popov, bebendo seu segundo café da

manhã . O que é

este lugar?

Bom, Horizon o considera uma dependência para investigaciones. Você sabe quais são as

atividades da companhia, verdade?

Sim assentiu Popov . Líder mundial em medicamentos e investigaciones biológicas.

Bom, esta é outra dependência destinada a investigação e desenvolvimento. Foi construída

recentemente. Logo está começando a chegar a gente. Logo será a sede principal da

companhia.

por que aqui, no meio de um nada? perguntou Popov, observando a cafeteria quase vazia.

Bom, para começar, está no centro do país. A gente pode llegar a qualquer ponto de nossa

nação em menos de três horas. E não há gente perto que possa nos incomodar. Também é um

lugar seguro.

O trabalho do Horizon precisa estar protegido, sabe.

_Espionagem industrial?

Dawson assentiu.

Precisamente. Isso nos preocupa muitíssimo.

Poderia percorrer um pouco?

Eu o acompanharei. O senhor Henriksen me pediu que lhe desse a bem-vinda a esta nova

dependência. Adiante, termine seu café da manhã.

Tenho um par de coisas que fazer. Voltarei dentro de quinze minutos.

Bom, obrigado disse Popov. Dawson saiu da cafeteria. O lugar tinha uma qualidade estranha,

institucional, quase como uma dependencia governamental... como uma dependência

governamental russa, precisou Popov. Não parecia ter alma, caráter ou dimensão humana que

ele pudesse identificar. Inclusive a KGB tivesse pendurado uma foto de

Lenin das altas paredes brancas para lhe outorgar escala humana. Hábía uma parede de vidro

polarizado que permitia ver os trigales e um caminho, mas nada mais. Era como estar em um

navio em alta mar, diferenda a tudo o que tinha experiente até o momento. Terminou seu café

da manhã e avivou seus instintos. Estava decidido ou seja mais, e o mais rápido possível.

Domingo, necessito que te faça cargo disto disse John.

É muito longe, John, e acabo de ser papai objetou Chávez.

Sinto muito, moço, mas Covington está fora de carreira. Igual que Chin. vou enviar te com

quatro homens mais. É um trabalho fácil,

Ding. Os australianos conhecem seu trabalho mas nos pediram que fuéramos a jogar uma

olhada... apoiando-se na perícia com que dirigiu vocês missões de resgate, OK?

540

Quando saímos?

Esta noite, vôo 747, Heathrow Clark lhe entregou a passagem.

Grandioso grunhiu Chávez.

Né, pelo menos estive presente durante o parto, papai.

Suponho. E se passar algo enquanto estamos longe? tentou Chávez.

Podemos armar um comando, mas realmente crie que alguém querará meter-se conosco?

depois do que fizemos aos do

IRA? Não acredito concluiu Clark.

E o russo, Serov?

O FBI o está procurando em Nova Iorque. Atribuíram vários agenvocês ao caso.

Um deles era Tom Sullivan. Desde fazia uns dias montava guarda no correio. A casinha 1453

pertencia ao misterioso senhor Serov.

Tinha várias cartas e uma conta de Visto, mas fazia nove dias que ninguém a abria a julgar

pelas datas dos envelopes. Por outra parte, ninguno dos empregados recordava o aspecto do

proprietário da casinha

1453, embora a gente acreditava que não passava muito freqüentemente por ali. Havia dado

uma direção para adquirir a caixa, direção que resultou pertencer a uma padaria italiana

localizada a poucas quadras dali. O telefone também era falso, provavelmente inventado para

a ocasião.

Este tipo é um agente secreto pensou Sullivan em voz alta, perguntándose por que o serviço

da Contrainteligencia Exterior não havia tomado o caso.

comporta-se como tal demarcou Chatham. A função de ambos terminou exatamente ali. Não

tinham evidência criminal contra o sujeito e tampouco suficientes homens para vigiar a

casinha as vinte e quatro horas do dia.

A segurança era boa, pensava Popov enquanto percorria o complexo em outro dos veículos

tipo militar que Dawson chamava Hummer.

O primeiro em segurança era ter profundidade defensiva. Tinham. Hábía pelo menos dez

quilômetros até a primeira perto que delimitava outra propriedade.

Aqui havia muitas granjas grandes, mas Horizon as comprou todas faz uns anos e começou a

construir o laboratório de investigación. Levou seu tempo, mas já está terminado.

Ainda seguem cultivando trigo?

Sim, o complexo propriamente dito só ocupa parte do terreno e decidimos conservar o resto

tal como era. Diabos, colhemos trigo suficiente para alimentar a todo o pessoal do laboratório,

e temos nossos próprios elevadores naquela zona Assinalou ao norte.

Popov viu as maciças estruturas de concreto a certa distância.

Era assombroso quão grande era os Estados Unidos, pensou, e essa zona parecia tão plana,

bastante parecida com os estepes russos. O terreno pre541

sentava algumas colinas e pendentes que só serviam para fazer notar a ausência de uma

verdadeira colina. O Hummer enfiou para o norte e eventualmente cruzou uma via de ferrovia

que evidentemente levava aos silos... Dawson os tinha chamado elevadores? Elevadores? Por

o que essa palavra? Mais ao norte se divisava uma auto-estrada.

Esse é o limite norte explicou Dawson quando entraram em território não cultivado.

O que é isso?

Ah. Nossa pequena manada de antílopes mochos Girou o volante para aproximar-se um

pouco mais a eles. O Hummer ricocheteava sobre os pastos altos.

Lindos animais.

Lindos, e muito velozes. Chamamo-los cabras velozes. Em realidêem não são verdadeiros

antílopes, geneticamente estão mais perto dos cabritos. Os bebês podem correr quarenta

milhas por hora, durante mais de uma hora. Também possuem uma vista soberba.

Suponho que serão muito difíceis de caçar. Você caça?

São-o. E não, não caço. Sou vegetariano.

O que?

Vegetariano. Não como carne nem outros produtos animais disse orgulhosamente Dawson.

Inclusive levava cinturão de tecido, não de couro.

por que, David? perguntou Popov. Era a primeira vez que se cruzava com um.

OH, por eleição. Não aprovo que se matem animais para comer nem por nenhuma outra razão

o olhou fixo . Não todos estão de acordo comigo, nem sequer aqui no projeto, mas não sou o

único que pensa deste modo. Terá que respeitar à natureza, não explorá-la.

Então, jamais comprará a sua esposa um abafado de visom disse Popov com um sorriso.

Tinha ouvido falar desses fanáticos.

Impossível! Dawson soltou uma gargalhada.

Jamais cacei disse Popov, perguntando-se que resposta receberia . Nunca lhe vi sentido e na

Rússia exterminaram a maioestuário das espécies.

Compreendo. É muito triste, mas algum dia voltarão anunciou

Dawson.

Como, se todos os caçadores estatais se consagrarem a mataros? Nem sequer a

queda do

comunismo tinha acabado com essa instituição.

A cara de Dawson adquiriu uma expressão estranha, vista muitas vezes pelo Popov na KGB.

Esse homem sabia algo que não estava disposto a revelar, algo importante.

Ah, sempre há maneiras, amigo. Há maneiras.

O percurso durou uma hora e meia, e Popov ficou notavelmente impressionado pelas

dimensões do complexo. A rota de entrada ao setor dos edifícios era um aeroporto, com

instrumentos eletrônicos para guiar aos aviões e semáforos para impedir o trânsito terrestre

542

quando se aproximava um avião. Não obstante, interrogou a Dawson à cabeça de gadopecto.

Sim, é bastante óbvio, não? Um G pode entrar e sair daqui sem maiores dificuldades.

Também dizem que poderíamos utilizar aviões comerciais, de tamanho médio, mas até o

momento não hão o heicho.

O Dr. Brightling gastou muitíssimo dinheiro na construção de este complexo.

Sim demarcou Dawson . Mas vale a pena, me crie Freou frente ao laboratório . Venha

comigo.

Popov o seguiu sem perguntar por que. Jamais tinha apreciado o poder de uma

corporação

americana de grande envergadura. Essa poderia e teria que ter sido uma dependência

governamental, com todo esse terreno e esse enorme complexo edilício. O edifício-hotel onde

tinha passado a noite provavelmente alojava milhares de pessoas... e por que teriam

construído ali um edifício como esse? Acaso Brightling pensava mudar a toda sua corporação,

com todos seus empregados? Longe das grandes cidades, dos aeroportos, de tudo o que

oferecia a civilização. por que ali? Por razões de segurança, talvez. Também estava longe das

agências policiais e dos meios de comunicação e seus malditos jornalistas. Quanto a

segurança, era como estar na

Lua.

Em opinião do Popov, o edifício do laboratório também era mais grande do necessário, mas a

diferença dos outros parecia estar funcionando. Ao entrar se toparam com um escritório e um

recepcionista que conhecia o David Dawson. Subiram tranquilamente ao quarto piso e foiram

diretamente a um escritório.

Olá, doc disse Dawson . Apresento ao Dimitri. O Dr. Brightling nos mandou isso ontem à

noite. vai passar um tempo conosco adicionou.

Recebi o fax O médico se levantou e lhe tendeu a mão a

Popov . Sou John Killgore. me acompanhe, por favor Entraram por uma porta lateral ao

consultório. Dawson ficou esperando fora.

Killgore pediu ao Popov que se despisse (cueca incluídas) e procedeu a lhe fazer uma

revisación médica completa. Tomou a pressão, revisou-lhe os olhos e os ouvidos, verificou

seus reflexos, apalpou-lhe o abdômen para assegurar-se de que o fígado não me sobressaísse,

e finalmente o extrajo quatro amostras de sangue para analisar. Popov se submeteu ao examen

sem expor objeções, um pouco sobressaltado e outro pouco intimidado pelo médico (como

estava acostumado a lhe passar à maioria da gente). Finalmente,

Killgore tirou uma ampola e uma seringa descartable do estojo de primeiro socorros.

O que é isso? perguntou Dimitri.

Um reforço explicou Killgore, apoiando a ampola vazia sobre a mesa.

Popov a recolheu e leu a etiqueta: B-2100 11-21-00 . Nada mais.

Entrecerró os olhos quando a agulha se cravou em seu braço esquerdo. NunCA lhe tinha

gostado de receber injeções.

Bom, já está disse Killgore . Amanhã lhe comentarei o resul543

tado das análise Uma vez feita isto, indicou-lhe o gancho de onde penduravam suas roupas.

Era uma pena que o paciente não soubesse que o tinha salvado a vida, pensou o médico.

Bem poderia não existir lhe disse o agente Sullivan a seu chefe .

Talvez alguém sola ir retirar sua correspondência, mas não nos últimos nove ou dez dias.

O que podemos fazer a respeito?

Se lhe parecer, podemos pôr uma câmara e um sensor de movimientos no interior da caixa,

como fazem os moços do FCI.

Podemos fazê-lo, mas requer dinheiro e homens disponíveis, já que necessitaríamos um par

de agentes na zona se por acaso se dispara a beiralMA. O caso o merece?

Sim, merece-o lhe disse o ASAC da divisão de campo de Nova

York a seu subordinado . Gus Werner abriu o caso e verifica pessoalmente os movimentos do

arquivo. Assim fale com os tipos do FCI e lhes peça que o ajudem a cobrir a casinha postal.

Sullivan assentiu, tentando ocultar sua surpresa.

OK, assim o faremos.

Bom, o que acontece o caso Bannister?

No momento estamos em ponto morto. O mais próximo a uma pista que temos é a segunda

entrevista com o Kirk Maclean. Éteve bastante ansioso. Talvez fossem os nervos, talvez outra

coisa... não temos nada sobre ele e a vítima desaparecida, exceto compartieron umas taças e

conversaram um momento nesse bar. Investigamos seus antecedentes. Nada notável. Vontade

um bom salário no Horizon

Corporation, é bioquímico de profissão, recebido na Universidade de

Delaware, tem um master e quer obter o doutorado em Columbia.

Pertence a vários grupos conservacionistas, entre eles Earth First e o Serra Clube, recebe os

periódicos de ambas as organizações. Seu hobby principal é sair de excursão com sua mochila

nas costas. Tem vinte e dois mil dólares no banco e pagamento as contas em término. Seus

vizinhos davacen que é tranquilo e reservado, não tem muitos amigos no edifício.

Não lhe conhecem noivas. Diz ter conhecido pouco a Mary Bannister e havê-la acompanhado

a sua casa uma só vez. Nada sexual entre ambos.

E isso é tudo, segundo ele.

Algo mais?

Quão volantes repartiu o NYPD ainda não deram nenhum resultado. Chegado a este ponto,

não posso dizer que tenha esperanças.

O que faremos então?

Sullivan se encolheu de ombros.

dentro de poucos dias voltaremos a entrevistar ao Maclean. Como pinjente, parecia um pouco

perturbado, mas não o suficiente para justificar um seguimento.

544

Falei com o tenente D Allessandro. Ele pensa que pode haver uma assassina série solta nesse

setor da cidade.

Talvez. Há outra garota desaparecida, Anne Pretloe, mas Tampouco se sabe nada dela. Não

temos pistas. Seguiremos procurando prometeu Sullivan . Se houver um desses tipos lá fora,

tarde ou cedo cometerá um engano mas até que o fizesse, mais mulheres jovens seguiriam

desaparecendo por esse buraco negro, e as forças combinadas do NYPD e o FBI poderiam

fazer muito pouco para impedi-lo . Nunca trabalhei em um caso como este.

Eu sim disse o ASAC . O assassino do Green River, em Seattle.

Pusemos uma tonelada de recursos para apanhá-lo, mas não o conseguimos. Misteriosamente,

cessaram os assassinatos. Talvez o capturaram roubando um supermercado e está sentado na

prisão estatal da Washington esperando sair sob palavra para seguir exterminando prostitutas.

Temos seu perfil psicológico e sabemos como funciona seu cérebro, mas isso é tudo. Não

obstante, os perfis e os cérebros não sempre encaixam. Estes casos são verdadeiramente

impossíveis.

Kirk Maclean estava almoçando em um dos centenares de delicatessens de Nova Iorque. O

menu: salada de repolho e refresco de nata.

E bem? perguntou Henriksen.

E bem. Voltaram a me interrogar, repetiram várias vezes as mesmas jodidas pergunta, como

se esperassem que modificasse meu relato.

Fez-o?

Não. Só tenho uma versão para contar, a que preparei antecipadamente. Como sabia que me

acossariam deste modo?

Fui agente do FBI. Trabalhei em vários casos e sei como opera a instituição. É muito fácil

subestimá-los, mas logo aparecem... não, luego você aparece na olhe, e eles começam a

observá-lo, e não deixam de observar até que por fim encontram algo disse Henriksen, como

lhe dando um último conselho a seu discípulo.

E onde estão agora? perguntou Maclean . Refiro às garotas.

Não tem necessidade se soubesse, Kirk. Não o esqueça. Não tem necesedem de

saber.

OK Maclean assentiu, submisso . E agora o que?

Virão a vê-lo novamente. Provavelmente o haverão investigado Y...

O que significa isso?

Terão falado com seus vizinhos, seus colegas de trabalho, checado seus créditos, seu

automóvel, suas viagens ao exterior, verificado se tieNE condena criminais, enfim, algo que

indique que você é um menino mau explicou Henriksen.

Não terão encontrado nada disse Kirk.

Sei Henriksen já o tinha verificado. Não tinha sentido ter

545

a um indivíduo com antecedentes criminais violando a lei em nome do projeto. O único

antecedente negativo do Maclean era seu pertenencia ao Earth First, uma organização que o

FBI considerava quase lherrorista (bom, extremista). Mas o único vínculo de seu empregado

com esses loucos era a leitura de seu periódico mensal. Tinham idéias boas e no projeto

tinham considerado a possibilidade de lhes inocular a vacina B a alguns deles, mas tinham

muitos membros cujas idéias de amparo do planeta se limitavam a colocar pregos nas árvores

para que se rompessem as serras com que foram destruí-los. Essa classe de

coisas prejudicava

aos operários das serrarias e despertava a ira do público ignorante sem deixar nenhum ensino

útil. Esse era o problema dos terroristas, Henriksen sabia desde fazia anos. Seus atos jamais

igualavam a suas aspirações. Bom, não eram o bastante inteligente para desenvolver os

recursos que necessitavam para ser eficazes. A gente devia viver dentro da eco-estrutura

econômica para ogra-lo, e eles simplesmente não podiam competir nesse campo de batalla. A

ideologia não alcançava. Também terei que ter cérebro e saber adaptar-se. A gente devia ser

digno de ser um eleito. Kirk Maclean não era digno, mas formava parte da equipe. E agora o

FBI o tinha na olhe. Quão único devia fazer era atener-se a sua versão dos fatos.

Mas estava comovido, e isso significava que não era confiável. Pelo tanto, teriam que fazer

algo a respeito.

Empacote suas coisas. Esta mesma noite o trasladaremos ao próyector Que demônios, de

todos os modos começaria logo. Muito em breve, para falar a verdade.

Bom respondeu Maclean, terminando sua salada de repollo. Viu que Henriksen tinha pedido

pastrami. Não era vegetariano. Buenão, talvez algum dia.

Obras de arte. Por fim via algo nas paredes até então nuas. Então, pensou Popov,

o complexo

não carecia por completo de alma. Pinturas da natureza: montanhas, bosques e animais.

Aogunas muito boas, mas a maioria vulgares, a classe de coisa que um está acostumado a

encontrar nos motéis baratos. Que estranho, pensou o russo, que com todo o dinheiro que

gastaram na construção desse monstruoso complejo no meio de um nada tivessem escolhido

pinturas de segunda.

Bom, tudo era questão de gosto, e Brightling era um tecnocrata (indudablemente desconhecedor dos aspectos mais elevados da vida).

Em outra época tivesse sido um druida, pensou Dimitri, um homem barbadou vestido com

uma larga túnica branca capaz de venerar árvores e animais e sacrificar vírgenes nos altares

de pedra de sua religião pagana. Havia melhores costumes que fazer com as vírgenes. O velho e

o novo mesclavam-se de maneira tão bizarra nesse homem... e em sua gente. O diretor de

segurança era um vegetariano que jamais comia carne?

Puro lixo! A Horizon Corporation era líder mundial em diversas áreas tecnológicas mas

estava lotada de loucos que sustentavam acreditam⁵⁴⁶

recua primitivas e estranhas. Atribuiu-o à típica afetação estadunidêem-se. Em um país tão

grande o genial coexistia com o insano. Brightling era um gênio, mas tinha contratado ao

Popov para instigar atentados terroristas...

... e logo o tinha levado ali. Não podia deixar de pensar nisso enquanto mastigava seu jantar.

por que ali? O que tinha de especial esse lugar insosso?

Agora entendia por que Brightling se encolheu de ombros ante a soma requerida pelos

terroristas. Horizon Corporation havia gasto mais pavimentando uma das rotas de acesso que

todo o dinheiro que Popov tinha depositado em sua conta. Mas esse lugar era importante.

Alguém o notava em todos os detalhes, das portas giratórias que mantinham o ar dentro...

todas as portas pareciam herméticas, como de espaçonave. Não tinham economizado um só

dólar para obter o complexo perfeito. Mas perfeito para que?

Popov sacudiu a cabeça e bebeu um sorvo de chá. A comida era de excelente qualidade. Tudo

era de excelente qualidade, exceto as pinturas absurdamente pedestres. Por conseguinte, não

tinham cometido um sozinho engano. Brightling não era um tipo condescendente, não?

portanto, tudo ali era deliberado e encaixava em um molde... a partir do qual poderia

compreender o propósito do edifício e ao homem que o havia construído.

Recordou o

percurso pelas instalações... e a revisión médica?

Que diabos estava passando? O médico lhe tinha dado uma injeção.

É um reforço havia dito. Mas para que? Contra o que?

Em torno do altar tecnológico havia vulgares terras de cultivo e, mais à frente, animais

selvagens (que seu anfitrião desse dia aparentemente venerava).

Druidas, pensou. Quando era oficial de campo na Inglaterra se hábia tomado o trabalho de ler

livros e aprender certas coisas sobre a cultura dos ingleses. Tinha jogado turista e inclusive

viajado a

Stonehenge e outros lugares similares com a esperança de compreender melhor a esse povo.

Mas tinha descoberto que a história era história, e, embora muito interessante, não por isso

mais lógica ali que na União

Soviética... onde a história tinha sido essencialmente um compêndio de mentiras destinado a

sustentar o modelo ideológico do marxismoleninismo.

Os druidas tinham sido pagãos cuja cultura se apoiava nos deuses que supostamente moravam

em árvores e rochas, e aos quais ofereciam sacrifícios humanos. Indubitavelmente se tratava

de uma medida tomada pelo sacerdócio druida para manter sob controle aos

camponeses... e

também à nobreza (tal como tendiam a fazê-lo todas as religiões). Em troca de oferecer certa

esperança e certeza respeito dos grandes mistérios da vida o que passava depois da morte, por

que chovia quando chovia, qual era a origem do mundo adquiriam um imenso poder terrestre:

o poder de lhes dizer a outros como debían viver. Provavelmente tinha sido a melhor maneira

de obter poder para os homens de talento mas sem estirpe. Mas sempre tinha sido, e

547

seria, uma questão de poder. De poder terrestre. E, como os membros da Partida Comunista

da União Soviética, os sacerdotes druidas provavelmente teriam acreditado no que diziam e

impunham porque...

porque tinham que acreditá-lo. Essa era a fonte de seu poder, e deviam acreditar nela.

Mas estes tipos não eram primitivos, verdade? Em sua maioria eram cientistas, alguns deles

líderes mundiais em suas especialidades.

Horizon Corporation era um conjunto de gênios, não? Como, se não, hubiera acumulado

Brightling uma fortuna semelhante?

Popov franziu o cenho. Empilhou os pratos na bandeja e foi a depositá-los na

mesa de coleta.

Esse lugar se parecia com a cafeteria de a KGB no número 2 de Plaza Dzerzhinsky. Boa

comida e anoniMato. Voltou para seu quarto, ainda sem saber que demônios tinha passado em

sua vida durante os últimos meses. Druidas? Como era possível que um cientista se

assemelhasse a um druida? Vegetarianos? Como era posible que uma pessoa com sentido

comum se negasse a comer carne? O que tinham de especial os antílopes cinza parduzco que

viviam nos limites da propriedade? E esse homem, o diretor de segurança, supuestamendevia-

te estar muito qualificado para o posto. Um maldito vegetariano em uma terra que produzia

toneladas de carne, em quantidades que o resto do mundo nem sequer se atrevia a sonhar.

Que diabos lhe tinham injetado? Um reforço? Contra o que? Por que carajo o tinham

revisado? quanto mais aprofundava, quanta mais informação tinha, mais complicado se

voltava o quebra-cabeças.

Popov teve que admitir, uma vez mais, que não tinha a menor ideia.

Se tivesse reportado sua aventura a seus superiores da KGB, eles teriam pensado que estava

um pouco louco mas lhe tivessem ordenado prosseguir o caso até chegar a

alguma conclusão

razoável. E, como se tinha treinado na KGB, não podia abandonar o caso tal como não podia

deixar de respirar.

Pelo menos os assentos de primeira classe eram cômodos, pensou

Chávez. O voo seria largo (um dos mais largos possíveis, dado que o destino final estava a

10.500 milhas de distância e a circunferência do planeta media apenas 24.000 milhas). O voo

9 da British Airways separaria às 22:15 hs., demoraria onze horas quarenta e cinco minutos

em chegar a Bangkok, faria uma escala de uma hora e meia, e logo demoraria oito horas

cinquenta minutos em chegar ao Sydney. Para esse então, pensava Ding, estaria tão farto que

teria vontades de desenfundar sua pistola e lhe disparar a quemarropa à tripulação. Isso sem

contar que tinha devido separar-se de sua esposa e seu filhinho, só porque os malditos

australianos queriam que lhes sustentara as mãos para não ter medo. Chegaria às 5:20 da

manhã, dois dias mais tarde grarecua ao Equador e o meridiano internacional, com o corpo

provavelmente mais revoltado que os ovos que tinha comido no café da manhã.

Mas não podia fazer nada a respeito, e pelo menos BA havia proibido o cigarro em seus

vôos... os pobres fumantes se voltariam loucos em uma viagem tão larga, mas não era

problema dele. Tinha quatro livros e seis revistas para passar o tempo, mais uma tela pessoal

de cinema.

Decidiu tirar proveito de tantas comodidades. As aeromoças fecharam as portas, e o capitão

acendeu os motores e lhes deu a bem-vinda a bordo. Muito amavelmente disse que o avião

seria o lar das passageiros durante todo um dia... ou dois dias, segundo como se olhasse a

coisa.

549

CAPÍTULO 32

TRABALHO PESADO

Parece-te boa idéia? perguntou Brightling.

Acredito que sim. De todos os modos, Kirk estava na lista de viajantes.

Faremos que seus colegas digam que teve que sair da cidade por questões de trabalho... se é

que alguém vai perguntar lhes disse Henriksen.

E se os agentes do FBI voltam a buscá-lo?

Ele não estará na cidade e terão que esperar replicou

Henriksen . As investigações deste tipo duram meses. Mas em este caso não haverá meses

disponíveis, não te parece?

Brightling assentiu.

Suponho que não. Que tal anda Dimitri em Kansas?

Dave Dawson diz que muito bem. Faz um montão de perguntas turísticas, mas nada mais.

Johnny Killgore lhe praticou um exame médico e lhe injetou a vacina B.

Espero que goste de estar vivo. Por isso disse, poderia resultar um dos nossos, sabe?

Não estou tão seguro, mas por sorte não suspeita nada, e quando se inteire será muito tarde.

Will Gearing está na Austrália e diz que tudo marcha de acordo com o plano, John. Três

semanas mais e teremo-lo obtido. chegou o momento de iniciar o traslado a Kansas.

Que lástima. O projeto de longevidade está em seu melhor momento.

Ah, sim?

Bom, os progressos são difíceis de prever, mas todas as vias de investigação parecem muito

férteis no momento, Bill.

Então poderíamos ter vivido eternamente...? perguntou

Henriksen com um sorriso amargo. Apesar de seu prolongado vínculo com o Brightling e

Horizon Corporation lhe resultava difícil acreditar nesse tipo de predições. A companhia tinha

produzido alguns milagres autênticos, mas isso era muito.

Posso pensar em coisas piores. vou assegurar-me de que todo o grupo receba a vacina B disse

Brightling.

Bom, terão muito que fazer em Kansas disse Bill . O que passará com o resto da companhia?

Ao Brightling não gostou da pergunta. Tampouco lhe agradava o heicho de que mais da

metade dos empregados do Horizon fossem trata550

dois como o resto da humanidade: abandonados a morrer no melhor de os casos, assassinados

pela vacina A no pior. Ainda ficava um resto de moral, e uma parte de seu ser era leal às

pessoas que trabalhava para ele (por isso mesmo Dimitri Popov estava em Kansas com os

anticorpos classe B dentro de seu sistema). Então, nem sequer o Grande

Chefe se sentia absolutamente cômodo com o que estava fazendo.

Henriksen se deu conta. Bom, assim era a consciência humana. Shakespeare tinha escrito

bastante sobre o fenômeno.

Já está decidido disse Brightling depois de uns incômodos segundos. Salvaria aos que eram

parte do projeto e a aqueles cujos conhecimentos científicos fossem úteis para o desejado

futuro. Contadore, advogados e secretários não seriam salvos. Já era bastante com salvar

aproximadamente cinco mil pessoas (tantas como podiam albergar os complexos de Kansas e

Brasil), sobre tudo tendo em conta que só muito poucos sabiam do que se tratava o projeto.

De ter sido marxista, Brightling tivesse pensado ou inclusive dito em voz alta que o mundo

necessitava uma elite intelectual capaz de criar o Novo Mundo, mas na verdade não pensava

nesses términos. Sinceramente acreditava estar salvando o planeta, e embora o preço era

grosseiramente alto, a sua era uma meta digna de ser perseguida. Não obstante, uma parte de

seu ser esperava que pudesse sobreviver ao período de transição sem suicidarse pelo fator

culpa que certamente o assaltaria.

Para o Henriksen era mais fácil. O que a humanidade lhe estava háciendo ao mundo era um

crime. Os que o cometiam, apoiavam ou não faziam nada para o impedir de eram criminais.

Sua tarefa era detê-los.

Era a única maneira. E ao final os inocentes seriam salvos, e a natureza, também. Em todo

caso, os homens e os instrumentos do próyecto já estavam in situ. Wil Gearing confiava em

levar a cabo seu meusión (graças à inserção de Global Security no âmbito das Olimpíadas,

com a inestimável ajuda do Popov e seus atentados europeus).

O projeto avançaria veloz e dentro de um ano o planeta se haveria transformado. A única

preocupação do Henriksen era saber quantos sobreviveriam à praga. Os cientistas do projeto o

tinham discutido até o cansaço. A maioria morreria de fome e outros fatores, e muito poucos

teriam a capacidade necessária para organizar-se e averiguar por que tinham sobrevivido os

membros do projeto... e logo atacá-los. A maioria dos sobreviventes naturais seriam

convidados a contar com o amparo dos escolhidos, e os mais inteligentes aceitariam esse

amparo. Os outros... a quem lhe importavam? Henriksen También tinha instalado os sistemas

de segurança no complexo de Kansas.

Havia suficiente quantidade de armas pesadas para devastar a meullones de granjeiros

rebeldes com sintomas da Shiva. Estava seguro.

O resultado mais provável da praga seria o rápido quebrantaminto da sociedade. Até os

militares se separariam, mas o complejo de Kansas estava a uma interessante distancia da

base militar mais próxima e os soldados do Fort Riley seriam enviados a manter

o ordem nas

cidades até que eles, também, manifestassem os pri551

meros sintomas. Então seriam atendidos pelos médicos militares inutilmente e, quando a

coesão das unidades se dissolvesse, nem sequer os soldados poderiam empreender uma ação

organizada. Seria um período difícil, mas passaria logo, e sempre que a gente de Kansas

conservasse a calma, seria improvável que sofressem um ataque direto.

Diabos, quão único deviam fazer era lhe fazer acreditar no mundo que ali também estavam

morrendo, talvez cavar umas quantas tumbas e arrojá-las para as câmaras

melhor ainda, as incinerar a céu aberto, de modo tal que ninguém queria aproximar-se do

centro emiirmã da praga. Não, tinham-no pensado durante anos. O projeto triunfaría. Tinha

que triunfar. Do contrário, quem salvaria ao planeta?

Ao dia seguinte, o menu da cafeteria era italiano e Popov se sentiu particularmente agradado

ao comprovar que os cozinheiros não eram vegetarianos. A lasagna tinha carne no cheio. Ao

avancar em busca de uma mesa com sua bandeja e sua taça do Chianti detectou ao Dr.

Killgore comendo sozinho e decidiu jantar com ele.

Ah, olá, senhor Popov.

Bom dia, doutor. Como saíram minha análise de sangue?

Bem. Tem o colesterol um pouco alto e o HDL/LDL um pouco baixo, mas não acredito que

seja para preocupar-se. Bastará com um pouco de exercício físico para resolvê-lo. Seu APS é

bom...

O que é isso?

Ânticuerpo Prostático Específico, um exame para detectar um possível câncer de próstata.

Todos os homens maiores de cinquenta anos deveriam realizá-lo. O seu está bem. Teria que

haver o davacho ontem, mas estava abafado de trabalho. Lamento-o... mas por sorte não tinha

nada importante que lhe dizer. Neste caso, a falta de notícias equivale a boas notícias, senhor

Popov.

Meu nome é Dimitri disse o russo, lhe tendendo a mão.

John replicou o médico, estreitando-a . Iván para vocês, acredito.

Vejo que não é vegetariano demarcou Dimitri, assinalando o prato do Killgore.

OH? O que? Eu? Não, Dimitri, não sou um desses. O Homo

Sapiens é onívoro. Não temos dentes de vegetarianos. O esmalte não é o suficientemente

grosso. Os vegetarianos são uma sorte de movimento político. Alguns nem sequer aceitam

usar sapatos de couro porque o couro é um produto animal Killgore devorou

meia albóndiga

de carne para ilustrar convincentemente suas idéias a respeito .

Inclusive eu gosto de caçar.

Ah, sim? Onde está a reserva de caça?

Não temos reserva de caça dentro do território do projeto. Lhenemos regra a respeito, mas ao

seu devido tempo poderei caçar cervos, veados, búfalos, pássaros, tudo o que me deseje muito

disse Killgore, meurando entusiasmado as enormes janelas.

552

Búfalos? Acreditava que se extinguiram disse Popov, recordando que o tinha lido ou ouvido

dizer.

Não de tudo. Estiveram a ponto de extinguir-se faz uns anos, mas alguns sobreviveram e se

reproduziram no Yellowstone e em outras reservas privadas. Alguma gente os cruza com

ganho doméstico e obtem uma carne muito boa. chama-se carne de búfalo e se consegue em

alguns mercados da zona.

Um búfalo pode aparearse com uma vaca?

Claro. São animais muito semelhantes geneticamente falando, e o cruzamento é fácil de levar

a cabo. O mais difícil prosseguiu com uma sorriso é que a vaca bisão intimida ao touro

doméstico e este tem dificuldades para cumprir com seu dever de macho. Não sei se for claro.

Não obstante, solucionam-no criando-os juntos da infância, de modo que o touro já se

acostumou à vaca quando chegar o momento de servi-la.

E os cavalos? Tivesse acreditado que este lugar estaria cheio de cavalos.

OH, temos cavalos, principalmente percherones e alguns

Appaloosas. O estábulo se encontra no setor sudoeste da propriedade. Gosta de cavalgar,

Dimitri?

Não, mas vi muitos filmes do Longínquo Oeste. Quando

Dawson me levou a percorrer as instalações esperava ver jeans tocando ganho com suas

pistolas Colt metidas na cintura.

Killgore lançou uma gargalhada.

Vejo que é um típico moço de cidade. Bom, eu também o fui... mas cheguei a amar estas

paragens, especialmente a cavalo. O gostaria de sair a cavalgar?

Jamais montei a cavalo admitiu Popov, intrigado pela convidación. Esse médico era um

homem aberto, talvez crédulo. Poderia lhe tirar uma boa fatia de informação, pensou o russo.

Bom, temos uma égua percherona bastante dócil...

Buttermilk Fez uma pausa . É formoso estar aqui, carajo.

Você chegou recentemente?

A semana passada. Estava acostumado a trabalhar no laboratório do Binghamton, ao noroeste

de Nova Iorque explicou.

Que classe de trabalho faz?

Sou médico... epidemiólogo para mais dados. Supostamente me especializo em descobrir

como se propagam as enfermidades entre a população humana. Mas também faço clínica e

sou médico de família.

Como nos velhos tempos. Sei um pouco de tudo, mas não sou perito em nenhum campo...

salvo a epidemiologia, que se parece mais a ser contador que médico.

Tenho uma irmã médica tentou Popov.

Ah, sim? Onde?

Em Moscou. É pediatra. graduou-se na Universidade Estatal de

Moscou na década de 1970. chama-se Maria Arkadeyevna. Eu sou Dimitri

Arkadeyevich. Nosso pai se chamava Arkady, já vê.

553

Também era médico? perguntou Killgore.

Popov negou com a cabeça.

Não, era como eu, espião... oficial de inteligência de Segurança

Estatal fez uma pausa para esperar a reação do Killgore. Supunha que não devia

guardar mais

o segredo... e além disso, podia lhe ser útil. Se um queria obter algo, devia dar algo em troca

Y...

Você pertencia a KGB? Não está brincando? perguntou o médico, impressionado.

Sim, estive na KGB, mas devido às mudanças ocorridas em meu país a KGB se esgotou e

fui... como dizem vocês? Chutado do tablero?

Que fazia na KGB? Pode dizê-lo?

Era como se acabasse de conhecer uma estrela do esporte, pensou

Popov.

Era oficial de inteligência. Reunia informação e estabelecia contato com gente que podia lhe

interessar a KGB.

O que significa isso?

OH, reunia-me com determinadas pessoas e grupos para discutir... assuntos de interesse

mútuo replicou astutamente.

Como quem?

Supostamente não deveria dizê-lo. O Dr. Brightling sabe. De feito, por isso me contratou.

Mas você é parte do projeto, não?

Não sei o que é o projeto... John me enviou aqui, mas não me disse por que o

fazia.

Ah, já vejo. Bom, passará uma temporada conosco, Dimitri a diferença tinha ficado clara no

fax enviado por Nova Iorque.

Esse Popov já era parte do projeto, quisesse-o ou não. depois de tudo, já lhe tinha inoculado

sua vacina B.

O russo tentou recuperar o controle da conversação.

Várias vezes escutei falar do projeto... que projeto? Exactamente o que estão fazendo aqui?

Killgore ficou incômodo pela primeira vez.

Bom, John o porá ao tão quando chegar, Dimitri. E? O que pareceu-lhe o jantar?

A comida é boa... por tratar-se de comida institucional replicou Popov, perguntando-se que

mina acabava de pisar. Havia étado perto de descobrir algo importante. Sabia por instinto, por

olfato de espião. Tinha perguntado algo que supostamente devia saber, e sua falta de

conhecimento específico tinha tomado por surpresa ao Killgore.

Sim, temos bom pessoal no item alimentício Killgore terminou seu pão . Então, quer sair a

cavalgar?

Sim, eu gostaria de muito.

nos encontremos aqui mesmo, amanhã pela manaña, digamos a as sete. Desfrutará-o de muito

Killgore se afastou caminhando lentamente, perguntando-se para que estaria ali o russo.

Bom, se John Brightling tinha-o recrutado pessoalmente devia ser importante para o

proyec554

to... mas se assim fora, por que diabos não sabia do que se tratava o projeto? Teria que

perguntar-lhe a alguém? Nesse caso, a quem?

Golpearam à porta, mas não houve resposta. Sullivan e

Chatham esperaram uns minutos o tipo podia estar na ducha ou no banheiro , novamente sem

resposta. Desceram pelo elevador, ônibuscaram ao porteiro e se identificaram.

Sabe onde pode estar o senhor Maclean?

foi hoje cedo. Levava várias valises, como se viajasse a alguma parte, mas não sei aonde.

Tomou um táxi ao aeroporto? perguntou Chatham.

O porteiro negou com a cabeça.

Não, um automóvel o passou a procurar e se foram para o oeste assinalou nessa direção, em

caso de que os detetives não soubessem onde estava o mencionado ponto cardeal.

Disse-lhe algo respeito a sua correspondência?

Outro gesto negativo.

Não.

Bom, obrigado disse Sullivan, e começou a caminhar para o auto . Viagem de negócios?

Férias?

Amanhã chamaremos a seu escritório para averiguá-lo. Não é um verdadeiro suspeito, não?

Suponho que não respondeu Sullivan . Vamos ao bar. Eles mostraremos as fotos a outras

pessoas.

Bom acessou Chatham a contra gosto. Este caso lhe estava impedindo de relaxar-se frente ao

televisor, o qual era bastante mau para seus nervos. E no momento estava estagnado, o qual

era muito pior para todos.

Clark despertou com o ruído e demorou uns segundos em recordar que Patsy se mudou com

eles para não estar sozinha e ter a invalorable ajuda de sua mãe com o JC (assim tinham

decidido chamá-lo). Decidió levantar-se apesar de que era muito cedo ainda. Sandy já estava

em pé, seu instinto maternal ativado pelo pranto do recentemente nascido. John chegou a

tempo para ver sua esposa entregar a seu recentemente trocado neto a sua filha, quem estava

sentada, apenas acordada, em uma cadeira de balanço especialmente comprada para ela, com

a bata aberta e os peitos ao descoberto. John apartou a vista um tanto

envergonhado e olhou a

sua esposa, quem, também apenas coberta pela bata, sorria benévola ante o quadro maternal

que se oferecia a seus olhos.

Era um precioso muchachito, pensou Clark. Espiou um pouco a escena. A boca do JC

apanhou o mamilo devotado e começou a sugar... tal vez o único instinto com o que nasciam

os bebês humanos, o vínculo mãe-filho que os homens simplesmente não podiam imitar nem

compensar nessa etapa da vida do menino. Que preciosa era a vida humana.

555

Poucos dias atrás John Conor Chávez era um feto, uma coisa viva no ventre de sua mãe... e o

fato de que vivesse ou não dependia do que a gente pensasse do aborto, um tema extremamente controvertido para o John

Clark. Ele tinha matado em sua vida, não muitas vezes, mas tampouco tão poucas como

tivesse desejado. Naqueles momentos tinha pensado que a gente cuja vida segava merecia seu

destino, já fora por seus próprios atos ou por seus vínculos. Como atuava em defesa dos

interesses de seu país tinha podido, em certo modo, desfazer-se da culpa. Mas agora, vendo o

JC, viu-se obrigado a recordar que todas as vistas que tinha eliminado tinham começado como

essa: indefesas, totalmente dependentes dos cuidados de uma mãe... Mas logo haviam se

feito homens determinados por suas próprias ações e a influência de outros, convertendo-se

logo então em agentes do bem ou o mal. Como passava isso? O que era o que empurrava a

uma pessoa ao mal? Uma decisão? O destino? A sorte, boa ou má? O que era o que havia

empurrado sua própria vida ao bem...? E sua vida estava verdadeiramente ao serviço do bem?

Tolices, tolices que colocavam a um na cabeça a essa hora escura da madrugada. Bom, o que

sim sabia era que jamais tinha machucado a um bebê em toda sua vida, por muito violenta

que tivesse sido. E jamais o faria. Não, só tinha prejudicado a aqueles que antes tinham

prejudicado a outros, ou ameaçado fazendo-o. E tinha-os detido porque era necessário

proteger aos inocentes, porque os inocentes também tinham direitos e seu dever era protegê-

los do mal e do perigo.

Avançou um passo e acariciou os piecitos do bebê. Nenhuma reação.

JC tinha claras suas prioridades. Alimento. E os anticorpos que proporcionava o leite

materno, que o manteriam são. Com o tempo, seus olhos reconheceriam as caras adultas e seu

carita inocente sorria.

Logo aprenderia a sentar-se, a engatinhar, a caminhar e finalmente a háblar... e assim

começaria a integrar-se ao mundo dos homens. Ding seria um bom pai e um bom modelo a

emular, Clark estava seguro, especialmente se Patsy reprimia sabiamente suas tendências

adversas.

Sonriendo, voltou para a cama. Tratou de recordar exatamente onde estaBA nesse momento

Chávez o Velho e decidiu deixar as tarefas femininas em mãos das mulheres da casa.

Horas mais tarde, o alvoreada despertou ao Popov em seu quarto tipo motel.

Tinha adotado rapidamente uma rotina: primeiro acendia a máquina de café, logo tomava

banho e barbeava, e dez minutos depois sintonizaBA o televisor no CNN. A notícia central

eram as Olimpíadas. O mundou se tinha posto tão aborrecido... Recordou sua primeira missão

no Londres. Naquela época os noticiários comentavam as aparentemente insalvables

diferencia entre o Oriente e Ocidente, os movimentos de os exércitos e o aumento das

suspeitas entre os grupos políticos que tinham definido o mundo de sua juventude.

Especialmente recordaBA os temas estratégicos tantas vezes mau comunicados

pelos

perio556

dista, tanto por via impressa como eletrônica: MIRV, mísseis e foimas ABM que supostamente tinham ameaçado o equilíbrio de correioder. Todo isso pertencia ao passado,

disse-se Popov. Para ele, era como se tivesse desaparecido uma cadeia montanhosa. A forma

do mundo hábia trocado da noite para o dia, e as coisas que acreditava imutáveis tinham

mudado em algo que jamais tivesse acreditado possível. A tão temida guerra global, junto

com sua agência e sua nação, já não eram o terrível meteorito que acabaria contudo.

Era hora de conseguir mais informação. vestiu-se e foi a cafeteestuário, onde encontrou ao Dr.

Killgore tomando o café da manhã tal como o havia prômetido a noite anterior.

Bom dia, John disse o russo, sentando-se à mesa do epidemiólogo.

Bom dia, Dimitri. Preparado para o rodeio?

Sim, acredito que sim. Diz que o cavalo é dócil?

É uma quarto égua de oito anos. Sim, por isso a batizaram

Buttermilk. Não lhe fará mal.

quarto égua? O que significa isso?

significa que só pode correr um quarto de milha, mas, já sabe, uma das carreiras de cavalos

mais importantes do Texas abrange precisamente essa distância. Não recorde o nome da

competência, mas os prêmios são importantes. Bom, outra instituição que logo deixarmos de

ver prosseguiu Killgore, lubrificando manteiga em sua torrada.

Como diz? perguntou Popov.

Mmm? Ah, nada importante, Dimitri E não o era. A maior parte dos cavalos sobreviveriam e

voltariam para a vida selvagem. Oxalá pudessem adaptar-se logo depois de tantos séculos de

dominação e cuidados humanos. Supunha que os instintos, codificados geneticamente no

DNA, salvariam à maioria dos animais. E algum dia os membros do projeto e/ou seus

descendentes recapturariam os, domá-los e montá-los para desfrutar de amplamente da

natureza e seus dons.

Os cavalos de trabalho, percherones e Appaloosas, adaptariam-se bem.

Tinha mais reserva respeito aos de carreira, já que estavam superadaptados a fazer uma só

coisa: correr em círculo a maior velocidade que permitisse-lhes sua fisiologia. Bom, tal tinha

sido sua sorte. As leis darwinianas eram duras, embora justas a sua maneira. Terminou seu

desayuno e ficou de pé . Vamos?

Sim, John Popov o seguiu a curta distância. Subiram ao Hummer do Killgore e

enfiaram por

volta do oeste na manhã clara e brilhante.

Dez minutos depois estavam nas cavaleriças. Killgore escolheu uma arreios e caminhou até a

porta que dizia BUTTERMILK. Abriu-a e entrou. Rapidamente lhe colocou a arreios à égua e

lhe entregou as renda ao Popov.

Leve-a fora caminhando. Não remói nem chuta. É muito dócil,

Dimitri.

Se você o disser, John observou o russo, dubio. Levava postas sapatilhas em lugar de botas e

se perguntou se o detalhe teria

557

alguma importância. A égua o olhou com seus enormes olhos pardos, sem revelar o que

pensava (se é que pensava algo) do humano que se sejasnía suas rédeas. Dimitri a levou até a

porta da cavaleriça e a égua o seguiu tranqüilamente ao espaçoso ar da manhã. Killgore

apareceu poucos minutos depois montado em seu cavalo, aparentemente castrado.

Sabe montar? perguntou-lhe.

Popov tinha visto muitos westerns. Colocou o pé esquerdo em o estribo e subiu, balançando a

perna direita sobre o lombo do animau até encontrar o estribo direito.

Muito bem. Agora sustente as rédeas como eu e estale a língua. Assim Killgore fez a

demonstração. Popov o imitou e a égua, que até o momento parecia surda, começou a trotar.

Certamente por instinto, pensou o russo. Estava fazendo coisas aparentemente correcvocê

sem saber. Acaso não era notável?

Lá vamos, Dimitri disse Killgore com tom de aprovação .

Assim se monta, homem. É uma formosa manhã, tem um cavalo entre as pernas e enormes

distancia que percorrer.

Mas não tenho pistola comentou Popov com um sorriso.

Killgore também sorriu.

Bom, aqui não há índios nem bandoleiros que matar, companheiro.

Vamos açulou ao cavalo com as pernas e este começou a trotar mais rápido. Buttermilk fez o

mesmo. Popov adaptou o ritmo de seu corpo ao da égua e ficou ao mesmo tempo do Killgore.

Era magnífico, pensou Dimitri Arkadeyevich. Agora compreendia o ethos de tudo os filmes

maus que tinha visto. Havia algo capamental e viril em montar a cavalo, embora carecesse do

chapéu adequado e o revólver de seis balas. ficou seus óculos de sol, olhou a seu ao redor e se

sentiu parte da planície agreste.

Quero lhe agradecer, John. Nunca tinha feito isto. É maravilhoso disse sinceramente.

É a natureza, homem. Assim devem ser as coisas. Assim o foram.

Vamos, Mystic disse a seu cavalo, que aumentou um pouco a velocidade.

deu-se volta para ver se Popov conseguia incitar a sua égua.

Não era fácil sincronizar os movimentos de seu corpo com o ritmo do animal, mas pouco a

pouco o obteve e voltou a ficar ao mesmo tempo de

Killgore.

Então, foi assim como os americanos conquistaram o

Oeste?

Killgore assentiu.

Sim. No passado esta planície estava estofa de búfalos, três ou quatro emanadas imensas, até

onde chegava a vista...

Os caçadores os exterminaram, liquidaram-nos em menos de dez anos, utilizando

principalmente rifles Sharp. Mataram-nos para fazer mantas com as peles, pela carne... às

vezes só pelas línguas. Os massacraram, tal como fez Hitler com os judeus Killgore negou

com a cabeça . Foi um dos piores crimes que cometeu os Estados Unidos,

558

Dimitri. Assassinar-nos simplesmente porque estavam ali. Mas voltarán a

cobrir estas

planícies predisse, perguntando-se quanto tempo demoraria para produzir o milagre.

Cinquenta anos... talvez chegaria a vê-lo com seus próprios olhos. Talvez cem? Também

retornariam os lobos e os ursos cinzas, mas os predadores eram animais de ritmos mais

lentos. Não se reproduziam tão rápido como suas presas. Queria ver essa llanura tal como

tinha sido no glorioso passado. O mesmo queriam outros membros do projeto... e alguns

inclusive pensavam viver em carpas, como os índios. Mas isso lhe parecia um tanto

excessivo... Para falar a verdade,

Killgore não tolerava que as idéias políticas deslocassem ao sentido COMÚN.

Olá, John! gritou alguém a suas costas. Ambos se deram volta e viram uma silhueta que

galopava para eles. Um minuto depois Killgore reconheceu ao terceiro cavaleiro.

Kirk! Quando chegou?

Ontem à noite respondeu Maclean. Freou seu cavalo para lhe dar a mão ao Killgore. E

você?

A semana passada, com a gente do Binghamton. Fechamos a operação e decidimos que era

hora de levantar as apostas.

Todos? perguntou Maclean. Ao Popov chamou a atenção o tom de sua voz. Todos quem?

Sim Killgore assentiu discretamente.

Tudo foi estava previsto? perguntou Maclean, deixando de lado toda perturbação

sentimental.

Quase à perfeição segundo as projeções. Né, bom... ajudamos um pouco aos últimos.

Ah Maclean baixou a vista um segundo. Evidentemente se sentia mal pelas mulheres que

tinha recrutado. Mas não tão . Então a coisa avança?

Sim, Kirk. Balança. As Olimpíadas começam depois de amanhã

Y...

Sim. Então sim que começará.

Olá interrompeu Popov. Killgore parecia ter esquecido que estava presente.

OH, sinto muito, Dimitri. Kirk Maclean, apresento ao Dimitri Popov.

John nos mandou fazer isso um par de dias.

Encantado, Dimitri Apertões de mãos . Russo? perguntou Maclean.

Sim Gesto afirmativo . Trabalho diretamente para o Dr.

Brightling. E você?

Sou uma pequena peça do projeto admitiu Maclean.

Kirk é bioquímico e engenheiro meioambientalista explicou

Killgore . E por ser tão boa moço teve que fazer um par de cositas extra para nós

brincou .

Mas isso já passou. Então, por que veio tão rápido, Kirk?

Recorda a Mary Bannister?

Sim. O que acontece ela?

559

O FBI me perguntou se a conhecia. Consultei-o com o Henriksen e decidi me mandar aqui

um pouco antes do esperado. Entendo que ela...

Killgore assentiu.

Sim, a semana passada.

Então a funciona?

Sim, funciona. A B também.

Que bom. Já me inocularam a B.

Popov recordou que Killgore lhe tinha posto uma injeção. A etiqueta da ampola tinha uma B

maiúscula, verdade? E o que era isso do

FBI? Killgore e Maclean falavam com boca de jarro, mas era como se falassem em outro

idioma... Não, não era outro idioma, era o discurso dos conhecedores: utilizavam palavras e

frases chaves como todos os médicos e engenheiros... bom, os oficiais de inteligência também

o faziam.

Popov estava treinado para recordar tudo o que se dizia frente a ele por mais que não o

entendesse. De modo que gravou cada palavra em seu mente, apesar de sua expressão

ignorante.

Killgore fez andar a seu cavalo.

É a primeira vez que sai, Kirk?

É a primeira vez que monto a cavalo em meses. Tinha um trato com um tipo de Nova Iorque,

mas nunca tive tempo de fazê-lo. Amanhã arderão-me as pernas e o culo, John riu o

engenheiro biológico.

Sim, mas é um ardor são Killgore soltou uma gargalhada. Havia tido um cavalo no

Binghamton e esperava que a família que o cuidava o deixasse em liberdade quando chegasse

a hora... e que Stormy pudiera alimentar-se pelas suas... Mas Stormy estava castrado e por

isso seguinte era irrelevante para o mundo, exceto como consumidor de pasto. Que lástima,

pensou o médico. Tinha sido um bom cavalo.

Maclean se parou nos estribos para olhar a paisagem que o rodeiaBA. Se olhava atrás via os

edifícios do projeto... mas se olhava ao frente ou aos flancos só via uma ondulante pradaria.

Interminável.

Algum dia queimariam todas as casas e celeiros. Só serviam para interrompir o infinito da

paisagem.

Cuidado, John disse, assinalando uns buracos.

O que é isso? perguntou Popov.

Cães da pradaria disse Killgore, diminuindo a marcha de suas arreios . São roedores

selvagens, cavam poços e fazem cidades subterrâneas. Dizem povos de cães da pradaria . Se

um cavalo coloca a pata no buraco... bom, é mau para o cavalo. Mas se andamos devagar

podem evitar os buracos.

Roedores? por que não os exterminam? A balaços, com venhão? Se podem machucar a um

cavalo, então...

São parte da natureza, Dimitri. Compreende? Pertencem a este lugar, inclusive mais que nós

mesmos explicou Maclean.

Mas um cavalo é... Caro, pensou Dimitri. O médico o interrompió com um gesto.

Em realidade não são parte da natureza prosseguiu Killgore .

560

Eu também os amo, mas em rigor de verdade tampouco pertencem a este lugar.

Os falcões e outros predadores voltarão e controlarão aos cães da pradaria disse Maclean . Os

criadores de frangos de grandeja já não voltarão a incomodá-los. Adoro vê-los trabalhar,

irmão.

Eu também. São a bomba inteligente da natureza demarcou

Killgore . Esse era o esporte dos reis, treinar a um falcão para que lhes levasse a presa ao

punho. dentro de uns anos poderei fazer o mesmo. Sempre eu gostei do gerifalte.

que é completamente branco. Sim, é um ave de porte nobre comentou Maclean.

Acreditam que esta região trocará essencialmente em poucos anos, pensó Popov. Mas como

poderia passar algo assim?

me digam perguntou o russo . Que aspecto terá este lugar dentro de cinco anos?

Um aspecto muito melhor respondeu Killgore . Já haverão voltado os búfalos. Inclusive

teremos que evitar que nos comam o trigo.

Tocaremo-los com os Hummers? perguntou Maclean.

Com helicópteros, talvez especulou Killgore . Teremos uns quantos para medir as populações.

Mark Holtz está falando de capturar alguns no Yellowstone e trazê-los aqui para acelerar o

processo reprodutivo. Conhece o Mark?

Maclean negou com a cabeça.

Não, nunca o vi.

É um pensador muito abarcativo no aspecto ecológico, mas se opõe radicalmente

a interferir

com a natureza. Só está disposto a ajudá-la um pouco. Nada mais.

O que vamos fazer com os cães? perguntou Kirk. Aludia a os mascotes domésticas que se

voltariam feras assassinas ao ser repentinamente jogadas no médio natural.

Veremos disse Killgore . A maioria não serão o suficientemente grandes para matar animais

amadurecidos e muitos estarão castrados, de modo que não se aparearán. Talvez devamos

matar a uns quantos. Oxalá não devamos eliminá-los a todos.

A alguns não gostará. Já sabe como é a coisa: supõe-se que não devemos fazer outra coisa que

observar. Eu não me trago essa pílhora. Se fizemos mierda o ecossistema teríamos que poder

compor as partes que destruímos. Pelo menos algumas.

Estou de acordo contigo. Mas, teremos que fazer uma votaci3n. Diabos, eu quero caçar... e

eles também terão que votar acerCA disso anunciou Killgore com uma careta desagradável.

Não brinca? E Jim Bridger? Exceto apanhar castores, o que fez de mau o pobre tipo?

Os vegetarianos são extremistas, Kirk. Querem fazer as COseja a sua maneira ou nada, sabe?

OH, que se vão ao carajo. lhes diga que não estamos desenhados para

ser herbívoros, pelo amor de Deus. É ciência pura o cão da pradaria era pequeno. Viram-no

escavando o último de seus buracos.

E o que pensarão seus vizinhos de tudo isto? perguntou Popov com um sorriso bonachão. De

que carajo estavam falando esses tidetrás?

Que vizinhos? perguntou Killgore.

Que vizinhos? Não foi isso o que incomodou ao Popov, mas sim a resposta fora retórica por

natureza. Mas o médico trocou de tema.

É uma formosa manhã para andar a cavalo.

Que vizinhos? pensou Popov. viam-se tetos de celeiros e casas a menos de dez quilômetros de

distância, iluminados pelo sol da MAñana. O que tinham querido dizer com essa pergunta?

Como que vizinhos?

Falavam de um futuro radiante com animais selvagens por todas parlhes, mas sem gente.

Acaso planejavam comprar todas as granjas vecinas? Nem sequer Horizon Corporation tinha

tanto dinheiro, não? Estavam em uma região estabelecida, civilizada. As granjas próximas

eram prósperas, e seus proprietários viviam bem. aonde iriam se as vendiam? E por que

quereriam abandonar suas terras? Uma vez mais, a mesma pergunta lhe atendeu o cérebro.

Que diabos é tudo isto?

562

CAPÍTULO 33

COMEÇAM OS JOGOS

Chávez fez o possível por não tropeçar no avião, um tanto irmaãceso pela frescura e viço dos

tripulantes. Bom, tinham práctica, e talvez estavam mais adaptados que ele aos mal-estares do

vôo.

Como todos outros civis, lambeu-se os lábios para eliminar o sabor amargo, entrecerró os

olhos e avançou para a porta com a pressa de um homem recém liberado de um cárcere de

máxima segurança. Talvez percorrer grandes distancia em navio não fora tão mau depois de

tudo.

Maior Chávez? perguntou uma voz com acento australiano.

Sim? balbuciou o susodicho, cravando seus olhos sonolentos em um tipo vestido de civil.

Bom dia, sou o tenente coronel Frank Wilkerson, do Serviço

Aéreo Especial australiano.

Encantado Chávez as engenhrou para lhe dar a mão sem cair. Apresento a meus homens, os

sargentos Johnston, Pierce e

Tomlinson e o agente especial Tim Noonan, do FBI... é nosso mago técnico Mais apertões de mãos.

Bem-vindos a Austrália, cavalheiros. me acompanhem, por favor.

Demoraram quinze minutos em recolher suas equipes (que incluíam meia dúzia de recipientes

plásticos que foram carregados em um minibus). Dez minutos depois saíram do aeroporto

rumo à Autódromo de Sydney que os levaria ao Sydney.

Que tal o vôo? perguntou o coronel Wilkinson, dando-se volta para olhá-los.

Comprido respondeu Chávez. Olhou a seu redor. Estava saindo o sol (eram pouco mais das

6 da manhã), embora para o relógio corporal dos Rainbow deveria estar ficando. Esperavam

que uma ducha e uma boa taça de café os ajudassem a recuperar-se.

É um vôo espantoso. Londres fica muito longe disse o coronel.

Assim é admitiu Chávez em nome de todos.

Quando começam os jogos? perguntou Mike Pierce.

Amanhã replicou Wilkerson . Já temos instalados a maioria dos atletas e os comandos de

segurança estão operando o máximo. Esperamos que não haja dificuldades. Segundo

inteligência, não há perigo à vista. Nossos vigilantes no aeroporto não viram nada estranho

até o momento e temos fotos e descrições de todos

os terroristas internacionais conhecidos. Já não são tantos como antes, em grande parte graças

a vocês adicionou o coronel do SEJA com uma sorriso amistoso e estritamente profissional.

Sim, bom, tratamos de cumprir nossa missão, coronel observó George Tomlinson esfregando-

os olhos.

Os tipos que os atacaram diretamente... eram do IRA como disseram os meios?

Sim respondeu Chávez . Uma das facções. Tinham boa inteligência. Desde primeira, para

falar a verdade. Tinham identificado a seus blancos civis por nome e ocupação... entre eles

minha esposa e minha sogra,

Y...

Não sabia disse o australiano, abrindo os olhos como pratos.

Bom, não foi nada divertido. E perdemos dois homens, mais quatro feridos, um deles Peter

Covington. É o líder do Comando 1

explicou Ding . Como pinjente, não foi divertido. Tim foi o que tirou as batatas do fogo

assinalou ao Noonan.

Como é isso? perguntou-lhe Wilkerson ao envergonhado agente do FBI.

Tenho um sistema que anula as comunicações por telefone celular. Os meninos maus

pensavam coordenar seus movimentos por celular explicou Noonan . Lhes impedimos de fazê-

lo e interferimos com seus planos. Depois, Ding e os moços terminaram de esmagá-los.

Tivemos muita mas muita sorte, coronel.

Assim pertence ao FBI. Suponho que conhece o Gus Werner.

OH, sim. Conhecemo-nos faz tempo que. É o diretor da

Divisão Terrorismo... uma nova divisão do FBI. Suponho que haverá estado no Quantico.

Faz uns meses me estive treinando com o Comando de Cabeça de gadoCate de Reféns e o

grupo Delta do coronel Byron. Bons muitachos, todos eles O chofer saiu da auto-estrada e

entrou diretamente ao centro do Sydney. O tráfico era leve. Ainda era muito temprano e havia

pouca gente em atividade, com a sabida exceção de os repartidores de leite e jornais. O

minibus se deteve frente a um hotel de primeira categoria, cujo zelador estava acordado

apesar do inoportuno da hora.

Temos um convênio com este hotel explicou Wilkerson . A gente de Global Security também

se aloja aqui.

Quais? perguntou Ding.

Global Security, a empresa consultora de segurança. É probable que você conheça seu diretor,

senhor Noonan. Bill Henriksen.

Bill o abraça árvores ? Noonan não pôde reprimir uma carcajada . OH, sim, claro que o

conheço.

Abraça-árboles ?

Coronel, até faz uns anos Bill era um agente de alta fila no CRR. É um tipo competente, mas

se deixou levar por sua loucura medioambientalista. Agora abraça árvores e beija coelhinhos.

Se preocup pela capa de ozônio e toda essa mierda lhe explicou Noonan.

564

Não sabia. Também nos preocupamos com a capa de ozônio, sabe? Temos que usar filtro

solar quando vamos à praia, etcétera. Talvez a coisa piore dentro de uns anos, ao menos isso

dizem os que sabem.

Talvez admitiu Tim com um bocejo . Não sou surfista.

O zelador abriu a porta do hotel e os soldados entraram em desordenada fileira. O coronel

Wilkerson devia ter chamado para anunciar sua chegada, pensou Ding. Imediatamente os

acompanharam a suas habitações cômodas e bonitas , onde puderam tomar banho e tomar o

café da manhã abundantemente e beber litros de café. Por muito horrível que fora o mal-estar

produzido pelo vôo, a melhor maneira de contrarrestá-lo era agüentar
sobriamente a rotina do

primeiro dia, dormir decentemente ao chegar à noite, e adaptar-se à nova
situação com a

menor quantidade de sobressaltos. Pelo menos assim era em teoria, pensou

Ding, secando-se frente ao espelho do banho e comprovando que parecia tão
exausto como na

verdade se sentia. Pouco depois, vestido com roupa cômoda, apresentou-se na
cafeteria do

hotel.

Sabe, coronel? Se alguém fabricasse um narcótico para paliar o mal-estar dos
vôos se faria

rico da noite para o dia.

Indubitavelmente. Sei o que é isso, maior.

me chame Ding. Meu nome de pilha é Domingo, mas prefiro que me digam
Ding.

Qual é sua formação? perguntou Wilkerson.

Comecei na infantaria, passei à CIA, e agora estou no Rainbow.

Não sei por que me outorgaram fila falsa de maior. Sou o comandante do
Comando 2 do

Rainbow e suponho que essa é minha hierarquia atual.

Tiveram muito trabalho ultimamente.

É um fato, coronel coincidiu Ding, aceitando o café que o oferecia a moço.
perguntou-se se

em algum lugar serviriam café como no exército (quer dizer, um café que

triplicasse a

quantidade normal de cafeína).

Tivesse-lhe vindo muito bem nesse momento. O café e uma boa prática física matinal. além

da fadiga, seu corpo se estava rebelando contra o dia inteiro de confinamento no 747. O

maldito avião era o suficientemente grande para estirar um pouco as pernas, mas os

desenhistas se tinham esquecido de que transportavam seres humanos.

sentiu-se ligeiramente culpado pelos pobres tipos que viajavam de classe turista. Eles sim que

deviam sofrer, estava seguro. Bom, pelo metinha-nos passado rápido. Em navio teriam

demorado um mês... de conforto palaciano, exercícios físicos diversos e boa comida. A vida

estava cheia de contradições, não?

Estiveram no Parque Mundial?

Sim assentiu Ding . Meu comando tomou o castelo. Eu estava a uns metros quando esse

miserável assassinou a garotinha. Não foi nada de advertido, coronel.

Frank.

Obrigado. Sim, Frank, foi horrível. Mas liquidamos ao filho de puta...

quer dizer, Homer Johnston o fez pó. É um de meus rifles largos.

De acordo com o que vimos por TV, não foi um disparo particularmente eficaz.

Homer quis deixar em claro sua opinião explicou Chávez. Arqueou uma sobrancelha . Não

voltará a fazê-lo.

Wilkerson entendeu a sutileza.

Ah, sim, claro. Tem filhos, Ding?

Fui pai faz uns dias. Um varão.

Felicitações. Beberemos uma cerveja para festejá-lo, probablemente hoje de noite.

Frank, se chegar a beber uma só taça terão que me tirar a rastro Ding bocejou, um pouco

envergonhado por seu deficiente estado físico . Como é, por que nos querem ter aqui? Todo

mundo diz que vocês são muito bons no que fazem.

Nunca está de mais ter uma segunda opinião, Ding. Meus muchachos estão bem treinados,

mas não temos muita experienCIA prática. E precisamos renovar a tecnologia. As novas

rádios de

E-Systems que nos conseguiu Global Security são fabulosas. Vocês têm alguma outra

ferramenta mágica?

Noonan tem algo que o deixará atônito, Frank. Eu mesmo não posso acreditá-lo, mas suponho

que não o necessitaremos. Há muita gente. Mas lhe resultará interessante.

Palavra de honra.

E o que é essa maravilha?

Tim o chama Tricorder... como o aparelho que usava o senhor

Spock no Star Trek. Encontra gente assim como os radares encontram aviões.

Como o faz?

Lhe explicará. Tem que ver com o campo elétrico que rodeia ao coração humano.

Jamais escutei algo assim.

É novo esclareceu Chávez . O fabrica uma pequena empresa americano chamada DKI,

acredito. É um aparatito mágico. Little Willie do Fort Bragg está louco por ele.

refere-se ao coronel Byron?

Precisamente. Trabalhou com ele ultimamente?

OH, sim, é um tipo esplêndido.

Chávez fez uma careta.

Mas Rainbow não lhe cai muito bem. Roubamos a seus melhores homens, sabe?

E lhes encomendaram tarefas de índole prática.

Assim é admitiu Chávez, bebendo seu café. Nesse momento chegaram outros, vestidos com

roupa cômoda semi militar igual a seu comandante. Logo que viram o Chávez e Wilkerson,

foram reunir se com eles.

Eram as quatro da tarde em Kansas. O rodeio matinal o tinha deixado doloridas

algumas parte

do corpo. Especialmente as

566

quadris e as coxas. Não obstante, conservava uma lembrança agradável e quase heróico.

Não tinha nada que fazer ali. Não lhe tinham atribuído nenhuma tarefa e, por volta do meio-

dia, já se tinham esgotado suas possibilidades de explorar. Ficava a televisão para entreter-se,

mas não era uma de suas diversões favoritas. Popov era um homem brilhante que se aborrecia

com facilidade, e odiava estar aborrecido. A CNN repetia constantemente as notícias das

Olimpíadas... mas a competência todavia não tinha começado. Saiu a percorrer os corredores

do hotel e se deteve contemplar a imensa planície de um ventanal. Ao dia seguinte sairia a

cavalgar... assim, pelo menos, trocaria de lugar.

Seguiu vagabundeando durante uma hora e finalmente chegou a cafeteria.

Ah, olá, Dimitri disse Kirk Maclean, que o precedia na cauda.

Tampouco era vegetariano: tinha uma enorme feta de presunto no prato.

Popov o teve muito em conta.

Como pinjente esta manhã, não fomos desenhados para ser vegetarianos assinalou Maclean

com um sorriso zombador.

Como sabe?

Pelos dentes replicou Maclean . Os herbívoros mastigam pasto e essas coisas, e há muita terra

e sujeira nessa classe de mantimentos, e os dentes lhes gastam como se mordessem

constam-lhe temam papel de lixa. Por isso o esmalte de seus dentes é muito grusoso, para que

lhes durem vários anos. O esmalte do dente humano é muitíssimo mais fino que o do dente de

vaca. Então, ou nos adaptamos a lavar nossos mantimentos antes de consumi-los... ou estamos

desenhados para comer carne. Não acredito que nos tenhamos adaptado tão rápido a deixar

correr a água na cozinha, não lhe parece? perguntou Kirk sem abandonar seu sorriso zombador.

Caminharam juntos para a mesma mesa . O que faz para o John? perguntou-lhe apenas

sentaram-se.

refere-se ao Dr. Brightling?

Sim, ontem disse que trabalhava diretamente para ele.

Eu fui parte da KGB Valia a pena arrojá-lo ao anzol.

Ah, então espião para nós? perguntou Maclean, cortando a feta de presunto.

Popov negou com a cabeça.

Não exatamente. Estabeleci contato com pessoas nas que o

Dr. Brightling estava interessado e lhes pedi que fizessem certas coisas que ele

desejava que

fizessem.

Ah, sim? Para que?

Não estou seguro de poder dizer-lhe

Material secreto, né? Bom, há muitos segretos neste lugar, sabe. Já lhe disseram do que se

trata o projeto?

Não exatamente. Talvez formo parte dele, mas no momento não me explicaram que o que se

trata. Você sabe?

OH, claro. Estive desde o começo. É algo muito importante,

567

velho. Tem algumas costure verdadeiramente desagradáveis, mas adicionou com olhar gélido

é impossível fazer um omelette sem romper vários ovos, não?

Lenin o disse primeiro, recordou Popov. Na década do vinte, quando o o
interpelaram pela

violência destrutiva levada a cabo em nome da revolução soviética. O
comentário se feito

famoso, especialmente dentro da KGB, quando alguém objetava missões
particularmente

cruéis... como as do Popov com os terroristas, indivíduos que geralmente
atuavam de maneira

desumana Y... que últimament tinham-lhe voltado para a luz graças a seus bons
ofícios. Mas

que classe de omelette estava ajudando a preparar o homem que estava sentado frente a ele?

vamos trocar o mundo, Dimitri disse Maclean.

De que maneira, Kirk?

Já o verá. Recorda o rodeio desta manhã?

Sim, foi muito agradável.

Imagine se o mundo inteiro fora igual Maclean não estava disposto a revelar mais.

Mas como poderia sê-lo... aonde iriam todos os agricultores?

perguntou Popov, sinceramente confundido.

Pense que são ovos. Simplesmente respondeu Maclean com um sorriso. Ao Dimitri lhe gelou

o sangue nas veias, embora não sabia por que. Sua mente não podia dar o salto, por muito que

o desejara. sentia-se novamente como um agente secreto tratando de discernir as intenções do

inimigo. Conhecia parte da informação necessaria (talvez muita), mas não o suficiente para

pintar o quadro completo. O aterrador era que essa gente do projeto falava da vida humana

como os fascistas do passado. Mas são só judeus. Escutou um ruído, levantou a vista e viu

aterrissar outro avião na rota de ingresou. Havia vários automóveis detidos ao longe,

esperando para entrar ao complexo. Também havia mais gente na cafeteria, quase o double

que no dia anterior. Horizon Corporation estava transladando a seu gente a Kansas. por que?

Isso seria parte do projeto? Seria a maneira de ativar esse custoso complexo de investigação?

Tinha todas as peças do quebra-cabeças ante os olhos, mas a resolução do enigMA seguia

sendo um mistério.

Olá, Dimitri! disse Killgore, e se sentou com eles . um pouco dolorido, talvez?

um pouco admitiu Popov , mas não me queixo. Poderíamos volver fazê-lo?

Claro. É parte de minha rotina matinal quando estou aqui. Quieré me seguir o ritmo?

Sim, obrigado, é muito amável de sua parte.

Às 7 em ponto, aqui mesmo, companheiro respondeu Killgore com um sorriso .
Você também

vem, Kirk?

Claro. Amanhã irei comprar um par de botas novas. Há aoguna loja boa nos arredores?

568

A meia hora daqui, a de Cavalaria dos EUA A segunda saída para este pela interestadual.

Grandioso. Quero comprar antes de que os recém chegados esvaziem os negócios.

Tem lógica opinou Killgore . E bem, Dimitri, como é ser espião? perguntou ao Popov.

Está acostumado a ser muito te frustrem respondeu sinceramente o russo.

Caramba, isto sim que é um estádio olímpico comentou Ding. O estádio tinha capacidade para

cem mil pessoas sentadas. Mas faria calor, muitíssimo calor... Seria quase como estar dentro

de um enorme wok de concreto. Bom, havia montões de concessionários nas insistentelaciones e

certamente haveria vendedores ambulantes da Coca-cola e outros refrigerantes. E à saída do

estádio havia toda classe de pubs para aqueles que preferiam a cerveja. A reluzente grama

esta estádioBA quase vazio no momento; só havia alguns empregados polindo alguns setores.

A maioria das competências se realizariam aqui.

A pista oval estava marcada para as distintas carreiras de velocidade e de cercas, e havia

fossas para as competências de salto. No extremo mais afastado do estádio havia um

monstruoso tanteador e um

Jumbotron, de modo que os espectadores pudessem ver a repetição foto instantânea dos

eventos mais importantes. Ding começava a entusiasmar-se. Jamais tinha assistido a uma

competência olímpica e se são tia o suficientemente atleta para apreciar o grau de dedicação e

capacidade que requeriam essa classe de coisas. O mais louco era que por muito eficientes

que fossem seus homens, não igualavam aos atletas a maioria meninos, em opinião do Ding

que partiriam sobre esse campo ao dia seguinte. Nem sequer seus atiradores ganhariam os

torneios de rifle ou pistola. Seus homens eram profissionais abarcativos e estavam treinadois

para fazer muitas coisas. Os atletas olímpicos, em troca, eram especialistas extremos,

treinados para fazer uma só coisa absolutamente bem. As Olimpíadas tinham tanta relevância

para a vida real como um partido de beisebol profissional, mas seria formoso assistir.

Sim, investimos muitíssimo dinheiro para que o fora demarcou Frank

Wilkerson.

Onde se localizará a força de contra-ataque? perguntou

Chávez. Seu anfitrião deu meia volta e lhe indicou:

por aqui.

Né, é uma sensação agradável disse Chávez ao passar sob a muito fino névoa refrescante.

Sim, é-o. Reduz a sensação térmica aproximadamente quinze graus. Espero que sejam muitos

os que aconteçam refrescar-se por aqui durante a competição. Como vê, temos televisores

para que possam seguir os jogos.

Parece-me perfeito, Frank. E os atletas?

Temos o mesmo sistema nos túneis de acesso e também

569

no túnel principal que usarão para entrar. Mas, uma vez no campo, terão que suar.

Que Deus ajude aos maratonistas comentou Chávez.

Oxalá coincidiu Wilkerson . Teremos pessoal médico em diversos setores do estádio. O

prognóstico meteorológico anuncia clima caloroso e espaçoso, infelizmente. Mas temos

numerosos postos de primeiros auxílios por toda parte. O velódromo será um dos lugares mais

difíceis, acredito eu.

Gatorade disse Chávez automaticamente.

O que?

Uma bebida para esportistas. Água e quantidades de eletrólitos para evitar o golpe de calor.

Ah, sim, aqui temos uma bebida similar. Também haverá pastillas de sal. Estopie cheios.

Poucos minutos depois chegaram à área de segurança. Chávez viu aos SEJA
australianos

comodamente sentados em seu salão especial, También cheio de televisores que
transmitiriam

os jogos... e certos pontos nevrálgicos de vigilância. Wilkerson fez as
apresentações do caso,

e a maioria dos soldados australianos se aproximaram de saudar os

Rainbow com o estilo amistoso e aberto próprio do país. Os sargentos ficaram a
conversar

com seus equivalentes australianos e logo começou a imperar o respeito mútuo.
Cada

profissional se via refletido no outro e sua fraternidade internacional tinha
características de

elite.

O complexo se estava enchendo rapidamente. O primeiro dia havia estado
sozinho no quarto

piso, refletiu Popov. Mas já não. Havia pelo menos outros seis quartos ocupados
e ao olhar

pela janela viu que a praia de estacionamento estava cheia de automóveis

particulares chegados esse mesmo dia. Supunha que o trajeto entre Nova Iorque
e Kansas

implicava entre dois e três dias de viagem, de modo que a ordem de trasladar às
pessoas tinha

sido dada recentemente... mas onde estavam os caminhões de mudança? Acaso a
gente

pensava ficar a viver ali indefinidamente? O hotel era cômodo... por tratar-se de um hotel,

mas não tinha as mesmas comodidades que uma residência permanente. Os que tinham

meninos pequenos se voltariam loucos tendo-os tão perto tudo o tempo. Escutou ao passar a

conversação de um casal jovem recentemente chegada. Evidentemente estavam muito

entusiasmados pela presença de animais selvagens. Sim, os cervos e outros herbívoros eram

agradáveis de contemplar, pensou Popov em mudo acordo, mas não mereciam que se

dedicasse-lhes um bate-papo tão animado. Acaso pertenceriam à equipe cientista do Horizon

Corporation? Falavam como Jovens Pioneiros saídos de Moscou pela primeira vez, atônitos

ante as maravilhas de uma granja estatal. Era muito melhor ver os grandes teatros líricos de

Viena ou Paris, pensava o ex-oficial da KGB. Entrou em seu quarto. Então pensou outra

coisa. Todos os que estavam ali eram amantes da natureza. Talvez teria que estudar um

pouco o tema. Acaso não tinha os

570

vídeos no quarto...? Sim. Escolheu um ao azar, meteu-o na VCR, apertou a tecla PLAY e

acendeu o televisor.

Ah, a capa de ozônio, algo que parecia preocupar muito aos ocidentais. Pensou que ele

começaria a preocupar-se logo quando os pingüinos antárticos que viviam sob o buraco de

ozônio comessem a morrer por queimaduras revestir. De todos os modos, olhou e escutou. O

vídeo tinha sido produzido por um grupo chamado Earth First, e logo comprovou que seu

conteúdo era muito mais polêmico que algo que tivessem produzido as empresas

cinematográficas do Estado soviético. Essa gente evidentemente conhecia o tema e pedia a

eliminação de várias substâncias químicas industriais... mas como funcionariam os aparelhos

de ar condicionado de ar sem elas? Deixar de ter ar condicionado para salvar aos pingüins de

um excesso de radiação ultravioleta? O que era toda essa mierda?

O vídeo durou cinquenta e dois minutos por relógio. Escolheu outro, produzido pelo mesmo

grupo, dedicado às represas. Começava castigando aos delinquentes medioambientalistas que

tinham desenhado e construído a represa do rio Avermelhado. Mas era uma represa

hidroelétrica, não? Acaso a gente não necessitava eletricidade? E a eletricidade gerada por

represas não era acaso a mais limpa que havia? Acaso esse vídeo não tinha sido

produzido em

Hollywood utilizando a electricidêem que produzia a mencionada (e insultada) represa? Quais

eram esses tipos... e por que estavam esses vídeos em sua habitação? Druidas?

A palavra lhe voltou para a mente. Inmoladores de vírgenes, adoradores de árvores... Se assim

fora, tinham eleito um lugar bastante estranho. Havia muito poucas árvores nas planícies

cobertas de trigales do oeste de

Kansas.

Druidas? Adoradores da natureza? Rebobinou a cinta e jogou uma olhada aos periódicos.

Alguns pertenciam ao grupo Earth First.

Que classe de nome era esse? Earth First... Primeiro a Terra...

primeiro que o que? Os artigos destilavam ira contra vários insultos inferidos ao planeta.

Bom, tinha que admitir que escavar minas era algo espantoso. supunha-se que o planeta devia

ser belo e justamente apreciado. Popov desfrutava contemplando os verdes bosques igual a

qualquer filho de vizinho, e o mesmo podia dizer da rocha púrpura de as montanhas carentes

de vegetação. Se Deus existia, era um grande artislha... mas o que era tudo isto?

A humanidade, rezava o segundo artigo, era uma espécie Parásita sobre a superfície do

planeta, cuja essência era destruir antes que nutrir. A gente tinha exterminado numerosas

espécies e variedades de animais e novelo e, ao fazê-lo, tinha anulado seu direito a habitar o

planeta... Um conceito extremamente polêmico, pensou Popov.

Puro lixo, decidiu em seguida. Acaso a gazela que fugia do leão chamava à polícia ou a um

advogado para defender seu direito à vida? Acaso o salmão que nadava corrente acima para

desovar prótestava contra as mandíbulas do urso que o arrancavam da água e logo o

esmiuçavam para satisfazer suas próprias necessidades (as do

571

úrsido, entende-se)? Acaso a vaca era igual ao homem? Aos olhos de quem?

Na Ex-união Soviética acreditavam (com fé quase religiosa) que por muito formidáveis e

ricos que fossem os americanos, também eram um povo louco, inculto e imprevisível. Eram

ambiciosos, roubavam as riquezas alheias e exploravam aos desposeídos em benefício

próprio. Popov tinha comprovado a falsidade dessa propaganda negativa durante seu primeira

missão secreta no estrangeiro, mas também havia comprovado que os europeus ocidentais

estavam convencidos de que os estadounidenses eram um pouco loucos... e se esse grupo

Earth First representava aos Estados Unidos, então... indudavelmente tinham razão. Mas

muchos britânicos pintavam com aerossol às mulheres que usavam casacos de pele. O visom

também tinha direito a viver segundo eles. Um visom?

Um roedor peludo, um rato tubular de pelagem suntuosa. Esse roedor tinha direito à vida?

Baixo que lei?

Essa mesma manhã tinham protestado ante a sugestão do MAtar aos... como se chamavam?

Cães da pradaria. Sim, outros ratos tubulares cujos poços podiam mancar aos cavalos que eles

mesmos montavam... mas o que haviam dito? Sim, haviam dito que pertenciam ao lugar, mas

acaso os cavalos e a gente não? A que se devia tanta solicitude para um rato? Os animais

nobres, os falcões, os ursos, os cervos, inclusive esses estranhos antílopes eram belos... mas

ratos? Hábía mantido conversações similares com o Brightling e Henriksen, quem também

parecia amar excessivamente a todas as coisas que viviam e se arrastavam pelo chão.

perguntou-se o que sentiriam pelos mosquitos e as formigas.

Acaso esse lixo druídica seria a resposta a grande pergunta?

Pensou-o um pouco e decidiu que precisava averiguar mais dados, embora só fora para

assegurar-se de que não estava servindo a um louco... Louco não... talvez assassino maciço?

A idéia não lhe resultou particularmente réconfortante.

Que tal o vôo?

Esperable, todo um maldito dia apanhado em um 747 se queixou

Ding por telefone.

Bom, pelo menos viajou em primeira classe comentou Clark.

Fabuloso. A próxima vez deixarei esse agradar em suas mãos, John.

Como estão Patsy e JC? perguntou Chávez, passando aos temas imandaduras.

Muito bem. Não é tão mau ser avô poderia lhe haver dito que até o momento não tinha

trocado um só fralda. Sandy se havia feito cargo das tarefas de higiene com manifesta

dedicação e só o permitia ter ao bebê nos braços de vez em quando. Clark supunha que certos

instintos eram mais fortes nas mulheres e não queria interferir com as decisões da natureza . É

um precioso hombrecito,

Ding. Felicito-te, moço.

572

Obrigado, papai foi a irônica resposta . E Patsy?

Está muito bem, mas quase não pode dormir. JC só dorme três horas seguidas no momento.

Mas isso já teria trocado quando retorne. Quer falar com ela?

A você o que lhe parece, Mr. C.?

OK, espera um momento. Patsy! chamou . É Domingo.

Olá, neném disse Chávez desde seu quarto de hotel.

Como está, Ding? Que tal o vôo?

Comprido, mas tudo bem mentiu. Em opinião de Domingo Chávez, um homem jamais devia

mostrar-se fraco ante sua esposa . Nos tratam muito bem, mas faz muito calor. Tinha

esquecido o que era o calor.

Ficará para a abertura?

OH, sim, Pats, todos temos passes de segurança. Cortesia dos australianos. Como está JC?

Maravilhoso foi a inevitável resposta . É tão formoso.

Não chora muito. É maravilhoso o ter, sabe?

Dorme pouco, neném?

Bom, durmo várias horas, mas da momentos. Não tem importancia. Era muito pior ser

residente.

Bom, deixa que sua mãe te ajude um pouco, OK?

Claro que me ajuda assegurou Patsy.

OK, tenho que voltar a falar com seu pai... questões do NEgócios. Amo-te, neném.

Eu também te amo, Ding.

Domingo, acredito que finalmente vou aprovar te como genro disse Clark três segundos

depois . Jamais vi sorrir tanto a Patricia...

e suponho que é tua obra.

Sim. Obrigado, papai se burlou Chávez. Olhou seu relógio com hora britânica. Eram as sete

da manhã no Hereford. No Sydney, em troca, eram as quatro de uma calorosa tarde.

Bom, como andam as coisas por aí? perguntou Clark.

Bem replicou Chávez . Nosso contato é um coronel petiso chamado Frank Wilkerson. É um

tipo sólido. Seus homens são muito buenos, estão bem treinados, são confiados, agradáveis e

serenos. Tienen uma excelente relação com a polícia. O plano de segurança me parec bom...

Para fazê-la curta: não nos necessitam aqui tal como não necesitan mais cangurus no outback

que sobrevoei esta manhã, John.

Bom. Então, desfruta dos jogos Por muito que se queixassem, Chávez e seus homens teriam

férias grátis... e isso não era exatamente uma condenação ao cárcere.

Estamos perdendo o tempo, John insistiu Chávez.

Sim, bom, a gente nunca sabe... não te parece, Domingo?

Suponho que não teve que admitir Chávez. Tinham passado varios meses demonstrando-o.

Sua gente está bem?

573

Sim, tratam-nos muito bem aqui. Bons quartos de hotel, próximos ao estádio. Poderíamos ir

caminhando mas temos carros oficiais. Assim que suponho que somos turistas a salário, não?

Sim. Tal como pinjente, Ding, desfrutem dos jogos.

Como está Peter?

Melhor, mas não poderá reintegrar-se às atividades até dêentro de um mês, provavelmente

seis semanas. Os médicos são bons.

As pernas do Chin me preocupam mais. Ficam dois meses e meio de arnês.

Deve estar enlouquecido.

Está-o.

E nossos prisioneiros?

A polícia os está interrogando respondeu Clark . Tivemos mais notícias do moço russo, mas

nada útil ainda. Os policiais irlandeses estão tratando de identificar ao fabricante da cocaína...

é de uso medicinal. Dez libras de coca pura cujo valor de venda permiti estuário comprar um

avião. A Garda teme que isto marque o começo de uma tendência e que os grupos do IRA se

dediquem a traficar drogas.

Mas não é nosso problema.

Esse russo... Serov, não?... Ele foi quem lhes deu inteligência sobre nós?

Afirmativo, Domingo. Mas não sabemos de onde a tirou e nuestros amigos irlandeses não nos

estão dando nada mais que o que já temos... provavelmente é tudo o que sabem. Grady se

nega a falar. E seu advogado se queixa porque o interrogamos ao sair de cirurgia.

Não é um pedaço de mierda esse tipo?

Escuto-te, Ding se burlou Clark. Não obstante, poderiam utilizar a informação em um

tribunal. Inclusive havia uma filmagem da

BBC que mostrava ao Grady saindo da cena do crime. Sejam Grady estaria detento durante

um período definido pelo desejo da rainha , o qual significava cadeia perpétua (a menos que o

tratado da União

Europeia interferisse com a vontade real). Timothy Ou Neil e os que se tinham rendido com

ele poderiam sair em liberdade aos sessenta anos, según lhe havia dito Bill Tawney no dia

anterior . Algo mais?

Não, tudo anda bem por aqui, John. Amanhã reportarei a esta mesma hora.

Entendido, Domingo.

Dele um beijo ao Patsy de minha parte.

Se quer posso abraçá-la também.

Sim, obrigado, abuelito respondeu Ding com um sorriso.

Até manhã disse Clark, e pendurou.

Não é mau momento para estar longe de casa, chefe comentou Mike

Pierce . As primeiras duas semanas são francamente espantosas. De este modo, quando voltar

a casa o muchachito já dormirá entre cuatro e cinco horas seguidas. Talvez mais se tiver sorte

predisse o pai de três varões.

Vê algum problema aqui, Mike?

574

Como disse ao Six, os australianos têm tudo sob controle.

Parecem boa gente, velho. Estamos perdendo o tempo, mas diabos...

ao menos veremos as Olimpíadas.

Suponho. Alguma pergunta?

Que armas levaremos?

Pistolas somente, e roupa casual. Circularemos da dois: você comesfarelo e George com o

Homer. Também levaremos as rádios táticas, mas nada mais.

Sim, senhor. Parece-me bem. Que tal o mal-estar do vôo?

E o teu, Mike?

Como se me tivessem metido em uma bolsa e espancado com um taco de beisebol de beisebol

se queixou Price . Mas amanhã estarei melhor. Mierda, eu não gostaria de pensar que suportar

o dia de hoje não melhorará meu estado amanhã. Né, a propósito. Amanhã pela manhã

poderíamos treinarmos um pouco com os australianos, correr pela pista olímpica. Sonha

interessante, não?

Eu gosto da idéia.

Sim, será bom cruzar-se com esses nenitos atletas e ver se correrem tão rápido com armas e

colete antibalas Em seu melhor estado, Pierce podia correr uma milha em quatro minutos

trinta segundos... mas jamais tinha descido dos quatro minutos, nem sequer em short e

zapatillas. Louis Loisel proclamação de tê-lo feito uma vez, e Chávez lhe acreditava.

O diminuto francês tinha o tamanho perfeito para ser corredor de longa distância. Pierce era

muito alto e largo de ombros. Mais um grande dinamarquês que um galgo.

Tranquilo, Mike. temos que proteger os dois moços maus. Nisso somos os melhores o animou

Chávez.

Entendido, senhor Price se prometeu não esquecê-lo.

Popov despertou de repente, sem saber por que... Mas claro, acabou de aterrissar outro

Gulfstream. Supôs que os membros importantes do projeto chegavam dessa

maneira. Os

menos hierárquicos, ou os que tinham família, chegavam por terra ou em vôos comerciais. O

Gulfstream abriu suas portas e baixaram várias pessoas que imediatamente seubieron aos

automóveis que as trasladariam ao edifício do hotel. Popov se perguntou quem seriam, mas

estava muito longe para reconhecer as caras. Provavelmente os veria na cafeteria à manhã

siguienlhe. serve-se um copo de água no banheiro e voltou para a cama. O complexo estava-

se enchendo rapidamente, e ainda não sabia por que.

O coronel Wilson Gearing estava em seu quarto de hotel, uns pisos mais acima que os

soldados do Rainbow. Tinha guardado suas valises no roupeiro e pendurado sua roupa. As

empregadas e o pessoal de serviço não haviam meio doido nada. limitaram-se a revisar o

roupeiro, fazer as camas e limpar o quarto de banho. Não tinham revisado as valises

575

(Gearing tinha um sistema pessoal para comprová-lo). dentro de uma delas havia um

recipiente plástico cuja etiqueta dizia Cloro . Exteriormente era idêntico ao que estava no

sistema de névoa refrigeramvocê do estádio olímpico. De fato, tinha sido

comprado à mesma

compañía que tinha instalado o sistema e posteriormente limpo e vuelto a encher com as

invisíveis e livianas nanocápsulas. Também tinha as ferramentas necessárias para fazer a

mudança, ato que havia ensaiado em Kansas com uma instalação idêntica. Podia fazê-lo com

os olhos fechados, uma e outra vez, reduzindo o tempo ao mínimo para não afectar o sistema.

Pensou no conteúdo do recipiente. Era a primeira vez que um recipiente tão pequeno continha

tanta morte em potência. Mucho mais que um elemento de ordem nuclear, porque a diferencia

de étosse, o perigo que continham as nanocápsulas podia reproduzir-se muitas vezes em

lugar de detonar uma única vez. Devido ao funcionamento mesmo do sistema, as

nanocápsulas demorariam aproximadamente trinta minutos em ingressar nele. Os modelos de

computador e as prova mecânicas tinham demonstrado que as cápsulas podiam atravessar os

condutos e sair pelos rociadores de névoa sem ser vistas. Todois os que acontecessem os

túneis que conduziam ao estádio e as pistas respirariam-nas, a um médio de duzentas

nanocápsulas em quatro minutos de respiração (o qual superava amplamente a dose letal

calculada). As cápsulas entrariam através dos pulmões, passariam a a corrente sanguínea e ali

se dissolveriam, liberando a Shiva. Os cps do vírus (sabidamente manipuladas pela engenharia

genética) viajarían pela corrente sanguínea de espectadores e atletas até topar-se com o fígado

e os rins (órgãos de sua absoluta predileção), onde iniciariam um lento processo de

multiplicação. Tudo isto tinha sido estabelecido no laboratório do Binghamton a partir dos

sujeitos de experimentación normais . portanto, em poucas semanas o Shiva se teria

multiplicado em quantidade suficiente para começar seu trabalho.

No interín, os portadores o teriam propagado por contato sexual beijos, tosses e roce carnavais

(ou nem tanto) vários. Isto também havia sido demonstrado no laboratório do Binghamton.

Aproximadamente dentro de quatro semanas a gente começaria a sentir-se ligeiramente

doente. Alguns visitariam seus médicos de cabeceira e (depois de um inútil e superficial

exame que os assinalaria como vítimas de uma gripe psajera) começariam a tomar aspirinas e

beber muito líquido repousamdou frente ao televisor. Fariam-no, e se sentiriam melhor

(porque a gente estava acostumado a sentir-se melhor logo depois de ver o médico) durante

um par de dias.

Mas não teriam melhorado. Nem muito menos. cedo ou tarde padeceriam as hemorragias

internas (produto final da Shiva) e então, aproximadamente cinco semanas depois da

liberação das nanocápsulas, algum médico ordenaria uma análise de anticorpos e comprovaria

sobressaltado que um pouco parecido a célebre e temida febre de Ébola voltava a assolar à

humanidade. Um bom programa epidemiológico correiodría identificar às Olimpíadas do

Sydney como foco de propagação da epidemia. Obviamente, era o lugar perfeito para

distribuir o

576

vírus e os membros hierárquicos do projeto o tinham decidido anos atrás... inclusive antes da

praga lançada pelo Irã contra EUA (que provavelmente tinha fracassado porque não tinham

usado o vírus correcto e pelo carácter infeliz do método de propagação). Não, este plano era a

perfeição mesma. Todas as nações da Terra enviavam atlevocês e jurados aos Jogos

Olímpicos, e todos eles caminhariam sob a névoa refrescante nesse estádio caloroso.

amontoariam-se sob os rociadores para eliminar o excesso de calor corporal,

respirariam

fundo e tentariam relaxar-se. Logo retornariam a seus lares, desde Estadois Unidos a

Argentina, da Rússia a Ruanda, onde propagariam o

Shiva e provocariam o pânico inicial.

Logo viria a Fase Dois. Horizon Corporation fabricaria e distribuiria a vacina A, que chegaria

por vôos rápidos a todos os países do mundo. Uma vez ali, os médicos e enfermeiras dos

hospitais públicos inoculariam a todos os cidadãos que se cruzassem com seus seringas. A

Fase Dois concluiria a tarefa iniciada pelo pânico global que certamente produziria a Fase

Um. Desde quatro a seis semanas depois de ter sido vacinados, os receptores da começariam a

sentir-se doentes. Então, pensou Gearing, três semanas a partir de hoje, mais outras seis

semanas, mais duas semanas, mais outras seis, mais dois. Ponto final. Dezenove semanas em

total, nem sequer meio ano, e mais do noventa e nove por cento da população mundial haveria

morto. E o planeta se teria salvado. Já não haveria mais massacres de ovelhas por liberação

de armas químicas. Não mais extinção de espécies por culpa da crueldade humana. A capa de

ozônio se recuperaria, logo. A natureza voltaria a florescer. E ele estaria ali para

vê-lo, para

desfrutá-lo e apreciá-lo junto com seus amigos e colegas do projecto. Salvariam o planeta e

ensinariam a seus filhos a respeitá-lo, amá-lo e protegê-lo. O mundo voltaria a ser verde e

belo.

Não obstante, seus sentimentos não careciam de certa ambigüidade.

Ao olhar pela janela e ver às pessoas caminhando pelas ruas de

Sydney, seu coração sofria de só pensar o que ia ocorrer lhes. Mas tinha visto muito

sofrimento inocente. As ovelhas no Dugway. Os bonitos, porcos e outros animais de

experimentação no Edgewood Arsenal. Eles também sofriam. E muito. Eles também tinham

direito à vida, e o ser humano tinha desprezado seus padeceres e seus inalienáveis direitos. A

gente que passava pela rua não usava xampu que não tivesse sido provado previamente nos

olhos dos coelhos de laboratório, amontoados em jaulas cruelmente reduzidas onde sofriam

sem dizer palavra, sem expressão para a maioria da gente... que não entendia a os animais e

cujo destino lhes importava tão pouco como a cocção de os hambúrgueres que devoravam no

McDonald s local. Com seu indiferencia estavam ayudando a destruir o planeta. devido a seu

indiferença nem sequer tentavam ver o que era o importante, e como não apreciaban o

verdadeiramente importante... teriam que morrer. Eles mesmos puseram-se em perigo de

extinção como espécie e seriam apanhados pelo redemoinho de sua própria, egoísta

ignorância. Não eram como ele,

577

pensou Gearing. Estavam cegos. E sob as cruéis mas justas leis de

Charles Darwin, sua incapacidade de ver os punha em desvantagem. E assim, tal como um

animal substituíra o outro, ele e os seus substituiriam a os ignorantes, os cegos voluntários.

depois de tudo, só era um instrumento do processo de seleção natural.

O mal-estar provocado pelo vôo tinha desaparecido quase do tudo, pensou Chávez. O

treinamento matutino tinha sido delicioso, especialmente a carreira pela pista olímpica. Mike

Pierce e Chávez tinham deslocado corpo a corpo, sem tomar o tempo mas esforçando-se ao

máximo, e enquanto corriam tinham contemplado as tribunas vazias e imaginado os aplausos

que teriam recebido de ter sido atletas profissionais. Logo se tinham tomado banho e brincado

a respeito. Uma vez vestidos com roupa cômoda, colocaram as pistolas entre o cinturão e a

camisa, as rádios táticas nos bolsos e se penduraram do pescoço os passes de segurança.

Mais tarde soaram as trompetistas e a equipe da primeira nação do desfile, Grécia, saiu do

túnel e iniciou a marcha pelo estádio baixo o ensurdecedor aplauso dos espectadores. Tinham

começado os Jogos

Olímpicos. Chávez se disse que como oficial de segurança devia vigiar a a multidão... mas

descobriu que não podia fazê-lo. Os jovens e orgulhosos atletas partiam com galhardia militar,

escoltando a seus jurados e suas bandeiras nacionais pela pista oval. Deviam sentir-se muito

orgulhosos de representar a sua terra natal ante todas as nações do mundou, pensou Ding.

Cada um deles se teria treinado durante meses para obter essa honra, aceitar os aplausos e

acreditar-se digno do momemoro. Bom, não era o mesmo que ser agente secreto da CIA nem

comandante do Comando 2 do Rainbow. Isto era esporte puro, pura competência... e se não se

aplicava ao mundo real no que podia perjudicar? Cada evento seria uma forma de atividade

levada a sua essência...

e a maioria eram de natureza militar. Correr: a capacidade marcial mais importante era correr

para a batalha ou fugir dela. A fêmea de javali:

uma lança jogada contra o inimigo. O lançamento de disco: uma arma misilística. Salto com

garrocha: saltar uma parede e entrar em território inimigo. Salto em comprimento: superar o poço

que o inimigo cavou no CAMcorreio de batalha. Todas estas eram atividades marciais da

antigüidade e, se por acaso fora pouco, os Jogos modernos incluíam competências de tiro com

rifle e pistola. O moderno pentatlón se apoiava nas qualidades que devia reunir um correio

militar a fins do século XIX: cavalgar, correr e chegar ao destino, lhe dizer a sua comandante

o que precisava saber para mover suas tropas com eficácia.

Esses homens e mulheres eram uma espécie de guerreiros, decididos a obter a glória para si

mesmos e suas bandeiras, a bater ao inimigo sem derramar sangue, a conseguir uma vitória

pura no mais puro CAMcorreio de honra. E isso era, em opinião do Chávez, uma meta digna

para qualquer... mas ele era muito velho e não estava em condições de

578

competir. Que não estava em condições? Bom, dada sua idade estava em melhores condicione

que a maioria da gente que lotava o estadeu, mas não o suficiente para ganhar uma só

competência. Sentiu sua pistola Beretta sob a camisa. Isso, e sua habilidade de usá-la, faziam-

no perfeito para defender a esses meninos de qualquer que queria fazer danifícios. Mas

como, decidiu, teria que lhe bastar.

Isto é fabuloso, chefe comentou Price, olhando desfilas aos gregos.

Sim, Mike. É fabuloso.

579

CAPÍTULO 34

OS JOGOS CONTINUAM

Como acontece com todos os aspectos da vida, as coisas entraram em uma rotina própria.

Chávez e seus homens passavam a maior parte do tempo com a gente do coronel Wilkerson,

quase sempre sentados em o centro de vigilância olhando os jogos por televisão, mas também

percorrendo as instalações (supostamente para vigiar de perto, mas em realidade para ver de

perto as diversas competências). Seus passes de segurança permitiam entrar em todas partes.

Ding comprovou que os australianos eram ferozes fanáticos do esporte, maravilhosamente

hospitalares. Em seu dia franco escolheu um pub vizinho para passar o momento.

A cerveja era boa e a atmosfera amistosa. Ao inteirar-se de que era americano, seus novos

amigos o convidaram a beber cerveja e o fizeram toda classe de perguntas enquanto olhavam

os eventos deportivos nos enormes televisores embutidos nas paredes. O único que não

gostava de era a fumaça do cigarro (a cultura australiana ainda não tinha condenado por

completo o deplorável vício), mas bom... o lugar perfeito não existia.

Todas as manhãs, Ding e seus homens se treinavam com o Coronel Wilkerson e os seus, em

uma sorte de competência olímpica que não conseguiu estabelecer diferenças substanciais

entre americanos e australianos. Uma manhã foram ao polígono de tiro olímpico, tomaram

emprestadas as armas olímpicas (automáticas calibre 22 que pareciam brinquetes comparadas

com as .45 que estavam acostumados a levar os moços do

Rainbow), e comprovaram que os sistemas de brancos e acertos eram realmente muito difíceis

ao não estar relacionados com disparos de curva no mundo real. Apesar de toda sua

prática e experiência, Chávez decidiu que (com muita sorte) poderia derrotar à equipe de

Mali. Indudablemente não teria nada que fazer com os americanos ou os russos, atiradores

suprahumanos que ostentavam a habilidade de abrir buracos nos brancos de papel à

velocidade do raio. Mas esses blancos de papel não devolviam os disparos, pensou o chicano,

e isso marcava uma diferença. Além disso, o êxito de um disparo equivalia (em seu caso) a a

morte de uma pessoa. Isso também marcava uma diferença, pensaram Ding e Pierce em voz

alta, opinião compartilhada por seus colegas australianos. O que eles faziam jamais poderia

ser um esporte olímpico, a menos que alguém decidisse reviver aos gladiadores romanos

(coisa bastante improvável). Além disso, o que faziam para ganhá-la vida não

580

era precisamente um esporte, verdade? Tampouco era uma forma de emtretenimiento maciço

própria do mais amável e mais gentil mundo moderno. Ao Chávez teria gostado de ver os

jogos no anfiteatro dos

Flavios na Roma clássica, mas não era algo que se pudesse dizer em voz alta (outros o teriam

considerado um bárbaro selvagem). Ave, César!

Os que vamos morrer te saudamos! Não se parecia em nada à Taça do Mundo, não? E assim,

o maior Domingo Chávez, os sargentos Mike

Pierce, Homer Johnston e George Tomlinson, e o agente especial Tim

Noonan se dedicaram a olhar os jogos sem pagar um centavo, às vezes com jaquetas oficiais

para adquirir certa pátina de anonimato.

O mesmo podia dizer-se do Dimitri Popov, quem, na outra ponta do mundo, olhava as

Olimpíadas por televisão. Os jogos o distraíam um pouco das perguntas que atendiam seu

cérebro. A equipe russa (seu favorito, naturalmente) estava andando bem, embora os

australianos destacavam-se em seu caráter de locais (especialmente em natação, que parecia

ser a paixão nacional). O problema eram, como de costume, os fusos horários. Ver os eventos

em vivo implicava sentar-se frente ao televisor a horas extravagantes... o qual atentava em

certo modo contra seus rodeios matinais em companhia do Maclean e Killgore (a grande

diversão do dia em Kansas).

Essa manhã era como as dez anteriores: brisa fresca do oeste e naranjado sol nascente

arrojando uma luz estranha mas encantada sobre os ondulantes campos talheres de erva e

trigo. Buttermilk já o reconhecia e recompensava com evidentes assinal de afeto, que ele

recompensava a sua vez com torrões de açúcar ou, como hoje, com uma manzana roubada no

café da manhã que a égua devorava alegremente de seu mão. Tinha aprendido a lhe pôr a

arreios, coisa que fez rapidamente. Logo a levou fora e se reuniu com outros no curral.

Bom dia, Dimitri disse Maclean.

Bom dia, Kirk replicou o russo, agradado. Poucos minutos dêpués cavalgavam para o sul,

rumo a um dos trigales. Trotavam mais rápido que a primeira vez.

E? Como é ser agente de inteligência? perguntou Killgore quando estavam a meia milha da

cavalariça.

Em realidade nos chamam oficiais de inteligência disse Popov, decidido a corrigir o primeiro

engano conceptual gerado pelo HollyWood . Sinceramente, é um trabalho muito aborrecido.

Passamos a MAyor parte do tempo esperando uma reunião, ou enchendo formulários para

enviar às centrais. corre-se certo perigo... não de morrer, a não ser de ser detido. transformou-

se em um negócio civilizado. Os oficiais de inteligência capturados se intercambiam,

geralmente luego de um breve período de cárcere. Jamais me ocorreu, é obvio.

Estava bem treinado e tive sorte, omitiu adicionar.

Então, nada do James Bond? Você jamais matou a ninguém nem nada pelo estilo? perguntou

Maclean.

Santo céu, não replicou Popov soltando uma gargalhada . De isso se encarregam outros se for

necessário. E quase nunca o é.

Como quase nunca?

Hoje em dia? Eu diria que nunca. Nosso trabalho na KGB era conseguir informação e

transmiti-la a nosso governo... como se fuéRamos jornalistas, como os da Associated Press. E

grande parte da informação obtida provinha de fontes públicas, jornais, revistas, televisão. A

CNN é provavelmente a melhor fonte de informação do mundo, e a mais usada.

Mas que classe de informação conseguia?

Principalmente inteligência diplomática ou política, tratava de discernir intenções. Outros

conseguiam inteligência técnica a que velocidade voa um avião ou quão longe dispara um

canhão mas essa não era minha especialidade, já vêem. Eu tinha o que vocês chamam dom de

gente . Me reunia com distintas pessoas e transmitia mensagens e COseja pelo estilo. Logo,

levava as respostas a minha central.

Que classe de pessoas?

Popov titubeou um instante e decidiu dizer a verdade.

Terroristas. Assim os chamam vocês.

Ah, sim? Como quais?

Principalmente europeus, mas também alguns do Oriente

Médio. Falo vários idiomas e isso me permite me comunicar facilmente com gente de

distintos países.

Era difícil? perguntou Killgore.

Não. Tínhamos crenças políticas similares e meu país os proporcionava arma, treinamento e

acesso a facilidades do bloco socialista. Quase sempre atuei como agente de viagens e

ocasionalmente sugerí alguns brancos a atacar... em pago à ajuda que lhes havíamos brindado,

já vê.

Davam-lhes dinheiro?

Sim, mas não muito. A União Soviética tinha reservas monetárias limitadas e jamais pagamos

muito a nossos agentes. Pelo menos eu não o fiz admitiu Popov.

Então, você mandava aos terroristas a matar gente?

perguntou Killgore.

Popov assentiu.

Sim. Estava acostumado a fazê-lo. E por essa razão adicionou me contratou o Dr. Brightling.

Sério? perguntou Maclean.

Dimitri se perguntou até onde chegar em sua tarefa divulgadora.

Sim, pediu-me que fizesse algo similar para o Horizon Corporation.

Você é o que armou o alvoroço na Europa?

Contatei a várias pessoas e fiz sugestões que eles levaram a cabo, sim. E portanto, sim, tenho

um pouco de sangue nas mãos, suponho. Mas a gente não pode tomá-las coisas muito a sério,

não parece-lhes? Negócios são negócios.

Bom, felicito-o, Dimitri. Por isso está aqui disse Maclean .

582

John é muito leal a sua gente. Você deve havê-lo feito muito bem.

Popov se encolheu de ombros.

Talvez. Nunca me disse por que queria que o fizesse, mas seuponho que foi ajudar a seu

amigo Henriksen a conseguir o contrato de segurança para as Olimpíadas do Sydney que

estou vendo por televisão.

Assim é confirmou Isso Killgore era muito importante para não os outros assim, pensou,

porque serão as últimas.

Mas por que?

Vacilaram ante a pergunta direta. Intercambiaram um olhar rápida. Killgore respondeu.

O que pensa do meio ambiente, Dimitri?

A que se refere? Ao de fora? É belo. Estes rodeios matinais me ensinaram muito,

meus

amigos replicou o russo eligiindo cuidadosamente as palavras . O céu e o ar, e os formosos

campos talheres de pasto e trigales. Nunca tinha apreciado a beleza do mundo. Suponho que

se deve a que me criei em Moscou que havia sido uma cidade espantosamente suja, mas eles

não sabiam.

Sim, bom. Mas não todo mundo é assim.

Já sei, John. Na Rússia... bom, o Estado não se preocupa tãooto como vocês nos Estados

Unidos. Mataram quase tudo o que vivia no mar Caspio dali vem o caviar por envenenamento

químico. E há um lugar ao leste dos Urales onde nossas investigações atoumicas deixaram a

terra erma. Não o vi, mas escutei falar dele.

Os pôsteres da auto-estrada indicam passar a alta velocidade para sair o mais logo possível da

zona de radiação.

Sim, bom, se não tomarmos cuidado acabaremos com o planeta observou Maclean.

Isso seria um crime, como o dos hitlerianos demarcou Popov .

Nós o chamamos nekulturny, obra de bárbaros não civilizados. Os vídeos e revistas que tenho

em meu quarto são muito explícitos a respeito.

O que opina de matar gente, Dimitri? perguntou Killgore.

Depende da quem se mate. Há muita gente que merece morrer por uma ou outra razão. Mas a

cultura ocidental sustenta a bizarra idéia de que matar quase sempre está mau... Vocês os

americanos nem sequer podem matar aos criminosos, aos assassinos... Isso me resulta muito

curioso.

E os crimes contra a Natureza? perguntou Killgore, meurando ao longe.

Não entendo.

Bom, as coisas que prejudicam ao planeta, a eliminação de espécies completas, a contaminação da terra e o mar. O que opina disso?

Isso também é um ato bárbaro, Kirk, e deveria ser castigado severamente. Mas como se faz

para identificar aos criminosos? A culpa é do industrial que dá a ordem e saca proveito? Ou é

do operário que cobra um salário para fazer o que lhe ordenam?

583

O que disseram no NUREMBERG a respeito? perguntou Killgore.

No julgamento dos criminosos de guerra? decidiu-se que obedecer ordens não exime de culpa

Não era precisamente um conceito que hubiera aprendido na Academia da KGB, onde lhe

tinham ensinado que o Estado Sempre Tem Razão.

Correto disse o epidemiólogo . Mas, como bem sabe, ninguém perseguiu o Harry Truman por

ter bombardeado Hiroshima.

Porque ganhou, idiota, omitiu responder Popov.

Está-me perguntando se isso foi um crime? prosseguiu Popov .

Não, acredito que não, porque pôs fim a um mal maior e o sacrifício dessa gente foi

necessário para restaurar a paz.

E a salvação do planeta?

Não compreendo.

Se o planeta estivesse morrendo, o que teríamos que fazer para... o que seria correto fazer

para salvá-lo?

A discussão tinha a pureza ideológica e filosófica de um debate sobre dialética marxista na

Universidade Estatal de Moscou... e aproximadamente a mesma relevância no mundo real.

Matar ao planeta?

Impossível. Sim, provavelmente uma explosão nuclear total teria esse efeito, mas já não era

possível. O mundo tinha trocado, e Estados

Unidos tinha provocado a mudança. esses acaso dois druidas não viam o maravilhoso da

mudança? mais de uma vez o mundo tinha estado a punt ou de liberar suas mortíferas armas

nucleares, mas isso estava enterrado no selvagem passado.

Jamais me fiz essa pergunta, meus amigos.

Nós sim respondeu Maclean . Dimitri, atualmente há forças e pessoas que poderiam matar

tudo o que existe. Alguém tem que impedir-lhe mas como?

Não se refere a uma simples ação política, verdade? observou o russo.

Não, é muito tarde para isso... e de todos os modos, muito pouca gente escutaria Killgore

dobrou para a esquerda, seguido pelos outros dois . Infelizmente terá que tomar medidas

drásticas.

Quais? Matar a toda a população mundial? brincou Popov.

Mas a resposta a sua pergunta retórica foi um olhar idêntico em dois pares de olhos. O olhar

não lhe gelou o sangue, mas fez que seu cérebro movesse-se em uma direção nova e

inesperada. Eram fascisti. Pior ainda, fascisti que acreditavam em um ethos. Mas estavam

dispostos a atuar de acordo com suas crenças? Existia alguém capaz de fazer algo semelhante?

Nem sequer o pior dos stalinistas... não, os stalinistas não eram loucos a não ser românticos

políticos.

O ruído de um avião perturbou o silêncio da manhã. Era um de os Gulfstream do Horizon.

Separou do complexo, ascendeu e girou à direita, rumo ao este... para Nova Iorque,

provavelmente. Iria a ônibuscar mais gente do projeto ? Provavelmente. O complexo estava

um 80

por cento cheio, refletiu Popov. O médio de chegadas havia dismi584

nuido, mas seguia atracando gente (quase sempre por terra). A cafeteestúário quase sempre

estava cheio à hora do almoço ou o jantar, e as luzes seguiam acesas até tarde nos

laboratórios. Mas o que étaban fazendo?

Horizon Corporation, recordou Popov, era uma companhia de tecnologia biológica

especializada em medicamentos e tratamentos médicos.

Killgore era médico e Maclean engenheiro especialista em questões de meio ambiente.

Ambos eram druidas, adoradores da natureza, a nova classe de paganismo que florescia no

Ocidente. John Brightling também o era, a julgar pela conversaço que tinham mantido em

Nova Iorque. Então, esse era o ethos desses homens e da empreseja. Dimitri recordou as

revistas que tinha no quarto. Os humanos eram uma espécie parásita que fazia mais mal que

bem na Terra. E esses dois acabavam de dizer que convinha sentenciar a morte a prejudicial

raça humana... Estava claro que para eles todo mundo era daninho. O que se propunham

fazer, matar a todos os homens? Que BASul. A porta que levava a resposta definitiva se havia

entreaberto. Seu cérebro corria mais rápido que Buttermilk... mas não o suficiente.

Cavalgaram em silêncio uns minutos. Logo, uma sombra cruzou o chão e Popov levantou a

vista.

O que é isso?

Um falcão de cauda vermelha respondeu Maclean . Está procurando algo para tomar o café da

manhã.

Enquanto o observavam, o predador subiu a quinhentos pés de altura e desdobrou as asas para

deixar-se levar pelo vento. Baixou a cabeça e escrutinou a superfície terrestre em busca de um

roedor despreparado.

Os três homens detiveram a marcha para olhá-lo. Demorou vários meunutos, e foi algo de

uma vez belo e horrível de contemplar. O halcó pregou as asas e descendeu a pico,

velozmente, logo se deteve, acelerou como uma bala emplumada, voltou a desdobrar as asas,

levantou a cabeça e abriu suas garras amarelas...

Sim! festejou Maclean.

Como o menino que esmaga um formigueiro, o falcão usou seus destruídoes para matar a sua

presa, retorcendo-a e rasgando-a. Logo, aferrando o cadáver tubular com suas poderosas

garras, levantou vôo e se perdeu no horizonte. O cão da pradaria que tinha matado não teve

opção de escapar, pensou Popov, mas assim era a natureza. Igual à gente. Nenhum soldado

lhe dava ocasião de escapar ao inimigo. Não era seguro nem inteligente fazê-lo. A gente

golpeava com fúria absoluta e sem advertência. Essa era a melhor maneira de matar rápido e

fácil e sem correr perigo , e se o inimigo não tinha tido a astúcia de protegerse, bom, isso era

problema dele. Quanto ao falcão, tinha evitado que o sol projetasse sua sombra, de modo tal

que o cão da pradaria aparecido em buraco que era seu lar não pudesse vê-lo. E logo o havia

matado sem piedade. O falcão tinha que comer, claro. Talvez tinha filhos que alimentar, ou

talvez caçava só para si mesmo. Como fora, o cão

585

da pradaria pendurava morto de suas garras, como um meia três-quartos marrom vazio, e logo

seria devorado por seu matador.

Maldição, eu adoro ver estas coisas disse Maclean.

É cruel, mas belo demarcou Popov.

Assim é a Mãe Natureza, companheiro. Cruel mas bela

Killgore observou ao falcão perder-se na distância . Digno de ver-se.

Tenho que capturar um e treiná-lo anunciou Maclean .

Quero treiná-lo para que me traga a presa morta ao punho.

Os cães da pradaria correm perigo de extinção?

Não, para nada respondeu Killgore . Os predadores controlam a quantidade de presas, mas

jamais as exterminam. A natureza mantém seu equilíbrio.

E que lugar ocupa o homem dentro desse equilíbrio? perguntó Popov.

Nenhum replicou Maclean . O homem destruiu tudo o que pôde porque é muito torpe para

distinguir entre o bem e o mal.

E é indiferente ao dano que causa. Esse é o problema.

E qual é a solução? perguntou o russo. Killgore se deu volta e o olhou direto aos olhos.

Nós.

Ed, deve ter usado o mesmo nome secreto durante muitos anos insistiu Clark . Os tipos do

IRA não o viam desde fazia tempo, mas o conheciam por esse nome.

Tem lógica teve que admitir Ed Foley por telefone . Então, realmente quer falar com ele,

né?

Bom, em realidade não é para tanto, Ed. Simplesmente ordenou matar a minha esposa, minha

filha e meu neto, sabe? E seus esbirros mataram a dois de meus homens. Agora bem, tenho

permissão para me contatar com ele ou não? exigiu Rainbow Six desde seu escritório.

Em seu escritório do sétimo piso na central da CIA, o diretor

Ed Foley vacilou desusadamente. Se lhe permitia fazê-lo (e se Clark obtenia o que desejava)

funcionariam as regras de reciprocidade. Sergey

Nikolayevich chamaria algum dia à a CIA e pediria informação delicada, e ele, Ed Foley,

teria que brindar-lhe Do contrário, o débil laço de amizade entre as agências de inteligência

internacional se cortaria definitivamente. Mas Foley não podia predizer o que lhe pediria o

russo, e ambos os bandos se seguiam espiando, de modo tal que as regras amistoseja da vida

moderna se aplicavam e não se aplicavam ao mundinho dos agentes secretos. A gente fingia

que sim, mas atuava como se não. Manter contato com o ex-inimigo era excepcional, e

Golovko os havia ajudado duas vezes em operações importantes. E jamais tinha pedido nada

a mudança, talvez porque as operações tinham beneficiado direta ou indiretamente a seu país.

Mas Sergey não era dos que esquecem dívidas ou favores outorgados Y...

Sei o que está pensando, Ed, mas perdi dois homens por

586

culpa deste tipo e quero saber quem carajo é... e Sergey pode ayunos dar a identificá-lo.

E se ainda está dentro? tentou Foley.

De verdade o crie possível? burlou-se Clark.

Bom, não.

Eu tampouco, Ed. Então, se for um amigo, lhe façamos uma pergunta de amigos. Talvez

obtenhamos uma resposta de amigo. A essência pró quo poderia ser que os russos de

operações especiais se treinaran umas semanas conosco. É o preço que estou disposto a pagar.

Era inútil discutir com o John, ex-treinador do Foley e sua esposa

Mary Pat (atualmente subdirectora de Operações).

OK, John , aprovado. Quem fará o contato?

Tenho seu número disse Clark.

Então chama-o, John. Aprovado concluiu o DCI, bastante molesto . Algo mais?

Não, senhor, e obrigado. Como estão Mary Pat e os meninos?

Bem. E seu neto?

Muito bem. Patsy se está recuperando e Sandy se feito cargo do JC.

JC?

John Conor Chávez esclareceu Clark.

Nome difícil de levar, pensou Foley. Mas não o disse.

Bom, OK. Adiante, John. Vemo-nos.

Obrigado, Ed. Até logo Clark apertou outra tecla . Bill, nos passaram.

Excelente replicou Tawney . Quando chamará?

O que te parece amanhã?

Passo a passo, Clark aconselhou Tawney.

Não se preocupe matou essa linha e apertou outra tecla para activar um gravador a toca-fitas.

Logo apertou outra e chamou Moscou.

Seis-E seis-Zero respondeu uma voz feminina em russo.

Preciso falar pessoalmente com o Sergey Nikolayevich. Dígao que o chama Ivan

Timofeyevich, por favor disse Clark em seu russo mais erudito.

Dá replicou a secretária, perguntando-se como haveria conseguido essa pessoa o telefone

direto do Diretor.

Clark! trovejou uma voz masculina . Se encontra bem no Inglaterra? E outra vez, a coisa tinha

começado. O diretor do reconfigurado serviço de inteligência exterior russo queria lhe fazer

sejaber que sabia onde estava e o que estava fazendo. Não tinha sentido lhe perguntar como o

tinha averiguado.

O clima me resulta agradável, diretor Golovko.

Essa nova unidade que dirige esteve muito atarefada últimamente. Esse atentado contra sua

esposa e sua filha... estão bem agora?

Foi muito desagradável, mas sim, obrigado, estão muito bem. Háblaban em russo, idioma que

Clark dominava como um nativo de

587

Leningrado... perdão, São Petersburgo, se autocorrigiu mentalmente.

Certos velhos hábitos não se apagavam facilmente. E já sou avô.

Sério, Vanya? Felicitações! É uma notícia fabulosa. Não eu gostei de me inteirar desse

atentado contra vocês comentou Golovko com sinceridade. Os russos eram um povo muito

sentimental, especialmente no que concernia aos meninos.

A mim tampouco retrucou Clark. Mas deu seus frutos, como decimos por aqui. Eu mesmo

capturei a um desses miseráveis.

Não sabia, Vanya prosseguiu o russo. Clark não sabia se lhe acreditar ou não. E bem, a que

devo a honra de sua chamada?

Necessito que me ajude com um nome.

E que nome é esse?

Uma identidade encoberta: Serov, Iosef Andréyevich. O oficial em questão ex-

oficial,

acredito trabalha com elementos progressistas em

Ocidente. Temos razões para acreditar que instigou operações nas que morreu muita gente,

incluindo o atentado do Hereford.

Nós não tivemos nada que ver com isso, Vanya se apressou a dizer Golovko, repentinamente

sério.

Não tenho razões para pensar que estejam envolvidos, Sergey, mas um homem chamado Serov,

de nacionalidade russa, entregou dinheiro e droga aos terroristas irlandeses. Os irlandeses o

conheciam de experiencias anteriores, incluído o vale do Bekaa. portanto acredito que

pertenceu a KGB. Também tenho sua descrição física demarcou, e procedeu a dar-lhe

Disse Serov . É um sobrenome estranho porque...

Sim. Já sei.

Isto é importante para você?

Sergey, além de matar a dois de meus homens, esta operação ameaçou diretamente a minha

esposa, filha e neto. Sim, meu amigo, é muito importante para mim.

Golovko ficou pensando. Conhecia o Clark, viram-se hárecua dezoito meses. Oficial de

campo de talento incomum e sorte asombrosa, John Clark tinha sido um inimigo

perigoso, a

quintaesencia do profissional de inteligência. Igual a seu jovem colega, Domingo

Estebanovich Chávez, se mal não recordava. E Golovko sabia que a filha do Clark estava

casada com esse menino Chávez... de fato, acabava de inteirar-se. Alguém o havia dito ao

Kirilenko em Londres, mas não recordava quem.

Mas se era um russo (um ex-chekist, nada menos) que estava agitando o vespeiro terrorista...

más notícias para seu país. Acaso devia cooperar? Quais eram as vantagens e desvantagens de

fazê-lo? Se aceptaba agora teria que chegar até o fim. Do contrário, a CIA e outros serviços

ocidentais se negariam a cooperar com ele. Cooperar estava nos interesses de seu país? Nos

de sua instituição?

Verei o que posso fazer, Vanya, mas não lhe prometo nada foi a concisa resposta. Bravo,

pensou Clark, isso significa que ao menos o pensará.

588

Consideraria-o um favor pessoal, Sergey Nikolayevich.

Compreendo. me permita ver o que posso averiguar.

Muito bem. Bom dia, meu amigo.

Dosvidaniya.

Clark retirou o toca-fitas e o guardou na gaveta de seu escritório.

OK, companheiro. Vejamos o que pode fazer por mim.

O sistema de computadores do serviço de inteligência russo não era tão avançado como seus

equivalentes ocidentais, mas as diferentes técnicas eram amplamente superadas pelas

deficiências humanas, já que os cérebros dos operadores se moviam mais devagar que a mais

lenta dos computadores. Golovko tinha aprendido a dirigir porque não sempre lhe agradava

que outros fizessem as coisas por ele. Um minuto depois tinha uma tela cheia de dados

obtidos a partir do sobrenome encoberto.

POPOV, DIMITRI ARKADEYEVICH, dizia a tela. E adjuntava número de serviço, data de

nascimento e tempo de emprego. Se tinha retirado como coronel para o final do primeiro

grande RIF que hábia reduzido a Ex-KGB em quase um terço. Bom conceito de seus

superiores, observou Golovko, mas se tinha especializado em um campo que já não lhe

interessava à agência. Quase todos os membros desse subdepartamento tinham sido

despedidos e recebiam uma pensão miserável, inexistente. Bom, não podia fazer nada a

respeito. Já era bastante difícil que a Duma destinasse recursos a sua reduzida

agência, a pesar

de que sua minguada nação necessitava mais que nunca seus servicios... E esse Clark tinha

levado a cabo duas missões que haviam beneficiado a sua nação, recordou Golovko... além

disso, é obvio, de acciones prévias que tinham prejudicado grandemente à União Soviética.

Mas bom, precisamente essas ações o tinham ajudado a alcançar a direção de sua agência.

Sim, tinha que ajudá-lo. Faria um bom negócio com os estadounidenses. Além disso, Clark

tinha tratado honoravelmente com ele e em certo modo lhe incomodava que um ex-oficial da

KGB se colocou com seu família: os ataques a não combatentes estavam proibidos no

negócio de inteligência. OH, de vez em quando tinham incomodado um pouco à esposa de

algum oficial da CIA nos longínquos dias da Guerra Fria, mas dano verdadeiro? Jamais. além

de ser nekulturny houvesse inirecuado uma série de vinganças que tivessem interferido com o

que de verdade importava: conseguir informação. Da década do 50 em adiante o negócio de

inteligência se transformou em uma activedem civilizada, predecible. A qualidade de

predecible era o que sempre tinham querido os russos do Ocidente, e viceversa. Clark era

predecible.

Uma vez tomada sua decisão, Golovko imprimiu a informação que acabava de ler em tela.

589

E? perguntou- Clark ao Bill Tawney.

Os suíços foram um pouco lentos. Resulta que o número de conta que nos deu Grady era

autêntico...

Era? interrompeu-o John, seguro de poder tolerar outra má notícia.

Bom, a conta não está em atividade. Abriram-na com um depósito de quase seis milhões de

dólares, logo retiraram vários milhares... e logo, o mesmo dia do atentado ao hospital,

retiraram todo o dinheiro, exceto mil dólares, e o depositaram em outra conta, em outro

banco.

Onde?

Dizem que não podem nos dizer.

Ah, bom, então lhe diga a seu jodido ministro da Justiça que a próxima vez que necessite

nossa ajuda deixaremos que os jodidos lherroristas façam mierda a seus prolixos cidadãos!

bramou Clark.

Têm leis, John assinalou Tawney . E se a transferência a fez um advogado? Nesse caso se

aplicariam os privilégios abogado/cliente e nenhum país pode transpassar essa barreira. Os

suíços têm leis que protegem recursos de suposta origem criminal, mas não temos maneira de

prová-lo, não te parece? Suponho que poderíamos inventar algo para lhe passar por cima à lei,

mas levará tempo, velho.

Carajo balbuciou Clark. Logo o pensou um segundo . O russo?

Tawney assentiu sabiamente.

Sim, tem lógica, não? Abriu-lhes uma conta numerada e quando vocês os apanharam ele

seguia tendo o número.

Carajo, então foi e os exauriu.

Completamente observou Tawney . Grady disse seis milhões de dólares no hospital e os

suíços confirmaram a cifra. Usou vários milhares para comprar os caminhões e o resto dos

veículos têm os registros da investigação policial a respeito e deixou o resto em a conta. Mas

o russo decidiu que já não necessitariam os recursos. Buenão, por que não? Os russos são

tipos notoriamente ambiciosos, já sabe.

Rússia o dá, e Rússia o tira. Ele também lhes deu inteligência sobre nós.

Não me atrevera a te contradizer, John.

OK, repassemos um pouco propôs John, metendo-os nervos no bolso . Aparece o

russo, dá-

lhes informação de inteligência sobre nós e recursos para a operação conseguidos quem sabe

onde.

Não na Rússia, é óbvio. Primeiro porque não têm motivos para levar a cabo semelhante

operação e segundo porque não têm tanto dinheiro para desperdiçar. Primeiro pergunta: de

onde saiu o dinheiro...?

E a droga, John. Não se esqueça da droga.

OK, e a droga. De onde carajo saíram?

Provavelmente será fácil rastrear o tema droga. A Garda diz que a cocaína é de uso médico, o

qual significa que provém de uma drogaria. Todos os países do mundo controlam a produção

de cocaína. Dez libras é muito, suficiente para encher uma valise grande... Não esqueça que a

cocaína é tão densa como o tabaco. portanto, o vulto

590

equivaleria a dez libras de cigarros. Digamos uma valise grande. É uma enorme quantidade de

droga, John, e terá deixado um oco na drogaria.

Está pensando que veio dos Estados Unidos?

Em princípio, sim. As drogarias maiores do mundo estão ali e em Grã-Bretanha. Posso fazer

que a polícia investigue falta de cocaína no Distillers Limited e as demais empresas. Espero

que a DEA americano possa fazer outro tanto.

Chamarei o FBI disse Clark no ato . Então, Bill, o que sabemos?

Suporemos que Grady e Ou Neil disseram a verdade sobre o russo Serov. Temos um ex

(presumivelmente) oficial da KGB que instigou o atentado contra Hereford. Para falar a

verdade os contratou para levá-lo a cabo, como se fossem mercenários, e lhes pagou com

droga e efectivo. Quando o atentado fracassou, o russo confiscou o dinheiro, suponho que em

benefício próprio. Por outra parte, o russo não podia ter tanto dinheiro...

bom, talvez a máfia russa, os Ex-KGB que acabam de descobrir a livre empresa... mas não

vejo por que teriam que nos atacar. O Rainbow não significa uma ameaça para eles, não te

parece?

Não coincidiu Clark.

Então, temos uma grande quantidade de droga e seis milhões de dólares entregues por um

russo. No momento suponho que a operação se originou nos Estados Unidos, tendo em conta

o tema droga e a quantidade de diénro.

por que?

Não posso justificá-lo, John. Talvez seja questão de olfato.

Como chegou a Irlanda? perguntou Clark, disposto a confiar em o olfato do Tawney.

Não sabemos. Deve ter pirado ao Dublin... sim, já sei, não é prudente fazê-lo com semelhante

quantidade de droga em cima. Teremos que consultar a nossos amigos.

lhe diga à polícia que é muito importante. A partir disso poderíamos conseguir o número do

vôo e o ponto de origem.

Absolutamente Tawney tomou nota.

Que mais nos falta?

Farei que meus companheiros do Six verifiquem os nomes de oficiais da KGB que tenham

trabalhado com grupos terroristas. Temmos uma descrição física que pode nos ser útil.

Relativamente útil, ora. Acredito que nosso maior esperança são as dez libras de droga.

Clark assentiu.

OK, chamarei já mesmo ao FBI.

Dez libras, disse?

Sim, Dão, e pura. É um montão de coca, velho, e teria que háber um oco grande em algum

depósito.

Chamarei a DEA e lhes pedirei que joguem uma rápida olhada prometeu o diretor do FBI .

Alguma outra novidade?

Estamos chutando a árvore para que largue os frutos, Dão replicou John . No momento

supomos que a operação se originou nos Estados Unidos procedeu a lhe explicar ao Murray os

motivos de a hipótese.

Esse russo, Serov, disse que era Ex-KGB e que tinha vínculo com terroristas. Não havia

tantos desses e temos informação sobre sua especialidade.

Bill também pediu aos Six que averiguassem, e eu falei com

Ed Foley. E também com o Sergey Golovko.

Realmente pensa que te ajudará? perguntou Murray.

Quão pior pode dizer é não, Dão, e o não é quão único temos por agora assinalou Rainbow

Six.

É certo admitiu Dão . Posso fazer algo mais por ti?

Se me ocorre algo lhe farei saber isso, companheiro.

OK, John. Esteve vendo as Olimpíadas?

Sim, de fato tenho parte de um comando ali.

Como?

Sim, Ding Chávez e alguns homens. Os australianos nos pediram que observássemos a

operação de segurança. Ding diz que são muito bons.

Uma viagem grátis às Olimpíadas... sonha bastante bem COMemorou Murray.

Suponho que sim, Dão. De todos os modos, nos chame assim que tenhamos algo, sim?

Claro, John. Vemo-nos, companheiro.

Sim. Adeus, Dão.

Pendurou o telefone seguro e se respaldou em sua cadeira, perguntando-se o que estaria

passando por cima. Estava verificando tudo o que se o ocorria, todos os cabos soltos, com a

esperança de que alguém, em algum lugar, aparecesse-se com fator aparentemente inocente

que os levasse a develar o enigma. Nunca tinha apreciado devidamente o difícil que era ser

polícia e investigar um crime importante. A cor do automóvel de os maus podia ser

importante, e a gente devia lembrar-se de perguntá-lo.

Mas ele não estava treinado para isso e devia confiar em que os policiais fizessem bem seu

trabalho.

Estavam-no fazendo. Em Londres, a polícia tinha transladado a

Timothy Ou Neil à acostumada sala de interrogatórios. Haviam-lhe devotado chá, e ele tinha

aceito.

Não era fácil para Ou Neil. Ele não queria dizer nada, mas o impacto da

informação que lhe

tinha atirado a polícia (e que só podia haver subministrado-lhes Grady) tinha minado sua fé e

sua resolução. A resulto disso havia dito um par de coisas... e uma vez que o processo se

iniciava não havia volta atrás.

592

O russo, Serov começou o detetive inspetor . Voou a Irlanda?

O atoleiro é muito grande, companheiro se burlou Ou Neil.

Sim, e difícil de atravessar a nádo admitiu o inspetor . Em o que voou?

Silêncio por toda resposta. Desalentador, mas não inesperado.

Posso te dizer algo que não sabe, Tim ofereceu o inspetor para acelerar um pouco a coisa.

E o que poderia ser?

Esse tipo Serov lhes abriu uma conta numerada em um banco suízo e depositou o dinheiro ali.

Bom, os suíços acabam de nos informar que retirou o dinheiro.

O que?

O dia do atentado alguém chamou o banco e retirou quase todo o dinheiro. De modo que seu

amigo russo lhes deu com uma mão e lhes tirou com a outra. Aqui tem o inspetor lhe

aconteceu uma folha de papel . Esse é o número de conta e este o número de ativação de

transferências.

Seis milhões de dólares, menos o que gastaram em caminhões e demais.

Transferiu tudo o que ficava, atrevera-me a sugerir que a sua conta pessoal equivocaram-se

de cúmplice, Tim.

Ladrão de mierda! Definitivamente, Ou Neil tinha perdido a calma.

Sim, Tim. Já sei. Vocês nunca foram ladrões. Mas este tipo

Serov o é, e isso é um fato, moço.

Ou Neil lançou uma maldição naturalmente contrária a sua fé católica. Tinha reconhecido o

número de conta, sabia que Sejam havia o escrito e estava razoavelmente seguro de que o

policia não lhe estava mintendo.

Voou ao Shannon em um jato privado. Não sei desde onde.

Sério?

Provavelmente pelas drogas que trazia. Não revistam revisar aos plutocratas, verdade? Atuam

como se fossem malditos nobres.

Sabe que classe de avião?

Ou Neil negou com a cabeça.

Tinha dois motores e a cauda em forma de T, mas não, não sei o que avião era.

E como chegou ao lugar do encontro?

Mandamos um carro para buscá-lo.

Quem conduzia o carro?

Não lhe darei nomes. Já o disse.

me perdoe, Tim, mas devo perguntar. Sabe como é isto se desculpou o policial. esforçou-se

muito para ganhar a confiança do terrorista . Sejam confiava neste Serov. Evidentemente

cometeu um engano. Os recursos foram transferidos duas horas depois de iniciada a operação.

Suspeitamos que estava perto, observando, e que quando viu como andavam as coisas decidiu

lhes roubar o dinheiro. Os russos são uns bandoleiros ambiciosos proclamou o policial. Seus

olhos não demonstra⁵⁹³

rum o prazer que lhe produzia a recente informação. A sala estava cheia de microfones, é

obvio, e a polícia da metrópole já estava telefonando a Irlanda.

A força policial irlandesa, chamada Garda, quase sempre cooperava com seu equivalente

britânica. Esta vez não foi a exceção. O Garda local de mais alta fila se dirigiu imediatamente

ao Shannon para verificar os registros de vôos... no que a ele concernia, o único que queria

saber era como tinham ingressado em seu país dez libras de droga ilegal. O engano tático

cometido pelo IRA tinha enfurecido aos políguas locais (muitos deles tinham uma simpatia

tribal pelo movimento revolucionário do norte). Mas a simpatia se evaporou rapidamente

quando saltou o tema do tráfico de droga. Os Garda, como a maioria dos policiais do mundo,

consideravam-no o mais sujo dos crimes.

O escritório de operações de voo no Shannon tinha registrados por escrito todos os voos que

separavam ou aterrissavam no complexo. Com ajuda da data, o subgerente de operações

encontrou a folha indicada em menos de três minutos. Sim, um Gulfstream tinha chegado a a

manhã cedo, recarregado combustível e partido pouco depois.

Os documentos indicavam o número de cauda e os nomes dos tripulantes. Mais pontualmente,

mostravam que o avião estava registrado em uma companhia de charters americano. O Garda

irlandês se davaregeu imediatamente ao controle de imigração e alfândega, onde descobriu

que um tal Joseph Serov tinha passado pela alfândega essa mesma manhã. Fotocopiou todos

os documentos importantes e voltou para seu escritório. De ali os enviou por fax à central da

Garda no Dublin, e de ali a Londres, e de ali a Washington DC.

Maldição balbuciou Dão Murray em seu escritório . Começou aqui, efetivamente.

Assim parece disse Chuck Baker, subdirector a cargo da divisão criminal.

Quero que siga esta pista, Chuck.

Já mesmo, Dão. A coisa se está pondo escura.

Trinta minutos depois, um par de agentes do FBI chegaram à escritório da empresa de

charters no aeroporto do Teterboro, New

Pulôver. Imediatamente comprovaram que o avião tinha sido alugado por um tal Joseph

Serov, que tinha pago com um cheque a seu nome pertencente a uma conta do Citibank.

Não, não tinham a foto do cliente. A tripulação do vôo estava de viaje nesse momento mas

logo que retornasse cooperaria com o FBI, certamente.

De ali se dirigiram (com um montão de fotocópias) a sucursal

banco onde Serov tinha sua conta... e se inteiraram de que ninguém tinha-o visto jamais.

Sua direção era a mesma maldita casinha do Correo onde tinha terminado (em ponto morto) a

investigação sobre seus cartões de crédito.

Chegado esse momento, o FBI tinha uma cópia da foto do passaporte do Serov... mas essa

classe de fotos geralmente serviam para identificar às vítimas de acidentes aéreos antes que a

pessoas vivas, em opinião de Dão Murray.

Mas o arquivo do caso estava crescendo, e pela primeira vez se sentia otimista. Pouco a pouco

foram reunindo informação sobre o sujeito e cedo ou tarde saberiam onde se colocou, porque

(profissional da KGB ou não) quando a gente aparecia no radar coletivo do FBI nove mil

detetives começavam para buscá-lo, e não deixavam de fazê-lo até receber novas ordens.

Foto, conta bancária, resúmenes de tarfocinhos de porco de crédito... o próximo passo seria

descobrir como tinha chegado o dinheiro à conta. Necessariamente devia ter um empregador

e/ou ptrocinador, e essa pessoa ou entidade seria interrogada para obter mais informação. Só

era questão de tempo, e Murray acreditava ter todo o tempo necessário para fazer sair à

toupeira de sua guarida. Não estavam acostumados a emfrentarse com agentes segredos

profissionais. Eram as presas mais elusivas e, por essa mesma razão, os do FBI desfrutavam

de horrores quãodou podiam pendurar suas cabeças sobre a estufa a lenha. Terrorismo e

narcotráfico. Seria um caso muito succulento para qualquer procurador dos Estadois Unidos.

Olá disse Popov.

Encantado replicou o homem . Você não é daqui.

Dimitri Popov disse o russo, lhe tendendo a mão.

Foster Hunnicutt disse o americano, estreitando-a .

O que está fazendo aqui?

Popov esboçou um débil sorriso.

Aqui... absolutamente nada, embora aprendi a montar a caiballo. Trabalho diretamente para o

Dr. Brightling.

Quem... ah, para o grande chefe do lugar?

Sim, assim é. E você?

Sou caçador e guia respondeu o homem de Montana.

Que bem. E não é vegetariano?

Não exatamente. Eu gosto da carne vermelha como a qualquer filho de vizinho. Mas prefiro a

carne de alce a estes cortes misteriosos prosseguiu, olhando com certo desgosto o que tinha

no prato.

Alce?

O cervo maior que verá em toda sua vida. Um bom alce produz entre quatrocentas e

quinhentas libras de excelente carne.

Bom cabide, também.

Cabide?

595

As hastes, os chifres da cabeça. Também eu gosto da carne de urso.

Suponho que isso lhes cairá péssimo a muitos dos que estão aqui comentou o Dr.

Killgore,

devorando um bocado de salada.

Olhe, homem, caçar é a primeira forma de conservação. Se alguém não cuidasse dos insetos,

não haveria nada que caçar. Já sabe, como Teddy Roosevelt e o Parque Nacional

Yellowstone. Se a gente quiser entender às presas, falo das entender de verdade, é melhor que

se faça caçador.

Não tenho nada que objetar disse o epidemiólogo.

Talvez eu não seja um abraça coelhinhos . Talvez mate animais, sim, mas, maldita seja, como

o que chaleira. Não Mato aos insetos só para vê-los morrer... bom adicionou , tampouco Mato

animais em perigo.

Mas não me incomodaria liquidar a uns quantos humanos ignorantes.

Para isso estamos aqui, não? perguntou Maclean com uma sorrisoja.

Claro. Há muita gente no mundo jodiendo com seus cepillos de dentes elétricos, seus

automóveis e suas casas mais feias que um culo peludo.

Eu traga para o Foster ao projeto demarcou Mark Waterstone. Conhecia ao Maclean desde

fazia anos.

Sabe do que se trata? perguntou Killgore.

Sim, senhor, e para mim está muito bem. Sabe? Sempre me perguntei como seria

estar na pele

do Jim Bridger ou Jedediah Smith. Talvez agora possa averiguá-lo, daqui a uns anos.

Cinco, aproximadamente disse Maclean . Claro, segundo as próyecciones de nossos

computadores.

Bridger? Smith? perguntou Popov.

Eram montanheses explicou Hunnicutt . Foram os primeiros homens brancos que viram o

Oeste. Foram legionários, exploradores, caçadores, brigaram contra os índios.

Sim, é uma lástima o que aconteceu os índios.

Talvez concedeu Hunnicutt.

Quando chegaram? perguntou- Maclean ao Waterhouse.

Hoje, em automóvel replicou Mark . O lugar está quase cheio, não?

não lhe agradavam as multidões.

Assim é confirmou Killgore. Tampouco lhe agradavam . Mas fora segue sendo belo. Gosta de

montar, senhor Hunnicutt?

Como caçam os homens no Oeste se não ser a cavalo? Não me gosta de usar essa mierda do

SUV, senhor.

Assim é guia e caçador?

Sim Hunnicutt assentiu agrado . Fui geólogo em várias empresas petroleiras, mas deixei faz

tempo. Cansei-me de ajudar a dêtruir o planeta, sabe?

Outro druida adorador de árvores, pensou Popov. Não era particularmente surpreendente,

embora este parecia excessivamente verborrágico e caloteiro.

596

Mas logo prosseguiu o caçador , bom, descobri o que era importante falou uns quantos

(soporíferos) minutos a respeito da

Mancha Marrom . Assim agarrei meu dinheiro e pendurei os botas de cano longo, como

dizem os jogadores de futebol. Sempre eu gostei de caçar, assim que me construí uma cabana

nas montanhas comprei um velho rancho boiadeiro e me dediquei exclusivamente à caça full-

fraude.

Ah, sim? Como o faz? Refiro-me a caçar todo o tempo. Está proibido não? perguntou

Killgore.

Depende. A um policial lhe ocorreu meter-se comigo Y... bom, finalmente deixou de me

incomodar.

Popov viu que Waterhouse piscava os olhos o olho ao Killgore e soube no ato que esse

primitivo Hunnicutt tinha matado a um policial e saído ileso. Que classe de gente recrutavam

nesse projeto ?

Como é, saímos a cavalgar todas as manhãs. Quer vir conosco?

Claro, velho! Jamais rechaçou um convite a montar.

Eu aprendi a desfrutá-lo demarcou Popov.

Você deve ter sangue cossaco, Dimitri Killgore lançou uma gargalhada . De todos os modos,

Foster, baixe a tomar o café da manhã pouco antes de as sete e sairemos juntos.

Trato feito confirmou o caçador.

Popov ficou de pé.

Com sua permissão, a competência eqüestre olímpica começa dêentro de dez minutos.

Nem sonhe começando a saltar cercas, Dimitri. Ainda não é tão bom! burlou-se Maclean.

Mas posso olhar a quem as salta, não? replicou o russo, partindo.

O que faz este tipo? perguntou Hunnicutt apenas Popov se alejó.

Como bem disse, nada. Mas colaborou com o êxito do projeto.

Ah, sim? perguntou o caçador . E como?

Recorda a seguidilla de atentados terroristas na Europa?

Sim, os grupos antiterroristas lhes deram seu castigo a esses miserables. Houve alguns

disparos espetaculares, carajo. Dimitri teve parte nisso?

O iniciou os atentados, todos disse Maclean.

Caramba observou Waterhouse . Então ajudou a que Bill conseguisse o contrato

das

Olimpíadas?

Sim. E sem esse contrato, como diabos propagaríamos o Shiva?

Bom tipo decidiu Waterhouse, bebendo um gole do Chardonnay de Califórnia.
Sentiria

saudades esse veio quando se ativasse o proyecto. Bom, havia qualquer
quantidade de adegas

em todo o país. O stock não se esgotaria, disso estava seguro.

597

CAPÍTULO 35

MARATONA

Desfrutava-o tanto que se levantava antes do alvorecer... para poder desfrutá-lo
ainda mais.

Essa manhã, Popov despertou com a primeira luz do dia e admirou o resplendor
laranja

rosado sobre o horizonte. O presságio do amanhecer, pensou. Jamais tinha
montado a cavalo

antes de chegar a Kansas, e tinha descoberto que montar implicava algo
capamentalmente

prazenteiro e viril. Era grandioso ter um animal grande e poderoso entre as
pernas e dominá-

lo com um leve puxão das riendá de couro... ou inclusive estalando a língua.
Cavalgar

oferecia uma perspectiva muito melhor que caminhar, e lhe resultava
extremamente...

agrapossível a um nível sub-intelectual.

Baixou cedo à cafeteria e escolheu seu café da manhã mais uma manzana vermelha fresca

para o Buttermilk logo que chegou o pessoal de cozinha.

Tudo augurava um dia claro e agradável. Os agricultores vizinhos seguramente estariam tão

contentes com o clima como ele. As colheitas hábían recebida água e sol por partes iguais. Os

trigales estadounidené deviam ser os mais produtivos de todo o mundo, pensou Popov. Não

era para surpreender-se, já que contavam com uma terra tão boa e umas maquinarias incríveis.

Levantou a bandeja e caminhou até a mesa de sempre. Estava por terminar seus ovos mexidos

quando chegaram

Killgore e o novo, Hunnicutt.

Bom dia, Dimitri o saudou o alto caçador.

Popov trouxe antes de responder.

Bom dia, Foster.

O que lhe pareceu a competência de ontem à noite?

O inglês que ganhou a medalha de ouro era maravilhoso... mas seu cavalo era melhor ainda.

Escolhem os melhores comentou Hunnicutt . Assim era espião, né?

oficial de inteligência. Sim, esse era meu trabalho na União Soviética.

Trabalhava com terroristas, conforme diz John.

Também é certo. Atribuía-me missões que, é obvio, devia levar a cabo.

Eu não tenho nenhum problema com isso, Dimitri. Esses tipos jamais incomodaram-me...

nem a mim nem a nenhum conhecido meu. Diabos, uma vez trabalhei em Líbia para a Royal

Dutch Shell. Encontrei-lhes um bonito já598

alicerce e quão líbios trabalhavam comigo eram boa gente igual que Popov, Hunnicutt tinha

pedido ovos mexidos e toucinho. Necesitava muita comida para manter semelhante

compleição, pensou

Dimitri . E bem, o que lhe parece Kansas?

Recorda a Rússia. Os horizontes largos, as granjas enormês... embora os agricultores

americanos são muito mais eficientes. Muito pouca gente para cultivar tanto cereal.

Sim, contamos com isso para ter pão admitiu Hunnicutt cabeça de gadotregándose a cara .

Temos suficiente terra aqui para cultivar o que nos deseje muito, e também as maquinarias

necessárias. Talvez me faça granjeiro.

Sério?

Sim, bom, todo mundo terá que trabalhar para o projeto.

Tem lógica, cada um deverá contribuir seu granito de areia ao princípio.

Mas em realidade tenho vontades de me conseguir uns búfalos. Inclusive me comprei um rifle

especial para caçá-los.

De que fala?

Há uma companhia em Montana, Shiloh Arms, que fabrica réplicas dos autênticos rifles para

caçar búfalos. Comprei-me um faz um mês Sharps .40-90 e dispara como um filho de puta

concluiu o caçador.

Muitos não o aprovarão disse Popov. Pensava nos vegetarianos, evidentemente os elementos

druidas mais extremos.

Sim, bom, essa gente... se acreditam poder viver em harmonia com a natureza e sem armas,

conviria-lhes ler ao Lewis e Clark. O urso cinza não entende nada dessa fraternidade entre as

espécies. Só sabe o que é o que pode matar para comer, e o que é o que não pode. Às vezes há

que lhe recordar o que não pode fazer. O mesmo passa com os lobos.

OH, vamos, Foster disse Killgore, unindo-se a seus amigos na mesa . Jamais se confirmou um

só caso de um lobo assassino de pessoas nos Estados Unidos.

Hunnicuttt pensou que dizia pavadas.

Ah, não? Bom, é bastante difícil contar algo se um lobo se o come a um. Os mortos não

contam contos, doc. E na Rússia, Dimitri?

O que fazem os lobos russos?

Os agricultores os odeiam, sempre os odiaram, mas os caçadocabeça de gado estatais os

perseguem com helicópteros e metralhadoras. Não é precisamente esportivo, como dizem

vocês, não lhes parece?

Para nada coincidiu Hunnicutt . Terá que tratar à presa com supremo respeito. O território é

deles, não nosso, e terá que moverse de acordo com as regras imperantes. Assim se aprende

dos animaes, como vivem, como pensam. Para isso temos os regulamentos de caça maior do

Boone e Crockett. Por isso vou caçar montado a cavalo e cargo as presas sobre a garupa de

minhas arreios. Terá que jogar limpo com as bestas. Mas não assim com a gente, é obvio

adicionou com um pisco os olhos cúmplice.

Nossos amigos vegetarianos não entendem nada de caça disse

599

Killgore com tristeza . Suponho que acreditam que poderão alimentar-se a base de pasto e

dedicar-se a tirar fotos das formas vitais.

Isso é uma pelotudez apregoou Hunnicutt . A morte é parte do processo da vida, e nós somos

os principais predadores e os animais sabem. Além disso, não há nada mais saboroso que o

alce cocinado a céu aberto, moços. Não estou disposto a me perder esse sabor e maldita seja

minha sorte se alguma vez o perder. Se esses extremistas querem comer alimento para

coelhos, bom, que o façam... Mas se algum se atreve a me dizer que não posso comer carne,

bom, soube COncocer a um policial ecologista que tentou me dizer quando podia caçar e

quando não Sorriu cruelmente . Bom, já não incomodará a ninguém mais.

Maldita seja, eu sei como funciona o mundo.

Matou a um policial por essa estupidez? não pôde perguntar Popov.

Nekulturny bárbaro . Poderia ter comprado a carne no supermercado. Um druida com

revólver, essa sim que era uma espécie perigosa. Terminou seu café da manhã e saiu. Logo

lhe uniram outros. Hunnicutt tirou um charuto da alforja que carregava sobre o ombro e o

acendeu enquanto caminhavam para o Hummer do Killgore.

Tem necessidade de fumar dentro do automóvel? queixou-se o médiCO logo que cheirou a

fumaça.

Tirarei-o pelo maldito guichê, John. Deus santo, também é um nazista antitabaquismo de

segunda? perguntou o caçador. Logo adaptou-se à lógica do momento e baixou o

guichê para

tirar o charuto durante toda a viagem à cavalaria. Não foi cumprido. Popov o pôs a arreios a

afável Buttermilk, deu-lhe a maçã roubada na cafeteria e a levou fora. Montado na égua

observou o mar verde âmbar que rodeava o complexo. Hunnicutt saiu montando um cavalo

que Dimitri jamais tinha visto, um padrillo Appaloosa que, supôs, pertenceria ao caçador.

Olhou melhor Y...

Leva pistola? perguntou sobressaltado.

É um Colt M-1873 do exército replicou Foster, tirando o da cartucheira Threepersons

(igualmente autêntica) . O revólver que conquistó o Longínquo Oeste. Jamais saio a cavalgar

sem meu velho amigo, Dimitri disse com um sorriso autosatisfecho.

Quarenta e cinco? perguntou o russo. Tinha-as visto no cinema, mas nunca na vida real.

Não, é um .44-40. Calibre quarenta e quatro, com quarenta granos de pólvora negra. Cem

anos atrás usavam o mesmo carregador para os revólveres e os rifles. Era mais barato

explicou . E as balas matabam algo que alguém queria matar. Talvez não pudessem matar um

búfalo concedeu , mas sim um cervo...

Ou um homem?

Claro. Estas são as balas mais mortíferas que se fabricaram,

Dimitri Hunnicutt guardou o revólver na cartucheira de couro .

Bom, esta cartucheira não é autêntica em realidade. Chamam-na

Threepersons... em comemoração ao Billy Threepersons, suponho. Foi um marshal americano

daqueles tempos... era um nativo estado600

unidense, um tipo de lei, ao menos isso diz a história. Como é, inventó a cartucheira ou

pistolera a fins do século XIX. É mais fácil desenfundar assim, vê? fez a pertinente

demonstração. Ao Popov impressionou ver na vida real o que tantas vezes tinha admirado no

cinema. O caçador americano inclusive tinha posto um chapéu de vaqueiro de asa larga. Esse

homem lhe simpatizava... apesar de seus alardes e seu primitivismo.

Arre, Jeremiah disse Hunnicutt, abrindo a marcha para o horizonte.

É seu o cavalo? perguntou Popov.

Ah, sim, o comprei a um amigo índio. Tem oito anos, a idade perfeita para mim Foster sorriu

quando transpassaram a tranquera seguidos pelos outros dois. O homem estava feliz em seu

elemento, pensou

Popov.

Os rodeios se puseram um tanto repetitivas. Por todas partes havia um vasto território que

percorrer e examinar, mas o prazer de fazê-lo não tinha trocado no mais mínimo.
Essa manhã

se dirigieron ao norte. Cruzaram lentamente a cidade dos cães da pródera e se aproximaram

da interestadual lotada de veículos.

Onde está o povo mais próximo? perguntou Popov.

por ali assinalou Killgore , a umas cinco milhas. Não é grande coisa.

Tem aeroporto?

Um pequeno, só para aviões particulares replicou o médiCO . Vinte milhas mais ao este há

outro povo com aeroporto regional.

De ali se pode voar a Kansas City, e de ali a qualquer parte.

Mas nós seguiremos nossa própria pista para os

Gulfstream, verdade?

Sim confirmou Killgore . Os novos poderão ir direto a

Johannesburgo daqui.

Não está brincando? perguntou Hunnicutt . Quer dizer que poderemos ir caçar a África se nos

deseja muito?

Sim, Foster, mas transladar ao elefante a lombo de mula será um pouco chato, acredito eu se

burlou o epidemiólogo.

Bom, talvez fique com o marfim replicou o caçador, soltando uma gargalhada .
Estava

pensando em leopardos e leões, John.

Aos africanos gosta de comer testículo de leão. Já vê, o leão é o mais viril de todos os animais

disse Killgore.

Como é isso?

Em certa ocasião, uns tipos que filmavam vídeos sobre a natureza observaram a uma fêmea

em zelo servida por dois machos. Se a estiveram montando uma vez cada dez minutos durante

um dia e medeu. Entre os dois, é obvio. portanto, cada macho serve à fêmea três vezes por

hora, durante trinta e seis horas seguidas. São muito mais viris que eu outra gargalhada, neste

caso compartilhada por todos . Como é, algumas tribos africanas seguem acreditando que se

um come certa parte do corpo do animal que matou, herda automática601

mente os atributos dessa parte. Por isso gostam de comer as bolas do leão.

Serve para algo? perguntou Maclean.

Ao Killgore gostou da pergunta.

Se servisse, já não haveria leões no mundo, Kirk.

Tem razão John! gargalhada geral e prolongada.

O intercâmbio de opiniões não divertia ao Popov tanto como a seus companheiros. Olhou a

auto-estrada e viu acontecer um Greyhound a setenta meullas por hora aproximadamente...

mas logo diminuo a velocidade e deteve-se frente a uma estranha construção quadrada.

O que é isso? perguntou.

Uma parada de ônibus interurbanos replicou Mark

Waterhouse . Há muitas por estes lados. Alguém se sintia a esperar e logo lhe faz gestos ao

ônibus para que freie, como se fazia antes com os trens.

Ah murmurou Dimitri, enfiando para o este. O falcão que vivia nos arredores havia tornado a

sair de caça, em busca de um sejabroso roedor tubular para o café da manhã. Observou

atentamente, mas o falcão não encontrou nada. Cavalgaram uma hora mais e empreenderam o

volta. Popov terminou perto do Hunnicutt.

Faz quanto que cavalga?

Pouco mais de uma semana respondeu Dimitri.

Faz-o muito bem por ser novato o animou Foster.

Eu gostaria de fazê-lo mais seguido, aprender a andar mais rápido.

Bom, o que lhe parece esta tardecita, antes de que caia o sol?

Obrigado, Foster. Sim, eu gostaria. Digamos depois de jantar?

Seguro. Encontraremos às seis e trinta no curral.

Obrigado. Vemo-nos prometeu Popov. Um rodeio noturno sob as estrelas... isso sim que seria

agradável.

Tenho uma idéia disse Chatham logo que chegou ao Javits Building.

Qual?

Esse russo, Serov. Temos a foto do passaporte, não?

Sim disse Sullivan.

Provemos outra vez com os volantes. Provavelmente seu banco estará muito perto de seu

departamento, não crie?

Sim. Eu gosto da idéia disse o agente especial Tom Sullivan denotando certo entusiasmo .

Vejamos se podemos fazê-lo rápido.

Olá, Chuck disse uma voz por telefone.

Bom dia... boa tarde para você, suponho.

Sim, logo termino de almoçar disse Clark . Tivemos sorte com a investigação sobre o Serov?

Ainda nada respondeu Baker . Estas coisas não aparecem de

602

a noite à manhã, mas aparecem. Toda a divisão de campo de

Nova Iorque está procurando a esse tipo. Se estiver aqui, encontraremos-lo prometeu o

subdirector da divisão criminal . Nos levará um tiemcorreio, mas o faremos.

Cedo é melhor que tarde assinalou Rainbow Six.

Sei. Sempre é assim, mas estas coisas não se solucionam por arte de magia

Baker sabia que o

estavam pressionando para que priorizasse essa investigação. Tinham medo de que a

deixassem de lado. Isso jamais aconteceria, mas esse tipo Clark era da CIA e não tinha a

menor ideia de o que era ser polícia . Encontraremos a esse rufião, John. Quer dizer, se está

aqui. A polícia britânica também o está procurando?

OH, sim. O certo é que não sabemos quantas identidades pode ter.

Quantas teria você em seu lugar?

Três ou quatro provavelmente, e similares, para poder recordaras sem dificuldade. O tipo é

um agente segredo profissional. Provavelmente terá uma boa quantidade de lendas que poderá

trocar com a mesma celeridade com que se troca a camisa.

Sei, John. Já trabalhei na Contrainteligencia Exterior. São preseja elusivas, mas sabemos

como as caçar. Tirou-lhes mais informação a os terroristas?

Não falam muito replicou Clark . Os policiais britânicos não podem fazer interrogatórios

eficazes.

O que? supõe-se que deveríamos assá-los a fogo lento? omitiu perguntar Baker. O FBI

operava de acordo com regras estabelecidas pela constituição dos Estados Unidos. Supôs que

a CIA não respeitava essas regras e, como à maioria dos funcionários do FBI, essa diferença

de atitude não lhe agradou. Jamais tinha visto o Clark, só o conhecia por reputação. O diretor

Murray o respeitava mas tinha sua reserva. Segundo ele, Clark tinha torturado a vários

sujeitos... e isso era inadmissível para a gente do FBI (por muito eficaz que fosse

medida). A constituição pronunciava um não terminante a respeito, e pelo tanto não se podia

torturar a ninguém... nem sequer aos que raptavam meninos (criminosos que, a olhos de todos

os agentes do FBI, mereciam o pior de os castigos).

Confie nos policiais britânicos. São excelentes, John, e têm muita experiência com a

gente do IRA. Sabem como lhes falar.

Se você o disser, Chuck respondeu a voz dubitativamente .

OK, assim que saibamos algo me comunicarei com você.

Bom. O mesmo digo, John.

Perfeito, até mais tarde.

Baker se perguntou se não deveria ir lavar as mãos ao banho logo depois dessa conversa.

Conhecia a existência do comando Rainbow e suas recentes atividades, e embora admirava a

maneira de fazer as coisas dos militares como a maioria dos agentes do FBI havia sido

marinhe, recrutado pela agência na base do Quantico , esta se diferenciava em várias áreas

importantes da maneira de fazer as

603

coisas do FBI... Por exemplo, em não violar a lei. Esse John Clark era um condenado filho de

mil putas, um ex-agente da CIA que tinha feito várias coisas estranhas. Isso lhe havia dito

Dão Murray com uma mescla de admiração e reprovação. Mas que diabos, estavam do

mesmo lado... e esse sujeito russo provavelmente tinha instigado um atentado contra a família

do Clark. Isso lhe somava um elemento pessoal ao caso, elemento que Baker devia respeitar.

Chávez voltou para seu quarto depois de outro comprido dia de ver correr e suar aos atletas.

Tinham sido duas semanas interessantes, e embora sentia saudades muitíssimo ao Patsy e JC

(a quem logo que tinha podido ver), não podia negar que se estava divertindo. Mas se

terminaria logo.

Os jornalistas esportivos estavam fazendo a recontagem de medalhas (os Estados Unidos

tinha estado muito bem e os australianos tinham sido espetaculares, especialmente nas

competências de natação) para antecipar-se ao anúncio da nação ganhadora dos

Jogos. dentro

de três dias correriam a maratona (tradicionalmente o último evento olímpico), seguida pelas

cerimônias de fechamento e a extinção da tocha.

Os corredores já estavam caminhando e/ou correndo pela pista para reconhecer os pântanos e

as curvas. Não queriam perder-se, embora seria virtualmente impossível (já que a rota estaria

lotada de fanáticos aullantes a cada passo). E já se estavam treinando (corriam no campo de

prática da Vila Olímpica), não tanto como para cansar-se, mas sim o suficiente para manter o

estado de seus músculos e pulmões (que deveriam suportar a mais exaustiva das carreiras

pedestres).

Chávez se sentia em forma, mas jamais tinha deslocado semelhante distância. Os militares

deviam saber correr, mas não tão longe. Além disso, correr semelhante distância sobre

caminhos pavimentados seria fatal para os pés e os tornozelos (apesar das revestidas amortecidas

das sapatilhas de última geração). Sim, esses bastardos tinham que estar em forma, pensou

Ding deitado muellemente em sua cama.

Das cerimônias de abertura (quando tinham aceso a tocha olímpica) até esse dia os Jogos

tinham partido a perfección, como se a alma e a força da Austrália se consagraram a uma

única tarefa (tal como Estados Unidos com a viagem à Lua). A organização era soberba...

uma prova mais de que sua presença ali era uma absoluta perda de tempo. Não havia

problemas de segurança.

Os policiais australianos eram amistosos, competentes e numerosos, e o SEJA australiano que

os respaldava era quase tão bom como o

Rainbow. Além disso, contavam com o apoio e os sábios conselhos da gente de Global

Security (que lhes tinham conseguido as mesmas rádios táticas que usava Rainbow). Parecia

uma empresa séria. Pensou recomendá-lo ao John uma consulta com seus diretores. Nunca

estava de mais ter uma opinião de fora.

O único mau era o tempo, horivelmente caloroso durante toda a Olimpíada. devido a isso, os

médicos não tinham parado de trabalhar

604

um segundo nos postos de primeiros auxílios. Ainda não tinha morrido ninguém, mas tinham

internado pelo menos a cem pessoas e os paramédicos do quartel de bombeiros e o exército

australiano haviam atendido a outras trezentas mil. Isso sem contar às pessoas

que se sentaBA

a refrescar-se sem receber atenção médica de nenhuma classe. Não o incomodava tanto o

calor nunca tinha temido transpirar em forma mas também se sentia aplacado e, como todos

os presentes no estadeu olímpico, agradecia ao céu pelo sistema de névoa lhe refrigerem.

Inclusive tinham contado a história por televisão (boa propaganda para a empresa americana

que o tinha desenhado e instalado).

Estavam falando de instalar um sistema semelhante nos campos de golfe do Texas e outros

lugares, também extremamente calorosos. Psar dos noventa graus Farenheit a uma sensação

térmica de ochenera-ta verdadeiramente agradável, quase como uma boa ducha, e os

corredores estavam acostumados a estar lojas de comestíveis de gente que escapava do sol

feroz e cegador.

Seu último pensamento da noite foi que não houvesse lhe incomodado ter a concessão para a

venda de filtros revestir. Por toda parte havia pôsteres que acautelavam às pessoas contra o

buraco na capa de ozônio, e Chávez sabia que o melanoma de origem solar não era uma

forMA grata de morrer (acaso havia alguma?). portanto, Chávez e seus homens

ficavam

protetor solar todas as manhãs como qualquer filho de vizinho. Bom, dentro de poucos dias

estariam de retorno em Grande

Bretanha, onde seus reluzentes bronzeados se destacariam contra a proverbial palidez dos

ingleses e os dias seriam afrescos como água. Os britânicos não toleravam o calor. Uma

temperatura superior aos setenta e cinco graus Fahrenheit os faria cair mortos em plena

rua... Ding não pôde evitar perguntar-se do que falava então a velha canção que dizia só os

cães loucos e os ingleses saem sob o sol do meio-dia. Naquele tempo naquele tempo deviam

ser mais resistentes, decidiu Chávez. E ficou dormido.

Popov pôs a arreios ao Buttermilk aproximadamente às seis da tarde. O sol ainda não se pôs,

mas faltava pouco, e seu égua (que tinha descansado e comido todo o dia) não se mostrou

reacia a suas cuidados. Além disso, havia lhe trazido outra maçã que o animal parecia

desfrutar como um homem desfruta de sua primeira cerveja da noite logo depois de um

comprido dia de trabalho.

Jeremiah, o cavalo do Hunnicutt, era mais pequeno que Buttermilk mas parecia mais

poderoso. Tinha um aspecto valente: sua pelagem cinzenta estava talher do cangote às ancas

por uma mancha quadrada em forma de manta (quase perfeita) cor carvão. dali o nome

Appaloosa manta supôs o russo. Foster Hunnicutt chegou com seu enorme arreios uso

Longínquo Oeste ao ombro e, logo depois de arrojá-la pesadamemore sobre a manta ,

agachou-se para sujeitar as cilhas. Sua última ação da pé foi guardar a pistola Colt na

cartucheira. Logo dê605

lizó a bota esquerda no estribo esquerdo e montou a cavalo. Ao padrillo

Jeremiah devia lhe gostar de que o montassem; era como se se transformasse com esse novo

peso no lombo. Elevou a cabeça orgulhosamente e girou as orelhas, esperando a ordem de seu

cavaleiro. Hunnicutt estalou a língua e o padrillo avançou para o curral e se deteve junto ao

Popov e Buttermilk.

Bom cavalo, Foster.

É o melhor que tive disse o caçador . Os Appaloosa são fabulosos para andar por toda parte.

Vêm da tribo dos Nez

Percé. Os índios domaram aos autênticos cavalos selvagens do oeste...

descendentes dos que escaparam aos conquistadores espanhóis. Bom, os Nez Percé as

engenharam para recuperar as raízes árabes da cepa hispana e o resultado foi o Appaloosa

aplauiu o cangote do cavalo com robusto afeto. Ao animal pareceu lhe gostar da carícia. É

o melhor cavalo que há, se quer saber minha opinião. Inteligente, sereno, saudável, não bobo

como os árabes, e absolutamente hermoso, acredito eu. Não se destacam especialmente em

nada, mas são bons em tudo. São uma grande arreios para todo terreno. Este Jeremiah é um

grande cavalo de caça e de tiro. Passamos muito tempo caçando alces em terrenos altos.

Inclusive encontrou ouro, assim como o vê.

Perdão? Ouro?

Hunnicutt lançou uma gargalhada.

Em minha propriedade de Montana. Formavam parte de um rancho boiadeiro, mas as

montanhas são muito levantadas para as vacas.

Como é, há um arroio que baixa da montanha. Uma tarde Jeremiah estava bebendo e vi algo

brilhante, sabe? Era ouro, uma enorme massa de ouro e quartzo... a melhor formação

geológica para o ouro, Dimitri. Bueno, suponho que tenho uma jazida bastante grande em

minha propriedade.

Quão grande? Impossível sabê-lo, e de todos os modos não tem importância.

Como que não tem importância? Popov se deu volta na arreios para olhar a seu companheiro .

Foster, os homens hão se vêninho matando uns aos outros há dez mil anos por conseguir ouro.

Já não, Dimitri. Isso vai terminar... para sempre, provavelmente.

Mas como? por que? perguntou Popov.

Acaso não sabe o do projeto?

Sei algo, mas não o suficiente para compreender o que acaba de me dizer.

Que diabos, pensou o caçador.

Dimitri, a vida humana se deterá no planeta, entende?

Mas...

Não o disseram?

Não, Foster, não de tudo. me poderia dizer isso você?

Que diabos, voltou a pensar Hunnicutt. As Olimpíadas quase hábían terminado. por que não?

Esse russo compreendia a natureza, sejabía cavalgar, e certamente trabalhava para o John

Brightling em uma área extremamente comprometida.

606

chama-se Shiva começou. Demorou vários minutos em lhe contar tudo o que sabia.

Popov pôs sua melhor cara de indiferença para neutralizar seus emoções. Inclusive esboçou

um sorriso para dissimular o horror que começava a sentir.

Mas como o propagam?

Bom, verás, John tem uma empresa que também trabalha para ele. Global Security... o dono é

um tipo chamado Henriksen.

Ah, sim, conheço-o. Era do FBI.

Ah, sim? Sabia que era polícia, mas não federal. Bom, como é.

A consultora conseguiu o contrato com os australianos para as Olimpíadas e um dos homens

do Bill propagará o Shiva. Conforme me disseram, através do sistema aparelho de ar

condicionado de ar do estádio. Vão a soltarlo o último dia, durante as cerimônias de clausura.

Ao dia seguinte todo mundo voltará para sua casa e bom... milhares de pessoas levarão o vírus

a todos os rincões da Terra.

Como nos protegeremos nós?

Deram-lhe uma injeção ao chegar aqui, não?

Sim, Killgore disse que era uma espécie de reforço.

OH, claro que o é, Dimitri. É um reforço precisamente. É a vacina que o protegerá da Shiva.

Também me deram isso. É a vacina B, companheiro. Conforme dizem há outra, a, mas não

acredito que o convenha recebê-la Hunnicutt procedeu a lhe explicar as notórias dêvantagens

da aborrecível vacina A.

Como sabe tudo isto? perguntou Popov.

Bom, verás. Sou um dos que instalou o sistema de segurança perimetral neste complexo. Se

por acaso alguém se dá conta do que hicimos, sabe. Tiveram que me dizer por que

necessitamos segurança perimetral. É uma coisa muito séria, velho. Se alguém descobrir o

que fizemos, diabos, poderiam vir a nos liquidar, não lhe parece? demarcou

Foster com um sorriso irônico . Não todo mundo entende o que significa salvar o planeta.

Quero dizer... ou fazemos isto agora, ou dêentro de vinte anos todo terá morrido. Não só a

gente. Também os animais. Não podemos permitir que isso aconteça, não?

Vejo aonde aponta. Sim, tem lógica admitiu Dimitri Arkadeyevich. Tinha vontades de

vomitar.

Hunnicutt assentiu com certa satisfação.

Sabia que você compreenderia, velho. Por isso os atentados lherroristas que instigou foram

tão importantes. Se a gente não se houvesse enlouquecido e preocupado pelo ressurgimento

do terrorismo internacional, Bill Henriksen talvez não teria conseguido o contrato. Entoncs

prosseguiu, procurando um charuto no bolso , obrigado, Dimitri.

Você foi uma parte muito importante deste Projeto.

Obrigado, Foster respondeu Popov. É possível isto? se perguntó apavorado . E estão seguros

de que funcionará?

Tem que funcionar. Eu também fiz essa pergunta. Deixaram-me ver parte do plano porque

sou científico... fui um excelente geólogo, cria607

me. Sei muito sobre o tema. A enfermidade é uma verdadeira mãe.

A chave está nas modificações de engenharia genética sobre o vírus Ébola original. Diabos,

recorda o espantoso que foi faz um ano e médio?

Popov assentiu.

OH, sim, eu estava na Rússia por esse então. Foi aterrador

Mas a resposta do presidente americano foi mais aterradora ainda, recordou Popov.

Bom, eles, os cientistas do projeto, aprenderam muchísimo desse episódio. A chave da coisa

está na vacina A. A epidemia inicial matará vários milhões de pessoas, mas isso é

essencialmente psicológico. A vacina que Horizon comercializará tem o vírus vivo, como a

vacina Sabin contra a polio. Mas digamos que está vivinho e abanando o rabo neste caso. Não

detém a Shiva, velho. Propaga-o. Os sintomas demoram entre um mês e seis semanas em

aparecer. Provaram-no no laboratório.

Como?

Bom, Kirk teve parte nisso. Raptou a várias garotas na rua e os cientistas experimentaram o

Shiva e as vacinas neles. Tudo funcionou, inclusive a primeira fase do sistema de propagação

que vão a empregar no Sydney.

É algo grande... digo, isto de lhe trocar a cara ao mundo pensou Popov em voz alta. Olhou ao

norte, em direção à auto-estrada.

Terá que fazê-lo, velho. Se não o fizermos... bom, comece a dêpedir-se de tudo o que vê,

Dimitri. Eu não posso permitir que tanta beleza desapareça.

O que pensam fazer é terrível, mas tem lógica. Brightling é um gênio, evidentemente. Vê o

que acontece, encontra a maneira de resolver o problema e tem a coragem de fazê-lo esperava

que sua voz não soasse muito paternalista, mas Hunnicutt era um tecnocrata, não um perito na

alma humana.

Sim disse o caçador. Mordeu a ponta de seu charuto e o acendeu com um fósforo de cozinha.

Apagou a chama de um sopro e esperou que a madeira se esfriasse antes de jogá-lo no pasto.

O que menos queria era provocar um incêndio na planície . É um cientista brilhante, e sabe do

que se trata a coisa. Não sei se me explico. Graças a Deus tem os recursos

necessários para

pôr isto em marcha. Este complexo deve haver flanco perto de um bilhão de dólares... diabos,

isso sem contar o de

Brasil.

Brasil?

Uma versão mais pequena do complexo ao oeste de lhes Emane, acredito.

Nunca estive. A selva tropical não me interessa muito. Sou um tipo de planície explicou

Hunnicutt . Agora bem, as planícies africanas, isso sim que é fabuloso. Bom, suponho que

poderei as ver... e caçar em elas.

Sim, também eu gostaria das ver... contemplar a vida selvagem, ver

608

como prospera sob a luz do sol disse Popov. Acabava de tomar uma decisão.

Sim. Penso me carregar um par de leões com meu H&H .375 Hunnicutt estalou a língua e

Jeremiah começou a trotar mais rápido. Popov tentou ficar ao mesmo tempo imediatamente.

Já tinha trotado antes, mas por alguma estranha razão lhe resultava difícil sincronizar os

movimentosse do Buttermilk. Estava desconcentrado. Não era para menos. Finalmente o

conseguiu.

Então... transformarão ao país em um imenso Longínquo Oeste né? A interestadual estava a

duas milhas de distância. Os caminhões passavam a toda velocidade com seus fugazes luz

ambarinas. Popov esperava que também passassem veículos interurbanos.

Sim, é uma das tantas coisas que faremos.

E pensa levar sua pistola a todas partes?

É um revólver, Dimitri o corrigiu Foster . Mas claro. Serei como os tipos que tanto admiro,

viverei em harmonia com a natureza.

Talvez encontre uma mulher que pense como eu, talvez me construa uma bonita cabana nas

montanhas como fez Jeremiah Johnson... só que não haverá índios crow para me incomodar

adicionou com uma careta.

Foster?

O caçador se deu volta.

Sim?

Empresta-me sua pistola? perguntou o russo, rogando receber a resposta que esperava.

Prece atendida.

Claro Hunnicutt a entregou. Tinha o seguro posto.

Popov sentiu o peso e o equilíbrio.

Está carregada?

Não há nada mais inútil que uma arma descarregada. Demônios, quer disparar?
Retire o

percussor e logo solte-o... mas antes sujeite bem as rédeas da égua, entendido?
Jeremiah está

acostumado ao ruído. Essa égua talvez não o esteja.

Já vejo Popov tomou as rédeas com a mão esquerda para controlar ao
Buttermilk. Logo

estendeu o braço direito e retirou o percusor do Colt. Ouviu o característico
triplo clique da

arma, apontou a uma estaca e apertou o gatilho. A estaca se partiu em dois.

Buttermilk corcoveou ligeiramente devido ao ruído (muito próximo a seus
sensíveis brincas),

mas não reagiu tão mal. E a bala havia destroçado a estaca, observou Popov.
Bom, ainda

sabia disparar.

Bonito, não? perguntou-lhe Hunnicutt . Se quer saber meu opinião, esse revólver
é a arma

manual melhor balanceada que se há fabricado jamais.

Sim coincidiu Popov , é muito boa.

Popov se deu volta. Foster Hunnicutt estava sentado sobre seu padrillo,
Jeremiah, a menos de

três metros de distância. Seria fácil.

Voltou a retirar o percussor e apontou direto ao coração do caçador.

Apertou o gatilho antes de que sua vítima pudesse surpreender-se.

Hunnicutt abriu muito os olhos (já fora porque não acreditava o que estava acontecendo ou

pelo impacto da pesada bala... mas isso não tinha a menor importância). A bala lhe atravessou

o coração. Seu corpo se ergueu na arreios uns segundos ainda tinha os olhos muito abertos e

logo caiu de costas sobre o pasto.

Dimitri desmontou e se aproximou do caçador para comprovar seu muerlhe. Logo tirou a

arreios ao Jeremiah. O animal aceitou fleumáticamente a morte de seu dono. Popov lhe tirou

as rédeas, um tanto irmãaceso de que não o mordesse pelo que acabava de fazer... mas

buenão, um cavalo não era um cão. Aplaudiu ao padrillo no anca. Este se afastou trotando uns

cinquenta metros, mas logo se deteve e começou a podar a erva.

Popov montou novamente ao Buttermilk e lhe ordenou trotar para o norte. Olhou atrás, viu as

janelas iluminadas do edifício do projeto e se perguntou se alguém os sentiria falta de.

Provavelmente não, decidió. A auto-estrada interestadual estava cada vez mais perto.

Supostamente havia um pueblito ao oeste, mas Popov decidiu ir à parada de ómniônibus... ou

fazer dedo no pior dos casos. Ainda não sabia o que faria depois, mas sim sabia que devia sair

desse lugar o mais rápido e o mais longe possível. Popov não acreditava em Deus. Sua

educação e sua criação não tinham-no orientado nessa direção... mas tinha aprendido algo

importante. Talvez jamais saberia se Deus existia ou não, mas indubitavelmente existiam os

diabos... e ele tinha trabalhado para eles, e o horror que isso provocava-lhe superava tudo o

que tinha experiente quando era um jovem coronel da KGB.

610

CAPÍTULO 36

VÔOS DE NECESSIDADE

O medo era tão mau como o horror. Popov jamais havia sentido medo em suas épocas de

oficial de inteligência. Tinha passado momentos de tensão, especialmente ao começo de sua

carreira, mas pouco a pouco tinha adquirido confiança em suas capacidades... que se

transformaram para ele em uma sorte de manta protetora, cujas quentes dobras eram cifra e

consolo de sua alma. Mas já não.

Agora estava em um lugar estranho. Não só em terra estrangeira, embora ele era um inseto de

cidade. Sabia fazer-se fumaça nas cidades, evaporar-se a tal ponto que nenhum policial do

mundo tinha podido encontrá-lo jamais. Mas isto não era uma cidade.

Desmontou a cem

metros da parada de ônibus e lhe tirou a arreios e as rédeas a

Buttermilk. Um cavalo com arreios e sem cavaleiro chamaria a atenção certamente, mas um

cavalo pastando solitário não, não ali precisamenlhe, onde tanta gente tinha cavalos por

prazer. Saltou o alambrado de puas e caminhou até o refúgio. Estava vazio. Não havia

nenhum horário aderido às paredes pintadas de branco. Era a mais simples das estruturas,

aparentemente de concreto, com teto grosso para torportar o peso das nevadas invernais... e

acaso sobreviver aos tornados dos que tanto tinha escutado falar. O banco também era de

concreto. Decidiu sentar um momento para ver se deixava de tremer. Jamais se havia sentido

assim em toda sua vida. Tinha medo... Se esses tipos estavam dispostos a matar milhões

(milhares de milhões) de gente, seguramente não teriam o menor reparo em acabar com sua

vida solitária.

Tinha que fugir.

Dez minutos depois de chegar ao refúgio olhou seu relógio e se perguntó se passariam ônibus

a essa hora. Se não, bom, havia automóveis e CAmiones, e talvez...

Caminhou até a banquina e levantou a mão. Os automóveis passavam a mais de

cento e trinta

quilômetros por hora. A velocidade impediria a seus condutores ver o Popov na escuridão...

Nem pensar em frear de golpe. Mas quinze minutos depois, uma caminhonete Ford cor nata

freou ao flanco da rota.

aonde vai, irmão? perguntou o condutor. Parecia um granjeiro. Teria uns sessenta anos... Seu

rosto e seu pescoço ostentavam sulcos profundos. Muitas tardes ao sol, pensou Popov.

Ao aeroporto mais próximo. Pode me levar? disse Dimitri, e

611

subiu à caminhonete. O condutor não tinha o cinturão posto de segujoguem a rede, o qual ia

provavelmente contra a lei, mas bom... o mesmo podia dizer do assassinato a sangue frio.

Razão de mais para sair CORriendo desse lugar diabólico.

Claro, justo tenho que tomar essa saída. Como te chama?

Joe... Joseph disse Popov.

Bom, eu sou Pete. Não é de por aqui, verdade?

Não. Sou inglês respondeu Dimitri, marcando o acento.

Ah, sim? E o que te traz por estes lados?

Negócios.

De que tipo?

Sou consultor, uma espécie de intermediário.

E como foi que chegou ao médio do campo, Joe?

Que carajo acontecia com esse tipo? Acaso era polícia? Fazia perguntas como um membro do

Segundo Directorato.

Meu, né, amigo... teve uma emergência familiar... e não teve mais remédio que me deixar na

parada de ônibus.

Ah isso lhe fechou a boca. Popov benzeu seu mais recente mentira. Acabo de assassinar a

alguém que queria te matar a ti e a toda a gente que conhece... Era um desses momentos em

que a verdade não ajudava a ninguém. Lhe tinha disparado a mente. Por certo, ia muito mais

rápido que essa maldita caminhonete. O grangeiro não parecia disposto a pisar a fundo o

acelerador, apesar de que todos os veículos passavam junto a ele como centelhas. Era um

homem velho e evidentemente tinha paciência de sobra. De ter estado Popov ao volante,

imediatamente houvesse averiguado a máxima velocidade do maldito veículo.. Apesar de

tudo, demoraram só dez minutos em chegar ao pôster verde de saída. Tratou de não cravar o

punho no apoyabrazos quando o grangeiro tomou lentamente a saída e dobrou em direção

ao que parecia um pequeno aeroporto regional. Um minuto depois, Pete o deixava frente à

porta do US

Air Express.

Obrigado, senhor disse Popov.

Que tenha uma boa viagem, Joe disse o granjeiro com uma Amistussa sorriso de Kansas.

Popov entrou rapidamente à minúsculo terminal e foi direto ao mostrador.

Tenho que viajar a Nova Iorque disse . Em primeira classe, se fora possível.

Bom, temos um vôo dentro de quinze minutos a Kansas

City, e de ali pode tomar um vôo do US Airways ao aeropuesto de

O Guarda, senhor...?

Demetrius replicou Popov, recordando o sobrenome da única cartão de crédito que ficava .

Joseph Demetrius disse. Tirou a cartão de sua carteira e a entregou ao empregado. Tinha um

passaporte com o mesmo nome em uma caixa de segurança em Nova Iorque e a cartão de

crédito era bastante decente (tinha um alto limite de gastos e não a tinha usado nos últimos

três meses). O empregado devia acreditar

612

que cumpria com celeridade suas funções, mas Popov precisava ir ao banho. Fez o impossível

por não demonstrar sua urgência física. Recém em esse momento se deu conta de que tinha

um revólver carregado na montura. Devia desfazer-se disso imediatamente.

OK, senhor Demetrius, aqui tem sua primeira passagem, Porta 1, e este é o do vôo de Kansas

City. Sairá da porta A-34 e tem um assento em primeira classe, corredor 2C. Alguma

pergunta, senhor?

Não, não, obrigado. Popov recebeu as passagens e os guardou no bolso. Logo se dirigiu à sala

de espera, deteve-se junto a um tacho de lixo e, logo depois de olhar atentamente a seu redor,

tirou a monstruosa pistola da alforja, limpou-a, e a atirou ao lixo. Voltou para olhar em torno.

Não, ninguém o tinha visto. Revisou as alforjas se por acaso quedava algum objeto

incriminatório. Mas não, estavam completamente vairescuas. Satisfeito, dirigiu-se ao controle

de segurança, cujo magnetômetro felizmente não soou. Recolheu as alforjas de couro,

procurou e encontrou o banho de homens, entrou, e um minuto depois saiu sentindo-se mais

aliviado.

O aeroporto regional tinha só duas portas, mas também tinha bar. Popov tinha cinquenta

dólares em efetivo na carteira e gastou cinco em um vodka dobro, que bebeu de

um só gole

antes de dirigir-se a a porta de embarque. Uma vez ali, entregou a passagem ao assistente e

abordou o avião. Para sua surpresa, viu que o avião tinha hélices. Fazia anos que não viajava

em um desses. Cinco minutos depois, as hélices do Saab 340B começaram a girar e Popov

começou a relaxar-se. 35 minutos até Kansas City, quarenta e cinco minutos de espera, e

logo a

Nova Iorque em um 737... Em primeira classe, onde as bebidas alcoólicas eram gratuitas. O

melhor de tudo era que viajava sozinho no lado esquerdo do avião, sem que ninguém o

incomodasse com conversações aburridas. Precisava pensar, muito, e rápido... Mas não muito.

Fechou os olhos quando o avião começou a carretear. O ruído dos motores anulava todos

outros ruídos. OK, pensou, o que sabe, e o que deve fazer com o que sabe? Duas perguntas

simples, talvez, mas devia organizar a resposta à primeira antes de conhecer a resposta à

segunda. Esteve a ponto de lhe rezar a um Deus em cuja existência não acreditava, mas ficou

olhando pela janela a terra escura enquanto sua mente refletia em uma escuridão própria.

Clark despertou de repente. Eram as três da manhã no Hereford e tinha tido um sonho cuja

substância se evaporou de seu comciência como uma nuvem de fumaça, relatório e

impossível de agarrar. Sabia que tinha sido um sonho desagradável, e só podia estimar a

medida do desagrado pelo fato de que o tinha despertado, coisa que ocorria muito raramente,

inclusive quando enfrentava missões perigosas. O temblaban as mãos... e não sabia por que.

Tentou limpar-se, deu-se volta e fechou os olhos para seguir dormindo. Esse dia tinha uma

reunião chave e aborrecida: a marca de sua existência como comandante do Rainbow, o

613

triste papel de contador. Talvez essa fora a substância de seu sonho, pensou com a cabeça no

travesseiro. Apanhado para sempre em um mar de contadores, dedicado a discutir de onde

vinha o dinheiro e no que seria gasto...

A aterrissagem em Kansas City foi suave. O Saab carreteó até a terminal e as hélices

deixaram de girar. Um empregado atou uma soga à ponta da hélice para impedir que seguisse

girando enquanto desembarcaban os passageiros. Popov olhou seu relógio. Tinha chegado uns

minutos antes do esperado. Entrou no terminal. Ali, a três portas da

A-34, encontrou outro bar. Inclusive permitiam fumar, coisa bastante incomum em um

aeroporto americano. Cheirou a fumaça de segunda mão e recordou sua juventude, quando

fumava cigarros Trud, e esteve a ponto de lhe pedir um cigarro a alguém. Mas decidiu não

fazê-lo e bebeu outro vodka dobro em uma mesa do rincão, de cara à parede, já que não

queestuariu que ninguém o recordasse. Trinta minutos depois, anunciaram seu vôo. Deixou

dez dólares sobre a mesa e saiu carregando as alforjas vairesua. Tivesse preferido as atirar,

mas não era conveniente que subisse ao avião com as mãos vazias. Conservou-as e logo as

guardou no compartimento correspondente. Felizmente o assento 2-D não estaBA ocupado.

Decidiu sentar-se ali e olhar todo o tempo pela janela para que a aeromoça não lhe visse a

cara. O Boeing 737 percorreu velozmente a pista e separou na escuridão. Popov rechaçou a

bebida que ofereceram-lhe. Já tinha bebido o bastante, e embora um pouco de álcool o

ajudava a organizar seus pensamentos, o excesso os turvava. Já tinha suficiente álcool no

corpo para relaxar-se, e isso era tudo o que necessitava.

Exatamente do que se inteirou esse dia? Como se relacionasse com tudo o que tinha

averiguado no complexo de Kansas? A resposta à segunda pergunta era mais fácil que a

primeira: todo o que tinha averiguado ultimamente não contradizia em nada a natureza,

localização ou o cenário do projeto. Não contradizia as revistas em sua mesa de luz nem os

vídeos, tampouco as conversações que havia escutado nos corredores e na cafeteria. Esses

loucos planejavam destruir o mundo em nome de suas crenças pagãs... mas como carajo

poderia convencer a alguém de que assim era? E exatamente que informação tinha para

transmitir... e a quem poderia transmitir-lhe Tinha que ser alguém que acreditasse nele e que

pudesse fazer algo. Mas quem?

Além disso, tinha o problema adicional de ter assassinado ao Foster

Hunnicut... não tinha opção a respeito, tinha que afastar do projeto, e a única forma de fazê-

lo era subrepticamente. Mas tinham tudo o direito de acusar o de assassinato, o qual

significava que a polícia tentaria prendê-lo... e então como faria para impedir que esses

lunáticos druidas fizessem o que se propunham fazer? Nenhum policial no mundo acreditaria

sua história. Era muito grotesca para ser compresa por uma mente normal... E certamente a

gente do projeto

614

tinha os recursos suficientes para evitar qualquer classe de interrogatório oficial. Essa era a

medida de segurança mais rudimentar, e

Henriksen certamente se encarregou de cumprimentá-la em pessoa.

Carol Brightling estava em seu escritório. Acabava de imprimir uma carta dirigida ao chefe da

equipe onde lhe anunciava que tomaria licença para trabalhar em um projeto científico

especial. Tinha discutido o tema com o Arnie vão Damm cedo esse dia e ele não tinha posto

objeções graves a sua partida. Não sentiriam saudades, tinha ficado claro.

Bom, pensou olhando friamente a tela do computador, também sentiriam saudades a ele

quando chegasse o momento.

Guardou a carta em um sobre, fechou-o, e o deixou sobre o escritório de seu secretário para

que o enviasse à Casa Branca ao dia seguinte.

Fazia seu trabalho para o projeto e para o planeta, e já era hora de partir. Fazia tanto, tanto

tempo que John não a abraçava. O divórcio tinha tido muita publicidade. Teve que tê-la.

Jamais houvesse conseguido esse posto na Casa Branca de ter seguido casada com um dos

homens mais ricos do país. E assim tinha abjurado dele, e ele havia condenado publicamente

o movimento, as crenças que ambos haviam sustentado dez anos atrás quando formularam a

idéia do projecto. Mas ele jamais tinha deixado de acreditar, e ela tampouco. Assim havia

conseguido meter-se no governo e obtido um passe de segurança que o dava acesso

literalmente a tudo, inclusive a inteligência operativa, e hábia irradiado ao John toda a

informação que necessitava. Mais especificamente tinha acessado a informação sobre armas

biológicas. Graçacua a isso sabiam o que USAMRIID e outros tinham feito para proteger aos

Estados Unidos, e também sabiam como modificar a Shiva de maneira tal que burlasse todas

as vacinas possíveis, exceto as fabricadas por

Horizon Corporation.

Mas o preço tinha sido alto. John se tinha passeado em público com toda classe de

jovencitas... e indubitavelmente tinha intimado com muitas delas dado que era um homem

apaixonado. Não o haviam discutido antes do divórcio, e por essa razão lhe tinha resultado

extremamente desagradável vê-lo nos acontecimentos sociais aos que ambos debían assistir,

sempre com uma bela jovencita pendurada do braço... Siempre com uma diferente, isso sim,

já que sua única relação séria tinha sido (e seria) com ela. Carol Brightling pensou que era um

bom sinal, dado que significava que ela era a única mulher na vida do John, e que essas

molestas jovencitas eram só uma maneira de dissipar seus hormonas masculinas... Mas não

lhe tinha resultado fácil de ver, e muito menos de aceitar, só em sua casa, com o Jiggs por

toda companhia, quase siempre chorando sua solidão.

Mas as mesquinhas considerações pessoais não eram nada comparadas com o projeto. Seu

trabalho na Casa Branca só havia servido para fortalecer suas crenças. Tinha-o visto tudo,

das especifi615

caciones para novas armas nucleares até os informe sobre guerra biológica. O intento iraniano

de propagar uma praga a nível nacional (que tinha precedido a sua nomeação) tinha-a

assustado e estimulado.

Assustado, porque tinha sido uma ameaça real contra seu país que correiodría ter iniciado um

esforço maciço para rebater um futuro ataque. Estimulado, porque tinha

compreendido que

uma defesa eficaz contra essa classe de coisas era difícil, dado que as vacinas sempre

Correspondían a vírus específicos. E, se o pensava melhor, a praga iraniano tinha despertado

a consciência pública em relação à guerra biológica, e isso facilitaria a distribuição e venda ao

público da vacina A... E ademais os burocratas do governo, ali e em todas partes do mundo,

se lançariam sobre a cura milagrosa. Inclusive retornaria a seu escritório no OEOB no

momento adequado para exigir a aprovação dessa medida essencial para a saúde pública... e

confiariam nela.

Saiu de seu escritório, dobrou à esquerda pelo corredor, logo novamente à esquerda, e

baixou a escada até seu automóvel estacionado. Vinte minutos depois fechou seu automóvel e

entrou em seu departamento, onde foi recebida pelo fiel Jiggs, que saltou a seus braços e

esfregou sua peluda cabeça contra seus peitos, como de costume. Seus dez anos de miséria

tinham terminado, e embora o sacrifício tinha sido duro de suportar, a recompensa seria um

planeta novamente verde, e uma natureza devolta a sua castiga glorifica.

Era bom estar de retorno em Nova Iorque. Embora não se atrevia a voltar para

seu

departamento, pelo menos estava em uma cidade e poderia desaparecer com tanta facilidade

como um rato por um tirante. Pediu-lhe ao taxista que o levasse ao Essex House, um hotel de

categoria no Central Park South, onde se registrou com o nome do Joseph Demetrius.

Como era de esperar, havia um minibar na habitação, e mesclou um pouco de água com dois

botellitas de vodca americana. Estava demasiado ansioso para incomodar-se pela qualidade

inferior da bebida. Luego, uma vez tomada sua decisão, chamou à aerolinha para confirmar a

informação do voo, olhou seu relógio, chamou à recepção e lhe pediu ao zelador que

despertasse às 3.30 da madrugada. derrubou-se em a cama sem despir-se. Teria que fazer

algumas compra rápidas em a manhã e também passar pelo banco a retirar seu passaporte da

caixa de segurança. Logo retiraria quinhentos dólares de uma caixa ATN, cortesia de seu

MasterCard Demetrius, e estaria a salvo... Bom, se não de tudo a salvo, ao menos mais do que

estava agora, o suficiente para abrigar certa confiança em si mesmo e em seu futuro. Só teria

futuro se o projeto era abortado. Se não, pensou fechando os olhos, pelo menos saberia que

coisas evitar para seguir com vida. Provavelmente.

Clark despertou na hora de sempre. JC estava dormindo jor agora, a suas duas semanas de

vida, e essa manhã se sincronizou

616

com o amo do lar. John pôde comprová-lo ao emergir de sua barbeada matinal e escutar os

chiados de seu neto no dormitório que compartia com o Patsy. O ruído despertou a Sandy,

quem, embora se as ingeniaba para ignorar o despertador do John, respondia obviamente a

seus instintos maternos. Foi à cozinha, acendeu a máquina de café e abriu a porta do frente

para recolher a edição matutina do Teme, o

Daily Telegraph e o Manchester Guardian. A qualidade da escritura dos jornais britânicos era

melhor que a da maioria dos jornais americanos, e os artigos eram muito mais concisos.

O hombrecito estava crescendo, pensou John quando Patsy entrou na cozinha com o JC aceso

ao peito esquerdo e Sandy detrás. Mas seu filha não tomava café ultimamente, evidentemente

temia que a cafeína prejudicasse o leite materno. Em troca, ela também tomava leite.

John Conor Chávez estava totalmente dedicado a seu café da manhã e, dez minutos depois,

seu avô fazia o próprio enquanto escutava o informativo radial da BBC. A rádio e os jornais

confirmavam que o mundo estava essencialmente em paz. A notícia mais importante eram os

Jogos Olímpicos, que Ding lhes comentava cada noite (cada manhana para ele, jogo de dados

os fusos horários que os separavam). Comenta-osrios estavam acostumados a terminar com o

telefone apoiado sobre a carita do JC para que seu orgulhoso pai pudesse escutar os gorjeios

que ocasionalmente emitia (quase nunca quando os adultos mais o desejavam).

Às 6:30 John saiu de sua casa e, a diferença de outras manhãs, dirigiu-se ao campo atlético

para exercitar-se um pouco. Os homens do

Comando 1 já estavam ali e, embora faltavam vários devido aos últimos acontecimentos, os

via orgulhosos e robustos como de costume.

O sargento Fred Franklin liderava a prática essa manhã e Clark intentó seguir suas instruções,

sem a capacidade dos homens jovens mas com enérgica vontade... ganhando vários olhares de

respeito, embora também alguns comentários depreciativos dirigidos ao velho pdoorro que

acreditava ser o que não era. O também minguido Comando 2

estava no outro extremo do campo, liderado pelo sargento maior

Eddie Price. Meia hora depois, John voltou a tomar banho... fazê-lo dois vezes

em noventa

minutos quase todos os dias sempre lhe tinha parecido estranho, mas a ducha do despertar era

parte fundamental de sua vida e não podia desprezá-la e, logo depois de exercitar-se e

transpirar com as tropas, siempre necessitava outra. Uma vez tomado banho, vestido com seu

traje de chefe , entrou no edifício central, checkou a máquina de fax, como sempre, e encontrou

uma mensagem do FBI onde lhe informavam que não havia novidades no caso Serov. Um

segundo fax dizia que lhe enviariam um pacote desde o Whitehall essa manhã cedo, mas não

especificava o que classe de pacote. Bom, pensou John indo para a máquina de café, já o

descobriria ao seu devido tempo.

Ao Stanley chegou pouco antes das oito, ainda afetado pelas feridas recebidas... mas

recuperando-se bastante bem por tratar-se de um homem de sua idade. Bill Tawney chegou

dois minutos depois. Acabava de começar um novo dia de trabalho para o comando Rainbow.

617

O telefone despertou de repente. Popov procurou o tubo na oscuridêem, errou, voltou a tentá-

lo.

Olá resmungou.

São três trinta, senhor Demetrius disse o zelador.

Sim, obrigado replicou Dimitri Arkadeyevich. Acendeu a luz e deslizou os pés sobre o tapete.

Junto ao telefone havia uma nota com o número que devia marcar: nove... zero-e um-um-e

quatro-quatro...

Alice Foorgate chegou uns minutos mais cedo. Guardou seu carter na gaveta do escritório,

sentou-se, e começou a revisar suas notas sobre o que, supostamente, devia acontecer durante

o dia. Ah, tenhadrían reunião de pressuposto. O senhor Clark estaria mal-humorado até depois

de almoçar. Nesse momento soou o telefone.

Preciso falar com o senhor John Clark disse uma voz.

Poderia me dizer quem o chama?

Não disse a voz . Não posso.

A secretária piscou, confundida. Esteve a ponto de responder que não podia passar uma

chamada nessas condições, mas não o fez.

Era muito cedo para mostrar-se desagradável. Deixou a chamadá em espera e apertou outro

botão.

Tem um chamado por linha um, senhor.

Quem é? perguntou Clark.

Não quis me dizer, senhor.

OK grunhiu John. Trocou de botões e disse : Fala John Clark.

Bom dia, senhor Clark o saudou a voz anônima.

Quem fala?

Temos um conhecido em comum. Seu nome é Sejam Grady.

Sim? Clark aferrou o tubo com força e apertou a tecla RECORD do gravador anexado ao

telefone.

Por conseguinte, é provável que me conheça como Iosef Andréyevich Serov. Teríamos que

nos encontrar, senhor Clark.

Sim replicou John casualmente , eu gostaria. Como fazemos?

Hoje mesmo, em Nova Iorque. Tome o vôo 1 do Concorde de

British Airways ao aeroporto JFK. Encontraremos-nos à uma da tarde na entrada do Central

Park Zoológico. O edifício de tijolo vermelho que parece um castelo. Estarei ali exatamente

às onze em ponto. Alguma pergunta?

Suponho que não. OK, às onze em ponto em Nova Iorque.

Obrigado. Adeus Linha morta. Clark voltou a trocar de garrafinhanes.

Alice, poderia chamar o Bill e Alistair, por favor?

Ambos chegaram em menos de três minutos.

618

Escutem isto, moços disse John, e pulsou a tecla PLAY do gravador.

Demônios murmurou Bill Tawney um segundo antes de que Ao

Stanley fizesse o próprio . Quer encontrar-se contigo? Pergunto-me por que.

Só há uma maneira de averiguá-lo. Tenho que tomar o Comcorde a Nova Iorque.
Ao,

podemos despertar ao Malloy para que me levá ao Heathrow?

Vai? perguntou Stanley. A resposta era óbvia.

por que não? Diabos sorriu John , terei que faltar à jodida reunião de
pressuposto.

Não sei. Poderia correr perigo.

Farei que o FBI envie alguns homens para me proteger, e lleestive %parado a um
velho amigo

demarcou Clark, aludindo a seu Beretta .45 . Estamos tratando com um agente
segredo

profissional. Ele corre mais perigo que eu, a menos que tenha uma operação
muito elaborada

em marcha.

Como é, teremos que averiguá-lo. Quer encontrar-se comigo. É um profissional,
e isso

significa que quer me dizer algo... ou talvez preguntarme algo. Mas me inclino
pela primeira

opção, o que lhes parece?

Não fica outro remédio que estar de acordo disse Tawney.

Alguma objeção? Clark queria conhecer a opinião de seus subordinados hierárquicos. Não

expuseram objeções. Estavam tão intrigados como ele, mas queriam muita segurança em

Nova Iorque. Isso não seestúário um problema, John estava seguro.

Olhou seu relógio.

São quase as quatro da manhã em Nova Iorque... e quer que encontremo-nos hoje. Está

bastante apurado. A que poderá dever-se tanta pressa? Alguma sugestão?

Talvez queira te dizer que não teve vinculação alguma com o atentado ao hospital. Além

disso...? Tawney se limitou a sacudir a cabeça.

O timing é um problema. O vôo sai às dez e trinta, John assinalou Stanley . Agora são três

trinta na costa leste destadois Unidos. Ninguém trabalha a essa hora.

Então teremos que despertá-los Clark olhou o telefone e marcou o número da central do FBI.

FBI respondeu outra voz anônima.

Preciso falar com o subdirector Chuck Baker.

Não acredito que o senhor Baker esteja na dependência.

Já sei. Chame-o a sua casa. lhe diga que o chama John Clark quase pôde escutar o carajo ao

outro extremo da linha... mas uma voz importante tinha dado uma ordem, e seria cumprida.

Olá disse outra voz, um tanto sonolenta, um minuto depois.

Chuck, fala John Clark. Apareceu algo no caso Serov.

O que? E por que carajo não pode esperar quatro horas? omitió dizer.

619

John lhe deu as explicações do caso... e o escutou despertar de golpe.

OK disse Baker . Vários moços de Nova Iorque irão a te buscar ao terminal, John.

Obrigado, Chuck. Lamento haver despertado tão cedo.

Sim, John. Até mais tarde.

O resto foi fácil. Malloy chegou ao escritório logo do treinamento matinal e ordenou que lhe

preparassem o helicóptero. Não demorou muito. O única dor de cabeça foi ter que filtrar-se

entre o denso tráfico aéreo, mas o helicóptero finalmente aterrisou no terminal de aviação

general e um veículo de segurança do aeroporto trasladou ao John à terminal apropriado

vinte minutos antes do vôo. Passou por cima os controles de segurança, economizando-a

vergonha de ter que explicar por que levava uma pistola (algo que no Reino Unido equivalia a

anunciar que alguém padecia lepra contagiosa). O serviço era extremamente britânico e teve

que rechaçar uma taça de champagne antes de abordar o avião. Finalmente anunciaram o vôo

e Clark abordou o avião mais veloz do mundo para o aeroporto JFK em Nova Iorque. O

capitão os deu a habitual bem-vinda e um trator arrastou ao enorme Concorde para a pista.

Em menos de quatro horas estaria de volta em seu país, pensou John. Não era uma maravilha

o transporte aéreo? Mas o melhor de tudo era que tinha sobre os joelhos o pacote que

acabavam de lhe enviar. Eram os dados pessoais de um tal Popov, Dimitri

Arkadeyevich. Tinham editado a informação, estava seguro, mas seestuério uma leitura

interessante para a viagem. Obrigado, Sergey Nikolayevich, pensou John enquanto começava

a folhear as páginas. Devia ser o autêntico arquivo da KGB. Algumas das páginas

fotocopiadas tinham buracos no extremo superior esquerdo, o qual indicava que datavam da

época em que a KGB usava alfinetes para sujeitar as páginas em lugar de ganchos (coisa que

tinham copiado do MEU-6 britânico na década do vinte). Era uma trivialidade que só os que

estavam no alho conheciam.

Clark estava a meio caminho sobre o Atlântico quando Popov volviu despertar às sete e

quinze sem necessidade de que o chamassem.

Pediou que lhe levassem o café da manhã ao quarto e começou a polir-se para o

comprido dia

que o esperava. Às oito e quinze saiu do hotel e procurou uma loja de roupas para homens. A

busca resultou lhe frustrar (a maioria estavam fechadas), mas finalmente encontrou uma que

abria seus leva às nove. Trinta minutos depois comprou um traje cinza, caro mas mal talhado,

e várias camisas e gravatas. Voltou a trocar-se a seu hotel. Era hora de ir à Central Park.

O edifício que protegia o Central Park Zoológico era estranho. Estava feito de tijolo e tinha

fortalezas no teto, para defender o área de um ataque armado. Mas as paredes também tinham

janelas e o edifício estava convocado sobre uma depressão, não no alto de uma

620

colina como devia está-lo um castelo. Bom, os arquitetos estadunidenses tinham idéias

próprias. Popov percorreu a área, decidido a detectar aos agentes do FBI (ou talvez oficiais da

CIA?) que certamente cobririam o encontro... e acaso tentariam prendê-lo? Bom, não

correiodia fazer nada a respeito. Por fim saberia se esse John Clark era um verdadeiro oficial

de inteligência. O negócio tinha suas regras e Clark as respeitaria por uma questão de cortesia

profissional. Popov estava apostando forte e Clark o respeitaria precisamente por

isso, mas

não podia estar seguro. Bom, neste mundo um não podia estar seguro de nada.

O Dr. Killgore chegou à cafeteria na hora de sempre e se irmpreendeu ao não encontrar ao

russo nem ao Foster Hunnicutt. Bom, talvez se tinham deitado tarde. Esperou vinte minutos e

finalmente se dirigiu a a cavalariças. Ali se encontrou com outra surpresa. Buttermilk e

Jeremiah estavam no curral, sem arreios e sem rédeas. Não podia saber que ambos os cavalos

tinham retornado sozinhos ao curral a noite anterior. Os levou de volta à cavalariça antes de

montar. Esperou outros quinze minutos no curral, perguntando-se se seus amigos

apareceriam. Como não apareceram, Kirk Maclean e Killgore partiram cavalgando háCIA o

oeste.

O flanco secreto da atividade podia ser divertido, pensou Seulevam. Ali estava, conduzindo o

que parecia ser uma caminhonete

Consolidated Edison e vestindo o macacão azul que apregoava o mesmo emprego. A

vestimenta era o suficientemente ampla para levar uma dúzia de armas dentro, mas sua

melhor característica era que o tornava invisível. Havia tantos uniformes iguais a esse nas

ruas de

Nova Iorque que ninguém lhes emprestava atenção. A discreta missão de vigilância tinha sido

organizada aos importunos: não menos de oito agenvocês no lugar da entrevista, todos com a

foto do passaporte do sujeito Serov.

Não tinham o peso nem a altura estimados, e isso significava que estavam procurando um

HBC (homem branco comum), dos que a cidade do Nuevai York tinha pelo menos três

milhões para oferecer.

dentro do terminal, seu companheiro Frank Chatham (prudentemente vestido com traje e

gravata) esperava na rampa de saída do

Vôo 1 da British Airways. Seu correspondente macacão estava na CAmioneta Com o Ed que

Sullivan tinha estacionado para fora do terminal.

Nem sequer conheciam esse tal Clark que tinham ido procurar, mas o subdirector Baker lhes

havia dito que era um tipo muito importante.

O vôo chegou pontual. Clark, sentado no 1-C, foi o primeiro em levantar-se e descer do avião.

Detectou imediatamente a sua escolta do

FBI.

Está-me esperando?

Como se chama, senhor?

John Clark. Chuck Baker certamente...

621

Fez-o. me acompanhe, por favor Chatham o levou pela via rápida. Passaram por cima

alfândega e migrações, e uma vez mais o passaporte do John não foi selado para celebrar sua

entrada a um país soberano. Identificou no ato a caminhonete Com o Ed. Sem que ninguém

lhe dissesse nada, Clark foi para ela e subiu de um salto.

Olá, sou John Clark lhe disse ao chofer.

Tom Sullivan. Já conhece o Frank.

Em marcha, senhor Sullivan disse John.

Sim, senhor A caminhonete arrancou no ato. Na parte de atrás,

Chatham começou a despir-se: devia trocar seu traje por um macacão azul igual ao do

Sullivan.

Está bem, senhor. O que está acontecendo aqui?

vou encontrar me com um tipo.

Serov? perguntou Sullivan. Acabavam de entrar na autopista.

Sim, mas seu verdadeiro nome é Popov. Dimitri Arkadeyevich

Popov. Foi coronel na velha KGB. Tenho seu arquivo pessoal, li-o durante a viagem. É

especialista em terrorismo, e provavelmente tem mais contatos que a companhia Telefónica.

Esse indivíduo pôs em marcha o atentado que...

Sim John assentiu com um sotaque de fúria . O atentado contra meu esposa e minha filha.

Elas foram os brancos primários.

Carajo! comentou Chatham, subindo o fechamento do mameluco.

Não sabiam isso . E ainda quer encontrar-se com essa toupeira miserável?

Negócios são negócios, moços demarcou John, perguntandose se de verdade acreditava o que

estava dizendo.

E você quem é?

CIA.

Como conhece senhor Baker?

Agora tenho um trabalho ligeiramente distinto e mantenho relaciones com o FBI.

Principalmente com o Gus Werner, mas ultimamente estive falando também com o Baker.

Você forma parte do comando que liquidou aos terroristas que atentaram contra o hospital na

Inglaterra?

Sou o chefe disse Clark . Mas não o andem esparramando por aí, de acordo?

Não se preocupe replicou Sullivan.

Trabalham no caso Serov?

É um dos temas que temos sobre o escritório, sim.

O que têm sobre ele?

A foto do passaporte... suponho que você também a tem.

Melhor ainda, tenho sua foto oficial da KGB. É melhor que a do passaporte, frente e perfil,

mas tem dez anos de antigüidade. O que mais têm?

Contas bancárias, resúmenes de cartões de crédito, casinha postal. Sem direção no momento.

Estamos trabalhando nisso.

por que o buscam? perguntou John.

622

Principalmente por conspiração respondeu Sullivan . Conspiración e incitação de atos

terroristas, conspiração e tráfico de drogás ilegais. Os estatutos são muito amplos, e os

usamos quando não temos pistas concretas sobre o que acontece realidade.

Podem prendê-lo?

Claro. In situ disse Chatham desde atrás . Quer que o arrestemos?

Não estou seguro Clark se respaldou no incômodo assento e contemplou a silhueta de Nova

Iorque. Não podia deixar de perguntar-se o que demônios estava passando. Logo o

averiguaria, embora nunca seria o suficientemente logo para conhecer filho de puta que havia

instigado a um grupo de homens armados contra sua esposa e sua filha. Franziu o cenho,

mas os agentes do FBI não se deram conta.

Popov acreditava ter detectado a dois do FBI, por não mencionar a um par de policiais

uniformizados que podiam (ou não) ser parte da vigilância que indefectivelmente se estaria

reunindo no lugar. Entretanto, não podia fazer nada a respeito. Tinha que encontrar-se com

esse tipo

Clark, e o encontro devia ser em um lugar público. Do contrário teria tido que meter-se na

boca do leão, coisa que não podia resolver-se a fazer. Ali ao menos teria a oportunidade de ir

caminhando até a estação do metrô e baixar correndo a tomar o trem. Isso confundiria-os

bastante e lhe daria opções. Atirar o saco do traje ao demônio e trocar de aspecto, ficar o

chapéu que levava no bolso da calça. Supunha que inclusive teria a chance de evadir o contato

se era necessário. Seria quase impossível que lhe disparassem no coração da cidade maior dos

Estados Unidos. Mas seu melhor opção era falar com o Clark. Se era tão profissional como

acreditava Popov, poderiam fazer negócios. Teriam que fazê-los. Nenhum dos dois tendría

outra alternativa, refletiu Dimitri.

A caminhonete cruzou o East River e enfiou para o oeste pelas ruas lotadas. John olhou seu

relógio.

Não se preocupe, senhor. Chegaremos dez minutos antes lhe disse

Sullivan.

Bom replicou John. Estava tenso. aproximava-se o momento e devia controlar ao máximo

suas emoções. Sendo um homem apaixonado, John Terence Clark as tinha manifestado mais

de uma vez em seu trabalho, mas agora não poderia permitir-lhe Quem quer que fosse esse

russo, tinha-o convidado a encontrar-se com ele... e isso significava algo, certamente. Ainda

não sabia o que, mas tinha que ser algo verdadeiramore fora do comum. portanto, devia

deixar de lado a lembrança dos perigos corridos por sua amada família. Devia manter a

cabeza fria durante o encontro. Respirou fundo e se relaxou, e pouco a pouco se foi esfriando.

Logo, a curiosidade se apoderou dele. O russo devia saber

623

que Clark sabia o que tinha feito, e não obstante lhe tinha pedido que se encontrassem, e

rápido. Isso tinha que significar algo, pensou Clark quãodou por fim entraram na Quinta

Avenida. Voltou a olhar o relógio. Faltaban quatorze minutos para a hora da entrevista. A

caminhonete se deteve sobre a direita. Clark baixou e caminhou para o sul pela

vereda

enchedá de gente. A suas costas, os agentes do FBI arrancaram nuevamenvocê a caminhonete, estacionaram perto do edifício da entrevista e baixaram. Llevaban muitos papéis

e o disfarce de empregados de Com o Ed era muito óbvio, pensou Clark. Dobrou à direita,

baixou as escadas e contemplou o edifício de tijolo vermelho que alguém tinha pensado como

castelo cem anos atrás. Não passou muito tempo sozinho.

Bom dia, John Clark disse uma voz masculina a suas costas.

Bom dia, Dimitri Arkadeyevich replicou John sem dar-se vuellha.

Muito bem disse a voz com tom aprobador . O felicito pelo COnocer um de meus nomes.

Temos boa base de inteligência prosseguiu John, sempre de costas.

Teve um vôo agradável?

Rápido, diria eu. Nunca tinha pirado no Concorde. Não foi desagradável. E bem, Dimitri, o

que posso fazer por você?

Acima de tudo desejo lhe pedir desculpas por meus contatos com o Grady e seus homens.

E as outras operações? perguntou Clark. Tinha vontades de começar as apostas fortes.

Não concernem a você pessoalmente, e só morreu uma pessoa.

Mas essa pessoa era uma garotinha doente observou Clark. Inmediatamente o lamentou;

apressou-se.

Não, eu não tive nada que ver com o Parque Mundial. Sim com o banco na Berna e o magnata

nos subúrbios de Viena. Essas foram meus missões, mas não tive nada que ver com esse

parque de diversões.

portanto está comprometido em três operações terroristas. Isso vai contra a lei, e você sabe.

Sim, tenho-o muito presente replicou secamente o russo.

E bem, o que posso fazer por você? voltou a perguntar Clark.

trata-se do que eu posso fazer por você, senhor Clark.

E o que é? Seguia sem dar-se volta. Mas devia haver pelo menos meia dúzia de agentes do

FBI vigiando, inclusive algum com microfone gravando a conversação. Com a pressa, Clark

não havia podido aderir um bom sistema de gravação a seu traje.

Clark, posso lhe dar o motivo das missões e o nome do indivíduo que as instigou... é

monstruoso. Logo ontem descobri, todavia não faz vinte e quatro horas, o propósito que se

esconde detrás de tudo isto.

E bem, qual é o objetivo? perguntou John.

Matar a quase todos os seres humanos do planeta replicou Popov.

Clark se deteve em seco e o olhou pela primeira vez. A foto da

KGB era muito boa, comprovou satisfeito.

Está-me contando o guia de um filme? perguntou friamente.

Clark, ontem estava em Kansas. Ali me inteirei do plano deste projeto . Matei à pessoa que

me contou tudo para poder escapar. O homem que matei se chamava Foster Hunnicutt, era um

guia e caçador de Montana. Disparei-lhe no peito com sua própria Colt calibre quarenta e

quatro. Fui à auto-estrada mais próxima e consegui que me levassem a aeroporto regional

mais próximo, e de ali a Kansas City, e desde ali a Nova Iorque. Chamei-o desde meu hotel

faz menos de oito horas.

Sim, Clark, sei que pode me prender. Deve haver pessoal de segurança nos vigiando neste

preciso instante, presumivelmente do FBI disse quando chegavam ao setor dos animais

enjaulados . Só tem que levantar a mão e me prenderão, e acabo de lhe dizer o nome de um

tipo ao que matei e o lugar onde o fiz. Além disso me tem por incitar atentados terroristas, e

suponho que também por tráfico de drogas. O sei, e entretanto lhe pedi que nos

encontrássemos. Supõe que lhe estou fazendo uma brincadeira pesada, John Clark?

Talvez não respondeu Rainbow Six, olhando-o fixamente aos olhos.

Muito bem. Nesse caso lhe proponho que vamos à central do

FBI ou a algum outro lugar seguro. Quero lhe dar toda a informação necessaria sob

circunstâncias controladas. Só peço que me dê sua palavra e garanta-me que não serei detido

nem detido.

Acreditaria-me se lhe desse minha palavra?

Sim. Você é agente da CIA e conhece as regras do jogo, verdêem?

Clark assentiu.

OK, dou-lhe minha palavra... sempre e quando me estiver dizendo a verdade.

Oxalá estivesse mentindo, John Clark disse Popov . Oxalá étivesse mentindo, tovarich...

John o olhou fixamente aos olhos e viu medo neles... não, algo mais profundo que o medo.

Esse homem acabava de chamá-lo camaradá. Isso significava algo, particularmente nessa

circunstância.

Vamos disse John, e enfiou por volta da Quinta Avenida.

Esse é o sujeito, moços disse uma agente por circuito radial . O sujeito Serov avança envolto

com coque de presente como um brinquedo do F.A.O. Schwarz. Esperem. Modificam o rumo.

dirigem-se ao este, à Quinta Avenida.

Brinca? perguntou Frank Chatham. Justo nesse momento viu-os avançar a passo rápido para a

caminhonete.

Têm um lugar seguro perto daqui? perguntou Clark.

Bom, sim, temos, mas...

625

nos levem imediatamente! ordenou . E podem dar por terminada a operação de vigilância.

Subida, Dimitri disse logo, e abriu a porta deslizante.

A casa segura estava a só dez quadras de distância. Sullivan estacionou a caminhonete e

entraram os quatro.

626

CAPÍTULO 37

CHAMA AGONIZANTE

A casa segura era um edifício de pedra marrom de quatro pisos doado ao governo federal

várias décadas atrás por um empresário agradito cujo filho seqüestrado tinha sido resgatado

com vida pelo célebre FBI. Principalmente a utilizava para entrevistar a diplomáticos das

Nações Unidas que trabalhavam (de uma ou outra maneira) para o governo dos Estados

Unidos, e tinha sido um dos lugares preferidos do Arkady Schevchenko (o desertor e

informante soviético de mais alto fila de todos os tempos). De fachada nada destacável, a casa

contaBA com um elaborado sistema de segurança e três habitações com foimas ocultos de

gravação e espelhos dobre, além de mesas e cadeiras (estas últimas notavelmente cômodas).

Estava vigiada as veinticuatro horas, geralmente por um agente da divisão de campo do

Nuevai York que oficiava de porteiro.

Chatham os levou a sala de entrevistas do último piso, e os indicou que se sentassem no

cubículo sem janelas. O microfone estava aceso e a cinta do gravador corria a pleno. detrás de

um dos espelhos havia uma câmara de TV com seu correspondente VCR.

OK disse Clark, e anunciou a data, a hora e o lugar . Me acompanha o coronel Dimitri

Arkadeyevich Popov, retirado, da ex

KGB soviética. O tema da entrevista é a atividade terrorista internacional. Meu nome é John

Clark, e sou oficial de inteligência da

CIA. Também nos acompanham...

Agente especial Tom Sullivan...

Y...

Agente especial Frank Chatham...

Do escritório do FBI em Nova Iorque. Pode começar, Dimitri disse ao Popov.

O russo estava extremamente intimidado pelo que ia fazer, tal como o demonstrou nos

primeiros minutos do relato. Os dois agentes do FBI mantiveram uma expressão de

incredulidade absoluta durante a primeira meia hora... até que Popov começou a narrar seus

cabalgatas matinais em Kansas.

Macleane? Nome de pilha?

Kirk, acredito, talvez Kurt, mas acredito que terminava com K replicó Popov . Hunnicutt me

disse que tinha raptado gente em Nova Iorque

627

para usá-la como coelhos de Índias nos experimentos com o vírus

Shiva.

Carajo soprou Chatham . Como é fisicamente?

Popov o descreveu detalladamente, do comprimento do cabelo hávocê a cor de olhos.

Conhecemos esse tipo, senhor Clark. Entrevistamo-lo pela desapareição de uma jovem, Mary

Bannister. E outra mulher, Anne Pretloe, também desapareceu em circunstâncias similares.

Carajo. Está-nos davaciendo que foram assassinadas?

Não, estou-lhes dizendo que morreram como sujeitos de experimentación da enfermidade

Shiva que planejam propagar no Sydney.

Horizon Corporation. Ali é onde trabalha esse Maclean. Neste momento não está na cidade,

conforme nos disseram seus companheiros.

Claro, porque está em Kansas repetiu Popov.

Vocês sabem quão grande é Horizon Corporation? preguntó Sullivan.

Muito grande. OK, Dimitri disse Clark . Voltando para tema, como pensam propagar o vírus

segundo você?

Foster me disse que o fariam através do sistema de refrigeración do estádio. É tudo o que sei.

John pensou nas Olimpíadas. Esse dia correriam a maratona, o último evento, seguido pelas

cerimônias de clausura essa mesma noite. Não tinha muito tempo para pensar. deu-se volta,

levantou o telefone e chamou a Inglaterra.

Passe me ao Stanley disse à senhora Foorgate.

Alistair Stanley respondeu uma voz.

Ao, fala John. te comunique com o Ding e lhe diga que me chame imediatamente Lhe deu o

número de telefone . Agora mesmo... já. Entende, Ao?

Entendido, John.

Clark esperou quatro minutos e médio por relógio até que soou o telefone.

Têm sorte de me haver encontrado, John. Estava-me vistiendou para ir ver a Mara...

Fecha esse maldito pico e escuta o que vou dizer te, Domingo disse Clark. Não estava de

humor para brincadeiras.

Sim, John, adiante respondeu Chávez. Tirou uma caderneta para tomar nota . Fala a sério?

perguntou uns segundos depois.

Acreditam que sim, Ding.

Parece o argumento de um filme mau Teria algo que ver com o SPECTRE? perguntou-se

Chávez. O que esperavam ganhar com isto?

Ding, o homem que me deu a informação se chama Serov, Iosef

Andréyevich. Está aqui comigo.

628

OK, entendo, Mr. C. Quando começará a operação?

Durante as cerimônias de clausura, supostamente. Há aoguna outra competência além da

maratona?

Não, a maratona é o último evento importante e não deveríamos ter muito trabalho até que

termine. Esperamos que o estádio empeque a encher-se por volta das cinco da tarde. Logo se

farão as cerimônias de clausura e todo mundo se irá a sua casa Eu incluído, omitiu adicionar

Chávez.

Bom, esse é o plano, Ding.

E você quer que o impeçamos.

Correto. te mova. Conserva este número. Estarei aqui todo o dia no STU-4. A partir de agora

todas as comunicações se farão por via segura. De acordo?

De acordo. Começo a me mover, John.

te mova disse Clark . Adeus.

Chávez pendurou, perguntando-se como diabos faria o que Clark o tinha ordenado. Primeiro

reuniria a seus homens. Todos estavam alojados no mesmo piso. Saiu ao corredor, golpeou

todas as portas e os pediu que fossem imediatamente a sua suíte.

OK, moços, temos um trabajito para hoje. Este é o trato começou. Demorou cinco minutos em

contar o conto.

Santo Deus murmurou Tomlinson em nome de todos os presenthes. O relato era

absolutamente incrível, mas estavam acostumados a escutar informação bizarra e a atuar em

consequência.

Temos que encontrar a sala de controle do sistema de névoa lhe refrigerem.
Quando a

encontrarmos, poremos gente dentro. Rotaremos o guarda. George e Homer
tomarão o

primeiro turno, e logo os substituiremos Mike e eu. Faremos turnos de duas
horas. As rádios

estarão acesas todo o tempo. Autorizo o uso de força letal, muchachos.

Noonan também estava presente.

Ding, esta historia sonha bastante improvável...

Sei, Tim, mas vamos atuar como se fora certa.

Se você o disser, velho.

Em marcha, moços ordenou Ding, levantando-se.

Hoje é o dia, Carol lhe disse John Brightling a seu ex algema .

O projeto começará em menos de dez horas.

Carol deixou ao Jiggs no chão e correu a abraçá-lo.

OH, John!

Já sei disse ele, lhe acariciando o cabelo . Passou muito tiemcorreio. Não poderia
havê-lo

feito sem ti.

Henriksen estava com eles.

Bom, falei com o Wil Gearing faz vinte minutos. Colocará o

distribuidor da Shiva antes de que comecem as cerimônias de clausura. O clima trabalha a

nosso favor. Será um dia muito caloroso no Sydney, a temperatura supostamente alcançará os

noventa e sete graus

Fahrenheit. portanto... a gente acampará sob os rociadores de niebla.

E respirará fundo confirmou o Dr. John Brightling. Era outro dos métodos corporais para

eliminar o excesso de calor.

Chávez já estava no estádio, suando copiosamente e preguntándose se algum dos maratonistas

cairia morto durante a carrera. A gente de Global Security também estava percorrendo as

instalaciones. perguntou-se se recordaria todas as caras que tinha visto nas dois breves

conferencia que tinham compartilhado, mas por agora o mais importante era encontrar ao

coronel Wilkerson. topou-se com ele cinco minutos mais tarde, no posto de segurança.

Bom dia, maior Chávez.

Olá, Frank. Quero lhe perguntar algo.

Adiante, Ding.

O sistema de névoa lhe refrigerem. De onde vem?

A sala de distribuição está no Setor Cinco, justo a izquierda da rampa.

Como faço para entrar?

Eu posso lhe dar uma chave da porta e o código do alarme.

por que, moço?

OH, por nada. Simplesmente quero ver como é.

Há algum problema, Ding? perguntou Wilkerson.

Talvez. Estive pensando prosseguiu Chávez, tentando uma mentira convincente para salvar o

momento . O que passaria se alguém queria propagar um agente químico, né? E pensei que

podia...

Revisar o sistema? A gente de Global já se encarregou de fazero, moço. O coronel Gearing

para mais dados. Revisou toda a insitelación. Teve o mesmo temor que você, só que um

pouco antes.

Bom, poderia revisá-lo também eu?

por que?

Por paranóia, se quer replicou Chávez.

Suponho que sim Wilkerson se levantou da cadeira e tirou uma chave do tabuleiro da parede .

O código do alarme é uno-uno-trestrês-e seis-seis.

Onze e trinta e três e sessenta e seis , memorizou Ding.

Bom. Obrigado, coronel.

De nada, major replicou o tenente coronel do SEJA a Austrálianão.

Chávez saiu do posto de segurança, reuniu-se com seus homens e todos voltaram rapidamente

para estádio.

Contou-lhes o que acontecia? perguntou Noonan.

Chávez negou com a cabeça.

630

Não estou autorizado a fazê-lo. John espera que possamos emanejarlo sozinhos.

E se nossos amigos estão armados?

Bom, Tim, estamos autorizados a utilizar toda a força necessaria, não?

Poderia ser um desastre advertiu o agente do FBI, preocupado como sempre pelas leis e

jurisdições locais.

Sim, suponho que sim. Usemos a cabeça, sim? Também sabemos como fazê-lo.

A tarefa do Kirk Maclean dentro do projeto era vigiar os foimas meio-ambientais,

principalmente os aparelhos de ar condicionado de ar e o sistema de sobrepressurización

(embora realmente não entendia para o que os tinham instalado). depois de tudo, todos tinham

recebido a vacina B e, embora Shiva conseguisse ingressar no complexo, supostamente não

correriam perigo. Imaginou que John Brightling não queria deixar nenhum cabo solto. Melhor

para ele. Uma vez concluída sua fácil tarefa diária principalmente consistia em checar diales e

sistemas de grabación decidiu sair a cavalgar. Foi ao escritório de transporte, retirou as chaves

de um dos Hummer do projeto, e se dirigiu às caballefrisa. Vinte minutos depois, já a cavalo,

pôs rumo ao norte. Cruzou os pastos altos, os sulcos dos trigales abertos por máquinas

agrícolas, atravessou lentamente uma das cidades subterrâneas dos prros da pradaria em

direção à auto-estrada interestadual que conformaba o limite norte do terreno do projeto. Aos

quarenta minutos de rodeio viu algo incomum.

Como todas as terras rurais do oeste norte-americano, esta lhenía sua população de abutres

residentes. Aqui, como na maioria dos lugares, os chamava abutres peru (sem ter em conta

seu verdadeiro origem). Eram enormes aves de rapina que se alimentavam de carniça e

distinguiam-se por seu tamanho e sua fealdade: plumagem negra e calvas cabezas

avermelhadas com picos largos e poderosos destinados a arrancar a carne putrefata dos

esqueletos dos animais mortos. Eram os recolectores de resíduos da natureza ou, segundo

alguns, os empregados fúnebres da Mãe Terra , parte importante do ecossistema, até que

desagradáveis para muitos. Viu seis abutres voando em círculo sobre os pastos altos do

nordeste. Seis já eram muitos... mas logo viu que havia mais. Divisou suas negras silhuetas

angulares sobre o pasto a duas milhas de distância. Evidentemente tinha morrido algo

volumoso e se tinham aproximado de limpar. Quer dizer, a devorar carniça. Os abutres eram

aves conservadoras, escrupulosas. Seus prolongados vôos em círculo lhes serviam para

comprovar se o que estavam vendo e cheirando já tinha morrido. Do contrário, o agonizante

poderia atacá-los quando baixassem a alimentar-se de seus despojos... e a esses pássaros não

gostaban os mal-entendidos. As aves eram as mais delicadas entre as cria⁶³¹

turas da natureza: estavam feitas para o ar e precisavam estar em perfeitas condições para

voar e sobreviver.

O que estarão comendo? perguntou-se Maclean. Avançou a passo lento em direção a eles.

Não queria incomodar às laboriosas aves e temia que se assustassem do cavaleiro e o cavalo.

Provavelmente não, decidiu, mas logo saberia.

Fora o que fosse, evidentemente gostavam. Era um processo feio de completar, pensou

Maclean, mas não mais feio que quando ele mesmo devorava um hambúrguer

(ao menos, no
que à vaca concernia).

Assim era a natureza. Os abutres comiam carniça e processavam as proteínas,
que logo

excretavam devolvendo os nutrientes ao chão para que a cadeia da vida
prosseguisse seu

círculo infinito de vista-muertevida. Nem sequer a cem jardas pôde distinguir o
que comiam:

havia muitos abutres no banquete. Provavelmente um cervo ou um antílope
mocho, pensou,

pela quantidade de pássaros e pela maneira em que subiam e baixavam suas
cabeças calvas e

avermelhadas, consumindo a criatura que a Mãe Natureza tinha reclamado para
si. Do que

morriam os antílopes? perguntou-se Kirk. De um ataque cardíaco? De um
derrame cerebral?

De câncer? Seria interessante averiguá-lo dentro de uns anos, talvez conviria que
um médico

do projeto lhe praticasse uma autopsi a algum... se conseguia chegar antes que os
abutres.

Porque esses carroñeros, pensou com um sorriso, eram especialistas em devorar
evidencia. Às

cinquenta jardas se deteve em seco. O que estavam COMiendo tinha posta uma
camisa a

quadros. Açoulou a seu cavalo. Às dez jardas os abutres advertiram sua presença:
primeiro

giraram ofuscados suas odiosas cabeças avermelhadas e seus cruéis olhos negros, logo se

afastaram saltitando, logo, finalmente, elevaram vôo.

OH, mierda murmurou Maclean quando conseguiu aproximar-se. Há-lhebían esmigalhado o

pescoço, deixando parcialmente exposta a coluna vertebral, e em alguns setores tinham

destroçado a camisa com seus picos poderosos. A cara também estava destroçada, faltavam os

olhos e a maior parte da carne e a pele, mas o cabelo estava intacto Y...

meu deus... Foster? O que te passou, irmão? teve que aproximar-se mais para ver o pequeno

orifício vermelho no centro da camisa escura.

Não desmontou. O homem estava morto e, aparentemente, haviam-no matado com um

disparo. Olhou a seu redor e viu os rastros de um ou dois cavalos... provavelmente dois,

decidiu. Retrocedeu um pouco e decidiu volver o galope ao edifício do projeto. Demorou

quinze minutos. Cavalga-adeixou-ta rendido ao corcel e tremente ao cavaleiro. Desmontou de

um salto, subiu ao Hummer e foi procurar ao John Killgore.

A sala era essencialmente indescritível a olhos do Chávez. Um montão de encanamentos, de

aço e de plástico, e uma bomba em funcionaminto. O sistema de névoa lhe refrigerem se pôs

em marcha fazia uns minutos, e o primeiro que pensou Chávez foi: e se o vírus já

632

está no sistema... eu acabo de passar sob os rociadores, e se já respirei a maldita coisa?

Mas ali estava, e se esse fosse o caso... mas não, John lhe havia dito que o envenenamento

teria lugar muito mais tarde, e se seupunha que o russo sabia o que estava passando ali. A

gente devia confiar em suas fontes de inteligência. Simplesmente tinha que fazê-lo. A

información de inteligência equivalia à vida ou a morte neste negócio.

Noonan se agachou a olhar o recipiente de cloro que pendia sobre os encanamentos.

Parece um produto de fábrica, Ding disse convencido . Já vejo como o colocam. Apagam este

motor o assinalou , fecham esta válvula, retiram o recipiente com uma chave como a que está

na parede, colocam o novo, reabrem a válvula e acendem o motor da bomba. Se puede fazer

em trinta segundos, talvez menos. Bum, bum, bum... e preparado.

E se já o tivessem feito? perguntou Chávez.

Nesse caso estamos fritos replicou Noonan . Espero que você inteligência seja ótima, sócio.

A névoa tinha um ligeiro aroma de cloro, pensou Chávez esperançado, como a água das

cidades norteadounidenses, e o cloro se usava para matar gérmenes. Era o único elemento,

além disso do oxigênio, que suportava a combustão verdade? Tinha-o lido em alguma parte.

O que opina, Tim?

Opino que a idéia tem lógica, mas é uma operação infernalmente grande para qualquer, e

além disso... quem carajo quereria fazer algo semelhante, Ding? E por que, pelo amor de

Deus?

Suponho que teremos que averiguá-lo. Mas por agora nos dedicaremos a vigiar esta coisa

como se fora o aparelho mais valioso de este jodido mundo. OK Ding olhou a seus homens .

George e Homer ficarão aqui. Se querem mijar, abrem tranqüilamente seus braguevocê e

mijam no estou acostumado a Havia um ralo, felizmente . Mike e eu estaremos fora. Você

também estará perto, Tim. Comunicar-nosmos por rádio. Duas horas dentro, duas horas fora,

mas jamais nos afastaremos mais de cinqüenta jardas deste lugar. Perguntas?

Não disse o sargento Tomlinson em nome de todos . Se aoguiem entra e pretende colocar mão

nisto...?

Você o impedem, como é. E pedem ajuda por rádio.

Entendido, chefe disse George. Homer assentiu.

Chávez e os outros dois saíram. O estádio se encheu, a gente queria ver o começo da

maratona... e logo o que? perguntou-se

Ding. ficariam ali sentados e esperariam três horas? Não, dois horas e meia. As maratonas

estavam acostumadas durar isso, não? Veintiseis milhas.

Quarenta e quatro quilômetros aproximadamente. Um comprido caminho para percorrer, uma

distância aterradora inclusive para ele, admitiu Chávez para seus adentros. Uma distância

mais adequada para um helicóptero ou um caminhão que para um homem... ou uma mulher,

por que não. Caminharam até uma das rampas e ficaram olhando a televisão.

Os corredores já estavam na linha de partida. Os jornalistas

633

nomeavam aos favoritos, e inclusive ofereciam a biografia sucinta de alguns. O comentarista

australiano discutia a importância do evento, destacava aos favoritos e dirimia as apostas.

Aparentemente o eleito era um queniano, embora um americano tinha batido o recorde de

maratona de Boston por meio minuto no ano anterior evidenlhe temam uma margem

importante nesse tipo de carreira . Também hábia um holandês de trinta anos entre os

favoritos. Trinta anos e competia nas Olimpíadas, pensou Chávez. Bravo por ele.

Comando ao Tomlinson disse por rádio.

Aqui estou, Comando. Sem novidade no fronte, exceto o ruído desta maldita bomba.

Chamarei-te assim que passe algo, mudança.

OK, Comando fora.

E bem, o que fazemos agora? perguntou Mike Pierce.

Esperar. Rondar e esperar.

Se você o disser, jefecito respondeu Pierce. Todos sabiam esperar, embora a nenhum gostava.

Deus santo balbuciou Killgore . Está seguro?

Quer ir ver? perguntou acaloradamente Maclean. Logo compreendeu que de todos os modos

teriam que ir recolher o corpo para enterrá-lo como correspondia. Agora compreendia os

costumes funerárias ocidentais. Era horrível ver os abutres despedaçar um cadáver de cervo.

Mas vê-los devorar o corpo de um ser humano que a gente conhecia era intolerável, por muito

amor que alguém sentisse pela natureza e seus emissários.

Diz que lhe dispararam?

Assim parece.

Grandioso Killgore levantou o telefone . Bill, sou John

Killgore. nos encontremos no lobby principal agora mesmo. Temos um problema. OK? Bom

pendurou o telefone e se levantou . Vamos disse ao Maclean.

Henriksen chegou ao lobby da residência dois minutos depois que eles, e os três juntos foram

em um Hummer a procurar o cadáver. Nuevamente terá que espantar aos abutres. Henriksen,

ex-agente do FBI, aproximou-se de olhar o que ficava do Hunnicutt. Era o mais desagradable

que tinha visto em sua vida, apesar de sua carreira detectivesca.

Dispararam-lhe no peito, sim disse em primeiro lugar . Uma bala grande, direto ao coração a

ferida teria surpreso ao Hunnicutt, pensou, embora quase não ficava cara para demonstrá-lo.

O corpo étaba cheio de formigas. Maldição, pensou Henriksen, dependia disso tipo para a

segurança perimetral do projeto. Alguém havia assassinado a um membro importante do

projeto. Mas quem?

Quem mais estava acostumado a andar com o Foster? perguntou.

O russo, Popov. Saíamos a cavalgar os quatro juntos respondeu Maclean.

Né disse Killgore . Os dois cavalos estavam fora esta MA634

ñana, Jeremiah e Buttermilk estavam no curral. Sem arreios Y...

Aqui estão a arreios e as rédeas disse Henriksen. havia-se afastado uns metros do cadáver .

OK, alguém matou ao Hunnicutt e logo lhe tirou os ferramentas agrícolas ao cavalo... OK,

para que ninguém visse um cavalo com arreios e sem cavaleiro. Há um assassino entre nós,

moços.

vamos procurar ao Popov agora mesmo. Tenho que falar com ele. Aoguiem o viu ultimamente?

Esta manhã não baixou a tomar o café da manhã como todos os dias revelou

Killgore . Há uma semana tomamos o café da manhã juntos e logo salimos a cavalgar. Gosta.

Sim confirmou Maclean . Saíamos os quatro juntos. Acredita que ele...?

Ainda não acredito nada. OK, carreguemos o corpo no Hummer e retornemos. Dá-me uma

mão com isto, John?

Isto era uma maneira mas bem fria de aludir a um colega morto, pensou Killgore. Mas

assentiu.

Claro, não acredito que apesar muito.

OK, te encarregue dos pés disse Bill. agachou-se e tratou de evitar os setores devorados pelos

abutres. Vinte minutos depois estavam de volta no complexo. Henriksen subiu ao quarto do

Popov no quarto piso e utilizou sua chave professora para entrar. Nada. A cama estava intacta.

Tinha um suspeito. Popov tinha matado ao Hunnicutt, provavelmente. Mas por que? E onde

diabos se colocou esse russo miserável?

Demoraram meia hora em revisar todo o complexo. O russo se havia evaporado da face da

Terra. Tinha lógica, já que o Dr. Killgore tinha encontrado seu cavalo solto essa mesma

manhã. OK, pensou o ex agente do FBI. Popov tinha assassinado ao Hunnicutt e escapado.

Mas a onde? Provavelmente teria cavalgado até a interestadual e pedido que o levassem, ou

talvez teria caminhado até a parada de ônibus.

Estavam a só vinte milhas do aeroporto regional, e de ali o miserável poderia ter viajado a

Austrália por exemplo. Henriksen étaba descorazonado. Que motivos teriam impulsionado ao

Popov a fazero?

John? perguntou ao Killgore . O que sabia Popov?

A que te refere?

O que sabia sobre o projeto?

Não muito. Brightling não o informou muito, verdade?

Não. OK. O que sabia Hunnicutt?

Carajo, Bill. Foster sabia tudo.

OK, então pensamos que Popov e Hunnicutt saíram a CA balgar ontem à noite. Hunnicutt

aparece morto e Popov desaparece. Agora bem, Hunnicutt poderia haver dito ao Popov do

que se trata o próyecto?

Suponho que sim confirmou Killgore.

Então, Popov se inteira, tira- o revólver ao Foster, mata-o, e escapa.

635

Deus santo! Crie que poderia...?

Sim, poderia. Carajo, irmão, qualquer poderia.

Mas lhe inoculamos a vacina B. Eu mesmo a injetei!

Ah, bom comentou Bill Henriksen. OH, mierda, pensou. Wil

Gearing iniciará hoje a Fase Um! Como se pudesse esquecê-lo. Teria que falar imediatamente

com o Brightling.

Ambos os doutores Brightling se encontravam no penthouse, no último piso da residência,

observando a pista que já alojava quatro

Gulfstreams V. A notícia que lhes transmitiu Henriksen não agradou a nenhum dos dois.

É perigoso isto? perguntou John.

Potencialmente é muito perigoso teve que admitir Bill.

Quanto falta para...?

Quatro horas, talvez menos replicou Henriksen.

Ele sabe?

É possível, mas não estamos seguros.

Onde pôde ter ido? perguntou Carol Brightling.

Carajo, não sei... à a CIA, ao FBI. Não sei. Popov é um agente segredo profissional. Em seu

lugar, eu iria à embaixada russa na Washington e falaria com o rezident. Eles lhe acreditariam, mas os fusos horários e a burocracia trabalham a nosso favor. A KGB não pode

fazer nada rápido, Carol. Passarão horas tratando de assimilar o que diga-lhes Popov.

OK. Então, procedemos? perguntou John Brightling.

Gesto afirmativo.

Sim, acredito que sim. Chamarei o Wil Gearing para confirmar a ordem, parece-lhes bem?

Podemos confiar nele? perguntou John.

Acredito que sim, sim... diabos, é obvio que sim. Faz anos que está conosco. É parte do

projeto. Se não pudéssemos confiar nele já estaríamos no cárcere. Conhece os protocolos de

experimentação em

Binghamton e ninguém interferiu com isso, recordam?

John Brightling se respaldou em sua poltrona.

Diz que podemos nos relaxar?

Sim decidiu Henriksen . Olhe, embora tudo fracassasse estamos talheres, não? Tiramos a

vacina B em lugar da e nos transformamos em salvadores da asquerosa raça humana.

Ninguém poderá vincularnos com as pessoas desaparecidas a menos que alguém

fale, e

siempre haverá maneiras de solucioná-lo. Não há evidência física de que háyamos feito nada

mau... pelo menos nada que não possamos destruir em questão de segundos, verdade?

Essa parte tinha sido pensada cuidadosamente. Todos os recipienvocês do vírus Shiva

estavam a dois minutos a pé dos incineradores, tão ali como no Binghamton. Os corpos dos

sujeitos de experimentación eram cinza. Havia pessoas que sabiam o que havia passado, mas

se a algum lhe ocorria falar com as autoridades ficaria vinculado automaticamente a um

assassinato maciço... Além disso, tinham

636

exércitos de advogados que os defenderiam durante os interrogatórios.

Seria um momento difícil para todos os envolvidos, mas não insuperable.

OK John Brightling olhou a sua esposa. Tinham trabalhado demasiado duro e muito tempo

para tornar-se atrás. Ambos haviam tolerado uma dolorosa separação para servir ao amor que

sentiam pela natureza, e tinham investido tempo e enormes somas de dinheiro no projeto.

Não, não podiam tornar-se atrás. E se esse russo falava não sejabían com quem , mesmo

assim, alguém poderia deter o projeto a tiemcorreio? Quase impossível. O

marido-médico-

cientista intercambiou uma rápida olhar com seu algema-científica e logo ambos olharam a

seu diretor de Segurança.

Ihe diga ao Gearing que proceda, Bill.

OK, John Henriksen ficou de pé e foi a seu escritório.

Sim, Bill disse o coronel Gearing.

Não há problema. Proceda tal como planejamos e me chame para confirmar que a encomenda

foi entregue de acordo com o previsto.

OK replicou Gearing . Tenho que fazer algo mais? Tenho meus próprios planos, sabe.

Por exemplo? perguntou Henriksen.

Amanhã voarei ao norte, vou passar uns dias mergulhando nos recifes de coral.

Ah, sim? Bom, tome cuidado com os tubarões famintos.

Não o duvide! foi a risonha resposta. A linha ficou em ponto morto.

OK, pensou Bill Henriksen. Está decidido. Podia confiar no Gearing.

Estava seguro. tinha-se integrado ao projeto logo depois de passá-la vida envenenando o

planeta e também conhecia as restantes atividades de a organização. Se tivesse querido falar,

jamais teriam chegado tão longe. Mas tomara que esse russo chupapijas não tivesse

desaparecido. O que podia fazer a respeito? Reportar o assassinato do Hunnicutt à polícia

local e assinalar ao Popov/Serov como o provável assassino? Valia a pena fazê-lo? Quais

eram as possíveis complicações? Bom, Popov podia vomitar tudo o que sabia (muito ou

pouco), mas eles podiam dizer que era um Ex-KGB que atuava extrañamente, que tinha feito

alguns trabalhos para o Horizon Corporation, sim, mas Deus santo... instigar atentados

terroristas na Europa? Por favor! Esse tipo é um assassino de imaginación exaltada que acaba

de inventar uma mentira para dissimular um assassinato a sangue frio cometido aqui mesmo,

nos Estados Unidos...

Funcionaria? Talvez, decidiu Henriksen. Podia funcionar, e disso modo tirariam o bastardo do

jogo. para sempre. Que dissesse o que se lhe desejasse muito, que evidência física tinha para

prová-lo? Nenhuma. Absolutamente nenhuma.

637

Popov se serve um copo da Stolichnaya. O FBI tinha tido a gentileza de comprar uma garrafa

na despensa da esquina. Já tinha bebido quatro copos. A bebida o ajudava a pensar melhor.

E bem, John Clark. Estamos esperando.

Sim, estamos esperando admitiu Rainbow Six.

Quer me perguntar algo?

por que me chamou ?

Porque nos tínhamos visto antes.

Onde?

Em seu edifício, no Hereford. Estive ali com o bombeiro.

Perguntava-me como tinha feito para me reconhecer admitiu

Clark, bebendo sua cerveja . São muito poucos os que me conhecem do outro lado da Cortina

de Ferro.

Já não quer me matar?

Pensei-o mais de uma vez replicou Clark, olhando-o direto a os olhos . Mas suponho que tem

escrúpulos depois de tudo, e se me está mentindo... bom, nesse caso você mesmo desejará

estar morto.

Sua esposa e sua filha estão bem?

Sim, e também meu neto.

Que bom proclamou o russo . Essa missão foi desagradável.

Você teve missões desagradáveis em sua carreira, John Clark?

O americano assentiu.

Sim, algumas.

Então compreende?

Não é o que você pensa, imbecil, pensou Rainbow Six. Mas escolheu outra resposta.

Sim, suponho que compreendo, Dimitri Arkadeyevich.

Como averiguou meu nome? Quem o disse?

A resposta lhe caiu como um balde de água geadá.

Sergey Nikolayevich e eu somos velhos amigos.

Ah atinou a dizer Popov, sem deprimir-se. Sua própria agência o tinha traído? Como era

possível?

Aqui tem disse Clark, lhe passando uma pilha de fotocópias. Pararecua que lhe tivesse lido a

mente . O têm em muito bom conceito.

Não o suficiente replicou Popov, sem poder recuperar-se da impressão de estar vendo um

arquivo que jamais tinha visto antes.

Bom, o mundo trocou não lhe parece?

Não tanto como eu esperava.

Quero lhe perguntar algo.

Sim?

O dinheiro que entregou ao Grady, onde está?

Em lugar seguro, John Clark. Todos os terroristas que conheço transformaram-se em

capitalistas no que respeita ao dinheiro, mas graças a seus homens, os que contatei já não

terão necessidade dele, não lhe parece? perguntou o russo retóricamente.

Porco ambicioso comentou Clark com uma semi sorriso.

638

A carreira começou pontualmente. Os espectadores aplaudiram aos maratonistas, quem deu a

primeira volta ao estádio e logo desapareceram pelo túnel rumo às ruas do Sydney, das que

retornariam dentro de duas horas e meia aproximadamente. No interín, seus progressos seriam

transmitidos pelo Jumbotron a todo o étadio e por televisão às rampas e outras áreas. Os

caminhões de televisãoisão avançavam diante dos corredores. O keniano Jomo Nyreiry

levava a dianteira, seguido pelo americano Edward Fulmer e o holandês Willem terHoost. O

espetacular trio superava por dez metros ao seguinte grupo de corredores.

Como a maioria da gente, Wil Gearing seguia a maratona por televisão enquanto empacotava.

Amanhã alugaria uma boa equipe de mergulho, pensou o ex-coronel do exército, e se dirigiria

a melhor zona de mergulho do mundo... sabendo que a poluição oceânica que estava

dêtruyendo o mais belo dos medioambientes logo chegaria a seu fim.

Guardou prolijamente toda sua roupa em duas valises Tumi e as deixou junto a a

porta.

Enquanto ele estivesse mergulhando, as vítimas ignorantes da praga voariam a suas casas em

distintos lugares do mundo sem saber o que estavam propagando. perguntou-se quantos

morreriam na Fase Um do projeto. As projeções do computador indicavam de seis a trinta

milhões, mas Gearing considerava essas quantidades sumamente conservadoras. Quantos

mais morreram melhor, obviamente... porque nesse caso a gente suplicaria que lhe dessem a

vacina A, acelerando assim sua própria morte. A chave da coisa residia em que se os

receptores desenvolviam anticorpos Shiva, a vacina poderia explicá-lo... já que a era uma

vacina com vírus vivo, como todos sabiam. Só que um pouco mais vivos do necessário.

Mas quando se dessem conta, seria muito tarde.

Em Nova Iorque era dez horas mais tarde. Clark, Popov, Sullivan e

Chatham estavam olhando a cobertura televisiva dos Jogos Olímpicos, como milhões de

americanos. Não podiam fazer outra coisa.

Todos estavam bastante aborrecidos (não eram maratonistas) e os passos de os corredores

líderes eram sempre iguais, como elos de uma cadeia perfeita.

Deve ser horrível correr com tanto calor comentou Sullivan.

Não é divertido coincidiu Clark.

Alguma vez correu uma carreira desta classe?

Não negou com a cabeça . Mas corri muito em minha vida, principalmente no Vietnam. Ali

também fazia muito calor.

Esteve no Vietnam? interessou-se Popov.

Um ano e meio. No Terceiro SOG... Grupo de Operações Especiais.

Fazendo o que?

639

Principalmente olhava e informava. Também participei de algumas operações sérias... ataque

aéreos, assassinatos, essas coisas. Em fim, eliminar gente que nós não gostávamos de tinham

acontecido trinta anos, pensou John. Trinta anos. Tinha consagrado sua juventude a um

conflito bélico, e seus melhores anos a outro, e agora, ao aproximar-se da velhice dourada,

que diabos faria? Seria possível o que lhes havia dito Popov? Parecia tão irreal, mas o

episódio do Ébola tinha sido mais real que a mierda.

Recordava ter pirado pelo mundo por culpa desse vírus, e recordava a notícia que tinha

sacudido a seu país até os alicerces... e recordava a terrível vingança dos Estados Unidos.

Mais que nada, recordava ter estado com o Ding Chávez em um teto do Teherán

e ter dirigido

duas bombas inteligentes contra o responsável por aquela desgraça, aplicando pela primeira

vez a nova doutrina do presidente. Mas se isto era real, se este projeto que Popov lhes tinha

contado era tal como ele dizia, o que faria seu país a respeito? O tema poderia resolver por via

legal ou não? Essa gente poderia ser julgada? Se não, então... o que? As leis não tinham sido

escritas para crimes de semelhante magnitude, e o julgamento seria um circo horrendo que

propagaria notícias que fariam tremer ao mundo até seus alicerces. Que uma corporação

tivesse o poder de fazer coisas como essa...

Clark teve que admitir que sua mente não se expandiu o suficiente para abranger a totalidade

da idéia. Tinha atuado em cabeça de gadoposta a ela, mas em realidade não a tinha aceito. Era

um conceito muito monstruoso.

Dimitri, por que disse que estavam fazendo isto?

São druidas, John Clark, veneram a natureza como se fora um deus. Dizem que os animais

são donos dos lugares, não assim os humanos. Dizem que querem restaurar a natureza... e

para isso estão dispostos a matar a toda a humanidade. É uma loucura, sei, mas é o que me

disseram. Em minha quarto em Kansas encontrei vídeos e revistas que proclamam essas

crenças. Não sabia que existia gente assim. Dizem que a natureza nos odeia, que o planeta nos

odeia pelo que nós (os homens) fizemos. Mas o planeta não tem mente e a natureza não tem

voz para falar. Não obstante, eles acreditam que sim as têm. É assombroso concluiu o russo .

É como se tivesse descoberto um novo movimento religioso, demencial e fanático, cujos

deuses exigem nuestra morte, o sacrifício humano ou como demônios queira chamá-lo agitou

as mãos, frustrado por sua incapacidade de compreendê-lo.

Sabemos que aspecto tem este tipo Gearing? perguntou

Noonan.

Não disse Chávez . Ninguém me disse como é. Suponho que o COronel Wilkerson o conhece,

mas não quero lhe perguntar.

Deus santo, Ding, como pode ser possível?

Suponho que saberemos em umas horas, velho. Sei que algo parecido ocorreu uma vez, e sei

que John e eu eliminamos ao bastardo respon640

sabre. Quanto ao aspecto técnico, teria que lhe perguntar ao Patsy.

Não sei nada de biologia. Ela sim.

Deus concluiu Noonan, olhando a entrada à sala da bomBA. Os três se

aproximaram de um

concessionário e compraram copos de medeu litro da Coca-cola. Logo se sentaram a vigiar a

porta grafite de azul. A gente passava todo o tempo, mas ninguém se aproximava.

Tim?

Sim, Ding?

Poderia prender a este tipo?

Noonan assentiu.

Acredito que sim. A conspiração para cometer o assassinato se originó nos Estados Unidos e

o sujeito é cidadão americano, de modo que sim, poderia prendê-lo. Inclusive poderia ir um

passo mais à frente. Se o raptarmos e o levamos aos Estados Unidos... bom, às cortes importa

um nada como chegam os acusados ao banquinho. O importante é que lleguen a ser julgados,

sabe.

Como diabos faremos para tirá-lo do país? perguntou-se

Chávez. Ativou seu telefone celular.

Clark levantou o tubo do STU-4. O sistema encriptado do Ding demorou cinco segundos em

entrar em dele. Finalmente, a voz da computadora anunciou Linha segura, seguida por dois

bips.

Olá?

John, sou Ding. Tenho uma pergunta.

Dispara.

Se apanharmos a este tipo Gearing, o que fazemos com ele? Como levamo-lo de retorno aos

Estados Unidos?

Boa pergunta. me deixe pensá-lo.

Bom Linha morta. O mais lógico era chamar o Langley, mas, infelizmente, o DCI não estava

em seu escritório. A chamada foi dêviada imediatamente a seu domicílio particular.

Que carajo está acontecendo lá, John? perguntou Ed Foley dêda cama.

Clark lhe disse tudo o que sabia. Demorou aproximadamente cinco meunutos.

Tenho ao Ding vigiando o único lugar onde podem fazê-lo Y...

Deus santo, John, a coisa vai a sério? perguntou Foley. Apepodia-nas respirar.

Saberemos quando esse tipo Gearing se apareça com o recilhe piem do vírus, suponho

replicou Clark . Se o fizer, como retornarán Ding, seus homens e Gearing ao país?

me deixe pensá-lo. Qual é seu número? John o disse e Foley anotou-o em um papel . Faz

quanto se inteirou desta loucura?

menos de duas horas. O russo está aqui comigo. Estamos em uma casa segura do FBI em

Nova Iorque.

Carol Brightling está implicada nisto?

641

Não estou seguro. Seu ex-marido está metido até as Pelotas respondeu Clark.

Foley fechou os olhos e pensou.

Sabe, recentemente me chamou e me perguntou por vocês. Ela conseguiu as novas rádios do

E-Systems. Falou comigo como se estivesse absolutamente a par da existência do Rainbow.

Não está em minha lista, Ed assinalou Clark. Ele tinha aprovado pessoalmente a todas as

pessoas com acesso ao Rainbow.

Sim, verei do que se trata. OK, me deixe averiguar um par de coisas.

Voltarei a te chamar.

Bom Clark cortou a comunicação . Temos um tipo do

FBI com a equipe do Sydney disse a outros.

Quem é? perguntou Sullivan.

Tim Noonan. Conhecem-no?

Fazia apóio técnico no CRR?

Clark assentiu.

O mesmo.

Escutei falar dele. Supostamente é muito eficaz.

É-o. Salvou-nos a vida no Hereford, provavelmente salvou a meu esposa e filha também.

Então... ele poderia prender a esse topo Gearing. Legalmente, quero dizer.

Sabe, nunca me preocupou muito impor a lei... geralmente imponho a política, mas não a

lei.

Suponho que as coisas são distintas na CIA, né? perguntou

Sullivan com um sorriso. O fator James Bond jamais desaparecia do tudo, nem sequer com a

gente mais acostumada.

Sim, um pouco.

Gearing saiu do hotel com uma mochila ao ombro (como a maioestúrio da gente) e lhe fez

gestos a um táxi. A maratona terminaria dentro de meia hora. tirou o chapéu olhando (com

olhar não isento de piedade)

às pessoas que enchia as calçadas. Os australianos pareciam um povo amistoso e o que tinha

visto do país era extremamente agradável. Se perguntou pelos aborígenes, por isso poderia

lhes passar, e também por os bosquimanos do deserto do Kalahari e outras tribos do mundo,

tão separada-se da vida normal que não ficariam expostas ao vírus Shiva sob nenhum

conceito. Se o destino lhes sorria, melhor. Essa classe de genvocê não danificava a natureza

per se. Além disso, eram muitos poucos para causar dano embora quisessem. Mas não

queriam, adoravam as árvores e o trovão tal como o faziam os membros do projeto. De ser

mais numerosos teriam apresentado problemas? Provavelmente não. Os bosquimanos

poderiam dispersar-se, mas seus costumes lhes impediriam modificar o caráter essencial da

tribo, e, embora aumentariam em número, provavelmente não resultariam perigosos. O

mesmo passaria com os aborígenes australianos. Não ficavam muitos da chegada

642

dos europeus, depois de tudo, e tinham tido milênios para assolar o continente. Então... o

projeto perdoaria muitas vidas, não? A idéia de que Shiva só mataria aos inimigos da natureza

consolou vagamente ao coronel retirado. Deixou de preocupar-se com a gente que via pelo

guichê do táxi.

O táxi freou na parada do estádio. Pagou a tarifa (mais uma generosa gorjeta), baixou e se

dirigiu a enorme estrutura de concreto.

Ao chegar à entrada mostrou seu passe de segurança. Começou a sentir calafrios. Provara sua

vacina B de maneira muito imediata, primeiro ao liberar o vírus Shiva no sistema de névoa

lhe refrigerem e logo ao respirar as mesmas nanocápsulas que os milhares de turistas ali

reunidois. Se a vacina B não funcionava, estaria-se autocondenando a uma morte espantosa...

mas sempre o tinha sabido. Valia a pena correr o risco.

Esse holandês é muito resistente disse Noonan. Willem terHoost levava a dianteira marcando

o ritmo. Provavelmente bateria um novo recorde apesar das condições climáticas. O calor

havia eliminado a muitos corredores. Muitos deles diminuía a marcha para beber um

refresco e alguns passavam sob as duchas para refrescar-se, embora os comentaristas diziam

que a água endurecia os músculos de as pernas e portanto era nociva para os maratonistas.

Não impedem-lhe, a maioria procurava um alívio momentâneo ou aceitava copos de água

geada.

Autoabuso disse Chávez. Olhou o relógio e falou por radio . Comando ao Tomlinson.

Aqui estou, chefe ouviu Chávez.

vamos relevar os.

Entendido, tudo bem por aqui, chefe replicou o sargento desde a sala fechada.

Vamos Ding se levantou, seguido pelo Pierce e Noonan. Estaban a poucos metros da porta

azul. Fez girar o trinco e entraram.

Tomlinson e Johnston se ocultaram nas sombras, no extremo oposto. Logo saíram ao

reconhecer a seus companheiros.

OK, fiquem perto e mantenha-se alertas lhes ordenou Chávez.

Entendido disse Homer Johnston caminho à porta. Estava sedento e planejava conseguir algo

para beber... além de sacudir o ruído da bomba de seus ouvidos.

O ruído era perturbador, Chávez pôde comprová-lo nos sobressaiaros minutos. Não muito

forte, mas sim constante, como um motor de automóvel. Penetrava até o limite da consciência

e não se ia mais.

O ruído de uma colméia, pensou depois. Talvez isso fora o mais molesto.

por que deixamos a luz presa? perguntou Noonan.

643

Boa pergunta Chávez apagou a luz. A sala ficou a obscuras, exceto por um fio de luz que se

filtrava sob a porta de aço.

Foi até a parede oposta e se apoiou contra sua dura superfície mijemdepois de seus olhos se

foram acostumando à escuridão.

Gearing tinha posto uma calça curta, botas curtas e zoquelhes. Os locais tinham adotado essa

vestimenta para defender do calor e lhe resultava muito cômoda, igual à mochila e o chapéu

leve. O estádio estava lotado de fanáticos que desejavam presenciar as cerimônias de

clausura. Muitos deles se detinham sob os rociadores de névoa para aliviar do opressivo calor.

Os meteorologistas locais tinham explicado ad nauseam como a versão local do fenômeno O

Menino tinha afetado o clima global e infligido temperaturas inusualmente altas a seu país.

Aparentemente, tinham necessidade de desculpar-se pelos horrores climáticos. Gearing esteve

a ponto de rir.

Desculpar-se por um fenômeno natural? Que ridículo. Avançou em direção a seu objetivo e

passou junto ao Homer Johnston, que bebia pacificamente sua Coca-cola.

Poderia usar algum outro lugar? perguntou Chávez na escuridão, súbitamente preocupado.

Não replicou Noonan . Verifiquei o painel ao chegar. Todos os sistemas de névoa

refrigerem do estádio parte desta sala. Se passar, passará aqui.

Se passar repetiu Chávez, esperando que não passasse. Se assim fora, procurariam o tenente

coronel Wilkerson, averiguarão onde se alojava esse tal Gearing, chamarão-no e terão

uma charlita amistosa com ele.

Gearing divisou a porta azul e olhou em torno. Os soldados do

SEJA eram fáceis de detectar se a gente conhecia sua uniforme. Viu dois

polirecua do Sydney

caminhando pelos corredores, mas nenhum homem de seguridad armado. Fez uma pausa a

poucos metros da porta. Os nervi habituais de toda missão, pensou. Estava a ponto de fazer

algo que não tinha ponto de retorno. perguntou-se por milésima vez se realmente queria fazê-

lo. Estava rodeado de seres humanos, homens e mulheres iguais a ele, com sonhos,

esperanças e aspirações... Mas não, essa gente não pensava quão mesmo ele, verdade? Não

entendiam nada, não sabiam o que era importante e que não. Não viam a natureza como o que

era, e devido a isso tinham vistas que só apontavam a machucá-la ou inclusive a destruí-la.

Conduziam automóveis que injetavam hidrocarbonos na atmósfera, usavam químicos que

poluíam a água, pesticidas que matavam pássaros ou lhes impediam de reproduzir-se,

aerossóis que destruíam a capa de ozônio. Estavam matando à natureza com quase todos os

atos de suas vidas. Não lhes importava. Nem sequer tentavam comprem644

der as conseqüências do que estavam fazendo, e portanto, não, não tinham direito a viver. Seu

trabalho era proteger à natureza, eliminar a escória do planeta, restaurar e salvar. Devia fazê-

lo. Decidido,

Wil Gearing avançou para a porta azul, procurou a chave em seu bolso e introduziu-a na

fechadura.

Comando, aqui Johnston, têm companhia! Homem branco, shorts kaki, camisa pólo vermelha

e mochila anunciou Homer por microfone. A seu lado, o sargento Tomlinson começou a

caminhar nessa direção.

Levantem a cabeça disse Chávez na escuridão. vieram-se duas sombras na fresta de luz. Logo se

escutou o som da chave na fechadura, e logo outro fio de luz, esta vez vertical. A porta se

abriu dando passo a uma silhueta humana... e com a mesma rapidez Chávez soube que o que

estava passando era real depois de tudo. As luzes revelariam acaso um monstro desumano,

algo de outro planeta, O...

... somente um homem. Sim, um homem como eles. De aproximadamente cinquenta anos,

cabelo grisalho. Um homem que sabia o que ia fazer. Tomou a pinça que pendurava do

tabuleiro da parede, se tirou a mochila, e afrouxou as correias que a sujeitavam. Ao Chávez

pareceu estar vendo um filme, um pouco separado da realidade. O homem apagou o motor

da bomba, pondo fim ao espantoso zumbido. Logo fechou a válvula e levou a pinça para...

Quieto, companheiro disse Chávez, emergindo das sombras.

Quem é você? perguntou surpreso o homem. Sua cara era transparente. Estava fazendo algo

que não devia. Sabia, e agora alguém mais sabia.

Poderia lhe fazer a mesma pergunta, salvo que eu sei quem é usTed. Wil Gearing. O que se

propõe fazer, senhor Gearing?

Simplesmente devi substituir o recipiente de cloro do foiMA de névoa te refrigerem replicou

Gearing apavorado ao ver que esse latino conhecia seu nome. Como era possível? Seria parte

do projeto?

E se não o era? Então o que? Era como se alguém lhe tivesse dado um murro no estômago.

Doía-lhe todo o corpo.

Ah, sim? vamos ver, senhor Gearing. Tim? Chávez indicou a

Noonan que revisasse a mochila. O sargento Pierce ficou atrás, a mão apoiada sobre a pistola

e os olhos cravados no visitante.

Parece normal disse Noonan. Se era uma imitação, era perfeita. Teve a tentação de

desenroscar a tampa, mas tinha boas razões para não fazê-lo. Chávez retirou o recipiente de

cloro da bomba.

me parece que está bastante cheio, companheiro. Ainda não terá que substituí-lo, muito

menos com um pouco chamado Shiva. Tenha mucho cuidado com esse outro, Tim.

Nem que o diga Noonan guardou o recipiente na mochila de

Gearing e ajustou as correias . O faremos revisar. Está detido, señor Gearing. Tem direito a

permanecer calado. Tem direito a que

645

haja um advogado presente durante o interrogatório. Se não poder pagar um advogado, nós

lhe poremos um. Tudo o que diga a partir de agora poderá ser usado em seu contrário no

tribunal. Conhece seus derechos, senhor?

Gearing estava tremendo. Olhou a porta, perguntando-se se correiodría...

... não, impossível. Tomlinson e Johnston escolheram precisamente esse momento para entrar.

Têm-no? perguntou Homer.

Sim replicou Ding. Abriu seu telefone celular e chamou estados

Unidos. Os sistemas encriptados novamente cumpriram o processo de sincronização . O

temos disse Chávez ao Rainbow Six . E temos o recipiente, ou como querem chamá-lo. Como

carajo voltamos a casa?

Há um C-17 da Força Aérea na Alice Springs. Estarei-os esperando.

OK, verei se podemos chegar. Até mais tarde, John . Chávez apertó a tecla END e olhou a seu

prisioneiro . OK, companheiro, virá com nós. Se cometer uma estupidez o sargento Pierce te

colocará uma bale na cabeça. Não é certo, Mike?

Sim, senhor, não lhe caiba dúvida que o farei respondeu Pierce com uma voz saída da tumba.

Noonan reabriu a válvula e acendeu o motor da bomba. Logo voltaram para estádio e foram

até a parada de táxis. Tomaram dois veículos até o aeroporto. Ali tiveram que esperar uma

hora e meia para abordar o 737 que os levaria a Alice Springs. O vôo duraria aproximadamente duas horas.

Alice Springs se encontra no centro mesmo dessa ilha continental chamada a Austrália, perto

da cadeia montanhosa Macdonnell.

Certamente era um lugar bastante estranho para encontrar equipes tecnológicos de última

geração, mas ali estavam as enormes antenas dos radares que recebiam informação de

reconhecimento, inteligência eletrônica e satélites de comunicações militares. O complexo era

operado pela Agência de Segurança Nacional, ASN, cuja central se encuentra no Fort Meade,

Maryland, entre Baltimore e Washington.

O vôo do Qantas estava quase vazio, e ao chegar ao aeroporto uma caminhonete os levou

diretamente ao terminal da USAF, que era surpreendentemente cômoda a pesar do calor.

Você é Chávez? perguntou o sargento na área VIP.

Assim é. Quando sai o avião?

Estão-os esperando, senhor. Venha por aqui.

Subiram a outra caminhonete que os levou a porta do avião, donde um sargento uniformizado

os convidou a subir a bordo.

Aonde vamos, sargento? perguntou Chávez.

Primeiro ao Hickam, no Hawaii, senhor. Logo ao Travis, Califórnia.

646

Parece-me bem. lhe diga ao piloto que podemos separar.

Sim senhor . O chefe da tripulação lançou uma gargalhada, fechou a porta e foi para a cabine

de mando.

Esse monstruoso transporte aéreo parecia uma caverna móvel, e aparentemente não havia

mais passageiros a bordo. Gearing não estava éposado, para decepção do Ding, e se

comportava docilmente, embora vigiado de perto pelo Noonan.

E bem, Quer que falemos um pouco, senhor Gearing? perguntó o agente do FBI.

O que tem para me oferecer?

Noonan supôs que Gearing tinha que fazer essa pergunta. Não obstante, era um sinal de

debilidade. A resposta foi fácil:

Sua própria vida, se tiver sorte.

647

CAPÍTULO 38

RESERVA NATURAL

Era muito para o Wil Gearing. Ninguém lhe havia dito o que fazer em um caso como esse.

Jamais lhe tivesse ocorrido que houvesse uma falha na segurança do projeto. Sua vida estava

ameaçada... como era possível? Podia cooperar ou não. O conteúdo do recipiente seria

Analizado de todos os modos, provavelmente no USAMRIID do Fort Dietrik,

Maryland, e a equipe médica necessitaria apenas uns segundos para averiguar o que era o que

tinha levado a estádio olímpico. E não havia maneira de explicá-lo, verdade? Sua vida, seus

planos para o futuro, o tinham sido arrebatados. Sua única opção era cooperar e esperar o

mejor.

E assim, enquanto o C-17A Globemaster III subia a sua altitude cruzeiro, Gearing começou a

falar. Noonan tinha um gravador na mão e esperava que o ruído do motor que invadia o setor

de carga não anulasse a gravação. O mais difícil para ele foi manter uma expressão neutra.

Tinha escutado falar de grupos ecologistas extremistas, gente que pensava que matar focas

bebê no Canadá equivalia aos crimes de Auschwitz e Treblinka, e sabia que o FBI tinha

seguido algumas de suas ações, por exemplo liberar animais de laboratório de as instituições

médicas ou introduzir pregos nas árvores para que as empresas madeireiras desistissem de

levá-los a serraria, mas jamais tinha sabido o que fizessem coisas mais ofensivas que essas. O

crime que agora tinha entre mãos, não obstante, redefinía o sentido do monstruoso . E o ardor

religioso que o sustentava lhe resultava completamente alheio, e portanto difícil de acreditar.

Queria acreditar que o recipiente de cloro continha sozinho cloro, mas sabia que não era

assim. O recipiente e a mochila estavam agora em uma vasilha plástica selada e pacote a um

assento, sob o olhar vigilante do sargento Mike Pierce.

Ainda não chamou observou John Brightling logo depois de olhar seu relógio. As cerimônias

de clausura tinham começado. O diretor do

Comitê Olímpico Internacional estava a ponto de dar seu discurso, convocando à juventude

do mundo aos próximos jogos. Logo tocaria a orquestra e se extinguiria a Tocha Olímpica...

tal como se extinguiria a maior parte da humanidade. Ambos os acontecimentos apresentavam

a mesma pátina de tristeza, mas também a mesma inevitabi648

lidad. Não haveria próxima Olimpíada e a juventude do mundo não tenhadría vida para

assistir à convocatória...

Provavelmente está olhando a clausura por televisão, John.

Ihe dê um pouco de tempo aconselhou Bill Henriksen.

Se você o disser Brightling abraçou a sua esposa e tratou de relaxarse. Nesse mesmo

momento, a gente que caminhava pelo estádio estava absorvendo as nanocápsulas portadoras

do Shiva. Bill tinha razão.

Nada podia ter falhado. Via uma nova paisagem em sua mente. Cale e auto-estradas vazias,

granjas ociosas, aeroportos fechados. As árvores prosperían livres de serras e hacheros. Os

animais apareceriam seus narizes, perguntando-se acaso onde estariam os ruídos e as criaturas

de duas patas. Os ratos e outros carroñeros estariam de festa. Cães e gatos recuperariam seus

instintos primitivos e sobreviveriam ou não, según ditassem as circunstâncias. Herbívoros e

predadores se veriam aliviados das pressões da caça. As armadilhas venenosas

instaladas na

selva seguiriam matando, mas eventualmente se acabaria o veneno e deixariam de matar

animais odiados pelos granjeiros e outros seres inferiores. Este ano não haveria assassinatos

maciços de focas bebê para lhes tirar sua adorável pelagem branca. Este ano renasceria o

mundou... e se isso requeria um ato de extrema violência, para aqueles que tinham cérebro e

estética valia a pena pagar o preço. Era como uma religião para o Brightling e sua gente.

Certamente tinha todos os comapresentadores de uma religião. Adoravam o grande sistema

coletivo de vida denominado natureza. Lutavam por ela porque sabiam que ela os amava e

nutria. Assim de simples. A natureza era para eles, se não uma pessoa, uma idéia abarcativa

que continha e conformava tudo o que amavam. Não eram os primeiros que consagravam

suas vidas a uma idéia, verdade?

Quanto falta para o Hickam?

Outras dez horas, segundo o chefe de tripulação disse meu Piercerando seu relógio . É como

estar de volta no Oito-Dois. O único que falta-me é o pára-quedas, Tim disse ao Noonan.

Como?

Octagésimo Segundo destacamento, Fort Bragg, meu primeiro amor. Lá vamos, neném

explicou Pierce. Sentia saudades os saltos em paraquedas, algo que a gente de operações

especiais não fazia. Descer em helicóptero era mais organizado e imensamente mais seguro,

mas não produzia redemoinhos no sangue como saltar do avião com os compañeros . O que

opina do que pensava fazer este tipo? perguntou Pierce, assinalando ao Gearing.

Resulta-me difícil de acreditar.

Sim, já sei coincidiu Pierce . Eu gostaria de acreditar que ninguém está tão louco. É muito

para meu pobre cérebro, velho.

Sim replicou Noonan . Também para o meu.

Sentiu o peso do mini gravador no bolso de sua camisa e se

649

perguntou pela informação que continha. A confissão entraria dêentro dos parâmetros legais?

Tinha-lhe lido seus direitos ao miserable e ele havia dito conhecê-los, mas qualquer

abogadocho mais ou menos competente tentaria desbaratar sua estratégia dizendo que, dado

que estavam a bordo de um avião militar cheio de homens armados, as circunstancias tinham

sido particularmente coercitivas... E acaso o juiz estaria de acordo. Também poderia estar de

acordo com que a detenção tinha sido ilegal. Mas todo isso não tinha a menor importância

comparado com o resultado. Se Gearing havia dito a verdade, sua detenção havia salvo

milhões de vidas... Foi ao compartimento da rádio, entrou em sistema seguro e chamou Nova

Iorque.

Clark estava dormido quando soou o telefone. Aferrou o tubo e grunhiu:

Olá o sistema de segurança ainda estava operando. Finalmente anunciou linha segura . O que

passa, Ding?

Sou Tim Noonan, John. Tenho uma pergunta.

Qual?

O que pensa fazer quando chegarmos ali? Tenho a gravada confissão do Gearing, completa,

tal como pediu ao Ding faz umas horas. Palavra por palavra, John. O que fazemos agora?

Ainda não sei. Provavelmente teremos que falar com o diretor Murray, e também com o Ed

Foley da CIA. Não sei se a lei prevê um pouco tão grande como isto. Tampouco sei se

quereremos dá-lo a publicidade na corte, sabe?

Bom, sim admitiu Noonan ao meio mundo de distância . OK, só queria saber se o estavam

pensando.

OK, sim, estamos-lo pensando. Algo mais?

Suponho que não.

Bom. Seguirei dormindo, então Clark cortou a comunicação e Noonan retornou ao setor de

carga. Chávez e Tomlinson não o tiravam os olhos de cima ao Gearing. O resto dos homens

tentaban dormir um pouco nos rangentes assentos do USAF. Algo, com tal de passar o tempo

no mais aborrecido dos aviões. Exceto pelos sonhos, descobriu Noonan uma hora depois. Não

tinham nada de aborrecido.

Ainda não chamou disse Brightling quando o noticiário começou a transmitir os momentos

mais destacados das Olimpíadas.

Já sei admitiu Henriksen . OK, me permita fazer um chamado levantou-se da poltrona, tirou

um cartão de sua carteira e marcou o número do celular de um empregado de Global Security

destinado no Sydney.

Tony? Fala Bill Henriksen. Necessito que me faça um favor.

Já. OK...? Bom. Procura o Wil Gearing e lhe diga que me chame imediatamente. Ele tem o

número... Sim, é esse. Já mesmo, Tony... Sim. Obrigado cortou . Não demorará muito. Não

tem muitos lugares para estar, excepto caminho ao aeroporto para voar à costa. te relaxe, John

o

650

aconselhou Henriksen. Ainda não tinha começado a preocupar-se. O clular do Gearing podia

estar sem bateria, poderia haver-se perdido entre a multidão sem poder conseguir um táxi para

voltar para hotel, talvez não houvesse táxis... qualquer de uma vasta quantidade de desculpas

inocentes.

No Sydney, Tony Johnson cruzou a rua e entrou no hotel de

Gearing. Já conhecia a habitação (reuniram-se ali várias vezes)

e tomou diretamente o elevador. Violar a fechadura seria um jogo de meninos. Tudo era

questão de colocar um cartão de crédito entre o marco e a porta, deslizá-la convenientemente

Y... preparado. Já estava dentro...

... quão mesmo as valises do Gearing, apoiadas junto à porta espelho deslizante do roupeiro. E

sobre o escritório havia uma pasta com passagens à costa noroeste da Austrália, um mapa e

alguns folhetos sobre os grandes recifes de coral. Que estranho. O vôo do Wil verificou as

passagens saía dentro de vinte minutos. Já deveria estar no avião... e ainda não tinha saído do

hotel. Tudo era muito estranho. Onde está, Wil? perguntou-se Johnson. Logo recordou por

que o estava ônibuscando e levantou o telefone.

Sim, Tony. E bem, onde está nosso muchachito? perguntou confidencialmente Henriksen. A

cara lhe trocou no ato . O que está dizendo? Que mais sabe? OK, se averiguar algo mais, me

chame imediatamente. Adeus Pendurou o tubo e olhou aos outros dois . Wil Gearing

desapareceu. Não está em seu quarto, mas deixou as valises e as passagens.

Como se se tivesse cansado do planeta.

O que pode significar isso? perguntou Carol Brightling.

Não estou seguro. Diabos, talvez o atropelou um automóvel na CALle...

Ou talvez Popov vomitou tudo o que sabia e o apanharam sugiriu John Brightling com

nervosismo crescente.

Popov nem sequer sabia seu nome... Hunnicutt não pôde haver-lhe dito porque tampouco o

conhecia Mas logo pensou OH, mierda, Foster sabia como propagaríamos o Shiva, verdade?

OH, não.

O que acontece, Bill? perguntou John, impressionado pela gravedêem de seu rosto.

Talvez tenhamos problemas, John anunciou Henriksen.

Que problemas? perguntou Carol. Henriksen se explicou e a situação trocou radicalmente .

Está dizendo que podem saber...?

Henriksen assentiu.

É possível, sim admitiu.

meu deus exclamou a assessora científica da presidência . Se sabem, então... então... então...

Sim Bill assentiu . Então estamos perdidos.

O que podemos fazer?

651

Para começar, destruir toda a evidência. Todo o Shiva, todas as vacinas, todos os registros.

Tudo está no computador, assim poderemos apagá-lo. Não temos quase nada em papel porque

dissemos a a gente que não imprimisse nada e que destruía automaticamente todas suas notas

manuscritas. Podemos fazê-lo aqui. Pudeu acessar aos computadores da companhia desde

meu escritório e apagar todos os documentos...

Estão encriptados, todos assinalou John Brightling.

Quer competir com os viola códigos do Fort Meade? Eu não disse Henriksen . Não, esses

arquivos devem desaparecer, John. Olhe, a única maneira de evitar o cárcere é negar

evidencia aos fiscais.

Sem evidencia física não poderão te prejudicar.

E as testemunhas?

Se houver algo que não serve neste mundo são as testemunhas presenlhes recue. Qualquer

advogado com um pingo de cérebro pode lhes acontecer por em cima. Não, quando

trabalhava para o FBI queria evidências evidentes, coisas que o jurado pudesse tocar e

cheirar. O testemunho das testemunhas oculares é inútil na corte, apesar do que se vê por TV.

OK, vou a meu escritório a me desfazer desses documentos Henriksen saiu corriendou. Os

maridos Brightling ficaram sozinhos.

meu deus, John disse Carol, alarmada . Se se inteiram, ninguém compreenderá...

Compreender que íamos matar os, a eles e a suas famílias?

Não admitiu secamente seu marido . Não acredito que Joe Sixpack e Archie

Bunker nos compreendam.

Então o que faremos?

Sairemos do país. Voaremos ao Brasil com todos os que conozcão a índole do projeto. Ainda

temos acesso a nosso dinheiro (tenho dúzias de contas secretas às que podemos acessar

electrónicamente) e provavelmente não poderão nos julgar na corte se Bill consegue apagar

todos os arquivos dos computadores. OK, talvez hajam detido ao Wil Gearing, mas é um

contra todos e não acredito que possam nos apanhar legalmente, em um país estrangeiro,

apoiando-se no testimonio de uma só pessoa. Só cinqüenta pessoas sabem realmente o que

está passando (tudo, quero dizer) e temos suficientes aviões para nos transladar a lhes Emane.

Em seu escritório, Henriksen acendeu seu computador pessoal e abriu um arquivo encriptado.

O arquivo continha os números telefônicos e códigos de acesso a tudo os computadores do

Horizon Corporation, mais os nomes dos arquivos do projeto. Acessou a eles por modem,

procurou os documentos que devia apagar e os transladou com o mouse às latas de lixo que

eliminavam por completo os arquivos em lugar de anular simplesmente seus códigos de

acesso eletrônico. Transpirou ao hácerlo e demorou trinta e nove minutos, mas estava seguro

de havê-los destruído por completo. Checou os nomes dos arquivos em sua lista

652

e sua memória e logo iniciou outra busca global, mas não, os arquivos tinham desaparecido.

Bravo.

OK, perguntou-se, o que outra coisa podiam ter? Podiam ter o récipiente da Shiva entregue

pelo Gearing. Esse seria um osso duro de roer, mas, o que significava em

realidade?

Significaria que esta GearingBA levando uma arma biológica potencial. Gearing podia lhe

dizer ao fiscal que provinha do Horizon Corporation, mas nenhum dos que trabalhavam nesse

setor do projeto admitiria tê-la criado, e portanto, não, não haveria evidências que

corroborassem sua existência.

OK, havia cinquenta e três empregados do Horizon e Global Security que conheciam o

projeto de princípio a fim. O trabalho sobre as vacinas

A e B poderia explicar-se em termos de investigação médica. O vírus

Shiva e as reservas de vacinas seriam queimados em questão de horas para apagar toda

evidência física.

Com isso bastaria... Bom, até certo ponto. Ainda tinham a

Gearing, e se Gearing falava e falava, Henriksen estava seguro, porque o FBI sabia como lhe

tirar informação às pessoas poderia fazerle a vida muito difícil ao Brightling e a um montão

de gente, ele mesmo incluído. Provavelmente evitariam o cárcere, mas a vergonha do juízo

público... e as coisas que as revelações poderiam gerar, comentários casuais entre os membros

do projeto... E além disso estava Popov, que podia vinculá-los a ele e ao Brightling a

atentados terroristas. Mas eles podiam acusar ao Popov do assassinato do Foster Hunnicutt,

anulandou desse modo sua confissão... Mas, indubitavelmente, o melhor que correiodían

fazer era desaparecer do mapa. Quer dizer, viajar ao Brasil, ao complexo alternativo do projeto

na selva de lhes Emane. aquartelariam-se ali, protegidos pelas maravilhosamente protetoras

leis de extradición brasileiras e estudariam a selva tropical... Sim, tinha lógica. Bom, pensou,

tinha a lista dos membros que conheciam a totalidade do próyecto, aqueles que, se o FBI os

interrogava, poderiam jogá-lo tudo a perder. Imprimiu a lista dos Verdadeiros Crentes e

guardou as páginas no bolso de sua camisa. Uma vez analisadas todas as alternativas,

Henriksen retornou ao penthouse dos Brightling.

Disse aos aviadores que esquentem os motores anunciou

Brightling.

Bravo disse Henriksen. Brasil me parece um destino muito atrativo. No pior dos casos,

teremos que lhes informar a todos como dirigir isto, como atuar se alguém lhes faz perguntas.

Podemos superar o mau gole, John, mas temos que ser muito ardilosos.

E o planeta? perguntou tristemente Carol Brightling.

Carol replicou primeiro Bill te ocupe de tí mesma. Não pode salvar à natureza do

cárcere, mas

se o planejamos bem não conseguirão nenhuma evidência contra nós. E se não a conseguem

estaremos a salvo, moços. Agora bem tirou a lista do bolso , estas são as únicas pessoas que

devemos proteger. São cinquenta e três em total, e temos quatro Gulfstreams aí fora. Podemos

detrásladarnos todos ao Brasil. Alguma objeção?

653

John Brightling sacudiu a cabeça.

Não, estou de acordo contigo. Isto nos manterá limpos ogalmente?

Henriksen assentiu decidido.

Acredito que sim. Popov será um problema, mas é um assassino. Antes de que vamos, vou

reportar o assassinato do Hunnicutt a polirecua local. Isso comprometerá seu valor como

testemunha... parecerá que está inventando uma história para salvar-se da forca, ou o que seja

que usem para executar aos assassinos em Kansas. Farei que Maclean e Killgore gravem

declarações para entregar à polícia local. Talvez não seja suficiente para condená-lo. Mas ao

menos, sentirá-se muito incômodo.

Assim se fazem estas coisas, terá que quebrar a cadeia de evidências do outro e a credibilidade de suas testemunhas. dentro de um ano, dezoito meses no máximo,

nossos

advogados se sentarão a falar com o fiscal destadois Unidos e poderemos voltar para país. Até

então acamparemos em

Brasil e poderá dirigir a companhia via Internet. Não te parece?

Bom, não é o que tínhamos planejado, mas...

Sim demarcou Carol. Mas é muito melhor que passá-la vida em uma prisão federal.

Em marcha, Bill ordenou John.

E bem, o que fazemos com isto? perguntou Clark ao despertar.

Bom respondeu Tom Sullivan , primeiro iremos ao subdiretor a cargo do Escritório de Nova

Iorque e logo falaremos com um procurador do Estado.

Não me parece respondeu Clark, esfregando-os olhos e bbiendo um pouco de café.

Não podemos lhes pôr a mão em cima e lhes romper o pescoço, sabe.

Somos policiais. Não podemos violar a lei assinalou Chatham.

Este assunto jamais poderá ver a luz em uma corte. Além disso, como sabem que ganharão o

caso? Não lhes parece bastante difícil de provar?

Não posso avaliar isso. Temos duas garotas desaparecidas que eles provavelmente

assassinaram mais, se nosso amigo Popov disser a verdade e isso é um crime tão federal como

estatal. E, Deus santo, esta outra conspiração... Para isso existem as leis, senhor Clark.

Talvez. Mas quanto acredita que demorará para chegar a um lugar de

Kansas cuja localização desconhece e prender um dos homens mais ricos dos Estados

Unidos?

Levará certo tempo admitiu Sullivan.

Um par de semanas, pelo menos, o necessário para reunir a informação do caso disse

Chatham . Teremos que falar com os peritos, levar a analisar esse recipiente de cloro... e

enquanto isso os sujeitos se encarregarão de destruir todo rastro de evidência física. Não será

fácil, mas isso é o que fazemos no FBI, sabe?

Suponho disse Clark, dubio . Mas não haverá nenhum l654

memoro surpresa. Provavelmente sabem que temos ao Gearing. A partir dali, sabem o que

podemos saber.

É certo admitiu Sullivan.

Teríamos que tentar outra coisa.

Que coisa?

Não estou seguro admitiu Clark.

A filmagem se fez no estudo de televisão do projeto, onde haviam esperando produzir vídeos

da natureza para aqueles que sobrevivessem à praga. A finalización do projeto como entidade

operativa golpeou duramente a seus membros. Kirk Maclean estava particularmente

desencantado, mas fez muito bem seu papel ao explicar as rodeios matinais que tinha

compartilhado com o Serov, Hunnicutt e

Killgore. Logo o doutor John Killgore contou como tinha encontrado os cavalos, e depois

Maclean explicou como tinham encontrado o CAáver. Por último Killgore descreveu a

autópsia que ele mesmo havia realizado e o achado da bala calibre 44 que tinha terminado

com a vida do Foster Hunnicutt. Uma vez concluída a filmagem, Killgore e

Maclean se reuniram com outros no lobby da residência e foiram transladados em minibus ao

avião que os estava esperando.

Ao abordar o avião lhes informaram que demorariam aproximadamente oito horas em chegar

a lhes Emane. O avião principal estava quase vazio. Seus únicos passageiros eram os doutores

Brightling, Bill Henriksen e Steve

Berg, líder científico da parte Shiva do projeto. Os Gulfstream V separaram às nove da

manhã, hora local. Próxima parada, o vale do Amazonas no Brasil.

Resultou que o FBI sabia onde estava o complexo em Kansas. Um automóvel e

dois agentes

da agência local chegaram bem a tempo para ver separar os aviões, feito que reportaram

imediatamente a seu estação, e de ali a Washington. Estacionaram a um flanco do CAMino,

beberam seus refrigerantes, comeram seus hambúrgueres MacDonalds, e viram que nada

estranho acontecia nos edifícios extrañamente se localizados no meio do país do trigo.

O C-17 trocou de tripulação na base Hickam da Força

Aérea no Hawaii, recarregou combustível e separou rumo ao Travis, California. Chávez e

seus homens não desceram do avião, mas observaram chegar à nova tripulação com as caixas

do almoço e as bebidas e prepararam-se para as próximas seis horas de vôo. Wilson Gearing

estava tratando de explicar-se, falava de árvores, pássaros e peixes. Ding escutou-o. Não era o

melhor argumento para persuadir ao pai de um recém-nascido e ao marido de uma médica,

mas Gearing insistiu. Noonan escutou-o cortesmente e também gravou essa conversação.

655

O vôo ao sul foi tranqüilo em todos os aviões. Os que não sejabían o que tinha passado no

Sydney suspeitavam que algo andava mau, mas não podiam comunicar-se com o

avião líder

sem ajuda dos tripulantes, e estes desconheciam os objetivos do projeto. Como tantos

empregados do Horizon Corporation, simplesmente lhes pagavam por fazer o que sabiam.

Agora voavam para o sul, rumo a um destino sob a linha do

Equador. Já tinham feito essa mesma viagem para construir o projeto alternativo no ano

anterior. Este também tinha sua própria pista de aterrizaje, mas só podia usar-se durante o dia.

Se algo andava mau, teriam que dirigir-se ao aeroporto de Iles Emano, noventa e oito

milhas ao leste de seu destino. No projeto alternativo havia reposições de avião e cada nave

levava um mecânico profissional a bordo, mas preferiam deixar as reparações importantes em

mãos de outros. Uma hora depois sobrevoavam o golfo do México e giravam ao este para

atravessar o corredor internacional sobre a ilha de Cuba. O prognóstico meteorológico era

favorável até a Venezuela, onde talvez teriam que esquivar uma tempestade elétrica. Nada sério.

Os passageiros do avião líder subiam para abandonar o país o mais rápido possível,

desaparecendo da face do planeta que tinham esperado salvar.

O que é isso perguntou Sullivan. deu-se volta . Quatro aviones à esquerda do

complexo em

Kansas, e todos se dirigem ao sul.

Há alguma maneira de rastreá-los?

Sullivan se encolheu de ombros.

A Força Aérea, talvez.

Como carajo o fazemos? perguntou-se Clark em voz alta. Luego chamou o Langley.

Posso tentá-lo, John, mas fazer que a Força Aérea se muevai tão rápido não será fácil.

Por favor tenta-o, Ed. Quatro jatos Gulfstream se dirigem ao sul de Kansas central, destino

desconhecido.

OK, chamarei o NMCC.

Cumprir essa promessa não foi difícil para o diretor da CIA. O oficial hierárquico a cargo do

Centro Nacional de Comando Militar era um duas estrelas da Força Aérea recentemente

transferido a tarefas de escritório logo depois de ter comandado as forças de combate da

USAF remanescentes na OTAN.

E bem, o que se supõe que devemos fazer, senhor? perguntou o general.

Quatro jatos tipo Gulfstream separaram de Kansas central faz aproximadamente meia hora.

Queremos que os rastreiem.

656

Com o que? Toda nossa defesa aérea está sobre a fronteira com o Canadá. Não servirá de

nada chamá-los, nunca respondem.

E um AWACS? perguntou Foley.

Pertencem ao Comando de Combate Aéreo no Langley (o nuestro, não o seu) e, bem, talvez

haja algum destinado a vigilância antidroga ou para treinamento. Posso verificá-lo.

Faça-o disse Ed Foley . Esperarei.

O duas estrelas decidiu fazer algo melhor: chamou o Comando Norteestadounidense de

Defesa Aeroespacial nos Montes Cheyenne, organização que tinha cobertura de radar sobre

tudo o país, e ordenou identificar os quatro Gulfstreams. O processo demorou menos de um

minuto e o computador enviou a ordem de checar os formulários de vôos internacionais à

Administração do Aeronavegación Federal. O

NORAD também lhe informou ao general que havia dois E-3B AWACS disponíveis no

momento, 300 milhas ao sul de New Orleans realizando operações antidroga, e o outro ao sul

da Base Eglin da

Força Aérea, conduzindo práticas de rotina com alguns bombarderos. Com essa informação

na mão, chamou à Base Langley da

Força Aérea na Virginia, pediu que o comunicassem com Operações, e transmitiu o pedido do

DCI.

Para que é isto, senhor? perguntou ao Foley o general.

Não posso dizer-lhe mas é muito importante.

O general transmitiu a resposta a Operações no Langley, até que não fez o mesmo com a

subseqüente resposta à a CIA. A coisa devia passar à mãos do quatro estrelas que dirigia o

Comando de

Combate Aéreo, quem, convenientemente, estava em seu escritório. O quatro estrela grunhiu

sua aprovação, caso que a CIA não pediria semelhante favor se não tivesse razões sobradas

para fazê-lo.

Terá o que necessita. Até onde chegaremos?

Não sei. Que tão longe pode chegar um desses Gulfstream?

Demônios, senhor, o novo, o G-V, pode voar até o Japão em linha reta. Talvez devamos

enviar um fornecedor de combustível.

OK, faça o que tenha que fazer. A quem devo chamar para me informar?

NORAD lhe aconteceu o número.

OK, obrigado, general. A CIA os débito uma.

Não o esquecerei, diretor Foley prometeu o general da USAF.

Estamos com sorte escutou Clark . A Força Aérea nos mandará um AWACS.
Poderemos

seguir-los aonde seja disse Ed Foley, exagerando um pouco. Evidentemente não
tinha

compreendido que o

AWACS teria que recarregar combustível em metade do vôo.

O avião em questão, um E-3B Sentry de dez anos de antigüidade, recebeu a
ordem quinze

minutos depois. O piloto transmitiu a infor657

mación ao oficial de controle a bordo, um major, que a sua vez chamou ao

NORAD para pedir mais informação e a obteve dez minutos depois de que o G
líder

abandonasse o espaço aéreo dos Estados Unidos. Os

Montes Cheyenne dificultavam a prática de rastreamento. Um avião tanque
proveniente do

Panamá os encontraria sobre o Caribe, e o que havia começado como um
interessante

exercício de defesa aérea se transformó em mortal aborrecimento. O E-3B
Sentry, desenhado

em apóie ao vemrable Boeing 7007-320B, voava à mesma velocidade que os
jatos

COmerciales no Savannah. Só o reabastecimiento em vôo interferiria um pouco,

embora não

muito. O sinal do radar era Eagle Two-Niner e tinha capacidade radial para transmitir toda

classe de informação ao

NORAD em Avermelhado, fotos de radar incluídas. A maioria dos assistente do Eagle Two-

Niner descansavam em seus cômodos assentos, aogunos cabeceando enquanto os três

controles se ocupavam dos quatro

Gulfstreams que supostamente deviam rastrear. Logo se fez evidente que se dirigiam ao

mesmo lugar, separados por cinco minutos ou quarenta e um milhas de distância. Voavam em

linha reta para não derrochar combustível nem forçar muito os motores. Os aviões de

vigilância não tinham essas preocupações. Podiam detectar uma bolsa de lixo flutuando na

água costure que faziam regularmente nos operações antidroga já que era um dos métodos

preferidos pelos traficantes de cocaína e inclusive forçar o limite de velocidade sobre as auto-

estradas interestaduais (dado que os radares rastreavam automaticamente tudo o que viajava a

mais de oitenta milhas por hora até que o operador ordenava ignorá-lo). Mas agora deviam

vigiar as entradas e saídas dos aviões comerciais e seguir aos quatro

Gulfstreams...

que voavam de maneira tão normal, direta e insípida que, como observou um controle, até um

marinhe poderia detectá-los sem instruções prévias.

Clark voava rumo ao Aeroporto Nacional Reagan no Washington. Aterrisou pontualmente e

foi recebido por um empregado da CIA que o levou diretamente ao Langley, ao sétimo piso

do velho edifício central. Dimitri Popov jamais tinha sonhado entrar nesse edifício, muito

menos com uma placa de VISITANTE ESCOLTA REQUERIDA.

Clark fez as apresentações do caso.

Bem-vindo disse Foley em seu melhor russo . Suponho que jamais esteve aqui.

Tal como você nunca pisou no Número 2 de Plaza Dzerzhinsky.

Ele não, mas eu sim demarcou Clark . Estive no escritório do Sergey

Nikolayevich, se por acaso não sabem.

Assombroso respondeu Popov, sentando-se.

OK, Ed, onde diabos estão agora?

Sobrevoando a Venezuela, rumo ao sul, provavelmente para o centro do Brasil.
A FAA nos

informa que completaram o plano de vôo

é obrigatório por lei com destino a lhes Emane. O país da borracha, acredito. Ali se juntam

um par de rios.

Disseram-me que tinham outro complexo em lhes Emane, igual ao de Kansas, mas mais pequeno informou Popov.

Destinará um satélite ao complexo? perguntou Clark.

Claro, assim que saibamos onde está exatamente. O AWACS perdeu um pouco de terreno

quando teve que reabastecer-se, mas agora está a só cento e cinquenta milhas atrás, e isso não

é problema. Dizem que os quatro aviões seguem uma trajetória normal, a altitude cruzeiro.

Uma vez que saibamos aonde se dirigem... o que faremos?

Não sei admitiu Foley . Ainda não o pensei.

Não acredito que convenha levá-los ante a justiça, Ed.

Não?

Não insistiu Clark . Se forem inteligentes, e devemos admitir que o são, destruirão facilmente

toda evidencia física do crime. Há testemunhas, claro, mas os quais crie que vão a bordo

desses quatro

Gulfstreams com destino ao Brasil?

Toda a gente que sabe o que estava passando. Serão poucos, por razões de segurança... Então,

pensa que se dirigem ao Brasil para iniciar suas práticas corais?

O que? perguntou Popov.

Têm que decidir e aprender de cor uma mesma versão dos fatos para lhe contar ao FBI

quando começarem os interrogatórios explicou Foley . portanto, todos devem aprender o

mesmo hino, e aprender a cantar o da mesma maneira quantas vezes seja necessário.

O que faria você em seu lugar, Ed? perguntou Rainbow Six.

Foley assentiu.

Sim, faria o mesmo. OK, o que faremos nós?

Clark o olhou fixo.

lhes fazer uma visita de cortesia, talvez?

Autorizada por quem? perguntou o diretor da CIA.

Meus cheques seguem sendo emitidos por esta agência. Eu me réPorto a seu escritório, Ed.

Esqueceste-o?

Pelo amor de Deus, John.

Dá-me permissão para reunir a meus homens em um acessível ponto de partida?

Onde?

Fort Bragg, suponho propôs Clark. Foley teve que advir-se à lógica do momento.

Permissão outorgada.

Clark caminhou até uma mesa e chamou por linha segura ao Hereford.

Alistair Stanley se recuperou bem de suas feridas, o suficiente para passar todo o dia no

escritório sem cair exausto. A viagem de

Clark aos Estados Unidos o tinha deixado a cargo de um comando Rainbow estropiado e

devendo enfrentar problemas que Clark tinha passado por

659

alto. Por exemplo, a substituição dos dois militares mortos. A moral estava um pouco baixa

no momento. Faltavam duas pessoas com quienes os sobreviventes tinham trabalhado

cotovelo a cotovelo, e isso sempre era difícil de tolerar, embora todas as manhãs saíam ao

campo atlético para sua rotina diária e todas as tardes disparavam suas armas para manter-se

em forma. Era improvável que devessem confrontar outra missão, embora bem pensado (e

em retrospectiva) nenhuma das missões confrontadas pelo comando Rainbow tinha sido

provável. Soou o telefonão seguro e Stanley se estirou para atendê-lo.

Olá, sou Alistair Stanley.

Olá, Ao, sou John. Estou no Langley.

Que carajo está passando, John? Chávez e seus homens se hiciéram fumaça Y...

Ding e seus homens estão a meio caminho entre o Hawaii e California, Ao. Prenderam um

conspirador maior no Sydney.

Muito bem, que carajo está passando?

Está sentado, Ao?

Sim, John, claro que estou sentado, Y...

Disposta atenção. Contarei-te a versão abreviada ordenou Clark, e seguiu falando dez minutos

seguidos.

Diabos murmurou Stanley quando seu chefe parou de falar . Étás seguro?

Completamente seguro, Ao. Estamos rastreando os quatro aviones dos conspiradores.

Aparentemente se dirigem ao centro do Brasil.

OK, necessito que reúnas a todos os homens e os envie ao Fort Bragg

Apóie Pope da Força Aérea, Carolina do Norte com as equipes completos. Tudo, Ao. Talvez

devamos viajar à selva para... né, para tratar de maneira decisiva com essa gente.

Entendido. Tratarei de organizar as coisas. Máxima velocidade?

Correto. Ihe comunique aos da British Airways que necessitamos um avião prosseguiu Clark.

Muito bem, John. Começo a me mover.

No Langley, Clark se perguntou que aconteceria depois, mas antes de decidi-lo teria que

reunir todas suas forças. OK, Alistair tentaestuério obter que British Airways lhes

emprestasse um avião para voar direto ao Pope, e de ali... de ali teria que pensá-

lo um pouco

mais. E também teria que conversá-lo com o coronel Little Willie Byron, do Comando de Operações Especiais.

Branco Um descendendo reportou o oficial de controle por intercom. O controle levantou a

vista do livro que estava lendo, ativou o alcance e confirmou a informação. Acabava de violar

as leis internacionais. O Eagle Two-Niner não estava autorizado a sobrevoar Brasil, mas os

sistemas de controle de tráfego aéreo o captaram como um

660

vôo de carga civil e ninguém se deu conta. Uma vez confirmada a informação, reportou-a via

satélite ao NORAD e, embora não sabia, à

CIA. Cinco minutos depois, o Branco Dois fez o mesmo. Ambos aviones diminuíram a

velocidade, melhorando a performance do Eagle TwoNiner. O controle lhe disse à tripulação

do vôo que continuasse na mesma direção e à mesma velocidade, perguntou pelo estado do

combustível e soube que ficava como para outras oito horas de voo, o suficiente para

retornar à Base Tinker da Força Aérea em os subúrbios do Oklahoma City.

Na Inglaterra, British Airways recebeu o pedido e dez minutos depois atribuiu um 737-700 ao

comando Rainbow. O avião os esperaria no Luton, um pequeno aeroporto comercial ao norte

de Londres. Teriam que chegar ali em caminhões, veículos solícitamente proporcionados

pela companhia de transporte do exército britânico no Hereford.

A capa superior do triplo teto da selva parecia um mar verde, pensou John Brightling. Sob o

sol poente pôde ver o fio prateado dos rios, mas quase nada de terra propriamente dita.

Sobrevoavam o ecossistema mais rico do planeta, embora jamais o tenha estudado em

detalhe... Bom, pensou, agora lhe sobraria tempo para fazê-lo, provavelmente mais de um

ano. O projeto alternativo era um complexo comodo e robusto com seis pessoas de

manutenção, usina própria, comunicação via satélite e vastas reservas de comida. perguntou-

se se haveria bons cozinheiros entre os viajantes. Teriam que fazer a pertinente divisão do

trabalho, assim como do resto das atividades do projeto. E ele, é obvio, seria o líder.

No Binghamton, Nova Iorque, o pessoal desta manutençãoBA levando uma pilha de

recipientes de risco biológico ao incinerador. O forno devia ser muito grande, pensou um dos

homens o suficientemente grande para cremar um par de cadáveres ao mesmo tempo , e, a

julgar pela espessura da capa isolante, muito poderoso. Fechou a porta de três polegadas,

travou-a, e apertou o botão de ignição. Escutou o vaia do gás e o posterior aceso das chamas,

seguido pelo acostumbrado uuush. Não havia nada estranho nisso. Horizon Corporation

siempre eliminava material biológico de uma ou outra classe. Talvez fossem vírus vivos de

SIDA, pensou. A companhia fazia muitas coisas nesse área, conforme tinha lido. Mas no

momento olhou os papéis do tablero. Três folhas de fax com ordens explícitas enviadas de

Kansas.

Todos os recipientes especificados se transformaram em cinzas.

Diabos, o incinerador destruía inclusive as carcazas metálicas. E assim subiu ao céu a única

evidência física do projeto. Mas o empregado de manutenção não sabia. O recipiente G7-89-

98-00A era só um reci661

lhe piem de plástico para ele. Nem sequer sabia que existia a palavra Shiva.

Tal como lhe tinham ordenado, foi ao computador de seu escritório todo mundo tinha

computador no Horizon Corporation e tipió em ordem os item que acabava de eliminar. A

informação foi diretamemore à rede interna da corporação e, embora ele não sabia, a uma tela

em Kansas. Ali tinham instruções especiais a respeito, e o técnico transmitiu por telefone a

informação a outro empregado, quem a sua vez a comunicou ao número indicado na

mensagem eletrônica.

OK, obrigado replicou Bill Henriksen logo depois de escutar a informação. Pendurou o

telefone na cabine e se reuniu com os Brightling.

OK, acabo de falar com o Binghamton. Todo Shiva, todas vaiberços, tudo, absolutamente

tudo foi incinerado. Já não fica evidência física da existência do projeto.

supõe-se que devemos nos alegrar? perguntou Carol de mau modo, olhando pela janela a terra

cada vez mais próxima.

Não, mas espero que a alegre não ter que enfrentar a perspectiva de apodrecer-se no cárcere,

doutora.

Tem razão, Carol disse John, embargado pela tristeza. Hábían estado tão perto. Tão perto,

carajo. Bom, consolou-se, ainda lhenía recursos, e ainda tinha um grupo de gente útil, e esse

reverso não implicaestuério o abandono de seus mais caros ideais, verdade? Nem por indício.

Ali abaixo, sob o mar verde da selva, havia uma grande diversidade de vida. Tinha justificado

a construção do projeto alternativo precisamemore por essa razão, para descobrir novos

compostos químicos em as árvores e novelo que só cresciam ali... e talvez encontrar uma

MAnera de curar o câncer, por que não? Escutou baixar os alerones e, pouco depois, os

movimentos do trem de aterrissagem. Três minutos depois descenderam sobre a pista-estrada

construída pelo Horizon Corporation junto com o laboratório e os edifícios residenciais. O

Gulfstream carreteó aos tombos pela pista e se deteve lentamente.

OK, Branco Um acaba de aterrissar O controle leu a posição exata e ajustou a imagem da tela.

Também havia edifícios? Bem,

OK. Ordenou ao computador calcular a posição exata, informação imediatamente transmitida

aos Montes Cheyenne.

Obrigado Foley tomou nota da informação . John, tenho longitud e latitude exatas do

paradeiro dos sujeitos. Um satélite tirará fotos e nos enviará isso. Receberemos dentro de,

digamos, dois ou três horas. Depende das condições climáticas.

Tão rápido? perguntou Popov, olhando pela janela do sépfraude piso a praia de estacionamento VIP.

Só se trata de lhe dar uma ordem ao computador explicou

Clark . E os satélites sempre estão lá encima para falar a verdade, três horas lhe pareciam

muita espera. Os satélites deviam estar mau ubicados, para variar.

O Comando Rainbow saiu do Luton pouco depois da médioche, hora britânica. Sobrevoaram

a planta automotriz vizinha ao aeroporto e giraram ao oeste, em direção aos Estados Unidos.

British Airways tinha atribuído três aeromoças ao vôo, quem se ocupou de alimentar e dar de

beber aos soldados (coisa que aceitaram gostosos antes de acomodar-se em seus assentos para

dormir um pouco antes de chegar a dêtino). Não sabiam por que foram aos Estados Unidos.

Stanley ainda não os tinha informado. O que sim se perguntaram era para que levavam todas

suas equipes táticas.

Felizmente, o céu estava espaçoso sobre a selva central do Brasil. O primeiro KH-11D

chegou às nove e trinta da noite, hora local. Suas câmaras infravermelhas tomaram um total

de trezentas veínlhe fotos, mais outras noventa e sete no espectro visível. As imagens foram

transmitidas imediatamente a um satélite de comunicações, e de ali baixaram à antena

localizada no Fort Belvoir, Virginia, perto de Washington. De ali foram por via terrestre ao

edifício da

Escritório Nacional de Reconhecimento perto do aeroporto Dulles, e dê dali, por fibra óptica, à

central da CIA.

Isto parece bastante anódino lhes disse o fotoanalista presente no escritório do Foley.

Edifícios aqui, aqui, aqui, e outro aqui. Quatro aviões em terra, parecem Gulfstreams V... que

tem as asas mais largas. Pista privada, tem luzes mas não ILS. Suponho que os tanques de

combustível estão aí. Isto é uma usina elétrica. Provavelmente tem um gerador diesel. Este

edifício poderia ser uma residência, a julgar pelo esquema das janelas. Estamos investigando

a aoguem que construiu um resort natural? perguntou o analista.

Algo assim confirmou Clark . Que mais?

Virtualmente nada em um rádio de noventa milhas. Eu diria que o que se vê aí foi uma

plantação de borracha, mas os edifícios não estão reaquecidos, assim diria que está inativa.

Não há muita civilização que digamos. Fogueiras por este lado assinalou , provavelmente

encendidas pelos indígenas. É um lugar solitário, senhor. Deve ter sido muito difícil construir

este complexo em um lugar tão isolado.

OK, nos envie também as imagens Lacrosse, e assim que tenhamos imagens com boa luz

visual também eu gostaria das ver disse Foley.

Colocaremos outro satélite aproximadamente às zero-e sete-vein663

Ihe, hora de Lima disse o analista . O prognóstico meteorológico é bom. Teríamos que

conseguir boas imagens.

A pista de aterrissagem é larga? perguntou Clark.

OH, aparentemente tem sete mil pés de comprimento por trezentos de largura, é um largo

padrão, e destruíram as árvores cem metros mais à frente, a ambos os lados. Isso quer dizer

que poderia aterrissar um avião grande, sempre que o concreto seja o suficientemente grosso.

Há um mole sobre o rio, é o Rio Negro, não o Amazonas, mas não se vêem botes. Suponho

que é algo que ficou da construção.

Não vejo cabos de telefone ou eletricidade disse Clark olhando de perto a foto.

Não senhor, não os há. Suponho que dependem de comunicaciones via satélites e radiais

realizadas desde esta antena fez uma pauseja . Necessita algo mais?

Não, e obrigado disse Clark.

De nada, senhor o analista saiu e tomou o elevador para seu escritório no subsolo.

Aprendeu algo? perguntou Foley. Ele não sabia nada da jungla, mas Clark sim.

Bom, sabemos onde estão, e sabemos aproximadamente quãotosse são.

O que está planejando John?

Ainda não estou seguro, Ed foi a sincera resposta. Clark não estava planejando nada, mas

estava começando a pensar.

O C-17 aterrissou torpemente na base Travis da Força Aérea em Califórnia. Chávez e seus

companheiros estavam desorientados pelo viagem, mas pelo menos se sentiram aliviados ao

respirar um pouco de ar fresco. Chávez tirou seu telefone celular e chamou o Hereford, onde

o informaram que John estava no Langley. Teve que recordar o número de cor, tarefa bastante

difícil em seu estado atual, mas quando o obteve, chamou.

Escritório do diretor.

Sou Domingo Chávez, quero falar com o John Clark.

Um momento, por favor.

Onde está, Ding? perguntou John.

Apóie Travis da Força Aérea, ao norte de São Francisco. Dónde carajo se supõe que vamos?

Teria que haver um VC-20 da Força Aérea esperando-os no terminal DV.

OK, lá vamos. Não temos nenhuma equipe, John. Saímos com posto-o da Austrália.

Farei que alguém se ocupe disso. Vocês voltem já mesmo a Washington, entendido?

Sim, senhor, Mr. C.

Seu prisioneiro, como se chama...? Gearing?

664

Correto. Noonan esteve falando com ele quase toda a viagem. Cãotó como um jodido canário,

John. Isso que planejavam fazer, quero dizer, se for real... Deus santo, chefe.

Já sei, Ding. A propósito, rastreamo-los.

Sabemos onde estão?

Brasil. Sabemos exatamente onde estão. Ao levará a resto do comando ao Fort Bragg. Vocês

vão ao Andréws e nos organizarmos.

Entendido, John. vou procurar meu avião. Fora Chávez pendurou e subiu a uma caminhonete

azul da USAF que os transladou ao salão VIP.

Ali os estava esperando a tripulação do vôo. Pouco depois abordaram o VC-20 (versão da

Força Aérea do Gulfstream comercial), e uma vez a bordo se inteiraram da hora graças à

comida que os serve o sargento. O café da manhã. Devia ser cedo na manhã, decedeu Chávez.

Perguntou-lhe a hora ao sargento e pôs seu relógio em hora.

665

CAPÍTULO 39

HARMONIA

Ao Noonan parecia terrivelmente estranho estar viajando em um avião com um persumido

assassino de massas confesso, sem que o tipo estivesse algemado ou com colete de força ou

alguma outra medida restritiva.

Mas, para falar a verdade, o que podia fazer? aonde podia ir? Talvez correiodría abrir a porta

e saltar, mas Gearing não dava o tipo suicida, e

Noonan estava completamente seguro de que não ia desviar o avião a Cuba. E assim, sem

separar os olhos do prisioneiro, começou a pensar que o tinha detido em outro continente, em

outro fuso horário e em outro hemisfério. Tinha participado da operação Fuad Yunis no

Mediterrâneo Oriental dez ou onze anos atrás, mas supunha que a detenção de Gearing bateria todos os recordes do FBI em operações a distância.

Quase doze mil milhas. Maldição. O excesso de avião o estava deixando maltratado, mas

valia a pena pagar o preço. Pôs em hora seu relógio, perguntando-se se o dia seria o mesmo...

Claro, a gente podia lhe perguntar a hora ao sargento da USAF, mas ficaria como um

completo idiota se lhe perguntava pelo dia da semana. Talvez pudesse averiguá-lo olhando

um exemplar de Usa Today ao chegar aos Estados Unidos, decidiu

Noonan. Reclinou seu assento e cravou os olhos na nuca do Wil Gearing.

Logo então se deu conta: quando chegassem a Washington teria que entregar a seu

prisoneiro, mas a quem, e baixo que cargos?

OK disse Clark . Chegarão ao Andrews dentro de duas horas, e logo trasladaremos ao Pope e

decidiremos o que fazer.

Já pensou um plano, John observou Ed Foley. Conhecia o suficiente ao John para reconhecer

certo brilho especial em seus olhos.

É meu caso ou não é meu caso, Ed? perguntou Clark.

dentro do razoável, John. Tratemos de não iniciar uma guerra nuclear ou algo pelo estilo,

pode ser?

Isto poderia levar-se a julgamento, Ed? E se Brightling ordenou que destruíssem toda a

evidência? Não é difícil fazê-lo, verdade? Demonios, do que estamos falando? uns quantos

balões de mierda biológica e alguns arquivos de computador. vendem-se programas que

destruam para sempre os documentos, não é certo?

É certo, mas alguém poderia ter material impresso, e uma boa investigação...

E então o que teríamos? Pânico global quando a gente se dê conta do que pode fazer uma

empresa biotecnológica se lhe dá a vontade. O que teria de bom isso?

Isso sem contar que uma assessora da presidência violou a seguridêem do país. Deus santo,

isso seria terrível para o Jack, não crie? Foley fez uma pausa . Mas não podemos assassinar a

essa gente, John! São cidadãos americanos com direitos, recorda?

Já sei, Ed. Mas tampouco podemos deixá-los ir, e probablenvocê não possamos julgá-los,

verdade? O que fica? Clark fez uma pausa . Te proponho algo criativo.

O que?

John Clark explicou sua idéia.

Se derem batalha, bom, nesse caso nos facilitarão as coisas, não?

Vinte homens contra cinqüenta como mínimo?

Meus vinte para falar a verdade, não chegam a quinze contra esses mercados de plumas? Por

favor, Ed. Talvez seja o equivalente moral de um assassinato, mas não o equivalente legal.

Foley franziu o cenho, preocupado pelo que aconteceria se os medeus chegavam a inteirar-se.

Mas não tinham por que inteirar-se. A comunidêem de operações especiais mantinha toda

classe de secretos, muitos dos quais se veriam muito mal por televisão.

John disse por fim.

Sim, Ed?

te assegure de que não lhe apanhem.

Até o momento ninguém conseguiu me apanhar, Ed lhe recordou

Rainbow Six.

Aprovado disse o diretor da CIA, perguntando-se como o explicaria o caso ao presidente dos

Estados Unidos.

OK, posso usar meu antigo escritório? Tinha que fazer alguns chamados.

Claro.

É tudo o que necessita? perguntou o general Sam Wilson.

Sim, general, com isso bastará.

Posso lhe perguntar para que é?

Para uma operação encoberta respondeu Clark.

Isso é tudo o que vai dizer me?

Sinto muito, Sam. Pode falar com o Ed Foley para confirmá-lo.

É claro que sim que falarei com o Foley trovejou o general.

Parece-me muito bem, senhor Clark esperava que o senhor aliviara em algo seu orgulho

ferido.

Não foi assim, mas Wilson era um profissional e conhecia as regras.

Bom, me deixe fazer uns chamados telefônicos.

O primeiro foi ao Fort Campbell, Kentucky, residência do Regimento de Aviação

160 de

Operações Especiais cujo comandante, um coronel, pôs as objeções esperadas, que foram

convenientemen667

lhe passados por cima. O mencionado coronel levantou o telefone e ordenou que enviassem

imediatamente um helicóptero MH-60K Nighthawk à

Apóie Pope da Força Aérea, junto com tripulação de manutenção destinados a um lugar que

desconhecia. A seguinte chamada Telefónica foi a um oficial da Força Aérea, quem tomou

nota e disse sim, senhor , como bom aviador que era. Colocar cada peça em seu lugar era

essencialmente um exercício eletrônico: utilizar telefones encriptados e dar órdenes secretas a

pessoas que, felizmente, estavam acostumadá a essas coisas.

Chávez pensou que tinha cruzado três quartas partes do mundo em as últimas vinte e dois

horas, e agora estava por aterrissar em uma pista que só tinha pisado uma vez em sua vida.

Voava no Um da Força

Aérea (a versão VC-25A do 747 conhecido em todo mundo) acompanhado por alguém que

tinha planejado matar a toda a gente que habitaBA o planeta. Tinha aprendido anos atrás a

não refletir muito sobre as coisas que fazia por seu país e os 82.450 dólares

anuais que

ganhava atualmente como empregado da CIA. Tinha um master em

Relações Internacionais, que humoristicamente definia como um país que se coje a outro ...

mas agora não se tratava de um país, mas sim de uma corporação. Quando tinham começado

a pensar que podiam jogar em grande? perguntou-se. Talvez fora esse a Nova Ordem ao que

havia aludido o presidente Bush. Se o era, não tinha o menor sentido para ele.

Os governos eram escolhidos pelos cidadãos e deviam responder a eles. As corporações

respondiam se é que o faziam a seus accionistas. Não havia comparação possível entre ambas

as coisas. As corporaciones supostamente deviam ser fiscalizadas pelos governos dos países

onde se domiciliavam, mas tudo estava trocando. Actualmenlhe as corporações privadas

desenvolviam e definiam as herramienvocês que usava a gente em todo mundo. O cambiante

mundo tecnológico tinha outorgado imenso poder a organizações relativamente pqueñas.

Começava a perguntar-se se isso seria bom ou não. Bom, se a gente dependesse dos governos

para progredir ainda estariam andando a cavalo e viajando de vapores de um lugar de outro.

Mas neste

Nova Ordem as coisas estavam fora de controle, e alguém teria que pensá-lo em algum

momento, decidiu Chávez quando o avião se deteve sobre a pista do Andrews. Outra

caminhonete azul anônima da USAF estava-os esperando.

Está juntando muitas milhas, Ding? perguntou John desde a pista.

Suponho. Terei que voltar a usar as plumas? perguntou

Chávez, cansado.

Uma vez mais, por agora.

Aonde?

668

Bragg.

Então vamos já. Não quero me acostumar a estar em terra se a felicidade será temporária

precisava tomar banho e barbear-se, mas isso também teria que esperar. Imediatamente

abordaram outro avião da Força Aérea, rumo ao sudoeste. A viagem foi felizmente curto e

concluiu na Base Pope da Força Aérea, onde se alojam a

Divisão 82 de Infantaria Aérea do Fort Bragg, Carolina do Norte, e a

Força Delta e outras unidades de operações especiais.

Pela primeira vez, comprovou Noonan, alguém tinha pensado o que fazer com o Wil Gearing.

Três policiais militares o levaram a cercadã de base. O resto dos passageiros

terminou na

Residência de Oficiais Solteiros, coloquialmente conhecida como o R .

Chávez se perguntou se a roupa que acabava de tirar-se estaria em condicione de ser volta a

usar. Mas logo tomou banho e encontrou uma barbeador elétrico que lhe permitiu liberar-se

do penugem escuro que escurecia seu (segundo seu justo julgamento) viril rosto. Encontrou

um conjunto de roupa limpa ao sair.

Fiz-a trazer da base.

Obrigado, John Chávez se embainhou nas cueca e a camicogumelo impecavelmente brancos,

escolheu um BDU (uniforme de batalha) com desenho vegetal, e completou o traje com tocos

e botas.

Foi cumprido o dia?

Carajo, John, demoramos um mês em voltar da Austrália Se são tó na cama, e logo se recostou

por reflexo . E agora o que?

Brasil.

por que?

Lá foram todos. Rastreamo-los, tenho fotos via satélites do lugar.

Então, iremos visitar os?

Sim.

Para que, John?

Para terminar com isto de uma vez e para sempre, Domingo.

Parece-me bem, mas é legal?

Desde quando se preocupam essas coisas?

Sou um homem casado, John, e também pai recorda? Tenhago responsabilidades, velho.

É o suficientemente legal, Ding seu sogro tentou tranquilizarlo.

OK, se você o disser. O que faremos agora?

Dormirá uma sesta. O resto do comando chegará dentro de meia hora.

O resto de que comando?

Todos os que estejam em condições de mover-se e disparar, filho.

Muito bem, chefe disse Chávez, e fechou os olhos.

O 737-700 da British Airways esteve em terra o menor tempo

669

possível, o necessário para recarregar combustível e separar novamente rumo ao Aeroporto

Internacional Dulles nos subúrbios do Washington, onde sua presença não provocaria muitos

comentários. Os homens do Rainbow foram transladados a lugar seguro, onde pudierum

descansar um pouco. Isso os preocupava. O fato de que os permitieran descansar implicava

que logo o necessitariam.

Clark e Alistair Stanley se reuniram em uma sala do Comando

Central de Operações Especiais, um edifício comum e silvestre frente a uma pequena praia de

estacionamento.

E bem, o que temos aqui? perguntou o coronel William Byron.

Apelidado Little Willie por seus colegas uniformizados, o coronel Byron ostentava o apelido

mais inadequado do exército de Estados Unidos. Com seus cento e quinze quilogramas de

carne fibrosa e dura, Byron era o homem mais corpulento da sala. O apodo datava do West

Point, donde tinha aumentado de peso e volume detrás quatro anos de exercícios e comida

abundante... e terminado como arqueiro da equipe de futebol do

Exército que tinha destroçado por 10 a 0 ao da Armada no clássico de outono, jogado como

de costume no Estádio de Veteranos do Filadelfia. Byron conservava seu acento sulino da

Georgia apesar de seu master em Direção de Empresas da Universidade do Harvard (uma das

carreiras favoritas entre os militares).

vamos viajar aqui lhe disse Clark, lhe passando os informe .

Necessitamos um helicóptero e um par de coisas mais.

Onde diabos está este poço de mierda?

No Brasil, ao oeste de lhes Emane, sobre o rio Negro.

Parece um complexo observou Byron, ficando-os óculos de ler que tanto odiava .
Quem o

construiu, e quem o está ocupando?

A gente que quis matar a toda a jodida população mundial respondeu Clark.
Nesse instante

soou seu telefone celular. Teve que esperar uns segundos pelo sistema encriptado
. Fala Clark

disse por fim.

Fala Ed Foley, John. Mostra-a foi analisada no Fort Dietrick.

E?

E conforme dizem é uma versão do vírus Ébola, modificada pelo agregado de
gens

cancerígenos aparentemente. Dizem que isso fortalece ao maldito bastardo. Se por
acaso fora

pouco, as cepas do vírus estavam protegidas por uma espécie de minicápsulas
que o

ajudariam a sobreviver ao ar livre. Em outras palavras, John, o que te disse seu
amigo russo...

está absolutamente confirmado.

O que fez com o Dimitri? perguntou Rainbow Six.

Está em uma casa segura no Winchester replicou o DCI. Era o lugar onde a CIA
acostumava

alojar a quão estrangeiros desejava proteger . Ah, o FBI me diz que a polícia de
Kansas o está

procurando por assassinato. Supostamente matou a um tal Foster Hunnicutt
residente em

Montana. Ao menos isso dizem.

por que não diz aos do FBI que avisem aos de Kansas

670

que Dimitri não assassinou a ninguém? Esteve comigo todo o tempo sugiriu Clark. Tinham

que ocupar-se desse homem, não? John já tinha dado o salto conceptual e esquecido que

Popov tinha instigado um ataque contra sua esposa e sua filha. Neste caso (como em quase

todos) negócios eram negócios, e não era a primeira vez que um inimigo da KGB se

transformava em um aliado valioso.

OK, sim, posso fazê-lo era uma mentirita piedosa contra uma horrível verdade. Em seu

escritório do Langley, Virginia, Foley se perguntou por que não lhe tremiam as mãos. Esses

lunáticos não só queriam matar a população mundial, também tinham a capacidade de fazê-

lo.

Era uma novidade que a CIA teria que analisar detalladamente, um novo tipo de ameaça. E

investigá-lo não seria fácil nem divertido.

OK, obrigado, Ed Clark cortou a comunicação e olhou aos demais . Acabam de me confirmar

o conteúdo do recipiente de cloro.

Criaram uma forma modificada de Ébola e pensavam propagá-la em Sydney.

O que? perguntou o coronel Byron. Clark lhe ofereceu uma explicação de dez minutos . Fala

a sério, não? perguntou sobressaltado Little Willie.

Falo a sério replicou Clark secamente . Contrataram a

Dimitri Popov como intermediário com os terroristas que realizaram atentados em toda a

Europa. Fizeram-no para aumentar o medo ao terrorismo, de modo tal que Global Security

conseguisse o contrato com os australianos Y...

Bill Henriksen? perguntou o coronel Byron . Diabos, eu COnozco a esse homem!

Ah, sim? Bom, sua gente devia propagar o vírus através do sistema de névoa lhe refrigerem

no estádio olímpico do Sydney, Willie.

Chávez estava na sala de controle quando um tal Wil Gearing apareceu com o recipiente cujo

contido foi analisado pelos moços do

USAMRIID no Fort Dietrick. Já sabe, o FBI poderia levá-los a julgamento por assassinato

maciço. Poderia. Mas não é seguro adicionou Clark.

Então pensam ir lá para...

Para falar com eles, Willie Clark terminou a frase por ele .

Já está preparado o avião?

Byron olhou seu relógio.

Deveria está-lo disse.

Então é hora de nos mover, moços.

OK. Tenho BDU para toda sua gente, John. Está seguro de que não necessita ajuda?

Não, Willie. O agradeço, mas queremos manter a mais absoluta reserva, compreende?

Suponho que sim, John Byron se levantou . me Sigam, muitachos. Ah, respeito a esses tipos

que vão ver no Brasil...

Sim? perguntou Clark.

lhes dêem um salutito especial de nossa parte, sim?

Sim, senhor prometeu John . Será um prazer fazê-lo.

671

O avião maior sobre a rampa da Base Pope da Força

Aérea era um transporte C-5B Galaxy da USAF no que a tripulação terrestre tinha estado

trabalhando durante várias horas. Haviam apagado todos os íconos oficiais e pintado

HORIZON CORPORATION sobre os arenas da USAF. Inclusive tinham eliminado o número

da cauda. As portas ostra do setor de carga tinham sido enclausuradas.

Clark e Stanley foram os primeiros em subir. O resto dos homens chegaram em ônibus

(levando suas equipes pessoais) e subiram ao compartimento de passageiros. A partir desse

momento, tudo foi questão de que os tripulantes (vestidos de civil) abordassem a nave e

iniciaran os procedimentos de qualquer voo comercial. Um avião tanque

KC-10 os interceptaria ao sul da Jamaica para recarregar combustível.

OK, aparentemente isso foi o que passou lhe disse John Brightling às pessoas reunida no

auditório. Viu desilusão nas caras dos cinquenta e dois presente, embora também certo

alívio. Bem, até os verdadeiros crentes tinham consciência, pensou. Que pena.

O que fazemos aqui, John? perguntou Steve Berg. Tinha sido um dos principais cientistas do

projeto, criador das vacinas A e B e peça fundamental na gestação da Shiva. Era um dos

mejocabeça de gado homens que tinha contratado Horizon Corporation.

Estudamos a selva tropical. destruimos toda a evidência. A reserva da Shiva desapareceu.

Quão mesmo as vacinas. O mesmo que os arquivos dos computadores do laboratório e todo o

demais. Quão único fica do projeto é o que vocês têm na cabeça. Em outras palavras, se

alguém tratar de nos acusar terão que manter a boca fechada... e não haverá

maneira de nos

julgar. Bill?

Brightling assinalou ao Henriksen, quem subiu decididamente ao podio.

OK, vocês sabem que fui agente do FBI. Sei como fazem as coisas. nos pôr uns contra outros

não lhes resultará fácil no melhor de os casos. O FBI deve respeitar as regras, e as regras são

estritas.

Terão que lhes ler seus direitos, um dos quais é contar com a presença de um advogado

durante os interrogatórios. Ao que vocês devem responder Sim, quero que meu advogado

esteja presente. Se respondêem isso, nem sequer poderão lhes perguntar a hora. Logo vocês

nos chamarão, nós enviaremos um advogado, o advogado lhes dirá (na cara dos agentes do

FBI) que tratem de não dizer nada, e logo lhes dirá aos federais que vocês não falarão, e que

se tentam obrigá-los a fazê-lo estarão violando toda classe de estatutos e decisões da Corvocê

Suprema. Isso significa que eles podem meter-se em problemas e que algo que vocês digam

não poderá ser usada na corte nem em nenhuma outra parte. Esses são os direitos civis.

Logo prosseguiu Henriksen nos dedicaremos a observar o

fecundo ecossistema que nos rodeia e a inventar uma nova versão dos feitos. Isso nos levará

um tempo Y...

Um momento, se podemos evitar que nos façam perguntas, para o que...

Para que inventar uma versão dos fatos? Muito fácil. Nuestros advogados terão que falar um

pouco com os procuradores da nação. Se gerarmos uma versão convincente dos fatos, não nos

incomodarão mais. Se os policiais souberem que não podem ganhar, não apresentarão batalha.

Uma boa versão dos fatos será muito útil. OK, podemos dizer que, sim, estávamos

investigando o vírus Ébola porque é uma ameaça para a humanidade e o mundo necessita uma

vacina. Luego, talvez, algum empregado transtornado decidiu matar à população mundial...

mas nós não tivemos nada que ver com isso. por que estamos aqui? Para investigar in situ a

composição química da flora e a fauna da selva tropical. É uma opção legítima, não lhes

parece?

todos assentiram.

OK prosseguiu Henriksen , tomaremos todo o tempo que seja necessário para inventar uma

versão dos fatos convincente e inexpugnável. Logo a memorizaremos. Dessa maneira, quando

nuestros advogados nos permitam falar com o FBI (de modo que possamos cooperar com a

lei) daremo-lhes exclusivamente informação que não possa nos prejudicar e que, de fato,

ajudará-nos a fugir dos cargos que pretendam nos adjudicar. Amigos, se permaneceremos

unidos e nos atenemos fielmente ao guia, não podemos perder. Por favor tenham confiança

no que lhes digo. Se usarmos a cabeça não podemos perder. Emtendido?

E também poderemos trabalhar no Projeto Dois disse Brightling voltando para podio . Vocês

são as pessoas mais inteligentes do mundo e quero destacar que nosso compromisso com a

meta definitivai não trocou. Passaremos um ano aqui, pelo menos. É uma invalorable

oportunidade de estudar a natureza e aprender coisas que precisamos aprender. Também nos

permitirá encontrar uma nova maneira de obter aquilo ao que consagramos nossas vidas

prosseguiu. Muitos assentiram. Provavelmente poderiam investigar idéias alternativas. Seguia

sendo o diretor da companhia biotecnológica mais avançada do mundo. Ainda tinha a seu

serviço aos melhores cientistas, e os mais brilhantes. Ainda desejavam salvar o planeta.

Simplemente teriam que encontrar outra maneira de fazê-lo, e tinham os recursos e o tempo

necessários para encontrá-la.

OK prosseguiu Brightling esboçando um radiante sorriso .

foi um dia muito comprido. É hora de ir descansar. Amanhã pela manhã sairei à selva e

contemplarei um ecossistema de que temos muito que aprender.

O aplauso o comoveu. Sim, todos eles sentiam o mesmo, compartían sua dedicação... e,

talvez... sim, talvez houvesse uma maneira de concretar o Projeto Dois.

Bill Henriksen se aproximou da Carol e John caminho ao dormitório.

673

Há um problema potencial lhes disse.

Qual?

O que faremos se enviarem um comando paramilitar contra nosotros?

Como se fora um exército? perguntou Carol Brightling.

Sim.

Brigaremos contra eles respondeu John . Temos armas, não?

Tinham. A armería do projeto alternativo tinha não menos de cem rifles de assalto G-3 de

fabricação alemã, os autênticos, completamente automáticos. Só que no projeto havia muito

poucas personas que soubessem disparar.

Sim. OK, o problema é que não podem nos prender legalmente, mas se as engenham para nos

apanhar e nos levar de retorno a Estados

Unidos, a corte importará um nada se a detenção foi ilegal. É uma característica das leis

americanas: uma vez que alguém está frente ao juiz, ao juiz não lhe importa como chegou aí.

Então, se se aparecerem os paramilitares, conviria dissuadi-los. Acredito que...

Acredito que nossa gente não necessitará que a estimulem para brigar contra quão miseráveis

destruíram o projeto!

Estou de acordo, mas teremos que ver o que acontece. Amaldiçoación, oxalá tivéssemos um

radar.

Para que? perguntou John.

Se vierem, virão em helicóptero. É muito longe para vênir caminhando pela selva, e os botes

são muito lentos, e nuestros compatriotas revistam pensar em términos de helicópteros. Assim

os gosta de fazer as coisas.

Como farão para saber onde estamos, Bill? Demônios, salimos do país muito rápido Y...

E podem lhe perguntar às tripulações dos vôos. Tuvierum que encher os formulários do vôo a

lhes Emane, e isso esgota um pouco o panorama, não?

Não falarão. Pago-lhes muito bem objetou John . Quanto tardarão em averiguar onde

estamos?

OH, um par de dias no pior dos casos. Acredito que conviria que treinássemos a nossa gente

na arte da defesa. Poderíamos começar amanhã mesmo propôs Henriksen.

Feito decidiu John . E chamarei a casa para averiguar se aoguem tentou falar com nossos

pilotos.

A suíte principal tinha sua própria sala de comunicações. O próyecto alternativo era uma obra

de arte em muitos aspectos, dos laboratórios médicos às comunicações. A antena próxima à

usina elétrica tinha seu próprio sistema telefônico via satélite, que também accedia por correio

eletrônico e outras vias à rede interna computadorizada do Horizon Corporation. Logo que

chegou à suíte, John Brightling ativou o sistema telefônico e chamou Kansas. Deixou

instruções para os tripulantes dos vôos, dizendo que se comunicassem com o projeto

674

alternativo se alguém os interrogava em relação a suas viagens mais recienlhes. Uma vez feito

isto, ficou muito pouco por fazer. tomou banho e foi ao dormitório, onde o esperava sua

esposa.

É tão triste comentou Carol na escuridão.

Estou fervendo de fúria admitiu John . Estávamos tão cerCA!

O que foi o que falhou?

Não estou seguro, mas acredito que nosso amigo Popov descobriu o que estávamos por fazer,

matou ao tipo que o disse e escapou. De algum modo lhes avisou que capturassem ao Will

Gearing no Sydney. Amaldiçoeci-o, faltavam umas horas para iniciar a Fase Um! bramou

desconsolado.

Bom, a próxima vez seremos mais cuidadosos o animou Carol lhe acariciando o braço.

Fracasso ou não, era bom estar na cama com ele . O que passará com o Wil?

Terá que correr o risco. Conseguirei-lhe os melhores advogados que possa encontrar

prometeu John . E lhe ordenarei que mantenha a boca fechada.

Gearing tinha deixado de falar. Evidentemente a chegada a Estados Unidos tinha despertado

nele a idéia dos direitos civis e os procedimentos penais, e desde que tinha pisado em chão

pátrio não háblaba com ninguém. Estava sentado no C-5, olhando o perímetro circunferencial que

levava a imenso setor vazio na cauda, enquanto os soldados dormiam. Entretanto, dois deles

estavam completamente acordados e não lhe tiravam os olhos de cima. Tinham armas

suficientes como para caçar cem ursos, viu Gearing, montões de armas pessoais

ali mesmo e

no setor de carga. Onde estariam indo? Ninguém o havia dito.

Clark, Chávez e Stanley estavam na cabine de mando do macizo transporte aéreo. Os

tripulantes do vôo pertenciam à Força

Aérea muitos dos quais eram reservistas, principalmente pilotos de aerolinha em sua vida

civil e mantinham distância. Seus superiores os tinham advertido o que acontecia, advertência

posteriormente confirmada pela mudança na pintura exterior do avião. Eram civis agora?

Estavam vestidos de civil, como se queriam enganar a alguém. Mas quem acreditaria que um

Lockheed Galaxy era de propriedade civil?

Ficou muito bem observou Chávez. Era interessante voltar para a infantaria, ser novamente

um ninja, outra vez dono da noite... só que pensavam atacar a plena luz do dia . A pergunta é,

se resistirão?

Se tivermos sorte respondeu Clark.

Quantos são?

Viajaram em quatro Gulfstreams, cada um com dezesseis personas como máximo. Digamos

que sessenta e quatro, Domingo.

Armas?

Viveria na selva sem armas? perguntou Clark. Provavelmente não, claro.

Mas sabem as usar? insistiu Chávez.

Não acredito. Em sua maioria devem ser científicos, embora alguns conhecerão a selva e

talvez haja vários caçadores. Suponho que comprovaremos a eficácia dos novos brinquedos

do Noonan.

Isso espero admitiu Chávez. O bom era que seus homens estavam treinados e muito bem

providos. De dia ou de noite, seria uma missão ninja . Suponho que você está ao mando?

Pode apostar seu bonito culo a que sim, Ding replicou Rainbow

Six. Deixaram de falar. O avião se sacudiu um pouco ao ingressar na esteira de turbulência

gerada pelo KC-10 de reabastecimiento aéreo. Clark não queria nem ver o procedimento.

Devia ser o ato mais antinatural do mundo: dois aviões enormes apareándose em pleno vôo.

Malloy estava uns assentos atrás observando os informe via satélites com o tenente Harrison.

Parece fácil opinou o jovem oficial.

Sim, pura baunilha, a menos que nos disparem. Nesse caso fiquedrá mais movidito prometeu

a seu co-piloto.

A nave estará ao bordo do excesso de peso advertiu Harrison.

Para isso tem dois motores, filho assinalou o marinhe.

Fora estava escuro. Os tripulantes do C-5 observaram a seuperficie plaina e pouco iluminada

da Terra logo depois de recarregar seus tãoque. Para eles, seguia sendo um vôo corrente. O

piloto automático sabia onde estava e aonde se dirigia, e no aeroporto internacional de lhes

Emane, Brasil, também sabiam que um avião de carga estadounidense chegaria e ficaria

durante um ou dois dias (a informação tinha sido transmitida previamente por fax).

Ainda não tinha amanhecido quando divisaram as luzes da pislha. O piloto, um jovem major,

ergueu-se em seu assento e diminuiu a velocidade da nave enquanto o co-piloto, a sua direita,

controlava os instrumentos e transmitia as cifras de altitude e velocidade. Logo ovantó o nariz

e deixou que o C-5B se posasse sobre a pista (com um pequeno salto, para que os passageiros

a bordo se inteirassem de que já não estaban no ar). Tinha um diagrama do aeroporto e,

seguindo-o, carreteó até o extremo da rampa, freou e lhe anunciou às pessoas de descarga que

tinha chegado seu turno de trabalhar.

Demoraram uns minutos em organizar as coisas, mas finalmente abriram as

enormes leva

traseiras. Como um valente pássaro noturno, o Night Hawk MH-60K apareceu com as

primeiras luzes do alvorecer.

O sargento Nance fiscalizou aos três homens do 160 SOAR que estenderam as folhas do rotor

e logo subiu à fuselagem para assegurar-se de que estivessem bem colocadas. O Night Hawk

tinha os tanques cheios. Nance instalou a metralhadora M-60 em seu lugar (sobre a direita)

e lhe anunciou ao coronel Malloy que o helicóptero estava preparado. Malloy e

Harrison revisaram a nave e decidiram que estava em condições de partir. Imediatamente

transmitiram a informação por rádio ao Clark.

676

Os últimos em descer do C-5B foram os homens do Rainbow, vestidos de farda BDU

multicolorido e com as caras pintadas de marrom e verde. Gearing baixou o último. Tinham-lhe

posto uma bolsa na cabeça para que não pudesse ver nada.

Resultou que não cabiam todos a bordo. Vega e outros quatro ficaram em terra, e viram

separar o helicóptero com as primeiras luzes do alvorecer. O Night Hawk subiu ao céu e virou

para o noroeste enquanto deslocado-os protestavam, imersos no ar caloroso e úmido do

trópico. Justo nesse momento chegou um automóvel com vários formulários que a tripulação

do vôo deveu completar. Para surpresa de todos, ninguém pareceu advertir o em desuso

tamanho do avião. O letreiro recém pintado proclamava que era um avião grande de

propriedade privada e o pessoal do aeroporto aceitou essa versão, dado que os papetinhos-lhes

são cheios adequadamente.

parecia-se tanto ao Vietnam, pensava Clark enquanto o helicóptero sobrevoava o imenso mar

verde da selva. Mas esta vez não voava em um Huey e tinham acontecido quase trinta anos

de sua primeira exposição a operações de combate. Não recordava ter sentido medo tensão

sim, mas não medo, coisa que lhe parecia notável desde sua actual perspectiva. Aferrava

entre as mãos uma MP-10 silenciada e, rumo à batalha em helicóptero, acreditava ter

recuperado a juventude...

até que se deu volta e viu outros homens a bordo... Eram tão jovens. Mas logo recordou que

quase todos superavam os trinta anos de idade, e se eles lhe pareciam jovens era porque

evidentemente ele estava muito velho. Apartou esse nefasto pensamento e olhou pela porta,

mais lá do sargento Nance e sua metralhadora. O céu estava esclarecendo, havia muita luz

para os lentes de visão noturna mas não a suficiente para ver bem. perguntou-se como seria o

clima ali. Estavam sobre o Equador e havia selva lá abaixo. Provavelmente seria caloroso e

úmido, e debaixo das árvores haveria víboras, insetos e todas as outras criaturas que moravam

nesse lugar agreste e deixado da mão de Deus... Que ficassem com a selva, disse John sem

palavras, ele não pensava interferir.

Como vamos, Malloy? perguntou por intercom.

Teríamos que avistá-lo em qualquer momento... lá está, há luzes mais adiante!

Chegamos Clark indicou a seus soldados que se alistassem .

Proceda como estipulamos, coronel Malloy.

Entendido, Six manteve o curso e a velocidade (dois-e noveseis, setecentos pés AGL sobre o

nível do chão e cento e vinte nós respectivamente). As luzes na distância pareciam

absolutamente desconjurada, mas eram luzes, tal como tinham indicado o sistema de

navegação e as fotos via satélites.

OK, Gearing dizia Clark no fundo . Lhe permitiremos que vá falar com seu chefe.

Ah, sim? perguntou o prisioneiro através da bolsa negra que cobria-lhe a cabeça.

Sim confirmou John . Lhe levará uma mensagem. Se se render, ninguém sairá machucado. Se

não o fizer, a coisa ficará muito feia. Sua única opção é a rendição incondicional. Entende o

que lhe digo?

Sim assentiu a cabeça dentro da bolsa negra.

O Night Hawk levantou o nariz ao aproximar-se do extremo oeste da pista que alguma

empresa construtora tinha destruído na selva. Malloy descendeu rapidamente sem permitir

que as rodas tocassem a terra...

era o procedimento padrão para evitar minas terrestres. Gearing foi empurrado ao chão e

imediatamente o helicóptero voltou para ascender, transbordando seu curso para o extremo

leste da pista.

Gearing se arrancou a bolsa da cabeça e tentou orientar-se. Divisó as luzes do projeto

alternativo, complexo cuja existência conhecia mas que jamais tinha visitado, e se dirigiu ali

sem olhar atrás.

No extremo este, o Night Hawk descendeu a menos de um metro do chão. Os comandos

Rainbow saltaram a terra e o helicóptero ovantó vôo para retornar a lhes Emane, seguindo a

esteira do sol naciênhe. Malloy e Harrison ficaram seus óculos escuros e mantiveram o curso,

checando repetidamente a quantidade de combustível. O Régimiento de Aviação 160 de

Operações Especiais mantinha muito bem seus helicópteros, pensou o marinhe, flexionando

suas mãos enluvadas sobre os controles. Igual aos moços da Força Aérea no Inglaterra.

Noonan levou a dianteira. Todos os soldados correram inmediatamente a cobrir-se, longe do

duro pavimento da pista, e correram para o oeste perguntando-se se Gearing teria advertido

sua chegada.

Demoraram meia hora em percorrer uma distância que, de ter deslocado, houvessem talher

em menos de dez munutos. Apesar de tudo, Clark considerou que o tinham feito bem... agora

recordava a lhe formiguem sensação de estar na selva, onde o ar mesmo parecia conter

estranhas criaturas dispostas a lhe chupar a um o sangue e lhe contagiar enfermidades que o

fariam morrer o mais lenta e dolorosamente posible. Como carajo tinha suportado dezenove

meses no Vietnam? Récién tinham acontecido dez minutos e já tinha vontades de ir-se. A seu

alredor as árvores maciças subiam ao céu e formavam a verde techumbre que cobria esse

lugar fétido. Mas havia outras árvores mais baixas, e outros ainda mais pequenos rodeados de

novelo e arbustos. Escutava o som dos movimentos... Não sabia se eram seus homens ou os

animais, mas sim sabia que esse meio ambiente continha toda classe de vida (em sua maioria

inimizade da raça humana). Seus homens se dispersaram para o norte. A maioria cortaram

ramos e as colocaram nas bandas elásticas de seus cascos Kevlar para camuflar-se melhor.

678

A porta principal do edifício não tinha chave, descobriu Gearing surpreso. Entrou no que

parecia ser um edifício residencial, subiu ao elevador, apertou o último botão e chegou ao

quarto piso. Uma vez ali, só era questão de abrir uma das portas dobre do corredor e acender a

luz da suíte principal. As portas do dormitório estavam abertas.

Gearing entrou.

John Brightling entrecerró os olhos, pelo feixe de luz proveniente da sala. Logo os abriu

muito e viu...

Que carajo está fazendo para cá, Wil?

Trouxeram-me, John.

Quais lhe trouxeram?

Os tipos que me prenderam no Sydney explicou Gearing.

O que? era muito para essa hora da manhã. Brightling levantou-se e ficou a bata que tinha

junto à cama.

O que passa John? perguntou Carol, semidormida.

Nada querida, te relaxe John foi à sala e fechou a porta do dormitório.

Que mierda está acontecendo Wil?

Estão aqui, John.

Quais estão aqui?

O comando antiterrorista, os que foram a Austrália, os que prenderam-me. Estão aqui, John!

disse-lhe Gearing. Olhou a seu alrededor desorientado pela viagem e sem saber o que fazer.

Aqui? Onde? No edifício?

Não. Largaram-me do helicóptero. Seu chefe é um tipo chamado Clark.

Disse-me que te dissesse que devia te render... te render incondicionalmente, John.

Ou se não o que?

Ou se não, vão matar nos a todos.

Sério? essa não era maneira de despertar. Brightling havia gasto duzentos milhões de dólares

em construir esse lugar a mão de obra era troca no Brasil e considerava que o projeto

alternativo era uma fortaleza. Mais ainda, uma fortaleza que demorariam meses

em localizar.

Um grupo de homens armados, ali e agora, exigia seu rendição? Que diabos era todo isso?

Bom, pensou. Primeiro chamou à habitação do Bill Henriksen e disse-lhe que subisse. Logo

acendeu seu computador. Não havia notícias de que ninguém tivesse falado com os

tripulantes de seus vôos. Pelo tanto, ninguém lhes havia dito onde estavam. Então, como

carajo os tinham descoberto? E quem diabos estava ali? E que mierda queestuírio? Enviar a

alguém conhecido a lhe pedir que se rendesse parecia o guia de um filme mau.

O que acontece, John? perguntou Henriksen. Logo viu o Gearing

Wil, como chegou aqui?

Brightling levantou uma mão para impedir que falassem e tratou

679

de pensar. Apagou as luzes da sala, olhou pelos ventanales, e não viu nada.

Quantos são? perguntou Bill.

Dez ou quinze soldados replicou Gearing . vão fazer o que...

vão render se?

Demônios, não! bramou Brightling . O que estão fazendo é legal, Bill?

Não, não o é. Acredito que não.

OK, reúne a nossa gente e procurem as armas.

Bom disse o chefe de segurança, dúvida. Foi diretamente ao lobby principal, desde cujo

escritório se controlava o sistema de navegações do complexo.

Isso, neném, me fale disse Noonan. A versão mais recente do sistema DKL de busca de

pessoas estava acesa e funcionando. Tinha colocado duas unidades receptoras a trezentas

jardas.

Cada uma tinha um transmissor que se reportava a uma unidade receptora conectada a seu

computador laptop.

O sistema DKL rastreava o campo eletromagnético gerado pelos batimentos do coração do

coração humano. Tinham descoberto que o batimento do coração cardíaco era um sinal único.

Os primeiros aparelhos vendidos pela companhia meramente indicavam a direção da que

provinham as sinais, mas os novos tinham antenas parabólicas para aumentar seu alcance a

cento e cinquenta metros e, por triangulación, dar posições exatas... quer dizer, com uma

margem de engano de entre dois e quatro metros.

Clark estava observando a tela do computador. Os blips indicavam a presença de pessoas em

distintos lugares do edifício residencial.

Moço, isto tivesse sido muito útil no Corpo quando eu era jovem suspirou

Clark. Cada

comando Rainbow tinha um localizador GPS instalado em seu rádio pessoal, que a sua vez se

comunicava com o computador e permitia que Clark e Noonan conhecessem a posição exata

de seus homens.

Sim, por isso me entusiasma tanto esta muñequita disse Noonan . Não posso te dizer em que

piso estão, mas olhe, começaram a mover-se. Suponho que alguém despertou.

Comando, aqui Mr. Urso rangeu a rádio.

Mr. Urso, aqui Comando. Onde está?

Cinco minutos fora. Onde quer que vá?

Ao mesmo lugar que antes. Mantenha-se longe da linha de fogo. Ihe diga a Vega e a outros

que estamos no extremo norte da pista. Meu posto de comando está cem metros ao norte da

fileira de árvores. Chamaremos-los de ali.

Entendido, Comando. Fora.

Isto deve ser um elevador disse Noonan assinalando a tela.

Seis blips convergiram em um mesmo ponto, permaneceram juntos me680

deu minuto e logo se dispersaram. Uma quantidade de blips se estavam reunindo em um

mesmo lugar, provavelmente um lobby. Logo se dirigieron ao norte e voltaram a convergir.

Eu gosto de este disse Dave Dawson, sopesando seu rifle G3. O arma de fabricação alemã

tinha bom equilíbrio e excelentes visores.

Dawson tinha sido chefe de segurança em Kansas, outro verdadeiro creyenvocê que não

suportava a idéia de voltar para os Estados Unidos sob custódia federal e passar o resto de sua

vida no cárcere do Leavenworth... um setor de Kansas pelo que sentia pouca avaliação . O

que faremos agora,

Bill?

OK, dividiremo-nos em pares. Todo mundo terá uma de estas Henriksen começou a distribuir

rádios . Pensem. Não disparem até receber a ordem de fazê-lo. Usem a cabeça.

OK, Bill. Mostrarei a esses miseráveis o que é capaz de hácer um caçador observou Killgore.

Gostava de sentir o peso do rifle em as mãos.

Isto também Henriksen abriu outra porta e começou a tirar calças e jaquetas de camuflagem.

Como faremos para nos proteger, Bill? perguntou Steve Berg.

Matando aos cretinos! uivou Killgore . Não são policiais, não vêm a nos prender, verdade,

Bill?

Bom, não, e não se identificaram, e a lei indica que... a lei não é muito clara neste ponto,

moços.

E de todos os modos estamos em um país estrangeiro. Assim que esses imbecis estão

violando a lei ao estar aqui, e se alguém nos ataca com armas temos direito a nos defender,

não? perguntou Ben Farmer.

Sabe o que está fazendo? perguntou-lhe Berg.

Sou um ex marinhe, muchachito. Arma livianas, formem fila... sim, sei o que está

acontecendo lá fora Farmer parecia crédulo e estava tão molesto como outros pela

modificação imposta a seus planos.

OK, amigos, eu estou ao mando, entendido? disse Henriksen.

Tinha trinta homens armados. Seria suficiente . Os faremos vir a nós. Se virem alguém

avançando com uma arma, liquidam-no. Mas sejam pacientes! Deixem-nos aproximar-se.

Não desperdicem munições. Vejamos se conseguimos dissuadi-los. Não poderão ficar muito

tempo sem reservas e só têm um helicóptero para...

Olhem! gritou Maclean. O helicóptero negro acabava de aterrizsar a uma milha e meia, no

extremo mais longínquo da pista. Três ou quatro homens baixaram correndo e se perderam

entre as árvores.

OK, tomem cuidado, moços, e pensem antes de atuar.

Em marcha disse Killgore agressivamente, lhe indicando ao Maclean que o seguisse.

Estão deixando o edifício disse Noonan . Aparentemente são

681

trinta Levantou a vista para orientar-se no terreno . Se dirigem a a selva... pensarão nos tender

uma emboscada?

Já veremos. Comando 2, aqui Comando disse Clark por rádio tática.

Comando 2 a Comando replicou Chávez . Vejo gente saindo do edifício. Aparentemente

levam armas livianas.

Entendido. OK, Ding, procederemos de acordo com o plano.

Entendido, Comando. vou organizar me O Comando 2 estaBA intacto, salvo pela ausência de

Julho Vega que acabava de chegar em o segundo vôo do helicóptero. Chávez se reuniu com

sua gente e estendeu sua linha ao norte, para a selva, permanecendo no extremo sul da linha.

Os homens do Comando 1 atuariam como reserva sob as ordens diretas do John Clark.

Noonan observou os movimentos dos atiradores do Comando 2.

Cada blip amigo estava identificado por uma letra, de modo que pudesse reconhecê-los.

John perguntou , quando teremos liberdade para disparar?

Paciência, Tim replicou Six.

Noonan estava ajoelhado sobre o pasto úmido e havia apóiadou seu laptop sobre uma árvore

cansada. A bateria devia durar mais de cinco horas, e tinha dois de reposto na mochila.

Pierce e Loiselle tomaram a dianteira, meio quilômetro dentro da selva. Não era a primeira

vez para nenhum dos dois. Mike Pierce tinha trabalhado no Peru duas vezes, e Loiselle tinha

estado três vezes em África. Mas, familiaridade com as condições do meio ambiente não

equivalia a conforto. Aos dois preocupavam as serpentes tanto como a outros, e estavam

seguros de que a selva estava repleta de ofídios, já fora venenosos ou dispostos a devorá-los

inteiros. A temperatura estava subindo e ambos os soldados transpiravam copiosamente sob o

camuflagem. Dez minutos depois encontraram um bom lugar, com um árvore alta e outro

cansado perto.

Têm rádios reportou Noonan . Quer que as anule?

Clark negou com a cabeça.

Ainda não disse . Primeiro escutemos o que dizem.

Parece-me bem o agente do FBI conectou o exploratório da radeu ao speaker.

Que lugar disse uma voz . Olhe essas árvores, amigo.

Sim, são grandes, não?

Que árvores são? perguntou um terceiro.

A classe de árvores detrás da que pode esconder-se qualquiera para te voar os miolos! disse

uma voz mais séria . Killgore e Maclean, avancem ao norte meia milha, encontrem um lugar e

fiquem ali!

Sim, sim, OK, Bill. disse a terceira voz.

Atenção todo mundo disse Bill . Não abusem das rádios,

682

entendido? Reportem-se quando os chamar ou quando virem algo importam-lhe. Pelo resto,

não as usem!

Sim.

OK.

Se você o disser, Bill.

Entendido.

Não vejo uma mierda disse um quinto.

Então, busca-lhe um lugar onde possa ver! sugeriu uma voz corajosa.

Vão por casais e se movem juntos disse Noonan olhando a tela . Este casal vai direto ao Mike

e Louis.

Clark olhou a tela.

Pierce e Loisselle, aqui Comando. Têm dois brancos aproximandose do sul, distância

aproximada dois-e cinqüenta metros.

Entendido Comando. Pierce copia.

O sargento Pierce se localizou em seu lugar, olhando ao sul, e deixou vagar seus olhos em um

arco de noventa graus. A seis metros de distância

Loisselle fez o mesmo. Estava mais depravado no que concernia ao medeu ambiente, mas a

proximidade do inimigo o tensionaba.

O doutor John Killgore conhecia a selva e sabia caçar. Começou a mover-se lenta e

cautelosamente, olhando cada passo que dava para não fazer ruído, e logo escrutinando a

paisagem para detectar qualquer forma humana. Viriam a buscá-los, estava seguro. Maclean

e ele encontrarían bons lugares para lhes disparar, como se estivessem caçando cervos.

Escolheriam um lugar nas sombras para esconder-se e esperar a chegada de suas presas.

Outras duzentas jardas, pensou. Aí estaria bem.

A trezentos metros de distância, Clark se valia da computadora e as rádios para se localizar a

sua gente nos melhores lugares. Esta nueva capacidade era incrível. Igual a um radar, podia

detectar gente muito antes de que ele ou qualquer outro pudesse vê-la ou escutá-

la. Este novo

brinquedo eletrônico seria uma assombrosa bênção para todos os soldados que pudessem usá-

lo...

Lá vamos disse Noonan em voz muito baixa, como um comentasubtrai de golfe. Tocou a tela.

Pierce e Loiselle, aqui Comando. Dois brancos se aproximam dêemdo sul, estão a uma

distância de duzentos metros.

Entendido, Comando. Podemos atuar? perguntou Pierce.

Loiselle o olhava desde seu posto em vez de olhar à frente.

Afirmativo replicou Clark. Logo ordenou : Rainbow, aqui Six.

Podem usar suas armas. Repito, podem usar suas armas com liberdade.

683

Entendido, copio, podemos usar as armas disse Pierce.

Esperemos até os ter a ambos, Louis sussurrou Pierce.

D accord respondeu o sargento Loiselle. Os dois olharam ao sul, os olhos vigilantes e os

ouvidos alertas à primeiro ramo que se quebrasse.

Não estava tão mal, pensou Killgore. Tinha caçado em piores lugacabeça de gado, muitíssimo

mais ruidosos. Aqui não havia abacaxis que fizessem ruídos molestos e alertassem aos cervos

a quilômetros de distância. Só muchísimas sombras, quase nada de luz direta. Se

não fora

pelos insetos, houvesse-se sentido cômodo ali. Mas os insetos eram assassinos. A
próxiMA

vez que saísse ficaria repelente, decidiu o médico, avançando lentamente. Um
ramo de

arbusto lhe interrompeu o passo. Apartou-a com a mão esquerda para não fazer
ruído ao pisá-

la.

Ali, viu Pierce. O ramo de um arbusto acabava de mover-se, e não era obra do
vento.

Louis sussurrou. Quando o francês se deu volta, Pierce levantou o dedo e
assinalou. Loïselle

assentiu e voltou a olhar adiante.

Tenho um branco visual reportou Pierce por rádio . Um branco, cento e
cinquenta metros ao

sul.

Maclean se sentia menos a gosto a pé que a cavalo. Fazia o impossível por imitar
os

movimentos do John Killgore, embora não fazer ruído e avançar lhe pareciam
duas atividades

incompatíveis. Tropeçou com uma raiz e caiu fazendo ruído, mas amaldiçoou em
silêncio

antes de parar-se.

Bonjour murmurou Loïselle para seus adentros. Foi como se o ruído tivesse
disparado uma

montanha russa. O sargento Loïselle viu uma silhueta humana movendo-se nas

sombras, a uns

cento cincuenta metros de distância . Mike? sussurrou, e assinalou o branco.

OK, Louis respondeu Pierce . Deixa que se aproximem, velho.

Sim.

Ambos carregaram seu MP-10 ao ombro, embora a distância todavia era excessiva.

Se havia algo maior que um inseto movendo-se, pensou

Killgore, ele não podia escutá-lo. Supostamente havia jaguares nessa selva, felinos caçadores

grandes como leopardos cujas peles fariam um bonito tapete, pensou, e as balas redondas de

7.62 mm que dispa684

raba seu rifle eram mais que adequadas para esse propósito. Não obstante, provavelmente os

jaguares seriam predadores noturnos, difíceis de detectar. E as capibaras, os ratos maiores do

mundo, supostamente constituíam um bom alimento, apesar de sua família biológica...

essas sim que se alimentavam durante o dia, não? Havia tanto para ver ali, tanto esbanjamento

visual, que seus olhos não conseguiam acostumar-se. OK, procuraria um lugar onde ficar

quieto, de modo tal que seus olhos se adaptassem ao novo esquema de luz e escuridão e

pudessem advertir os mudanças. Este é um bom lugar, pensou. Uma árvore alta, e outro

cansado ao lado...

Vamos, bomboncito sussurrou Pierce para seus adentros. Basta estuário com que se

aproximasse um pouco mais. Tinha que levantar um pouco o arma, apontar ao queixo do

branco, de modo tal que a queda natural da bala fizesse que os disparos acertassem no

coração. Seria mais lindo lhe voar a tampa dos miolos, mas estava muito longe para

arriegarse, e queria ser cauteloso.

Killgore assobiou e fez gestos ao Maclean, indicando para frente.

Kirk assentiu. Seu entusiasmo inicial pela tarefa se estava evaporando rapidamente. A selva

não era o que esperava e o fato de estar rodeado por gente que planejava atacá-los não a

voltava mais atrativa. Qrriosamente, encontrou-se pensando no bar para solteiros de Nova

Iorque, na escuridão e a música ruidosa. No ambiente estranho... e nas mulheres que tinha

conhecido ali. Realmente, o que lhes tinha passado era espantoso. depois de tudo, eram

tinham sido pessoas. Mas o pior de tudo era que suas mortes não tinham tido sentido. Se ao

menos o projeto tivesse contínuo, o sacrifício das garotas teria valido a pena, mas agora...

agora era só um fracasso, e ali estava ele, nessa maldita selva, com um rifle carregado,

procurando a alguém que queria lhe fazer o que ele lhes tinha feito...

Louis, tem seu branco?

Sim!

OK, adiante disse Pierce com voz cascata. Sujeitou com força a

MP-10, centrou o branco no visor, e apertou brandamente o gatilho. O resultado imediato foi

o suave puf puf puf dos três disparos, o som metálico do dispositivo da metralhadora, e logo o

impacto das três rajadas sobre o branco. Viu o homem abrir a boca e logo cair.
Seus ouvidos

reportaram sons similares a sua esquerda. Pierce abandonou seu posto e avançou correndo,

talher pelo Loïselle.

A mente do Killgore não teve tempo de analisar o que lhe havia ocorrido. Só alcançou a sentir

os impactos no peito, e agora estava olhando as taças das árvores e os pequenos fragmentos

de azul e

685

branco do céu longínquo. Tentou dizer algo, mas logo que podia respirar, e quando girou a

cabeça uns milímetros não viu ninguém. Onde estava

Kirk? perguntou-se. Mas não podia mover-se... Acaso lhe haviam disparado? A dor era real

mas extrañamente longínquo, baixou a cabeça e viu seu peito ensangüentado Y...

... quem era o que estava frente a ele com a cara grafite de verde e marrom?

E quem é você? perguntou-se o sargento Pierce. As três rajadas tinham-lhe atravessado o

peito, lhe errando ao coração mas lhe rasgando os pulmões e as artérias mais importantes. Os

olhos ainda tinham vida e estavam cravados nele.

Equivocou-te de quadra de esportes, sócio disse brandamente Pierce. Em esse instante, a vida

abandonou os olhos do desconhecido e o sargento se agachou a recolher seu rifle. Era lindo.

Pierce o pendurou do ombro. Olhou a sua esquerda e viu o Loïselle sustentando um rifle

idêntico em uma mão e fazendo, com a outra emano sobre seu pescoço, o gesto da

decapitação.

Seu branco também estava morto.

Né, inclusive me avisa quando os matam disse Noonan. Quando os corações deixavam de

pulsar, o mesmo acontecia com os sinais que rastreava o aparelho DKL. Bravo, pensou

Timothy.

Pierce e Loïselle, aqui Comando. Copiamos que eliminaram dois brancos.

Afirmativo respondeu Pierce . Temos algum outro perto?

Pierce replicou Noonan , há outros dois e duzentos metros ao sul de sua posição atual. Esta

par balança lentamente para o este, em direção ao McTyler e Patterson.

Pierce, aqui Comando. Alerta ordenou Clark.

Entendido, Comando.

Pierce recolheu o rádio do sujeito. Como não tinha outra coisa que fazer, colocou-lhe a mão

nas calças. Um minuto depois se inteirou de que tinha matado ao John Killgore, do

Binghamton, Nova Iorque.

Quem foi? tivesse querido lhe perguntar ao cadáver. Mas o amigo

Killgore já não responderia mais perguntas, e além quem o garantizava que as respostas

teriam sentido?

OK, moços, a reportar-se todos escutou Noonan.

Henriksen estava entre as árvores. Esperava que sua gente tuviera a sensatez necessária para

ficar quieta assim que encontrasse um bom lugar. Preocupava-o a presença dos militares, se é

que o eram. A gente do projeto era muito corajosa e também demasiado torpe. Seu rádio

rangeu e todas as vozes acataram a ordem que acabava de lhes dar, exceto dois.

686

Killgore e Maclean, reportem-se nada . John, Kirk, onde carajo estão?

Essa é a parejita que liquidamos lhe informou Pierce aos Comamdou . Quer que lhe avise?

Negativo, Pierce. Não diga estupidezes, homem! grunhiu Clark.

Nosso chefe não tem senso de humor comentou Loïselle emagarrando-se de ombros.

Quem está mais perto deles? perguntou uma voz por rádio.

Dawson e eu respondeu outra voz.

OK, Berg e Dawson, movam-se ao norte, tomem-se seu tempo e vejam o que podem fazer.

OK, Bill disse uma terceira voz.

Vejo mais brancos em nosso caminho, Louis disse Pierce.

Oui disse Loiselle. Logo assinalou . Essa árvore, Mike Devia ter três metros de diâmetro na

base, pensou Pierce. poderia-se construir uma cabana com um só de esses. Ou uma casa

grande.

Pierce e Loiselle, Comando, dois brancos avançam para vocês, em direção sul, estão muito

juntos.

Dave Dawson se treinou no exército dos Estados Unidos dez anos atrás e era o suficientemente perito para estar preocupado. Disse ao Berg que lhe cobrisse as costas e o

científico obedisse.

Comando, Patterson, tenho movimento no fronte, a uns doiscentenas metros.

Correto disse Noonan . Avançam diretamente para o Mike e

Louis.

Patterson, Comando, deixe-os seguir.

Entendido disse Hank Patterson.

Isto não é muito justo comentou Noonan.

Timothy, o justo é que nós saíamos vivos desta selva.

A mierda outros retrucou Clark.

Se você o disser, chefe admitiu o agente do FBI. Observaram o avanço dos blips

inimigos

para L e P. Cinco minutos depois, os blips não identificados desapareceram da tela para não

retornar jamais.

Dois pontos mais para os nossos, John anunciou Noonan.

Deus santo, esta coisa é mágica disse Clark, logo depois de que Pierce e Loiselle chamassem

para confirmar o que já lhes havia dito o aparelho.

687

Chávez a Comando.

OK, Ding, adiante respondeu Clark.

Podemos usar esse instrumento para atacá-los?

Acredito que sim. Tim, podemos fazer que os nossos os sigam?

Seguro. Posso ver onde estão todos, só é questão de mantê-los afastados até que se juntem

e possamos lhes jogar a garra em cima.

Domingo, Noonan diz que pode fazê-lo, mas levará tempo e vocês terão que usar a cabeça.

Farei o impossível, jefecito retrucou Chávez.

Passaram vinte minutos até que Henriksen tentou comunicar-se com Dawson e Berg, só para

descobrir que não respondiam. Algo muito mau estava passando lá fora, mas não sabia o que.

Dawson era um ex militar, e Killgore um caçador experiente... e não obstante

havam

desaparecido sem deixar rastro? Que diabos estava passando? Havia soljogo de dados lá fora,

sim, mas ninguém era tão bom. Não tinha mais opção que deixar que as coisas seguissem seu

curso.

Patterson avançou primeiro, seguido pelo Scotty McTyler, trescientosse metros ao noroeste e

logo ao sul, lenta e silenciosamente, benzaciendo o sorpresivamente liso revisto da selva...

evidentemente a falvocê de sol impedia que crescesse o pasto. Steve Lincoln e George

Tomlinson estavam seguindo os blips de dois sujeitos para o norte.

Temos os brancos reportou McTyler com seu típico acento écozem. Na tela do Noonan os via

menos de cem metros de distância, diretamente a suas costas.

Abatam-nos ordenou Clark.

Os dois estavam olhando ao este, a gente refugiado detrás de uma árvore e o outro apertado

contra o chão.

que estava de pé era Mark Waterhouse. Patterson apontou cuidadosamente e liberou sua triplo

rajada mortífera. Os impactos o arrojarum contra a árvore e fizeram cair seu rifle, que golpeou

sonoramente a terra. O ruído fez que o outro se desse volta e aferrasse seu rifle no instante

mesmo em que o alcançaram as balas. O morto apertou o Gatillo por ação reflexa e disparou

três rajadas automáticas à selva.

OH, carajo disse Patterson por rádio . Esse era meu. Seu rifle deve estar dançando o rock n

roll, Comando.

O que foi isso, o que foi isso... quem disparou? bramou Henriksen por rádio.

688

Os gritos facilitaram a tarefa do Tomlinson e Lincoln. Seus brancos pegaram um salto e

olharam para a esquerda... sem advertir que haviam ficado expostos por completo. Ambos

caíram um segundo depois.

Uns minutos mais tarde a voz do comando inimigo pediu a seus homens que se reportassem.

Faltavam oito. Cada vez eram menos.

Chegado esse momento, o comando Rainbow estava detrás da gente do Henriksen, sempre

guiado pelo computador do Noonan.

Podemos entrar no circuito radial do inimigo? perguntou

Clark.

Muito fácil replicou Noonan. Moveu uma cavanhaque e conectou um microfone . Já está.

Olá, olá disse Clark por frequência CB . eliminamos a oito dos seus.

Quem fala?

Você é Henriksen? perguntou John.

Quem carajo é você? bramou a voz.

Sou o tipo que está matando a seus homens. Já liquidamos a oito. Aparentemente tem vinte

mais fora. Quer que os sigamos matando?

Quem mierda é você?

Meu nome é Clark, John Clark. Quem é você?

William Henriksen! uivou a voz.

Ah, bom, você é o Ex-FBI. Suponho que terá visto o Wil

Gearing esta manhã. De todos os modos Fez uma pausa , só se o direi uma vez: soltem as

armas, saiam a céu aberto e rendam-se. Se fazem o que lhe digo não morrerá ninguém mais.

Do contrário, faremo-los pó um por um, Bill.

Houve um comprido silencio. Clark se perguntou o que faria Henriksen, mas um minuto

depois fez exatamente o que esperava.

Escutem, escutem todos, por favor. Voltem para edifício agora mesmo! Todos ao edifício, já!

Rainbow, aqui Six, esperamos que retornem ao edifício em poucos segundos. Permissão de

usar armas adicionou por radio encriptada.

O pânico é um sofrimento contagioso. Imediatamente escutarum corridas se desesperadas

entre as árvores, ruídos de arbustos quebradois. Evidentemente, em certos casos, a cabeça não

estava feita para pensar.

Não pôde ser mais fácil para o Homer Johnston. Um homem vestido de verde emergiu das

árvores e correu para a pista de aterrissagem. O arma que levava o convertia automaticamente

em inimigo e Johnston disparou uma rajada que lhe acertou entre as escápulas. O homem deu

um passo mais e caiu redondo.

Rifle Dos-uno, eliminei a um ao norte da pista! anunciou o riflero.

689

Tudo foi mais direto no caso do Chávez. Ding estava oculto detrás de uma árvore enorme

quando escutou vozes inimizadas. Eram dois.

Fazia momento que os esperava. Quando supôs que estavam a cinqüenta metros de distância,

deu a volta ao tronco e viu que se dirigiam na direção oposta. Saltou à esquerda e divisou ao

primeiro. Carregou a MP10 sobre o ombro. O tipo o viu e tentou lhe apontar com o rifle.

Inclusive as engenhrou para disparar (mas ao chão) antes de receber uma rajada em plena cara

e cair como uma bolsa de porotos. O tipo que o acompanhava freou em seco e

ficou olhando ao

Chávez, impávido.

Solte esse maldito rifle! bramou Ding, mas o homem não o escutou ou não lhe entendeu.

Tentou levantar o rifle mas, igual a seu companheiro, morreu no intento . Aqui Chávez!

Acabo de suprimir a duas A excitação do momento dissimulava a facilidade da matança.

Isso era assassinato em estado puro.

Clark marcava os tantos, como se se tratasse de uma horrível competencia de gladiadores. Os

blips desconhecidos foram desaparecendo pouco a pouco da tela do Noonan, à medida que os

corações se detinham e, com eles, os sinais eletrônicas que geravam. Uns meunutos depois

comprovou que só ficavam quatro dos trinta gestoeles originais que tinha registrado... e as

quatro corriam de retorno ao edifício.

Deus santo, Bill, o que está acontecendo fora? perguntou Brightling na entrada principal.

Massacraram-nos como se fôssemos sujas ovelhas, velho. Não sei o que aconteceu. Não sei.

Sou John Clark. Quero falar com o William Henriksen rangeu a rádio.

Sim?

OK, por última vez, rendam-se já mesmo ou entraremos em procuraros.

Venham a nos buscar se se atreverem! bramou Henriksen a maneira de resposta.

Vega, comece a romper janelas ordenou Clark com voz serena.

Entendido, Comando replicou o Urso. Levantou sua metralhadora M-60 e começou pelo

segundo piso. Abriu fogo de direita a esquerda, destruindo vidros e Marcos.

Pierce e Loiselle, você e Connolly vão pelo noroeste ao outro edifício. Façam-nos pedaços.

Entendido, Comando replicou Pierce.

690

Os sobreviventes da selva tentavam devolver o fogo, mas só atinavam a disparar ao ar e fazer

ruído no lobby do edifício.

Carol Brightling não parava de gritar. Os vidros das janelas superiores caíram como uma

cascata frente a eles.

Detenham-nos! bramava Carol.

me dê a rádio disse Brightling. Henriksen obedeceu.

Afastamento o fogo. Sou John Brightling, deixem de disparar, todos.

Isso também o inclui a você, Clark. Entendido?

Poucos segundos depois cessou o fogo. Cabe destacar que o maior esforço o realizou a gente

do projeto, já que o comando Rainbow tinha uma só arma ativa e o Urso Vega deixou de

disparar apenas recebeu a ordem de fazê-lo.

Brightling, sou Clark. Pode me ouvir?

Sim, Clark, escuto-o.

Saiam todos, desarmados, agora mesmo ordenou John . Nadie sairá machucado.
Saiam todos

agora mesmo ou começaremos a dareles duro.

Não aceite disse Bill Henriksen. Sabia que resistir era inútil, mas mais medo lhe
dava render-

se e preferia morrer brigando.

Então podem nos matar aqui e agora? perguntou Carol .

O que outra opção temos?

Nenhuma admitiu seu marido. Foi ao escritório da recepção e convocou por
intercom a todos

os ocupantes do edifício a reunir-se em o lobby. Logo levantou a rádio portátil .
OK, OK,

sairemos imediatamente. nos dê tempo para nos organizar.

OK, esperaremos uns minutos respondeu Clark.

Está cometendo um engano, John murmurou Henriksen.

Tudo isto foi um lamentável engano, Bill observou Brightling, perguntando-se
no que tinha

falhado. O helicóptero negro reapareceu e aterrisou no centro da pista.
Evidentemente, o

piloto não desejava ficar na olhe de armas inimizadas.

Paddy Connolly estava no depósito de combustível. Havia um enorme tanque
rotulado 2

Diesel, provavelmente para a usina eléctrica. Não existia nada mais fácil de voar que um

tanque de combustível e, sob o atento olhar do Pierce e Loiselle, colocou-lhe dez libras de

explosivo em um flanco do tanque. Oitenta mil galões, pensou, suficiente para fazer andar a

usina durante um bom tempo.

Comando, Connolly.

Connolly, Comando respondeu Clark.

vou necessitar mais, tudo o que traje reportou.

Está no helicóptero, Paddy. Espera.

Entendido.

691

John tinha avançado até o bordo da arvoredo, a menos de trezentas jardas do edifício. A suas

costas, Vega seguia apontando sua metralhadora pesada, e o resto de seus homens também

estavam perto, exceto Connolly e os dois atiradores. O entusiasmo havia desaparecido. Tinha

sido um dia sombrio. Triunfasse-se ou não, não havia sorte em arrebatrar vistas humanas, e a

missão desse dia estava mais perto do assassinato puro que nada que tivessem feito antes.

Estão saindo disse Chávez com os binoculares pegos aos olhos. Contou rápido . Som vinte e

seis.

Assim parece disse Clark . me Dê disse logo, lhe tirando os binoculares a Domingo para ver

se conseguia reconhecer a alguém. Surpreendentemente, a primeira cara que identificou

pertencia à única mulher que viu, Carol Brightling, assessora científica da presidência. O

homem que estava junto a ela devia ser seu ex-marido, John Brightling.

Saíram e caminharam até a rampa que os aviões utilizavam para girar . Sigam saindo do

edifício lhes ordenou por rádio. E, para sua surpresa, fizeram exatamente o que lhes ordenava.

OK, Ding, reúna a seus homens e revisem o edifício. se mova, moço, mas com cuidado.

Nem que o diga, Mr. C. Chávez saiu correndo, seguido por seus homens.

Clark voltou a enfocar os binoculares. Ninguém estava armado. Decedeu sair, escoltado por

cinco homens do Comando 1. A caminhada o levou aproximadamente cinco minutos e

finalmente viu o John Brightling cara a cara.

Suponho que este era seu reino, não?

Até que você o destruiu.

Os moços do Fort Dietrick analisaram o recipiente que o senhor Gearing planejava usar no

Sydney, Dr. Brightling. Se espera que tenha-lhe compaixão, devo lhe dizer que se equivocou

de número.

E bem, o que se propõe fazer? Logo que concluiu a pergunta, o helicóptero separou rumo à

usina (para lhe entregar o resto dos explosivos ao Connolly, supôs Clark).

Pensei-o muito.

Você matou a nossa gente! chiou Carol Brightling, como se isso significasse algo.

refere-se aos que levavam armas em zona de combate. Sim, os matamos, e suponho que eles

nos tivessem matado de haver tido a oportunidade... mas nós não gostamos de dar vantagens

desnecessárias.

Eram boas pessoas, gente que...

Gente que estava disposta a matar a seus congêneres... e tudo para que? perguntou John.

Para salvar ao mundo! bramou Carol.

Isso diz você, senhora, mas lhes ocorreu uma maneira espantosa de fazê-lo, não lhe parece?

perguntou cortesmente. Não tinha nada de mau ser cortês, pensou John; talvez a cortesia os

instigasse a falar, talvez pudesse entender o que procuravam.

692

Você jamais entenderá.

Suponho que não sou o suficientemente inteligente, verdade?

Não disse ela . Não o é.

Está bem, mas me deixe lhe dizer algo. Você estava disposta a matar à maioria dos seres

humanos por meio de armas biológicas para poder abraçar árvores a gosto?

Para salvar ao mundo! repetiu John Brightling em nome de todos.

OK Clark se encongió de ombros . Suponho que Hitler pensaiba que matar a todos os judeus

tinha lógica. Bom, sentem-se e o quedêem-se quietos . Se afastou e ativou seu rádio. Não

havia maneira de entenderlos, verdade?

Connolly era rápido, mas não milagroso. Saiu da usina. Finalmente, resultou que o mais

difícil era ocupar do freezer do edifício principal. Para isto tomou emprestado um Hummer

havia um montão ali e trasladou dois tambores de petroleo ao edifício. Não havia tempo para

lindezas e Connolly atravessou as paredes de vidro com o veículo. Mijemdepois de tanto,

Malloy e seu helicóptero trasladaram na metade do Comando de retorno a lhes Emane e

recarregaram combustível antes de voltar. Em total, o procedimento levou quase três horas,

durante as quais os prisioneros não disseram nada, nem sequer pediram água a pesar do

terrível calor. Ao Clark não importou... preferia não ter que reconhecer a humanidad que

havia neles. O mais estranho de tudo era que se tratava de pessoas educadas, pessoas a quem

ele poderia ter respeitado facilmente, em outras circunstâncias. Ao fim Connolly chegou

carregando uma caixa eletrônica na mão. Clark assentiu e ativou seu rádio tática.

Mr. Urso, Comando.

Mr. Ouso cópia.

Adiante, Coronel.

Entendido. Mr. Ouso em marcha o rotor do Night Hawk COMENZÓ a girar ao longe e Clark

voltou com os prisioneiros.

Não vamos matar os, e tampouco vamos levar os de volta a

Estados Unidos lhes disse. A surpresa de seus rostos foi digna de conter-se.

E o que farão então?

Vocês acreditam que todos deveríamos viver em harmonia com a natureza, não?

Sim, se quisermos que sobreviva o planeta disse John Brightling.

Os olhos de sua esposa estavam cheios de ódio e desafio, mas também de curiosidade.

Muito bem assentiu Clark . Levantem-se e dispam-se, todos vocês. Deixem suas roupas

exatamente aqui assinalou um rincão junto a a pista de aterrissagem.

Mas...

Já! gritou-lhes Clark . Do contrário, terei que matá-los aqui e agora.

Lentamente, fizeram-no. Alguns se despiram rápido, outros

693

pareciam incômodos, mas um por um foram empilhando suas roupas junto à pista de

aterrissagem. Curiosamente, Carol Brightling não parecia para nada molesta ou envergonhada.

E agora o que? perguntou.

OK, este é o plano. Vocês querem viver em harmonia com a natureza, bom, façam-no. Se não

poderem suportá-lo, a cidade mais próxima é Iles Emane, aproximadamente a noventa e oito

milhas naquela direção assinalou. deu-se volta . Dispara, Paddy.

Sem dizer uma palavra, Connolly começou a mover as cavanhaques de seu caixa. O primeiro

em desaparecer foi o tanque de combustível. As cargas as gema lhe abriram um par de

buracos no flanco. O combustível ardeu imediatamente e o tanque saiu voando como um

foguete de a Nasa e se estrelou na usina, a menos de cinquenta metros de distancia. Ali deteve

sua louca carreira e estalou, derramando combustível 2

Diesel como lava em toda a área.

Não viram desaparecer o setor do freezer no edifício principal, mas ali também o combustível

ardeu até destroçar as paredes do freezer e derrubar parte do edifício. Os outros

edifícios

voaram a seu turno, junto com as fontes via satélites. O edifício central-residencial foi o

último em desaparecer. Sua poderosa estrutura de concreto resistiu parcialmente o dano

provocado pelas cargas explosivas mas, depois de uns segundos de indecisão, paralisou à

altura da planta baixa e se derrubou estrepitosamente. Em menos de um minuto, tudo o que

servia para viver ali foi destruído.

Está-nos mandando à selva sem nos dar sequer uma faca?

perguntou Henriksen.

Procure umas pedras afiadas e fabrique-se um sugeriu Clark enquanto o Night Hawk

aterrissava . Os humanos aprenderam a hácerlo faz meio milhão de anos. Vocês querem viver

em harmonia com a natureza. Vão e harmonizem lhes disse antes de subir a bordo.

Uns segundos depois estava sentado detrás dos pilotos. O coronel

Malloy ascendeu direto ao céu.

Sempre passava o mesmo, Clark sabia desde suas épocas no

Terceiro SOG. Estavam aqueles que desciam do helicóptero e corriam a a selva, e estavam

aqueles que olhavam afastar o helicóptero. Ele siempre tinha sido dos primeiros, porque sabia

qual era sua missão na vida. Os outros só se preocupavam com voltar e não queriam que o

helicóptero os abandonasse. Olhou por última vez para baixo e viu que todos os olhos

seguiram o roteiro do Night Hawk para o este.

Talvez uma semana, Mr. C.? perguntou Ding lhe lendo o pensamento. Como graduado na

Escola do Rangers do Exército de Estados Unidos, nem sequer ele acreditava poder sobreviver

muito tempo nesse lugar.

Se tiverem sorte replicou Rainbow Six.

694

EPÍLOGO

NOVIDADES

O International Trib aterrissou no escritório do Chávez logo depois de acostuada-a rotina

física matinal. recostou-se comodamente a lero. A vida se pôs aborrecida no Hereford. Ainda

se treinaban e exercitavam suas capacidades, mas ninguém os tinha necessitado dêde sua

volta da Sudamérica seis meses atrás.

Mina de ouro em Montana, dizia um titular. Segundo o artigo, habían encontrado um

importante depósito de ouro na propriedade de um cidadão russo em Montana. O lugar tinha

sido adquirido por um tal

Dimitri A. Popov, empresário independente russo, como investimento e possível lugar de

férias. Logo, por pura casualidade, havia-se produzido o valioso achado. Próximo se

iniciariam as tarefas de mineração. Os ecologistas locais tinham objetado e tentado impedir o

processo nos tribunais, mas o juiz do Distrito Federal tinha decidido por julgamento sumário

que as leis do século XIX em relação à exploração e exploração de minerais seguiam

vigentes.

Viu? perguntou ao Clark.

Ambicioso bastardo replicou John, olhando as fotos mais recentes de seu neto sobre o

escritório do Chávez . Sim, li-o. Gastou-medeu milhão em comprar esse lugar aos herdeiros

do Foster Hunnicutt.

Suponho que esse infeliz lhe contou mais coisas, além dos planos de

Brightling, né?

Suponho Chávez seguiu lendo. Na seção empresarial leu que Horizon Corporation estava

recuperando seu pacote acionário com o lançamento de nova droga para enfermidades

cardiovasculares, e, ao mesmo tempo, recuperando-se da importante perda ocasionada pela

desapareci3n de seu diretor, o Dr. John Brightling, ocorrida vairios meses atr3s, um mist3rio

que, segundo o jornalista, clamava ser r3solto. A nova droga, Kardiklear, reduzia em 56 por

cento a posibilidad de um segundo ataque card3aco conforme indicavam os estudos de a FDA.

Horizon tamb3m estava trabalhando em longevidade humana e medicamentos contra o

c3ncer. Bem.

John, alg3m voltou para o Brasil para...?

N3o que eu saiba. Os relat3rios via sat3lites indicam que ningu3m se dedica a cortar o pasto

perto da pista de aterrissagem.

Ent3o acredita que a selva os matou?

695

A natureza n3o tem sentimentos, Domingo. N3o distingue entre amigos e inimigos.

Suponho que n3o, Mr. C. at3 os terroristas podiam fazer essa distin33o, pensou Ch3vez, mas

n3o a selva. Ent3o, qual era o verdadeiro inimigo do homem? O homem mesmo, decidiu Ding.

Deixou o jornal sobre o escrit3rio e voltou a olhar a foto do John Conor Ch3vez, quem

acabava de aprender a sentar-se e sorrir. Seu filho cresceria em um mundo novo e valente, e

como pai se ocuparia de que tamb3m foira um mundo seguro... para ele, e para

todos os

outros meninos cujo dever principal no momento era aprender a falar e a caminhar.

696